ESTUDOS PSIQUICOS

Mensário de Estudos Psíquicos e Neo-espiritualismo Experimental

ISIDORO DUARTE SANTOS
Director de *Estudos Psíquicos*

CONTÉM: Dez anos de luta, da **Redacção**; Unidade Religiosa, pelo **Dr. Pietro Ubaldi**; Dermografismo do Pensamento, pelo **Coronel Faure da Rosa**; Recordando, por **A. Yvone de Sousa**; A Pena Irreparável, por **F. Noronha**; Mais Um Ano de Existência, por **Henrique Magalhães**; Misticismo, por **Rufino Juanco**; O Espaço e o Tempo, por **Ramos Pereira**; O Mistério das Pirâmides, por **António Cardoso**; Homem, tira a Máscara!, por **Guedes de Amorim**; Escola de Médiuns, por **Nabor da Graça Leite**; Nossos Representantes (**Corina Novelino e Geraldo de Oliveira**); A Mediunidade Entre os Indígenas, por **António J. Martins**; A Missão de Jesus, por **Fernando da Cruz Ferreira**; A Moral e os Recursos da Natureza, por **Deolindo Amorim**; O Corpo Humano é um Condensador Perispiritual, por **Tito L. Bancéscu**; E... Ai de Nós, por **Nelson Kerensky**; Dois Lustros, pelo **Coronel Faure da Rosa**; Notas e Comentários; Noticiário.

10.º ANO — JANEIRO DE 1949 — N.º 1

ESTUDOS PSÍQUICOS

REVISTA MENSAL — AO SERVIÇO DO ESPIRITISMO LUSO-BRASILEIRO

Rua do Salitre, 149, 1.º — LISBOA

Propriedade de ISIDORO DUARTE SANTOS, a quem deve ser dirigida toda a correspondência

REDACTORES — CORRESPONDENTES

Rio de Janeiro	*Deolindo Amorim*	Buenos Aires	*Dr. Luís Postiglioni*
Nova Iguassú	*Leopoldo Machado*	Paris	*Dr. Henri Regnault*
Uberaba	*Dr. Inácio Ferreira*	Liège	*Achille Biquet*
Pernambuco	*Capitão Nelson Kerensky*	Baurú	*Nabor da Graça Leite*
Baía	*Alfredo Miguel*	Santiago do Chile	*Ernesto Moog*
Porto Alegre	*Dr. Paulo Hecker*	México	*Rufino Juanco*
Gubbio, Itália	*Dr. Pietro Ubaldi*	Rosário	*Tito Livio Bancéscu*
Ponta Negra	*Antônio J. Martins*	Índia Portuguesa	*Raul Sepúlveda Fontes*
Belo Horizonte	*Dr. Noraldino de M. Castro*		

REPRESENTANTES NO BRASIL

Rio de Janeiro	*José Bittencourt A. Coutinho*	Natal	*Filipe Soares de Melo*
Curitiba	*João Baptista Cardoso*	Maceió	*Jaime Xavier da Silva*
Vitória	*Dr. Airton Loureiro Machado*	Fortaleza	*José Borges dos Santos*
Porto Alegre	*José Simões de Matos*	Franca	*Dr. Agnelo Morato*
Goiânia	*José Fontenele dos Santos*	Cruzeiro	*José Zácaro Neto*
Ribeirão Preto	*Dr. Jaime Monteiro de Barros*	Aracajú	*José Elson Fontes*
S. Paulo	*Livraria Allan Kardec* / *José Vicente Neto*	Sacramento	*Corina Novelino*
		Rio Preto	*Leónidas Gois*
Taubaté	*Geraldo de Oliveira*	Juiz de Fora	*Orville Derby Dutra*
Belo Horizonte	*Centro Luz e Humildade*		

Os artigos assinados são da responsabilidade dos seus autores ★ Não se devolvem originais, sejam ou não publicados

ASSINATURAS

Continente — cada série de 6 números, não incluindo as despesas de cobrança	25$00
Brasil (12 números)	Cr. $50,00
Colónias (12 números) moeda equivalente a	60$00
Número avulso	4$50
» atrasado	5$00

Orgão do Centro Espiritualista Luz e Amor de Lisboa, e da Maternidade Casa da Mãe Pobre, do Rio de Janeiro

Obras de Ciências Psíquicas e Filosofia Neo-Espiritualista

(em depósito nesta redacção)

	br.	enc.
ALLAN KARDEC		
A Prece	6$00	10$00
O Livro dos Espiritos	20$00	28$00
O Céu e o Inferno	20$00	
O Livro dos Médiuns	20$00	28$00
O Evangelho Segundo o Espiritismo	20$00	28$00
Obras Póstumas	20$00	28$00
LÉON DENIS		
Catecismo Espirita	6$00	
O Porquê da Vida (nova edição)	18$00	
O Grande Enigma	16$00	24$00
Depois da Morte	30$00	38$00
Cristianismo e Espiritismo	20$00	28$00
No Invisível (nova edição)	30$00	38$00
O Problema do Ser e do Destino (nova edição)	32$00	40$00
GABRIEL DELANNE		
A Evolução Anímica	23$00	31$00
A Alma é imortal	23$00	31$00
O Espiritismo Perante a Ciência	23$00	31$00

	br.	enc.
ERNESTO BOZZANO		
Animismo ou Espiritismo?	22$00	30$00
Fenómenos de Transporte		18$00
Metapsíquica Humana	15$00	
Pensamento e Vontade	12$00	
CAMILLE FLAMMARION		
Narrações do Infinito	18$00	
As Casas Mal Assombradas	20$00	28$00
O Fim do Mundo	18$00	26$00
Deus na Natureza	28$00	36$00
Stella (romance astronómico)	22$00	30$00
Sonhos Estelares	18$00	26$00
Urânia	18$00	26$00
FRANCISCO C. XAVIER (Médium)		
Agenda Cristã, colectânea de pensamentos pelo *Espírito de André Luis*	12$00	

(Continua na 3.ª pág. de capa)

Estudos Psíquicos

Director

Isidoro Duarte Santos

8.° VOLUME

1949

RUA DO SALITRE, 149, 1.°—LISBOA

Índice das matérias contidas no presente volume

N.º 1

Dez anos de luta, *da Redacção* 1
Unidade Religiosa, *pelo Dr. Pietro Ubaldi* ... 3
Dermografismo do Pensamento, *pelo Coronel Faure da Rosa* 7
Recordando, *por A. Yvone de Sousa* 10
A Pena Irreparável, *por F. Noronha* 11
Mais Um Ano de Existência, *por Henrique Magalhães* 16
Misticismo, *por Rufino Juanco* 17
O Espaço e o Tempo, *por Ramos Pereira* ... 20
O Mistério das Pirâmides, *por António Cardoso* 21
Homem, tira a Máscara, *por Guedes Amorim* 24
Escola de Médiuns, *por Nabor da Graça Leite* 26
A Mediunidade entre os Indígenas, *por António Martins* 28
A Missão de Jesus — XXVIII, *por Fernando da Cruz Ferreira* 30
A Moral e os Recursos da Natureza, *por Deolindo Amorim* 32
O Corpo Humano é Um Condensador Perispiritual, *por Tito L. Bancéscu* 34
E... Ai de Nós, por *Nelson Kerensky* 37
Dois Lustros, *pelo Coronel Faure da Rosa* ... 38
Notas & Comentários 39
Noticiário 40

N.º 2

Assim é o Mundo, *da Redacção* 41
Radiestesia, *pelo Coronel Faure da Rosa* ... 42
Casa de Repouso para Inválidos Espiritas, *por Henrique Magalhães* 44
O Ectoplasma, *por AKAR* 45
Pierino Gamba, *por António Cardoso* 46
Os Precursores do Cristo, *por Damião de Vasconcelos* 48
A Reencarnação e os Evangelhos — III —, *por A. N. Pinheiro Ramos* 49
A Missão de Jesus — XXIX — *por Fernando da Cruz Ferreira* 50
A Personalidade Humana (do livro «Nos Umbrais do Além»), *de William Barrett* ... 51
Vida Espirita Federativa, *por José Simões de Matos* 52
O Reino Contra Si Mesmo, *pelo Dr. Djalma de Matos* 52
Coração e Inteligência, *por Mariana Mendes Palma* 54
Para os Irmãos Pequeninos, *(Página Infantil, dirigida por Kylas)* 55
O Optimismo Criador, *por Tito L. Bancéscu* 59
A Semana Espirita na Cidade de Baurú, *por Nabor da Graça Leite* 60
Consulta Significativa, *por Natálio Ceccarini (F)* 60
Da Energia para a Matéria, *por Ramos Pereira* 63
O 3.º Congresso de Confraternização, *por J. B. Chagas* 65
Crónica Estrangeira, *por Isidoro Duarte Santos* 67
Livros de Todo o Mundo, *por Ramos Pereira* 69
Notas & Comentários 70
Noticiário 71

N.º 3

Humildade, *da Redacção* 73
A Psicografia no Japão, *pelo Dr. Pedro Carreira Dias de Sousa* 74
Amor Fraternal, *por Damião de Vasconcelos* 77
Factos Notáveis e seu Controlo, *por Achille Biquet* 79
Fantasmas e Casas Assombradas, *pelo Coronel Faure da Rosa* 80
Cientismo e Espiritismo, *por Deolindo Amorim* 81
O Segredo da Felicidade, *por António J. Martins* 82
Congresso Brasileiro de Unificação Espirita, *por Leopoldo Machado* 84
Para os Irmãos Pequeninos, (Página Infantil, *dirigida por Kylas)* 87
Das Origens — O Fenómeno Vital, *por Ramos Pereira* 91
As duas Cruzes, *de Henrique Magalhães* ... 92
O Problema das Profecias, *por Akar* 92
Radiações da Natureza — I — Radiações do Espírito — Sua Influência na Marcha da Ciência, *pelo Prof. Ad. Baptista Ramires* ... 94
A Reencarnação e os Evangelhos — IV, *por A. N. Pinheiro Ramos* 96
Soluções Coloidais, *por António Cardoso* ... 97
A Voz Que Não Escutamos, *por Tito L. Bancéscu* 98
Mensagem aos Espiritas do Brasil, *por António J. Martins* 99
Crónica Estrangeira, *por Isidoro Duarte Santos* 100

Notas & Comentários 102
Noticiário 103

N.º 4

Justiça, *da Redacção* 105
O Objectivo do Espiritismo, *pelo Coronel Faure da Rosa* 106
Da Imortalidade da Alma, *por A. C.* 109
Coelho Neto — Uma Conversão Sensacional 110
Cristo Avança !, *pelo Dr. Pietro Ubaldi* 112
A Reencarnação e os Evangelhos — V —, *por A. N. Pinheiro Ramos* 114
Médiuns, *por José Simões de Matos* 115
O Problema das Espécies, *por Ramos Pereira* 116
Página Infantil, *dirigida por Kylas* 119
Caravana da Fraternidade 123
O Homem e a Felicidade (Apólogo), *por Malba Tahan* 124
A Missão de Jesus — XXX, *por Fernando da Cruz Ferreira* 125
O Ateu (poesia), *por Isidoro Duarte Santos* 127
Conversando com um maestro muito querido, *por F. Noronha* 128
Psicologia Supra Normal — O Médium João Cosme, *por António Cardoso* 131
Crónica Estrangeira, *por Isidoro Duarte Santos* 132
Livros de todo o Mundo, comentados *por Ramos Pereira* e *António Cardoso* 134
Notas & Comentários 135
Noticiário 136

N.º 5

Pierino Gamba, *da Redacção* 137
Radiações da Natureza — II — Radiações da Matéria — Sua Influência no Espírito, *pelo Prof. Ad. Baptista Ramires* 139
Três perguntas, *por Ary C. Silva* 142
Congressos, *por J. B. Chagas* 143
Rememorando, *pelo Coronel Faure da Rosa* 144
A Rotina Mediúnica 145
Psicogénese, *por Ramos Pereira* 146
A Festa do Livro Espirita no Rio de Janeiro 148
Mensagem Espiritual 149
Nos Domínios da Metapsicologia, *por F. Noronha* 150
Página Infantil, *dirigida por Kylas* 151
Uma Sessão de Efeitos Físicos, *por António Lara* 155
Juventude Espirita de Bauru, *por Nabor da Graça Leite* 156
Uma Conferência de Pietro Ubaldi 156
Sessões Espiritas, *por E. F. M.* 158
A Reencarnação e os Evangelhos — VI — *por A. N. Pinheiro Ramos* 159
Saude Física e Mental, *por António Cardoso* 160
Espiritistas, obsidiados e ciência médica, *por Tito L. Bancéscu* 162
Crónica Estrangeira, *por Isidoro Duarte Santos* 163
Notas & Comentários 165
Noticiário 166

N.º 6

Campanha, *da Redacção* 169
Um Caso de Reencarnação, *por Isidoro Duarte Santos* 170
Reflexões, *de Reper-Siam* 174
A Verdadeira Senha, *por José Simões de Matos* 176
A Semente Vital, *por Henrique Magalhães* ... 177
José Lhomme, *por Henri Regnault* 178
Psicanálise — I —, *por António Cardoso* ... 180
Carta Aberta ao autor do livro «Pierino Gamba», *por F. Noronha* 181
Trajectória das Almas, *por Noraldino de Melo Castro* 182
Páginas Infantil, *dirigida por Kylas* 183
Como os Mortos Comunicam Conosco — I —, *pelo Coronel Faure da Rosa* 188
Mensagem aos Moços de Portugal, *de Alba de Carvalho* 191
Hora e meia com Pierino Gamba 192
Crónica Estrangeira, *por Isidoro Duarte Santos* 194
Livros de todo o Mundo, *por Ramos Pereira* 196
Notas & Comentários 197
Noticiário 198

N.º 7

Escrever, *da Redacção* 201
Amor e Procriação, *por Pietro Ubaldi* 203
A Moral Espirita, *por Natálio Ceccarini* 206
A Esfinge de Gizeh, *por Damião de Vasconcelos* 208
Uma teoria electrónica, *por Otto A. Prado* ... 210
A Reencarnação e os Evangelhos — VII, *por A. N. Pinheiro Ramos* 211
O Espiritismo no Brasil, *palestra de José António Marques* 212
Página Infantil, *dirigida por Kylas* 215
Dos Valores Espirituais, *por Ramos Pereira* 219
Como os Mortos Comunicam Conosco — II, *pelo Coronel Faure da Rosa* 220
Saciando uma Esperança, *por José Ferreira Madaleno* 222
Reencarnacionismo Experimental, *por Akar* ... 223
Psicanálise — II, *por António Cardoso* 224
Notícias de França 225
Religião é Sentimento, *por António J. Martins* 226
Crónica Estrangeira, *por Isidoro Duarte Santos* 227
Notas & Comentários 229
Noticiário 230

N.º 8

Mentalidade, *da Redacção* 233
Consciência Metapsíquica — Psicodiagnose Comparada da Personalidade de Pietro Ubaldi, *pelo Doutor Gaetano Blasi* 234
Nótulas para Uma Metafísica, *por Ramos Pereira* 238
Lei Divina e Lei Humana, *por Leão Tolstoi* 239
Psicanálise — III —, *por António Cardoso* ... 240
Optimismo e Tolerância, *por Tito L. Bancéscu* 241
Como os Mortos Comunicam Conosco — III, *pelo Coronel Faure da Rosa* 242
O Cirineu, *por Noraldino de Melo Castro* ... 244
A Reencarnação e os Evangelhos — VII, *por A. N. Pinheiro Ramos* 245
Anais Metapsicológicos Sobre a Telepatia, *de Akar* 246
Página Infantil, *dirigida por Kylas* 247
Allan Kardec, Um Símbolo, *pelo Prof. Leopoldo Machado* 252

O Elo Perdido... Será Novo Fracasso Científico ?, *por Rufino Juanco* 254
Livros, Códigos das Revelações, *por Leopoldo Machado* 255
Multiplicidade de Vidas, *por Paulo Hecker* ... 256
Pensando e Meditando, *por José Simões de Matos* 257
A Crítica Profana... Fala do Livro «Pierino Gamba» 259
Leitores, Escutem ! 260
Crónica Estrangeira, *por Isidoro Duarte Santos* 261
Notas & Comentários 263
Noticiário 264

N.º 9

Dois Verbos, *da Redacção* 265
A Sobrevivência, *pelo Coronel Faure da Rosa* 266
Inadvertência, *de Jorge Dejean* 269
Para Uma Filosofia Espirita, *por Ramos Pereira* 270
Espiritismo Caritativo, *por Apolinius Cristus* 272
Os Nossos Representantes — Dr. Orlando Romero 273
Um Novo Astro veio Iluminar o Mundo, *pelo Prof. Ad. Baptista Ramires* 274
O Espiritismo no Brasil 276
A vaidade, *por João da Silva Baptista* 277
Anais Metapsicológicos — Sobre a Criptestesia, *por Akar* 278
Página Infantil, *dirigida por Kylas* 279
Estudos Históricos — I —, *por Deolindo Amorim* 283
A Origem do Homem e a Origem das Espécies, *por Rufino Juanco* 284
A Morte, *por Damião de Vasconcelos* 286
A Reencarnação e os Evangelhos — IX —, *por A. N. Pinheiro Ramos* 287
A Atmosfera Espiritual nas Experiências Mediúnicas, *por Tito L. Bancéscu* 288
Intimidade — I —, *por Um Homem* 290
A Superstição Através dos Tempos, *por António Cardoso* 291
Efeitos do Pensamento, *por Prentice Mulford* 292
Crónica Estrangeira, *por Isidoro Duarte Santos* 293
Notas & Comentários 295
Noticiário 296

N.º 10

Espírito, *da Redacção* 297
Como Funciona o Imponderável, *pelo Dr. Pietro Ubaldi* 298
Liberdade, *por José Simões de Matos* 301
Algumas Sessões com a Médium Piper, *pelo Coronel Faure da Rosa* 302
Intimidades — II —, *de Um Homem* 304
Estudos Históricos — II —, *por Deolindo Amorim* 305
Nossos Representantes — *Mário Caeiro Alves* 306
Auxílio aos Necessitados 309
Plantas Carnívoras, *por António Cardoso* ... 310
Página Infantil, *dirigida por Kylas* 311
O Carácter Humano, *por F. Noronha* 315
Os Valores e o Homem, *por A. Ramos Pereira* 318
Uma Instituição Modelar Fundada e Dirigida *por Espiritas* 320
A Psiquiatria e o Espiritismo, *por Rufino Juanco* 321
Crónica Estrangeira, *por Isidoro Duarte Santos* 323
Notas & Comentários 325
Noticiário 326

N.º 11

Harmonia, *da Redacção* 329
A Sobrevivência — II —, *pelo Coronel Faure da Rosa* 330
Uma Grande Pioneira — Marília de Almeida Machado 334
A Saudade da Querida Esposa, *por Leopoldo Machado* 335
A Atmosfera Espiritual nas Experiências Mediúnicas, *por Tito L. Bancéscu* .....
História de Um Moço Judeu, *por Clóvis Tavares* 339
A Crítica Profana e o Livro «Pierino Gamba» 340
O Verdadeiro Espirita, *por Djalma Farias* ... 341
Da Moral Livre, *por A. Ramos Pereira* 342
A Psicometria, *por I. D. S.* 344
Confraternização Espirita Brasileira 345
O 2.º Congresso Espirita Pan-Americano no Rio de Janeiro 346
Lux-Lucis. *por João Paulo Freire* 348
Metodologia Espirita, *por Yvone de Sousa* 349
Ensinamentos de «Silver Birch», *por B. B. Martins* 350
A Origem do Homem e a Origem das Espécies, *por Cirilo Aleixo* 352
Tarefeiros do Bem, *por Henrique Magalhães* 354
Crónica Estrangeira, *por Isidoro Duarte Santos* 355
Notas & Comentários 357
Noticiário 358

N.º 12

Balanço, *da Redacção* 361
O Caso Ubaldi — Do Ponto de Vista Teológico, *pelo Doutor Gaetano Blasi* 363
Confederação Espirita Argentina 365
Correspondência Cruzadas — I —, *pelo Coronel Faure da Rosa* 366
Misoneismo ou Odio às Ideias Novas, *por Rufino Juanco* 368
Expressão Mediúnica, *por Henrique Magalhães* 369
A Posição Doutrinária do Espiritismo no Brasil 370
Lendo o Livro «Pierino Gamba», *impressões de Pietro Ubaldi* 372
Doutrinas Novas, *por Djalma Farias* 373
Segredo da Morte, *por Júlia Lopes de Almeida* 374
Herois Anónimos, *por Huberto Rohden* 375
A Ética e o Social, *por A. Ramos Pereira* ... 376
Moral Dupla, *por Tito L. Bancéscu* 378
Academia Espirita Nova Jerusalem 379
O Elo Perdido — Resposta a Rufino Juanco, *por F. Noronha* 380
Espiritismo Caritativo — A Apolonius Cristus, *por Túlio A. Rosa* 382
Sorria Sempre, *por Corina Novelino* 383
História de «Silver Birch» contada por ele mesmo, *por B. B. Martins* 384
Kamala, *por António Cardoso* 385
Metagnomia Provocada, *por Akar* 387
Renascer de Novo, *por António J. Martins* ... 388
Crónica Estrangeira, *por Isidoro Duarte Santos* 389
Notas & Comentários 391
Noticiário 392

ESTUDOS PSIQUICOS

Mensário de Estudos Psíquicos e Neo-espiritualismo Experimental
(ao serviço do Espiritismo luso-brasileiro)

10.º ANO — LISBOA, JANEIRO DE 1949 — N.º 1

Redactores: **Ramos Pereira** / **António Cardoso** | Director, Editor e Proprietário: **Isidoro Duarte Santos** | Administrador: **Maria Gonçalves Duarte Santos**

Redacção e Administração: RUA DO SALITRE, 149-1.º — LISBOA

Composto e Impresso na EDITORA GRÁFICA PORTUGUESA, LDA. — Rua Nova do Loureiro, 20 — Telefone 2 5295 — LISBOA

DEZ ANOS DE LUTA

Há dez anos que lutamos neste reduto, erguido em horas amargas, quando o desalento invadia as fileiras do espiritismo português. Do nosso retiro de Sagres, onde permanecemos oito longos anos em serviço profissional, irradiámos vasta e assídua propaganda. Escrevemos muita coisa. Obras originais, traduções, compilações. Epístolas às centenas. Foi um verdadeiro aprendizado. Em contacto com o oceano. Em presença da Natureza. Depois volvemos a Lisboa com vaticínios de nova missão. Que seria? Que não seria?... Tudo ignorávamos a respeito.

Foi então que surgiu *Estudos Psíquicos*. Nós não queríamos dirigi-la. Nossas forças não davam para tanto — objectávamos. Mas as vozes amigas, as vozes dos maiores, persistiam em sua opinião. E aceitámos a incumbência, receosos de claudicar, de trazer prejuizos à Doutrina. E este estado de espírito levou-nos à meticulosidade e à prudência, desde as grandes decisões aos actos mais simples. Era preciso cuidado em tudo.

Com o primeiro número, estalou a Guerra Mundial. Não podia haver mais triste e dolorosa perspectiva. A morte e a desolação iam encher o mundo de pavor. Dificuldades de toda a espécie não tardariam a aparecer, encarecendo os materiais das artes gráficas. As comunicações com o estrangeiro seriam interrompidas. O Atlântico Sul constituiria enorme barranco entre Portugal e Brasil. Tudo militava contra a nossa iniciativa, contra a nossa empresa de agitar um sector espírita indiferente e anquilosado por anos e anos de marasmo e desinteligências intestinas.

★

As forças maléficas alargavam os tentáculos por toda a parte, ciosas de carnagem. Os campos de batalha multiplicavam-se dia-a-dia. A inquietação precedia o terror pânico que se apoderava de multidões indefesas, incapazes de reagir contra a fúria dos bombardeamentos. Aqui e ali, a guerra fazia seus destroços, produzia discussões acaloradas, empolgava sem piedade até os menos atreitos à resolução bélica dos problemas nacionais e internacionais. O *virus* da guerra entrava nos lares, nas agremiações, nas oficinas, nas escolas e nos templos. Era o desnorteamento geral.

Neste ambiente satânico exercemos a nossa tarefa de propagador das verdades reveladas. Tarefa de organizador, de administrador, de mineiro que sente o palpitar da fundura e a vibração do incognoscível, que não conhece descanso, não tem domingos nem dias santos e não afasta o olhar do sector em que labuta, agarrado à picareta, fincando o pé nos interstícios da rocha para rolar a pedra montanha acima, como Sísifo, enquanto alguns companheiros se desinteressavam da obra a tanto custo iniciada.

A desilusão provocada pelos homens abriu em nossa alma profundíssimas feridas. Mas a chama do Ideal e o incitamento do nosso Espírito Familiar reforçavam-nos a fé. E dispusemo-nos a trabalhar, num apelo supremo às forças que sentíamos latejar em nós...

★

Amigos houve que nos acampanharam sempre desde a primeira hora, insensíveis à intriga que alastrava. Registamos jubilosamente o facto. A obra é também deles, do seu carinho e da sua colaboração. As palavras que nos traziam e os auxílios materiais que nos davam fortaleciam a nossa posição, davam-nos alento, incitavam-nos a continuar a árdua jornada.

E veio o Brasil amigo de gestos magnânimos, a Argentina, a França, a Bélgica e o Chile... Vieram dedicações espontâneas, contribuições inesperadas, algumas verdadeiramente extraordinárias, quase inverosímeis.

E a luta com o meio ambiente tomava proporções maiores. Não havia dúvida. Tínhamos de caminhar em frente. A nossa missão desdobrava-se com nitidez espantosa. E lançámos mãos à obra. *Estudos Psíquicos*, que saía bimestralmente, passou a mensário. Grande trabalho e grandes despesas. Como reagiriam assinantes e leitores, já que não possuíamos outras fontes de receita ? Como reagiríamos nós próprios, ligados ao exercício de uma profissão que nos absorvia quase todo o tempo útil ? Estávamos numa encruzilhada difícil de transpor.

★

O Centro Espiritualista Luz e Amor ressurgiu em segunda fase com o aparecimento da revista,

seu órgão oficial desde o início da nova caminhada. E deu-se um fenómeno de osmose entre estes viajeiros operosos e denodados. Era comum aos dois o sangue que circulava nas veias de cada um. Os ataques ao Centro reflectiam-se na revista e vice-versa. Solidários no bom e no mau, servidores do mesmo ideal de regeneração, propagandistas acérrimos dispostos ao sacrifício incondicional, formaram uma única trincheira e resistiram ao assédio de inimigos voluntariosos que gesticulavam e ameaçavam, como senhores que monopolizassem a luz do sol, condenando os demais a escuridão perpétua. E seguiram de mãos dadas, passando os mesmos reveses e fruindo a satisfação do dever cumprido.

Semelhante bloco era símbolo de união que resistiria aos maiores embates. Embora independentes, estes companheiros marchavam a compasso, vigilantes e serenos como guardas avançadas da Doutrina. Não sabiam onde os levaria o entusiasmo da gloriosa mas árdua tarefa que tinham empreendido. Eram artífices e calafates. Quando singrava em maré de rosas ou quando sopravam ventos contrários, a nau aguentava-se, porque não tinha frinchas no cavername.

Às vezes, o vendaval sacudia-lhe o bojo, que cedia de encontro à vaga do escarcéu. Mas os timoneiros não dormiam. Vigiavam, olhos no horizonte, ouvido à escuta e coração opresso...

★

E a viagem prosseguia ovante, subordinada a rumo determinado. Vieram as edições. Vieram os redactores-correspondentes. Vieram os representantes do Brasil. Vieram amigos novos, de cá e de lá. Aumentou o côro das vozes concordantes. *Estudos Psíquicos* deixava de ser tribuna provinciana. Suas colunas alteavam-se e alargavam-se com achegas de colaboradores eminentes. Nas competições da imprensa espirita batia *records* internacionais. Foi distinguida muitas vezes como revista de escol entre centenas de orgãos de várias línguas. A colaboração espontânea chegava para lhe encher as páginas. E colocou-se de moto próprio ao serviço do Espiritismo luso-Brasileiro.

Revista que veio do nada, pobre como Job, atingiu culminâncias inesperadas, obteve distinções, ganhou menções honrosas, seguindo sempre nas linhas do seu programa. A «Nota Preambular» do 1.º número definiu a sua posição e nela se manteve sem incoerências nem fanatismos, cumprindo promessas e ampliando horizontes. Assim, tem defendido a Causa abertamente, chamando às coisas pelos seus nomes e assumindo responsabilidade de suas atitudes. Estas colunas tem sido imagem viva, palpitante, do desejo que a anima. Estudou, não agrediu. Respeitou todas as crenças. Nunca esqueceu o que devia a si própria e ao Ideal que servia.

Tem defendido o Espiritismo Dialético para chegar à interpretação espiritualista dos factos. Aos conceitos negativos opôs ideias elevadas. Seguindo por caminhos científicos, chegou às verdades *de facto*. Abraçando a filosofia, apresentou verdades *de razão*. Tocando o sentimento religioso do homem, justificou as verdades *de fé*. Caminhou para Deus através da Ciência e do Amor...

★

E como se pôde chegar tão longe com armas frágeis e bagagem comezinha? Como se pôde concitar a atenção dos grandes e a admiração dos pequenos nestes dez anos de luta permanente contra o materialismo histórico, ao serviço da doutrina mais combatida do século? O segredo está em muita coisa obscura e simples que se resume em saber o que se quer e para onde se vai. O resto é com os excelentes colaboradores que de todo o mundo convergem para a trincheira. A eles se ondossam os louros da vitória, se é que há louros a colher em fainas deste género. Eles é que têm prestigiado a revista, é que lhe têm dado alento e seiva nova. Estão presentes neste número, uns em efígie, outros em pensamento. São a *grande família de «Estudos Psíquicos»*.

É uma demonstração rara de solidariedade. Para que vejam. Para que os incrédulos se edifiquem. Para que saibam que este reduto não é de um só homem. O seu director não é mais que veículo e coordenador de vontades. Principalmente coordenador de vontades. E tem sido feliz na sua faina. O que lhe pertence como timoneiro e remador da galé aumentará o seu património espiritual e talvez seja razão de peso em contas que venha a ajustar. Mas o principal é dos colaboradores, dos beneméritos e dos amigos. Sem eles nada haveria. Por isso lhes estamos gratos. Ajudaram-nos a vencer uma luta titânica. Forneceram-nos elementos de trabalho e deram-nos incitamento e coragem.

★

Isto não é resenha cronológica. É impressão de momento. Sentimos o êxito do nosso esforço e apressamo-nos a assinalá-lo. Os amigos gostarão de verificar esta verdade palpável. Porque houve muitos, desde o que muito deu escondendo-se atrás de núvens densas e opacas, ao que deu pouco, mas com grande sacrifício. Todos se igualaram em ideia de benfazer. Todos contribuiram para o triunfo da empresa, que dignifica os homens e fortalece o Espiritismo.

Que outros sigam o nosso exemplo. Não é preciso muito. Basta a fé. Fé no trabalho. Fé no auxílio espiritual. Fé no poder de Deus. E persistência no esforço que se despende. O restante vem por acréscimo, como chuva de ouro sobre a seara em flor.

Seria interessante que se fundassem novas trincheiras espiritas nos moldes da nossa, que não se rende a solicitações, por mais sugestivas que sejam. É que anda aqui a mão do Alto, incoercível e autónoma, prevenindo intempéries e resolvendo problemas que pareciam irresolúveis.

Agora, novo ciclo começa. Novas dificuldades, novos sacrifícios. A grande família está vigilante, cada qual no seu nicho. A viagem continuará. Mais ondas procelosas, mais embates do escarcéu. E outras vitórias hão-de vir e outros louros hão-de coroar a fronte dos lutadores. Aqui não se dorme. Serve-se uma Causa e morre-se por ela. Vivemos o ideal que nos anima e não guardamos para nós a felicidade que o Espiritismo dá a quem o serve. Queremos dá-la aos outros. E por isso continuamos neste posto. Onde chegará *Estudos Psíquicos* daqui a dez anos? Onde esta numerosa família quiser que chegue. Tudo depende da sua dedicação, do seu esforço. Que todos se mantenham em seus lugares e tragam novos elementos de luta construtiva. Para maior glória de servir a Causa! Para maior força do Espiritismo!

UNIDADE RELIGIOSA

pelo Dr. Pietro Ubaldi

Redactor-correspondente do «Estudos Psíquicos» na Itália)

(Tradução de SIBIL)

O mundo actual não caminha ùnicamente para a unidade política e nacional que traz consigo, como causa e efeito, a unidade económica. Caminha também para a unidade religiosa. Neste campo, tão importante como o político e económico, também se caminha hoje — a despeito de tantos grupos diferentes e hostis a essa unidade—para a unificação, isto é, a existência de um só redil com um só pastor. Devemos, no entanto, acentuar que, com isto, não queremos preconizar — como não o queríamos dizer com as raças e com as nações — a supremacia de uma religião e dos seus ministros, sobre as outras religiões e sobre os seus ministros. Como a futura humanidade formará uma unidade social e nacional, dominando as pequenas unificações raciais e nacionais, a futura religião será também uma unidade espiritual, dominando as outras religiões. Por outros termos, assim como no campo político, social e económico, também no campo religioso a unidade só pode resultar da compreensão e da fusão, num todo harmónico, das verdades religiosas existentes. Compreensão não significa dominio do superior sobre o inferior, nem tão pouco do inferior sobre o superior, mas entendimento, conforme o valor intrínseco e peso específico de cada unidade, formando um único todo orgânico. Cada religião ocupará o seu justo lugar, conforme o seu alcance espiritual. Haverá, portanto, lugar para os budistas, maometanos, hebreus e cristãos de todas as seitas, incluindo os católicos; haverá, portanto, lugar para todas as religiões sem espírito sectário, para todas as fórmulas de fé, sejam filosóficas ou cientificas, contanto que sejam livres e ascendam sinceramente para o espírito e para o divino.

Este modo de ver pode parecer-nos desmoralização. Mas todas as subdivisões humanas da mesma adoração a Deus, com as quais se supõe, zelosamente, conservar a fé, não são mais do que fórmulas e não essência. Portanto, chegarão fàcilmente à unidade, se souberem desprezar as primeiras para só pensarem na segunda. Dê-se às fórmulas o valor que que lhes compete e não mais. Quantos crimes se cometeram em nome dessas fórmulas, quantos assassínios em nome de Deus, que cada um via de forma diversa, mas que é sempre o mesmo! É evidente que tudo quanto separa é satânico e que os caminhos de Deus são o amor e, por conseguinte, a unidade. O espírito egocêntrico e sectário é uma expressão do mal; o espírito compreensivo e

DR. PIETRO UBALDI

altruista é a expressão do bem. Em todas as igrejas se adora Deus e é sempre o mesmo Deus. E estamos divididos pela pretensão de definir o indefinível infinito, de conceber o inconcebivel, de dar, no relativo, uma forma àquilo que, podendo assumir todas as formas, está muito acima de todas elas. Se a verdade absoluta é só uma e imutável, é natural que no relativo humano não possa existir mais do que uma verdade relativa, limitada e ainda em evolução. É natural que a capacidade de compreensão humana não possa abranger a verdade absoluta, que está muito além da

inteligência humana e só possa chegar a ela gradualmente e por sucessivas aproximações. Na livre atmosfera espiritual do Universo, todo o isolamento no domínio restricto de uma verdade parcial representa enfraquecimento e morte. Todo o profeta, todo o chefe religioso, traz uma diferente mensagem de Deus adaptada ao homem e proporcionada à época. Não confundamos a forma com a essência. As diversas mensagens de Deus não são verdades diferentes e opostas, mas a sucessiva forma como se exprime a palavra de Deus aos homens num único e progressivo plano de educação.

Não basta tolerância que representa atitude negativa; é necessário atingir a compreensão, isto é, a confraternização, através de todas as religiões. Não se trata de suportar um inimigo, tolerando o erro com tácita ideia de condená-lo, mas sim de aceitar qual-

JOSÉ BITTENCOURT A. COUTINHO
Representante no Rio de Janeiro

quer fé com o coração aberto, tentando tudo, não para as separar, mas para as unir. É necessário compreender que as religiões não são mais do que diferentes estádios históricos, fases evolutivas ou formas étnicas de uma religião única, que passo-a-passo evoluciona e se completa de época para época.

Por acaso o adulto é inimigo do moço ou da criança, o fruto inimigo da flor, da raiz ou da semente, se é sempre o mesmo que caminha no tempo e se desenvolve? A actual mania separativista no campo do espírito cada dia se torna mais ilógica e prejudicial. As barreiras que dividem o mundo são ainda enormes, mas em breve devem ruir. Até hoje, a luta religiosa tem dependido da luta racial política, económica e nacional. É evidente que, chegando-se à unificação nestes campos, chegar-se-á implicitamente à unificação religiosa. Visto que a realidade fundamental das religiões é a mesma em todas elas e que a luta religiosa é quase sempre a expressão de rivalidades doutro género, é certo que, desaparecendo estas, a tendência para a unidade nos outros campos, levar-nos-á à confraternização no campo religioso e essa levará o mais evoluido a compreender e a auxiliar os que o são menos, em vez de os condenar e combater. Não será um mal a disputa sapiente que provoca separação e ódio, quando a essência religiosa é a união, a fraternidade, a aproximação de Deus, pelo amor ao próximo. A mais profunda erudição sem espírito de sacrifício e sem fé será puro farisaismo.

★

Noutras épocas, não amadurecidas para estes conceitos, prender a verdade em fórmulas, restringir a liberdade do pensamento no campo da fé, impôs-se como necessidade para impedir que fossem destruídas pela heresia. O misoneismo teve funções conservadoras e necessárias. O cisma era o terror de qualquer unidade religiosa, que representava laboriosa e preciosa aquisição, exigindo milhares de mártires para a sua formação, multidões de pensadores e de ministros para se manter. Houve quem se revoltasse contra esse espírito conservador, mas ele teve a sua função e não impediu a evolução.

A pesar da sua aparente imobilidade, as religiões caminham, acompanhando o progresso humano e avançam com a psicologia dominante. Doutra forma teriam morrido. Deixemos que no homem o finito caminhe passo-a-passo para o infinito ou não o alcance nunca, deixemos que o homem conceba pouco a pouco, de Deus, a ideia que esteja em condições de suportar pelo seu poder de concepção. Tudo quanto disser de Deus, nunca será, de facto, Deus, mas sim a sua limitação para uso humano. A essência da divina realidade é inconcebível para nós, e todas as especulações filosóficas e teológicas não são nem podem dar-nos mais do que uma pálida e longínqua imagem de Deus. O homem só pode ver Deus no espelho humano. Passam pela terra seres como os poetas, os génios, os santos, os herois, nos quais podemos ver

o reflexo de Deus. Se a sua essência não é reconhecível, as manifestações das suas qualidades são bem visíveis e não existe coisa alguma que não nos fale dele. Podemos vê-lo em cada rosto e forma, amá-lo em cada ser, encontrá-lo em toda a parte. Só então compreendemos que só podemos chegar a Deus pelo amor ao próximo e que, mesmo em nome de qualquer fé, se o agredirmos ou detestarmos, pelo contrário, afastamo-nos dele. Independentemente de todas as fórmulas religiosas esta é a essência da verdadeira religião de Deus, que é única.

Hoje ainda vivemos num mundo de antagonismos. Não se pode dar um passo sem esbarrar com linhas divisórias. Nenhuma fé se pode manter com espírito sectário de domínio.

É o mesmo espírito humano de luta e de exclusivismo. Deus, o Bem, a Justiça, está sempre ao lado da razão. Satanás, o mal e o pecado estão do lado oposto. É sempre o homem que procede por seu livre-arbitrio e não por imposição de Deus. As leis de Deus são muito diferentes. Praticam e convencem com o amor, com o exemplo, antes de constrangerem com argumentos, sanções iminentes e condenações morais. A guerra santa é uma contradição. Matar, mesmo em nome de Deus, é sempre um crime. A guerra religiosa não se faz com a espada, mas com o exemplo e o martírio. As perseguições nunca puderam sufocar a verdade e, pelo contrário, sempre contribuiram para a divulgar. Por cada crente sacrificado pela sua fé, nascem centenas de crentes. Isto também pode considerar-se estratégia, mas oposta à estratégia humana.

★

No extremo limite do nosso ciclo histórico, os conflitos cada vez se tornam mais duros. Se, actualmente, ciência e fé estão em desacordo, significa que em qualquer delas existe um erro e, portanto, uma delas não tem razão, porque uma religião e uma ciência verdadeiras e completas têm forçosamente de estar de acordo e manifestar, por forma diversa, o mesmo pensamento de Deus.

É necessário que estas duas modalidades do espírito humano se desenvolvam em harmonia; em caso contrário, o desenvolvimento torna-se impossível. Não se pode voar só com uma asa. Só com a religião pende-se para a superstição; só com a ciência, pende-se para o materialismo. Hoje, o Oriente e o Ocidente está separados, não comunicam, não se compreendem. E no entanto, o primeiro necessitaria de conhecer as descobertas científicas do Ocidente e este os ideiais espiritualistas do Oriente. Bastava simples troca para preencher as duas lacunas.

Hoje, as religiões e os vários credos são, muitas vezes, causa de lutas e de ódios. Quem professa qualquer religião ou credo com semelhantes ideias é anti-religioso e as religiões que não geram amor, harmonia e união, não podem considerar-se religiões. As verdades servindo de base para anátemas e recíprocas acusações de falsidade, estão muito afastadas do espírito da verdadeira religiosidade. O progresso do conhecimento exige colaboração em todos os campos, porque cada um é co-

DR. PAULO HECKER
Redactor-correspondente em Porto Alegre

nhecido do outro e todas as descobertas, sejam quais forem, iluminam tudo. Assim, o astrónomo, o físico, o químico, o biólogo, o psicólogo, o sociólogo, o filósofo, o teólogo, etc., auxiliam-se reciprocamente. Impõe-se que se compreendam e se completem fraternalmente. A síntese universal do saber só poderá nascer dessa unificação, quando o intérprete da divina revelação dos textos sagrados concordar com o intérprete do próprio pensamento de Deus, inscrito na realidade fenoménica.

Todas estas desinteligências são hoje um

contínuo entrave às descobertas e às manifestações do pensamento. Cada fé tem a sua terminologia, na qual pretende monopolizar a verdade.

Opõe fórmulas que são vestes da própria verdade, supondo opor a verdade ao erro. Quem possuir o espírito de separativismo, ofende-se quando alguém que possua espírito de unidade diz a verdade, indiferente às fórmulas. Pelo contrário, este, supõe dar bom exemplo de unificação, falando e escrevendo de diversos assuntos, sempre com a mesma fé, seja religioso ou não, demonstrando sen-

JOSÉ BORGES DOS SANTOS
Representante em Fortaleza, Ceará

tir-se entre crentes, sejam eles católicos, protestantes, hebreus, muçulmanos ou budistas, contanto que sejam sinceros e venerem Deus com respeito e fervor, tanto na igreja como na sinagoga, na mesquita, nos templos hindús ou em pleno campo. Não é sempre o mesmo Deus ? Quem tem espírito de unidade, que é muito mais que tolerância, aprecia a confraternização, que se opõe ao espírito de de exclusivismo e à intransigência de muitos. No entanto, às vezes sucede que uma verdade pertencente a um credo, é condenada por ser enunciada com terminologias doutros credos e divulgada como pertencente àquele. E surgem então estranhas contradições: um livro ou uma ideia são exaltados por serem condenados pelo partido oposto, isto é, o de Satanás, e o mesmo livro e ideia são repelidos logo que o mesmo partido os aceita ou subscreve. Pobre verdade ! Quando se expõe um conceito deve manter-se num pé abstracto e neste ponto estão todos de acordo, porque não prejudica ninguém nem qualquer interesse. Mas se esse princípio se define e atinge os representantes da ideia que o inspirou, então surge o desacordo e a condenação desse princípio é certa. Isto prova que aprovação e condenação são muitas vezes filhas do interesse e dos preconceitos. Muitos estão dispostos a seguir o Cristo de que a História nos fala, porque pertence ao passado e é teórico, mas ninguém o seguiria se ele voltasse à terra e ferisse os interesses humanos.

★

Falámos da unificação, principalmente no seu aspecto religioso, porque a religião é a base da civilização. Mas, neste aspecto, estão incluidos todos os outros. Os sinais dos tempos preconizam a aproximação de nova era para o mundo e ela será a era da unidade, isto é, era do espírito, do amor, da consciência. E só quando isto acontecer, pode existir a liberdade, qualquer coisa que o homem procura mas não consegue nem sabe alcançar. A nova civilização nascerá da substituição progressiva da inimizade recíproca pelo recíproco auxílio. A lei da vida exige que a crisálida se transforme em borboleta, que a criança se torne adulto e que a flor se desfolhe para dar lugar ao fruto. Tudo amadurece, fatalmente.

É facto que estivemos e estamos já unidos num organismo universal, embora alguns não o estejam ainda. Mas actualmente estamos unidos mais por vínculos de ódio e de guerra, do que de amor e compreensão. Como são pesados e tristes estes vínculos ! O homem do futuro será consciente da unidade que hoje desconhece. Agora estamos mais unidos pela dor do que pela alegria, unidos a despeito da nossa vontade, pela força, sem o compreendermos. União involuntária, não sentida e sabida, vivida sem comparticipação consciente na divina unidade de tudo quanto existe no Universo, que é a mais evidente expressão de Deus, a mais bela maravilha da vida.

Errar é próprio do homem; é do louco preservar no erro.

Cícero

8/49

Dermografismo do Pensamento

pelo Coronel Faure da Rosa

Olga Kahl, de nacionalidade russa, habitava em Paris havia já alguns anos quando o dr. Eugène Osty iniciava as suas experiências.

A faculdade supranormal manifestou-se-lhe espontâneamente. Na idade de sete anos, Olga predizia o futuro das pessoas da sua convivência, e por vezes acertava.

Aos quinze anos, estando com os pais na Sibéria e uma vez sob a acção do sono hipnótico a que a mãe a levara, indicou no mapa os locais onde havia oiro em maior abundância. Olga chegou até a desenhar a maior pepita que se encontrava em certo local. Aos dezanove anos, a perda de um colar de pérolas causou-lhe um intenso desgosto. Qualquer coisa se passou, então, no seu psiquismo que só mais tarde foi compreendido. Muitas manchas, arredondadas e vermelhas, lhe apareceram nos braços que foram tomadas por erupção. Novas circunstâncias se produziram que originaram aparições de estigmas e deram a chave das manifestações cutâneas. Era evidente — escreve o dr. Osty — que se tratava de inscrições dermográficas espontâneas provocadas por uma representação mental emotiva.

Olga tinha vinte anos quando uma amiga lhe contou que os faquires, na Índia, faziam aparecer na pele o desenho dos objectos em que pensavam; que experimentasse ela conseguir o mesmo. Com esse intento, a amiga entregou-lhe um sobrescrito dentro do qual escondera uma planta.

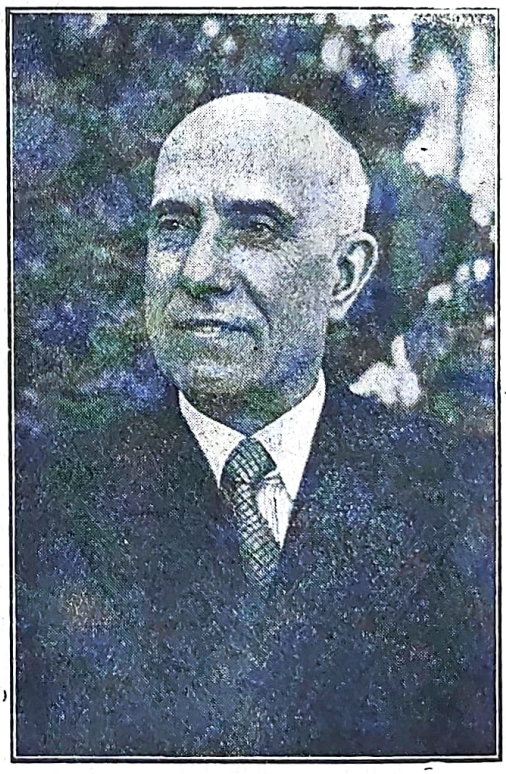
Olga apalpou o sobrescrito e depois de uma forte tensão psíquica, apareceu-lhe em um dos ante-braços a imagem de um trevo a vermelho. Um dia, em Constantinopla, em que assistia, com o marido, a uma sessão onde derviches nómadas perfuravam as faces, Olga sentiu-se muito emocionada. Quase em acto contínuo queixou-se de dores numa das faces no interior da qual se formou um abcesso que lha traspassou.

Em Paris, durante uma refeição convenceu-se de que uma espinha de peixe se lhe espetara na garganta, o que lhe causou viva emoção. Imediatamente lhe apareceu no pescoço, a vermelho, a forma de uma espinha. Entretanto, um médico assegurara que a espinha tinha descido para o estômago. Pois, só decorridas vinte e quatro horas é que o estigma desapareceu.

Foi esta variedade de incidentes que manifestou a faculdade de Madame Khal poder, sem o querer ou querendo-o, inscrever o pensamento na pele.

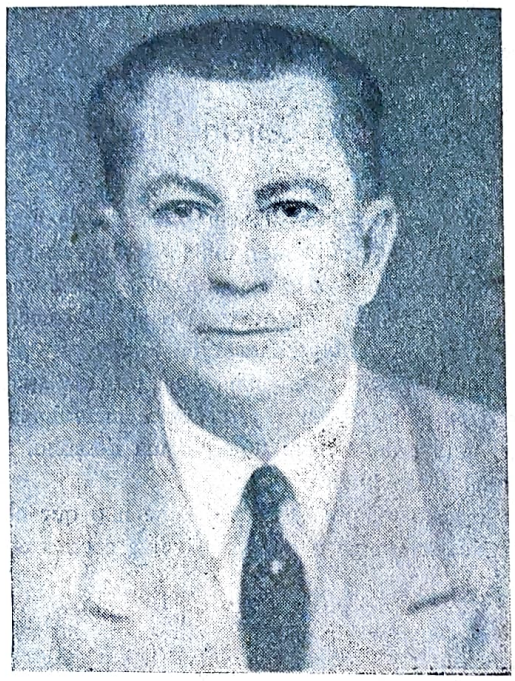
O Dr. Osty pôde verificar numa série de sessões de ensaio, que Madame Khal possuia a faculdade psíquica pouco frequente de, em presença de uma pessoa desconhecida, fornecer indicações precisas acerca da sua personalidade e da sua vida. Esta sensitiva também era capaz de «detectar» o pensamento de outrem, quer o experimentador escrevesse qualquer coisa, na sua ausência, num papel por ele guardado, quer o experimentador representasse mentalmente um nome, uma palavra, um número, um desenho, às vezes uma frase inteira.

Ao mesmo tempo, Osty pedia-lhe não que ela dissesse ou escrevesse o que ele tivesse escrito ou pensasse, mas que fizesse aparecer em tal sítio da pele por ela designado antecipadamente ou que ele Osty designasse. À produção deste fenómeno assistiram uns dez médicos. A primeira experiência de Osty realizou-se em 29 de Outubro de 1927.



CORONEL FAURE DA ROSA
Colaborador n.º 1 de "Estudos Psíquicos"

Osty representou mentalmente uma palavra na qual fixou toda a atenção. Madame Khal pediu-lhe que lhe apertasse o pulso esquerdo enquanto ela se esforçaria por fazer aparecer na face anterior do antebraço aquilo em que ele pensava. Como após a demora de uma quinzena de segundo o fenómeno tar-



DR. AIRTON LOUREIRO MACHADO
Representante em Franca, S. Paulo

dasse, Olga fez três ou quatro fricções rápidas na pele. Ao cabo de alguns segundos as linhas vermelhas aparecidas na pele desenharam um R grande próximo da dobra do cotovelo, seguido, segundos depois, da letra O, minuscula, sem ter necessidade de recorrer a nova fricção. Meio minuto se passou sem que nada mais se produzisse apesar dos esforços de Olga. Sentindo-se demasiado fatigada, declarou que nada mais conseguiria e que Osty tinha pensado na palavra *Rose*, o que era exacto.

A primeira sílaba *Ro* conservou-se nitidamente visível durante um minuto, pouco mais ou menos; depois desapareceu alastrando a vermelhidão a uma larga zona da pele.

Na sessão de cinco de Janeiro de 1928, dentre uns vinte pedaços de papel com desenhos diversos prèviamente preparados, o Dr. Osty tirou um ao acaso sem que Madame Khal pudesse vê-lo. Osty fixou o desenho atentamente cerca de dois segundos. Depois misturou-o com os outros desenhos e apoiou tudo na fronte da médium, como ela antecipadamente pedira. Depois de um minuto de espera, apareceram-lhe na pele do ante-braço duas linhas formando um ângulo, que se mantiveram uns quinze segundos.

Madame Khal pegou num lápis e desenhou um triângulo com a linha base interrompida no meio, o qual apenas diferia do pensamento de Osty em a linha base interrompida no meio não ter os extremos ligeiramente revirados.

À sessão de 22 de Janeiro, além de Osty, assistiram o Dr. d'Espiney, de Lyon, e mais três pessoas por ele apresentadas.

Pediu-se ao Dr. d'Espiney que pensasse em qualquer coisa. Quase em acto continuo viu-se formarem-se no braço estendido da médium, à luz do dia e sob os olhares atentos dos assistentes, as linhas vermelhas correspondentes às letras *F r a n.*

O dr. d'Espiney revelou então que pensara na palavra *Francisco.*

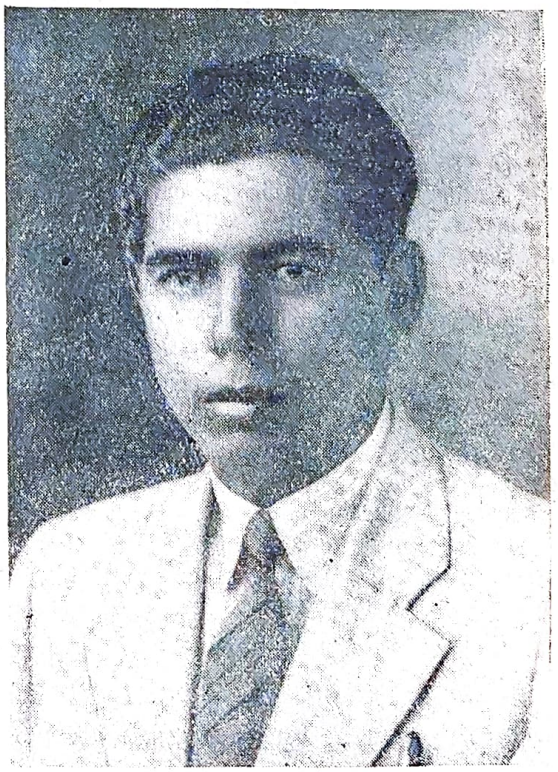
Em seguida a uns minutos de repouso, Madame Khal propôs a Madame S... que se colocasse na sua frente, lhe desse a mão e pensasse numa palavra. Ao cabo duns quinze segundos, como era habitual, vincou-se-lhe a letra Y na pele ocupando toda a largura do ante-braço junto da prega do cotovelo. Sem dúvida sugestionada por esta letra, a médium exclamou: «Foi Yvonne o que a senhora pensou!».

Madame S... não respondeu; e quase em acto continuo apareceu ao longo do ante-braço, a vermelho e bem visível para todos os presentes: *Y lande.*

Foi então que Madame S... declarou que tinha pensado *Yolande.* Faltava a segunda letra da palavra na inscrição dermográfica, mas o seu lugar lá estava.

À sessão de 29 de Janeiro de 1928 assistiram os professores Charles Richet, Santoliquido, Cunéo, Drs. Jean-Charles Roux e Osty, Madame Cunéo e o Sr. Toukholka.

O Dr. Roux pega num baralho de cartas, em cada uma das quais havia uma letra do alfabeto. A médium Khal diz ao professor que pense em um nome de pessoa e olhe para a letra inicial desse nome. A pedido da médium o Dr. Roux põe-lhe o baralho de



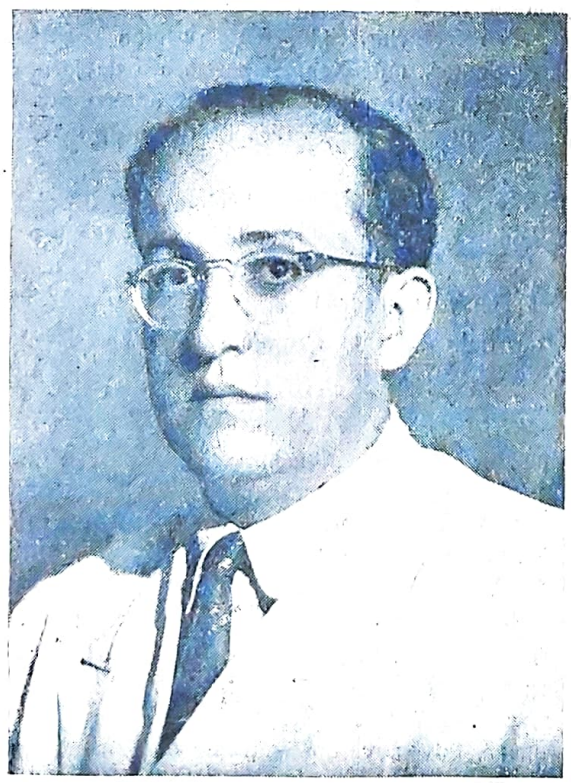
ALFREDO MIGUEL
Redactor-correspondente em Salvador, Baia

cartas na testa, após o que a médium diz: «O Doutor pensou em dois nomes misturados num só». E estendendo o braço mostra umas linhas vermelhas ali escritas que formavam a palavra *Reh*, e ao mesmo tempo pronuncia René, que era efectivamente a palavra em que ele tinha pensado. É preciso lembrar que Olga Khal é russa, que pouco fala francês, e que em russo o *n* se escreve *h*. Portanto na inscrição só faltava a última letra: *e*.

Madame Cunéo recolhe a um quarto contíguo onde escreve uma palavra num pedaço de papel. De regresso à sala das experiências entrega o papel dobrado ao professor Cunéo que o mete na algibeira. Os assistentes rodeiam a médium, que pede a Madame Cunéo que pouse um momento a mão no seu ante-braço. Mal Madame Cunéo retirou a mão viram-se aparecer uns traços, vermelhos como sempre, formando as letras SAB NI. Desdobrado o papel guardado pelo professor Cunéo verificou-se que Madame Cunéo escrevera: *Sabine*. Faltavam duas letras na palavra, mas o espaço do *i* estava em branco; o *e* fora apenas esboçado.

Na sessão de 8 de Março de 1928, Olga Khal, depois de algumas tentativas inaproveitáveis, disse que lhe seria mais fácil conseguir que lhe aparecesse na pele a projecção de um objecto que lhe fosse mostrado.

Um dos assistentes apresentou-lhe um copo grande, de pé alto. «Ponha-o sobre o meu braço» — disse ela.



DR. NORALDINO DE MELO E CASTRO
Redactor-correspondente em Belo Horizonte, Minas Gerais

ARLINDO COLAÇO
Representante na Paraiba

O apresentante do copo colocou-o perpendicularmente no ante-braço junto à dobra do cotovelo. Quase imediatamente surgiram umas linhas vermelhas de oito a dez centímetros de comprimento que tomaram a forma do copo.

Que devemos pensar destas experiências? pergunta o Dr. Alfredo Abadir ao terminar a sua tese.

Ainda mesmo que queiram duvidar da realidade da inscrição dermográfica, os fenómenos de inscrições cutâneas observados e publicados por médicos eminentes, forçam-nos a admiti-los como verdadeiros. «Mas, dir-se-á, mesmo que se considerem esses factos como reais, há uma diferença muito grande entre estas inscrições dermográficas e os estigmas dos santos» — comenta o Dr. Abadir.

«É incontestável a diferença, mas ela não tem a importância que gostam de lhe atribuir. A razão pela qual se consegue levar tão longe a produção dos estigmas pela sugestão experimental, pode explicar-se por este motivo: é que nem o meio, nem as crenças pessoais desempenham, nas experiências de que se trata, mais que um papel apagado e secundário. Para que uma sugestão opere, é necessário que ela seja aceite pela subconsciência daquele que se pretende sugestionar, é necessário que ele consinta em aceitar, mais ou menos a sério, uma ideia, um sentimento ficticio. Ora, no caso das experiências de estigmatização por sugestão, não só não se produz o choque emotivo sincero que, nos místicos, atinge o paroxis-

RECORDANDO

por A. Yvone de Sousa

Estudos Psíquicos! Este título jámais se apagará da minha memória, se ela me for sempre fiel.

Estudos Psíquicos representam para mim o início de uma caminhada que eu nunca pensara percorrer.

Impelida por acontecimentos da minha vida íntima a que levemente já me referi nesta revista, fui levada a ingressar no Espiritismo após vinte anos de militância na Sociedade Teosófica de França.

Assim, mais uma vez verifiquei que o Acaso não existe. Um vento arrastou-me para novos horizontes de magnífica vastidão, mas que nesse momento, em Lisboa, se encontravam ensombrados por uma tempestade de vis ambições; arrastada por esse vento que é o nosso temperamento de lutadores, por essa força misteriosa que é o nosso próprio destino, tudo concorreu para que eu entrasse na liça de espada em riste pronta para o combate a favor do Neo-Espiritualismo e disposta a suportar os dissabores e contratempos relativos a uma atitude desta natureza.

A revista *Estudos Psíquicos* foi o campo em que encetei os primeiros combates, e nele triunfei. São recordações para mim inolvidáveis que perdurarão eternamente no meu espírito.

Se tudo fica vinculado no nosso Ego, a minha entrada como colaboradora em *Estudos Psíquicos* marca uma passagem da minha vida terrena, talvez num dos raros e úteis gestos que eu tenha desta encarnação. Ao contrário de muita gente, julgo-me sempre severamente, mas neste caso tenho de me honrar, pois convencida estou de que procedi bem e nalguma coisa contribui para o fortalecimento desta causa em Portugal.

Batalhei nesta trincheira, então como hoje sólido baluarte do Espiritismo Português; fi-lo com convicção, desinteresse e sinceridade.

Pertenço à fileira dos modestos soldados que têm por divisa — a união faz a força — e que portanto devem concorrer com o seu esforço, porque só unidos poderão fazer triunfar tão bela ideia de Justiça e de Amor, como é o Espiritismo.

Tenho dado à Ideia Espirita todo o meu aplauso pelo muito que lhe devo tanto física como espiritualmente. Encontrei no Espiritismo aquele apoio de que tanto carecem os que entraram na vida como livres pensadores flagelados por pesados karmas. Como já disse, cheguei a ingressar nas hostes teosóficas, a cuja Ideia devo o conhecimento da Lei da Reencarnação, conhecimento esse que evitou que sucessivamente em terceira encarnação eu me suicidasse. Mas à bela doutrina teosófica faltava-lhe o lado científico da experimentação, tornando-a por isso a meus olhos demasiado hipotética. Foi então que o Espiritismo me apareceu e eu bendigo essa hora, porque nele encontrei a Realidade da Vida.

O Neo-Espiritualismo representa o exacto progresso espiritual da presente humanidade.

A propaganda realizada por *Estudos Psíquicos*, tanto em Portugal como no estrangeiro, é digna das melhores referências. Sàbiamente dirigida por Isidoro Duarte Santos, autêntico temperamento de jornalista, esta revista conseguiu impor-se ao apreço dos seus amigos e leitores e até ao respeito dos próprios adversários.

Dez anos de luta insana! Uma década gloriosa espalhando a luz da espiritualidade num tenaz e persistente combate ao materialismo e aos dogmas de certas seitas religiosas!

Bem haja *Estudos Psíquicos* pela sua nobre missão.

---

mo, não só não existe a ideia fixa, que nos místicos toma, pela duração, a forma de um monodeismo, mas também falta ainda outra condição: O sofrimento físico, que não é coisa que se aceite de boa vontade e que, sobretudo, não se está disposto a aceitar ùnicamente para ser agradável ao experimentador. Enquanto se trate de uma simples queimadura, de uma equimose, de uma inscrição dermográfica, o «suget» pode adaptar-se grande número de vezes; mas não se adapta a ponto de suportar os horrorosos sofrimentos dos «pacientes» que vêem sua carne penetrada por chagas profundas, dolorosas e incomodas. Para obter de um «sujet» predisposto aos fenómenos estigmáticos e outros que apresentam os místicos, seria preciso colocá-lo em condições idênticas àquelas em que se encontram os ascetas».

O Dr. Osty dizia que cedo ou tarde o homem há-de explorar a *origem* do *milagre* que existe nele próprio, que às energias físicas e químicas exteriores, as quais ele utiliza para curar, há-de acrescentar a energia psíquica interior verosimilmente mais poderosa, porque é inteligente e predisposta para agir, porque é, talvez, verdadeiramente a vida.

Ora, essa «energia psíquica interior» de que fala Osty, é, sem dúvida, o Espirito; e o Espirito é *verdadeiramente a vida.*

A PENA IRREPARÁVEL

por F. Noronha

«Não matarás». Êxodo, cap. XX, vers. 13.

Este fecundo mandato peremptório, uma das indeléveis *dez palavras* do Sinai, consoante a Bíblia, grava-se na legislação hebraica já quando, de séculos precedentes, corria líquido vermelho aos borbotões, violentamente derramado.

No capítulo imediato, encontram-se os seguintes versículos:

«12 — Todo o que matar de caso pensado um homem, será também morto.

«14 — Todo o que matar um homem de caso pensado, e depois de lhe ter armado traição, vós o arrancareis do meu Altar, para que morra.

«15 — Todo o que ferir a seu pai, ou a sua mãe, morra.

«16 — Aquele, que furtar um homem Hebreu, e o vender para escravo, convencido que for deste crime, morra.

«20 — Se alguém ferir o seu escravo, ou a sua escrava com uma vara, e eles lhe morrerem nas mãos, será tratado como culpável deste crime.

«22 — Se dois homens brigarem um com outro, e um deles ferir uma mulher pejada, que veio a parir a sua criança morta, ficando ela viva; será condenado a pagar quanto o marido da mulher quiser, e quanto ordenarem os árbitros.

«23 — Mas se a mãe morreu da ferida, dará vida por vida.

«24 — Olho por olho, dente por dente, mão por mão, pé por pé.

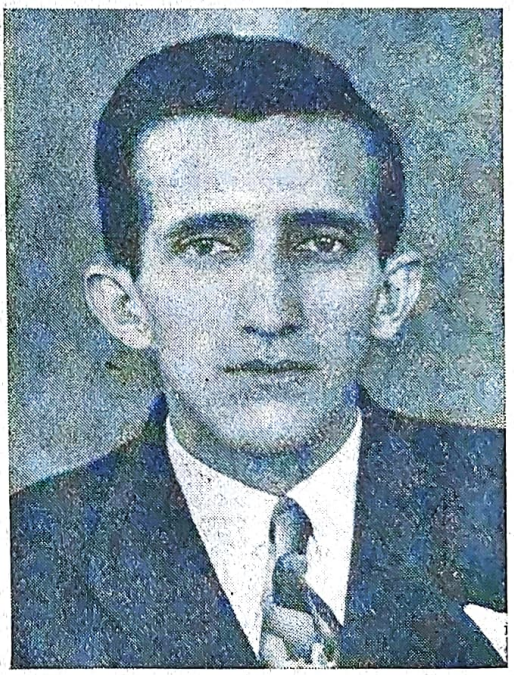
«25 — Queimadura por queimadura, ferida por ferida, nódoa negra por nódoa negra.

«28 — Se um touro ferir com as suas pontas um homem, ou uma mulher, e eles morrerem disso, apedrejar-se-á o touro, e não se lhe comerá a carne, mas o dono do touro será inocente.

«29 — Se o touro é já de tempo avezado a marrar, e o dono tendo sido disso advertido não o mandou estar encurralado; se este animal matar um homem, ou uma mulher, o touro será apedrejado e o dono matá-lo-hão».

O versículo 3, do cap. XXII, considera homicida e como tal punível «de morte» o que, «já de dia», «matou» um ladrão, surpreendido em flagrante delito de arrombamento da «porta duma casa, ou escavando a parede para entrar»; e os versículos 18, 19 e 20, do mesmo cap., punem, igualmente, de morte, os «que usarem de sortilégios, e de encantamentos», «os que tiverem cópula com uma besta» e os que sacrificarem «a outros deuses, que não sejam o que só é o único e verdadeiro Senhor».

A pena de morte, assim cominada numa legislação que abre com o famoso *Decálogo,* em que se preceitua, imperativamente: *não matarás,* briga com tal ordenação expressiva, tornando-a irrisória, visto depender o acto de matar, não da natureza mas do executor. Com efeito, o instrumento material aplicado a suprimir a vida de condenados, qualquer que ele seja, não opera por si próprio, automàticamente; obedece a terceiros, de presença mais ou menos directa, quer de ofício, quer de ocasião, como, no primeiro caso, os carrascos, e, no segundo, os pelotões de fuzilamento.



JOSÉ FONTENELE DOS SANTOS
Representante em Goiânia, Goiaz

Entre os povos da alta antiguidade, as leis penais, de severidade sanguinária, participavam «da indole das épocas em que foram publicadas» como diz J. Salvador no livro *Justice* de sua «Histoire des Institutions de Moïse et du Peuple Hebreu», pretendendo atenuar as de Israel.

Não eram aptos os legisladores para a compreensão desta verdade, que a muitos séculos de distância porvindoira e a largo alongamento desde o dia que viu

ERNESTO MOOG
Redactor correspondente em Santiago de Chile

Jesus pendente no patíbulo do Gólgota, um ilustre escritor formularia na 2.ª pág. de introito de livro deveras notável: «O homem informa-se pela imitação e insinua-se pelo exemplo» (1).

Todavia, chegara virente até o autor citado, a atentatória pena, a que o condenado no tribunal de Pilatos contrapusera o «não resistais ao mal; mas, se qualquer te bater na face direita, oferece-lhe também a outra» e: «amai a vossos inimigos, bendizei os que vos maldizem, fazei bem aos que vos odeiam, e orai pelos que vos maltratam e vos perseguem» (*Mateus, V,* 39 e 44).

Todos os actos voluntários tendendo directamente a causar a morte — diz o conde John Russel — devem ser punidos com a morte. O assassinio, as punhaladas ou os tiros, o incêndio de casas habitadas ou de edifícios contiguos, o fogo posto no vestuário envergado por qualquer pessoa, são crimes desta categoria. O roubo nas estradas e o roubo com escalamento, mas sem o concurso de alguma das circunstâncias mencionadas, e quando provado que a propriedade e não a vida foi o motor do delinquente, mais adequadamente seriam punidos com prisão prolongada, do que com a perda da existência».

O existir, o ser, a vida, nada conhecemos a seu nivel ou que suplante este.

O texto do curioso volume, «De L'Hypochondrie et du Suicide», da autoria do há muito adormecido estudioso médico Fabret e estampado em Paris, em 1822, rompe, nestes precisos termos: «Aquele que simula encarar a morte sem receio, mente: todo o homem a teme, diz J. J. Rousseau; é a grave lei dos seres dotados de sensibilidade, sem a qual todos os mortais desapareceriam, cedo eliminados». Tal é, com efeito, a característica normal do homem; debalde o infortúnio o acabrunharia: se, levado ao desespero, pede a morte em altos brados, mal se lhe apresenta o espectro feio, impressionando-lhe a visão, logo, desviando-se com espanto, apela para prosseguir vivente».

Fabret acrescenta ainda: «É possivel mais engenho para manter a vida, do que o do indivíduo débil? Parece que a existência lhe é tanto mais preciosa quanto mais exposto ele está a perdê-la: redobra de cuidados e cautelas para furtar-se ao alcance de quanto é susceptivel de abreviar-lhe a duração. Cheio de habilidade e de ardileza, o seu ânimo diligente consegue até não raro equilibrar as leis da física geral. Estas leis constantes e invariáveis, acabam, é certo, por gastar o agente desta luta desigual e dolorosa; mas os seus múltiplos esforços demonstram bem a atracção que o prende à vida e o pavor que lhe provoca o túmulo».

Enquanto há vida há esperança, grita-nos a sabedoria das nações; e só na fantasia teológica do imor-

AMÉRICO OLIVEIRA MONTEIRO
Benemérito de *Estudos Psíquicos* no Bombarral

(1) Sismondi *(Etudes sur les Constitutions des Peuples* — Bruxelles, 1839).

tal génio florentino assoma o antro infernal, com este dístico na portada: *Aqui já não há esperança!*

De momento, pelo menos, o verdugo, ao desempenhar-se do seu papel no exercício das funções que lhe competem, apaga ou corta toda a esperança, que ainda pudesse luzir na imaginação do vitimado.

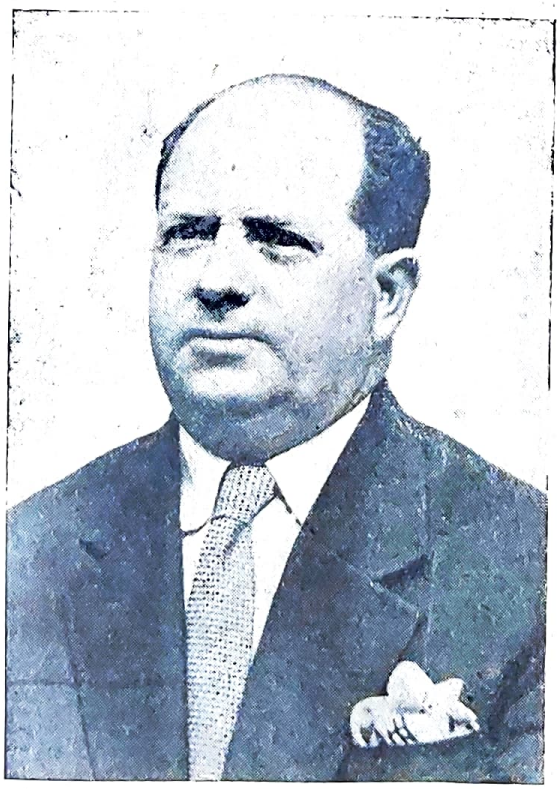
E na situação de passividade irremovível, em que se encontra o paciente, réprobo social, entre os povos que matam com instituto legalizado, quantas surpresas de edificação anímica e de elevação conceituosa, tanto quanto libertadora, para juizes e algozes, se lhes fora dado prenetrar com a sonda do espírito no imo secreto dos repelidos, para o que denominamos execuções de alta justiça?!

Da beira do corpo inerte e do sinistro aparelho do suplício muitos volveriam transformados, de índole e de carácter, por súbita revolução do sentimento.

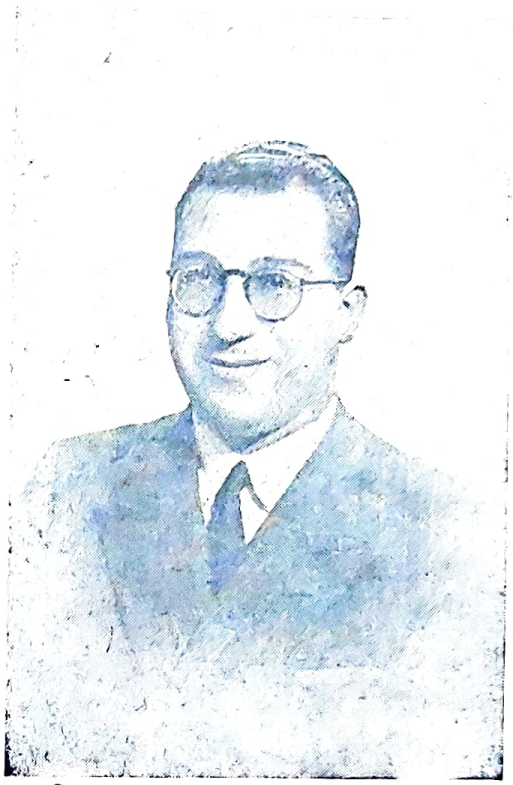
Por várias vezes se me tem proporcionado como oportuna matéria de elaborações, que realizei e dei a lume em colunas de imprensa.

A ocorrência de numerosos fuzilamentos e de frequentes casos de represália fúnebre, desde a hora fatídica de 1939, em que o mundo entrou na agonia do hediondo conflito mundial, acordou em mim a ideia da monstruosa e indefensável penalidade, que, mesmo na guerra, não reconheço comportada.

Peço vénia para registar aqui a conclusão do célebre professor de Direito, Rossi, no cap. VI, liv. 3.º, do seu *Traité de Droit Pénal*, pág. 410:



JOÃO AMADO VENÂNCIO
Benemérito de *Estudos Psíquicos* em Porto Alegre



DR. LUÍS POSTIGLIONI
Redactor-correspondente em Buenos Aires

«Certamente, a pena de morte é tranquilizadora no máximo grau, quanto a suprimir o poder de fazer mal. Mas não devemos insistir neste argumento, em especial no intuito de ser mantida a pena capital por tempo indefinido. Uma nação civilizada pode garantir-se por outros meios contra os reincidentes. A pena de morte não deve servir de corrigenda à negligência ou à avareza dos governos. Que concluir destes considerandos? Que a pena de morte é, não só legítima em si, mas uma pena de que é desejável a conservação? Desgraçado de quem daí inferisse uma tal consequência. A pena de morte é um recurso de justiça, extremo, perigoso, só usável com a maior reserva, em casos de instante necessidade, que importa desejar suprimida inteiramente e para a abolição da qual o dever nos impõe o emprego de todas as nossas energias, preparando um estado de coisas que a torne compatível com a segurança pública e privada».

Transcrevo, agora, do eloquente relatório da comissão, composta dos eruditos e saudosos António de Azevedo Melo e Carvalho, José António Ferreira Lima e Levi Maria Jordão, no tomo 1.º do projecto de Código Penal Português, que lhe fora cometido, datado de 20-10-1864, estes períodos ponderados: «Entre as ideias de melhoramento e de intimidação, que deverão sempre andar harmonizadas, pode em em casos raríssimos haver *colisão;* pode o facto incriminado ser tal que, *perdida toda a esperança de*

RAUL SPÚLVEDA FONTES
Redactor-correspondente na India Portuguesa

melhoramento, em vista de uma organização e perversidade a toda a prova que para satisfazer cruéis instintos é incessantemente levada por uma vontade tenaz e imutável a calcar aos pés os direitos mais sagrados da pátria e dos cidadãos, a intimidação exija para satisfação da lei da ordem, manifestação do justo, o máximo da expiação na vida do criminoso; nesse caso, e *só nesse caso, e na impossibilidade de* harmonia dos dois princípios, deve o primeiro, que representa o interesse do indivíduo, ceder ao segundo, que representa o da sociedade. A vida é tão inviolável aos olhos da consciência como os outros dons e faculdades com que o Criador enriqueceu o homem; assim como a sociedade ataca, por exemplo, a liberdade na pena de prisão, sem violar a justiça, poderá na pena de morte fazer expiar o crime com a vida sem violar a mesma justiça, com não menos direito do que no campo de batalha exige como meio supremo para a sua conservação o sacrifício de seus filhos, sem a acusarem de um acto ilegítimo. Feliz a sociedade, se chegar bem depressa a época em que, ao dia de dor e de luto em que ela seja forçada a exercer esse terrível direito, suceda aquele em que tenha de ser publicada a abolição desta pena, mas sem apressar a obra do tempo, e obedecer sòmente às emoções do coração». (págs. 58 e 59). Aqueles mesmo, que sustentam a necessidade da pena de morte, concordam em classificá-la de terrível, não fornecendo argumento algum que iluda ou mascare a sua essência de irreparabilidade, quando verificada a execução de um inocente».

Cabe nesta altura a frase de um homem de talento, Alberto Xavier *(Erros Judiciários):* «Jamais poderá extinguir-se em absoluto o erro judiciário, consequência fatal da falibilidade dos juizos humanos».

«A história dos homens é um imenso oceano de erros, em que sobrenadam, aqui e acolá, umas tantas verdades quase desconhecidas», dissera o desassombrado Beccaria no Capitulo *De la Peine de Mort* do precioso livro «*Dei Delitti e delle Pene*», por ele publicado em Milão, no ano de 1764.

★

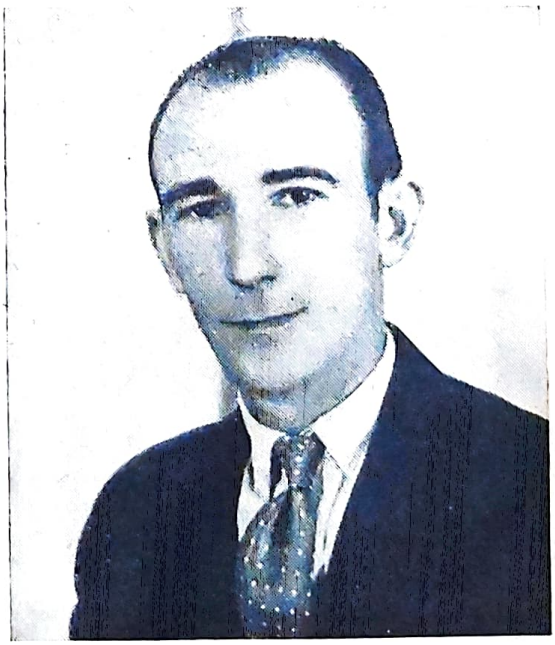
Não é, dirigindo-me ao senso piedoso, que traço as presentes linhas. Nessa orientação avultam produções que enchem bibliotecas e constituem perfeitas modalidades de argumento, a que não faltam excelências de profundeza filosófica e empolgantes voos de requinte sublime.

Se a ideia de reparar o mal praticado, de corrigir o ente nocivo e de estabelecer ou restabelecer o equilibrio social alterado, presidiu e preside às codificações penais, estas não podem nem devem exceder ou ultrapassar a periferia de sua virtual relatividade.

E se ninguém dá o que não tem, muito menos é lícito que alguém tire o que não é seu.

Não será de rigor matemático a fraseologia que acabo de empregar e julgo não carecida de explicações e comentários?

Está longe de incluir componentes lacrimosos, sugestões piegas e concomitâncias de género idêntico. Afirmo, sem modéstia tola, que é lógica na



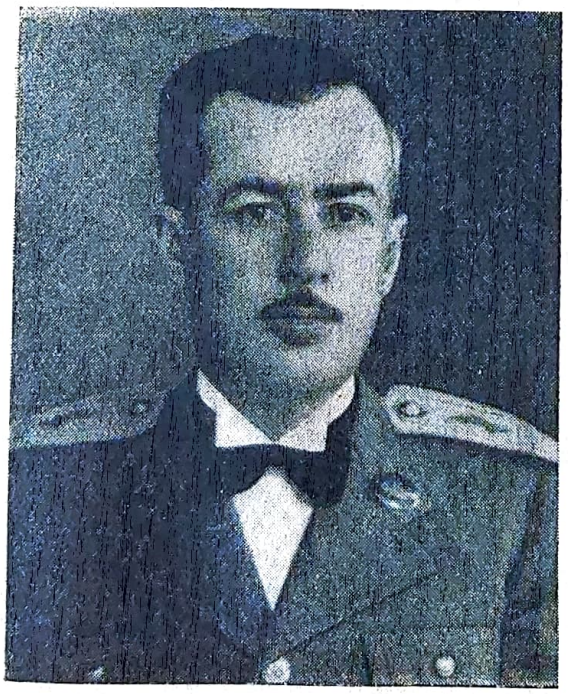
JOSÉ ZÁCARO NETO
Representante em Cruzeiro, S. Paulo

letra, no raciocínio e no mérito de significado próprio.

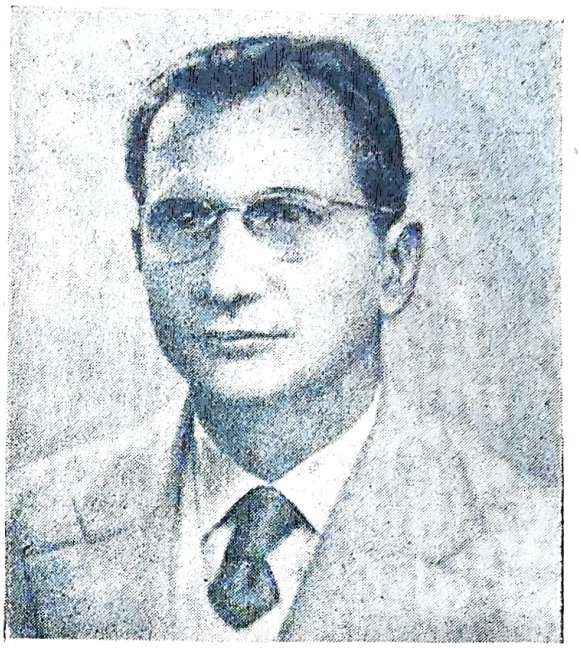
Ora, a pena de morte diverge de tudo isto, visivelmente. Aflora crime sobre crime; e se outra qualquer pena cessa por sustamento fundamentado e deixa de vexar ou pungir pela restituição do inculpado aos seus genuínos e naturais direitos, onde, após a morte do pretenso criminoso, justiçado na corda da forca, no cepo do machado ou do cutelo, no ferro laminoso da guilhotina, na cadeira eléctrica ou pela boca das armas dos soldados, onde, após o sudário revoltante do erro, se normaliza o anormal sem remédio, se anima o que jaz morto e não cataléptico, se demuda o cadáver no vivo anterior, dando-lhe o que não possuimos e de que não dispomos, e seria, de facto, a única reabilitação escrupulosamente coadunável, o ressurgimento ?!...

Leio, por defronte de mim, encerrando brochura interessante (*A Onda do Crime — Etiologia e Profilaxia* — Lisboa, 1931), devida à pena de abalizada competência, o Dr. Ferreira Deusdado, as derradeiras palavras do epílogo: «A boa política criminal não deve preocupar-se apenas com o crime, mas principalmente com a origem deste, que é o homem na sua vida social. Evitem-se as causas e cessarão os efeitos, ou pelo menos, diminuirão os efeitos».

O sangue puxa sangue. Esta expressão de minha outiva, desde que me entendo e de minha convicção, desde que ausculto os homens através da História e os observo em contacto de relações pessoais, corresponde a um espectáculo de verdade, cujo teatro avassala o mundo e cuja origem se perde na tenebrosa noite dos tempos pre-históricos ou primitivos.



JOÃO BAPTISTA CARDOSO
Representante em Curitiba, Paraná



JOSÉ SIMÕES DE MATOS
Representante em Porto Alegre, Rio Grande do Sul

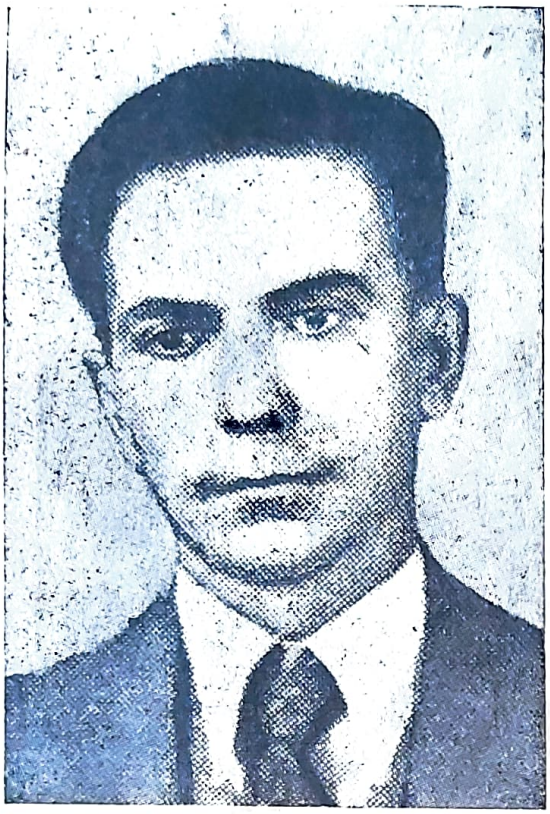
O homem, fazendo-o escorrer, errou para si próprio e para a posteridade; imprimiu em sua face o sinal do crime e transmitiu em sua prole o contágio da malevolência; e o virus deletério assim permaneceu e permanece, não o consumindo o sol de civilizações, não o arredando ou vencendo o delírio crente das bondades seráficas e nem dele triunfando os austeros cientistas devotados à causa da humanidade, por obtenção de processo tendente a desviá-lo na carreira de insânia! Clamam, porventura, em deserto aridíssimo as vozes de quantos lamentam o crime de morte e impugnam a morte como pena. A guerra é um assassínio em massa, o mais absurdo contrassenso e o cenário mais vasto de exibições anulatórias e de estupendos contrastes.

A urgência de resolução dos problemas vitais, de povo para povo e de continente para continente, não se define e se estriba na força; define-se e estriba-se no seu a seu dono e nos princípios de equidade.

É o império da Pedagogia, que preclariza e redime, o antídoto com virtude bastante para traduzir-se num amanhã de conjugação e de mutualidade, sem espantalhos legais contraproducentes, por falíveis e sem artificiosos arrebiques, falecidos de solidariedade.

É o «em espírito e em verdade», numa palavra, de que carece o mundo e o homem e não do material e efêmero, sempre precário e transitório. De matéria, apenas o preciso para alimentar os nossos cadáveres ambulantes.

Para que exigir ou ambicionar mais, se todos, em corpo, não passamos de misera animalidade ?!...



MAIS UM ANO DE EXISTÊNCIA

por Henrique Magalhães
Benemérito de *Estudos Psíquicos* no Rio de Janeiro

Todos os grandes empreendimentos obedecem a um pequenino ponto de partida. É assim que vemos a nascente formar o córrego, este o riacho e, engrossando sempre, com o ajuntamento de novos veios, dentro em pouco temos o rio caudaloso, despejando a impetuosa corrente na vastidão do Mar.

Estudos Psíquicos *não podia fugir à regra.*

Iniciando sua publicação para defender uma grande causa, jamais seu fundador pensou que aquele minúsculo e primitivo trabalho — se o formos comparar com a presente tiragem — alcançasse o montante do presente, torrente poderosa, levando em seu leito a água viva que dessedenta as criaturas, oferecendo-lhes os mais ricos ensinamentos, impulsionando-a para o Reino de Deus!

Assim acontece a todos os cometimentos que se fundam para o bem comum.

Entre seus fundadores, temos a destacar duas grandes figuras, completando-se na obra gigantesca que empreenderam. São eles Isidoro Duarte Santos e sua esposa. O primeiro, com o cérebro, desdobrou-se em energias, defendendo o Espiritismo na sua feição mais pura, descobrindo pontos de apoio, angariando novos adeptos, sacudindo consciências adormecidas, movimentando, enfim, um mundo de trabalhadores em prol da causa sagrada do bem. A segunda tem-no secundado com ardor em toda essa montanha de trabalho, encorajando-o nos momentos mais críticos de sua vida de lutador, aconselhando-o nos momentos precisos. Um é o coração; outro, o cérebro. De um lado a impetuosidade, do outro o pêndulo moderador.

Deus lhes dê vida longa, para consolidar a obra que atravessou os mares, varou continentes, fincando suas raízes em vários pontos do Planeta. E que esse caudal ininterrupto que se chama Estudos Psíquicos *continui sua marcha vitoriosa, em prol do bem colectivo, são os votos que ardentemente faz o servo dos servos do Senhor:*

Henrique Magalhães

MISTICISMO

por Rufino Juanco
(Redactor-correspondente de «Estudos Psíquicos» no México)

(Tradução de I. D. S.)

Não é fácil de definir o misticismo. Já alguns o definiram, dizendo que é a «doutrina que baseia a sua ciência na introspecção». De qualquer forma, o místico sente tudo dentro de si mesmo. E eu pergunto: não sucederá ao místico o mesmo que sucede ao médium em transe, cujo cérebro se converte em mero instrumento passivo, ficando à mercê de influências ou de intervenções mentais alheias a si próprio?

Contudo, tanto num caso como noutro, a multidão de ideias, sentimentos e visões que o místico percebe, tornam difícil, senão impossível, averiguar a origem deles, isto é, se de fora (inteligências alheias), se de dentro (inconsciente).

Que há muito disto no caso dos místicos, não tenho dúvida alguma, ante o exame de numerosos factos, além de que, em regra, o místico só muito parcialmente perde o contacto com o mundo real e a sua confusão é, portanto, muito mais fácil; e ainda que assim não fosse e a sua exploração se exercesse apenas dentro de si mesmo, como dá a entender a grande mística espanhola Santa Teresa de Jesus, no seu livro intitulado «Las Moradas», encontrar-se-ia ali com o vasto e desconhecido mar do seu Inconsciente que parece ter mais de alma colectiva que de alma individual.

Falo, certamente, do místico genuíno ou do grande místico, — digamos assim —; não falo do místico vulgar, ou seja, do crédulo entusiasta. Não; este caracteriza-se pela tendência de aceitar com *segurança e veemência, com entusiasmo* e *convicção,* ou *com fé ardente,* o que outros lhe ensinaram, mas prescindindo inteiramente da sua própria razão. E disse que aceita com *entusiásmo* e *convicção,* com *segurança* e *veemência* e com *fé ardente,* porque, sem eles, a meu ver, o misticismo desaparece, transformando-se em crença indiferente ou rotineira.

Falo, repito, do verdadeiro místico, cuja viva fé em suas visões e nas revelações que recebe, tem explicação completa nos ensinos espiritistas. Estes dizem-nos que as almas boas, ao verem-se livres do seu corpo material e em plano de vida muito superior ao nosso e com sentidos muitos mais finos e eficazes que os pobres sentidos físicos, experimentam embriaguez espiritual de bem-estar extraordinário e de grande felicidade. É pois natural que quase todos os verdadeiros místicos, sendo bons, como são geralmente, julguem em suas visões, ou em desdobramento autêntico, como Teresa de Jesus, Juan de la Cruz, S. Paulo, Swedenborg e outros, haver chegado às esferas celestiais e até à região divina e que tudo o que vêem e ouvem seja verdade inegável.

RUFINO JUANCO

Mas, ao chegar aqui, apresenta-se-nos uma grande dificuldade; e é esta: Porque é que um místico vai ao céu de uma maneira e outro místico vai de maneira diferente? O citado Swedenborg vê o céu de uma forma e Santa Teresa de outra, e outros, de outra ainda. Não serão criações de seu exaltado misticismo ou de sua exaltada fantasia? Há céus geográficos? O céu não será um estado de felicidade da alma? Os místicos católicos têm visto o Purgatório; porque não o têm visto, nem o vêem os protestantes? A razão

JOSÉ CARLOS DE CHELMICKI AFFLALO
Benemérito de *Estudos Psíquicos* no Rio de Janeiro

é bem clara e simples. Os místicos católicos vêem-no, porque é essa a sua crença; e os místicos protestantes não o vêem, porque não acreditam nele. Que se deduz daqui? Que não se pode dar crédito às visões dos místicos. Mas nem por isso devemos desprezar completamente o que eles dizem ver, pois é evidente que, às vezes, vêem realidades que nós não podemos ver e que são interessantíssimas.

É sabido que a secular e admirável sabedoria oriental ensina que a ascensão evolutiva se pode fazer e se faz por diferentes vias; e o mesmo se dá com o conhecimento: os que só podem conhecer pela razão, julgam que não há outro método além do seu; mas, enquanto observam um pouco a Natureza, a sua própria razão depressa os desengana, pois basta-lhes ver a maravilhosa sabedoria dos animais, seres mais inferiores, como os insectos, de cuja sabedoria diz o Dr. Le Bon que opera com outra lógica incompreensível para nós; provavelmente, porque têm também outros sentidos. Por outro lado, o Inconsciente tampouco segue os nossos métodos intelectuais.

Pois bem; a maneira de conhecer inerente aos místicos é provável que seja muito mais perfeita do que a exterior que nós realizamos, porque nós vemos tudo por fora e eles parece que penetram no que querem conhecer. O nosso conhecimento intelectual é todo baseado em aparências exteriores. Portanto, tem que ser, forçosamente, rudimentar; o místico, porém, identificando-se anìmicamente com as coisas e com os seres, vê o *nôumeno* e não o fenómeno, que é a única coisa que nós vemos.

Muito mais podem ensinar-nos e não nos ensinam os místicos; mas o que principalmente nos costumam ensinar é a bondade de sentimento e o amor universal. O santo é quase sempre um místico, porque sabe fundir a alma nas almas dos outros e participar de suas alegrias e de suas dores. Podemos citar como exemplo o seráfico Francisco de Assis.

Há homens orgulhosos, mas néscios; e até há espiritistas nesse número (tenho-os conhecido pessoalmente) que, em sua ignorância, menosprezam olìmpicamente o mundo dos místicos. Procurarei sempre não imitá-los. Eu acho que a Filosofia nunca prescindirá dos místicos, porque o misticismo é uma via de conhecimento e porque o homem não é só razão, mas razão e sentimento, com muito mais deste do que daquela.

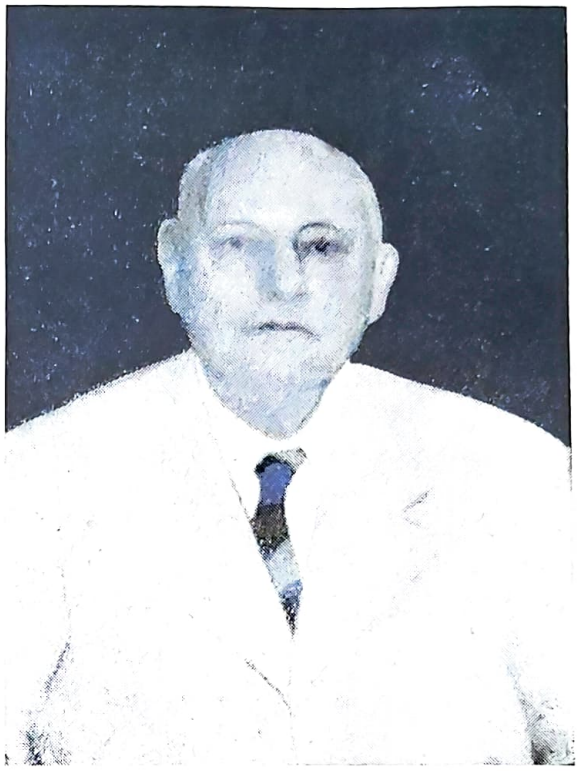
Digo que não devemos menosprezar o

PROFESSOR LEOPOLDO MACHADO
Redactor-correspondente em Nova-Iguaçú, Estado do Rio

mundo dos místicos, mas entende-se que me refiro ao verdadeiro Misticismo e não ao misticismo vulgar de que falei a princípio e que consiste na tendência de criar o incompreensível e o maravilhoso, fora de todo o raciocínio. E devemos confessar honradamente que disto todos temos um pouco e a maioria muito; e há numerosas pessoas, não só materialistas, mas também espiritistas — porque ocultá-lo? — que vêm dos místicos religiosos, como de Teresa de Jesus, a quem chamam *histérica,* porque não encontram outro nome para qualificar o que ignoram e o que não compreendem e, a pesar disso, eles próprios são consumados místicos noutros aspectos da vida, sobretudo na política em que não só são grandes místicos, mas também grandes mistificadores. Há até místicos da Incredulidade, embora pareça paradoxal.

Mas ainda há mais: O espirita místico é necessário para mil coisas na organização social. Místico é, por exemplo, o nosso culto à bandeira da pátria; misticismo é seguir uma vocação como a militar, ou um sacerdócio; misticismo é o nosso vulgar conceito da honra que, amiude, nada tem de razoável nem de moral; misticismo é, finalmente, o

DR. INÁCIO FERREIRA
Redactor-correspondente em Uberaba, Minas Gerais



MANUEL JORGE GAIO
Benemérito de *Estudos Psíquicos* no Rio de Janeiro

dogmatismo científico académico, refractário a toda inovação que choque demasiadamente com os princípios que eles, os sábios, ou pseudo-sábios, consideram difinitivos ou intangíveis, como fazem os teólogos acerca dos dogmas religiosos. Precisamente a mesma coisa!

E para a constituição de sociedades de reforma ou de combate, quando é necessário dar-lhes forte coesão que lhes garanta vida longa e tenaz, não encontraremos melhor cimento do que enchendo-as de ritos e de cerimónias — quanto mais obscuras, melhor — que falem mais à fantasia e ao sentimento do que à razão, como fazem as religiões, a maçonaria, o ocultismo, etc., etc. E tudo isso, que é sem Misticismo? Mas, como disse o poeta:

Si quieres ser feliz como me dices,
No analices, muchacho, no analices.

Para terminar: Não abusemos desta tolerância para com o místico. Estejamos sempre em guarda contra esse comodismo mental e levemos à frente, bem acesa, a lanterna da nossa razão. Embora ela esteja na infância da Humanidade, é de esperar que um dia o futuro lhe pertença.

Quando?... Quando se equilibrar com o sentimento.

O ESPAÇO E O TEMPO

por Ramos Pereira

ISIDORO DUARTE SANTOS
Director de *Estudos Psíquicos*

É em espaço-tempo que decorre a nossa existência e a de tudo que nos cerca. Nada do que compreendemos ou sentimos é independente de uma relação a espaço-tempo. Isto leva-nos a inquirir da natureza do mesmo espaço-tempo.

O espaço pode ser tomado em três sentidos: — ora como uma extensão abstracta, ora como uma extensão cósmica, ora como uma extensão sensível.

Com efeito, nós podemos intrepretar abstractamente as relações de coexistência dos corpos percebidos e daqui concluir por um contínuo, infinito, isótopo e homogéneo (espaço geométrico) onde há a possibilidade de considerar relações com exclusão dos corpos. Que valor tem esta concepção? Grande, quando olhada do ponto de vista matemático, Mas fàcilmente se compreenderá que não passa de criação racional arbitrária e que, embora com base experimental, não possui uma realidade objectiva.

O espaço representativo ou fisiológico é uma resultante do conhecimento-de-intimidade trazido pelos orgãos dos sentidos no decorrer da nossa existência. É um espaço tri-dimensional cuja génese é bem fácil de ser acompanhanda pela psicologia infantil. Condicionado aos limiares psicofísicos, ele possui uma realidade objectiva e subjectiva (visto o seu conceito ser uma criação da sub-consciência), mas não uma realidade absoluta (v. «Física transcendental» de Zoellner).

E espaço físico? Ser independente e sem corpos? (v. Ernest Mach, in «La Connaissance et l'Erreur», pág. 359). Mas isso seria o nada (físico) e o nada é inconcebível na

(Continua na pág. 23)

Lugar de honra dedicado ao Benemérito anónimo que aparece sempre nas horas difíceis

RAMOS PEREIRA
Estudante universitário e redactor de *Estudos Psíquicos*

O MISTÉRIO DAS PIRÂMIDES

por António Cardoso

e honra
do ao
anónimo
e sempre
difíceis

A civilização egípcia, — cuja história em parte nos é revelada por Heródoto, Francisco Champollion e outros — parece ser descendente de uma colónia de atlantes da ilha Ruta. A atlântida, hoje totalmente coberta pelo oceano, existiu há 4 milhões de anos, na qual se elevava uma grande capital, a do Império Toltec, chamada a Cidade das Portas de Ouro. Este continente começou a desaparecer, devido às influências da rotação terrestre, há uns 850.000 anos. Este povo a pesar da sua antiguidade, possuia já vastos conhecimentos acerca das forças existentes na natureza (físicas e psíquicas), não admirando, portanto, que os egípcios — seus descendentes — tenham herdado em parte esses conhecimentos.

O Egito, situado entre o trópico de Cancer ao sul e o mar Mediterrâneo ao norte, ocupava a parte nordeste da costa africana. A sua principal riqueza estava no cultivo dos campos, que se tornavam férteis devido às cheias periódicas do Nilo. Este rio, nascendo nas montanhas que circundam o Tanganica, percorre 6.500 Km., suportando 6 cataratas até ao Mediterrâneo. Este país era governado por uma espécie de rei, chamado faraó; no entanto, quem superintendia nos negócios da nação eram os sacerdotes, seguindo-se os guerreiros, os artistas e, por último, os escravos. Este povo possuia já nesse tempo ideias claras sobre matemática, astronomia, etc., deixando a sua história e a sua cultura impressas em caracteres especiais, feitos com um estilete (cálamo) pelos escribas, constituindo a escrita Hieroglífica, depois transformada em Hierática e Demótica. Foram os criadores de templos sumptuosíssimos, como as de Carnac, Lucsor, Filé e os templos-cavernas de Ipsambul.

Mas se os egípcios se interessavam por todos os assuntos naturais, não menos importância ligavam a tudo o que se relacionava com o *post-mortem*. Foi certamente por saberem que a alma pode viver no

MARIA GONÇALVES DUARTE SANTOS
Administrador de *Estudos Psíquicos*

ANTÓNIO CARDOSO
Estudante universitário e redactor de *Estudos Psíquicos*

plano astral uma vida hiper-física vegetativa semelhante à realizada no plano físico servindo-se do corpo etéreo, e que este só se desagrega quando o corpo físico se desintegra também (1), que os egípcios tinham o maior cuidado em embalsamar todos os seus mortos importantes (faraós, sacerdotes, etc.), por processos ainda desconhecidos da ciência moderna. Esses corpos eram depositados em enormes monumentos que serviam também de templos de iniciação; esses monumentos eram as pirâmides, em número superior a 170, para não falar nas do México chamadas «Teocollis», isto é, «Casas de Deus». No entanto, as principais foram as 3 de Gisé:

Khufu (ou Keops), Khafra (ou Kefren) e Menkaura (ou Micerino).

Segundo Heródito, a 1.ª Pirâmide exigiu mais de 30 anos para ser construída, sendo nela empregados cerca de 100.000 operários e tendo de altura 147 m. Está orientada segundo os quatro pontos cardiais celestes, sendo a entrada na face norte. Actualmente está a 4 m. de grau, de Norte para Oeste. Consta de 2 milhões de blocos de pedra, todos de enormes dimensões. O espaço interior é de tal tamanho, que nele caberia a Igreja de S. Pedro de Roma. Se este monumento fosse desmanchado, suas pedras chegariam para fazer um muro que circundasse toda a França.

O Dr. Varille, sábio naturalista, que repele todas as interpretações ocultistas acerca das Pirâmides, é o primeiro a concordar que é absurdo «ver apenas na Pirâmide um monte de pedras sobre um cadáver». As últimas descobertas científicas têm provado, pelo contrário, que estes monumentos encerram importantes curiosidades matemáticas, astronómicas e mesmo ocultistas, como adiante veremos.

A face sul da Grande Pirâmide recebia no tempo da sua construção os raios de luz da estrela de *Sírio*, da constelação do *Cão Maior*. A face de luz do referido astro, ao passar pelo meredíano, coincidia com a direcção de um canal de ventilação, que ia dar ao jazigo onde se encontrava depositado o corpo do morto e iluminava-lhe a cabeça. Existem ainda outros dois canais, paralelos entre si, um para a câmara principal, outro para a câmara subterrânea, que guiavam a luz da *Estrela Polar*, que naquela época era o *Alfa* da *Constelação do Dragão*, no seu passo inferior pelo meridiano.

Se multiplicarmos por mil a altura da Pirâmide encontramos a distância da terra ao Sol. O próprio raio polar do nosso planeta encontra-se lá simbolizado, se multiplicarmos por 10 milhões o côvado egípcio, que sabemos igual a $0^{m},6356521$.

As proporções da Pirâmide são calculadas com todo o rigor. O professor Flinders Petri diz a tal respeito: «A esquadria da base e a sua nivelação são explêndidamente exactas; o erro maior que os mais precisos instrumentos foram capazes de descobrir nas dimensões dos lados da Grande Pirâmide é de menos de um centésimo de um por cento». Segundo o Padre Moreaux, as proporções deste monumento, servem para a consagração do número *pi*.

Como se sabe, entre a circunferência e o seu diâmetro há uma relação constante que é o N.º $\pi = 3,141592653...$ ou, abreviadamente, $\pi = 3,1416$, ou mesmo $\pi = 3,14$, como vulgarmente se usa em problemas de geometria.

Com o emprego deste número, fàcilmente se calcula o perímetro de uma circunferência:

$$P = 2 \pi r$$

ou a sua área:

$$A = \pi r^2$$

sendo r o raio da circunferência.

Pois bem! Adicionando os 4 lados iguais da base da Pirâmide, encontra-se para perímetro $p=931^{m},22$. Dividindo este número por duas vezes a altura ($148^{m},208$) temos exactamente o valor de π.

Nesta Pirâmide encontra-se uma pedra circular de certa espessura, que é o comprimento dos padrões sagrados (o cúbito e a polegada sagrada. Graças a estas medidas, pode-se averiguar que a Pirâmide dá a distância da Terra ao Sol, o diâmetro da mesma, — como já hemos dito atrás — e, caso interessante, algumas datas de grande importância mundial, como a do Êxodo hebraico do Egito, o nascimento do Cristo, o 4 de Agosto de 1914, o 11 de Novembro de 1918, o terramoto de Jerusalém quando se abriu uma parte do Monte das Oliveiras (11 de Julho de 1927), 16 de Setembro de 1936, que diz que inaugura o começo da idade da claridade, à qual igualmente se refere «O Livro dos Mortos» (livro sagrado dos antigos egípcios).

Nas inscrições que os egípcios gravaram nos templos vê-se que elas proibem a todo o estranho de penetrar nos seus túmulos, violando-os, e para os que não aceitarem estes avisos prometem que se vingarão! Na realidade, todo aquele que tem querido violar esta lei tem sofrido penosas torturas, Ainda há poucos anos uma expedição composta de vários cientistas visitou as 3 Pirâmides; passado pouco tempo, todos morreram de mortes mais ou menos penosas.

Os ocultistas explicam este facto, dizendo que todas as pessoas que pentram nesses lugares são perseguidas pelos *elementais* — que são como que egrégoras poderosíssimas, possuidoras de «vida consciente» temporária, criada pelos altos iniciados, que agem como se fossem seus servos.

A Esfinge, que se encontra junto das Pirâmides,

(1) «Morte... e Depois?», de Annie Beasant, e «Chama Fantástica», de Octávio de Marialva — *Diário da Madeira*, Funchal, 1935.

O ESPAÇO E O TEMPO

(Continuação da pág. 20)

natureza. «Esta teoria ondulatória (a de Young-Fresnel) afirma que no vácuo imenso do Universo onde as estrelas são montões de matéria comparáveis a minúsculos oásis semeados num deserto, pode no entanto *passar-se qualquer coisa*. Ela leva-nos a admitir que o espaço não é completamente «vazio», mas que ele contem um «meio hipotético», de uma constituição atómica em tudo semelhante à de um meio elástico a que chamamos éter» (v. Boutaric, in «La Vie des Atomes», pág. 224). Contudo, esta concepção de um éter material preenchendo o espaço físico é rejeitada pela física relativista que interpreta antes o vácuo como sinónimo de uniforme, de homogéneo: — «no lugar dos espaços interparticulares vazios e sem realidade, que em nada participam nos fenómenos físicos e cujo único papel era o de se deixarem franquear por acções a distância, faz-se intervir agora um meio extremamente activo que não é «vácuo», senão porque é impalpável, mas que, em todos os fenómenos que atribuimos aos corpos palpáveis, manifesta a sua actividade de múltiplas maneiras, porque é ele que transmite, segundo leis próprias, as acções de força de particula a particula» («La Theórie Einsteinienne de la Gravitaition», de G. Mie).

O espaço físico — vazio preenchido pelo éter — não é nem ser nem qualidade de ser, mas como bem queria Leibniz, uma ordem dos fenómenos enquanto coexistentes. Eis um espaço com uma realidade objectiva, um meio físico (aparentemente infinito e vazio) onde os seres coexistem. É «necessário» ? Naturalmente que necessário para a compreensão das relações de coexistência para a compreensão da existência (aparentemente infinita e sem finalidade). Mas esse espaço não é necessário em si, isto é, não possui o atributo da necessidade metafísica. (Eu não posso considerá-lo independente dos corpos que nele vogam; digo sòmente que ele não é uma qualidade de ser, que possui realidade. Com efeito, se eu o considerar em si, formo um conceito abstracto —espaço geométrico— que não tem realidade). O espaço físico é uma ordem do contingente. A outra ordem é o tempo.

O tempo físico é uma relação universal de sucessão, tal como o biopsíquico é uma extensão progressiva das sensações de duração (William James). O tempo não é independente das coisas que se sucedem, que se movem, que existem e, ainda como o espaço, não é necessário, nem absoluto.

Toda a existência se localiza em espaço-tempo. E de novo friso que se não é lícito considerar espaço-tempo como qualidades da existência, também não deveremos cair na abstracção de um espaço-tempo independente em absoluto das coisas (e menos o tempo que o espaço, porque se eu posso abstrair um espaço geométrico, não compreendo que seja tempo sem um quê em movimento).

Mas como surgiram espaço e tempo ?

Fácil se torna definir a génese do tempo biopsíquico e do espaço representativo pela sua íntima relação com a consciência. Porém se espaço e tempo físicos possuem uma realidade objectiva, impõem-se por ela à consciência que os apreende, e se não podemos (nem devemos) supô-los independentes das coisas, espaço-tempo surgiram com as coisas: — não antes, nem depois; com elas. A génese do espaço-tempo físico prende-se à própria génese da existência.

---

apresenta-se com corpo de leão e cabeça humana. A princípio foi uma estátua completa, mas a pouco e pouco tem sido enterrada pela areia vinda do deserto, embora em 1829 tivesse sido completamente descoberta, por meio de uma limpeza feita.

Esta enorme estátua não é mais do que um templo misterioso que comunica secretamente com outros templos e com as Pirâmides. Era lá que os adeptos começavam as primeiras iniciações. Entre as patas foi descoberta uma porta de bronze, comunicando directamente com 2 templos existentes na cabeça, e no dorso.

Com o andar dos tempos se irão certamente descobrindo outras maravilhas, outras curiosidades, outros mistérios, que os templos egípcios encerram. As Pirâmides, a pesar de sua antiguidade, continuam causando espanto e admiração a todos nós, e mostram de uma maneira segura, que os egípcios, além de hábeis matemáticos e astrónomos, manejavam tão bem, ou ainda melhor do que nós, as forças ocultas da natureza, forças essas que ainda um dia, num futuro já próximo, entrarão no quadro das já conhecidas por todos os cientistas e sobejamente provadas pela ciência oficial.

Homem, tira a Máscara!

por Guedes de Amorim

Nestes convulsionados tempos de crise, bem pesada e visível nos terrenos sociais e económicos principalmente, também o homem dá frequentes e assustadoras provas de crise de sinceridade. Nunca se mentiu tanto como nos nossos dias nem a hipocrisia foi representada por tão compacta legião de adeptos! Dir-se-á, com uma pontinha de ironia, que, no mundo de interesses em que vivemos, o homem é justamente «o único animal que faz negócios...». Assim é, com efeito. Formam densas florestas, por todo o planeta fora, os que afivelaram uma máscara na ânsia de prementes satisfações de egoísmo. Na mira de quaisquer lucros imediatos, faz-se uso e abuso de todos os artifícios e falsidades e chega-se até a vender a dignidade, como se realmente houvesse preço bastante para a dignidade. Esquece-se a cada passo a honra! E, implicitamente, vai-se esquecendo que o homem é, acima de tudo, poético e religioso, e que ele será tanto mais homem quanto se mantiver obediente a essas determinantes do seu eu.

Por desgraça, o homem anda quase sempre mascarado... E, verificá-lo nada tem de sensacional descoberta. Portanto, se não vou fixar-me por agora na apreciação da dignidade poética do homem desta época, pois que teria de ir longe nos horizontes da crítica, não acho descabido deter-me, durante alguns minutos, na consciência religiosa dos nossos contemporâneos. E, portanto, perguntarei imediatamente: Existe essa consciência? Não existe? Creio não ser confuso dizer-se que ela existe e não existe!... A corrupção vem de longe, mas não é universal, felizmente. Todavia, verifica-se — e com que assombro e tristeza! — ser cada vez maior o número daqueles que, confessando seguir uma determinada religião, apenas desse modo sustentam, com exageros de comodidade, uma situação cuja certeza de lucros é tanto maior quanto maior for a ignorância.

São esses que emprestam ao mundo uma atmosfera de reinado da máscara! E, se me permitem, ilustrarei, sem perda de tempo, o que acabo de afirmar: Na semana passada, uma senhora das minhas relações, que tem ideias e sabe pensar pela sua cabeça, desceu da Estrela para o Rossio, em carro «eléctrico», levando o livro «Rumo às Estrelas», de Dennis Bradley, que andava a ler. Como se sabe, esta obra é, a par de um depoimento desassombrado e convincente do encontro desse ilustre autor inglês com o Espiritismo, um estudo profundo dessa religião-filosofia-ciência, que, através dos séculos, tem interessado o povo anónimo e tem atraído e

GUEDES DE AMORIM

conquistado a compreensão e a adesão de homens eminentes em todo o globo.

Continuando: A certa altura, entrou no carro uma amiga dessa senhora, pessoa nova e espectaculosa, muito dada a luxos e a frivolidades, que, picada de interesse, lhe pediu para ver o volume. Teve-o às mãos imediatamente. Então, voltou algumas folhas, leu duas breves linhas e, ao aperceber-se do conteúdo do livro, devolveu-o: «Credo! Olha se o meu confessor me visse com isso

nas mãos... Para que lês essa porcaria?». A dona do livro respondeu-lhe que, em obras como aquela, estava o verdadeiro caminho para se compreender, além do mais, a inteligência do Cristianismo. A outra, mexendo os ombros, abriu a bolsa e ratificou a pintura dos lábios. Entretanto, o «eléctrico» estacava numa paragem. Subiu um cavalheiro apresentável, dentro de um sobretudo de bom corte, casualmente conhecido das duas senhoras. Também este cavalheiro, mordido por irresistível curiosidade, quis ver o livro. E, depois de ler apenas os sub-títulos de um

HENRI REGNAULT
Redactor-correspondente em Paris

dos capítulos, devolveu-o como se deitasse fora das mãos uma brasa: «Não aprecio balelas de doidos! Tome lá...». Quis saber essa minha amiga se ele tinha lido alguma vez qualquer livro sobre Espiritismo. Disse que não; mas disse-o com pressa e nojo. Entristecida, a senhora não fez nenhum comentário. Sabia perfeitamente que aquele cavalheiro, empregado superior de uma companhia de seguros, era irmão de um padre católico, justamente o confessor da outra... Mas, no Rossio, depois de se ter despedido desses dois inconscientes inimigos do Espiritismo, ficou sèriamente arrependida de não lhes ter provado a sua ignorância.

Quando de tudo isso fui informado, também eu o lastimei. Nenhum verdadeiro espírita deve perder a ocasião de esclarecer os seus inimigos. Nem sempre isso será fácil, mas, quanto a mim, nada o tornará impossível. Estamos no caminho da Verdade e sabemos para onde nos dirigimos. Conhecedores das leis imutáveis do Reencarcionismo, sabemos que, à medida do nosso aperfeiçoamento moral, ou se quiserem, espiritual, subiremos a altos planos de purificação e luminosa fraternidade. E, a final, quem são os nossos adversários? Não podem ser aqueles que querem o esclarecimento e o triunfo da pessoa humana. Na maior parte dos casos, pertencem simplesmente ao número daquela mundana e daquele enfatuado, ignorantes não apenas do alto renome que Bradley deixou nas letras anglo-saxónicas, mas também de que o Espiritismo, como religião-filosofia e ciência, nos dá, com a fé, a certeza.

Além de ignorância, também os adversários do Neo-Espiritualismo dão frequentes provas de medo. E, por esta pusilanimidade, eles seriam sòmente lastimáveis, se não cobrissem a todo o momento esse receio com uma máscara de adesão a religiões de que apenas querem aproveitar-se... Mas o mêdo só é próprio dos caducos e das crianças, segundo a opinião aproximada de Shakespeare pela boca da Macbeth... Sem nos opormos a nenhuma religião, colocamo-nos, por conseguinte, bem acima das que se guerreiam umas às outras e convidamos os nossos inimigos a um conhecimento directo da consciência e da sinceridade dos nossos trabalhos. Entretanto, por cada pedra que nos atirarem, nós repetiremos as palavras do Cristo: «Perdoai-lhes, Pai, que eles não sabem o que fazem». E ninguém nos deterá o passo, pois servimos Deus de olhos abertos.

SAUDAÇÃO

Neste novo ano que principia, ESTUDOS PSÍQUICOS saúda tôda a imprensa que pugna pelo Espiritismo Evolucionista e todos os combatentes que empunham bandeiras de fraternidade e paz universal.

ESCOLA DE MÉDIUNS

(Especial para ESTUDOS PSÍQUICOS em homenagem ao seu 10.º aniversário)

por Nabor da Graça Leite

(Redactor-correspondente de «Estudos Psíquicos» em Baurú)

Que vem a ser *Escola de Médiuns?*

A compreensão que esses três vocábulos nos fornecem é a de que ali se vai *para aprender a ser médium,* do mesmo modo que a criança, ainda não alfabetizada, entra na escola para aprender a ler.

Assim compreendida a escola de médiuns, achamos seria inconveniente e até prejudicial ventilar-se o assunto, se com isso quiséssemos aconselhar a formação de médiuns por escolas entregues e sujeitas mais ou menos à vontade dos homens, coisa que, pelo que

NABOR DA GRAÇA LEITE
Redactor-correspondente em Baurú, S. Paulo

entendemos do assunto, aberraria dos sãos princípios de nossa Doutrina.

De facto, a *Escola de Médiuns,* tomada por muitas pessoas sob aquele aspecto e significação, tem contra ela muitos espiritistas. Nós mesmo, já enfileirámos com os que se colocavam contrários à sua existência, pois, estudando o Espiritismo e nos interessando pelo seu lado prático, sempre verificámos que o médium carece, pròpriamente, de escolas para desencumbir-se de sua tarefa mediunica, de vez que as faculdades que possui e os fenómenos que por seu intermédio se manifestam, independem da sua vontade ou de quem quer que seja do plano material — mesmo daquelas pessoas mais aprofundadas no conhecimento do Espiritismo e moralmente muito evoluidas. A esse respeito, embora tenhamos mudado de pensar, como logo mais veremos, continuamos a achar que, efetivamente, a mediunidade independe, de facto, de qualquer intervenção ou esforço da criatura, por ser um dom divino e, como tal, desabrocha ou surge à revelia nas pessoas que a Providência queira, por assim dizer, assinalar com a sua bondade e amor.

★

Em matéria de espiritismo prático, o que existe aqui e em toda parte, deixa ainda muito a desejar, no tocante à maneira com que, nesses trabalhos, mediùnicamente se conduzem os médiuns.

Uma das coisas que precisamos de ter em conta, por exemplo, é que, via de regra, os médiuns geralmente não possuem cultivo intelectual, o que não deixa, de certo modo, de constituir desvantagem, de vez que a Doutrina Espirita, como todos sabemos, é uma ciência muito profunda, aliada a duas outras partes — a filosófica e a religiosa — que requer capacidade de discernimento, o que não é muito fácil em pessoas de limitado desenvolvimento intelectual. E, mesmo no terreno religioso, aquele que mais preocupa, — com justa razão — a maioria espirita, notadamente no Brasil, o problema da deficiência de cultura dos nossos meios espiritas representa sério problema, dificultando, sobremodo, o maior desenvolvimento da doutrina sob aqueles três aspectos, por processos que em nada desmereçam a excelsitude e grandeza do Espiritismo.

Referimo-nos, aqui, à questão da cultura dos espiritas, porém, sem pretendermos insinuar que para ser espirita é preciso possuir cultura. Longe disso. Achamos até que em parte a falta de cultura da maioria dos médiuns tem profunda significação evangélica, pois, quando Jesus Cristo precisou de desincumbir-se de sua sublime missão terrena, foi também entre pessoas incultas, em sua maioria pescadores, que encontrou os mais eficientes colaboradores de sua obra messiânica. Hoje, inegàvelmente, Jesus continua a recrutar outros colaboradores à continuidade de sua obra, retirados em grande número do meio daquelas pessoas humildes e incultas, embora, como as daqueles tempos, cheias de boa vontade, idealismo e fé.

A pesar disso, é dever do espirita, já que vivemos numa época que em tudo difere daquela, buscar adquirir também o indispensável cultivo intelectual, a fim de que, aliando os conhecimentos ao progresso

moral e espiritual, possa melhormente servir ao Espiritismo. Enquanto, porém, os meios educacionais de todos os países onde a Doutrina dos Espíritos é levada a sério não favorecerem a existência de adeptos mais cultos, em sua generalidade, será justo nos preocuparmos em levar àqueles que possuem faculdades mediúnicas — médiuns, portanto — os necessários conhecimentos do Espiritismo, encarado como filosofia, ciência e religião.

Esse trabalho faz-se necessário para que, assim esclarecidas, essas criaturas sejam efectivamente colaboradoras do Cristo a serviço da Causa do Bem, porque já agora conscientes daquilo que realizam, ou seja a divulgação dos ensinamentos evangélicos à luz do Espiritismo, mas extreme de misticismo e incongruências.

Eis porque se devem criar — aqui a alhures — *escolas de médiuns* — ou sejam grupos formados de estudiosos da Doutrina Espirita, tendo à frente pessoas de certa cultura e, sobretudo, de reconhecida moral, que se interessem viva e sinceramente em aprender as coisas divinas, menos através dos ensinos exclusivamente dos espíritos, ministrados mediùnicamente, do que pelo esforço próprio, valendo-se cada qual do que já existe em nossa vasta bibliografia, em especial as obras fundamentais do Mestre Allan Kardec.

Com efeito, uma coisa digna de observação é a de que os médiuns, geralmente, ignoram ou conhecem apenas superficialmente, as obras fundamentais do Codificador do Espiritismo.

É que, como são médiuns — dizem — não têm grande necessidade de estudar, pois os espíritos lhes ensinam o de que necessitam!

Puro engano. Que os espíritos nos podem ensinar e de facto ensinam sempre, não há a menor dúvida, e ai dos espiritas, mesmo aqueles mais doutos — se não fossem as luzes e orientação dos Espíritos de Verdade. Mas, disto para abolir completamente o estudo que nos cumpre fazer, para termos mérito próprio, vai um verdadeiro abismo.

Essa, exactamente, será a grande tarefa dos dirigentes das — *escolas de médiuns* — incutir nos que as frequentarem o dever indeclinável do estudo e, ali mesmo, estudarem, em conjunto, permitindo-se a troca de ideias, num ambiente de franca camaradagem e fraternidade, em que todos se vejam à vontade para fazerem perguntas ou emitirem sua opinião sobre estes ou aqueles assuntos espiritas. Sem dúvida que aí se não excluirão as manifestações de espíritos, antes será útil se verifiquem após um maior estudo teórico-doutrinário, e como parte complementar necessária a se observarem os frutos dos estudos da *Escola de Médiuns*.

Temos certeza de que, assim entendidas e seguindo semelhante método, as referidas escolas darão sempre óptimos resultados.

Nossos Representantes

É com o maior prazer que incluimos nesta já vasta galeria uma representante da revista em Sacramento, Minas Gerais, onde exerce o cargo de Presidente da Mocidade Espirita, ao mesmo tempo que lecciona no Colégio Allan Kardec, fundado pelo saudoso pioneiro Eurípedes Barsanulfo, chamado com toda a razão o Apóstolo Sacramentano.

Corina Novelino entra em boa hora na tripulação deste brigantim espiritual. Vem cheia de fé e de mocidade, certa de que poderá tomar conta de um reduto

CORINA NOVELINO
Representante em Sacramento, Minas Gerais

e defendê-lo com o seu entusiasmo contagioso e sadio. Habituada à propaganda escrita, fácil lhe será reunir elementos valiosos para auxiliar o fogo sagrado que ateamos há dez anos e se tem mantido sempre em forma, a pesar dos ventos que às vezes sopram contrários.

Admiradora da nossa KYLAS agora ausente e da sua Página Infantil, *com ela decerto colaborará, aumentando assim o património moral que esta secção guarda no seu cantinho. É a segunda mulher que, do Brasil distante mas pertinho do nosso coração, vem ligar-se à grande família de* Estudos Psíquicos. *E traz a alma trasbordante de alegria por comunicar-se com amigos deste lado do Atlântico. Que Deus a traga e a conserve em nossa companhia. E que outras colaboradoras brasileiras lhe sigam o exemplo, porque esta revista pugna e pugnará sempre pela dignificação da mulher, a mais bela obra da criação e sem a qual o mundo seria um deserto inabitável. As nossas afectuosas saudações à nova colaboradora, num pensamento fraternal de grande simpatia!*

A Mediunidade entre os Indígenas

por António J. Martins

(Redactor-correspondente de «Estudos Psíquicos» na África Equatorial Francesa)

A mediunidade, que data de todos os tempos, não está circunscrita aos povos civilizados. De acordo com a escala evolutiva dos seres, as suas manifestações são sempre adequadas ao meio em que se produzem. De carácter nobre e elevado para os cultivadores destes divinos preceitos, revela-se de natureza inferior para os seres menos evolucionados. Fenómeno natural e espontâneo, mas sujeito à lei das afinidades e das vibrações harmónicas, surge sempre onde quer que o homem habite. É o sinal da sobrevivência que muitos negam e a certeza da imortalidade que outros não admitem, a patentear-se ao homem com o cunho indelével das grandes verdades naturais e divinas.

ANTÓNIO J. MARTINS

A África, com as raças que compõem a sua população heterogénea, não escapa à regra. Os seus habitantes, em atraso moral evidente, possuem, no entanto, noções distintas e apreciações sensatas relativamente aos problemas do ser e do destino da alma humana.

As manifestações mediúnicas são consideradas sob o ponto de vista natural do intercâmbio entre o mundo invisível e o mundo material. É a vidência, de entre todas, a faculdade mediúnica mais vulgar entre estas gentes, e, como é o fenómeno que mais satisfaz os sentidos humanos, resulta para eles numa certeza absoluta e justificada que nada pode destruir.

Dos centros civilizados onde o homem branco impôs a sua mentalidade chamando à luz da civilização e da fé milhares de almas vivendo ainda em condições de manifesto atraso material e espiritual, até às mais recuadas aldeias da selva, a comunhão dos mortos com os vivos é constante. Interrogados sob vários aspectos da curiosa vida que estes seres humanos apresentam à vista do observador que sabe captar-lhes a confiança, o europeu fica sempre surpreendido com as respostas repassadas de bom senso e de lógica irrefutável. Aquilo que muitos escritores têm apresentado como casos de feitiçaria, encantamento, magia negra, etc., não são mais que a normal evocação dos mortos a quem pedem conselhos e auxílio. A tradição é constantemente alimentada através dos médiuns videntes que eles possuem em número incalculável. Medrosos por natureza, comenta cada qual a seu modo a razão da aparição dos mortos. Para uns é o descontentamento que leva o desaparecido a mostrar-se e, de olhar severo, repreender quem lhe herda os bens e as mulheres, por falta de respeito ao uso e às tradições. Para outros, é a saudade que os atrai ao meio onde viveram, espécie de nostalgia a que não podem resistir. Noutros casos são as paixões violentas e o desejo de vingança que se traduzem por obsessões e possessões levadas aos extremos da loucura.

O indígena sabe que possui dois corpos: o que perece e o que nunca morre, e explica que é com este que os mortos se apresentam aos vivos. Esse corpo, a que eles chamam N'DOKI (duplo invisível), é o que lhes merece toda a atenção e carinho. Extraordinàriamente supersticiosos, atribuem aos mortos a razão dos seus revezes e infelicidades e da boa ou má produção das suas plantações. Se as colheitas não são boas e há muitos mortos na aldeia dois ou três anos seguidos, há que procurar a razão de tão grandes desgraças, e não raras vezes os seus videntes

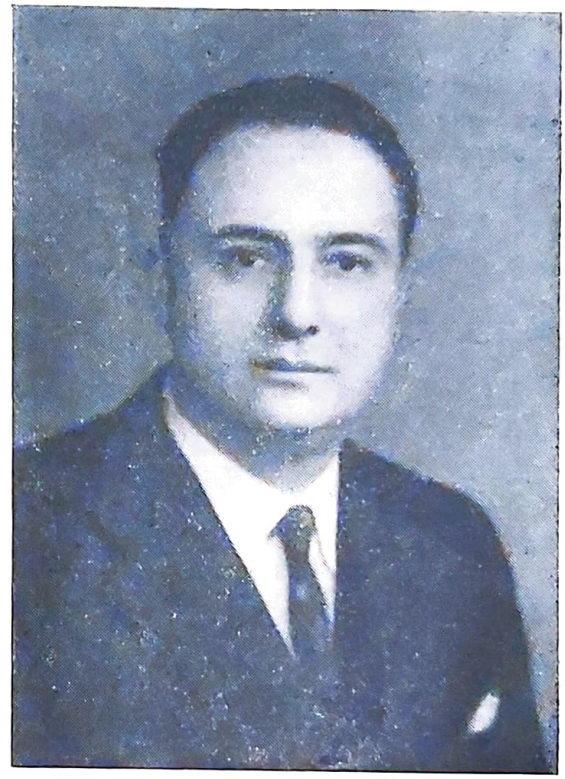
garantem ver as almas dos maus que habitaram a aldeia afirmar que tudo correrá mal, enquanto a aldeia não for abandonada. Assiste-se então ao espectáculo curioso e certamente único no mundo de, em conselho, os entendidos resolverem o rápido abandono da aldeia. Instalam-se então em qualquer colina próxima a cinco ou dez quilómetros para além da aldeia considerada inabitável, por ser dos maus espíritos que, mesmo depois de mortos, não querem ver as suas casas habitadas por outros. E é tal o respeito que sentem pela propriedade alheia, que, nestes casos, nada do lugar considerado «mal assombrado» é retirado.

Todo o viajante verifica, com pasmo e sem saber explicar a razão de tão estranhos costumes, as aldeias abandonadas ao longo das estradas e caminhos, com as cubatas a cair, as ruas onde ainda verdejam a planta do ananás, a bananeira e as numerosas laranjeiras que «à tort ou à raison» os vivos abandonam aos mortos que habitaram o lugar, para que a paz entre os dois mundos não seja perturbada.

Estes costumes, para os ateus e materialistas, talvez sejam produto da imaginação supersticiosa das raças atrasadas que habitam este Continente; mas temos de concluir que as casas «mal assombradas» de todos os povos civilizados, abandonadas pelos seus habitantes, sob a acção de fenómenos estranhos e forças desconhecidas, são uma e mesma coisa e têm por princípio e fim a mesma causa. O Homem, onde quer que tenha existido, sempre teve a intuição da sua imortalidade. No estado semi-selvagem ou gozando os primores da civilização dos nossos dias, nunca deixou de sentir que o princípio inteligente que nele existe, que o faz pensar, amar e agir, nada tem que ver com o invólucro carnal, que só representa alguma coisa quando animado por essa partícula divina a que chamamos alma ou espírito. Retalhai o corpo, decepai-lhe os membros e elé continuará a viver enquanto não for abandonado pelo fluido inteligente que o anima e dirige.

O médium é o veículo receptor das mensagens acordes ou discordes que nos chegam do mundo invisível, como invisíveis são, e todavia reais, as ondas hertzianas que vagueiam no éter e que um aparelho adequado põe à disposição dos nossos sentidos. Que seja na Índia, no Egito, na antiga Grécia ou na velha Roma, os fenómenos da mediunidade, frequentíssimos e reais, deram sempre testemunho da continuação da vida e foram sempre fonte de grandes inspirações, de grandes revelações morais, os transmissores da energia divina que impulsionou e animou as maiores glórias da história universal. Os livros sagrados estão cheios de exemplos. Moisés, recebendo as tábuas da lei no monte Sinai, Khrisna, Confucius e Buda recebendo no isolamento das florestas asiáticas as inspirações do Alto, o Cristo no monte Tabor, como Joana d'Arc em acção ao som das misteriosas Vozes, são testemunho máximo da comunhão de dois mundos: um que se debate entre paixões e vícios de toda a espécie, paralisando, numa vida inferior, os anseios da alma no seu voo para o Eterno; outro que lhe estende os braços e pela voz autorizada das Grandes Entidades do espaço, Glórias da Inteligência do Cosmos e pérolas da corôa divina, tenta arrancá-lo do caos, do sofrimento e da miséria moral em que se afunda no círculo das vidas inferiores.

Mediunidade gloriosa e radiante! Mediunidade divina e luminosa! Ascenda para todos Vós, Divinos Protectores, que formais essa plêiade de Astros



ACHILLE BIQUET
Redactor-correspondente em Liège, Bélgica

Aurifulgentes, o nosso eterno amor num pensamento reconhecido pelo muito que tendes feito em prol da humanidade cega e endurecida!

Mas, ao lado desse Foco inspirador da ciência e das divinas virtudes, forças preciosas e não menos activas se esforçam por esclarecer o pensamento humano com a revelação das grandes verdades do Além-Tumulo. Revelações de carácter transcendente ou de mediocre interesse, todas tem um fim designado. As primeiras dirigem-se às almas já preparadas para compreender e sentir a luz espargida pelo Divino Pensamento; as segundas são para os que ensaiam os seus primeiros passos da vida inter-mundos, com as perspectivas do seu grandioso futuro. Estão neste caso as numerosíssima raças que povoam estas remotas paragens.

A MISSÃO DE JESUS

por Fernando da Cruz Ferreira

XXVIII

Eis, porém, que nesta extremidade da vida, nesta última hora, volta o Pai de família... Ele!? Ele outra vez?... Ainda Ele?... Mesmo nesta hora?...

O homem feliz, que o ouve, espanta-se mas não se desculpa. Há nesta bondade insistente do amo que volta, a manifestação da infinita bondade de Deus.

Para que dizer-lhe: perdemos já as forças, as nossas pernas trémulas mal nos deixam

FERNANDO DA CRUZ FERREIRA
Colaborador e benemérito da revista

caminhar; em obra tão grandiosa, o nosso trabalho não será ridículo?...

Ele, patrão, sabe-o bem. Ele sabe bem que não temos senão uma hora e um sopro de vida e, não obstante, ainda assim, voltou.

E o obreiro parte cheio de zelo. A alma confunde-se, transbordando de arrependimento e de amor. Quereria tudo recuperar, encarregar-se de tudo, fazer tudo; parece que, como sucede com as águias, a sua mocidade se renova: a oração, o arrependimento e a boa vontade choram e compensam o tempo perdido...

O pobre obreiro tem consciência da sua inutilidade, não como motivo de desânimo, nem de desespero, mas pelo sentimento humilde e verdadeiro da misericórdia de Deus, que assim se inclinou para o ser inútil.

O Senhor continua expondo a formosa parábola e seus discípulos absorvidos não sentem, nem o excessivo calor, nem o pó da estrada.

Agora chega o momento de ajustar as contas: todos os obreiros ali estão...

Adiantam-se, um a um, e eis que são primeiro chamados os que chegaram em último logar e quase nada fizeram. Nenhum ajuste se tinha feito com eles e eles nada pediram.

O Pai de família tinha-lhes dito simplesmente: «Ide, pagar-vos-ei o que for justo».

Confiados em tais palavras, foram. E esta confiança e este contentamento já os eleva aos olhos do Senhor da vinha.

Seguiram humildes, compenetrados das suas misérias e isto completa no espírito do Amo, tão bom, o direito à recompensa, pois que um coração humilde é o vaso necessário, — resistente e puríssimo — o vaso digno de receber a graça que Deus quer nele derramar.

Recebem, pois, todos eles, verdadeiramente surpreendidos, a sua demasiada recompensa.

Vêm os outros por sua vez: julgam-se certamente com direito a mais; mas, contra a sua expectativa, nada mais recebem.

— Faço-vos algum dano? Prejudico-vos de qualquer forma? Sois vós maus por eu ser bom?... Assim, os primeiros serão os últimos.

Pois quê? Podem esperar-se, deste misericordioso Senhor, todos os dons, os dons mais altos, por um trabalho tão minguado? Não é a importância do trabalho que conta?

— Seja! Que tempo será preciso para fazer de um miserável um santo? E será pre-

ciso mesmo vir a ser santo? Mesmo começar a ser santo?

Parece que outros trabalharam mais, e muito mais aguentaram as fadigas do violento trabalho diário.

O Senhor terminou a admirável parábola naquela estrada poeirenta. Aqueles que o tinham seguido desde o princípio, semelhantes aos obreiros diligentes, escutavam-no com uma certa decepção, sem grande gosto talvez e... como eles, igualmente se admiravam!...

Recordaram-se, porém, mais tarde, da parábola dos obreiros da undécima hora; João, ao menos, o único dos doze presente no Calvário, dela se recordou quando o Mestre, ao desprender seu espírito, a realizou, ainda muito além do que tinha dito.

O malfeitor que a seu lado expirava nas torturas, não só tinha desperdiçado a vida, mas empregara-a toda na prática do mal. Expiava, na cruz, os crimes mais desumanos: o assassinato, o roubo, que sei eu? Chegava ao fim da vida e tinha-a perdido totalmente; acabava cruelmente, não na undécima hora, mas nos últimos instantes da duodécima...

Neste momento solene, seus olhos descançaram sobre Aquele que, a seu lado, crucificado, insultado, escarnecido, vaiado, — tanto como o não era ele, miserável ladrão — pedia a Deus perdão para os seus algozes.

Uma admirável confissão revelou o movimento que se operava nessa alma tenebrosa, brotando espontâneamente...

E dirigindo-se ao companheiro de crime e de castigo, dise: «Para nós é de justiça que soframos, mas Ele não fez mal algum».

E — voltando a cabeça a custo, para o Divino Mártir, — humilde, mas confiado, de uma confiança inefável, porque o via tão cheio de bondade:

— Senhor, lembra-te de mim quando subires para o Teu reino...

E a voz já débil do Salvador, a expirar, numa derradeira agonia, acolheu aquele que vinha a Ele: e de que sublime maneira?

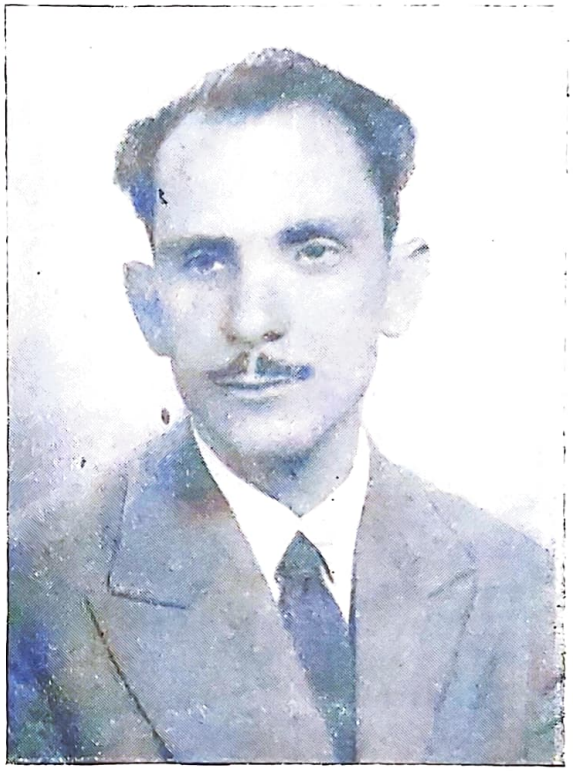
— Hoje mesmo estarás Comigo no Paraizo.

Um minuto, um movimento de coração, algumas palavras... e o obreiro inútil, o mau obreiro de há um instante, absolvido, bem-aventurado, com a miserável vida passada repelida como uma veste suja e esfarrapada, recebia do Amor, como salário, uma túnica luminosa e bela.

Nossos Representantes

Mais um amigo vem, por intermédio do Professor Leopoldo Machado: Geraldo de Oliveira, residente na cidade de Taubaté, Estado de S. Paulo, Brasil, onde exerce grande actividade espirita.

Filho de pais católicos, ali nasceu em 31 de Março de 1911 e foi criado nos mesmos princípios. Desde os tempos da escola que sentiu vocação para as letras e para a oratória. Estudioso dos problemas sociais e científicos, descreu do catolicismo e ficou indiferente às coisas religiosas, vendo nelas um obstáculo aos seus anseios de mais dilatados horizontes.



GERALDO DE OLIVEIRA
Representante em Taubaté, S. Paulo

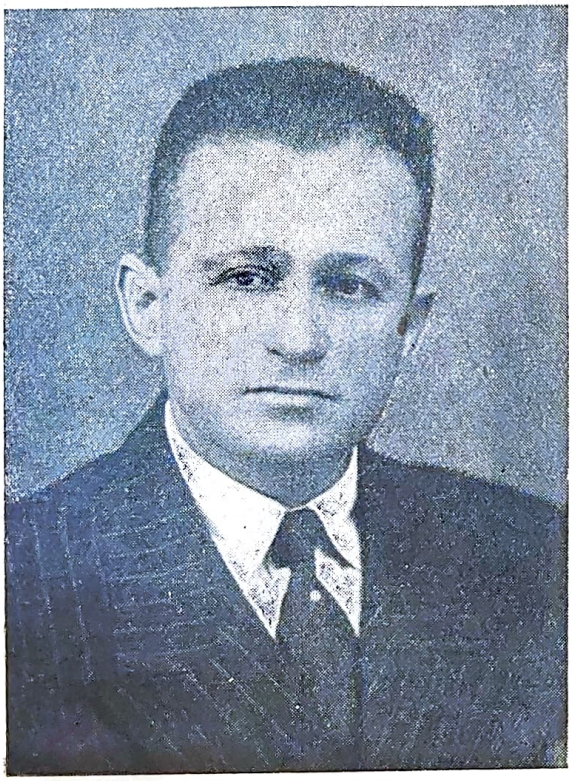
Em 1939 foi colhido por imprevistos que lhe mudaram o rumo da existência e as forças espirituais levaram-no a estudar o Espiritismo. Em 1945 desencarnou-lhe a companheira e o sofrimento experimentado impeliu-o definitivamente para o grande sector em que militamos, exercendo suas faculdades mediúnicas e dando à Causa todo o esforço de que é capaz. Actualmente é presidente da Liga Espirita «União e Caridade Irmã Isabel», presidente da União Municipal Espirita, director do jornal «A Folha Espirita», sócio-correspondente da Federação Espirita Brasileira, sócio do Clube dos Jornalistas Espiritas de S. Paulo, delegado da União Federativa Espirita de Educação e Assistência e da União Federativa Espirita Paulista.

Estudos Psíquicos *não podia estar melhor representado em Taubaté. Este operoso confrade tudo fará por consolidar a nossa posição naquela cidade paulista, conforme seu e nosso desejo. Um abraço de saudação e boas vindas ao amigo Geraldo de Oliveira.*

A Moral e os Recursos da Natureza

por Deolindo Amorim
(Redactor-correspondente de «Estudos Psíquicos» no Rio de Janeiro)

Entre o passe magnético e o passe espírita, conquanto ambos produzam efeitos curativos, há distinção evidente. Ainda há pouco tempo, encontrando-se no Rio de Janeiro, o Dr. Ariobaldo Lelis, residente em Vitória, capital do Estado do Espírito Santo, ex-presidente da Federação Espirita daquele Estado, médico



DEOLINDO DE AMORIM

há longos, fez uma conferência sobre este assunto, na Liga Espirita do Brasil. Demonstrou o abalizado conferencista que o passe magnético pode ser perfeitamente explicado nos domínios da Física, desde que se tenha conhecimento das leis do Magnetismo. Lembrando que tanto em determinados minerais, como em árvores e animais pode ser encontrada a força magnética em potencial bem adiantado, estabeleceu, de maneira magistral, o paralelo entre o passe espirita e o passe magnético.

É verdade que tanto se faz cura pelo passe magnético, e há numerosos factos a este respeito, como pelo passe espirita. Mas o passe magnético é de origem humana, enquanto o passe espirita é de origem espiritual. Embora se trate de elucidação elementar, visto que qualquer estudioso do assunto sabe que há pessoas dotadas de força magnética muito adiantada, ainda existe confusão neste terreno. Confusão, aliás, sem razão de ser, porquanto o passe espirita não provém do fluido animal, embora tenha necessidade do fluido humano. Sabe-se que o médium, com seus fluidos próprios, colabora com o espirito. Mas é preciso ter em vista que o médium não passa de instrumento do espírito. O passe não é do médium, mas do esprito, cujos fluidos, ninguém o negaria, se combinam com os fluidos do médium. Há, entretanto, quem ainda confunda o médium com o magnetizador.

A mediunidade está sujeita a sanções morais. O médium não é uma criatura biològicamente diferente das outras, nem é um ser privilegiado. Mas, em função da mediunidade, que tem um fim superior, em qualquer grau em que se manifeste, o médium não deixa de ter grande responsabilidade moral. A confusão entre o médium e o magnetizador pode trazer prejuizos de ordem moral, justamente porque, uma vez reduzida a mediunidade ao valor de uma força puramente humana, cai muito a responsabilidade do médium. O magnetizador, conforme seja a sua concepção da vida ou as suas tendências morais, poderá dizer que o fluido animal é seu, e que, portanto, faz desse fluido o uso que quiser; o médium, porém, não pode dizer assim, porque a mediunidade trás uma soma não pequena de deveres morais, sobretudo porque a faculdade mediúnica vem para o progresso espiritual e não para fins exclusivamente materiais.

★

Em sã consciência, todas as forças que a natureza põe a serviço do homem devem ser empregadas para o bem. O magnetismo, de qualquer forma, é uma força que o homem não *inventou* nem adquiriu por compra. Logo, à luz de razão e da moral, a força magnética não é também *propriedade* do magnetizador. O homem, a final de contas, não é *dono* de

nenhuma força da natureza. Mas é sempre necessário considerar que a mediunidade se distingue do magnetismo, porque tem leis e fins especiais. O magnetismo, entretanto, não está absolutamente, como pode parecer, fora da lei moral.

O facto de um indivíduo ter força magnética e não provir essa força de entidades espirituais, o que mostra a distinção entre o *passe* espirita e o *passe* magnético, não quer dizer que o indivíduo pode utilizar o magnetismo para fins de exploração. Quando o magnetizador tem boa formação moral, quando sabe, portanto, fazer bom uso de suas faculdades, não emprega a força magnética senão a serviço do bem. A distinção entre o magnetismo e a mediunidade não exclui o magnetizador da sanção moral quando faz de seus poderes magnéticos um instrumento do mal.

A doutrina espirita mostra que todos os recursos da natureza devem ter fim útil, porque esses recursos pertencem à grande obra da criação divina. Como a mediunidade, o magnetismo, os dons da inteligência, todos esses recursos podem ser úteis ou maléficos, conforme o estado moral de quem os possui. O magnetismo é, igualmente, um instrumento do bem, um meio de se aliviar o sofrimento do próximo. Logo, esse instrumento, que não é, convém repetir, *propriedade* do homem, deve ter aplicação honesta. Tanto em relação ao médium, que é instrumento dos espíritos, como em relação ao magnetizador, que é instrumento de forças da natureza, o «denominador comum» é sempre a moral. Sem a moral ensinada e exemplificada por Jesus, tanto a mediunidade como o magnetismo, como quaisquer outros dons, são instrumentos perigosos a serviço do mal. Implante-se a moral no homem, e todos os dons, venham da natureza ou do mundo espiritual, serão empregados para o bem da humanidade. A moral, portanto, é o bastão com que o homem há-de dirigir e utilizar os recursos que recebe da Providência.

Assim abroquelado, o verdadeiro magnetizador poderá conseguir autênticos milagres terapêuticos, tendo sempre em vista o auxílio que o Alto nunca regateia a quem trabalha desinteressadamente, utilizando os recursos infinitos da Natureza.

O charlatanismo é que se deve evitar sempre, em benefício de uma doutrina de amor e caridade que procura elevar o homem, imunizando-o o mais possivel contra os germes derrotistas que buscam a sombra para exercer a sua acção maléfica.

DR. JAIME MONTEIRO DE BARROS
Representante em Ribeirão Preto, S Paulo

D. MARCOLINA ALVES
Colaboradora e amiga de *Estudos Psíquicos*

FLUIDOS FOTOGRÁFICOS

O CORPO HUMANO É UM CONDENSADOR PERISPIRITAL

por Tito L. Bancéscu

(Redactor-correspondente de «Estudos Psíquicos» em Rosário, Argentina)

(Tradução de I. D. S.)

O novo redactor que hoje enfileira no sector de Estudos Psíquicos *é romeno de origem, pois nasceu a 2 de Novembro de 1889 na província de Bucovina, onde se bacharelou, ingressando, depois, no quadro do funcionalismo público. Em 1909 emigrou para a República Argentina e ali desempenhou várias actividades, desde jornalista a empregado da Empresa Ferroviária de Rosário. Em 1925 entrou no periodismo local, colaborando primeiro nos vespertinos* Reflexos *e* Democracia *e mais tarde em* La Capital, *de que foi redactor e onde trabalha desde 1931.*

Traduziu do romeno e do alemão uma série de livros de carácter pedagógico e social e colabora actualmente nas revistas espiritas Constancia *e* La Idea, *de Buenos Aires, e em publicações profanas. Além disso, desempenha as funções de secretário da redacção do mensário* La Voz Espiritista *de Rosário.*

Faz parte da Agrupacion Estudiosa Dr. Gustavo Geley, *da mesma cidade, e ajudou a fundar recentemente a* Federação Espirita Rosarina, *com sede na Rua Catamarca 2.016. Este acontecimento foi precedido de dois actos públicos num grande teatro, em que falaram José S. Fernandes, Luiz M. di Cristoforo Postiglioni, Albíreo Barcón, Santiago A. Bossero e Mânio Rinaldini.*

Tito L. Bancéscu é um plumitivo original e cintilante que conhecemos há muito, através de seus artigos substanciosos, e temos a certeza de que será muito apreciado pelos leitores.

O trabalho que escolheu para a sua estreia nesta revista é de alto alcance experimental e filosófico e demonstra a sua formação mental e o seu desejo contínuo de aperfeiçoamento. Um elemento deste quilate muito contribuirá para que Estudos Psíquicos *continui a manter o crédito de boa revista.*

Daqui lhe enviamos o nosso abraço fraternal, fazendo votos para que o seu entusiasmo não esmoreça.

TITO L. BANCÉSCU

O problema das radiações fluídicas ainda não foi resolvido definitivamente. Os experimentadores de autoridade científica já o encararam nas últimas décadas. Claro está que os que se dedicam às experiências paranormais com critério puramente materialista vão atrás de localizações cerebrais, buscando afanosa e estèrilmente o alicerce da consciência, se é que não se baseiam no já decantado paralelismo psico-fisiológico, atribuindo ao cérebro qualidades manufactoras de... pensamentos.

Pelo contrário, os que recorrem aos métodos dinamopsiquista, isto é, do espírito, têm a convicção de que tudo é magnetismo no universo, cujos fluidos exercem nesses trabalhos experimentais uma influência transcendente.

Sem dúvida que a magnetologia é uma ciência ainda muito pouco conhecida e estudada. Mesmer foi objecto da mais grosseira zombaria da sua época e que ainda preocupa alguns profissionais da medicina, em especial os metapsiquistas. Também nos centros espiritas é costume ministrar passes magnéticos (1) em que não intervêm seres extra-terrestres. Este é outro problema que igualmente

(1) No Centro Espiritualista Luz e Amor, há muito que se não fazem trabalhos magnéticos, em virtude da lei que os proibe — *Nota do Tradutor.*

reclama aturado estudo, simplesmente porque os passes magnéticos estão em relação directa com a saúde de quem os aplica. Se o magnetizador goza boa saúde física e moral poderá fazer milagres; de contrário, as moléculas desprendidas do seu organismo enfraquecerão ainda mais o doente.

Os passes magnéticos espirituais provenientes do médium em possessão também merecem o necessário estudo da parte do director das experiências mediúnicas. O ambiente moral dos Grupos deve estar saturado de vibrações psíquicas de elevada categoria, visto nessas experiências se produzirem amalgamentos de fluidos do plano terrestre e extra-terrestre. Se em determinadas circunstâncias as sessões mediúnicas se malogram, é porque não se presta atenção às radiações fluídicas que fazem parte integrante do que os espíritos desencarnados denominam «laboratório invisível».

Acerca da existência dos mencionados fluidos, diz Iodko, um dos sérios investigadores deste problema :

«O século dezanove é chamado, com justiça, o século do vapor e da electricidade; o século vinte será seguramente o do éter, o do magnetismo e de outras forças da Natureza cuja existência apenas suspeitamos.

«Colocados no éter, condensamos mais ou menos este agente, produzimo-lo, emitimo-lo; numa palavra: estabelecemos uma troca perpétua entre o nosso organismo e o éter ambiente, sem disso termos consciência. Mas quando há desequilíbrio nesta permuta, os fenómenos apresentam-se-nos com maior ou menor insistência.

«Sobrecarregado o organismo com esta força em que nos encontramos, aparecem fenómenos novos, mas não tanto, que os magnetizadores e os médiuns os não tenham pressentido. Para sobrecarregar o organismo sirvo-me da electricidade; e quando ele ou os agentes que nos rodeiam se condensam, pode transmitir-se um telegrama através do corpo humano, aparecem logo os efeitos luminosos nós tubos de Geissler e na garrafa Crookes, e no nosso organismo se produzem raios Roentgen sem contacto. Os eflúvios que se desprendem do corpo humano tornam-se visíveis e podem fotografar-se.

«Acabo de vos dizer que me sirvo da electricidade e devo acrescentar que a aplico em virtude de uma teoria que me é peculiar e não está em completa harmonia com as teorias correntes. A princípio emprego pouca energia: uma corrente de 1 a 2 volts, pondo em acção uma bobina de Rumkorff e basta-me dar uma faisca de 2 centímetros. Um polo da bobina está em ligação com o ar atmosférico e o outro ligado a um fio condutor que ponho na mão do sujeito da experiência, mediante um isolador de vidro. O corpo humano é um verdadeiro condensador; os gânglios e os plexos podem ser considerados como batarias e os nervos como condutores. A Natureza faz sempre em grande o que a arte faz em pequeno, e a influência que vem da pilha e da atmosfera através do único fio de que me sirvo, imita absolutamente o ar carregado de electricidade».

Depois, termina o mesmo autor: «Logo que se põe a bobina a trabalhar, não se notam as suas vibrações. Com uma das mãos, o experimentador pega na extremidade do fio condutor e com a outra pega no receptor de um telefone isolado de toda a comunicação. Colocando este receptor no ouvido de qualquer pessoa, esta percebe muito claramente as vibrações da bobina. Se o experimentador levar o receptor ao ouvido, não ouve nada; mas se outra pesoa puser o dedo sobre o parafuso de pressão do receptor, o primeiro ouve nìtidamente todas as vibrações (1)».

Na opinião deste investigador, as vibrações individuais estão em relação directa com as suas energias vitais. E ao analisar a iluminação do tubo de Geissler, os Raios X e o tubo de Cookes, consegue fotografar os eflúvios magnéticos. Com auxílio do método electrográfico, obtém, sem objectiva, a fotografia dos eflúvios desprendidos do corpo humano.

II

Mas o que chama ainda mais a atenção é o resultado de outros investigadores, como Baraduc, que conseguiu fotografar fluidos semelhantes nas aves. Vejamos o que ele diz a tal respeito:

«Sobre uma prancheta de madeira fixei um pombo em cruz, com as asas e as patas estendidas; depois cubri-o, colocando-lhe sobre o coração uma placa fotográfica. Em seguida, cobri a placa e o pombo com um recipiente tendo o cuidado de só trabalhar à luz vermelha. Quando revelei a chapa, encon-

(1) Quintin López Gómez, *Ciência Magnetica*, Editora Mucci, Barcelona.

trei-a crivada de pequenas manchas em forma de pérolas ou de grãos. Para explicar este fenómeno, é preciso admitir que a ave aterrorizada tivesse, em obediência ao instinto da conservação, feito apelo a toda a sua energia e nessa manifestação activa projectasse no exterior toda a força vital de que dispunha. Entretanto, defendeu-se; as chapas apresentaram os mesmos sinais; mas quando se habituou e o seu coração começou a latejar com normalidade, a placa traduziu realmente a desaparição do terror, em virtude da fadiga do coração. Neste momento sacrificou-se o pombo e coloquei-lhe outra chapa sobre o peito. Esta registou uma série de ondas em torvelinho que abarcavam toda a superfície em contacto com o membro lesado. Não se vê aqui a projecção da força; vê-se, pelo contrário, uma atracção, uma absorção da força externa. Na sua debilidade, o pombo parece reclamar da vida a vida que se lhe escapa, como os pulmões reclamam do ambiente o ar que lhes falta. É o inconsciente a pedir auxílio ao invisível. Chegou a morte e a chapa recolheu os últimos suspiros, que se esboçaram em estratos velados, diáfanos e vaporosos, isto é, totalmente diferentes dos outros. Finalmente, coloquei outra chapa sobre o cadáver já frio. Como a vida tinha abandonado o seu envólucro carnal, a chapa nada registou (1).

III

Estas duas experiências são altamente ilustrativas do ponto de vista experimental e documental. Evidenciam claramente que o organismo vivo vibra, oferecendo à micro-física vastíssimo campo que abre novas perspectivas à fisiologia normal e também à supranormal, como demonstra o caso do pombo. A prova da existência do perispírito, tão magnìficamente tratada pelo engenheiro Gabriel Delanne no seu livro «A Evolução Anímica», é incontroversa, até ao ponto de impressionar as chapas.

O materialismo encontra-se ante este problema, que não é capaz de resolver, nem de satisfazer as exigências científicas. Ninguém poderá arguir que se trata de alucinação ou ilusão óptica. As chapas em referência não se deixam sugestionar com o inexistente, com o que é quimérico. Elas controlam a vida e a desaparição da mesma, negada pelo positivismo pouco científico. E dizemos científico, porque a negação não obedece à necessidade, nem ao testemunho, mas tem carácter sistemático. E o que é sistemàticamente negado não é científico.

O Espiritismo dá-nos, pois, a possibilidade de comprovar a existência do perispírito, indivisível do organismo físico e que na evolução palingenésica desempenha função de essencial importância. Ele é o traço de união entre o visível e o invisível. E a parapsicologia prova que este organismo electro-magnético enferma antes do corpo físico, que é um reflexo dele.

Do ponto de vista evolucionista, o perispírito constitui o arquivo milenário da nossa história passada, presente e futura; nele, como agente extremamente sensível, se gravam os nossos pensamentos e as nossas acções. A sua densidade e subtilidade acusa o progresso espiritual e moral dos homens. As suas vibrações de alta ou baixa frequência estão em relação directa com a evolução moral do ser.

Acrescentamos mais ainda: o perispírito, corpo astral ou luz ódica de Reichenbach, é uma espécie de antema que permite a comunicação das entidades do espaço com os habitantes terrestres. De modo que a função do que a psicologia clásica denomina *sub-consciente*, sem até agora o definir de forma precisa, reveste inegável transcendência.

Leia o Romance Sensacional

"O HOMEM DA RUA"

DE

GUEDES DE AMORIM

(laureado pela Academia das Ciências)

Uma obra de grande intensidade dramática, em que se focam altos problemas sociais e se descreve uma convincente sessão de Espiritismo

Leia **"O HOMEM DA RUA"**

Um grande romance dedicado aos que trilham os pedregosos caminhos do planeta à procura de Trabalho, Pão e Justiça

A' venda nas Livrarias e na Sucursal do SÉCULO — ROSSIO

Pedidos à EDITORIAL MINERVA

Rua Luz Soriano, 33 — LISBOA

(1) Depuy, *Sciences Occultes*.

E... AI DE NÓS!

por Nelson Kerensky

(Redactor-correspondente de «Estudos Psíquicos» em Pernambuco

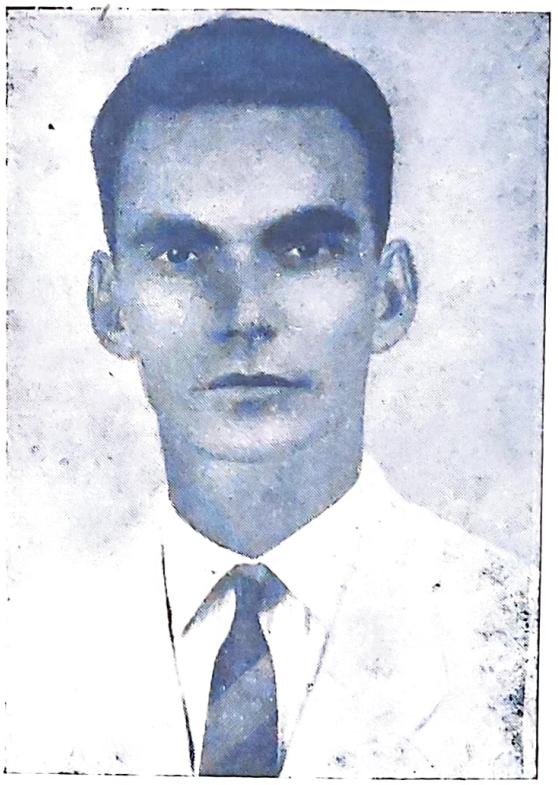
As instituições humanas — nações, classes, clubes, religiões — tanto quanto mais apegadas ou estrictamente baseadas nas necessidades e convenções do mundo, saturando-se de espírito próprio, fomentam a rivalidade, empregam a concorrência e, por toda a parte, em todos os assuntos de que se interessam, provocam a luta. Constituidas por individuos naturalmente egoistas, uns mais, outros menos, porém todos amantes ferrenhos e ferrenhos defensores do que é seu, elas dão nascimento, e cultivam, como objecto imprescindível à sua existência e desenvolvimento, o sectarismo de grupo, cujo redunda em sério obstáculo à confraternização.

O patriotismo, por exemplo, tal como há sido encarado e praticado, bem merece o nome de divisionismo. Sua finalidade mais alta, no entanto, longe de significar o pseudo heroismo das matanças colectivas, cinge-se ao amor, ao respeito e à gratidão que o homem deve sentir pela terra onde nasceu, pelas oportunidades abençoadas do trabalho redentor que ela lhe oferece, pelas comodidades e segurança de vida que ela lhe faculta: longe de se manifestar no formidável poderio militar de pesados vasos de guerra, de possante artilharia, de temível exército e de rápida e capaz aeronáutica, demonstrar-se-ia no esplendor florescente do progresso material e das conquistas pacíficas e universais da cultura, com suas aplicações imediatas no sector do bem-estar colectivo. O patriotismo seria, pois, num homem, aquele amor, aquele respeito e aquela gratidão que não excluiriam, noutro homem, o direito à manifestação dos mesmos sentimentos. Seria, dissemos bem, porque não é. E tal como é não passa de pertinaz provocador de guerras, de adequado instrumento de ódio, de efectivo agente de desentendimento, de destruição e de dor.

As classes, esses aglomerados de homens de aptidões semelhantes, de paladares intelectuais idênticos ou de profissão comum, as classes acham-se outrotanto imbuidas desse *espírito próprio*.

Não escapa ao observador de mediana cultura a rivalidade, o quase desprezo que intimamente se votam os militares, os civis e os sacerdotes. Porque? Não é menor essa animosidade, aliás mal velada, nas subdivisões que há dentro de cada uma dessas grandes classes. Veja-se o que pensa do seu subordinado ou o que este diz daquele; procure-se conhecer o conceito de um jesuita sobre um frade trapista. E, então, na classe dos civis, a mais liberal, a menos regulamentada, a maior de todas, na qual abundam as especialidades e, consequentemente, as subdivisões, é de estarrecer a desarmonia que a infelicita, por obra desse espírito próprio, desse espírito de classe destruidor e separativista. Enfim, investigue-se entre os trabalhadores de todos os campos de actividade humana o que uns pensam e dizem dos outros e pasme-se.

Em verdade, no complexo mecanismo social, uma classe, um grupo, não é nem pode ser melhor ou pior, exactissimamente porque todos são necessários. Sem embargo, não fogem à regra, nem mesmo os clubes de futebol. Todos os agrupamentos, sem excepção nenhuma, vivem da luta, na luta e para a luta. Depois, falam os homens em confiança e apregoam fraternidade.



CAPITÃO NELSON KERENSKY

Considerando-se o temporalismo das instituições citadas e o imediatismo que lhes assinala a existência, compreende-se tal estado de coisas, tal mentalidade mesquinha, mas motora de suas práticas e realizações. Em se tratando, todavia, de religiões, é ina-

dimissível tal mentalidade. Contudo, ela aí não é menos real. As religiões, como qualquer outra organização humana, têm e usam o mesmo espírito próprio, o mesmo sectarismo separativista, o mesmo exclusivismo desagregador. E não fora sabermos que as religiões, tal como existem, são obra dos homens, ficaríamos bem decepcionados com o Criador pela maneira variada e contraditória como se tem apresentado a todos os fundadores de seitas e seus adeptos, deixando a nós outros nessa dolorosa incerteza de assistir a luta fanática e perniciosa, brutal e entravadora, na qual se empenham os mais estranhos grupos de crentes, cada um certo ou se fingindo certo de possuir a verdade, sem que nenhum dê, pelo exemplo, a prova decisiva de semelhante posse.

As religiões são obra das limitações dos crentes. Representam sòmente a deturpação de Uma Verdade Única, universal, já pressentida, mas não entendida e muito menos praticada, porquanto, apregoando-se como exclusivamente certas, exclusivamente verdadeiras, exclusivamente únicas, caem no lugar comum do sectarismo divisionista e fogem à universalidade que caracteriza e deve caracterizar a Verdade. Dessa negação, desse exclusivismo são frutos de triste memória as guerras religiosas, os desmandos inquisitoriais, as noites de S. Bartolomeu e queijandos. E para entrave geral, porque se ressentem do mínimo valor objectivo, além de se basearem em falsos subjectivos, todas essas religiões por aí existentes não só deixaram de melhorar o padrão moral dos homens, como ainda, e isto é o pior, os lançaram à descrença e ao farisaismo nefando dos tempos em curso.

Os factos dizem eloquentemente que a religião, a única, a verdadeira, independe das associações, é infensa ao exclusivismo, escapa às denominações e aos qualificativos e exige tão só — mas quanto exige! — o amor por toda a obra da Criação. De resto, incentiva o espírito associativo. Todavia, dispensa e desaconselha o espírito próprio — egoismo das sociedades.

Às associações de Espiritismo, portanto, compete, de acordo com a época e com a Verdade, promover o estudo, produzir a aproximação entre os homens, orientar as criaturas para o auto-conhecimento e a evolução própria, e, jámais, descer ao lodaçal das competições, excluir indivíduos ou associações, criticar por sistema quem ou o que quer que seja, adoptar praxes ou tradições invioláveis, enfim, praticar o contrário do que acredita e defende.

Lembremo-nos de que a justiça da carne é feita segundo as aparências, escapando-lhe, na maioria dos casos, a razão oculta de tal ou qual procedimento. E principalmente, não nos esqueçamos de que, lá, na vida após a morte, ter sido adepto do Espiritismo não é credencial suficiente: muitos crentes de outras crenças gozarão estádios superiores e serão cicerones espirituais de muitos de nós outros.

Se o Espiritismo entre os homens se transformar em seita, adoptando esse pernicioso espírito de classe, que esfacela e retarda, será a última deturpação que se levará a efeito sobre as dádivas celestiais. E... ai de nós!

DOIS LUSTROS

pelo Coronel Faure da Rosa

Dez anos são decorridos depois que se publicou o primeiro número da revista «Estudos Psíquicos». O que tem sido preciso de esforço e tenacidade para a manter e sucessivamente a melhorar, só pode ser bem avaliado por aqueles que têm acompanhado o seu valoroso Director nas lides do empreendimento.

De bimestral passou a mensal e, a breve trecho, deu o seu nome a uma editora: «Estudos Psíquicos Editora», que conta já quatro livros editados: «Resumo da Doutrina Espirita», «Nos Umbrais do Além», «Luz no Caminho» e «Cientismo e Espiritismo». Num meio escasso de leitores de assuntos espiritualistas, como é o nosso, onde, presentemente, até já faltam os «aguerridos» aficionados de leituras policiais e ainda os patéticos amadores de outras mercancias «azuis» e «cor de rosa», mercê da acentuada diminuição de capacidade de compra, «Estudos Psíquicos» lutaria com grandes dificuldades se, em boa hora, não se transformasse numa Revista Luso-Brasileira, *onde abundam escritores espiritas brasileiros que a enaltecem com os seus artigos. «Estudos Psíquicos» conta hoje com redactores-correspondentes em todo o mundo onde se falam línguas neo-latinas. Não obstante a minha idade avançada e a obrigação moral que assumi de acudir, com a mesma assiduidade, a outros trabalhos neo-espiritualistas, ainda não deixo de dar a minha voz de «presente» em todos os números de «Estudos Psíquicos». Assim continuarei enquanto me for permitido conservar as faculdades de trabalho intelectual, sem esmorecimento, e o instrumento físico tiver capacidade de as projectar.*

A Isidoro Duarte Santos, companheiro de mais de dezoito anos de trabalhos espiritas, as minhas cordiais felicitações com um abraço fraternal.

Notas & Comentários

O NOSSO 10.º ANIVERSÁRIO

Não poderiamos abrir esta secção sem referência especial ao décimo aniversário de *Estudos Psíquicos*. É data jubilosa. Porque não havemos de sentir grande prazer e manifestá-lo abertamente aos leitores? Há dez anos a comunicar com eles em conversa ininterrupta, de amigo para amigo, de irmão para irmão, que admira fazê-lo hoje mais em família, já que a nossa família está reunida neste número?. Todos ou quase todos se encontram nestas páginas, à excepção de alguns que ainda não tiveram tempo de ir ao fotógrafo. Mas não faltarão em números subsequentes. São os nossos amigos dilectos, representantes do pensamento que guia nossos passos, seus pregoeiros e seus guardiões animosos e entusiastas. Quem não trabalhará alegremente no meio de tantos e dedicados obreiros? Quem não estugará o passo nesta jornada permanente em luta contra o erro? Por isso estamos contentes. Por isso expandimos a satisfação de nossa alma agradecida a todos e voltada para o formoso e ridente Brasil, onde muitos segadores acompanham a tarefa de *Estudos Psíquicos*. Acompanham-na e partilham dela, cumprindo deveres para com a Doutrina.

A uns e outros e a todas as publicações em geral que militam no nosso campo apresentamos saudações cordiais em princípio de ano que oxalá traga paz espiritual e desfaça mal-entendidos entre nações e povos obnubilados por sentimentos de violência.

FEDERAÇÃO ESPIRITA INTERNACIONAL

Do Director do *Serviço de Imprensa* da Federação Espirita Internacional, sr. R. L. Serin, acabamos de receber uma circular, informando estar no propósito de promover intercâmbio de relatos e artigos de factos psíquicos ou espiritas com os Grupos mundiais filiados e jornais ou revistas que desejem recebê-los, a fim de os publicar, fechando as notícias com as seguintes palavras: *Do Serviço de Imprensa da Federação Espirita Internacional.*

Achamos interessante a ideia e faremos tudo para lhe corresponder. Da melhor vontade publicaremos aqueles comunicados, desde que estejam dentro da nossa orientação e não sejam demasiado extensos.

PÁGINA INFANTIL

Uma notícia triste e ao mesmo tempo consoladora: KYLAS, nossa querida irmã espiritual que tão sàbiamente tem organizado a secção «Para os Irmãos Pequeninos», saiu de Portugal no exercício da profissão e teremos de contar com a sua ausência durante alguns anos. Acaba de chegar a Angola, onde permanecerá e trabalhará, sempre em contacto com os nossos pequenos leitores, porque mesmo daquelas paragens dirigirá a *Página* a que emprestou originalidade e carinho, mercê do progresso aéreo que encurtou distâncias e fortaleceu laços de amizade entre irmãos espalhados pelo mundo. O exemplo desta colaboradora dispensa comentários. O afastamento físico não a impediu de continuar a tarefa a que se devotou. Faz parte integrante da *Família de «Estudos Psíquicos»*, é um dos seus elementos mais simpáticos e dedicados. Lamentamos não poder inserir a sua fotografia neste número. Um dia o faremos com grande satisfação e aprazimento. Infelizmente, há obstáculos que se não compreendem e preconceitos que melhor fôra derrubar em homenagem ao direito de cada qual manifestar-se livremente, sem receio de represálias ou coacções.

Deixamos de publicar a *Página* neste número, em virtude de nos ter chegado tarde o respectivo original. De Fevereiro em diante sairá com regularidade.

«NOS UMBRAIS DO ALÉM»

É com o maior prazer que informamos os leitores de que o livro «Nos Umbrais do Além», de Sir William Barrett, tradução de Isidoro Duarte Santos, se encontra quase esgotado, a pesar de termos feito uma edição de 2.000 exemplares.

Tratando-se de obra científica e filosófica, é sem dúvida um triunfo evidente, porquanto só os estudiosos procuram livros deste género e por isso mesmo é mais de assinalar o acontecimento. Mais um trabalho que em breve se esgotará, como sucedeu ao «Resumo da Doutrina Espirita», do Dr. Gustave Geley, também traduzido por Isidoro Duarte Santos e publicado em 1945 por *Estudos Psíquicos Editora*. E como temos outras obras entre mãos, é muito possível que não venha tão cedo a reeditar-se. Tomem nota disto os interessados, para que não acordem tarde, quando o último exemplar tenha saido do nosso Depósito...

LA VOZ ESPIRITA

Acabou de chegar à nossa redacção a revista «La Voz Espiritista», do núcleo «Horizontes Psíquicos» de Rosário (Argentina), que tem como secretário o nosso redactor correspondente Tito Lívio Bancéscu.

Trata-se de uma publicação, que desde a primeira à última página se lê com crescente agrado. Começa com um artigo de fundo «O nosso Primeiro Aniversário», seguindo-se um artigo de Carlos L. Chiesa, outro do Dr. Inácio Ferreira, tendo por título «Uma Questão de Consciência». Segue-se-lhe um artigo por Santiago A. Bossero, que é um verdadeiro hino de homenagem a Ernesto do Bozzano. Pedro Casas escreve sobre o fanatismo, e Otto A. Prado, sobre Carlos Malato e a clarividência. Segue-se uma das partes mais interessantes deste número, em que se faz referência ao plano de trabalho da «Escola de Capacitação e Cultura Espiritista» da Federação Espirita. É um programa de trabalhos vasto e de imenso interesse, quer do ponto de vista científico ou filosófico. Este número termina com mais dois artigos: um de Tito Bancéscu e outro de Albireo Barcón Olesa. Em conclusão: é um jornal com leitura variada, de aspecto gráfico atraente e colaboradores competentes. Por isso, daqui enviamos a todos esses amigos do Outro Continente os desejos de felicidades e progressos em favor da Causa.

Noticiário

AUXÍLIO AOS NECESSITADOS

Continuamos a publicar a relação dos donativos recebidos com destino à subscrição do Natal e que agradecemos em nome dos contemplados.

Transporte do número anterior	5.539$00
Aires Vaz Raposo	50$00
João Vicente de Freitas	10$00
Serafim Baltazar Brites	10$00
Lembrança de Cesar Gonçalves e Maria Emília	20$00
D. Maria Alice de Sousa	30$00
D. Luzia Martins Alves	20$00
Ernesto Silva	50$00
Rafael S. Marques	10$00
Astreia, do Rio de Janeiro	50$00
Humberto Álvares da Costa	20$00
S. A. R.	20$00
D. Adelina Nobre e Silva	7$50
António Mendes	10$00
D. Maria Vieira Dias ...	20$00
António Alexandre	20$00
D. Maria Adelaide	10$00
D. Libânia Fernandes ...	10$00
A. G. O. Fi, de Angra do Heroismo	20$00
D. Fortunata C. Bravo	70$00
X, do Entroncamento ...	20$00
X, de Algés	10$00
César Alves	20$00
Albano A. Ribeiro	20$00
D. Zahira Fontes Pereira de Melo	20$00
António M. Nogueiro ...	20$00
D. Rosalina Alves Machado	5$00
Haduindo dos Santos ...	25$00
José de Sousa Figueira	5$00
João Augusto da Costa	10$00
Aires dos Santos Pinto	150$00
Dr. Sebastião Elviro Martins	10$00
António Gonçalves de Campos	20$00
João José Alves	20$00
António Pereira de Almeida	50$00
Duas Anónimas de Castro Verde	20$00
Joaquim Teixeira	10$00
Artur Luiz Pereira	10$00
Z	20$00
Raul F. de Almeida ...	10$00
Alberto Moutinho	50$00
A transportar...	6.521$50
Transporte ...	6.521$50
D. Angelina R. Pinheiro	20$00
D. Silvina C. Duarte ...	50$00
João Marçal	17$50
Torcato Cardoso Ferreira	17$50
Virgílio Godinho Pereira	10$00
Joaquim André	10$00
António José Gonçalves	10$00
Manuel Canaveira	30$00
Dois assinantes de Luanda	40$00
José A. Taveira	20$00
Horácio Matos	10$00
Manuel Leite	10$00
António Oliveira Pais ...	50$00
Manuel Joaquim Santana	50$00
Um ilheu	20$00
D. Adelaide de Jesus Ferreira	20$00
Arnaldo Tavares	10$00
Pelo Espírito de sua mãe	10$00
Pelo Espírito de Joaquim Fernandes	15$00
Anónima	5$00
José A. Gonçalves	10$00
António Martins	50$00
Dr. Júlio Magalhães ...	10$00
D. Sara de Castro	20$00
J. A. Pais de Carvalho	40$00
F. Leitão	20$00
Alvaro Lucas Fanqueira	20$00
Anónima, por alma de sua mãe	20$00
D. Belmira Rocha	48$00
D. Antónia Santos	20$00
D. Maria Duarte Santos	5$00
D. Aurora Pimentel ...	14$00
Alexandre Bacelar	5$00
D. Matilde Rodrigues ...	5$00
D. Adelaide Santos ...	12$50
Anónimo	8$00
Jorge Martins	2$50
D. Alice Barbosa	2$00
D. Belmira de Jesus	28$00
D. Gertrudes Calaça Ferreira	5$00
Total ...	7.291$50

Destes donativos retirámos 6.240$00 para distribuir por 312 famílias que na quadra do Natal puderam ver aumentada a sua ração alimentar. Dos restantes 1.033$00, parte foi distribuida por hospitais e prisões e parte para compra de fazenda, calçado, alimentos e brinquedos distribuídos por oito crianças pobres.

Não podemos deixar de fazer referência à Sr.ª D. Maria Clementina França, nossa prezada colaboradora, pela maneira justa como distribuiu a maior parte das senhas que lhe foram entregues. Se os contribuintes presenciassem o espectáculo impressionante da multidão de necessitados que aqui vieram, principalmente velhos inválidos, sentir-se-iam satisfeitos pela maneira como se destribuiu o seu dinheiro. Foi pouco, bem sabemos; mas prouvera a Deus pudéssemos repetir a acção nos restantes dias do ano.

Àquela sr.ª se deve também a confecção do vestuário oferecido.

Nota curiosa: um rapaz novo bateu à porta e perguntou se era aqui que morava o tenente Isidoro Santos. Que sim, que era. E entregou silenciosamente um sobrescrito com os seguintes dizeres: «A. S., por alma de seu pai». O rapaz desceu a escada e saiu. Abrimos o sobrescrito e deparámos com 1.000$00, sem uma linha a acompanhá-los. Corremos à janela, no intuito de dar um recibo contra a entrega do dinheiro. O homem tinha desaparecido. Prova de caridade e prova de confiança em nós. Temos o sobrescrito arquivado. É que aquele gesto produziu-nos tamanha reacção, que durante dias não nos saía do pensamento. Que Deus ilumine e esclareça a alma de seu pai.

Maria Gonçalves Duarte Santos

PROGRAMA DOS TRABALHOS NO MÊS DE FEVEREIRO

Dia 3 de Fevereiro, quinta-feira, às 21,30 — Sessão do Grupo Reper-Siam, dirigida por Isidoro Duarte Santos.

Dia 5 de Fevereiro, sábado, às 21,30 — Sessão doutrinária com a médium D.ª Maria Cecília Gorina.

Dia 10 de Fevereiro, quinta-feira, às 21,30 — Sessão do Grupo Reper-Siam, dirigida por António Cardoso.

Dia 13 de Fevereiro, domingo, às 16 horas — conferência por António Cardoso.

Dia 17 de Fevereiro, quinta-feira, às 21,30 — Sessão do Grupo Reper-Siam, dirigida por José F. Cabrita.

Dia 19 de Fevereiro, sábado, às 21,30 — Sessão doutrinária com a médium D.ª Maria Cecília Gorina.

Dia 24 de Fevereiro, quinta-feira, às 21,30 — Sessão do Grupo Reper-Siam, dirigida por António Cardoso.

Dia 25 de Fevereiro, sexta-feira, às 21,30 — Sessão do Grupo Amor do Redentor.

Obras de Ciências Psíquicas e Filosofia Neo-Espiritualista

(em depósito nesta redacção)

	br.	enc.
Boa Nova (quadros evangélicos), ditados pelo *Espírito de Humberto de Campos*	15$00	23$00
A Caminho da Luz (História da civilização), pelo *Espírito de Emmanuel*	12$00	
O Consolador, pelo *Espírito de Emmanuel*, resposta a 461 perguntas		25$00
Cartilha da Natureza, pelo Espírito do poeta Casimiro Cunha	15$00	
Crónicas de Além-Túmulo, ditadas pelo *Espírito de Humberto de Campos*	15$00	23$00
Emmanuel, repertório de ensinamentos cristãos, ditados pelo Espírito de *Emmanuel*	12$00	
Há dois mil anos, romance empolgante ditado pelo *Espírito de Emmanuel* (nova edição)	26$00	34$00
30 Anos Depois, continuação do romance supra, pelo *mesmo autor*	26$00	34$00
Lázaro Redivivo, pelo *Espírito do Irmão X*	22$00	
Lira Imortal, versos de poetas desencarnados	8$00	
Mensageiros (Os), pelo *Espírito de André Luis*	24$00	32$00
Missionários da Luz, pelo *Espírito de André Luis*, obra dedicada às pessoas cultas	27$00	35$00
Nosso Lar, pelo *Espírito de André Luis*	24$00	32$00
No Mundo Maior, pelo *Espírito de André Luis*	24$00	32$00
Novas Mensagens de Humberto de Campos	10$00	
Parnaso de Além-Túmulo (maravilhosa colectânea de poesias ditadas por espíritos de poetas luso-brasileiros), nova edição melhorada	30$00	40$00
Paulo e Estêvão (livro famoso considerado pelos eruditos como a mais completa biografia de S. Paulo) (nova edição)	30$00	40$00
Renúncia, romance empolgante e consolador, destinado aos tristes e desesperados, ditado por *Emmanuel*	26$00	34$00
Reportagens de além-túmulo, pelo Espírito de *Humberto de Campos*	18$00	25$00
OBRAS DIVERSAS		
Análise das Coisas, pelo *Dr. Paulo Gibier*	16$00	26$00
Arcanos da Natureza, por *Alexandre Dias*		5$00
Barqueira do Júcar, romance mediúnico, recebido por *J. F. Colavida*	16$00	26$00
O Beijo da Morta, romance mediúnico por *Celestina Arruda Lança*	14$00	20$00
A Casa Assombrada, por *Maria Veleda*	10$00	
O Caso Humberto de Campos, descrição do célebre processo judiciário movido à Federação E. Brasileira e ao médium Francisco Cândido Xavier, da autoria de *Miguel Timponi*. Um grande volume	24$00	33$00
Ciência Divina, pelo *Espírito de Jaime Braga*, recebido pelo médium *Doutor Porto Carreiro Neto*	22$00	30$00
Claustro (O), romance realista acerca da vida eclesiástica, por *Manuel Arão*		25$00
Conselhos a Meu Filho, (colectânea de ensinamentos morais muito interessantes), pelo *Dr. Inácio Ferreira*		15$00
Contribuições para o Espiritismo, por *Alexandre Dias*	12$00	
Cristianismo (O) do Cristo e o dos seus vigários, pelo *Padre Alta*	22$00	30$00
Cruzada Redentora, romance reencarnacionista de fundo histórico, por *António Lima*	30$00	40$00
Curso de Magnetismo Pessoal, por *V. Turnbull*	15$00	
De Jesus para as crianças, a vida de Jesus, pelo *Espírito de Bittencourt Sampaio*	10$00	18$00
Do Calvário ao Apocalipse, pelo *Espírito de Bittencourt Sampaio*	22$00	30$00
Domínio Nefando, por *Arlindo Colaço*		18$00
Doutrina (A) de Jesus, por *Vinicius*	7$00	
Ensinos Espiritualistas, (descrições da vida do além) por *A. Stainton Moses*	20$00	28$00
Eça de Queiroz Póstumo	18$00	26$00
Entre dois mundos (romance), por *Antoinette Bourdin*	16$00	24$00
Expiação, por *Areolino Gorjão*	15$00	23$00
Espiritismo e Medicina, obra em que o autor faz sua profissão de fé espírita, pelo *Dr. Inácio Ferreira*	18$00	25$00
Espiritismo (O) à luz dos Factos pelo *Dr. Carlos Imbassahy*	22$00	30$00
Espiritismo (O) Contemporâneo, pelo *Dr. Martins Velho*	12$00	
Espírito (O) Consolador, pelo *Padre Marchal*	24$00	32$00
O Espírito do Cristianismo, por *Cairbar Schutel*, um grosso volume		40$00
Factos Espíritas, por *William Crookes*	18$00	26$00
Fazenda mal Assombrada, romance por *Alexandre Dias*	18$00	
Fenómenos Psíquicos, pelo *Dr. Alberto Seabra*	18$00	
Fundamentos Científicos do Espiritismo, pelo *Dr. Azevedo e Silva*	10$00	
Funerais da Santa Sé *(Poesias ditadas pelo Espírito de Guerra Junqueiro)*	20$00	28$00
Granja (A) do Silêncio, romance empolgante, por *Paul Bodier*	15$00	23$00
Grandes e Pequenos Problemas (aplicações do Espiritismo aos problemas da vida), por *Angel Aguarod*	18$00	26$00
Herculanum, romance mediúnico ditado pelo *Espírito do Conde Rochester*	24$00	32$00

(Continua na 4.ª pág. de capa)

	br.	enc.
A Intuição, por Walter Newell Weston	16$00	
Livre-arbítrio e determinismo, por *Louis Gastin*	5$00	
Lídia, romance mediúnico, recebido por *J. Suriñac*	18$00	26$00
Loucura (A) sob Novo Prisma, pelo *Dr. Bezerra de Meneses*	18$00	26$00
Magnetismo - Curador, por *Alfonse Bué*	15$00	23$00
Magnetismo e Hipnotismo Curativo, por *Alfonse Bué*	26$00	34$00
Marieta (páginas de duas existências), romance medúnico, recebido por *Daniel Artazú*	25$00	33$00
Martírio (O) dos Suicidas, por *Almerindo Martins de Castro*	10$00	
Memórias de uma alma, romance mediúnico, recebido por *J. Suriñac*	18$00	26$00
Na Sombra e na Luz, romance mediúnico ditado pelo Espírito de *Victor Hugo*	22$00	30$00
Nas Pègadas do Mestre, por *Vinicius*	20$00	28$00
No Limiar do Etéreo (estudos experimentais acerca do fenómeno da voz directa), por *Artur Findlay*	20$00	28$00
Nova (A) Luz, ditado mediúnico de crítica a Maeterlinck, por *George Déjean*	16$00	24$00
Novas Elucidações do 4.º Evangelho, por *João Evangelista*	12$00	20$00
Novos Rumos à Medicina, pelo *Dr. Inácio Ferreira*, ilustrado, contendo os métodos de cura psíquica		50$00
Outro (O) Lado da Vida, por *Carl du Prel*	20$00	
Parábolas e Ensinos de Jesus, por *Cairbar Schutel*		40$00
Para o Alto, contos e apólogos espiritas pelo *prof. Leopoldo Machado*	18$00	
Problema (O) da Sobrevivência, pelo *Dr. A. Lobo Vilela*	10$00	
O Problema do Além e do Destino, pelo *Dr. Alberto Seabra*		20$00
Protestantismo (O) e o Espiritismo, por *Benedito A. da Fonseca*	15$00	23$00
Os Quatro Evangelhos, de *J. B. Roustaing*, 4 volumes		130$00
Revelações de Além-Túmulo, pelo *Dr. Antão de Vasconcelos*	24$00	32$00
Roma e o Evangelho, por *J. Amigó y Pellicer*	20$00	28$00
Rosário (O) de Coral, pelo *Dr. A. Wylm*, médico neurologista	18$00	27$00
Rumo às Estrelas, por *Denis de Bradley*	25$00	
Sabedoria (A) e o Destino, por *Maeterlinck*	20$00	
Salvação pela fé ou pelas obras? — pelo *Dr. Romeu A. Camargo*		20$00
Sessões Práticas do Espiritismo, por *Spártaco Banal*	9$00	
Sessões Práticas e Doutrinárias do Espiritismo, por *Aurélio Valente*	18$00	26$00
Sobrevivência e Comunicação dos Espíritos, por *Osvaldo Melo*		24$00
Sonâmbula (A), romance espírita, por *António Lima*		26$00
Spiritus Maledictus, romance mediúnico recebido por *J. Suriñac*	15$00	23$00
Têm Razão?, pelo *Dr. Inácio Ferreira*, resposta magistral a todos os ataques feitos ao Espiritismo	35$00	50$00
Verdade (A) Espiritualista, por C. *Picone Chiodo*	10$00	17$00
Vida e Actos dos Apóstolos, *Cairbar Schutel*		35$00
Vida (A) Depois da Morte, por *Yogi Ramacharaca*,	16$00	
Vida (A) no Outro Mundo, por *Cairbar Schutel*		22$00
Vingança (A) do Judeu, romance ditado pelo *Espírito do Conde Rochester*	34$00	42$00
Vozes (E as) falaram, novela empolgante, por *Fernando do Ó*	20$00	

Secção Musical

Hino ao Espiritismo, música para piano de *S. A. de Macedo* e letra de *Nelson Kerensky*	6$00	
Almas Gémeas, tango-canção para piano, música de *Oli de Castro* e letra do *Espírito Emmanuel*	6$00	
Canção da Alegria Cristã, música para piano de *Oli de Castro* e letra de *Leopoldo Machado*	6$00	

Leitura para Crianças

O Espiritismo na Infância, por *António Lima*	12$00	
O Meu Diário, por *António Lima*	12$00	
O Evangelho das Crianças, por *António Lima*	12$00	

LEIAM AS NOSSAS EDIÇÕES:

NOS UMBRAIS DO ALÉM, por *William Barrett*-Trad. de *Isidoro Duarte Santos*—Brochado 25$00-Encadernado 35$00

LUZ NO CAMINHO, por *Isidoro Duarte Santos* - Brochada 27$50 — Encadernado 37$50

CIENTISMO E ESPIRITISMO, por *Leopoldo Machado* — Brochado 18$00

Nêstes preços não está incluido o porte do correio. Enviam-se remessas à cobrança, para o continente e ilhas Adjacentes. Para as colónias e estrangeiro, só contra pagamento adiantado, que deve incluir 5 % para porte, registo e embalagem.

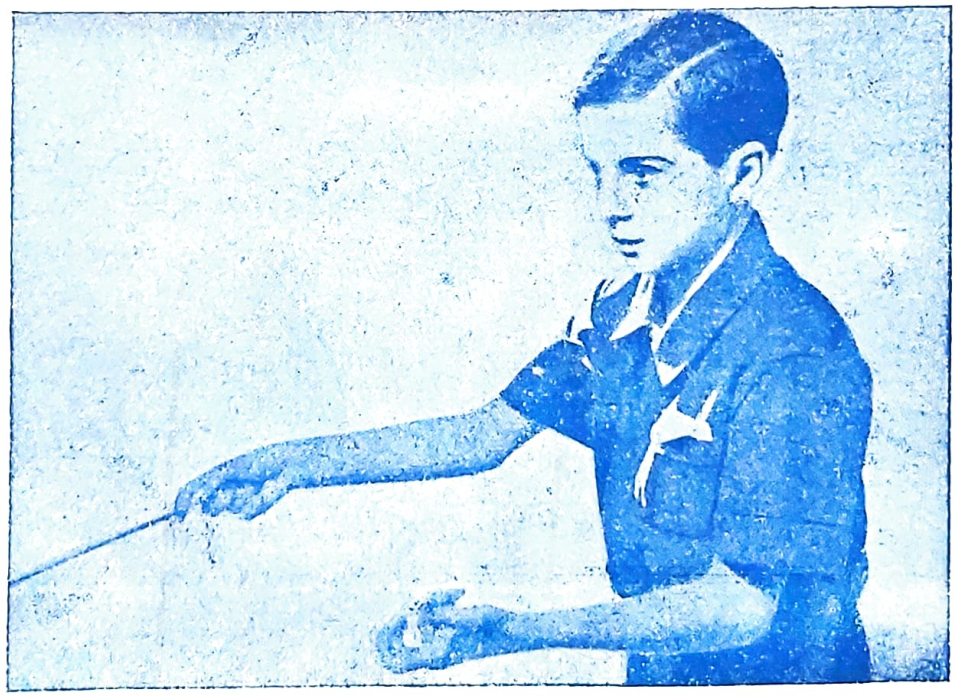
«Estudos Psíquicos» encontra-se à venda em todo o país, ilhas, colónias e no Brasil

«VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA»

ESTUDOS PSIQUICOS

Mensário de Estudos Psíquicos e Neo-espiritualismo Experimental

PIERINO GAMBA



(Vêr página 46)

CONTÉM: Assim é o Mundo, da **Redacção**; Radiestesia, pelo **Coronel Faure da Rosa**; Casa de Repouso para Inválidos Espiritas, por **Henrique Magalhães**; O Ectoplasma, por **Akar**; Pierino Gamba, por **António Cardoso**; Os Precursores do Cristo, por **Damião de Vasconcelos**; A Reencarnação e os Evangelhos; por **A. N. Pinheiro Ramos**; A Missão de Jesus por **Fernando da Cruz Ferreira**; A Personalidade Humana (do livro «Nos Umbrais do Além», de **William Barrett**); O Reino Contra Si Mesmo, pelo **Dr. Djalma de Matos**; Coração e Inteligência, por **Mariana Mendes Palma**; Para os Irmãos Pequeninos, (Página Infantil, dirigida por **Kylas**); O Optimismo Criador, por **Tito L. Bancéscu**; A Semana Espirita na Cidade de Baurú; Consulta Significativa, por **Natálio Ceccarini**; Da Energia para a Matéria, por **Ramos Pereira**; O 3.º Congresso de Confraternização, por **J. B. Chagas**; Crónica Estrangeira, por **Isidoro Duarte Santos**; Livros de Todo o Mundo, comentados por **Ramos Pereira**; Notas & Comentários; Noticiário; Livros Novos.

10.º ANO — FEVEREIRO DE 1949 — N.º 2

ESTUDOS PSÍQUICOS

REVISTA MENSAL — AO SERVIÇO DO ESPIRITISMO LUSO-BRASILEIRO

Rua do Salitre, 149, 1.º — LISBOA

Propriedade de ISIDORO DUARTE SANTOS, a quem deve ser dirigida toda a correspondência

REDACTORES — CORRESPONDENTES

Rio de Janeiro	*Deolindo Amorim*	Buenos Aires	*Dr. Luís Postiglioni*
Nova Iguassú	*Leopoldo Machado*	Paris	*Dr. Henri Regnault*
Uberaba	*Dr. Inácio Ferreira*	Liège	*Achille Biquet*
Pernambuco	*Capitão Nelson Kerensky*	Baurú	*Nabor da Graça Leite*
Baia	*Alfredo Miguel*	Santiago do Chile	*Ernesto Moog*
Porto Alegre	*Dr. Paulo Hecker*	México	*Rufino Juanco*
Gubbio, Itália	*Dr. Pietro Ubaldi*	Rosário	*Tito Livio Bancéscu*
Ponta Negra	*António J. Martins*	Índia Portuguesa	*Raul Sepúlveda Fontes*
Belo Horizonte	*Dr. Noraldino de M. Castro*		

REPRESENTANTES NO BRASIL

Rio de Janeiro	*José Bittencourt A. Coutinho*	Natal	*Filipe Soares de Melo*
Curitiba	*João Baptista Cardoso*	Maceió	*Jaime Xavier da Silva*
Vitória	*Dr. Airton Loureiro Machado*	Fortaleza	*José Borges dos Santos*
Porto Alegre	*José Simões de Matos*	Franca	*Dr. Agnelo Morato*
Goiânia	*José Fontenele dos Santos*	Cruzeiro	*José Zácaro Neto*
Ribeirão Preto	*Dr. Jaime Monteiro de Barros*	Aracajú	*José Elson Fontes*
S. Paulo	*Livraria Allan Kardec* / *José Vicente Neto*	Sacramento	*Corina Novelino*
		Rio Preto	*Leónidas Gois*
Taubaté	*Geraldo de Oliveira*	Juiz de Fora	*Orville Derby Dutra*
Belo Horizonte	*Centro Luz e Humildade*	Pelotas	*Dr. Djalma de Matos*

Os artigos assinados são da responsabilidade dos seus autores ★ Não se devolvem originais, sejam ou não publicados

ASSINATURAS

Continente — cada série de 6 números, não incluindo as despesas de cobrança	25$00
Brasil (12 números)	Cr. $50,00
Colónias (12 números) moeda equivalente a	60$00
Número avulso	4$50
» atrasado	5$00

Orgão do Centro Espiritualista Luz e Amor de Lisboa, e da Maternidade Casa da Mãe Pobre, do Rio de Janeiro

Obras de Ciências Psíquicas e Filosofia Neo-Espiritualista

(em depósito nesta redacção)

	br.	enc.
ALLAN KARDEC		
O Livro dos Espíritos	20$00	28$00
O Evangelho Segundo o Espiritismo	20$00	28$00
Obras Póstumas	20$00	28$00
LÉON DENIS		
Catecismo Espirita	6$00	
O Porquê da Vida (nova edição)	18$00	
O Grande Enigma	16$00	24$00
Depois da Morte	30$00	38$00
Cristianismo e Espiritismo	20$00	28$00
No Invisível (nova edição)	30$00	38$00
O Problema do Ser e do Destino (nova edição)	32$00	40$00
GABRIEL DELANNE		
A Evolução Anímica	23$00	31$00
A Alma é imortal	23$00	31$00
O Espiritismo Perante a Ciência	23$00	31$00
ERNESTO BOZZANO		
Animismo ou Espiritismo?	22$00	30$00
Fenómenos de Transporte		18$00
Metapsiquica Humana	15$00	
Pensamento e Vontade	12$00	
CAMILLE FLAMMARION		
Narrações do Infinito	18$00	
As Casas Mal Assombradas	20$00	28$00
O Fim do Mundo	18$00	26$00
Deus na Natureza	28$00	36$00
Stella (romance astronómico)	22$00	30$00
Sonhos Estelares	18$00	26$00
Urânia	18$00	26$00

(Continua na 3.ª pág. de capa)

ESTUDOS PSIQUICOS

Mensário de Estudos Psíquicos e Neo-espiritualismo Experimental
(ao serviço do Espiritismo luso-brasileiro)

10.º ANO — LISBOA, FEVEREIRO DE 1949 — N.º 2

Redactores: Ramos Pereira, António Cardoso | Director, Editor e Proprietário: Isidoro Duarte Santos | Administrador: Maria Gonçalves Duarte Santos

Redacção e Administração: RUA DO SALITRE, 149-1.º — LISBOA

Composto e Impresso na EDITORA GRÁFICA PORTUGUESA, LDA. — Rua Nova do Loureiro, 20 — Telefone 2 5295 — LISBOA

ASSIM É O MUNDO...

As condições gerais do mundo impelem o homem para o materialismo. Vão-se apagando os gestos magnânimos. Desaparecem os visionários e os poetas de optimismo triunfante. O prosaismo do dinheiro encobre vulcões de podridão e ódio. O sorriso da hipocrisia desentranha-se em ondas melíficas e as virtudes nobilitantes cederam a solicitações esparsas, travestidas de perfídia e má fé. O baixo império afirma vitalidades inesperadas, como o viço de certas plantas que proliferam no monturo. Se a jornada humana assume aspectos de luta frenética, a guerra de armas transforma-se em guerra de nervos, porque ninguém está tranquilo e todos esperam mutações incompreensíveis, no homem e na sociedade. Novas éticas despontam. O que ontem era digno e característico de elevado na herarquia dos valores, é hoje relegado ao lixo da história. A força voltou a suplantar a razão. Bramam os fortes e gemem os fracos. Há desequilíbrio e heterogeneidade.

Tudo se compreende, tudo se observa do ponto de vista utilitário e comercial. O homem deixou de ser fonte de bem-estar colectivo. Trocou esse divino atributo pelo movimento rítmico da máquina, obediente a princípios erróneos e limitados. Não voa; refocila. Não canta; vocifera. Amálgama de vícios milenários no gral imenso do comodismo que absorve e tritura...

Os juizes não julgam. Para julgar é necessário impregnar-se de força superior.

A vida é consciência, não é mera sucessão de imagens que se registam como facto histórico.

Que é o Bem ? Que é o Mal ?... A interpretação escolástica vale como limitação de inteligência. Os nossos problemas morais só podem ser compreendidos e resolvidos por entidades abstractas aos olhos míopes do vulgo, mas cuja existência se afirma exuberantemente em lances que as humanas potências não conseguem dominar.

Os códigos de moral são acomodatícios. Adaptam-se à idiossincrasia das massas, que não consultam a voz interior que lhes indica veredas de paz e normas de justiça imanente. A justiça e a paz encontram-se no coração generoso que deseja o bem do semelhante e que se impõe deveres de correcção própria, antes de corrigir os demais. Todos reclamam *direitos compensadores* e, muitas vezes, os maus invocam a caridade, a justiça e a tolerância, em abuso de observação diária, como escreve Noe Wajner, no seu livro «Dos Deveres: Perdoar o Mal é Combatê-lo». Vejamos o quadro que ele apresenta:

«Diz o pobre ao rico: Tens tanto, porque não praticas a caridade ? Diz o criminoso ao juiz: És honrado; porque não tens compaixão de mim ? Diz o *chauvinista* ao cosmopolita: És solidário com os intereses da humanidade; porque não me ajudas ? Diz o nativo ao estrangeiro: Chamo a tua atenção para a lealdade que deves às sábias leis da minha pátria, mas não repares nas minhas infracções».

São pedras da comédia humana. É São Tomaz a dominar o mundo. Onde sobra raciocínio falta sentimento.

A jornada terrena é de aprendizado e de sujeição às leis imutáveis do Criador. Radicam-se amizades e afirmam-se virtudes, em superação contínua de valores. Somos viajeiros do universo. Lançamos à terra o grão votivo impregnado de vitalidade cósmica. Deve germinar e crescer em boas condições.

Militamos num sector inglório pelo esforço que exige, mas extraordinàriamente belo pelos prémios que oferece. Aqui também os elementos morais orientam e dirigem o dinamismo da pessoa consciente. Mas o estatismo opõe-se ao avanço glorioso do progresso humano no que ele tem de mais eloquentemente nobre. Temos de reagir com força. «Perdoar o mal é combatê-lo», diz o escritor citado. E se o evitássemos, e se o prevenissemos com acertada propaganda ?

Seria bom meditar nas verdades que aí ficam e delas extrair moral para uso próprio. Talvez houvesse mais integridade e menos felonia. E o mundo seria melhor, mais aberto às empresas regeneradoras.

— Isto é sibilino ! — dirão alguns bem instalados na vida, sem tempo de reflectir nos efeitos de maus actos ou pensamentos.

— Mas é verdadeiro ! — dirá a consciência do homem probo que tem os pés na terra e os olhos no céu.

F/49

RADIESTESIA

O *Diário de Notícias* de 25 de Maio último refere que um radiestesista descobriu um tesouro enterrado numa floresta, avaliado em dezenas de milhões de francos. Embora o franco, actualmente, tenha um preço verdadeiramente pataqueiro, *dezenas de milhões* já é coisa de arregalar o olho.

O mesmo jornal de 5 de Agosto publica a notícia de que um radiestesista de Montevideu «marcou numa carta a linha seguida pelo aparelho (1)...» e que «as pesquisas iam alargar-se ao sector por ele indicado».

E declara o noticiarista que «até agora, como se sabe, a radiestesia era apenas utilizada para a descoberta de veios de água e até de objectos enterrados no solo», o que não é exacto: o âmbito da radiestesia é muito mais vasto. O noticiarista sabe pouco.

O radiestesista de hoje é o antigo rabdomante (de *rabdos*, varinha, e *manteia*, adivinhação), correspondente ao antigo *sourcier* francês e ao novo *vedor*, com ou sem varinha.

A rabdomancia, no começo foi declarada pelos teólogos de natureza diabólica, por ser considerada como uma das formas de adivinhação já condenada. Havia, porém, como ainda hoje há, muitos padres rabdomantes. Então, decretou-se que seria *adivinhação* quando se empregassem «mesas falantes», escrita automática, visão através do cristal, cartas de jogar, hipnotismo, transe, e qualquer outra forma de automatismo para adquirir a consciência supranormal, e que seria *radiestesia*, quando se utilizasse a varinha ou o pêndulo, mesmo que fosse empregado sobre uma planta topográfica, uma carta, qualquer gráfico ou fotografia.

A rabdomancia, hoje radiestesia, é velha e relha, pois já no tempo do imperador romano Flávius Valens (328-378), dois «astrólogos» — Hilárius e Patrícius — se serviram de um pêndulo para inquirirem de um «espírito» o nome do personagem que o destino chamaria a suceder no Império.

Em toda a parte do mundo se chamam os radiestesistas (os nossos vedores) para procurarem água onde parecia não existir: administrações do Estado, sociedades industriais e particulares servem-se desta propriedade humana; engenheiros hidrólogos, dos serviços urbanos *(isto passa-se no estrangeiro)*, empregam-na ùtilmente, pesquisando eles próprios, de varinha em punho ou pêndulo nas mãos, as fugas nas canalizações de água, dantes tão custosas de encontrar.

O mesmo processo tornou-se extensivo a outras substâncias: petróleos e metais, cavernas, cadáveres, objectos perdidos, etc....

Há audaciosos que o utilizam para outros fins. Tal médico, bem reputado *(isto passa-se no estrangeiro)*, explora o corpo dos seus doentes com o pêndulo, que também lhe diz que produto químico possa ser o melhor remédio para a afecção revelada.

Homens de ciência, em grande número e de todos os lados *(do estrangeiro)*, sem recearem as ironias dos «espíritos superiores», praticam e estudam a prospecção do sub-solo pelo ente humano.

F. Miel (1) entende que a radiestesia é o conjunto de processos que permitem determinar a presença e o valor das radiações emitidas por todos os corpos, seja qual for o reino a que pertençam.

Cazzamalli, professor da Universidade de Milão, define o estado psico-fisiológico do radiestesista em acção, como uma espécie de transe, nas suas diferentes modalidades.

O jornal francês *Le Matin* publicou em Agosto de 1934 a notícia de um facto que representa a coroação do reconhecimento da arte dos rabdomantes ou vedores, pelas autoridades da Igreja Católica, embora chame a essa arte «radiestesia». Trata-se de operações preliminares para a canonização de uma religiosa.

Eis o resumo do caso: Desde muitíssimo tempo que estava pendente do Vaticano o processo de beatificação de Alix Le Clerc, fundadora da congregação das religiosas re-

(1) O hidroavião francês «Laté - 631» perdido no Atlântico.

(1) *Forces Spirituelles* de Setembro de 1948.

gulares de Santo Agostinho. Para propor ao Papa a decisão definitiva, a Sagrada Congregação de Ritos exigia que fosse exactamente indicado o destino dado aos restos mortais da futura bem-aventurada... Ora, até então, fora materialmente impossível consegui-lo, não obstante as aturadas investigações místicas e arqueológicas de Monsenhor Jérôme, protonotário apostólico e agregado da universidade, recentemente falecido, que ao tempo exercia as funções de vigário capitular da diocese de Nancy.

Quando a reverenda madre Alix le Clerc morreu em Nancy, em Janeiro de 1622, foi inumada no coro da capela do Convento de Nôtre-Dame, local que actualmente corresponde, na rua Maurice Barrés, às trazeiras do liceu feminino Joana d'Arc. Mas, durante a Revolução, os seus restos mortais foram exumados e transportados para qualquer sítio ignorado. Era o lugar da nova sepultura que os promotores da beatificação de Alix Le Clerc procuravam debalde fixar desde muitos anos.

UM ARTIGO DO CORONEL FAURE DA ROSA

Há algum tempo, o bispo de Nancy soube que uma jovem de 21 anos, *Mll.e* Mercier, professora em Dijon, possuia o dom especial de descobrir o local onde se encontravam ossadas e metais, embora profundamente enterrados. O bispo resolveu consultá-la: enviou-lhe para Dijon a planta de Nancy e convidou-a ir a esta última cidade.

Transcrevo a parte mais importante do relatório elaborado pelo cónego Gélinet, que garante a autenticidade da descoberta:

«Eu abaixo assinado, Carlos Gélinet, doutor em teologia, cónego honorário, secretário geral do bispado de Nancy de Toul, certifico:

«...Que *Mll.e* Rolande Mercier, de 21 anos de idade, especialmente versada na ciência radiestésica, consultada em Dijon pelas religiosas desta cidade, acerca do local da sepultura da venerável madre Alix Le Clerc, sua fundadora, falecida em 9 de Janeiro de 1622, indicou mesmo em Dijon, *numa planta de Nancy, onde nunca tinha ido,* que o corpo estava sepultado na cerca do liceu Joana d'Arc.

«Que, em seguida, na planta do terreno abrangido pelo dito liceu, sumàriamente desenhado, localizou, por meio de um ponto, a situação do corpo na cerca do liceu, *entre duas árvores não indicadas na planta,* próximo de dois muros, numa posição ligeiramente obliquia, a quatro metros de profundidade, pouco mais ou menos. Chamada a Nancy, em 9 de Agosto, *Mll.e* Rolande Mercier foi conduzida pelos movimentos do seu pêndulo ao local preciso, correspondendo exactamente ao da planta, a qual já não estava em seu poder.

«No local indicado fizeram-se escavações e, no décimo dia — 11 de Agosto de 1934 — acompanhada por Monsenhor Barbier, vigário capitular da diocese, eu pude, com ele, verificar a ossada dum pessoa, verosimilmente duma religiosa, em virtude dos alfinetes e duma volumosa conta de rosário que se encontraram misturados com a terra, no sítio em que estava a ossada...

«Depois, foi a ossada recolhida com o maior cuidado e guardada numa urna de carvalho 0m,60×0m,30×0m,25), que foi selada nessa mesma tarde com o sinete de Paulo Gabriel, cónego honorário, professor da escola Saint-Gigisbert, especialmente encarregado de dirigir as operações.

Dois dias depois, na segunda-feira 13 de Agosto, a urna foi aberta na minha presença pelo cónego Gabriel, para arrecadar novos ossos aparecidos durante a continuação dos trabalhos. Em seguida, a urna foi novamente fechada e selada com o meu sinete pessoal, no mesmo dia 13 de Agosto de 1934...

«Feito e assinado em duplicado, em Nancy, aos treze de Agosto de mil e novecentos e trinta e quatro.

C. Gelinet».

Posteriormente, em 15 de Agosto, «Le Matin», publicava o seguinte telefonema: «*Mll.e* Mercier especificou — antes de partir para Nancy e pelo simples exame da planta do liceu Joana d'Arc, na qual se não indicava a localização de árvores: 1.º — que a sepultura estava com certeza entre duas árvores, a cerca de quatro metros de profundidade; 2.º — que o caixão estava reduzido a pó; 3.º — que a ossada estava estendida entre dois muros; 4.º — que se encontraria também pequena quantidade de metal».

César de Vesme comenta:

«Como pôde o *sujet* conhecer tudo isto?... Ignoramo-lo, como ignoramos as causas de tantos outros factos, dos quais, entretanto, certificamos a realidade... Mas, já que não sabemos, mais vale confessar a nossa ignorância do que dar-nos ares de sabichão apresentando explicações pseudo-científicas cuja absurdeza ressalta desta circunstância: que elas só servem para tornarem ainda mais misteriosos e dificilmente admissíveis os factos que se esforçam por interpretar.

«Enquanto se tratar da descoberta de len-

çois de água subterrânea, de petróleo, de jazigos de minerais, etc., pode-se razoàvelmente admitir — a simples título de hipótese, e nada mais — que o fenómeno é devido à percepção de radiações emanantes desses corpos. Mas, será uma «explicação» supor que foi devido a «radiação» que *Mll.e* Rolande Mercier, passeando um pequeno pêndulo por uma planta de Nancy, conseguiu localizar a sepultura duma religiosa falecida há 300 anos, no meio de tantos outros mortos que ali foram enterrados desde séculos ?

«Como podia ela distinguir esses ossos entre tantos outros ? Que «radiações» podiam dizer-lhe, depois — ao passar o pêndulo pela planta do liceu Joana d'Arc — que o corpo se encontrava *entre duas árvores*, não indicadas na planta, que o caixão estava reduzido a pó e que o corpo estava estendido entre dois pedaços de muro ? Qual é o sábio que ouse afirmar que a Ciência radiológica fornece elementos que expliquem semelhantes fenómenos, embora duma maneira vaga e longínqua? Então, porque atribuir fantàsticamente à radiestesia a manifestação de casos que são simplesmente devidos ao «conhecimento supranormal» ?

«Julgamos de toda a evidência que o pêndulo, percorrendo uma planta topográfica, é apenas um subsídio auxiliar das faculdades supranormais subconscientes do médium, como poderia sê-lo a mesa de pé-de-galo, ou qualquer outro meio mediúnico».

Mas esta história do esqueleto da irmã de Alix Le Clerc, teve um epílogo engraçado que os chocarreiros certamente hão-de aproveitar. Como o alto Clero não sentisse grande fé no alarde da *ciência* de *Mll.e* Mercier, resolvel fazer examinar os ossos por um perito biologista para ter a certeza de que, pelo menos, se tratava duma ossada feminina... E o perito — de reputação assegurada, diz a notícia — afirma categòricamente que tais ossos nem são de mulher nem de homem, mas simplesmente de animais não bípedes ! Ora aqui está como uns pobres animais — Deus sabe que espécie de bichos — estiveram para ser canonizados !

O que não se percebe é para que os bichos quereriam aqueles alfinetes e aquela volumosa conta de rosário encontrados juntos da ossada a quatro metros de profundidade, como reza o relatório do cónego...

Seja como for, o facto supranormal produziu-se, embora a sua importância tenha sido consideràvelmente diminuída.

INVÁLIDOS ESPIRITAS

A sua Casa de Repouso

Lemos com grande prazer a notícia dando conta do início do movimento para a concretização da primeira obra espírita em Lisboa para os «Inválidos Espiritas». E nossa satisfação seria maior se, em vez do nome «Inválidos Espiritas», fosse mais simplesmente, «Casa de Repouso para os Inválidos».

Porquê o nome «Inválidos Espiritas?». Será que, logo a primeira ou uma das primeiras obras espiritas em nosso país leve no frontespício o rótulo sectarista?

Parece-nos, em sã consciência, que o Espiritismo é universal, e para dilatar suas raizes não deve permitir que em seu seio penetre o sectarismo destruidor. Não nos queiramos igualar às seitas já existentes, caducas por esse mesmo motivo. O Espiritismo sobrenada como o óleo à tona de água, sem se misturar com o fundo lodoso.

A beleza do Espiritismo está em generalizar as coisas e abraçar todos os irmãos; em não levantar muralhas, mas sim derrubar fronteiras particularistas, causa de separação entre os homens.

Além dessa particularidade, assás importante, segue-se desde logo outra de real interesse. É o caso que, ostentando a obra esse nome, os Espiritas portugueses só podem pedir a confrades. São tão poucos, por enquanto, em nossa terra, que não conseguirão, — assim pensamos, — levar avante a ideia. Dando-lhe o simples e sugestivo nome de «Casa de Repouso para Inválidos» poderão os irmãos bater em todas as portas, de Espiritas, Católicos, Ateus e Protestantes, donde virão as migalhas para levantar e manter a Instituição.

Assim pensamos, porque aqui no Brasil, as obras que levam o nome particularista de «para os Espiritas», estratificam, não passando de meros projectos, quando poderiam e deveriam agigantar-se, honrando e glorificando o Espiritismo nascente.

Não vejam, caros conterrâneos, censura no meu pensamento, mas tão só o desejo de rectificar uma coisa tão simples e que, prevemos, será de importância capital no desenvolvimento dessa louvável Obra de Assistência Social.

Do servo dos servos do Senhor:

HENRIQUE MAGALHÃES

ANAIS METAPSICOLÓGICOS

O Ectoplasma

ARTIGO DE AKAR

O dia 20 de Fevereiro de 1916 deve ser hoje considerado como uma data notável nos anais metapsíquicos: — trabalhando com Stanislawa P., o engenheiro polaco Lebiedzinski, presidente da *Sociedade de Estudos Psíquicos de Varsóvia,* conseguiu obter um fragmento de «ectoplasma» em condições de ser analisado. Esse fragmento media cerca de 10 mm. de diâmetro, mas depois de dissecado não tinha mais de 5 mm. Ao microscópio revela-se como uma substância espumosa, inódora e de côr branca-amarelada.

Uma parte foi analisada pelo Dr. V. Dombrowski, no *Laboratório Bacteriológico do Museu da Indústria e da Agricultura* de Varsóvia, e a outra por R. Francé, director do *Instituto Biológico de Munich*. Eis os resultados do primeiro:

— Matéria espumosa, de alvéolos variando entre 0,084 e 0,540 mm;

— Macerada no reagente de Muller, revelou;

a) células epiteliais ora separadas, ora aos pares, ora em forma de báculo, forma esta não indicada nos tratados de histologia;

b) leucócitos agrupados.

c) elementos microbiológicos.

— Mergulhada em vários líquidos para o estudo dos micro-organismos, só muito lentamente e não em todos os fragmentos apresentou vegetações de micrococos e de um bolor ao contrário do que se passa na espuma de clara de ovo, (com que a substância em análise algo se assemelha).

— A acção prolongada da água dá ao ectoplasma uma estrutura fibrosa ou granulosa onde fàcilmente se nota uma substância altamente refringente.

— dissolução parcial e lenta carbonização quando mergulhada num soluto concentrado de ácido sulfúrico.

— sob o licor de Fehling não dá qualquer reacção denunciadora de açúcares, mas revela substâncias albuminoides reagente de de Nilon) e gorduras.

E o analista polaco concluiu por uma substância albuminoide mesclada com outra substância gorda e com células vulgares no organismo humano, tendo-a o analista de Munich comparado com os líquidos linfáticos.

Nada pois há de realmente específico na substância em questão, nada que lhe dê uma natureza... «sobrenatural». Ela traz o selo da sua origem: — o organismo humano. Notemos porém que os fragmentos de Lebiedzinski se podem considerar como duma primeira exsudação ectoplásmica e que devem ter uma estrutura algo diferente da que constitui as «alavancas rígidas» de Crawford e Ochorowicz.

O que é realmente assombroso é que uma substância tão anónima... possa moldar-se depois numa forma tão perfeita que chegue a reproduzir as características do organismo. É indiscutível que a análise pouco aclarou do processo ectoplásmico e que terá de se investigar noutro sentido se se quizer resolver este aliciante problema metapsicológico.

«André Luiz», comunicando por Francisco Xavier, aponta os seguintes passos preparatórios da materialização:

1.º — Elevada produção de ozone para acção bactericida;

2.º — Aceleração dos processos químicos da digestão por magnetização do sistema vegetativo;

3.º — Acção magnética sobre o sistema nervoso Central;

4.º — Produção do ectoplasma, moldado depois por formalização mental.

É alguma coisa, mas pouco para quem deseja conhecer a minúcia do processo. Que tipo de radiação é capaz de produzir o ectoplasma ? Em que pontos fisiológicos incide ? Poderá o «encarnado» plasmar também uma forma na substância emanada pelo médium? E como estas, quantas perguntas mais a fazer !...

MENINOS PRODÍGIOS

PIERINO

Esteve recentemente em Lisboa um dos maiores maestros do mundo, que, a pesar de a sua pouca idade — 11 anos — faz deslumbrar pelo seu talento os grandes mestres. É um verdadeiro «menino prodígio», desses prodígios de que tantas vezes ouvimos falar, mas que tão poucas temos a felicidade de ver.

Nasceu em Roma a 15 de Setembro de 1937, e desde muito novo começou a revelar uma tendência extraordinária para a música. Quando atingiu a idade dos 8 anos, seu pai começou a ministrar-lhe as primeiras lições de piano, e algum tempo depois, ao apresentar-lhe as sonatas de Beethoven, ficou surpreendido por ver que o garoto conseguia aprender em pouco tempo aquilo que aos adultos levava anos. Tempo depois, declarou que se sentia capaz de dirigir uma orquestra, e feita a experiência em presença de Toscanini e do Director da Ópera de Roma — Arduini — ambos concluiram que se encontravam diante de um caso de precocidade extraordinária. Algumas semanas depois, ao dirigir uma das mais importantes orquestras de Roma, obteve um êxito estrondoso.

Daí para cá tudo têm sido êxitos sobre êxitos. Esteve na Suiça, França, Bélgica, Dinamarca, Inglaterra e por último em Portugal. Em Lisboa deu concertos no S. Carlos, Tivoli e Coliseu.

Desejoso de observar esse extraordinário talento, fui uma noite ao Coliseu. Na sala não cabia nem mais uma pessoa; muito antes de começar o espectáculo, a geral e parte da plateia se encontravam completamente cheias. Quando a campainha anunciou que o concerto ia começar, o silêncio fez-se e todos os olhares convergiram para a porta donde entraria na sala Pierino Gamba. Ao entrar, uma estrondosa salva de palmas ecoou por toda a sala. Pierino, de calção, vestido de veludo, encaminha-se ràpidamente para a entrada, a passo ligeiro e olhar confiante na missão que iria desempenhar.

Uns segundos mais... e eis que o concerto começa. O pequeno maestro, como que alheado de todo o público, vivendo por assim dizer só para a música, começa a dirigir a orquestra com aquele talento que lhe é peculiar, com aquela precisão que o caracteriza. O público, os velhos músicos, os grandes maestros, olham, ouvem e pasmam! Pasmam como é possível uma criança de 11 anos deslumbrar os mestres! Pierino, além do seu extraordinário talento, tem ainda outra faculdade invulgar: sabe as músicas de cór, mesmo as partituras mais difíceis, mesmo as de maior responsabilidade, como as sonatas de Beethoven. Quando o concerto acabou, o público não se cansou de aplaudir o grande maestro, e por fim leva-o em triunfo até ao seu automóvel; a rua de Eugénio dos Santos parece pequena para toda a gente que lá se encontrava, desejosa de ver bem de perto e aplaudir Pierino Gamba.

O seu ouvido distingue todas as notas musicais, com uma nitidez extraordinária. Quando fez o ensaio com a Orquestra Sinfónica Nacional, emendou por diversas vezes vários passos de algumas partituras. No fim de uma delas, com o ar mais natural deste mundo, disse para os componentes da dita orquestra:

— Com certeza, os senhores já não tocam isto há muito tempo...

★

Como explicar este verdadeiro prodígio musical, este talento que não se percebe como apareceu, estes conhecimentos musicais que não se percebe donde vieram?

A maior parte dos cientistas explica estes casos, atribuindo-os a factores hereditários. Eles dizem que todos os caracteres físicos e psíquicos do indivíduo se encontram dentro dum gene, que por sua vez são corpúsculos infinitamente pequenos que existem dentro dos cromosomas dos espermatozoides. Embora isso seja realmente verdade quanto à hereditariedade física (cor dos olhos, dos cabelos, calvície, etc.), o mesmo já não se poderá dizer quanto à hereditariedade psíquica, porque os factos têm provado o contrário.

Muitas vezes de um pai inteligente nasce um filho degenerado — os filhos de Péricles, Cícero, Marco Aurélio, Henrique IV, Luís XIV, Cromwell, Pedro, *O Grande*, La-

fontaine, Napoleão, etc., e inversamente dum pai vulgar, tendo os seus pais e avós também sido pessoas vulgares, nascem verdadeiros génios. Neste caso fica também invalidada a Lei de Mendel. Para exemplos, temos Balzac, filho de um artista mecânico; Robespierre, filho de pais obscuros, Lineu, filho de um cura de aldeia, etc.

Outros argumentam que estes casos são devido a um desenvolvimento extraordinário das glândulas endócrinas, e a uma constituição cerebral adequada. Mas também nos últimos tempos verificou-se que esta afirmação não corresponde à verdade, visto terem-se encontrado pessoas que sendo normais durante sua vida inteira, ao morrerem e ao ser-lhes aberto o cérebro, este apresenta o seu conteúdo em forma de papa, ou mesmo de água, sem qualquer pedaço de matéria cerebral. Edmond Perrier apresentou, por exemplo, à Academia Francesa o caso de um homem que viveu durante um ano inteiro com um cérebro reduzido ao estado de papa, formando apenas vasto abcesso purulento. Onde está então localizada a memória nessas pessoas, se o cérebro não existe, por assim dizer ?

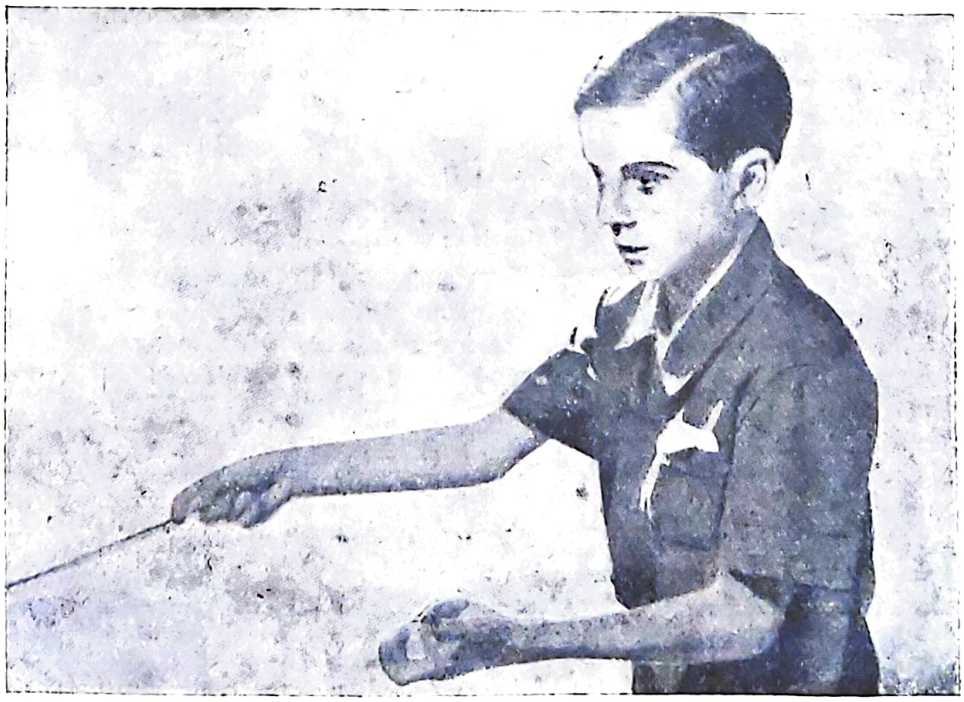
Certamente que em qualquer coisa que não se destrinça. A essa coisa chamam uns *força psíquica*, outros *corpo astral* e ainda outros o *perispírito*.

Com o seu auxílio já o caso dos meninos prodígios se explica satisfatòriamente. Em cada vida terrena, o indivíduo deixa gravado no seu perispírito todas as suas experiências realizadas, fenómenos esses comprovados pelas visões panorâmicas no momento da morte. Ao nascer, traz um enorme cabedal de experiências anteriores. Se foi bom, mostrará tendências para o bem; se mau, tendências para o mal; se músico, tendências para a música, como aconteceu a Mozart e recentemente a Pierino Gamba.

Pierino Gamba é certamente o espírito dum grande maestro, dum grande músico que desceu à terra, para fazer a admiração dos sábios, e principalmente para mostrar aos geneticistas que seus cálculos sobre hereditariedade psíquica se encontram formalmente errados; o espírito não morre, antes, continua numa permanente evolução, aproximando-se cada vez de regiões mais altas, de planos mais elevados, onde só reina a Paz, o Amor e a Harmonia !

GAMBA

por
ANTÓNIO CARDOSO



Eis uma das atitudes mais expressivas de Pierino Gamba, o pequeno-grande génio, que Lisboa e Porto ainda há pouco tempo admiraram e entusiàsticamente aplaudiram. O menino-maestro, sério e firme, dirige a orquestra, na interpretação de uma célebre sinfonia. Tudo nele fala; olhos e mãos. Neste menino está, sem dúvida, marcado o dedo do Alto através da reencarnação dum músico célebre.

Os Precursores do CRISTO

por DAMIÃO DE VASCONCELOS

Quem ler com atenção as obras de Platão e principalmente estudar na vida de Sócrates as suas acções e as suas palavras, há-de forçosamente convencer-se de que estes grandes espíritos preludiaram a Jesus Cristo e quase que o adivinharam.

As grandes ideias jamais irrompem de súbito. As que assentam sobre a Verdade sempre têm precursores que lhes preparam os caminhos. Depois, em chegando o tempo, aparece um homem com a missão de resumir, coordenar e completar os elementos esparsos, de reuni-los em corpo de doutrina. Desse modo, não surgindo bruscamente a ideia, ao aparecer, encontra espíritos dispostos a aceitá-la. Tal o que se deu com a ideia cristã, que foi pressentida muitos séculos antes de Jesus e dos Essénios, tendo por precursores Sócrates e Platão, como ficou dito.

Sócrates ensinava uma doutrina até certo ponto análoga à do Cristo, de que só temos conhecimento pelos escritos do seu discípulo Platão.

Porque não prevaleceu naquela época a sua doutrina, no seio de um dos povos mais inteligentes da terra, como o povo grego? É que ainda não chegara o tempo. Ele semeou numa terra não lavrada; o paganismo ainda se não achava gasto. O Cristo recebeu em propício tempo a sua missão. Muito faltava, é certo, para que todos os homens da sua época estivessem à altura das ideias cristãs, mas havia entre eles uma aptidão mais geral para as assimilar, pois que já se começava a sentir o vazio que as crenças vulgares deixavam na alma. Sócrates e Platão abriram o caminho e predispuseram os espíritos, pois tal era o seu amor à Humanidade, que nenhum deles pregou jamais contra ela.

E Platão, querendo definir Deus, disse que era difícil conhecer Deus claramente, e mais difícil ainda fazê-lo conhecer ao povo.

Sem dúvida, se Sócrates e Platão vivessem no tempo de Jesus-Cristo, teriam seguido a sua doutrina e sido companheiros de S. Paulo em a propagar, porque nela achariam a autoridade divina, que debalde tanto procuraram, para poderem ensinar aos homens uma religião nova, mas boa e verdadeira, em que estes pudessem e devessem crer. E foi por isso que muitos platónicos adoptaram o Cristianismo.

E Platão disse: «Assim como o mais odioso dos mortais seria o celerado que, hipòcritamente, conquistasse a estima devida ao homem de bem, assim o mais venerável deveria ser o justo infeliz, que, benemérito de todas as recompensas da virtude, fosse coberto de todos os opróbios do crime, de maneira que, tendo por si apenas a consciência própria, se visse condenar por toda a sua nação à pena última».

Não será isto uma antevisão do Cristo?

E Henriou diz, a propósito: «Ideia justa e admirável que Deus inspirou no ânimo de um sábio pagão, como ponderam muitos padres, para de tal imagem mostrar a realidade do Salvador do mundo, com a circunstância mais valiosa de que ele soube sofrer e morrer, sem ostentação e sem pusilanimidade».

Ora, sabe-se que era esperado desde o princípio do mundo, um reparador.

Numerosas nações alvoroçadas por esta esperança, fitavam uma estrela, que a tradição lhes apontava no ceu da Judeia.

Afirmaram-no Suetónio e Tácito, entre os escritores pagãos. Confirmaram-no Boulanger, Volney e Voltaire, estes inimigos do Cristianismo.

Uma antiga e constante tradição, derramada por todo o Oriente, anunciava que em determinado tempo devia surgir da Judeia o dominador do mundo — diz Tácito.

«Os romanos — diz Boulanger — posto que maus republicanos, esperavam que, no tempo de Cícero, um rei, predito pelas sibilas, como se lê no livro do *Vaticínio* deste orador filósofo: as calamidades da sua república deviam dar o sinal, e a monarquia universal a consequência».

Ora, desde remotíssimas eras, grassava entre os índios e os chins o boato de que um sábio viria do Ocidente. A Europa dizia que o sábio viria do Oriente. Todas as nações assentiam na necessidade de um sábio. Ora a Judeia está colocada ao oriente da Europa, e ao ocidente da Índia e da China.

«As tradições sagradas e mitológicas dos tempos anteriores à era cristã — observa Volney — haviam levado por toda a Ásia a esperança num sublime mediador, juiz su-

A Reencarnação e os Evangelhos

POR

A. N. PINHEIRO RAMOS

III

«Se quiserdes comprender o que vos digo ele mesmo é o Elias que havia de vir».
Mateus, cap. II, v. 14.

O princípio da reencarnação está claramente esboçado. Evidencia-se desta afirmação peremptória de Jesus: «*Ele mesmo é o Elias que há-de vir*».

Ora, tal afirmativa não deixa a menor dúvida, não está revestida da imagem alegórica nem da forma parabólica com que os orientais revestiam seu ensino para não agravar a responsabilidade de quem ouvisse sem a capacidade de praticar. É uma passagem claramente definida e confirma as anteriores feitas, quer quando Zacarias escutou a voz que lhe anunciava a concepção e futuro nascimento de João, avisando que o menino concebido e que nasceria de Isabel «*viria na virtude e no Espírito de Elias*», quer na resposta dada aos discípulos após a transfiguração do Tabor quando estes lhe indagavam o porquê da afirmação feita de que Elias havia de vir primeiro.

Como ficou patente, os Judeus, que não possuiam conhecimentos precisos, não podiam ter, a não ser muito vagamente, noções completíssimas sobre estes ensinos. Assim é que confundiam reencarnação com ressurreição, que é coisa muito diversa.

premo, salvador futuro, rei, Deus, conquistador e legislador, a inaugurar na terra a idade de ouro, e a redimir os homens do império do mal».

Esta vaga esperança animava os povos. No excesso dos seus males, a Humanidade inteira pressentia um salvador. Havia séculos já que as mitologias sonhavam com uma criança divina. Nos templos falava-se misteriosamente dela; os astrólogos caldeus calculavam a sua vinda, delirando; as sibilas vociferavam, proclamando a queda dos deuses pagãos. Os Iniciados tinham anunciado que um dia o mundo seria governado por um dos seus, por um filho de Deus. A Terra esperava um rei espiritual que seria compreendido dos pequenos, dos humildes e dos pobres.

A Humanidade esperava, pois, Jesus-Cristo, o maior dos filhos de Deus, e estes foram os seus precursores.

Deste modo temos definido o que os Judeus confundiam, pelo facto de não possuirem ainda os conhecimentos que as descobertas da ciência hoje nos facultam e nem se encontrarem amadurecidos moralmente. João, o Baptista, era Elias «reencarnado» que voltava à vida corpórea, retomando novo corpo, fazendo-se criança, renascendo novamente, como importava que fosse para ver o reino de Deus.

Nascendo na família de Zacarias e Isabel, em cumprimento de uma missão, veio também resgatar a falta de ter, quando na personalidade do profeta Elias, morto e mandado matar os sacerdotes de Baal e por isso foi mandado degolar. Seu corpo não era o de Elias nem tão pouco os seus pais, mas o espírito que era e é imortal como todos os demais, era o mesmo que animara o do conhecido profeta e conservava a mesma virtude, o mesmo poder e até levava vida idêntica, mantinha os mesmos hábitos, vestia-se à semelhança do antigo profeta tesbita, usava linguagem dura e rude e alimentava-se idênticamente.

Ante a clareza dos textos, sobre esse assunto indicados, cessam os sofismas e as argumentações outras, porque são por demais claras as passagens do Evangelho a respeito. Com efeito, o facto foi profetizado por Malaquias, que predisse o acontecimento, muito tempo antes; a seguir, Zacarias, o velho sacerdote entre os Judeus, é avisado por um espírito, quando celebrava no templo, de que seu filho, mais tarde o Baptista, seria a reencarnação do antigo profeta; enfim surge João realizando o que fora profetizado por Malaquias, isto é, como precursor do Senhor, anuncia-lhe a vinda, como dito estava pelo profeta sobre Elias, e, para que não restasse dúvidas, o próprio Jesus ainda confirma, afirmando peremptòriamente que João, o Baptista, «*era o Elias que havia de vir*».

Para os que aceitam a Bíblia, fica claríssimo, a todos os que quiserem ver e compreender este ensino confirmado pelo Evangelho que corrobora as provas históricas, científicas e filosóficas. O ensino está patente, livre dos raciocínios complicados e das argumentações exegéticas de estilo erudito. Aliás, ante tão claros textos, concatenados e combinados como estão, não vemos margem para uma contradita séria.

Analisando a vida do precursor, sua linguagem cheia de imagens fortes, sua sinceridade rude, sua pregação em estilo candente, seu trajar vestindo peles de camelo, sua alimentação, tudo o mais em semelhança berrante com o antigo profeta, sua fama e seu prestígio, tudo confirma ainda, para os que analizam sem sectarismo, a realidade da reencarnação ensinada francamente nos Evangelhos. Muitos a ignoram porque não meditam sobre os textos, procurando compreender o sentido íntimo ou limitam-se tão só a ouvir as alheias afirmativas, sem buscar na fonte citada a própria compreensão do que se afirma.

A MISSÃO DE JESUS

XXIX

por Fernando da Cruz Ferreira

«Ai de vós escribas e fariseus hipocritas» !...

O trovejar das maldições (dos Evangelhos) contra os Mestres de Israel, fariseus, doutores da Lei e escribas, reboava sob o pórtico de Salomão.

Era o lugar do Templo mais favorável às pregações e às discussões religiosas. É sabido que o maravilhoso Templo, mandado edificar pelo rei Herodes, se compunha de terraços sucessivos, subindo numa floração de mármores, de bronzes e de cedros até ao Santo e ao Santo dos Santos.

Ao longo do primeiro recinto corria uma espécie de claustro cujas proporções nos pareceriam fantásticas, se esquecêssemos que este Templo sumptuoso, no seu conjunto, media cerca de mil metros de lado. Podemos por isso representar sem grande espanto o pórtico de Salomão — o mais belo de todos — em três grandes naves cujos pilares, monólitos de puríssimo mármore, se perdiam a uma altura de cem pés...

O Senhor e os seus discípulos, vindos do Monte das Oliveiras, entravam geralmente por este pórtico.

Podiam abranger com a vista as proporções assombrosas destes claustros, de pesadas bases, descendo bruscamente até à parte superior do Tiropeon.

Os que reconstituiram estas ruinas, segundos antigos documentos, dizem-nos que é quase impossível realizar o efeito produzido por um edifício, tendo quase duas vezes a extensão da igreja de S. Pedro de Roma, repousando em sólida massa de alvenaria quase igual em altura às mais altas flechas das massas catedrais.

Deveria ser ali o Pináculo do templo, onde, segundo o Evangelho, o Senhor foi transportado pelo espírito das trevas, nos dias da tentação, e convidado a atirar-se dali abaixo, para experimentar o poder de Deus...

À sombra das prodigiosas colunas, tinha Jesus ensinado, no meio dos Mestres, discutindo com eles, confundindo-os, como já o fizera na idade de 12 anos; e agora nestes últimos dias da vida do Salvador, escribas, fariseus, saduceus — satanases sucedendo a satanás — juntavam-se em volta do Cristo, armando-lhe ciladas e atormentando-o com perguntas capciosas.

Durante três anos nem um só raio da Luz incriada tinha penetrado naquelas espessas e voluntárias trevas.

Nunca aqueles corações empedernidos se abriram às palavras de piedade e de ternura.

Assim como no princípio da pregação do Salvador entre o povo feliz da Galileia, sentado na encosta da montanha toda em flor, as oito bem-aventuranças deslisaram suavemente,uma após outra, num cântico do paraiso, agora ao terminar a sua missão, na florescência de mármore e de oiro do Templo, as palavras do Senhor caiam sobre os corações endurecidos como o som de um malho batendo na bigorna: «Escribas e Fariseus hipocritas — Raça de viboras» !

E todos os crimes destas almas, voluntàriamente em trevas — a hipocrisia sempre em cada maldição, a avareza, a rigidez cruel, o orgulho, a falsa piedade — patenteavam-se aos olhos de todos, estigmatizando os cegos guias do povo, os «sepulcros caiados de branco por fora, mas por dentro cheios de podridões»..., os quais escutavam as palavras severas do Senhor cheios de furor e de raiva.

Em três dias vingar-se-iam e de que forma!...

Mas, mesmo nesta hora de indignação tão nobre, tão magnânima, quando o Filho do Homem se vê só no meio desses de quem denuncia os crimes, sem temor algum pelo ódio que atrai sobre si mesmo, o Leão de Judá é ainda o cordeiro; e Aquele que veio para salvar, deixa escapar do seu coração um grito de ternura: «Jerusalém, Jerusalém, que matas os profetas e apedrejas os que te são enviados, quantas vezes quis ajuntar os teus filhos, do mesmo modo que uma galinha recolhe debaixo das asas os seus pintainhos, e não quiseste !... Eis ai vos ficará deserta a vossa casa. Porque eu vos declaro que desde agora não me tornareis a ver até que digais: Bendito seja o que vem em nome do Senhor».

Se José de Arimateia, Nicodemos ou mes-

mo Gamaliel, raros fariseus amigos e admiradores do Mestre, ali estavam entre os outros, que emoção deviam sentir ouvindo do Senhor tais palavras!

Sabiam todos, segundo os seus profetas, o que queria dizer Israel e a benção, a protecção, o repouso, —as asas do Senhor estendidas sobre o seu povo.

Todo o Templo, o Santo e o Santo dos Santos, que representava isso se não a morada do Senhor, velando sobre o seu povo escolhido?

Sem dúvida o encontro de Moisés ai tinha reboado cem vezes aos seus ouvidos, nas harpas dos levitas: «... Semelhante à águia que incita seus filhos e voa sobre eles, Jeová estendeu as suas asas — Tomou Israel e levou-o sobre as suas asas». (Deut. XXI-12).

Nicodemos, José de Arimateia, talvez Gamaliel, pela primeira vez, compreendiam completamente o sentido destas palavras.

As instruções de Jesus no Templo, a sua oferta da água viva ao culto em espirito, eram como o último bater das asas estendidas sobre o povo rebelde.

O Senhor tinha querido salvá-lo, — e com que vontade perseverante e cheia de amor! — mas Israel não tinha querido.

Havia apenas dois dias, quando descia a encosta do Monte das Oliveiras, na manhã de Ramos, Jesus parou na curva da estrada, e, olhando para Jerusalém, predisse todas as calamidades que sobre ela iam desabar.

E o Senhor chorou...

Certamente nesta alma que era a própria beleza e continha todas as belezas no mais elevado grau, todas as belezas sublimadas, deveria o amor pela terra onde tinha exercido a sua ardorosa missão ser vivo e ardente, a ponto de arrancar-lhe lágrimas...

Mas não era o esplendor dessas pedras, mas sim a cegueira e a obstinação das almas e consequentemente a dispersão e os sofrimentos futuros do seu povo, que perduram ainda no presente, paralelamente com a dureza, da sua cerviz, que o Cristo de Deus chorou...

E ainda mesmo então Jesus recusava-se a desesperar dessa obstinação, quando disse: «Se tu soubesses ainda agora o que pode dar-te a paz...».

— Neste «ainda agora» depois de tanto trabalho sublime, depois de tantas instruções e milagres de bondade» à beira mesmo do abismo em que aquele povo se iria precipitar, o Senhor dá uma possibilidade ainda, por um acto de vontade, de reabilitação. E o texto do Evangelho diz que Jesus «chorou soluçando!...». (Lucas XIX-41).

A PERSONALIDADE HUMANA

Fora da consciência há, certamente, um mundo de que nada nos pode separar, excepto a barreira das nossas percepções que é constituida por aquilo que limita a extensão da consciência e a que chamam excelentemente umbral da sensibilidade. À medida que a evolução nos faz passar das forças inferiores às superiores, este umbral se desloca, enquanto aumenta a consciência. O organismo da ostra é a linha que a separa de grande parte do nosso mundo sensível; assim, o organismo físico do homem constitui o linde que o separa do mundo transcendente mais vasto, a que pertence. Contudo, este linde não é imutável. No arrebatamento, no sonho e no transe hipnótico, desloca-se e o espírito entra por algum tempo em mundos alheios aos nossos sentidos. Na clarividência dos estádios profundos da hipnose e no sonambulismo, o linde continua a deslocar-se e mais alta inteligência se manifesta, com limpidez e força proporcional ao maior ou menor enfraquecimento das funções e da consciência do estádios normal de vigília.

Já demonstrámos que esta inteligência tem força e percepção mais extensa e profunda que a da consciência normal. Se o exercício destas faculdades é na terra dificultado pelo organismo humano, podemos concluir que uma vez livre desta «libré impura», a alma dará entrada na sua vida mais ampla. O limite da sensibilidade não é suprimido de repente, à medida que os sentidos se extinguem para sempre. Quando os entes queridos nos abandonam, quase sempre a «aurora das auroras» se ergue docemente, mais vasta e mais profunda, e que, boa ou má, nos espera a todos.

William Barrett («Nos Umbrais do do Além»)

VIDA ESPIRITA FEDERATIVA

Não desejava escrever sobre este assunto. A outros estudiosos e com mais autoridade caberia fazê-lo.

Mas as circunstâncias me envolvem e como que me obrigem a dar a minha humilde colaboração no sentido de ser melhor compreendida e praticada a VIDA ESPIRITA FEDERATIVA

Federação compreende-se: União de Confederados.

Os membros confederados deverão ser entidades colectivas do mesmo género, interessadas em formar uma *élite* orientadora e controladora da vida teórica e prática de tais entidades federadas. A Directoria deverá compor-se da *élite* das Sociedades, tanto na ordem intelectual como moral, tendo por finalidade: viver para os seus adesos, os seus federados, de modo a coadjuvá-los a bem compreender e cumprir sua missão.

Para isso, a Federação não pratica, em si mesma, os trabalhos de seus federados. Sua missão é viver para eles, auxiliando-os no estudo e prática de suas tarefas. Ela viva o seu ideal, pràticamente, em seus federados. Se de outro modo procedesse, deixaria de ser o que é, para tornar-se uma sociedade. No meu fraco modo de entender, isto é federação na sua expressão mais simples. Para vivê-la não é necessário muita coisa nem grandes instalações.

Apenas se necessita de ter conhecimento da doutrina espirita e ter colaborado na sua prática, por algum tempo, em alguma das entidades filiadas, para que melhor se possa julgar das suas contingências e necessidades, o que deve ser indispensável do conhecimento de seus Directores, os quais deveriam proceder sempre de tais entidades, conservando a sua representação na ordem federativa.

Entretanto, as Federações espiritas, a meu ver, tomaram rumos muito diferentes e se confundem com a vida de suas próprias federadas. É lamentável esta confusão, porque, sem mesmo o quererem, se perturbam uns aos outros, em vez de se auxiliarem. Todas acham que devem fazer a mesma coisa à imitação das Sociedades, encontrando-se muitas delas em grandes dificuldades por quererem fazer o mais, que não lhes cabe, deixando de fazer o menos e preciso, que lhes seria mais fácil e possível.

Por esta razão não temos ainda uma vida federativa verdadeiramente em nossos dias, como seria para desejar, a pesar do grande progresso alcançado de nossa consoladora doutrina. Por parte das entidades federadas também se notam muitas irregularidades, em sua maioria provenientes de se acharem mal ajustadas à vida federativa, por falta de mais eficiente instrução e educação apropriada à boa ordem e disciplina que deveriam reinar sempre entre as partes.

A vida federativa no espaço é um facto. E toda a entidade que na terra desejar progredir deverá integrar-se nessa corrente para receber o auxílio que por direito lhe pertence, tanto na ordem material, como espiritual.

Que os homens que têm a missão de orientar as Sociedades Espiritas, tanto pela palavra como pela escrita e exemplos de sua vida, possam fazer algo neste sentido, de modo que, no mais breve tempo possível, seja estabelecida a verdadeira VIDA ESPIRITA FEDERATIVA.

José Simões de Matos

O REINO

Por mais estranhável que pareça, há ainda em pleno século do rádio, do avião, da electricidade e da energia atómica, quem procure atribuir as manifestações espiritas a obra do demónio. Tão tola e insensata patranha seria supinamente ridículo e indigna de comentar-se, se não fosse por vezes lançada aos ouvidos da inexperiente mocidade escolar, por pessoas que, perante o tribunal da própria consciência, se deveriam considerar grandemente responsáveis para com Deus e o Mestre Jesus. Para assim procederem, indemnes de má fé, necessário seria que fundamentassem tal afirmação nas obras doutrinárias de Allan Kardec, excelso missionário da Terceira Revelação, ou sequer, em factos extraídos da observação da prática espirita. O certo é, porém, que nem um, nem outro testemunho poderão invocar. Nos livros de Kardec jámais poderão indicar uma linha, uma só frase que seja, em abono da insensata invencionice, — mesmo porque a doutrina espirita nega a existência do demónio, na acepção que lhe querem dar, como sinónimo de diabo ou satanás, entidade perpètuamente votada ao mal, eterno rebelado contra os desígnios do Criador. E na prática espirita, em que tudo se faz sob a invocação do amparo de Deus e de Jesus, não se pode conceber que o demónio, se realmente existisse, aí se pudesse intrometer para iludir e desgraçar as criaturas humanas. Se tal acontecce, teríamos que admitir uma destas duas absurdas hipó-

teses: — ou Deus e Jesus não teriam poder contra o demónio, ou seriam tão maus como ele, por deixarem que sejam arrastados à perdição pobres entes humanos que confiam em Sua protecção e amparo. Se por espiritismo se quiser falsa e maldosamente considerar as práticas do baixo mediunismo, também chamado magia negra, em que espíritos atrasados são invocados, indiferentemente, — mesmo aí não se pode dizer razoàvelmente que haja comunicação do demónio, que, se existisse, importaria na negação da omnipotência e suprema sabedoria do Criador, e sim manifestações de demónios ou espíritos perversos, que se comprazem no mal por cegos nimento para distinguirmos a verdade da impostura...».

Ora, se com esta e semelhantes rogativas que os espiritas costumam fazer nas suas sessões, Deus lhes enviasse, em vez de bons espíritos, o tréfego demónio para os perder, equiparar-se-ia ao pai desnaturado que desse uma pedra ao filho que lhe pedisse um pão.

É certo que nas sessões espiritas podem comunicar-se, e se comunicam muitas vezes, espíritos perseguidores e perversos, não só daqueles que foram criminosos ostensivos, como também dos que na terra exerceram domínio sobre as consciências e que, levando para o espaço o orgulho de seita ou de sis-

CONTRA SI MESMO

UM ARTIGO DO

Dr. Djalma de Matos

e ignorantes, mas que, à medida que se forem esclarecendo e depurando, através de ásperas e dolorosas encarnações, irão crescendo em bondade e sabedoria.

Jesus, segundo Lucas, depois de ter ensinado a oração dominical aos seus discípulos e de lhes ter proposto a parábola do «amigo importuno», disse-lhes:

— Pedi e dar-se-vos-á; buscai e achareis; batei e abrir-se-vos-á. Porque todo aquele que pede recebe; e o que busca acha; e ao que bate, se lhe abrirá. E se algum de vós pedir pão a seu pai, acaso dar-lhe-á ele uma pedra? Ou se lhe pedir um peixe dar-lhe-á ele porventura uma serpente? Ou se lhe pedir um ovo, dar-lhe-á êle um escorpião? Pois se vós outros, sendo maus, sabeis dar boas dádivas aos vossos filhos, quanto mais o vosso Pai celestial dará bom espírito aos que lho pedirem?

Este ensinamento evangélico responde com toda a justeza à maldosa censura daqueles que em vão procuram desacreditar o Espiritismo, dizendo que as manifestações que se dão nas nossas sessões são obra do demónio. A prece com que habitualmente se iniciam os trabalhos mediúnicos, começa, por via de regra, nestes termos: «— Pedimos a Deus Todo-poderoso que envie bons espíritos para nos assistirem e nos dê o necessário discerma, tudo fazem por prejudicar os encarnados que não concordam com as ideias que eles pregavam. Esses, porém, quando não os trazem os guias espirituais para serem doutrinados, são atraídos pela falta de unidade de pensamentos e de sentimento de fraternidade entre os circunstantes. Eis por que se exigem dos assistentes, concentração, recolhimento, elevação de pensamento e outras condições propícias ao comparecimento dos bons espíritos.

Referem os evangelhos de Mateus e Lucas que, de uma feita, os fariseus acusavam entre si a Jesus, por ter curado um endemoninhado, ou obsidiado, cego e mudo, dizendo:

— Este não expulsa os demónios senão por Belzebú, príncipe dos demónios.

— Jesus, porém, conhecendo os seus pensamentos, disse-lhes:

— Todo o reino dividido contra si mesmo é devastado; e toda a cidade ou casa dividida contra si mesma não subsistirá. E se Satanás expulsa a Satanás, está dividido contra si mesmo; como subsistirá, pois, o seu reino? E se eu expulso os demónios por Belzebú, por quem os expulsam então os vossos filhos? Eles mesmos, portanto, serão os vossos juizes. Mas, se eu expulso os demónios pelo Espírito de Deus, é, conseguintemente, chegado a vós o reino de Deus.

O mesmo argumento usado por Jesus para combater a estulta acusação dos fariseus, serve para nós espiritas respondermos aos que por ingenuidade ou má fé atribuem as manifestações espiritas a obra do demónio. Pois, sendo um facto incontestável que essas

CORAÇÃO E INTELIGÊNCIA

por MARIANA MENDES PALMA

Pode parecer à primeira vista que entre estas duas potências se verifica um certo afastamento, visto que a função da primeira é sentir, enquanto a função da segunda é pensar. Não nos parece, contudo, que se possa verificar, na realidade, um alheamento entre si, pois que todo aquele que pensa com sinceridade tem de sentir o ardor das suas ideias, e este outro que sente com igual sinceridade, tem de ter um ponto inteligível a que se apoie para viver pela sensibilidade.

Quer dizer, o indivíduo que pensa, que já atingiu um grau de robustez intelectual que lhe permite produzir e reproduzir o que vai no mundo do pensamento, tal indivíduo atingiu esse grau, de evolução em evolução, a que a sua sensibilidade não podia ser alheia, para assim poder aceitar as ideias que ia assimilando.

Em contra-partida, aqueloutro que vive a dedilhar as fibras sensíveis do coração, porque chegou esse a tão apurado grau de sentir?

É que múltiplas e anteriores lucubrações lhe moldaram lentamente a alma para o bem, lhe criaram um meio próprio em que sente a necessidade de dar o que adquiriu nem ele sabe como.

Todo o homem, para ser verdadeiramente bom, necessitou anteriormente de compreender toda a beleza e elevação que há no caminho do bem.

Todo o homem que tem condições de produzir pelo pensamento, teve já de sentir a luminosidade redentora das suas ideias.

Coração e inteligência andam, pois, aliados, directa ou indirectamente.

Especifiquemos: Há aqueles que vão tecendo um labor fecundo pela acção da inteligência, elemento este que ressalta maiormente do seu progresso natural e inevitável.

É o instrumento mais ao seu alcance, a escada que os ajuda a subir e a fazer subir os outros.

Escutemo-los e meditemos no conhecimento que já adquiriram primeiro do que nós.

Há aqueles que não sabem ou não podem enredar-se nas lucubrações profundas, donde brota a luz e a sabedoria, mas sabem sentir o calor, a abnegação que as palavras muitas vezes não puderam transmitir e, como de um manancial, vão-no semeando silenciosamente. A humanidade, o que precisa é de obras — dizem estes últimos.

A humanidade precisa de quem a esclareça para que possa distinguir o caminho — afirmam os primeiros. Afigura-se-nos que uns e outros têm razão. Mas que dê cada um a sua parte de esforço, da forma que está ao seu alcance, para o fim comum.

E que esses modos de energia se aliem, sem uma ideia de supremacia, antes com a convicção de que assim se completam.

Só entre a inteligência e a sensibilidade pode existir o verdadeiro equilibrio. A palavra sem o calor do sentimento escapa-se, quando não a prende um interesse de investigação.

A acção, quando a luz do conhecimento não a acompanha da parte de quem a recebe, perde-se, por incompreensão da sua razão e finalidade.

A palavra esclarece, a acção conforta. Como raramente se pode encontrar quem reuna com igual intensidade uma e outra coisa, quem possua idênticas possibilidades de produzir pelo coração e pela inteligência, saibamos reconhecer o valor de cada um onde quer que se manifestem.

Escutemos, com tudo que há de sensível em nós, os que sabem falar.

Trazem a luz do espírito.

Foi esse o meio que Deus pôs ao seu alcance.

Acompanhemos com todo o nosso sentir os que trabalham em silêncio.

Deus fê-los seus servos, dando-lhes passos imperceptíveis aos nossos ouvidos físicos.

Uns trazem a Luz, outros o Amor.

Benvindos sejam.

Uns e outros cumprem uma missão.

---

manifestações aconselham a submissão a Deus e a Jesus, a estrita observância dos preceitos evangélicos, o amor ao próximo e a prática da caridade, — se elas são devidas ao demónio, está ele dividido contra si mesmo e não pode, portanto, subsistir, como de facto não subsiste, a não ser na mente daqueles que acreditam na sua existência.

Muito bons dias:

Queridos irmãos pequeninos:

Já alguma vez vos aconteceu ver partir para longe, por motivos de trabalho, as vossas pessoas amigas ou mesmo parentes?

Quantas vezes vão eles para terras onde não encontram pessoas sinceras que os ajudem na luta pela vida! E sabeis, então, o que mais os consola? É a correspondência das pessoas que realmente os estimam, que os encorajam, que lhes mostram que não estão sós no mundo.

Não deixeis, amiguinhos, de responder às cartas dos viajantes, parentes ou amigos, com todo o carinho do vosso coração.

São os conselhos da irmã mais velha sempre amiga

KYLAS

N.º 24
FEVEREIRO
1948

Página Dirigida por KYLAS

Segunda Jornada

Há dois anos que *Estudos Psíquicos* inaugurou esta secção para miúdos (e graúdos) e há dois anos que a sua organizadora trabalha afincadamente para a tornar atraente e maleável. É um esforço digno de admiração.

Em regra, as boas vontades amortecem à medida que os obstáculos sobem. Há quem comece ao som de foguetório e acabe envergonhado, sem tugir nem mugir. São as entradas de leão e as saídas de sendeiro de que fala a sabedoria popular. Mas esta secção, em boa hora entregue a um talento juvenil que a aceitou consciente da responsabilidade assumida, tem feito longa caminhada e promete dinamização e renovação que venha beneficiar os seus leitores fieis.

Temos recebido muitas cartas de louvor a esta iniciativa. De Portugal, Províncias ultramarinas e Brasil. Todos aplaudem, todos mostram satisfação e nos incitam a continuar na faina iniciada. Se assim é, se todos estão contentes, se todos acham que esta faina dignifica a Doutrina, prosseguiremos, dando à infância o alimento espiritual de que necessita e de tal maneira ministrado que possa também servir à segunda... e à terceira infância, porque, a final, todos temos um pouco de crianças amimadas e nos deliciamos com episódios em que os lances generosos estejam em contraste com a brutalidade e a força.

Lamentamos que a nossa KYLAS se encontre ausente em longínquas paragens a angariar o pão de cada dia. Tão longe, que um navio de vela levaria dois meses para lá chegar! É uma terra onde há muitos pretos e poucos brancos (mas portuguesa como qualquer distrito do continente), onde o sol é abrasador e a chuva cai em torrentes caudalosas. Ergamos a nossa prece por esta obreira incansável, fazendo votos pela saúde de quem tanto já fez pela renovação espiritual dos irmãos pequeninos. E não nos esqueçamos de pedir aos nossos Guias que a ajudem na sua tarefa, insuflando-lhe energia e coragem, para que a sua colaboração não falte nunca, através dos aviões elegantes que sulcam os ares em demonstrações de paz universal.

Esta *Página* é como um lar acariciador onde a sua alegria canta em anedotas e conselhos salutares. Ensinar sorrindo e cantando é a mais bela missão do educador moderno.

A Serpente e a Lima

POR

HENRIQUE O'NEILL

Uma serpente malvada
Entrou de noite fechada
Na loja dum cerralheiro;
De comida nem o cheiro
Encontrando,
Se lançou
A uma lima que topou,
Na qual se pôs a morder.
«— Melhor não podes fazer»,
Lhe diz a lima zombando —
«Do que estás aí fazendo.
Vai mordendo
Nesse meu aço, vai dando.
Quanto infame maldizente
Felizmente
Se tem assim enganado,
Julgando com torpes ditos,
Ou escritos
Indecentes,
Cravar venenosos dentes
Nalgum carácter honrado!
Mas tal raça não acaba;
E, se não pode roer,
Vai sempre tendo o prazer
De sujar com a imunda baba.

*do «**Fabulário**»*

MÃE

por FERNANDO CALDEIRA

Quando fores rosa um dia,
Meu pequenino botão,
Doce enlevo e simpatia
Da matinal viração,
Paga à roseira amorosa
Tanto amor; paga-lho bem,
Que a roseira para a rosa
Tem uns extremos de mãe.

Quando, ó concha pequenina,
Que na espuma à praia vens,
Surgir a pérola fina,
Que no teu seio contens,
Não abandones sòzinha
A areia que a praia tem,
Que a areia para a conchinha
Tem uns cuidados de mãe.

Quando, ó estrela, de luz sua
Todo o azul te iluminar,
Como nas noites de lua
Se enche um lago de luar;
Meteoro dum momento,
Não vás pelos céus além,
Que os astros e o firmamento
São como filhos e mãe.

Quando, implume passarinho,
Um dia abrires enfim
Entre os dois ramos do ninho
Duas asas de setim,
Enquanto o ninho não tomba,
Nunca o deixes, olha bem,
Que o melhor ninho de pomba
Foram as asas da mãe.

SUBTILEZAS

O médico **— Que precauções toma contra os micróbios ?**

O doente **— Antes de mais nada, mando filtrar a água.**

O médico **— Muito bem. E depois?**

O doente **— Depois mando ferver-la.**

O médico **— Precisamente. E depois ?**

O doente **— Depois esterilizo-a.**

O médico **— Óptimo. E depois ?**

O doente **— Depois... bebo sempre cerveja...**

Com a pressa de viver esquecem-se muitas vezes as razões da vida.

Hanotaux

MENINO, APRENDE:

A HISTÓRIA DO CALENDÁRIO

O calendário actual tem sido muito discutido, visto dar lugar a muitas confusões. De facto, há tais divergências que, se pudessem ser removidas, seriam de bem geral. A reforma do calendário, porém, é mais dificil do que parece à primeira vista, havendo entre os povos diferenças de dias de festa, etc.

Para que os meus meninos possam fazer uma ideia de como surgiu o calendário através dos tempos, ou confirmar o que já sabem, vou-lhes dar um resumo do assunto.

★

A necessidade de medir o tempo é tão inerente às sociedades, que já os homens primitivos marcavam o número de dias com sóis que desenhavam nas paredes, mensagens, etc.

Quando começou a surgir a civilização, foram tomadas em conta as fases da lua, surgindo assim uma divisão em meses de 29 ou 30 dias, divisão esta que parece a mais antiga e universal. Atentaram depois nas estações.

Assim, encontramos com os Egipcios, um ano de 365 ¼, dividido em 12 meses de 30 dias cada um. Havia 5 dias suplementares para comemorações e formava-se um ano bissexto de 5 em 5 anos. O ano dos antigos judeus também tinha 12 meses lunares; acrescentavam-lhe 13.º de tempos a tempos para se acomodarem ao sol e às estações. Os meses tinham alternadadamente 29 e 30 dias e num ciclo de 19 anos havia 7 com o mês intercalar, ficando alguns com mais um ou dois dias, variando de 353 a 385 dias.

Os gregos também contavam 12 meses, segundo os meses lunares reais.

Sólon, cerca de 594 A. C., introduziu o modo de contar, ora 29 ora 30, num ano de 354 dias. Havia também o mês intercalar.

Mais tarde, em cada período de 8 anos, contavam três vezes 1 mês de 30 dias.

DESPERTAR

Clareia o dia.
Madrugada.
O sol, em longas pinceladas,
tinge o céu de rosa,
vermelho e anil...
Que esplendores doirados
enchem o Finito !...
A vida sorri ao dia nascente.
Soam melodias,
Acordes longínquos
da Divina Harmonia !
As brisas passam ridentes
respirando a medo
a frescura do arvoredo.
E os meus olhos extasiados,
plenos de doce claridade,
mergulham no azul,
tentam penetrar
as maravilhas do Infinito,
o mistério da Eternidade !...

Maria Carmo

PAULO E O

Paulo é um rapazito vivo, simpático, com um espírito de explorador.

A irmã mais novita é a sua companheira infatigável.

— Como é bom — diz ela — correr pelos campos, na esperança de encontrar qualquer coisa de novo !

Agora eles estão no Egito com os pais. Eles fartam-se de lhes recomendar que não se afastem demasiado, pois os crocodilos — animais muito ferozes — abundam nas margens do Nilo.

Mas todos nós sabemos como são as crianças. Esquecem muito depressa o que se lhes diz, mesmo para seu bem.

Um dia, porém, Paulo foi com a irmã para muito longe.

— Não te aflijas; eu defender-te-ei, se for preciso.

Entre os romanos, primeiramente, o ano tinha 10 meses, num total de 300 dias, aproximadamente.

Assim, dizemos: Dezembro — 10.º mês; Novembro — 9.º mês; Outubro — 8.º mês; Setembro — 7.º mês.

Depois Numa Pompílio acrescentou 2 meses, Janeiro e Fevereiro — 355 dias — ano de 12 meses. Havia um mês intercalar ocasional.

Esta confusão procurou remediar Júlio Cesar, que instituiu o ano de 365 ¼ e de quatro em quatro anos um bissexto. Isto importava um erro de 7 dias em 900 anos.

É este o chamado «calendário juliano» — de Júlio (César). De Júlio nasceu igualmente o nome do mês de Julho. E depois, de Augusto, Agosto.

Ainda os romanos dividiam os meses em três partes considerando os dias inciais 1.º, 7.º e 15.º para Março, Maio, Julho e Outubro; 1.º, 3.º e 13.º para os restantes meses.

Assim, tinham as calendas, as nonas e os idos.

Os dias intermédios eram dados em relação a estes pontos de referência.

Assim, por exemplo:

«Ante diem tertium Nonas Septembris» — terceiro dia antes das nonas de Setembro) — correspondia ao dia 3 de Setembro.

Percebido?

No ano de 325 depois de Cristo, o Concílio de Niceia estabelece a semana — grupo de 7 dias — independente do ano e das estações.

Desde os romanos que uma diferença de 11^m e 14^s diária (visto o ano real medir 365^d 5^h 48^m e 46^s) se ia verificando, a ponto de em 1582 perfazer um total de 10 dias.

Atentando em tal, Gregório XIII, de acordo com os estudos do astrónomo Clarius, ordenou que se subtraíssem 10 dias a esse ano, e para evitar o atraso de 3 dias em 400, se suprimisse o dia suplementar que tornava bissextos, os anos de 1700, 1800 e 1900. Daí em diante 3 anos comuns seriam seguidos dum bissexto. Haverá apenas a diferença de 1 dia aproximadamente no intervalo de 5.000 anos.

Portugal, Espanha e Itália aceitaram logo a determinação pontifícia. A França e os Países Baixos Católicos, só posteriormente. Os estados protestantes resistiram à Reforma até 1700, sendo então preciso um salto de 11 dias e não 10.

A Grécia, a Rússia e a Turquia não aceitaram esta nova lei.

A França, de 1793 a 1805, adoptou um calendário com um ano de 12 meses de 30 dias, agrupados em décadas; dias designados numèricamente e os últimos cinco considerados festivos. O sexto dia dos anos bissextos era chamado o dia da Revolução, em honra do dia de início deste calendário — 22-9-1792.

Napoleão restaurou o antigo sistema.

★

Parece um quebra-cabeças, não parece?

Deus queira que, quando os meninos forem crescidos, já o problema esteja resolvido.

REMORSO

por ASTREIA

Haviam terminado as aulas e José, que tinha apenas 9 anos, fora passar as férias grandes na fazenda de seus avós. Era trabalhador e por isso lhe determinaram pequenos serviços na fazenda. Todos os dias, logo que se levantava, ia buscar a vaca no pasto para tirar o leite, levando-a mais tarde novamente.

Certa manhã, quando levava a vaca ao pasto, apanhou algumas pedras e começou a atirá-las aos passarinhos. É uma acção muito feia, mas que infelizmente ainda hoje muitos meninos gostam de fazer. Passeava por ali perto um casal de gansos, que eram os guardas da fazenda. Entre as pedras jogadas pelo menino, uma delas tinha uma ponta muito aguda e, por infelicidade, foi apanhar em cheio a cabeça do ganso. Este rodou algumas vezes, caiu no chão, não se movendo mais.

Estava morto. José ficou aflitíssimo. Que fazer agora? Ficou pelo campo algum tempo e quando regressou a casa ouviu o avô dizer que ia matar o peru, pois vira que o ferimento feito de lado na cabeça do ganso só podia ter sido feito por aquela ave doméstica. E muito aborrecido pegou no animal e de um só golpe decepou-lhe a cabeça.

José não teve mais alegria naquele dia e, nos que se seguiram, não podia dormir. As noites eram acompanhadas de pesadelos. Sonhava que lhe jogavam pedradas na cabeça, que lhe cortavam o pescoço e acordava suando, nervoso e abatido.

Passaram-se mais uns dias. Com a consciência perturbada pelo remorso, José começou a emagrecer e a ficar triste. Os avós, pensando que fosse saudades dos pais, resolveram levá-lo de volta.

Alguns anos se passaram e José se tornou um jovem e só então contou a sua má acção, dizendo que esta lhe turbara centenas de vezes os seus pensamentos. Diante do sofrimento causado pelo remorso, resolveu que daí por diante diria sempre a verdade, nem que tivesse de sofrer as consequências. Reconhecia que era melhor dizer a verdade sofrendo o castigo imposto no momento, do que ter toda a vida a consciência pesada acusando-o de suas maldades e recordando-lhe a todos os instantes que com o seu silêncio um inocente havia sofrido pelos seus erros.

CROCODILO

De repente, surge-lhes diante dos olhos um lagarto grande.

Assustado, Paulo compreende só agora o erro que cometeu e mostra à irmãzita o pequeno animal.

— Um crocodilo! Que medo!

— Não te aflijas. Vai a correr para casa que eu fico aqui a vigiá-lo.

Já só quando ela ia muito afastada é que ele se resolveu a segui-la.

Vejam bem o exemplo que este menino nos dá. Que importa que se tratasse apenas de um lagarto? Defendeu a sua irmã com coragem, como prometera, pois, para todos os efeitos, tratava-se dum crocodilo aos olhos dele.

((Adaptação duma poesia de Jean Aicard)

A PENA E O TINTEIRO

Uma pena presumida
De escrever grandes sentenças,
Falava das suas obras
Tão sublimes como extensas.

—Sem mim — disse ela ao tinteiro—
Pouca figura terias:
Cheio de um licor imundo,
Sem mim, triste, que farias?

Mas o tinteiro inspirado
Vazou logo a tinta fora,
E voltou-se para a pena,
Dizendo-lhe: — «Escreve agora!».

Assim responde aos ingratos
Muitas vezes a razão:
— Muita gente há como a pena;
Como o tinteiro outros são.

Marqueza de Alorna

PERFEIÇÃO DAS OBRAS DE DEUS

por GUERRA JUNQUEIRO

— Oh! mamã, quebrou a agulha.

— Vou dar-te outra.

— Como se fazem as agulha, mamã?

— Vê se adivinhas.

— Não sei, mamã.

— Conheces os metais?

— Conheço, mamã, tenho lá dentro muitos bocadinhos dentro duma caixa.

— Ora muito bem, dize-me lá: as agulhas são de pau, de pedra, de mármore?...

— Oh! não! São de metal; mas que metal?

— Antes de perguntar qualquer coisa, vê sempre se adivinhas primeiro.

— Ora espere! Uma agulha é de metal: não é de prata, porque não é branca; não é de oiro, porque não é de um lindo amarelo muito brilhante; não é de cobre, porque não é de um amarelo muito feio, que cheira mal... Então é de ferro, mamã?

— Adivinhaste.

— Mas, mamã, o ferro não é liso e brilhante como as agulhas.

— É que primeiro é pulido e preparado de certo modo, e depois já se não chama ferro, é aço.

— Bem, as agulhas são de aço. Agora, quero adivinhar como é que as fazem.

— É impossível, não és capaz disso; mas hei-de levar-te a uma fábrica onde se fazem agulhas. Hás-de vê-las fazer e hás-de gostar muito.

— Tinha vontade de saber como se fazem todas as coisas de que nos servimos.

— Tens razão; é uma vergonha ignorá-lo.

— Mamã, deixe-me ver as agulhas.

— Olha, aí tens o meu estojo.

— Meu Deus! Que pequeninas agulhas! Que lindas! São tão fininhas, tão fininhas!... Muita habilidade há-de ser necessária para fazer uma coisinha tão delicada!

— Lembras-te de ver na feira um carrinho de marfim puxado por uma pulga, presa por uma cadeia de oiro?

— Lembro-me, mamã; era tão bonito!

— Li num jornal alemão que um operário chamado Nerlinger fez um copo com um grão de pimenta, e que dentro deste copo havia mais doze.

— Que pequeninos deviam ser os doze copos para caberem num grão de pimenta!

— E ainda não é tudo; cada copinho tinha os bordos doirados e sustentava-se no pé!

— Tens razão de te admirares da habilidade dos homens. É efectivamente espantoso, e deve saber-se como se fabricam certas coisas; contudo, ainda há outras obras mais dignas de admiração.

— Quais, mamã?

A mãe levanta-se e diz:

— Quero que vejas o microscópio do teu papá.

— Pois sim; eu gosto de olhar pelo miscroscópio.

— Este é magnífico e aumenta prodigiosamente os objectos. Vais ver a mais pequenina das minhas agulhas. Repara primeiro como é fina, lisa e brilhante... Agora olha. Que é que vês?

— Meu Deus, que coisa tão feia!

— Vês-lhe buracos, riscos, asperezas, não é verdade?

— Parece um prego muito grande e muito mal feito.

— Pois todas essas imperfeições são verdadeiras, existem na agulha; a nossa vista, por ser muito fraca, é que não dá por elas.

— O operário que fez esta agulha ficaria envergonhado se a visse ao microscópio.

— Tiremos a agulha e vejamos outra coisa, por exemplo o aguilhão de uma abelha.

— Oh! que pequenino, que bonito!... Como é liso, como é brilhante!... Mas já sei que, visto ao microscópio, há-de acontecer o mesmo que com a agulha.

— Pronto — diz a mãe —. Olha.

— É esquisito, mamã! Aumentou, aumentou como a agulha, mas não é áspero; pelo contrário, é perfeitamente liso... A agulha parecia que não tinha ponta, e o ferrãozinho da abelha tem uma ponta tão fina como um cabelo. Porque será, mamã?

— É porque o operário que fez este aguilhão é muito mais hábil do que o que fez a agulha.

— Quem é esse operário tão hábil?

— É o mesmo que fez o céu, os astros, a terra, as plantas e as criaturas.

— É Deus.

— Exactamente. Pois não foi Deus que fez as abelhas e todos os animais?

— De certo.

— Foi ele, portanto, que fez o aguilhão desta abelha; e aí tens porque o aguilhão é superior à agulha: é obra de Deus. Mas continuemos a olhar pelo microscópio. Aqui está um pedacinho de musselina finíssima. Olha pelo microscópio. Que é que vês?

— Vejo uma rede grossa, desigual, muito mal feita.

— Aqui tens agora um pedacinho de renda delicadíssima.

— Essa há-de ser linda, mesmo vista pelo microscópio.

— Então?

— É horrorosa... Parece feita de pelos grosseiros com grandes buracos desiguais.

— As obras do homem, minha filha, são todas assim.

— Ó mamã, vejamos agora as obras de Deus.

— Sabes que é isto? — pergunta a mãe.

— Sei, sim; é um casulo de bicho de seda.

— Os fiozinhos que o compõem são muito finos, muito lisos; olha pelo microscópio a ver se te parecem iguais.

A filha olha pelo microscópio e responde:

— Sim, mamã; são todos iguais e o casulo é sempre muito liso, muito brilhante.

— É porque é obra de Deus. Examinemos outra coisa. Que há sobre este papel?

— Há pontinhos feitos com tinta e manchazinhas redondas feitas também com tinta.

— Dize-lá: estes pontinhos e estas manchas parecem-te perfeitamente redondos?

— Sim, mamã; perfeitamente redondos.

— Vê-os agora ao microscópio.

— Oh! Já não são redondos, são todos desiguais!

— Tira o papel — diz a mãe —. Vejamos a obra de Deus. É uma asa de borboleta. Vês que está mosqueada de pequeninas manchas redondas. Olha pelo microscópio. Que é que vês?

— Vejo a mesma coisa, só com a diferença de que agora é maior. Que belas são as obras de Deus!

— Merece bem a pena estudá-las.

— De certo. Farei sempre por isso, comparando-as às obras dos homens.

— E sempre e em tudo hás-de encontrar defeitos nas obras do homem, enquanto as obras de Deus, quanto mais se observam, mais perfeitas se acham. Isto deve fazer-nos meditar em duas coisas: a primeira é que Deus merece tanto a nossa admiração como o nosso amor; a segunda é que os homens orgulhosos são insensatos, porque não podem fazer nada perfeitamente belo, perfeitamente regular, e as suas obras mais primorosas são cheia de imperfeições, se as compararmos com as obras do Criador.

O OPTIMISMO CRIADOR

POR
TITO L. BANCÉSCU
(Correspondente em Rosário, Argentina)

As sociedades humanas estão divididas em dois sectores psicológicos bem definidos: os optimistas e os pessimistas. A diferença entre ambos é muito simples. O optimismo é criador e aliciante, enaltecendo a personalidade humana. O pessimismo constitui um peso morto. É uma espécie de lastro que retarda a marcha da evolução.

Há juventudes que acompanham sempre o progresso renovador, cujo ritmo é a bússola da vida. Não se amoldam ao passado, embora o respeitem como fase de outras gerações, de outros tempos. Adaptam-se ao porvir, obedecendo assim ao seu perene e vigoroso optimismo. A força pujante que as dinamiza condu-las a nova mutação de valores.

Daqui se conclui que o optismista não é apenas um indivíduo são de corpo, mas também de espírito. Os homens que perderam a fé em si próprios, tàcitamente se convertem em instrumentos manejáveis por estranhas e perniciosas influências.

Produz-se então a decadência, a inércia, a morte prematura, deixando de ser factores eficazes numa sociedade destinada a futuro brilhante.

Enquanto o optimista arremete contra todos os obstáculos, destruindo-os para avançar, para colocar-se na vanguarda do progresso, o pessimista encarna a velhice precoce. Por isso é artífice da abulia e da preguiça.

Nada lhe sorri, nada para si é digno de empreender-se, visto que tudo lhe fracassa antes de ser posto em prática. É por isso que o pessimista vive, morrendo lentamente...

Há pessimistas fisicamente jovens. E há também optimistas octogenários. De resto, é preciso reconhecer que os primeiros já nasceram espiritualmente velhos. Tão grave é o mal dos pessimistas, que, para eles, o mundo é páramo sem beleza, sem graça nem harmonia.

Fruto do optimista é a plêiada de velhos pensadores e estadistas que orientam povos e continentes, que influem poderosamente na vida colectiva com potentes irradiações psíquicas e morais. Mercê das suas qualidades dinâmicas, triunfam quase sempre, quando energias fisicamente juvenis, mas intrìnsecamente apagadas, fracassam ruidosamente nas empresas mais insignificantes.

O contraste é, pois, evidente. Os optimistas marcam rumos à humanidade. Em troca, os pessimistas não são capazes de se orientar a si mesmos. Por isso é que o progresso obedece sempre à batuta dos optimistas. Eles sabem que a luta é necessidade vital e que sem ela não há vida, embora tudo seja transformismo no Universo. A lei biológica de «renovar-se e perecer» tem amplo sentido para o optimista isento de fanatismo.

É por isso que só o dinamismo dos optimistas oferece perspectivas vastas, promissoras e triunfadoras. Sejamos, pois, optimistas racionais. Inculquemos são optimismo no espírito de nossos filhos, de nossos lares, na alma dos que nos cercam, porque só com ele e sob o seu influxo seremos capazes de avançar na vida. Só ele nos afastará da mediocridade que oxida a estrutura espiritual do homem.

(Traduziu I. D. S.)

NORMAS SEGURAS

pelo ESPÍRITO ANDRÉ LUIZ

Se você foi chamado a cooperar num grupo de actividade cristã, agradeça a oportunidade de servir e esqueça seus direitos imaginários para que a luz do dever resplandeça em seu caminho.

★

Pagar mensalidade e colaborar com dinheiro não é difícil; dê o concurso directo na obra a realizar.

★

Guarde para os seus companheiros a gentileza de que se sente credor diante deles; a cordialidade é alicerce da paz.

Antes de exigir manifestações dos amigos espirituais, manifeste por actos e palavras os valores que já recebeu. Se o intercâmbio com o Invisível é agradável, a experiência humana é importantíssima.

★

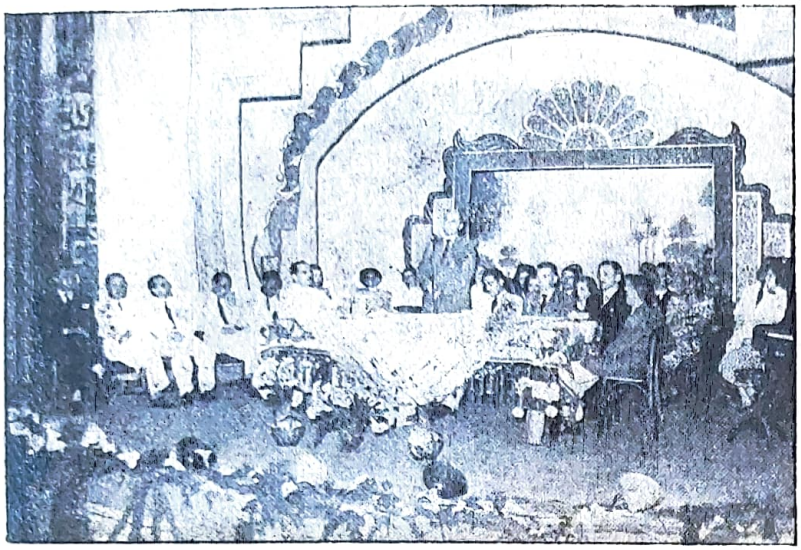
Aplique os ensinamentos evangélicos no serviço diário a que consagra o coração. Se não quer espiritualizar-se, é inútil que as Entidades Superiores se sacrifiquem por sua causa.

Não critique, nem reprove; faça o bem que estiver ao seu alcance, porque o problema não é repetir «se fosse comigo faria assim», mas cumprir a obrigação pessoal à frente do Cristo.

★

Não reclame contra a ingratidão, procurando o espinho ou medindo as pedras da estrada. Lembre-se de que o seu Grupo é orquestra escolhida para executar o serviço de Jesus para a Harmonia da Vida e se você não proceder como deve, a música será sempre desafinada.

(Médium — *F. Cândido Xavier*)



Mesa que presidiu aos trabalhos da 4.ª Semana Espirita, quando falava o Dr. Luiz Monteiro de Barros

A SEMANA NA CIDADE

Embora com atraso, não queremos deixar de fazer referência à 4.ª Semana Espirita realizada na florescente cidade paulista de Baurú, de 27 de Setembro a 3 de Outubro de 1948, com uma sessão solene de homenagem ao Mestre Allan Kardec.

A sessão de abertura teve lugar no Centro Espirita S. Vicente de Paula, que comporta 800 pessoas e foi pequeno para conter a enorme multidão que ali afluiu para assistir à sessão inaugural da 4.ª Semana Espirita de Baurú. Nesta conformidade, a União Municipal Espirita teve de modificar o seu programa, já que os Centros onde deveriam realizar-se aqueles trabalhos iriam ser pequenos e também pela necessidade de acomodar todos os assistentes. Por isso, a partir do segundo dia e até o encerramento da Semana, estes foram realizados no Teatro de S. Paulo, que se encheu literalmente.

Não vamos fazer uma reportagem formal, como seria nosso desejo, porque a angústia de espaço nos tolhe os movimentos; mas sempre diremos que tal certame foi mais uma demonstração palpável de como o Espiritismo triunfa em Baurú, pela aceitação que encontra em crituras de crenças tradicionalmente opostas, mas inclinadas ao ecletismo e à tolerância e que, nessas conjunturas, não regatearíam em publicar o seu testemunho de solidariedade ao movimento de unificação da família espirita cristã.

O espírito de fraternidade e harmonia preponderou, como não podia deixar de ser, entre todos os participantes daquela festa, ensejando momentos de verdadeira felicidade e gozo espiritual. Não só os espiritas da cidade se solidarizaram com os promotores da 4.ª Semana Espirita, como ainda os de cidades circunvizinhas, por exemplo Piratininga, Ubirama, Agudos, S. Manuel, Pirajui, Jau, Pederneiras e de outras de pontos mais distantes do Estado, como Botucatu, Jundiaí, Ribeirão Preto, Franca, etc., e a Capital — S. Paulo —, que, sendo a sede do movimento de unificação do Espiritismo Estadual, enviou uma delegação composta dos brilhantes oradores Pedro de Camargo (Vinicius) e Dr. Luís Monteiro de Barros, representantes oficiais da União Social Espirita, secundados, ainda, pelo incansável batalhador, grande tribuno espirita Dr. Joni Doin, também de S. Paulo e figura muito conhecida e bastante apreciada naqueles meios espiritas. Além da eficientíssima colaboração desses amigos, houve também a dos confrades Romeu Muzegante e Drs. Tomás Novelino e Jaime Monteiro de Barros, das delegações respectivamente de Jaú, Franca e Ribeirão Preto. A parte evangélica e doutrinária esteve, assim, pràticamente a cargo dos visitantes, pois, dos confrades de Baurú, como orador, foi sòmente o Espiritismo triunfa em Baurú, pela aceitação que encontra em crituras de crenças tradicionalmente opostas, mas inclinadas ao ecletismo e à tolerância e que, nessas conjunturas, não regatearíam em publicar o seu testemunho de solidariedade ao movimento de unificação da família espirita cristã.

O espírito de fraternidade e harmonia preponderou, como não podia deixar de ser, entre todos os participantes daquela festa, ensejando momentos de verdadeira felicidade e gozo espiritual. Não só os espiritas da cidade se solidarizaram com os promotores da 4.ª Semana Espirita, como ainda os de cidades circunvizinhas, por exemplo Piratininga, Ubirama, Agudos, S. Manuel, Pirajui, Jau, Pederneiras e de outras de pontos mais distantes do Estado, como Botucatu, Jundiaí, Ribeirão Preto, Franca, etc., e a Capital — S. Paulo —, que, sendo a sede do movimento de unificação do Espiritismo Estadual, enviou uma delegação composta dos brilhantes oradores Pedro de Camargo (Vinicius) e Dr. Luís Monteiro de Barros, representantes oficiais da União Social Espirita, secundados, ainda, pelo incansável batalhador, grande tribuno espirita Dr. Joni Doin, também de S. Paulo e figura muito conhecida e bastante apreciada naqueles meios espiritas. Além da eficientíssima colaboração desses amigos, houve também a dos confrades Romeu Muzegante e Drs. Tomás Novelino e Jaime Monteiro de Barros, das delegações respectivamente de Jaú, Franca e Ribeirão Preto. A parte evangélica e doutrinária esteve, assim, pràticamente a cargo dos visitantes, pois, dos confrades de Baurú, como orador, foi sòmente

CONSULTA SIGNIFICATIVA

por NATÁLIO CECCARINI (F.)

Numa notícia publicada há cerca de dois anos na revista portenha *Mundo Argentino* e subscrita por William D. Bayles, fazia-se referência ao progresso do Espiritismo na Europa, especialmente na Inglaterra, onde os adeptos da doutrina que postulava a realidade do mundo dos «espíritos» e sua comunicabilidade conosco se contavam por milhões.

Inferia o articulista que esse incremento da crença no Além era fenómeno explicável de *post-guerra* e que o mesmo sucedera em seguida à primeira hecatombe mundial, acrescentando que o promotor desse enorme interesse pelo Espiritismo foi *Sir* Artur Conan Doyle e que agora é o Marechal do Ar *Sir* Hugh Dowding, ex-comandante em chefe da RAF, o homem que planeou e ganhou a chamada *batalha de Inglaterra.*

É tal a força desta onda de Espiritismo, no dizer de William D. Bayles, que a sua manifestação está nas numerosas sessões mediúnicas que se realizam para evocar e comunicar com os «espíritos», em toda a parte, quer em caminhões militares, quer em tendas no deserto e nos submarinos.

A explicação desta crença na imortalidade pessoal que surge vigorosa e colectiva por detrás do epílogo do conflito bélico, acha-se em muitíssimas causas, a começar pela necessidade do homem de encontrar uma verdade consoladora que estanque as feridas originadas pela cruenta e desapiedada contenda e pela cer-

te o Dr. Alfeu Vasconcelos Sampaio, médico, o qual também se houve com brilhantismo e felicidade na palestra que proferiu no segundo dia daquela semana.

Durante toda a Semana Espirita realizaram-se palestras radiofónicas, que estiveram a cargo daqueles oradores ou sejam *Vinicius,* Dr. Tomás Novelino, Dr. Luís Monteiro de Barros e Dr. Joni Doin, transmitidas pela onda da PRG-8, Baurú Radio Clube, o que foi mais uma bela oportunidade facultada aos bauruenses de ouvirem ensinamentos extraordinàriamente belos que aqueles confrades proporcionaram.

A parte artística, a cargo dos elementos da Juventude Espirita e com a cooperação amiga de moças

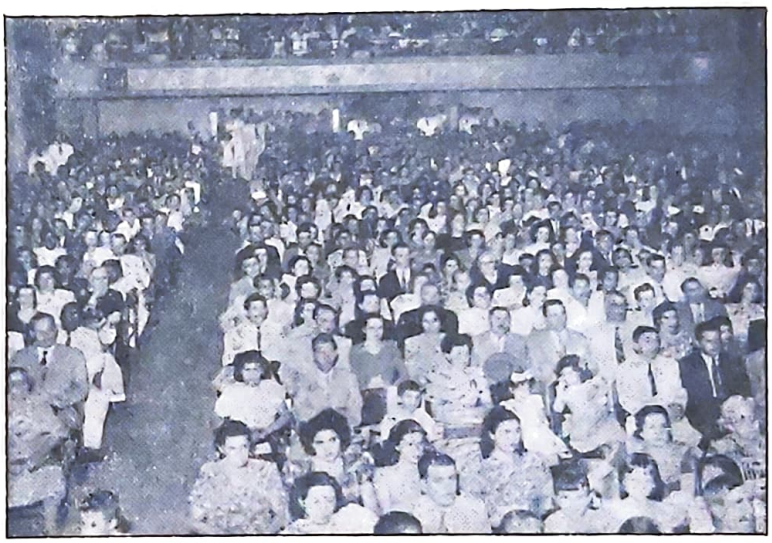
ESPIRITA DE BAURÚ

da Sociedade local não espirita, constou de todas as sessões e agradou plenamente, sempre esperada com ansiedade pelos assistentes, havendo apenas a lamentar que, no encerramento da Semana Espirita, por carência de tempo não tivesse sido possível apresentar o programa todo, mas apenas alguns números.

Logo após o encerramento da sessão, a assistência quase em peso rumou à Estação Central para levar suas despedidas aos confrades das delegações que regressavam a penates, deixando nos corações dos espiritistas bauruenses muitas saudades pelas alegrias que lhes proporcionaram, graças a uma semana de convívio amorável e de permuta de sentimentos fraternos e amigos, em que todos puderam, sem dúvida, verificar que o espiritismo social é uma necessidade imperiosa, porque impele o homem a praticar verdadeiramente o Evangelho do Cristo e a fugir um pouco à rotina comum dos trabalhos exclusivamente de comunicação com os amigos do Além. Aliás, para os que acreditam na permuta constante de sentimentos entre encarnados e desencarnados, estas tertúlias espirituais que denominamos «semanas espiritas», não deixam de constituir esplêndidas oportunidades para a comunicação dos espiritos com os homens, pois nem só através de médiuns se pode obter o desejado intercâmbio.

Eis o que foi a 4.ª Semana Espirita de Baurú, em 1948, a qual se realizou, como nos anos anteriores, sob os auspícios da União Municipal Espirita da mesma cidade e o apoio da União Social Espirita de São Paulo, que é o Organismo coordenador da unificação do Espiritismo no Estado Bandeirante e que, já agora, estende suas actividades aos demais Estados da Federação.

Aos confrades de Baurú e especialmente ao nosso redactor-correspondente Nabor da Graça Leite, que nos enviou os elementos desta notícia, apresentamos as nossas cordiais saudações com votos de prosperidade material e espiritual.



Um aspecto da assistência no Teatro de S. Paulo, no encerramento da 4.ª Semana Espirita

teza recôndita nas profundezas da alma e ainda não descoberta na consciência da humanidade, de que a vida não acaba na morte e que, pelo contrário, é ali que ela começa verdadeiramente. O interesse do homem pelas coisas do Além pode também residir no despertar do espírito ante o mistério da vida e da morte e na ânsia de penetrar nas regiões desconhecidas do invisível cheio de sugestões e grandezas. Mas a verdade é que, na terra de Conan Doyle e Hugh Dowding, traduz-se em movimento de transcendente envergadura a ideia defendida por milhões de ingleses de que a alma é imortal e pode relacionar-se com outras que, em situação de encarnadas, cumprem na terra as suas fases de progresso.

Acreditamos, porém, que o entusiasmo que se observa no povo inglês no sentido do seu interesse pelas coisas espirituais não é fenómeno consequente da última guerra, embora admitamos que possa ser actualizado por ela. Precisamente no campo do Espiritismo Moderno, há muito tempo que este país se apresenta com nítidos caracteres e contribui poderosamente para a sua difusão e consolidação.

Numerosíssimas são as entidades espiritualistas que ali trabalham, sobretudo na fase experimental, fornecendo muitas comprovações acerca da realidade da vida no Além e muitos foram os congressos nacionais e internacionais que se realizaram no seu território para proclamar — *urbi et orbi* — a certeza do mundo invisível e a sua manifestação através da mediunidade. Neste caso estão os congressos celebrados em Londres e Glasgow e o que no passado mês de Setembro se deve ter realizado na capital da Grã-Bretanha.

E esta ideia de que o povo inglês acredita profundamente em Deus e na certeza da vida espiritual após a morte física firma-se na sua consulta realizada há pouco pelo sistema Gallup, esse Instituto estatístico auscultador da opinião pública, tão em voga

nos Estados Unidos da América do Norte e que permite a cidadania acerca de diferentes problemas.

No mês de Maio último, este Instituto fez uma investigação entre os habitantes da Grã-Bretanha sobre *A Fé em Deus e a Vida no Além.*

Transcreveremos textualmente da revista *Histonium,* de Buenos Aires, a notícia reveladora do sentir e pensar do povo inglês em matéria tão profunda. Diz assim no seu número de Junho (N.º 109)

«As perguntas dirigidas ao público inglês foram duas. A primeira dizia: *Credes na existência de Deus?* Ou sim ou não. *Credes numa força vital que controla a vida?* Ou então: *Não credes em Deus, nem numa força vital?*

«A segunda pergunta era a seguinte: *Credes na existência de uma vida no Além?*

«A primeira pergunta teve as seguintes respostas: 45 % declararam que criam em Deus; 39 %, numa força vital e 16 %, que careciam de fé. Á segunda pergunta, 49 % responderam que sim, 27 % que não e 24 % que não sabiam.

«A análise das respostas apresenta aspectos de alto valor social. Na realidade, dos 45 % que declaram que creem em Deus, 53 % são mulheres e só 38 % são homens; e os 52 % que declararam que crem em Deus têm mais de cinquenta anos. Mas, enquanto os que creem em Deus pertencem a todas as classes sociais, a proporção dos que declaram que creem numa força vital desce para 45 % nas classes remediadas e para 32 % nas mais humildes.

«Á pergunta suplementar: *Que forma julgais que pode ter a vida após a morte?,* 21 % responderam que a existência após a morte é inteiramente espiritual; 7 % disseram que criam no Paraiso e no Inferno; 3 % creem em qualquer forma de reencarnação; outros 3 % opinam que a nossa vida no Além será semelhante à vida terrena; e 13 % creem na vida do Além, mas sem noção precisa a tal respeito».

Os números que nos oferece o inquérito verificado pelo Instituto Gallup demonstram que o povo inglês é altamente espiritualista; e se em verdade os que creem em Deus somam 45 por cento, os que admitem a existência de uma força vital também aceitam uma realidade suprema, com denominação ou concepção diferente, mas que, levada às suas últimas instâncias especulativas, não é outra coisa que a Causa Criadora — DEUS.

Igualmente, demonstram que, na maioria, admitem a vida espiritual e que a morte não é mais que uma transição na trajectória da alma. Esses 49 por cento são índice probatório da evolução mental do cidadão britânico na apreensão das verdades transcendentes concernentes à sua natureza espiritual e sua existência eterna. Ao mesmo tempo vão superando os diferentes dogmas religiosos que ainda exercem influência através de várias confissões que negam a realidade da vida do Além e a evolução incessante da alma em diferentes planos de realização e experiência.

É muito eloquente a cifra que a consulta apresenta a favor dos que creem na existência do Paraiso e do Inferno: só uns 3 por cento. Com efeito, o progresso exerceu a sua influência salutar na mentalidade inglesa, no sentido de destruir a insustentável ideia da realidade dessas regiões que as mais opostas teologias teimam em afirmar.

Esta consulta, de indubitável importância e de tão significativo valor para a difusão das escolas espiritualistas, que exercerá ali uma influência decisivamente benéfica no progresso das ideias, das instituições e das relações humanas, esta consulta — dizíamos — apresenta um número que obriga a pensar a sério num aspecto fundamental do Espiritualismo: *a realidade da reencarnação,* ou seja, das vidas sucessivas.

Num total de 49 % de cidadãos que admitem a vida depois da morte física, só uns 3 por cento aceitam a reencarnação. Surge aqui uma dijuntiva que é necessário desfazer.

O mundo invisível que se manifesta lá e o que se manifesta aqui, porque diferem acerca da certeza desta lei palingenésica? São suficientemente conhecidas as diversas teorias expostas pelos adeptos e estudiosos de ambos os lados, para que as repitamos agora. Mas o que se impõe é esgotar o tema e chegar a conclusões em questão tão delicada como fundamental e que serve justamente para que as forças materialistas e retrógradas utilizem as referidas teorias para negar autenticidade à Voz do Mundo Espiritual e a todos os princípios em que assenta o Espiritismo.

Com a presente Consulta, o Instituto Gallup prestou inestimável serviço à propagação das ideias imortalistas e demonstra que o incremento do Espiritismo na Inglaterra, mais do que simples consequência da guerra, é resultante de profunda maturação mental e espiritual do povo britânico, que desta forma contribui para a formação dessa ansiada aliança entre a religião e a ciência e desse despertar consciente da sociedade a respeito de uma Verdade que vem das alturas e traz a todos os homens, sem distinção de raças, de credos e de cores, a Mensagem de redenção do Espírito.

Não é em vão que a Igreja Anglicana vê com maus olhos este movimento e muitas são as disputas que se levantam neste ressurgir espiritual e muitos são os bispos que caem em anátema desta igreja pela sua coragem em reconhecer os ensinamentos do mundo invisível e propugnar um acordo entre ela e a doutrina dos Espiritos.

O tempo fará a sua obra e dirá a sua palavra. Entretanto, meditemos nesta significativa consulta.

DA ENERGIA PARA A MATÉRIA

Por

RAMOS PEREIRA

O atomismo de Dalton em que o átomo era um corpo indivisível (cf. Atomismo de Demócrito e Epicuro), se ainda hoje pode bastar para a interpretação de grande número de fenómenos químicos, foi contudo insuficiente para a compreensão, entre outros, dos seguintes: — dissociação electrolítica que, formulado por Arrhénius, levou Johnstone Stoney a conceber uma unidade natural de electricidade (electrão) e cuja teoria só recentemente foi completada por Harry Jones com a tese subsidiária dos solvates; fenómeno de ionização dos gases da radioactividade, etc.

Deparou-se com a extrema complexidade do mundo atómico que hoje se considera como um edifício de cargas eléctricas? Mas em que assenta tal hipótese?

A lei de Moseley mostrou que existiam propriedades ligadas ao número atómico dos elementos na tábua periódica de Mendelejeff, propriedades essas variantes com a passagem de um elemento a outro da tábua.

Com efeito, verifica-se que os raios *alfa* provenientes de um elemento radioactivo atravessam por exemplo chapas metálicas sem sofrer desvio. Ora, se os átomos fossem corpos indivísiveis justapostos em moléculas, seria absurdo supor que essa radiação passava exactamente pelos intervalos de milhões de átomos existentes na chapa. Logo, os raios *alfa* devem atravessar os átomos e portanto somos levados a supor o edifício atómico como lacunar, isto é, formado por partículas infinitésimas deixando entre si grandes espaços (em relação à dimensão do átomo). Essas partículas compreendem forçosamente os electrões negativos e, portanto, uma quantidade de corpúsculos positivos capaz de anular a carga total daqueles, visto o átomo ser elèctricamente neutro.

Rutherford idealizou um modelo de átomo em que em torno de um núcleo formado pelos corpúsculos positivos gravitariam os electrões negativos. E mais: — se for N o número atómico do elemento, P o seu peso molecular e e o quantum elementar de electricidade (v. «Les Quanta», de G. Déjardin), existirão N electrões planetários com a carga — Ne, e P protões (corpúsculos positivos) e P-N electrões nucleares com a carga total + Ne.

Mas a teoria de Rutherford sobre a disposição dos electrões em torno do núcleo levantava perigosa objecção. Realmente, o electrão movendo-se em torno do núcleo, deveria segundo as leis do electromagnetismo, emitir (e de facto emite) energia radiante sob diversas formas: — raios luminosos, infra-vermelhos ou ultravioletas, raios X, ondas hertzianas. Tal facto provocaria necessàriamente uma diminuição progressiva na velocidade do movimento e daqui a tendência para os electrões caírem em órbitas mais intensas até ao núcleo.

Servindo-se da teoria de Planck (dos «quanta») que completara a teoria electromagnética de Faraday-Maxwell, Bohr considera que aquela emissão se dá apenas quando o electrão salta (por razões desconhecidas) de uma órbita a outra e, embora opondo-se à electrodinâmica clássica, só assim se poderá explicar a estabilidade atómica. Sommerfeld, seguindo Bohr, apresentou a tese de órbitas elípticas em vez de circulares, explicando à custa da mecânica relativista, certos detalhes da estructura atómica.

Chadwick em 1932 encontrava no átomo partículas pesadas, não desviáveis pelo campo eléctrico, a que chamou neutrões; cada protão nuclear seria, segundo ele, resultante da fusão de um neutrão com um electrão positivo ou positão. De modo que no núcleo atómico, existirão P neutrões e P positões (= P protões) e P-N electrões negativos ou negatões.

Esta concepção da estrutura da matéria, veio reviver a tese de Prout (depois que a teoria dos isótopos desfez a objecção de que as massas atómicas não se exprimem por números inteiros e que as teorias de Einstein levaram a supor a energia como pesado e inerte e portanto que a lei de Lavoisier não era de aplicação absoluta): — os elementos

derivam do hidrogénio, resultando os seus átomos de condensação de átomos de hidrogénio, (cf. Transmutação Artificial dos Elementos).

A tábua de Mendelejeff aparece-nos como uma escala estequiogenética que do hidrogénio vai até aos elementos radioactivos, os elementos mais complexos e pesados. Neles a matéria emite espontâneamente radiações que lentamente a desagregam, fazendo-a retrogradar naquela escala para o chumbo.

Mas se o hidrogénio é constituido por protões e electrões (ou melhor por neutrões, positões e negatões), neles está a origem e a natureza da matéria. A matéria nasce por condensação de cargas eléctricas em átomos de hidrogénio e destes em átomos cada vez mais pesados; quando morre, liberta, retorna aos seus elementos primitivos.

A gravitação dentro da imensa poalha electrónica foi provocando conglomerados que se iam contraindo pela própria energia gravífica. Seguindo Eddington e de acordo com a teoria dos gases perfeitos, a dentro desses imensos globos fluídicos prosseguiria o caminho do hidrogénio para os elementos pesados. Em breve tornam-se verdadeiros globos gasosos formados por camadas concêntricas. (A ciência constatou que as estrelas mais primitivas são formadas por átomos de hidrogénio, enquanto os elementos pesados só se encontram em astros mais evoluídos).

Com a condensação cada vez maior das camadas nucleares, a temperatura ia aumentando, progredindo por irradiação do centro para o exterior, donde se escapava sob a forma de radiação luminosa. Os cálculos de Eddington sobre a temperatura central de um astro relacionam-na com o raio deste, com a sua massa e com um coeficiente *a* que depende do peso molecular médio dos elementos que entram na contestura desse astro. (Stromger, baseando-se em Kramer, confirmou Eddington).

E as temperaturas espantosas assim obtidas vêm explicar a espontaneidade das reacções e transmutações que do hidrogénio provocaram todos os elementos. Mas como demonstrar o poder de conservação dessa radiação estelar? A contracção progressiva das camadas gasosas sugerida por Lord Kelvin e Helmholtz é insuficiente.

Segundo Bethe, a origem está na transformação da matéria em energia! Ao mesmo tempo que a energia redunda em matéria, da evolução desta sai a energia. A fórmula de Einstein, aplicada a esta transformação conduziu a resultados tão concludentes que H. N. Russel disse: — «o hidrogénio constitui o melhor carburante para manter a energia solar, formando o hélio o resíduo ou as cinzas da transformação».

Bethe, Garnow e Von Weizacher determinaram depois a escala estequiogenética dentro da evolução cósmica.

À medida que a contracção prosseguia, aumentava a velocidade de rotação desses imensos elipsoides que eram os sistemas planetários em princípio.

Isto é, passa-se da fase nebulosa à fase estelar. Ao passo que o centro se tornava um esferoide incandescente, os aneis planetários iam-se delimitando pelo agrupamento da matéria em volta de vários centros de atracção. E estes aneis planetários constituiram por sua vez aneis-satélites. Faye (in «Origine du Monde») distingue dois períodos na formação dos satélites: — 1.º — a força central é proporcional à distância e os astros que se formam têm todos movimento de translação directo; 2.º — a força passa-se a exercer no inverso do quadrado da distância e o movimento é retrógrado.

Deste modo, a velha hipótese de Laplace, corrigida por Wolf, Herschel e Faye, unida às teorias de Eddington e Bethe, explicam a origem do Universo e da matéria pela evolução da energia.

Pondere-se contudo que se desconhecem inúmeros elos desta cadeia imensa. Tal facto invalida a temática? De modo algum. Porque não sabemos como dos electrões provieram os átomos de hidrogénio, porque não penetramos nas reacções que destes fizeram surgir todos os outros, não devemos negar a racionalidade do pensamento que induziu a a linha genética. Só a poderíamos conhecer em todo e em minúcia se o homem conseguisse reproduzir no laboratório o que no espaço-tempo se desenrolou desde que com a primeira forma de energia apareceu o movimento.

(Pietro Ubaldi in «Grande Síntese» entronca a estequiogénese numa linha energogenética que da energia gravífica vai até às formas electro-magnéticas e daqui à electricidade globular como proto-forma da vida).

E poderemos entroncar a origem das formas vivas nesta linha evolutiva impossível de esboçar senão por traços largos?

O 3.º Congresso de Confraternização

«Trabalhar pela unificação dos orgãos doutrinários do Espiritismo no Brasil, é prestar relevante serviço à causa do Evangelho Redentor junto à Humanidade». EMANUEL.

POR

J. B. CHAGAS

Com o mesmo brilhantismo das vezes anteriores, encerrou-se no dia 3 de Outubro de 1948, na sede da Federação Espirita do Estado do Rio de Janeiro, o 3.º Congresso de Confraternização de Sociedades Espiritas deste Estado. Colimou perfeitamente o seu abençoado propósito de incrementar melhor aproximação entre os espiritas fluminenses, uma vez que foram realizadas cinco reuniões, em cinco cidades diferentes, tendo todas elas preenchido os seus grandiosos objectivos. Merece especial referência a colaboração sensata e consciente dos jovens componentes das *Mocidades Espiritas* dos Centros visitados, dando a cada uma das reuniões do Congresso a alegria e vibração natural da gente moça e a conhecer elementos novos, prenunciando um futuro brilhante para os outros empreendimentos que se sucederem no porvir.

O Congresso nos colocou em contacto com verdadeiras revelações, cumprindo destacar, sem qualquer menosprezo aos demais, o jovem académico de medicina, Ricardo Augusto de Azevedo Viana, director de propaganda da Federação Estadual, o qual é possuidor de sólido cabedal de conhecimentos doutrinários, que certamente muito lhe auxiliará para a vitória na profissão que escolheu.

O Congresso, na sua excursão de Amor, Carinho e Fraternidade, visitou as cidades fluminenses de Nova Friburgo, Macaé, Barra do Piraí, Nova Iguaçú, e Niterói. Ocuparam a tribuna nessas reuniões, como oradores principais, abordando oportunos temas doutrinários, os irmãos Olívio Novais, Olavo Alves da Silva, Newton de Barros, Ilva Tavares, Ricardo Augusto, Atlas de Castro, Elicides Teixeira, Deolindo Amorim, J. C. Moreira Guimarães, Lauro Sales, Carlos Imbassahy, Randolfo Pena Ribas, Amadeu Santos e J. B. Chagas. Não podemos, também, deixar sem referência especial o concurso valiossimo trazido pelos irmãos do Distrito Federal, tais como a Professora Ilva Tavares, Drs. J. C. Moreira Guimarães e Amadeu Santos, jornalistas Deolindo Amorim, Olivio Novais e Dr. Lauro Sales. Estes irmãos, prontamente atenderam ao nosso chamamento, trazendo ao Congresso o fulgor e o brilho das suas aprimoradas inteligências, muito concorrendo para o completo êxito do certame. O programa, é verdade, sofreu algumas modificações. Em Nova Friburgo, não compareceram os oradores escalados, por motivos vários, sendo substituidos — o deputado Campos Vergal, pelo autor desta resenha; o professor Leopoldo Machado, por Olívio Novais; e Zilda Portugal, pelo irmão Olavo Alves da Silva. Em Nova Iguaçú, o Dr. Lauro Sales substituiu a Srt.ª Edel Cerqueira Gomes. Podemos afirmar, todavia, que os suplentes nada deixaram a desejar, sendo dignos substitutos, com a exclusão apenas deste escrevinhador.

A reunião de Nova Friburgo, a primeira do Congresso, foi qualquer coisa de grandioso. Teve ela inicio no Asilo Amor a Jesus, agora sob a supervisão da Mocidade Espirita Friburguense, casa digna de ser vista pela ordem, asseio e desvelado amor às crianças, velhos e velhas ali internados. Ali foi servido aos congressistas o *Almoço da Fraternidade.* Sentados à mesa mais de 40 confrades, o cronista fez uma saudação aos presentes. Muita alegria cristã. Muita vibração espiritual. Os mínimos detalhes desta reunião estão gravados na crónica, a qual, juntamente com as de todas as reuniões levadas a efeito, serão publicadas pela imprensa espirita e constarão do folheto a sair dos anais do Congresso.

O movimento espirita naquela aprazível cidade fluminense está nas mãos dos moços, sendo figura destacada Elicides Teixeira, verdadeiro gigante no ardor e entusiasmo demonstrados no trabalho que realiza, não só na Rádio, na Imprensa, na Tribuna e na Campanha do Quilo, pró-Abrigo Amor a Jesus. Conta, é verdade, com o apoio de todos os presidentes dos cinco centros da cidade e dos moços e velhos da próxima localidade de Amparo. Joel Baptista Jonas e Nilse Teixeira, seguem muito de perto o dinâmico Elicides. E do esforço e do entusiasmo daquela gente moça muito há-de lucrar o Espiritismo friburguense.

Em Macaé, a Meca do Espiritismo fluminense, tudo correu bem, embora os trabalhos fossem um pouco prejudicados, em virtude das copiosas chuvas que cairam incessantemente, enlameando as ruas, e constantes interrupções da energia eléctrica. Mesmo assim, o programa foi integralmente cumprido. Os oradores programados, embora falando de improviso, foram felicíssimos. O último da tarde, que passou a ser noite, foi o Professor Newton de Barros; falou quase às escuras, porque faltou a luz eléctrica, justamente quando ia iniciar a sua palestra. O lampeão de *kerozene,* chamado a substituir a luz eléctrica, acabou o combustível. As velas chegavam ràpidamente à mesa e ao fim... — e, não possuísse ele luz própria... — e teria terminado a sua apreciada peroração em plena escuridão...

Em Barra do Piraí, revemos velhos companheiros. Aí o Congresso cumpriu também o seu programa, porque conseguiu atrair à sede do veterano Grémio de Beneficência, uma numerosa assistência. Nessa reunião teve especial destaque a Escola da casa, sob a orientação da jovem Gabriela, dando uma magnífica demonstração de eficiência.

Os elementos da Mocidade, poucas oportunidades tiveram de aparecer, porém é digna de menção a actuação das irmãs Lilita Figueiredo, Neala Gomes da Silva, a presidente da mesma, cujo nome nos escapou, e Lourdes Carneiro. A primeira e a última destas moças compareceram às reuniões de Nova Frigurgo e Niterói, representando a sua Mocidade, num preito de afecto e carinho aos membros componentes da Comissão promotora do Congresso, gesto este que a todos comoveu.

Em Nova Iguaçú, embora a reunião tenha sido realizada fora do horário normal dos domingos, no Centro Espirita «Fé, Esperança e Caridade», mesmo

assim, conseguiu uma boa casa. Aí, Deolindo Amorim mereceu a primazia entre os oradores, porque, grandemente emocionado, falando com ênfase e convicção, conseguiu atrair para si todas as atenções, focando oportunas considerações quanto ao movimento espirita e aos problemas humanos. Justo é consignar a impecável participação dos elementos da M. E. I., nos trabalhos dessa reunião. Os pupilos do professor Leopoldo fizeram uma brilhantíssima demonstração do verdadeiro teatro espirita, e nem outra coisa se poderia esperar daquelas moças, quando sabemos o gosto, a dedicação e o entusiasmo que o dito irmão vem empregando para colocar os moços espiritas dentro do seu verdadeiro lugar no âmbito espiritico nacional.

A Niterói coube a primazia de assistir à sessão magna de encerramento de mais este certame de aproximação em Cristo. A Federação Espirita, a velha instituição, que por tanto tempo obedeceu à direcção do saudoso irmão Jónathas Botelho, cuja memória foi relembrada com carinho e respeito, na reunião ali levada a efeito, está agora sob a presidência do jovem médico Dr. Randolfo Pena Ribas, dono de vasta cultura, forte cabedal doutrinário e possuidor de um grande desejo de produzir boas obras para o fiel cumprimento da sua árdua tarefa, reconduzindo aquela instituição ao seu verdadeiro lugar, como orientadora e incentivadora do movimento espirita no Estado do Rio, por isso que vem dando o seu apoio integral e decidido aos movimentos de Congressos de Confraternizações, Semanas Espiritas, Mocidades, etc.

Depois de cumprido integralmente o programa, que foi longo, mas atraente, pois contou com a eficiente colaboração das alunas da Escola de Declamação e Canto da Federação e das abrigadas do Instituto Dr. March e Asilo Sebastião Martir, em uma legítima demonstração de eficiência — foram tomadas, na parte final, importantes deliberações, com a aprovação das Conclusões do 3.º Congresso e quanto aos próximos de Confraternização em 1949, como o Congresso Espirita Estadual, em 1950, esperando-se que por essa ocasião já estejam todas as instituições congregadas em torno das actividades da Federação e da Comissão Central, constituida pelos representantes das Sociedades que aderiram aos três congressos já realizados e delegados municipais fluminenses, conforme publicou o último número da revista *A VOZ DOS ESPÍRITOS*, de Niterói. Em outra local, vão publicadas as conclusões aprovadas por unanimidade pelo plenário da reunião que encerrou o Congresso.

Chegámos, sem canseiras, ao termo de uma gloriosa jornada confraternativa, pois tivemos cinco estações de pouso, onde todos retemperaram as suas energias para a caminhada. Em cada uma delas, auriram todos novas forças. E mais feliz não poderia ter sido a escolha da data para a sua memorável conclusão — dia 3 de Outubro — data natalícia do nosso mui querido irmão Dr. Léon Hipolite Denisard Rivail, o Codificador do Espiritismo.

Agora, a nossa maior preocupação, ao ser encerrado mais um Congresso, com o brilho sem igual daquela magna assembleia, será aquela que se representará por uma pirâmide simbólica, mas cujo simbolismo todos nós conhecemos, pois confraternizar quer dizer aproximar. Aproximação, quer dizer união. União, quer dizer unificação, padronização. *A união faz a força*, e segundo afirmam — esta resulta daquela. A força, quando submetida a certas regras, dá nascimento ao ritmo, à rotina, ao hábito, ao método. O método, quando inteligentemente aproveitado, gera a ordem, o progresso. O progresso é marcha contínua, sempre para a frente, no sentido ascencional. Ascenção, é evolução, Evolução, e perfeição. Perfeição, é Deus. Tal o destino a que Deus condiciona todos os seus filhos: Caminhar para **ele**!

Tal deve ser a imagem da pirâmide simbólica, que todos nós devemos gravar perenemente no espírito.

Façamos, pois, do trabalho constante e edificante o nosso alto padrão de vida. E melhores *marcas* não Luiz: «Seus dias são marcas no caminho evolutivo. uma vez que sabemos — como bem afirmou André Luiz: «Seus dias são marcas no caminho evolutivo. Não se esqueça de que compactas assembleias de companheiros encarnados e desencarnados conhecem-lhe a personalidade e seguem-lhe a trajectória pelos sinais que você está fazendo».

Que o IV Congresso nos encontre unidos, coesos, predispostos para novas e abençoadas tarefas, em prol da unificação de todos os espiritas, em torno de uma só bandeira — a da Fraternidade, são os nossos mais sinceros votos.

CONCLUSÕES FINAIS do III Congresso de Confraternização das Sociedades Espiritas do Estado do Rio de Janeiro, realizado nos dias 5, 12, 19, 26 de Setembro e 3 de Outubro de 1948:

As comissões promotoras do III Congresso de Confraternização das Sociedades Espiritas do Estado do Rio de Janeiro, houveram por bem, de comum acordo, ao chegar ao termo do certame, com a anuência dos representantes das Sociedades que aderiram ao movimento, submeter à consideração e aprovação desta Magna Assembleia, as suas conclusões, descriminadas abaixo, tendo em vista a realização do IV Congresso, em 1949 e, posteriormente, o I Congresso Espirita Estadual, em 1950.

1.ª — Considerar organizada a Comissão Permanente, da qual farão parte a Comissão e delegados municipais, conforme está especificado no anexo n.º 1.

2.ª — Autorizar a Comissão Permanente a redigir normas para aquele fim, isto é, realizar os próximos congressos, com a adopção da *Canção da Alegria Cristã* e da Campanha para difusão do livro espirita, denominada: — «Livros... livros... a manchetas, para o espírita estudar...», ideializada pelo Prof. Leopoldo Machado, para serem submetidas à apreciação e aprovação do plenário do IV Congresso de Confraternização, na sua última reunião.

3.ª — Autorizar a publicação, em brochura, dos ANAIS dos três Congressos, realizados em 1946, 1947 e 1948, para serem distribuidos, gratuitamente, às Sociedades Espiritas Fluminenses, jornais deste Estado, etc.

4.ª — Autorizar, para fins de arquivo, a confecção de uma relação geral de todas as Sociedades espiritas e jornais existentes neste Estado.

5.ª — Autorizar as Comissões Central e Municipais a, quando faltarem três meses para o próximo Congresso, promoverem festivais, tômbolas, sorteios de livros e outros, a fim de conseguir os fundos necessários e indispensáveis ao custeio das despesas com o Congresso, podendo para isso convocar, para o melhor êxito das tarefas, outros elementos.

6.ª — Designar os confrades Dr. J. C. Moreira Guimarães, Olavo Alves da Silva e J. B. Chagas para que, em comissão, dêem começo aos trabalhos da impressão do folheto sobre os ANAIS dos três Congressos.

Crónica Estrangeira

por Isidoro Duarte Santos

CONFEDERAÇÃO ESPIRITA PAN-AMERICANA

A Confederação Espirita Pan-americana, com sede em Buenos Aires, acaba de nos comunicar que se constituiu a *Comissão Organizadora do 2.º Congresso Espirita Pan-americano* a realizar em Outubro de 1949 no Rio de Janeiro. Essa Comissão compõe-se dos seguintes membros, muito conhecidos dos nossos leitores: *Presidente* — Aurino Barbosa Souto; *Secretário Geral* — Deolindo Amorim; *Tesoureiro* — Dr. Artur Lins de Vasconcelos; *Vogais* — Dr. Campos Vergal, Dr. Carlos Imbassahy, Dr. Lauro Sales, Dr. Francisco Klörs Werneck, coronel Delfino Ferreira, Prof. Leopoldo Machado e J. B. Chagas. Oportunamente se darão a conhecer os pormenores acerca da *Comissão de Teses,* assuntos a considerar, prasos de recepção, dias do Congresso e demais dados de organização.

Lavra grande entusiasmo nas repúblicas sul-americanas, principalmente no Brasil, pela ideia de que em Outubro do corrente ano afluam ao Rio de Janeiro numerosos delegados de federações, sociedades, ligas, publicações, academias, adesas ou não à C. E. P. A., com o objectivo de fortalecer o Espiritismo, dando-lhe nova seiva.

Toda a correspondência relacionada com o 2.º Congresso pode ser dirigida à sede da Secretaria Geral da C. E. P. A., Calle Cangallo 2259, Buenos Aires, ou ao Presidente da *Comissão Organizadora,* Rua Uruguaiana, 141, sob., Rio de Janeiro.

Estudos Psíquicos acompanhará os congressistas e dará notícia circunstanciada das reuniões que se efectuarem na Capital Federal.

UM PLANO DE CULTURA

O nosso redactor-correspondente em Rosário de Santa Fé, Tito L. Bancéscu, acaba de nos enviar o interessante programa que abaixo inserimos, delineado pela nóvel *Federação Espirita Rosarina* com intuito de impulsionar e orientar o estudo do Espiritismo na Argentina, sob o triplice aspecto científico, filosófico e moral, de modo que haja noção exacta de Espiritismo, Animismo e Metapsiquismo. Para isso, aquela Federação resolveu organizar uma *Escola de Cultura Espiritista,* subordinada a um plano didático, para que a nossa doutrina possa exercer decisiva influência no público que sinta necessidade de conhecer as verdades que resultam das experiências parapsicológicas.

São condições indispensáveis à inscrição nestes cursos ter antecedentes morais inatacáveis, ser maior de 18 anos, comprometer-se a assistir sem interrupção aos cursos gratuitos, fazer um estudo prévio do livro de Kardec «O Que é o Espiritismo» ou do folheto de Léon Denis «Síntese Doutrinal e Prática do Espiritismo» e submeter-se a exame semanal dos cursos ali ministrados.

Eis o programa, que poderá servir de exemplo a outras federações e sociedades espiritas:

Esboço Preliminar

1) Que é o homem, donde vem, por que está no mundo e qual o seu destino após a morte corporal.
2) De quantos elementos se compõe o ser humano.
3) Que é o espaço.
4) Qual a finalidade da reencarnação.
5) Que é o bem e que é o mal.
6) Que é a Terra e como se formou.
7) Quanto tempo dura o movimento de rotação da Terra.
8) Como se chamam os outros planetas que giram em torno do sol.
9) São habitados?
10) Qual a origem da vida na Terra.
11) Porque não se recordam as encarnações anteriores.
12) Descendem as raças humanas de Adão e Eva?
13) Como vivem os espíritos no espaço.
14) Como se entra em relação com os espíritos do espaço.
15) O Espiritismo é crença ou ciência?
16) Porque se combate o Espiritismo?
17) O Espiritismo provoca a loucura?
18) Onde está o Céu e o Inferno.
19) Qual o significado da oração.
20) Que é necessário para ser bom médium.
21) A mediunidade na história.
22) Porque não pode um bom médium evocar sózinho os espíritos.
23) Que é o deismo, o ateismo e o panteismo.
24) Que é a Natureza e as suas leis.
25) Os fundamentos básicos do Espiritismo.
26) Que se objectiva com a sua prática.

Primeiro ciclo: Científico-experimental

1) Que é o Espiritismo em suas diferentes manifestações?
2) Que é um médium do ponto de vista fisiológico e psicológico?
3) Influência do ambiente sobre o médium.
4) Como se organiza uma sessão mediúnica.
5) O moral e o espiritual no médium e nos assistentes.
6) Influência da saude física nos assistentes.
7) Influência da saude física nos médiuns.
8) Como devem tratar-se os espíritos desencarnados.
9) Diferença entre fenómenos anímicos e espiritas.
10) As leis psíquicas da vibração.
11) Grandezas e misérias da mediunidade.
12) A transcendência funcional do perispírito no médium.
13) Como operam os espíritos do laboratório invisível.
14) A técnica das várias fases da mediunidade.
15) O fluido universal em relação com o hipnotismo e o magnetismo.
16) O Espiritismo e a psiquiatria.
17) O materialismo ante o Espiritismo.
18) Os fenómenos da psicologia normal, anormal e supranormal.
19) Que é o ectoplasma e como origina materializações.
20) A exteriorização da sensibilidade e motilidade humana.
21) A Medicina ante o Espiritismo e a Metapsiquica.

22) O Espiritismo e a loucura.
23) A metapsíquica materialista e o Espiritismo.
24) Os fenómenos da fisiologia supranormal.
25) O inconsciente, o subconsciente e o supraconsciente.
26) A sociologia espirita e a materialista.
27) Concordância do Espiritismo com a biologia, a fisica, a química, a astronomia, a psicologia, a fisiologia, a medicina, a jurisprudência, a pedagogia e as ciência naturais.

Segundo ciclo: Parte filosófica

1) Os fenómenos espiritas na história.
2) O Espiritismo perante as religiões.
3) O Espiritismo como filosofia integral.
4) A moral e a filosofia palingenésica.
5) A pluralidade de existências e de planetas.
6) A lei da causalidade: destino e expiação.
7) Fundamentos da imortalidade da alma.
8) Influência dos filósofos gregos na ideia da imortalidade da alma.
9) A erraticidade e a encarnação.
10) O Espiritismo e o super-homem.
11) A ética individual e a internacional.
12) A evolução do amor.
13) O processo genético do Cosmos.
14) A sabedoria do psiquismo.
15) A síntese monista e a consciência cósmica.
16) Critério filosófico da erraticidade.
17) A evolução do psiquismo e a génese do espírito.
18) As três soberanias de Gustave Geley: o Soberano Bem, a Soberana Justiça e a Soberana Consciência.

Teiceiro ciclo: Biografias

Jesus de Nazaré, Allan Kardec, Buda, Confúcio, Maomé, Gandhi, William Crookes, Oliver Lodge, Gustave Geley, Charles Richet, Eugène Osty, Paul Gibier, Lombroso, González Soriano, Amália Domingo Soler, Cosme Mariño, Manuel Ugarte, Ovídio Rebaudi, Schrenk-Notzing, Crawford, Flammarion, Aksakoff, Inácio Ferreira, Leopoldo Machado, Deolindo Amorim, Pierre Janet, Paul Janet, Bezerra de Meneses, Cairbar Schutel, Freud, A. Jung, G. Adler, Hans Driesch, W. James, Gabriel Delanne, Isidoro Duarte Santos, Sans Benito, Ernesto Bozzano, Zoellner, Vitor Hugo, Wallace, Pasteur, Madame Curie, Oxon, Hare, Pancho Sierra, Henrique Andrade, Ernesto Moog, Filipe Pinel, Charcot, Morselli, Canavésio, Muñoz Soler, Carlos Chiesa, Francisco Durand, Conan Doyle, Blavatsky, Mesmer, Jinarajadasa, Ramacharaca, Russel, Pietro Ubaldi, Steiner, Krishnamurti, Krumm Helen, Eugène Nus, Chiaia, Del Campo, Mme. d'Esperance, Kluski, Guzik, Eusápia Paladino, Slade, Ochorowicz, Eva Carrière, Fidanza, Schneider, Francisco Cândido Xavier, etc.

ENQUANTO DORME EM LONDRES FAZ CURAS NO CANADÁ

O sr. Charles V. Stromberg publicou no semanário inglês *The Two Worlds* um curioso artigo acerca das faculdades curadoras do médium Steabben, muito apreciado pelas suas curas surpreendentes. Analisando as histórias clínicas deste incansável trabalhador, verifica-se que muitas desordens patológicas, desde o reumatismo à cegueira total, são atribuidas a deslocações ósseas e desarticulações casuais.

Os *Guias Espirituais* do terapeuta são o espírito do poeta James Macbeth Bain e o espírito de um especialista francês muito versado em estrutura óssea que auxília poderosamente os diagnósticos.

O médium F. W. Nuthall fala assim, a respeito do sr. Steabben; «Este sr. visitou-me uma tarde no hospital, quando eu estava inconsciente. Mas durante o tratamento tive a percepção do curador e senti-me penetrado por nova vida. O alívio e a tranquilidade que me sobrevieram não se podem traduzir em palavras. Por isso, considero aquela tarde como início do meu restabelecimento».

Hemorragia mortal — Uma cura extraordinária de hemorragia interna causada por deslocamento de ossos é a da sr.ª Paton. Os médicos diziam que só uma operação maior a poderia salvar. Ela, porém, recusou-se e visitou o sr. Steabben que lhe descobriu um osso deslocado; e como o caso era urgente, aconselhou a mulher a procurar um osteópata, para a devida operação. O osteópata confirmou o diagnóstico e reajustou-lhe três ossos! Entretanto, Steabben tratava-a a distância e declarou que a hemorragia cessaria dentro de uma semana, o que se verificou rigorosamente. A doente está inteiramente curada.

Além do mal provir de deslocação óssea, a enferma tinha razão em depositar confiança no médium, embora os médicos afirmassem que a sua hemorragia era de morte.

A forma etérica de Steabben — Crianças imbecis, corcundas, e doentes de paralisia crónica, restabeleceu alguns, depois de terem sido desenganados. Também no caso seguinte a origem do mal estava na deslocação ou na avaria de um osso. Tratava-se de uma paralítica do Canadá, que oito anos esteve retida em casa por não poder andar. Dotada de faculdades que lhe permitiam ver as formas etéricas de um dos Guias e de Steabben, ao cabo de um mês ficou restabelecida. Ao regressar a Inglaterra, visitou Steabben para confirmar a sua cura. E depois de reconhecer o médium, exclamou:

— O sr. já me viu e, no entanto, nunca me viu *(sic)*.

Isto explica-se, porque o curador não se lembra dos tratamentos quando actua em espírito, pois acha que se deve respeitar a intimidade do doente.

Um pescoço deformado — A sr.ª Driver — continua o articulista — declara que há um ano se sentiu muito mal e consultou distintos médicos especialistas sem o mínimo resultado.

— Parece-me que fui inspirada a vir aqui — disse ela —. Eu conhecia o sr. Steabben, mas já o não via há muitos anos. Logo que me viu, disse imediatamente: *Isso é do acidente que a senhora sofreu há dois anos.*

Esta senhora caira sobre troços de carvão e ficou com as pernas torcidas e o pescoço deformado. Uma noite, enquanto caminhava, teve sensação de morte: «A minha segunda vértebra do pescoço — disse ela — deslocou-se e se não fosse o sr. Steabben não poderia contar estes factos. Por isso lhe agradeço profundamente o perfeito diagnóstico e o tratamento».

Curas a distância — Poderia dar muitos exemplos de cura de doenças semelhantes e de outras, desde o cancro às enfermidades crónicas do estômago — continua a escrever o sr. Charles V. Stromberg —. O número de casos patológicos devido ao estado dos ossos devia fazer reflectir sèriamente os que exercem terapêutica, sejam médicos ou heterodoxos. Fica também ilustrada a relação estreita entre as curas espirituais e o estado físico. Os ossos são objectos materiais, mas as suas

Livros de todo o Mundo

COMENTADOS POR

RAMOS PEREIRA

UMA NOVA CIÊNCIA — pelo *Dr. Mário E. Azambuja*. 2.ª edição da F. E. Brasileira. 1948, 100 págs.

Num estilo fluente, o autor «conversa» com o leitor, tendo como tema o Espirito e, assim, apresenta um opúsculo que, se não contém aquela argumentação exaustiva característica das obras «tratadistas»... acumula contudo uma sucessão de argumentos «humanos» (e que eu chamarei assim por terem o seu ponto de apoio nevrálgico na estrutura vivencial do homem).

É digna de admiração a atitude mental do Dr. Mário Escobar: — afirmando-se «espirita», diz-nos que nada viu ainda de assombroso! A sua convicção na realidade do fenómeno foi obtida através da leitura dos «clássicos» metapsiquistas; depois, o caminho para o Espiritismo foi percorrido... pela razão. «Que me adiantaria andar, de sessão em sessão, para observar aquilo que está mais que comprovado por centenas de homens honestos, cultos e sábios?... Se se faz mister que eu veja para crer, em quão pouco devo acreditar de tudo que me dizem os homens nas palestras e nos livros!». Note-se que esta atitude, aparentemente radical, significa para o Autor tão só uma primeira posição de um método de trabalho: — «Se eu fosse começar a minha jornada pela parte eminentemente prática, eu, ainda hoje, estaria estacionado, sem me permitir alguma conclusão, à espera ou à procura de médiuns de materialização ou de fenómenos mais raros» — ou desgostoso do tempo perdido diante da muita credulidade, de algum fanatismo e até — quem sabe! — dos efeitos do mais soez charlatanismo.

Infelizmente, começa-se por onde se devia acabar: — pela «sessãozinha»... Isso faz lembrar um «estudante» (?) que, desprezando o ensino dos compêndios, quisesse ver e compreender a transmutação dos átomos.

Falando para os «profanos» do Espiritismo, o Autor acaba por tocar subtilmente uma das feridas mais perigosas do corpo da Doutrina.

FLORES DO OUTONO — por *Jesus Gonçalves* — Livraria Allan Kardec Editora. S. Paulo, 1948. 105 págs.

É possível que o juizo estético frio sobre este «bouquet» de poesias não seja de pura exaltação do estro do seu Autor, porque ao lado de versos de «boa água» outros se enfeixam destoando. Mas se ao lê-los, sentimos o que há de tràgicamente grandioso em o Poeta os ter arrancado quando a lepra corroia o seu organismo, aquele juizo imediatamente se transmuda, porque um juizo humano se sobrepõe. É preciso realmente amar o Belo para que, presenciando a máscara gargalhante do Horrível em nós mesmos, se possa cantá-lo ainda; e para o amar é necessário que a alma tenha encontrado uma certeza ideal a que se prenda para se esquecer do real actual. Herculano Pires chamou a Jesus Gonçalves — «triunfo do espírito na falência da matéria». Sim, é isso, mas permito-me classificá-lo de um modo mais abstracto — Cântico Ideal soando do Inferno.

É interessante notar que os primeiros versos — aqueles em que destila o amargo da sua dor — são formalmente e de um modo geral mais belos que os «Novos Rumos». Nestes, parece sentir-se a incapacidade da expressão rítmica acompanhar o voo do espírito. Aqueles dois sonetos — «Meus Versos» e «Uma Vida» — por exemplo, são dois gritos de um homem.

Ide dizer o que eu dizer não pude;
pois me foi dado pela sorte rude
um coração sadio num corpo en-
[fermo!
Ide! Mas se vos for contrário o
[vento,
mofai na insipidez do esquecimento
como eu mofei na solidão de um
[ermo!

Aqui o Poeta está mais perto de nós, da terra, dos seus desencontros emotivos, do seu drama.

Gosto da noite! O mundo é menos
[duro.
Não penso tanto no que em vão
[procuro
e que de dia inutilmente espero!...

Embora sem ódio, os primeiros versos são a mensagem do leproso que espera... Depois, o resto que é tudo para o Espírito que deixou de ser Poeta da terra para ser apenas uma chama de fé e esperança, é... «Flor de Primavera» sem a maturidade perfeita, tão só com a gracilidade terna da juventude.

EM BUSCA DO PERDÃO — psicografado por *Carmo Bianco*. S. Paulo, 1948 179. págs.

O heroi do romance, «Jorge», é um moço atraído pelos prazeres do mundo, um tipo donjuanesco que acaba por ser vítima de uma obsessão provocada pelo espírito de um marido ultrajado.

Se a ideia é sugestiva e se o plano de acção é potencialmente perfeito, as dificuldades formais tornam o livro um fraco produto literário. É caso para dizer um paradoxo pitigriliano: — eis um livro que podia ser bom se fosse escrito doutro modo!... Aparecem, sem dúvida, páginas dignas de admiração, mas na generalidade a acção é descrita de uma forma descolorida e um pouco mesmo «descosida». Assim, por exemplo, o drama passional que está como causa da obsessão aparece episòdicamente... quando esta se declara. A figura do «Padre Agostinho» não tem aquela «vida» que o Autor lhe quer dar, sem jàmais o conseguir.

«Lizia» é apenas um enxerto para fazer surgir no palco mais uma personagem de pequeno papel — uma filha ilegítima do D. Juan moderno. «Dulce» é, de todas as figuras, depois de «Jorge», a menos imperfeitamente tratada.

Talvez haja quem me diga que nestes «casos» só a ideia fundamentalmente interessa. Não posso concordar e isto porque não esqueço, por exemplo, e sem querer estabelecer confrontos, a beleza for-

---

desordens e deslocações podem diagnosticar-se mentalmente sem nenhum contacto físico, bem como fazer ir os ossos ao seu lugar e curar a doença sem usar de meios físicos. Eis porque as curas não se limitam, a tratamentos *por contracto*, mas também *à distância*. As curas constituem a prova mais directa e maravilhosa e o que se acaba de relatar demonstra quão perto de nós está o mundo dos espíritos.

Notas & Comentários

A REENCARNAÇÃO EM INGLATERRA

A teoria da reencarnação vai progredindo entre os espiritistas ingleses. No número de 19 de Fevereiro do *Psychic News*, Margery Lawrence escreveu o seguinte:

«Eu queria reptar a afirmação de W. H. Evans na crítica que fez ao livro «O Mistério do Nascimento», do Dr. Josiah Oldfield, a qual foi expressa nestas palavras:

«O Dr. Oldfield atribui o incremento de natalidade de varões durante a guerra à encarnação de homens que nela sossobraram. *Ora, nós sabemos por várias mensagens, que não se encarna...*».

«Isto está em completo desacordo com as minhas experiências de mais de vinte anos, muitos deles gastos a ouvir regularmente os ensinos de famosos Guias, como *Red Cloud, Silver Fox, White Hawk, Read Eagle,* etc. Por isso, afirmo que a maioria dos mais elevados Guias ensinam a reencarnação. E na minha própria clariaudiência muitos Guias têm repetido precisamente o que o Dr. Oldfield afirma, isto é, que o incremento de natalidade de varões durante a guerra e depois dela foi devida em grande parte a esses jovens desencarnados prematuramente desejosos de renascer outra vez na Terra».

Felizmente, esta ideia vai correndo mundo e fazendo adeptos até nos indiferentes que não podem explicar de outro modo certos casos *intrincados,* como o de Pierino Gamba que encheu de assombro os círculos musicais da Europa e do mundo, apoiado em onze anos de infância que ultrapassam em saber e experiência os sessenta de notáveis maestros.

A CASA DE SAÚDE

Continuamos a receber cartas acerca da ideia da *Casa de Saude* que preconisamos para obsidiados a quem a medicina oficial nada pôde fazer, não obstante os recursos de que dispõe.

Hoje, chegaram duas: uma de professor que está a sentir os maléficos efeitos da obsessão e apela para nós em desespero de causa, e outra de Moçambique, capeando um cheque de mil escudos destinados à obra que se projecta. É o são e o enfermo que se tocam no mesmo ponto: o primeiro na ânsia de fornecer elementos básicos ao que se pretende e o segundo na ânsia ainda mais justificada de se libertar de uma doença terrível que traz consigo a desesperança.

Vamos agitando o assunto. O que hoje é impraticável pode muito bem realizar-se àmanhã. Tudo depende das circunstâncias e das necessidades. Há anos, no México, um conhecido médium curador foi autorizado a exercer a medicina pelo Departamento de Saúde Pública, por se reconhecer pùblicamente que agia sob o controlo directo de grande médico desencarnado, o qual prescrevia mèdicamentos com a mesma letra que usava na Terra.

«Atrás de tempos, tempos vêm», como diz o rifão. Até lá, não desanimemos. O alvo pode estar mais próximo do que se julga. E ainda que não consiguemos materializar tão justa pretensão, a propaganda que se faça neste sentido demonstrará que o Espiritismo, além do mais, que não é pouco, é de utilidade prática e todos nele encontrarão remédio para as enfermidades físicas e espirituais.

INVENTO REVOLUCIONÁRIO

O *Diário da Tarde* de Curitiba publicou em 27-9-948 uma notícia acerca de um invento do Major Manuel Grott, professor de física e matemática, que tem proporcionado a cura a muitos doentes. Trata-se de um aparelho eléctrico construido sob indicação de Espíritos superiores e compõe-se, além do seu mecanismo interno, de placas metálicas ligada a um condutor duplo comum que, por sua vez, liga a dois polos, um positivo, outro negativo. O paciente coloca as mãos nestas placas, para verificar a carga eléctrica acumulada no seu corpo. Se esta não for suficiente, trocam-se os polos e tudo se harmonizará. Com estas aplicações tem o autor do aparelho levantado paralíticos, curado úlceras do estômago, aortites, regulado corações e nervos e muitas outras enfermidades.

Numa sessão de efeitos físicos em Curitiba, o Major Grott verificou o transporte do médium de uma sala para outra, através de uma porta que fôra prèviamente fechada e selada. Como este último ficasse em grande prostração, o Espírito instrutor aconselhou o Major a que fizesse uma aplicação com o seu aparelho ao médium, que tinha a tensão arterial quase reduzida a zero, pois tratara-se de um caso de desmaterialização que requeria assistência imediata. Estes casos esgotam profundamente os médiuns, em virtude de exigirem grande dispêndio de energia.

O Espírito disse depois ao Major Grott que se vinha interessando pelo invento, acabando por fornecer alguns esclarecimentos acerca de pormenores que aquele desconhecia.

Segundo escreve o articulista, o aparelho é um mistério para os incrédulos. Uma verdade desta natureza testemunhada por assistência honesta e insuspeita é para assombrar o mundo, valendo por trombebas orientadas pelos Espíritos encarregados do toque de nova alvorada.

PRODUÇÃO EXPERIMENTAL DE GÉMEOS

Os problemas relativos à genética têm interessado todos os investigadores, e têm grande importância no domínio na Metapsicologia, para o estudo da hereditariedade física, hereditariedade psíquica e seus estreitos limites.

Isto vem a propósito de que recentemente na Universidade de Estrasburgo, os professores Wolff e Lutz conseguiram provocar experimentalmente a formação de géneros no embrião do pato. A intervenção consiste em fender o germe não incubado do ovo de pata por meio de uma fina agulha de vidro.

Talvez estas experiências, mais tarde feitas em seres humanos, possam provar a esses cientistas que dois seres fisicamente idênticos e sujeitos às mesmas condições do meio, têm por vezes caracteres diametralmente opostos.

---

mal e a perfeição de urdidura de um romance como «Do Calvário ao Infinito» ou «A Vingança do Judeu» ou ainda «Paulo e Estevão». A obra de ficção ou há-de preencher um mínimo de requisitos estéticos ou não passará de uns centos de folhas de papel cosidas.

Noticiário

O 10.º ANIVERSÁRIO DE «ESTUDOS PSÍQUICOS»

Conforme estava anunciado, no dia 31 de Janeiro, domingo, pelas 16 horas, realizou-se a tarde cultural comemorativa do 10.º aniversário da revista *Estudos Psíquicos* e do Centro E. Luz e Amor. Abriu a sessão o nosso confrade Álvaro Ramos Pereira, que disse algumas palavras sobre o acto que se estava a comemorar, fazendo votos para que o Espiritismo Português pudesse ràpidamente evoluir, principalmente no seu duplo aspecto: científico e ético. O Director da revista, Isidoro Duarte Santos, historiou a vida desta publicação que, devido aos seus colaboradores e amigos, conseguiu alcançar um dos melhores lugares entre todas as revistas congéneres, tendo hoje redactores correspondentes em quase todas as partes do mundo.

Na parte musical colaboraram D. Maria Amélia Rebelo da Silva, José de Sá Machado e Mário Simões; na parte de declamação, D. Maria Odete Horta, que recitou «O Ateu», de Isidoro Duarte Santos; Maria Eugénia Dias Duarte que disse a «Canção de Batalha», de Guerra Junqueiro; Isidoro Duarte Santos, «Introdução à Morte de D. João», de Guerra Junqueiro; Maria Helena Gamboa, «A Balada da Neve», de Augusto Gil; Dr. Pedro Carreira Dias de Sousa, que brilhantemente recitou «A Parábola da Vida», de Ramiro Guedes de Campos e «Quimera», de Isidoro Duarte Santos; António Cardoso, que declamou «Regresso ao Lar» e «Minha Mãe», ambas as poesias de Guerra Junqueiro, e, por último, Ramos Pereira, que recitou várias poesias da sua autoria, e Eduardo Fernandes de Matos, que recitou versos de Francisco Ventura.

O Coronel Faure da Rosa — presidente da Federação Espirita Portuguesa — elogiou o incansável trabalho do director de *Estudos Psíquicos*, durante tantos anos de luta, pela propaganda do Ideal.

E foi num ambiente da mais pura espiritualidade que findou esta tarde cultural, que ficará, certamente, na memória dos numerosos ouvintes que a ela assistiram.

AS NOSSAS CONFERÊNCIAS

Conforme estava anunciado, realizou-se no dia 23 de Janeiro a conferência do nosso confrade Álvaro Ramos Pereira, subordinada ao título: «Fundamentos da Imortalidade da Alma». Começou por falar acerca das correntes espiritualistas não espiritas e do materialismo, demonstrando a sua insuficiência para explicar certos fenómenos psicológicos. Passando depois para as correntes neo-espiritualistas, demonstrou alguns problemas de grande alcance teórico e prático, como a propagação no espaço e no tempo, a teoria do criacionismo e da palingénese, etc. Terminou, sendo, como de costume, muito aplaudido pela numerosa assistência.

Também no dia 13 de Fevereiro se realizou a conferência do nosso confrade António Cardoso: «Hereditariedade e Reencarnação», presidida pelo nosso confrade e amigo Coronel Faure da Rosa. O conferente começou por descrever a constituição das células e dos diversos tecidos que revestem o organismo humano. Esboçou também a reprodução do ser humano, mostrando o papel do espermatozoide e do óvulo. Mostrou a insuficiência da teoria genética para explicar certos fenómenos psicológicos, os quais só podem ser explicados satisfatòriamente por intermédio do perispírito e das vidas sucessivas.

Ao terminar foi aplaudido com uma salva de palmas.

SESSÕES EXPERIMENTAIS E DE DESENVOLVIMENTO DE MEDIUNIDADE

O Centro E. Luz e Amor vai iniciar às terças-feiras, a partir de Março, sessões experimentais e de desenvolvimento de mediunidade. Estas sessões, com um carácter nìtidamente particular, pois o número de assistentes não ultrapassará 12, têm por fim investigar os fenómenos metapsicológicos, dentro dum critério nìtidamente científico, e desenvolver a mediunidade nas pessoas que tenham faculdades psíquicas acentuadas.

Os trabalhos começarão com experiências de fotografia do fluido magnético ou força psíquica (idênticas às do Comandante D'arget), psicometria, clarividência e telepatia, passando depois, na medida dos resultados obtidos, para experiências mais complexas.

Esta iniciativa — que esperamos seja levada a bom fim — será um grande passo para iniciar o Espiritismo Científico no nosso país.

PROGRAMA DOS TRABALHOS DO CENTRO NO MÊS DE MARÇO DE 1949

Dia 3 de Março, quinta-feira, às 21,30 — Sessão do Grupo Reper-Siam, dirigida por Isidoro Duarte Santos.

Dia 10 de Março, quinta-feira, às 21,30 — Sessão do Grupo Reper-Siam, dirigida por António Cardoso.

Dia 13 de Março, domingo, às 16 horas — Sessão doutrinária com a médium D. Maria Cecília Gorina.

Dia 17 de Março, quinta-feira, às 21,30 — Sessão do Grupo Reper-Siam, dirigida por José F. Cabrita.

Dia 19 de Março, sábado, às 21,30 horas — Sessão doutrinária com a médium D. Maria Cecília Gorina.

Dia 24 de Março, quinta-feira, às 21,30 horas — Sessão do Grupo Reper-Siam, dirigida por Isidoro Duarte Santos.

Dia 25 de Março, sexta-feira, às 21,30 horas — Sessão do Grupo Amor do Redentor, dirigida pelo Dr. Adelino Gambôa.

Dia 27 de Março, domingo, às 16 horas — Conferência por Ramos Pereira, intitulada «A Sabedoria do Psiquismo».

Dia 31 de Março, quinta-feira, às 21,30 horas — Sessão do Grupo Reper-Siam, dirigida por António Cardoso.

Dia 7 de Abril, quinta-feira, às 21,30 horas — Sessão do Grupo Reper-Siam, dirigida por José F. Cabrita.

NOTA — *As conferências são públicas, e as sessões exclusivas aos sócios com as cotizações em dia.*

LIVROS NOVOS

Acabam de chegar ao nosso depósito os seguintes livros:

Corpo e Espírito, pelo Dr. Carlos Imbassahy — Brochado, 22$00 — Encad. ... 30$00

Mediunidade, pelo Comandante Edgar Armond—Br. 24$00

Cartas do Evangelho, versos formosíssimos, pelo Espírito de Casimiro Cunha — Brochado ..... 24$00

Na Seara do Mestre, por Vinicius — Brochado ... 24$00

Coisas do Outro Mundo (O Homem que foi operado por um Espírito) — Br. 15$00

Colectânea do Além, prosa e verso recebido por Francisco Cândido Xavier — Brochado, 12$00 — Enc. 20$00

Trabalhos Post-Mortem do Padre Zabeu, pelo catedrático Dr. Urbano Ferreira, com muitas gravuras de materializações — Br. 25$00

Factos, colectânea de fenómenos muito interessantes e impressionantes observados por António J. Trindade; obra valiosíssima) — Brochado ..... 35$00

O Que Eu Vi no Pará (fenómenos recentes de materialização), pelo Dr. Octávio Coutinho — Brochado 6$00

Afinal, Quem Somos ?, magnífico trabalho histórico, científico e filosófico do Espiritismo, por Pedro Granja — Brochado ..... 35$00

Um Só Senhor, obra sobre o futuro do Espiritismo, com a biografia completa do médium Francisco Cândido Xavier, pelo Dr. Romeu Camargo—Brochado 28$00

Jerusa, curioso romance espírita, pelo médium Olímpio S. Belém — Encadernado 25$00

Raymond, por Sir Oliver Lodge. Provas de identificação que converteram este grande cientista ..... 20$00

Magnetismo Pessoal, por Heitor Durville. 9.ª edição — Brochado ..... 22$00

A Alma e o Subconsciente, pelo Dr. Alberto Seabra, *2.ª edição* — Encadernado 22$00

Bhagavad Gitâ (a sublime canção da imortalidade), *4.ª edição* — Brochado ... 22$00

Cabala (a tradição esotérica do Ocidente), *4.ª edição* — Brochado ..... 18$00

A Força do Pensamento, por W. W. Atkinson. *6.ª edição* — Brochado ..... 18$00

Grafologia, 6.ª edição. Método de conhecer o carácter dos indivíduos pela sua escrita — Brochado 40$00

O Homem e os Seus Corpos — Brochado ..... 16$00

A Iniciação de Jesus, pelo Dr. Swinburne Clymer — Brochado ..... 8$00

A Nova Psicologia, por W. W. Atkinson — Brochado 16$00

O Poder do Pensamento, por W. W. Atkinson—Br. ... 18$00

O Poder da Fé, por W. W. Atkinson — Brochado ... 22$00

A Sugestão e a Auto-Sugestão, por W. W. Atkinson — Brochado ..... 18$00

Terapêutica Magnética (Estudo progressivo do tratamento magnético) *5.ª edição* — Encadernado ..... 18$00

O Tesouro dos Humildes, por Maurice Maeterlinck — Brochado ..... 30$00

Os Meios Físicos e Naturais na Profilaxia e Cura, pelo Dr. Fred Wachsmann — Um belo tratado sobre a cura das doenças através dos agentes naturais ..... 25$00

Memórias do Padre Germano, por Amália Domingo Soler — Obra sã, verdadeiro breviário de ascensão espiritual destinado aos que desejam preparar-se para a grande viagem — Br., 37$00 — Encad. 45$00

Do Calvário ao Infinito, pelo Espírito de Vítor Hugo — Um maravilhoso romance mediúnico onde se nota a profundidade do pensamento de um grande poeta e grande escritor — Br., 42$00 — Encad. 50$00

As Heroínas de Hydesville, por Alfredo Miguel — A história atribulada das Irmãs Fox, que revelaram ao mundo os primeiros fenómenos do Espiritismo —Brochado ..... 15$00

As Nossas Edições

Leiam as nossas edições e aumentarão os seus conhecimentos !

NOS UMBRAIS DO ALÉM, por *Sir William Barrett*, antigo professor de Física na Universidade de Dublin — Análise científca dos fenómenos do Espiritismo, em tradução de Isidoro Duarte Santos. Livro quase esgotado a pesar de se ter feito uma tiragem de 2.000 exemplares.

Brochado 25$00 — Encadernado

Brochado ..... 25$00
Encadernado ..... 35$00

LUZ NO CAMINHO, por *Isidoro Duarte Santos*. Páginas de análise evangélica à luz do Espiritismo e dedicadas à humanidade sofredora. O maior êxito de crítica espírita e profana. Encontra-se também quase esgotado e por isso a sua venda passa a ser feita directamente pela revista *Estudos Psíquicos*.

Brochado ..... 27$50
Encadernado ..... 37$50

CIENTISMO E ESPIRITISMO, pelo *Professor Leopoldo Machado* — Livro que tem suscitado aceradas críticas pelo arrojo e desassombro da sua análise. Em 222 páginas encontra-se o estudo comparativo das actuais doutrinas científicas perante o Espiritismo Moderno. É uma obra que todo o espírita deve ler.

Brochado ..... 18$00

NOTA — Todas estas obras se envam à cobrança.

Obras de Ciências Psíquicas e Filosofia Neo-Espiritualista

(em depósito nesta redacção)

	br.	enc.
FRANCISCO C. XAVIER (Médium)		
Boa Nova (quadros evangélicos), ditados pelo *Espírito de Humberto de Campos*	15$00	23$00
A Caminho da Luz (História da civilização), pelo *Espírito de Emmanuel*	12$00	
O Consolador, pelo *Espírito de Emmanuel*, resposta a 461 perguntas		25$00
Cartilha da Natureza, pelo Espírito do poeta Casimiro Cunha	15$00	
Crónicas de Além-Túmulo, ditadas pelo *Espírito de Humberto de Campos*	15$00	23$00
Emmanuel, repertório de ensinamentos cristãos, ditados pelo Espírito de *Emmanuel*	12$00	
Há dois mil anos, romance empolgante ditado pelo *Espírito de Emmanuel* (nova edição)	26$00	34$00
50 Anos Depois, continuação do romance supra, pelo *mesmo autor*	26$00	34$00
Lázaro Redivivo, pelo *Espírito do Irmão X*	22$00	
Lira Imortal, versos de poetas desencarnados	8$00	
Mensageiros (Os), pelo *Espírito de André Luis*	24$00	32$00
Missionários da Luz, pelo *Espírito de André Luis*, obra dedicada às pessoas cultas	27$00	35$00
Nosso Lar, pelo *Espírito de André Luis*	24$00	32$00
No Mundo Maior, pelo *Espírito de André Luis*	24$00	32$00
Novas Mensagens de Humberto de Campos	10$00	
Parnaso de Além-Túmulo (maravilhosa colectânea de poesias ditadas por espíritos de poetas luso-brasileiros), nova edição melhorada	30$00	40$00
Paulo e Estêvão (livro famoso considerado pelos eruditos como a mais completa biografia de S. Paulo) (nova edição)	30$00	40$00
Renúncia, romance empolgante e consolador, destinado aos tristes e desesperados, ditado por *Emmanuel*	26$00	34$00
Reportagens de além-túmulo, pelo Espírito de *Humberto de Campos*	18$00	25$00
OBRAS DIVERSAS		
Análise das Coisas, pelo *Dr. Paulo Gibier*	16$00	26$00
Arcanos da Natureza, por *Alexandre Dias*		5$00
Barqueira do Júcar, romance mediúnico, recebido por *J. F. Colavida*	16$00	26$00
A Casa Assombrada, por *Maria Veleda*	10$00	
O Caso Humberto de Campos, descrição do célebre processo judiciário movido à Federação E. Brasileira e ao médium Francisco Cândido Xavier, da autoria de *Miguel Timponi*. Um grande volume	24$00	33$00
Ciência Divina, pelo *Espírito de Jaime Braga*, recebido pelo médium *Doutor Porto Carreiro Neto*	22$00	30$00
Claustro (O), romance realista acerca da vida eclesiástica, por *Manuel Arão*		25$00
Conselhos a Meu Filho, (colectânea de ensinamentos morais muito interessantes), pelo *Dr. Inácio Ferreira*		15$00
Contribuições para o Espiritismo, por *Alexandre Dias*	12$00	
Cristianismo (O) do Cristo e o dos seus vigários, pelo *Padre Alta*	22$00	30$00
Cruzada Redentora, romance reencarnacionista de fundo histórico, por *António Lima*	30$00	40$00
De Jesus para as crianças, a vida de Jesus, pelo *Espírito de Bittencourt Sampaio*	10$00	18$00
Do Calvário ao Apocalipse, pelo *Espírito de Bittencourt Sampaio*	22$00	30$00
Do Calvário ao Infinito, romance mediúnico ditado pelo *Espírito de Vitor Hugo*	42$00	50$00
Domínio Nefando, por *Arlindo Colaço*		18$00
Doutrina (A) de Jesus, por *Vinicius*	7$00	
Ensinos Espiritualistas, (descrições da vida do além) por *A. Stainton Moses*	20$00	28$00
Eça de Queiroz Póstumo	18$00	26$00
Entre dois mundos (romance), por *Antoinette Bourdin*	16$00	24$00
Expiação, por *Areolino Gorjão*	15$00	23$00
Espiritismo e Medicina, obra em que o autor faz sua profissão de fé espírita, pelo *Dr. Inácio Ferreira*	18$00	25$00
Espiritismo (O) à luz dos Factos pelo *Dr. Carlos Imbassahy*	22$00	30$00
Espiritismo (O) Contemporâneo, pelo *Dr. Martins Velho*	12$00	
Espírito (O) Consolador, pelo *Padre Marchal*	24$00	32$00
O Espírito do Cristianismo, por *Cairbar Schutel*, um grosso volume		40$00
Factos Espíritas, por *William Crookes*	18$00	26$00
Fazenda mal Assombrada, romance por *Alexandre Dias*	18$00	
Fenómenos Psíquicos, pelo *Dr. Alberto Seabra*	18$00	
Fundamentos Científicos do Espiritismo, pelo *Dr. Azevedo e Silva*	10$00	
Funerais da Santa Sé *(Poesias ditadas pelo Espírito de Guerra Junqueiro)*	20$00	28$00
Heroínas (As) de Hydesville, por *Alfredo Miguel*	15$00	
Grandes e Pequenos Problemas (aplicações do Espiritismo aos problemas da vida), por *Angel Aguarod*	18$00	26$00
Herculanum, romance mediúnico ditado pelo *Espírito do Conde Rochester*	24$00	32$00

(Continua na 4.ª pág. de capa)

	br.	enc.
Livre-arbítrio e determinismo, por *Louis Gastin*	5$00	
Lídia, romance mediúnico, recebido por *J. Suriñac*	18$00	26$00
Loucura (A) sob Novo Prisma, pelo *Dr. Bezerra de Meneses*	18$00	26$00
Magnetismo e Hipnotismo Curativo, por *Alfonse Bué*	26$00	34$00
Marieta (páginas de duas existências), romance medúnico, recebido por *Daniel Artazú*	25$00	33$00
Martírio (O) dos Suicidas, por *Almerindo Martins de Castro*	10$00	
Memórias de uma alma, romance mediúnico, recebido por *J. Suriñac*	18$00	26$00
Memórias do Padre Germano, por *Amália Domingo Soler*	37$00	45$00
Nas Pègadas do Mestre, por *Vinicius*	20$00	28$00
No Limiar do Etéreo (estudos experimentais acerca do fenómeno da voz directa), por *Artur Findlay*	20$00	28$00
Nova (A) Luz, ditado mediúnico de crítica a Maeterlinck, por *George Déjean*	16$00	24$00
Novas Elucidações do 4.º Evangelho, por *João Evangelista*	12$00	20$00
Outro (O) Lado da Vida, por *Carl du Prel*	20$00	
Parábolas e Ensinos de Jesus, por *Cairbar Schutel*		40$00
Para o Alto, contos e apólogos espiritas pelo *prof. Leopoldo Machado*	18$00	
Problema (O) da Sobrevivência, pelo *Dr. A. Lobo Vilela*	10$00	
O Problema do Além e do Destino, pelo *Dr. Alberto Seabra*		20$00
Protestantismo (O) e o Espiritismo, por *Benedito A. da Fonseca*	15$00	23$00
Os Quatro Evangelhos, de *J. B. Roustaing*, 4 volumes		130$00
Revelações de Além-Túmulo, pelo *Dr. Antão de Vasconcelos*	24$00	32$00
Roma e o Evangelho, por *J. Amigó y Pellicer*	20$00	28$00
Rosário (O) de Coral, pelo *Dr. A. Wylm*, médico neurologista	18$00	27$00
Rumo às Estrelas, por *Denis de Bradley*	25$00	
Salvação pela fé ou pelas obras? — pelo *Dr. Romeu A. Camargo*		20$00
Sessões Práticas do Espiritismo, por *Spártaco Banal*	9$00	
Sobrevivência e Comunicação dos Espiritos, por *Osvaldo Melo*		24$00
Sonâmbula (A), romance espirita, por *António Lima*		26$00
Spiritus Maledictus, romance mediúnico recebido por *J. Suriñac*	15$00	23$00
Verdade (A) Espiritualista, por *C. Picone Chiodo*	10$00	17$00
Vida e Actos dos Apóstolos, *Cairbar Schutel*		35$00
Vida (A) Depois da Morte, por *Yogi Ramacharaca*,	16$00	
Vida (A) no Outro Mundo, por *Cairbar Schutel*		22$00
Vingança (A) do Judeu, romance ditado pelo *Espírito do Conde Rochester*	34$00	42$00
Vozes (E as) falaram, novela empolgante, por *Fernando do Ó*	20$00	

Secção Musical

Hino ao Espiritismo, música para piano de *S. A. de Macedo* e letra de *Nelson Kerensky*	6$00
Almas Gémeas, tango-canção para piano, música de *Oli de Castro* e letra do *Espírito Emmanuel*	6$00
Canção da Alegria Cristã, música para piano de *Oli de Castro* e letra de *Leopoldo Machado*	6$00

Leitura para Crianças

O Espiritismo na Infância, por *António Lima*	12$00
O Meu Diário, por *António Lima*	12$00
O Evangelho das Crianças, por *António Lima*	12$00

LEIAM AS NOSSAS EDIÇÕES:

NOS UMBRAIS DO ALÉM, por *William Barrett*-Trad. de *Isidoro Duarte Santos*—Brochado 25$00-Encadernado 35$00

LUZ NO CAMINHO, por *Isidoro Duarte Santos* - Brochado 27$50 — Encadernado 37$50

CIENTISMO E ESPIRITISMO, por *Leopoldo Machado* — Brochado 13$00

Nêstes preços não está incluído o porte do correio. Enviam-se remessas à cobrança, para o continente e ilhas Adjacentes. Para as colónias e estrangeiro, só contra pagamento adiantado, que deve incluir 5 % para porte, registo e embalagem.

«Estudos Psíquicos» encontra-se à venda em todo o país, ilhas, colónias e no Brasil

«VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA»

ESTUDOS PSIQUICOS

Mensário de Estudos Psíquicos e Neo-espiritualismo Experimental

HARRY EDWARDS
O grande médium curador que assombra o público de Londres

(Ver pag. 101)

CONTÉM: Humildade, da **Redacção**; A Psicografia no Japão, pelo **Dr. Pedro Carreira Dias de Sousa**; O Fenómeno Vital, por **Ramos Pereira**; Factos Notáveis e seu Controlo, por **Achille Biquet**; Fantasmas e Casas Assombradas, pelo **Coronel Faure da Rosa**; «Cientismo e Espiritismo», por **Deolindo Amorim**; O O Segredo da Felicidade, por **António J. Martins**; Congresso Brasileiro de Unificação Espirita, Reportagem de **Leopoldo Machado**; Para os Irmãos Pequeninos (Página Infantil organizada por **Kylas**); Amor Fraternal, por **Damião de Vasconcelos**; As Duas Cruzes, por **Henrique Magalhães**; O Problema das Profecias, por **Akar**; Radiações do Espírito — Sua Influência na Marcha da Ciência, pelo **Prof. Ad. Baptista Ramires**; A Reencarnação e os Evangelhos, por **A. N. Pinheiro Ramos**; Soluções Coloidais, por **António Cardoso**; A Voz Que Não Escutamos, por **Tito L. Bancéscu**; Mensagens aos Espiritas do Brasil, por **António J. Martins**; Crónica Estrangeira, por **Isidoro Duarte Santos**; Notas & Comentários; Noticiário; Livros Novos

10.º ANO — MARÇO DE 1949 — N.º 3

ESTUDOS PSÍQUICOS

REVISTA MENSAL — AO SERVIÇO DO ESPIRITISMO LUSO-BRASILEIRO

Rua do Salitre, 149, 1.º — LISBOA

Propriedade de ISIDORO DUARTE SANTOS, a quem deve ser dirigida toda a correspondência

REDACTORES — CORRESPONDENTES

Rio de Janeiro	*Deolindo Amorim*	Buenos Aires	*Dr. Luís Postiglioni*
Nova Iguassú	*Leopoldo Machado*	Paris	*Dr. Henri Regnault*
Uberaba	*Dr. Inácio Ferreira*	Liège	*Achille Biquet*
Pernambuco	*Capitão Nelson Kerensky*	Baurú	*Nabor da Graça Leite*
Baía	*Alfredo Miguel*	Santiago do Chile	*Ernesto Moog*
Porto Alegre	*Dr. Paulo Hecker*	México	*Rufino Juanco*
Gubbio, Itália	*Dr. Pietro Ubaldi*	Rosário	*Tito Livio Bancéscu*
Ponta Negra	*António J. Martins*	Índia Portuguesa	*Raul Sepúlveda Fontes*
Belo Horizonte	*Dr. Noraldino de M. Castro*		

REPRESENTANTES NO BRASIL

Rio de Janeiro	*José Bittencourt A. Coutinho*	Natal	*Filipe Soares de Melo*
Curitiba	*João Baptista Cardoso*	Maceió	*Jaime Xavier da Silva*
Vitória	*Dr. Airton Loureiro Machado*	Fortaleza	*José Borges dos Santos*
Porto Alegre	*José Simões de Matos*	Franca	*Dr. Agnelo Morato*
Goiânia	*José Fontenele dos Santos*	Cruzeiro	*José Zácaro Neto*
Ribeirão Preto	*Dr. Jaime Monteiro de Barros*	Aracajú	*José Elson Fontes*
S. Paulo	*Livraria Allan Kardec* / *Vicente S. Neto*	Sacramento	*Corina Novelino*
		Rio Preto	*Leónidas Gois*
Taubaté	*Geraldo de Oliveira*	Juiz de Fora	*Orville Derby Dutra*
Belo Horizonte	*Centro Luz e Humildade*	Pelotas	*Dr. Djalma de Matos*

Os artigos assinados são da responsabilidade dos seus autores ★ Não se devolvem originais, sejam ou não publicados

ASSINATURAS

Continente (cada série de 6 números, não incluindo as despesas de cobrança), 25$00—Brasil (12 números), Cr. $50,00, ou 60$00—Colónias (12 números) moeda equivalente a 60$00—Número avulso 4$50 — Número atrasado, 5$00.

Orgão do Centro Espiritualista Luz e Amor de Lisboa, e da Maternidade Casa da Mãe Pobre, do Rio de Janeiro

Obras de Ciências Psíquicas e Filosofia Neo-Espiritualista

(em depósito nesta redacção)

	br.	enc.
ALLAN KARDEC		
O que é o Espiritismo	12$00	
O Livro dos Espíritos	22$00	32$00
O Livro dos Médiuns	22$00	32$00
O Evangelho Segundo o Espiritismo	22$00	32$00
Obras Póstumas	22$00	32$00
LEON DENIS		
Catecismo Espirita	7$00	
O Porquê da Vida (nova edição)	20$00	
O Grande Enigma	16$00	26$00
Depois da Morte	35$00	45$00
Cristianismo e Espiritismo	30$00	40$00
No Invisivel (nova edição)	36$00	46$00
O Problema do Ser e do Destino (nova edição)	36$00	46$00
Joana d'Arc Médium		35$00
GABRIEL DELANNE		
A Evolução Anímica	28$00	38$00
A Alma é imortal	28$00	38$00
O Espiritismo Perante a Ciência	28$00	38$00

	br.	enc.
ERNESTO BOZZANO		
Animismo ou Espiritismo?	30$00	34$00
Fenómenos de Transporte	20$00	18$00
Metapsíquica Humana	15$00	
Pensamento e Vontade		
CAMILLE FLAMMARION		
Narrações do Infinito	18$00	
As Casas Mal Assombradas	26$00	36$00
O Fim do Mundo	24$00	34$00
Deus na Natureza	35$00	45$00
Stella (romance astronómico)	26$00	36$00
Sonhos Estelares	22$00	32$00
Urânia	22$00	32$00
FRANCISCO CANDIDO XAVIER (Médium)		
Alvorada Cristã, pelo *Espírito de Neio Lúcio*, livro maravilhoso e educativo, para crianças de todas as idades	16$00	

(Continua na 3.ª pág. de capa)

ESTUDOS PSIQUICOS

Mensário de Estudos Psíquicos e Neo-espiritualismo Experimental
(ao serviço do Espiritismo luso-brasileiro)

10.º ANO — LISBOA, MARÇO DE 1949 — N.º 3

Redactores: Ramos Pereira, António Cardoso | Director, Editor e Proprietário: Isidoro Duarte Santos | Administrador: Maria Gonçalves Duarte Santos

Redacção e Administração: RUA DO SALITRE, 149-1.º — LISBOA

Composto e Impresso na EDITORA GRÁFICA PORTUGUESA, LDA. — Rua Nova do Loureiro, 20 — Telefone 2 5295 — LISBOA

HUMILDADE

Um dos maiores factores do progresso espiritual é a humildade. Pode o homem atingir altos cumes nas ciências ou nas artes, no comércio ou na indústria; pode abrir clareiras no desenvolvimento da técnica e nos domínios da invenção; pode merecer o nome de génio, escrevendo obras que o distingam do vulgo e projectem sua fama nos horizontes do porvir; pode arrastar multidões com seu verbo sonoro, paralisá-las ao simples movimento de seu braço voluntarioso, que nada será sem a humildade, cujo exemplo vivo faz desmoronar edifícios de sólidos alicerces.

Napoleão ganhou batalhas e cobriu-se de glória vã, à frente de exércitos desnorteados, enegrecidos de pólvora sangrenta. Francisco de Assis ganhou corações para as batalhas do Espírito e cobriu-se de glória imarcessível nas lutas da humildade. O burel do italiano vale mais que a farda do corso.

Dominar pela violência é fácil ao manejador de armas homicidas. Basta possuir canhões e carne para o açougue. Basta encontrar energúmenos de falso patriotismo e sacrificá-los ao esplendor efémero de uma citação em forma. E arrasa-se a cidade, incendeia-se o campo, dinamita-se a ponte, saqueia-se, violenta-se, devasta-se, sob o signo da força bruta, surdo aos rogos, às queixas e aos lamentos dos expoliados — Haverá panteões para guardar a cinza dos herois... E que haverá para guardar a cinza dos inocentes que morreram inermes, protegendo com seus corpos a vida dos filhos?... Que haverá para as mulheres violadas, para os imolados infantes e para o obreiro que morreu empunhando a benéfica charrua?...

Ah! Quão longe da humildade está o mundo em que vivemos!

O homem humilde ergue panteões de nova espécie, trabalha para si e para os outros, difunde a paz, entrega-se, multiplica-se, transcende-se inteiramente, porque só nisso encontra alegria, a verdadeira alegria perene e contagiosa, produtora das ideias nobres que pairam sobre o nosso mundo espiritual.

Humildade não é humilhação, não é rebaixamento, não é mesquinhez, não é vileza. É a compreensão da nossa fraqueza, da nossa ignorância, da nossa inferioridade. E quando o homem se compenetrar de tudo isto, quando se convencer da sua mísera condição terrestre, estará no caminho da evolução espiritual, terçará armas brancas pelo seu futuro grandioso e belo. E assim a humildade é a melhor arma que se pode usar nos prélios humanistas. Abate os poderosos e comove, às vezes, os próprios endurecidos, porque em todo os déspotas há sempre um ponto vulnerável e sensível à humildade.

Ah! Quanto daria eu para ser humilde como Ghandi e virtuoso como o padre Cruz! Quanto daria eu, se pudesse imitar os luzeiros que se avantajam em humildade no céu da bondade universal! Que o Espiritismo nos dê essa divina compreensão, nos tempere contra o orgulho e a soberbia, nos torne mansos como as crianças, para que a nossa fraqueza igualmente se avantaje.

Mc-149

EXPERIÊNCIAS PSÍQUICAS

Uma das mais interessantes memórias apresentadas ao *Congresso Espirita Internacional* realizado em Londres nos dias 7 a 12 de Setembro de 1928 e no qual estiveram representadas 27 nações, foi a do japonês sr. T. Fururai, doutor em letras, professor na Universidade de Kohyasan e presidente do Instituto Psíquico Japonês.

O seu trabalho que se intitula «Experiências de psicografia com médiuns japoneses» é precedido de um pequeno relato do que foi a luta que o dr. Fururai teve de sustentar com os cientistas japoneses depois de ter trazido a público em conferências e artigos de jornal o resultado das suas experiências. E é curioso registar que mesmo no Japão as controvérsias que suscitam estes assuntos psíquicos travam-se com adversários tão mal apetrechados de conhecimentos dos assuntos que discutem, como na Europa e nas Américas. É o que nos diz o dr. Fururai: «Mas por ser fenómeno estranho, tão pouco compativel com a Ciência estabelecida, muitos sábios e, em particular, biólogos, contraditaram as minhas declarações, *sem todavia terem feito investigações imparciais* (1), sòmente porque tais factos estavam em oposição com as afirmações da Ciência oficial».

A guerra que os homens de ciência japoneses moveram contra o professor Fururai foi das mais intensas e demoradas, a tal ponto que «vi-me — diz ele — então, em grandes dificuldades, cercado de inimigos por todos os lados. Quanto a mim, contudo, não me deixei vencer pelos adversários».

Passando das conferências e dos artigos de jornal, o dr. Fururai publica o livro intitulado «A Clarividência e a Psicografia» e faz imprimir na primeira página do seu trabalho a seguinte declaração, que é, simultâneamente, uma admirável demonstração de coragem e de isenção de carácter:

«*À face de todos os sábios incrédulos, tão numerosos neste país, afirmo que a clarividência é uma realidade e que a psicografia o é igualmente*».

Em vez de abrandar, a guerra recrudesceu; e de tal importância veio a revestir-se que o dr. Fururai se viu compelido a abandonar o seu lugar de professor na Universidade Imperial de Tóquio.

«Mas, a pesar desta retirada obrigatória — diz ele — não esqueci nem por um dia os meus estudos psíquicos».

Foi o resultado desses estudos, prosseguidos mau grado a hostilidade dos cientistas, que o dr. Fururai trouxe ao conhecimento do Congresso Espirita Internacional de Londres, em 1928.

As investigações do professor japonês no domínio do psiquismo experimental datam de 1910. Foi a clarividência quem primeiro chamou a sua atenção e ao Congresso trouxe o relato da seguinte experiência feita em moldes inéditos.

Fotografou, no laboratório da Universidade de Tóquio, as letras *C, D, E*, utilizando duas chapas fotográficas. Uma dessas chapas foi revelada pelo processo usual e a outra, depois de cuidadosamente protegida da luz e encerrada numa caixa de cartão, foi enviada ao sr. M. Kikuchi, director do curso secundário da cidade de Marugama, onde residia também a médium M.me Nagao, com quem ia ser tentada a experiência.

A clarividência de M.me Nagao ia, pois, ser posta à prova de uma forma bastante original, pois ela teria de ler os caracteres que existiam, na verdade, impressos na chapa fotográfica, mas que eram absolutamente invisíveis à visão normal.

Ao mesmo tempo que enviava a chapa por re-

A PSICOGRAF

velar ao seu amigo M. Kikuchi, o professor Fururai, depois de ter escrito as mesmas letras C, D, E, numa folha de papel branco empregando uma solução de nitrato de prata e de ter envolvido esta folha numa outra de papel preto, meteu ambas num sobrescrito que lacrou e fez seguir para o sr. Kikuchi. Para o mesmo destinatário seguiu uma carta com as seguintes instruções:

— O sobrescrito lacrado devia ficar em casa do sr. Kikuchi até ao fim da experiência;

— Finda ela, o sobrescrito poderia ser aberto e a folha de papel branco que ele continha exposta ao calor para que as letras aparecessem e pudessem ser comparadas com a resposta da médium;

— Seria enviado ao dr. Fururai um relatório do que se tivesse passado, bem como a chapa fotográfica servida para a experiência.

Três dias depois chegava o relatório que dizia: «A médium pediu cerca de 10 segundos para concentrar o seu pensamento e 4 minutos depois escrevia, ela mesmo, o seguinte: *C, D, E*. O meu criado foi encarregado de ir imediatamente a minha casa buscar o sobrescrito contendo o papel testemunha. Abri-o e pude ler as três letras C, D, E, que apareciam em rosa pálido. A cor tornou-se mais escura quando foi exposta ao calor. Durante a experiência a caixa de cartão contendo a chapa fotográfica esteve sob a minha vigilância e ninguém, além de mim, lhe tocou».

*

Foi em resultado desta interessante experiência em que se provou que por clarividência o médium era capaz de descobrir a existência de um objecto invisível à visão normal, que o dr. Fururai descobriu o fenómeno da psicografia.

Depois de ter revelado a chapa que havia servido à experiência, o dr. Fururai verificou, com surpresa, que ela estava tão negra que dificilmente se podia ler as letras fotografadas, o que contrastava com o estado da outra chapa feita

(1) O itálico é meu, mas bem podia ser do autor.

na mesma ocasião e que ficara em poder do professor.

Não sendo fácil explicar o fenómeno pela entrada de luz, vinda do exterior, dentro da caixa, que teria também de ter atravessado o papel em que a chapa estava embrulhada, adoptou o dr. Fururai a única solução que lhe pareceu plausível, isto é, «que a chapa tivesse sido impressionada pela actividade espiritual da médium M.me Nagao».

Partindo desta hipótese e rodeando-se das maiores precauções para arredar a possibilidade da fraude, o professor fez várias experiências coroadas de inteiro sucesso e que vou resumir para não tornar fastidioso este relato.

1.ª experiência — a) Uma chapa fotográfica envolvida em papel negro foi colocada dentro de uma caixa de cartão e esta, por sua vez, metida dentro doutra caixa. b) Num bocado de papel colado sobre a tampa da caixa exterior o sr. Fu-

IA NO JAPÃO

PELO

Dr. Pedro Carreira Dias de Sousa

rurai desenhou em caracteres japoneses a palavra «concentração de espírito». c) A médium M.me Nagao fixou os caracteres durante cerca de um minuto; depois fechou os olhos, juntou as mãos à altura da fronte, «chamando três vezes em voz baixa pelo deus do Sol. Em seguida as suas mãos baixaram-se pouco a pouco, juntaram-se sobre os joelhos e invocou «em voz baixa, por três vezes, o deus da misericórdia». A experiência estava terminada. d) Revelada a chapa a palavra «concentração de espírito» não apareceu, mas via-se, nìtidamente, uma sombra localizada na direcção do papel com os caracteres japoneses. Era, na verdade, um passo dado.

2.ª experiência — a) Uma chapa fotográfica foi colocada na dupla caixa, como na primeira experiência. b) Sobre uma folha de papel branco foi desenhado um círculo preto e o papel colocado sobre a tampa da caixa exterior. c) A médium procedeu como para a primeira experiência. d) Revelada a chapa encontrou-se o desenho de uma figura redonda, mas bastante mal definido.

3.ª e 4.ª experiências — Os desenhos foram um rectângulo e uma cruz. As chapas, depois de reveladas, apresentavam as mesmas figuras, mas muito nítidas.

Depois destas experiências aquilo que fora primeiro uma hipótese — a psicografia — ganhou foros de verdade no espírito do dr. Fururai. «Os factos observados, diz ele, tinham importância tão grande que não quis que mais ninguém se ocupasse da sua preparação, carregasse as chapas, apresentasse o modelo ao médium ou revelasse as provas».

Nas experiências seguintes e adoptando o mesmo método os resultados foram idênticos.

Estas investigações interessaram também o dr. Imanura, professor da Universidade Imperial de Kyato. Eis uma das suas experiências feita com a mesma médium M.me Nagao, *na ausência do dr. Fururai:* a) O dr. Imanura fez-se acompanhar de vários amigos, como observadores. b) Na dupla caixa foram colocadas três chapas sobrepostas. c) Tratava-se de inscrever, *na chapa do meio,* a letra X, escolhida pela médium. d) A concentração do pensamento durou 41 segundos. e) Reveladas as chapas, encontrou-se *na do centro* os traços nítidos da letra X. As outras chapas nada mostraram.

Não foi apenas com a médium M.me Nagao que ficou confirmada a existência da psicografia. Com os médiuns I. Watanable e K. Mita os resultados foram ainda mais surpreendentes.

As experiências foram feitas com o concurso de nove professores da Escola Elementar de Nischikatsura e o método adoptado muito rigoroso.

Experiência com o médium Watanable — a) Uma caixa completamente fechada e contendo 6 chapas fotográficas foi colocada sobre uma mesa em cima de um estrado. b) Numa folha de papel pautado escreveram-se as letras *A, B, C.* c) Num quadro negro que estava no meio da sala escreveu-se a letra *D.* d) Indicaram-se as letras ZZ, mas não foram escritas em parte alguma. e) O médium devia inscrever as letras A, B, C, sobre a segunda das seis chapas; a letra D, sobre a quinta e as letras ZZ sobre a sexta. f) O trabalho psíquico durou 5 minutos para cada uma das chapas segunda e quinta e 7 minutos para a sexta.

★

Terminada a concentração foram as três chapas reveladas, colocando-se no mesmo momento no banho revelador. Ao fim de 8 minutos as letras A, B, C, apareceram na 2.ª chapa: dez minutos mais tarde a letra D apareceu na 5.ª; sobre a 6.ª chapa não apareceu nada, mesmo prolongando a revelação até aos 18 minutos.

★

1.ª experiência com o médium Mita — Perante um público de cerca de 300 pessoas reunidas numa das salas do Curso Superior Feminino da cidade de Amagasaki, foram tomadas as seguintes precauções: a) Sobre uma mesa que estava ao fundo da sala foram colocadas chapas e dois rolos de películas fotográficas que ficaram à guarda do sr. C. Sakurai, presidente da Câmara. b) As psicografias, conforme se decidiu depois, seriam feitas sobre um dos rolos de películas. c) A revelação ficava a cargo do sr. I. Sakai, fotógrafo em Amagasaki e seria vigiada pelo presidente da Câmara, pelo sr. Ohtenka, por um dos espectadores e pelo dr. Fururai. d) Das três palavras propostas (Amagasaki, Chiuma e a que estava escrita num quadro pendurado na parede da sala), a sorte decidiu que fosse esta última a ser registada psicogràficamente. e) Dos dois rolos de películas que estavam sobre a mesa também a sorte decidiu qual havia de ser utilizado na experiência.

★

O médium concentrou-se durante 4 minutos para ver por clarividência o interior da película.

Depois voltou a concentrar-se durante 1 minuto e 40 segundos para fazer a psicografia.

Revelada a película nas condições já indicadas, as letras do quadro apareceram distintamente.

★

2.ª experiência com o médium Mita — Na sala de recepção da perfeitura de Nagoya, perante aproximadamente 3.000 espectadores, procedeu-se da seguinte forma: a) Uma caixa completamente fechada contendo 12 chapas fotográficas foi posta sobre uma mesa e confiada à vigilância do sr. K. Kauzu, oficial do Estado Maior, que assistia como espectador. b) O público propôs 3 assuntos a psicografar: um retrato do governador Matsui; um retrato de um soldado a cavalo e um retrato do principe Katsura quando primeiro ministro. c) Por maioria de votos decidiu-se que o sr. Kauzu escolhesse o assunto. Escolheu o retrato do principe Katsura. d) A psicografia devia ser feita sobre a *sexta* chapa fotográfica.

★

A concentração do médium durou 2 minutos. Passou-se à revelação e em seguida o sr. Kanzu que havia acompanhado, com três outras testemunhas, o fotógrafo encarregado da revelagem, voltou à sala e fez a seguinte declaração: «Começámos por retirar a 6.ª chapa, sobre a qual apareceu o retrato de um homem vestido de sobrecasaca, com condecorações ao peito. Mas a fisionomia está tão pouco distinta que não nos é possível afirmar ser o principe».

★

A fechar o seu trabalho o dr. Fururai tira das experiências efectuadas uma série de conclusões tendentes a demonstrar não só a existência do Espírito, mas também a possibilidade de ele agir sobre os objectos que deseja. Por isso o autor da memória designa esses fenómenos por *psicografia (psico,* alma e *grafia,* escrita).

É uma hipótese e, sem dúvida, muito interessante de considerar.

Julgo, porém, que a acção do pensamento também explicaria satisfatòriamente os factos.

Na verdade, das descrições feitas por sonâmbulos clarividentes e dos ensinamentos colhidos nas experiências de outros investigadores conclui-se que o pensamento não só se propaga por um processo semelhante ao das ondas hertzianas, mas tem forma e côr, podendo imprimir-se-lhe direcção pelo esforço da vontade convenientemente educada.

É pena que entre nós, por carência de estímulo, de tenacidade na investigação e, especialmente, por falta de uniformidade de objectivos, nos não dediquemos a estudos da natureza daqueles que o dr. Fururai apresentou com tanto sucesso ao Crongresso Espirita Internacional de Londres.

Conquanto, em princípio, se pudesse ter como certa a dificuldade de encontrar imediatamente um médium em condições de produzir tais fenómenos, a verdade é que *dificuldade* não significa impossibilidade e com persistência e boa orientação científica talvez chegássemos a resultados idênticos aos que foram obtidos no Japão.

O método a seguir na experimentação ficou suficientemente explicado. É simples e pouco dispendioso.

Esse método, ou outro qualquer que ofereça as mesmas condições de segurança, poderia ser tentado entre nós, num esforço simultâneo das colectividades que inscrevem no seu programa de trabalhos o estudo e a investigação das faculdades supranormais do homem.

Lisboa, Fevereiro, 1949.

LIVROS NOVOS

O ESPIRITISMO E OS PROBLEMAS HUMANOS

por Deolindo Amorim

Um livro verdadeiramente original que deve ser lido por todos os estudiosos dos problemas morais e sociais. Escrito por um grande amigo de Portugal e cultor da língua comum, apresenta o Espiritismo enquandrado nas ciências humanistas.

Eis o sumário da obra:

O Espiritismo e as obras de assistência social — O Espiritismo e a influência da educação no individuo e na sociedade — O Espiritismo e a ordem económica — O Espiritismo e a questão social — O Espiritismo e suas relações com o Direito e a Sociologia — Tese Central: a reforma social deve partir da reforma moral do homem.

BROCHADO — 20$00

★

CRISTIANISMO E ESPIRITISMO

4.ª edição *por Léon Denis*

Um dos mais belos livros de Léon Denis. A sua luz ilumina poderosamente os Evangelhos, através de 330 páginas compactas cheias de elevados ensinamentos. Deve fazer parte da biblioteca do estudante espirita. Insere magníficas provas experimentais da sobrevivência e trata das relações com os espíritos dos mortos, da Doutrina Secreta e da Nova Revelação. Eis o sumário:

Origem dos Evangelhos — Autenticidade dos Evangelhos — Sentido oculto dos Evangelhos — A Doutrina Secreta — Relações com os espíritos dos mortos — Alteração do Cristianismo. Os dogmas — Os sacramentos e o culto — Decadência do Cristianismo — A Nova Revelação. O Espiritismo e a Ciência — A Nova Revelação. A Doutrina dos Espíritos — Renovação — Conclusão.

BROCHADO — 23$00

AMOR FRATERNAL

POR

DAMIÃO DE VASCONCELOS

S. Francisco d'Assis teve a noção de que todas as criaturas vivas eram suas irmãs, e dos confins da Jónia transportou a sua ideia para a converter absolutamente num facto.

Chegou a pregar aos pássaros; falava a todos os seres criados como se tivessem inteligência suficiente para o compreender, e comprazia-se em reconhecer nas suas diversas qualidades algum vestígio da perfeição divina.

S. Francisco fazia mais alguma coisa: abraçava as árvores, também suas irmãs, e desviava os pequenos insectos e os vermes para as bermas dos caminhos para que não os emagassem os pés dos transeuntes. E todos nós devíamos estar animados de um pouco da sua ternura.

Esta ternura franciscana por todos os seres criados, estendeu-se também às ideias e criações sociais, pois S. Francisco foi o criador das caixas económicas e dos montepios, fontes de previdência e assistência mútua, de ideias altruistas e, portanto, de amor fraternal, como também foi o criador dos presépios, ideia cheia de graça e de beleza. E como igualmente foi quem teve a ideia do comunalismo, — não confundir com comunismo —, ou seja a completa autonomia dos municípios.

Mas anteriormente ao Cristianismo, o Budismo fora uma imensa epopeia de piedade, misericórdia e amor. Segundo uma legenda, o Salvador (Buda), assim que nasceu, caminhou sete passos e disse: *tudo é amargura nos três mundos, e sou eu que adoçarei essa amargura!* A sua predicação é a primeira palavra de fraternidade universal que o mundo ouvia antes do Cristo — universal em toda a extensão da palavra, por isso que essa fraternidade abranje todos os seres sem distinção e sem excepção.

Em parte alguma na antiguidade, se havia pensado em praticar a beneficência para com os pobres e os miseráveis. No Ocidente os hospitais só existem a partir do triunfo do Cristianismo, no século IV. Na Índia, o rei budista agora tinha-os fundado, *mesmo para os animais,* cerca de dois séculos antes do Cristo.

Fá Uian, que visitou a Índia pelo ano 460 antes da nossa era, descreve os estabelecimentos que a caridade dos budistas ali estabeleceram para os homens. Chamou-lhes casas de meditação, de felicidade e de virtude. De onde se vê que o budismo estava penetrado por aquele pensamento expresso por Coloridge séculos mais tarde num dos seus livros: *Aquele que nutre maior soma de Amor por todas as coisas, grandes ou pequenas, tem realizado a melhor de todas as preces.*

Orar é isso efectivamente: querer bem e amar a *tudo* que nos cerca, e não pôr-se a criatura dentro de um templo por mais sumptuoso que ele seja, a pronunciar palavras a que por vezes se não liga o mais pequeno sentido.

E assim, católicos, protestantes, muçulmanos, budistas, espiritas, amai-vos mùtuamente, pois sois todos Irmãos! Qualquer que seja a vossa crença e fé religiosa, o reino dos céus só pertencerá àquele dentre vós que com sinceridade, humildade e perseverança para com todos os seus semelhantes pratique a caridade, a mansidão, a doçura, a justiça, a bondade, a misericórdia e o amor, pelo pensamento, pela palavra e pela acção, sem restrições e em todas as circunstâncias.

São estes os verdadeiros filhos de Deus, porque só eles praticam na terra o mandamento divino: o Amor fraternal e universal.

O Cristianismo prega a humildade. A humildade é a virtude suprema do homem que contempla o Criador e a sua obra, a Criação, mas não é a baixeza junto do seu semelhante, não é a fraqueza diante do contratempo, não é a inércia em frente da hostilidade, porque a boa humildade é feita de fé no amor e poder de Deus, nos destinos gloriosos dos que penam na terra.

S. Francisco d'Assis queria a religião cheia de alegria, confiança e saudável poesia, e apontava-nos os tesouros infinitos de Amor dentro da dignidade e consciência, dentro da castidade e do ardor espiritual, dentro da conformação modelar com as realidades terrenas.

A melhor maneira, pois, de amar a Deus, é que uns aos outros nos amemos, e que amemos toda a sua obra, mesmo o verme, e a rocha dura, e a raiz venenosa, e até esses vastos seres que não parecem necessitar do nosso amor, esses Sóis, esses Mundos, essas esparsas Nebulosas, que, inicialmente fechadas como nós na mão de Deus e feitas da mesma substância, nem de certo nos amam — nem talvez nos conhecem.

Porque a mais doce e mais incontestada das religiões, é a religião do amor, — do Amor Fraternal e Universal.

E lembremo-nos sempre do pensamento de Platão: *Vivei em paz, pobres escravos da Doença, da Velhice e da Morte. Amai-vos uns aos outros. Não aumenteis a miséria do mundo declarando necessária e eterna uma divindade fatal por vós inventada: a Guerra.*

A Guerra!... crime colectivo em que milhares de homens se matam sem se conhecerem e sem se odiarem, em obediência a uns ambiciosos, ou a um déspota... «*Quando os homens não foram criados para se matarem uns aos outros, mas sim para se fortificarem uns aos outros*», como disse Ruskin.

Factos Notáveis e seu Controlo

Há poucas semanas constituiu-se em Liège um grupo sob a direcção do signatário, com a colaboração das seguintes pessoas:

Médium: Madame Elise Desjardins.

Assistentes: Senhoras Boverie, Bertrand, Hignoul, Debeurs, Petit et Valette e os Senhores Boverie, engenheiro Bertrand, Hignoul, Valette, Fraikin e Petit.

Os resultados obtidos foram tão interessantes que todos os membros resolveram trazê-los ao conhecimento do público.

Creio não ser necessário reproduzir pormenorizadamente as actas das sessões. Limitar-me-ei ao essencial, insistindo especialmente sobre a verificação efectuada.

Não julguem que vou anunciar fenómenos até hoje desconhecidos. Apesar disso, ninguém contestará que se torna indispensável provar aos incrédulos que o Espiritismo está bem vivo e que os factos mais notáveis se reproduzem com tanta ou ainda maior amplitude do que dantes.

Os fenómenos espiritas não se repetem quando queremos, como acontece com as experiências de química ou de física. Para as realizar com êxito basta conhecer bem os trabalhos que se querem efectuar e as leis que os regem.

Em matéria de parapsicologia, respeitar as leis naturais nem sempre é factor de êxito, pois não se deve esquecer que, além do método a seguir, a produção de um facto *é função da vontade e das possibilidades de uma inteligência oculta que age independentemente do experimentador.*

Tive ocasião de o verificar, quer no decorrer de observações que realizei com outros médiuns, quer em sessões organizadas com a colaboração de Madame Elise Desjardins. A semelhança dos factos obtidos, a analogia das causas de sucesso ou de insucesso, a obrigação de observar *leis naturais idênticas,* sejam quais forem os médiuns, constitui, a meu ver, probabilidade apreciável para justificar e demonstrar a realidade dos ditos fenómenos.

Mas há ainda mais do que probabilidade.

Todos os experimentadores se têm esforçado para estabelecer verificações minuciosas e severas, para autenticar e provar a objectividade e a interdependência das manifestações em relação aos médiuns, no tocante aos efeitos físicos.

Querendo trazer a contribuição do grupo para o estabelecimento da documentação necessária para assentar o Espiritismo em bases sólidas, susceptíveis de evitar as teorias falaciosas e às vezes demasiado hábeis, assim como a argumentação (tão fácil como pobre) da intrujice, julguei indispensável recorrer a semelhante controlo.

É precisamente sobre esse controlo que eu insistirei, pois ele foi de tal forma edificante, que não permite a menor dúvida.

RELATO SUCINTO DOS FACTOS E SEU CONTROLO

Materializações parciais. Ausência de luz. O médium está ligado por uma corda muito comprida, cujas pontas são seguras durante toda a sessão por mim e por Mr. Bertrand.

O espírito parcialmente materializado provou a sua presença:

a) por contactos muito pronunciados;
b) desatou a laçada e tirou o sapato a três pessoas diferentes;
c) tirou objectos a umas pessoas e levou-os a outras;
d) tirou um botão de colarinho;
e) desatou o relógio do pulso de Mr. Fraikin e ergueu-o por cima da cabeça dos assistentes, o que todos viram, devido ao mostrador luminoso.

Todas estas intervenções de espíritos desenrolaram-se durante cerca de uma hora.

Há a notar, e eu considero esta particularidade de real valor e de grande importância para todas as pessoas imparciais, que a inteligência manifestante efectuou todas esta operações com um à-vontade desconcertante *e com tanta exactidão e perícia como se tivesse trabalhado em plena luz.*

Insisto neste ponto: em certos casos *a completa escuridão contribui para confirmar a presença de uma inteligência com possibilidades que nos são desconhecidas.*

A meu pedido, fui autorizado a penetrar no gabinete mediúnico. Quando eu segurava

os braços da médium adormecida, o espírito tocou-me na mão e no antebraço.

Perante este controlo tão completo e eficaz, os contraditores não pretenderão declarar que fui vítima de intrujice.

Eu e o sr. Bertrand nunca deixámos de segurar a corda. No fim da reunião, a médium estava ligada como no princípio da sessão, e não notámos quaisquer alterações na ligação. De resto, quando penetrei no gabinete pude certificar-me de que a corda estava como a tínhamos colocado.

Noutra sessão, a médium não estava ligada, mas nós colocámos uma dúzia de elementos fosforescentes sobre os seus braços e ombros. A cortina do gabinete estava completamente aberta.

Durante a produção dos fenómenos ninguém afastou os olhos de cima da médium, especialmente eu e Mr. Bertrand que estávamos sentados em frente da poltrona.

Para que os leitores se convençam da impossibilidade de qualquer fraude, vamos fazer uma leve descrição da câmara das sessões:

ARTIGO DE

ACHILLE BIQUET

Correspondente em Liège

é muito pequena e não é rectangular, porque o patamar avança sobre o canto. O espaço reservado ao gabinete e à maior parte dos assistentes tem apenas dois metros de largura, e o divã, ocupando completamente o fundo, é circundado por *três paredes* sem nenhuma porta.

As pessoas presentes sentadas junto à parede deixavam entre si uma passagem de 60 cm. de largura. Além disso, havia ainda uma passagem de 1m,50 de largura até ao divã, onde estava uma mezinha, sobre a qual havia flores e um *écran* luminoso. Por consequência, só havia acesso ao gabinete por um único lado, saltando por cima da mesa e passando pelos assistentes num corredor muito estreito, cheio de pés e de pernas. Esclarecerei ainda que os assistentes estavam mùtuamente ligados pelas mãos, formando uma cadeia que aumentava ainda mais os meios de controlo.

A materialização veio do gabinete. Não julguem que as apalpadelas eram apenas perceptíveis. Apertavam-nos as mãos, os braços ou as pernas, fazendo-nos baloiçar nas nossas cadeiras. Para demonstrar a força invulgar de que o espírito dispunha, depois de um trabalho preparatório progressivo, conseguiu colocar a mesa sobre um só pé, e lançar Madame Hignoul ao chão. Há a notar que Madame Hignoul pesa 87 quilogramas e estava segura pelas mãos das pessoas que se encontravam sentadas a seu lado.

O divã estava colocado à minha direita e o médium distava de mim cerca de 25 cm. À minha esquerda estava sentado o sr. Frainkin, a quem eu segurava a mão direita, e a minha cadeira estava encostada à parede. Por consequência, era impossível alguém passar por trás de mim. Graças à presença das testemunhas fosforescentes, não nos podia passar despercebido o menor movimento da médium. O facto de a mão de uma entidade me ter puxado pelo casaco do lado do divã e fechado a cortina do gabinete, só se explica pela intervenção de um ser pensante agindo como nós, atendendo a que a médium tinha a cabeça no lado oposto, perto de Mr. Bertrand.

FENÓMENO DE «APPORT»

Durante outra sessão, um espírito anunciou que iria fazer o «apport» duma estatueta de bronze. Os assistentes formávamos a cadeia e a médium estava entre mim e Mr. Bertrand. Cada um de nós lhe segurava uma das mãos. Ninguém podia esboçar o mais pequeno gesto sem ser notado.

A médium foi atacada de tremor brusco, ao mesmo tempo que se levantava a pouco e pouco, e no momento em que soltava um gemido, ouvimos cair no chão um pesado objecto.

Era uma estatueta de bronze finamente cinzelada que, segundo o espírito comunicante, representava um Faraó (Ramsés II).

Imponho-me o dever de relatar posteriormente a evolução dos fenómenos.

Ninguém ignora que o ambiente deve ser sempre o mesmo, até que se atinja o ponto culminante, isto é, o resultado desejado.

Por consequência, devo prevenir os leitores de que a pesar do meu desejo de lhes ser agradável, não me será possível reservar um seguimento favorável aos pedidos para assistirem a qualquer das nossas sessões, pelo menos de momento. Também é inútil solicitar a médium para experiências fora do grupo. Ela sabe que corre perigos, especialmente das interferências, que são muito grandes e que, portanto, a sua saúde ficaria comprometida.

Yvone de Sousa traduziu

Mc/49

Fantasmas e Casas Assombradas

PELO

CORONEL FAURE DA ROSA

Rider's Digest (Selecções) mais uma vez se ocupa de fatasmas que aparecem em vários edifícios e outros sítios em Inglaterra, todos, ou quase todos, alvorotadores, desordeiros, violentos, pertencentes, portanto, àquela classe denominada *poltergeist*.

O Dr. Raoul Montandon, em *Les Cahiers du Spiritisme*, n.º III, narra alguns casos de fantasmas vingativos e brutais. Em Setembro de 1946, o casal Jean Dupont e o casal Robert Dupont resolveram fazer experiências de espiritismo com a mesa de pé de galo *(tiptologia)*.

A mesa, decorrido algum tempo, deslocou-se repetidas vezes; e, depois de pelo conhecido processo de pancadas com o pé da mesa, ter dado algumas mensagens, pôs-se, subitamente, a bater com força. As pancadas tornaram-se violentas; o movel erguia-se com tal vigor que os experimentadores improvisados não puderam submetê-la, e, como não tinham nenhuma cultura de espiritismo, resolveram terminar a sessão.

Como fosse já tarde e o casal Jean Dupont residisse num dos arrabaldes de Paris, preparavam-se para sair quando, de repente, se produziu um fenómeno que os transtornou. Madame Jean Dupont que, conforme a moda de muitas senhoras jovens deixa o cabelo cair, livremente, no pescoço e nos ombros, solta um grito e declara que a mão de alguém lhe passou pelo rosto e lhe puxou os cabelos com tanta força que lhe levou a cabeça para trás, a ponto de bater na parede, ao mesmo tempo que sentia um objecto ponteagudo marcar-lhe na testa dois traços em forma de cruz.

Todos os assistentes puderam verificar que a epiderme daquela senhora estava ligeiramente arranhada e que o sangue apontava na arranhadura. *O grupo experimental* ficou aterrorizado e cada qual tratou de recolher a suas casas. Como àquela hora tardia já não houvesse trâmueis, o casal Jean Dupont teve que ir a pé.

No caminho, Madama teve necessidade de utilizar uma sentina pública. Mal fechou a porta do compartimento, sentiu-se atirada violentamente para o assento e uma força oculta a forçava a estar ali sentada. Ao mesmo tempo, a mão de quem quer que fosse apoderava-se-lhe da cabeleira e com tanta força lha puxou, que uma mecha de cabelos caiu no chão.

Mais morta do que viva juntou-se ao marido.

Uma vez em casa, passou a noite com relativa tranquilidade. Cerca das oito horas da manhã, ouvem-se pancadas violentas; pedaços de madeira voam através do quarto. De súbito, Madama Jean Dupont solta um grito de dor: acabavam de lhe buxar os cabelos. O marido sai para telefonar ao irmão Robert, mas não pode fazê-lo por se ter sentido impedido de falar, como se mão de ferro lhe apertasse a garganta.

Minutos depois obteve-se a comunicação telefónica e os esposos Robert Dupont compareceram na residência de Jean Dupont. Diante de todos os assistentes uma outra mecha de cabelos foi arrancada a Madama Jean.

Outros factos insólitos se produziram, depois do que houve um período tranquilo. Pelos meados de Outubro, a mesma senhora novamente sentiu que lhe puxavam os cabelos, mas sem a violência primitiva. Em 11 de Janeiro de 1947, Madama Dupont, estando sózinha no vestíbulo, de costas voltadas para a porta de entrada, recebeu, de repente, um formidável pontapé no sítio em que as costas mudam de nome.

Note-se que as arrancaduras de cabelo provocavam dor aguda e que uma das mechas arrancadas deixou no coiro cabeludo uma calva de 6 a 7 milímetros de diâmetro.

VIOLÊNCIAS FANTASMÁTICAS

E a propósito, Raoul Montandou refere que, em 1810, em Tiverton (Inglaterra), numa casa desta cidade e durante muitos meses, várias pessoas foram chicoteadas e contundidas por mãos invísiveis.

Em 1893, numa pequena cidade dos arredores de Londres, factos de «assombramento» começaram a produzir-se depois de uma morte. Um criado moço, em uma manhã, contou que durante a noite lhe tinham cortado uma mecha de cabelos de cerca de seis polegadas de comprimento e que não conseguira encontrá-los. Três dias mais tarde a cabeleira de outra pessoa teve a mesma sorte: os cabelos foram cortados mecha por mecha.

Em Valparaiso (cidade do Chile), em 1905, a todos os habitantes de uma casa assombrada mãos invisíveis arrancaram os cabelos.

Em 1930, em Vienne (França), dois bébés, nos berços, apareceram frequentes vezes arranhados. Numa relação fornecida pelo Dr. Calmette (sem indicação de data nem de lugar), narra-se que uma «miuda» se pôs a chorar dizendo: *Mamã, vê, acham de me cortar os cabelos!* A trança e o *chignon* tinham sido cortados sem que a pequenita tivesse sentido qualquer dor.

No decurso da observação de uma casa assombrada em Santiago, um convidado que passou a noite na casa infestada, sentiu que lhe tiravam as almofadas debaixo da cabeça e que lhe puxavam os cabelos.

Por fim, Raoul Montandon conta que a uma mulher jovem arrancaram cabelos em tal quantidade, que ela teve de se resignar a cortar o resto da cabeleira.

Recentemente, *O Primeiro de Janeiro*, de 9 de Maio, insere desenvolvida notícia acerca de uma casa assombrada em Louviers (França), residência de um casal que poucos meses contava de noivado. Eram pancadas nas paredes, uma faca espetada no tecto que voava como seta e ia cravar-se, vibrando, no tabique; era uma cadeira que se levantava do chão e atravessava o quarto em ziguezague...

Intervém a polícia, armada com espingarda-metralhadora, que busca, pesquisa, esquadrilha... ... e nada descobre. O marido, que é motorista de camiões, cansado daquela noite tormentosa, vai de manhã para o trabalho, e novo drama surge. O volante gira para a direita sem que o motorista possa detê-lo e o camião precipita-se numa ribanceira. O homem levanta-se ileso, mas é despedido.

«Em casa, na esquadra da polícia, em presença

"Cientismo e Espiritismo"

Por DEOLINDO AMORIM

Correspondente no Rio de Janeiro

O livro de Leopoldo Machado é mais um fruto, e fruto vigoroso, de uma das mais fortes capacidades de trabalho de quantas conhecemos no movimento espirita brasileiro. Mas não se pode falar sobre o livro, ainda que se tenha o que discutir, sem falar, em sã consciência, no esforço da empreza editora. Leopoldo Machado, que escreve sobre teatro, faz jornalismo doutrinário, escreve versos, resolveu, desta vez, depois de tantas obras que já publicou, escrever um trabalho de natureza científica, o que quer dizer, na expressão comum, trabalho sério.

O livro é um convite ao estudo, porque os temas que nele são focados sacodem, por assim dizer, as ideias científicas mais em curso nesta época. Basta dizer que Leopoldo Machado, através de trinta e dois capítulos, trata de obsessão, esquisofrenia, *voronofismo*, etc., e, finalmente, afirma que o *Espiritismo é tudo*. Não me surpreende a conclusão a que chegou Leopoldo, visto que não é de hoje que ele afirma que o Espiritismo é tudo.

O público espirita do Brasil, de norte a sul, do leste ao oeste, conhece a orientação doutrinária de Leopoldo Machado, e sabe que ele, de facto, não é espirita de reserva quando tem de afirmar, seja onde for, as suas convicções. Fá-lo com franqueza e coragem, a despeito de quaisquer dificuldades. E disto já deu provas. Diante disto, já esperava que, desenvolvendo assuntos científicos em *Cientismo e Espiritismo*, Leopoldo Machado reafirmasse aquela convicção. Esse livro se impõe pela natureza dos temas de que se constitui. Não é, porém, um livro para as criaturas de espírito ortodoxo, dessas criaturas que têm medo de *leituras proibidas*. Não! É livro que comporta e suporta crítica, que está aberto à discussão, mas exige, sobretudo, espírito emancipado. Não é a primeira vez, aliás, que Leopoldo Machado, para defender a causa espirita, entra na seara médica. Vimo-lo, faz tempo, discutir o problema sexual em face do Espiritismo, polémica de que resultou seu importante livro «Doutrina inglória». Por ocasião da polémica provocada pela *Sociedade de Medicina e Cirurgia* do Rio de Janeiro, Leopoldo saiu dos afazeres do magistério para enfrentar uma sociedade médica. Sem ser médico, discutiu a matéria com proficiência, não como intruso na seara de Hipócrates, mas como idealista, como homem de convicção no vasto campo da ciência da alma. Agora, em *Cientismo e Espiritismo*, Leopoldo Machado reafirma suas ideias com a mesma coragem intelectual, com a mesma segurança, sustentando sempre que o Espiritismo é um mundo, uma fonte imensa e ilimitada.

O trabalho de *Estudos Psíquicos Editora* não pode deixar de repercutir no meio espirita brasileiro, já pela justa projecção do autor de *Cientismo e Espiritismo*, já pela simpatia que a Editora vem conquistando no Brasil. Nesta época de tanta apertura financeira, de tanta escassez de mão de obra, uma empresa editora representa algo de extraordinário para os que, como Isidoro Duarte Santos e seus companheiros, fazem obra de ideal. O livro está impresso em condições admiráveis, tendo-se em conta as dificuldades da indústria gráfica. Bom papel, capa interessante, impressão excelente. A forma está de acordo com o conteudo. Mais uma vitória, portanto, do ideal na seara espirita portuguesa, tão nossa como se fosse a do lado de cá, uma vez que a força criadora da doutrina espirita se sobrepõe ao Atlântico e às fronteiras que nos separam fisicamente. Daqui, do Brasil distante, envio meus parabens aos brilhantes e infatigáveis idealistas portugueses.

---

de testemunhas, o desgraçado... continua a ser pessoalmente atacado por «almas do outro mundo».

É quando ele está presente que se ouvem as pancadas na parede, denominadas *raps*; quando ele bate três pancadas secas com o dedo, o espírito responde com três pancadas distantes e cavernosas. «Toda a ideia de intrujice deve ser posta de parte», porque os fenómenos se produziram à luz do dia, estando presentes o comissário de polícia, um adjunto, um oficial da gendarmaria e até um prestidigitador, a princípio bastante céptico, mas que se viu obrigado a dar a mão à palmatória.

O que tem de notável o artigo donde respigo este caso, é que o articulista narra os acontecimentos insólitos sem um vislumbre daquela ironia tão própria e usada pelos «espíritos fortes»; narra-o com seriedade e mostra-se conhecedor dos trabalhos de Crookes, Aksakoff, Bozzano, Osty... E a propósito, conta um caso de um espírito incendiário referido por Aksakoff...

O caso dos dois casais Dupont, ignorantes do que é o Espiritismo e dos mais elementares preceitos da experimentação supranormal, deve servir de exemplo nos que, por simples curiosidade, sem nada saberem da ciência espirita, se entregam a experiências da sua fenemonologia.

O SEGREDO DA FELICIDADE

NÃO é raro ouvir dizer por esse mundo que a felicidade não existe. Para uns, ela seria possível se os bens da terra lhes satisfizessem plenamente as exigências e e os vícios da sua vida material. Outros, só nos valores espirituais e nas nobres aspirações da alma a procuram.

Somos daqueles que acreditam na felicidade, mas felicidade relativa. Para compreender a felicidade em toda a sua plenitude, forçoso se torna um conhecimento completo das leis universais. Mas quem poderá orgulhar-se de possuir essa gama de conhecimentos só inerente às velhas almas, aquelas que muito sofreram e muito lutaram, àquelas para quem as inumeráveis existências nos diversos planos das vidas planetárias foram um esforço contínuo, um pelejar sem tréguas em busca da ciência, da arte e da beleza que, aliadas à divina moral, lhes outorgam, por direito de conquista, o acesso à felicidade completa? Só o saber, só a ciência, só o amor podem tornar o homem feliz.

A alma humana anseia por felicidade, mas só nesta fonte pode encontrá-la. Não compreende que, quase sempre, felicidade ou infelicidade são obra sua. A felicidade é o conhecimento da lei. O contrário é infelicidade. É feliz o homem que sabe o que quer, o que faz, porque está na Terra e para onde se dirigirá depois da cessação da sua vida orgânica. É feliz relativamente ao seu grau de evolução que compreende e por isso anseia pelo conhecimento completo das leis que o levarão à descoberta desse tesouro sagrado. E sofre, trabalha e luta, alentado pela chama viva da Fé, certo de que, dessa imensa batalha de todos os dias e de todas as horas em que está empenhada toda a sua personalidade e toda a sua razão de ser, ele sairá vencedor, porque à sua frente estão os séculos.

Dos sistemas filosóficos conhecidos, nenhum se mostrou capaz de fazer o homem feliz, porque a felicidade é impossível sem o conhecimento das leis divinas, e essas leis só são acessíveis ao espírito que, compreendendo o significado do «Errare humanum est» toma, por decisão do seu livre arbítrio, contacto directo com o código divino, com essa fonte inesgotável de luz que são os Evangelhos de Jesus, para de lá retirar, segundo o «espírito que vivifica» e não segundo a «letra que mata», o segredo da felicidade.

A felicidade está em nós, mas ainda a não descobrimos. É preciso procurá-la, descer à origem desse precioso legado e, lentamente, passo a passo, aproveitando todos os nossos recursos de inteligência e espírito, trazer à superfície o significado do pensamento das divinas almas que, com as leis do Alto, traçaram à humanidade o caminho da salvação e da felicidade. Falar pela boca dos outros é ignorância. É aceitar gratuitamente afirmações oriundas de interpretações egoísticas. Que diferença de pensar! Que tremenda desilusão espera aquele que mergulha por si próprio nas águas límpidas e cristalinas da Luz Evangélica! Morte, Inferno, Penas Eternas, tudo desaparece para dar lugar à vida sem fim pelos séculos em fora em busca de conhecimentos portadores de sublimes virtudes, do Amor e do Bem, eterna fonte de alegria e felicidade.

A doutrina espírita interpreta como nenhuma outra o sentido das divinas leis; e porque assim é e porque sabe que a felicidade está na interpretação verdadeira e lógica dos livros sagrados, a todos aconselha a procura da relativa felicidade que lhe é dado usufruir na Terra.

São aos milhares as almas que encontraram a felicidade através das suas máximas e das suas verdades. É o materialista de ontem que vem afirmar a sua renúncia à vida grosseira e triste, sem objectivo e de negro futuro, que o materialismo lhe oferecia, em contraste com a alegria espiritual que sente ao contacto de realidades que desconhecia. Outro tanto sucede ao ateu. Outro tanto sucede aos adeptos de religiões falsas ou incompletas, logo que a luz se faz em seus espíritos. Compreende o porquê da vida com seu cortejo de misérias e infelicidades que são obra sua, e não culpa Deus, foco de amor cheio de compaixão pelas humanas misérias. Mas a lei é a lei e não é impunemente que se infringem seus preceitos. Só da sua fiel execução pode surtir a felicidade. Colocada em face destas realidades, a alma humana, ontem mergulhada na sombra do mistério, do dogmatismo e do nada, vê

despontar ao longe o raiar de uma nova aurora que desconhecia. Ajoelha perante a Imensidade e agradece a Deus, — a quem doravante entrega confiadamente seu destino — o clarão que lhe veio do Alto iluminar o caminho da caridade cristã e do amor ao próximo, caminho de felicidade espiritual e o único que conduz às mansões da Luz.

Doutrina sublime esta que tem levado a felicidade a tanto ser humano! O autor destas linhas é um deles. Sem preparação literária adequada, meteu-se a escrever, só porque sente necessidade de comunicar a outros seres, seus irmãos, a Chama Bendita que lhe abrasa a alma. Outro, para só citar mais um caso, que não é desconhecido dos queridos leitores desta revista, o médico Henri Regnault seu correspondente em Paris e meu ilustre confrade e amigo, é incansável na propagação do seu «caso». Na *Union Spirite Française* como na Sala de Geografia de Paris, nas suas conferências, a sua afirmação é concreta. «Eu era — diz ele — um ser in-

Por

António J. Martins

Correspondente em Pointe-Noire

feliz, porque o que as várias religiões me ofereciam não ia além do nada, do vago e do incerto. Olhava para a frente angustiosamente, porque via avançar a passos de gigante o momento em que o meu ser seria aniquilado para sempre. Foi então que, em 1915, o Espiritismo veio como estrela salvadora modificar por completo o meu ser. Trouxe-me a felicidade que nenhuma outra religião ou doutrina tinha conseguido dar-me, pelas verdades e certezas que são a própria essência da sua razão de ser. Hoje sou um homem feliz». Assim se exprime aquele homem bom, acolhedor e infatigável propagandista da mais nobre das causas, e ainda em Maio último, em carta de Paris, me dizia: «Nos chers invisibles me donnent la santé; mon ardeur et mon enthousiasme me permettent de mener une action intense, et je reste le plus heureux des hommes» (Os nossos queridos invisíveis dão-me a saúde, e o meu ardor e entusiasmo permitem-me uma acção intensa continuando a ser o mais feliz dos homens). E assim se resolveu para este nosso eminente confrade o angustioso problema da crença no aniquilamento total do ser...

Problema terrível esse, para quem vê aproximar-se o fim da existência e com ela o fim de tudo o que temos de melhor, o nosso ser, a nossa consciência, as nossas aspirações, a nossa vontade de viver e amar, a nossa ânsia de ir mais além, de desvendar o desconhecido, descobrir novos horizontes, saciar-se de ciência e amor, progredir e acompanhar a marcha incessante das forças vivas do Universo...

Problema doloroso para aqueles que ainda não tiveram a dita de ser tocados pela Esperança Redentora da Nova Revelação Espirita. É para esses que nós escrevemos. É para eles que nós dirigimos o nosso olhar e lhes gritamos:

— Irmãos! não persistais no erro e na penumbra em que andais mergulhados. Vinde até nós, não para fomentar a desordem e a desunião entre os homens, não para guerrear religiões ou credos políticos, mas para que possais, como nós, gozar dos primores da Grande Doutrina que está na base da regeneração humana. Cerrai os ouvidos aos detractores da Grande Verdade que, por comodidade, egoísmo ou interesse, negam os esplendores da verdadeira doutrina do Mestre Jesus!

O Espiritismo não são só só os fenómenos, nem o que dele ouvis dizer à pobre gente da rua. É preciso estudar a sua ciência, profundar a sua filosofia e assimilar a sua Moral trazida à Terra por Jesus e todos os dias aconselhada nas mais diversas partes do Globo, pelos queridos Mensageiros do Alto.

O Espiritismo é mais alguma coisa. Nem a malquerença, nem o ódio, nem a guerra que os adversários de má fé lhe movem, deturpando e negando a sua essência divina, podem deter a marcha triunfante da Gloriosa Força que tem o condão de fazer os homens melhores. Começa a despontar no horizonte o momento em que os homens, fatigados por séculos e séculos de incompreensão e falsidades que os manietaram e lançaram uns contra os outros em guerras e misérias sem conto, serão, pela força da lei do Progresso e da Verdade, obrigados a volver seus olhos para o Alto, orientando-se na senda única da salvação, que é a sublime doutrina que o Espiritismo lhes oferece.

Pela luz que derrama no espírito de todos os homens, pela esperança que planta em cada coração humano e pela certeza que lhe dá do futuro grandioso da alma nas esferas siderais depois de purificada, o Espiritismo revela-se o Consolador Prometido, a Doutrina Máxima que alberga em si o segredo da felicidade presente e futura.

Congresso Brasileiro de Unificação Espirita

Realizou-se em S. Paulo, promovido pela UNIÃO SOCIAL ESPIRITA, de 31 de Outubro a 3 de Novembro, o *Congresso Brasileiro de Unificação Espirita.*

Movimento que se formará com o nome de Centro Sulino. Nome que, entretanto, poderia ser alterado, conforme a natureza das representações e o critério dos congressistas.

Muitos Estados do Norte emprestaram adesão ao Congresso.

Nós mesmos tivemos cinco representações e fomos obrigados a subestabelecê-las. Dai, ser levada a plenário a necessidade da alteração do nome, como assunto primordial, depois da eleição da mesa.

Venceu, dentre os nomes apresentados e discutidos, a denominação de *Congresso Brasileiro de Unificação Espirita;* o que foi, na verdade, visto como as correntes espiritas do país, activas e operantes, se fizeram representar. Representação que seria maior, se houvesse maior propaganda do certame dentro de maior espaço de tempo.

Assim, foi justo que o certame perdesse o carácter regional a benefício de seu verdadeiro carácter nacional.

Procuramos até, na sessão de encerramento, demonstrar que um movimento com tal finalidade ficaria bem partindo de S. Paulo, porque de S. Paulo partira o ensino para o Brasil, com a fundação do colégio que deu nome ao Estado; de S. Paulo sairam as «bandeiras» que descobriram o Brasil do interior, criando outros Estados, como Minas, Goiás, Mato Grosso; de S. Paulo ecoou para a planície oriental e para as cordilheiras do centro, o grito de Independência; de S. Paulo espalhou-se para o Brasil a arte do bel-canto, com o *Guarani* e Carlos Gomes; de S. Paulo derramou-se pelo Brasil o ouro negro do café, o comércio e as indústrias; de S. Paulo saiu, até, a arte modernista, embora não lhe encontremos raça nenhuma, para o resto do país.

Justo, portanto, que o movimento de unificação da Doutrina parta de S. Paulo. Movimento que os confrades de S. Paulo puseram em outras mãos para ser coordenado, que têm gosto seja realizado na capital do País.

Há mais, ainda: na Bahia, fundou-se a primeira igreja. Em S. Paulo, o primeiro colégio. Quer dizer: aquele Estado convidando à fé, este, à instrução. Na Bahia registraram-se os primeiros fenómenos no Brasil. Em S. Paulo, onde, primeiro, se trata da unificação da Doutrina...

A eleição da mesa, na reunião preparatória, presidida pela figura veneranda de Vinicius, que saúda os congressistas com uma linda página evangélico-cristã.

Depois da apresentação dos delegados, cabendo maior delegação aos Estados do Paraná, Minas e Rio Grande do Sul, — e foram dezasseis os Estados representados! — procedeu-se a eleição.

A presidência coube a Minas Gerais, na respeitável figura do venerando dr. Camilo Chaves, presidente da *União Espirita Mineira;* as duas vice-presidências, ao Rio Grande do Sul, na pessoa de Roberto Michelena e a nós, representando o Estado do Rio; os dois secretários, Osvaldo Melo, de Santa Catarina, e Herculano Pires, de S. Paulo.

À eleição seguiu-se a votação do regimento interno.

★

A sessão de abertura, na sede do *Centro Esotérico da Comunhão do Pensamento.*

Foi uma sessão magna, imponente.

Falou, depois da prece, proferida pelo Presidente do Congresso, o residente da instituição, congratulando-se com o Congresso.

Vinicius profere a saudação da U. S. E. aos congressistas, através de outra peça evangélica, oportunissima. Roberto Michelena, a voz do R. G. do Sul, é o orador da noite. Números de arte pura — música, declamação e canto — realçam a parte artística da reunião. O médium Ary Cassadio encorpora um espírito que dá longa e substanciosa comunicação a propósito da obra da unificação nos meios espiritas. Proferimos a prece final.

O belo salão, amplo e imponente, esteve à cunha, a despeito de haver convite individual para a reunião.

★

As sessões plenárias, evidentemente as colunas mestras do certame, estiveram animadíssimas. Agitadas por vezes, vibráteis, substanciosas, tal o desejo de colaborar de todos.

Era de ver o interesse de fazer melhor, o calor nas discussões, o desejo de acertar, de todos. E nada de ataques pessoais, sistemáticos, a pessoas e instituições. Uma tese houve, cuja análise fria pareceu ferir, a despeito de seu autor, Dr. Julio Abreu, defendê-la à altura. Foi retirada, entretanto, mostrando seu autor que tanto sabe argumentar com factos, como renunciar a benefício da causa. Tudo, portanto, nos moldes de um ambiente cristão, à altura de um legítimo congresso espirita, nacional, de unificação.

Mas, se todos colaboraram nas discusões, objectivando as finalidades marcantes do Congresso, houve nomes que se destacaram mais, por seu espírito de combatividade em prol da harmonia e unificação, que ali se concertavam. Foram os ilustres confredes Julio de Abreu e Herculano Pires, (S. Paulo); Noraldino de Castro e Bady Curi (Minas); Dr. João Pompílio e Coronel Roberto Michelena (Porto Alegre); Osvaldo Melo (Santa Catarina); Dr. Francisco Raitani (Curitiba); Sebastião Guedes de Sousa (R. G. do Norte); Nabor da Graça Leite e Dr. Jaime Monteiro de Barros, respectivamente, de Baurú e Rebeirão Preto.

E nos trabalhos objectivos de comissões, das conclusões: dr. Noraldino Castro, Dr. João Pompílio e Carlos Jordão da Silva...

★

Os congressistas foram, quase todos, à residência do Comandante Edgar Armond que, por enfermo, não pôde tomar parte nos debates. Uma comissão visitá-lo-ia por todos.

— Que não. Queria a visita de todos, que seria prazer e conforto para seu espírito, — respondeu o ilustre enfermo.

E todos o visitaram, proferindo-se, à borda de seu leito, uma prece

votiva por seu pronto restabelecimento.

★

Duas sessões magnificas, oferecidas aos congressistas, foram as que a *Liga Espirita de S. Paulo* e a *Sinagoga Espirita* realizaram.

Os presidentes de ambas, depois de palavras repassadas de muita cordialidade, passaram à presidência ao Congresso, cabendo aos vice-presidentes presidi-las. Nós, substituindo Antenor Ramos e Roberto Michelena, em substituição de A. J. Trindade.

A U. S. E. saúda os Congressistas; na primeira, pela palavra de Apolo Oliva F.º e na segunda, pela voz de Jaime Monteiro de Barros. São oradores do Congresso: Osvaldo Melo, na primeira, e Noraldino de Melo Castro, na outra.

Dois programas artítiscos — declamação, canto clássico e música de opera terminaram ambas os sessões.

Houve, na *Sinagoga Espirita*, ainda, uma farta mesa de doces e gelados, que a directoria da Instituição ofereceu aos congressistas.

★

O *Almoço da Fraternidade*, em Entre-Lagos, um lugar paradisíaco, num restaurante em harmonia com o lugar.

Almoço animado por um programa vibrátil, alegre, à guisa de cardápio espiritual. D. Marília Barbosa, representante do Pará, a única mulher com assento no Congresso, faz a prece. Godoi de Paiva comanda o programa. Nós *servimos o Aperitivo da Alegria*, em versinhos leves, mexendo com as delegações. Dr. Luiz Monteiro de Barros serve-nos excelente acepipe doutrinário, através de uma peça cheia de excelentes observações e ensinamentos. Comem-se com apetite apetitosas iguarias culinárias. Francisco Spineli, de Porto Alegre, serve-nos a sobre-mesa espiritual paralelamente à material. E o *Vinicius*, o querido *Vinicius*, o café espiritual conjuntamente ao material.

Alegria e vibração em todos, em tudo.

★

A sessão de encerramento, no Cine-Babilónia, que é, na verdade, uma babilónia em extensão e assentos. Mas, sem acústica. A sessão, contudo, excelente, presidida pelo dr. Camilo Chaves, ladeado pelo presidente do Circulo da Comunhão do Pensamento e do reverendo Salomão Ferraz, bispo da Igreja Católica livre. Ao chegarmos, apresentou-no-lo *Vinicius*, salientando o espírito liberal do apresentado. E o apresentado, usando da palavra, salientou este seu espírito, proclamando que «o Espiritismo é uma verdade».

Os oradores do programa, todos em peças sintéticas, foram, além de nós e do bispo: Emilio Manso, em nome da U. S. E., D. Marília Barbosa, pelo Pará e em nome da mulher espirita, Dr. Júlio de Abreu, encerrando-o, com palavras de agradecimento aos congressistas. Procedeu-se à leitura das *Conclusões* e do *Manifesto aos Espiritas do Brasil*, seguindo-se-lhe uma bela e harmoniosa parte artística, a música, canto clássico e declamação.

O presidente profere as palavras finais do programa e do Congresso e encerra a sessão.

Estava, assim, encerrado o primeiro Congresso que se faz, na espécie, no Brasil.

★

Moços de Mocidades Espiritas de S. Paulo oferecem um programa extra-Congresso aos congressistas, na sede da Federação Espirita. Programa constante de uma parte doutrinária e outra de declamação. Por nímia gentileza de sua presidência, dá-se-nos a palavra, para falar em nome dos congressistas. A sessão terminou contagiando moços e mais velhos, todos empenhados no programa de mocidades espiritas, que vão empolgando os meios esclarecidos do Brasil ...

CONCLUSÕES PRINCIPAIS

Aqui vão as *Conclusões*, que se nos afiguram principais, a que o Congresso chegou:

a) Que o espírito dominante em todos os trabalhos é o da unificação direcional dos Espiritismo.

b) Para a concretização do item anterior, recomenda a Comissão as seguintes proposições, colhidas nos trabalhos estudados:

1) Que a superintendência daqueles trabalhos seja confiada à Federação Espirita do Rio Grande do Sul, a qual observará as normas gerais aqui traçadas, que representam o pensamento geral do Congresso;

2) Que o Congresso lance aos Espiritas do Brasil um manifesto sucinto e objectivo, divulgando os itens aprovados;

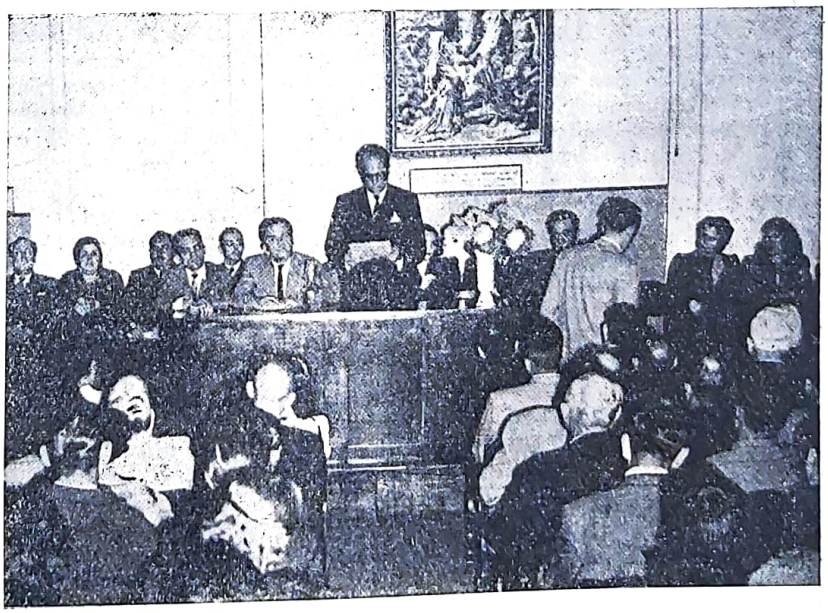
3) As normas seguintes do item 1.º são:

I) Promover entendimentos com as entidades máximas e federativas dos Estados, do Distrtito Federal e dos Territórios, no sentido de conservar a forma de unificação direccional do Espiritismo;

II) Os entendimentos deverão ser

UMA REPORTAGEM DE

LEOPOLDO MACHADO



O presidente da Liga Espirita do Estado de S. Paulo, sr. Antenor Ramos, tendo á sua esquerda, na presidência, o prof. Leopoldo Machado, usando da palavra para saudar os congressistas

feitos em torno de organização federativa de âmbito nacional;

III) A entidade existente adaptada ao item anterior, conservará sua autonomia social e patrimonial;

IV) O poder legislativo nacional será exercido por um Conselho Confederativo, sediado na Capital da República, e composto de um representante de cada Estado, do Distrito Federal e dos Territórios,, eleitos pelas uniões ou federações dessas circunscrições, com mandato de cinco anos e presidido pelo presidente da entidade referida no item 2.º.

4) Realizado o seu objectivo, a Federação Espirita do Rio Grande do Sul dará conhecimento de suas conclusões aos membros deste Congresso e sugerirá a conveniência e oportunidade da convocação de um Congresso Espirita Nacional, em prazo nunca inferior de um ano, para o fim de regulamentar o funcionamento da entidade confederativa de âmbito nacional;

5) A Federação Espirita do Rio Grande do Sul manter-se-á em permanente contacto com as entidades participantes deste Congresso e com as que aceitarem, posteriormente, as suas Conclusões, por intermédio de um delegado nos Estados, integrado nos ideais da unificação, como elemento de coordenação e animação do movimento nos limites de seu Estado, etc., etc.

MANIFESTO DO CONGRESSO AOS ESPIRITAS

«*O Congresso Brasileiro de Unificação Espirita,* reunido na Cidade de S. Paulo, de 31 de Outubro a 3 de Novembro de 1948, realizou-se sob os eflúvios de sublimada concórdia. As teses versaram sobre assuntos relevantes e foram submetidas ao crivo da razão e do estudo. Visavam a Unificação Direccional do Espiritismo e propunham medidas colimando a rápida difusão da Doutrina. Para lograr pronto andamento, vencendo dificuldades, indicavam soluções oportunas na equação dos problemas.

Todos os trabalhos demonstravam o anseio insopitável da Unificação de sentimentos, propósitos e directrizes.

Para a almejada concretização, os Congressistas procuraram, no caldeamento de interesses e programas, obter a essência das proposições oferecidas. Ficou deliberado que a *Federação Espirita do Rio Grande do Sul,* com seu passado de marcantes realizações, coordenasse a Unificação da Família Espirita Brasileira, dentro das normas básicas, traçadas e aprovadas em plenário:

I — Promoverá entendimentos com as entidades federativas dos Estados, do Distrito Federal e Territórios, no sentido de concertar a forma direccional do Espiritismo;

II — Que esses entendimentos sejam feitos em torno de organiza- adapte como entidade confederativa ção federativa existente, que se ou federativa de âmbito nacional;

III — Que a entidade existente, adaptada ao item anterior, se conserve autónoma quanto à parte social e patrimonial própria;

IV — Que as Uniões ou Federações estaduais elejam seus representantes — um por Estado, Distrito Federal e Territórios — para a formação de um Conselho Confederativo, ou Federal Nacional, com sede na Capital da República e mandato de cinco anos;

V — Que esse Conselho seja presidido pelo Presidente da entidade federativa que adoptar o carácter definido no item II e dirija o Espiritismo Unificado;

Realizado o objectivo constante nos itens enumerados, a Federação Espirita do Rio Grande do Sul sugerirá a conveniência e oportunidade de um Congresso Espirita Nacional, em praso superior a um ano, para o fim de organizar o funcionamento da entidade adaptada. Manter-se-á, também, em permanente contacto com os participantes do Congresso e com as entidades que, posteriormente, adoptarem suas Conclusões;

Ficou assente que, sob o patrocínio do Congresso, seja fundada uma Universidade Espirita para ensino em todos os graus. Para dirigir o importante empreendimento foi nomeada uma comissão integrada por elementos de S. Paulo, Rio Grande do Sul, Minas Gerais, Rio de Janeiro, Paraná e Santa Catarina.

Espiritas do Brasil:

Jesus proclamou que permanecêssemos em seu amor, guardando-lhe a palavra. Resta, portanto, que vós, nos quadrantes da Pátria, impulsionados pela fraternidade cristã e determinados pelo amor à Causa e ao Bem, formeis fileiras em torno da Bandeira da Unificação e do Ensino Espirita.

Estugai ou passo! Caminhai, decididos! Pugnai com fé e confiança! Edificai o Ideal com o Cristo! Fazei-o triunfar, pelo vosso esforço de torná-lo glorioso!

Integrai-vos definitivamente no movimento, que não é nosso, mas Determinação Superior que nos leva a caminhar para a frente e volver para o Alto!

Espiritas do Brasil!

Lembrai-vos de que somos unos em Cristo, filhos de um só Deus, norteados por uma só espiração, orientados por um só Mestre, para a formação do rebanho de um só Pastor!

Que Jesus ilumine e oriente, que Deus abençoe e ampare o Brasil!

LIVROS NOVOS

O Orador Espirita, por *Eliseu Rigonatti* — Br. 8$00

Mediunidade sem Lágrimas, por *Eliseu Rigonatti*—Br. 15$00

52 Lições de Catecismo Espirita, por *Eliseu Rigonatti* — Brochado ..... 10$00

Deus para as Criaturas, mensagens mediúnicas (um grosso volume) — Br. ... 40$00

A Era do Aquário, pelo *Dr. Anibal Vaz de Melo.* Livro de antecipação histórica baseado na Astrologia — Brochado ..... 35$00

Sinal dos Tempos, pelo *Dr. Anibal Vaz de Melo.* Continuação da obra anterior — Brochado ..... 40$00

Esquetes, pelo *Dr. Inácio Ferreira.* Próprios para representar. Impressão e encadernação de luxo ... 50$00

Contos, pelo *Dr. Inácio Ferreira* — Encadernado ... 15$00

As Veredas da Paz, por *Mário Ferreira* — Br. ... 30$00

Interpretação Sintética do Apocalipse, por *Canibar Schutel* — Brochado ..... 8$00

O Destino Humano, por *A. Lobo Vilela* — Enc. 20$00

Bezerra de Meneses, o médico dos pobres por *F. Aquarone* — Brochado 18$00

António de Pádua, por *A. Martins de Castro* — Br. 18$00

O Problema dos Fantasma, por *Hugo Rocha* — Br. 12$00

Hipóteses Metapsíquicas, por *Lobo Vilela* — Brochado 10$00

N.º 25
MARÇO
1949

Página Dirigida
por KYLAS

Muito bons dias!

Queridos irmãos pequeninos:

Entrou há pouco tempo a nossa secçãozita no terceiro ano de existência, o que me alegra. Não vejo entre vós nenhum pequenino ou pequenina escritora, o que me desgosta.

Quando vos resolveis?

Quando quereis dar esse prazer à vossa sempre amiga irmã mais velha?

KYLAS

Doçura e Bondade

Por **Guerra Junqueiro**

Um rapaz sacudido violentamente na rua por um homem que vinha diante dele, volta-se e dá-lhe uma bofetada.

— Oh! Senhor! — exclama o outro — mal sabe o remorso que vai ter! bateu num cego!

Um homem ainda novo montado num burro, atravessava uma aldeia, e uns camponeses grosseiros começaram a apupá-lo e a bater no burro para o fazer correr. O homem apeia-se, vai direito a eles e mostrando-lhes a sua perna aleijada, disse-lhes:

— Se soubésseis que eu era coxo, não terieis rido tão contentes.

Os camponeses, envergonhados, coraram, afastando-se sem pronunciar uma palavra.

Que vos parecem estas duas lições? Estou convencido de que aproveitaram a quem as recebeu.

Do livro «Contos para a Infância»

INVERNO

Por **Maria Carmo**

Inverno...
Céu abafado e cinzento,
amargo, denso, profundo...
Ventos erram nos caminhos,
sombrios ameaçadores.
As árvores sem ninhos
balouçam tristemente
a sua fria nudez.
Inverno!...
Um véu de sombras
desce sobre o mundo
e a miséria entra
nos humildes lares...
E eu que sinto o mal da Humanidade,
fecho os olhos
para não o ver
e seguro avaramente
a minha felicidade.
Inverno!...
Há tanto frio pelas estradas!...
É tão terrível a voz do mar!
É tão gelada a alvura da neve
que arrefece os corações!...
E eu que choro a dor dos infelizes,
que queria abrigar todos
em risos e amor,
cruzo os braços do meu egoísmo
e fecho-lhes a porta do meu lar...
Inverno!... Inverno!...

OS ANIMAIS

POR
IDALINDA AGUIAR MATOS

Os animais são nossos irmãos inferiores, razão pela qual não devemos nunca maltratá-los. Existem pessoas, muito embora sem espírito de maldade, que aprisionam pássaros indefesos; outros, abatem nas caçadas, prazeirosamente, animais selvagens. É um prazer grosseiro e condenável pelos sãos princípios.

Vocês não conhecem garotos que, por maldade, usando atiradeiras, atacam os passarinhos, ferindo-os? Pobres avezinhas! Que mal fizeram elas? Será condenável cantar e voar pela amplidão?

É, precisamente, por falta de esclarecimentos que muitos são levados a praticar tais acções.

Os meus meninos, frequentadores das aulas de moral, que ansiosamente procuram a secção de KYLAS, por certo seriam incapazes de tomar parte em tais passa-tempos.

Conheço uma criança de muito bom coração que, certa vez, vendo um cãozinho ser atropelado por por um auto, correu nervosa e, sem medir consequências, apanhou-o, a fim de o socorrer. Mas o pobre animal estava louco de dor, univando dolorosamente. Alguém que passava disse-lhe:

— Menina imprudente, põe o animal no chão que te pode ser traiçoeiro...

Então, reflectindo, pousou-o e saiu correndo, como uma bala, foi a casa buscar medicamentos, ataduras e, ainda, um pouquinho de leite, como que para consolar o animalzinho. Com tal meiguice, dirigiu-se ao acidentado que, sendo animal inteligente, logo compreendeu tratar-se de umas benfeitora. Depois de pensados os ferimentos, lambia-lhe as mãos, em sinal de amizade e gratidão.

— Todas as vezes que pudermos, imitemos o gesto de tal criança, pois nas menores atitudes demonstraremos o nosso carácter.

Os animais são seres que sofrem, materialmente, como nós sofremos. Alguns chegam a sofrer moralmente na época da maternidade, quando lhes roubam os filhos. Embora em grau inferior, conhecem a lei do amor. Defendem seus filhos com tanto ardor, como as vossas mãezinhas vos defenderiam, se algum «lobo mau» vos quisesse roubar.

Rio de Janeiro

PEQUENA HISTÓRIA

Um dia, a Gota de Água, o Raio de Luz, a Abelha e o Homem Preguiçoso chegaram ao Trono de Deus.

O Todo-Poderoso recebeu-os com bondade e perguntou pelo que faziam.

A Gota de Água avançou e disse:

— Senhor, eu estive num terreno quase deserto, auxiliando uma raiz de laranjeira. Vi muitas árvores sofrendo sede e diversos animais que passavam aflitos, procurando mananciais. Fiz o que pude, mas venho pedir-te outras Gotas de Água que me ajudem a socorrer quantos necessitem de nós.

O Pai sorriu, satisfeito, e exclamou:

— Bem-aventurada sejas pelo entendimento de minhas obras. Dar-te-ei o recurso das chuvas e das fontes.

Logo após, o Raio de Luz adiantou-se e falou:

— Senhor, eu desci... desci... e encontrei o fundo de um abismo. Nesse antro, combati a sombra como pude, mas notei a presença de muitas criaturas suplicando claridade. Venho ao Céu rogar-te outros Raios de Luz que comigo cooperem na libertação de todos aqueles que, no mundo, ainda sofrem a pressão das trevas.

O Pai, contente, respondeu:

— Bem-aventurado sejas pelo serviço à Criação. Dar-te-ei o concurso do Sol, das lâmpadas, dos livros iluminados e das boas palavras que se encontram na Terra.

Depois disso, a Abelha explicou-se:

— Senhor tenho fabricado todo o mel ao alcance de minhas possibilidades. Mas vejo tantas crianças fracas e doentes, que te venho implorar mais flores e mais abelhas, a fim de aumentar a produção...

O Pai, muito feliz, abençoou-a e replicou:

— Bem-aventurada sejas pelos benefícios que prestaste. Conceder-te-ei novos jardins e novas companheiras.

Em seguida, o Homem Preguiçoso foi chamado a falar.

Fez uma cara desagradável e informou:

— Senhor, nada consegui fazer. Por todos os lados encontrei inveja e perseguição, ódio e maldade. Tive os braços atados pela ingratidão dos meus semelhantes. Tanta gente má permanecia em meu caminho, que, em verdade, nada pude fazer.

O Pai bondoso, com expressão de descontentamento, exclamou:

— Infeliz de ti, que desprezaste os dons que te dei! Adormeceste na preguiça e nada fizeste. Os seres pequeninos e humildes alegraram meu Trono com o relatório de seus trabalhos, mas tua boca sabe apenas queixar-se, como se a inteligência e as mãos que te confiei para nada valessem. Retira-te. Os filhos inúteis e ingratos não devem buscar-me a presença. Regressa ao mundo e não voltes a procurar-me, enquanto não aprenderes a servir.

A Gota de Água regressou, cristalina e bela.

O Raio de Luz tornou aos abismos, brilhando cada vez mais.

A Abelha desceu, zumbindo, muito feliz.

O Homem Preguiçoso, porém, retirou-se muito triste.

(De *Alvorada Cristã*, do *Espírito* de Neio Lúcio, recebido pelo médium Francisco Cândido Xavier).

A INFÂNCIA

POR

OLAVO BILAC

O berço em que, adormecido,
Repousa um recem-nascido,
Sob o cortinado e o véu,
Parece que representa
Para a mãe que o acalenta,
Um pedacinho do céu.

Que júbilo, quando, um dia,
A criança principia,
Aos tombos, a engatinhar...
Quando, agarrada às cadeiras,
Agita-se horas inteiras
Não sabendo caminhar!

Depois, a andar já começa,
E pelos móveis tropeça,
Quer correr, vacila, cai...
Depois, a boca entreabrindo,
Vai pouco a pouco sorrindo,
Dizendo: mamãe... papai...

Vai crescendo. Forte e bela,
Corre a casa, tagarela,
Tudo escuta, tudo vê...
Fica esperta e inteligente...
E dão-lhe, então, de presente
Uma carta de A. B. C. ...

★

O Corpo

O Banho

Ontem, pela manhãzinha, tomei um banho no rio e, ao sair da água, vinha batendo o queixo com frio.

«O banho assim demorado é bastante perigoso; deves ser mais cautelosa», disse-me, sério, meu tio.

de «Leituras»
livro da 4.ª classe

A FONTE DA VERDADE

Um apólogo de **KYLAS**

Já lá vão anos, muitos anos. Aquela aldeia sertaneja vivia o seu sonho de princesa encantada, silenciosa e calma.

O «conselheiro», velhote que a todos acudia com os seus conselhos, ali nascera e ali tencionava morrer. Creio bem que se finou com a aldeia que há muito não vem nos mapas.

Já o sol se sumia no horizonte, quando lhe bateu à porta um caminhante, sapatos cheios de pó, olhos cansados e tristes.

— Ouvi falar em ti, conselheiro. A tua fama de prudente e sábio vai longe. Poderás acaso responder-me a uma pergunta?

— Tudo que eu souber.

— É fácil para ti. Como consegues escolher os teus amigos?

O velho olhou-o um momento e depois sorriu mansamente. Em seguida apontou para longe e inquiriu:

— Vês aquilo além?

— Aquela fonte?

— Sim. Sempre que alguém se aproxima de mim com promessas de lealdade e amizade, escrevo-as todas numa tábua encerada que depois lanço na água da fonte.

Quando volto a olhar, na tábua nada mais está do que aquilo que realmente perdurara.

— É maravilhoso. E como se chama a Fonte?

— A Fonte da Verdade.

— É pena morar tão longe, se-

Grave Consulta

Segundo M. Mauer

A senhora Robert interroga os seus filhos acerca dos seus projectos de futuro.

— Pedro, que queres ser quando fores grande ?

— Eu ? Militar !

— E por quê ?

— Veja ! Porque quero ser corajoso como o papá e amar a Pátria... como o papá.

— Está bem, meu filho. Se, tão jovem, sentes gosto por uma profissão, tens todas as probabilidades de nela venceres. Coragem, pois.

— E tu, Tiago, que desejas fazer mais tarde ?

— Oh, eu ? É-me indiferente.

— Pior para ti, meu amigo. Se não és capaz de dizer a teus pais : «gostaria mais de ser isto que aquilo», será necessário que eles escolham a tua carreira; e, se, mais tarde, reconheceres que ela não é do teu gosto, não terás que acusar senão a ti próprio.

— E por tua vez, tu, Henrique, tens projectos ?

— Eu gostaria de ser rico e não fazer coisa alguma.

— Não gostas então de trabalhar ?

— Pouco.

— Pois bem, meu amigo, lamento-te: serás o mais infeliz do três.

— Mas... se for rico ?

— Serás o mais infeliz, a pesar disso. Se fores rico, comerás o teu dinheiro, se fores pobre, ficarás pobre toda a vida. A preguiça é o pior dos vícios.

(Traduzido do francês)

★

É a boa educação que nos torna simpáticos e estimados de todos.

A. Benedetti

---

não vinha aqui todos os dias deitar as minhas tábuas à água.

— Não é preciso, meu rapaz. O tempo é a verdadeira Fonte da Verdade. Não te precipites; observa quem de ti se aproxima com grandes elogios e promessas. Verifica depois, dia após dia, se mantém as primeiras palavras, se nada altera ou contraria. Se assim acontecer, terás encontrado um amigo. A falsa amizade não resiste ao tempo.

O visitante olhou a fonte, que borbulhava contra o céu avermelhado do crepúsculo, cumprimentou e saiu.

QUEM O ALHEIO VESTE...

Por **Acácio de Paiva**

Vendo um jumento a dose de importância
que tem em certas classes o cavalo,
pôs selim e arqueou com elegância,
tentando o mais possível imitá-lo.

Depois, foi para a feira, airoso e lindo,
e, na verdade, os outros animais
saudaram, com respeito, o recém-vindo,
atendendo aos bonitos atafais.

— «Vosselência é cavalo, ou coisa assim ?» —
perguntaram os brutos ao jumento.
— «Se sou cavalo ?! Já se vê que sim» —
o vaidoso orneou, profundo e lento.

Ouvindo em vez de rincho aquele zurro,
os outros conheceram-lhe o disfarce.
... Por mais que tente disfarçar-se um burro,
tarde ou cedo virá a revelar-se.

(Publica-se, por ter saído com incorrecções)

A Comunicação

que KYLAS escreveu

No olhar daquele chinês havia qualquer coisa que impressionava. Não eram os olhos oblíquos, pois todos os chineses os têm, era a expressão distante. Dir-se-ia que olhava sempre para longe, muito longe, esquecido do que se passava entre os homens. No entanto, era um criado muito cumpridor. Trabalhador silencioso, só agradando, ali no hotel, aos hóspedes delicados. Os mal educados, que infelizmente os há sempre, zangavam-se porque não lhes dava resposta à sua bisbilhotice nem reagia perante as suas reprimendas que, muitas vezes, só lhe dirigiam para ver o efeito.

Havia uma hóspeda que tinha pena do rapaz e o tratava com moderação. Mais, tinha pena dele pelas ingratidões que recebia.

O pequenino Chang não exteriorizava o seu pensamento, e ela ficava sem saber se lhe estava reconhecido ou não. Que importava, porém ? Não agia ela assim por impulso de justiça ?

Já lá vão oito meses. A hóspeda do quatro n.º 10 continua, sózinha, na sua tarefa do dia-a-dia. É médica de um grande hospital. No meio do seu trabalho quase se esquece que a sua família está dispersa pelo mundo.

Mas esta noite é que não consegue dormir. É médica e está doente...

Está transtornada: umas dores imensas apoderam-se dos seus membros, a cabeça estala-lhe, a voz prende-se-lhe. Parece-lhe impossível não ter presença de espírito para se observar. Se um colega estivesse ali, se se pudesse queixar...

É horrível. Como aconteceu tudo aquilo ? Estava tão bem, há pouco ! Aquelas visitas ao interior; quantos mosquitos, quantos insectos desperbidos ! Se ao menos pudesse levantar-se, aproximar-se da campainha eléctrica ! Que triste ideia teve o hoteleiro de a pôr lá longe, junto à porta do quarto !

Se tocasse, viria o chinês que estivesse de serviço, poderia pedir-lhe os medicamentos do armário.

Tudo tão longe para as suas forças !

— Meu Deus, eu sempre fui uma hereje, melhor, uma indiferente. Perdoa-me e protege-me neste isolamento ! Creio que tenho praticado o bem, deixa que alguém me socorra neste momento !

A sua prece erguia-se no quarto silencioso. Desaparecia pela janela aberta, subindo para o céu perfurado de estrelas.

«— Senhora, senhora —, Chang entra. Chang sabe que tu sofres. Eu vem ver o que queres.

«— Chang ?! Como adivinhaste ?

— Eu não adivinhou, senhora. Eu adormecia, mas ouviu tua voz chorando.

Senhora sofre, Chang vem.

... ...

Chang dormia no pavilhão dos criados, lá ao fundo, muito ao fundo...

MAL QUE VEM POR BEM

POR **SIBIL**

Julieta era uma garota franzina de olhar triste e profundo, feições encantadoras, mas impregnadas de uma gravidade que não era própria dos seus doze anos.

Desde a morte da mãe, ocorrida havia pouco mais de um ano, ficara sòzinha com o pai e tomara sobre os frágeis ombros o governo da casa.

Mas se fosse só isso... isto é, se tudo corresse como em vida da mãe... Nesse tempo viviam modestamente, mas o pai — operário electricista — era trabalhador, muito amigo delas e, ao sábado, nunca faltava com a féria em casa.

Mas, ao perder a mulher, o operário, em vez de se conformar, como deve fazer todo o bom cristão e concentrar todo o seu afecto na filha, começou a frequentar tabernas — para afogar o desgosto, como dizia — e a andar em péssimas companhias.

O resultado não se fez esperar. Era rara a noite que não voltava para casa embriagado, pouco dinheiro dava à filha e quando esta não lhe apresentava para comer o que ele entendesse, batia-lhe. Outras vezes não comia em casa, entrava altas horas da noite, completamente ébrio.

Certa noite, já passava da uma, Julieta, deitada no seu cubículo, ouviu entrar o pai, mas percebeu que não vinha só. Falava em voz alta e alguém lhe respondia. Acendeu a luz e ouviu-o dizer:

— O demónio da rapariga não me deixou ceia... O que lhe vale é termos trazido de comer, senão, amanhã, dava-lhe uma tareia para a ensinar. Vamos, senta-te, e enquanto comemos, podemos conversar.

O companheiro murmurou algumas palavras que Julieta não entendeu e o pai respondeu:

— Não há perigo. A estas horas já ela dorme a sono solto... podemos falar à vontade.

Ora o pequeno vão onde dormia Julieta ficava ao lado da casa de fora, onde se encontravam os dois homens e, pé ante pé, foi espreitar por uma frincha do tabique.

Viu o pai sentado defronte doutro homem mal encarado, com um tipo tão esquisito, que Julieta, instintivamente, pôs-se a tremer e voltou a meter-se na cama. Mas, excitada como estava, não conseguiu dormir. Ouviu toda a conversa dos dois homens e ela foi tão clara que não lhe podia restar dúvidas... Os dois preparavam-se para ir roubar a igreja da terra que, sendo pequena, possuia valiosas pratas. A proeza ficou combinada para a noite seguinte.

Toda essa noite a pobre criança chorou... O pai estava disposto a tornar-se um ladrão!... Que horror!... Ao que ele tinha chegado!...

Então, da sua alminha pura, subiu a Deus a oração mais ardente, mais sentida que um lábios infantis jámais pronunciaram:

— Meu Deus não permitas que tal coisa suceda!... E tu, mãezinha, eu sei que deves ouvir-me. Bem sabes que, se foses viva, nunca o paizinho pensaria em roubar. Não consintas, mãe, pede ao Senhor que te permita impedi-lo de fazer tal coisa.

Então, de súbito, sentiu-se como envolvida numa onda de doçura, teve a impressão de que alguém lhe acariciava os cabelos e ouviu distintamente a voz da mãe afirmar:

— Descansa, teu pai não roubará.

Havia tal certeza nestas palavras, que a Julieta adormeceu tranquila, tendo a consciência da presença da mãe a seu lado.

O dia seguinte amanheceu carrancudo e chuvoso. Pesadas nuveis corriam pelo firmamento e a chuva caía em bátegas fortíssimas. Para a noite ainda foi pior. Desencadeou-se tremenda trovoada, os trovões ribombavam quase sem interrupção e os relâmpagos rasgavam constantemente as nuvens.

O pai de Julieta estava radiante. Com uma noite daquelas mais fácil se tornava a tarefa. Tinha combinado com o companheiro — que fôra da ideia do roubo e preparara tudo, pois não era a primeira vez que praticava semelhantes proezas — ir ter à capela onde este devia aguardá-lo. E à hora marcada para lá se encaminhou.

Ora a igrejita ficava à entrada da povoação, num alto, e, para lá chegar, impunha-se subir grande escadaria de pedra.

A chuva e a trovoada cada vez mais se faziam sentir, mas o nosso homem não recuou. Ia cego pelos conselhos do amigo e nada pior do que um mau conselheiro.

Mas, precisamente a meio da escadaria, um clarão intenso rasgou as nuvens e pavoroso trovão abalou tudo. O homem parou hesitante e — caso estranho! — no meio da luz azulada do relâmpago, que vê ele?... O vulto da mulher, de braços abertos como a impedir-lhe a passagem, com as faces inundadas de lágrimas e ouviu-a distintamente murmurar estas palavras:

— Não subas mais... lembra-te da nossa filha!

A impressão foi tão forte, que cambaleou... Os degraus estavam encharcados e escorregadios, falhou-lhe um pé e rolou por ali abaixo, soltando um grito.

Quando, pouco depois, Julieta ouviu bater à porta, ficou toda a tremer. Mas quando viu o pai em braços, mais aflita ficou.

— Não chores, rapariga! — animou um dos homens que amparavam o pai —. Teu pai deu uma cambalhota valente nos degraus da igreja e partiu uma perna... Mas, também, quem se lembra de ir rezar a estas horas?...

O operário esteve um mês de cama, mas a impressão causada pela visão que tinha tido foi tão grande, que, seguindo o conselho que lhe ouvira, lembrou-se da filha e mudou de vida. Começou a trabalhar e nunca mais se embriagou.

Mais tarde, Julieta veio a saber que, tendo ouvido um grito, uns homens que, por acaso, iam a passar, foram ver o que era e acudiram ao pai.

Ao mesmo tempo, dois deles, vendo um vulto a fugir da igreja — porque o outro, notando que o pai de Julieta se demorava, já arrombara a porta e roubara tudo sòzinho — perseguiram-no, apanharam-no e, depois de lhe tirarem os objectos roubados, levaram-no para a prisão.

Nunca suspeitaram de que o pai de Julieta se preparasse também para ajudar o outro e até pensaram que, tendo suspeitado de qualquer coisa, ao subir à igreja para ver o que era, tivesse caido.

Desta forma ninguém ficou sabendo que ele estivera mesmo à beira do abismo e foi sempre estimado e considerado por ser muito trabalhador e saber emendar-se a tempo.

Só a filha sabia — porque o pai um dia lhe contou tudo — a quem devia a sua regeneração e, do íntimo da alma, agradeceu a Deus por ter permitido que a mãe interviesse a tempo.

DAS ORIGENS

O FENÓMENO VITAL

POR

RAMOS PEREIRA

A matéria chamada inerte não é mais que uma resultante da condensação da energia. E a matéria viva ? A análise química não revela a existência de elementos específicos mas de compostos específicos (orgânicos). A matéria viva nada mais é, em última análise, que energia o que levou Robert Tournaire a concluir que a matéria orgânica e consciente é indício do aparecimento do «quantum» em estado puro, a desmaterialização, a luta entre o corpúsculo e a onda.

Mas como se passou da matéria para a vida caracterizada pelo aparecimento simultâneo das chamadas «qualidades primordiais» ? (1).

O animismo sustenta que a vida deriva de um princípio superior e imaterial agindo sobre a matéria, princípio esse que no homem é chamado alma espiritual (para não confundir com a alma animal e a alma vegetativa).

O facto de admitirmos a existência da alma não é sinónimo de apoiarmos o animismo clássico à S. Tomaz, em virtude da sua lamentável falha no campo do humano, como mostrou Claude Bernard. Realmente, se os fenómenos vitais são sobrepujados por uma alma espiritual — logo consciente — teriamos de admitir o absurdo de uma direcção consciente da vida fisiológica, quando esta é involuntária, inconsciente.

Da crítica do animismo, nasceu o vitalismo. Claude Bernard expô-lo brilhantemente (v. «La Science Experimentale») e nas suas águas seguiram Lodge, Reinke e Hans Driesch. Para eles a vida, força directora, sobrepõe-se ao fisio-quimismo, modela-o, dá-lhe uma característica própria.

E donde promana a força vital ? De Deus ? Parece-nos um salto muito brusco e de consequências pouco claras. Se afirmamos assim, teremos também de dizer que de Deus resultou a energia e por evolução desta a matéria. Então, Deus teria criado a matéria e só depois sobre ela lançaria o fluido vital para animá-la. Tal pensamento arrasta uma ideia contraditória com a natureza do próprio Deus: — Ele necessitaria retocar no tempo a Sua Obra e logo Ele também estaria submetido ao Tempo e nesse caso não seria absoluto-necessário mas um contingente mais.

Supunhamos, contudo, que da evolução da matéria resultou uma forma energética, uma onda dinâmica capaz de investir e moldar a matéria em novos compostos — os orgânicos. Pietro Ubaldi (v. «Grande Síntese») planeia até com fundamento científico, esse investimento da onda nos edifícios atómicos, produzindo os «motos vorticosos», verdadeiros germes da vida. Nada de metafísica ainda ! Suponhamos mais que essa onda ao mesmo tempo que produz o germe do «soma» pela amálgama dos compostos químicos, conduz ao aparecimento da «psique».

Isto é, a onda proveniente da matéria é uma força bio-psíquica. Com esta tese não só é ressalvado o metafisicismo oculto no vitalismo bernardiano (como ele próprio o reconheceu in «La Science Experimentale», p. 161) como aclara e dá um sentido novo à tese materialista (organicismo de Broussais, Büchner, Le Dantec, etc.). Abarca e supera a autogonia de Haeckel porque explica o «modus» dessa suposta primeira geração espontânea, melhor e mais longe que Blüger: — o «moto vorticoso» plasmaria o cianogéneo na fase cósmica caracterizada por elevadas temperaturas e sobre ele se produziria a albumina viva, base da estrutura celular. «Tudo mecânico, tudo redutível a simples fenómenos físicos e a simples fenómenos químicos» — como diria Bernardo Aires (v. «A consciência e o Livre Arbítrio», p. 29).

Mas sofrendo e reagindo sobre a dureza do «soma», está o fragmento da onda bio-psíquica que se nas primeiras formas vivas é um psiquismo informe e inconsciente, estreitamente condicionado, é já no homem um «espírito», se bem que não totalmente consciente e livre.

Um neo-vitalismo ? E porque não em face da falência do mecanismo causal do século 19 ?

«Mas, em qualquer caso, do que não pode duvidar-se é de que a tendência fundamental do novo Vitalismo — não só neste ponto como em outros fundamentais... — não deixou, de uma maneira geral, de triunfar: a conciliação da doutrina da autonomia da vida com a convicção, por outro lado, de que toda a matéria e força do *processus* vital se acham inteira e materialmente sujeitas, no sentido tradicionalmente conhecido, às análises física e química (isto em manifesta oposição à doutrina do vitalismo em épocas anteriores)» (v. Heinz Heimsoeth in «Filosofia no século XX» págs. 65 e segs).

Mas se esta onda biopsíquica de formidanda potencialidade foi um fenómeno cósmico, é natural supor que a vida não tenha apenas a expressão terrena. O facto de não se encontrar em qualquer dos planetas do sistema solar uma reprodução fiel das condições terrenas que permitisse portanto uma cópia, uma reprodução do nosso fenómeno vital, será científico afirmar que essas condições diferentes não originaram também formas diferentes de vida ? ou que nos turbilhões galáxicos não existe um só planeta semelhante à Terra ?

E possuiu a Terra desde sempre a actual fisionomia biopsíquica ? Indubitàvelmente não. Há restos de raças desaparecidas, de formas animais perdidas.

E porquê só a Terra ? Por vontade de Deus ? Então toda a infinita possibilidade criadora inerente à ideia de Deus esgotou-se neste grão de poeira da poalha cósmica ? Insustentável absurdo.

Estabelecida deste modo a unidade da natureza — o múltiplo deriva do um — revive-se, num caminho mais próximo da realidade, a intuição genial de Pitágoras. A energia é a substância última da Natureza.

(1) Dizemos aparecimento simultâneo porque em algumas formas inorgânicas são constatáveis essas propriedades — nutribilidade, reprodutibilidade, receptividade e reactividade — ainda que não tão puras como nos seres organizados.

AS DUAS CRUZES

Conta-se que certa feita, após o desencarne, certo irmão defrontou-se nas fronteiras do outro mundo com um enviado do Senhor. Dirigindo-se ao recém desencarnado, perguntou este:

— Amigo, para onde te diriges?

O viandante encarou o interlocutor, deslumbrado ante a luz pelo anjo emitida e esclareceu:

— Estou de viagem para o Reino do Céu!

— Reino de Céu? — comentou o celeste amigo com sua voz melodiosa. E rematou:

— Só conseguem lá chegar os portadores de uma Cruz.

O viajor ficou triste, ante a notificação. Vendo-lhe a perplexidade, o Anjo do Senhor indagou:

— Queres, acaso, carregar uma Cruz?

E vendo a dúvida estampada no rosto do outro, esclareceu:

— É o meio mais rápido de alcançar o objectivo.

Dada a ansiedade de que se achava possuido, o pretendente às bem-aventuranças respondeu, sem pestanejar:

— Aceito de bom grado, emissário do Céu.

O Anjo fez-lhe sinal, e penetraram os dois em vasto casarão. Já no interior, o espírito-guia informou:

— Todos os aspirantes aos bens celestes possuem uma Cruz. Procura a tua, neste salão, meu amigo. Teu nome está gravado no topo de uma delas, para facilitar a escolha.

Convidou o viandante a ir à porta e indicou-lhe a estrada longa, recomendando:

— Segue essa estrada sem te preocupares com o fim. Em certa altura encontrarás uma seta com o teu nome. Entra naquele trilho e logo adiante se te deparará vasto campo ostentando um letreiro luminoso com o dístico: «Lar dos Bem-aventurados».

Encarou o companheiro, a ver o efeito de suas palavras, e notando-lhe o rosto alegre, sentenciou:

— Lá encontrarás o que procuras!

Cá fora, lembrou-se de algo. Entrou novamente; e com uma pontinha de desconfiança a pairar-lhe no cérebro, aduziu:

— Ia-me esquecendo de um pormenor... A Cruz vai-te ser de grande utilidade no fim da jornada. Não a deixes no caminho, pois. Compreendeste?

— Sim, sim, — mastigou o outro, desapontado. Levá-la-ei!

A seguir, o Anjo saiu para o seu posto.

Sózinho naquele casarão, o viandante terreno iniciou o trabalho, à procura de sua Cruz. Depois de virar e revirar, percorrendo compridos corredores, deu, finalmente, com seu nome gravado em um dos madeiros.

— Achei-a! — disse de si para si, bem humorado.

Ao encarar o tamanho, empalideceu!

— Logo esta!... — comentou com azedume —. Porque não me deram uma menor?!...

Passou os olhos em volta, olhou e tornou a olhar... Como não vislumbrasse ninguém, segurou uma outra que estava ao lado, bem menor, e saiu triunfante.

Já longe, falou para si mesmo:

— Se não sou inteligente, teria de carregar aquele trambolho. Enfim... continuo a pensar como lá em baixo: o mundo é dos espertos!...

E monologando dessa forma, foi andando, andando...

Subia e descia montes e outeiros. O suor escorria! Vales e mais vales ia descortinando em frente. Sua força de vontade, todavia, era poderosa e tudo vencia com ardor.

Em certo ponto da estrada viu seu nome gravado numa seta.

— É aqui o caminho — monolo-

ANAIS METAPSICOLÓGICOS

O PROBLEMA DAS PROFECIAS

Desde a antiguidade que vêm surgindo indivíduos que se dizem capazes de prever o futuro. Geralmente, as profecias são dadas em linguagem simbólica ou de uma forma tão velada que a sua interpretação depende em geral da imaginação ou da boa vontade dos que dela tomam conhecimento. E ao lado destas pseudo-profecias acumulam-se outras perfeitamente explicáveis pelo cálculo das probabilidades.

Porém as previsões da médium clariaudiente polaca Sr.ª Przybylska controladas pela Sociedade de Investigações Psíquicas de Varsóvia têm um carácter específico de perfeição, não só pelo número de coincidências, como pela minúcia do pormenor.

Em 1920, a Polónia estava em guerra com a Rússia. A *10 de Junho* anunciava ela derrotas para as forças de Pilsudski, a chegada de um estrangeiro que iria ter uma grande influência nos acontecimentos, o fim das greves sistemáticas, a nomeação de Witos para primeiro ministro e um «volte-face» da situação para meados de Agosto.

A *6 de Julho* continuava a anunciar desastres para os polacos, mas a afirmar que os russos seriam detidos na margem direita do Vístula. *A 12 de Julho*, precisava o dia 15 de Agosto como a data em que os acontecimentos passariam a ser favoráveis aos polacos. *A 21 de Julho*, previa as vitórias de Kowel, Kovno, Wilna e Lida, um desacordo entre os dirigentes bolcheviques, profecias que a médium precisou nas mensagens de 13, 14 e 15 de Agosto, falando do auxílio francês, da traição prussiana em Soldau e da vitória de Rovno.

Para compreender todo o inusitado destas profecias, bastará consultar os fastos históricos. A 28 de Junho, os russos lançaram o ataque na frente norte; a 8 de Julho, forçavam a frente do Beresina, a 12 tomavam Minsk, a 16 Wilna e a 18 Lida. A 14 de Agosto, as forças soviéticas atingiam as margens do Vístula, mas no dia seguinte a batalha começava a decidir-se a

gava consigo mesmo — satisfeito por estar perto do objectivo.

Seguiu adiante e dentro em pouco deparou-se-lhe pequeno mas caudaloso rio. Já na margem, divisou do outro lado um campo coalhado de flores, e um dístico luminoso ostentando o ansiado nome: «Lar dos Bem-aventurados».

Um pouco além, soberbo palácio esperava os viandantes cansados, convidando-os a repouso salutar.

— Que beleza! — exclamou o

FÁBULA DE

HENRIQUE MAGALHÃES

Rio de Janeiro

nosso homem, deslumbrado com o panorama.

Voltando a si da surpresa, indagou:

— Como atravessar o riacho?

Veio-lhe à mente jogar uma pedra, para aquilatar o volume de água, verificando desde logo que era bem profundo, com a agravante de as águas passarem céleres, em cachoeira.

— Que fazer? — inquiria de si mesmo.

Olhou em redor, para baixo e para cima, mas nada viu que lhe pudesse facilitar a travessia.

Foi então que uma voz lhe sussurou aos ouvidos, dizendo:

— Joga a Cruz de margem a margem. Servir-te-á de ponte.

— Ora! — pensou o homem —. Porque não me lembrei há mais tempo!...

Segurou a Cruz pela haste inferior, deixando-a cair do outro lado. Mas... oh! surpresa desagradável! A Cruz resvalou numa saliência e caiu do outro lado, no rio.

Com grande dificuldade conseguiu retirá-la e pô-la a salvo.

Imensamente triste, sentou-se, meditando sobre o que devia fazer. — Que infelicidade! — comentava —. Já no fim da viagem e encontro agora este tropeço....

Depois de muito pensar, veio-lhe, enfim, à memória uma réstea de luz. — Bobo que fui!... — monologava, zangado. — A Cruz que tem meu nome, por mais comprida, chega ao outro lado. Não resta dúvida, é ela mesmo!

Após muito cismar resolveu, finalmente, empreender a viagem de volta, para apanhar a outra Cruz.

Chegando à grande casa, encontrou novamente o Anjo. Contou-lhe, nos mínimos pormenores toda sua desdita e ficou surpreso quando o enviado do Senhor mostrou a Cruz que o esperava, junto à porta...

Ao fazer a troca, comentou o Luzeiro do espaço, como que devassando os mais secretos pensamentos do retardatário:

— O mundo não é dos espertos, mas sim dos homens sinceros e de boa vontade. Compreendeste a lição?

O interlocutor só teve coragem para menear a cabeça, e afirmativamente, ao ter ciência de que sua artimanha tinha sido descoberta.

Tomou a palavra novamente o emissário do Céu e aconselhou, paternalmente:

— Segue, meu filho, e não esqueças que, ao tentar enganar os outros, enganas-te a ti mesmo!

Nosso irmão saiu, envergonhado e cabisbaixo, levando a Cruz que verdadeiramente lhe pertencia, única que o levaria à Mansão dos Justos, à salvação de sua alma.

O simbolismo desta «fábula», além de outros ensinamentos, faz-nos compreender que quem se desvia do caminho recto tem de voltar à Terra, tantas vezes quantas necessárias, a fim de rectificar os erros, equilibrando o coração. A Cruz representa as dificuldades a vencer, as aflições, as doenças, o ambiente contrário, os revezes da vida, e tudo que serve de tropeço ao nosso caminhar.

---

favor dos polacos. Em 24 de Julho, Witos, um político quase desconhecido, assumia o cargo de presidente do Conselho de Ministros. A chegada do general francês Weigand e as suas conversações com Pilsudski teriam um elevado papel no decurso do tempo.

E os factos se sucederam como a clariaudiente os indicara. Os bolcheviques recuam em toda a linha, perdendo milhares de prisioneiros.

Fica-se pasmado diante de tão concludentes provas,

ARTIGO DE

A K A R

dignas de um primeiro lugar entre outras só de longe em longe obtidas.

Onde nos conduz esta experiência concludente de lucidez no tempo? À ideia de que já tudo se encontra delineado no livro do Destino e de que a médium ouviu ler algumas linhas de uma página? Mas isso é a afirmação do mais perfeito fatalismo, a queda do decantado livre-arbítrio! E a razão revolta-se... Por Deus, a explicação há-de ser outra.

Suponhamos que existe uma quarta dimensão — o tempo — ou melhor, uma primeira dimensão de um outro sistema tri-dimensional. O ser que pudesse compreendê-la, dominava indiscutivelmente a medida de todos os movimentos assim como o volume das primeiras três dimensões lhe não ofereceria resistência (1). Para ele, o futuro, o presente e o passado seriam aspectos apenas de um actual constante.

Seria então um ser quadri-dimensional quem ditava à médium polaca as suas profecias? O relatório da Sociedade de Investigações Psíquicas de Varsóvia nada nos diz do *modo* como as mensagens eram obtidas, mas a sua classificação do médium como auditivo deixa-nos supor que ele não *via* e sim *ouvia* e nesse caso ouviria o que *alguém* lhe contava.

Não nos atrevemos a quaisquer especulações sobre o fenómeno profético, de tal modo nos sentimos fracos diante do abismo desconhecido que se abre a nossos pés. O leitor que experimente pensar em profundidade... se quiser sentir aquilo que eu poderei chamar a «angústia do existir».

---

(1) Ver Zoellner, em «Física Transcendental».

I — Radiações do Espírito — Sua influência na marcha da Ciência

Tendo tido conhecimento do interesse que certo assunto despertou, quando há tempos o tratei nesta Revista, isso me leva a ocupar-me hoje de assunto que com ele se relaciona.

Aquela ciência, ou pseudo ciência, a que há longos anos se deu o nome de Astrologia, então seguida por homens notáveis desse tempo — Kepler, Galileu, Tácito e muito outros — que admitiam a influência dos astros em tudo que respeita a inclinações da alma, e até o nosso destino no mundo, crença esta que caiu tempos depois, ressurgiu mais tarde, com certos limites. no espírito de muitos homens cultos. A influência dos astros em numerosos fenómenos que se passam na terra é de há muito conhecida; bem notamos, entre outras, a sua poderosa acção nesse gigantesco pulsar do Oceano que dá as marés — dantes atribuidas apenas à influência da lua, sabendo-se porém hoje que nelas outras influências actuam — acção bem conhecida a do calor e luz solar na vida dos seres: a luz, nociva à vida microbiana, mas benéfica para outros seres, pelos seus raios químicos, principalmente os ultra-violetas (1).

Outra causa poderá ter tudo isso. É bem natural que do ser humano, em condições anormais, possam vir radiações de forte intensidade impressionar o homem, a qualquer distância, produzindo estados anormais semelhantes, o que é mais admissivel a explicar aquilo que naqueles povos se está passando.

Foi, pensando assim, que há anos, vendo numerosos médicos admirados do considerável aumento de doentes nos seus consultórios, queixando-se de agravamento dos seus males, ordinàriamente de natureza nervosa — isto durante a guerra e pouco depois dela, me ocorreu a ideia de que isso poderia resultar do estado aflitivo de tanta gente — milhões de pessoas, que em consequência da guerra tanto sofreram — vindo desse elevado estado normal radiações que, como nos vulgares fenómenos de resonância, poderiam dar perturbações em gente de natureza mais sensível. Essa explicação me ocorreu, publicando-a esta Revista, sabendo-se depois que gente instruida com ela concordou.

Pensando um pouco, parece isso mais admissível que a suposta influência astral.

Chegando aqui, ocorre-me ainda dizer que há quem admita essa influência em factos que ficaram notáveis na história de muitos povos, marcando épocas excepcionais de maior actividade no trabalho e na ciência. Para Portugal, em acções de notável actividade histórica temos, pelo lado do trabalho, o que foi outrora o da nossa acção guerreira, que em vitórias ficou celebre; pelo lado da ciência, há a época das nossas descobertas marítimas, porque nesse tempo ciência havia nessa antiga navegação à vela.

Entrando neste esboço psíquico do povo português, vê-se que, por esses dois lados da nossa actividade, a ela se seguiu mais tarde um certo estado de ataraxia de ordem moral e mental, limitando-se o nosso esforço a acompanhar, sem qualquer destaque, os progressos de outros povos, nas artes, um tanto na indústria, e muito pouco na ciência, nela nada se criando, apenas aproveitando o que de fora vinha. Noutros países, grandes descobertas se fizeram, sendo de notar que muitas, basilares, sairam do génio latino, o que é natural, pois nele há elevada imaginação, e esta foi sempre poderoso auxiliar do espírito criador.

Àparte as descobertas célebres de Newton, Hertz, Crookes, Thompson, Roentgen

(1) Todos sabem que é, durante a noite, que, em numerosos doentes, seus males se agravam; e por se ter reconhecido essa benéfica acção dos raios ultra-violetas, a Medicina moderna aproveita-a no tratamento de alguns estados de abatimento físico, e também em determinados desarranjos nervosos.

(raios X) e outros mais, foi em verdadeiras criações o génio latino que abriu luminoso caminho à ciência noutros países; e nalguns, novas descobertas vieram, por melhores meios de investigação, e também por temperamento de raça — tal o do sangue germânico e anglo-saxónio — por elas tanto o espírito germânico se destacou. Até da microbiologia francesa vieram os primeiros estudos dos bolores, donde têm resultado importantes preparações de emprego medicinal; entre outras recentes, aquela que vinda do género *Penicillium,* se lhe deu o nome de «penicilina». ram devendo todos os países, principalmente a Alemanha. O mesmo génio latino, mais tarde, em Charcot, em Curie, em Branly, em

Muito importante o que tem dado a química principalmente para a indústria — aí também o génio latino — de todo se esquecendo que, para a química moderna, Lavoisier nos deu as bases, como para as sínteses, tão úteis em preparações medicamentosas e também na indústria, as bases essenciais vieram de Berthelot, e muito por elas lhe fica-

DO

Prof. Ad. Baptista Ramires

d'Arsonval e outros; Branly nas suas ondas de transmissão de som a distância — geralmente atribuido isso a Marconi — porque foi este que desenvolveu e deu utilidade prática à descoberta de Branly.

Já muito antes destes, estudos importantes deixaram Mariotte, Deville, Boussingault, que, sendo engenheiro agrónomo, foi químico também notável, — e tantos outros, que só pretenciosismo de erudição, erudição postiça, levaria a citar; e se estas citações faço é a fim de mostrar a injustiça de entre nós se atribuir tudo só à mentalidade de outra raça, cá tão admirada.

Para Portugal, quem repare com atenção — sem faltar a devido amor pátrio — verá que, fora do que nos veio da imaginação e da nossa notável ousadia marítima, longos anos se passaram sem destaque no trabalho ou na ciência, — isso talvez por acentuado meridialismo do nosso temperamento, outrora aventureiro, folgazão, e na verdade romântico, — como nós fomos muito tempo, neste «jardim da Europa, à beira-mar plantado», — lá disse o poeta, e eu disso me lembro muitas vezes. Mas, um dia chegou em que, alargando-se a instrução e aperfeiçoado o ensino, abertos à vida novos horizontes, deixámos de ser aquilo que dantes éramos, e veio-nos a vontade de saber, para por sólidas bases nos elevar-nos.

Isso sobretudo se deu naqueles que seguiram para a medicina, — nela a carreira que mais se admira, a mais nobre pela sua acção na vida humana. A essa ciência muitos homens estudiosos se consagraram, bem marcado isso ficando num Congresso Internacional de Medicina que, por dominante iniciativa do Dr. Miguel Bombarda, no passado século se realizou em Lisboa. E tal apreço mereceram a estrangeiros conhecimentos nossos aí revelados, que um *reporter* do jornal francês — o *Matin* ou o *Temps,* não sei qual deles foi — mandou para o seu jornal nada menos que isto: «La science médicale européenne a découvert le Portugal, et la science médicale portuguaise a conquis le monde».

Por um velho hábito de ler tudo que mereça interesse, isto li e guardei; encontrando-o há pouco, entre papeis antigos, lanço-o agora aqui neste esboço de psicologia aplicada, porque será a todos agradável saber-se o elevado conceito, que a estrangeiros, já então merecia a Medicina portuguesa, conceito que nos últimos tempos mais se tem acentuado, — como se vê nas homenagens, prestadas por estrangeiros ao prof. Egas Moniz, por sua grande descoberta em um ramo da Psiquiatria; honroso relevo tiveram também, recentemente, nos Estados Unidos, os estudos da Radiologia do prof. Carlos Santos — o que achará natural quem conheça a sua superior mentalidade, que eu admiro — e entre outros médicos notáveis, a mesma referência é justo fazer-se ao sábio prof. Reynaldo dos Santos que, sendo grande o seu nome — bem conhecido cá e no Estrangeiro — de muito elevado espírito de análise em questões de Arte, sábio espirito também teve para ser aqui o maior mestre no ramo da Medicina a que se consagrou. E a outros nomes poderia fazer referência; mas desnecessário isso é, tão conhecidos são.

Neste rápido resumo do progresso das ciências em Portugal, referindo-me áquela que mais interessa à vida humana, não é menos digno de nota o daquelas que interessam à vida económica da Nação: Tais as ciências agronómicas, cujo progresso inicialmente se ficou devendo à sábia orientação, em tempos tomada, pelo grande estadista que foi Emídio Navarro — muito lhe ficando devendo todo o nosso ensino agrícola,

A Reencarnação e os Evangelhos

POR

A. N. PINHEIRO RAMOS

IV

Em abono de nossa afirmativa, busquemos outro ensino de Jesus que, aplicado a João, ficaria desmentido, caso não fosse ele a reencarnação do profeta Elias. Perguntemos então, por que foi o precursor ferido com ferro, se ele não feriu?

O apóstolo Pedro feriu com a espada e pela espada pereceu; mas o Baptista, a quem feriu para ser degolado, na prisão, a mando de Herodes?

Referindo-se ao gesto de Pedro, cortando a orelha de Malcus, empregado do Sumo Sacerdote, Jesus mandou que ele colocasse a espada na bainha, porque os que ferem com ferro, seriam com ferro feridos.

Teria, por ventura, faltado com a verdade o Cristo?

Pela doutrina da Reencarnação, João, o Baptista, perecendo com ferro, resgatou a falta cometida quando na personalidade de Elias, que, como é de todos conhecido, tomou parte na mortandade do rio Kison, quando 400 anos antes foram mortos os sacerdotes do ídolo Baal.

Eis explicada a questão. João, o Baptista, não matou quando precursor de Jesus, mas animando a personalidade de Elias, de quem era a reencarnação, o fez.

Lógico fica, para os que estudam e investigam a verdade, a razão de ser das obscuridades e aparentes contradições no estudo do Evangelho, quando firmadas na doutrina da Reencarnação ou das vidas sucessivas e solidárias, diante da qual as dificuldades desaparecem e são solucionadas questões que as igrejas dogmáticas, sectaristas e intolerantes não conseguem explicar. Fica explicado pelo Evangelho a volta de Elias e sua reencarnação na personalidade de João, o Baptista.

A ideia de que os antigos profetas pudessem reviver e voltar à vida corporal, animando novos corpos na Terra, está em muitos pontos e passagens evangélicas. O princípio da Reencarnação era ponto assente de crença entre seus princípios fundamentais, confirmado pelo ensino dos seus iniciados que passavam pela Escola de Profetas. O povo porém, dada a sua incapacidade, sem a madureza espiritual nem os conhecimentos que só o desenvolvimento da ciência traria para somar com as experiências adquiridas, muitas vezes dos próprios fracassos e dores, recebia apenas os rudimentos e as noções incompletíssimas das verdades eternas. A luz integral ofuscaria em vez de esclarecer. Importava, como sucedeu com os Judeus e vem acontecendo com outros povos que o ensinamento fosse sendo dado, pouco a pouco, para passar dos rudimentos, em escala proporcional e ascendente, ao ensino mais amplo que só o tempo com seu evolver lento, facultaria.

Moisés, os profetas e o próprio Cristo, não podiam revelar todas as coisas, nem falar exacta e abertamente de verdades como a Vida Futura, a Reencarnação e o Mundo Invisível que precisariam de mais avançados conhecimentos.

Eis por que hoje, o Espiritismo — o Consolador Prometido — surgindo em uma humanidade mais esclarecida e mais trabalhada, pelo desenvolver dos ramos do saber pode falar sem a forma alegórica, e, com toda a clareza desses ensinos grandiosos que nos mostram a beleza, a sabedoria e a justiça do plano divino.

Contudo, mesmo sem ter falado com a riqueza de detalhes que, hoje, o Espiritismo apresenta, encontramos na Bíblia o suficiente para nos demonstrar que os reveladores Judeus, a pesar de limitarem o ensino à proporção compreensiva dos conhecimentos, aflorava em muitas passagens esta verdade, como veremos depois.

Sempre acontece para quem fala a iniciantes, deixar transparecer os conhecimentos superiores que possui mas que não pode ensinar por faltar aos que aprendem a capacidade para receber ensino mais elevado. Foi o que aconteceu, tendo até o Cristo aconselhado aos discípulos «a não lançar pérolas aos porcos», dado que ele também não podia ensinar tudo, visto que não se deviam lançar a esmo as verdades que estivessem acima da compreensão e aplicação dos aprendizes.

---

e não menos o industrial, pelas escolas que criou — e depois disso, que foi basilar, todo o avanço veio da actividade do professorado e estrutura do nosso Instituto Superior de Agronomia que, visitado, haverá vinte anos, por um professor engenheiro-agrónomo estrangeiro — que, antes, tinha visitado outros — foi por ele considerado, por sua estrutura, como dos dois melhores que tinha visto. Isso nesse tempo, que de então para cá, mais o ensino ali se tem aperfeiçoado, sobre tudo nos últimos anos, como é natural concluir da orientação progressiva ali seguida, num curso de conhecimentos bastante complexos, pois, como o das ciências médicas, tem base essencial na Biologia.

SOLUÇÕES COLOIDAIS

por ANTÓNIO CARDOSO

Desde os elementos mais simples, desde aqueles que nos apresentam uma estrutura electrónica mais rudimentar (hidrogénio, hélio, etc.), àqueles cuja coroa electrónica é extremamente complexa (urânio, plutónio, etc.) nós vemos uma cadeia de corpos, partindo do simples para o complexo. Vemos aqui nìtidamente acentuada uma evolução da matéria, matéria que ao princípio se julgava imóvel mas que pelo contrário — é animada de uma velocidade extraordinàriamente grande, mas que os nossos orgãos visuais, devido ao seu estreito limite de percepção não podem descortinar. Os trabalhos recentes de Sommerfeld demonstraram que as órbitas descritas pelos electrões não são circunferências, mas sim elipses de diferentes graus de excentricidade, e segundo Korsel não estão no mesmo plano.

A pesar de tudo isso continuava-se julgando que os minerais formavam seres à parte, nos três reinos (mineral, vegetal e animal), pois enquanto aos dois últimos eram atribuidas propriedades dos seres vivos, ao primeiro eram ùnicamente atribuidas propriedades gerais da matéria, do ponto de vista fisico-químico. Modernamente os trabalhos de Ostwald, Rauber e Taummann e anteriormente Pasteur e Gernez revelaram que os minerais são dotados também das principais características atribuidas aos seres vivos, como as funções de nutrição e reperação de mutilações à custa das águas mães (1), e até de reprodução.

Passando depois para os vegetais, nós continuamos a presencear a mesma evolução que já havíamos notado nos próprios elementos. Nos animais, o mesmo; passa-se de organismos unicelulares (protozoários) a organismos pluricelulares (metazoários), notando que os orgãos cada vez se vão complicando mais, modificando-se e aperfeiçoando-se, até chegarmos ao homem.

(1) Será interessante notar que o bromo também se pode extrair das águas mães, em Stassfurt.

No entanto, o prezado leitor poderá perguntar a si mesmo: — «os minerais são então corpos móveis, embora não possamos presencear os seus movimentos?». Mas de um mineral a uma planta vai ainda um abismo. Mas (continuando a raciocinar) a natureza não dá saltos! Não haverá então um traço de união entre a matéria impròpriamente chamada inanimada e a animada? Não haverá um meio termo?

A resposta tem de ser afirmativa. Existem na realidade certas substâncias que a pesar de não serem animais, vegetais ou minerais, possuem como que vida própria, chegando ao extremo de envelhecerem com o tempo.

Estas substâncias são as chamadas pseudo-soluções, ou soluções coloidais. Têm, como claramente se depreende, um conjunto de propriedades que as distingue das soluções verdadeiras. As leis gerais (como as da criometria) não lhes são aplicáveis. Quando agitadas, formam, em regra, espuma.

Suponha o leitor que tem um recipiente com água e lhe junta uma pequena quantidade do vulgar sal das cozinhas — cloreto de sódio —. Se fizer atravessar esta solução por um raio luminoso e fizer incidir os seus raios visuais perpendicularmente, não verá nada. Diz-se que se trata de uma solução verdadeira.

Mas imagine agora que em vez de juntar à água cloreto de sódio, juntou um pouco de benzina. Se fizer igualmente atravessar esta solução por um raio luminoso e se se colocar nas mesmas condições da experiência anterior, notará que consegue descortinar o feixe luminoso; dizemos, neste caso, que se trata de uma solução òpticamente cheia ou coloidal. Um fenómeno parecido é o que se passa todos os dias em nossas casas, quando o sol atravessa pequenas frinchas, e vemos as poeiras em solução no ar.

Estas soluções são muito instáveis, e a instabilidade aumenta com o tempo — dize-

A Voz Que Não Escutamos

UMA CRÓNICA DE

TITO L. BANCÉSCU

Por não escutarmos a voz mais valiosa, interessante e benéfica, é que sofremos. Suportamos toda a espécie de penúrias. Até nos submetemos voluntàriamente aos suplícios de Tântalo, desprezando a voz que não emitem os mais caros instrumentos musicais. As suas vibrações penetram todo o nosso ser, inundam-no com sublimes acordes que contribuem para a elevação humana. A pesar disso, os mortais preferem tapar os ouvidos espirituais e caminhar por caminhos abruptos e perigosos.

A voz que não escutamos esforça-se por nos fazer felizes. Mas nós desdenhamos a felicidade que exige sacrifícios, títulos de nobreza e vida honesta, sentimo-nos mais à vontade na esfera da pequenez, da vulgaridade e da mediocridade. Sobre as nossas plúmbeas asas levamos o lastro que impede o desejo de levantar voo, de remontar alturas para dali avaliar quão pouca coisa é o homem que repele a mais amiga das vozes.

Por isso sofre o pobre de bens materiais; sofre o capitalista ao lado de seus tesouros. O primeiro, reivindicando, sofre por carecer do indispensável. E sofre o segundo ante a incerteza do amanhã. Sofre a mãe ao dar à luz o fruto do seu amor, sofre ao criá-lo, sofre ao vê-lo morrer. Sofrem os lares, as sociedades, os povos e a própria humanidade. Todos sofrem por fugir ao melhor conselheiro. Por sofrer é que eles, em conjunto, retardam a própria evolução, alargando mais e mais a distância que media entre o sofredor e a meta da felicidade a alcançar.

Vãos são quase sempre os esforços do maior dos conselheiros; inutil é a sua insistência no aperfeiçoamento do homem que cavalga o Bezerro de Ouro. Abriga a convicção de que, com ele, lhe será possível chegar à meta da felicidade. Surdo à mais amiga das vozes, cuja persuasão e doçura repele ensoberbecido sùbitamente aparece a dor com dardos penetrantes que laceram as mais delicadas fibras da alma. É então que se produzem os estremecimentos do despertar, abrindo-se a janela da aurora cheia de imensas e gratas perspectivas. Se antes a dor física nada pôde conseguir, agora a dor anímica marca novo e amplo rumo semeado de perfumadas flores. A voz que se repelia, agora se escuta. É a voz da Consciência que se propõe evitar as desorientações que originam tantos sofrimentos. Feliz do homem que sabe escutar tão magnífico conselheiro!

(Traduzida por I. D. S.)

mos então que as soluções coloidais envelhecem (como já se disse atrás).

Se observarmos uma pseudo-solução a um ultra microscópio (1), veremos pequenos grânulos em movimento, chamados micelas. Estes grânulos apresentam por sua vez uma determinada carga eléctrica.

Supunhamos que temos um arame fino e que incidindo um feixe luminoso sobre ele, o queríamos receber num alvo; a sua imagem teria os bordos mal definidos; ora isto é um facto observado diàriamente. A este fenómenomeno chama-se difracção, aparecendo-nos a imagem muito maior que o objecto.

Se tivermos agora uma solução coloidal numa tina e se em seguida a observarmos ao ultra-microscópio, poderemos ver as figuras de difracção provocadas pelas micelas; estes grânulos estão, como se disse, em constante movimento de vai-vem, chamado browniano.

Poder-se-á agora perguntar a que é devido este curioso, e ao mesmo tempo misterioso, digamos assim, movimento browniano; a causa está nesse movimento ser um reflexo de agitação molecular. O bombardeamento que estes grânulos recebem é tal, que podem ter movimento próprio.

E não será também esta a causa do nosso movimento? Não somos nós também um fulcro de energia, um «motus verticosus» de Pietro Ubaldi, uma unidade energética bem definida?

O movimento browniano é sem dúvida uma forma primitiva, rudimentar, do movimento dos «chamados» seres vivos. Os coloides, as micelas e todo esse conjunto de fenómenos atrás referidos mostra a transição da «imobilidade» para a mobilidade.

Os leitores curiosos poderão encontrar no livro «Os Coloides», de Duclaux, um estudo mais apurado e completo sobre o assunto.

No entanto, pelo que ficou dito, lògicamente se conclui que tudo neste mundo evolui desde a pedra ao homem, desde o insecto ao mais completo organismo! Tudo neste mundo é movimento, é acção, e aquele que pára, que estaciona, que não avança, é um elemento retrógrado, que não tem em si potencialidade ainda suficiente para acompanhar o progresso da Humanidade.

(1) No ultra-microscópio a iluminação é feita tangencionalmente ao líquido e em fundo negro.

Mensagem aos Espiritas do Brasil

por António J. Martins

É de saudação a singela mensagem que esta apagada voz vos dirige através da salgada barreira que nos separa e da querida revista *Estudos Psíquicos*, traço de união entre duas pátrias irmãs espiritualmente unidas no mesmo ideal de paz, de concórdia e fraternidade humana, que o glorioso idioma de CAMÕES, hino altissonante de harmonia e beleza, reune num eterno abraço de mútua compreensão e amor.

Cá, destas plagas africanas, que os nossos maiores, vai para 500 anos, dando novos mundos ao mundo, levaram para sempre ao conhecimento do mundo civilizado, vive alguém que vos admira, alguém que, professando os mesmos ideais que tão corajosa e nobremente tendes defendido e espalhado com desassombro digno dos paladinos que sois, segue com interesse a vossa acção no caminho que vem percorrendo o Espiritismo na gloriosa Terra Brasileira.

Irmãos do Brasil! Moços de uma terra moça! Arautos da nova cruzada espiritual! O dinamismo da vossa acção em defesa dos princípios sagrados do puro Cristianismo galgou as fronteiras do vosso nobre país. Por cima dos montes e para além do espaço infindo dos oceanos, ela estende-se a todos os povos, transmitindo-lhe a energia da vossa inquebrantável fé nos destinos imorredoiros da alma humana.

A vossa obra no campo social de há muito se impôs à consideração das gentes. O Espiritismo é a doutrina da solidariedade humana; e porque assim é, não vos tendes cansado, através das vossas grandes realizações, de pôr em prática o preceito divino de amar o próximo.

Abrasados por esse fogo interior que os Evangelhos do Mestre acenderam em vossos peitos, tendes visto derruir todas as barreiras, todos os obstáculos que se têm oposto à divulgação da Grande Verdade. De subida valia tem sido o vosso labor na batalha travada contra a ignorância e a mentira para a espiritualização do homem. Tarefa difícil, mas tarefa bendita essa que, rasgando as trevas em que as várias religiões têm mantido o pensamento humano, o transporta ao limiar da eternidade com a visão reconfortante do radiante futuro reservado à alma humana.

Conhecedor do futuro que o espera, o homem regula melhor suas acções, trabalha, luta e avança sempre na pedregosa estrada das vidas inferiores, conquistando palmo a palmo o Império do Espírito, onde, pelo sofrimento aceite como droga depuradora, à maneira de Sócrates, reinará pelos séculos em fora, accionado pela força motriz da Fé raciocinada e iluminado pela Luz Maior da sublime doutrina do Divino Nazareno.

Nestes tempos em que o materialismo tantos danos está causando ao mundo, lançando a desordem e a miséria entre os povos, criando atritos, impondo a força, destruindo, cegando e dominando os espíritos não esclarecidos com mentirosas promessas, maior e digno aparece o esforço dos que lutam pela Verdade e pelo esclarecimento da razão humana. Esforço titânico, trabalho insano que só a força da Grande Verdade aguenta, em meio das cruciantes misérias morais da nossa época.

O momento é de luta, luta pelos sagrados princípios que defendemos. Dificuldades, obstáculos e oposições, tudo será vencido nesta árdua batalha, pela nossa fé ardente e amor sem par à Verdadeira doutrina do nosso querido Mestre.

«A vaincre sans péril, on triomphe sans gloire», disse o poeta francês. Afrontemos, pois, unidos, todos os perigos, pelo triunfo e glória da mais bela das doutrinas.

Espiritas do Brasil! Apóstolos da Grande Verdade! Missionários da paz e da fraternidade universal! Avante pela gloriosa Doutrina dos Espíritos!

IMAGENS

Olhaste.
O ar pesava. Nuvens negras morriam pelos céus.
A multidão uivava.
Sorriste.
A terra estremeceu. Um ribombar de abismo
e uma labareda imensa rasgaram as nuvens tenebrosas.

RAMOS PEREIRA

Crónica Estrangeira

por Isidoro Duarte Santos

FENÓMENO DE MATERIALIZAÇÃO

O *Diário de Natal* (Estado do Rio Grande do Norte, Brasil) publicou em sua edição de 3 de Setembro de 1948 uma reportagem relativa a curioso fenómeno de materialização ocorrido na Rua Gonçalves Dias, da cidade de Natal, por ocasião da *Campanha do Quilo*.

O caso deu-se no dia 1 de Agosto último, quando os jovens Ismael Ramos das Neves, Ivone Emerenciano de Figueiredo e Marly Munay de Araujo andavam a pedir óbulos de porta em porta, destinados à manutenção de obras espiritas. Nessa ocasião, na residência da senhorinha Joabete Costa a serviçal comunica à patroa que nas proximidades da casa um grupo de jovens andava a pedir esmola e que toda a vizinhança contribuia. Sem compreender o sentido nem a finalidade da *Campanha do Quilo*, esta revoltou-se contra isso, por lhe parecer mal que gente moça estendesse a mão à caridade.

Entretanto, Joabete, alheia ao que se passara entre sua mãe e a criada, dirige-se do banheiro para a penteadeira e pressente que alguém empurra a porta do quarto. Olha. e vê com espanto mão esquelética vir ao seu encontro, na atitude de quem suplica esmola. A moça fica assombrada e relata à mãe o estranho acontecimento. Esta compreendeu tudo... E chorou, arrependida das palavras de revolta e pediu que chamassem os legionários do Quilo, os quais foram solicitamente atendidos, continuando alheios ao que se passava.

Dias depois, uma pessoa íntima daquela família contou o caso à presidente da *Juventude Espirita* da localidade, reconhecendo-se então tratar-se de fenómeno de materialização de espírito. Para confirmação, a senhorinha Joabete Costa, que é funcionária da Repartição de Saneamento de Natal, foi procurada pelo sr. Sebastião Félix, presidente da Tenda Espirita «Maria da Penha», promotora da Campanha do Quilo, a quem confirmou aquelas declarações.

Para os leitores que o ignorem, informamos que a Campanha do Quilo consiste em pedir de porta em porta géneros alimentícios correspondentes a um quilo, com o fim de amparar os necessitados, independentemente de religião, côr ou nacionalidade, socorridos pelas associações espiritas. Uns dão um quilo de arrôs, outros um quilo de feijão, outros um quilo de carne e assim sucessivamente. Há agremiações que têm legionários próprios que se dispõem a percorrer os bairros, de sacola ao ombro e couraçados de paciência, insensíveis aos doestos de muitos que ainda não compreenderam o desinteresse desses generosos obreiros que voluntàriamente se apagam para fortalecer a maior obra do Espiritismo cristão em terras do Brasil.

Com efeito, o fenómeno descrito é um verdadeiro símbolo para quantos se entregam a campanhas de bem-fazer. O Alto colabora com os sinceros adeptos da nossa doutrina, inspirando, encorajando e tocando os renitentes e incrédulos. A mão esquelética que apareceu a Joabete Costa despertou uma alma para os surtos do amor e da caridade.

FESTA DO LIVRO ESPIRITA

O Conselho Consultivo das Mocidades Espiritas do Brasil está a promover a *Festa do Livro Espirita* que se realizará de 14 a 18 de Abril, com elevado propósito cultural que muito honra os seus componentes. Tudo quanto se fizer no sentido de estimular o gosto pela leitura redundará em proveito para a Causa. Porque, em boa lógica, não é possível conceber um espiritista que se dispense de saborear os bons livros que uma vasta bibliografia lhe oferece.

As finalidades que a Comissão Organizadora objectiva são as seguintes :

a) Valorização do maior veículo de propaganda cultural da Doutrina: o livro;

b) Maior difusão da literatura espirita;

c) Incentivo ao estudo da Doutrina, sobretudo para os moços;

d) Motivo de confraternização de confrades cheios de idealismo e amor à Doutrina;

e) Glorificação do 18 de Abril, data em que apareceu o «Livro dos Espiritos» e que ficará como *O dia do livro espirita*.

f) Movimento que despertará forças latentes e adormecidas por falta de oportunidades;

Os livros serão oferecidos por Empresas Editoras, Autores, Sociedades e Mocidades Espiritas, etc., e devem ser enviados com dedicatória do ofertante e destinados à *Festa do Livro Espirita*. À medida que forem chegando, serão colocados em exposição.

Durante os programas festivos, os livros serão adquiridos contra remuneração generosa. Esta aquisição, que pode valer como atitude de apreço e simpatia pelo ofertante, será comunicada em ofício, se assim o entender quem adquirir o livro.

Em cada Estado, os espiritas interessados no plano elegerão, como acharem mais interessante, o *Embaixador do Livro*, que será hóspede de honra do *Conselho Consultivo das Mocidades Espiritas do Brasil* e trará uma mensagem para 5 ou 6 minutos a respeito da Festa e sua repercussão no seu Estado. Entre os Embaixadores serão escolhidos três conferencistas, um para cada dia, que ventilarão os seguintes temas :

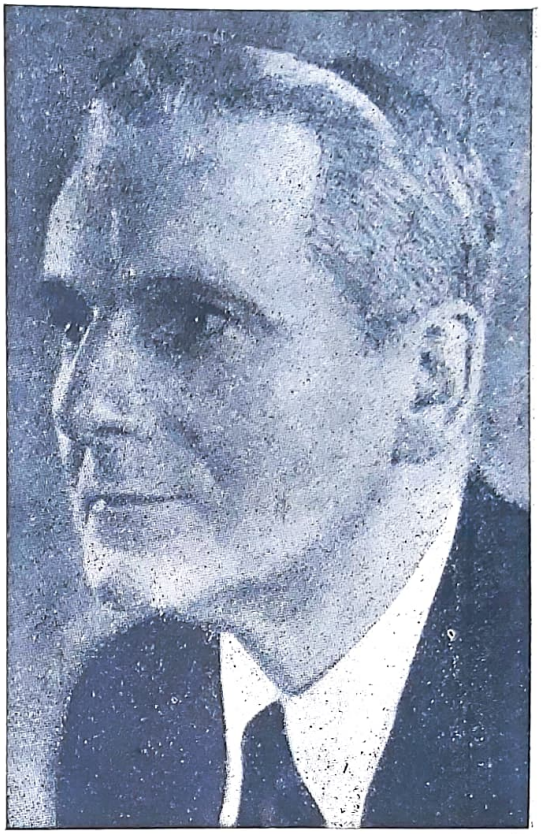
1.º — «O livro e a sua Influência na Difusão da Doutrina Espirita». 2.º — «Supremacia do Livro Sobre Outros Meios de Propaganda do Espiritismo». 3.º — «Síntese da Literatura Espirita no Brasil».

Há vários prémios, entre os quais a colecção das obras de Kardec, de Cairbar Schutel, assinaturas de revistas à escolha dos concorrentes e e novidades literárias.

A renda que se apurar da *Festa do Livro Espirita* será destinada à edição do *Livro do Congresso*, à revista ou jornal da Mocidade Espirita que vai aparecer ou à edição de um volume sobre a Festa do Livro.

UM EXTRAORDINÁRIO MÉDIUM CURADOR

O grande médium Harry Edwards que se tem notabilizado em Londres e outras cidades inglesas, através de inúmeras demonstrações de suas faculdades curadoras, que espantam as multidões pelo inesperado dos efeitos. Os próprios médicos ficam boquiabertos, embora não o demonstrem por motivos fàcilmente compreensiveis e que saltam aos olhos de toda a gente. A verdade é que o facto contagia todos que o presenceiam e atrai ao sector espirita inúmeros descrentes sensibilizados pelas estranhas faculdades de Harry Edwards, verdadeiro apóstolo da caridade ao serviço de uma doutrina regeneradora.



Já nos temos referido às faculdades psíquicas de Harry Edwards, médium curador que concitou a admiração dos médicos ingleses e cuja acção meritória continua a exercer-se em demonstrações notabilíssimas perante numeroso público que chega a atingir milhares de pessoas.

O que vamos narrar sucedeu em Manchester (salão da Bela Vista), na última sexta-feira de Novembro de 1948. Harry Edwards demonstrou as suas poderosas faculdades curadoras em frente do microfone e da câmara cinematográfica e na presença de muitos jornalistas e fotógrafos. Mais de 6.000 pessoas enchiam o vasto recinto, no qual se viam variadíssimos carrinhos que ali haviam conduzido os respectivos enfermos. Verdadeiros cachos de mulheres rodeavam o palco com os filhos nos braços, esperando o início dos trabalhos. Harry Edwards concentrou a sua atenção nas pobres crianças; e reconhecendo a impossibilidade de tratar todos os doentes naquela noite, guardou para depois os que ali estavam em maca ou em carrinhos de inválidos e convidou a ir ao estrado dois escleróticos. Imediatamente, dezenas de mãos se erguem... Os primeiros tratamentos incidiram em Cyril Oldham, 155 Old Street, Ashton-under-Lyne, e na senhora M. Hulme, 426 Wilmslow Road, Cheadle.

A doença do sr. Oldham durava havia cinco anos. Harry Edwards mostrou a anormalidade da espinha dorsal do enfermo e perguntou ao microfone:

— Há aqui algum médico?

Ninguém respondeu. Nova pergunta... e novo silêncio.

— Há aqui algum jornalista?

Ninguém respondeu.

— Não há nenhum jornalista?

Silêncio profundo e calmo...

Agora, Edwards chama por uma enfermeira; e uma senhora se levanta e se dirige para o estrado, testemunhando a anormalidade referida.

Edward começou a trabalhar e segundos depois pediu à enfermeira que apalpasse outra vez as costas do doente. A anormalidade tinha desaparecido.

Em seguida, o médium fez passes magnéticos às pernas do doente e pediu-lhe que se levantasse. Este assim fez; e encostado a Edwards, deu uns passos e desceu dois ou três de graus. Não satisfeito e dando uma grande gargalhada, insistiu em subi-los novamente.

O sr. Hulme era muito nervoso e por isso as melhoras foram menores. Mas notaram-se indícios satisfatórios.

Depois, Edwards dirigiu-se às crianças. Marilyn Pover, 41 Young Street, Leigh, Lanes, de 5 anos de idade. Sofre de paralisia das pernas e é a primeira a ser tratada. Esteve seis meses no Hospital Ortopédico de Biddulph e usava calibradores para se mover.

— Não pode andar sem isso? — perguntou o médium.

— Não, senhor — respondeu a criança.

Edwards tirou-lhe os aparelhos, fez-lhe alguns passes e pediu-lhe que se levantasse. Marilyn assim fez e com a ajuda do curador deu alguns passos. Depois, desceu os degraus do palco, ainda com o auxílio do médium.

Mais tarde *entrevistada* pelo *Psychic News*, a senhora Pover disse que nunca tivera conhecimento deste movimento espirita. Foi a primeira demonstração a que assistiu. E informou que sua filha não podia descer os degraus, nem andar sem auxílio dos aparelhos. No final, a garota repeliu os aparelhos e andou na plateia auxiliada pela mãe.

Outro caso de paralisia infantil foi tratado por Edwards: Dorothy Robinson, 91 Edensor Street. Beswick, Manchester. 3 anos de idade. Braço paralisado. O alivio foi imediato.

A seguir, foi o menino John Beswick, 234 Mosley, Common Road, Boothstown, de 10 anos de idade. Sofria de dor muscular muito violenta.

Harry Edwards faz ràpidamente o diagnóstico. Era uma vertebra deslocada, como se verificou com testemunhas. Segundos depois, o osso estava no seu lugar.

Passando a «casos» de surdez, observou a senhora Dixon, de 387 Liverpool Road, Peel Green, Eccles, Lancs, de 57 anos de idade. Sofria de surdez desde os 16 anos. Após alguns segundos de passes magnéticas, a doente transfigurou-se de alegria, dizendo que ouvia o tic-tac do relógio.

Finalmente, tratou casos de cegueira e de papeira. Um enfermo de papeira não se conteve e gritou, cheio de alegria, ao microfone:

— Já não tenho nada!

No palco estava o conhecido jornalista e escritor espirita Maurice Barbanell e o Reverendo G. Eustace Owen.

Foi uma verdadeira jornada de propaganda que muito beneficiou o Espiritismo. Harry Edwards faz-nos lembrar o grande médium W. T. Parish, que tantíssimas curas realizou no seu Santuário de Londres.

Notas & Comentários

«REVISTA DE METAPSICOLOGIA»

A Federação Espirita Portuguesa acaba de lançar a Revista de Metapsicologia, *sob a direcção do seu presidente e nosso velho amigo e colaborador coronel Faure da Rosa, substituindo assim* O Mensageiro Espirita, *de saudosa memória e ao qual demos o nosso concurso de 1934 a 1939, como organizador e director.*

Congratulamo-nos com este passo em frente na propaganda do Espiritismo lusitano, tanto mais que o novo orgão pretende ser a continuação da antiga Revista de Espiritismo, *também de saudosa memória e à qual demos igualmente o nosso concurso, pois dela fomos co-director com o coronel Faure da Rosa.*

A Revista de Metapsicologia *defende o Espiritismo Cristão e prepara-se para exercer benéfica e decisiva influência na espiritualização da sociedade.*

De disposição gráfica muito semelhante a Estudos Psíquicos, *traz variadas secções e colaboração individual de conhecidos propagandistas. É seu redatcor principal o Dr. Pedro Carreira Dias de Sousa, a quem se deve em grande parte o bom êxito da empresa.*

A estes dois intemeratos lutadores apresentamos as nossas saudações fraternais. Que eles se mantenham firmes no seu posto são os nossos sinceros votos. Quanto ao demais, disponham da solidariedade de Estudos Psíquicos, *que tudo fará pela mais sã camaradagem entre dois baluartes que se destinam a defender a mesma causa.*

NOVO REPRESENTANTE

O Dr. A. N. Pinheiro Ramos acaba de aceitar o cargo de representante de «Estudos Psíquicos» em Pernambúco, de acordo com o nosso dilecto amigo Capitão Nelson Kerensky, redactor-correspondente naquele Estado Brasileiro e que, em virtude de repetidas viagens a que é obrigado, não pode dedicar o tempo necessário à difusão desta revista.

O Dr. A. N. Pinheiro Ramos é director da bem elaborada revista Raios de Luz, *de Recife, vazada nos moldes de* Estudos Psíquicos. *Congratulamo-nos com o facto. Oxalá seja prenúncio de novo avanço na marcha empreendida.*

UM CALCULADOR EXTRAORDINÁRIO

O Dr. I. Xavier de Brito escreveu na Gazeta de Física (Volume I - Fascículo 5 - Outubro 1947) uma interessante entrevista que tivera com um modesto empregado dos caminhos de ferro, que é um calculador prodigioso.

Não resistimos à tentação de extrair desse artigo algumas passagens.

«Faça favor de me indicar uma idade — pediu o sr. Lopes (assim se chama o calculador): — 25 anos foi a resposta; e imediatamente diz: 300 meses, 9.000 dias, 216.000 horas; 12.960.000 minutos e 777.600.000 segundos».

«Com a rapidez de quem escreva um número que lhe é ditado e escrevendo-o da direita para esquerda, efectuou os produtos 7.143.908 × 8, 5.432.824 × 7 e 893.486 × 9. Escrevendo com grande rapidez, efectuou a divisão 36.427 : 7 com 6 casas decimais até indicar o período, com o que nos mostrou saber o que eram dízimas ilimitadas».

«Digam um número de quatro algarismos — disse. Consulta-se uma tábua de quadrados e dá-se: 8.836 e poucos segundos passados (2 ou 3) dá o resultado 94 como raiz quadrada do número; outro número, este não quadrado perfeito: 7.856 e com a mesma rapidez diz: 88, fazendo notar, através dos seus conhecimento e linguagem, que o número não era quadrado perfeito».

«Também executa somas com grande rapidez, mas estas são realizadas mais ràpidamente, como verificámos, quando as parcelas se encontram umas por baixo das outras e são feitas ao modo ordinário, isto é, da direita para a esquerda».

«O assunto derivou um pouco e citou-nos um episódio que lhe sucedeu. Há 18 anos fez concurso para factor de 1.ª; o ponto é distribuido aos candidatos; momentos passados, o sr. Lopes escreveu o resultado dos problemas onde havia taxas e percentagens a utilizar e pede licença ao juri para entregar a prova; perguntam-lhe se desistia e diz que não, que já havia acabado o ponto; surpresa da parte do juri, que supõe tenha havido fraude ou pelo menos inconfidência, relativamente ao ponto; finalmente tudo se esclarece e o Sr. Lopes recebe uma distinção e cumprimentos pelas suas extraordinárias faculdades, de que membros da Direcção tomam conhecimento».

Eis o resumo desta curiosa entervista, que mostra mais uma vez como são falsas as teorias científicas que admitem um paralelismo psicofisiológico.

«UMA MULHER DO OUTRO MUNDO»

Em tradução de Francisco Mata da peça «Blith Spirit» do célebre comediógrafo Noel Coward, o Avenida *apresentou-nos há dias com o nome de «Uma Mulher do Outro Mundo» um espectáculo diferente daquele a que o nosso público está habituado.*

O argumento anda à roda de uma falecida mulher que se conseguiu materializar e que persegue o seu antigo marido, novamente casado.

Pena é, no entanto, que esta peça dê ao público uma ideia errada do Espiritismo, pois mistura desmaterializações com práticas cabalísticas de sal e pimenta, transes espectaculosos e inverosímeis, e ainda afirmações erradas, como a que a médium fez numa certa altura, ao dizer que o seu Guia estava... constipado.

Quando teremos nós em Portugal cinema, teatro e rádio que dignifiquem a Causa? Até hoje, ainda ninguém respondeu a esta pergunta há muito formulada.

«ACÇÃO POLICIAL»

A Revista Espirita do Brasil *referiu-se encomiasticamente ao artigo que há tempos publicámos sob o título de «Acção Policial», em que se apreciava a campanha contra a chamada bruxaria e corrobora a nossa afirmação de que os médiuns devem trabalhar nos centros espiritas, acrescentando que não deve alegar a qualidade de espirita aquele que deixa um centro para trabalhar em ambientes de cartomantes e adivinhos.*

Noticiário

ASSOCIACIÓN ALLAS BLANCAS

A Associación *Allas Blancas,* de Buenos Aires, acaba de publicar a 10.ª edição de «La Vida de Jesus Ditada por El Mismo» e teve a amabilidade de oferecer um exemplar à nossa biblioteca, gesto que muito agradecemos.

Trata-se de um volume de 478 páginas de grande formato recebido psicogràficamente por dois famosos médiuns e traduzido do francês para o castelhano pelo Dr. Ovidio Rebaudi, desencarnado em Buenos Aires no ano de 1931.

Agradecemos o exemplar recebido e fazemos votos pelo progresso da Associación *Allas Blacas.*

PARTICIPAÇÕES

O *Centro Espirita Vicente de Paulo,* de Cruzeiro, Estado de S. Paulo, bem como a União da Mocidade Espirita José Horta, de Raul Soares, Minas Gerais, tiveram a gentileza de nos comunicar: o primeiro, a eleição da Directoria que regerá os destinos do Centro durante o ano corrente e cujo 1.º tesoureiro é o nosso dedicado representante José Zácaro Neto; a segunda, a sua fundação no dia 25 de Dezembro último.

A ambos os nossos agradecimentos, com desejos de triunfo e longa vida.

«PRÉDICA»

Recebemos o 1.º número de *Prédica del Pensamiento Espiritualista Moderno* revista bimensal da *Sociedade Vitor Hugo,* de Buenos Aires, cujo fim é «trabalhar pelas verdades do Espírito» e promover o «pluralismo espiritualista que dê motivo ao descobrimento da verdade universal: o Espírito do Cristo. Cientificamente, adoptará o método positivo da investigação; filosòficamente, aprofundará o pensamento ontológico dos ocidentais; no campo religioso, seguirá a linha da inspiração espirita cristã».

Que a nova publicação consiga marcar posições no panorama espirita sul-americano, são os nossos votos. É mais um farol a iluminar a costa do vasto oceano em que navegamos.

SOCIEDADE ESPIRITA PAZ E AMOR

Desta prestimosa agremiação de Porto Alegre, Rio Grande do Sul, a que preside o nosso patrício e amigo José Simões de Matos, representante geral desta revista naquele Estado Brasileiro, recebemos um folheto intitulado «Aos Que Batem à Nossa Porta», contendo mensagens e instruções do Alto, bem como um belo relatório da Directoria e o Programa Geral dos Trabalhos da colectividade. É uma série de magnificos ensinamentos dirigidos a médiuns e adeptos que desejem orientar-se na pregação da Doutrina. Oportunamente, faremos a devida referência a este bem elaborado relatório. Por agora, limitamo-nos a saudar o nosso prezado amigo José Simões de Matos, enviando-lhe a expressão da nossa melhor solidariedade.

ECOS DE PORTUGAL

A Voz do Alto, bem redigido quinzenário ao serviço da *Confederação Espirita Cearense,* publicou em 30 de Janeiro passado larga notícia relativa à conferência de Ramos Pereira subordinada ao título «O Espiritismo e a Vida» e realizada em Outubro de 1948 no Clube Literário Guilherme de Azevedo, Santarém.

«Desta forma — termina o articulista — o Espiritismo em Portugal tem à frente uma coorte de abnegados, entre os quais os quais citamos, além do conferencista Ramos Pereira, os nossos prezados irmães Isidoro Duarte Santos, director da substanciosa revista *Estudos Psíquicos,* e o coronel Faure da Rosa, Presidente da Federação Espirita Portuguesa».

Bem haja *A Voz do Alto* pela vulgarização que deu à nossa jornada de propaganda.

FRANCISCO CÂNDIDO XAVIER

É prodigiosa a actividade do médium psicográfico Francisco Cândido Xavier. As poesias que tem recebido ùltimamente chegariam à vontade para outro volume do «Parnaso do Além»-Túmulo». Sabemos que o espírito de André Luiz vai ditar uma obra que estudará o *processus* da obsessão, ou seja a forma como os espíritos inferiores exercem acção maléfica sobre os humanos. Aguardemos essa obra, que certamente vai lançar muita luz num dos mais difíceis departamentos das ciências psíquicas.

TRABALHOS DO CENTRO NO MÊS DE ABRIL DE 1949

9 de Abril, sábado, às 21,30 — Sessão doutrinária com a médium D. Maria Cecília Gorina.

10 de Abril, domingo, às 16 horas — Conferência pelo Coronel Faure da Rosa, intitulada «Como os mortos comunicam conosco».

14 de Abril, às 21,30 — Sessão do Grupo Reper-Siam, dirigida por Isidoro Duarte Santos.

16 de Abril, às 21,30 — Sessão doutrinária com a médium D. Maria Cecília Gorina.

21 de Abril, às 21,30 — Sessão do Grupo Reper-Siam, dirigido por António Cardoso.

23 de Abril, às 21,30 — Sessão do Grupo Amor do Redentor, dirigida pelo Dr. Adelino Gambôa.

28 de Abril, às 21,30 — Sessão do Grupo Reper-Siam, dirigida por José F. Cabrita.

30 de Abril, às 21,30 — Sessão doutrinária com a médium D. Maria Cecília Gorina.

NOTA — As conferências são públicas e as sessões são exclusivas aos sócios com as cotizações em dia.

AOS LEITORES e compradores de livros

Em virtude da Livraria da Federação Espirita Brasileira ter aumentado extraordinàriamente os preços das suas edições, antigas e modernas, a partir de 1949, fomos obrigados a alterar também os preços das obras que temos à venda. Damos esta satisfação a todos, esperando que continuem a distinguir-nos com as suas requisições.

LIVROS NOVOS

Acabam de chegar ao nosso depósito os seguintes livros:

Corpo e Espírito, pelo Dr. Carlos Imbassahy — Brochado, 22$00 — Encad. ... 30$00

Mediunidade, pelo Comandante Edgar Armond—Br. 24$00

Cartas do Evangelho, versos formosíssimos, pelo Espírito de Casimiro Cunha — Brochado ..... 24$00

Na Seara do Mestre, por Vinicius — Brochado ... 24$00

Coisas do Outro Mundo (O Homem que foi operado por um Espírito) — Br. 15$00

Colectânea do Além, prosa e verso recebido por Francisco Cândido Xavier — Brochado, 12$00 — Enc. 20$00

Trabalhos Post-Mortem do Padre Zabeu, pelo catedrático Dr. Urbano Ferreira, com muitas gravuras de materializações — Br. 25$00

Factos, colectânea de fenómenos muito interessantes e impressionantes observados por António J. Trindade; obra valiosíssima) — Brochado ..... 35$00

O Que Eu Vi no Pará (fenómenos recentes de materialização), pelo Dr. Octávio Coutinho — Brochado 6$00

Afinal, Quem Somos ?, magnífico trabalho histórico, científico e filosófico do Espiritismo, por Pedro Granja — Brochado ..... 35$00

Um Só Senhor, obra sobre o futuro do Espiritismo, com a biografia completa do médium Francisco Cândido Xavier, pelo Dr. Romeu Camargo—Brochado 28$00

Jerusa, curioso romance espirita, pelo médium Olímpio S. Belém — Encadernado 25$00

Raymond, por Sir Oliver Lodge. Provas de identificação que converteram este grande cientista ..... 20$00

Magnetismo Pessoal, por Heitor Durville. 9.ª edição — Brochado ..... 22$00

A Alma e o Subconsciente, pelo Dr. Alberto Seabra, *2.ª edição* — Encadernado 22$00

Bhagavad Gitâ (a sublime canção da imortalidade), *4.ª edição* — Brochado ... 22$00

Cabala (a tradição esotérica do Ocidente), *4.ª edição* — Brochado ..... 18$00

A Força do Pensamento, por W. W. Atkinson. *6.ª edição* — Brochado ..... 18$00

Grafologia, 6.ª edição. Método de conhecer o carácter dos indivíduos pela sua escrita — Brochado 40$00

O Homem e os Seus Corpos — Brochado ..... 16$00

A Iniciação de Jesus, pelo Dr. Swinburne Clymer — Brochado ..... 8$00

A Nova Psicologia, por W. W. Atkinson — Brochado 16$00

O Poder do Pensamento, por W. W. Atkinson—Br. ... 18$00

O Poder da Fé, por W. W. Atkinson — Brochado ... 22$00

A Sugestão e a Auto-Sugestão, por W. W. Atkinson — Brochado ..... 18$00

Terapêutica Magnética (Estudo progressivo do tratamento magnético) *5.ª edição* — Encadernado ..... 18$00

O Tesouro dos Humildes, por Maurice Maeterlinck — Brochado ..... 30$00

Os Meios Físicos e Naturais na Profilaxia e Cura, pelo Dr. Fred Wachsmann — Um belo tratado sobre a cura das doenças através dos agentes naturais ..... 25$00

Memórias do Padre Germano, por Amália Domingo Soler — Obra sã, verdadeiro breviário de ascensão espiritual destinado aos que desejam preparar-se para a grande viagem — Br., 37$00 — Encad. 45$00

Do Calvário ao Infinito, pelo Espírito de Vítor Hugo — Um maravilhoso romance mediúnico onde se nota a profundidade do pensamento de um grande poeta e grande escritor — Br., 42$00 — Encad. 50$00

As Heroínas de Hydesville, por Alfredo Miguel — A história atribulada das Irmãs Fox, que revelaram ao mundo os primeiros fenómenos do Espiritismo —Brochado ..... 15$00

As Nossas Edições

Leiam as nossas edições e aumentarão os seus conhecimentos !

NOS UMBRAIS DO ALÉM, por *Sir William Barrett,* antigo professor de Física na Universidade de Dublin — Análise científca dos fenómenos do Espiritismo, em tradução de Isidoro Duarte Santos. Livro quase esgotado a pesar de se ter feito uma tiragem de 2.000 exemplares.

Brochado 25$00 — Encadernado

Brochado ..... 25$00
Encadernado ..... 35$00

LUZ NO CAMINHO, por *Isidoro Duarte Santos.* Páginas de análise evangélica à luz do Espiritismo e dedicadas à humanidade sofredora. O maior êxito de crítica espirita e profana. Encontra-se também quase esgotado e por isso a sua venda passa a ser feita directamente pela revista *Estudos Psíquicos.*

Brochado ..... 27$50
Encadernado ..... 37$50

CIENTISMO E ESPIRITISMO, pelo *Professor Leopoldo Machado* — Livro que tem suscitado aceradas críticas pelo arrojo e desassombro da sua análise. Em 222 páginas encontra-se o estudo comparativo das actuais doutrinas científicas perante o Espiritismo Moderno. É uma obra que todo o espirita deve ler.

Brochado ..... 18$00

NOTA — Todas estas obras se envam à cobrança.

Obras de Ciências Psíquicas e Filosofia Neo-Espiritualista

(em depósito nesta redacção)

	br.	enc.
Boa Nova (quadros evangélicos), ditados pelo *Espírito de Humberto de Campos*	20$00	30$00
A Caminho da Luz (História da civilização), pelo *Espírito de Emmanuel*	20$00	
O Consolador, pelo *Espírito de Emmanuel*, resposta a 461 perguntas	20$00	30$00
Cartilha da Natureza, pelo Espírito do poeta Casimiro Cunha	18$00	
Crónicas de Além-Túmulo, ditadas pelo *Espírito de Humberto de Campos*	20$00	
Emmanuel, repertório de ensinamentos cristãos, ditados pelo Espírito de *Emmanuel*	18$00	
Há dois mil anos, romance empolgante ditado pelo *Espírito de Emmanuel* (nova edição)	30$00	40$00
50 Anos Depois, continuação do romance supra, pelo *mesmo autor*	30$00	40$00
Lázaro Redivivo, pelo *Espírito do irmão X* Humberto de Campos	25$00	
Lira Imortal, versos de poetas desencarnados	10$00	
Mensageiros (Os), pelo *Espírito de André Luiz*	26$00	36$00
Missionários da Luz, pelo *Espírito de André Luiz*, obra dedicada às pessoas cultas	30$00	40$00
Nosso Lar, pelo *Espírito de André Luiz*	26$00	36$00
No Mundo Maior, pelo *Espírito de André Luiz*	26$00	36$00
Novas Mensagens de Humberto de Campos	10$00	
Parnaso de Além-Túmulo (maravilhosa colectânea de poesias ditadas por espíritos de poetas luso-brasileiros), Nova edição melhorada	40$00	50$00
Paulo e Estêvão (livro famoso considerado pelos eruditos como a mais completa biografia de S. Paulo) (nova edição)	40$00	50$00
Renúncia, romance empolgante e consolador, destinado aos tristes e desesperados, ditado por *Emmanuel*	30$00	40$00
Reportagens de além-túmulo, pelo Espírito de *Humberto de Campos*	26$00	36$00
Volta Bocage, Sonetos pelo *Espírito de Bocage*	10$00	

OBRAS DIVERSAS

Almas Crucificadas, empolgante romance mediúnico, ditado pelo *Espírito de Vitor Hugo*	35$00	45$00
Análise das Coisas, pelo *Dr. Paulo Giber*	18$00	28$00
Arcanos da Natureza, por *Alexandre Dias*		5$00
Barqueira do Júcar, romance mediúnico, recebido por *J. F. Colavida*	20$00	30$00
Beijo (O) da Morta, romance mediúnico recebido por *Celestina Arruda Lança*	22$00	32$00
A Casa Assombrada, romance por *Maria Veleda*	10$00	
A Casa Assombrada, romance pelo *Dr. Bezerra de Meneses*	26$00	36$00
O Caso Humberto de Campos, descrição do célebre processo judiciário movido à Federação E. Brasileira e ao médium Francisco Cândido Xavier, da autoria de *Miguel Timponi*. Um grande volume	24$00	34$00
Ciência Divina, pelo *Espírito de Jaime Braga*, recebido pelo médium *Doutor Porto Carreiro Neto*	26$00	36$00
Claustro (O), romance realista acerca da vida eclesiástica, por *Manuel Arão*		30$00
Conselhos a Meu Filho, (colectânea de ensinamentos morais muito interessantes), pelo *Dr. Inácio Ferreira*		15$00
Contribuições para o Espiritismo, por *Alexandre Dias*	12$00	
Cristianismo (O) do Cristo e o dos seus vigários, pelo *Padre Alta*	30$00	40$00
Cruzada Redentora, romance reencarnacionista de fundo histórico, por *António Lima*	40$00	50$00
De Jesus para as crianças, a vida de Jesus, pelo *Espírito de Bittencourt Sampaio*	10$00	
Didaquê Espirita, por *Carlos Lomba*, Curso completo de Espiritismo para crianças de 6 a 14 anos	12$00	
Do Calvário ao Apocalipse, pelo *Espírito de Bittencourt Sampaio*	25$00	35$00
Do Calvário ao Infinito, romance mediúnico ditado pelo *Espírito de Vitor Hugo*	42$00	52$00
Domínio Nefando, por *Arlindo Colaço*		24$00
Doutrina (A) de Jesus, por *Vinicius*	7$00	
Ensinos Espiritualistas, (descrições da vida do além) por *A. Stainton Moses*	25$00	35$00
Eça de Queiroz Póstumo	24$00	34$00
Elucidações Evangélica (resumo da obra de Roustaing), pelo *Dr. António Luiz Saião*	45$00	55$00
Entre dois mundos (romance), por *Antoinette Bourdin*	20$00	30$00
Expiação, por *Areolino Gorjão*	20$00	30$00
Espiritismo e Medicina, obra em que o autor faz sua profissão de fé espirita, pelo *Dr. Inácio Ferreira*	20$00	30$00
Espiritismo (O) à luz dos Factos pelo *Dr. Carlos Imbassahy*	30$00	40$00
Espiritismo (O) Contemporâneo, pelo *Dr. Martins Velho*	20$00	
Espirito (O) Consolador, pelo *Padre Marchal*	26$00	36$00
O Espirito do Cristianismo, por *Cairbar Schutel*, um grosso volume		45$00
Factos Espiritas, por *William Crookes*	18$00	26$00
Fazenda mal Assombrada, romance por *Alexandre Dias*	20$00	

(Continua na 4.ª pág. de capa)

	br.	enc.
Fenómenos Psiquicos, pelo *Dr. Alberto Seabra*	20$00	
Fundamentos Científicos do Espiritismo, pelo *Dr. Azevedo e Silva*	10$00	
Funerais da Santa Sé *(Poesias ditadas pelo Espirito de Guerra Junqueiro)*	24$00	34$00
Heroínas (As) de Hydesville, por *Alfredo Miguel*	15$00	
Grandes e Pequenos Problemas (aplicações do Espiritismo aos problemas da vida), por *Angel Aguarod*	20$00	30$00
Herculanum, romance mediúnico ditado pelo *Espirito do Conde Rochester*	37$00	47$00
Livre-arbítrio e determinismo, por *Louis Gastin*	5$00	
Lídia, romance mediúnico, recebido por *J. Suriñac*	22$00	32$00
Loucura (A) sob Novo Prisma, pelo *Dr. Bezerra de Meneses*	18$00	26$00
Magnetismo e Hipnotismo Curativo, por *Alfonse Bué*	32$00	42$00
Marieta (páginas de duas existências), romance medúnico, recebido por *Daniel Artazú*	26$00	36$00
Martirio (O) dos Suicidas, por *Almerindo Martins de Castro*	16$00	
Memórias de uma alma, romance mediúnico, recebido *por J. Suriñac*	22$00	32$00
Memórias do Padre Germano, por *Amália Domingo Soler*	37$00	47$00
Nas Pègadas do Mestre, por *Vinicius*	26$00	36$00
No Limiar do Etéreo (estudos experimentais acerca do fenómeno da voz directa), por *Artur Findlay*	22$00	32$00
Nova (A) Luz, ditado mediúnico de crítica a Maeterlinck, por *George Déjean*	24$00	34$00
Novos Rumos à Medicina, pelo *Dr. Inácio Ferreira,* livro célebre, muito ilustrado, descreve os métodos da cura psiquica do Sanatório de Uberaba		50$00
Novas Elucidações do 4.º Evangelho, por *João Evangelista*	20$00	30$00
Outro (O) Lado da Vida, por *Carl du Prel*	22$00	
Parábolas e Ensinos de Jesus, por *Cairbar Schutel*		45$00
Para o Alto, contos e apólogos espiritas pelo *prof. Leopoldo Machado*	20$00	
Problema (O) da Sobrevivência, pelo *Dr. A. Lobo Vilela*	12$00	
O Problema do Além e do Destino, pelo *Dr. Alberto Seabra*		26$00
Protestantismo (O) e o Espiritismo, por *Benedito A. da Fonseca*	18$00	26$00
Os Quatro Evangelhos, de *J. B. Roustaing,* 4 volumes		150$00
Revelações de Além-Túmulo, pelo *Dr. Antão de Vasconcelos*	30$00	40$00
Roma e o Evangelho, por *J. Amigó y Pellicer*	26$00	36$00
Rosário (O) de Coral, pelo *Dr. A. Wylm,* médico neurologista	20$00	30$00
Salvação pela fé ou pelas obras? — pelo *Dr. Romeu A. Camargo*		20$00
Sessões Práticas do Espiritismo, por *Spártaco Banal*	10$00	
Síntese de Novo Testamento, por *Minimus*	30$00	40$00
Sobrevivência e Comunicação dos Espiritos, por *Osvaldo Melo*		25$00
Sonâmbula (A), romance espirita, por *António Lima*		30$00
Spiritus Maledictus, romance mediúnico recebido por *J. Suriñac*	18$00	26$00
Têm Razão?, pelo *Dr. Inácio Ferreira,* resposta magistral aos ataques feitos ao Espiritismo	40$00	50$00
Verdade (A) Espiritualista, por *C. Picone Chiodo*	10$00	17$00
Vida e Actos dos Apóstolos, *Cairbar Schutel*		40$00
Vida (A) Depois da Morte, por *Yogi Ramacharaca*	18$00	
Vida (A) no Outro Mundo, por *Cairbar Schutel*		22$00
Vingança (A) do Judeu, romance ditado pelo *Espirito do Conde Rocester*	37$00	47$00
Vozes (E as) falaram, novela empolgante, por *Fernando do Ó*	22$00	

Secção Musical

Hino ao Espiritismo, música para piano de *S. A. de Macedo* e letra de *Nelson Kerensky*	6$00
Almas Gémeas, tango-canção para piano, música de *Oli de Castro* e letra do *Espírito Emmanuel*	6$00
Canção da Alegria Cristã, música para piano de *Oli de Castro* e letra de *Leopoldo Machado*	6$00

Leitura para Crianças

O Espiritismo na Infância, por *António Lima*	12$00
O Meu Diário, por *António Lima*	12$00
O Evangelho das Crianças, por *António Lima*	*12$00*

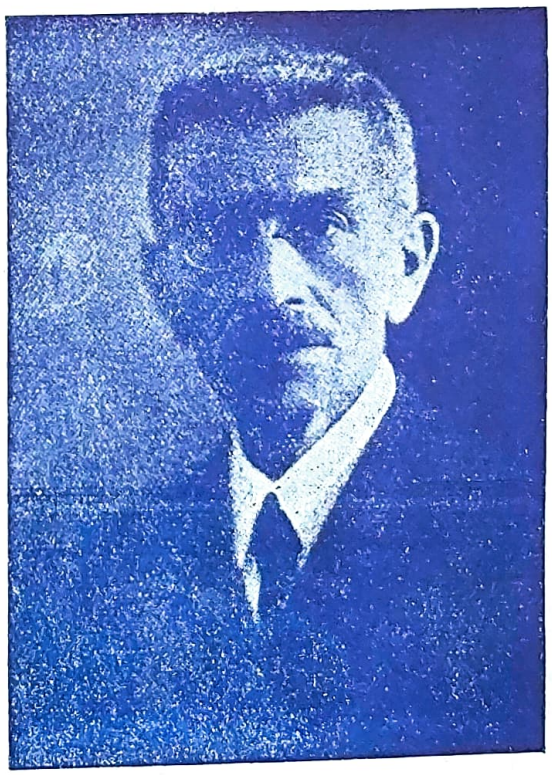
Nêstes preços não está incluído o porte do correio. Enviam-se remessas à cobrança, para o continente e ilhas Adjacentes. Para as colónias e estrangeiro, só contra pagamento adiantado, que deve incluir 10 % para porte, registo e embalagem.

«Estudos Psiquicos» encontra-se à venda em todo o país, ilhas, colónias e no Brasil

«VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA»

ESTUDOS PSIQUICOS

Mensário de Estudos Psíquicos e Neo-espiritualismo Experimental



COELHO NETO

Um dos pioneiros espiritas brasileiros

(Ver pag. 110)

CONTÉM: Justiça, da **Redacção**; O Objectivo do Espiritismo, pelo **Coronel Faure da Rosa**; «Da Imortalidade da Alma», por **A. C.**; Coelho Neto — Uma Conversão Sensacional; Cristo Avança!, por **Pietro Ubaldi**; A Reencarnação e os Evangelhos, por **A. N. Pinheiro Ramos**; Médiuns, por **José Simões de Matos**; O Problema das Espécies, por **Ramos Pereira**; Livros Novos; Campanha de Assinaturas; Para os Irmãos Pequeninos (Página organizada por **Kylas**); Caravana da Fraternidade, por **José Simões de Matos**; O Homem e a Felicidade (Apólogo), por **Malba Tahan**; A Missão de Jesus, por **Fernando da Cruz Ferreira**; O Ateu (poesia) por **Isidoro Duarte Santos**; Pierino Gamba (Ouvindo um maestro muito querido), por **F. Noronha**; Psicologia Supra Normal — O Médium João Cosme, por **António Cardoso**; Crónica Estrangeira, por **Isidoro Duarte Santos**; Livros de Todo o Mundo, comentados por **Ramos Pereira** e **António Cardoso**; Notas & Comentários; Noticiário

10.º ANO — ABRIL DE 1949 — N.º 4

ESTUDOS PSÍQUICOS

REVISTA MENSAL — AO SERVIÇO DO ESPIRITISMO LUSO-BRASILEIRO

Rua do Salitre, 149, 1.º — LISBOA

Propriedade de ISIDORO DUARTE SANTOS, a quem deve ser dirigida toda a correspondência

REDACTORES — CORRESPONDENTES

Rio de Janeiro	*Deolindo Amorim*	Buenos Aires	*Dr. Luís Postiglioni*
Nova Iguassú	*Leopoldo Machado*	Paris	*Dr. Henri Regnault*
Uberaba	*Dr. Inácio Ferreira*	Liège	*Achille Biquet*
Pernambuco	*Capitão Nelson Kerensky*	Baurú	*Nabor da Graça Leite*
Baía	*Alfredo Miguel*	Santiago do Chile	*Ernesto Moog*
Porto Alegre	*Dr. Paulo Hecker*	México	*Rufino Juanco*
Gubbio, Itália	*Dr. Pietro Ubaldi*	Rosário	*Tito Livio Bancéscu*
Ponta Negra	*António J. Martins*	Índia Portuguesa	*Raul Sepúlveda Fontes*
Belo Horizonte	*Dr. Noraldino de M. Castro*		

REPRESENTANTES NO BRASIL

Rio de Janeiro	*José Bittencourt A. Coutinho*	Natal	*Filipe Soares de Melo*
Curitiba	*João Baptista Cardoso*	Maceió	*Jaime Xavier da Silva*
Vitória	*Dr. Airton Loureiro Machado*	Fortaleza	*José Borges dos Santos*
Porto Alegre	*José Simões de Matos*	Franca	*Dr. Agnelo Morato*
Goiânia	*José Fontenele dos Santos*	Cruzeiro	*José Zácaro Neto*
Ribeirão Preto	*Dr. Jaime Monteiro de Barros*	Aracajú	*José Elson Fontes*
S. Paulo	*Livraria Allan Kardec* / *Vicente S. Neto*	Sacramento	*Corina Novelino*
Taubaté	*Geraldo de Oliveira*	Rio Preto	*Leónidas Gois*
Belo Horizonte	*Centro Luz e Humildade*	Juiz de Fora	*Orville Derby Dutra*
		Pelotas	*Dr. Djalma de Matos*

Os artigos assinados são da responsabilidade dos seus autores ★ Não se devolvem originais, sejam ou não publicados

ASSINATURAS

Continente (cada série de 6 números, não incluindo as despesas de cobrança), 25$00—Brasil (12 números), Cr. $50,00, ou 60$00—Colónias (12 números) moeda equivalente a 60$00—Número avulso 4$50 — Número atrasado, 5$00.

Orgão do Centro Espiritualista Luz e Amor de Lisboa, e da Maternidade Casa da Mão Pobre, do Rio de Janeiro

Obras de Ciências Psíquicas e Filosofia Neo-Espiritualista

(em depósito nesta redacção)

	br.	enc.
ALLAN KARDEC		
O que é o Espiritismo	12$00	
O Livro dos Espíritos	22$00	32$00
O Livro dos Médiuns	22$00	32$00
O Evangelho Segundo o Espiritismo	22$00	32$00
Obras Póstumas	22$00	32$00
LÉON DENIS		
Catecismo Espirita	7$00	
O Porquê da Vida (nova edição)	20$00	
O Grande Enigma	16$00	26$00
Depois da Morte	35$00	45$00
Cristianismo e Espiritismo	30$00	40$00
No Invisível (nova edição)	36$00	46$00
O Problema do Ser e do Destino (nova edição)	36$00	46$00
Joana d'Arc Médium		35$00
GABRIEL DELANNE		
A Evolução Anímica	28$00	38$00
A Alma é imortal	28$00	38$00
O Espiritismo Perante a Ciência	28$00	38$00

	br.	enc.
ERNESTO BOZZANO		
Animismo ou Espiritismo?	30$00	34$00
Fenómenos de Transporte		18$00
Metapsíquica Humana	20$00	
Pensamento e Vontade	15$00	
CAMILLE FLAMMARION		
Narrações do Infinito	18$00	
As Casas Mal Assombradas	26$00	36$00
O Fim do Mundo	24$00	34$00
Deus na Natureza	35$00	45$00
Stella (romance astronómico)	26$00	36$00
Sonhos Estelares	22$00	32$00
Urânia	22$00	32$00
FRANCISCO CÂNDIDO XAVIER (Médium)		
Alvorada Cristã, pelo *Espírito de Neio Lúcio*, livro maravilhoso e educativo, para crianças de todas as idades	16$00	

(Continua na 3.ª pág. de capa)

ESTUDOS PSIQUICOS

Mensário de Estudos Psíquicos e Neo-espiritualismo Experimental
(ao serviço do Espiritismo luso-brasileiro)

10.º ANO — LISBOA, ABRIL DE 1949 — N.º 4

Redactores: Ramos Pereira, António Cardoso | Director, Editor e Proprietário: Isidoro Duarte Santos | Administrador: Maria Gonçalves Duarte Santos

Redacção e Administração: RUA DO SALITRE, 149-1.º — LISBOA

Composto e Impresso na EDITORA GRÁFICA PORTUGUESA, LDA. — Rua Nova do Loureiro, 20 — Telefone 2 5295 — LISBOA

JUSTIÇA

EIS uma palavra sonora que faz mil vezes a volta ao mundo. Mil vezes pára, mil vezes avança. Mil vezes é enaltecida e mil vezes postergada. Justiça! Que boa legenda para movimentos doutrinários! Temos ouvido esta palavra e meditado na moralidade do seu conteúdo. E avaliado o seu peso. E medido o seu alcance, num mundo de vaidades.

Era uma vez um homem que falava às multidões espoliadas, em país desconhecido. E exclamava:

— O trabalho deve ser remunerado. A recompensa do esforço está implícita na lei divina. Aumentai vossos cabedais, produzindo mais e melhor, aperfeiçoando os métodos, renovando as alfaias. Sereis felizes. Sereis considerados. Imitar-vos-ão os que têm sede de progresso e o soberano premiará a energia do braço e o vigor da inteligência. Nada será esquecido...

Isto produziu confusão no seio do povo e uma nesga de luz aflorou à consciência dos menos timoratos, que reuniram o maior número e resolveram chamar o homem e levá-lo à categoria de rei. Que pusesse em prática as suas ideias. Que desse o seu a seu dono. Que trouxesse a felicidade àquela gente pobrissima, que vivia escravidão.

O homem ficou radiante. Não sabia o que fazer, mas ficou radiante. Era um passo em frente na sua carreira, na sua vaidade. E empunhou o ceptro e rodeou-se de ministros atilados. Justiça seria feita a quem a merecesse.

Passou o tempo e com ele as ilusões dos governados. O homem tinha lido no Eclesiastes: «*Não sejas muito justo; nem sejas mais sábio do que o necessário, para que não venhas a ser estúpido*». *E a nova justiça não tinha mais conteúdo do que a primeira. Tudo era vaidade. O soberano gozava os bens no tempo que era dele, com um pé na justiça e outro na malícia, porque também lera no* Eclesiastes: «*Bom é que sustentes o justo, mas não retires a tua mão daquele que o não é*». *E com este conceito ligado ao gozo da vida afastava-se do caminho da dignidade régia. O povo continuava escravizado como até ali. De nada lhe valeu a mudança de regime. O mal estava no homem, na sua vaidade, que tomara o eterno pelo efémero.*

Justiça! Equidade! Que belas palavras, que belas legendas! De mil homens, só um achei justo, equitativo, virtuoso. Era pobre e fraco e livrou uma cidade pela sua sabedoria. Mas a palavra dele extinguiu-se e o clamor dos insensatos perdurou. E eu a julgar que a sabedoria era melhor do que a fortaleza!...

Aplique-se o conto à ética dos que falam em justiça e se obstinam no gozo do seu dia, vivendo muito a dizer coisas que o coração não sente. Aplique-se o conto e tire-se a moral. Tudo tem seu tempo e sua oportunidade. A justiça é cega para não ver o engano do lisonjeiro e o sorriso do perverso. Mas teimam em abrir-lhe os olhos e o que eu sei é que «Deus criou o homem recto e que ele mesmo se meteu em infinitas questões». Justiça! Que sugestiva legenda para movimentos doutrinários!

Quem tenha ouvido de ouvir, oiça!

AHD/49

ACERCA do objectivo essencial do Espiritismo, Léon Denis mais uma vez insiste — como o fez em todas as suas obras — nas provas experimentais da sobrevivência. Tais provas devem ser provocadas, investigadas, coordenadas. A investigação deve ser auxiliada por um controlo rigoroso e metódico. Todos os factos — sem excepção — devem ser passados pelo crivo de um exame imparcial, precavendo-nos, assim, dos perigos da credulidade fácil e das afirmações prematuras.

O CORONEL FAURE DA ROSA ESCREVEU

A acção do Espiritismo deve exercer-se em todos os domínios: experimental, doutrinário, moral e social. Há no Espiritismo um elemento regenerador do qual podemos esperar toda a melhoria. Pode dizer-se que o Espiritismo está destinado a ser o grande libertador do pensamento escravizado há tantos séculos. Será o Espiritismo que lançará no mundo, cada vez com mais abundância, os germes da bondade, da fraternidade humana, e esses germes hão-de frutificar cedo ou tarde.

Nunca é demais insistir num assunto de tão capital importância como é a identidade dos espiritos comunicantes, — escreve L. Denis no opúsculo, *L' Au-delá et la Survivance de l'Être*. Esta identidade estabelecida de maneira precisa, será a melhor resposta aos desprezadores do Espiritismo e a todos aqueles que pretendem explicar os fenómenos por causas diferentes da intervenção de defuntos.

E cita muitos factos característicos, apoiados em testemunhos importantes, dos quais reproduzo alguns.

Em um deles, narrado por Myers no seu livro *A Consciência Subliminar*, intervém uma pessoa muito conhecida do autor — um Sr. Brown — de quem Myers garante a perfeita sinceridade. Um dia em que Brown fazia experiências espiritas com a família, recebeu a visita de um negro de origem cafre.

O visitante perguntou se algum dos seus compatriotas defuntos quereria comunicar com ele.

Imediatamente, a rapariga, filha do dono da casa que não conhecia uma única palavra de cafre, escreveu muitos nomes nesta lingua. Lidas ao negro, tais palavras causaram nele grande estupefacção. Veio, depois, uma mensagem em língua cafre cuja leitura Brown compreendeu, excepto uma palavra deste desconhecida que, debalde, a prounciou de diversas maneiras: o visitante também não apreendia o sentido. De repente, a médium escreveu. «bata com a língua nos dentes». Então, Brown lembrou-se, de subito, do movimento da língua que acompanha a articulação da letra *t* entre os cafres, e imediatamente se fez compreender.

Como os cafres ignoram a arte de escrever, Brown admirou-se de receber uma

O OBJECTI

mensagem escrita. Responderam-lhe que a mensagem fora ditada a pedido de amigos do negro por um dos seus amigos europeus dos que, na vida terrenal, falavam correctamente essa língua.

O africano parecia aterrorizado com o pensamento de que os mortos estavam ali invisíveis.

Outro caso refere-se à aparição de um Espírito chamado Nepentes numa sessão realizada em Cristiânia em casa de um professor, com a célebre médium d'Espèrance.

O Espírito deixou o molde duma das mãos em parafina. Esse molde ôco, apresentado a um profissional para que obtivesse o relevo, causou a admiração dos operários que não podiam compreender como era que mão humana pudesse tê-lo produzido, visto que ao retirá-la da parafina o teriam quebrado. Doutra vez, Nepentes escreveu na agenda do professor caracteres gregos. Traduzidos, do grego antigo para o moderno, essas palavras significavam: «Eu sou Nepentes, tua amiga. Quando sentires tua alma oprimida por dor intensa, invoca-me que eu prontamente te acudirei para aliviar as tuas penas».

A autenticidade de um terceiro caso foi certificada por Chedo Mijatovich, ministro plenipotenciário da Sérvia, em Londres, o qual, tendo sido solicitado, em 1908, pelos espiritas hungaros para consultar um mé-

dium que esclarecesse um ponto de história relativo a um antigo soberano sérvio, falecido em 1350, — dirigiu-se a casa do médium Vango que ele nunca vira, mas que era muito falado naquela época.

Em transe, o médium anunciou a presença do Espírito dum homem moço, muito desejoso de se fazer ouvir, cuja linguagem, porém, o médium não entendia. No entanto, conseguiu repetir algumas palavras na língua servia, que significavam: «Peço-te o favor de escreveres a minha Natália e de lhe dizeres que imploro o seu perdão».

O Espírito dizia ser o do rei Alexandre. Para provar a sua identidade, o médium fez a descrição do defunto, o qual exprimiu o seu pesar por não ter seguido o conselho confidencial que o diplomata consulente lhe tinha dado dois anos antes do seu assassinato.

UM CASO DE BI-CORPOREIDADE

Léon Dénis narra no mesmo opúsculo *L' au-delà et la Survivance de l'Être* publicado em 1913, o seguinte caso da aparição de um vivente desprendido da sua forma material:

«Os grandes jornais de Londres, o *Daily News* de 17 de Maio de 1905, o *Evening News,* o *Daily Express* e o *Umpire* de 14 de Maio do mesmo ano, deram notícia da aparição em plena sessão do Parlamento, na Camara dos Comuns, do fantasma de um deputado, o major *Sir* Carne Rachse, que naquele momento estava em casa retido por uma indisposição.

Sir Gilbert Parker, membro da Camara dos Comuns exprime-se desta maneira no jornal *Umpire* de 16 de Maio de 1905 — o que foi reproduzido nos *Anais das Ciências Psiquicas* de Junho de 1905:

«Eu desejava tomar parte no debate, mas esqueceram-se de me chamar. Ao regressar ao meu lugar, os meus olhos deram com *Sir* Carne Rachse sentado próximo do seu lugar habitual. Como eu sabia que ele estivera doente, fiz-lhe um gesto amigável e disse-lhe: «Creio que vai melhor». — Não me deu resposta, o que me admirou. O meu amigo estava muito pálido, mas tranquilamente sentado e com o rosto apoiado em uma das mãos. A expressão fisionómica denotava impassibilidade e dureza. Pensei um instante no que conviria fazer, mas quando me voltei para *Sir* Carne, já ele tinha desaparecido. Imediatamente o procurei esperando encontrá-lo no vestíbulo. Não estava. Ninguém o tinha visto».

O jornal acrescenta: «O próprio *Sir* Carne não duvida que o seu duplo tenha realmente aparecido na Câmara, preocupado como estava em ir à sessão para dar o seu voto ao Governo».

VO DO ESPIRITISMO

Dois outros deputados testemunharam o facto.

No *Daily News* de 17 de Maio de 1905, *Sir* Arthur Hayter ajunta o seu testemunho ao de Parker. Afirma Hayter que não só ele mesmo viu *Sir* Carne Rachse, mas também chamou a atenção de *Sir* Campbell Bennermann para a presença de Carne na Câmara.

O QUE DEVEMOS AOS «MORTOS»

Não esqueçamos que um elo de reconhecimento e de amor nos liga aos Espíritos dos mortos. Não é a eles, aos seus esforços, que devemos esta gloriosa marcha de avanço, esta ascensão da humanidade para a luz ?... Não foi à custa das suas lutas, dos seus sofrimentos, muitíssimas vezes do seu martírio, que se edificaram através dos séculos, essas vantagens intelectuais, esta civilização que hoje gozamos ? Não há uma única descoberta, uma ideia grande e generosa, uma única liberdade que não devamos áqueles que antes de nós passaram pela Terra e que na hora actual constituem o mundo espiritual. Foi deles que recebemos essa herança sagrada, esses tesouros do pensamento e do coração que nós temos o dever de engrandecer, de aumentar, de transmitir às gerações de almas que vierem depois de nós, para assegurar a marcha dos

povos para o eterno ideal da perfeição. O Espiritismo é a afirmação desta potente solidariedade. É o Espiritismo que nos mostra esta cadeia infinita que se desenrola através do passado e do futuro, antes do nosso nascimento, para além da nossa morte, e nos liga a todos os seres que povoam a imensidade. Afirmemos à face do mundo esta santa comunhão dos vivos e dos mortos, pela qual encarnados e desencarnados, através das suas vidas de renascimentos, preparam os destinos da humanidade futura.

É aos chamados mortos que os espiritistas devem o mais precioso de todos os benefícios: a revelação do nosso destino, o conhecimento das leis divinas, leis de justiça e de amor que regem o Universo. É por eles que nós recebemos esta luz que dissipa toda a incerteza e nos mostra — em vez da incoerência, do caos — a santa harmonia dos seres e das coisas.

Sim; é aos mortos que devemos esse ensinamento sublime que nos consola nas provações e nos dá força para suportar os males de que a vida está cheia.

Uma acção recíproca, incessante, existe entre os mortos e nós. Os Espíritos inspiram-nos, guiam-nos, protegem-nos, Aqueles que amámos na Terra e que julgamos perdidos estão muitas vezes a nosso lado...

Que este pensamento dê coragem a todos !... Que o desejo de os tornar a ver, de viver com eles na paz, na felicidade, ampare os nossos passos, facilite o nosso progresso e nos torne melhores !

A certeza de que eles são testemunhas dos nossos actos, de que conhecem os nossos desejos, as nossas aspirações, deve impedir-nos de cometer seja o que for que possa afligi-los e nos faça corar na sua presença.

Trabalhemos para tornar mais estreita e mais viva esta grande lei de solidariedade na vida e na morte. Ensinêmo-la a todos, porque ela contribuirá para estabelecer a fraternidade entre os homens.

* * *

Os casos de Espírito incorporados falarem — através de médiuns — linguas inteiramente desconhecidos dos mesmos médiuns, é uma das melhores provas de de identidade do Espírito comunicante. Está nestas condições o caso que reproduzi da língua cafre, narrado por L. Denis. Porque, de duas uma: ou está provado que a subconsciência humana possui o dom da omnisciência divina e, conseguintemente, pode conversar ou escrever em todas as línguas, sem as conhecer; ou, ao contrário, está demonstrado que, quando o médium conserva ou escreve numa língua dele desconhecida, não é ele quem fala ou escreve, mas a entidade do defunto que se declara presente. *(Bozzano)*.

No seu livro *Le Monde Invisible et la Guerre,* diz L. Denis que o Espiritismo não é unicamente o fenómeno físico, a *dansa das mesas de pé-de-galo,* como certos homens parecem ainda acreditar. O Espiritismo é todo o esforço do Além para arrancar a alma humana às suas dúvidas, às suas lepras, às suas doenças morais, para a obrigar a ter consciência de si mesma e realizar o seu fim glorioso. O Espiritismo, é a comunhão das almas afins que se entendem através da extensão ilimitada.

«Graças ao Espiritismo recebemos notícias daqueles que foram nossos companheiros de servidão e de lutas aqui em baixo. Nós julgámo-los perdidos e eis que nos sentimos de novo ligados a eles ! Que alegria sabermos, sentirmos que estamos unidos àqueles que amamos, unidos pelos séculos fora, que a morte é uma aparência enganosa, uma separação passageira e aparente ! Nós sentimo-nos ligados não só a eles, mas também a todas as almas que povoam a imensidade. O universo é uma grande família. Nos milhares de mundos que giram nas suas profundezas, em toda a parte nós temos irmãos e irmãs que devemos encontrar e conhecer um dia, em toda a parte se nos hão-de deparar almas com as quais prosseguiremos a nossa ascensão, sob a égide de leis eternas !

«O Espiritismo é o frémito inteiro da vida invisível; é um universo vivo até aqui ignorado — excepto de raros — e que nós sabemos e sentimos existir, agitar-se, palpitar, vibrar em volta de nós, encher o espaço de pensamentos radiosos, de pensamentos de amor, de inspirações geniais.

«Nós sentímo-lo, de mais em mais, viver e agir, graças ao desenvolvimento de faculdades que hão-de multiplicar-se, crescer e tornar-se partilha de grande número. Assim, adquiriremos também a certeza precisa da protecção, do apoio que, do Além, se estende até nós, a prova de que a solicitude do Alto não falta a todos os peregrinos da existência na sua penosa viagem terrestre».

"DA IMORTALIDADE DA ALMA"

O número 210 do conhecido semanário *Sol* publicou um artigo com o título acima indicado e assinado por Miguel Nogueira.

É no entanto para lamentar, que um jornal da categoria do *Sol* que sempre se tem distinguido pela variedade da sua colaboração e pelo mérito dos seus colaboradores, deixe que se publique um trabalho deslocado no meio de outros, pois o seu autor — que não sabemos quem seja — mostra ignorância completa acerca dos mais rudimentares princípios do psiquismo.

Embora afirme que escreve aquele artigo *sem paixão e sem fanatismo*, acrescenta logo a seguir que desistam as pessoas de querer encontrar os seus mortos nas sepulturas ou nas sessões espiritas, «pois da criatura que morreu só restam as suas memórias, pelo bem ou mal que praticou durante a sua vida». Dizendo depois que a natureza da alma é assunto puramente bíblico, desata a transcrever passagens da bíblia, *sem paixão e sem fanatismo*, dizendo que a alma é mortal (sic), que a imortalidade da alma não existe, mas sim a... ressurreição dos mortos (???). No seu artigo combate também a teoria darwinista da evolução, tudo sem vislumbres de *paixão* ou de *fanatismo*, dizendo que «o homem não descende do macaco mas sim de... Adão e Eva».

No fim do artigo escreve: «as plantas, a pesar de não se moverem, também têm a sua alma latente...». Essa, agora ?! Onde leu isso o sr. Miguel Nogueira ? Não em livros de botânica certamente, pois lá encontrará descritos os vários movimentos das plantas.

Enfim... Sabe que mais, sr. Nogueira ? Estude primeiro e critique depois. Mas não comece pelo psiquismo, pois ainda tem muito que aprender em biologia e botânica. Aquela de dizer que descendemos de Adão e Eva, é forte ! Ou o sr. não conhece as provas a favor da teoria da evolução das espécies ? Naturalmente estudou pelo mesmo livro que lhe dizia que as plantas não se moviam. Não sabe, por exemplo, que no organismo materno o feto humano sofre diversas metamorfoses, passando por várias escalas animais, até que num certo período apresenta o corpo coberto de pelos, idênticos ao do macaco ? Não sabe, por exemplo, que a anatomia comparada demonstrou que o homem pode descender do macaco, por caracteres similares observados entre este e aquele . O macaco é frugívoro, e o homem — todos os médicos o confessam — e também frugivoro por natureza, embora se tenha «adaptado» ao omnivorismo. Na Bíblia encontra-se claramente a ideia de que o homem se deve alimentar de frutos e vegetais e não de carne (Genesis — I-29). Estudos recentes mostraram que os minerais também têm vida própria, com uma espécie de sistema nervoso com funções de nutrição e reparação. Que mostra isto ? Não mostra que há evolução de um simples mineral, de uma simples pedra, até o homem, passando pela escala vegetal e animal ? Mas o sr. Nogueira, fingindo ignorar todos estes factos (se é que os não ignora), acha que é mais exacta, mais lógica a ideia do homem descender de Adão e Eva, sem no entanto nos explicar como o facto se deu.

Não diga que também acredita que Eva foi tirada de uma costela de Adão, pois se tal afirmar, podemos acreditar que, ou está a brincar, ou não sabe mesmo nada daquilo que afirma.

Num momento, o sr. Miguel, sem qualquer sombra de *paixão ou fanatismo*, destroi a teoria espirita Bozzano, Delanne, Flammarion, Kardec, Madame Curie, Charles Richet, Barrett, ...Que importância têm os trabalhos de todos estes metapsiquistas, (muitos dos quais mais tarde aderiram à causa espirita), perante a sua afirmação gratuita de que «a natureza da alma é um assunto puramente bíblico» ? Eu sei onde o sr. Miguel Nogueira quer chegar — é ao Adventismo. Seio-o, porque já tenho lido vários livros e ouvido várias conferências sobre o assunto, mas em nenhuma delas — diga-se de passagem — ouvi fazer tanta afirmação errada. Não sou adventista, sr. Miguel, porque acho, por razões de ordem científica, filosófica e ética, que as suas teorias não correspondem à verdade, mas respeito-as, assim como respeito as de qualquer credo. Se o fosse, sentir-me-ia envergonhado por um irmão meu haver escrito um artigo sem base sólida onde possa assentar.

Quer combater o Espiritismo ? Pois combata-o à sua vontade, mas faça-o com argumentos, com provas tangíveis e não com meias divagações. Que diferença entre a sua crítica e a do Cardeal Lépicier ! Que enorme abismo ! Ao menos, esse criou um corpo de doutrina e explorou o assunto até onde as suas ideias o deixaram. Estamos prontos a responder a qualquer crítica com base, mas assim...

Olhe, sr. Miguel, quer um conselho de amigo ? Estude, estude, que bem precisa. Depois critique. — A. C.

Reflexões

Um dos melhores preparados para o uso constante da língua é o silêncio.

É preferível calar, a criticar qualquer elemento; por pouco que façam, fazem muito com boa vontade.

Não critiques as obras de seus irmãos. Coopera e cumprirás o teu dever.

Se não fazes coisa alguma, não tens autoridade para criticar o teu semelhante, quando ele está no seu sector de actividade.

ROCAZA TONÉ

COELHO NETO

Uma Conversão Sensacional

A conversão de Coelho Neto ao Espiritismo constituiu retumbante acontecimento que abalou muitos «espíritos fortes». Fundador da Academia Brasileira e talvez o mais castiço e elegante prosador da pátria irmã, achamos oportuna a publicação destas afirmações desassombradas que farão meditar os seus numerosos admiradores que desconheçam esta faceta do seu espírito desempoeirado.

— Sim, tens razão. Combati, com todas as minhas forças, o que sempre considerei a mais ridícula das superstições. Essa doutrina hoje triunfante em todo o mundo, não teve, entre nós, adversário mais intransigente, mais cruel do que eu.

Em casa, onde a propaganda, hàbilmente insinuada, conseguira fazer prosélitos, todos me temiam, a pesar da minha conhecida tolerância em matéria de fé, porque eu não deixava passar um só dos livros de preparação e opunha-me com energia às tais revelações. Mas que queres ?

Não tiveram os cristãos inimigo mais acirrado do que Saulo até o momento em que, na estrada de Damasco, por onde ia para a sua campanha de perseguição, o céu abriu-se em luz e uma voz do Alto o chamou à fé. E de inimigo que era, tornou-se desde logo o tapeceiro de Tarso o mais fervente e abnegado apóstolo do Cristianismo, saindo a pregar a Palavra suave ao gentio pagão. Pois, meu caro, a minha estrada de Damasco foi o meu escritório e, se nele não irradiou a luz celestial que deslumbrou S. Paulo, soou uma voz do Além, voz amada, cujo eco não morre em meu coração.

Sabes que, depois da morte da pequenina Ester, que era o nosso enlevo, a vida tornou-se-me sombria.

A casa, dantes alegre com o riso cristalino da criança, mudou-se em jazigo melancólico de saudade.

Passei a viver entre sombras lamentosas.

Minha mulher, para quem a netinha era tudo, não fazia outra coisa senão evocá-la, reunindo lembranças: roupas que ela vestira, brinquedos que a acompanharam até à última hora, entre os quais a boneca, que foi com ela para a cova, porque a pobrezinha não a deixou até expirar.

Júlia... coitada ! Nem sei como resistiu a tão fundos desgostos; seis meses depois do marido, a filha.

Pensei perdê-la. Todas as manhãs lá ia ela para o cemitério, a cobrir o pequenino túmulo de flores, e lá ficava, horas e horas, conversando com a terra, com o mesmo carinho com que conversava com a filha. Ia depois ao túmulo do marido e assim vivia entre mortos, alheia ao mais, indiferente a tudo.

Propus mudar-nos para Copocabana; opôs-se. Insisitiu em ficar na casa em que fora feliz e desgraçada, mas onde perduravam recordações do seu tempo de ventura. Temi que a seduzissem para o Espiritismo, que a lançassem ao turbilhão do mistério em que se agitam as almas do nosso tempo, como endemoninhados da Idade Média corriam ao *sabbat*, nos desfiladeiros sinistros. No estado de abatimento moral em que ela se achava, seria arriscado perturbar-lhe a razão com práticas nigromânticas.

As minhas ordens, dadas em tom severo, foram obedecidas. Júlia passava os dias no quarto, que fôra da pequena, e de fora ouvimo-la falar, rir, contar histórias de fadas, exactamente como fazia durante a vida da criança.

Coelho Neto, o escritor inimitável de tantas obras valiosíssimas, cronista de raro engenho que esbanjou talento na arquitectura de seus contos e encheu de fulgurações literárias uma geração de brasileiros que ainda hoje lêem e meditam as suas obras opulentas e sadias, era espírita convicto e a sua profissão de fé trouxe ao nosso campo muitas individualidades eminentes nas artes, nas letras e nas ciências, que ainda hoje bendizem a hora em que mudaram o rumo da sua vida moral e espiritual.

Tais ilusões dolorosas eram bálsamos que mitigavam o sofrimento da alma, como a morfina alivia as dores. Cessada a ilusão, o desespero irrompia mais acerbo.

Era assim.

Uma manhã, porém, com surpresa de todos, Júlia apareceu-nos risonha, posto que os olhos ainda conservassem lágrimas, como as rosas conservam orvalho na corola, ao sol.

— Interroguei-a; sorriu. Inter-

PIERINO GAMBA

O genial maestro visto à luz do Espiritismo

Isidoro Duarte Santos acaba de escrever um livro intitulado «Pierino Gamba» — O genial maestro visto à luz do Espiritismo» e que já está em composição, devendo ser posto à venda no próximo mês de Maio.

É a primeira obra portuguesa e talvez mundial que procura resolver um grande problema psicológico, depois de críticos musicais e um psiquiatra terem emitido opiniões vagas e muito discutíveis acerca daquele génio musical.

Não se trata de romance, ou biografia, mas de análise serena em que o raciocínio e a lógica porfiam no seu trabalho de esclarecer os que se apaixonaram pelos maravilhosos concertos do extraordinário regente de orquestra.

Aguardem esta obra, que vai provocar os mais variados comentários em todos os sectores literários e científicos. Vasada em moldes novos e estilo claro e terso, constituirá mais um serviço à Causa Espirita que esta revista defende com denodo.

roguei minha mulher. Nada. Confesso-te que cheguei a pensar na... volta da primavera.

Lucílio tornara-se mais assíduo nas visitas, aparecendo-nos duas e três vezes por semana e o amor, bem sabes, renova; o amor é como o sol que abre flores nas próprias covas.

Já começava a afazer-me a tal ideia, quando, uma noite, minha mulher entrou-me pelo escritório, lavada em lágrimas, e disse-me, abraçando-se comigo, que a filha enloquecera.

— Porque ?! — perguntei.

— Está lá em baixo, ao telefone, falando com Ester.

— Que Ester ?

— A filha...

Encarei-a demoradamente, certo de que a louca era ela, não Júlia.

Como se compreendesse o meu pensamento, ela insistiu:

— Lá está. Se queres convencer-te, vem até a escada. Poderás ouvi-la.

Fui.

Como sabes, tenho dois aparelhos: um no «all», outro em extensão no meu escritório; ficámos os dois, minha mulher e eu, junto à balaustrada do primeiro andar. Júlia falava em baixo, no escuro.

Por mais esforço que fizéssemos, não conseguimos ouvir uma palavra. Era um sussurro meigo, cortado de risinhos. O que me pareceu, (porque não dizê-lo?) foi que a conversa era de amor.

Tive ímpetos de violar o segredo de minha filha, mas o escrúpulo do meu cavalheirismo conteve-me.

— Porque dizes que ela fala com Ester ? — perguntei a minha mulher.

— Porque? Porque ela mesmo o confessou e não imaginas com que alegria.

Fiquei estatelado, sem compreender o que ouvia. De repente, numa decisão, entrei no escritório, desmontei lentamente o fone do aparelho, apliquei-o ao ouvido e ouvi.

Ouvi, meu amigo. Ouvi minha neta; reconheci-lhe a voz, a doce voz, que era a música da minha casa... Mas não foi a voz que me impressionou, que me fez sorrir e chorar, senão o que ela dizia.

Ainda que eu duvidasse, com toda a minha incredulidade, havia de convencer-me, tais eram as referências, as alusões que a pequenina fazia a factos, incidentes da vida que conosco vivera o corpo da qual ela fora o som...

Mistificação ? E que mistificador seria esse que conhecia episódios ignorados de nós mesmos, passados na mais estreita intimidade entre mãe e filha ? Não ! Era ela, a minha neta, ou antes: a sua alma visitadora que se comunicava daquele modo com o coração materno, levantando-o da dor em que jazia para a consolação suprema.

Ouvi toda a conversa e compreendi que nos estamos aproximando da grande era, que os tempos se atraem, o finito defronta o infinito, e das fronteiras que os separam, as almas já se comunicam. E eis como me converti, eis porque te disse que a minha estrada de Damasco foi o escritório, onde, se não fui deslumbrado pelo fogo celestial, ouvi a voz do Além, da outra Vida, do mundo da Perfeição.

Ouviste-a ao telefone... E porque não a ouves no ar, como a ouviu São Paulo, por exemplo ?

Porque ? Porque o espírito precisa de um meio em que se demontre. Para viver conosco, encarna-se. O próprio Espírito de Deus encarnou-se. O lume precisa de um combustível para arder e o lume é luz, eternidade: o som precisa de um orgão para vibrar. Todo o imaterial carece de um veículo para agir.

— Uma pergunta apenas. Como consegue D. Júlia pôr-se em comunicação com o Espírito da filha ? Não consta que a Companhia Telefónica tenha ligação com o Além.

— Respondo-te. Quando Júlia — disse-nos ela própria — deseja comunicar-se com a filha, invoca-a, chama-a com o coração, ou melhor, com o amor, e ouve-lhe imediatamente a voz. Falam, entretêem-se, continuam a vida espiritual. A que está lá em cima é feliz na Bem-aventurança e a que ficou na orfandade já não sofre, como dantes sofria, porque o que era esperança, tornou-se certeza...

— Certeza de que ?

— De uma vida melhor e maior, de vida permanente, espiritual como claridade, vida sem dores, sem os tormentos próprios da carne, que não é mais do que um cadinho em que nos depuramos em sofrimento para alcançarmos a Perfeição.

PIETRO ESCREVEU CRISTO

Cada período histórico tem a sua modalidade que é a forma, a manifestação do seu pensamento próprio. A corrente dominante do nosso tempo é a do materialismo com todas as suas consequências e em todos os campos. No entanto, hoje, no meio desta corrente que tudo penetrou, surge entre nós a moda das aparições, dos milagres, há entre as massas qualquer coisa imprevista, difusa e vaga manifestação de um sentimento religioso.

Os factos provam assim a tese que há muito tenho sustentado, isto é, que todos nós estamos no ponto mais baixo e profundo da onda evolutiva e que é, justamente, desse ponto que se inicia a ascensão, ascensão que hoje parece impossível para quem observa apenas a superficie e que, no entanto, preencherá os horizontes de amanhã, transformando em realidade a ideia que hoje se nos afigura uma utopia e pela qual combato: *A Nova Civilização do 3.º Milénio*.

Não tenho tempo para me limitar a hipótese. Os factos são eloquentes. Trata-se de movimentos religiosos das massas e que, não sendo provocados artificialmente, se podem considerar espontâneos. Não obedecem a ordens de dirigentes humanos. As leis da vida seguem um plano lógico e entram em função no momento adequado, sem se preocuparem a dar explicações, mas apenas a atingirem o seu fim. As concepções materialistas convenceram os dirigentes de que a opinião pública se pode fabricar à máquina, em série, por meio da rádio e da imprensa. Não é assim. Há sempre correntes de pensamento independentes, que se infiltram nas ideias industrializadas. A vida demonstra-nos que, no momento decisivo, a alma colectiva caminha por si, fugindo ao controlo dos próprios dirigentes, seja em que campo for. No momento actual, com efeito, ideologias estrangeiras tendem para a formação de outra ordem de ideias, baseada nos interesses e benesses materiais. Semelhante propaganda que deveria atrair, dado o seu carácter utilitário, alcançou efeito contrário e, na prática, encontramo-nos perante inegável despertar religioso. Ele não é, porém, um produto artificial, alcançado por manobras da Igreja. É qualquer coisa de mais profundo daquilo que possa ser imposto por um só, é uma autoridade a que as próprias massas humanas obedecem. E como é possível os acontecimentos históricos tomarem de repente caminho tão imprevisto?

Observo um facto. Em 1939 declarei que pressentira a guerra desde 1932. Ninguém a temia e fomos envolvidos por ela como crianças inconscientes. Hoje, que os horizontes não são tão negros como então, todos vivem com receio da guerra. Mas esse receio será de uma nova guerra ou é o terror retrospectivo de uma guerra ainda recente? E, nesse caso, o tal despertar religioso terá ligação com a estranha psicose da guerra? A terra, agora, é para o homem como um inferno inabitável. Por isso, ele procura um refúgio mais além, em Deus, ergue os olhos ao céu, implora ao Cristo, aos santos, procura um outro mundo e volta as costas à terra que, segundo o materialismo, é o verdadeiro e único paraiso, mas que, de facto, não passa de um cárcere. Esta desilusão leva o homem a procurar a vida noutro lado e as forças do mal colaboram, assim, no triunfo das forças do bem.

Tudo isto é lógico. A derrota do materialismo pela falência das suas promessas é tremenda e feria-nos profundamente. Todos o vêem. O mundo compreende que o materialismo o traiu e repudia-o... O mundo precipitado em abismos de dor reconheceu a verdadeira face de Satanás, oculta com a máscara das falsas promessas. E depois? Depois, é esse o germe da reacção, o primeiro impulso para novo caminho, tomando direcção oposta: a espiritual.

É assim que a onda da vida, chegando ao fundo, recomeça a subir. O mal causado pelo materialismo foi enorme, mas o homem é livre e deve experimentar para aprender. A lição foi dura, lacerou-nos a carne e não é fácil esquecer quando ainda gotejamos sangue. Desta sementeira alguma coisa de imenso e novo deve germinar, porque Deus não nos faz sofrer em vão, mas apenas para nosso bem. As leis da vida exigem que, por fim, tudo se encaminhe para o bem, que o bem nasça do mal, mas sempre respeitando o livre arbitrio do homem.

Que sucede hoje no mundo? Simplesmente uma inversão de rumo e essa inversão inicia-se nas massas, pela forma mais elementar: o sentimento religioso. Actualmente pode considerar-se isto como fanatismo, mas amanhã subirá para os mais evolucionados, aos dirigentes que a ele serão arrastados, apurar-se-á como sentimento e manifestação, consolidar-se-á com o auxílio da razão e da ciência e, nessa forma mais adiantada, dará novo aspecto ao mundo.

UBALDI

ESTE ARTIGO

AVANÇA!

Esta renovação não pode vir dos dirigentes actuais, porque eles não estão, seja em que campo for, tão envolvidos que possam assumir a direcção da renovação do mundo no sentido espiritual.

A renovação inicia-se nas multidões, numa forma primitiva, tal como elas o são, e será como a maré, uma inundação que sobe lentamente, em silêncio, e tudo invade. Sobe sem gritos, propaganda, armas, lutas, mas sobe sempre. Não provém, como quase sempre, de credos estrangeiros, de corações, de partidos, gerarquias, classes dirigentes, baseando-se em questões económicas ou ambições humanas. Nasce das almas de uma necessidade instintiva, de uma ordem emanada de Deus, que se manifesta nos corações e os empolga. E por isso os caminhos e os métodos que segue são, por vezes, completamente opostos aos que os homens actualmente adoptam.

É singular! A maré crescente do bem é amparada e impelida na subida pelas forças do mal! A fase materialista gerou um espírito de luta, o princípio egoístico em que se baseia é obra satânica que leva à destruição, num crescendo contínuo inerente ao sistema e que, por fim, fatalmente o conduzirá à derrocada final, sua única solução. O conflito humano, entre ideais e interesses, é hoje tão espasmódico, que a vida já não pode suportá-lo e acabará por explodir, dissolver-se e esgotar-se. O homem não pode mais e daí a revolta. No fundo, na actual descida evolutiva da onda histórica, encontra-se um vértice negativo, um ponto crítico de máxima tensão, no qual se apoia o edifício de forças agrupadas segundo esse sistema, no sentido separatista e destrutivo e que está condenado a ruir fragorosamente. A ressurreição em direcção oposta da vida, que não pode acabar, é implícita e fatal. Eis, portanto, a razão deste primeiro e actual sintoma, o instintivo despertar religioso das massas.

★

Homens e governos, qualquer autoridade humana sobre a Terra, têm sido, em geral e até agora, nitidamente egoistas. A luta dominante também os atingiu, impondo-lhes a necessidade de pensarem na sua auto-defesa. Seja em que campo for, mesmo no espiritual, a vida tem, por força, de basear-se na luta e na imposição. De resto, as multidões eram verdadeiros rebanhos inconscientes a quem se devia não só ensinar, mas também impor aquilo que deviam acreditar, pensar e fazer, sem direito a raciocínio, do qual resultaria a anarquia. A necessidade de unidade implica submissão de consciência em todos os campos. Não podia pretender-se um procedimento de convicção, por parte das massas, incapazes de terem outro que não fosse inspirado pelo ventre e pelo sexo.

Mas hoje, o homem desperta e tenta compreender e compreender por si só. E o princípio da autoridade perde muito do seu valor perante a mentalidade moderna, mais própria a funcionar por persuasão espontânea do que aceitação irraciocinada.

De modo que esse princípio, outrora muito útil, tornou-se hoje prejudicial. Mas quem poderá convencer os dirigentes, instintivamente levados a manter os seus postos de comando, tão dificilmente alcançados, senão a voz potente da vida que os ataca, falando pela boca das multidões? Essas vozes perturbam-nos, mas como poderia a vida falar-lhes, se as outras portas estão fechadas? Então, eles, para salvar as suas posições, correm aos abrigos, avançam e modernizam-se; e assim, os dirigentes são arrigidos pela vida que tudo ordena. Desta forma, tudo se move e também eles evolvem, embora devagar, e a vida avança.

O homem, por intermédio da dor, está destinado a nova maturidade. Ai de quem tente fugir! Ao avanço do espírito ninguém resiste. O ideal dos dirigentes, em todos os campos, foi, no passado, a vitória sobre os outros seres humanos, através das rivalidades, lutas e violências de toda a espécie. O heroi da raça era o guerreiro agressivo, o ideal foi a conquista, a grandeza consistia no domínio pela escravidão.

Harmonia e cooperação no mundo eram, na prática, inconcebiveis, uma utopia. Estamos hoje numa grande curva, na qual o homem, cansado de suportar os efeitos colectivos da sua universal ferocidade, formará a luz, biològicamente, mais alto. Os seus herois não serão já os imperialistas como Júlio César, um Carlos Magno ou um Napoleão, mas aquele que souber conceber o mundo como uma unidade harmónica e cooperadora e que para isso trabalho. Mas esse ideal só actualmente se pode atingir, porque o mundo tende para se reunir debaixo de um só governo, e os meios de comunicação, multiplicando as relações, permitem uma fusão, impossível nos tempos antigos. Nessas épocas também se ambicionava

a unidade, mas a deminuta evolução não a permitia.

Hoje, tudo isto nos parece irrealizável também. No entanto, o mundo está reduzido a duas ou três potências, apenas. E se estas se armam para se destruirem reciprocamente, isso prova que elas não têm outro caminho a seguir, senão a guerra fatal e eliminatória para o último campeonato e pela supremacia absoluta, no mundo. Daí resultará a unidade e com ela o fim da guerra. Ela não pode acabar por pacifismo teórico ou simulados desarmamentos, mas pela vitória final de um só, escolhido pela vida na selecção natural, por meio da luta sem piedade, um só, biològicamente escolhido como o único dotado das qualidades necessárias e que, na prova, demonstrou ser melhor. E assim, a era dos conflitos, depois de tremendo *crescendo,* morrerá e então surgirá a era nova, a da harmonia e colaboração, a era nova do conhecimento e do espírito.

Tudo, a energia do mundo, demográfica, bélica, económica, gira em volta destes princípios. Todas as raças, todas as nações agem dentro deles. Mas a ideia fundamental que avança servindo-se de meios tão diferentes e manifestações diferentes, é o regresso do Cristo, a verdadeira actuação do Evangelho na terra. Até agora, ele foi pregado, mas mais teórico do que prático. Cristo avança. Por agora, as primeiras manifestações chegaram-nos como expressão religiosa das multidões. Estes movimentos religiosos populares são o primeiro e verdadeiro sintoma do futuro. A vida utilizará, para o regresso do Cristo, as próprias forças do mal. O Cristo está no centro da nova civilização, é a grande força da nova ascensão humana. É o princípio do amor que concretizará a nova unidade, que será, não só a directriz social, mas de interesse, de fé e de religião. Com o Cristo, última meta, se extinguirão todos os actuais conflitos humanos. Ele fará ressurgir a humanidade e do túmulo do materialismo surgirá a nova luz da percepção e consciência espiritual. A grande força que, através dos actuais conflitos, tudo resolve e vence, é o Cristo. Ele inspira alguns que lhe estão mais próximos e obriga-os a falar. Fala também no instinto das massas, orientando-as, por forma inesperada, para novas formas de consciência.

A vida não pode deixar de responder ao apelo do Cristo. O mundo sabe que não pode encontrar um Salvador entre os homens e espera a sua vinda.

O Cristo libertador apróxima-se. Os desesperados gritos de dor da humanidade dilacerada chamam-no, todos igualados no sofrimento, sem distinção de classes, de crenças ou de raças. Abrem-se entre nós os caminhos espirituais da sua presença. Tudo é evidente e claro nos acontecimentos e ninguém poderia detê-los. Tudo, até o mal, lhe rasga o caminho. Aguardemos com alegria a fatal e final apoteose do bem.

(Trad. de Sibil)

V

A REENC
E OS EVAN

ANALISÁMOS, em um dos programas radiofónicos da *Fraternidade Raios de Luz,* que são irradiados aos domingos, às 17,30, pela P. R. A.-8, Rádio Clube de Pernambuco, Brasil, a predição do profeta Malaquias que, no cap. IV, v. 5, afirmou a reencarnação futura do profeta Elias, antes da vinda do Messias; mostrámos também a realização desta predição, anunciada ao sacerdote Zacarias, pai de João, o Baptista, descrita em Lucas, I, 17; depois, falámos do seu cumprimento com o nascimento do precursor, para concluirmos com a confirmação de Jesus, que, premptòriamente, afirmou ser João o Elias que havia de vir, segundo está em Mateus, XI, 13 e 15.

Essa afirmativa, firmada no Evangelho de modo incontroverso e expressamente declarada, deu lugar a que fôssemos abordados por irmãos de outras igrejas pedindo-nos explicações a esse respeito. Tal pedido consistia em que, não tendo Elias morrido, não podia reencarnar. E assim, nos perguntavam esses irmãos, como era isso possível, se o referido profeta tinha sido arrebatado ao céu num carro de fogo. A segunda dificuldade encontrada pelos referidos irmãos era: João, I, 19 e 21: «*E este é o testemunho de João, quando os Judeus, lhe enviaram de Jerusalém sacerdotes e levitas a perguntarem-lhe: quem és? E lhe perguntaram: és Elias? Ao que ele respondeu ainda: não.*»

Respondemos à primeira pergunta, resumindo o que então dissemos, para depois entrarmos na apreciação da segunda.

Seria possível a entrada no céu, ou seja, na vida espiritual e sua permanência nela, sem a morte ou desorganização orgânica?

Responderemos que não.

Por outro lado, teria Elias levado consigo a carne, o sangue, os ossos e tudo o mais que o corpo contém?

Também não. Para a vida espiritual não se levam coisas materiais. «Do mundo nada se leva», a não ser as aquisições em desenvolvimento intelectual e em aprimoramento moral. Tudo o que for material permanecerá no plano físico.

Esta, a razão lógica e a verdade científica, corroborada evangèlicamente pelo apóstolo Paulo, em sua primeira Epístola aos Coríntios, cap. XV, v. 50: «*Porém digo isto, irmãos, que a carne e o sangue não podem herdar o reino de Deus, nem a corrupção herda a incorrupção*».

É eloquente a afirmativa de Paulo, em não poder a carne, o sangue e tudo o mais que seja corruptível, entrar na vida espiritual.

Além dessa afirmativa evangélica que esclarece e resolve a questão para os que aceitam os Evangelhos, temos a considerar ainda os conhecimentos que hoje

ARNAÇÃO GELHOS

por A. N. PINHEIRO RAMOS

possuimos e nos demonstram estar Paulo com a razão, esclarecendo a morte de Elias. Sabemos, pelos conhecimentos da ciência, que o corpo carnal não pode atravessar a atmosfera terrestre sem desagregar-se. Falta-lhe o oxigénio necessário à respiração para a renovação do sangue, e a pressão atmosférica para a qual nosso organismo está regulado. Fora da órbita terrestre o corpo não subsistirá. É lei física muito conhecida e ensinada aos nossos estudantes, que os antigos, da época dos profetas, desconheciam. Dentro mesmo da órbita da Terra, o homem físico não pode ir muito além, sem certo perigo, quanto mais passar da esfera de acção planetária! Por este lado é indiscutível. Elias não podia deixar a Terra sem a morte.

Prossigamos, porém, em nossa análise e lembremos a cena da transfiguração do Tabor, em que Jesus, acompanhado de Pedro, Tiago e João, realizou uma sessão espirita de materialização onde se deu a comunicação dos espíritos de Moisés e de Elias, narrado por Mateus, XVII, 1 a 8, e ratificada pelos demais evangelistas.

Essa positiva sessão de Espiritismo, realizada por Jesus, com os três médiuns de materialização, comprova que Elias havia morrido, pois que se apresentou em espírito, causando medo aos três apóstolos que não conheciam o facto e não estavam familiarizados com a produção desses fenómenos naturais que eles temiam, não só por não comprenderem, mas também por os julgarem sobrenaturais. Hoje, porém, com o avanço dos conhecimentos, sabemos possíveis e absolutamente naturais tais factos

MÉDIUNS

por José Simões de Matos

Ser médium e receber mensagens dos espíritos é coisa fácil e ao alcance de qualquer pessoa. Só, que alguns dão para escrever, outros dão para falar. Uns dão para ver e outros emprestam fluidos para certos factos. Além disto, temos ainda a acrescentar que uns se sabem médiuns e outros não; por este motivo, uns são conscientes e outros inconscientes. Eu disse: ser médium dos espíritos é fácil, porque estes nos rodeiam por toda a parte e fazem parte de nossa vida, no que ela possa ter de belo ou defeituoso. Porque, para ser médium, não é preciso ser espirita nem cristão. A mediunidade é independente de todas estas coisas. Agora, o que não é fácil é ser médium espirita-cristão, trabalhar na corrente do Mestre com os seus Divinos Mensageiros. Para isso, é preciso renunciar a muitas coisas que parecem simples, mas que requerem muito amor à causa do Mestre, muita humanidade e desejo de servir, sem outras condições mais do que viver para outrem por amor à verdade. O princípio de cada médium é sempre de sacrifício, quando ele quer trabalhar na corrente do Mestre. Porque os espíritos que são cheios de vaidade precisam de viver na terra, visto aquelas vaidades não darem prazer no mundo espiritual — não há público para as fazer valer. *Então apegam-se aos encarnados (médiuns) para serem como eles são. Em geral, tais espíritos são inteligentes, embora sofredores, e, como tal, sabem convencer os médiuns para que estes os julguem mais sábios do que realmente são. E os médiuns que são espíritos em prova no limiar de uma vida missionária, deixam-se levar por eles, porque também sofrem espiritualmente do mesmo mal, — proveniente de iguais fraquezas. Tais médiuns só poderão livrar-se destes espíritos, deixando de trabalhar em casa particularmente, mas assistindo a sessões, recebendo passes numa boa corrente espiritual e desenvolvendo sua mediunidade sob o controlo de Directores firmes e esclarecidos. De contrário, serão vítimas de tristes obsessões, sem reconhecerem o seu verdadeiro estado; porque, devido à actuação, estão sempre prevenidos contra tudo e contra todos que os observem neste particular de sua mediunidade. Convém recordar-lhes a leitura do* Livro dos Médiuns, *especialmente o capítulo SUBJUGAÇÃO E FASCINAÇÃO, isto é, o capítulo que trata de enfermidades de alma provenientes de tais fraquezas. O médium precisa de reagir para se libertar de tais correntes espirituais. E o remédio requer dieta mediúnica e relativa renuncia a determinadas satisfações que só servem para conduzir o espírito a maiores sofrimentos.*

(Porto Alegre, Brasil)

Toda a criança é, até certo ponto, um génio, e todo o génio é, até certo ponto, uma criança.

Schopenhauer

DAS ORIGENS

O Problema das Espécies

Por **Ramos Pereira**

Como teriam surgido as espécies? Eis o segundo problema biológico da filosofia científica.

O fixismo que fez época é hoje geralmente banido pelo mundo científico pela sua inadaptação à realidade da observação.

A anatomia comparada estabeleceu um parentesco morfológico inegável entre as formas animais e aquela barreira entre a célula vegetal e a célula animal foi destruida (1). Por outro lado, a paleontologia marcou o aparecimento progressivo das espécies animais, algumas das quais definindo tipos de transição entre espécies hoje distintas (ou aparentemente distintas). O argumento embriológico é decisivo contra o fixismo, pois mostra um processo de desenvolvimento seguindo sempre um crescendo de complexidade (v. Lei de Fritz Müller, ou lei biogenética fundamental — a ontogenia do ser é a recapitulação da sua filogenia).

Mas algumas fortes objecções se opõem ao transformismo: — permanência de certas formas através de dilatados períodos geológicos; uma diferenciação nítida de tipos já nos tempos recuados do primário; a infecundidade das uniões entre espécies diferentes (2). Esta última considerada intransponível, não tem, contudo, a aplicação geral absoluta que lhe procurou imprimir Flourens. Há excepções; há híbridos indefinidamente fecundos como os leporídeos; há híbridos de espécies próximas e até diferentes; há raças da mesma espécie interestéreis.

O grande erro do transformismo do séc. XIX foi querer interpretar a evolução das espécies em função estreita de determinados factores, pecando assim por um critério absoluto insustentável (3). «A espontaneidade da vida é pois o princípio directivo e a característica essencial que, tanto a respeito do organismo individual como da evolução das espécies, se destaca hoje cada vez mais, de novo, na crítica do darwinismo e dos seus conceitos fundamentais. Às simples relações de «reacção e estímulo» e de «adaptação ao meio» opõe, por exemplo, a doutrina de Uexküll sobre os «ambientes» dos animais o seguinte fecundo pensamento: é o próprio organismo quem talha para si, do meio em que vive, o seu próprio «ambiente» (como um todo articulado) e constroi para si, em harmonia com as suas particulares características, o seu próprio pequeno mundo e o espaço, em que há-de viver». (v. Il. Ibinsoeth in «Filosofia no Século XX, pág. 71).

Mas não interpretemos também tal pensamento em sentido absoluto porque iriamos cair, sem dúvida, na insustentável posição do animismo tomista. O que ele realmente nos diz é que o animal não é um simples produto do meio, um joguete inteiramente passivo nas mãos poderosas de factores naturais; e que há nele uma potencialidade de reacção revelada na busca, no talhar de um ambiente próprio a dentro do ambiente que naturalmente se lhe oferece.

Este neo-vitalismo interpreta, pois, o transformismo em sentido relativista; isto é, não negando a realidade evolucionista e a existência de factores naturais influentes na evolução das espécies, considera-os ineficientes só por si para uma integral explicação do complexidade evolucionista.

Formulemos em conjunto os principais teoremas transformistas, ressalvados pelo que atrás dissemos:

I — No ser que não atingiu desenvolvi- órgão fortifica-o; desuso atrofia-o e marca uma tendência para o seu desaparecimento. (V. Lamarck in «Philosophie Zoologique», p. 235).

II — O que a natureza fez adquirir, transmite-se por hereditariedade em gerações sucessivas (idem).

III — Variações de natureza físico-química produzidas directamente pelo meio (fisiogénese), embora comuns a todos os seres vivos, predominam nas plantas; variações derivadas de movimentos orgânicos em reacção às solicitações externas (cinetogénese) são frequentes nos animais (v. E. D. Cope in «The Primary Factores of Organic Evolution»); toda a variação ontogenética é função do modo de movimento das moléculas do protoplasma (batnismo).

IV — É a selecção natural dos seres através das idades geológicas a causa da evolução das espécies (ch. Darwin in «Origin of Species).

V — Mas além da selecção entre os indivíduos (de Russel Wallace e Darwin) da selecção histonal de Roux, há a selecção germinal de Weissmann.

VI — Sem obstáculos que isolem as espécies em transformação, esta é impossível: — segregação geográfica de Moritz Wagner; segregação fisiológica de Romanes; segregação de Gullick.

VII — As variações não são lentas e contínuas mas discontínuas e bruscas (De Vries).

(Para maior desenvolvimento, veja-se Delage e Goldsmith in «Les Théories de l'Évolution»).

A espécie humana não pode nem deve ser en-

(1) — O «chilomaras parameciun», um protozoário flagelado, ora reage como animal ora como planta conforme varia o meio onde se encontra. Essa misteriosa gotícula de matéria viva é capaz de produzir amido e gorduras sem clorofila, em plena escuridão, o que era considerado impossível, antes da sua descoberta.

(2) — Os seres interfecundos são da mesma espécie; os interestéreis, de espécies diferentes — Lei de Flourens.

(3) — V. crítica feita por Geley ao transformismo in «Del Inconsciente al Consciente», trad. argentina.

LIVROS NOVOS

Acabam de chegar ao nosso depósito os seguintes livros:

Corpo e Espírito, pelo Dr. Carlos Imbassahy — Brochado, 22$00 — Encad. ... 30$00

Mediunidade, pelo Comandante Edgar Armond—Br. 24$00

Cartas do Evangelho, versos formosíssimos, pelo Espírito de Casimiro Cunha — Brochado ..... 24$00

Na Seara do Mestre, por Vinicius — Brochado ... 24$00

Coisas do Outro Mundo (O Homem que foi operado por um Espírito) — Br. 15$00

Colectânea do Além, prosa e verso recebido por Francisco Cândido Xavier — Brochado, 12$00 — Enc. 20$00

Magnetismo Pessoal, por Heitor Durville. 9.ª edição — Brochado ..... 22$00

A Alma e o Subconsciente, pelo Dr. Alberto Seabra, *2.ª edição* — Encadernado 22$00

Bhagavad Gitâ (a sublime canção da imortalidade), *4.ª edição* — Brochado ... 22$00

Cabala (a tradição esotérica do Ocidente), *4.ª edição* — Brochado ..... 18$00

A Força do Pensamento, por W. W. Atkinson. *6.ª edição* — Brochado ..... 18$00

Grafologia, 6.ª edição. Método de conhecer o carácter dos indivíduos pela sua escrita — Brochado 40$00

O Homem e os Seus Corpos — Brochado ..... 16$00

A Iniciação de Jesus, pelo Dr. Swinburne Clymer — Brochado ..... 8$00

A Nova Psicologia, por W. W. Atkinson — Brochado 16$00

O Poder da Fé, por W. W. Atkinson — Brochado ... 22$00

A Sugestão e a Auto-Sugestão, por W. W. Atkinson — Brochado ..... 18$00

O Tesouro dos Humildes, por Maurice Maeterlinck — Brochado ..... 30$00

Os Meios Físicos e Naturais na Profilaxia e Cura, pelo Dr. Fred Wachsmann — Um belo tratado sobre a cura das doenças através dos agentes naturais ..... 25$00

Memórias do Padre Germano, por Amália Domingo Soler — Obra sã, verdadeiro breviário de ascensão espiritual destinado aos que desejam preparar-se para a grande viagem — Br., 37$00 — Encad. 45$00

Do Calvário ao Infinito, pelo Espírito de Vítor Hugo — Um maravilhoso romance mediúnico onde se nota a profundidade do pensamento de um grande poeta e grande escritor — Br., 42$00 — Encad. 50$00

As Heroínas de Hydesville, por Alfredo Miguel — A história atribulada das Irmãs Fox, que revelaram ao mundo os primeiros fenómenos do Espiritismo —Brochado ..... 15$00

---

carada fora desta linha filogenética. A sua origem prende-se necessàriamente à origem das espécies menos diferenciadas. O criacionismo clássico é insustentável a não ser que se feche diliberadamente os olhos aos poderosos argumentos transformistas e neo-vitalistas.

Somàticamente, o homem é parente próximo dos símios superiores; psiquicamente, é-lhes extraordinàriamente superior.

Mas por isto iremos negar a verdade daquilo ?

Não vemos como esse argumento psicológico poderá destruir o argumento fisiológico; ambos são encaráveis dentro da mesma linha evolutiva. A organogénese e a psicogénese são meros aspectos da mesma planimetria geral. O erro está em querer estabelecer psìquicamente uma diferenciação absoluta entre o homem e o animal e dele concluir uma diferenciação necessária de origens.

A espécie «homo sapiens» (donde provieram todas as raças actuais) apareceu no início da era quaternária e foi reconhecida por esqueletos revelando caracteres anatómicos definidos e até já diferenciados (tipos de Grimaldi, de Cro-Magnon, etc.). Esse homem primitivo mostrava-se já senhor duma cultura, duma indústria rudimentar (v. Gordon Child in «O homem faz-se a si próprio»; Hoernes in «Pre-história»).

Mas isto em nada invalida, antes apoia, a hipótese da existência, duma espécie humana no terciário, próxima dos símios superiores. Grandes continentes desaparecidos com o quaternário (Atlântida e Lemúria, por ex.º) não podem hoje ser investigados; se o fossem talvez viessem esclarecer o problema.

Alguns cientistas proclamaram o «antropopithecus erectus» de Java como um tipo antecessor imediato do homem paleolítico. Em 1925, R. Dart encontrava numa pedreira, na África do Sul, um crânio primitivo, de capacidade inferior à do homem de Java, com características simiescas mas de dentição já humana («australopithecus». Em 1936, Robert Boom, procurando confirmar Dart, descobria um crânio mais recente que aquele, mas cuja capacidade era ainda inferior; crânio muito semelhante ao dum gorila mas possuindo também uma dentição humana. («Plesianthropus transvaaliensis»). Constituirão estes novos tipos os antepassados directos do homem ? Negar ou afirmar é fácil, mas provar... é realmente impossível. Não é prova o aparente fixismo dos símios actuais, porque como fixas nos surgem na sua maioria todas as espécies existentes e, no entanto, o fixismo já pertence a um passado de saudosa memória...

LEITORES, ESCUTEM:

Estudos Psíquicos *encontra-se novamente em situação difícil. As novas disposições emanadas do Ministério da Economia elevaram em muito o preço do papel, dificultando a economia das pequenas empresas que não têm recursos para enfrentar o problema. Qualquer publicação, que até Outubro do ano passado disfrutava privilégios no tocante à fabricação de papel para seu uso próprio, vê hoje dificultada essa transacção, sendo obrigada a adquirir 20 toneladas pagas adiantadamente nos escritórios da fábrica.*

Com o presente número, esgotámos o papel que tínhamos armazenado. O número de Maio não sabemos quando sairá, nem em que papel será impresso. Não sabemos, até, se terá de sair com agravamento de assinatura.

As revistas portuguesas aumentaram o preço. As estrangeiras — sobretudo brasileiras e argentinas — chegaram quase a duplicar o custo.

E nós? Que havemos de fazer?...

Antes de qualquer resolução, vamos tentar uma CAMPANHA DE ASSINATURAS, em Portugal e no Brasil. Pedimos a todos os leitores e amigos espalhados pelos territórios das duas pátrias irmãs, que nos angariem assinaturas. Só com uma campanha deste género poderemos sair da dificuldade.

Quererão os espiritas auxiliar-nos? Se houver um pouco de boa vontade, será fácil resolver o problema. O nosso amigo José Simões de Matos, representante geral da revista no Rio Grande do Sul, já deu o exemplo com uma grande lista de assinantes. É preciso que todos trabalhem no mesmo sentido, porque Estudos Psíquicos *pertence à* Causa Espirita *e todos devemos difundi-la.*

Espiritas de todas as latitudes: Trazei-nos um novo assinante! Mas enviai-nos a respectiva importância. Os do Brasil, enviem-na a Henrique Magalhães, Avenida Passos, 30, 1.°, Rio de Janeiro.

Esta campanha tem dois fins imediatos. 1.° Reforçar a situação de Estudos Psiquicos, *permitindo que se publique sem aumento de preço, pelo menos durante algum tempo. 2.° Torná-la conhecida de maior número de elementos.*

Campanha de Assinaturas

Há muitos espiritas desinteressados da Causa e é preciso que a auxiliem com a sua presença, sobretudo nas horas amargas e difíceis. Não bastam gestos de cabeça em sinal de assentimento e dizer-se que se leu esta revista em casa de fulano e cicrano e que o seu conteúdo é óptimo como propaganda. Isto não dignifica o adepto que finge dedicação, mas não contribui com um ceitil para a obra comum. Se houvesse bom senso e espírito de sacrifício, o Espiritismo português teria muitos orgãos de difusão.

O que vos damos é soma de muito esforço conjugado. Não se improvisa em pouco tempo. Por isso, é necessário que os leitores tomem parte na obra, que é de todos, sem distinção de classes e que a fortaleçam com a sua dedicação e o seu entusiasmo.

O montante da assinatura que deve acompanhar as listas pode ser enviado em cheque, vale de correio ou estampilhas postais, a Isidoro Duarte Santos, Rua do Salitre, 149, 1.° — Lisboa.

Irmãos e amigos! Auxiliai-nos nesta CAMPANHA DE ASSINATURAS para que a nossa revista continui a singrar como até aqui!

N.º 26
ABRIL
1949

Página Dirigida por KYLAS

Muito bons dias!

Ainda vos não falei do novo aspecto da Página. Que tal vos parece? Dizei, francamente: Não parece mais ampla?

Quem varia não aborrece e nós queremos ver-vos sempre satisfeitos.

A simpatia de sempre da irmã mais velha

KYLAS

MEDITAÇÃO

Com ledo rosto e coração festivo,
seguindo o atalho do regato à beira,
entro às vezes na selva que peneira
orvalho e sol, como um dourado crivo.

Fronte ensombrada, aspecto pensativo
de árvores mil, abóbada altaneira
de entrançados festões — estranho e vivo
templo, arcadas de lúcida madeira;

pássaros, flores, pétalas ungidas
de orvalho, errantes plumas coloridas,
rios, penhascos, sol esplendoroso,

claros do céu radiando em flórido prisma...
Tudo, ajoelhado e trémulo, me abisma,
cego de assombro e extático de gozo.

Alberto de Oliveira

(Brasileiro)

O Califa e o Tecelão

O palácio do Califa Almamon era, de facto, maravilhoso.

Filho de Harun-al-Rachid, autor das célebres «Mil e Uma Noites», via naquela obra, toda alabastro, ouro e jade, flor entre o perfume das flores e a harmonia das fontes, a realização das belezas dos contos de seu pai.

Contrastando com tanta magnificência, mesmo em frente da porta principal, havia uma casinhota, meio arruinada, que era o refúgio dum pobre tecelão que passava os dias a trabalhar.

O visir, contrariado por aquela afronta aos paços do seu senhor, aconselhou o monarca a que mandasse imediatamente abatê-la.

— Não; é melhor comprá-la.

Em obediência ao califa levam ouro ao velhote.

— Não, não quero dinheiro, pois me basta a minha loja. Não vendo a minha casa onde morreram meus pais, onde nasci e quero morrer. Pode o califa mandar deitá-la abaixo, mas eu virei todas as manhãs chorar a minha miséria sobre a última pedra.

O visir, admirado por tanta ousadia, procura convencer o monarca por todos os processos.

Uns escassos segundos. O califa reflecte.

— Não... essa cabana será reparada à minha custa.

Quando os vindouros olharem para o palácio dirão: «Ele foi grande». Quando repararem na cabana, murmurarão: «Ele foi justo».

(Adaptação duma fábua de **Florian**)

★

Meia volta à direita!

O sargento instrutor, para o pelotão:

— Meia volta, volver!

Um dos recrutas dá meia volta à direita, quando devia ser à esquerda.

O sargento:

— Então, com tanto tempo de instrução, ainda se engana?

— Eu sei, meu sargento.

— Se sabe, porque voltou à direita?

— Porque calcei as botas trocadas.

O BANQUETE

... ...

Ao som festivo da música, abriu-se o sumptuoso banquete: os pratos fumegavam nas mesas magnificas.

Os convivas quedaram-se um momento admirados ante o esplendor que se lhes deparava. Não sabiam onde podia o arruinado Timon ir buscar o dinheiro para festim tão dispendioso: havia quem duvidasse da realidade da cena, mal podendo confiar em seus olhos. Neste comenos, a um sinal dado, foram os pratos descobertos, e surgiu a surpresa de Timon, objectivo único do banquete: em lugar de esperadas iguarias finas e raras, aparecia agora nos pratos um cozinhado mais adequado à sua pobreza, apenas isto: fumo e água morna.

Não havia, de certo, iguaria mais apropriada para esses fingidos amigos, convivas certos dos dias prósperos, cujos protestos de amizade eram, efectivamente, fumo, e cujos corações eram mornos e fugazes como a água com que Timon saudava os seus hóspedes pasmados, bradando-lhes:

— Destapai, cães, e lambei!.

E, antes de eles se recobrarem da sua surpresa, atirando-lhes a água à cara, para eles se fartarem, arremessando-lhes os pratos e tudo, acossando-os pela porta fora, de tropel, numa confusão varrida, damas e cavalheiros, com os chapéus e os agasalhos apanhados atoa, Timon, exclama:

— Hipócritas, parasitas sorridentes, feras vorazes sob a máscara da cortezia, lobos afáveis, ursos carinhosos, vampiros, amigos da opulência e dos festins dos outros!

Os convivas abandonaram a casa com mais vontade do que nela entraram, uns perdendo, com a pressa, capas e chapéus, outros jóias de preço, todos eles contentes por fugirem à furia de tal doido e à troça ridícula do seu banquete.

Foi esta a derradeira festa que Timon ofereceu; com ela se despediu de Atenas e do convivio dos homens.

(Contos de Shakespeare)

AS VONTADES

por ASTREIA

Não há nada mais prejudicial para a formação moral duma criança, como certas vontades, mormente quando elas são em excesso.

Todas as crianças em geral acham que se lhes devem fazer todas as vontades. Mas devem compreender que nem sempre é possível satisfazê-las. Quando a mãezinha ou as pessoas com as quais convivem não lhes satisfazem todos os caprichos, ficam amuadas, choram e batem pé.

Como ficam feias e ridículas as crianças que assim procedem!

É preciso que saibam que, se as vontades não correm ao sabor de vossos caprichos infantis, é porque podem resultar em vosso prejuizo.

Há muita criança aleijada, cega, com grandes deformidades físicas, devido ao excesso de vontades.

Quando desejarem realizar uma determinada vontade ou brincadeira com a qual pretendem entreter-se e a mãezinha disser: «Não pode!», não devem fazer manha nem chorar, mas sim indagar de sua mãe por que não se pode fazer o que tanto desejam.

BAZAR D

— Se a teu pai apodrecerem 20 ovos, dos 150 que tem à venda, quantos ficam?

— Não fica nenhum, porque ele vende-os todos!»

— Porque razão cantam os galos com os olhos fechados?

— Porque sabem a música de cór.

Diga muito depressa:

Burra torta, trota, trota,
Trota, trota a burra torta.
Trinca a murta e a murta brota,
Brota a murta ao pé da porta.

SÚPLICA

Anjo dos bons e Mãe dos pecadores,
Enquanto ruge o mal, senhora, enquanto
Reina a sombra da angústia, abre o teu manto,
Que agasalha e consola as nossas dores.

Nos caminhos do mundo, há treva e pranto
No infortúnio dos homens sofredores,
Volve à Terra ferida de amargores
O teu olhar imaculado e santo!

Ó Rainha dos Anjos, meiga e pura,
Estende tuas mãos à desventura
E ajuda-nos, ainda, Mãe piedosa!

Conduze-nos às bençoes do teu porto
E salva o mundo em guerra e desconforto,
Clareando-lhe a noite tormentosa...

Bittencourt Sampaio

VOCÊS sabem, queridos petizes, que ser orfão é uma das maiores provas do espírito. E sabem porque existem órfãos na terra? Pois bem, vou contar-vos uma história, como as

A ORFÃZINH

demais que vos tenho contado, e logo compreendereis.

— Certa menina tivera por pais, criaturas boas e cumpridoras de seus deveres, nunca lhe faltando afecto nem conforto. Ela foi crescendo com tendências diferentes: eles eram humildes e simples; ela, vaidosa e arrogante. Quando ficou moça, considerava-se superior, desrespeitava os velhos pais que, acabrunhados, sofriam, vendo-a trilhar o mau caminho. E o tempo prosseguia, até que a morte os foi ceifando a todos. Parece que a história ter-

Ela lhes explicará carinhosamente e de forma clara o motivo da recusa, de modo que vocês se convençam de que ela não deseja contrariá-los por um simples capricho, mas para evitar consequências desagradáveis para o futuro.

Assim esclarecidos, devem procurar outro entretenimento que seja útil ou, pelo menos, que se distraiam sem causar prejuízo.

As crianças boas e inteligentes é assim que devem proceder.

E procedendo assim, serão queridas e estimadas de todos.

Lembrai-vos sempre de que vontades contrariadas são vidas adiantadas.

Rio de Janeiro, 18-3-949

O RISO

O petiz — **O sr. professor disse hoje na aula que deviamos trabalhar para ajudar o próximo.**

O pai — **Pois claro !**

O petiz — **E que faz o próximo, enquanto a gente trabalha ?**

A mãe — **Ai, doutor ! Apanhámos um susto !... Julgámos, que o Zézinho tivesse engulido cinco escudos !**

O médico — **E a final ?**

A mãe — **Oh ! Enguliu apenas cinquenta centavos...**

O RECRUTA PANCRÁCIO

Um batalhão faz exercícios junto de um lago.

Quando ali chega, o recruta Pancrácio senta-se numa pedra, pega na baioneta e põe-se a fingir que pesca, dizendo:

— Pega, não pega. Pega, não pega...

O capitão olha para ele e chama-o:

— Pancrácio !

Nesta altura, Pancrácio olha para o capitão e continua a gritar:

— Pega, não pega. Pega, não pega...

O capitão chama depressa dois enfermeiros e diz-lhes :

— Levem este homem à enfermaria.

Quando o médico passa revista aos doentes, Pancrácio senta-se na cama, agarra na bainota que deixara sobre a mesa-de-cabeceira, e recomeça, fingindo que pesca:

— Pega, não pega... Pega, não pega...

O médico declara :

— Está doido varrido. Ponham-no fora !

Pancrácio é isento do serviço militar. Três dias depois de chegar à terra, manda um telegrama aos companheiros do batalhão:

— «Camaradas, sempre pegou !».

PROVÉRBIOS

Entre os servos de Jesus
Que sabem honrar seus brios,
Jamais há necessidade
De lisonjas e elogios.

★

O excesso de solidão,
Nas lutas da humanidade,
Pode ser muita virtude
Ou muita perversidade.

★

Não te esqueças que, entre os maus,
Enquanto há passas e figos,
Terás sempre em derrador,
Bons vinhos e bons amigos.

★

Enfrenta a luta sem medo...
Há muito pobre mortal
Que foge à fumaça negra
E cai no fogo infernal.

★

Aprende a ser venturoso
Com teus préstimos e dons.
Nem todos podem ser grandes
Mas todos podem ser bons.

CASIMIRO CUNHA
«Colectânea do Alem»

É mais vergonhoso desconfiar dos amigos que ser enganado.

Rousseau — «Emile»

---

minou... porque dizem: «Com a morte tudo acaba». Não é assim? Mas nós sabemos que não é bem isso. A vida continua... e se processam os vários capítulos como numa novela.

A

Conto de
IDALINDA A. MATOS

Na espiritualidade, reflectiu nos erros que praticara. Como todos nós temos uma partícula boa, ela sentiu, pela primeira vez, o arrependimento invadir-lhe a alma. O remorso de ter sido filha degenerada, fê-la sofrer profundamente.

Nesse instante solene, o seu guia espiritual aproximou-se e disse-lhe:

— Choras? Queres resgatar as dívidas que contraiste?

— Oh ! como estou triste e envergonhada do meu proceder!... Quero, sim, Senhor, quero reparar o meu grande erro...

—Voltarás novamente à Terra. Desta vez, porém, experimentarás quanto é penosa a orfandade para valorizares os pais que despresaste.

— Foi, recalcando o sofrimento moral, foi, revestindo-se de coragem, que voltou ao planeta térreo.

Quando aos sete anos de idade se encontrava num «Asilo de Menores Desamparados» mantido pelo governo, sem afecto, sem parentes e sem amigos, não se lembrava do passado!... Possivelmente, invejava as meninas bem vestidas e bem tratadas, porque tinham mãe.

Tende cautela, amiguinhos ! Amai e respeitai muito os vossos pais, pedi a Deus para que vô-los conserve até serdes adultos; mas, se a orfandade vos bater à porta, lembrai-vos de que existe um passado e nunca vos revolteis.

AS DUAS BILHAS

(Cada qual com seu igual)

Deste nosso provérbio, parece, foi tomada a doutrina do apólogo das duas bilhas: uma de barro, outra de cobre, levadas rio abaixo com a força da cheia. Rogou a de cobre à de barro que se chegasse a ela para que, juntas, resistissem melhor ao ímpeto das águas.

— Não me convém a vossa amizade e vizinhança—respondeu ela—; porque, ou suceda topar eu convosco ou vós comigo, sempre vós ficareis inteira e eu quebrada...

MANUEL BERNARDES
(Nova Floresta)

Os homens que trabalham vivem mais e são mais sãos.

Augusto de Benedetti

O Hóspede Simples

Por Làzinha de Caldas Brito

DEPOIS de alguns anos de ausência, ele encontrou o amigo dos tempos de solteiro e sabendo que este se achava de passagem no Rio apenas por um dia, fez questão de convidá-lo para fazer as refeições em sua casa. A mulher não se aborreceria, pois o amigo era o tipo desses homens simples, que não fazem cerimónia em parte alguma, que não são nada complicados, que não dão o menor trabalho. Sempre fôra criatura de hábitos simples e parecia que o correr dos tempos não o havia modificado. Aparecendo com o amigo em casa, foi logo explicando à mulher: — Com ele não há que fazer cerimónia. Tudo para ele está bom.

A mulher forçou um sorriso e dispôs-se a cumprir os deveres da hospitalidade, tanto quanto o permitem as contingências da vida moderna. O hóspede logo declarou: — A senhora não se incomode comigo. Sou o sujeito mais simples deste mundo. Gosto exactamente de tudo o que é simples. Nada de trabalho. Não sou homem de gostos complicados.

Logo à primeira refeição, o dono da casa fez abrir excelente garrafa de vinho. Ou preferiria ele um guaraná gelado? — Não! Nada disso! declarou o hóspede. Não se incomodem. Sou o tipo do homem de gostos simples, insistiu. Sou é mesmo da água. Não há nada como um delicioso copo de água!

A dona da casa sorriu amarelo, o marido idem. Infelizmente, água era justamente o que não havia. Eram forçados a oferecer qualquer outra bebida, pois a coisa mais difícil era exactamente a mais simples. Para lavar os pratos e panelas recorriam à água acumulada numa tina. O hóspede, que não queria incomodar, também sorriu amarelo e bebeu o vinho. Daí a pouco percebeu que a dona da casa dava ordens discretas à empregada e lá dentro abriam latas. Logo apareceu na mesa um prato de salsichas, com «petits-pois» em volta e palmito. — Pelo amor de Deus! Não se incomodem comigo! Não abram latas! Não sou dessas coisas! Gosto da comida muito simples! Para mim, um prato de carne, um picadinho simplesmente, e estou satisfeito!

Outro sorriso amarelo dos donos da casa. O amigo que desculpasse, mas exactamente carne é que não havia. Depois que o prefeito avisara ao povo que haveria carne em abundância todos os dias, era uma dificuldade para se obter carne no Rio.

Aflito, o hóspede experimentou mais um sorriso. Carne não fazia absolutamente falta! Para ele, não havia nada com um bom prato de arroz com feijão. Era um homem de hábitos muito simples... Mas justamente feijão não havia. Há muito que o feijão desaparecera do mercado, andava escondido esperando a alta do preço. Desanimado, o hóspede até já tinha medo de enunciar seus gostos. Viu aflito o dono da casa servindo caviar, sim! caviar, tiradinho da lata. Comeu de tudo o que havia de mais caro e bebeu vinhos finíssimos. Seu entusiasmo diminuiu e sua úlcera de estômago aumentou. Declarou-se muito satisfeito e, a instâncias do amigo, ficou para o lanche. Posta a mesa, viu doces de confeitaria arrumados nos pratos, biscoitos complicados, desses com estrelinhas de açucar cor de rosa em cima. Insistiu em que, pelo amor de Deus! não lhe fizessem isso, para ele não havia nada como um bom pedaço de pão, pão simples... Mas pão era exactamente o que não havia. As padarias andavam fechadas, os padeiros brigando com a Prefeitura, por causa da farinha de trigo.

Com medo de incomodar ainda mais e dar aos amigos maiores despesas, o hóspede simples arranjou uma desculpa e não ficou para o jantar. Saiu gratíssimo, com o fígado em mísero estado e aflito por ter ocasionado tanto incómodo.—Absolutamente! ficaram dizendo os donos da casa, com sorrisos...

Assim que ele saiu, a mulher virou-se para o marido e disse, aborrecida:

— Pelo amor de Deus, nunca mais me traga para comer na nossa casa um sujeito simples como esse! Na próxima vez, veja se me arranja um hóspede de gostos bem complicados, sim?

Rio de Janeiro

DOR BENDITA

por Maria Carmo

Bendita seja a dor,
que traz ao coração
a Fé, a Esperança, o Amor
e a Eterna Consolação!

Bendita seja a Dor
que conduz os aflitos,
sacrificados, proscritos,
à morada do Senhor!...

Bendita seja a dor,
fonte de luz e alegria,
para quem, na paz do Senhor,
sofre e luta dia a dia!...

★

O CORPO

A PENICILINA

A penicilina foi descoberta por Alexander Fleming, em 1929.

Quando um dia este cientista estava em estudo, verificou que uma cultura de micróbios, que produzem o pús, tinha deixado de desenvolver-se por causa de um certo fungo. Esse fungo é chamado «Penicillium Notatum».

A penicilina é aplicada no combate a doenças infecciosas: meningites, doenças de pele, pneumonias, sífilis, difteria, etc. Usa-se igualmente contra carbúnculos, furúnculos, todas as feridas graves que provocam a septicémia que, como sabem, é infecção no sangue.

É injectada numa proporção de uma parte de penicilina para grande quantidade de água destilada, ou então soro fisiológico, em injecções intramusculares ou intravenosas.

Como todas as coisas da vida, tem o seu contra. Favorece a peste, a tuberculose, o tifo e a cólera.

Nada de abusar da penicilina, hein ?...

★

LÓGICA INFANTIL

O filho: *Mãezinha, é verdade que Deus vê tudo que fazemos, lá do céu?*

A mãe: *Sim, meu filho.*

O filho: *Mesmo quando o céu está nublado?*

Caravana da Fraternidade

A Federação Espirita do Rio Grande do Sul, dando cumprimento à sua missão de esclarecer e orientar os seus filiados, organizou uma importante comissão denominada CARAVANA DA FRATERNIDADE, com o objectivo de levar a todos eles uma fraterna mensagem de Paz e Amor, unificando, deste modo, tanto quanto possível, a família espirita do Rio Grande do Sul e consequentemente a família espirita brasileira. A caravana, que prossegue na sua tarefa, tem como comissão directora, os Srs. Francisco Spinelli, vice-presidente da Federação Espirita do Rio Grande do Sul; Ten. Coronel Rodolfo Lemos de Melo, professor da Escola Preparatória de Porto Alegre e Secretário Geral da Federação Espirita do Rio Grande do Sul; José Simões de Matos, membro do Conselho Deliberativo da mesma Federação e Presidente reeleito pela 4.ª vez da Sociedade Espirita Paz e Amor, uma das filiadas que mais de perto colaboram com a Federação, em prol da causa espirita cristã. Além desta comissão, integram a referida Caravana representantes de várias Sociedades filiadas, inclusivé vários elementos componentes da Juventude e União da Mocidade de Porto Alegre.

Na sua viagem através do grande Estado sulino, já foram visitados os maiores núcleos sediados nas principais cidades, tendo todos eles recebido carinhosamente a referida Caravana e feito o trabalho de unificação evangélica com muito bom êxito.

ESTUDOS PSIQUICOS, como sempre, acompanhando e colaborando na grande causa espirita cristã, por toda a parte foi deixando a sua sementeira. E já se acha tão integrada na alma espirita brasileira, que se tornou familiar à vida de quantos precisam, não só de boa leitura espirita, como também de variadas e escolhidas colaborações de toda a parte, trazendo sempre os leitores ao corrente da marcha da nossa doutrina em quase todos os continentes. A seguir damos uma amostra das palestras que o nosso representante teve ocasião de proferir nesta primeira viagem de 24 dias seguidos :

ESPIRITISMO TEÓRICO E PRÁTICO

Saudo-vos com vibrações de Paz e Amor, sob os auspícios da Federação Espirita do Rio Grande do Sul.

Meus Amigos: Quando falamos em Espiritismo, compreende-se que é a Doutrina coodificada por ALLAN KARDEC. Porque só depois dele se conhece esta Doutrina com tal designação, por ser obra dos espiritos. Qualquer outra doutrina conhecida teve por base um revelador; porém o Espiritismo foi revelado por muitos espiritos e a sua existência e evolução não depende de nenhum homem; os homens é que precisam dela para se esclarecerem e bem orientarem sua vida. Por esta razão, o Espirtiismo que a Federação expande e propaga, com seus filiados, tem a sua base nas obras fundamentais codificadas por Allan Kardec. Quem quiser saber ou criticar deverá ler essas obras. O Espiritismo é a mais alta revelação que aos homens foi dado receber na terra. É o Consolador prometido por Jesus no Evangelho. É a luz que espanca as trevas e restabelece a verdade sobre todas as coisas. Bendita doutrina que faz despontar em cada campa uma nova aurora, e em cada berço um novo dia. O Espiritismo como religião, ciência e filosofia, apenas demonstra partes de nossa doutrina. Porque, em si mesmo, é a luz que ilumina todas as religiões, todas as artes, ciências e filosofias. Teòricamente, faz do homem um seu justo admirador. Pràticamente, faz do mesmo homem um amigo e colaborador. A teoria nos leva à crença, a prática nos conduz à fé e ao amor. Feliz do homem que tenha tido a oportunidade de conhecê-lo.

Agora desejo falar-vos do espiritismo prático, em alguns de seus aspectos mais ao nosso alcance. Não raro aparecem irmãos doentes nas casas espiritas, procurando tratamento, tanto material, como espiritual. Os directores, pressentindo que tais enfermidades são mais da alma que do corpo, informam-se dos guias a respeito e na maior parte dos casos aconselham tratamento espiritual. Neste tratamento, além de receituário homeopático e de passes, consta, por vezes, a necessidade de desenvolver a mediunidade. Em tais casos, para boa ordem do tratamento e da causa que o aconselha, deverá esclarecer-se o paciente de que o receituário e o passe, sem fé, pouco adiantam, e o desenvolvimento mediúnico não quer dizer sentar-se à roda de uma mesa de trabalhos práticos para receber mensagens. Estes pacientes, na sua maioria, são médiuns mais ou menos desenvolvidos, mas ainda em sofrimento por falta de esclarecimentos e de reajustamento às leis espirituais que nos regem e que eles necessitam de conhecer e sentir, para que se possam reformar em suas ideias, de modo a aproximarem-se mais do Evangelho e restabelecer o equilíbrio em sua vida e tornarem-se mais felizes e justos.

A cura de tais pacientes requer boa vontade por parte destes e daqueles que os cercam, fazendo tudo o que puderem em favor de sua melhora espiritual, procurando cada qual reformar os seus maus hábitos e ímpetos menos cristãos, que são a causa de atrair e conservar os espiritos sofredores endurecidos e vingativos. Pois cada qual, segundo os seus pensamentos e propósitos atraem para as suas relações, tanto na vida material como espiritual, espíritos ou pessoas da mesma classe. Por esta razão, cada um tem relações de amigos ou inimigos que merece. Quem pensa bem e deseja bem, não pode ter em sua intimidade espíritos ou

APÓLOGO

O Homem e a Felicidade

por MALBA TAHAN

DOIS amigos, Mussa e Nagib, viajavam pelas extensas estradas que circulam as tristes e sombrias montanhas da Pérsia. Ambos se faziam acompanhar de seus ajudantes, servos e caravaneiros.

Chegaram, certa manhã, às margens de um grande rio barrento e impetuoso, em cujo seio a morte espreitava os mais afoitos e temerários.

Era preciso transpor a corrente ameaçadora.

Ao saltar, porém, a uma pedra, o jovem Mussa foi infeliz. Falseando-lhe o pé, precipitou-se no torvelinho espumejante das águas em revolta.

Teria ali perecido, arrastado para o abismo se não fôsse Nagib.

Este, sem um instante de hesitação, atirou-se à correnteza e lutando furiosamente, conseguiu trazer a salvo o companheiro de jornada.

Que fez Mussa ?

Chamou, no mesmo instante, os seus mais hábeis servos, ordenou-lhes gravassem na face mais lisa de uma grande pedra, que perto se erguia, esta legenda admirável :

«Viadante ! Neste lugar, durante uma jornada, Nagib salvou heroicamente o seu amigo Mussa».

Isto feito, prosseguiram, com suas caravanas, pelos intérminos caminhos de Allah.

Alguns meses depois, de regresso às suas terras, novamente se viram forçados a atravessar o mesmo rio, naquele mesmo lugar perigoso e trágico.

E, como se sentissem fatigados, resolveram repousar algumas horas à sombra acolhedora do lageado que ostentava bem no alto a honrosa inscrição.

Sentados, pois, na areia clara, puseram-se a conversar.

Eis que, por um motivo fútil, surge, de repente, grave desavença entre os dois companheiros.

Discordaram. Discutiram. Nagib, exaltado, num ímpeto de cólera, esbofeteou, brutalmente, o amigo.

Que fez Mussa ? que farias tu em seu lugar ?

Mussa não revidou a ofensa. Ergueu-se e, tomando tranquilo o seu bastão, escreveu na areia clara, ao pé do negro rochedo:

«Viandante! Neste lugar, durante uma jornada, Nagib por um motivo fútil, injuriou, gravemente o seu amigo Mussa».

Surpreendido com o estranho proceder, um dos ajudantes de Mussa observou respeitoso:

— Senhor ! Da primeira vez, para exaltar a abnegação de Nagib, mandaste gravar, para sempre, na pedra, o feito heroico. E agora, que ele acaba de ofender-vos tão gravemente, vós vos limitais a escrever, na areia incerta, o acto de covardia ! A primeira legenda, ó cheique ! ficará para sempre. Todos os que transitem por este sítio dela terão notícia. Esta outra, porém, riscada no tapete de areia, antes do cair da tarde terá desaparecido, como um traço de espumas entre as ondas buliçosas do mar.

Respondeu Mussa:

— É que o benefício que recebi de Nagib permanecerá, para sempre, em meu coração. Mas a injúria, essa negra injúria... escrevo-a na areia como um voto, para que, se depressa daqui se apagar e desaparecer, mais depressa, ainda, desapareça e se apague de minha lembrança !

— Assim é, meu amigo ! Aprende a gravar, na pedra, os favores que receberes, os benefícios que te fizerem, as palavras de carinho, simpatia e estímulo que ouvires.

Aprende, porém, a escrever, na areia, as injúrias, as ingratidões, as perfídias e as ironias que te ferirem pela estrada da vida.

Aprende a gravar, assim, na pedra; aprende a escrever, assim, na areia... e serás feliz.

---

pessoas interessadas do mal. Precisamos de pensar no *bem*, crer no *bem*, para que o *bem* seja conosco. De contrário, teremos o que merecemos. Nenhum espírito pode entrar na aura de uma pessoa, sem que o seu modo de pensar e de ser, enfim, seja relativo ao do espírito actuante. Para que as coisas melhorem, é preciso que o encarnado se modifique para melhor, tanto quanto possivel. Cada qual colhe o fruto do que por suas obras semeou, *bem* ou *mal*. O tratamento espiritual deve entender-se, acima de tudo, necessidade de reforma de nosso «modus vivendi» moral e material. E o remédio está com Jesus, no seu Evangelho, que nos manda, não só evitar o mal, mas fazer todo o bem que estiver ao nosso alcance. É necessário, em primeiro lugar, arrepender-se de suas faltas, reconhendo que elas tanto nos prejudicam a nós próprios como ao nosso próximo. Em segundo lugar, fazer um propósito consigo mesmo de não prosseguir mais no erro, custe o que custar, pois somos livres de querer ou não uma coisa, embora não sejamos livres de suas consequências. E sem este propósito de nos emendarmos verdadeiramente, ninguém poderá curar ou desviar-nos de tal mal ou enfermidade. Em terceiro lugar, pedir auxílio espiritual para a realização de nosso bom propósito, pondo de nossa parte tudo o que pudermos em prol de seu bom êxito, no qual se deve ter fé e confiança. Doutro modo é viver na ilusão.

A doutrina espirita por si mesma, não cura, nem tira a prova do sofrimento de ninguém. Ela é Luz que conduz o espírito do paciente ao conhecimento da causa, do sofrimento.

Cada qual, trabalhando, faz juz a um salário que, de algum modo, nos será pago, certamente. O que se torna indispensável é fazer por merecer. Isto tanto se aplica, material, como espiritualmente. Precisamos de ter fé em Deus e confiança em nós mesmos. Porque o auxílio requer verdadeira união conosco mesmo e compreensão de que nem tudo está perdido; porque ainda somos filhos de DEUS.

Avante, pois, pela nossa unificação com DEUS e JESUS, pela grande causa do bem da humanidade.

José Simões de Matos

(Representante geral no Rio Grande do Sul)

A Missão de Jesus

Por Fernando da Cruz Ferreira

XXX

«...Quando for levantado da terra todas as coisas atrairei a mim...».

Estavam terminadas as pregações das tardes e das manhãs felizes do Jordão, do mar de Teberíades, de Cafarnaúm, dos arredores de Garizim e da Sinagoga, da Montanha e da planície.

As admiráveis lições do Templo e do Monte das Oliveiras, tinham também terminado, apagando-se com elas a Luz e o esplendor do dia. Chegára a noite.

Estava concluida a obra... A grande obra pela qual o Senhor atrairia a Si toda a humanidade pelos laços do Amor — (Oséas XI-2).

Que representava com efeito todo esse trabalho do Amor, senão Deus em busca da sua criatura, arrancando-a ao pecado, trazendo-a ao arrependimento, abrindo diante dela as portas do paraiso perdido, e, à medida que esta criatura reconquistada ouvia a sua voz, guiando-a por caminhos mais puros, por estradas mais belas, até às alturas onde o homem só vive para servir o Senhor.

Ainda ao entardecer da obra divina, muitos não amavam e muitos não compreendiam.

Depois de uma vida inteira passada entre os seus, de uma pregação incessante, de tantos milagres espalhados com a divina profusão das estrelas semeadas pelos Céus, o Filho de Deus ia-se embora solitário.

Mas onde as palavras e os prodígios, a doçura e a piedade não bastaram, restava ainda a promessa suprema de «quando fosse levantado da terra atrair todos a Si», *e chegamos justamente ao dia e hora do seu cumprimento.*

O dia? Não; não havia dia e, embora estivéssemos entre o meio dia e as três horas da tarde, tudo escurecera, ouvindo-se ao longe como que o rugir de uma trovoada que se aproximava. Os relâmpagos rasgavam a terra em todas as direcções, como ao aproximar de um cataclismo tremendo.

Jesus, crucificado entre dois ladrões, insultado pelos fariseus e mestres em Israel, cujo crime havia bem pouco tempo tinha denunciado, abandonado dos seus, oferecia ao Pai Celeste a redenção do mundo no seu próprio martírio.

Chamava todos os homens pela Sua Cruz mais emocionante, mais arrebatadora do que todas as palavras... e mais eficaz também.

O homem não vem para Deus se não ama: e como poderia ele amar sem crêr?

O que lhe propõem é assim tão fácil? Teremos razão de admirar-nos das suas dúvidas? Porventura, no ciclo dos mistérios que lhe propõem, haverá algum mais difícil de ser explicado e compreendido que o Amor de Deus?

Perante a Cruz, porém, tudo se esclarece. Por cada chaga, por cada gota de sangue, por cada minuto a mais, das voluntárias torturas, desvenda-se o mistério neste silêncio em que a dor atinge o supremo auge...

Tudo é por cada um e para cada um de nós!

«Pensei em ti na minha agonia: Certa gota do meu sangue derramei-a por ti», como expôs Pascal no seu livro «O Mistério de Jesus».

A Luz, que devia iluminar todo o homem que vem a este mundo, irradiava deste corpo crucificado, destes braços estendidos, desta cabeça coroada de espinhos... A pesar da escuridão, distinguia-se bem o corpo do Senhor. Dir-se-ia que Ele repelia as trevas que o rodeavam.

Penso que quem pintasse o Calvário tal como deveria ter sido, mergulhado no tétrico crepúsculo, sòmente iluminado pelo resplendor do Divino Mártir, teria compreendido o mistério.

João, o discípulo bem amado, tinha-o dito, e, de pé junto da Cruz do seu Mestre, via-o a esta hora: « A Luz resplandeceu nas trevas, mas as trevas não a compreenderam».

Os fariseus, os escribas, os sacerdotes amaldiçoavam, — não compreendiam.

Os soldados na sua indiferença, jogavam a túnica, tecida certamente pela Mãe dolorosa e nem sequer olhavam para a sua vítima. Também eles, de começo, não compreenderam.

Os discípulos dos dias felizes, ou não tinham vindo, ou tinham fugido. — Só alguns se agrupavam ao pés da Cruz.

— Sim, só alguns, mas a flor da humanidade: os mais fieis... os mais queridos: Primeiro que todos, Sua Mãe, aquela que,

LIVROS NOVOS

Acabam de chegar ao nosso depósito mais as seguintes obras da Livraria Editora O PENSAMENTO, de S. Paulo:

Alegria e Triunfo, por Lourenço Prado — Brochado, 22$00 — Encadernado ... 32$00

A Cultura da Coragem, por Prentice Mulford — Enc. 20$00

Conceito Rosacruz do Cosmos, por Max Heidel — 1.ª Edição brasileira em óptimo papel, com gráficos a cores — Brochado 70$00

Curso de Magnetismo Pessoal, por V. Turnbul — Brochado, 18$00 — Enc. 28$00

Cura Prática pela Água, por Yogi Ramacharaca—Brochado ..... 18$00

Dicionário de Ciências Ocultas — Brochado ..... 18$00

Ensaio Sobre a Evolução da Ideia, por F. Ch. Barlet — Brochado, ... 18$00

Fascinação Mental, por W. W. Atkinson — Br. 30$00 Encadernado ..... 40$00

A Felicidade pelo Pensamento, por Prentice Mulford — Broch., 16$00 — Enc. 26$00

A Força que Paralisa a Bala, por Pedro Costa — Brochado, 15$00 — Encad. 25$00

Hipnotismo, Colecção de Ciências Herméticas, 8.ª edição — Brochado ..... 40$00

Homeopatia Doméstica, por Francisco Valdemiro Lorenz — Brochado, 18$00— Encadernado ..... 28$00

A Lei do Mentalismo, por A. Vítor Segno—Brochado, 30$00 — Encadernado 40$00

Leis da Saúde e da Alimentação, por Prentice Mulford — Brochado, 12$00 — Encadernado ..... 22$00

Leitura Prática do Pensamento, por W. W. Atkinson — Brochado ..... 16$00

Magnetismo (processos rápidos e fáceis para a conquista da força magnética e domínio de todos os defeitos (8.ª edição) — Brochado ..... 40$00

Medicina Oculta, Colecção de Ciências Herméticas, 6.ª edição — Brochado ..... 40$00

O Poder do Desejo, por Atkinson e E. Beals — Brochado ..... 22$00

Projecção dos Eflúvios Vitais, por A. Lalia—Paternostro — Brochado, 18$00 Encadernado ..... 28$00

Radiopatia (método para a aplicação dos raios solares e irradiações humanas, no tratamento das doenças e rejuvenescimento do corpo (5.ª edição) — Brochado 40$00

Ziska (O Problema de Uma Alma Perversa), por Maria Corelli (romance reencarnacionista) — Brochado, 30$00 — Enc. ... 40$00

---

na serena pureza do alvorecer da vida, tinha respondido à vóz do anjo enviado por Deus e agora com as lágrimas da sua dor imensa como o mar, mais uma vez respondia unindo-se ao sacrifício de seu filho; João, o bem amado, o amigo eleito logo ao primeiro encontro, fiel até à agonia do Mestre; Madalena purificada e reconquistada ao pecado, derramando aos pés divinos, nesta hora mais do que nunca, as lágrimas do inefável arrependimento; ainda algumas mulheres que o seguiam e serviam; talvez lá de longe mais algum discípulo...

Mas a Luz resplandecia nas trevas do desamparo e do abandono, tornando-se, de momento para momento, mais emocionante.

Era da oblação do Cristo e da Sua oração que ela vinha — irradiava da sua Paz, da sua força nas torturas, das palavras que imploravam o perdão e abriam o Céu, do silêncio em que toda a palavra expira no extremo do sofrimento e do Amor...

E, pouco a pouco, os gritos de escárneo ou repassados de ódio iam-se calando; ouvia-se agora ùnicamente o gotejar do sangue... por vezes um soluço... um gemido abafado... algum suspiro...

Jesus salvou o mundo dando-lhe o exemplo e o atractivo do sacrifício heróico.

Fez nascer nas almas o desejo de se darem, de se ofrecerem, de morrerem pelos outros, sem procuraram outra recompensa que não seja a de se darem, de se oferecerem e de morrerem.

Foi isso que fez surgir os herois obscuros, os santos e os mártires.

FIM

O ATEU

POESIA

que

ISIDORO DUARTE SANTOS

escreveu

Um homem que, descrente, renegava
a vida espiritual, além da morte,
que ria e que mostrava
em tudo ser um sábio e ser um forte,
dizia à turba ignara
em palavrões sonoros, cara a cara:

— De que vale, meus amigos, uma crença
que roube a vida intensa
que devemos gozar, enquanto vivos ?
Rezar? Orar? A quem? Ao Criador
que, segundo dizeis, dá lenitivos
aos que fazem da vida um grande amor ?

— Parvos !... — dizia o ateu —
gritando ao povo mudo.
Gozai a vida assim, fazei como eu !
Na morte acaba tudo !...

O tempo foi passando e um certo dia,
o ateu refece, o pobre transviado
sentiu fugir, de súbito, a alegria
que iluminara todo o seu passado.

Ao ver cair num leito, agonizante,
o seu único filho,
chamou ali o homem toda a ciência,
ordenando com grande veemência
que dessem vida àquele tenro infante,
que dessem luz àquele olhar sem brilho.

— Pai — implorava o pobre doentinho —
quero viver... viver...
Paizinho ! Meu paizinho !...
Não me deixes morrer !...

O ímpio se aprumou de repelão;
ergueu os olhos para os seus doutores
e disse-lhes :
— Senhores,
não há remédio, então ?...

Mas a Ciência impotente
curvou-se resignada;
e a morte, que espreitava o inocente,
alçou por sobre o leito a mão gelada.

Vinha tombando o Outono.
E a pálida criança
vogando em ondas de infinita mágoa,
lábios sequiosos, olhos rasos de água,
na morte, enfim, descança,
em lânguido abandono...

O ateu chorou, como alma combalida.

O pregador de outrora,
tocado pela morte de um infante,
renasce para a vida,
iluminado por um sol distante,
por luz de nova aurora...
Não odeia, não brama
e não blasfema contra Deus e o mundo.
É outro homem: sente e vibra e ama...
e sua alma é de amor um mar sem fundo !...

Chorou aquele pai, humanamente,
sem forças, sem aprumo...
E o pregador que impara de vaidade,
encontrou, finalmente,
o seu perdido rumo.
E submisso e modesto e pequenino,
perambulava, então, pela cidade,
curvado humildemente ao seu destino !

— Amigos, escutai ! — dizia-o ateu,
olhos e mãos erguidos para o céu.
— É pelo amor que a culpa se redime !
Rezai e orai, ó meus irmãos na dor !
Rezai e orai ao Criador Sublime
da Lei do Amor !...

Mal se conhece
o ateu refece...
Esqueceu a vanglória do passado
e vive agora a vida, acalentado
por uma luz imensa:

A luz da sua crença !...

PIERINO GAMBA

Conversando com um maestro muito querido

Por F. NORONHA

TIVE a satisfação de receber, em minha casa, por ocasião do Natal, a visita do meu dilecto amigo Leonel Duarte Ferreira, antigo e dedicado discípulo do insigne maestro já falecido, Fão, apreciado componente da distinta banda da Guarda Nacional Republicana e também valioso executante da Emissora Nacional.

Aproveitando o ensejo da sua estimada presença, em semelhante momento de estadia, em Portugal metropolitano, do afamado mocinho italiano, de onze anos, que dirige orquestras com ciência e arte assombrosas, chamei a sua atenção para o caso, rogando-lhe emitisse o seu juizo autorizado e preclaro.

E, então, o querido maestro, que honra Almada pelo nascimento e residência, expandiu-se, larga e pormenorizadamente, acerca do efeito que lhe produziu a outiva e a visão do fenomenal artista da pátria italiana, classificando-o de extraordinário, fantástico, sob todos os aspectos.

Leonel Ferreira não perdeu, em sua referência minuciosa, ponto algum de análise, gesto algum expressivo, atitude e conjunto pessoal marcantes.

Tudo, no italiano se lhe oferecia cabido e comportável numa definição única: PRODIGIOSO.

De facto, em tal idade, perfeição absoluta em arte-ciência, que reclama preparação e estudo vocativos, com impossibilidade de aquisições proporcionadas a modalidade máxima, comprovada nele com exibição inexcedível, sair do berço para o público, dotado de tantíssima espontaneidade estupenda e arrebatadora, e, em certo modo, suplantar as leis naturais, reguladoras da vida fisiológica e psíquica e provocar o assomo, do vocábulo milagre, nos lábios da ignorância irreflectida e irresponsável, é anómalo, surpreendente!

Não dá saltos a Natureza nem há nada de novo debaixo do sol.

A observação do existente, a visita armada e desarmada, o cálculo de rigor matemático, levam à conclusão da obediência do Universo a leis inalteráveis, que os movimentos ordenados dos mundos na amplidão imensa confirmam com brilho eterno.

O anómalo patenteia-se; mas, não contradiz essas leis de supremacia inexcedível. Pelo contrário: é-lhes reforço vitorioso.

Como poderia ter acesso ao nosso conhecimento o normal, sem a anomalia?

Que medida de comparação restaria?

Que graus de diferenciação viáveis?

Os casos de precocidade peregrina verificam-se, embora sem frequência.

No entanto, se fosse prático o seu registo, em soma totalitária, através dos séculos, é indubitável que abrangeria milhares.

Quantas crianças falando línguas várias, ainda quase de peito, compondo música e executando-a, revelando aptidão de pintura, de escultura, de poesia, de botânica, etc. ?!

Eu quisera que a ciência materialista me desse uma demonstração suficiente deste fenómeno surpreendentíssimo, a que aliás fornece ou ministra uma explicação coadunável o Espiritismo.

Baseado em factos, e não em dogmas, o Espiritismo crê na imortalidade da alma e na reencarnação dela em corpos.

E, assim, abre-se à luz de raciocínio, não complicado, o fundamento básico do aparecimento do que chamamos vulgarmente meninos prodígios.

No genial italiano, que as multidões estão aclamando agora, esplende a alma de artista consumado, cujas faculdades animaram vidas anteriores.

A História apresenta-nos no quadro de civilizações extintas e mesmo no seio de povos coetâneos, inegáveis testemunhos de crença na reencarnação das almas.

A Grécia do Belo e das escolas de Filosofia, nos áureos séculos clássicos, e as regiões da aurora no Oriente famoso, falam-nos dessa crença em monumentos escritos e de outra ordem.

Tudo isto, será fumo sem fogo?

É lógico, é razoável que acreditemos no efeito sem causa?

E, porque não feneceu completamente, a

crença na aludida reencarnação, sem embargo de todos os progressos materiais realizados até hoje, da evolução pasmosa de todas as ciências e de todas as artes ?

Porque existem espiritistas no mundo ?

Para gáudio de trocistas, para empalmação de prestidigitadores, para atractivo de incautos ?

Haverá possibilidade sequer de conciliação destas finalidades supostas, por grosseiras e estúpidas, com intelectualidades autênticas de todas as categorias, que perfilham e proclamam a doutrina espirita ?

Milhões de seres humanos estarão inteiramente cegos na atmosfera de centros espiritas ?

É crível que assim seja ?!

Ou apenas vezânia e fantismo respondem por tão positiva realidade ?

Leitores benévolos, afigura-se-me que não são possíveis recursos de hermenêutica, susceptíveis de anular a essência de razões acumuladas no sentido da ideia espirita.

Ela conta com o broquel resistentissimo de vida experimental repetida, com a eloquência imediata de fenomenologia sem intermediarismo, com a austera seriedade inconcussa de individualidades limpas de consciência e claras de intelectualidade, numa palavra, conta com o avesso à fraude e com a adesão à verdade.

Nestes precisos termos, nestes visos de pensamento e de acção, o que há ou o que sobressai de contraditório e censurável, de mesquinho, avaro e impuro ?

O erro é póprio da humanidade; mas, pelo facto de assim ocorrer não se segue que o contágio envolva, por força, todos os meios, avassale todos os indivíduos, inutilize todas as boas vontades.

O que se impõe ao espírito é, mais e mais, o ânimo de unidade, de conjugação, de diligência fraternal.

Os princípios fundamentais, o «em espirito e em verdade», que vivificam, em contraposição à letra que mata, importa que coexistam viventes no ânimo de unidade, de conjugação e de diligência fraternal de cada espirita, de cada centro, e que surjam no significado explícito de cada congresso, levado a efeito.

Presto-lhe culto, como a ideal sorridente e inefável.

Por esta forma de compreensão e de ingralidade o Espiritismo alcançará estrutura de elemento primacial solidário, e disporá, concomitantemente, de energia nobilitante de radiação fecunda, visto não se ocupar de política.

É mais elevada a meta de sua índole e carácter: o destino do homem no Além tumular, o seu aperfeiçoamento ético nesta provação efémera do planeta nosso cárcere, o contribuir quanto caiba em seu esforço voluntário para a paz dos povos e a harmonia social.

Oh ! quanto seria feliz a grei humana, se a Arte sublime por excelência, essa que o italiano-prodígio reune à sua volta, multiplicasse o entono empolgante, mundo em fora, fazendo ouvir o hino da Paz no coração dos povos e insuflando-lhes nas almas o «em espírito e em verdade», do grande iniciado da Palestina !

Aqui ponho ponto.

Acabo por onde comecei, isto é, citando o mocinho, que foi objecto da minha conversação com o maestro amigo e me pôs ao corrente do seu valor enorme, «prodigioso, fantástico» !

Alma de génio, reencarnada na Glória que perpetua num engenho precoce !

"PARA O ALTO"

por Leopoldo Machado

Contos espiritas modernos cheios de elevação e emoção, enfaixados num livro de óptimo papel e magnificamente apresentado. Leopoldo Machado é mestre no conto. Ensina deleitando e deleita ensinando. Um livro que faz vibrar a alma, digno de ser oferecido aos nossos amigos dilectos. Eis alguns capítulos :

Para o Alto — Extremos perigosos — Pastor de ovelhinhas mansas — Vamos apanhar o Sol — Tragédias da Vida — Existe o céu ? — Inferno teológico — Adeus, Satanás ! — O mais roubado — Quase uma página de Pöe — Se tiver sem culpa, chame-lhe ladrão ! — Através de uma desgraça — Quase um romance — Assassino e assassinos — O santo e o médium — Para cada culpa, um castigo — É dever de quem tem mais — Criminoso — Morreu, acabou... — Riqueza que vai. Riqueza que vem — O amigo das crianças — Os dois lutos — Milagre da reencarnação — Eu venho consolar você — Mamãe tá demorando... — O melhor presente de Natal — Que mentira, papai! — O nascimento na conversação das crianças — O mais pobrezinho — Seu filho morreu — O papão — Aviso de fantasma.

BROCHADO — 20$00

Psicologia Supra Normal

COMO os leitores ainda certamente se recordam, escrevi há dois meses um artigo sobre o maestro de 11 anos que assombrou Lisboa — Pierino Gamba; fiz então uma análise crítica das diversas teorias «científicas» que se propõem explicar este caso, deduzindo que só a teoria que admite a existência dum invólucro carnal — perispírito, corpo astral, etc. — na qual se vão acumulando todas as experiências realizadas nesta e noutras vidas, pode explicar satisfatóriamente o problema dos meninos-prodígios.

Hoje, trago ao conhecimento dos leitores outro caso de psicologia supranormal, este não se manifestando numa criança, como o anterior, mas num homem, residente em terras brasileiras.

Chama-se João Rodrigues Cosme, nasceu em Ribeirão Preto e tem actualmente a idade de 36 anos. Homem modesto, viveu até 1934 segundo a doutrina protestante (baptista). Nessa altura deu uma queda, da qual sofreu bastante, a tal ponto que não podia caminhar com aquela naturalidade e normalidade que seria para desejar. Começou a frequentar um grupo espirita, a convite dum dos seus amigos, e devido a passes magnéticos com que foi tratado, ficou completamente restabelecido. Continuando então a frequentar esse grupo, começaram suas faculdades mediúnicas que até a essa altura se encontravam latentes, a mostrar a sua presença. A pouco e pouco essas faculdades se foram alargando, completando e aperfeiçoando-se a tal ponto, que possui hoje faculdades desenvolvidíssimas de materialização e efeitos físicos.

João Cosme a pouco e pouco começou chamando a atenção de todos os homens de ciência. Médicos, engenheiros, professores catedráticos, todos sem excepção querem observar suas estranhas faculdades.

O radiologista Dr. F. de Almeida Cazes, um dos maiores descrentes da fenomenologia supranormal, decidiu convidar João Cosme a realizar algumas experiências no seu próprio consultório, para evitar toda a espécie de preparação de cenário. Convidou vários médicos a virem assistir às experiências que ia tentar.

O médium foi despido e cuidadosamente examinado, sendo-lhe por fim vestido um pijama que haviam comprado de propósito para essa sessão. Em seguida foi amarrado à cadeira e aplicaram-lhe umas algemas, e como ainda não bastasse, coseram as mangas do pijama na parte superior das calças. Pois bem! A pesar de todas estas precauções, os fenómenos produziram-se: — do médium, em estado de transe, sai uma substância branca, vaporosa — o ectoplasma, constituída por células epiteliais, leucócitos agrupados e constituintes microbiológicos — (Vide *Estudos Psíquicos* — Fevereiro de 1949, pág. 45) — que a pouco e pouco vai tomando forma humana. Por fim é um homem perfeito que anda no gabinete falando por assobios e numa determinada altura aproxima-se do médium, retira-lhe as algemas policiais fechadas e pede aos presentes que as apanhem do chão. No final da sessão, os assistentes verificaram que o médium continuava amarrado à poltrona, conforme o haviam deixado antes dos trabalhos.

Na Escola Militar de Resende, perante dezenas de médicos, oficiais, cientistas, etc., João Cosme realizou várias experiências que foram coroadas de retumbante êxito. A pesar de algemado e observado por todos (o que aliás se tem feito em todas as sessões) os fenómenos produzem-se normalmente! Desta vez é o Padre Zabeu que se materializa, sendo visto por todos os presentes. Fenómenos de transporte e levitação se verificam: a vitrola dos discos conserva-se na sala, suspensa no ar, movimentando-se dum lado para o outro, ao mesmo tempo que vai tocando; vê-se a levitação duma cruz fosforescente; ouve-se um toque de instrumentos de sopro e uma gaita soar em vários pontos da sala; etc. No final dos trabalhos todos ficaram completamente convencidos dos fenómenos observados e assinaram a Acta lavrada. Foram eles: Paulo Muzell Faria, capitão, professor de geometria analítica e cálculo; major Dr. Francisco Carvalho Nobre, Dr. José de Mendonça Uchôa, Valdemiro Gouveia, capitão L. Ferro Filho, major construtor chefe do Curso de Artilharia; Aniceto Magalhães Costa, major da Arma de Engenharia do Q. T. A., engenheiro electricista-mecânico e professor de física; Dr. Frederico Eisenlobi, major, chefe da Clínica Médica do Hospital Escolar; Dr. Hamilton Costa Lobo, Luís V. da Rocha Santos, tenente-coronel,

catedrático de física; Píndaro Fonseca, major; Amoacy Uchôa, tenente-coronel e professor catedrático de mecânica racional e sub-director do Ensino da Escola Militar; Dr. Hélio de Oliveira Vilela, capitão médico; Milton Costa, capitão; Wilson R. Orígenes Monteiro, Luís T. Aires, capitão e professor de topografia; Maria da Glória Dantas, Jaime Dantas, capitão; Stella Muzell Faria, Irio Martins Rocha, Cely Brito Ferraz, Ema de Miranda Uchôa, J. Silva, advogado e director do Ginásio Dom Bosco; Glauco Cawaux, capitão; e tenente-coronel Osvaldo António Biba.

Os fenómenos produzidos em Niteroi pelo médium foram tanto ou ainda mais extraordinários que os que atrás relatamos. Numa das sessões, a que se refere o *Diário da Noite*, jornal da imprensa brasileira, depois da prece de abertura, ouve-se o ruido característico de que as entidades astrais preparavam o disco para o colocar na vitrola, que a final foi a conhecida *Avé-Maria* de Schubert. Passados instantes materializa-se a primeira entidade: Atanázio, sempre com a sua característica de alegre e brincalhão, deixando em todos os presentes uma óptima impressão. O Padre Zabeu nessa noite não chegou a materializar-se devido ao ambiente não ser propício, como ele próprio disse. Em seguida desceu Galileu — o conhecido astrónomo, e depois Frei Mário de Sá que foi fotografado pelo reporter do *Diário da Noite*. Nessa sessão o Padre Zabeu enrolou um disco completamente, como Atanázio, no princípio dos trabalhos, havia anunciado à assistência. No final da sessão, quando foi observado, verificou-se ser o enrolamento perfeitíssimo, sem qualquer ranhura; além disso o reporter do jornal havia rubricado o disco. Na sessão da Escola Militar de Agulhas Negras, o Padre Zabeu enrolou o disco à vista de todos os assistentes! Eis um fenómeno que ninguém «da terra» seria capaz de conseguir — à vista de todos, enrolar um disco vulgar, não apresentando ele depois da operação qualquer defeito.

O Dr. Ribas Pena numa entrevista concedida ao *Diário da Noite*, conta as extraordinárias sessões a que assistiu em Niteroi. O médium foi mais uma vez sòlidamente amarrado e as portas foram cuidadosamente fechadas para que ninguém pudesse entrar ou sair durante a sessão. Os assistentes da primeira fila foram amarrados com uma corda de seda, e nas suas costas colocado um número fosforescente, para que os outros que ficassem atrás pudessem verificar que ninguém se levantava durante a sessão. O Dr. Ribas Pena diz que a pesar disso surgiram no ambiente pequenas luzes azuis, em forma de pequenos corpúsculos; os fenómenos de transporte surgem, entregando um espírito uma margarida ao Dr. Ribas Pena. Depois dá-se a levitação dum crucifixo fosforescente, e, para complemento, a do próprio médium; a pesar de sòlidamente amarrado e algemado, pesando 80 quilogramas, foi transportado num espaço superior a 4 metros.

O MÉDIUM JOÃO COSME

Por **ANTÓNIO CARDOSO**

Nessa sessão materializou-se uma entidade de nome Terezinha, que se dirigiu para o canto da sala onde estava colocado um ramo de flores, oferecendo uma dália branca ao Dr. Ribas Pena, e em seguida beijando outro médico na fronte.

Os fenómenos produzidos por João Cosme são tantos e todos eles tão extraordinários e interessantes, que não chegariam as 32 páginas da revista para os relatar completamente.

★

Quando teremos nós também sessões deste género nas nossas Escolas Militares e Universidades? Era bom que tal se fizesse, para que também certos espíritos que a si próprios se intitulam de «superiores», vissem desmoronar diante dos seus olhos todo o materialismo que tantos anos levou a construir. Mas, não querem! Preferem viver no erro, no comodismo das suas teorias, embora se intitulem de cientistas e amigos da Verdade...

Crónica Estrangeira

por Isidoro Duarte Santos

UM MENINO SACERDOTE

La Razón, de Buenos Aires, publicou em 3 de Janeiro último uma notícia de Longbeach (Califórnia), transmitida pela *United Press*, que só pode ser explicada pela lei da reencarnação, em que muitos não acreditam, mas na qual terão de apoiar-se para explicar um sem número de problemas que se apresentam ao raciocínio das pessoas estudiosas. Eis o relato:

«Um menino de 4 anos, ordenado sacerdote aos 3, exerceu o seu mister no matrimónio de Alma Brown e do marinheiro Raymond Miller, aqui ontem realizado. O sacerdote chama-se Mário Gortner, manteve-se na cerimónia com toda a dignidade e disse as palavras rituais muito serenamente e sem equívocos. Houve protestos entre as autoridades da Igreja da Velha Fé, mas o diácono dessa igreja demonstrou que o menino podia realizar o acto religioso do matrimónio, visto que, de acordo com as leis e estatutos de tal igreja, os sacerdotes ordenados podem realizar a cerimónia do matrimónio e no estatuto não figura cláusula alguma fixando a idade dos ordenados. Mário foi ordenado sacerdote na Missão de Sunshine, em Los Angeles».

Se ele não reunisse as condições exigidas, certamente lhe não teriam conferido semelhantes atribuições. Estamos em presença de um fenómeno de precocidade, como o de Pierino Gamba, que tamanha sensasão tem causado em Portugal.

GRANDE MÉDIUM CURADORA

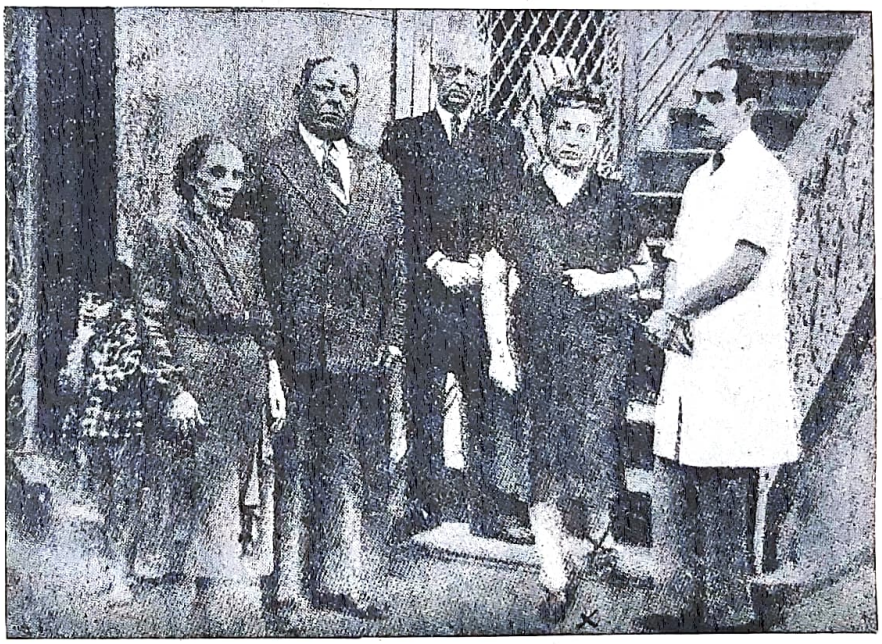
No passado número, falámos do médium Harry Edwards, que em Londres e noutras cidades inglesas tem realizado curas notabilíssimas. Hoje vamos referir-nos à senhora Marta A. de Busnahe, médium argentina que foi objecto de aturado estudo no Departamento de Investigações Experimentais da *Sociedade de Medicina e Espiritismo*, sob a direcção do Dr. Diógenes Pereira da Silva, director daquele Departamento.

Tão lisongeiras são as referências deste facultativo às faculdades curadoras da senhora Busnahe, que é lícito acreditar estarmos em frente de poderoso veículo de forças espirituais que deve ser aproveitado e acarinhado. Aproveitamos o ensejo para transcrever a parte do relatório que o Dr. Diógenes enviou à Sociedade Constância de Buenos Aires e referente às curas realizadas pela médium no Rio de Janeiro:

«Com efeito — diz o relatório — as faculdades curadoras de que é portadora essa médium excepcional foram suficientemente comprovadas em mais de duzentos doentes (234), dos quais pelo menos quinze interromperam o tratamento por motivo ignorado, quarenta e cinco tiveram alívio dos sintomas subjectivos, setenta experimentaram melhoras objectivas e cento e quatro foram curados.

«Dos curados, em número superior a uma centena, alguns casos foram realmente notáveis. Tivemos o caso de uma senhora com tuberculose bilateral activa, evolutiva, com reacção esquisofrénica, que se curou com 15 séssões de passes magnéticos. Ao fim de 30 dias de tratamento, tirou-se nova radiografia que acusou a cura clínica com limpeza dos dois pulmões, os quais apenas apresentavam leve processo residual de fibrose e gânglios calcificados.

«Outro caso sugestivo foi o de um rapaz de 20 anos, igualmente afectado de tuberculose bilateral activa e evolutiva, em plena tendência congestiva, com impregnação tóxica severa, febre, suores, ansiedade e angústia. Depois do primeiro passe, a hemoptise cessou, a temperatura normalizou-se e um saudável optimismo se apoderou do seu espírito, que passou a exercer acção eficiente e, ao cabo de 14 aplicações, havia aumentado 5 quilogramas de peso. O estado geral era óptimo e a situação pulmonar estava em franca revolução de melhoria, revelando a radiografia leves imagens de fibrose reactiva. Estes doentes encontram-se agora em regime de estreptomicina, mas não nos parece provável que tal droga tenha produzido efeito, visto já a terem usado anteriormente sem resultado evidente, a ponto de a modificação ser rápida e proveitosa, ao começar o tratamento pelos passes. Até onde irá o efeito psíquico-sugestivo alheio à acção directa das energias curadoras da médium, não



A senhora Marta A. de Busnahe (X) tendo à sua direita o coronel Delfino Ferreira, grande batalhador do espiritismo brasileiro

podemos calcular; a verdade, porém, é que essas energias agem realmente, de forma irrecusável.

«Citaremos ainda um caso de eczema agudo do lado anterior do tórax num doente de 40 anos que, depois dos primeiros passes, foi completamente curado. E de igual maneira uma paralisia braquial directa na pessoa de um comandante da marinha mercante que se curou com 4 aplicações de passes, e uma psicose maníaco-depressiva num estudante do último ano do Conservatório de Música, que foi curado com 5 aplicações, conseguindo fazer com pleno êxito os exames finais. Para terminar esta breve exposição, menciono o caso de um indivíduo de 53 anos com neurite ciática, curado com 7 aplicações de passes.

«Dezenas de outros casos diferentes, como organo-neurose, neurastenia, psicastenia, insónia rebelde, surdez, artritis reumatoide, colecistite, laringite crónica, sinusite, úlcera atónica da perna, etc., foram igualmente curados.

«A referida senhora leva o resumo clínico de algumas dezenas de fichas copiadas dos nossos arquivos.

«Ao lado da sua acção brilhante na nossa Sociedade, revelou-se um elemento humano altamente qualificado pela sua inteligência clara, coração boníssimo e trato social dificilmente ultrapassado, por isso mesmo tendo grangeado a estima e admiração dos brasileiros que tiveram a honra de conhecê-la.

«É pena que não a pudessemos ter aqui por tempo indefinido, o que constitui, por certo, invejável privilégio do povo argentino».

Estão chegados os tempos. Em toda a parte surgem missionários da Terceira Revelação a dar testemunho das verdades preditas nos Evangelhos. A senhora de Busnahe, como Harry Edwards, como W. T. Parish e tantos outros, vieram à terra para edificação dos incrédulos que adoram o bezerro de oiro. A sua acção meritória vai alargando, dia-a-dia, o âmbito de admiráveis curas que reforçam extraordinàriamente as fileiras espiritas. Esta revista continuará a relatar casos deste género que forem aparecendo em qualquer parte do mundo, fiel a um programa que deseja cumprir integralmente.

«UM LÁZARO MODERNO...»

O nosso confrade Frederico Duarte publicou na *Revista Internacional do Espiritismo* o relato que o Barão de Mek há cinco anos forneceu à revista inglesa *The Two Worlds,* intitulado «Um Lázaro Moderno», e que passamos a estas colunas:

«Certa vez tive o privilégio de assistir a uma sessão presidida por ocultista chinês, cujo propósito era ressuscitar um jovem de 20 anos. Eis a teoria em que se baseiam as operações deste género: O homem morre quando a sua «força vital» abandona o corpo, quer devido a doença ou a mero acidente. Se o corpo não estiver irreparàvelmente danificado, a força vital ainda presente no corpo astral pode ser restaurada. A dificuldade é encontrar métodos apropriados para a realização; mas gradualmente, perseverando na experiência, o chinês obteve grande êxito.

«No caso em apreço, o rapaz morrera em consequência de acidente, de modo que o corpo estava em perfeito estado, pois ainda não começara a decomposição e por isso serem favoráveis as condições para a ressurreição.

«Quando chegámos, o corpo estava colocado sobre a cama e sete ou oito auxliares formavam «corrente magnética» em volta dele. Eram todos homens fortes e aptos a suportar grande fadiga. Um auxiliar, junto à cabeceira, colocou as mãos, uma na testa do cadáver e outra no coração. Em seguida, o ocultista chinês colocou-se de pé num dos extremos da corrente e entoou litanias, com o propósito de aumentar a concentração. De minuto a minuto, a concentração aumentava. Tinha-se quase a sensação física de vitalidade. Por vezes, o corpo parecia mover-se. Mas, durante longo tempo, isto não passou de mera ilusão.

«Uma hora depois, quando os auxiliares começavam a mostrar sinais de fadiga, a palidez mortal do rosto do jovem começou a transformar-se em róseo colorido. Os magnetizadores verificaram então que o morto estava prestes a voltar à vida. Imediatamente entoaram um cântico destinado a ressuscitá-lo, reforçando a acção magnética com ordens em voz alta e dirigdas ao seu subconsciente. Logo em seguida, o jovem deu um leve suspiro e o coração começou a bater. Interromperam então a corrente magnética e fizeram-lhe maçagens, a princípio suavemente e depois vigorosamente, com unguento adequado. À medida que o friccionavam, voltou à vida e vinte minutos depois abriu os olhos.

«Esta ressurreição não foi duradoira, pois o jovem viveu poucos dias mais, mantido pela força vital que lhe foi transmitida. Quando esta se esgotou, sobreveio a morte e seria impossível ressuscitá-lo segunda vez. Disseram-me que semelhantes ressurreições nunca são permanentes e só se verificam em casos de morte súbita, quando a vítima não pôde dispor dos seus bens. Naturalmente, gente idosa e os que morrem devido a longas enfermidades, não podem ser chamados à vida.

«Experiências semelhantes se têm verificado, por vezes, na Europa, e não raro por meio de drogas. Contudo, os chineses empregam no tratamento das doenças comuns, a transfusão de vitalidade, de um para outro organismo. Pouco sabem das propriedades medicamentosas à base de ervas e conhecem bem a maneira de aumentar a vitalidade, pondo em acção as forças curativas naturais — *a vix medicatrix naturæ,* que foi o sonho da idade média.

«Com o auxílio de certo ocultista francês e diversas pessoas, consegui reanimar uma jovem, há cerca de trinta anos, em Lyon. O efeito também foi transitório, pois durou só oito dias.

«É interessante que, em ambos os casos (asseguram-me ser assim na generalidade), a primeira reacção do espírito reencarnado é protestar contra a chamada à vida corporal».

O «SUSTO» DO «PSYCHIC NEWS»

Nos fins de Janeiro último, o semanário inglês *Psychic News* esteve em riscos de não ser publicado, porque o edifício onde se encontrava o material de publicação, como papel, composição e gravuras, foi devorado pelas chamas. O mais curioso, porém, é que o fogo lambeu tudo, menos o 2.º andar, isto é, a parte em que o *Psychic News* tinha o seu depósito... Se acreditássemos em milagres, diríamos que tudo se salvou *milagrosamente.*

A *sorte* — chamemos-lhe assim — protegeu os nossos confrades londrinos, pois lhes deparou uma nova máquina de impressão que lhes permitiu publicar o jornal no dia normal da saída.

Àqueles denodados propagandistas, apresentamos os nossos cumprimentos por vermos que o seu belo semanário «sobreviveu» ao incêndio, a pesar das línguas de fogo o terem *acariciado* várias vezes em atitude expressiva...

Ajude esta revista!
Auxilie-nos na
CAMPANHA DE ASSINATURAS!

Livros de todo o Mundo

COMENTADOS POR

RAMOS PEREIRA e ANTÓNIO CARDOSO

ALVORADA CRISTÃ — pelo *Espírito de Neio Lúcio* e psicografada pelo médium Francisco Cândido Xavier. Edição da Federação Espirita Brasileira. Rio de Janeiro 1948. 148 págs.

Nesta obra ditada pelo espírito de «Neio Lúcio» ao famoso médium brasileiro enfeixam-se em forma de contos e parábolas profundos conhecimentos evangelizadores. Destinados aos jovens, pelo seu estilo fácil e correntio e pelo objectivismo dos exemplos escolhidos, é bem digno, contudo, de ser meditado mesmo por aqueles que já se julgam distanciados, pela idade, do período dos «contos e fábulas»...

Uma preocupação se pressente neste livro — pois que de pretensão se não poderá falar tratando-se de páginas tão singelamente escritas — e essa atinge plenamente o seu objectivo: — é ensinar a lição evangélica do Amor e do Trabalho através de imagens ora idealizadas ora colhidas do cotidiano da vida.

«Neio Lúcio» é um admirável fabulista, norteado pelo ideal cristão da regeneração do homem. — R. P.

ESPIRITISMO E LOUCURA — pelo Dr. Carlos Imbassahy. Livraria Allan Kardec Editora. S. Paulo, 1949. 96 págs.

Servindo-se das opiniões insuspeitas de alguns eminentes psiquiatras brasileiros, o Dr Carlos Imbassahy responde àqueles que, forçando a realidade, consideram o Espiritismo uma «fábrica de loucos», e termina por uma exposição sucinta do fundo ideológico da Doutrina. É uma obra que se enquadra na linha que se começou traçando com os livros do Dr. Inácio Ferreira, director do Sanatório Espirita de Uberaba.

Arquivando opiniões diversas, perde-se nesta obra em cunho pessoal o que se ganha em argumentação. É, digamos, um bom índice norteador para aqueles que queiram pesar o fundo de realidade que há naquela afirmação — tão fácil de proferir quanto impossível de provar. Poder-se-á, realmente, assacar ao Espiritismo a culpa do estado patológico dum indivíduo que buscou os seus métodos quando já nele se encontrava mergulhado e que acaba por ser internado num hospício? Poder-se-á mesmo impultar-lha quando o indivíduo é um predisposto? Pode-se — e a prova é haver quem o faça — mas isso não constitui prova... para que, em são juízo, se aceite tal impugnação.

A meu ver, o ponto nevrálgico da questão reside na existência de «obsidiados», psicopàticamente rotulados pelos mais anódinos neologismos...

Para se cair na obsessão, não é condição necessária e suficiente a frequência das sessões espiritas; mas como na sintomatologia daquele estado estão as visões, as mudanças bruscas de personalidade, etc., daí as tais estatísticas (?!) hàbilmente aproveitadas, deturpadas e... expostas para identificação dos «homens de boa fé». Mas a verdade é totalmente diversa: — saem mais «obsidiados» curados depois da assistência a sessões espiritas adequadas, do que nelas entram sãos para sair «obsidiados»... (Note-se que falamos de Espiritismo e não desses arremedos indignos, dessas mantas de retalhos podres, onde os charlatães sugam a bolsa generosa dos crédulos, dos ingénuos, dos incautos, servindo-se do nome duma Doutrina mas agindo sempre longe dos seus princípios e métodos). — R. P.

INSPIRAÇÕES E REFLEXÕES SOBRE ESTE E O OUTRO MUNDO (em versos) — por António M. Alves de Lima — Empresa Gráfica da «Revista dos Tribuais», Lda. — S. Paulo. 1948. 197 páginas.

Aqueles que gostam dum livro escrito duma maneira singela, ao mesmo tempo que elegante, aqueles que apreciam leitura ao alcance de qualquer inteligência, têm no livro de António Alves de Lima um companheiro ideal.

O autor, dedicando-o a sua esposa já desencarnada, aborda em versos vários problemas espiritualistas, tirando sempre conclusões morais que sirvam para o aperfeiçoamento individual. Emprega a chamada «poesia moderna», isto é aquela que foge ao passo cadenciado da métrica, estilo esse que muitas pessoas conseguem sentir, mas outras (como eu) que não são capazes de vibrar.

É, no entanto pondo de lado esta apreciação, um livro de cuja leitura todos tirarão bastantes proveitos. — A. C.

A CASA ASSOMBRADA — pelo Dr. Bezerra de Meneses. — Federação Espirita Brasileira. Rio de Janeiro. 1948. 334 páginas.

A F. E. B. acaba de lançar à venda um livro, que embora escrito há muitos anos, só agora foi publicado.

O seu autor é o Dr. Bezerra de Meneses, desencarnado em 11 de Abril de 1900, que durante muitos anos ocupou com brilhantismo o cargo de Presidente da F. E. B. Escreveu vários livros, alguns já conhecidos de todos, e alguns como «A Casa Assombrada», romances que só agora vêm à publicidade.

Não se trata dum amontoado de páginas, sem estilo e sem interesse; pelo contrário — o Dr. Bezerra de Meneses consegue interessar-nos vivamente no seu romance, quer através dos vários episódios que nos relata, sempre com um cunho profundamente ético, quer descrevendo vários costumes do povo brasileiro.

O assunto anda à roda duma casa que a vizinhança dizia ter «almas do outro mundo», e que ninguém portanto queria habitar. Um dia um jovem e o seu criado vão lá pernoitar, e verificam que o espírito que lá habita é o duma jovem que durante muitos anos amara, mas que nunca conseguira casar, pois o pai dela apenas procurava dinheiro para a filha e não a felicidade. Leopoldo — assim se chamava o jovem — ouviu nessa noite a antiga namorada dizer que a pesar de morta para a terra continuava a amar Leopoldo da mesma maneira e com a mesma intensidade.

Em suma: é um livro atraente, do qual vastas conclusões morais se podem extrair. — A. C.

Notas & Comentários

«RADIAÇÕES DO ESPÍRITO»

O artigo que o nosso estimado colaborador Sr. Doutor Baptista Ramires publicou no último número desta revista saiu lamentàvelmente truncado, em virtude de um lapso de paginação que lhe roubou grande parte do seu valor intrinseco. Àquele amigo apresentamos as nossas desculpas e fazemos votos de melhor vigilância tipográfica em futuros trabalhos, cujo empastelamento prejudica o bom nome deste orgão de propaganda.

«O MÉDIO MORTO-VIVO»

Do Diário de Notícias de 27 de Março extraímos a seguinte local integrada na secção «Documentário» que aquele cotidiano publica aos domingos :

«A imprensa inglesa tem publicado ùltimamente numerosas reportagens acerca de um estranho caso que, nascido da crença popular, ainda não encontrou explicação plausível por parte das autoridades. Em certa aldeia do norte, faleceu há anos um médico que havia sido em vida grande benemérito e a cujas altas qualidades os seus conterrâneos prestaram homenagem, erguendo sobre o seu túmulo, no cemitério, um monumento que o representa sentado numa cadeira, com o seu bondoso sorriso nos lábios, curvado para a frente, como que para examinar um doente imaginário. Sucede, porém, que há uns tempos a esta parte, começaram a correr na aldeia os mais fantásticos boatos. Segundo ele, o Dr. Devilly — assim se chamava o médico — fora «visto» várias vezes, de noite, nos caminhos que, do cemitério, conduzem à aldeia. A sua estranha aparição coincidia sempre com a doença de algum dos habitantes da localidade. Sucede que o Dr. Devilly não tinha ainda sido substituído e, por isso, os aldeões, quando adoeciam, eram obrigados a recorrer ao médico da aldeia mais próxima, que fica a dez quilómetros. Porém, desde que o fantasma começou a aparecer, eles melhoravam de dia para dia, sem que tomassem remédios ou fizessem qualquer tratamento. E apontavam numerosos casos verdadeiramente milagrosos. Deste modo, os habitantes da aldeia convenceram-se de que a alma do seu bondoso médico velava por eles, e recusam-se agora, contra a vontade das autoridades, a aceitar um substituto já nomeado. Junto à sua estátua, no cemitério, começaram a aparecer as mais variadas dádivas dos habitantes da aldeia e, todos os dias, principalmente aos domingos, é grande a concorrência de gente da terra e de outros pontos que ali vai em romagem, levada pela fama das curas sobrenaturais... e póstumas do médico guardião da saúde dos seus conterrâneos».

Não afirmamos, nem negamos. Limitamo-nos a dar a notícia aos leitores. Cada qual faça o seu juizo e tire conclusões. Escusado será dizer que o fenómeno é possível.

CALABORAÇÃO ESPONTÂNEA

De vez em quando, recebemos artigos de colaboração espontânea ventilando assuntos de alta transcendência em linguagem comesinha, reveladora de exíguos conhecimentos, sendo-nos impossível publicá-los, por muito grande que seja a nossa tolerância. Há prosa e verso e muitas coisas mais que nem são verso nem prosa... antes pelo contrário. O Espiritismo e os problemas psíquicos demandam estudo e meditação. Não basta leitura perfuntória; é preciso assimilação e análise. Além do mais, cada um é para o que nasce. Estudos Psíquicos tem o seu programa e quer cumpri-lo. Embora possua bela plêiada de colaboradores e correspondentes, espalhados pelo mundo, dará guarida aos «espontâneos» que surjam com idoneidade literária, pois quanto maior for o número de elementos hábeis, mais fàcilmente venceremos na cruzada que empreendemos. Assim, tenham paciência os que nos enviaram ou continuem a enviar as suas lucubrações, sem incluir franquia para resposta. O ritmo do nosso trabalho não admite perda de tempo com coisas que não interessam.

TELEPATIA APLICADA

Os jornais têm-se referido aos trabalhos de psicologia experimental dos sábios da Universidade de Duke, na Carolina do Sul, América do Norte, que estudaram os fenómenos telepáticos nos jogadores de xadrez. O alemão Paul Schmidt declarou aos investigadores que devia as suas vitórias à facilidade que tinha de «ler» no pensamento dos adversários. O Dr. B. Rhine, que ùltimamente se evidenciou pelos seus trabalhos acerca das faculdades sobrenaturais da mente humana (sic.), demonstrou que alguns indivíduos podem prever o resultado das ocorrências em que intervenham.

— Quando jogo — diz o citado alemão — faço uso da telepatia mental. Para vencer, adivinho os movimentos do adversário e até uma série de jogadas que ele intenta quando muda as pedras. E quando «leio» o seu pensamento, vou preparando a defesa e ordenando o ataque. Assim todos os cálculos dele são inúteis. É como se jogasse com quem me fosse dizendo o que ia fazer, para me facilitar a tarefa.

A notícia donde respigamos estes elementos acrescenta que Paul Schmidt já uma vez jogou com outro que possuia faculdade semelhante... Quando ambos deram pela «marosca» ficaram comprometidos.

O Dr. Rhine compila neste momento grande número de casos em que a telepatia exerce a sua acção comprovada.

NOVA FILIAL

É com grande prazer que anunciámos a fundação de nova filial do Centro Espiritualista Luz e Amor na bela vila de Almeirim, onde existe um grande núcleo de confrades dedicados.

Com esforço ordenado e concorrente, tendo sempre em vista o progresso do movimento espirita nacional, conseguimos mais esta vitória, que há-de repercutir benèficamente noutros aglomerados cheios de confiança e boa vontade.

No dia 1 do corrente mês de Abril foi concedido o alvará que habilita esta agremiação a trabalhar como filial do nosso Centro.

Muito brevemente iremos a Almeirim proceder à inauguração oficial do Centro e realizar um acto público e doutrinário em que falará o nosso Director e o nosso redactor Álvaro Ramos Pereira, continuando assim a missão de propaganda que nos impusemos no seio do mundo profano.

Agradecemos ao Ex.mo Sr. Governador Civil de Santarém o acolhimento dado à nossa petição. Nem outra coisa era de esperar de uma autoridade desempoeirada e consciente que procura administrar a justiça com a maior equidade, satisfazendo aspirações que só podem concorrer para a dignificação da sociedade.

Noticiário

«A VOZ DO ALTO»

Com um número especial de 6 páginas, comemorou o seu 1.º aniversário *A Voz do Alto*, bem redigido quinzenário espirita, orgão da Confederação Espirita Cearense e que tem como directores os nossos confrades e amigos António Isaias e José Borges dos Santos.

Variada e oportuna colaboração em prosa e verso, ilustrada por boas gravuras, dão a este jornal um belo aspecto gráfico que muito o recomenda aos assinantes da boa leitura.

Os nossos cumprimentos com votos de longa vida.

AS NOSSAS CONFERÊNCIAS

Mais uma vez tivemos entre nós o confrade Ramos Pereira e mais uma vez o seu saber e a sua inteligência foram postos à prova. Momentos antes de começar a sua conferência, Ramos Pereira perguntou-nos qual o título do trabalho a realizar, pois havia-se esquecido!... O nosso director deu-lhe então o tema: «A Sabedoria do Psíquismo», que ele desenvolveu admiràvelmente, com aquela subtileza que lhe é peculiar, parecendo que fora longamente estudado. A assistência, surpreendida com mais esta prova do valor de Ramos Pereira, aplaudiu-o com uma grande salva de palmas.

Também o coronel Faure da Rosa realizou uma conferência intitulada «Como os Mortos Comunicam Conosco», baseada num trabalho de Michel Sage publicado há tempos na *Revue Spirite* e agora actualizado com mestria pelo nosso velho e prestante colaborador.

O conferente demonstrou o seu grande poder de exposição e vulgarização espirita; e tão bem se houve na sua tarefa, que o nosso director, que presidia à sessão, lhe sugeriu a publicação da conferência nesta revista, o que começaremos a fazer no próximo número de Junho. No final, foi muito aplaudido.

«JORNAL ESPIRITA»

Do director desta nova publicação carioca recebemos atenciosa carta, manifestando o desejo de intercâmbio luso-brasileiro e possivelmente de um correspondente em Lisboa. De *Jornal Espirita* só recebemos o seu número de apresentação, cremos que de Outubro de 1948. Pela amostra, vimos que há ali vontades decididas capazes de impulsionar o movimento espirita com fé e coragem. Vamos dar à sua carta a atenção merecida, certos de que alguma coisa faremos no sentido de estreitar o citado intercâmbio.

TRANSCRIÇÕES

O Semanário «SOL», que se publica em Lisboa, transcreveu o artigo do nosso companheiro António Cardoso, intitulado «Pierino Gamba» e publicado no número de Fevereiro desta revista, dando-lhe o maior relevo na sua secção «Recortes da Impresa».

Também a *Revista Espirita do Brasil* transcreveu na íntegra o artigo «Fenómenos Psíquicos no Leito da Morte», da autoria do nosso correspondente em Pointe-Noir, António J. Martins.

Às duas citadas publicações, os nossos agradecimentos.

«YOURS FRATERNALLY»

Com o título *Yours Fraternally*, acaba de sair o 1.º número do orgão da Federação Espirita Internacional, com sede em Londres e à qual nos temos referido nestas colunas. Traz várias notícias referentes às suas actividades e lê-se com grande interesse. Vamos permutar com todo o aprazimento. Àquela Federação está sediada em 72 Woodstock Road, Bedford Park, Londres, W. H.

TRABALHO DO CENTRO NO MÊS DE MAIO DE 1949

Dia 5 de Maio, quinta-feira, às 21,30 — Sessão do Grupo Reper-Siam, dirigida por Isidoro Duarte Santos.

Dia 6 de Maio, sexta-feira, às 21,30 — Sessão do Grupo Amor do Redentor, dirigida pelo Dr. Adelino Gamboa.

Dia 8 de Maio, domingo, às 16 horas — Conferência por Ramos Pereira: «Do transe sonambúlico ao transe mediúnico».

Dia 12 de Maio, quinta-feira, às 21,30 — Sessão do Grupo Reper-Siam, dirigida por António Cardoso.

Dia 14 de Maio, sábado, às 21,30 — Sessão doutrinária com a médium D. Maria Cecília Gorina.

Dia 19 de Maio, quinta-feira, às 21,30 — Sessão do Grupo Reper-Siam, dirigida por José F. Cabrita.

Dia 21 de Maio, sábado, às 21,30 — Conferência por José Mário Pinto Gomes: «Penso, portanto existo».

Dia 26 de Maio, quinta-feira, às 21,30 — Sessão do Grupo Reper-Siam, dirigida por Isidoro Duarte Santos.

Dia 29 de Maio, domingo, às 16 horas — Sessão doutrinária, com a médium D. Maria Cecília Gorina.

Dia 2 de Junho, quinta-feira, às 21,30 — Sessão do Grupo Reper-Siam, dirigida por António Cardoso.

O HOMEM DA RUA

de GUEDES DE AMORIM
(laureado pela Academia das Ciências)

Obra de grande intensidade dramática, em que se estudam altos problemas sociais e se descreve uma sessão de Espiritismo

Leia

O HOMEM DA RUA

belo romance dedicado aos que trilham os pedregosos caminhos do planeta à procura de trabalho, Pão e Justiça

À venda nas livrarias e na Sucursal de O SÉCULO—Rossio

Pedidos à
EDITORIAL MINERVA
Rua Luz Soriano, 33 — LISBOA

As Nossas Edições

Leiam as nossas edições e aumentarão os seus conhecimentos!

NOS UMBRAIS DO ALÉM, por *Sir William Barrett*, antigo professor de Física na Universidade de Dublin — Análise científca dos fenómenos do Espiritismo, em tradução de Isidoro Duarte Santos. Livro quase esgotado a pesar de se ter feito uma tiragem de 2.000 exemplares.

Brochado 25$00 — Encadernado

Brochado	25$00
Encadernado	35$00

Obras de Ciências Psíquicas e Filosofia Neo-Espiritualista

(em depósito nesta redacção)

	br.	enc.
Boa Nova (quadros evangélicos), ditados pelo *Espírito de Humberto de Campos*	20$00	30$00
A Caminho da Luz (História da civilização), pelo *Espírito de Emmanuel*	20$00	
O Consolador, pelo *Espírito de Emmanuel*, resposta a 461 perguntas	20$00	30$00
Cartilha da Natureza, pelo Espírito do poeta Casimiro Cunha	18$00	
Crónicas de Além-Túmulo, ditadas pelo *Espírito de Humberto de Campos*	20$00	
Emmanuel, repertório de ensinamentos cristãos, ditados pelo Espírito de *Emmanuel*	18$00	
Há dois mil anos, romance empolgante ditado pelo *Espírito de Emmanuel* (nova edição)	30$00	40$00
50 Anos Depois, continuação do romance supra, pelo *mesmo autor*	30$00	40$00
Lázaro Redivivo, pelo *Espírito do irmão X* Humberto de Campos	25$00	
Lira Imortal, versos de poetas desencarnados	10$00	
Mensageiros (Os), pelo *Espírito de André Luiz*	26$00	36$00
Missionários da Luz, pelo *Espírito de André Luiz*, obra dedicada às pessoas cultas	30$00	40$00
Nosso Lar, pelo *Espírito de André Luiz*	26$00	36$00
No Mundo Maior, pelo *Espírito de André Luiz*	26$00	36$00
Novas Mensagens de Humberto de Campos	10$00	
Parnaso de Além-Túmulo (maravilhosa colectânea de poesias ditadas por espíritos de poetas luso-brasileiros), Nova edição melhorada	40$00	50$00
Paulo e Estêvão (livro famoso considerado pelos eruditos como a mais completa biografia de S. Paulo) (nova edição)	40$00	50$00
Renúncia, romance empolgante e consolador, destinado aos tristes e desesperados, ditado por *Emmanuel*	30$00	40$00
Reportagens de além-túmulo, pelo Espírito de *Humberto de Campos*	26$00	36$00
Volta Bocage, Sonetos pelo *Espírito de Bocage*	10$00	

OBRAS DIVERSAS

Almas Crucificadas, empolgante romance mediúnico, ditado pelo *Espírito de Vitor Hugo*	35$00	45$00
Análise das Coisas, pelo *Dr. Paulo Giber*	18$00	28$00
Arcanos da Natureza, por *Alexandre Dias*		5$00
Barqueira do Júcar, romance mediúnico, recebido por *J. F. Colavida*	20$00	30$00
Beijo (O) da Morta, romance mediúnico recebido por *Celestina Arruda Lança*	22$00	32$00
A Casa Assombrada, romance por *Maria Veleda*	10$00	
A Casa Assombrada, romance pelo *Dr. Bezerra de Meneses*	26$00	36$00
O Caso Humberto de Campos, descrição do célebre processo judiciário movido à Federação E. Brasileira e ao médium Francisco Cândido Xavier, da autoria de *Miguel Timponi*. Um grande volume	24$00	34$00
Ciência Divina, pelo *Espírito de Jaime Braga*, recebido pelo médium *Doutor Porto Carreiro Neto*	26$00	36$00
Claustro (O), romance realista acerca da vida eclesiástica, por *Manuel Arão*		30$00
Conselhos a Meu Filho, (colectânea de ensinamentos morais muito interessantes), pelo *Dr. Inácio Ferreira*		15$00
Contribuições para o Espiritismo, por *Alexandre Dias*	12$00	
Cristianismo (O) do Cristo e o dos seus vigários, pelo *Padre Alta*	30$00	40$00
Cruzada Redentora, romance reencarnacionista de fundo histórico, por *António Lima*	40$00	50$00
De Jesus para as crianças, a vida de Jesus, pelo *Espírito de Bittencourt Sampaio*	10$00	
Didaquê Espirita, por *Carlos Lomba*, Curso completo de Espiritismo para crianças de 6 a 14 anos	12$00	
Do Calvário ao Apocalipse, pelo *Espírito de Bittencourt Sampaio*	25$00	35$00
Do Calvário ao Infinito, romance mediúnico ditado pelo *Espírito de Vitor Hugo*	42$00	52$00
Domínio Nefando, por *Arlindo Colaço*		24$00
Doutrina (A) de Jesus, por *Vinicius*	7$00	
Ensinos Espiritualistas, (descrições da vida do além) por *A. Stainton Moses*	25$00	35$00
Eça de Queiroz Póstumo	24$00	34$00
Elucidações Evangélica (resumo da obra de Roustaing), pelo *Dr. António Luiz Saião*	45$00	55$00
Entre dois mundos (romance), por *Antoinette Bourdin*	20$00	30$00
Expiação, por *Areolino Gorjão*	20$00	30$00
Espiritismo e Medicina, obra em que o autor faz sua profissão de fé espirita, pelo *Dr. Inácio Ferreira*	20$00	30$00
Espiritismo (O) à luz dos Factos pelo *Dr. Carlos Imbassahy*	30$00	40$00
Espiritismo (O) Contemporâneo, pelo *Dr. Martins Velho*	20$00	
Espirito (O) Consolador, pelo *Padre Marchal*	26$00	36$00
O Espirito do Cristianismo, por *Cairbar Schutel*, um grosso volume		45$00
Factos Espiritas, por *William Crookes*	18$00	26$00
Fazenda mal Assombrada, romance por *Alexandre Dias*	20$00	

(Continua na 4.ª pág. de capa)

	br.	enc.
Fenómenos Psíquicos, pelo *Dr. Alberto Seabra*	20$00	
Fundamentos Científicos do Espiritismo, pelo *Dr. Azevedo e Silva*	10$00	
Funerais da Santa Sé *(Poesias ditadas pelo Espírito de Guerra Junqueiro)*	24$00	34$00
Heroínas (As) de Hydesville, por *Alfredo Miguel*	15$00	
Grandes e Pequenos Problemas (aplicações do Espiritismo aos problemas da vida), por *Angel Aguarod*	20$00	30$00
Herculanum, romance mediúnico ditado pelo *Espírito do Conde Rochester*	37$00	47$00
Livre-arbítrio e determinismo, por *Louis Gastin*	5$00	
Lídia, romance mediúnico, recebido por *J. Suriñac*	22$00	32$00
Loucura (A) sob Novo Prisma, pelo *Dr. Bezerra de Meneses*	18$00	26$00
Magnetismo e Hipnotismo Curativo, por *Alfonse Bué*	32$00	42$00
Marieta (páginas de duas existências), romance medúnico, recebido por *Daniel Artazú*	26$00	36$00
Martírio (O) dos Suicidas, por *Almerindo Martins de Castro*	16$00	
Memórias de uma alma, romance mediúnico, recebido *por J. Suriñac*	22$00	32$00
Memórias do Padre Germano, por *Amália Domingo Soler*	37$00	47$00
Nas Pègadas do Mestre, por *Vinicius*	26$00	36$00
No Limiar do Etéreo (estudos experimentais acerca do fenómeno da voz directa), por *Artur Findlay*	22$00	32$00
Nova (A) Luz, ditado mediúnico de crítica a Maeterlinck, por *George Déjean*	24$00	34$00
Novos Rumos à Medicina, pelo *Dr. Inácio Ferreira*, livro célebre, muito ilustrado, descreve os métodos da cura psíquica do Sanatório de Uberaba		50$00
Novas Elucidações do 4.º Evangelho, por *João Evangelista*	20$00	30$00
Outro (O) Lado da Vida, por *Carl du Prel*	22$00	
Parábolas e Ensinos de Jesus, por *Cairbar Schutel*		45$00
Para o Alto, contos e apólogos espiritas pelo *prof. Leopoldo Machado*	20$00	
Problema (O) da Sobrevivência, pelo *Dr. A. Lobo Vilela*	12$00	
O Problema do Além e do Destino, pelo *Dr. Alberto Seabra*		26$00

	br.	enc.
Protestantismo (O) e o Espiritismo, por *Benedito A. da Fonseca*	18$00	26$00
Os Quatro Evangelhos, de *J. B. Roustaing*, 4 volumes		150$00
Revelações de Além-Túmulo, pelo *Dr. Antão de Vasconcelos*	30$00	40$00
Roma e o Evangelho, por *J. Amigó y Pellicer*	26$00	36$00
Rosário (O) de Coral, pelo *Dr. A Wylm*, médico neurologista	20$00	30$00
Salvação pela fé ou pelas obras? — pelo *Dr. Romeu A. Camargo*		20$00
Sessões Práticas do Espiritismo, por *Spártaco Banal*	10$00	
Síntese de Novo Testamento, por *Minimus*	30$00	40$00
Sobrevivência e Comunicação dos Espíritos, por *Osvaldo Melo*		25$00
Sonâmbula (A), romance espírita, por *António Lima*		30$00
Spiritus Maledictus, romance mediúnico recebido por *J. Suriñac*	18$00	26$00
Têm Razão?, pelo *Dr. Inácio Ferreira*, resposta magistral aos ataques feitos ao Espiritismo	40$00	50$00
Verdade (A) Espiritualista, por *C. Picone Chiodo*	10$00	17$00
Vida e Actos dos Apóstolos, *Cairbar Schutel*		40$00
Vida (A) Depois da Morte, por *Yogi Ramacharaca*	18$00	
Vida (A) no Outro Mundo, por *Cairbar Schutel*		22$00
Vingança (A) do Judeu, romance ditado pelo *Espírito do Conde Rocester*	37$00	47$00
Vozes (E as) falaram, novela empolgante, por *Fernando do Ó*	22$00	

Secção Musical

Hino ao Espiritismo, música para piano de *S. A. de Macedo* e letra de *Nelson Kerensky*	6$00
Almas Gémeas, tango-canção para piano, música de *Olí de Castro* e letra do *Espírito Emmanuel*	6$00
Canção da Alegria Cristã, música para piano de *Olí de Castro* e letra de *Leopoldo Machado*	6$00

Leitura para Crianças

O Espiritismo na Infância, por *António Lima*	12$00
O Meu Diário, por *António Lima*	12$00
O Evangelho das Crianças, por *António Lima*	*12$00*

Nêstes preços não está incluído o porte do correio. Enviam-se remessas à cobrança, para o continente e ilhas Adjacentes. Para as colónias e estrangeiro, só contra pagamento adiantado, que deve incluir 10 % para porte, registo e embalagem.

«Estudos Psíquicos» encontra-se à venda em todo o país, ilhas, colónias e no Brasil

«VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA»

ESTUDOS PSIQUICOS

Mensário de Estudos Psíquicos e Neo-espiritualismo Experimental

Um aspecto da festa do Livro Espirita, no Rio de Janeiro (Ver pág. 148)

CONTÉM: Pierino Gamba, da **Redacção**; Radiações da Natureza — Sua Influência no Espírito, pelo **Prof. Ad. Baptista Ramires**; Três Perguntas, por **Ary C. da Silva**; Congressos, por **J. B. Chagas**; Rememorando, pelo **Coronel Faure da Rosa**; A Rotina Mediúnica; Psicogénese, por **Ramos Pereira**; A Festa do Livro Espirita no Rio de Janeiro; Mensagem Espiritual; Nos Domínios da Metapsicologia, por **F. Noronha**; Para os Irmãos Pequeninos (Página Infantil, organizada por **Kylas**); Uma Sessão de Efeitos Físicos, por **António Lara**; Juventude Espirita de Bauru, por **Nabor da Graça Leite**; Uma Conferência de Pietro Ubaldi; Sessões Espiritas, por **E. F. M.**; A Reencarnação e os Evangelhos, por **A. N. Pinheiro Ramos**; Saude Física e Mental, por **António Cardoso**; Gotas, por **Casimiro Cunha** (Psicografado por **Francisco Cândido Xavier**); Espiritistas, Obsidiados e Ciência Médica, por **Tito L. Bancéscu**; Crónica Estrangeira, por **Isidoro Duarte Santos**; Notas & Comentários; Noticiário; Livros Novos

10.º ANO — MAIO DE 1949 — N.º 5

ESTUDOS PSÍQUICOS

REVISTA MENSAL — AO SERVIÇO DO ESPIRITISMO LUSO-BRASILEIRO

Rua do Salitre, 149, 1.º — LISBOA

Propriedade de ISIDORO DUARTE SANTOS, a quem deve ser dirigida toda a correspondência

REDACTORES — CORRESPONDENTES

Rio de Janeiro	*Deolindo Amorim*	Buenos Aires	*Dr. Luís Postiglioni*
Nova Iguassú	*Leopoldo Machado*	Paris	*Dr. Henri Regnault*
Uberaba	*Dr. Inácio Ferreira*	Liège	*Achille Biquet*
Pernambuco	*Capitão Nelson Kerensky*	Baurú	*Nabor da Graça Leite*
Baia	*Alfredo Miguel*	Santiago do Chile	*Ernesto Moog*
Porto Alegre	*Dr. Paulo Hecker*	México	*Rufino Juanco*
Gubbio, Itália	*Dr. Pietro Ubaldi*	Rosário	*Tito Livio Bancéscu*
Ponta Negra	*António J. Martins*	Índia Portuguesa	*Raul Sepúlveda Fontes*
Belo Horizonte	*Dr. Noraldino de M. Castro*		

REPRESENTANTES NO BRASIL

Rio de Janeiro	*José Bittencourt A. Coutinho*	Natal	*Filipe Soares de Melo*
Curitiba	*João Baptista Cardoso*	Maceió	*Jaime Xavier da Silva*
Vitória	*Dr. Airton Loureiro Machado*	Fortaleza	*José Borges dos Santos*
Porto Alegre	*José Simões de Matos*	Franca	*Dr. Agnelo Morato*
Goiânia	*José Fontenele dos Santos*	Cruzeiro	*José Zácaro Neto*
Ribeirão Preto	*Dr. Jaime Monteiro de Barros*	Aracajú	*José Elson Fontes*
S. Paulo	*Livraria Allan Kardec* / *Vicente S. Neto*	Sacramento	*Corina Novelino*
		Rio Preto	*Leónidas Gois*
Taubaté	*Geraldo de Oliveira*	Juiz de Fora	*Orville Derby Dutra*
Belo Horizonte	*Centro Luz e Humildade*	Pelotas	*Dr. Djalma de Matos*

Os artigos assinados são da responsabilidade dos seus autores ★ Não se devolvem originais, sejam ou não publicados

ASSINATURAS

Continente (cada série de 6 números, não incluindo as despesas de cobrança), 25$00—Brasil (12 números), Cr. $50,00, ou 60$00—Colónias (12 números) moeda equivalente a 60$00—Número avulso 4$50 — Número atrasado, 5$00.

Orgão do Centro Espiritualista Luz e Amor de Lisboa, e da Maternidade Casa da Mãe Pobre, do Rio de Janeiro

Obras de Ciências Psíquicas e Filosofia Neo-Espiritualista

(em depósito nesta redacção)

	br.	enc.
ALLAN KARDEC		
O que é o Espiritismo	12$00	
O Livro dos Espíritos	22$00	32$00
O Livro dos Médiuns	22$00	32$00
O Evangelho Segundo o Espiritismo	22$00	32$00
Obras Póstumas	22$00	32$00
LÉON DENIS		
Catecismo Espirita	7$00	
O Porquê da Vida (nova edição)	20$00	
O Grande Enigma	16$00	26$00
Depois da Morte	35$00	45$00
Cristianismo e Espiritismo	30$00	40$00
No Invisível (nova edição)	36$00	46$00
O Problema do Ser e do Destino (nova edição)	36$00	46$00
Joana d'Arc Médium		35$00
GABRIEL DELANNE		
A Evolução Anímica	28$00	38$00
A Alma é imortal	28$00	38$00
O Espiritismo Perante a Ciência	28$00	38$00

	br.	enc.
ERNESTO BOZZANO		
Animismo ou Espiritismo?	30$00	34$00
Fenómenos de Transporte		18$00
Metapsíquica Humana	20$00	
Pensamento e Vontade	15$00	
CAMILLE FLAMMARION		
O Fim do Mundo	24$00	34$00
Deus na Natureza	35$00	45$00
Stella (romance astronómico)	26$00	36$00
Urânia	22$00	32$00
DR. INÁCIO FERREIRA		
Novos Rumos à Medicina (1.º volume)		50$00
Têm Razão?	40$00	50$00
Conselhos a Meu Filho		15$00
Contos		15$00
Esquetes (próprios para representar)		50$00
Espiritismo e Medicina	20$00	30$00

(Continua na 3.ª pág. de capa)

ESTUDOS PSIQUICOS

Mensário de Estudos Psíquicos e Neo-espiritualismo Experimental
(ao serviço do Espiritismo luso-brasileiro)

10.º ANO — LISBOA, MAIO DE 1949 — N.º 5

Redactores: **Ramos Pereira** / **António Cardoso** | Director, Editor e Proprietário: **Isidoro Duarte Santos** | Administrador: **Maria Gonçalves Duarte Santos**

Redacção e Administração: RUA DO SALITRE, 149-1.º — LISBOA

Composto e Impresso na EDITORA GRÁFICA PORTUGUESA, LDA. — Rua Nova do Loureiro, 20 — Telefone 2 5295 — LISBOA

PIERINO GAMBA

Quem não ouviu falar de Pierino Gamba? Quem não decorou seu nome? Quem não teve conhecimento de seus concertos? Coliseu, Tivoli, S. Carlos, tudo cheio, ansioso, expectante. Maravilha das maravilhas! 11 anos esplendorosos. O patético e o sublime!

Entrou em Portugal como César na Farsália: Veni, vidi, vici. *Nenhuma crítica severa. Nenhuma nota discordante. Era o maior de todos. Tudo queria ver e ouvir o menino-maestro. Não se olhava a preço. E viram-no e ouviram-no através das orquestras. Ele estava lá. Na partitura, nos instrumentos. Estava lá, a par dos autores. Presença saudável, verdadeiro assombro.*

O público adorava-o. Queria abraçá-lo, beijá-lo, levá-lo. A polícia intervinha. Defesa oportuna. Um desejo grande vê-lo ao pé, ouvir-lhe a voz, sentir-lhe o hálito...

Seria um sonho? Miragem falaz? Coisa nunca vista. Coisa de contemplar, em êxtase, genuflexo.

Passou o êxtase, o sonho, a miragem. Pierino abalou. Longes terras o vêem, o sentem, o amam...

Quem o viu e sentiu, pensa agora: Que seria aquilo? Que sopro divino o bafejou? Que milagres se reuniram naquele ser portentoso?...

Tortura mental, dúvida atroz, ânsia vibrante! Choque de ideias a rugir e a cantar. Pierino Gamba galgou o oceano. Galgou? Ou ficou entre nós? Eu vejo-o, eu sinto-lhe o influxo. Mesmo de longe, vejo-o aqui, a dirigir, a leccionar.

Devo-lhe um livro. Saiu agora. Vai correr mundo, como ele foi. Triunfará? Pierino venceu. Pierino empolgou. Pierino anda envolvido em sonho e vence e empolga sempre. É invencível, é imortal.

Meu livro é pobre, é modesto. Uma sombra de Pierino. Tem alma? Tem. Alma que foge à palavra, asa que voa, desejo que freme. É um grito: Eureka! *Venham ver a verdade! Não posso calar-me, não posso... É a Doutrina, é o Ideal. Motejos, sarcasmos? Há-de ter muitos, leais, desleais. Que me importa? É a Razão, é a Verdade.*

Lede este livro e julgai. Não é conto, não é romance. Não louvaminha, não biografa. Destino-o ao mundo que sente muito e pensa pouco, para que sinta e pense mais.

Pierino veio, Pierino foi. E voltará... Nova aclamação, nova apoteose, novo triunfo. Riqueza, abundância, plenitude! No princípio era o Verbo... O génio de Pierino não é centelha, nem clarão. É perenidade que vem dos séculos para os séculos.

O meu livro projecta luz sobre o fenómeno. Isso, projecta. Resolve o caso? Isso não sei. Outros o dirão. Escrevi-o com alma e dei-o submisso. Já me não pertence...

Pierino Gamba! Pierino Gamba!

II — Radiações da Matéria — Sua Influência no Espírito

MUITO a ciência se tem ocupado de todo o género de transformações da matéria, utilizando a energia que em tudo domina, pois como bem se sabe, nada no Universo está inerte. Pouca atenção, porém, se tem dado a certa forma de energia que, em radiações próprias vem da matéria, radiações que, se umas são úteis, outras há prejudiciais à vida orgânica ; e ainda outras prejudiciais ao espírito ; e destas, sendo muito pouco conhecidas, tratarei hoje aqui.

Antes disso, porém, convém lembrar que de radiações vêm todos os fenómenos que se dão na matéria ; de muitos se ocupa toda a Química, a começar pela atracção molecular entre dois corpos que se combinam ; e de outras, a Física se ocupa, tais a luz e o som que não são mais que irradiações que até nós chegam, e o mesmo se dá com o calor e, na sua origem, todos os fenómenos da electricidade, e entre estes, por sua energia oculta, está a atracção do ferro a um iman — tudo isto é absolutamente elementar — fenómeno semelhante ao que por vezes se dá, quando fortemente se esfrega um corpo sobre outro, por esse atrito violento despertando a energia aí mantida em estado latente, passando a estado dinâmico, suficiente para atrair outro corpo de pouco peso, e até desviar a agulha de um electrómetro.

Do lado mecânico, merece interesse aquilo que por vezes resulta da agitação violenta e demorada de pequena quantidade de um corpo dissolvido em grande quantidade de um líquido neutro, como a água ou o álcool. Sendo a agitação desse corpo bastante violenta e demorada — isso se consegue por passagens sucessivas de quantidades mínimas desse corpo para quantidades maiores do líquido em que se dissolveu, e agitando sempre violentamente — chega-se à separação molecular, e a pôr em liberdade a dinâmica atómica, como Weber reconheceu, por vezes de poderosa acção fisiológica contrária àquela que normalmente antes tinha o corpo que se agitou.

Nessa interessante acção contrária se baseia — *similia similibus curantur* — toda a Medicina homeopática que o génio de Hahnemann concebeu, terapêutica pouco seguida em Portugal — cada orientação tem a sua escola própria — mas avançando progressivamente, segundo consta, no Estrangeiro, pelo resultado que se tem colhido dessas poderosas radiações, por tal processo formadas.

Toda a matéria, qualquer que seja o seu estado, emite as radiações que a caracterizam, e ainda aquelas que de fora lhe venham. Sobre isso também merece interesse a propriedade de certos corpos minerais fixarem durante o dia a radiação solar, emitindo-a depois durante o dia e a noite ; e isso notàvelmente se dá com a areia silicatada das praias, daí vindo o benefício que vem às pessoas que vivem durante algum tempo à beira-mar, recebendo constantemente as irradiações da areia. Isso mostrei há anos, em estudo que então se publicou, quando esse benefício ainda se atribuía às emanações iodadas do mar, erro em que dantes se estava, pois cidades há, não distantes do mar, recebendo o ar do Oceano, e que esse benefício não tem quem nelas vive.

Publicando isto há anos, em artigo desta Revista, vi confirmado o que eu pensava quando pelo prof. Carlos Santos tive conhecimento de uma interessante experiência de Steiner que, tendo semeado na terra contida em dois vasos o mesmo cereal, lançando areia à superfície de um deles, e postos ambos em completa obscuridade, observando-os passado tempo, viu ter nascido com a cor natural o cereal do vaso que tinha areia, e inteiramente incolor o outro.

Essa propriedade da areia silicatada se utiliza na construção dos espelhos, em que o fundo, por detrás do vidro, que já desses silicatos é extraído, é massa em cuja composição eles correntemente entram. A imagem que eles dão não é mais do que emissão — maior por via dos silicatos — das radiações do corpo que se lhe expôs.

Foi de Hertz que veio, como todos sabem, a noção fundamental das ondas que ele descobriu, dando lugar ao estudo que outros cientistas têm feito; foi, porém, Lakhovsky quem tudo ampliou e melhor mostrou que toda a matéria emite radiações, aquelas que a cada espécie são próprias, sendo por elas que os corpos à nossa vista, uns dos outros se distinguem. É por essa emissão de ondas, indo a grandes distâncias, que os pombos correios se orientam, dirigindo-se para o pombal, de cuja matéria, a da sua construção, as radiações vêm; fenómeno semelhante se dá nos cães que, em antena própria, como têm os pombos, recebem as radiações que vêm das peças de caça que descobrem, daí vindo aquilo a que chamamos *faro*.

Essa antena é notável descoberta de Lakhovsky, que atribuiu essa função ao filamento em espiral, que ao microscópio se vê

DO

Prof. Ad. Baptista Ramires

no nucleolo da célula de muitos seres — esse *espirosoma*, o nome que se lhe deu — cuja função exacta nunca tinha sido conhecida.

Muito mais longe, porém, foram os conhecimentos que essa tão admirável mentalidade nos deu, por eles abrindo um novo caminho à ciência, como bem mostrou nas notáveis obras que nos deixou (1) — *Le Secret de la Vie, L'Origine de la Vie, L'Universion*, e outras — nelas nos dando ideias novas, que o seu génio concebeu, e tirando conclusões, também novas, do que, sobre ondas cósmicas tinha vindo de Goeckel, Rutherford e de Milikan.

Muito a ele se ficou devendo em conhecimentos novos, principalmente na sua descoberta da oscilação celular, mostrando que as células dos seres vivos têm oscilações que lhes são próprias, e que do desequilibrio dessas oscilações vêm muitas doenças. Partindo daí, mais longe foi, concebendo um aparelho, o seu «rádio-célulo-oscilador», que capta, como faz uma antena da T S F, as ondas cósmicas, no que têm de prejudicial para o necessário equilíbrio oscilatório das células, conseguindo por sua aplicação a cura de numerosas doenças, muitas de cura difícil pelos processos correntes, e algumas incuráveis, como o cancro, conforme tem sido observado por médicos notáveis de diversos países, principalmente da Itália, onde a isso se tem dado particular atenção. Antes desse aparelho, outra disposição concebeu, para doenças menos graves — essa de resultado mais demorado — que é um simples colar metálico, facílimo de preparar, conhecendo eu já numerosos casos da sua feliz aplicação.

Ainda é desconhecido isto de muita gente — cada sistema de terapêutica segue a orientação em que se formou — mas certo é que muitos cientistas de diversos países consagraram esta descoberta da oscilação celular, tendo sido, do lado da França, d'Arsoval um dos primeiros, o que é bem significativo. Em Portugal deu-lhe toda a atenção o prof. Pereira Forjaz, o que é também significativo, tanto tem ele elevado na ciência o nome português no estrangeiro. Autor de numerosos estudos, lá fora honrosamente citados — alguns conheço eu — foi ele quem primeiro, pelas ondas electromagnéticas, activou a velocidade de uma reacção química; como também, pelo rádio-oscilador de Lakhovsky, chegou a outros resultados interessantes, e um deles foi a rápida descida da acidez do vinho, da cerveja e do azeite, sendo a do azeite de 0,4 a 0,25 ao fim de dois dias. Tem para mim todo o relevo esta experiência, porque de há muito conheço e admiro o rigoroso e superior espírito de análise deste bem ilustre professor; por aqui se podendo prever a possibilidade de amanhã se chegar a importantes acções de catálise, em trabalhos de laboratório e na indústria. Essa conclusão se tira do seu estudo sobre a influência das ondas electromagnéticas na marcha das reacções químicas (2).

O que notáveis homens de ciência têm escrito sobre a monumental descoberta de Georges Lakhovsky, tão útil à humanidade, é suficiente para ser considerado — assim está sendo — como verdadeiro génio criador no século actual. Esse conceito me levou, tratando de radiações — pois do seu perfeito conhecimento veio tudo que concebeu —, a ocupar-me nesta Revista desse espírito bem elevadamente superior; isto merecendo quem tão estreitamente se mostrou ligado ao moderno Neo-espiritualismo, aí chegando a conclusões, também inteiramente novas, sobre a palingénese, conforme bem claramente se vê na obra que à posteridade deixou: o seu *Le Grand Problème*.

Foi isto que me inspirou enviar para esta Revista, dada a orientação que seu título indi-

ca, e ainda lembrar-me que poderia ser útil a alguém certo conhecimento de que atrás dei conta, como útil será para todos aquele que adiante vou expor.

Entrando agora na acção das radiações da matéria sobre o espírito, bem conhecida é a influência que em tudo para nós tem a luz, principalmente a luz solar, cujo poder penetrante mais ou menos atravessa todos os corpos transparentes, sobretudo o vidro; isto pelo lado físico, porque, como é sabido, não têm a mesma penetração os seus raios químicos, e entre esses se destacam os ultra-violetas, que não atravessam o vidro; por isso, os banhos de sol, que a Medicina para alguns males aconselha, têm de ser em exposição livre, não detrás de vidro de portas ou janelas. Pela mesma razão, as lâmpadas de produção artificial de raios ultra-violetas são de quartzo, não de vidro.

Entre as diversas radiações que constantemente atravessam o espaço, merecem reparo especial, pelo que hoje se sabe, aquelas que à luz emitem as cores, actuando no estado de espírito, e também no corpo humano, dependendo isso muito da sensibilidade. Não tendo ainda visto isto tratado em qualquer Revista, lembrei-me de, sobre este assunto, fazer uma análise rápida do que está conhecido, para isto concorrendo o interesse que em muita gente despertou um artigo de jornal que há tempos vi. Feitas aí referências a alguns investigadores, os médicos Drs. Savary e Schurr — mais há que não vi citados — estranhei, e já antes tinha estranhado, não se citar o nome do notável cientista que primeiro, muitos anos já decorridos, tinha dado atenção especial a este assunto, que o tornou célebre. Esse homem foi Finsen que, sabendo haver cores nocivas à vida, outras há, observou ele, cuja influência por suas radiações é útil no tratamento de algumas doenças, criou para elas uma terapêutica especial, a que deu o nome de «cromoterapia», conhecida também por «finsenterapia», em homenagem ao seu criador.

Na verdade, de então para cá, tem-se reconhecido, nas radiações que vêm das cores, acções diversas, entre as quais, se de algumas a acção é nociva ou nula, outras há que dão aproveitável efeito, sobretudo calmante, manifestando-se no espírito, e também um tanto no corpo. Sobre isso, não vejo acordo perfeito entre aqueles que deste assunto se têm ocupado, pois alguns atribuem à cor azul uma útil influência no trabalho mental, outros a atribuem à cor amarela. Como assim é, aqui transcrevo a classificação que, sobre a acção das cores, nos dá Babitt.

Vermelho: forte excitante, actuando como estimulante psíquico e físico.

Azul: calmante, podendo concorrer como auxiliar anti-febril e analgésico; por este lado, pode acalmar algumas dores, fitando demoradamente uma superfície azul.

Amarelo: também estimulante intelectual, útil ao trabalho mental.

Roxo: sedativo também útil para longas meditações, diz assim Babitt.

Verde: excitação sã, segundo ele, antineurasténica, útil em tratamento de várias psicoses.

Sobre a cor azul, pelo que tenho lido, nem todos estão de acordo, pois há quem a ela atribua a melhor influência no trabalho mental, podendo esse desacordo resultar de variações de temperamento, sempre dominantes. Sobre as radiações da cor vermelha é que não há desacordo, pois de há muito se sabe quanto são excitantes, delas se servindo os artistas de toureio, incitando à investida os animais com que trabalham, expondo-lhes à vista panos vermelhos. Pelo lado profilático, os médicos aconselham alguns doentes, fàcilmente excitáveis, a evitarem a coloração vermelha, sobretudo em quartos de dormir, forradas as paredes a papel com ramagens dessa cor. No entanto, casos há, aliás raros, em que parece ser útil a cor vermelha, pois a ela muitos recorrem em certos tratamentos, como ainda se usa nas crianças atacadas de sarampo.

Ainda sobre a cor roxa, convém dizer que Browning a recomenda a pessoas atreitas a insónias, por se ter reconhecido que, nalgumas, o sono vem, fitando demoradamente, como se indica para outros casos, um pano qualquer, ou papel, que tenha essa coloração. Enfim, pelo que se tem observado sobre a influência, principalmente de ordem psíquica, das radiações das cores, pode também ser útil a muita gente este conhecimento.

Sobre a coloração roxa, passava em tempos como estranha esquisitice o hábito do director de uma importante escola americana, com internato, de ter nas paredes dos quartos dos alunos a cor arroxeada, reconhecendo-se mais tarde o fundamento que o levava a essa esquisitice. Estranheza semelhante causou um agricultor, de cujo nome não me recordo, baseado em indicações que alguém lhe deu, tratar cepas atacadas de terrível mal, a *gomose ba-*

cilar, expondo-as à luz solar, que passava por vidros de certa cor — não sei qual — montados em tripés, que fazia deslocar, seguindo a marcha do sol. Achou-se isto muito estranho, vindo de um ignorante agricultor; mas, certo é que esse tratamento curou as cepas atacadas, como depois se verificou ([3]).

À influência das cores se está dando grande atenção nos Estados Unidos norte-americanos, e também na Alemanha antes da guerra, principalmente no que respeita a hospitais, sobretudo nos de doenças mentais, em casas de saúde, etc. Admitindo-se que essa influência pode ser útil ou nociva, procura-se dar às paredes dos dormitórios cores apropriadas.

As impressões ou efeitos dessas radiações são semelhantes àquelas que, para certos temperamentos, muitas vezes dá a música, pois há pessoas a ela tão sensíveis, que uma peça musical de grande melodia — a *Avé Maria* de Gounod ou a *Sonata* de Schubert — leva a um espírito inquieto certo estado de acalmia, que pode chegar à melancolia, sucedendo o contrário com peças de forte instrumental — algumas composições de Wagner, entre outras — que não raro despertam entusiasmo, que é uma forma de excitação.

Isso com a música é rápido e transitório, ordinàriamente desaparecendo, terminada a audição. Com as radiações das cores, a acção é mais lenta, e também só dura enquanto elas se oferecem à vista; mas nas cidades, por toda a parte há abundância de cores variadas — nas montras das casas comerciais, nas paredes e até nos telhados, em variadas formas de reclamo, no vestuário das mulheres, etc. — e, entre essas cores, lá está a avermelhada, actuando em quem tenha, sem dar por isso, sensibilidade para ela predisposta. A essa influência cromática, a maior parte da gente é insensível — sobretudo a do sangue saxónio ou anglo-saxónio — para isso, em todos concorrendo, a constante oscilação de impressões, vinda da variedade das cores, corrigindo umas, diz Browning, o efeito que mais ou menos vem da acção das outras.

Nem sempre, porém, há essa forma de atenuação, e a sua acção vai àquela parte do sistema nervoso chamada neuro-vegetativo, podendo no decorrer do tempo produzir um acréscimo da sensualidade, e em algumas pessoas, diz ainda Browning, atingir os orgãos sexuais. Isto por um lado. Por outro, há o que vem da maneira de ser da mulher, na vida mundana actual: hábitos de luxo, nas classes em que eles se ostentam; certas modas no vestuário — este quase sempre de cores vivas, mais ou menos excitantes — sua elegância de formas e dominante cultura da arte de por vários artifícios se alindarem, a que quase todas hoje recorrem; enfim, tudo isso que há anos nasceu em França, e a que lá se dá o nome de *coqueterie*.

Ora, às radiações que venham das cores, a elevar a excitabilidade de muita gente, junta-se essa, que radiação é, nos grandes centros, vinda da mulher, podendo então atingir, como atrás disse, os orgãos sexuais, quando para isso haja predisposição. Não a havendo, a atracção entre os dois sexos irá apenas ao espírito, nele nascendo esse sentimento elevado que não sai da alma; mas pode ser só animal a atracção, impelindo a ligações ocultas — essa poligamia secreta, frequente hoje na vida das grandes cidades — disso resultando, sem dúvida, vasta procriação.

Pode ser essa uma das causas do espantoso crescimento da população do mundo, visto que, se é certo ter crescido muito a percentagem de matrimónios nas cidades muito populosas, como é natural, certo é também que a percentagem da natalidade, eleva-se nelas muito mais, como lá fora já se observou. A causa apontada é admissivel, pois se neste meio século a imoralidade cresceu — é isso infelizmente bem sabido — não há razões para crer que, na faculdade procriadora, tenha mudado a fisiologia humana. Nesse crescimento populacional destaca-se todo o Ocidente, pois no Oriente não se vê, a não ser no Japão; mas nesse país os costumes são outros, que de há muito neles se infiltrou o espírito europeu; e essa excepção que se dá, nessa parte do Oriente, parece confirmar a única explicação que se vê para o aumento populacional que do lado de cá se está notando, com forte razão preocupando o mundo.

Para esse aumento, um tanto concorre, pela higiene seguida e melhor terapêutica, a redução da mortalidade; mas, feitas as contas, como alguém já fez, insignificante é esse factor. Mais importante é aquilo que vem do exagerado urbanismo — essa desenfreada corrida para as cidade — forma de emigração que, como a outra para fora da pátria, a tantos ela ilude; sorte para uns, raros, miséria para outros, a maior parte, que longe mourejam.

Nessa corrida para as cidades, do desconcerto entre a oferta e a procura, resulta o

TRÊS PERGUNTAS

Dedicadas a Sónia T. Araújo

«... É o que acontece àquele que acumula tesouros para si próprio e que não é rico diante de Deus.» — Lucas, XII, 21.

«É mais fácil que um camelo passe pelo buraco de uma agulha, do que um rico entrar no reino do céu.» — Mateus, XIX, 24; Lucas, XVIII, 25; Marcos, XII, 1.

«Lembra-te também do teu criador nos dias de tua mocidade, antes que venham os maus dias...» — Eclesiastes, XII, 1.

«... Não vos enganeis: nem fornicários, nem idólatras, nem adúlteros, nem efeminados, nem sodomitas, nem ladrões, nem avarentos, nem beberrões, nem maldizentes, nem roubadores, herdarão o reino de Deus.» — I Ep. aos Coríntios, VI, 9 e 10.

«... instruindo-as a observar todas as coisas que vos tenho mandado...» — Mateus, XXVIII, 20.

«Disse-lhes: ide por todo o mundo e pregai o evangelho a toda a criatura.» — Marcos, XVI, 15.

«Eu sou o alfa e o ómega, o primeiro e o último, o princípio e o fim.» — Apocalipse, XXII, 13.

Pergunta-se ao agiota o que há de maior no universo, e ele dirá:

— O ouro! Com ele temos tudo e tudo conseguiremos: Mares, impérios, joias finas e pedrarias raras.

Mas o agiota continua sempre acumulando e seus fabulosos tesouros, às vezes, nem mesmo lhe darão mortalha funérea...

Interroga-se ao devasso o que há de mais importante na face da terra e ele responderá:

— A boémia! Nela afogamos o aborrecível e gozamos inenarráveis prazeres. Bebidas, mulheres, orgias... tudo é nosso e tudo se rende a nós. No paroxismo das volúpias desenfreadas, o mundo torna-se pequenino e nós sentimos o absoluto, e tudo em nós mesmos.

Entretanto, num catre imundo coberto de chagas e podridões, quase sempre expira o devasso. Sob o guante purificador do sofrimento, reconhece então que é minúsculo átomo, putrecível, empestando o cosmopolitismo.

Indaga-se, por fim, do Cristão o que de mais belo existe no planeta, e ele exclamará convicto:

— O EVANGELHO.

Com ele, tudo teremos; com ele, tudo dominaremos; com ele, o mal é inexistente; sem ele, tudo trevas, sofrimentos... Porque:

Ele oculta o sémen do bem, nele predomina a bondade.

É luz que clareia, é virtude que convence.

É raciocínio que vislumbra, é verdade que assombra.

É método que corrige, é ensino que esquadrilha.

É farol que acende, é convicção que inflama.

É roteiro que impulsiona, é estrela que indica...

Enfim, o Evangelho é Jesus repetindo-nos sempre as maravilhas do Céu. Tê-lo no coração é sentir o Nirvana em nós mesmos.

Desaparece o crente confortado, e, pela noite, o firmamento se engalana de estrelas, saudando ao seu novo Senhor...

ARY C. SILVA

Bicas - Minas Gerais

aumento, cada vez maior, do custo de tudo que é necessário à vida; e mal ainda pior, é nesse urbanismo, também cada vez maior, o crescimento da imoralidade, com a cultura de todos os vícios. Como evitar essa bem notória decadência? Pela educação? Não, já é tarde para isso, pois tudo já vem de longe. Herbert Spencer, em questões do espírito o maior pensador do século passado, na sua obra colossal (em tradução francesa, 11 volumes) já um pouco nos deixou prever nos seus *Principes de Psychologie*, e também nas duas obras, *Principes de Sociologie* e *Essais sur le Progrès*, o que seria um dia a humanidade actual. Mas, embora com menos ciência, foi Wagner, alemão de nome, norte-americano de nascimento, quem melhor mostrou o que mais tarde viria, aconselhando esse povo americano a regressar à vida simples, sendo até *Vida Simples*, o título da sua obra, que li haverá quarenta anos, obra que lhe conquistou a admiração do grande presidente Roosevelt.

Regresso à vida simples de outros tempos, continuando o mundo politicamente organizado como tem estado, não é isso possível. Esse regresso, só seria possível, se fosse decretado pelas Nações Unidas do Ocidente — essa «assembleia internacional» de que já se falou, e então — vai agora aqui um pouco de imaginação, que fará sorrir muita gente — começaria esse organismo por lançar um «imposto de cidade», semelhante àquele que iniciou há anos o governo norte-americano, para os imigrantes estrangeiros; imposto a quem, fora de obrigações de funcionalismo público, ou de rigorosos deveres de família, bem provados, para as cidades corresse, abandonando suas modestas terras. Por certo lado, o da decadência vital nos grandes centros, até para ela isso seria útil, como detalhadamente já mostrou o Dr. Clarke na Revista inglesa *Journal of Physiology*, no seu notável estudo dos «elementos externos aceleradores da senilidade».

A par dessa medida, outra não menos importante havia a tomar: a de sanções severas contra essa poligamia secreta, vulgar nas grandes cidades, única explicação, que não há outra, do progressivo aumento da população no mundo, que sérias preocupações está dando.

A ideia da «assembleia nacional» veio ao espírito de alguém, cá dos lados do Ocidente,

CONGRESSOS

por J. B. CHAGAS

O Conselho da Confederación Espirita Pan-Americana (C. E. P. A.), por indicação da Liga Espirita do Brasil, reconhecida como a entidade federativa mais importante filiada à mesma, em obediência ao art. 30.º dos seus estatutos, acaba de nomear a Comissão Organizadora do 2.º Congresso Espirita Pan-Americano, a ser realizado no mês de Outubro de 1949, na cidade do Rio de Janeiro, a qual ficou assim constituída: — Presidente, *Aurino Barbosa Souto;* Secretário Geral: *Deolindo Amorim;* Tesoureiro: *Dr. Artur Lins de Vasconcelos Lopes.* Membros integrantes: *Prof. Campos Vergal, Drs. Carlos Imbassahy, Lauro Sales, Francisco Klors Werneck, Cel. Delfino Ferreira Filho, Prof. Leopoldo Machado* e *J. B. Chagas.*

Nunca é demais encarecer, na hora que passa, a alta finalidade que objectivam estes congressos, mormente quando eles se realizam com o âmbito continental.

Nunca é demais ainda encarecer, nesta oportunidade, uma vez que assistimos com os corações contristados ao quadro desolador que se desenrola aos nossos olhos estarrecidos, nas plagas europeias — o homem, qual fera sanguinolenta, na luta infrene, como o lobo do próprio homem, se entredevorando, num atestado eloquente do seu grande atraso espiritual, a demonstrar que eles estão assistindo ao desenrolar dos séculos, após séculos, na escala da Evolução, permanecendo com os mesmos instintos dos homens das cavernas!

Toupeiras de todos os tempos, os seus olhares espirituais não vão além dos horizontes mesquinhos das suas tocas!

O Mundo, porém, precisa de progredir, impulsionado pela lei geral da Evolução, e assim é que os homens que já se encontram desembaraçados dos andrajos do *homem-velho* e se acham agora revestidos de *novas roupagens,* têm o dever imperioso de tudo fazerem para que às *novas* gerações jamais seja dado assistir a hecatombes tão hediondas, como as últimas guerras que ensanguentaram e enlutaram várias gerações.

A nova luz, que já chegou aos homens de boa vontade, tem que resplandecer acima de todos os alqueires mesquinhos!

E os cristãos novos são os escolhidos para fazer chegar essa mensagem da Boa-Nova a todos os espíritos, muito embora tenhamos de enfrentar as incompreensões de uns e a má vontade de outros!

Mas, com Jesus, na verdade, todos os caminhos são rectos e conduzem a Deus!

Tiremos todo o proveito possível dos Congressos, no sentido de implantar nos corações o império da Fraternidade, porque segundo os prognósticos das Escrituras e das reiteradas mensagens dos emissários de Jesus, o Planeta aproxima-se, a passos largos, do seu período de transição.

ORAI e VIGIAI — aconselhou sempre Jesus. Estejamos com as luzernas bem acesas e aguardemos os acontecimentos. É o que nos cumpre fazer, por enquanto.

Nova-Iguaçú, Outubro/1948.

---

avistando ao longe, atrás dessa «cortina de ferro» que de outros povos nos separa, um faiscar de relâmpagos precursores de guerreira trovoada; mas, desse aumento populacional, que já está preocupando atilados espiritos, pior mal pode vir quando, contra a guerra da fome, já não houver recursos na Natureza. Se essa cortina de ferro se avista, sendo isso razão para firme união internacional, também razão é para se evitar tudo que não seja legítimo, prejudicial ao espírito e à moral. Cortinas, só de límpido cristal cá no Ocidente, que não escondam torpezas de desordenada ambição, nem baixezas de lubricidade, a dar, de dia para dia maior, funesta procriação. Na luta contra o mal, melhor que bombas atómicas e todas as invenções modernas, melhor que tudo, será aquilo que, contra esse género de mal, em hora feliz para a humanidade, se conceber.

---

(1) Falecido há três anos em Nova York.

(2) Um estudioso médico, Dr. J. Ramino, que pessoalmente não conheço, em prefácio da obra que publicou *A Teoria da Oscilação Celular de Georges Lakhovsky,* (Coimbra, 1938), citando os nomes de muito numerosos cientistas que, em diversos países, se têm ocupado de tão importante descoberta, para Portugal cita o do prof. Pereira Forjaz e o meu. Está isso certo, bem certo, para este sábio professor, mas não está certo referindo-se a mim, que nenhum estudo tenho desse género.

Eu não fiz mais do que satisfazer um desejo que Lakhovsky em carta me expôs há anos, sobre assunto de Microbiologia, e nada mais fiz. Sucedeu até que, por ignorância da influência do electromagnetismo do solo — e ainda pouco disso sei — sobre certas manifestações da actividade microbiana, cometi um erro no estudo prático que fiz, de que só tarde dei fé. Então, imediatamente tudo rectifiquei, em comunicação a Lakhovsky, sendo assás generosa a referência que ele me fez numa das suas obras.

(3) Chegando aqui, vem a propósito dizer que também teria parecido estranho que alguém, não sendo médico, tendo apenas o curso de eng.º agrónomo — e isso bem o satisfaz, pela importância dominante de conhecimentos que daí vêm para a economia nacional — tivesse um dia chegado à conclusão, por estudos que fez, quando era professor de Microbiologia, ser erro atribuir-se ao ácido láctico o efeito terapêutico de certa espécie microbiana do grupo «fermentos lácticos» — como cá e lá fora se supunha — pois reconheceu ser esse efeito essencialmente devido a um corpo de natureza enzimoide, que nessa espécie se forma contra as bactérias que lhe são antagónicas. Certo disso, limitou-se então a enviar a respectiva comunicação à Academia das Ciências de Lisboa; mas, sabendo mais tarde que na Alemanha se tinha chegado à mesma conclusão, três anos depois, considerando-se descoberta alemã, para lá enviou, vertida para francês, a antiga comunicação: *Zymogenèse microbienne. Emploi dun de ses agents en Bacteriothérapie.* Lisboa, 1935.

Maio/49

REMEMORANDO

Um artigo do Coronel **FAURE DA ROSA**

QUANDO foi publicado o livro «Après la Mort», *Le Journal*, de Paris, de 26 de Janeiro de 1899, publicava a seguinte local assinada por Alexandre Hepp: «Há um homem que escreveu o mais belo, o mais nobre, o mais precioso livro que eu jamais li: Chama-se o seu autor Léon Denis, e o seu livro *Après la Mort*. Lêde-o, e uma grande piedade mas libertadora e fecunda vos invadirá bruscamente — pelas vossas manifestações de pesar do medo da morte e do grande luto por aqueles que acreditais perdidos».

Deste livro «Depois da Morte», já em 1922 se tinham tirado *quarenta e cinco mil exemplares*, e a tiragem do seu opúsculo de propaganda intitulado «O Porquê da Vida» subira, na mesma data a *duzentos e sete mil!*

Léon Denis contava mais de trinta anos de experimentação rigorosa, efectuada em diversos meios com numerosos médiuns que lhe demonstraram que, se os fenómenos psíquicos se explicam, em parte, pela exteriorização de forças emanantes dos vivos, um número importante desses factos só pode ser explicado pela intervenção de entidades invisíveis. E essas entidades não podem ser senão os espíritos dos defuntos, porque eles subsistem sob uma forma subtil, imponderável, cujos elementos pertencem à matéria quintessenciada.

Na habitual sessão do grupo experimental, em Avinhão, a que pertencia o abade Grimaud, a médium Sr.ª Gallas, transmite uma comunicação por meio de sinais, gestos empregados por certos surdos-mudos. A velocidade da mímica era tamanha que teve de se pedir ao espírito que se moderasse, que se exprimisse mais devagar. O abade Grimaud enunciava as letras, à medida que as apercebia pela gesticulação da médium, letras que um dos componentes do grupo ia registando. Portanto, só no fim da sessão se pôde proceder à leitura da comunicação. O mais interessante é que a médium empregava um método duplo: aquele que enunciava as letras de cada palavra para indicar a ortografia e o que enunciava a articulação, sem atender à forma gráfica, método inventado por Fourcade e que apenas era usado no Instituto de Surdos-Mudos de Avinhão.

Ora, a comunicação veio assinada por Foucarde, falecido em Caen, que nenhum dos assistentes — à excepção do abade — tinha conhecido.

Recomenda Léon Denis que nos acautelemos dos adversários do Espiritismo que insistentemente procuram denegrir os médiuns com a acusação de fraudes propositadas, ou querendo fazê-los passar por nevróticos; enfim, diligenciando por todos os meios desviá-los da sua missão. Eles bem sabem que o médium é a condição essencial do fenómeno e pelo processo do descrédito esperam arruinar os fundamentos do Espiritismo.

É, pois, indispensável que lhes frustremos essa tática; para isso devemos encorajar e auxiliar os médiuns, rodeando das precauções necessárias o exercício das suas faculdades — sem embargo de jamais abdicarmos da nossa razão e assim, podermos sempre separar o trigo do joio.

Perguntaram a Léon Denis se o Espiritismo viria a ser a *religião do futuro*, ao que o Mestre respondeu: «O Espiritismo será antes o futuro da religião».

★

Em 31 de Março de 1927 — 58.º aniversário da desencarnação de Allan Kardec — L. Denis saiu de casa pela última vez para entregar na tipografia o resto do manuscrito destinado ao seu livro «O Génio Céltico e o Mundo Invisível», livro que só viria a ter publicidade depois do seu desaparecimento deste mundo e onde seriam incluídas as mensagens de Kardec a L. Denis.

Foi o espírito de A. Kardec que em palavras proféticas anunciou a terminação da vida terrena de L. Denis. Na sessão mediúnica de 1 de Abril de 1927, o espírito de A. Kardec, através dum médium, disse a L. Denis: «Destes cumprimento às determinações da vontade divina: no reino da luz ireis respirar».

Efectivamente, onze dias depois, em 12 de Abril de 1927, o espírito de L. Denis partia para o reino da luz.

O LIVRE ARBÍTRIO E A HARMONIA SOCIAL

Em Janeiro de 1924, L. Denis escreveu em *La Revue Spirite* um esplêndido artigo de análise social donde relevo alguns parágrafos.

«O direito de cada um deve corresponder ao mérito adquirido... A liberdade, ou melhor, o livre arbítrio, é proporcional ao grau de evolução do ser e cresce à medida que ele ascende na escada infinita da existência dos mundos...

«Tudo o que fazemos recai sobre nós, através do tempo, em alegrias ou dores.

E como poderá o futuro ser melhor que o passado se nós continuarmos a semear no presente germes de ódio, de causas de discórdia e de agravos; se o fraco

A ROTINA MEDIÚNICA

Não há centro espirita no país que não tenha sido visitado por indivíduos desejosos de aprender alguma coisa nova! Referimo-nos a homens sinceros e não aos curiosos, nem aos que querem ver fenómenos «para se convencerem». Se não leram Kardec, Geley, Crookes ou outros, depressa se afastam do centro que visitaram, simplesmente por não encontrarem o que pretendiam.

A ausência de controlo mediúnico, a falta de severa análise das comunicações e essa rotina enfadonha contribuem geralmente para o afastamento dos valores humanos. É lógico que assim seja. A repetição de conceitos, o estribilho permanente de que os presentes devem ser bons, etc., leva o melhor predisposto a entregar-se à leitura de livros espiritas, em cujas páginas se aprende muito mais do que a escutar as reais ou supostas entidades espaciais, incapazes de nada dizer que possa ilustrar os que desejam aprender algo de interessante.

Esse rotineirismo justifica-se: é a lei de afinidade moral e espiritual que se cumpre inexoravelmente. E quando não se analisa com atenção o que procede do médium, não se estuda a sua moral, nem o comportamento dos assistentes, fácil é que se registem frequentes fenómenos anímicos que, para as inteligências pouco esclarecidas, são de carácter extra-terrestre. Repetimos mais uma vez que os fenómenos anímicos e os de índole puramente espiritual devem ser controlados por quem o possa fazer. Quem julga que isto é fácil, engana-se redondamente. É preciso grande conhecimento e longa experiência, como sucedeu a Kardec, Delanne, Geley, Crookes e outros.

A personalidade humana é profundamente complexa no aspecto anímico. Fazer experiências sem estudo adequado é atirar-se à água, sem saber nadar. Se os grandes sábios se encontraram muitas vezes ante problemas difíceis de resolver, que se deve esperar de pessoas pouco cultas e ignorantes da ciência do espírito? Não há direito a desprestigiar o que está destinado a abarcar e resolver os mais complexos problemas da humanidade.

(De *Consciência*, de Buenos Aires)

continua a ser esmagado pelo forte; se tantos corações sensíveis são despedaçados pelo egoísmo e pela brutalidade — numa palavra, se o homem continua a ser cruel para o seu semelhante?

«Todos os fluidos impuros causados pelas nossas paixões, engendrados por obras de maldade, pelo cometimento de injustiças, acumulam-se silenciosamente por cima de nós, até que, um dia, quando a medida está cheia, a tempestade deflagra sob a forma de calamidades, de flagelos, origem de novos sofrimentos, porque o excesso de prazer conduz fatalmente a um acréscimo de dor, a qual durará enquanto não se restabelecer o equilíbrio tão necessário na ordem moral como o é na ordem física.

«O abuso dos prazeres, o excesso de luxo, o alcoolismo, o desregramento, resgatam-se pelo sofrimento, pelas privações, pela miséria. Aprendamos a ser sóbrios e comedidos em todos os nossos actos...

«É às classes endinheiradas que compete dar o exemplo, deixando de fazer do gozo a regra predominante da sua vida.

«As catástrofes, o desencadeamento do que nós chamamos as *forças cegas*, parecem-nos inexplicáveis porque desconhecemos as causas invisíveis que as produzem e que, a maior parte das vezes, emanam de nós mesmos e explicam-se pela nossa inferioridade e as nossas violações da Lei.

«... A guerra, em vez de servir de lição, veio acordar as mais violentas paixões, as mais baixas cobiças...

«A harmonia social só pode estabelecer-se na Justiça, na bondade, na solidariedade...

«A educação das almas, segundo a grande lei da evolução e as consequências do nosso passado, obrigam-nos a renascer nas diferentes condições sociais, quer para repararmos as nossas faltas anteriores, quer para adquirirmos as qualidades propriadas a essas condições. Devemos, portanto, trabalhar para que *cá em baixo*, haja ordem, justiça, harmonia.

«Cada um de nós para subir, tem que ajudar os outros a trepar a escada imensa, tem que lhes instilar os conhecimentos, as qualidades que adquiriu...».

PSICOGÉNESE

Um artigo de Ramos Pereira

ASSIM como se admite que propriedades análogas às da matéria chamada viva já se encontram no inorgânico (dissociadas), assim também poderemos induzir um pre-psiquismo nos corpos não vivos (v. cansaço e sensibilidade dos metais na comunicação do cientista hindu Chandra Bose) e um protopsiquismo nos vegetais (v. «Plantes Insectivores», de Ch. Darwin).

Da onda biopsiquica resulta a «soma» e a «psique», inter-influentes, de que nos animais dificilmente são visíveis as diferenças mas que no homem nos levam a construir todo um mundo de ideias.

A psicogénese é uma lenta ascensão da inconsciência para a consciência. A organogénese poderá ser brusca e descontínua, como pretende o mutacionismo. A psicogénese é necessàriamente lenta e contínua.

O materialismo, identificando «soma» e «psique», baseado num absoluto paralelismo psicofisiológico, sofreu com a metapsicologia um golpe decisivo e parece-me tão erróneo como um criacionismo tomista. Aceite um evolucionismo neo-vitalista, só se compreenderá com nitidez essa característica de autonomia da vida se nela distinguirmos uma «psique» produzindo desde cedo linhas de reacção do «dentro» para «fora» em face das excitações do «fora» para «dentro».

A existência das chamadas propriedades primordiais da vida, ou tendências congénitas (as únicas realmente congénitas), levam-nos a considerá-las como primeiras expressões externas desse energetismo psíquico. Dar-lhes-emos a designação de «inconsciente primário» abrangendo nele os impulsos «instintivos» — conservação individual (nutribilidade), conservação da espécie (reprodutibilidade), defesa (motilidade-reactividade). Notemos que a receptividade, ou capacidade de sentir sem perceptividade, não constitui um impulso, mas o aspecto passivo, aberto do psiquismo.

O «inconsciente primário» não é um todo fechado e inerte, mas um todo movível, evolucionável. As mesmas forças que do meio solicitavam os organismos, chocando pela receptividade com o psiquismo primevo, provocaria nele uma transformação progressiva, através da criação de impulsos derivados (a que nós comparamos os hábitos). «Sob a influência da receptividade, o infusório manifesta meios muito simples, muito primitivos de descriminação, que o conduzem a actos análogos, no fundo, ao que nós consideramos como uma escolha; é costume reconhecer-lhes, em geral, um rudimento de consciência, consciência da sua existência, consciência das suas necessidades de nutrição e de geração, consciência dos seus movimentos e das suas sensações» (v. Delmas e Boll in «Personalidade Humana», p. 75).

A grande falência do transformismo residiu na sua incapacidade para explicar e demonstrar como pequenas transformações orgânico-psíquicas se podiam transmitir por hereditariedade, até se converterem em caracteres distintivos. As leis de Mendel são insuficientes para aclarar este magno problema. Mas pela distinção entre «soma» e «psique», o problema ergue-se sob uma nova luz.

As acções das forças naturais, da transformação das solicitações externas, não se perde; não porque elas produzam subtis e indemonstráveis alterações cromosómicas, mas principalmente porque, pela receptividade, originaram no psiquismo a habituação a novos impulsos derivados que lançam sobre o «inconsciente primário» um inconsciente adquirido não menos forte.

Ora se a morte do ser é, apenas, a desagregação do edifício orgânico por libertação da «quantum» energético que o mantinha coeso, o «psiquismo» permanece tal como viveu, continua existindo após a vivência.

A onda biopsíquica fragmentou-se quando as miríades das proto-formas animais caíram nas águas quentes dos oceanos primevos. E os novos seres foram-se reproduzindo numa progressão geométrica de razão desconhecida. Onde foram buscar o fulcro energético que os animasse? Duas hipóteses se podem formular: — I — admitir que o fulcro materno se divide, tal como se passa nos protozoários mais simples em relação à soma; II — ou supor a existência de um campo energético biopsíquico e não de uma simples onda.

Reputamos mais lógica a segunda hipótese. O campo biopsíquico interpenetrando os mundos, vivendo das desintegrações produzidas em outros cosmos galáxicos, ou dentro do mesmo cosmos, é um inexaurível reservatório. O seu contacto com certas forças desenvolvidas num passo da evolução da terra, produziria aquela onda biopsíquica onde se encontram os primeiros organismos vivos.

Liberto o fulcro, ele reintegra-se no campo e é tanto mais fàcilmente absorvido quanto menos elaboração se tiver dado no «inconsciente primário».

Mas a fisionomia do planeta foi-se modificando, soli-

citando dos organismos novos implusos. Surgiam as espécies que no campo biopsíquico se revelaram por uma extremação de campos, pela formação de núcleos característicos a que poderemos chamar «psiquismo de grupo» (Note-se que a nossa ideia dum «campo biopsíquico» não deve ser interpretada em sentido terreno, mas como um campo abrangendo todo o nosso cosmos galáxico. Note-se mais que se não deve cair no erro fácil de interpretarmos os fulcros psíquicos como possuidores duma espacialidade tri-dimensional...).

Com o rodar dos milénios, a consciência vai-se definindo, no campo biopsíquico vão aparecendo individualizações cada vez mais nítidas. A receptividade ganha perceptividade. O psiquismo estrutura-se.

Formulemos em largos traços esta psicofilogenia.

I — *Inconsciente primigénio.*

II — *Inconsciente derivado ou adquirido,* pela elaboração de I e inclusão de hábitos ambientais transformando-se em tendências específicas (instintos de grupo).

A) — Desenvolvimento da receptividade provocando apetites, escolha, determinação.

B) — Desenvolvimento da reactividade no sentido de busca dos meios à satisfação do apetite (preformas passionais).

III — *Preconsciente*

A) — Elaboração mais funda em I e precisão dos tipos de II. O instinto da conservação individual causa a eclosão de apetites particulares; o da conservação da espécie e tendência para a sociabilidade.

B) — A receptividade biparte-se em emotividade e actividade.

C) — A par de reflexos puros, o aparecimento de movimentos determinados cujo fim é conhecido.

D) — Aparecimento gradual duma memória.

IV — *Protoconsciente*

A — Formação de paixões sobre os instintos elaborados, à custa de elementos guardados pela memória.

B) — Associações de imagens.

C) — Operações intelectuais rudimentares.

V — *Consciente*

A) — Incapacidade para abstracção profunda e para a generalização. Predomínio das sensações representativas. Incapacidade de considerar a ideia sem suporte material, objectivo. Imaginação reprodutora.

B) — Formação dum inconsciente pessoal bem caracterizado sobre a massa do inconsciente colectivo. Individualidade-personalidade.

Quanto maior é a complexidade psíquica, tanto maior é a individualização do fulcro.

Pergunta-se: actualmente, a linha psicogenética está intacta na Terra, isto é, poder-se-á admitir que através das espécies actuais um fulcro evolua desde o inconsciente primigénio ao consciente humano?

Não é impossível, visto continuarem persistindo os elos somáticos da corrente que une o protozoário ao homem. (A falta de alguns elos não invalida a ideia, como fàcilmente se comprenderá). Além de que as raças humanas se acastelam por culturas que vão desde o primitivismo paleolítico ao industrialismo moderno. Mas a fazer-se essa evolução, não digamos em corolário do teorema que tal se reveste de carácter absoluto, pois o mais lógico será que a cadeia envolva todo o cosmos galáxico. A Terra oferecerá condições coadjuvantes doutro planeta menos diferenciado e coadjuvadas pelas dos mundos espirituais circunterrenos e pelas de um qualquer mundo de formas psíquicas mais evoluídas.

ESPARSAS

II

Para particar a Caridade não basta espalhar o ouro dum cofre aberto. É preciso dar dos tesouros escondidos na alma.

Não te lamentes se o teu cérebro não consentir o voo do Génio. Entrega a tua alma ao fogo sublime do Amor e da Caridade. Um Santo vale tanto ou mais que um Sábio.

O homem que vive sem conhecer a alegria da caridade é como árvore que cresce na solidão dos penhascos: — à sombra das suas ramagens ninguém se acolhe e os seus frutos caem dessorados e estéreis.

III

É instrutivo que conheças as misérias da vida, mas não que te afundes nelas.

A mulher é, em regra, um ser de extremos. Assim como dum salto é capaz de atingir o ácume do devotamento e da renúncia, assim, quando se degrada, ser algum existe que sinta maior prazer em se banhar na própria lama.

TEÓFILO

A FESTA DO LIVRO ESPIRITA

Um acontecimento no meio espirita do Brasil que agitou os espiritas cultos e estudiosos — Está de parabéns o Conselho Consultivo de Mocidades Espiritas do Brasil — Sua realização no Instituto Lafaiete

A Festa do Livro Espirita foi mais um movimento louvável de propaganda e difusão da Doutrina digno de aplausos. Da iniciativa do prof. Leopoldo Machado e realizado pelo Conselho Consultivo de Mocidades Espiritas do Brasil, seria movimento para marcar cento por cento daquilo que foi traçado. Nem por marcar 50 %, talvez, deixa de merecer louvores de todos os espiritas esclarecidos. O seu iniciador, infelizmente, não lhe pôde emprestar quanto devia sua capacidade e entusiasmo, em face de realização também importante — a 4.ª Semana Espirita Cristã de Nova Iguaçú — que transcorreu na mesma época.

Seria festa para o meio profano. Por isso, foram conseguidas cinco livrarias das mais importantes do Rio — Garnier, Briguiet, Civilização Brasileira, Queresma e Freitas Bastos — que expuseram, em artísticas vitrinas, obras espiritas, essa coisa que, até ontem, era vendida como contrabando dentro do estabelecimento. As suas reuniões, excepto a última, todas no auditorium do Colégio mais importante do Rio, o Instituto Lafaiete, que o Teatro João Caetano fôra, à última hora, negado para tanto. A Rádio Continental irradiaria em cadeia, para todo o Brasil, mas por fim também faltou ao compromisso assumido, aliás, a bom preço. Perto de dois mil livros, todos com a dedicatória — PARA A FESTA DO LIVRO ESPIRITA — foram recebidos pelo C. C. M. E. B. Enviaram Embaixadores do Livro — jovens de talento e entusiastas — os meios espiritas de Belém do Pará, Maranhão, Pernambuco, Alagôas, Sergipe, Minas Gerais, Estado do Rio, Paraná e Santa Catarina. O programa estendeu-se durante cinco dias com seis sessões magníficas. Em cada sessão, um conferente dos mais capazes e cultos ocupou a tribuna por 30 minutos. Foram eles: Deolindo Amorim, prof. Newton de Barros, dr. Amadeu Santos, dr. Lauro Sales e dr. Carlos Imbassahy. A Grande Solenidade, no domingo pela manhã, no Instituto Lafaiete, como as anteriores, foi irradiada pela Rádio Clube, durante duas horas, ocupando o microfone todos os embaixadores do Livro e mais os membros da Comissão. Abriu o programa o dr. Artur Lins de Vasconcelos, o mais entusiasmado pela Festa e o que mais fez por ela e encerrou-o o prof. Leopoldo Machado, seu idealizador e maior animador. Em todas as reuniões houve «derrame de livros a mãos cheias» e excelente parte artístico-espiritualista.

Festa Nacional do Livro Espirita, Sessão de instalação no auditório do Instituto Lafaiete. Na mesa, à esquerda, o orador da noite, jornalista Deolindo Amorim, Atlas de Castro e o Dr. A. Lins de Vasconcelos Lopes, ladeados pelos Embaixadores e Embaixatrizes do Livro e representantes dos Estados à Festa do Livro. Ao microfone, Olivio Novais

O Almoço da Fraternidade, oferecido aos embaixadores do Livro e à comissão, foi na União Discípulos de Jesus, sob a presidência do dr. Lins de Vasconcelos e conduzido por Leopoldo Machado, que pro-

Mensagem Espiritual

ISIDORO DUARTE SANTOS

Prezadíssimo irmão espiritual e amigo

Ao ensejo da visita a sua terra do portador desta, o confrade José António Marques, companheiro de lides doutrinárias do sector de cá, de Nova-Iguaçú e seu Ramal, os seus irmãos e admiradores da Betania brasileira lhe enviam a presente MENSAGEM de cordialidade e confraternização.

Que o prezado irmão espiritual Isidoro Duarte Santos e seus dedicados companheiros de labor cristão, e sua ESTUDOS PSÍQUICOS — Revista e Editora — e o Centro Espiritualista Luz e Amor, recebam os protestos inconcussos de nossa estima fraterna, admiração merecida e a cordialidade cristã, de envolta a votos maiores de muito progresso e maior labor dentro da Doutrina que nos irmana, na consciência em que estamos — nós, espiritas de Portugal e do Brasil — de que o Atlântico e as fronteiras das nações, não têm força ou poder de separar irmãos que se compreenderam e que sentem do mesmo modo a Doutrina.

O portador vos dirá, de viva voz, o apreço em que sois tido e a vossa grande obra de cultura, aproximação e difusão da Doutrina, entre vossos irmãos de Nova-Iguaçú, como de resto, deste imenso Brasil.

E, por sua vez, há-de trazer-nos impressões indeléveis do movimento espirita de sua terra, para deleite espiritual e alegria de todos nós.

Nova-Iguaçú, 30 de Abril de 1949

1) Maria de Lourdes F. de Almeida Pereira, pelo «Lar de Jesus»; 2) Leopoldo Marhado, pelo «Centro Espirita Fé, Esperança e Caridade»; 3) J. B. Chagas, pelo «Centro «Paulo de Tarso - Estrada de Damasco»; 4) Aldair Santos, pela «Seara» de Jesus»; 5) Atlas de Castro, pela «União Kardecista»; 6) Júlio Chambarelli, pelo Centro «Caminhemos com Humildade»; 7) Eugénio Bouvalet, pelo «Pioneiros da Verdade»; 8) Adolfo Belém, pelo «Amor e Caridade»; 9) Newton Golçalves de Barros, pelo «Preito a Jesus»; 10) António de Almeida, pelo «Humildade e Caridade»; 11) Newton Gonçalves de Barros, pela «Confraternização Espirita «Lar de Jesus».

cedeu ao sorteio da Relíquia do Almoço — um exemplar do Livro dos Espíritos com a assinatura de todos e a brincadeira da «procura de minha afinidade», por meio de postais da Festa, levando cada comensal a dedicar um volume ao confrade, seu maior afim na mesa. Seguiu-se a Tarde do Livro, ainda animada por Leopoldo Machado, na Colina da Fraternidade, com farta distribuição de livros e de cartões e interessante programa artístico ao microfone, sòmente de números espiritualistas —isquetes, declamação, canto e música — por elementos das Mocidades Espiritas presentes. A consagração da Heroína do Livro — a representante de Mocidade Espirita que maior número de postais e de livros colocasse, foi número de muita animação. Mormente, nesta época de coroações a propósito de todas as futilidades.

A Sessão de encerramento foi na Federação Espirita Brasileira, sob a presidência do dr. Artur Lins de Vasconcelos, com Carlos Imbassahy na tribuna, além dos embaixadores do Livro, todos saudados por Clóvis Ramos, com um soneto especial de sua autoria e Olivio Novais ao alto-falante. A assistência aclamou estrepitosamente o nome do idealizador da Festa, logo que o locutor, fazendo justiça a quantos cooperaram no programa, o proferiu. E o representante da Federação, sr. Rocha Garcia, falou, hipotecando a solidariedade e cooperação da grande instituição ao movimento, cabendo à Editora da Federação Espirita Brasileira as justas homenagens a que fez jus, por ser a mais antiga e importante Editora Espirita do Brasil e do mundo.

E Nova-Iguçú, durante a Semana Espirita, houve várias manifestações de solidariedade e cooperação com a Festa do Livro. O Bazar Mineiro apresentou uma vitrina de livros espiritas caprichosamente armada e, em todas as reuniões, havia derrame de livros. No dia consagrado às Mocidades Espiritas, fez-se a grande homenagem ao Livro Espirita e ao inclito codificador do Espiritismo, com crianças e jovens no palco, diante do painel do Codificador, a cantar a canção do Livro Espirita.

Uma grande festa, a Festa do Livro Espirita, a despeito de não colimar todos os seus objectivos ao juizo de seu idealizador. Que seria, se houvesse colimado cem por cento os objectivos todos ?

Nos Domínios da Metapsicologia

por F. NORONHA

COM este título genérico, um rapaz barreirense, residindo há mais de uma dúzia de anos fora do interessante local do seu nascimento, vivendo de trabalho árduo, omisso de cultura mas anelando-a, leu um artigo, a lume no *Sol*, correspondente a 23 de Abril pretérito, constituindo-lhe sub-título a seguinte pergunta: «*Pierino Gambana é a Encarnação do Espírito de um Grande Maestro de Outras Épocas?*

O aludido rapaz, nas veias do qual, também como nas de Pierino, corre sangue italiano e não é alheio à música, sendo executante duma distinta colectividade da espécie, chamou a minha atenção para o texto do mencionado artigo, apresentando-mo no número da citada publicação que o insere. Percorri-o, e encontra-se diante de mim, na banca de labor.

Firma-o Carlos Custódio Costa, que não tenho a honra de conhecer nem tão pouco o signatário António Cardoso, a quem o autor faz referência, a propósito do artigo deste, estampado a págs. 46 e 47 de *Estudos Psíquicos*, de Fevereiro último, cujo derradeiro período abre assim: «Pierino Gamba é certamente o espírito dum grande maestro, dum grande músico que desceu à terra, etc.».

Lera-o eu talvez antes do sr. Costa, e outrossim o tenho presente, como o retrato do prodigioso maestro.

E como, por meu turno, me impressionara o caso, está, de data relativamente anterior, elaboração minha, concernente, na posse do director de *Estudos Psíquicos*.

Nestes precisos termos, seria ilógico, se viesse intrometer-me no acerto ou autoridade científica do articulista a que me reporto.

Porém, amante da franqueza, da sinceridade, e repelindo a lisonja e hipocrisia, impropriíssimas para quase 86 anos de carga, não me sofreu o ânimo, agora permanecer mudo acerca dum pormenor que lamento, de verdade:

«Sou pràticamente leigo em questões de «espiritismo» e confesso francamente não estar muito interessado em as estudar, por saber de antemão que não resistem à menor crítica científica»!

Estará certo, absolutamente, qualquer expediente ou processo crítico, em assunto ou matéria, com semelhante modalidade? Durante dezenas de anos vivi com só conhecimento de outiva, relativamente a Espiritismo. Mais tarde, depararam-se-me pessoas conhecidas, em casas particulares, formando cadeia digital, rodeando mesas de pé-de-galo e levando a efeito tentames experimentais, em que nunca tomei parte. Ainda mais tarde, li *Factos Espiritas*, do proeminente sábio inglês William Crookes e um dos livros do médico francês dr. Léon Hippolite Denizard Rivail (Allan Kardec) que, juntamente com outros livros, tive a alcance de mão. Já em grande lonjura de idade, bastante àquém dos 70, a sós, em minha residência, gozando saúde plena, sem a mínima sombra de perturbação, fui passivo de um facto que ùnicamente veio a impor-se-me, de autenticidade, três ou quatro dias após, por notícia de jornal: a visão nítida do rosto dum dilecto amigo, de perfil, sem que nele houvesse pensado, recentemente. A notícia indicada registava o seu passamento. Era o dr. José Maria Andrade Saraiva, funcionário aposentado, habitando Colherinhas, sua terra natal, no concelho de Aguiar da Beira.

Resolvi, então, tomar conhecimento com o Espiritismo, não por frequência de suas sessões experimentais, de que aliás não careço, por mo dispensar aquela ocorrência íntima de que fui consciente, mas pelo percurso da sua vasta literatura, em que assomam figuras do maior vulto e da maior autoridade na esfera das ciências.

Em mim não tem acção, felizmente, a vezânia de fanatismo, nenhum dogma de igreja me prende, afasto-me do absurdo, apreciando, como elas merecem, as demonstrações preclaríssimas da matemática, e o vocábulo «milagre» não me revela sentido.

Estudar, ensaiar-me na ideia de conseguir saber alguma coisa, não superficialmente, pela rama, e sim com certo fundo, indubitável, é e tem sido, desde muito, desejo meu inveterado.

O espectáculo da Natureza, não tanto em sua estética deslumbrantíssima, incluindo o «belo horrível», mas, acima de tudo, na razão de seus movimentos regulares, estranhos a erratas, esse espectáculo e a sua meditação, restrita embora à fraqueza irremovível do meu apagado «cérebro», edificam-me, conduzindo-me a uma conclusão afirmativa, que, já quando cursei aulas secundárias, fora de meu convencimento: «O UNIVERSO OBEDECE A LEIS». O que não podemos negar são as nossas limitações, a debilidade de faculdades, sem embargo de suas aspirações ao infinito.

Falhará ao Espiritismo argumento real, positivo, e a esta hora do tempo conta adeptos e simpatizantes aos milhões, destacando sumidades nas grandes cidades capitais do mundo.

Serão estas tais, criaturas desequilibradas, utópicas, operando por motivos de fraude, de embaimento do próximo ingénuo, de cálculos de tramoia inconfessável? Como, em meios legalizados, entre pessoas de orgãos visuais escorreitos, de posição social insuspeita, de mentalidade comprovada, de carácter digno e honesto?

A crítica não deve perder de vista, que a sua base firme reside, precípua e inabalàvelmente, no a+b decisivo.

O dito da sabedoria das nações, de que «contra factos não colhem argumentos», tem um valor de prevalecimento indestrutivel.

E não emergem dúvidas, quando, com ciência e consciência, nos abroquelamos, precedendo a exteriorização de nossos próprios juizos e pareceres.

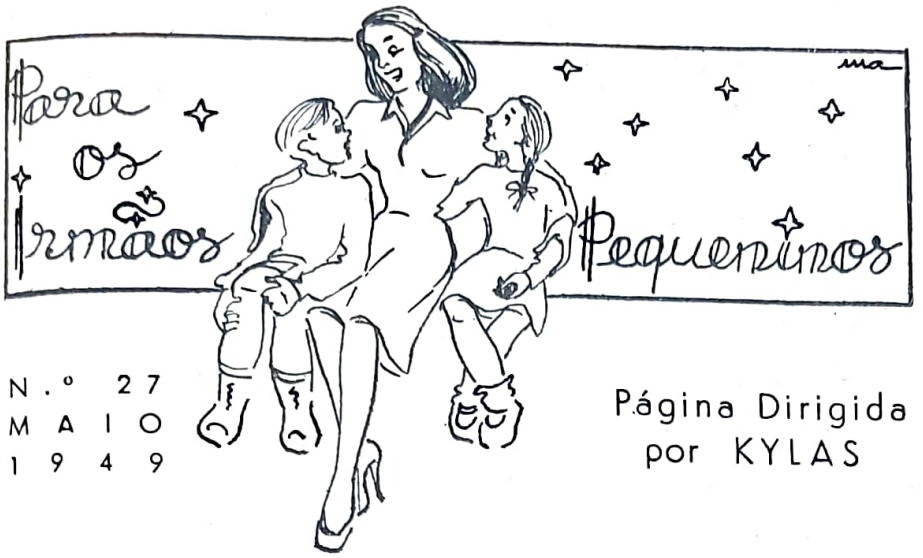
Tive um professor de História e Geografia, oficial superior da Armada e colonialista, não argucioso de engenho mas metódico na cátedra e bondoso de índole, médico diplomado e autor de obras apreciáveis, que aconselhava como regra de máxima sensatez o não falar das coisas sem conhecimento de causa.

Ora, mais vale prevenir que remediar. Com este critério, em espírito e em verdade, ponderadíssimo, o *eu individual*, a si mesmo inibiria de interpretações pouco felizes e por vezes equívocas por deslocadas.

«Cresça e apareça», disse-me alguém, em momento de folgança juvenil, com presunção, por minha parte, de sapiência, de mim distantíssima.

Não caiu em saco roto a expressão de oportunidade, perfeitamente adequada em numerosíssimos ensejos, sem ofensa para quem quer que seja.

Se o senhor Carlos Custódio Costa chegar a ler esta prosa, não a atribua a má vontade ou má disposição de ânimo. Da mesma forma, se o senhor António Cardoso a percorrer, não deve tomá-la como defesa da opinião que emitiu no seu artigo estampado em *Estudos Psíquicos*. Incitou-me a elaborá-lo o pormenor que me deu no goto.



N.º 27
MAIO
1949

Página Dirigida
por KYLAS

Queridos pequeninos!

Quando chegamos a Maio, sinto sempre apenas um desejo, formulo apenas um voto :

Tornai-vos simples, suaves como as flores que, neste mês, enchem os ares de perfume. A bondade dos outros acabará por despertar ao contacto da vossa.

A irmã mais velha

KYLAS

A IGNORÂNCIA

Por IDALINDA A. MATOS

O facto passou-se numa casa de gente abastada que tinham uma filha pequena e encantadora. Por muito lhe quererem, deram-lhe uma ama, criatura simplória da aldeia que passava os dias a passear e a contar histórias à menina. O tempo foi passando, a menina crescendo e um mal contagioso aumentando.

Sabem a que mal eu me refiro?! À superstição.

As histórias contadas por sua ama, desde os tenros anos, criaram-lhe na mente as mais trágicas concepções, todas elas vasadas em absurdas teorias. Eram assombrações, homens que viravam lobos, era o perigo das borboletas negras e o agouro dos *louva-a-deus* dos campos. Independente dessas crendices, impregnou-lhe no espírito indeléveis marcas de medo e pessimismo.

Quando seus pais descobriram a série de lendas que lhe abatiam o moral, tirando-lhe a personalidade, ficaram imensamente tristes. Ao comentarem, com um casal amigo, o pesar que lhes ia na alma, estes os confortaram, dando-lhes o remédio curador.

Meus amigos, vossa filha e criada, têm um recurso infalível para cicatrizar o mal venenoso: é estudar o evangelho de Jesus. Este, não só aclara a inteligência, como liberta das superstições, que são filhas da ignorância. Não condeneis essa pobre criatura que sem maldade errou. Só por falta de conhecimentos evangélicos espalhou semente improdutiva, germinando o sofrimento moral para todos vós.

A filha a quem tanto amais, será pelo evangelho esclarecida. Compreenderá que nada é prejudicial senão o próprio erro. Compenetrada ficará de que o Ser não retrograda, de homem passando a lobo; se existem visões, não são bruxarias nem mistérios, havendo para tudo explicação. Tudo será desvendado à luz da Terceira Revelação. Diz o adágio: «depois da tempestade vem a bonança». Um mal muitas vezes reverte em bem. Foi o que aconteceu às personagens da nossa história.

HISTÓRIA

Por Maria Carmo

Eu era pobre mendiga,
cega e dolorida,
sòzinha palmilhando
a dura estrada da vida.
Era cega de vaidade,
pobre de sentimentos,
mendiga de glórias vãs...
Fechava os olhos à Dor,
não escutava os lamentos,
esquecia a Caridade
que torna as almas irmãs...

E seguia o meu caminho,
sempre mais longo e espinhoso
e o meu coração sofria
no tormento doloroso,
na luta do dia-a-dia!

Mas numa tarde de Inverno,
sombria e triste, gelada,
encontrei na minha estrada
um Romeiro que sorria
e que me ensinou a via
de chegar à Felicidade —
—caminho da Redenção — :
— Irmã, só na Caridade
encontrarás salvação!

E nos seus olhos felizes
luzia esperança e bondade.
Minha cegueira passou
e o meu coração chorou
por tanto tempo perdido
em busca duma ilusão:
— Romeiro, leva-me contigo,
ensina-me a tua Fé,
quero merecer o perdão
do Divino Criador,
que nos fez com tanto Amor!
Jamais andarei sòzinha
na dura estrada da vida...
Unidos na mesma Fé,
sentimos o mesmo ideal.
Para nós nada mais é,
que o Amor Universal!

★

CONSELHO MÉDICO

Acostuma lentamente o teu còrpo aos banhos de sol: começa por estares pouco tempo e vai aumentando o prazo, dia-a-dia, com método e persistência. Se, não habituado, te puseres ao sol uma tarde inteira, sofrerás muito com isso, principalmente se te encontrares em regiões paludosas.

O CAMELO

Por Henrique O'Neill

O primeiro que avistou
Um camelo
Tão assustado ficou
Só de vê-lo,
Que espavorido fugiu.
O segundo, quando o viu,
Perto dele se achegou
Sem ter lá maior receio.
O terceiro pôs-lhe um freio
E, qual besta, o carregou.
O camelo assim ficou
Sendo um dos mui serviçais
Entre os outros animais.

★

Muitos homens há, que ao vê-los
De longe, são uns portentos,
De perto, grandes camelos,
Sem ter os merecimentos
Nem destes... nem dos jumentos.

Do «FABULÁRIO»

Entre o dizer e o fazer muita coisa há que meter.

OS DIREITOS DA CRIANÇA

Por CONS

A criança tem direito à alimentação, higiene, exercícios adequados ao seu desenvolvimento, ar puro, sol, espaço necessário para mover-se e ensinamentos conforme as suas aptidões. Para isso será necessário que a situação económica dos pais permita assegurar aos filhos os benefícios inerentes à condição humana.

Há famílias que vivem em tais dificuldades, que tudo isso se torna quase impossível.

— Bem sei. Mas quando isso ocorre, a culpa é do Estado que tal não deve tolerar. A nação inteira sofre as consequências de tão desastrosa imprevisão. Existem ainda outros direitos das crianças...

— Espero que V. fale depois sobre os direitos dos pais...

— Ao assegurarem-se os direitos dos filhos, os dos pais ficam também assegurados.

— É possível?

— Sim, lògicamente, assim é. Os pais têm direito à tranquilidade, a eximir-se de profundos desgostos e a que os filhos não se convertam nos seus piores inimigos... E, para isso, deve-se começar pelo princípio e o princípio está no reconhecimento dos direitos da criança. Desse reconhecimento pleno e leal resulta o filho nobre, ajuizado e trabalhador, que honra e alegra os pais.

— Eu e o meu marido não privamos nossos filhos desses direitos.

— E dos que ainda não mencionei?

— E ainda há outros?

— Há, e também essenciais. O primeiro dos direitos da criança é que os pais a considerem boa. Sem essa base tudo ruirá.

— E se a criança for má?

— A criança, minha filha, em seus primeiros anos, não é má nem boa: é como os pais o desejam. Mas, como não basta que você queira sempre o lar arrumado e limpo — o que só poderá conseguir com a sua dedicação — assim também não bastará o seu desejo para que seu filho corresponda às suas esperanças. Diante de um mau quadro, por exemplo, dizemos que a falta de beleza provém da tela ou do pintor? Outro direito da criança está em que lhe seja permitido fazer tudo que não o

VERDADES E LENDAS DOUTROS TEMPOS

UM HOMEM RICO

A Lídia, rodeada pela Frígia, Mísia e Cária, era uma parte da actual Turquia asiática.

O seu último rei, chamado Creso, era tão rico e amante da sua própria riqueza, que a fama dos seus bens ultrapassava a fronteira, indo esconder-se no seio dos seus vizinhos invejosos. Devia ele grande parte da sua fortuna a um pequeno ribeiro, de nome Pactolo, tantas eram as pepitas de oiro que continha.

Tão feliz se sentia este rei, que, um dia, perguntou a Sólon:

Conheces, porventura, alguém mais feliz que eu?

— Ninguém antes de morrer se poderá gabar de tal — respondeu conscienciosamente o legislador.

Senhores da sua força e arte bélica, os persas, como todos os povos que atingiram grande desenvolvimento, olharam em redor. A Lídia não pode escapar. Ciro faz Creso prisioneiro, na sua própria capital, Sardes.

Ergue o carrasco o cutelo que vai degolar Creso e todos olham o rei que se dizia feliz.

— Soldado, não mates Creso!

— Que aconteceu, homens, que ouvis?

— Ouvi um filho mudo do rei condenado que o sofrimento paterno fez falar.

Mas Ciro não perdoa. Creso sofrerá a pena da fogueira.

Sentindo a efemeridade dos bens terrenos, Creso pronuncia três vezes o nome de Sólon.

Contam ao rei persa a história, e ele torna aquele orgulhoso arrependido num dos seus conselheiros.

É esta a história dum homem rico, meus meninos. Que ela vos faça meditar e ver claro, na vossa própria opulência.

KYLAS

BAZAR D

A visita — (referindo-se ao filhinho mais novo da família): — Tem os olhos da mãe.

A mãe — E o nariz e o queixo do pai.

O petiz — E as calças do meu irmão.

★

— Rapaz, esta dose é muito pequena.

— Prove o senhor e verá que ainda lhe sobra...

AS UVAS HUMILDES E

Num belo campo, havia vides donde pendiam esplêndidos cachos de uvas; os bagos, arroxeaados e doirados, eram grossos como os ovos pequenos. O agricultor, que cuidava das cepas, olhava-os com complacência, pensando na vindima.

Ao fundo da vinha, porém, havia uma vide que tinha uns cachinhos tão miseráveis, que ela própria se

STANCIO C. VIGIL

prejudique ou prejudique os demais. E sabe porquê ?

— Não compreendo exactamente...

— Porque uma das leis que regem a natureza humana é a diversidade. Os pais que a ignoram só conseguem converter os filhos em caricaturas, pois pretendem moldá-los a determinados modelos. As manifestações da criança, sempre que não signifiquem algo de reprovável ou de anti-social, relacionam-se com a sua vocação. A explicação de tais peculiaridades aparece depois no adulto ao revelar, no trabalho ou nas actividades profissionais, originalidade ou singular talento de que ninguém suspeitava. Finalmente, ainda tem a criança outro direito — o mais sagrado de todos: o de que não seja rebaixada em sua dignidade espiritual. É um filho de Deus e, como tal, merece toda a consideração dos que lhe sirvam de guia neste «vale de lágrimas».

(Do livro «Educação dos Filhos»).

PÁTRIA

Como o pródigo volta ao lar paterno,
Desenganado do que em vão procura,
Eu, já desfalecido nesta vida
De sonhos sobre sonhos de ventura,
Desejava dormir o sono eterno,
Abrindo junto ao berço a sepultura,
Fechar, em suma, o círculo da vida
No saudoso campo da partida !

Chegado, pois, Senhor, aquele dia,
Que se apague a luz que me alumia,
Deixai-me descansar onde repousa
Meu santo pai e sua terna esposa
— A minha santa mãe — !

Ser-me-à assim mais leve a fria lousa...
Que a terra onde se nasce é mãe também!

JOÃO DE DEUS

DO RISO

— Possuis, mesmo assim, uma bela porção de livros. Porque não arranjas prateleiras ?

— Porque é coisa que me não emprestam.

★

Uma garota levada da breca e muito amiga de saber, pergunta à mãe :

— Que é um conta-gotas ?

— Olha, filha, é um aparelhozinho de que teu pai se serve para me dar dinheiro.

OS EXEMPLOS DELES...

Tinhamos-lhe posto o nome de Mita.

Era uma gatinha acinzentada, meiga e muito calma nas suas atitudes. Dos vários gatos e gatas, que o bom coração de minha mãe pintava à hora do almoço, a nossa simpatia escolhera Mita. E ela merecia-a, coitadinha.

Um belo dia, foi ela mamã de cinco débeis gatinhos, que iam morrendo uns após outros.

Crianças que éramos, lembrámo-nos de lhes fazer o enterro. Não havia no quintal, junto aos lírios e aos malmequeres uns espaçozinhos mesmo apropriados?

Num minuto fez-se uma padiola; em menos tempo, era o cadáver colocado e levado para a cova.

Mita, silenciosa e triste, presenciava os nossos movimentos, acompanhava-nos até à tumba, e sobre à terra já pisada, ficava sòzinha muitas horas...

Nunca lhe ouvimos um gemido.

K.

O PASSARINHO ÓRFÃO

por E. Baldini

sentia triste, pensando que os seus frutos nunca seriam úteis a alguém.

Sob o céu de oiro, os bagos iam amadurecendo.

Vieram os vindimadores com uns cestos grandes e colheram os cachos bons, mas quando viram as uvitas miseráveis, começaram a rir e não as apanharam.

Assim a vide ficou, ao fundo do campo, com os seus frutos inúteis...

Numa árvore vizinha havia um ninho e, nele, um passarito. A sua mãe ia e vinha trazendo-lhe o cibalho. Mas um dia o passarito esperou em vão... Um caçador desumano tinha-a matado.

Desesperada de esperar, a avezinha debruçou-se e vê, abaixo do ninho, os humildes cachos. Esfomeada como estava, deixou-se cair e começou a debicar aqueles bagos franzinos. Eram dulcíssimos; e o pobre órfão que se deitara nas folhas avermelhadas, alimentou-se das uvas.

O tempo passava e o passarinho tornava-se belo e robusto. Um dia, com um trilo de alegria, abriu as asas e voou através do céu azul.

Dos humildes cachitos apenas restavam os engaços, mas a velha cepa preparava-se feliz para o seu sono hibernal, porque os seus frutos tinham salvo da morte uma pobre criaturinha.

BURRO COM PELE DE LEÃO...

Fábula de LAFONTAINE

Quebrando a peia,
Fofo sendeiro
Fugiu ao dono,
Que era moleiro;

Dentro dum bosque
O fanfarrão
Achou a pele
De alto leão;

Em toda a parte
Dela vestido,
Por leão fero
Era temido;

Homens e brutos
O respeitavam,
Fugiam logo
Que o divisavam;

Mas das orelhas
Uma pontinha
De fora ao burro
Ficado tinha;

Foi vista acaso
Pelo moleiro,
Que julgou logo
Ser o sendeiro;

Indo-lhe ao lombo
Com um cajado,
Puniu o arrojo
Do mascarado;

Do tolo rindo,
Despiu-lhe a pele,
Pô-lhe uma albarda
E montou nele.

Como eram dantes.
Ficam sendeiros
Que os faz troantes,
Despem-lhe a pele
Mil se conhecem:
Tal entre os homens

Tradução de Curvo Semedo

CARIDADE

Só é verdadeiramente cristão aquele que abre seu coração aos sentimentos puríssimos da caridade, aquele que, no Templo imenso de Deus, que é a Natureza, rende o culto da admiração e do respeito por quanto de belo e de útil se alia, para conforto da humanidade.

Só é verdadeiramente cristão, o humilde, o fraterno, o tolerante, conforme pregou e exemplificou Jesus, quando, enviado por Deus, baixou à Terra em espinhosa missão.

Infelizmente, porém, ainda hoje, não compreenderam os homem mais ensinamentos, por isso que, supondo homenagear a Jesus, ofertam-Lhe, com sacrifício próprio, e, mais ainda, do seu semelhante, sumptuosidades que apenas podem agradar à vaidade dos que, ainda presos à matéria, desconhecem os esplendores que se alastram pelos confins do Infinito.

Criança! busca homenagear a Deus e a Jesus, ofertando à humanidade um coração generoso.

ICLÉA

Os defeitos da idade

por George Surbled

Cada idade tem os seus defeitos; os da mocidade são numerosos, frequentes e por vezes tenazes e difíceis de corrigir. Podeis encontrá-los tanto em vós mesmos como nos vossos companheiros. São esses a presunção, o orgulho e a vaidade. É preciso conhecê-los bem, combatê-los e vencê-los.

Que miserável defeito que é a presunção, numa idade em que não se é nada... a não ser em esperança, em que a ignorância é quase total, a experiência nula, a dependência absoluta e a fraqueza manifesta!

Mas os rapazes não duvidam de nada e marcham sempre em frente. A eloquência do presunçoso é tal, que não engana ninguém: depressa se conhece. Se pensasse na figura que faz, tornar-se-ia humilde e modesto.

... ...

Será talvez por serdes ricos. — Lembrai-vos sempre de que a riqueza não faz a felicidade e está exposta a muitos acidentes.

Sois de família nobre? A culpa não é vossa. — A nobreza da vossa origem impõe-vos obrigações pesadas. Procurai corresponder-lhe condignamente.

Sois inteligentes, tendes talento, um grande talento? — Felizes mortais! Aproveitai esse dom que Deus vos outorgou, mas não atribuais a vós esse mérito.

... ...

A vaidade é um vício não menos detestável. Prende-se ao orgulho, como se fosse a sua raiz. Quantos adolescentes não seriam perfeitos — sem este defeito, que os faz inchar e os desfeia! Todos cheios de pretensão, têm orgulho da sua pessoa, ligam toda a importância às superficialidades, às aparências, às frivolidades, e não pensam em adquirir e cultivar as virtudes que fazem o homem: a energia, a probidade, a honra. Não vêem a futilidade das suas pretensões, o vácuo da sua gloriola, nem compreendem o verdadeiro sentido da vida.

«Conselhos aos Rapazes»
(Adaptação)

Que Deus o Abençoe

É costume dizerem esta frase, sempre que alguém espirra. Este hábito já vem da Idade Média, pois pensavam que, quando alguém espirrava, a alma lhe saía pelo nariz e que o Demónio, aproveitando essa ausência, se apoderava do corpo.

Hoje, esta maneira de pensar está esquecida, mas continuam a abençoar, não para escorraçar o Demónio, mas para pedir a protecção de Deus contra qualquer mau resultado do espirro.

Generosidades

Um credor desanimado de reaver o seu dinheiro diz ao devedor, para ver se o comove:

— Olha, homem, para que vejas quanto te estimo deito ao esquecimento metade da dívida.

— Pois eu, para não ser menos que tu, também deito ao esquecimento a outra metade.

Curiosidades

Calcula-se a idade da Terra pela avaliação da quantidade de chumbo + ou hélio — contida nas susbstâncias rádio-activas.

As pessoas que só se alimentam de vegetais têm a pele mais fresca que as que também comem alimentos animais.

***Babel Mandeb*, em árabe significa «Porta das Lágrimas». É o nome do estreito que reune o mar Vermelho ao Oceano Índico.**

A primeira anestesia realizou-se em 1846.

No México comem-se papagaios, mas são um tanto rijos.

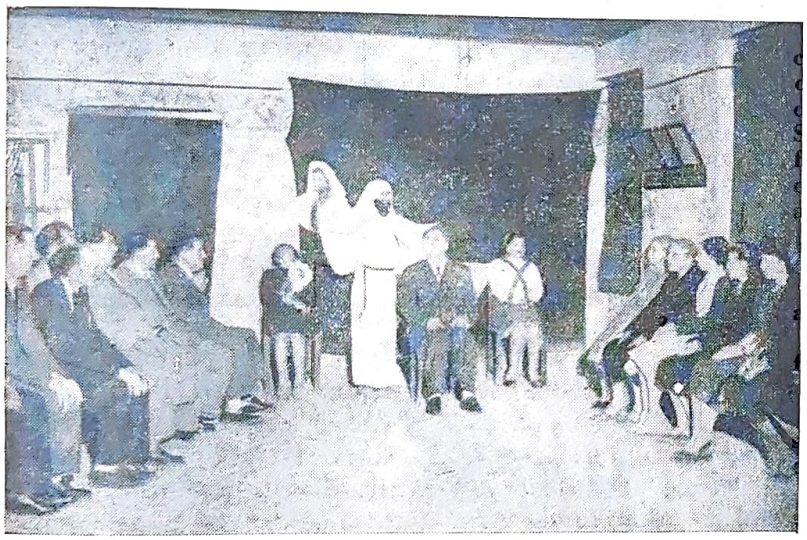
Uma Sessão de Efeitos Físicos

por ANTÓNIO LARA

Sessão realizada em 5 de Junho de 1947, no Centro Espirita «Padre Zabeu», sito no Bairro de Santana, cidade de S. Paulo, Brasil.

Precisamente às 20,30 horas, teve início a sessão científica acima mencionada. Antes de iniciada, o médium Sr. João Rodrigues Cosme, foi fortemente algemado, tendo também sido preso na altura dos tornozelos por correntes de ferro, trancadas a cadeado. Depois de devidamente examinado por diversos observadores, que constataram a segurança com que o mesmo estava seguro, foi conduzido à *cabina do médium*, onde permaneceu no decurso dos trabalhos.

A seguir, mais dois médiuns foram amarrados e colocados em frente da Cabina do médium, para servirem como auxiliares. Eram eles, ou melhor, eram elas as Sr.tas Alicinha e Olga.



Um instantâneo da sessão

O presidente do Centro, Sr. João Sebastião da Silva, procedeu a seguir à escolha das pessoas que deveriam compor a primeira corrente. Foi esta organizada em semi-círculo e ficou uns quatro metros afastada da Cabina.

A sessão foi iniciada com luz vermelha. Esta instalação era independente da luz da sala, cujo interruptor estava dentro da Cabina, dois metros distantes do médium.

Decorridos alguns minutos, ouviu-se o respirar profundo do médium e um ruído que vinha da Cabina. Ouviu-se também um ruído como de quem tira discos duma capa de papel. Passam alguns segundos de silenciosa espectativa e são distintamente ouvidos os acordes sonoros da «Ave-Maria» de Gounaud. Neste momomento apaga-se a luz e um megafone luminoso aparece no espaço. Uma voz meiga e bem timbrada é ouvida por toda a assistência, que enchia todas as dependências do vasto salão.

— Boa Noite ! Como vão todos ?

Era o padre Zabeu, entidade mentora dos trabalhos do Centro.

Esse nosso director espiritual, depois de se ter dirigido a alguns dos presentes em tom de gracejo, deu ensinamentos à irmandade por ele dirigida, e acrescentou:

— Esta casa é da Criança Pobre. Tanto assim que, a pedido do padre Zabeu, foi escrita na fachada principal do prédio a seguinte frase latina: «Pro Infantia Carita».

Volta depois essa entidade em voz directa e anuncia que iria tirar uma fotografia com o confrade Salgado. Dirigindo-se, gracejando, ao Sr. Salgado, diz-lhe:

— Você quer, Salgado ?

— Quero, sim, — respondeu o nosso confrade.

— Coloca então uma cadeira aqui no Centro, a três metros da cabina.

Incontinente, o Sr. Salgado obedeceu às ordens recebidas. O espírito do padre Zabeu preveniu o presidente dos trabalhos, Sr. João Sebastião da Silva, de que preparasse a máquina fotográfica e que, quando ele desse o sinal, contasse até quatro e batesse a chapa.

— Pode bater, — avisou o padre Zabeu.

O sr. Silva, contou mentalmente até quatro e bateu a chapa.

— Quem foi que saíu na fotografia com você ? — inquiriu o espírito.

— Foste vós mesmo, padre Zabeu.

— Terão vocês uma surpresa ao ser revelado o filme, — acrescentou o espírito do padre Zabeu.

A surpresa é a que se vê na fotografia; em lugar do padre Zabeu, aparece o espírito de Galileu Galilei. Um pouco acima de Galileu, aparece, em meio corpo o espírito de Djanira Marques. No peito de uma das médiuns auxiliares, Sr.ta Alicinha, aparece o espírito de Zézinho, cuja viuva estava presente e que se vê na corrente feminina, assinalada por uma seta.

Dirigindo mais alguns dos seus sábios ensinamentos, o padre Zabeu encerra os trabalhos da noite e retira-se, dando a boa noite a todos os irmãos encarnados que ali estiveram.

Estavam findos os trabalhos. Acesas as luzes, todos verificam com os próprios olhos que o médium se achava nas mesmas condições em que fora colocado no início dos trabalhos.

À presente reunião assistiram 50 pessoas, cujos nomes constam da acta da sessão do dia 5 de Junho de 1947.

N. R. — O facto acima é reproduzido do original, pois o relato e a foto que o ilustra foram-nos gentilmente cedidos, sendo pessoalmente entregues ao nosso Representante na Capital Paulista, Sr. Vicente S. Neto.

JUVENTUDE ESPIRITA DE BAURU

BAURU espirita conta em sua comunidade com uma das mais jovens e prestigiosas organizações que propugnam os ideais da 3.ª Revelação: A JUVENTUDE ESPIRITA DE BAURU. Fundada a 30 de Abril de 1944, pelo devotado companheiro Homero Escobar, presidente do Centro Espirita «Amor e Caridade», desde então se firmou no conceito de todos aqueles que têm a oportunidade de conhecê-la.

Nascera a JEB fadada a triunfar plenamente no campo da disseminação dos ensinamentos de Jesus Cristo e, pois, da propaganda criteriosa e superior das verdades que o Espiritismo proclama, por isso que filha, por assim dizer, de uma das mais antigas entidades espiritas de Bauru — o citado Centro — cuja orientação sadia, graças ao amparo constante e diuturno dos enviados do Mestre, também se tem feito sentir, até hoje, naquela organização de jovens idealistas, amantes sinceros do Evangelho de Jesus Cristo.

Na feliz oportunidade em que a Juventude Espirita de Bauru, como o faz todos os anos, comemorou a 30 de Abril último mais um aniversário — o 5.º de sua existência, achamos de nosso dever, como correspondente desta apreciada revista, noticiar o facto e, ao mesmo tempo, dizer numa síntese o que na verdade é a Juventude Espirita de Bauru, quais suas actividades e o que ela representa, na vida espirita dos que mourejam neste pequenino rincão bandeirante, da terra do Cruzeiro.

Composta de perto de duas centenas de moços de ambos os sexos a JEB trabalha activamente no sentido de esclarecê-los a propósito dos princípios fundamentais do Espiritismo, à luz do Evangelho, preparando-os, dessa maneira, para colaborarem com os demais trabalhadores da seara de Jesus Cristo, no campo espirita. É assim que realiza semanalmente duas sessões de estudos teóricos da doutrina, às quintas-feiras e aos domingos, nas quais esses moços, sob a mais ampla liberdade e dentro do mais profundo respeito debatem os mais variados assuntos que se relacionam com o Espiritismo. Não se limitam, portanto, à leitura pura e simples das obras básicas da doutrina, mas vão à perquirição e à análise dos factos que a vida apresenta, procurando cotejá-los com os próprios ensinamentos contidos no Evangelho do Cristo e clarificados pelas verdades espiritas. As sessões de quintas-feiras constam de estudos mais rotineiros, das obras espiritas, ao passo que as de domingo abrangem estudos mais variados, especialmente o «tema do dia», sistema muito interessante e útil de desenvolvimento dos juventinos quando cada um tem a oportunidade de falar sobre o tema prèviamente escolhido na sessão do domingo anterior pelos próprios juventinos. O «tema do dia», suscita quase sempre verdadeiras «sessões plenárias» de debate evangélico feito com a mais viva espontaneidade por todos os que deles queiram tomar parte. Formam-se ambientes harmónicos e agradáveis em que, mesmo as pessoas estranhas à juventude (pois as sessões são públicas e podem ser assistidas por todos) se deleitam e aprendem bastante, porque o sistema é puramente didático, dentro do maior ecletismo. De alguns anos a esta parte, funcionam também, durante 15 minutos, aulas da língua neutra internacional Esperanto, ministradas pelos próprios juventinos, destacando-se os jovens Jacob Duarte e Odete Onofrilo que dirigem o curso de Esperanto mantido pela Juventude. Sobre

Uma Conferência de
PIETRO UBALDI

EM 16 de Fevereiro de 1949, o professor Pietro Ubaldi, nosso correspondente em Itália, falou na Sociedade dos Empregados e Profissionais de Gubbio, sobre o tema: *As Últimas Orientações da Ciência.*

Foi seu intuito pôr o público ao corrente dos últimos resultados alcançados pelo seu pensamento no campo filosófico e científico, cujas conclusões expôs no seu sétimo volume, *Problemas do Futuro,* prestes a ser publicado.

Referindo-se às teorias da relatividade de Einstein e às de Plank e aos mais recentes conceitos da física estática e quântica, seguiu a ciência na decomposição da matéria até os últimos elementos do átomo. Penetrando assim no plano sensório da velha física mecânica, resultante de uma observação macroscópica, no plano da nova física analítica e à observação sub-microscópica, demonstrou como o último termo da realidade da matéria não é mais do que pura forma matemática, sem qualquer relação com um substracto ou meio. A nova física, de facto, não é mais do que alta matemática, aproximando-se das observações filosóficas. Portanto, a estabilidade da matéria é abstracta, isto é, regida por princípios imateriais.

A solidez do mundo físico fica reduzida a uma probabilidade matemática e o electrão a um feixe de ondas, pura concentração de energia ondulatória, localizada apenas por diferença de frequência de onda. Temos assim uma ponte lançada entre a física e o campo do espírito. Eis no que se transformou a matéria, por obra da própria ciência.

O materialismo que hoje impera no mundo como directriz, completou a sua auto-destruição. Na realidade, a matéria não é mais do que uma onda, uma vibração, uma coisa que tanto pode formar o elemento construtivo da matéria, como o da energia ou do pensamento. Encontrado este denominador comum, o orador concluiu, declarando que possuia elementos para demonstrar o físico-dinamo-psiquismo monista que ele afirma nos seus volumes.

o Esperanto, a JEB teve oportunidade de apresentar ao I Congresso de Mocidades Espiritas do Brasil uma tese que logrou aprovada, de modo que actualmente, o Esperanto faz parte, oficialmente, dos estudos das Mocidades Espiritas do Brasil, por isso que, efectivamente, é a língua da fraternidade e o Espiritismo não poderia deixar de propugnar seu maior desenvolvimento. Porém, não se limita apenas a isso a actividade da JEB ; vai mais além. Penetra, sobretudo, no campo assistencial e aí é onde temos a grata satisfação de verificar que os moços espiritas assimilam, na sua maior significação a nossa doutrina, isto é, no que se relaciona com a prática da lídima caridade, compreendendo assim perfeitamente o lema : «Fora da Caridade não há Salvação». Por isso, mantém o seu departamento de «Assistência Social — «Mãe Maria», nome este de um dos devotados Espíritos que dirigem, espiritualmente, a JEB, e dado em sinal de gratidão. O referido departamento desenvolve acção altamente social, por isso que, todas as quintas-feiras leva pessoalmente, na pessoa daqueles moços que se revezam constantemente, não só o amparo e a solidariedade moral através do calor de suas palavras aos pobres recolhidos nos leitos de dor da «Santa Casa» local, como, ainda, com eles distribuem lembranças materiais, de utilidade imediata para atender às suas necessidades físicas. Nestas condições, sabem aliar à caridade moral e espiritual, também a material, cumprindo, portanto, a ordem de Cristo implicitamente compreendida nas suas palavras «nem só de pão vive o homem», ou seja, que o homem precisa de pão, porém, não pode descurar daquele que vem do céu, as coisas espirituais.

Dizer o que a Juventude Espirita de Bauru realiza de belo e útil em prol da doutrina dos espíritos, é tarefa sem dúvida alguma difícil, mas, para concluir esta reportagem, digamos ainda que ela, no seu alto papel de «sentinela vigilante» do progresso das criaturas de boa vontade, propugna ainda a confraternização entre as congéneres, mediante visitas que permuta com os nossos irmãos de cidades vizinhas, em cujas oportunidades podemos todos verificar como, efectivamente, o Espiritismo caminha para a unificação de todos os seres, de todos os corações, isento de dogmatismo ou preconceitos. As Juventudes ou Mocidades Espiritas são, na verdade, como costumamos dizer, a «esperança do mundo». E, se assim é, parodiando, podemos afirmar que a JEB, para nós, é a «esperança de Bauru» !

A actual directoria da JEB, eleita em 26 de Dezembro de 1948, com mandato de um ano, é a seguinte : *Nida Marchioni*, presidente; *Elsa Ramires Leão*, vice-presidente ; *Odette Onofrillo*, 1.º Secretário; *Helena Moré*, 2.º Secretário; *Aldir Pereira Guedes*, 1.º Tesoureiro; *Jacob Duarte*, 2.º Tesoureiro; *Julieta Neme*, Procurador; e mais o Conselho Fiscal, composto dos jovens *Norma Scarabotto*, *Alice Arruda* e *Carlos Roberto Cruz*.

A Juventude Espirita de Bauru terá a máxima satisfação de permutar correspondência com os seus irmãos jovens de qualquer parte, e não só com eles, mas também com os «maduros» em idade, porém, jovens em espírito, a fim de, com uns e outros, estabelecer, mesmo à distância, contacto amigo e fraterno, donde sempre é possível nascerem ou se reaproximarem grandes amizades. E isso, indiscutivelmente, é uma maneira, também, de pregar o Espiritismo, porquanto se acha, assim, consubstanciado na obediência ao maior dos mandamentos do Cristo : «Amai-vos uns aos outros». Daí, deixarmos aos leitores de *Estudos Psíquicos* o endereço da JEB :

Rua 7 de Setembro, n.º 8-30, Bauru — Estado de São Paulo, Brasil.

Nabor da Graça Leite
(Correspondente em Bauru)

PIERINO GAMBA

O menino maestro à luz de nova psicologia

Acaba de sair do prelo esta obra de Isidoro Duarte Santos, na qual se estuda exaustivamente o «caso» Pierino Gamba, que tantos comentários suscitou em todos os meios literários e científicos. Não é livro de ficção, nem biografia romanceada. É análise serena, estudo lógico, tendente à explicação racional de um fenómeno que apaixonou Lisboa, Porto, Coimbra, Viseu e Santarém e que ainda permanece actual e palpitante, tal a intensidade da sua projecção nas várias camadas sociais.

É o único livro escrito acerca do pequeno grande-maestro e o seu autor pensa numa edição francesa destinada ao público mundial.

Todos os leitores de *Estudos Psíquicos* terão o desconto de 10 % no preço de capa, desde que façam os pedidos a esta redacção, Rua do Salitre, 149, 1.º, Lisboa.

O livro é ilustrado com seis gravuras em papel *couché* e o seu preço é de 20$00, não incluindo portes do correio.

Sesssões Espiritas

por E. F. M.

TODA a doutrina espirita assenta em bases científicas e, portanto, não é, como tantas outras, uma doutrina desfalcada ou pobre de raciocínios lógicos. É certo que muita gente tem medo de abraçar o Espiritismo, receando, talvez, ficarem cegos com a sua Luz brilhante. Outros, com medo dos fantasmas, sentindo-se perturbados ao lembrarem-se que podem falar com mortos.

Em contrapartida, encontramos a cada passo muitos indivíduos, absolutamente leigos na doutrina que dizem:

— Gostava de assistir a sessões espiritas!

Embora haja neles um pouco mais de ousadia, não receando falar frente a frente com o fantasma de um morto!... Mas, se não satisfazemos, acto contínuo, o seu desejo, apodam o Espiritismo de aldrabice, charlatanice e tantas mais coisas terminadas em ice.

Chamem-lhe o que quiserem, que o Espiritismo nunca deixa de ser aquilo que é.

Qual o interesse que nos move a procurar as sessões espiritas?

Curiosidade? Recreio? Vontade de aprender? Espírito de sacrifício pelo bem do semelhante? Desejo de que os entes queridos nos venham falar com palavras de conforto? Esperança de que os espíritos venham resolver os nossos problemas materiais? Ansiedade de vibrar em espiritualidade pura que transcenda a vulgaridade habitual?

Se é simples curiosidade, aconselhamos a que tal sentimento se não desvirtue, encaminhando-o para as obras espiritas que possam indicar os prós e os contras das sessões. Assim aprenderá o seu mecanismo e estará nas sessões à altura de poder compreender a fenomenologia que se lhe depare.

Se é recreio, aconselhamos a frequentar associações recreativas e casas de espectáculos e a esquecer as associações espiritas onde o assunto é digno de estudo e encarado com o máximo respeito.

Seja qual for o motivo que leve um indivíduo a assistir a trabalhos espiritas, não deve ser admitido sem ter alguma preparação.

É de suma importância conhecer-se o caminho que se trilha. E quando se não conhece, não se pode começar pelo fim. É preciso caminhar cautelosamente para não cair em precipícios, cuja existência se ignorava.

Todos os nossos pensamentos, por mais belos que pareçam, implicam sempre responsabilidade. E a presença, numa sessão espirita, de pessoas que nada conheçam da Doutrina, é tremenda responsabilidade e o aproveitamento por vezes nulo.

A ninguém se deve fechar as portas do Espiritismo, visto ser a doutrina por excelência, mas a todos deverá ser exigido o máximo respeito, como condição primordial, quando se encontrar numa sessão espirita.

Teremos necessidade de bons médiuns? Sim, temos, mas eles fogem dos meios onde lhes não proporcionam bons ambientes. Sabem, por intuição, os perigos a que se expõem. Sabem o que sofrem quando alguns infelizes se apoderam do seu corpo na ânsia de encontrar alívios e fogem dos meios onde não têm quem os ampare e conforte.

Onde houver bom ambiente, não faltarão bons médiuns, porque não é difícil ali o seu desenvolvimento progressivo.

Para que os trabalhos de uma sessão decorram normalmente, quanto possível, é indispensável:

Uniformizar o pensamento dos componentes, de modo a formar barreira contra os choques do exterior que se vão reflectir nos aparelhos receptores;

Manter a uniformização desse pensamento numa prece constante às forças do Bem.

Nisto se contém o que é indispensável.

Poderia também falar de pontualidade, lugares destinados e outras formalidades. Mas o que é preciso é essência espiritual que vibre em uníssono entre os de cá e os de lá.

A vida é uma prece constante, porque a prece é pensamento, acção, vontade, energia e movimento da vida em si.

Com o pensamento nos poderemos inclinar para o bem ou para o mal e com a modificação que em nós se operar poderemos realizar tudo o que à imaginação parecia impossível, desde que lhe juntemos o poder da vontade.

Deus é a suprema vontade e habita dentro de nós. Nós, portanto, como filhos de Deus e herdeiros de todas as suas riquezas espirituais devemos sintonizar o nosso pensamento com o pensamento de Deus para merecermos aquilo que buscamos.

A Luz divina não é exclusividade de qualquer indivíduo ou religião, mas sim de quem a mereça. E se nós a buscamos em sessões espiritas, teremos nelas o que se harmoniza com o nosso merecimento.

Em pensamento vivemos, aprendemos, sofremos, trabalhamos e nos recreamos, sentin-

A Reencarnação e os Evangelhos

POR

A. N. PINHEIRO RAMOS

VI

AINDA sobre a morte de Elias, raciocinemos um pouco e veremos como o assunto se tornará claro e ao alcance de todas as inteligências, mesmo para as não habituadas ao simbolismo e à alegoria com que os orientais encobriam a verdade, velando o ensino, para que nele penetrassem apenas os que pudessem assumir a responsabilidade do seu conhecimento, pondo-o em prática.

O que se deu com Elias foi o processo de transformação de seu envoltório carnal, que se desagregou pela acção das chamas atraídas pela mediunidade do próprio profeta. Recordemos que, por mais de uma vez, encontramos na Bíblia Elias, pelo poder de sua mediunidade, fazendo descer fogo que, de uma feita, ocasionou a mortandade de 102 homens, como está no 2.º Livro de Reis, cap. I, e de outra, fazendo acender a lenha para que provado ficasse ser o Deus de Israel o verdadeiro e único Deus, o que encontramos no mesmo livro, cap. XVIII, 22 e seguintes.

Ora, pelo poder da vontade aliado à mediunidade, o profeta usou e abusou da faculdade que lhe foi concedida para o bem, empregando-a para o extermínio e, como resultado, atraiu o que irradiou, terminando vítima do próprio fogo, cujos elemntos reunia e materializava mediùnicamente. Com ele cumpriu-se a lei do *quem com ferro fere, com o mesmo ferro será ferido.*

Os que presenciaram o facto, ao verem o corpo do profeta levitando envolto em chamas, julgaram-no subindo ao céu. Dado o desconhecimento da realidade do que acontecia então, julgaram que se tratasse de um carro de fogo que tivesse vindo para conduzir o profeta aos céus, segundo na sua ingenuidade acreditaram, dado que, pelos seus feitos o julgaram merecedor.

Diz-nos a Bíblia que vários homens procuraram o corpo do profeta, o que robustece a prova de sua morte. Contudo, Eliseu, seu discípulo e sucessor, disse aos que o buscavam que não o encontrariam, pois fora levitado. Com essa informação, o profeta Eliseu não precisou de dar explicações àquela gente inculta, a quem a verdade, explicada em toda a plenitude, não convenceria, e até levantaria contra si os partidários do tesbita.

Era a questão da proporcionalidade da revelação que precisava de ser guardada, visto que o povo não a compreenderia. Dados os diminutos conhecimentos daqueles tempos recuados, não foi possível compreender-se a desmaterialização do corpo do profeta Elias cujos elementos materiais se desagregaram. Contudo, hoje podemos perfeitamente compreender isso, visto que sabemos da existência da matéria em estados os mais subtis, tão etéreos que não causam impressão aos sentidos físicos, e nos foi revelada a desintegração atómica.

Quanto à segunda dificuldade apontada pelos irmãos de outras crenças, dissemos então que a resposta de João, o Baptista, era ao mesmo tempo testemunho da verdade da iniciação dos Judeus na doutrina reencarnacionista, pois que o Baptista não se levantou contra ela, ou seja, da volta do espírito à vida corporal, o que teria feito, com a franqueza rude que lhe era peculiar, mas servia de comprovante de outra verdade tão grande quanto a primeira. E esta verdade era o facto de João, o precursor, não ter conhecimento das suas anteriores existências, facto comum que se passa com a quase totalidade dos homens, por lhes faltar a consciência profunda e a penetração do sentido geral. Jesus, muito mais penetrante e cônscio da verdade, conhecia as existências anteriores de quem lhe abrira e preparara os caminhos, razão por que, sabendo que o espírito era o mesmo que animara a personalidade de Elias, pôde, em verdade, afirmar peremptòriamente que o precursor *era o Elias que havia de vir.*

A resposta de João, não só não é prova em contrário, mas antes uma reafirmação da própria verdade, esclarecendo que a doutrina da reencarnação fica, assim, mais robustecida, dando-nos a explicação do que a nós também acontece, que não sabemos quem fomos nas várias existências.

---

do atrozes dores e fagueiras alegrias. E porque sabemos que as alegrias dão à nossa alma a maior soma de bem-estar, deve haver em nós o desejo de expansão levando a alegria a todos os irmãos que sofrem. É essa a finalidade dos que se reunem em sessões práticas de Espiritismo.

A nossa missão, portanto, é formar boas sessões ornamentadas com pensamentos de amor, de paz, de harmonia, de calma, de luz espiritual, de caridade pura e, acima de tudo, vontade poderosa de ser sempre e em todas as circunstâncias o mais útil possível ao nosso semelhante.

Depende dos assistentes a formação de bons ambientes. Depende de bons ambientes a formação de bons médiuns. Depende de bons médiuns a recepção de boas mensagens que nos estimulem a animar as legiões de infelizes que nos rodeiam.

Saude Física e Mental

«Mens sana in corpore sano»
(provérbio latino)

«Conforme pensarmos, seremos, agiremos, viveremos».

L. S.

NA Índia, todos os ocultistas que conseguem admirar os ocidentais, pelos seus conhecimentos profundos e pela sua elevação espiritual, dão ao capitulo da saude física uma primordial importância. Entre nós, apenas os esoteristas das diversas correntes neo-espiritualistas consideram este assunto como fundamental. Diversas religiões, a par da pureza espiritual que preconizam, vão já dando o seu concurso, vão já mostrando o seu interesse pela pureza do corpo.

É triste notar, que entre nós, espiritas, se encontrem tantos indivíduos cheios de boa vontade para dar o seu concurso à Causa, mas que se vêem obrigados a reter esse entusiasmo, devido à sua saude, que se encontra abalada. E então essas pessoas queixam-se do destino, do seu karma, em vez de repararem que, se estão doentes, a si o devem.

Todas as doenças, físicas e espirituais, são devidas a erros por nós praticados; as físicas, devido a uma vida desregrada, e a outros múltiplos factores (1); as espirituais, devido à frequência de ambientes psíquicos inferiores (tabernas, lupanares, casas de jogo, etc.), e também contacto com casas onde se pratique o «baixo espiritismo», isto é, onde o ambiente se encontre carregado de espíritos inferiores, sempre prontos a prejudicar-nos.

Aquele que a par de uma saude física perfeita, adoptar uma atitude mental elevada, está por assim dizer automàticamente «vacinado» contra toda a espécie de doenças.

Vejamos quais as principais condições:

HIGIENE DO CORPO

O corpo deve ser frequentemente lavado, com água quente para a limpeza dos poros, e com duches de água fria para enrijar.

Os poros são agentes de eliminação das impurezas existentes no organismo (Vide «A Nova Ciência de Curar», de Luiz Khune), e portanto, se estiverem obstruídos, essa eliminação não será possível.

Deve-se praticar o mais possível uma vida ao ar livre e, não podendo ser, trabalhar em compartimentos arejados dormir sempre com a janela aberta, verão e inverno (há mais de dois anos que durmo com a janela aberta, sem que por isso tenha apanhado a gripe «italiana»).

Note-se que este meu conselho de vida ao ar livre não serve de aplauso àqueles que, por diversão ou profissionalismo, passam os dias em desportos que só servem para arruinar a saude. O futebol, as touradas, o box, etc., são desportos que, além de mostrarem bem o baixo grau de evolução em que se encontra o nosso planeta, são sempre praticados por indivíduos que desconhecem as mais rudimentares regras de saude. Até o campismo (o melhor dos desportos) tem, infelizmente, como praticantes pessoas ignorantes das leis físicas e anatómicas que nos regem. Do desporto vivem hoje centenas de rapazes, assim como da mediunidade, vive também, infelizmente, muita gente.

HIGIENE DA ALIMENTAÇÃO

Eis o ponto básico da saude física; a alimentação. Quando bem administrada, o corpo vive num justo equilíbrio dos orgãos, seguindo um ritmo harmónico. Mas quando ela é irracionalmente ingerida, dá lugar às mais terríveis doenças, incluindo o cancro, a úlcera e a tuberculose. O homem é frugívoro por natureza; mas, a pesar disso, adopta hoje um regime omnívoro. Passou dos alimentos cheios de «vida»,

(1) Sabemos, evidentemente, que muitas doenças são igualmente devidas a taras hereditárias. Mas mesmo nesses casos, com um tratamento especial e natural, os indivíduos ràpidamente recobram a saude.

Trabalha. Ampara. Auxilia.
Sê calmo e fraterno, em suma.
Quem fere o botão de rosa
Não colherá rosa alguma.

★

Evita o veneno oculto
Da frase orgulhosa e má.
Ateado o fogo ao campo
Não se sabe o que virá.

Haja o que houver no caminho,
Conserva a alegria sã.
A vida tem muitas portas
E o dia volta amanhã.

★

Aprende a servir contente.
Começa cedo. Madruga.
O boi sob a canga humilde
Não corre à ilusão da fuga.

GO

Psicografado por FRANCISCO

Quem escapa à obrigação,
Clamando amargura e tédio,
Encontrará no caminho
As aflições sem remédio.

de «ar», de «sol», para os alimentos mortos, cheios de toxinas, as carnes (de terra e mar), que no organismo dão lugar a um género de toxinas com o nome de cadaverinas.

O alcool, o tabaco e a carne, eis a trindade de que o homem se serve para se arruinar. Hoje toda a gente bebe vinho, licores dos mais raros (e caros), ao mesmo tempo que fuma, ingerindo no seu organismo a perigosa nicotina (1); e como se tudo isto fosse pouco, comem carne temperada com os mais diabólicos condimentos (caril, mostarda, pimenta, etc.

POR

ANTONIO CARDOSO

Pobre humanidade, que se esqueceu da própria natureza! Pobre homem que prefere o artificialismo da cozinha moderna, àquilo que a natureza lhe dá. Conheço pessoas que têm a sua natureza tão escravizada pelos vícios alimentares, que já não apreciam o sabor divinal de laranjas, peras, ananazes ou morangos!

Se aqueles que se andam a tratar das suas doenças com um magnetizador, adoptassem uma alimentação natural, veriam que a sua cura seria mais rápida.

(1) A nicotina, ingerida pelas mulheres-fumadoras, vai-se dissolver no leite que possuem, constituindo, portanto, quando forem mães, um grave perigo para os filhos que amamentam.

O magnetismo, o ar, sol, luz e alimentação adequada, são meios naturais de que o homem se deve servir para curar as suas enfermidades.

HIGIENE MENTAL

Emerson dizia que «quando a alma se eleva, eleva-se o mundo». Basta este simples pensamento para compreendermos bem o papel que desempenha o pensamento na nossa vida física e espiritual. Aqueles que têm ùnicamente pensamentos de egoismo, de ódio e sensualidade, criam à sua volta elementos com essas características, egrégoras que só os poderão prejudicar. Essas formas-pensamentos só conseguirão atrair egrégoras semelhantes e espíritos inferiores; ao passo que aqueles que a par duma vida regrada tiverem sempre pensamentos de amor para com os seus semelhantes (amigos e inimigos) e de caridade, criarão à sua volta um ambiente psíquico favorável que formará como que uma couraça, intransponível aos maus pensamentos. Ao mesmo tempo o corpo astral ou perispírito irá sendo revestido de camadas cada vez mais subtis de matéria, que conduzirão o indivíduo, após a sua *morte*, às mais altas esferas.

É interessante notar que as pessoas que ingerem alcool, formam à sua volta também uma couraça, mas esta intransponível às radiações mentais elevadas. No Brasil, em certos centros de trabalhos experimentais de materialização, voz directa e efeitos físicos, são os próprios espíritos que não permitem que assistam aos trabalhos pessoas que nesses dias tenham comido carne e bebido alcool, pois as vibrações dos seus corpos são prejudiciais ao bom seguimento da sessão.

Os fumadores e os alcoólicos conseguem criar uma camada de matéria tão grosseira no seu perispírito, que os videntes frequentemente vêem nas tabernas ou sítios idênticos àqueles que na terra foram escravizados por esses vícios, confundindo-se com a aura daqueles que ali estão bebendo e fumando.

★

Se o homem conhecesse melhor as leis bio-psíquicas que o regem, se soubesse compreender a importância que a higiene física e mental tem para a sua vida presente e futura, talvez fosse mais feliz! Talvez não houvesse tantos escravizados do alcool e do tabaco (muitas vezes obsidiados, como vimos)!

Quando a Humanidade compreender e seguir estas verdades, então sim poderemos dizer que os tempos são chegados, que o progresso se acentua, e que a Terra é já um mundo de relativo aperfeiçoamento e não de guerras, de maldade e de corrupção, como até aqui!

TAS

Por CASIMIRO CUNHA

CÂNDIDO XAVIER

Foge à palavra que tece
Muitas contendas subtis.
Quem vive deblaterando
É tresloucado e infeliz.

Há dois grandes inimigos
Que nos levam sempre ao fosso;
Um se chama «não-preciso»,
Chama-se o outro «não-posso».

★

Não te esqueças, mundo afora
Que, nos transes da existência,
Muito acima do repouso,
Vale mais a paciência.

Nunca bajules teus chefes.
Sê, porém, cortês e brando.
O homem que administra
Quando roga está mandando.

★

Aquele que não aprende,
Na calma lição dos anos,
Fará curso rigoroso
Na escola dos desenganos.

Espiritistas, obsidiados e ciência médica

Por TITO L. BANCÉSCU
(correspondente em osório)

SOBRE a responsabilidade moral dos espiritistas americanos gravita um problema que, salvo excepções, foi relegado ao esquecimento e perante o qual se observa uma atitude, ora passiva, ora indiferente. Referimo-nos à tragédia dos obsidiados, esses pobres seres perseguidos por espíritos conscientes ou inconscientes. A crueldade e sanha atingem não raro o incrível, vendo-se a ciência médica impotente para defendê-los, por não poder classificá-los dentro dos processos psiquiátricos.

Deste modo, é duplamente lamentável a penúria desses nossos irmãos, em virtude de serem quase sempre convertidos em cobaias, diagnosticando-se que sofrem de alucinações, etc., etc. E enquanto milhares de famílias vegetam ou se encontram desmanteladas, porque o pai ou a mãe ou um filho permanece longos anos nos hospitais de alienados, isolado do mundo e dos seus, os sectores espiritas continuam na rotina fenomenológica, como se ela fora, realmente, o Alfa e o Ômega do Espiritismo. Do ponto de vista teórico, não temos observado as indicações de Kardec e seus colaboradores especiais, nem o que nos legaram homens eminentes, como Crookes, Geley ou Delanne, e continuamos a ser nas Américas maus comentaristas das suas obras.

Os espiritistas brasileiros algo têm feito neste sentido ao criar uma série de instituições sanitárias, asilos e até uma Faculdade Espirita. Cremos que este formoso exemplo dos nossos amigos do Brasil deve propagar-se a todas as nações sul-americanas, já que os espiritistas europeus e os proeminentes investigadores não estão em condições de prosseguir nas suas grandes e valiosas experiências. Isto corresponde a pôr em prática parte do esforço desses homens, mediante um amplo espírito de solidariedade e mútua compreensão. Tendo os centros, as sociedades, as agremiações ou os grupos espiritas a possibilidade de coadjuvar em benefício dos que suportam os efeitos das implacáveis perseguições dos invisíveis, não pesará na consciência de cada um essa indiferença delituosa para quem tenha possibilidade de se libertar das obsessões e ser útil a si próprio, aos seus e à sociedade ?

A nossa impassibilidade dá origem a que elementos sem escrúpulos e inconscientes (como os curandeiros ou médiuns que visam o lucro com o sofrimento do próximo) trafiquem com a nossa doutrina ao escudar-se no Espiritismo. Eis, por que é urgente que se acabe com semelhantes anomalias, já que não basta «lavar as mãos» perante médiuns mercantilistas e os que especulam com o que há de mais sagrado para as consciências sãs. O Espiritismo deve entrar pela porta larga da investigação, cujos factos chamarão a atenção de alguns médicos sem preconceitos que adiram ao nosso movimento, iniciando conosco a cruzada de duplo sentido: contra o curandeirismo e curando os obsidiados que, em boa verdade, não são dementes. Desta maneira, longe de competir com o consultório médico, como fazem os curandeiros irresponsáveis invocando a nossa doutrina, o Espiritismo será o seu melhor aliado, quer nas enfermidades psíquicas, quer nas de outra espécie.

E se o número dos curandeiros se tem multiplicado, especialmente quando nada sabem de Espiritismo, nem do decantado ocultismo, mas que o utilizam como escudo, é por culpa dos mesmos médicos, já que eles, devido ao espírito sectário, fazem do Espiritismo a mesma ideia que os curandeiros e até se regozijam quando as autoridades policiais incomodam os estudiosos que analisam o Espiritismo com critério científico, moral e filosófico, permitindo, em troca, que os mercantilistas trabalhem livremente. Outra seria a questão, se os médicos quisessem estudá-lo sèriamente, pois eles seriam os beneficiados, ao mesmo tempo que os doentes, que acudiriam aos seus consultórios.

Com a tese expressa, de modo algum queremos impor a ideia de que o Espiritismo poderia constituir uma fonte de receita para os médicos. O que almejamos — como já escrevemos na revista *Constância*, de Buenos Aires — é a criação de um Instituto Psicopático de carácter colectivo, remunerando-se os serviços médicos, de enfermagem e do restante pessoal, visto que nenhum deles — salvo os grandes capitalistas — viverá de rendimentos próprios. Esses serviços sanitários deveriam ser gratuitos para quem não tivesse meios. O mesmo se não daria com quem pudesse pagar, desde que os gastos do Instituto fossem elevados, pois não seria conveniente que a colectividade espirita — que poderia e deveria cooperar na manutnção dessa entidade — fosse sacrificada pecuniàriamente, quando os doentes abastados ou remediados pagam grandes pensões nos sanatórios, sem obter qualquer melhora.

Se houvesse alguns filântropos ou pessoas bem intencionadas que se dispusessem a dar alguns milhares de dólares para a manutenção da obra que nos ocupa, ou se a mesma tivesse renda fixa, então, sim, toda a gente poderia ser atendida e curada gratuitamente. O que desejamos frisar é que nunca será possível especular com a cura de obsidiados, e muito menos quando os espíritos encarregados de colaborar com os médicos e os médiuns se afastarem ante semelhante mercado.

Sublinhemos estas considerações para que sejamos inteiramente compreendidos.

Os espiritistas e os médiuns das Américas e Antilhas devem abalançar-se a esta obra humanitária, para auxiliarem os nossos semelhantes vítimas das perseguições extra-terrestres, ante as quais sorriem os que têm a fatuidade de ser os *únicos* possuidores da verdade absoluta. É necessário demonstrar-lhes que se acham em erro e que grande percentagem de alienados mentais não são loucos, mas obsidiados. As experiências prévias a realizar em ambientes animados de desinteresse, fraternidade e espírito investigador, dariam aos médicos a norma a seguir. E se ninguém se assusta ante o sorriso zombeteiro dos que se jactam de monossábios, o sorriso se converterá depois em caretas de vencidos, porque o Espiritismo, honrada e desinteressadamente praticado, oferece ao homem perspectivas tão vastas, imensas e grandiosas, que assombram e deixam embasbacados os mais cépticos.

Têm, pois, a palavra os nossos amigos das Américas Latinas.

(I. D. S. traduziu)

Crónica Estrangeira

por Isidoro Duarte Santos

FENÓMENO DE TRANSPORTE INEXPLICÁVEL

No seu número de Janeiro do corrente ano, *A Centelha*, de S. Paulo, transcreve um curioso fenómeno de transporte publicado no *Diário da Noite*, cotidiano brasileiro muito conhecido, e subscrito pelo seu redactor Erasmo Trielli.

O caso passou-se no sítio do sr. Manuel de Freitas, em Andradas, Estado de Minas Gerais, e foi narrado ao *reporter* pelo funcionário estadual da fronteira mineiro-paulista sr. João Américo Ferreira Sales, pessoa de grande relevo na localidade.

O sr. Manuel Torres andava a vindimar, quando o chamaram com urgência, pois em sua casa ia grande balbúrdia com o desaparecimento de seu filho de oito anos, chamado Orlando.

Era meio-dia e ninguém sabia do rapazinho. O sr. Manuel, como louco, arregimentou muita gente e pôs-se à cata do garoto. Bateram os matos próximos; sondaram o rio em vários pontos, sem o mínimo resultado. O Orlando era um enigma.

Quatro ou cinco horas depois, dirigiram-se à *Fazenda da Rocheta*, próximo do povoado. Diligência inútil, como as outras. Então, aquele pai aflito resolveu fazer nova «batida» pela redondeza; e ainda não tinham andado quinhentos metros, quando deparam com um espectáculo verdadeiramente espantoso. O Orlando estava encarrapitado numa haste fragilíssima de mamoneira, como estranha ave, e de olhos aparvalhados, sem dar atenção aos que se aproximavam.

Como se teria o garoto empoleirado daquela maneira? E o espanto recrudesceu, quando pretenderam apeá-lo de tão estranha posição. A mamoneira estava enredada de espesso espinheiro. Era quase impossível atingi-la. Os *arranha-gatos* e os *segura-compadres* eram intransponível barreira. Como teria Orlando alcançado aquele galho, sem qualquer vestígio de arranhões?

Ninguém soube explicar e muito menos o pequeno, que nem mesmo se lembrava de como tinha saído de casa nesse dia.

O *reporter* quis ouvir a opinião do velho cónego Profício:

— A que atribui V. S. o desaparecimento e a posição em que foi encontrado o menino?

— Coisa de Deus não é! Só pode ser arte do demónio — disse o padre bem humorado.

E *A Centelha* termina, escrevendo: «Quem perlustrou as páginas admiráveis de todos os investigadores do Espiritismo, terá encontrado dezenas ou centenas de factos catalogados, uns como efeitos de levitação, de transporte, de desmaterialização, etc. Gabriel Delanne cita vários casos em que os Espíritos removeram os médiuns de quartos hermèticamente fechados, indo materializá-los noutras dependências».

UM SONHO PREMONITÓRIO DE AXEL MUNTHE

Quem há que não conheça, pelo menos de nome, o autor do «Livro de S. Michel», cujas obras vemos a cada passo nos escaparates das livrarias? Axel Munthe era médico de fama e na guerra de 1914-18 tratou muitos soldados, aplicando-lhes por vezes o fluído magnético, que possuia em alto grau. Pois é deste homem célebre o sonho premonitório que em seguida descrevemos, extraído da *Revista de Metapsicologia*, de Lisboa:

«Uma vez, mal adormeceu, o Dr. Axel Munthe sonhou que se encontrava numa planície solitária juncada de escombros, de enormes blocos e fragmentos de mármore meio ocultos entre a hera, o rosmaninho, a madre-silva, as estevas e o tomilho. Sobre um muro em ruinas estava um velho pastor tocando flauta ao seu rebanho. O rosto duro e barbudo estava queimado pelo sol e o vento; os olhos ardiam como brasas sob as espessas sobrancelhas; e o corpo magro e emaciado tremia de febre debaixo da longa capa azul de pastor calabrez. Munthe ofereceu-lhe tabaco e o pastor deu-lhe um bocado de queijo fresco de cabra e uma cebola. Munthe mal o percebia; desconhecia aquele lugar, do qual não sabia o nome, como ignorava donde fosse o pastor.

Perguntou-lhe onde dormia. Com o comprido cajado, o pastor indicou-lhe uma escada debaixo de uma abóbada desabada. Munthe desceu, às apalpadelas, as escadas talhadas na rocha e encontrou-se numa sala escura e abobadada. A um canto via-se uma enxerga com duas peles de carneiro a servirem de mantas. Nas paredes e no teto penduras de cebolas e de résteas de alhos e tomates secos; uma bilha de barro cheia de água em cima da mesa grosseira. Era esta a casa do pastor e estes os seus bens. Na frente de Munthe abria-se uma escura passagem subterrânea, meio obstruida pelas pedras caídas do teto arruinado. Aonde iria ter?

O pastor não sabia. Quando era pequeno, tinham-lhe dito que por ali se ia ter a uma caverna habitada por um génio do mal, havia milhares de anos, sob a forma de lobisomem que devoraria quem dali se aproximasse.

Munthe, sempre em sonho, acendeu uma tocha e caminhou, tacteando as escadas de mármore. A passagem alargava pouco a pouco; um sopro de ar frio gelava-lhe o rosto. Ouviu um gemido estranho que lhe arrefeceu o sangue nas veias. Bruscamente, achou-se numa sala imensa. Duas grandes colunas de mármore de África sustentavam ainda uma parte da abóbada; duas outras estavam deitadas no chão de mosaico, arrancadas dos socos pelo tremor de terra. Centenas de grandes morcegos pendiam das paredes em enormes cachos negros; outros revoluteavam à roda da cabeça de Munthe, fugindo espavoridos, cegos pela luz súbita da tocha. Ao centro da sala estava agachada uma grande esfinge que o fixava com os seus olhos de pedra muito abertos.

Amanhecia, quando o sonho desapareceu.

De regresso ao seu iate, Munthe mandou içar as velas e navegou para a aventura mais estranha da sua vida. Na noite seguinte, o iate ancorou numa enseada solitária, conhecida apenas de alguns pescadores e contrabandistas... Aquela costa era perigosa, sem um fundeadouro seguro no espaço de umas cem milhas.

Três dias depois, o Dr. Axel Munthe encontrava-se na solitária planície do seu sonho, juncada de

escombros, de enormes blocos e fragmentos meio ocultos entre a hera, o rosmaninho, a madre-silva, as estevas e o tomilho. Sobre um muro em ruinas estava sentado um velho pastor tocando flauta ao seu rebanho. Munthe ofereceu-lhe tabaco e o pastor deu-lhe um bocado de queijo de cabra e uma cebola. Disse-lhe que tinha perdido o caminho e perguntou-lhe se podia ali passar a noite. O pastor conduziu-o ao seu alojamento subterrâneo, que Munthe tão bem conhecia pelo seu sonho. Estendeu-se nas peles de carneiro e adormeceu.

O Dr. Axel Munthe conclui assim:

«Tudo o que sucedeu é demasiado estranho e fantástico para se traduzir em palavras escritas; de resto, nem me acreditarieis, se intentasse fazê-lo. Eu próprio mal sei onde acaba o sonho e onde começa a realidade. Quem dirigiu o meu barco para esta oculta e solitária enseada? Quem me conduziu através daquele deserto sem trilho para as ruinas ignoradas da casa de Nero? O pastor era de carne e osso, ou seria o próprio Pan que voltara ao seu lugar favorito para tocar flauta ao seu rebanho? Não mo perguntei, que não posso, nem me atrevo a responder-vos. Podeis interrogar a grande esfinge de granito achada no parapeito da capela de S. Michel. Mas em vão. A esfinge guarda o seu segredo há cinco mil anos. Guardará também o meu».

Axel Munthe viveu muito tempo na Itália, onde adquiriu os restos de uma vivenda dos imperadores romanos. Ali reconstruiu a Torre de Tibério com 777 degraus e ali escreveu o seu famoso livro, traduzido em todas as línguas.

GALO QUE CANTA SEM CABEÇA

Do *Jornal Espirita,* do Rio de Janeiro, transcrevemos a seguinte notícia, que vai sem comentários:

«Mais uma interessante notícia nos chega de Los Angeles, Estados Unidos, através da Agência de Sensações I. N. S. Segundo o referido telegrama, datado de 19 de Abril corrente, um veterinário deu uma possível explicação ao fenómeno de um galo decapitado que continua a cantar e a andar, aparentemente sem se preocupar com a perda da cabeça.

«O Dr. T. G. Bear disse que parte do cérebro do galo, que controla a respiração e a circulação, deve ter ficado no pescoço. E explicou que os movimentos estão controlados pela corda espinal e que nenhuma ave poderia viver sem cérebro, se bem que este galo ofereça boa imitação do mesmo.

«A sr.ª Marta Green comprou-o no mercado. A cabeça fôra cortada horas antes e aquela senhora colocou-o na geladeira, esperando prepará-lo para o almoço, quando a ave soltou um sonoro qui-qui-ri-qui. Quando a sr.ª Green se recuperou da surpresa, resolveu guardar o galo vivo o maior tempo possível e alimenta-o com leite e gemas de ovo, pelo pescoço, com auxílio de um conta-gotas.

«O Dr. Bear disse que o galo viverá enquanto a garganta e o tubo digestivo se mantiverem abertos. A sr.ª Green comentou:

«— Deus tem muitos meios de mostrar-nos coisas. Se alguém estudasse este galo, talvez encontrasse meio de prolongar a vida.

«O galo decapitado da sr.ª Green faz lembrar um frango decapitado que um rancheiro do Colorado manteve vivo mais de um mês, há algum tempo. O frango só tinha perdido parte da cabeça».

CHUVA DE PEDRAS NUMA CERVEJARIA

A *Revista Internacional do Espiritismo,* de Matão, S. Paulo, transcreve do *Jornal de Guarulho,* de 29-7-948 uma notícia relativa a estranho fenómeno que alvoroçou mais de 40 pessoas que se encontravam numa cervejaria. Diz a gazeta que, no dia 16-7-948, o *bár* do sr. José Alves, Avenida Guarulhos, n.º 297 (a 20 metros do Recreio Giani) regorgitava de fregueses, fumando, bebendo e cantando. De repente, todos aqueles indivíduos são agredidos por verdadeira chuva de pedras, acompanhada de rajadas de areia. Foi um verdadeiro assombro. Eram 23 horas e a «chuva» continuava, grossa e... persistente. Muitos curiosos subiram ao forro da casa para desvendar a causa do fenómeno. O filho do sr. José Alves vasculhou todos os recantos e nada encontrou que demonstrasse a origem de tão estranha fusilaria, que chegou a causar pânico aos curiosos que se vinham aglomerando, pois o espectáculo só terminou à uma hora da manhã.

O fenómeno foi presenciado por Rafael Venditi, Manuel da Cruz, Miguel Zarameli, Osvaldo Egon Just, Joaquim Fonseca, António Camizotti, Francisco Mendes, Manuel Dias, Juca Machado, Sebastião Silva, Idalina Mendes, Maria Alves (esposa do sr. José Alves), Mário Alves (filho do sr. José Alves), Jaime Alves, Miguel (do Recreio Giani), Ana Mendes, Geraldo Prata, Mário Mendes e outros.

O sr. Mário Alves disse que as pedradas zuniam, atingindo garrafas e prateleiras. O sr. Joaquim Fonseca ficou ferido no rosto e o sr. Jaime Alves na cabeça.

O jornal declara que não faz comentários, por não querer *entrar no ámago das coisas sobrenaturais...* Mas *pode* informar os leitores que «o fenómeno cessou, quando apareceu no local (a chamado de várias pessoas) o presidente do centro espirita de Vila Augusta. Com preces adequadas, conseguiu fazer cessar o fenómeno.

Em Portugal têm-se dado casos semelhantes. A imprensa diária todas as semanas fala em *almas do outro mundo,* em *casas assombradas* e outras coisas que fazem pensar aqueles que, desconhecendo as causas, se limitam a apreciar os efeitos à sua moda, com os poucos conhecimentos que possuem, chegando, por vezes, a conclusões verdadeiramente peregrinas. Brincam com o fogo sem o saber; e quando algum dia são protagonistas da «brincadeira», mudam de «disco» e pedem socorro aos «pobres de espírito», como nos chamam.

É assim em toda a parte. O riso dos venais cacareja em tom alvar, contaminando lorpas e sumidades em seu ofício, embora chapados ignorantes em alheia seara. Mas a belfa desopila e a testa se enruga, quando o caso vai a mais e não há cordelinhos que o expliquem. E então é que são elas! Volta-se o feitiço contra o feiticeiro.

Não há melhor do que fazer como o sábio, que diz judiciosamente:

— Não sei. Tudo é possível.

E vai estudar o caso naturalmente, certo de que não há efeito sem causa...

CAMPANHA DE ASSINATURAS

Leitor amigo, auxilia-nos nesta campanha necessária, conseguindo mais um assinante para ESTUDOS PSÍQUICOS. As dificuldades crescem, o papel encarece, mas é preciso defender a causa Espirita.

Colabora conosco nesta cruzada: Dá-nos o teu apoio. Unidos, venceremos.

Notas & Comentários

DUAS MENSAGENS

A «Confederação Espirita Lar de Jesus» e a «Mocidade Espirita de Iguaçú», anexa ao «Centro Espirita «Fé Esperança e Caridade», que trabalha sob a orientação do Professor Leopoldo Machado, tiveram a nímia gentileza de aproveitar a vinda a Portugal do nosso confrade e patrício sr. José António Marques para nos enviarem duas Mensagens de Saudação. A primeira, dos mais velhos e experientes, vai noutra página deste número e agradecemo-la em nome de todos os contemplados. São palavras de amizade que nos sensibilizam e incitam na luta que travamos dia-a-dia, olhos postos no futuro da grande Causa que nos irmana. Elas calaram em nosso espirito, estimulando potencialidades ocultas e apetrechando-as para novos trabalhos e realizações. Bem hajam esses trabalhadores que Além-Atlântico empunham bandeiras de rejuvenescimento, integrando a Mocidade em sectores de actividade neo-espiritualista. A segunda Mensagem é dirigida aos MOÇOS DE PORTUGAL e será publicada no próximo número. Há ali palavras de grande projecção espiritual e visão do mundo novo, quando o Espiritismo modificar o homem e entrar abertamente na vida social dos povos. É subscrita por Alba de Carvalho.

Estes dois documentos, inestimáveis pelo conteúdo e pela intenção que os norteia, representam um selo de amizade recíproca que se fortalecerá através do tempo. Recebemo-los como eles se nos apresentam e faremos o possível por merecê-los.

PIERINO GAMBA

Ainda se não extinguiram os ecos da passagem em Portugal do menino-maestro Pierino Gamba, acerca do qual SOL tem publicado vários artigos de polémica entre o nosso companheiro António Cardoso e alguns apaixonados pelo extraordinário... fenómeno. A discussão continua acesa de parte a parte e promete demorar ainda. Tudo que se diga no sentido de esclarecer a opinião deve ser benvindo. Estamos, porém, convencidos de que o livro do nosso director, intitulado «Pierino Gamba — O menino-maestro à luz da nova psicologia», que acaba de sair do prelo, vai fechar a controvérsia. Pelo menos, iluminará muitos teimosos que se agarram à tábua da genética para manterem uma teoria a que vai faltando alicerce.

Mal diria o pequeno regente de orquestra que havia de fazer tanta celeuma em Portugal!

ESTUDOS DOUTRINÁRIOS

Recebemos há pouco o 1.º folheto que o «Centro Espirita 18 de Abril», do Rio de Janeiro, publicou, relativamente às suas prelecções de carácter didático no ano de 1948. Este Centro fundou-se com o fim de pôr o Espiritismo ao alcance de toda a gente, começando pelas noções mais rudimentares e seguindo as normas de Allan Kardec, expostas no seu livro «Obras Póstumas». De Janeiro a Junho, o estudo limitou-se exclusivamente a exposições, começando pelo «Livro dos Espíritos» e terminando na «Génese». De Agosto a Novembro, entrou-se na interpretação, segundo o primeiro daqueles livros. Os meses de Julho e Outubro foram dedicados, respectivamente, a conferências e análises a respeito da obra do Codificador do Espiritismo. No mês de Dezembro houve uma série de estudos sobre o «Sermão da Montanha».

O resumo dos trabalhos deste Centro tem sido publicado na «Revista Espirita do Brasil» e agora são divulgados em folheto por proposta do Conselho Consultivo das Mocidades Espiritas e autorização do director-presidente da Gráfica Mundo Espirita.

Ao dinâmico presidente do Centro, que é o nosso correspondente Deolindo Amorim, se deve o magnífico trabalho de orientação e sistematização que tão belos frutos tem produzido. Para que se torne conhecido o seu método expositivo, transcreveremos algumas lições deste folheto.

ÉCOS DO NOSSO NÚMERO DE JANEIRO

Mundo Espirita, do *Rio de Janeiro, agora sob a direcção do grande batalhador Artur Lins de Vasconcelos, refere-se deste modo ao nosso número de Janeiro último, em gentileza que muito agradecemos:*

«A excelente revista portuguesa Estudos Psíquicos, *de Lisboa, tão apreciada no Brasil, comemorou em Janeiro o seu 10.º aniversário. A auspiciosa data assinalou-se com a transformação do feitio material da Revista, cujo aspecto gráfico está muito interessante:* Estudos Psíquicos *já é, por assim dizer, uma revista brasileira. O número de Janeiro é quase todo dedicado ao Brasil. Está admirável o número de aniversário. Nossos louvores, pois, aos infatigáveis confrades portugueses Ramos Pereira, António Cardoso e Maria Gonçalves Duarte Santos, todos eles valorosos trabalhadores, que lutam ao lado de Isidoro Duarte Santos, criador dessa grande obra que é* Estudos Psíquicos, *património moral e cultural do movimento espirita luso-brasileiro».*

UM CALCULADOR EXTRAORDINÁRIO

A propósito do calculador citado pelo Dr. Xavier de Brito na Gazeta de Física *e a que aludimos no penúltimo número desta revista, escreve-nos D. Ana Bárbara de Brito Colaço Guerreiro, dedicada sócia do Centro Espiritualista Luz e Amor:*

«Li com grande interesse em Estudos Psíquicos *uma notícia a respeito de um calculador extraordinário. Como conheço pessoalmente um indivíduo com iguais aptidões, vou falar-lhe do* grande matemático alentejano, *como é designado.*

«Chama-se Eduardo Camacho, tem poucos estudos, reside na Amadora e é empregado numa Caixa, creio que na Avenida Manuel Damaia. Resolve os mais difíceis problemas em curto espaço de tempo e diz que não sabe como aquilo é, mas parece-lhe que vê os algarismos a dançar na sua frente. Era empregado no Grémio da Lavoura, *em Castro Verde, onde o conheci; e enquanto lá esteve não usaram a máquina de calcular do referido* Grémio, *por ser desnecessária. Todas as pessoas do Baixo Alentejo o conhecem e falam dele com admiração, mas ninguém sabe explicar aquelas faculdades.*

«Pode fazer o uso que quiser desta carta, pois o sr. Camacho é sobejamente conhecido e os seus cálculos extraordinários andam na boca das pessoas que com ele têm privado».

Noticiário

«BOLETIM DA CASA DE PORTUGAL»

Recebemos o número 16/17 do *Boletim da Casa de Portugal*, de Porto Alegre, relativo aos meses de Setembro-Outubro de 1948, demonstrativo da acção dos portugueses no Rio Grande do Sul.

TRANSCRIÇÕES E REFERÊNCIAS

A *Centelha*, de S. Paulo, transcreveu o artigo do nosso correspondente em Porto Alegre, Dr. Paulo Hecker, intitulado *Justiça* e publicado no nosso número de Outubro último.

Também a *Revista Espirita do Brasil* se refere assim ao artigo do nosso correspondente na África Equatorial Francesa, sr. António J. Martins, intitulado «A Mediunidade Entre os Indígenas»:

«Sob o título acima, o nosso confrade António J. Martins, português de quem já transcrevemos interessante artigo, publicou na revista *Estudos Psíquicos*, de Lisboa (n.º 1, de Janeiro, deste ano) o que vem observando na África em matéria de mediunidade: «*É a vidência, de entre todas, a faculdade mediúnica mais vulgar* entre estas gentes, e, como é o fenómeno que mais satisfaz os sentidos humanos, resulta para elas numa certeza absoluta e justificada, *que nada pode destruir*». Aquele nosso confrade descreve, minuciosamente, as crenças dos indígenas da África Equatorial Francesa. São, ainda, de seu trabalho estas palavras: «*O indígena sabe que possui dois corpos: o que perece e o que nunca morre, e explica que é com este que os mortos se apresentam aos vivos. Esse corpo, a que eles chamam N'DOKI* (duplo invisível) *é o que lhes merece toda a atenção e carinho*». Na terminologia espírita, esse corpo é o perispírito. Nosso confrade António J. Martins tem feito observações e estudos de muito valor doutrinário».

Constância, de Buenos Aires, transcreveu também as notas que publicámos, intituladas: «O Fenómeno da obsessão visto por um Espírito» e «Médium que Encontra o corpo de um afogado», e *Luz da Verdade*, de Recife, Pernambuco, o artigo do coronel Faure da Rosa, intitulado «A Morte, Indústria dos Vivos».

Às quatro revistas amigas, os nossos agradecimentos.

«NATAL ESPIRITA»

Chegou à nossa redacção a revista *Natal Espirita*, de Natal, Rio Grande do Norte, dirigida pelo nosso representante Filipe Soares de Melo, a qual substitui o antigo *Consolador*.

Eis o que ali se escreve acerca do livro *Luz no Caminho*, da autoria do nosso director:

«Obra magistral que Estudos Psíquicos Editora, de Portugal, dirigida pelo dinâmico Isidoro Duarte Santos, lançou com grande sucesso nos meios espiritas luso-brasileiros. Quem tiver a felicidade de ler, compreender e sentir «Luz no Caminho», jamais cairá no abismo, porque terá sempre a estrada iluminada».

Os nossos agradecimentos, com votos de longa vida na nova fase iniciada. E que Filipe de Melo não esmoreça na faina que empreendeu no Rio Grande do Norte. O bom-senso e o dinamismo que o caracterizam muito poderão fazer em benefício da Causa.

AS NOSSAS CONFERÊNCIAS

Desde o vulgar estado de credulidade magnética ao estado de transe perfeito, existem diversas fases intermédias (letárgica, cataléptica, sonambúlica, etc., que passam a maior parte das vezes despercebidas. O estudo de todos estes estados e a maneira de os diferenciarmos, foi o assunto da conferência do nosso confrade Álvaro Ramos Pereira, que mais uma vez mostrou o seu invulgar cabedal científico, ao lado de uma dicção e memória prodigiosa.

Também o confrade Mário Pinto Gomes ventilou o tema «Penso, portanto, existo», demonstrando a poderosa acção do pensamento e como podemos conseguir grandes realizações desenvolvendo as nossas faculdades psíquicas.

A sua conferência constituiu uma auspiciosa estreia.

PROGRAMA DOS TRABALHOS DO CENTRO NO MES DE JUNHO DE 1949

Dia 2 de Junho, quinta-feira, às 21,30 — Sessão do Grupo Reper-Siam, dirigida por António Cardoso.

Dia 3 de Junho, sexta-feira, às 21,30 — Sessão do Grupo Amor do Redentor, dirigida pelo Dr. Adelino Gamboa.

Dia 9 de Junho, quinta-feira, às 21,30 — Sessão do Grupo Reper-Siam, dirigida por José F. Cabrita.

Dia 11 de Junho, sábado, às 21,30 —Conferência por Manuel Caetano de Sousa: «Das Trevas e da Luz».

Dia 12 de Junho, domingo, às 16 horas — Sessão doutrinária com a médium D. Maria Cecília Gorina.

Dia 16 de Junho, quinta-feira, às 21,30 — Sessão do Grupo Reper-Siam, dirigida por Isidoro Duarte Santos.

Dia 23 de Junho, quinta-feira, às 21,30 — Sessão do Grupo Reper-Siam, dirigida por António Cardoso.

Dia 25 de Junho, sábado, às 21,30 — Sessão doutrinária com a médium D. Maria Cecília Gorina.

Dia 26 de Junho, domingo, às 16 — Conferência pelo Coronel Faure da Rosa: «Fenomenologia Supranormal».

Dia 30 de Junho, quinta-feira, às 21,30 — Sessão do Grupo Reper-Siam, dirigida por José F. Cabrita.

Dia 7 de Julho, quinta-feira, às 21,30 — Sessão do Grupo Reper-Siam, dirigida por Isidoro Duarte Santos.

Dia 9 de Julho, sexta-feira, às 21,30 — Sessão do Grupo Amor do Redentor, dirigida pelo Dr. Adelino Gamboa.

NOTA — *As conferências são públicas e as sessões são exclusivas dos associados com as cotizações em dia.*

DIVULGAI "ESTUDOS PSÍQUICOS"

LIVROS NOVOS

Acabam de chegar ao nosso depósito as seguintes obras de grande projecção mental e espiritual.

Alegria e Triunfo, *por Lourenço Prado.* Exposição dos meios de realizar as nossas aspirações mais íntimas, encontrando a solução verdadeira do nosso caso.

Brochado ..... 22$00
Encadernado ..... 32$00

A Alma e o Subconsciente, *pelo Dr. Alberto Seabra.* É um dos melhores estudos sobre os fenómenos psíquicos, verdadeira aliança entre a ciência e a fé.

Encadernado ..... 22$00

Bagavad Gîta. A sublime canção da imortalidade, ou a doutrina esotérica da Índia. (Diálogos entre Krishna e Arjuna).

Brochado ..... 20$00

A Cultura da Coragem, *por Prentice Mulford.* Ensina a adquirir coragem para progredir em tudo.

Encadernado ..... 20$00

Conceito Rosacruz do Cosmos, *por Max Heindel.* 1.ª edição brasileira em óptimo papel, com gráficos a cores.

Brochado ..... 70$00

Curso de Magnetismo Pessoal, *por V. Turnbul.* Ensina a desenvolver o magnetismo pessoal e a influenciar os que nos rodeiam.

Brochado ..... 18$00
Encadernado ..... 28$00

Cura Prática pela Água, *por Yogi Ramacharaca.* Ensina a curar pela água, prescindo-se de outros tratamentos.

Brochado ..... 18$00

Dicionário de Ciências Ocultas. Obra indispensável a todos os estudantes de ocultismo e aos filólogos.

Brochado ..... 18$00

Ensaio sobre a Evolução da Ideia, *por F. Ch. Barlet.* Estudo comparativo das diversas correntes filosóficas desde o século 16, em relação com o esoterismo.

Brochado ..... 18$00

Fascinação Mental, *por W. W.* Atkinson. Obra importantíssima em que se desvendam muitos poderes de fakires, mágicos, feiticeiros, etc.

Brochado ..... 30$00
Encadernado ..... 40$00

A Força que Paralisa a Bala, *por Pedro Costa.* Contém ensinos sobre a aplicação das forças secretas e ensina como o sono fornece indicações para orientar a vida.

Brochado ..... 15$00
Encadernado ..... 25$00

Grafologia, Método para conhecer o carácter dos indivíduos pela sua escrita.

Brochado ..... 35$00

Hipnotismo (Do Instituto de Ciências Herméticas). O mais perfeito método de hipnotismo publicado em português.

Brochado ..... 40$00

Homeopatia Doméstica Brasileria. Livro de grande utilidade para as famílias, pois lhes permite conhecer o tratamento homeopático das doenças. É dividido em três partes, muito bem coordenadas.

Brochado ..... 18$00
Encadernado ..... 28$00

A Lei do Mentalismo, por Vitor Segno. Obra de alto valor para os que desejem aplicar as forças mentais na aquisição da saude, bem-estar e prosperidade.

Brochado ..... 30$00
Encadernado ..... 40$00

Leis da Saude e da Alimentação, *por Prentice Mulford.* Tratado de conselhos úteis para manter e adquirir a saude e expõe os efeitos da alimentação imprópria.

Brochado ..... 12$00
Encadernado ..... 20$00

Leitura Prática do Pensamento, *por W. W Atkinson.* Tratado prático de telepatia, com exercícios para desenvolvê-la e adquirir a faculdade de ler o pensamento dos outros.

Brochado ..... 16$00

Magnetismo (Do Instituto de Ciências Herméticas). Processos rápidos e fáceis para conquistar a força magnética e curar muitas doenças sem medicamentos.

Brochado ..... 40$00

Medicina Oculta (Do Instituto de Ciências Herméticas). Uma das partes mais importantes do esoterismo.

Brochado ..... 40$00

O Poder do Desejo, *por Alkinson e E. Beals.* Ensina a despertar e sustentar um alto poder de desejo para agir com eficácia e vontade forte.

Brochado ..... 22$00

Projecção de Eflúvios Vitais, *por A. Lalia-Paternostro.* Expõe os princípios básicos e os processos da transmissão das «forças vitais» por meio da radiopatia e explica cientificamente o fenómeno da cura a distância.

Brochado ..... 18$00
Encadernado ..... 28$00

Radiopatia (Método de aplicação dos raios solares e irradiações humanas no tratamento das doenças e rejuvenescimento do corpo). 5.ª edição.

Brochado ..... 35$00

Ziska, *por M. Coreli.* O problema de uma alma perversa. Romance sensacional dedicado aos estudiosos do ocultismo.

Brochado ..... 30$00
Encadernado ..... 40$00

As Veredas da Paz, *por Mário Ferreira.* Apontam-se aqui a causa dos males da humanidade que têm contribuido para as guerras e revoluções sangrentas e sugerem-se directrizes para bem dos povos.

Brochado ..... 30$00

Interpretação Síntética do Apocalipse, *Cairbar Schutel.*

Brochado ..... 8$00

(continua na página seguinte)

O Espiritismo e os Problemas Humanos, *por Deolindo Amorim.* Livro verdadeiramente original. O problema moral e social à luz do Espiritismo, apresentado por um cultor do vernáculo que é, ao mesmo tempo, grande amigo de Portugal.

Brochado ..... 20$00

Corpo e Espírito, *pelo Dr. Carlos Imbassahy.* Interessante obra onde se descrevem as faculdades psíquicas do indivíduo com relação ao corpo somático.

Brochado ..... 22$00
Encadernado ..... 30$00

Mediunidade, *pelo Comandante Edgar Armont.* Estudo da mediunidade e seu desenvolvimento de harmonia com as mais recentes investigações.

Brochado ..... 25$00

António de Pádua, *por A. Martins de Castro.* Vida e obra deste alto espírito que a igreja canonizou.

Brochado ..... 18$00

Cartas do Evangelho, *pelo Espírito do grande poeta brasileiro Casimiro Cunha.* Formosíssimos versos recebidos pelo médium Francisco Cândido Xavier.

Brochado ..... 25$00

Coisas do Outro Mundo. Descrição da célebre operação de apendicite feita por um Espírito em Pindamonhangaba e que apaixonou o público brasileiro.

Brochado ..... 16$00

Colectânea do Além, Comunicações mediúnicas em prosa e verso de conhecidos escritores, recebidas pelo médium Francisco Cândido Xavier.

Brochado ..... 12$00
Encadernado ..... 20$00

Médiuns e Mediunidades, *por Caibar Schutel.* Resumo do «Livro dos Médiuns».

Encadernado ..... 18$00

A Mediunidade sem Lágrimas, *por Eliseu Rigonatti.* Instruções práticas para sessões de Espiritismo. Muito claro e útil aos que desejam estudar e praticar.

Brochado ..... 15$00

O Orador Espirita, *por Eliseu Rigonatti.* O que é preciso para se tornar orador espirita.

Brochado ..... 10$00

Deus para as Criaturas, Comunicações mediúnicas cheias de elevação e interesse doutrinário, verdadeira fonte de conforto espiritual.

Brochado ..... 40$00

A Era do Aquário, *pelo Dr. Anibal Vaz de Melo.* Livro de antecipação histórica baseada na astrologia. Obra original e arrojada.

Brochado ..... 35$00

Síntese do Novo Testamento, *por Mínimus.* Livro utilíssimo a todos os que desejem conhecer e estudar a génese biblica sem grande esforço e fadiga mental.

Brochado ..... 25$00
Encadernado ..... 35$00

Luz Acima, *pelo Irmão X (Humberto de Campos).* Crónicas do Além, recebidas pelo médium Francisco Cândido Xavier. Edição de 10.000 exemplares.

Brochado ..... 20$00
Encadernado ..... 30$00

A Vida Depois da Morte, *por Yogi Ramacharaca.* Contém os ensinos da filosofia yogi sobre a vida além do véu. Um livro consolador.

Brochado ..... 18$00

Um Só Senhor, *pelo Dr. Romeu Camargo.* Obra empolgante sobre o futuro do Espiritismo, com a biografia do famoso médium Francisco Cândido Xavier.

Brochado ..... 28$00

Memórias do Padre Germano, *por Amália Domingo Soler.* Obra sã, verdadeiro breviário de ascensão espiritual destinada aos que desejem preparar-se para a grande viagem.

Brochado ..... 37$00
Encadernado ..... 47$00

Os Meios Físicos e Naturais na Profilaxia e Cura, *pelo Dr. Fred Wachsmann.* Um belo tratado sobre a cura das doenças através dos agentes naturais.

Brochado ..... 28$00

Na Seara do Mestre, *por Vinicius.* Obra de grande conforto moral baseada nos Evangelhos à luz do Espiritismo.

Brochado ..... 24$00

As Heroinas de Hydesville, *por Alfredo Miguel.* A história dramática das irmãs Fox, que revelaram ao mundo os primeiros fenómenos do Espiritismo.

Brochado ..... 15$00

Para o Alto, *pelo prof. Leopoldo Machado.* Formosos apólogos e contos espiritas.

Brochado ..... 20$00

52 Lições de Catecismo Espirita, *por Eliseu Rigonatti.*

Brochado ..... 15$00

As Nossas Edições

Leiam as nossas edições e aumentarão os seus conhecimentos!

Nos Umbrais do Além, *por Sir William Barrett,* antigo professor de Física na Universidade de Dublin — Análise científica dos fenómenos do Espiritismo, em tradução de Isidoro Duarte Santos. Livro quase esgotado a pesar de se ter feito uma tiragem de 2.000 exemplares.

Brochado ..... 25$00
Encadernado ..... 35$00

Luz no Caminho, *por Isidoro Duarte Santos.* Páginas de análise evangélica à luz do Espiritismo e dedicadas à humanidade sofredora. O maior êxito de crítica espirita e profana. Encontra-se também quase esgotado e por isso a sua venda passa a ser feita directamente pela revista *Estudos Psíquicos.*

Brochado ..... 27$50
Encadernado ..... 37$50

Cientismo e Espiritismo, *pelo Professor Leopoldo Machado* — Livro que tem suscitado aceradas críticas pelo arrojo e desassombro da sua análise. Em 222 páginas encontra-se o estudo comparativo das actuais doutrinas científicas perante o Espiritismo Moderno. É uma obra que todo o espirita deve ler.

Brochado ..... 18$00

PIERINO GAMBA (O menino-maestro à luz de nova psicologia), por *Isidoro Duarte Santos.* Análise serena de um grande problema psicológico e tendente a esclarecer os que se apaixonaram pelos maravilhosos concertos do pequenino regente de orquestra. A primeira obra mundial sobre este assunto de palpitante actualidade, com 6 gravuras «hors-texte».

Brochado ..... 20$00

Todas estas obras se enviam à cobrança para Portugal e Ilhas Adjacentes. Remessas para as colónias, só contra pagamento adiantado, incluindo 10 % de porte, registo e embalagem.

Obras de Ciências Psíquicas e Filosofia Neo-Espiritualista

(em depósito nesta redacção)

	br.	enc.
FRANCISCO CÂNDIDO XAVIER (Médium)		
Alvorada Cristã, pelo *Espírito de Neio Lúcio*, livro maravilhoso e educativo, para crianças de todas as idades	16$00	
Boa Nova (quadros evangélicos), ditados pelo *Espírito de Humberto de Campos*	20$00	30$00
O Consolador, pelo *Espírito de Emmanuel*, resposta a 461 perguntas	20$00	30$00
Cartilha da Natureza, pelo Espírito do poeta Casimiro Cunha	18$00	
Crónicas de Além-Túmulo, ditadas pelo *Espírito de Humberto de Campos*	20$00	
Emmanuel, repertório de ensinamentos cristãos, ditados pelo Espírito de *Emmanuel*	18$00	
Há dois mil anos, romance empolgante ditado pelo *Espírito de Emmanuel* (nova edição)	30$00	40$00
50 Anos Depois, continuação do romance supra, pelo *mesmo autor*	30$00	40$00
Lázaro Redivivo, pelo *Espírito do irmão X* Humberto de Campos	25$00	
Mensageiros (Os), pelo *Espírito de André Luiz*	26$00	36$00
Missionários da Luz, pelo *Espírito de André Luiz*, obra dedicada às pessoas cultas	30$00	40$00
Nosso Lar, pelo *Espírito de André Luiz*	26$00	36$00
No Mundo Maior, pelo *Espírito de André Luiz*	26$00	36$00
Parnaso de Além-Túmulo (maravilhosa colectânea de poesias ditadas por espíritos de poetas luso-brasileiros), Nova edição melhorada	40$00	50$00
Paulo e Estêvão (livro famoso considerado pelos eruditos como a mais completa biografia de S. Paulo) (nova edição)	40$00	50$00
Renúncia, romance empolgante e consolador, destinado aos tristes e desesperados, ditado por *Emmanuel*	30$00	40$00
Reportagens de além-túmulo, pelo Espírito de *Humberto de Campos*	26$00	36$00
Volta Bocage, Sonetos pelo *Espírito de Bocage*	10$00	
OBRAS DIVERSAS		
Almas Crucificadas, empolgante romance mediúnico, ditado pelo *Espírito de Vítor Hugo*	35$00	45$00
Análise das Coisas, pelo *Dr. Paulo* Giber	18$00	28$00
Arcanos da Natureza, por *Alexandre Dias*		5$00
Barqueira do Júcar, romance mediúnico, recebido por *J. F. Colavida*	20$00	30$00
Beijo (O) da Morta, romance mediúnico recebido por *Celestina Arruda Lança*	22$00	32$00
A Casa Assombrada, romance por *Maria Veleda*	10$00	
A Casa Assombrada, romance pelo *Dr. Bezerra de Meneses*	26$00	36$00
O Caso Humberto de Campos, descrição do célebre processo judiciário movido à Federação E. Brasileira e ao médium Francisco Cândido Xavier, da autoria de *Miguel Timponi*. Um grande volume	24$00	34$00
Ciência Divina, pelo *Espírito de Jaime Braga*, recebido pelo médium *Doutor Porto Carreiro Neto*	26$00	36$00
Claustro (O), romance realista acerca da vida eclesiástica, por *Manuel Arão*		30$00
Conselhos a Meu Filho, (colectânea de ensinamentos morais muito interessantes), pelo *Dr. Inácio Ferreira*		15$00
Contribuições para o Espiritismo, por *Alexandre Dias*	12$00	
Cristianismo (O) do Cristo e o dos seus vigários, pelo *Padre Alta*	30$00	40$00
Cruzada Redentora, romance reencarnacionista de fundo histórico, por *António Lima*	40$00	50$00
Didaquê Espirita, por *Carlos Lomba*, Curso completo de Espiritismo para crianças de 6 a 14 anos	12$00	
Do Calvário ao Apocalipse, pelo *Espírito de Bittencourt Sampaio*	25$00	35$00
Domínio Nefando, por *Arlindo Colaço*	7$00	24$00
Doutrina (A) de Jesus, por *Vinicius*		
Ensinos Espiritualistas, (descrições da vida do além) por *A. Stainton Moses*	25$00	35$00
Eça de Queiroz Póstumo	24$00	34$00
Elucidações Evangélica (resumo da obra de Roustaing), pelo *Dr. António Luiz Saião*	45$00	55$00
Entre dois mundos (romance), por *Antoinette Bourdin*	20$00	30$00
Expiação, por *Areolino Gorjão*	20$00	30$00
Espiritismo e Medicina, obra em que o autor faz sua profissão de fé espirita, pelo *Dr. Inácio Ferreira*	20$00	30$00
Espiritismo (O) à luz dos Factos pelo *Dr. Carlos Imbassahy*	30$00	40$00
Espiritismo (O) Contemporâneo, pelo *Dr. Martins Velho*	20$00	
Espírito (O) Consolador, pelo *Padre Marchal*	26$00	36$00
O Espírito do Cristianismo, por *Cairbar Schutel*, um grosso volume		45$00
Factos Espiritas, por *William Crookes*	18$00	26$00
Fazenda mal Assombrada, romance por *Alexandre Dias*	20$00	
Fundamentos Científicos do Espiritismo, pelo *Dr. Azevedo e Silva*	10$00	
Funerais da Santa Sé *(Poesias ditadas pelo Espírito de Guerra Junqueiro)*	24$00	34$00

(Continua na 4.ª pág. de capa)

	br.	enc.
Grandes e Pequenos Problemas (aplicações do Espiritismo aos problemas da vida), por *Angel Aguarod*	20$00	30$00
Granja do Silêncio (A), por *Paul Bodier*	20$00	30$00
Herculanum, romance mediúnico ditado pelo *Espírito do Conde Rochester*	37$00	47$00
Livre-arbítrio e determinismo, por *Louis Gastin*	5$00	
Lídia, romance mediúnico, recebido por *J. Suriñac*	22$00	32$00
Loucura (A) sob Novo Prisma, pelo *Dr. Bezerra de Meneses*	18$00	26$00
Magnetismo e Hipnotismo Curativo, por *Alfonse Bué*	32$00	42$00
Marieta (páginas de duas existências), romance medúnico, recebido por *Daniel Artazú*	26$00	36$00
Martírio (O) dos Suicidas, por *Almerindo Martins de Castro*	16$00	
Memórias de uma alma, romance mediúnico, recebido por *J. Suriñac*	22$00	32$00
Nas Pègadas do Mestre, por *Vinicius*	26$00	36$00
No Limiar do Etéreo (estudos experimentais acerca do fenómeno da voz directa), por *Artur Findlay*	22$00	32$00
Nova (A) Luz, ditado mediúnico de crítica a Maeterlinck, por *George Déjean*	24$00	34$00
Novos Rumos à Medicina, pelo *Dr. Inácio Ferreira*, livro célebre, muito ilustrado, descreve os métodos da cura psiquica do Sanatório de Uberaba		50$00
Novas Elucidações do 4.º Evangelho, por *João Evangelista*	20$00	30$00
Outro (O) Lado da Vida, por *Carl du Prel*	22$00	
Parábolas e Ensinos de Jesus, por *Cairbar Schutel*		45$00
Problema (O) da Sobrevivência, pelo *Dr. A. Lobo Vilela*	12$00	
O Problema do Além e do Destino, pelo *Dr. Alberto Seabra*		26$00
Protestantismo (O) e o Espiritismo, por *Benedito A. da Fonseca*	18$00	26$00
Os Quatro Evangelhos, de *J. B. Roustaing*, 4 volumes		180$00

	br.	enc.
Revelações de Além-Túmulo, pelo *Dr. Antão de Vasconcelos*	30$00	40$00
Roma e o Evangelho, por *J. Amigó y Pellicer*	26$00	36$00
Rosário (O) de Coral, pelo *Dr. A Wylm*, médico neurologista	20$00	30$00
Sessões Práticas do Espiritismo, por *Spártaco Banal*	10$00	
Sobrevivência e Comunicação dos Espiritos, por *Osvaldo Melo*		25$00
Sonâmbula (A), romance espirita por *António Lima*		30$00
Spiritus Maledictus, romance mediúnico recebido por *J. Suriñac*	18$00	26$00
Têm Razão ?, pelo *Dr. Inácio Ferreira*, resposta magistral aos ataques feitos ao Espiritismo	40$00	50$00
Verdade (A) Espiritualista, por *C. Picone Chiodo*	10$00	17$00
Vida e Actos dos Apóstolos, *Cairbar Schutel*		40$00
Vida (A) Depois da Morte, por *Yogi Ramacharaca*	18$00	
Vida (A) no Outro Mundo, por *Cairbar Schutel*		22$00
Vingança (A) do Judeu, romance ditado pelo *Espírito do Conde Rocester*	37$00	47$00
Vozes (E as) falaram, novela empolgante, por *Fernando do Ó*	22$00	

Secção Musical

Hino ao Espiritismo, música para piano de *S. A. de Macedo* e letra de *Nelson Kerensky*	6$00
Almas Gémeas, tango-canção para piano, música de *Oli de Castro* e letra do *Espírito Emmanuel*	6$00
Canção da Alegria Cristã, música para piano de *Oli de Castro* e letra de *Leopoldo Machado*	6$00

Leitura para Crianças

O Espiritismo na Infância, por *António Lima*	12$00
O Meu Diário, por *António Lima*	12$00
O Evangelho das Crianças, por *António Lima*	*12$00*

Nêstes preços não está incluído o porte do correio. Enviam-se remessas à cobrança, para o continente e ilhas Adjacentes. Para as colónias e estrangeiro, só contra pagamento adiantado, que deve incluir 10 % para porte, registo e embalagem.

«Estudos Psiquicos» encontra-se à venda em todo o país, ilhas, colónias e no Brasil

---

«VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA»

ESTUDOS PSIQUICOS

Mensário de Estudos Psíquicos e Neo-espiritualismo Experimental

JOSÉ LHOMME
(Grande pioneiro do Espiritismo belga)
(Ver pág. 178)

CONTÉM: Campanha, dá **Redacção**; Um Caso de Reencarnação, por **Isidoro Duarte Santos**; Reflexões de Reper-Siam; A Verdadeira Senha, por **José Simões de Matos**; A Semente Vital, por **Henrique Magalhães**; José Lhomme, por **Henri Regnault**; Psicanálise, por **António Cardoso**; Carta Aberta ao Autor do Livro «Pierino Gamba»; Trajectória das Almas, por **Noraldino de Melo Castro**; Para os Irmãos Pequeninos (Página organizada por **Kylas**); Como os Mortos Comunicam Conosco, pelo **Coronel Faure da Rosa**; Mensagem aos Moços de Portugal, por **Alba de Carvalho**; Hora e meia com Pierino Gamba; Crónica Estrangeira, por **Isidoro Duarte Santos**; Livros de Todo o Mundo, comentados por **Ramos Pereira**; Notas & Comentários; Noticiário; Livros Novos.

10.º ANO JUNHO DE 1949 N.º 6

ESTUDOS PSÍQUICOS

REVISTA MENSAL — AO SERVIÇO DO ESPIRITISMO LUSO-BRASILEIRO

Rua do Salitre, 149, 1.º — LISBOA

Propriedade de ISIDORO DUARTE SANTOS, a quem deve ser dirigida toda a correspondência

REDACTORES — CORRESPONDENTES

Rio de Janeiro	*Deolindo Amorim*	Buenos Aires	*Dr. Luís Postiglioni*
Nova Iguassú	*Leopoldo Machado*	Paris	*Henri Regnault*
Uberaba	*Dr. Inácio Ferreira*	Liège	*Achille Biquet*
Pernambuco	*Capitão Nelson Kerensky*	Baurú	*Nabor da Graça Leite*
Baia	*Alfredo Miguel*	Santiago do Chile	*Ernesto Moog*
Porto Alegre	*Dr. Paulo Hecker*	México	*Rufino Juanco*
Gubbio, Itália	*Dr. Pietro Ubaldi*	Rosário	*Tito Livio Bancéscu*
Ponta Negra	*António J. Martins*	Índia Portuguesa	*Raul Sepúlveda Fontes*
Belo Horizonte	*Dr. Noraldino de M. Castro*		

REPRESENTANTES NO BRASIL

Rio de Janeiro	*José Bittencourt A. Coutinho*	Maceió	*Jaime Xavier da Silva*
Curitiba	*João Ghignone*	Fortaleza	*José Borges dos Santos*
Vitória	*Dr. Airton Loureiro Machado*	Franca	*Dr. Agnelo Morato*
Porto Alegre	*José Simões de Matos*	Cruzeiro	*José Zácaro Neto*
Ribeirão Preto	*Dr. Jaime Monteiro de Barros*	Passo Fundo	*Ney Vaz da Silva*
S. Paulo	*Livraria Allan Kardec* / *Vicente S. Neto*	Sacramento	*Corina Novelino*
Taubaté	*Geraldo de Oliveira*	Rio Preto	*Leónidas Gois*
Belo Horizonte	*Centro Luz e Humildade*	Juiz de Fora	*Orville Derby Dutra*
Natal	*Filipe Soares de Melo*	Pelotas	*Dr. Djalma de Matos*

Os artigos assinados são da responsabilidade dos seus autores ★ Não se devolvem originais, sejam ou não publicados

ASSINATURAS

Continente (cada série de 6 números, não incluindo as despesas de cobrança), 25$00—Brasil (12 números), Cr. $50,00, ou 60$00—Colónias (12 números) moeda equivalente a 60$00—Número avulso 4$50 — Número atrasado, 5$00.

Orgão do Centro Espiritualista Luz e Amor de Lisboa, e da Maternidade Casa da Mãe Pobre, do Rio de Janeiro

Obras de Ciências Psíquicas e Filosofia Neo-Espiritualista

(em depósito nesta redacção)

	br.	enc.
ALLAN KARDEC		
O que é o Espiritismo	12$00	
O Céu e o Inferno	26$00	36$00
O Livro dos Espíritos	22$00	32$00
O Livro dos Médiuns	22$00	32$00
O Evangelho Segundo o Espiritismo	22$00	32$00
Obras Póstumas	22$00	32$00
LEON DENIS		
Catecismo Espirita	7$00	
O Além e a Sobrevivência		24$00
O Porquê da Vida (nova edição)	24$00	32$00
O Grande Enigma	16$00	26$00
Depois da Morte	35$00	45$00
Cristianismo e Espiritismo	30$00	40$00
No Invisível (nova edição)	36$00	46$00
O Problema do Ser e do Destino (nova edição)	36$00	46$00
Joana d'Arc Médium		35$00
GABRIEL DELANNE		
A Evolução Anímica	28$00	38$00
A Alma é imortal	28$00	38$00
O Espiritismo Perante a Ciência	28$00	38$00
ERNESTO BOZZANO		
Animismo ou Espiritismo?	30$00	34$00
Fenómenos de Transporte		18$00
Metapsíquica Humana	20$00	
Pensamento e Vontade	15$00	
CAMILLE FLAMMARION		
Casas Mal Assombradas	28$00	38$00
Deus na Natureza	35$00	45$00
O Fim do Mundo	24$00	34$00
Deus na Natureza	35$00	45$00
Stella (romance astronómico)	26$00	36$00
Urânia	22$00	32$00
DR. INÁCIO FERREIRA		
Novos Rumos à Medicina (1.º volume)		50$00

(Continua na 3.ª pág. de capa)

ESTUDOS PSIQUICOS

Mensário de Estudos Psíquicos e Neo-espiritualismo Experimental
(ao serviço do Espiritismo luso-brasileiro)

10.º ANO — LISBOA, JUNHO DE 1949 — N.º 6

Redactores: Ramos Pereira / António Cardoso | Director Editor e Proprietário: Isidoro Duarte Santos | Administrador: Maria Gonçalves D. Santos

Redacção e Administração: RUA DO SALITRE, 149-1.º — LISBOA

Composto e Impresso na EDITORA GRÁFICA PORTUGUESA, LDA. — Rua Nova do Loureiro, 20 — Telefone 2 5295 — LISBOA

CAMPANHA

AMIGO leitor: Vem conosco. Há muitas formas de auxiliar as obras úteis.

No penúltimo número fizemos apelo à tua razão. Dissemos-te que a obra necessitava de auxílio e que havia muitos amigos sonolentos incapazes de gestos meritórios. Foi desabafo apoiado em verdade cruel. Sem dúvida. Cruel como o aguilhão de Saulo na estrada de Damasco.

O esforço é grande e permanente. São muitos os inimigos. E as dificuldades aumentam a cada passo. Nós queremos receitas ordinárias para enfrentar iguais despesas. Será pedir muito? Cada assinante, outro assinante. E estava resolvido o problema.

A composição desta revista é cara, muito cara. O número de exemplares vendidos é que conta na vida de uma publicação sem anúncios. Quanto maior a tiragem, maior o nível de vida. Sempre assim foi e há-de ser em toda a parte.

Têm por cá passado milhares de assinantes. Mas a lista pouco aumenta. Vão-se uns, vêm outros. É população flutuante. É gente que passa.

Nós queremos gente que fique. Gente que trabalhe. Que a Causa bem o merece. O que fizerem é para o Ideal. É para si mesmos. São letras a praso que o futuro descontará um dia.

Há uns tantos que resfolegam sob a cruz que os esmaga e para quem o suor é orvalho divino. Esses dão mais do que podem. Dão pensamento. Abrem caminho. Arredam obstáculos. É um por cem. Se assim não fôra, onde estava a obra?

E nós pedimos. E nós bramamos. Só pela Causa, sempre pela Causa. É a nossa vida, a vida da humanidade. Um que se oriente, que seja salvo, vale o esforço colectivo. Trabalhemos, pois. A hora é de acção. Não é de palavras.

Amigo leitor: vem conosco. Não tens familiares? Não será difícil encontrar um simpatizante. Mostra-lhe a revista. Interessa-o nesta cruzada. Fá-lo assinante.

Que são os rios? Nascentes, regatos, arroios. E assim sucessivamente. Mas é preciso que nasçam e corram sem parar. Doutra forma, o rio passa a ribeiro e o ribeiro a regato. Por fim, enxuga a nascente. E depois é a sede espiritual, mais grave que a outra...

Leitor, traz outro leitor. Colabora. Auxilia. A tua pedra é boa. Benvinda seja. O alto fala por vezes:

— Olha em frente! Não desanimes! A obra não morre!

E outras coisas neste teor. Mas nós temos a tipografia. E mais o papel. E o peso morto dos que não paaam. E sucede a conta ser grande e o mês pequeno. É a vida, a escória da vida, o lastro do mundo, bezerro de ouro a falar. Assim foi ontem, é hoje, será sempre, per omnia seculæ. *Pés na terra, olhos no céu.*

Temos necessidade de mais assinantes. Para firmar a obra e expandir a Doutrina.

Leitor, vem conosco. Sê nosso amigo. A Causa precisa. Quem dá recebe.

UM CASO DE REENCARNAÇÃO

O «caso» de Pierino Gamba, o menino-maestro que tamanha impressão tem causado, não só nos círculos musicais de todo o mundo, como também no seio das multidões que o aplaudem frenèticamente, levou-nos a escrever um livro (1) onde não pudemos incluir diverso material coligido e que, pela sua natureza, não era muito adequado, ao mundo profano. Eis porque o publicamos aqui, com alguns comentários nossos, tendentes a esclarecer o assunto.

O Dr. Gaston Durville ocupou grande parte do *Psychic Magazine* de Janeiro-Abril de 1914 com a descrição documentadíssima de um caso de reencarnação. Os documentos que apresentou são, na realidade, admiráveis pelo encadeamento dos pormenores, alguns deles oriundos de diferentes origens, mas concordantes em quase todos os pontos. Embora sejamos compelidos a resumir a narrativa, esforçar-nos-emos por não alterar a verdade dos factos.

O Dr. Durville era grande magnetizador e experimentou com o passivo sonambúlico Laura Reynaud, que durante muito tempo dirigiu um departamento do seu consultório clínico e teve ocasião de aplicar as faculdades magnéticas que possuia em muitos enfermos de Paris e outras cidades da França, faculdades que orientou e aperfeiçoou na Escola de Magnetismo Heitor Durville, de que foi aluna distinta. Morreu aos 45 anos, após uma vida dedicada ao próximo.

Em pequena — diz o Dr. Gaston —, não era como as crianças da sua idade, tanto mais, que sua mãe me disse que ela tinha ideias incompreensíveis e que eram dela própria, sem que as houvesse aprendido. Sabia que os princípios ensinados pelos padres não eram verdadeiros e recusava-se obstinadamente a ir à missa com os seus. Era preciso levá-la *a chicote*, no dizer pitoresco da velha.

O cura da aldeia interessava-se por Laura, que era inteligente. Mas contestava-lhe o paraiso, o purgatório e o inferno, e afirmava-lhe que o espírito, depois da morte, volta à terra noutro corpo. O cura zangava-se, ficava vermelho e murmurava entre dentes:

— Estranha criança! Menina misteriosa!

O cura exerce o seu ministério em Aumont, no Somme, terra natal de Laura. Tem 72 anos e chama-se Geimbard.

A idade não extinguiu as ideias bizarras da pequena; pelo contrário, mais as acentuou ainda. Aos 17 anos foi a Amiens, onde se sentiu impelida a tocar nos doentes, para os curar. Aos íntimos expõe as suas ideias acerca da sobrevivência.

Em 1904 casava-se. Sabia que os humanos possuem um princípio espiritual que sobrevive à morte, mas não em paraisos ou infernos, e é à terra que a alma volta, para reencarnar, depois de longa estadia no espaço. Laura Reynaud sabia tudo isto. Lembrava-se de já ter vivido e gostava de contar a sua vida precedente, embora a sua recordação se limitasse a certas circunstâncias dessa existência, mas de nitidez inaudita. Assim, a casa onde vivera, o seu exterior, o parque que a rodeava, os subúrbios, o céu azul, tudo estava presente em seu espírito como *cliché* luminoso. Dizia que podia reconhecer a sua morada, como um amador de quadros reconhece a tela que lhe agradou. Via-se a si mesma nessa existência precedente, mas nada sabia de suas minúcias. Via-se aos 25 anos e dava informes precisos a respeito de si própria.

O seu marido Pierre Raynaud, que mora em Paris, na Rua Petrarca, exprime assim as suas lembranças, com referência às ideias da esposa:

«O sr. sabe como sou céptico, sobretudo em fenómenos psíquicos. Mas vejo-me obrigado a reconhecer que há coisas bem interessantes na história da reencarnação de minha mulher. Pelo que me diz respeito, afirmo que, desde o começo de nossas relações, Laura me descreveu factos relativos a uma existência que ela teria vivido anteriormente. Não me lembro com precisão de tudo o que me disse; sei, no entanto, que falava muita vez numa espécie de *cliché* que ela tinha de si mesma. Via-se jovem e doente do peito, errando num grande parque, em região que não podia nomear, mas cujo céu era puro. Sem dúvida uma região meridional. Laura é de pele morena e cabelos escuros e diz que o seu tipo lhe vem da vida anterior. Lembro-me de que ela julgava ter achado um dia a sua terra. No que ela descobriu na sua viagem a Génova há coisas que coincidem com o que outrora me contou».

(1) Pierino Gamba — «O Menino-maestro à luz de nova psicologia». Edição de *Estudos Psíquicos Editora*.

Uma sua velha amiga que mora na Rua Dammartin, n.º 2, em Amiens, narrou-me um caso análogo:

«Foi durante longas noites que passámos juntas — disse-me ela — que a minha amiga me contava a sua outra vida. Queixava-se do clima frio do Norte. O seu país era mais quente e alegre». Passaram anos. Laura realiza os sonhos de infância: toca os doentes para os curar e obtém curas notáveis. É um verdadeiro rastilho. Ricos e pobres aglomeram-se no salão da Rua Enguerrand, em Atenas. Mas depois vai a Paris e abandona bruscamente a clientela, para se inscrever na Escola de Magnetismo, onde a conheci. Em 1911 ofereci-lhe a direcção da minha casa de saude.

O Dr. Gaston Durville, que observou durante muito tempo a sr.ª Reygnaud, afirma que ela era perfeitamente equilibrada. Não era psicópata. Não tinha alucinações nem

que

Isidoro Duarte Santos

escreveu

ideias mórbidas. Era calma e possuia grande fé no poder curador de suas mãos.

Falou muitas vezes, diante dele, da sua vida anterior, mas o doutor não dava muito valor a tais histórias. Dizia que vivera numa grande moradia do Sul em cujo terraço passeava, de vez enquando, a tossir, e que a morte a surpreendeu aos 25 anos. Meio século depois reencarnou em Aumont, no Somme.

Em Junho de 1912, Laura visita a princesa Fazyl, que se encontra muito fatigada, e trocam impressões interessantíssimas. Depois da princesa evocar o seu Egito de céu de fogo e o Nilo de águas verdes e fecundantes, Laura responde que também conhecera um país assim, mas noutra existência: «Não sei se foi no Egito. Mas não me lembro de grandes rios. Foi talvez na Itália. Sei que voltarei lá e que o reconhecerei». E a princesa sorria, não de incredulidade, mas de surpresa.

O Dr. Durville continuava a duvidar das afirmações de Laura Reynaud, quando em Março de 1913 foi chamado à casa de uma senhora genovesa que estava doente. Como não pôde sair de Paris, pediu a Laura que fosse em lugar dele. Foi. Ao chegar a Turim, sentiu a impressão de que o lugar lhe não era desconhecido. Parecia-lhe que já vira sitios semelhantes, apesar de nunca ter ido à Itália, nem ter lido coisa alguma acerca desse país. O comboio corria veloz. Chegou a Génova. A impressão tornou-se certeza. Conhecia verdadeiramente aquela terra. Vivera ali numa vida precedente. Ao chegar ao sítio onde se instalou, contou as suas ideias e desejos de procurar a *sua casa*.

Um erudito psiquista, M. C., conhecia muito bem a cidade e pediu à sr.ª Reynaud que desse os sinais da casa.

— Uma casa assim existe nos arredores de Génova — disse ele.

E atravessaram a cidade de automóvel. O veículo parou diante de uma casa branca.

— Não é esta — disse a sr.ª Reynaud —, mas eu conheço muito bem este lugar e a minha morada não é longe. Virando à esquerda, encontraremos um caminho, donde veremos, através das árvores, o que procuramos.

Continuam a marchar. La está o caminho à esquerda e uma casa branca com os sinais indicados.

— Ah! — diz M. C. — lá está a casa da família S., muito conhecida em Génova.

— Foi lá que eu morri — acrescentou a sr.ª Reynaud —; era ali, naquele terraço, que eu passeava, fraca, doente do peito. Sofria muito, vivia triste. Foi ali que morri na flor da idade, há um século.

E o automóvel rodou com M. C. e a sr.ª Reynaud... Iam agora saber o que de verdade haveria em tudo isto...

E o Dr. Gaston Durville continua:

Voltando à casa dos nossos amigos, a sr.ª Reynaud, ao jantar, deu pormenores a respeito do seu achado, evocou com prazer algumas lembranças da sua passada existência e acrescentou:

— Sei que não fui enterrada no cemitério. O meu corpo repousa numa igreja. Tenho a convicção disso.

Ficaram todos perplexos. Mas o tempo urgia. A sr.ª Reynaud terminara a sua missão em Génova e era preciso voltar à França. Eu necessitava dela para magnetizar os meus doentes e ela desejava estar presente antes do fim do Congresso Internacional de Psicologia, de que eu fazia parte. Voltou. Tive então conhecimento de todas as surpresas da sua viagem e resolvi fiscalizar o que disse a minha colaboradora. Havia muitos pontos interessantes a pesquisar.

Primeiro: Existiria na casa referida de Génova alguma senhora que pudesse ser identificada com a hipotética sr.ª Reynaud, morena, sempre doente, morta de doença de peito, há cerca de um século?

Segundo: Se essa pessoa existiu, onde estava a sua sepultura?

Munido destes pontos de interrogação, fiz longas

pesquisas em Génova, com o auxílio de um amigo, e conduziram-nos a bem estranhas averiguações.

A igreja de S. Francisco d'Álvaro tem nos seus arquivos os obituários das pessoas falecidas na casa indicada pela sr.ª Reynaud, como sendo sua. Nesses arquivos, o meu amigo descobriu um registo de que me enviou cópia e que reproduzo integralmente, com excepção do nome de família, que designo pela letra D. Nele se nota:

1.º Que há referência a uma mulher, que foi sempre adoentada, conforme o relato da sr.ª Reynaud.

2.º — Que essa mulher parece ter morrido do peito, pois que ali se diz que morreu de resfriamento; o termo morrer de resfriamento é em geral sinónimo de morrer de tuberculose pulmonar.

3.º Que o falecimento remonta há cerca de um século, exactamente em 22 de Outubro de 1809.

4.º — Que o corpo da defunta foi enterrado numa igreja. O registo em nada contradiz as declarações da sr.ª Reynaud.

Uma paciente do Dr. Durville completa as provas fornecidas pela sr.ª Reynaud. Ao receber a certidão de óbito, o doutor colocou-a na secretária junto a outra correspondência e foi visitar os doentes. Depois lembrou-se de entregar o documento a um amigo vidente. Talvez lhe pudesse revelar alguns factos interessantes e verificáveis e para isso ocultou de todos o conteúdo da carta recebida, a fim de evitar qualquer transmissão de pensamento. De resto, só sabia que era o registo de uma paróquia qualquer, que o nome da defunta era Joana e que o da família começava por um D. Nada mais sabia. Entretanto, foi visitado pela sr.ª d'Elphes, que ele magnetizou, entregando-lhe o papel sem dizer palavra. E vai tomando nota das declarações da paciente.

SESSÃO DE 28 DE MAIO DE 1913 — Esse papel vem de longe... Deixo a França sem atravessar o mar. Ah! Aí estou. É a Itália. Há o mar, um porto: é Génova (Desde que faço experiências com pessoas adormecidas, é a segunda vez que um paciente me pode dizer o nome preciso de uma cidade). Eis-me numa grande casa. Que bela casa! Branca, grande... Mas que estilo é esse? Vejo amplas janelas e acima outras menores, abobadadas (Até aqui, tudo é rigorosamente igual às declarações da sr.ª Reynaud). À esquerda, olhando para a fachada, vejo uma torre. Sobe-se por muitos degraus a um vestíbulo lageado (inexacto). A casa fica numa inclinação, o jardim alteia-se por trás (tudo exacto. Na fotografia da casa, que publiquei, não se vê a fachada principal, nem, portanto, os degraus. Não se pode tirar a fotografia de outra forma). Mas... que devo encontrar nessa casa?...

— Procure a senhora de que trata esse papel que tem na mão — disse eu.

— Uma senhora ... Ah! Sim, eu vejo-a. Mas a senhora morreu...

— Pode dar-me o nome dela?

— Um nome é muito difícil (Procura e suspira). Não sei se me engano. Vejo Joana.

— E o nome de família?

— Espere. Vêem-se muitos. Broglie. Acho que este nome tem relação com o que interessa. Não o posso ver como os olhos. Encontro ainda dois que começam por M... Modena? Medicis? (Tudo isso é ruim). Ah! Vejo agora um S e o nome tem sete letras. A segunda poderia bem ser um a e vejo dois ff no meio (Muito exacto).

A paciente está fatigada. Desperto-a.

SESSÃO DE 4 DE JUNHO DE 1913 — Adormeço a sr.ª d'Elphes e logo que está em sonambulismo dou-lhe o mesmo sobrescrito fechado que contém o registo e digo-lhe:

— Continui a descrição que deixou na última sessão.

— Aí estou — diz ela —. Vejo Joana numa grande casa de Génova. Oh! Como ela sofre! Tosse. É um carácter altivo. Não a vejo viver muito tempo. Vejo-a morta... (Silêncio). Que devo ver mais? (Tudo é igual ao quadro que a sr.ª Reynaud pintara de si própria).

— Continui a ver a sr.ª Joana.

— Que devo ver a respeito dela? Ah! Espere. Parece-me que não foi enterrada no cemitério. Talvez numa igreja.

(Até aqui, a minha paciente só tinha dito coisas do meu conhecimento. Agora começam as verdadeiras revelações).

— Numa igreja?

— Sim, numa igreja rectangular, quase quadrada, com colunas à entrada e pilares mais adiante. Joana está num túmulo. É perto do altar e bem modesto. A pedra é vertical e por trás vejo sete esquifes com pessoas da família de Joana. O ataúde dela está junto à parede. É só o que vejo. Estou fatigada. Ah! Vem-me uma ideia. Essa Joana não tem descendentes na França? No sul? Vejo muitos.

— Não sei absolutamente nada.

A sr.ª Reynaud nunca me dissera que, depois da sua curta existência, fora enterrada numa igreja. Procurei saber ao certo o que a paciente tinha dito e por isso abri o sobrescrito e li: «O seu corpo foi transportado e enterrado na Igreja de *Notre-Dame-du-Mont*».

Teria eu lido inconscientemente o registo antes de o o meter no invólucro? Se assim fosse, a revelação da paciente seria mero fenómeno de leitura no meu cérebro. Em todo o caso, a informação da igreja era-me totalmente ignorada, pois nunca fui a Génova.

Escrevi, pois, ao meu amigo genovês, pedindo-lhe que observasse a verdade destas revelações, e dias depois recebi a seguinte carta :

«A igreja estava cheia de gente e não pude localizar o túmulo. A igreja é rectangular, quase quadrada e com colunas à entrada e pilares em seguida».

Dias depois recebo novos esclarecimentos.

«Envio fotografia da igreja. Como disse a vidente, há um túmulo: é o da família S. Só não está ao lado do altar, mas de baixo dele. Sobe-se por uma escada».

Escrevi ao meu amigo e pedi-lhe que indagasse se a família S. tinha representantes no sul da França. Respondeu-me: «Não há membros da família S. no sul da França, mas existem no Principado de Mónaco. Não é longe do sul da França».

O caso vai-se esclarecendo. As indagações do Dr. Durville projectam grande luz na declaração da sr.ª Reynaud e nas vidências da sr.ª d'Elphes. Como se vê das cartas do amigo genovês, há coincidências impressionantes. Mas as pequisas continuam. Vejamos a última sessão.

SESSÃO DE 11 DE JUNHO DE 1913 — Paciente: Sr.ª d'Elphes. Experimentador : Dr. Durville. Testemunhas : André Durville e sr.ª Reynaud.

Adormeço a sr.ª d'Elphes e peço-lhe que se transporte de novo a Génova. Diz ela espontâneamente :

— Mas Joana está reencarnada. Sinto-a atraida para o norte da França, uma região plana, de campo, pequena aldeia perto de uma grande cidade. Porque vejo essa aldeia ? Noto uma espécie de arco-iris que liga a igreja à aldeia onde repousa o corpo. Quer dizer que há estreita relação entre os dois países em que ele toca. É nessa aldeia que Joana reencarnou.

— Com esses sinais não posso conhecer a aldeia.

— Espere. Na cidade vejo um rio muito importante. Depois uma bela igreja. Ah ! Mas é muito bela. Há uma grande catedral gótica (Silêncio). Mas eu conheço essa catedral. É a de Amiens. Então Joana reencarnou numa pequena aldeia perto de Amiens. É isso.

— Pode descrever-me a casa ?

— Espere. Procuro-a. Ei-la. Não tem nada de bonito. É uma casinha simples.

— Entre e diga-me o que vê.

— Subo dois ou três degraus e entro numa grande sala. Vejo outra sala e em frente uma escada de madeira que conduz ao celeiro (Há aqui uma inexactidão, como vamos ver). Na casa está uma jovem. É ela que me interessa, é Joana reencarnada. Mas porque se reencarnou numa casa tão modesta ? Vejo-lhe os pais. São camponeses simples e bons. Que percebo ?... Acabo de ver, de repente, a pequena vestida de azul.

— De azul ? O corpo dela é azul ?

— Não. Está vestida de azul. Roupas azuis. Meias azuis. Mas que significa isto ?

— Já viu crianças vestidas de azul ?

— Certamente. No campo é costume vestirem-nas de azul até os 9 anos.

(Surpreendido com o que acabo de ouvir, lanço um olhar à sr.ª Reynaud, que está sentada atrás de mim. Faz-me um sinal de que tudo é exacto e que a deixe continuar).

— Porque está de azul essa criança ?

— Vejo-a agora maior, vestida como toda a gente. Deixa cedo o torrão natal. Vai à cidade vizinha, sem dúvida, mas não fica lá. Vejo-a senhora. Ah ! (a vidente espanta-se e continua) Oh ! Quem entra aqui ?... (Ninguém entra na sala. Foi meu irmão André que se mexeu).

— Alguém entrou com o sr. É a senhora.

— Que senhora ? Joana reencarnada ?

— Sim, é ela mesmo... Ela está lá. Vejo-a. Ah ! Mas (e dirige-se à senhora Reynaud)... Mas é possível. Confunde-se com ela.

— Você ilude-se.

— Não, asseguro-o. Fazem-me compreender que Joana é a sr.ª Reynaud. Comprendo agora. Diga-me: a sr.ª Reynaud não nasceu perto de Amiens ? Então é isto. É dela que se trata. A sr.ª não se vestia de azul quando era pequena ?

— Sim, sim — responde a sr.ª Reynaud.

Sem conhecer a sr.ª Reynaud, a sr.ª d'Elphes descreveu os lugares em que aquela teria habitado e descobriu uma Joana que fora sepultada numa igreja, tudo de harmonia com as declarações da sr.ª Reynaud. Depois, disse que Joana reencarnara numa aldeia próxima de Amiens, deu particularidades muito interessantes, acabando por afirmar que Joana é a própria sr.ª Reynaud, que nasceu em Aumont, a 25 km. de Amiens, coisa que a vidente desconhecia absolutamente. A casa também correspondia à descrição feita, como declara o Dr. Durville, que se transportou ao local, para o efeito da verificação. Só há um degrau na porta, em vez de dois ou três. Também soube pela mãe de Laura, que a filha vestira de azul após uma novena que lhe fora dedicada.

Não é possível explicar todos os pormenores deste espantoso caso pela hipótese da *lucidez*. O mais aceitável é a hipótese da pre-existência, embora o Dr. Durville apresente as suas dúvidas no final do seu estudo:

— Trata-se de um caso de reencarnação ? Disso nada sei. Mas acho que a hipótese reencarnacionista não é mais absurda do que outra qualquer. A ilusão, a auto-sugestão, a lucidez, a vidência, não justificam tudo. Há lugar para outras hipóteses. A reencarnação é uma delas.

REFLEXÕES DE REPER-SIAM

NOSSO ESPIRITO FAMILIAR

I

Queridos amigos, tudo se encaminha maravilhosamente para que os nossos objectivos se alcancem. O mundo assiste ao lento desabrochar de forças latentes radicadas na alma humana. Embora as trevas se adensem, a criatura arripia caminho. Apesar do materialismo continuar a revestir-se de atractivos capazes de arrastar as turbas, apesar das religiões antigas continuarem a esforçar-se para aliciar as gentes, sente-se que falta qualquer coisa ao homem para que ele avance, para que ele saia do labirinto em que se encontra.

De vez em quando, o mundo dirige o pensamento para outros lados, na esperança de obter o auxílio e o conforto que há muito espera em vão. É que os tempos não se aproximam. Os tempos são esses mesmos que viveis. Os tais tempos são esses e continuarão ainda, para que a transformação se execute.

Amigos, vós pressentis o que acabo de dizer; mas, envoltos de matéria, não percebeis o movimento de forças que se vai esboçando nesse sentido.

As teorias clássicas não satisfazem os espíritos sequiosos de progredir e de aprofundar os grandes problemas da vida humana. Não tardará o dia em que um movimento de jovens remontará ao tempo antigo, procurando o Cristo, como outrora se fazia. Mas estes encontrá-lo-ão, guiados por luz maior. Os antigos só tinham a fé; estes, têm a fé e a ciência, poderosa alavanca, síntese do esforço de muitas gerações. A ciência e a fé operarão o milagre da transformação do homem, que deixará de ser lobo do próprio homem.

O que acabo de vos dizer só será possível, quando o homem souber que todos os cabelos da sua cabeça estão contados. E só o Espiritismo o pode levar àquele conhecimento. Assim, os que o propagam, não devem demorar-se, nem esmorecer, nem desertar. Todos serão poucos para fazer marchar uma verdade tão atacada e deturpada. Por isso eu não me canso de vos incitar ao trabalho. É preciso pregar, exemplificar e lançar para a imprensa os nossos postulados, as nossas razões, que acabarão por convencer os incrédulos. Os que agora vos combatem hão-de acabar por vos ler, por encontrar alguma coisa de útil no que actualmente acham oco e vazio de sentido. Eis porque já chegou a hora. Não a deixeis perder. Aproveitai-a. É preciso bater o prego, é preciso agir. Não fiqueis para trás, presos a qualquer aresta. Esses nada alterarão na marcha do todo.

Aqui e além se reconhece que o que está não resolve o problema. Cada um sente alguma coisa mais, que não define nem compreende.

O Espiritismo será a água viva que dessedentará as criaturas em sofrimento. Será o recurso de milhões de desgraçados desiludidos da vida. Limpo de gangas espúrias, iluminará o mundo, auxiliando-o a espancar as trevas que o avassalam.

Se todos cressem no Espiritismo, não haveria mais guerras, que flagelam a humanidade.

Ó homem, que te esforças por alcançar a paz e a felicidade, como quem vai atrás de uma sombra ilusória: olha para dentro de ti e lá verás a ponta do véu a encobrir o que te salvará. Não busques nas fórmulas aquilo que precisas. Procura dentro de ti e encontrarás. Não te engolfes nesse mundo de materialismo e podridão, esperando alguma coisa que resolva o teu problema. Fica a sós com a consciência, procura dentro de ti e verás como a tua vida se transforma. O que lá está é Deus.

Amigos espiritas, não pareis na vossa jornada espinhosa e gloriosa. Continuai a trabalhar e a fazer da Doutrina o farol que iluminará os vossos irmãos de cativeiro.

II

Aproxima-se a hora das grandes realizações para a transformação do planeta. Os que tomarem parte nessa obra não podem dormir, porque a hora é dos que vigiam, dos que trabalham, sofrem e produzem. Aqueles que, moles e estonteados, se refestelam na calmaria da vida material, não deixarão vestígios, quando se fizer a selecção.

Como sabeis, o mundo sofre enorme metamorfose. Dos recessos mais íntimos de todas as camadas sociais começam a sair reivindicações, justas umas, absurdas a maior parte. Quer dizer, todos se aprestam para o ajuste de contas final. Todos participam do movimento; mas a maioria fá-lo inconscientemente, como se fossem pedras ao sabor de qualquer mágico do universo. Os espiritas não devem pertencer a esse número. Sabem

o que querem e conhecem o terreno que pisam. De posse desses elementos, devem pô-los em equação, de modo que aproveitem o máximo rendimento. Os que ficam nesta situação têm o caminho traçado: ou avançam ou morrem. É o vosso caso. A luta está travada, a batalha esboça-se e é preciso ir preparando os cartuchos. Os restos do materialismo reinante desde tempos imemoriais querem vencer, querem neutralizar os esforços que se fazem para a vitória do Espírito. Em toda a parte o materialismo procura enfileirar o maior número de reservas, tanto em homens, como em ouro. É preciso narcotizar os ignorantes com promessas enganadoras, mas atraentes, para que ele vença e continui a dominar a humanidade como até aqui, cingindo-a a esse planeta atrasado e cortando-lhe a ligação com a procedência, com Deus, com os páramos divinos, onde um dia ascenderemos.

Os espiritas têm grande papel a desempenhar, mas uns se retraem e outros não estão à altura da sua missão. Os que não alimentam lutas intestinas são medrosos e fracos para enfrentar o inimigo comum — o materialismo disfarçado. O materialismo científico, o materialismo de ignorante e o das religiões materializadas, todo esse cortejo se juntará para combater a doutrina de luz que desponta. Mas isto tem de caminhar. Com vontade ou sem ela, os espiritas serão chamados a desempenhar o seu papel, serão obrigados a dar testemunho da sua presença. E ai dos renegados que não protegem a luz e antes a escondem!

Amigos, este aranzel é para vos dizer que não tendes em frente a calmaria que almejais. Ao contrário, grandes lutas se aproximam em que poreis à prova a vossa resistência, tenacidade, caridade e humildade. Nos nossos campos não se vencem pugnas com duelos ou impropérios. Não! A luta que vos é imposta necessita de grande elevação espiritual. É preciso cultivar a coragem moral, desconhecida dos materialistas, essa força que obriga a calar a afronta e o ultrage, sem um pensamento de revindita. É para essa luta desigual em que uns todas as armas empunharão e vós só usareis algumas, que vos preparo.

O materialismo pressente que alguma coisa lhe mina os alicerces. As religiões antigas sentem igualmente que as suas engrenagens não funcionam como dantes; e quando se aperceberem de que o movimento espiritualista aumenta em todo o mundo, não saberão mais conter-se. A vida é um vai-vem. Hoje vencem uns, amanhã, outros. Já são horas de vencer a Justiça!

III

As vossas tarefas estão em plena actividade. Aproveitai o tempo e as forças que tendes. É preciso incentivar os que vos acompanham, para que não esmoreçam no começo da jornada. É que vós, além dos trabalhos que vireis a realizer, tendes mais ainda essa tarefa de aproximar os que agora começam a interessar-se. É necessário arregimentar-se e unir fileiras. O número também influi nas batalhas. Não é só a qualidade. Já que a união absoluta é impossivel, que se efective, no sentido de mostrar que sois uma força ao serviço de um ideal, que sois uma força capaz de enfrentar os ataques dos que não querem ver a luz, ou dos que se sentem lesados. Portanto, amigos, continuai a incentivar os que se aproximam, os que manifestam alguma curiosidade. Pelo livro, pelo panfleto, pela conferência, é preciso carregar a fundo, quando há oportunidade.

A família espirita em Portugal não existe, no verdadeiro sentido da palavra. Mas, assim mesmo, há crença, embora cada um interprete a doutrina conforme a sua própria elevação espiritual. Todavia, é preciso saltar sobre tudo o que vos divide, formando frente única contra a onda de materialismo que se apresta para a luta. Cada qual no seu posto de vigilância, por lema o fortalecimento da Causa. O inimigo está àlerta. As trevas defendem-se da luz, com armas de toda a espécie. O materialismo não quer ceder um milimetro.

— Pode lá ser — dizem eles — que haja alguma coisa superior ao homem?

Portanto, amigos, estais de parabéns pela obra que acabais de fazer: o aparecimento de mais um livro, que irá, certamente, impressionar grande número de materialistas, daqueles que não perdoam a intromissão do invisível em vossas actividades terrenas. A bomba vai estalar e vós deveis estar preparados para o embate. Ao lado do triunfo e dos aplausos haverá derrotistas que não vos pouparão. Mas é pena que não possais atirar bombas semelhantes mais amiúde, para que os derrotistas se curvem à evidência.

Grandes surpresas vos reserva o futuro. O que é preciso é aproveitar as ocasiões para o fim desejado: propaganda e sempre propaganda. Tudo se prepara. Não vos deixeis abater pelas dificuldades, sejam elas quais forem. Tudo

vos será dado para o triunfo, desde que vos mantenhais firmes no vosso posto.

Estamos em festa neste momento, porque atingimos um objectivo. A este, outros se seguirão. O livro agitará e serão precisamente os materialistas que hão-de ser forçados a lê-lo. É que a maior e mais útil propaganda é a que se destina ao mundo profano. Levá-los-á a ler os nossos postulados, a acompanhar as nossas experiências, a assimilar os nossos princípios e a interessá-los no nosso interesse, que é a salvação do homem pelo homem. Convencerá os materialistas de que a ciência é coisa vã perante a sabedoria divina, mostrar-lhes-á como podem subir até Deus alheios a fanatismos de religiões dominantes, ensinar-lhes-á que Deus não está só nos santuários de que julgam ter o exclusivo mas em toda a parte, tudo penetrando, tudo envolvendo, tudo abraçando.

O Espiritismo tem bagagem suficiente para ensinar os ignorantes e convencer os descrentes, desde que não estejam de má fé. Estes, porém, ficarão durante muito tempo adormecidos, até que a dor os desperte.

Por isso vos incito a caminhar, ampliando o mais possível as vossas tarefas. Tudo tereis, se vossos pensamentos forem positivos; mas se enveredardes pelo derrotismo e pela impaciência; se derdes ouvidos a bajuladores que se curvam para melhor semearem a dissidia entre os verdadeiros trabalhadores da Seara, vossas actividades ficarão emperradas e tereis perdido uma oportunidade de evolução feliz, com a agravante de concorrer para que os vossos semelhantes continuem em trevas.

(Psicografado por M. S.)

A VERDADEIRA SENHA

Por José Simões de Matos

JESUS disse: «Amai-vos uns aos outros e nisto vos reconhecerão por serdes verdadeiros discípulos».

É esta a verdadeira senha, o verdadeiro distintivo que melhor evidencia o discípulo de Jesus.

Não adianta o título de religioso desta ou daquela seita; nem mesmo o facto de praticar actos religiosos, sejam eles quais forem. Não basta viver a vida pregando, no sentido de mostrar eloquência e sabedoria a quantos nos possam ouvir. Não basta praticar a caridade para fazer cartaz, diante dos homens, a fim de merecer sua admiração.

É preciso amar o semelhante em espírito e verdade, começando pelos mais próximos, que melhor podem compreender-nos, até aos mais afastados de compreensão, necessitados de nossa tolerância e auxílio, tanto material como espiritual.

Precisamos de compreender o sentido do ensino crístico: *«Amai-vos uns aos outros, como eu vos amei e nisto vos reconhecerão por meus discípulos».*

Este conselho encerra uma *sabedoria* que extingue todas as contendas, é um amor que, de facto, nos converte em verdadeiros irmãos e dignos discípulos do Mestre. Para atingir este estado espiritual, o homem tem que reeducar mais o seu génio, ainda muito egoista e vaidoso.

É preciso limpar o coração de muitos sentimentos malsãos que o levam a ressentir-se por motivos fúteis, se desejar manter a paz no seu coração.

É preciso compreender que certos actos de defesa da dignidade tão propalada, são contraproducentes e conduzem à perturbação e ao sofrimento.

Precisamos de compreender que a paz não se alcança, nem conserva sem sacrifício e renúncia.

Não é com ameaças que poderemos conquistar a confiança do próximo. Só com a plenitude de coração e boas maneiras será criado o traço de união entre os espíritos encarnados ou desencarnados.

O velho ditado que diz: *Com vinagre não se caçam moscas,* instrui muito bem o que acima desejo fazer sentir.

É preciso lembrar que não devemos querer para os outros o que não desejamos para nós.

Tudo o que nos desagrada nos outros, temos o dever de evitar em nossa vida para melhor podermos auxiliar e ser mais felizes.

Por vezes, teimamos em querer ensinar aos outros virtudes que ainda não praticámos e nos admiramos porque eles não sentem, como deviam, o que lhes dizemos, sem reparar que estamos querendo dar o que ainda não possuimos.

A escola da vida é prática e só com teoria não se faz progresso. Ninguém deverá julgar-se pelo que o mundo diz que ele é.

Só a consciência nos pode verdadeiramente julgar no que somos. O mundo olha-nos por fora, mas o PAI, através do espelho de nossa consciência, vê-nos e aprecia-nos interiormente, demonstrando-nos a realidade dos factos.

A SEMENTE VITAL

por

HENRIQUE MAGALHÃES

Um fenómeno se passa que distingue o Espiritismo das religiões. No catolicismo, por exemplo, impera uma lei para toda a seita. Seus dogmas são elaborados pelo colégio cardinalício, com sede em Roma, e interpretados de uma só forma, no mundo católico.

Entre os protestantes observamos o mesmo fenómeno, embora com pequenas variantes. A Bíblia, o chamado *Livro da Vida*, é por eles lido e interpretado à sua maneira sem se afastarem da letra.

Com o Espiritismo, todavia, as coisas tomam feição diferente: Cada um recebe a doutrina como lhe agrada e a explica à sua maneira, em seus variados matizes. Quer dizer: há liberdade de pensamento.

Nessa disparidade aparente, na liberdade de cada um a aceitar a seu modo e segundo sua compreensão é que reside sua grande força, sua vitalidade, sua grandeza; isto porque abre as portas a todos, fazendo que cada um evolva no meio que lhe é próprio. Devido a essa liberdade absoluta, cada criatura, cada grupo de criaturas, cada nacionalidade, enfim, aplica à mesma doutrina as características que lhe são próprias, suas tendências e hábitos. É assim que vemos os países latinos aceitarem a reencarnação desde os primórdios do Espiritismo, enquanto os anglo-saxões só agora começam a aceitar essa verdade.

Pelos mesmos motivos verificamos que todos os países europeus e parte das nações americanas teimam em não aceitar o Espiritismo como religião, mas tão sòmente como ciência e filosofia, enquanto no Brasil a parte religiosa é a mais cultivada, sem prejuízo do lado filosófico e científico.

Nasceu, justamente, desse modo de interpretar a Revelação Nova, sem que nos apercebamos disso, o formidável incremento do Espiritismo em terras do Cruzeiro, sua acção social, cultural e difusora das verdades novas.

Enquanto o Espiritismo em outros países dorme, ainda no berço, no Brasil apresenta-se como homem maduro, experiente e activo, trabalhando para o seu progresso moral. A causa desse sucesso, não nos iludamos, reside na aceitação pura e simples do Espiritismo religioso, ao lado da filosofia e do cientifismo.

Elevados mentores do espaço vêm confirmar nossa assertiva, pela mediunidade do já célebre Francisco Cândido Xavier. Vemos, por exemplo, a opinião de Aniceto, instrutor de André Luís, a pág. 208 de «Os Mensageiros»:

«Por isso, a existência terrestre é uma gloriosa oportunidade para os que se interessam pelo conhecimento e elevação de si mesmos. E por esta mesma razão ensinamos a necessidade da FÉ RELIGIOSA entre as criaturas humanas. Desenvolvendo essa campanha, não pretendemos intensificar paixões nefastas de sectarismo, mas criar um estado positivo de confiança, optimismo e ânimo sadio na mente de cada companheiro encarnado. *Até agora, apenas a Fé pode proporcionar essa realização.*

As ciências e as filosofias preparam o campo; entretanto, a fé que vence a morte, é a SEMENTE VITAL. Conhecendo-lhe o valor eterno, encontra o homem bastante dinamismo espiritual para combater até à vitória plena em si mesmo».

A fé religiosa, chamada por esse elevado espírito «semente vital», é colocada em primeiro plano para nos ajudar a construir o Reino de Deus em nós mesmos. E sentindo essa verdade, já testemunhada pelos factos, é que nos abalançamos a fazer veemente apelo aos irmãos de outras plagas, no sentido de intensificarem o Espiritismo Religioso, para que ele saia do estado de pigmeu e se faça gigante.

É a expressão máxima do desejo sincero do irmão, servo dos servos do Senhor:

Henrique Magalhães

JOSÉ LHOMME

Por HENRI REGNAULT — Correspondente em Paris

JOSÉ LHOMME

NO dia 3 de Maio de 1949, quase ao nascer do sol (eram quatro horas menos um quarto), José Lhomme deixava o seu envoltório de carne e voltava à nossa pátria espiritual.

Eu soube disto e fui encarregado pela *União Espirita Francesa* de a representar nas exéquias do célebre pioneiro espirita belga.

É uma grande perda, não só para o Espiritismo belga, mas também para o Espiritismo mundial.

Eu conhecia há muito José Lhomme e sinto por ele muito viva e fraternal amizade. Emprego o presente e não o passado por estar certo de que ele vive ainda, invisível aos olhos humanos, mas presente muitas vezes junto de sua mulher, de sua família e de seus amigos. De resto, quer através de médium vidente, quer de médium de incorporação, ele teve ensejo de provar que os espiritas podem ter a *certeza* da *realidade* da sobrevivência.

Após uma tentativa de muitos anos, José Lhomme fez na Bélgica os maiores esforços para ensinar como se devem fazer experiências e dar a conhecer as consequências morais e sociais que se desprendem do ensinamento dos Espíritos.

Conquistara grande prestígio entre os espiritas belgas. Era Presidente da *União Espirita Belga* e Conselheiro da *Federação Espirita Internacional.*

Há muito que estava doente e abandonara a vida profissional: era professor. Além disso, dedicou todas as suas forças, todas as suas possibilidades físicas e intelectuais à propaganda, pela palavra e pela pena, à mais bela das ciências — o Espiritismo.

Publicou *L'Au-delà à la Portée de Tous, Guide de l'Experimentateur Spirite* e *Le Phenomène des Tables Parlantes.* O ano passado começou a publicar em fascículos *Quinze Histoires de l'Au-delà Vécues et Commentées,* das quais sairam a lume nove.

Felizmente, pôde completar esta obra.

Sob o título *Intervention Spirituelle Tangible dans ma Guerison,* narra um facto de interesse primordial. Há cerca de dez anos, uma hemiplegia paralisou-lhe em poucos minutos, a língua, o braço esquerdo e a perna esquerda. Esteve de cama durante um mês, «levantando-se com poucas esperanças de cura» e temendo uma recaída. Em Janeiro de 1946 teve um ataque mais grave. Foi sangrado no seu gabinete de trabalho, estendido num divã de repouso.

> *Desta vez* — escreve ele — *não se tratava de simples prevenção, visto que todo o lado esquerdo fora atingido pela paralisia.*
>
> *Falava-se em voz baixa em torno da grande mesa de faia colocada no meio do aposento, quando, repentinamente, se produziu uma deslocação do móvel. Julgou-se que qualquer dos presentes fôra a origem involun-*

tária do movimento. Todos estavam atrapalhados e alguém perguntou em voz alta:

— Há alguma entidade que queira continuar?

Novo deslocamento mais forte se produziu, seguido de outros mais acentuados, no espaço de vinte minutos.

Tivemos tempo de tomar notas. Estávamos atentos. Assistíamos a um fenómeno físico espontâneo.

Embora habituados a esta espécie de manifestações, todos os assistentes, profundamente interessados, cogitavam no que se iria passar, sem preparação alguma, nem qualquer pedido verbal.

Todos se encontravam distanciados da mesa. Perguntavam o que queriam saber e as entidades respondiam por tiptologia.

Em dado momento, a mesa avançou para mim em linha recta e, — coisa impressionante! — verificámos em plena luz os esforços tentados pela mesa para subir para a minha cama.

A mesa levantou-se e dois de seus pés foram colocados no meu leito. Sentia-me melhor na prova, pois os nossos amigos do Além tentavam libertar-me duma emergência difícil.

Sempre por tiplologia e «sem contacto», a mesa ditou palavras animosas, convidando-nos a formar a corrente com as mãos, a fim de concentrar as nossas forças psíquicas no sentido de conseguir o tratamento desejado.

Após um momento de silêncio, a mesa bateu três pancadas para indicar o final dos trabalhos. Eram cerca de 20 horas e 30 minutos.

Eu já estava reconfortado, mas no dia seguinte «à mesma hora» a «mesma manifestação» se obteve na presença de «outros» visitantes, aturdidos e maravilhados.

Isto repetiu-se durante 15 dias, até que a entidade manifestante nos anunciou que a sua tarefa estava concluida.

A doença tinha obrigado José Lhomme a resignar as suas funções de Presidente da *União Espirita Belga* e, por isso, em 1947, ele próprio designou o seu sucessor, encarregando Achille Biquet, então vice-presidente, de presidir aos destinos da associação nacional da Bélgica.

O editor parisiense Dervy vai publicar brevemente *Le Livre du Médium Guérisseur*, da autoria de J. Lhomme.

Madame Anna Lhomme foi sempre a colaboradora imediata de seu marido; como ele, era espirita; como ele, compreendeu o papel social e moral do Espiritismo. Como ele, é fiel discípula de Allan Kardec, de Léon Denis, de Gabriel Delanne. Apesar da crueldade da separação física, foi um verdadeiro exemplo de coragem para os numerosos amigos que vieram prestar homenagem ao amigo, antes de seus despojos abandonarem a casa mortuária. Ela continuará a obra de seu marido.

Os livros de José Lhomme são tão familiares aos nossos leitores, que muitos foram traduzidos em português e espanhol.

Por ocasião das exéquias de José Lhomme, Achille Biquet, presidente da *União Espirita Belga*, pronunciou um emocionante discurso para recordar a vida do grande pioneiro espirita belga.

A morte de José Lhomme cerceou-me a presença física de um amigo muito querido. Termino este artigo renovando o apelo que dirigi em 5 de Maio junto do seu ataúde, em frente da casa em que tanto havíamos falado de Espiritismo. Pedi-lhe que me ajudasse na minha faina de propagandista e renovo o juramento feito em 1926 no *Père Lachaise*, nas exéquias de Gabriel Delanne:

— Dedicarei todas as minhas forças à propaganda do Espiritismo.

Não será isto um dos melhores meios de lhe ser agradável?...

(I. D. S. traduziu)

COBRANÇA DO 2.º SEMESTRE

Em virtude de a maioria dos nossos assinantes estarem prestes a retirar para o campo e para a praia, vamos proceder à cobrança do 2.º semestre, a fim de evitar devoluções de recibos que nos causam sempre transtornos e despesas. Desde já agradecemos a todos o bom acolhimento que derem a esses recibos.

PSICANÁLISE

por ANTÓNIO CARDOSO

I

Nos últimos anos, a Psicanálise tem tido um extraordinário desenvolvimento em todo o mundo. Podemos dizer sem exagero, que é a ciência «da moda», pois não só o público fala dela, andando com alguns termos clássicos sempre na boca (psicoses, neuroses, esquizofrenia, etc.), mas até o cinema nos apresenta também filmes psicanalíticos, como a «Casa Encantada», «Rosas Trágicas» e ainda há semanas «O Segredo da Porta Fechada».

Para que os leitores possam ficar fazendo uma ideia mais ou menos clara sobre a Psicanálise, e bem assim qual a nossa maneira de ver sobre ela, vamos em 3 artigos focar os principais problemas que nos apresenta. Só assim poderemos ficar sabendo que papel ela representa na psicologia moderna, o seu valor e os seus erros...

Sigmund Freud, o criador da psicanálise, nasceu em Freyberg, Morávia, a 6 de Maio de 1857; frequentou durante algum tempo a carreira médica, interessando-se ùnicamente pela psiquiatria, à qual mais tarde se dedicou com extraordinário entusiasmo, com a colaboração de Meynert. Em 1889 estuda hipnotismo, que lhe vai servir algum tempo depois para examinar um curioso estado de histeria (chamada actualmente esquizofrenia) e conseguir curá-lo por meio da hipnose, durante a qual a doente lhe relatou o facto provocador do seu constrangimento mental. Freud compreendeu então que certas ideias armazenadas no subconsciente e tidas por esquecidas, podem actuar sobre o «eu» consciente e provocar certos estados anormais, a que se dignou chamar psicoses; basta que o indivíduo se lembre dessa ideia aparentemente esquecida, recalcada no seu subconsciente, para que ele compreenda a causa da sua psicose, e se consiga portanto curar. Era o que Freud conseguia por meio do estado hipnótico.

Tempo depois, porém, verificou que nem sempre era possível conduzir os doentes a esse estado, resolvendo fazer então a análise dos casos apresentados em completa vigília: — estava criada a Psicanálise.

Vejamos agora alguns dos seus mais interessantes aspectos:

OS SONHOS

Para a psicologia experimental, o sonho pode definir-se como a satisfação de um desejo insatisfeito. Por exemplo: uma pessoa que durante o dia aspire sempre a muita riqueza, dinheiro, joias, etc., durante a noite há-de sonhar que se encontra numa casa riquíssima, com muitas joias, com muitos criados a servi-la, enfim, vê em sonhos aquilo que queria que fosse realidade. No ano passado, por exemplo, lembro-me de sonhar, num período em que andava bastante fatigado com os estudos e consecutivos exames, que me encontrava numa praia a descansar. Este sonho explica-se fàcilmente, se repararmos no cansaço em que me encontrava, e por conseguinte no *desejo* de que chegassem as férias.

Mas Freud afirma mais: 1.º — grande parte desses sonhos têm origem na questão sexual, quer directa, quer indirectamente; 2.º — aparecem no sonho certos símbolos que não explica.

Não podemos negar que a questão sexual se encontre muitas vezes em sonho, visto não poderem certas ideias aflorar à camada consciente no estado de vigília, porque a própria *censura* a isso se opõe; por outro lado, temos que concordar que num mundo tão pouco adiantado como o nosso, aqueles assuntos que despertem tendências inferiores podem interessar às multidões, que quase desconhecem os mais rudimentares princípios de ordem espiritual.

Os símbolos mais frequentemente considerados são os seguintes: uma partida em viagem traduz morte iminente; paredes lisas traduz o corpo humano masculino, a água e a natação representa o nascimento, o n.º 3 ou flor de lis, o aparelho genital masculino; salas, vasos, minas, panelas, etc., os orgãos genitais femininos, etc.

Vejamos, para melhor compreensão, a interpretação psicanalítica de um sonho:

«Uma nossa doente psiconeurótica, que apesar de ter voluntàriamente cortado relações com o namorado (José) e procurado esquecê-lo, continua a gostar dele, teve durante o tratamento psicanalítico o seguinte sonho: — eu ia subindo uma escada atrás de um rapaz desconhecido, mas que me parecia ser o meu antigo namorado. De súbito vejo um largo salão pintado de vermelho. O rapaz desapareceu sem eu dar por isso, e ao fundo do salão vejo passar um velhote da minha terra, e ouço uma voz chamá-lo:

— Manuel !

Eu conhecia o velho e sabia que não era esse o seu nome. Por isso, gritei:

— Não é Manuel, é José.

Interrogada sobre o significado do sonho, não sabia compreendê-lo. Para o psicanalista não é porém difícil interpretá-lo. A subida da escada e a entrada no salão (= cavidade) são a expressão simbólica do seu desejo de ligação erótica com o ex-namorado. Apesar do símbolo, ela tem a intuição, enquanto sobe a escada, de que o desconhecido é ele. Ora ela tem sempre querido esquece-lo e recalcá-lo. Por isso a *censura* intervém e fá-lo desaparecer. Em vez dele surge um velho, que tem na realidade o mesmo nome: José. Ela ouve uma voz dizer Manuel. É que a censura não permitia ouvir o seu verdadeiro nome. Mas a doente emenda:

— Não é Manuel, é José. («Psicanalise», de J. Seabra Denis. Biblioteca Cosmos).

O lado fraco da questão reside, quanto a mim, em ter-se querido *meter* todos os sonhos nesta teoria; não se deu atenção a certos casos em que a teoria dos desejos recalcados é insuficiente para explicá-los, por melhor que seja a vontade do psicanalista.

Os que se têm dedicado ao estudo dos nossos postulados sabem que, durante o sono, o perispírito se despreende mais ou menos completamente do corpo físico, recebendo todas as impressões vindas do exterior, que são transmitidas ao cérebro pelo fio fluídico que liga o perispírito com a parte inferior da nuca, o *cordão de prata*; o cérebro regista todas essas impressões «em forma de sonho». É assim que o espírito pode receber sugestões ou visões provocadas por entidades as-

Carta aberta
ao autor do livro "Pierino Gamba"

Prezado confrade Isidoro Duarte Santos: São 16 horas menos um quarto e já li o texto da sua última elaboração saida do prelo, em data fresquíssima.

Produziu um trabalho deveras apreciável, sob todos os pontos de vista, pondo em luz de evidência nos treze capítulos que se seguem ao Introito, *com ponderado critério e autorizadissima companhia, a base preparatória ou predisponente dos três capítulos que precedem o* Epílogo, *chave de ouro perfeitamente ajustada ao assunto do livro.*

E de tal modo expôs, de tal modo foi metódico e seguro, que não posso pôr em dúvida que os leitores ilustrados, imparciais e correctos, não poderão deixar de reconhecer-lhe fundamento sólido e de aplaudí-lo em consciência.

Realmente, o fenómeno de que se trata, enquanto não surgir uma demonstração de rigor científico absoluto, irrefutável, só admite um processo lógico de esclarecimento: a reencarnação, o pre-existir.

E não creio, não julgo possivel que alguém descubra outra forma aceitável, procedente, de explicar a assombrosa realidade de Gamba e de precocidades de outras espécies.

Dentro do bom senso e da lisura de argumentos não entrevejo sequer a sombra de uma hipótese, no amanhã dos tempos, que faça vacilar no grau de validade, a solução melhor adequada ao problema, não resolúvel por partidos tomados, por ideólogos insatisfeitos, por teimosias insistentes e até por vaidosos que não querem dar os braços a torcer.

No caso em foco, ocorre mesmo em primeira mão, muito lógica e naturalmente, ou, antes, muito racionalmente, que evoquemos aquelas palavras de Allan Kardec com que o meu estudioso amigo fechou o capítulo XVI do sugestivo livro Pierino Gamba: «*Nascer, viver, morrer, tornar a nascer e progredir sempre, destino imutável do Homem para o seio de Deus!*»; *que evoquemos, repito, e meditemos sobre elas, pensando em factos de nosso conhecimento e de nossa admiração.*

Em resumo, esta sua prestimosa elaboração é também Luz no Caminho, noutro estilo de conceito e de expressão, mas radiando luminosidade, com oportunidade manifesta. Consta-me que terá edição no idioma de Hugo e de Flammarion, que merece, não só pela matéria, de momento absorvente, para o mundo, emocionado pelo insigne maestro mocinho, mas para o autor, português de lei, lúcido de inteligência e diligente por índole.

Sauda-o em espírito, fraternal e amplexivamente,

F. NORONHA

---

trais ou ainda comunicações com essas entidades. Noutros casos, o despreendimento é mais perfeito e o espírito pode atingir certos planos do astral, que estejam no entanto em uníssono com a sua frequência vibratória. É nestas condições que algumas vezes se produzem os chamados sonhos premonitórios, pois parece estar averiguado que os factos que hão-de acontecer na terra, sucedem nos planos astrais e que portanto o espírito, quando lá penetra, toma conhecimento deles.

Quando eu era ainda criança, lembra-me de ter tido um sonho, do qual nunca mais me esqueci, e que hoje considero na categoria dos sonhos premonitórios, por nenhuma das outras hipóteses ser suficiente para explicá-lo !

Uma noite sonhei que ia por um caminho e cheguei junto a uma subida entre dois pinheiros, uma subida com um aspecto *sui-generis*. Ouvi então dizer que ali fôra morta uma cobra.

Acordei, achando, não sei porquê, esquisito aquele sonho, mas não o sabendo explicar !

Os tempos passaram, e eu, por razões de ordem vária, vou morar para Mem-Martins, durante um ano, na Vivenda Mira-Serra, passando depois para a povoação do outro lado da linha-Algueirão, para o Bairro Belga. Nessa casa eram meus vizinhos a família Sá Dias, que era muito minha amiga. Passados alguns anos de convivência, a esposa do Sr. Sá Dias convidou-me a ir com ela mais o filho e duas raparigas para um pinhal próximo, o «Pinhal das Mesas» e de cuja existência nunca ouvira falar, desconhecendo-o portanto, completamente. No meio do caminho, eis que chego a um local, onde havia uma subida; ao vê-la recordei-me imediatamente do sonho a que já me referi. Nesse momento uma das pessoas presentes disse: — aqui já foi morta uma cobra... precisamente como ouvira dizer no sonho.

Como explicar tudo isto? O leitor que faça o juizo que entender.

(Continua)

Trajectória das Almas

Por Noraldino de Melo Castro
Correspondente em Belo Horizonte

I

QUE fomos ? Que somos ?
Fomos simples e ignorantes. Somos parcelas imortais de Deus.

Voltemos ao passado.

E nos seres denominados brutos vemos a vida palpitando intensa. Há ordem, método e beleza. Sucedem-se as camadas. Processa-se verdadeira coesão. Embevese-nos tanta grandeza ! Maravilhados, sentimos a alma fremir, o coração emocionar. Nota-se inteligência poderosa governando todos os actos.

É o carvão transformado no diamante ! É o cristal de rocha límpido e simétrico ! Em todos os átomos, há um desenvolvimento constante, no veemente desejo de aperfeiçoamento ! Tudo se funde num grande elo de amor. Há sempre duas almas que se buscam.

Num crescendo admirável, atingimos o reino vegetal. Descobrimos já «um rudimento de vida instintiva, caracterizada pela nutrição e a respiração».

Há também ordem, muita disciplina. Há estreitamento de afectos. Há almas que se entrelaçam para a perpetuação da espécie.

Passamos depois ao reino animal, já dotado de variados instintos. É sanguinário, traiçoeiro, mas dócil e terno para com as crias. Processa-se o milenar trabalho no cadinho da evolução. Destaca-se a individualidade e desponta o princípio consciente.

Predomina o anelo da sobrevivência. Travam-se lutas feroses. Predomina e vence o mais forte. E a dor campeia... É a corça estraçalhada pelo leão. É o rei dos animais vitimado pelo homem... Há peleja insana. E subimos a escala animal até adquirir sensibilidade, apurar sentimentos. Aparece o homem, não raro, ainda próximo de sua origem: ambicioso, sedento de poder. Nasce, renasce, progride, até alcançar a consciência de Deus rei. Mas, ainda aí o forte esmaga o fraco. Há pela sua doçura, sorveremos as lágrimas, pa- a guerra, brutal, mutilando gerações. É o homem apaixonado, arrastando-se no lamaçal de vícios. Arca-o o peso de preconceitos. A vaidade e o orgulho sufoca mos impulsos de generosidade. A impiedade é máscara de todos os rostos. A soberbia é cartaz de apresentação. Cega-se, fascina-se, maldiz-se, sem lembrar-se, porém, de que a voz suave e meiga do Senhor convida à meditação.

ILuta, padece, chora e ama. Sofre. «E a dor e o amor hão-de perpetuamente ser, por natureza, inseparáveis companheiros».

Olhemos, contritos, o passado distante. Descobriremos em nós instintos e sentimentos transfiguradores, aguardando propulsão.

II

Vivemos no século XX, no meio de realizações gigantes, de conquistas gloriosas. Mas, vivemos a época da bomba atómica, em que o coração permanece desequilibrado, cego das verdades divinas, cercado de vaidade e presunção. Como vaidoso, julga-se senhor do mundo, possuidor de todas as glórias, embora falazes e aparentes. Jesus advertia:

«Eu não recebo dos homens a minha glória, que vem só de Deus». (Jo. 5 : 41/44).

Continuamos cegos, desconhecendo a razão do ser e não ser: decepções, revezes, suplícios, invejas, hipocrisias. Tudo tragamos com fel noc oração. Paciência, tolerância, resignação, humildade, fé, são estados emocionais conhecidos, mas não vividos.

E a dor campeia... campeia sempre, aprimorando as almas.

Vemos derrocadas de esperanças, sepultamento de ilusões. Falta a fé e a confiança na justiça divina.

Mas, baurindo a essência do amor sublimado, compreenderemos a grandeza da existência e da dor. Caminharemos em direcção ao Cristo — «Modelo e Guia». Amemos, pois, tendo nos lábios o riso em face das vicissitudes. Cultivemos a paciência, glorificando o trabalho, na transformação interior. Busquemos consolar, amparar, ordenar as criaturas do Senhor, nossas irmãs ! Conheceremos a fraternidade no reinado da paz.

Deus, Senhor de perfeições infinitas, e misericórdia e clemência. Não deseja a morte do ímpio. Quer que se arrependa a sós.

Para tão esplendorosa luta, precisamos de um escudo inquebrantável — a fé. Se tocados cientemente. «Para ser proveitosa a fé, diz o grande Kardec, deve ser activa e não adormentada. A fé desperta o homem para bem e é a base da regeneração».

Vençamos o nosso eu, pequenino e mau, sentindo e praticando a fé, na luminosa trajectória das almas.

N.º 28
JUNHO
1949

Página Dirigida por KYLAS

Queridos pequeninos!

Ainda há pouco recebi notícias de leitorzinhas da Página.

«Gostamos muito de ler tudo que lá vem» — afirmaram com convicção sincera.

É essa a minha compensação.

Saber que vos agrada tudo quanto se escreve e se colige nestas quatro páginas, dá-nos coragem e entusiasmo para continuar.

Os melhores agradecimentos da irmã mais velha sempre amiga

KYLAS

PROVÉRBIOS DE SALOMÃO

Por JOÃO DE DEUS

Vigiai, diz Salomão,
Noite e dia o coração...
Que é dele que nos provêm
Todo o mal e todo o bem.

Uns, dando, mais enriquecem;
Outros, roubando, empobrecem.

Quem de repente
Se enfurece, é estulto;
Quem é prudente
Dissimula o insulto.

Vitela com enfado
Não aceites;
Mas ervas com agrado
Não rejeites.

Antes probreza honrada
Do que riqueza roubada.

Bom provérbio, bom ditado
Aquele de Salomão:
Antes pobre, mas honrado,
Do que rico, mas ladrão.

Anda sempre a paciência
A par da inteligência;
E ofensas, a nossa glória
É riscá-las da memória.

Quem o pão da mentira saboreia,
Depois a boca sabe-lhe a areia.

Mel, se o achaste,
Come o que baste.
Não te sacies;
Senão, depois,
Talvez te enjões
E agonies.

Pega num tolo,
Pisa-o num gral,
Fá-lo num bolo;
Isso que val?
Só lhe dás cura
Na sepultura.

O Mendigo e a Fortuna

Com o seu alforje velho e esfarrapado, um mendigo andava pedindo esmola pelas ruas; e maldizendo da sua sorte, não raras vezes se admirava de haver gente que, não carecendo de dinheiro, nem de comodidades, estivesse descontente a ponto de perder quanto possuía, quando insensatamente aspirava a novas riquezas.

— Por exemplo, dizia ele, o antigo dono desta casa conseguiu pelo comércio juntar grossos cabedais. Então, em vez de acabar com o giro comercial, passando-o a outrem, e gozar tranquilo o resto da vida, tratou de equipar navios que fossem aos confins do mundo grangear maior riqueza. Quis ter montes de ouro; mas os navios foram a pique e as riquezas lá ficaram sepultadas no oceano. Quantos como este, continuava ele, se não têm arruinado, por, insaciáveis na sua ambição, se meterem em novas especulações?

Então a Fortuna aparece de repente ao pobre e diz:

— Escuta: há muito tempo que desejo favorecer-te. É chegada a ocasião. Achei uma grande porção de dinheiro. Abre o teu alforje, mas previno-te de que todo o que cair no chão se desfará em pó. Tem cuidado! O alforje está velho; não o enchas de mais, para poderes com o peso!

O mendigo não cabe em si de contente: mal sente o chão debaixo dos pés!

Abre o alforje, e para este começa a cair uma chuva de ouro. O alforje principia a pesar.

— Estás saitisfeito? — pergunta-lhe a Fortuna.

— Ainda não, respondeu o pedinte.

— Não se romperá o alforje?

— Não tenhas receio.

— Está cheio. Tem cuidado, olha que o alforje rebenta!

— Só um poucochinho mais.

Nisto, o alforje rompe-se, o dinheiro espalha-se e reduz-se a pó, A Fortuna desaparece e o mendigo olha para o alforje vazio e fica pobre como dantes...

Quem tudo quere, tudo perde.

★

Não são as más ervas que sufocam o grão; é a negligência do cultivador.

Confúcio

O PRÍNCIPE DANIEL

Por Maria Lamas

Era uma vez um menino que não conhecia os seus pais. Fora criado por uma mulher que o tratava bem e o trazia limpo e arranjadinho, mas que lhe dizia constantemente:

— Se não fosse eu, andarias por aí sem eira nem beira! Não passas dum enjeitado!

E contava que o tinha encontrado certa manhã, à beira do caminho, muito embrulhado num cobertor e com uma medalhinha de ouro ao pescoço, quando ele ainda não sabia falar nem dava um passo, sòzinho. Tivera pena dele, levara-o para casa e lá o tinha criado com a ajuda de Deus.

A mulher vivia na serra, onde nunca aparecia mais ninguém além dos pastores e dos pobrezinhos que andavam de terra em terra a esmolar e que se dirigiam àquela casinha a pedir pousada durante a noite; de maneira que o pequenito não sabia que existiam cidades e vilas, gente boa e gente má; enfim, tudo o que vai por esse mundo. Aquelas palavras da mulher: «Não passas de um enjeitado» — davam-lhe que pensar.

Via as ovelhinhas lamberem os cordeiritos e darem-lhes de mamar; observava os pássaros levando no bico a comida para os filhos que estavam nos ninhos; a galinha pedrês agachava-se para que os pintainhos se recolhessem debaixo das asas, e ele dizia lá consigo:

— Todos têm mãe, menos eu!

E um dia, sem dizer nada, abalou pela serra fora, à procura dos pais. Andou, andou, sempre por entre mato e grandes pedregulhos; não encontrou alma viva.

Ao entardecer sentou-se a descansar e pôs-se a comer um bocadito de pão que levava para o farnel. Depois, apanhou um malmequer, que estava ali muito encolhido entre as ervitas, e principiou a desfolhá-lo, só para fazer alguma coisa. Quando olhou para a frente avistou um vulto escuro no chão. A princípio não distinguiu bem o que era, mas reparando melhor, viu que se tratava de um velho, muito velho, de barbas brancas com um grande chapéu preto enterrado até os olhos e os pés muito compridos. Parecia muito entretido a coser um saco. O pobre Daniel, que assim se chamava o menino, assustou-se, mas, como tinha bom coração, pensou logo em ajudar o velho e disse:

—Quere que lhe cosa o saco?

O homem olhou para ele e respondeu:

— Este é o saco dos meus segredos; ninguém lhe pode tocar. Como está muito velhinho, por isso o vou remendando, para que os segredos se não percam. Mas, dize-me cá, meu menino: quem és tu e que fazes por aqui, sòzinho?

— Chamo-me Daniel e vou procurar os meus pais.

— Quem são eles?

— Não sei.

— Então, acompanha-me; talvez eu possa ajudar-te a conseguir o que desejas.

Dizendo isto, o velhinho pôs-se em pé e só então é que o pequenito viu que ele tinha pouco mais de meio metro de altura.

— Vem comigo e, vejas o que vires, não tenhas medo, nem voltes para trás. Mas eu ainda não te disse quem sou! Já deves ter ouvido falar de mim: Sou um feiticeiro, com um grande poder; chamo-me o «Tempo» e tenho visto tudo o que Deus criou.

Daniel, sem dizer nada, lá se pôs a caminhar, ao lado do velho.

Era já noite escura. O céu estava coberto de nuvens, de maneira que nem as estrelas se viam brilhar. De repente, o feiticeiro parou; abriu o saco e disse:

— Saia o dragão!

Logo apareceu um bicho enorme com olhos de lume e uma grande boca, por onde saíam labaredas que subiam pelo ar e pareciam querer incendiar as nuvens. Depois, de entre essas labaredas saltaram outros dragões mais pequenos, mas também horríveis e, dando as mãos uns aos outros, fizeram uma grande roda, no meio da qual ficou o dragão maior. Gritavam, pulavam, e mais duma vez se aproximaram do pequeno Daniel, que tremia como varas verdes, muito agarrado às mãos do velho, mas sem dar parte de fraco. A certa altura, o «Tempo», com voz forte, ordenou:

— Recolham ao saco!

Imediatamente desapareceu tudo, como por encanto.

O feiticeiro disse, então:

— O que tu acabas de ver é o Mal, causador de todo o sofrimento na Terra. Agora vou mostrar-te o Bem, que dá a felicidade aos homens.

E, sem esperar resposta, pegou de novo no saco e deu esta ordem:

— Apareça o Bem!

Desta vez, Daniel viu uma linda menina toda vestida de flores e com os cabelos mais brilhantes do que o sol. Subiu, subiu, no ar, devagarinho, iluminando tudo, como se estivesse espalhando a claridade do luar à sua volta. Das flores saíram borboletas de mil cores, esvoaçando ao de leve e deixando tudo cheio de luz por onde passavam. Por fim, principiou a cair uma chuva de rosas, que perfumavam o ar e transformavam a terra num jardim.

— Que lindo! Que lindo! — murmurava o menino, encantado.

BAZAR DO RISO

— O Senhor tem algum parente próximo?

— Não, senhor juiz, todos afastados.

Uma testemunha:

— É falso, tem um irmão.

— Lá isso tenho, mas está na América.

O amigo — Parabéns; o primeiro acto da tua peça é belíssimo.

O autor — Ah, sim?! E os outros?

O amigo — Não sei, porque me fui deitar.

O médico — O senhor parece melhor.

O doente — Segui à risca as prescrições do frasco do remédio.

O médico — E quais eram?

O doente — «Conserve este frasco bem rolhado».

— Você sabe tocar piano?

— Não lho posso dizer?

— Não pode dizer?!

— Não. Nunca experimentei...

A menina, que vê no cabelo de sua mãe uma branca:

— Olha, mamã, tens um cabelo da avózinha.

— Aluga-se esta casa por 50$00 por mês.

— E onde está o curral?

— Que curral?

— Para o burro que pague esse aluguel.

Consta que um médico fora
Inventor da guilhotina:
Deu bem rapidez à morte...
Mostrou saber medicina.

Bocage

O velho fez desaparecer tudo e, voltando-se para Daniel, disse:

— Já viste o Bem e o Mal como eles são realmente. Escolhe o que mais te agradar.

— Quero o Bem! Quero o Bem!

— Olha que, para isso, terás que ser obediente, trabalhador, verdadeiro e carinhoso!

— Não faz mal; mesmo que tenha que sofrer, quero o Bem!

— És um belo rapaz; mereces que eu te proteja. Vamos dormir, que já é tarde.

Deitaram-se debaixo duma árvore e o pequenito adormeceu logo, porque estava muito cansado. De manhã, ao acordar, encontrou-se deitado numa caminha dourada. Mesmo junto da sua carinha estava um rosto banhado de lágrimas de alegria: era a mãe que ele tanto desejara encontrar!

Afinal, o pequeno Daniel era um principezinho que uns malfeitores haviam roubado do palácio real, abandonando-o depois no meio da serra, com a intenção de se apoderarem do reino, pois o rei morrera numa guerra. A rainha, porém, soubera defender-se, sempre na esperança de encontrar o filho querido que ela mandou procurar por toda a parte. Mas os seus esforços tinham sido inuteis: o príncipe não aparecia e já tinham passado alguns anos! A rainha começava a desanimar.

Foi então que o feiticeiro «Tempo» o encontrou, e, vendo como o principezinho era bom, resolveu levá-lo ao palácio real, enquanto ele dormia. A rainha reconheceu-o logo pela medalhinha que ele trazia ao pescoço e julgou morrer de contentamento. Houve grandes festas, que duraram dez dias. Daniel quis que toda a gente no seu reino fosse feliz e, lembrando-se do que vira na serra procurou sempre praticar o Bem! Na verdade foi um rei exemplar e encheu de alegria a velhice da mãe, que tanto sofrera ao julgá-lo perdido. Como o rei era justo e bondoso, os seus próprios inimigos não o podiam atacar e, por fim, acabaram-se as lutas e as invejas, vivendo todos satisfeitos e contentes com a sorte que Deus lhes deu.

Falta dizer que a mulher que recolheu e criou o príncipe foi recompensada, porque, apesar de lhe chamar enjeitado, nunca o tratara mal.

Quando o rei casou com uma linda princesa, repetiram-se os festejos e por onde os noivos passavam caía uma chuva de flores, que fez lembrar a Daniel as rosas que vira espalhadas sobre a terra, naquela noite em que o «Tempo» lhe mostrara o Bem e o Mal.

A ABELHA

Uma abelha sugava o néctar de uma rosa.
Uma criancita loira, alegre e buliçosa,
Lançou as mãos à flor e, incauta, a abelha esmaga.

— Mamã! Mamã! — gritou, colérica, febril —
Picou-me nesta mão aquela mosca vil!
— Picou-te, sim! Mas vê: causaste a sua morte.
Acaso não te doi o vê-la desta sorte?

Por mínimo que seja o mal que de outros vem,
É crime que perdão mui raras vezes tem.
Raivamos por qualquer levíssima picada,
Porém o maltratar não doi, não custa nada.

A. de Azevedo Castelo Branco
«Lira Meridional»

APRENDE A FALAR!

Dizer «far-se-á» e «dirá-se»
Só os pategos; tu, não!
Se tal disseres, eu grito:
— Ó patego, olha o balão!

Diz «far-se-á» quem se preza;
E «dir-se-á» quem bem fala.
Um pateta diz «fará-se»
E «dirá-se» — e não se rala:

Não se rala porque é tolo,
Pois se for bom português,
— Um português com miolo
E dez reis de polidez —,
Não tem só boas maneiras...
— Evita dizer asneiras...

De **«Leituras Técnicas»,**
de Vírgílio Couto)

★

CALMA!

Criança!

Sê pacífica, habituando-te, desde já, a resolver, com calma, as situações que te pareçam embaraçosas. A precipitação e a violência, ao contrário da calma, espantam a razão, induzindo, muitas vezes, as criaturas a gestos descortezes, quando não a actos de injustiça de que mais tarde se arrependem.

Pela violência, criança, tornar-te-ás temida, mas provàvelmente malquista; a calma e a sensatez far-te-ão respeitada e querida.

Iclea — «Para as Crianças»

A RAPOSA E AS UVAS

Contam que certa raposa,
Andando muito esfaimada,
Viu roxos, maduros cachos,
Pendentes de alta latada.

De bom grado os trincaria
Mas, sem lhes poder chegar,
Disse:—Estão verdes, não prestam,
Só cães os podem tragar!

Eis cai uma parra, quando
Prosseguia o seu caminho,
E, crendo que era algum bago,
Volta depressa o focinho.

Bocage — «*Obras Poéticas*»

★

A BANDEIRA

Não passes nunca diante da tua bandeira sem a saudar. Olha para ela com todo o carinho e tira-lhe o teu chapéu. É o símbolo da tua Pátria, é o sinal de que nasceste livre e de que és livre. Ama, pois, a tua bandeira, ama-a com vivo amor e dá a vida por ela, sendo preciso. Quem morre pela sua bandeira morre pela Pátria e quem morre pela Pátria vive na glória para todo o sempre.

Trindade Coelho

CURIOSIDADES

Passando das aplicações médicas a ser condimento apreciado, o açúcar, até ao tempo da intervenção dos portugueses, no séc. 15, era, como a pimenta, droga de luxo, acessível a poucos e usada sòmente pelos beneméritos da fortuna. Antes de entrar nas lojas de víveres, vendia-se nas boticas. Conjuntamente servia para acudir aos doentes e para a fabricação de apreciados e custosos manjares. Possuí-lo na copa era índice seguro de opulência.

J. Lúcio de Azevedo
«Épocas de Portugal Económico»

◆

A medicina hipnótica começou a usar-se em 1840; porém ao descobrir-se o clorofórmio, em 1848, passou ao esquecimento. Depois da Guerra de 1914, teve incremento. E em 1920, muitas pessoas que tinham sofrido transtornos nervosos ou mentais pela tensão da guerra, foram submetidas a tratamentos hipnóticos.

António M. Armas

As moscas conseguem subir pelos vidros e andar pelo teto. É que, pela extremidade das patas, segregam um líquido viscoso que as agarra às superfícies lisas. E como são leves... não há receio de que sofram tonturas (!).

◆

A mosca é portadora dos micróbios da febre tifóide e paratifóide, da disenteria, do carbúnculo e da doença do sono.

◆

Um bébé pesa mais ao nascer que uma semana depois.

◆

Nos tempos antigos usou-se como material de escrita a pedra, o tijolo (antigos povos da Mesopotâmia e do planalto do Sião (Caldeus, Assírios, Medos e Persas), o papiro (Egípcios, Fenícios, Gregos, Cretenses, etc.), as tabuinhas enceradas (dos Romanos em diante), o pergaminho (de Pérgamo em diante).

O papel é invenção chinesa, trazida pelos árabes para a Europa, mas só no sec. XVIII o seu fabrico toma grande incremento.

O lápis só aparece no séc. XVIII.

K.

PENAS DE PAVÃO...

por Silveira Malhão

Entumecida, uma gralha,
Com soberba presunção,
Tomou as penas que haviam
Caído ao grave pavão.

Depois que soube com elas
Astutamente enfeitar-se,
Deixando seu próprio rancho
Foi co'os pavões misturar-se.

Estes à gralha imprudente
Primeiro as penas tiraram,
E, depois em seu castigo,
O corpo lhe espicaçaram.

Maltratada, a gralha triste
Para o seu rancho fugiu,
E novamente das gralhas
Outro desprezo sentiu.

PASSATEMPO

Mandai a alguém que pense num número — que o duplique — que some 20 ao resultado — que divida por 20 o total — e que subtraia o número pensado. O resultado será sempre dez !

SER BOM É SER FELIZ

por ASTREIA

Queridos amiguinhos, deveis agradecer a Deus, como dádiva sublime, a oportunidade que vos concede neste mundo de colocar em mãos tão pequenas e mimosas esta belíssima Revista, cujos artigos da página infantil, tão hábil e carinhosamente elaborados pela sua digníssima organizadora, a querida irmã Kylas, têm o objectivo de vos ajudar a resolver os vossos problemas morais, proporcionando-vos, através de leituras substanciosas e sadias, meios fáceis de esclarecer os vossos cérebros ainda adormecidos pela infantilidade e preparando-vos para um futuro risonho e ensinando-vos que a vida não é tão ruim como muitos apregoam e que vale a pena ser vivida, porque a vida é bela para os que a sabem viver dentro dos preceitos cristãos.

A vida é essência divina que perfuma os corações das crianças. E para viver essa vida bela que vos dará muita felicidade e ensejo de progredir moral e materialmente, é preciso ser bom, justo e caridoso.

Rio de Janeiro

A INGRATIDÃO (De uma fábula de La Fontaine)

Navios carregados de riqueza e belezas faziam viver na opulência aquele mercador a quem os ventos, os piratas e os próprios compradores, tinham sido favoráveis. No meio de seu bem-estar e luxo, foi um dia visitado por um amigo.

— A que deves tudo isso ?

— Ora, à minha perspicácia e talento, ao meu esforço, à minha diplomacia.

——

Tempos se passaram.

Este navio mal construído foi despedaçado pelo vento; este outro mal equipado e defendido foi roubado pelos piratas; aquele não fez negócio, os seus produtos não agradaram. Correm tão mal os negócios, que o rico mercador torna-se pobre de um momento para o outro.

— A que deves tudo isso ? — volve o amigo.

— À Sorte...

— Faze por te consolar; se não és feliz, sê prudente.

——

Talvez não tivesse compreendido o conselho, mas a verdade é que,

— o bem, fazemo-lo nós;

— o mal, é culpa da sorte !

Kylas

UM E DOIS... TRÊS!

Um lavrador mandara o seu filho estudar na cidade. Quando o rapaz veio a férias, estando um dia todos à mesa, quis dar mostras do que sabia e diz assim ao pai :

— Quantos pratos estão na mesa ?

— Dois — respondeu o pai.

—Pois eu digo que são três.

— Essa agora ! Vamos lá a ver onde estão os três !

— Muito simples. Nós dizemos: um prato de carne, um; um prato de batatas, dois. Fazendo a soma temos: um e dois, três.

— Muito bem, diz o lavrador. Eu vou comer um prato e tua mãe outro, e tu ficas com o terceiro, em prémio da tua sabedoria.

Um livro sensacional

PIERINO GAMBA

(O menino maestro à luz de nova psicologia)

por Isidoro Duarte Santos

Acaba de sair este livro curiosíssimo acerca de um menino de 11 anos que espantou o mundo com o seu talento musical.

Livro para espiritas e profanos.

Livro que esclarece.

Livro que empolga.

Livro que faz vibrar.

A evolução humana. O drama da criação. A ascese espiritualista. Raciocínios a respeito do Outro Mundo.

Lê-se de um fôlego.

É a primeira obra mundial que estuda o "caso" Pierino Gamba.

Resposta ao Professor Dr. Barahona Fernandes e a outros cientistas.

Eis o sumário da obra:

INTROITO — I - UM MAGO DE ORQUESTRA — II - OS SEUS CONCERTOS — III - A OPINIÃO DOS CRÍTICOS — IV - FALA O MÉDICO PSIQUIATRA — V - FALA O MÉDICO ESPIRITUALISTA — VI - PIERINO GAMBA SERÁ UM GÉNIO? — VII - HÁ MENINOS PRODÍGIOS? — VIII - PARALELISMO PSICO-FISIOLÓGICO — IX - PARA ALÉM DO CORPO SOMÁTICO — X - A PRE-EXISTÊNCIA — XI - O CASO DE M.LLE DJISKA — XII - OUTROS CASOS EMPOLGANTES — XIII - O PROBLEMA DA MEMÓRIA — XIV - O MUNDO TRANSCENDENTE — XV - UMA TEORIA ARROJADA — XVI - DRAMA EVOLUCIONISTA — XVII - EPÍLOGO.

Livro escrito em 12 dias, mas que responde cabalmente a uma pergunta milhões de vezes formulada.

Não deixeis de o adquirir para a vossa biblioteca!

6 gravuras em papel de ilustração

PREÇO 20$00

Para assinantes e sócios do Centro Luz e Amor, 10% de desconto.

Remetemos o livro à cobrança, acrescido das respectivas despesas

Jun/49

Faure da Rosa escreveu...

COMO OS MOR

I

MESES antes de deixar a vida terrena, em 1931, Michel Sage publicou um estudo de grande interesse acerca da maneira «como os mortos comunicam conosco».

Humberto Forestier exumou-o dos arquivos da *Revue Spirite* onde o fez inserir nos números de Janeiro, Fevereiro e Março de 1937. O estudo de Michel Lage é a base deste trabalho.

Os experimentadores da *Sociedade de Investigações Psíquicas,* de Londres, já em data anterior a 1880 se tinham apercebido de que a produção dos fenómenos espiritoides não era devida ùnicamente a médium de carne e osso; que havia ali, quase sempre, outras inteligências não menos importantes de outros Espíritos, embora invisíveis.

Sabe-se que um médium é um ser humano como qualquer de nós, cujo espírito, porém, pode afastar-se por certo tempo, tornar-se um instrumento mais ou menos passivo pela acção de um outro Espírito e, até em casos extremos, deixar temporàriamente o organismo que é sua propriedade, e permitir a esse outro Espírito que o utilize em seu lugar.

Os bons médiuns são raros em toda a parte; entre nós, então, duma raridade desanimadora, e os Espíritos com capacidade para aproveitarem o melhor possível as faculdades do médium, são igualmente raros.

As entidades do outro mundo, como as deste, são dotadas de faculdades as mais variadas. O que é fácil a um é quase impossível a outro.

Aos Espíritos desencarnados que dispõem de propriedades particulares, deram o nome de «Espíritos-guias» ou simplesmente «Guias», a que os anglo-saxões chamam «controles».

O «Espírito-guia», portanto, é um espírito com facilidades especiais para governar um organismo que, normalmente, não lhe pertence. A maior parte dos comunicantes do Além servem-se destes guias. A comunicação directa diverge um grande número de vezes, porque os comunicantes sabem acomodar-se com a presença dos intermediários. Nos fenómenos físicos, menos delicados que os intelectuais, também há, muitas vezes, um guia.

Os guias podem não ser Espíritos evoluidos, morais e verídicos, como eram, por exemplo, os da médium Piper. Na maioria das vezes, os guias são incompletos, pueris; raramente são muito maus, mas raramente também são dignos de fé. É raríssimo que se consiga obter deles verdadeiras provas de identidade a seu respeito: é frequente até, esconderem-se sob o disfarce de contos da carochinha, como aconteceu com o célebre *Phinuit* da médium Piper. Muitos apresentam-se como crianças mortas em idade infantil, o que leva a crer que o seu progresso espiritual necessitava de se ligar a um organismo de carne.

Para a ciência oficial, os «guias» ou «controles» não são mais do que segundas personalidades. A nossa personalidade mental que a velha psicologia acreditava mais ou menos imutável e fixa, averiguou-se que era instável. Em certos casos pode esquecer-se de si mesma e acreditar-se uma outra pessoa. Ora isto, é igualmente uma segunda personalidade. À primeira vista encontram-se analogias entre as segunda personalidades e os «guias» ou «controles». Desde que o guia esteja presente, jamais ele deixará de ser um parasita no organismo de que se apoderou, e, portanto, não poderá manter domínio completo: é limitado na sua expressão e, além disso, sofre a influência da personalidade de que é hóspede, mais ou menos desejável. Não faltam, porém, factos que sugiram a independência dos guias. Enfim, desde que os Espíritos estabeleçam a sua identidade, somos forçados a aceitar a afirmação de que os «guias» são Espíritos como eles. Entre os guias há uns que são hábeis; mas outros há que são desajeitados e brutais.

EMANAÇÃO DO MÉDIUM

O que mais importa par obter comunicações é que do organismo do médium se desprenda uma emanação material, ou quase material, de nós desconhecida, à qual o guia denominado *Feda* da médium Leonard, chamava «o poder», e a que as comunicações da médium Piper davam o nome de «luz».

Quando a emanação é projectada com os requisitos precisos, encontra-se sempre uma entidade espiritual que a aproveita. De contrário, se não há emanação, toda a comunicação é impossível. É, ao que parece, qualquer coisa existente no espaço: guia, médium e consulente estão como que mergulhados numa espécie de nuvem dessa emanação. O guia vê, com certa nitidez, o que ali se encontra, mas deixa de ver o Espírito comunicante, salvo se este último não estiver dentro da zona da nuvem. Quando, porém, estiver dentro dessa zona, guia e comunicante só podem manter a «relação píquica» por meio de uma sensação particular que se presume possuir faculdades supra-terrestres. O Espírito comunicante, ao entrar na nuvem, diz que sente um leve formigueiro; mas, se a emanação não for utilizada, desaparece; e isto pode resultar da falta de interesse ou de um silêncio demasiado longo. É preciso manter uma conversação

serena, com calma, sem imprudentemente abrirmos a nossa alma.

Os médiuns de efeitos físicos produzem uma emanação mais densa e em quantidade mais considerável; e tudo aquilo que lhes cause retracção súbita, pode ter efeitos perigosos. Entre outras manifestações, a emanação aumenta a sensibildade do cérebro tornando-o mais apto para receber os pensamentos que lhe são transmitidos.

Esta nuvem não permanece imóvel: é agitada e incessantemente deslocada como se se desencadeasse um vento violento. Feixes desta emanação — «luz» ou «poder» — podem ser concentrados pelo Espírito na mão do médium; é, então, que por um simples acto de força de vontade se obtém a escrita automática. Tal escrita pode até produzir-se sem conhecimento do Espírito, desde que o médium concentre o seu pensamento no feixe de «luz» que sinta na mão. A estabilização da «luz» no cérebro do médium, permite que o Espírito fale e lhe manobre o corpo, como o faria se o ocupasse normalmente, porém sem domínio tão completo.

Quando o organismo do médium deixa de emitir esta emanação ou «luz», os comunicantes têm a sensação de que os invadiu a fraqueza: divagam, esquecem, perdem a noção da sua identidade, aceitam as mais inesperadas sugestões. Tudo isto se nos afigura possível, embora não esteja ao alcance da nossa compreensão. Entretanto, nós entrevemos que a Lei tanto governa aqui como em qualquer outra parte.

PROJECÇÃO DO PENSAMENTO

O Reverendo Charles Drayton Thomas diz-nos que excepto nos casos relativamente raros de voz directa, primeiro que tudo, o Espírito comunicante projecta o seu pensamento, por blocos, no guia que ocupa o organismo do médium. Evidentemente, nós não podemos compreender muito bem qual seja o processo do cometimento, porque temos o hábito de recorrer às palavras, até quando poderíamos comunicar o nosso pensamento de outra maneira.

Contudo, digam o que disserem muitos filósofos, o certo é que até os mais complexos pensamentos nos acodem em bloco e como relâmpagos, sobretudo na acção, e sem o auxílio de palavras: de tal maneira que a custo conseguimos encontrá-las, se quisermos comunicar os nossos pensamentos. A expressão vulgar — *«Não tenho palavras para exprimir o meu pensamento»*, nem sempre é uma figura de retórica.

Como o guia não está no seu meio normal, se o pensamento assim transmitido — por blocos — não penetrar com suficiente profundeza, os comunicantes repetem-no dividindo-o em fracções. É muito mais simples e mais fácil transmitir o pensamento deste modo que por palavras isoladas ou frases. As ideias gerais transmitem-se com mais facilidade do que as palavras específicas.

Se, por exemplo, o Espírito quiser transmitir a letra «A», dá ao guia a ideia e se este a não apreender, transforma-a em imagem mental que o guia percebe no meio exterior. Qualquer coisa semelhante se passa quando um magnetizador projecta uma imagem mental que o «passivo» vê como um objecto sólido, ou quando um faquir hindu projecta a imagem de uma corda estendida no vácuo ao longo da qual trepe uma criança. O malabarista é das raras pessoas que tem o dom de exteriorizar o que na realidade não está no seu espírito.

TOS COMUNICAM CONOSCO

Dizem-nos os Espíritos, que possuem orgãos equivalentes aos nossos orgãos da palavra, dos quais se servem em ocasião oportuna para comunicar com os viventes na Terra, sobretudo com os recém-chegados ao Astral, para os quais tal meio de se exprimirem ainda é mais familiar. Além disso, eles têm uma segunda linguagem que consiste em imagens mentais, imagens que se tornam simbólicas quando se trate de traduzir ideias abstractas. Por exemplo, os Espíritos podem significar a ideia do sacrifício com a imagem de uma cruz. É esta a sua linguagem preferida, depois daquela que consiste na simples projecção do pensamento, projecção que talvez só seja familiar aos Espíritos mais adiantados. Este facto, se fosse exacto, seria notável e instintivo até para nós: toda a primeira manifestação de escrita tem consistido sempre, em toda a parte, em desenhos mais ou menos correctos ou simbólicos. Tais desenhos deformados ou transformados pelo uso, são a base da escrita hieroglífica e dos ideogramas sempre usados na velha China.

É, por assim dizer, às apalpadelas que o comunicante acha o método mais adequado às circunstâncias do momento.

O guia, enquanto estiver num organismo estranho, muitas vezes recebe as ideias sem poder dizer sob que forma lhe foram projectadas. Por isso as palavras de que se serve são, às vezes, engenhosas. O guia pode dizer — «eu vejo», quando o que acontece é receber impressões sucessivas que nada têm de visuais. Segundo os casos e as condições do momento, o guia pode ser impressionado simplesmente ou pode ver e ouvir; e as vozes que ressoam no meio terrestre podem perturbar ou constranger a audição. Quanto à má-

quina que é o médium, é preciso manejá-la com doçura e cuidado... É preciso deixá-la repousar. Enquanto durar a sessão, o comunicante tem que se adaptar ao diapasão dos intermediários, acomodar-se com as suas insuficiências, usar de rodeios e subterfúgios, o que, entretanto, pode semi-paralisar-lhe os meios de acção. De mais, a circunstância de se encontrar nas proximidades da emanação, basta para lhe lançar um véu na memória e nas outras faculdades e, assim, amortecê-las. Os principais embaraços respeitam à memória. Enquanto os comunicantes estiverem no seu meio habitual, longe do médium, com facilidade se lembram do que querem; mas durante a sessão, já encorporados, é-lhes, muitas vezes, impossível recordarem-se até das coisas que tinham intenção deliberada de dizer.

Na comunicação directa, as coisas complicam-se mais e as dificuldades aumentam. O comunicante não pode transferir para o organismo do médium senão uma pequena parte da sua inteligência; a parte maior escapa-se como um sonho, numa subconsciência de acesso difícil. Em cada um de nós, o cérebro, instrumento da consciência normal, não contém mais que uma pequena parte do espírito. A parte mais vasta está no subconsciente. Por ocasião da morte, a linha de demarcação apaga-se e o nosso espírito emerge na totalidade. Mas quando um comunicante manobra de novo um cérebro de carne e osso, a fragmentação reproduz-se, reduzindo ainda a menos que dantes a parte da consciência que se conserva clara. Algumas vezes até, acontece que o comunicante não é capaz de se lembrar do seu nome embora lho perguntem. Ele sabe que o conhece e uma associação imprevista de ideias podia lembrar-lho, de repente, mas todos os esforços directos para o conseguir são inúteis e desconcertantes.

INCAPACIDADE DE PRONUNCIAR NOMES PRÓPRIOS. TRANSMISSÃO DE MENSAGENS

Os observadores dos trabalhos das médiuns Leonard e Piper, notaram a dificuldade que ambas elas tinham em pronunciar os nomes próprios das personalidades incorporadas. Os comunicantes diligenciam conseguí-lo de todas as maneiras, muitas vezes sem resultado satisfatório e sempre que o nome próprio não tenha um sentido na linguagem comum ao qual possam referir-se. No entanto, afirmam que muito bem sabem esse nome, mas não podem, absolutamente não podem lembrá-lo naquele momento ou imprimi-lo no cérebro do médium onde não encontram nenhuma ideia a que possam associá-lo. Por isso se contentam, a maior parte das vezes, em dar a letra inicial do nome ou ainda em soletrá-la, o que é muito mais fácil, porquanto as letras são familiares a todos.

Esta inaptidão dos comunicantes em dizerem os nomes próprios, leva o observador superficial — desconhecedor dos motivos — a acreditar-se vítima duma simulação.

Uma parte do espírito do médium conserva-se no cérebro; uma parte do espírito do guia mistura-se-lhe e forma, assim, uma espécie de inteligência complexa: a parte que está no guia recebe as ideias a transmitir; a parte que está no médium põe-lhe o cérebro em vibração e por ele os orgãos da palavra. É, como se vê, uma cooperação, mas nem sempre harmoniosa.

Na comunicação directa, o espírito do comunicante já restringido, como indiquei, é, além disso, solicitado de todos os lados durante a produção do fenómeno: ele tem que vigiar o organismo, observar o que se passa e o que se desvia do objectivo, ter cuidado em não deixar desencadear uma torrente de palavras que iriam desnaturar o seu pensamento, torrente a que seria quase impossível pôr um dique ou, sequer, corrigir. Há torneiras fáceis de abrir, mas difíceis de fechar.

Sabendo muitíssimo bem que estão expostos a esquecerem-se, os comunicantes preparam, habitualmente, certa quantidade de matérias antes de se aproximarem do médium. A ser assim, o melhor é não os inquietar com perguntas, como tantíssimas vezes se pratica, e deixá-los proceder conforme a sua intenção. Do contrário, corre-se o risco de os perturbar e a nada mais se obter, sem que se reconheça má vontade da sua parte. A muito custo se acredita quão grandes e numerosas são as dificuldades que eles têm para nos enviarem mensagens claras: algumas vezes têm omissões ou lacunas que desnaturam o sentido; outras vezes, há muitos espectadores espirituais em volta do comunicante e, se tais espectadores não penetram a emanação, alguns dos seus pensamentos podem atingir o guia que, automàticamente, transmite. então, incoerências. Os consulentes também têm o seu quinhão no fracasso ou no bom êxito: a atitude do espírito, a sua indiferença ou o seu interesse e muitos outros factores psicológicos, tudo isso tem influência.

É natural que se pergunte como é que a mensagem vai do guia até ao consulente. Quando o Espírito comunicante se inteira da mensagem a transmitir, actua no cérebro do médium por meio do pensamento e da vontade. Nem sempre é fácil exercer esta influência; é preciso ir como que às apalpadelas e não raro é que a mensagem, em vez de ser transmitida pela voz, caia, *escorra par fora do médium* — segundo a frase pitoresca de *Feda*, guia da médium Leonard.

Mesmo que a mensagem seja recebida pelo Espírito, não é seguro que atinja o cérebro. Nisto há certa analogia com o que se passa com um dactilógrafo: não basta que ele conceba bem a palavra a escrever, é necessário ainda que bata as teclas da máquina. O que interessa pessoalmente o guia tem mais probabilidades de chegar ao consulente do que aquilo que o não interessa. Neste caso, a sua vontade age com menos energia.

MENSAGEM AOS MOÇOS DE PORTUGAL

De ALBA DE CARVALHO

A Mocidade Espirita do Brasil vos envia votos sinceros de muita paz e alegria.

Há muito ansiávamos pelo momento de externar aos queridos irmãos a vibração que se propaga entre os moços espiritas do Brasil pela doutrina de Kardec.

Organizamos filas e vos convocamos para a grande tarefa de regeneração da Terra.

Entregaram-nos os mais velhos o fogo simbólico para que o depositássemos na pira sagrada do Espiritismo.

E, galhardamente, haveremos de conduzi-lo, percorrendo o mundo, convencendo os incréus e espiritualizando os modernos escribas e fariseus.

Não poderiamos chegar a esses pináculos sem que soubéssemos que vos temos como companheiros de jornada, labutando conosco «ombro a ombro, lado a lado».

Desde que Pedro Álvares Cabral avistou as primeiras paisagens brasileiras, nossa Pátria se unia à vossa num estreito laço de amizade.

O espírito arrojado dos vossos antepassados trouxe à Civilização a nossa gloriosa Terra de Santa Cruz e a fé dos nossos corações vos levará o nosso incentivo, para que sejais os baluartes na construção de um Portugal espirita.

Já que pelo sangue somos irmãos, sejamo-lo também pelos ideais.

Unamo-nos, a fim de que a fraternidade, que tanto se propaga pelo mundo, seja uma realidade entre os espiritas.

Já se foram os tempos em que o Espiritismo era um mistério que envolvia os mortos e amedrontava os vivos.

Hoje é o estudo que esclarece, a caridade que consola, a solidariedade que fortifica e o trabalho que realiza.

Somos os cristãos modernos e é preciso que, a exemplo de Paulo de Tarso e de Francisco de Paula, preguemos as verdades das nossas convicções religiosas.

O progresso intelectual do Homem está em desacordo com as doutrinas do crer inconscientemente.

É de Kardec o sábio conselho:

«Fé inabalável só é a que pode encarar frente a frente a razão em todas as épocas da Humanidade».

Estudemos ponderamente a verdade e melhor compreenderemos o Espiritismo.

É o estudo o factor primordial à implantação dessa verdade.

Com grande felicidade afirmara Eça de Queiroz:

«Pode admitir-se a dúvida antes de estudar-se; a negativa, depois de estudar-se; mas a negativa simples, isolada de estudo e de prova, é vazia de senso e de respeitabilidade».

Os que estudam não podem negar que o Espiritismo é a doutrina de renovação que destrói o fanatismo e o materialismo e leva o Homem à verdadeira espiritualidade, sem que, para isso, o afaste de seus deveres materiais como elemento da colectivdade.

Cabe aos moços disseminar com entusiasmo e fé as sementes da Boa Nova. E elas germinarão, porque não serão atiradas entre espinhos e pedregais, mas na terra fértil adrede preparada pelos espiritas mais velhos.

O que é feito para o Mestre é sempre abençoado.

Afrontemos com perseverança a incompreensão de nossos semelhantes.

A incompreensão é comum na Terra.

Até o meigo Jesus, cuja vida era um corolário de exemplos virtuosos, não foi compreendido.

Moços de Portugal!

Empregai a vossa tradição de povo laborioso a serviço do Senhor!

Não esmoreçais, se as pedras de tropeço surgirem no vosso caminho.

Daqui, corações amigos vos enviarão sempre pensamentos de ânimo e de fraternidade.

Pregai em nome do Senhor, essa doutrina de luz que consola os aflitos, alenta os infelizes e leva o Homem a conhecer e compreender com discernimento o mundo material em que vive, ampliando-lhe os conhecimentos da vida em outros mundos.

Somos privilegiados, porque acreditamos na vida além da morte como imortalistas e reafirmamos a justiça de Deus como reencarnacionistas.

Ainda hoje os ensinamentos do Mestre são esquecidos e continuam as tremendas lutas pela conquista da supremacia.

Forças antagónicas degladiam-se estèrilmente, enquanto as dificuldades sociais vão produzindo sérios descontentamentos e distúrbios.

Os que não combatem pelas conquistas vãs de posições e títulos, afogam-se no lodaçal das paixões desenfreadas e dos sentimentos materialistas.

Dizem nossos guias espirituais que a Terra passará de planeta de provas e expiações a mundo de regeneração.

O Espiritismo terá preponderância nessa reforma e os moços serão os vanguardeiros deste novo mundo.

Avante, moços!

Dos pântanos insalubres nascem lírios puros e belos!

Das trevas densas surgirão raios de luz fulgurante!

Da noite espiritual que atravessamos despontará um amanhã esplendoroso, construido com a evolução de nossos espíritos!

Nem as grandes legislações, nem as conquistas intelectuais serão suficientes para abalar de um modo sensivel o coração empedernido dos homens.

Remontemos à história antiga e analisemos as possibilidades de evolução que nos outorgou o Criador.

Na fase primeira de nossa ascensão espiritual recebemos Moisés, o fundador do monoteísmo cristão.

Dezasseis séculos depois surgia nova época, com o advento de Jesus, o Mestre que pregava pelo exemplo.

Passados quase vinte séculos, fomos beneficiados com a terceira revelação — o Espiritismo.

Não podemos mais permanecer alheios a esses chamados.

O alvorecer do segundo milénio será o prenúncio de uma nova vida sobre a Terra.

O aperfeiçoamento colectivo depende da perfeição individual.

Moldemos nosso carácter na moral sadia, nossos sentimentos na harmoniosa força do bem e nossa inteligência na grandiosidade divina.

Tenhamos como advertência as palavras de Emanuel: «Recordai-vos de que é preciso vencer se não quiserdes soterrar a vossa alma na escuridão dos séculos de dor expiatória. Aquele que se apresentar no espaço como vencedor de si mesmo é maior que qualquer dos generais terrenos exímios na estratégia e no tino militar».

Vençamos as nossas imperfeições e caminhemos «para a frente e para o alto».

A união é força indestrutivel.

Caminhemos juntos e façamos com que o Brasil e Portugal sejam duas Pátrias com um só coração e um só evangelho.

Pela Mocidade Espirita de Nova Iguaçú,

ALBA DE CARVALHO

A PROPOSITO DE UM LIVRO

Hora e meia com Pierino Gamba

NA vida há coincidências interessantes. Dir-se-ia que os factos se preparam para servir este ou aquele desígnio. O nosso livro PIERINO GAMBA (O MENINO-MAESTRO À LUZ DE NOVA PSICOLOGIA) saiu no dia em que Pierino Gamba chegou a Lisboa, vindo de Buenos Aires.

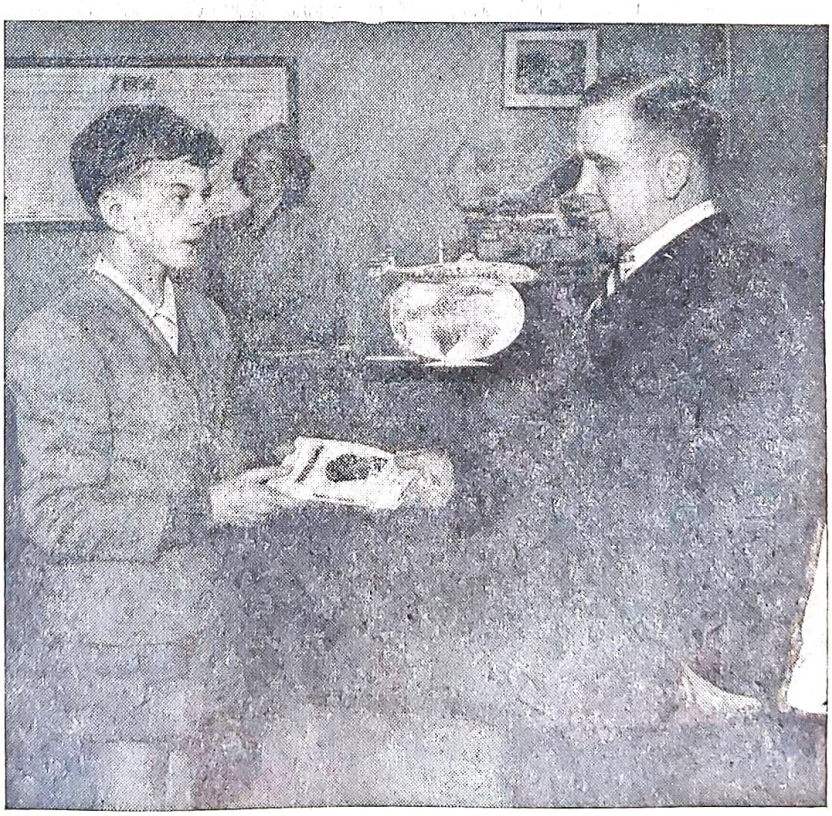
A impressão da obra atrasava-se por motivos estranhos à nossa vontade. Um verdadeiro aborrecimento. As provas tipográficas exibiam em nossa retina feérico bailado. Por mais que nos esforçássemos, tudo era inútil. O tempo escoava-se. Os dias e as noites sucediam-se vertiginosamente. A impaciência tomava conta de nós...

Por fim, chega a hora. O livro sai. Pierino volta, depois de conquistar o povo argentino, que o ovacionou delirantemente. Mas o maestro tem de regressar depressa à sua terra para restaurar a saúde abalada. Era o boato que corria. E como as más novas quase sempre são verdadeiras... alguns amigos disseram-nos: «Porque não oferece um livro ao miúdo? Amanhã seguirá de avião para Roma». E antes que esboçássemos uma opinião, tratam de saber a hora a que ele estaria no Aeroporto. E disseram que o autor do livro tinha grande satisfação em lho oferecer... E a resposta foi altamente lisongeira. Que Pierino sentiria grande prazer em viver esse acontecimento. Era o primeiro livro escrito a respeito de um fenómeno musical. E já tinham comprado três exemplares na véspera, precisamente à hora a que apareceu nas livrarias...

Foi assim. No dia 8 de manhã, a temperatura subia. Uma pequenina caravana dirige-se ao sítio de onde partem os aviões. De onde partem e aonde chegam, uns ansiosos, outros fartos de sulcar o azul dos céus. Iam ver, analisar de perto um bambino que milhões de pessoas admiravam. Muitos o viram de relance, atravessando a rua entretido com uma pela. Outros o lobrigaram a galgar escadas de roldão. E os mesmos o viram depois no estrado do Coliseu, frente a professores de música encanecidos pelo mester, o que é difícil de acreditar. E como sucede sempre nestas emergências, o público redobra de ingenuidade. Quer ver, apalpar o objecto. Sim, às vezes pode haver engano. Tem-se visto tanta coisa! Um fenómeno tão eloquente... até obrigava a pensar se seria de carne e osso. A dúvida é natural e legítima.

Foi sempre assim. O povo freme de entusiasmo quando vê um talento invulgar e sobretudo se a «coisa» irradia de uma criança. Seu entusiasmo vai subindo e roça pela loucura. Mesmo em silêncio, o povo é turbilhão. É uma criança crescida. Às vezes, dá-lhe para erguer panteões, e os herois e os sábios multiplicam-se e nós ficamos sabendo que, afinal, havia mais sábios e herois do que julgáramos. Mas a história lá está, para o que der e vier.

Chegámos às 10. Pouco movimento de aviões. A brisa amenizava o ambiente, mas o calor prometia... Umas voltas por aqui e por ali, e um automóvel chega com meia dúzia de pessoas. Lá vinha o Pierino no meio de familiares, são e escorreito, embora acusasse no rosto o cansaço da viagem que fizera de Buenos Aires a Lisboa. Um fotógrafo amigo oferece ao maestro uma colecção de fotografias tiradas antes da partida para a Argentina. E foi-lhe dizendo que estava ali o autor do livro que lhe ia ser oferecido. E logo a voz de Piero Gamba, o pai do maestro, ecoa num tom amabilíssimo, dirigindo-se ao filho amado:



Isidoro Duarte Santos oferece o seu livro ao jovem maestro Pierino Gamba, no Aeroporto de Lisboa

—Com simpatia ! Com simpatia !

Apresentações usuais. O pai de Pierino é um verdadeiro *gentleman*, extremamente comunicativo. Sente enorme felicidade pelos triunfos do seu menino. Também é natural. É o mais pequeno, sendo o maior de todos. Ele é o que arrasta, o que impulsiona, o que embriaga as multidões. Da batuta faz uma vara divinatória. Todos se lhe curvam reverentes, como se o génio se impusesse sem qualquer esforço.

A sua modéstia nivela o seu valor artístico. É um tímido. Foge à publicidade e a publicidade a persegui-lo como uma sombra... Pobre Pierino ! O seu olhar nostálgico encobre um mundo de mistério. Quando olha, desprende-se-lhe do semblante qualquer emanação que o envolve todo. É o magnetismo dos grandes oradores que nele fala sem palavras. Há ali o quer que é de mágico, misto de inocência e de fulgor... De repente, anima-se e parece outro. Tem gestos nervosos, desprende a língua, fala pelos cotovelos. É assim mesmo, como nós dissemos no nosso livro.

Oferecemos-lhe um exemplar com dedicatória simples: «Ao jovem maestro. Que este livro o anime e fortaleça nas veredas sinuosas do seu destino glorioso».

O ambiente não tem cenário. O miúdo agradece, sempre timorato, e desanda com o maestro Pellegrini, para fugir ao público que se vai aglomerando.

Depois, falamos com o pai. Lêramos que o génio musical de Pierino surgira através da ensinança de Romeo Arduini, compasso a compasso, em laboriosa digestão. Lemos isto numa gazeta e assinava-o um nome de sábio, em tom olímpico e displicente. Seria verdade ? Era lá possível uma coisa dessas ?

— Não, senhor — interrompe Piero Gamba —. Surgiu repentinamente, pouco depois de eu lhe ter falado em música. Contarei tudo isso num livro que estou a escrever e que estudará o caso de Pierino em todos os pormenores, desde a eclosão das suas faculdades, até à regência do primeiro concerto em Roma, com 110 professores. Essa narração atingirá o patético e o dramático. O professor Varela Cid está encarregado de arranjar editor em Portugal.

Também nos queria parecer. O génio de Pierino não era produto de árdua laboração. Aquilo veio de repente, quando menos se esperava. Pois se estava dentro dele, à espera de porta aberta... A centelha eclodiu, ao laçarem fogo ao rastilho. Foi como pedra fora da mão. Seguiu o trajecto natural.

Grupo tirado no Aeroporto de Lisboa, vendo-se a começar da 3.ª pessoa da esquerda, Maria Eugénia Dias Duarte, Maria Gonçalves Duarte Santos, António Cardoso, Pierino Gamba, Alberto Freitas e Isidoro Duarte Santos

Mas havia um pormenor de muita importância que assinalámos na obra. Quando assistimos aos concertos do Coliseu, notámos que o rosto de Pierino se transfigurava, dando aparência de segunda personalidade. Não era um garoto de 11 anos, mas um homem de 45...

E novamente o feliz progenitor corrobora a nossa observação, dizendo :

— Quando fomos a Inglaterra, estivemos numa cidade onde Pierino tirou o retrato. Ao ver as provas, ficámos espantados. Era outra fisionomia, semelhante à que se lhe nota no estrado. Enfim, tudo isto é extraordinário, verdadeiramente extraordinário.

E finalizando em síntese perfeita:

— Olhe: Pierino Gamba é o filho excepcional de um pai original.

Ficámos identificados. O que dissemos no nosso livro é exacto. Deduzimos pela aparência e não errámos, segundo o depoimento de maior autoridade que poderíamos encontrar — o pai de Pierino. Além do génio, — não vale a pena dizer «nato», porque todos os génios e são — tem faculdades psíquicas exteriorizáveis que produzem a transfiguração. E este fenómeno deve ter sido auxiliado por qualquer entidade espiritual com grandes conhecimentos de regência de orquestra. Já não custa a crer na vidência de certa médium conhecida que disse ter visto Pierino Gamba de fato preto no estrado... com cabeleira igual à de List. E se houvermos de fazer nova edição, será enriquecida com muitas achegas inéditas que hão-de valorizar ainda mais a obra.

Poucos minutos antes da partida, Piero Gamba informou-nos que tencionavam passar por Lisbia em Fevereiro ou Março de 1950, de viagem para a América do Sul (Argentina, Chile e Brasil), acrescentando que já firmara contracto com uma companhia cinematográfica para a realização de um grande filme internacional em que Pierino será protagonista.

O avião ergueu o bojo e dirigiu-se velozmente à cidade dos césares.

Os nossos pensamentos acompanharam a ave gigantesca que vibrava sob um dorso de alumínio e que se foi elevando... elevando... como um condor, uma águia, um milhafre, uma andorinha, uma abelha... Agora, de tudo o que se pasou só nos resta a lembrança, que perdura nos recessos da memória.

Teria Pierino Gamba atravessado o *Atlântico Sul* e passado em Lisboa, semelhante ao bólido que fende o azul do céu e desaparece da vista, como pirilampo que se extingue? Se não fosse a objectiva fotográfica, íamos duvidar. Mas não. Passou, iluminou a música com o seu clarão de génio e regressou a penates, para voltar ao Novo Mundo em Fevereiro ou Março do ano que vem...

Crónica Estrangeira

por Isidoro Duarte Santos

NOS DOMÍNIOS DA VIDÊNCIA

A revista *Constância,* de Buenos Aires, insere em seu número de 1 de Abril último um curioso depoimento de José A. Speciale, acerca das sensação que experimenta nas sessões de vidência realizadas na *Sociedade Constância,* onde desenvolve as suas faculdades, sob a direcção de Carlos L. Chiesa.

«No que vamos expor — diz este último confrade — não se deve pensar se o médium engana. Sabemo-lo incapaz disso. Os estudos e o contacto com ele nada reflectem nesse sentido. Ao invés, é de fundo nobre, são, e inspira confiança. Se algum desejo tem, é o de superar a própria faculdade, oferecendo-a àquilo a que ele chama missão. As suas condições são variadas, dentro da mesma mediunidade. Tem visualizações simbólicas, premonições, determina o carácter, as qualidades perceptivas, precisa as entidades espirituais e realiza translações do seu duplo».

Vamos agora ao depoimento, que resumiremos aqui e ali, procurando manter a maior fidelidade possível.

Antes da sessão, concentra-se uns minutos, invocando os seus protectores e procurando esquecer as coisas materiais. Entra em semi-sonolência, na qual já tem respondido maquinalmente a certas perguntas, embora tenha a preocupação de se afastar de todas as ideias que o possam distrair ou influenciar. Este estado preparatório considera-o muito importante, talvez o momento mais sério da sua vida, pela intensa luta que experimenta ao querer olvidar as coisas materiais e enfrentar a dúvida que dele se apodera, sobretudo quando pensa na dificuldade de esquecer as visões da vida real que se sucedem ràpidamente. Mas logo começa a sentir uma sensação de bem-estar que lhe acrescenta a fé.

Até aqui, ouve a música em ritmo normal. Depois começa a sentir uma espécie de embotamento de ideias... a música ouve-a cada vez mais longínqua... o corpo aparenta maior peso... e sente pequenas descargas eléctricas, como se o corpo fosse invadido por fluidos especiais.

Neste instante tem a impressão de que alguma coisa se liberta dele, sente frio em todo o corpo, o cérebro parece querer separar-se dos seus veículos, dir-se-ia pensar com um orgão estranho, como quem flutua no ar... E é tão grande, por vezes, esta impressão de angústia, que lhe parece abandonar o corpo para não mais voltar.

—«Quantas vezes tenho reflectido nisto! — diz ele —. Se a morte é assim, já morri muitas vezes. Esta desencarnação aparente causa-me receio. Já cheguei a pensar que, nestes desprendimentos, se pode dar a minha viagem final!

«A princípio, tinha consciência deste deslocamento e retrocedia para o corpo, isto é, sentia uma sensação tão rara, que me parecia provocar a morte e me negava à experimentação. Custou-me a vencer semelhante sugestão, mas a fé nos meus protectores fortaleceu-me inteiramente. A confiança ou atmosfera fluídica que me rodeia nesse instante faz-me entrar em perfeita calma e já não poderia opor-me ao fenómeno, porque as minhas forças não responderiam, mesmo que eu quisesse agarrar-me à própria cadeira onde me sento. Quantas vezes, a princípio, via o meu corpo espiritual cheio de medo a segurar-se à mão do corpo material, como que a pedir-lhe que não me deixasse desprender! Hoje, tudo se passa de maneira diferente. Quando me sinto nesse ambiente fluídico, não percebo mais nada.

«Na volta, não tenho noção de como entra o espírito na matéria. Começo a despertar de um sonho, parece que me prendem o cérebro numa caixa, sinto-me letárgico, tenho enorme vontade de abrir os olhos, mas sinto-os húmidos. Tenho vontade de chorar sem saber porquê. Fico confundido. Abro os olhos e durante segundo sinto-me sòzinho numa escuridão que se vai atenuando, até que percebo o recinto e as pessoas que me rodeiam. Começo a ter noção da realidade. Sinto-me cansado, mas volto prestes ao meu estado normal.

«Desconheço o transporte realizado pelo meu espírito. Não tenho consciência das minhas viagens, nem conservo lembrança da acção dele no espaço ou nos lugares que frequenta.

«Às vezes sucede-me o seguinte: alguns dias após a sessão, tenho uma visão que se cruza ràpidamente no meu cérebro e creio que possa ser o reflexo de um sonho ou imaginação minha; mas ao ler o relato, estranho a semelhança da visão com os apontamentos colhidos. Não posso explicar isto e faço este raciocínio: se o meu espírito não traz qualquer recordação ao terminar a vidência, como poderá ter depois esse reflexo? É um mistério que não posso decifrar.

«Se não lesse logo as vidências copiadas na sessão, ignoraria o que eu próprio descrevo. Às vezes, no final dos trabalhos, oiço comentar tal ou qual passo da vidência e já tenho ficado surpreendido de fazer viagens submarinas, de visitar outro planeta, etc., e, sem a menor noção de o ter visto, começo a pensar se não será a minha imaginação, embora algumas vidências tenham sido confirmadas por notícias nos jornais, como, por exemplo, a guerra do Paraguai, com três meses de antecedência, o cometa que apareceu a oeste há cerca de ano e meio (cinco meses antes da sua aparição), um terramoto perto do Japão, descrevendo o lugar e a cidade com todos os pormenores, confirmado um mês depois pela imprensa, um choque de veículos, verdadeira tragédia descrita três dias antes e confirmada pelos jornalistas.

«A confirmação de algumas vidências minhas na *Sociedade Constância* obrigam-me a pensar em que alguma verdade haverá de certo nestas experiências, porque a dúvida é terrível e traz sérias complicações à vida do experimentador.

«Isto é assunto muito sério. Peço a Deus que me ilumine e só me presto a trabalhar para o bem da humanidade. De contrário, não poderia servir o Espiritismo, que considero um ideal de superação humana e a mediunidade uma senda que conduz a Deus. Por isso, trato de ser íntegro na missão que me confiaram».

Depois, o sr. José A. Speciale refere-se às vidências particulares, que realiza em estado diferente. Concentra-se com mais facilidade, talvez porque já esteja preparado pelas vidências anteriores de carácter geral ou especial.

Nestas vidências predomina a in-

tuição, quer dizer, o cérebro está tomado e ele sente desejo de falar ràpidamente e dizer muitas coisas. Pressente que alguém o obriga a falar e não pode mover a cabeça, como se estivesse fixa ao tronco. Com o corpo dá-se o contrário. Domina-o completamente e tem a impressão de que o corpo e a cabeça são duas coisas diferentes. Em rápidas visões vê tudo o que diz e às vezes diz coisas e não vê nada ou vê as pessoas na frente, se não lhe desaparecem da vista, ou parece-lhe que fala e não sabe a quem se dirige. Também costuma ver as pessoas rodeadas de atmosfera fluídica. Numas, a atmosfera é luminosa e pressente bem-estar; noutras é avermelhada. Vê uma sombra negra que lhes cobre o corpo e pressente más influências que as perturbam e lhe querem prejudicar a visão. Sente ondas de calor que o incomodam, mas tem a certeza de que é protegido. E, caso curioso, sente-se mais à vontade, quando se trata de indivíduos que desconhece absolutamente. Pôr em acção a sua vidência numa pessoa conhecida atrapalha-o, parecendo-lhe que vai dizer o que conhece.

Os leitores que tenham experimentado neste campo encontrarão aqui elementos preciosos para estudos comparativos, sempre necessários no desenvolvimento da mediunidade. Eis, porque trasladámos para estas colunas as impressões do sr. José A. Speciale.

MOCIDADES ESPIRITAS BRASILEIRAS

O movimento das Mocidades Espiritas continua a interessar inúmeros confrades. Agora mesmo nos chegam notícias de Itabuna (Estado da Baía). O Centro Espirita Arapary, que elegeu há pouco nova Directoria e de que é presidente João de Barros Lima, nosso representante naquela cidade, acaba de fundar a *Mocidade Espirita Itabunense*, com a presença do Prof. Leopoldo Machado, nosso correspondente em Nova-Iguaçú. O movimento dos juventinos é ali muito animador. Assim, em 26 de Abril próximo passado, esta *Mocidade* realizou uma grandiosa festa espiritual com vários números, entre os quais afirmações de fé espirita e declamação de poesias alusivas ao acto. Perante cerca de 300 pessoas, a Mocidade vibrou intensamente, vendo-se na assistência muitos confrades de centros locais. Após o «Hino ao Espiritismo», cantado pela *Mocidade Espirita*, falou Teodolina Guanais de Lima, presidente, e Margarida Mata Virgem, 1.ª secretária. Em seguida, declamaram poesias Margarida Silveira, Jasabete Silveira, Nilda Assis e Inah Padilha, terminando a festa com o hino «Almas Gémeas».

Cooperaram quatro centros espiritas: Centro Tupinambá (oradores: Abdon Silva e António Monteiro), Centro Renascença (orador: Artur Morais), Centro Fé, Esperança e Caridade (orador: Carlos Borromeu) e Centro Espirita Itapicurú (representado por Eladio dos Santos).

A brilhante solenidade deve perdurar na lembrança de todos, como joia de alto valor. Pela primeira vez em Itabuna os espiritas assistiram ao entusiasmo dos moços convidando os velhos para o banquete do Evangelho. No encerramento, ouviu-se João de Barros de Lima, presidente do Centro «Arapary», que agradeceu a comparência de tantas almas unidas no mesmo pensamento de resgate espiritual.

O último congresso de Mocidades Espiritas realizado no Rio de Janeiro e que tivemos ensejo de acompanhar numa expressão de solidariedade absolutamente natural, está produzindo seu naturais efeitos. Os moços agitam-se sob a orientação dos experimentados. É um contágio benéfico e promissor de melhores tempos para o Espiritismo brasileiro, cujas fileiras necessitam de renovamento e saneamento.

Essa tarefa cabe aos novos, espalhados por todas as actividades sociais e plenos de entusiasmo.

À palavra fluente de Leopoldo Machado e outros pioneiros se deve o entusiasmo crescente que anima as Mocidades Espiritas. A linda cidade baiana de Itabuna não podia fugir ao influxo do baiano que se tem multiplicado na gloriosa missão de impulsionar o Espiritismo de Vivos na vastíssima terra de Santa Cruz.

E assim vai o Espiritismo renovando as suas fileiras e mergulhando as raizes na alma dos jovens brasileiros...

MÚSICAS MEDIÚNICAS

O *Mundo Espirita* de 26 de Fevereiro último insere um artigo de Manuel Susart, relatando o acontecimento verdadeiramente extraordinário que se verificou em 22 de Novembro de 1948 no Salão Leopoldo Miguez da Escola Nacional de Música, do Rio de Janeiro: um concerto do Espírito de Belline através da mediunidade da professora de piano D. Olímpia Costa, em benefício do *Amparo Teresa Cristina* (abrigo para velhas), sediado na rua Magalhães Castro, 201, Estação do Riachuelo, da mesma capital.

Um dia, D. Olímpia Costa foi informada de que o espírito do grande compositor Bellini desejava aproveitar-lhe a mediunidade para transmitir concertos em benefício de instituições de caridade, exigindo certas condições relativas aos dois médiuns necessários: D. Olímpia e Renato Reis, seu marido.

Aceitas as condições, os dois médiuns musicais começaram a receber as partituras, que eram transferidas para a pauta, destinadas à conveniente harmonização e orquestração. Completa a primeira parte da tarefa de Bellini e ensaiadas as músicas, o seu autor escolheu o *Amparo Teresa Cristina* para beneficiar do Sarau que ia ser realizado. Depois dos habituais preparativos em emergências tais, D. Olímpia Costa dirigiu-se ao *Amparo*, que não conhecia, para se entender com as directoras, as quais ficaram surpreendidas com o caso, em virtude da instituição em apreço necessitar de recursos para melhorar a sua enfermaria.

Uma das senhoras presentes lembrou-se nesse momento de que o espírito de Pedro de Alcântara (companheiro de Teresa Cristina) comunicara, dizendo-lhes que não tivessem preocupações, pois em breve surgiria o auxílio desejado.

O concerto incluiu o seguinte programa:

1.ª Parte — «Promesses d'Avril»; «Petite Sonate, op. 1»; «Étude pour la mains gauche; op. 2); «Étude, op. 3»; «Ma chanson d'amour, canção, op. 6» e «Impromptu, op. 7», todas ditadas pelo espírito de Bellini, e mais o «Nocturno, op. 9, n.º 2», de F. Chopin.

2.ª Parte — «Étude, op. 4»; «Estudo em oitavas, op. 8»; e «Giudita, canção, op. 9», ditadas pelo espírito de Bellini. E mais «Ária Sonâmbula», de V. Bellini; «Valsa, op. 32, n.º 2», de F. Chopin, e «Estudo de Concerto (Um Suspiro), de Liszt.

Manuel Susart diz que as notas dedilhadas ao piano pelos seus executantes tinham algo de sublime, principalmente quando o médium Reis tocava o «Impromptu, op. 7», não só pelo calor da execução (15 minutos), como pelo aspecto que tomou: parecia estar em êxtase.

D. Olímpia Costa também executou com mestria e sentimento espiritual.

Aqui estão dois médiuns invulgares que muito podem fazer em proveito da expansão do Espiritismo. Que Deus inspire este casal na sua jornada terrena, para bem da arte e para bem dos homens.

Livros de todo o Mundo

COMENTADOS POR

RAMOS PEREIRA

PIERINO GAMBA *(O menino-maestro à luz de nova psicologia)*, por Isidoro Duarte Santos. *Estudos Psíquicos Editora. Lisboa. 1949, 174 pág. 6 gravuras «hors-texte».*

O «caso» Pierino Gamba comoveu Lisboa e dispersou a «opinião pública» por hipóteses e teorias que ainda hoje enchem colunas de um semanário, onde, na sua louvável *Tribuna Livre*, se debatem espiritas e anti-espiritas. Quando e como terminará essa troca de argumentos? Provàvelmente, quando a Direcção do *Sol* julgar o assunto já sediço ou quando os contendores resolverem recolher aos seus castelos, convictos... das suas próprias opiniões.

Por isso, o livro de Isidoro Duarte Santos tem o duplo mérito de, ao mesmo tempo que esboça uma crítica das «críticas» feitas, fazer uma exposição breve mas bem concatenada de algum experimentalismo que há sob a tese reencarnacionista. Ficará o «caso» perfeitamente resolvido com a obra em referência? Não — dirá o exigente que desejaria que o Autor fizesse a afirmação e prova de que o Maestro italiano é a encarnação do espírito de A ou B. Ora — se bem assinalámos o pensamento de Isidoro Duarte Santos — o seu novo livro é uma exposição de princípios e um convite aos anti-espiritas para uma explanação séria e demonstrativa da perfeição dos seus. Com efeito, e se, no caso presente, o «cientismo» apenas nos oferece uma tese de fundamentos muitos discutíveis, porque não estabelecer o confronto com outra, de consequências mais vastas, de compreensão mais fácil e poder explicativo mais forte? Jogar com palavras pode constituir um rico exercício mental, mas não esqueçamos Sócrates e os sofistas...

E Isidoro Duarte Santos expôs-nos o que pensa do «caso» Gamba, vendo-o à luz do neo-espiritualismo reencarnacionista. É um livro pleno de actualidade e onde, sem grande trabalho, os adversários do Espiritismo podem tomar um conhecimento sucinto do Pensamento que, superiormente, se recusam a profundar, mas que, cientificamente, pretendem comentar... O que será «ciência» no conceito afunilado desses «cientistas» anti-espiritas? (Entenda-se aqui «cientistas» como partidários do «cientismo»).

Agora, que se pronunciem os estranhos, porque, como espirita, sou... suspeito, ao redigir estas simples notas que nem pretendem ser «críticas».

A ALMA DA PLANÍCIE — por *Mariana Aguiar Cabral*. 1947. 188 págs.

Romance tipicamente alentejano, procura-se nele fazer uma aguarela dos costumes da planície ardente. O «caso» contado é verosímil, possui mesmo uma realidade corrente nos anais das famílias do sul: — a um homem, cheio de amor à terra e ao trabalho, sucede um filho que apenas vive para as emoções fortes e para a ambição de alargar o seu domínio à custa de um casamento rico. Duma hora de loucura com uma rapariga do povo, nasce um filho; e de um matrimónio de conveniência, pouco depois desfeito pela fuga da mulher, surge uma filha. E são eles que um dia fazem a «casa» regressar às boas tradições do avô.

A autora tem inegáveis dotes de contista, mas, a meu ver, deixou-se prender e arrastar pela história, de modo que o fundo do seu quadro — «a alma da planície» — sai um pouco baço e impreciso. A verdadeira alma da planura — que é a do seu povo esquecido e por muitos ignorado — não surge viva, poderosa, imponente, como seria para desejar e que a autora, pelo conhecimento que possui da vida alentejana, poderia ter dado em largas pinceladas ao longo da sua obra, como o conseguiram Garibaldino de Andrade ou Manuel do Nascimento.

Para mim—falo como filho da planície — a alma do torrão alentejano meridional não está *imediatamente* nos casos correntes de uma família de lavradores. Sentimo-la no respiro afogueado da hora da «calma», nas melopeias arrastadas, fatalistas dos «cantares», nas vidas trágicas dos «maltezes» que palmilham as estradas, nos amores só carne epilogados à sombra dos «chaparros», nas tempestades passionais em dias de feira ou romaria. Ali, ela nos aparece em toda a sua aliciante estranheza, na sua melancolia que é cansaço, na violência febril do seu amor, na espasmódica violência das suas paixões. E é esse temperamento que torna o alentejano um «caso» na policromia portuguesa.

OS EXILADOS DA CAPELA — por *Edgard Armond*. Livraria Allan Kardec, S. Paulo. 119 págs.

Constitui este livro uma visão interpretativa do primeiro período histórico da Humanidade e onde o autor foi influenciado pela tese teosófica de Helena Blavatsky e pela «Génesis» mosaica. Segundo ele, teria havido uma imigração de espíritos vindos de um mundo mais evoluído, num destino de expiação de culpas. Encarnados na Terra, impulsionaram o terreno à caminhada para um futuro menos animalizado.

É indiscutível a claridade que esta tese lança sobre o simbolismo fechado da «Génesis», é defensável plenamente dentro dos princípios aceites pelo Espiritismo, mas quanto ao problema da origem do homem não faz mais que recuar a interrogação, de modo semelhante à teoria dos «cosmozoários», quanto à origem da vida na Terra. Com efeito, para que esses espíritos se pudessem manifestar tinham de existir *já* formas capazes e mesmo espíritos em condições de assimilação das influências. Como surgiram estas formas? Como se deu a evolução desses espíritos até a um mínimo de racionalidade? Os problemas das origens da espécie humana e da consciência mantêm-se de pé. A tese defendida por Edgar Armond é, antes e melhor (e assim nós a aceitamos e a defendemos também), uma «chave» para interpretação dos primeiros períodos do quaternário.

Escrito num estilo sugestivo, o livro de Edgar Armond é um óptimo ponto de partida para aqueles que busquem uma visão mais clara do processo histórico deste homem que, milénios passados, continua sendo um exilado no mundo que amassou por suas próprias mãos. Na alma do homem, permanece a ambição por um mundo melhor, hoje mais um ideal que uma lembrança confusa do que se possuiu um dia.

Notas & Comentários

CHELMICKI AFFLALO

Temos conhecimento de que este amigo se encontra adoentado. Enfrenta uma crise cardíaca em idade provecta e ainda há pouco esteve em Portugal a restaurar as forças abaladas por anos de trabalho no Rio de Janeiro. Lamentamos o facto e pedimos a todos um pensamento de saúde e harmonia por tão dedicado servidor da Causa, à qual se entregou inteiramente, com a verdadeira unção do adepto que procura superar em actos a doutrina que professa. Chelmicki Afflalo é um espirita «sui generis». Não conhecemos outro que o suplante em inteireza moral, em dignidade, em espírito de justiça. É um símbolo de dedicação, misto de prudência e rigidez. A nossa revista deve-lhe muito. Deve-lhe anos de vida. Que os amigos do Alto o protejam com seus fluidos curadores, para que ele continui a dar o seu esforço ao Ideal que nos irmana, para que ele continui a irradiar beleza espiritual e a prestigiar a Grande Seara do Cristo. Eis os nossos votos, eis os votos desta revista.

«UMA CONVERSÃO SENSACIONAL

O artigo que publicámos em Abril próximo passado sob o título «Uma Conversão Sensacional», em que o grande escritor Coelho Neto faz a sua profissão de fé espirita, foi transcrito do Jornal do Brasil de 7 de Junho de 1923. Um lapso de revisão impediu-nos de mencionar a fonte de origem, como é nosso hábito há muitos anos. Desta falta lamentável pedimos desculpa aos leitores. O seu, a seu dono, como diz a sentença popular.

CONGRESSO ESPIRITA FRANCÊS

Segundo informa o nosso correspondente em Paris, Mr. Henri Regnault, o Congresso Nacional Espirita de França realizar-se-á naquela capital, na sede da União Espirita Francesa, 10, rua Léon Delhomme (Paris XV°), de 23 a 24 de Julho.

No dia 23 haverá uma importante reunião no Salão de Geografia, 184, Boulevard Saint-Germain.

Fazemos votos para que dessa assembleia surja união perfeita entre os irmãos franceses e o Espiritismo crie novos e frondosos ramos, como tinha antigamente. Neste extremo do continente europeu, onde há serenidade e paz, sentem-se as alegrias e dores dessa grande nação que brevemente poderá tomar a chefia do pensamento espirita latino, tão amarfanhado pelas inclemências da última guerra mundial.

SINAL DOS TEMPOS...

Há poucos meses, os nossos confrades alemães abalançaram-se à publicação de uma revista e tudo levava a crer que o movimento espirita germânico retomaria o perdido rumo, pelo menos na zona ocidental, sob a jurisdição de ingleses e americanos, tão afectos às liberdades simbolizadas na célebre «Carta do Atlântico». Na zona oriental... nem falar nisso. O nosso confrade Ed. Ad. Hesse, do Centro Espirita do Hanover, diz que tinham as melhores esperanças no futuro do orgão que iam publicar. E logo se puseram em contacto com muitos espiritas mundiais no sentido de obter boa colaboração.

Os primeiros dois números sairam sem novidade, escudados talvez nos autores dos artigos, que eram personalidades eminentes a quem nada podiam apontar. Mas depois... o editor, que reside na Zona Americana, negou-se a publicar a revista, pelo facto de o Serviço Militar de Informação alegar que os artigos não eram de crítica científica.

É de pasmar semelhante procedimento. Dantes, atacava-se Hitler por não permitir a livre circulação dos nossos jornais. Vieram os «salvadores»... e, quando tudo levava a crer que, de facto, salvassem a liberdade de pensamento, aplicam sanções ao invento de Gutemberg.

Não eram de crítica científica os artigos publicados? E a Bíblia, que o povo americano considera o livro máximo da humanidade? Também é de crítica científica?

O mundo vai de mal a pior. Em política, não há ideiais salvadores. Há a lei do mais forte ou do mais astuto. E é curioso ver como as armas de dois gumes desempenham funções aparentemente salutares. De que são lógicas, não se pode duvidar um minuto. Harmonizam-se com a ética dos novos tempos que se vivem. Onde está um novo Erasmo que queira escrever um novo «Elogio da Loucura» ?...

A PRECE

A revista El Espiritista, *órgão oficial da «Catedra Simon Bolivar», de Maracay, Venezuela, estranha que a prece seja incluida no Estatuto da Sociedade de Medicina e Espiritismo, do Rio de Janeiro. Lemos isto no único exemplar que nos chegou às mãos daquele boletim e admiramo-nos de que os confrades venezuelanos desconheçam o valor da prece, que em tantos e diversos casos se exerce com grande eficácia. A prece não implica afastamento das normas científicas; antes pelo contrário, demonstra conhecimento dessas normas. O movimento vibratório do pensamento humano pode ser dirigido e amplificado, da mesma forma que as ondas electromagnéticas da T S F. Condenar a prece é mutilar o Espiritismo, é reduzi-lo a fórmula química sem projecção espiritual e sentimental.*

O Espiritismo necessita de abandonar certas directrizes que o pretendem reduzir a pura experiência. Há, pois, que intensificar os meios de comunicação com os amigos do Alto, sempre dispostos ao auxílio moral, à orientação sadia dos que olham para cima, a fim de melhor compreenderem o mistério do que há em baixo.

OBSESSÕES DE VÍCIOS DE EMBRIAGUEZ

Deseja libertar-se de obsessões e vícios de embriaguez? Envie o nome e endereço a Luís André. Rua Senador Pompeu, 169, loja, Rio de Janeiro. *Por meio de tratamento à distância, pode ser curado ou aliviado.*

Cá está a prece a exercer-se benèficamente nos que sofrem, quantas vezes sem esperanças de cura!

Quem sentir o efeito das irradiações daquele confrade, deve escrever-lhe para efeitos de estatística.

Noticiário

CONFERÊNCIA SOBRE O ESPIRITISMO BRASILEIRO

No dia 7 de Julho, às 21,30, o nosso confrade José António Marques, que reside no Brasil há perto de 30 anos, realizará uma conferência no Centro E. Luz e Amor acerca do Espiritismo Brasileiro. Atenta a palavra fácil deste amigo, vai ser uma noite de verdadeiro convívio espiritual. A comunicabilidade de J. A. Marques construirá mais um elo da grande corrente que liga os espiritas dos dois lados do Atlântico que falam o mesmo idioma e procedem do mesmo tronco rácico.

AMIGOS DE «ESTUDOS PSÍQUICOS»

Recebemos os seguintes donativos: A. M. — 500$00; Astreia, do Rio de Janeiro — 100 cruzeiros; José Pinho Trindade, de Luanda — 100$00.

Recebemos também há tempos os seguintes, que por lapso não foram registados na devida altura e de que pedimos desculpa: António J. Martins, 250$00; Jaime João Jerónimo — 95$00; José Augusto Gonçalves — 10$00; José A. Ramos — 25$00; Fernando da Cruz Ferreira — 240$00 (cotização).

Também em Outubro do ano passado recebemos os seguintes donativos, enviados pela Fundação Marieta Gaio, do Rio de Janeiro: Propaganda — 1.000$00; «Estudos Psíquicos» — 700$00.

A todos estes amigos, os nossos melhores agradecimentos, com votos de saúde e felicidade.

PARTICIPAÇÕES

Acaba de ser inaugurada a *União Espirita de Passo Fundo,* na cidade riograndense do mesmo nome, tendo a sua Directoria ficado assim constituída: *Presidente* — Ney Vaz da Silva (representante de *Estudos Psíquicos); Vice-presidente* — Alady Berlese de Lima; *1.º Secretário* — Antonina Xavier de Oliveira; *2.º Secretário* — Adão Nazaré; *Tesoureiro* — Tarquínio Cogo. *Doutrinadores* — Sebastião Castilhos, Santos Martins, Antonina Xavier de Oliveira, Dalva Rozendo e Júlio Campos. *Conselho Fiscal* — Pedro Cogo, Santos Martins, Manuel B. Teixeira de Sousa e Ernesto Formighieri.

Aos novos seareiros, as nossas saudações cordiais.

NOTÍCIAS DE BAURU

Na florescente cidade de Bauru, Estado de S. Paulo, Brasil, foi comemorado o dia 31 de Março — data da desencarnação de Allan Kardec. A *União Municipal Espirita de Bauru,* com o apoio dos centros locais, realizou uma sessão solene no Teatro S. Paulo, com a presença de várias autoridades, entre elas, o Prefeito Municipal e o Presidente da Câmara. O deputado Dr. Campos Vergal realizou uma conferência ouvida atentamente por mais de 2.000 pessoas. Seguiram-se números artísticos a cargo de elementos da *Juventude Espirita de Bauru,* tendo a sessão decorrido num ambiente de intenso entusiasmo.

REPRESENTANTES

Deixou de ser representante desta revista em Curitiba, Paraná, o sr. João Baptista Cardoso. O actual representante é o sr. João Ghignone, velho lutador que dirige a *Federação Espirita do Paraná,* a qual ainda há pouco inaugurou o *Lar Infantil Icléa* e já está a construir um novo *Albergue Nocturno* com capacidade para 200 leitos e uma modernissima «creche».

AS NOSSAS CONFERÊNCIAS

Como fora anunciado, o tenente Manuel Caetano de Sousa e o coronel Faure da Rosa realizaram conferências no Centro E. Luz e Amor, sob os títulos, respectivamente: «Das Trevas e da Luz» e «Fenomenologia Supranormal». A primeira constituiu um cântico de poeta à jornada milenária do Espírito, com suas alegrias e suas dores, seus êxitos e suas quedas, até à plenitude evolucionista; a segunda foi demonstração de beneditino carreando elementos preciosos no afã de engrandecer e consolidar o edifício espirita. Caetano de Sousa estreou-se auspiciosamente na nossa agremiação; Faure da Rosa juntou mais um laurel à sua coroa de triunfos.

PROGRAMA DOS TRABALHOS DO CENTRO NO MÊS DE JULHO DE 1949

Dia 7 de Julho, quinta-feira, às 21,30 — Conferência pelo confrade José António Marques: «Aspectos do Espiritismo Brasileiro» (este amigo regressa ao Brasil no dia seguinte).

Dia 8 de Julho ,sexta-feira, às 21,30 — Sessão do Grupo Redentor, dirigida pelo Dr. Adelino Gamboa.

Dia 14 de Julho, quinta-feira, às 21,30 — Sessão do Grupo Reper-Siam, dirigida por António Cardoso.

Dia 16 de Julho, sábado, às 21,30 — Sessão doutrinária com a médium D. Maria Cecília Gorina.

Dia 17 de Julho, domingo, às 16 horas — Conferência pelo capitão José Gonçalves Losa: «O Homem e o Seu Destino».

Dia 21 de Julho, quinta-feira, às 21,30 — Sessão do Grupo Reper-Siam, dirigida por Isidoro Duarte Santos.

Dia 23 de Julho, sábado, às 21,30 — Sessão doutrinária com a médium D. Maria Cecília Gorina.

Dia 28 de Julho, quinta-feira, às 21,30 — Sessão do Grupo Reper-Siam, dirigida por José Francisco Cabrita.

Dia 30 de Julho, sábado, às 21,30 — Conferência por Ramos Pereira: «A Origem do Universo» e encerramento do actual ano espirita.

NOTA — As conferências são públicas e as sessões são exclusivas dos sócios com as cotizações em dia.

CAMPANHA DE ASSINATURAS

Leitor amigo, auxilia-nos nesta campanha necessária, conseguindo mais um assinante para ESTUDOS PSÍQUICOS. As dificuldades crescem, o papel encarece, mas é preciso defender a causa Espirita.

Colabora conosco nesta cruzada. Dá-nos o teu apoio. Unidos, venceremos.

LIVROS NOVOS

Acabam de chegar ao nosso depósito as seguintes obras de grande projecção mental e espiritual.

Alegria e Triunfo, *por Lourenço Prado.* Exposição dos meios de realizar as nossas aspirações mais íntimas, encontrando a solução verdadeira do nosso caso.

Brochado ..... 22$00
Encadernado ..... 32$00

A Alma e o Subconsciente, *pelo Dr. Alberto Seabra.* É um dos melhores estudos sobre os fenómenos psíquicos, verdadeira aliança entre a ciência e a fé.

Encadernado ..... 22$00

Bagavad Gîta. A sublime canção da imortalidade, ou a doutrina esotérica da Índia. (Diálogos entre Krishna e Arjuna).

Brochado ..... 20$00

A Cultura da Coragem, *por Prentice Mulford.* Ensina a adquirir coragem para progredir em tudo.

Encadernado ..... 20$00

Conceito Rosacruz do Cosmos, *por Max Heindel.* 1.ª edição brasileira em óptimo papel, com gráficos a cores.

Brochado ..... 70$00

Curso de Magnetismo Pessoal, *por V. Turnbul.* Ensina a desenvolver o magnetismo pessoal e a influenciar os que nos rodeiam.

Brochado ..... 18$00
Encadernado ..... 28$00

Cura Prática pela Água, *por Yogi Ramacharaca.* Ensina a curar pela água, prescindo-se de outros tratamentos.

Brochado ..... 18$00

Dicionário de Ciências Ocultas. Obra indispensável a todos os estudantes de ocultismo e aos filólogos.

Brochado ..... 18$00

Ensaio sobre a Evolução da Ideia, *por F. Ch. Barlet.* Estudo comparativo das diversas correntes filosóficas desde o século 16, em relação com o esoterismo.

Brochado ..... 18$00

Fascinação Mental, *por W. W.* Atkinson. Obra importantíssima em que se desvendam muitos poderes de fakires, mágicos, feiticeiros, etc.

Brochado ..... 30$00
Encadernado ..... 40$00

A Força que Paralisa a Bala, *por Pedro Costa.* Contém ensinos sobre a aplicação das forças secretas e ensina como o sono fornece indicações para orientar a vida.

Brochado ..... 15$00
Encadernado ..... 25$00

Grafologia, Método para conhecer o carácter dos indivíduos pela sua escrita.

Brochado ..... 35$00

Hipnotismo (Do Instituto de Ciências Herméticas). O mais perfeito método de hipnotismo publicado em português.

Brochado ..... 40$00

Homeopatia Doméstica Brasileria. Livro de grande utilidade para as famílias, pois lhes permite conhecer o tratamento homeopático das doenças. É dividido em três partes, muito bem coordenadas.

Brochado ..... 18$00
Encadernado ..... 28$00

A Lei do Mentalismo, por Vitor Segno. Obra de alto valor para os que desejem aplicar as forças mentais na aquisição da saude, bem-estar e prosperidade.

Brochado ..... 30$00
Encadernado ..... 40$00

Leis da Saude e da Alimentação, *por Prentice Mulford.* Tratado de conselhos úteis para manter e adquirir a saude e expõe os efeitos da alimentação imprópria.

Brochado ..... 12$00
Encadernado ..... 20$00

Leitura Prática do Pensamento, *por W. W Atkinson.* Tratado prático de telepatia, com exercícios para desenvolvê-la e adquirir a faculdade de ler o pensamento dos outros.

Brochado ..... 16$00

Magnetismo (Do Instituto de Ciências Herméticas). Processos rápidos e fáceis para conquistar a força magnética e curar muitas doenças sem medicamentos.

Brochado ..... 40$00

Medicina Oculta (Do Instituto de Ciências Herméticas). Uma das partes mais importantes do esoterismo.

Brochado ..... 40$00

O Poder do Desejo, *por Alkinson e E. Beals.* Ensina a despertar e sustentar um alto poder de desejo para agir com eficácia e vontade forte.

Brochado ..... 22$00

Projecção de Eflúvios Vitais, *por A. Lalia-Paternostro.* Expõe os princípios básicos e os processos da transmissão das «forças vitais» por meio da radiopatia e explica cientificamente o fenómeno da cura a distância.

Brochado ..... 18$00
Encadernado ..... 28$00

Radiopatia (Método de aplicação dos raios solares e irradiações humanas no tratamento das doenças e rejuvenescimento do corpo). 5.ª edição.

Brochado ..... 35$00

Ziska, *por M. Coreli.* O problema de uma alma perversa. Romance sensacional dedicado aos estudiosos do ocultismo.

Brochado ..... 30$00
Encadernado ..... 40$00

As Veredas da Paz, *por Mário Ferreira.* Aponta-se aqui a causa dos males da humanidade que têm contribuido para as guerras e revoluções sangrentas e sugerem-se directrizes para bem dos povos.

Brochado ..... 30$00

Interpretação Sintética do Apocalipse, *Cairbar Schutel.*

Brochado ..... 8$00

(continua na página seguinte)

O Espiritismo e os Problemas Humanos, *por Deolindo Amorim.* Livro verdadeiramente original. O problema moral e social à luz do Espiritismo, apresentado por um cultor do vernáculo que é, ao mesmo tempo, grande amigo de Portugal.

Brochado ..... 20$00

Corpo e Espírito, *pelo Dr. Carlos Imbassahy.* Interessante obra onde se descrevem as faculdades psíquicas do indivíduo com relação ao corpo somático.

Brochado ..... 22$00
Encadernado ..... 30$00

Mediunidade, *pelo Comandante Edgar Armont.* Estudo da mediunidade e seu desenvolvimento de harmonia com as mais recentes investigações.

Brochado ..... 25$00

António de Pádua, *por A. Martins de Castro.* Vida e obra deste alto espírito que a igreja canonizou.

Brochado ..... 18$00

Cartas do Evangelho, *pelo Espírito do grande poeta brasileiro Casimiro Cunha.* Formosíssimos versos recebidos pelo médium Francisco Cândido Xavier.

Brochado ..... 25$00

Coisas do Outro Mundo. Descrição da célebre operação de apendicite feita por um Espírito em Pindamonhangaba e que apaixonou o público brasileiro.

Brochado ..... 16$00

Colectânea do Além, Comunicações mediúnicas em prosa e verso de conhecidos escritores, recebidas pelo médium Francisco Cândido Xavier.

Brochado ..... 12$00
Encadernado ..... 20$00

Médiuns e Mediunidades, *por Caibar Schutel.* Resumo do «Livro dos Médiuns».

Encadernado ..... 18$00

A Mediunidade sem Lágrimas, *por Eliseu Rigonatti.* Instruções práticas para sessões de Espiritismo. Muito claro e útil aos que desejam estudar e praticar.

Brochado ..... 15$00

O Orador Espirita, *por Eliseu Rigonatti.* O que é preciso para se tornar orador espirita.

Brochado ..... 10$00

Deus para as Criaturas, Comunicações mediúnicas cheias de elevação e interesse doutrinário, verdadeira fonte de conforto espiritual.

Brochado ..... 40$00

A Era do Aquário, *pelo Dr. Anibal Vaz de Melo.* Livro de antecipação histórica baseada na astrologia. Obra original e arrojada.

Brochado ..... 35$00

Síntese do Novo Testamento, *por Minimus.* Livro utilissimo a todos os que desejem conhecer e estudar a génese biblica sem grande esforço e fadiga mental.

Brochado ..... 25$00
Encadernado ..... 35$00

Luz Acima, *pelo Irmão X (Humberto de Campos).* Crónicas do Além, recebidas pelo médium Francisco Cândido Xavier. Edição de 10.000 exemplares.

Brochado ..... 20$00
Encadernado ..... 30$00

A Vida Depois da Morte, *por Yogi Ramacharaca.* Contém os ensinos da filosofia yogi sobre a vida além do véu. Um livro consolador.

Brochado ..... 18$00

Um Só Senhor, *pelo Dr. Romeu Camargo.* Obra empolgante sobre o futuro do Espiritismo, com a biografia do famoso médium Francisco Cândido Xavier.

Brochado ..... 28$00

Memórias do Padre Germano, *por Amália Domingo Soler.* Obra sã, verdadeiro breviário de ascensão espiritual destinada aos que desejem preparar-se para a grande viagem.

Brochado ..... 37$00
Encadernado ..... 47$00

Os Meios Físicos e Naturais na Profilaxia e Cura, *pelo Dr. Fred Wachsmann.* Um belo tratado sobre a cura das doenças através dos agentes naturais.

Brochado ..... 28$00

Na Seara do Mestre, *por Vinicius.* Obra de grande conforto moral baseada nos Evangelhos à luz do Espiritismo.

Brochado ..... 24$00

As Heroinas de Hydesville, *por Alfredo Miguel.* A história dramática das irmãs Fox, que revelaram ao mundo os primeiros fenómenos do Espiritismo.

Brochado ..... 15$00

Para o Alto, *pelo prof. Leopoldo Machado.* Formosos apólogos e contos espiritas.

Brochado ..... 20$00

52 Lições de Catecismo Espirita, *por Eliseu Rigonatti.*

Brochado ..... 15$00

As Nossas Edições

Leiam as nossas edições e aumentarão os seus conhecimentos!

Nos Umbrais do Além, *por Sir William Barrett,* antigo professor de Física na Universidade de Dublin — Análise científica dos fenómenos do Espiritismo, em tradução de Isidoro Duarte Santos. Livro quase esgotado a pesar de se ter feito uma tiragem de 2.000 exemplares.

Brochado ..... 25$00
Encadernado ..... 35$00

Luz no Caminho, *por Isidoro Duarte Santos.* Páginas de análise evangélica à luz do Espiritismo e dedicadas à humanidade sofredora. O maior êxito de crítica espirita e profana. Encontra-se também quase esgotado e por isso a sua venda passa a ser feita directamente pela revista *Estudos Psíquicos.*

Brochado ..... 27$50
Encadernado ..... 37$50

Cientismo e Espiritismo, *pelo Professor Leopoldo Machado* — Livro que tem suscitado aceradas críticas pelo arrojo e desassombro da sua análise. Em 222 páginas encontra-se o estudo comparativo das actuais doutrinas científicas perante o Espiritismo Moderno. É uma obra que todo o espirita deve ler.

Brochado ..... 18$00

PIERINO GAMBA (O menino-maestro à luz de nova psicologia), por *Isidoro Duarte Santos.* Análise serena de um grande problema psicológico e tendente a esclarecer os que se apaixonaram pelos maravilhosos concertos do pequenino regente de orquestra. A primeira obra mundial sobre este assunto de palpitante actualidade, com 6 gravuras «hors-texte».

Brochado ..... 20$00

Todas estas obras se enviam à cobrança para Portugal e Ilhas Adjacentes. Remessas para as colónias, só contra pagamento adiantado, incluindo 10 % de porte, registo e embalagem.

Obras de Ciências Psíquicas e Filosofia Neo-Espiritualista

(em depósito nesta redacção)

	br.	enc.
Têm Razão?	40$00	50$00
Conselhos a Meu Filho		15$00
Contos		15$00
Esquetes (próprios para representar)		50$00
Espiritismo e Medicina	20$00	30$00

FRANCISCO CÂNDIDO XAVIER (Médium)

Alvorada Cristã, pelo *Espírito de Neio Lúcio*, livro maravilhoso e educativo, para crianças de todas as idades	16$00	
Boa Nova (quadros evangélicos), ditados pelo *Espírito de Humberto de Campos*	20$00	30$00
O Consolador, pelo *Espírito de Emmanuel*, resposta a 461 perguntas	20$00	30$00
Cartilha da Natureza, pelo Espírito do poeta Casimiro Cunha	18$00	
Crónicas de Além-Túmulo, ditadas pelo *Espírito de Humberto de Campos*	20$00	
Emmanuel, repertório de ensinamentos cristãos, ditados pelo Espírito de *Emmanuel*	18$00	
Há dois mil anos, romance empolgante ditado pelo *Espírito de Emmanuel* (nova edição)	30$00	40$00
50 Anos Depois, continuação do romance supra, pelo *mesmo autor*	30$00	40$00
Lázaro Redivivo, pelo *Espírito do irmão X* Humberto de Campos	25$00	
Luz Acima, crónicas pelo *Espírito de Humberto de Campos*	22$00	30$00
Mensageiros (Os), pelo *Espírito de André Luiz*	26$00	36$00
Missionários da Luz, pelo *Espírito de André Luiz*, obra dedicada às pessoas cultas	32$00	42$00
Nosso Lar, pelo *Espírito de André Luiz*	26$00	36$00
No Mundo Maior, pelo *Espírito de André Luiz*	26$00	36$00
Obreiros da Vida Eterna, pelo *Espírito de André Luiz*	32$00	42$00
Parnaso de Além-Túmulo (maravilhosa colectânea de poesias ditadas por espíritos de poetas luso-brasileiros), Nova edição melhorada	40$00	50$00
Paulo e Estêvão (livro famoso considerado pelos eruditos como a mais completa biografia de S. Paulo) (nova edição)	40$00	50$00
Renúncia, romance empolgante e consolador, destinado aos tristes e desesperados, ditado por *Emmanuel*	30$00	40$00
Reportagens de além-túmulo, pelo Espírito de *Humberto de Campos*	26$00	36$00
Volta Bocage, Sonetos pelo *Espírito de Bocage*	12$00	

OBRAS DIVERSAS

Almas Crucificadas, empolgante romance mediúnico, ditado pelo *Espírito de Vitor Hugo*	35$00	45$00
Análise das Coisas, pelo *Dr. Paulo* Giber	18$00	28$00
Arcanos da Natureza, por *Alexandre Dias*		5$00
Barqueira do Júcar, romance mediúnico, recebido por *J. F. Colavida*	20$00	30$00
Beijo (O) da Morta, romance mediúnico recebido por *Celestina Arruda Lança*	22$00	32$00
A Casa Assombrada, romance por *Maria Veleda*	10$00	
A Casa Assombrada, romance pelo *Dr. Bezerra de Meneses*	26$00	36$00
O Caso Humberto de Campos, descrição do célebre processo judiciário movido à Federação E. Brasileira e ao médium Francisco Cândido Xavier, da autoria de *Miguel Timponi*. Um grosso volume	24$00	34$00
Ciência Divina, pelo *Espírito de Jaime Braga*, recebido pelo médium *Doutor Porto Carreiro Neto*	26$00	36$00
Claustro (O), romance realista acerca da vida eclesiástica, por *Manuel Arão*		30$00
Conselhos a Meu Filho, (colectânea de ensinamentos morais muito interessantes), pelo *Dr. Inácio Ferreira*		15$00
Contribuições para o Espiritismo, por *Alexandre Dias*	12$00	
Cristianismo (O) do Cristo e o dos seus vigários, pelo *Padre Alta*	30$00	40$00
Cruzada Redentora, romance reencarnacionista de fundo histórico, por *António Lima*	40$00	50$00
Didaquê Espirita, por *Carlos Lomba*, Curso completo de Espiritismo para crianças de 6 a 14 anos	12$00	
Do Calvário ao Apocalipse, pelo *Espírito de Bittencourt Sampaio*	25$00	35$00
Do Calvário ao Infinito, grande romance mediúnico, ditado pelo *Espírito de Vítor Hugo*	42$00	52$00
Domínio Nefando, por *Arlindo Colaço*		24$00
Doutrina (A) de Jesus, por *Vinicius*	7$00	
Eça de Queiroz Póstumo	24$00	34$00
Elucidações Evangélicas (resumo da obra de Roustaing), pelo *Dr. António Luiz Saião*	45$00	55$00
Ensinos Espiritualistas, (descrições da vida do além) por *A. Stainton Moses*	25$00	35$00
Entre dois mundos (romance), por *Antoinette Bourdin*	20$00	30$00
Expiação, por *Areolino Gorjão*	20$00	30$00
Espiritismo e Medicina, obra em que o autor faz sua profissão de fé espirita, pelo *Dr. Inácio Ferreira*	20$00	30$00
Espiritismo (O) à luz dos Factos pelo *Dr. Carlos Imbassahy*	30$00	40$00
Espiritismo (O) Contemporâneo, pelo *Dr. Martins Velho*	20$00	
Espírito (O) Consolador, pelo *Padre Marchal*	26$00	36$00

(Continua na 4.ª pág. de capa)

ESTUDOS PSÍQUICOS

REVISTA MENSAL — AO SERVIÇO DO ESPIRITISMO LUSO-BRASILEIRO

Rua do Salitre, 149, 1.º — LISBOA

Propriedade de ISIDORO DUARTE SANTOS, a quem deve ser dirigida toda a correspondência

REDACTORES — CORRESPONDENTES

Rio de Janeiro	*Deolindo Amorim*	Buenos Aires	*Dr. Luís Postiglioni*
Nova Iguassú	*Leopoldo Machado*	Paris	*Henri Regnault*
Uberaba	*Dr. Inácio Ferreira*	Liège	*Achille Biquet*
Pernambuco	*Capitão Nelson Kerensky*	Baurú	*Nabor da Graça Leite*
Baia	*Alfredo Miguel*	Santiago do Chile	*Ernesto Moog*
Porto Alegre	*Dr. Paulo Hecker*	México	*Rufino Juanco*
Gubbio, Itália	*Dr. Pietro Ubaldi*	Rosário	*Tito Livio Bancéscu*
Ponta Negra	*António J. Martins*	Índia Portuguesa	*Raul Sepúlveda Fontes*
Belo Horizonte	*Dr. Noraldino de M. Castro*		

REPRESENTANTES NO BRASIL

Rio de Janeiro	*José Bittencourt A. Coutinho*	Maceió	*Jaime Xavier da Silva*
Curitiba	*João Ghignone*	Fortaleza	*José Borges dos Santos*
Vitória	*Dr. Airton Loureiro Machado*	Franca	*Dr. Agnelo Morato*
Porto Alegre	*José Simões de Matos*	Cruzeiro	*José Zácaro Neto*
Ribeirão Preto	*Dr. Jaime Monteiro de Barros*	Passo Fundo	*Ney Vaz da Silva*
S. Paulo	*Vicente S. Neto*	Sacramento	*Corina Novelino*
Taubaté	*Geraldo de Oliveira*	Rio Preto	*Leónidas Gois*
Belo Horizonte	*Centro Luz e Humildade*	Juiz de Fora	*Orville Derby Dutra*
Natal	*Filipe Soares de Melo*	Pelotas	*Dr. Djalma de Matos*

Os artigos assinados são da responsabilidade dos seus autores ★ Não se devolvem originais, sejam ou não publicados

ASSINATURAS

Continente (cada série de 6 números, não incluindo as despesas de cobrança), 25$00—Brasil (12 números), Cr. $50,00, ou 60$00—Colónias (12 números) moeda equivalente a 60$00—Número avulso 4$50 — Número atrasado, 5$00.

Orgão do Centro Espiritualista Luz e Amor de Lisboa, e da Maternidade Casa da Mãe Pobre, do Rio de Janeiro

Obras de Ciências Psíquicas e Filosofia Neo-Espiritualista

(em depósito nesta redacção)

	br.	enc.
ALLAN KARDEC		
O que é o Espiritismo	12$00	
O Céu e o Inferno	26$00	36$00
O Livro dos Espíritos	22$00	32$00
O Livro dos Médiuns	22$00	32$00
O Evangelho Segundo o Espiritismo	22$00	32$00
Obras Póstumas	22$00	32$00
A Génese (nova edição)	28$00	38$00
LÉON DENIS		
Catecismo Espirita	7$00	
O Além e a Sobrevivência		22$00
O Porquê da Vida (nova edição)	24$00	32$00
O Grande Enigma	18$00	28$00
Depois da Morte	35$00	45$00
Cristianismo e Espiritismo	30$00	40$00
No Invisível (nova edição)	36$00	46$00
O Problema do Ser e do Destino (nova edição)	36$00	46$00
Joana d'Arc Médium		35$00
GABRIEL DELANNE		
A Evolução Anímica	28$00	38$00
A Alma é imortal	28$00	38$00
O Espiritismo Perante a Ciência	28$00	38$00
ERNESTO BOZZANO		
Animismo ou Espiritismo?	30$00	34$00
Fenómenos de Transporte		18$00
Metapsíquica Humana	20$00	
Pensamento e Vontade	15$00	
CAMILLE FLAMMARION		
Casas Mal Assombradas	28$00	38$00
Deus na Natureza	35$00	45$00
O Fim do Mundo	24$00	34$00
Deus na Natureza	36$00	46$00
Stella (romance astronómico)	26$00	36$00
Urânia	22$00	32$00
DR. INÁCIO FERREIRA		
Novos Rumos à Medicina (1.º volume)		50$00

(Continua na 3.ª página de capa)

ESTUDOS PSIQUICOS

Mensário de Estudos Psíquicos e Neo-espiritualismo Experimental
(ao serviço do Espiritismo luso-brasileiro)

10.º ANO — LISBOA, JULHO DE 1949 — N.º 7

Redactores: Ramos Pereira, António Cardoso — Director, Editor e Proprietário: Isidoro Duarte Santos — Administrador: Maria Gonçalves D. Santos

Redacção e Administração: RUA DO SALITRE, 149-1.º — LISBOA

Composto e Impresso na EDITORA GRÁFICA PORTUGUESA, LDA. — Rua Nova do Loureiro, 20 — Telefone 2 5295 — LISBOA

ESCREVER

É arte difícil, a de escrever, transmitindo ao papel impressões de leitura ou anseios de conhecimento. E mais difícil ainda, quando responsabilidade pese sobre os ombros frágeis do autor, quando ele oriente determinado sector de vida mental ou espiritual e seja constantemente observado em suas palavras e actos. É arte difícil, a de escrever com propriedade, burilando a frase e precisando a ideia, de modo que a clareza não se ofusque com ouropeis de falsa linguagem e a verdade não se deturpe com gongorismos retumbantes que podem influenciar pelo estrépito, mas não perduram pelo conceito.

O homem só deve falar quando tiver que dizer. Gastar o tempo em verborreia inútil é abusar da paciência do leitor e não ter em conta a inteligência alheia.

Uma revista não deve ser estrado de onzeneiros nem palanque de malabaristas, mas tribuna de princípios sãos onde a razão dê as mãos à tolerância, manancial de vida em que ideias cintilem como estrelas novas e virtudes se afirmem cheias de valor moral. Para isso é necessário experiência, discernimento, cultura variada, equilíbrio mental, perfeita noção dos problemas. Não basta dar elegância à frase; é preciso cimentá-la, baseá-la em juizos rectos e prudentes. À pureza do verbo, à delicadeza da expressão, junte-se a limpidez da verdade e a palavra escrita será conselho, distracção, refrigério, domínio, jugo suave. Será tudo o que quisermos, tudo o que imaginarmos de elevado e sadio e possa contribuir para surtos de espiritualidade forte e grandiosa.

Apliquemos o método à Doutrina e veremos aumentar a fé e os adeptos. Afastemos a mentira, o dolo, a veniaga, e cultivemos a árvore da justiça como pudermos e soubermos. Onde estiver a alma deve estar o coração. Inteligência e sentimento, sensibilidade e compreensão, tudo ao serviço da bandeira que se empunha, do ideal que se abraçou.

É arte difícil, a de escrever, e mais difícil a de pensar. Reuni-las é atingir a plenitude do bom senso e da elegância mental.

Gostaríamos de ver maior aprumo em certos plumitivos e maior esmero em críticas fáceis. Que a língua, a formosa e doce língua portuguesa, não servisse a ódios e a malquerenças, não encobrisse intenções malévolas e ideias inconfessáveis. Que ela não fosse apoucada em pugnas inglórias que abrem covas e barrancos onde devíamos rasgar estradas amplas e asfaltadas.

Sejamos correctos e leais. Que a escrita seja clara e nobre o pensamento. Deste modo, a arte difícil de escrever atingirá proporções tão altas, que em pouco tempo reformará o homem e lhe dará noção diferente do mundo que o envolve e serve de cruz ao seu destino.

AMOR E PROCRIAÇÃO

QUANTO mais baixo é o grau biológico ocupado pelo ser na evolução, mais o problema da protecção da prole se reduz à sua expressão mais simples. Nesses casos, a natureza protege o ser menos valorizado quanto à qualidade, com a quantidade, isentando-o assim das funções protectoras, para que também a selecção se possa fazer melhor. Mas, à medida que se ascende na escala evolutiva e se atinge a formação de um tipo biológico mais perfeito, o problema da protecção torna-se mais importante. Trata-se de um produto mais precioso, fruto de um processo evolutivo mais demorado, de uma formação mais trabalhosa e, portanto, mais rara nos actuais exemplares. É lógico que a Natureza proteja com maior cuidado um valor maior.

No homem, o recém-nascido, devendo desenvolver-se até alcançar funções superiores, tem necessidade de assistências ignotas nos planos inferiores, assistências que o procriador pouco evoluido não pode dar-lhe. Nas condições de civilização a procriação não é, na sua essência, mais do que um acto simples e instintivo, tal como entre os primitivos no estado animal, mas torna-se um acto complexo e reflexo, cheio de consequências e de responsabilidade. Enquanto nos animais e no homem inferior a procriação quase que termina com o acto físico da geração, no homem que não viva só no plano animal projecta-se no campo moral e compreende também a educação tendente à formação da personalidade. Enquanto no plano animal os procriadores podem logo desinteressar-se da prole e libertar-se, no homem no estado não animal o laço carnal e a obrigação de assistência e de guia, dura dezenas de anos. Questão de organização e de previdência.

Daqui resulta que na sociedade civil o fenómeno da preocupação vem ligar-se estreitamente com o fenómeno económico, que, desta forma, influi no fenómeno biológico da reprodução. Segue-se, portanto, que quanto mais alto sobre o nível de vida de uma civilização e mais cara se torna a manutenção do indivíduo, mais apertado é o controle da natalidade.

Dada a economia da Natureza, a grande reparadora, a qualidade obtém-se à custa da quantidade. E então as mais requintadas e complexas condições de civilização transformam-se em freio para a reprodução e pagam-se com a pobreza demográfica. Para voltar à quantidade, torna-se necessário baixar a qualidade. As duas coisas ao mesmo tempo não podem obter-se. Ou força ou número. Se um povo for rico e dominador, será pouco numeroso e com tendência para diminuir ainda mais de densidade. Se for pobre e humilde, os seus filhos invadirão o mundo. Sábio equilíbrio das leis que não está sujeito a qualquer coacção política. A luta entre a inteligência que alcançou o predomínio económico e a carne expressa pela massa demográfica reduz-se a uma distribuição de funções, até que a carne das massas amorfas, educada pela inteligência dos dominadores, subindo ao nível destes, os substitua em grau e formação biológica. No entanto, a qualidade dos povos senhores e o seu alto nível de vida, constituem uma conquista da evolução. Uma representa trabalhos da vida e o outro defende-o. Sabendo quanto lhe custa, pelas leis da sua economia, a vida precisa mantê-lo a todo o custo e, para isso, sacrifica a abundância da produção. É assim que, para proteger a preciosa conquista da qualidade, sacrifica a quantidade que a ameaça. Tudo se paga na Natureza. Paga-se a mortalidade menor, a cultura, a segurança, a protecção social, o bem-estar, tudo, enfim.

Pode alcançar-se assim um nível de desenvolvimento do qual os povos mais prolíficos e numerosos são excluídos, até que, por seu turno, ascendam e, diminuindo, estejam em condições de substituir os mais evoluidos, repetindo o mesmo ciclo, igual para todos.

O progresso, portanto, desloca-se com vantagem para os filhos que, desta forma, sobrecarregam os pais e a sociedade. É, pois, natural que, pelo egoismo defensivo do indivíduo, este se esquive à procriação, que é cada vez mais sobrecarregada com deveres e responsabilidades.

Dadas as suas consequências, sempre mais graves à medida que a civilização progride, a procriação é, assim, cada vez mais controlada, sujeita a cálculos, dependente da luta pela vida, que pode restringi-la, diminui-la e até sufocá-la. Desta forma, o factor económico substitui-se ao biológico que, devendo ser o principal, é relegado para segundo plano, com perigo da selecção sexual e dos próprios filhos. Para uma procriação sã e seleccionada, o amor devia ser independente do factor económico e das pressões sociais de toda a espécie, para só obedecer às próprias leis. A necessidade de disciplinar o amor à protecção dos filhos, sua consequência e, por outro lado, a luta do indivíduo para fugir a essa disciplina que lhe pesa, agravam cada vez mais a procriação e até os próprios filhos que, desta forma, com o seu sacrifício

em quantidade e qualidade, pagam todo o encargo que custam aos pais e à sociedade. Porque não se pode ter tudo ao mesmo tempo e tudo se paga.

O Amor na nossa sociedade civilizada também está sujeito às necessidade do cálculo e o cálculo é o primeiro passo para a prostituição. Por outro lado, é natural que a sociedade humana, apercebendo-se de que o acto procriativo é a base da sua constituição, tenha querido discipliná-lo. As religiões, primeiro do que o Estado enquadraram e ordenaram o amor, equilibrando direitos e deveres, na instituição do matrimónio. Mas ele é uma lei, disciplina exterior, que o homem aceita até onde sabe e quer. Mas quando o homem não sabe ou não quer não há coacção de leis ou instituição, por melhor que seja, de que não possa evadir-se.

E, assim, no regime perfeito de indissolubilidade, mantendo intacta a integridade da família, não se pode impedir que o matrimónio se transforme num negócio, na mais vantajosa modalidade da prostituição.

O divórcio, nesse caso?...

Para isso só existe uma resposta: todas as leis são

UM ARTIGO DE

PIETRO UBALDI

(CORRESPONDENTE EM ITÁLIA)

inúteis quando os indivíduos estão corrompidos; todas são boas quando eles são prudentes. Quando o homem quer evadir-se, evade-se e todas as peias são inúteis. O pior é para ele, mas, se quiser, evade-se porque é livre. Pagará, mas evade-se. Mais tarde compreenderá, mas agora não compreende. A vontade individual é mais forte do que a lei. Em todos os campos acontece o mesmo. Só obedece quem quer às leis humanas, embora reforçadas com todas as coacções. O valor das leis depende de quem e como são manejadas. Se às leis exteriores não corresponde um sentimento forte de uma lei mais íntima e maior, todas as leis humanas são inúteis e de escasso efeito. Desta forma, a lei do divórcio reduz-se a uma legislação exterior e a um facto que, mesmo sem divórcio, existe igualmente há muito tempo. O negá-lo valerá como afirmação teórica e como princípio, mas, de facto, cada um resolverá o problema por sua conta, conforme o seu carácter e convicções. O negá-lo seria uma espécie de peia, um obstáculo levantado à actual geração de evoluidos, impedindo-os de se lançarem por essa porta aberta na desejada desordem que se chama liberdade, evitando que exibam essa desordem, juridicamente legalizada.

Mas neste caso, como em todas as coisas, a substância, as causas, as consequências a pagar, são todas pessoais e íntimas e fora das leis, até certo ponto. Portanto, a questão não é tanto jurídica como moral.

★

Observemos em dois casos típicos, em que se pode transformar o amor, na nossa sociedade, sujeito à pressão do factor económico e da luta pela vida.

1.º caso — Uma excelente rapariga, crente, obediente aos sensatos conselhos dos pais, cumpridora das normas sociais, hábil calculadora e zelosa da sua posição mundana, que não queria perder, desejando tanta coisa ao mesmo tempo, arriscava-se a casar muito tarde. Se a rapariga é pobre acontece o mesmo, porque pretende alcançar uma posição e só a alcança depois de passar a mocidade. Qualquer delas casa por conveniência e reflexão, fazendo cálculos, com todas as aprovações e consentimentos dos pais, família, leis religiosas e civis, e com assentimento da sociedade.

Casam, mas o amor não existe ou, entre tantas reflexões, ocupa pequeníssimo lugar. Mas, em compensação, o orçamento está assegurado, os cônjuges vivem tranquilos, a protecção aos filhos está resolvida. Posição ideal, fruto de prudentes sacrifícios, bem ganha, também para os filhos. Ela foi sensata e honesta, soube esperar, sacrificar o instinto e está ilibada. Inegàvelmente, cumpriu todas as exigências sociais, tudo está em ordem, na mais perfeita ordem e a sociedade aplaude, estima-a e respeita-a. Tudo foi feito segundo as regras e com a maior vantagem. A reflexão, isto é, o cálculo, triunfou, a vitória da luta pela vida é completa e todos se curvam, mas há um pequenino facto, secundário para a sociedade civilizada: as leis da idade e do amor foram violadas, a frescura vital desapareceu e o amor, obrigado a adaptar-se, não se pode saber em que se transformou.

Os corações desiludidos pela expectativa lançam-se sobre os últimos lampejos da mocidade com inútil voracidade, os filhos não nascem ou são fracos, filhos de descontentes e de velhos, seres que não podem amar ou gozar a vida, nascendo já cansados sem forças para afrontar e triunfar na luta. A batalha económica foi vencida, mas perdeu-se a batalha biológica. É esta a história de muitos casamentos de luxo, em que não importa a pessoa com quem se casa, mas apenas o capital que possui. Os infelizes filhos a quem se devia preparar o caminho, pagarão essa excessiva preocupação. Crescerão, é certo, no meio de comodidades, de riqueza, cheios de mimos, artificialmente isentos da luta pela vida, onde se tornarão mais fracos e imbecis e, automàticamente, perderão a riqueza que a inaptidão lhes roubou. E aquilo que gratuitamente alcançaram acaba por custar-lhes muito caro. A vida deve ser uma luta, um exercício, e a Natureza expulsa os parasitas e os ociosos. A riqueza só vale pelo trabalho, o esforço que despendemos a conquistá-la, mas quando se transforma em instrumento de ócio e de parasitismo, representa um perigo. Nos casos mais graves, a Natureza nega, definitiva-

mente, a reprodução. Mas, em todos os casos, a vitória económica representa a derrota biológica.

2.° caso — Uma rapariga, rebelde aos conselhos dos pais e às normas da sociedade, de temperamento apaixonado e sem cálculo, não atendendo à posição social, disposta a sacrificar tudo pelo amor, esquece a auto-defesa, deixa-se arrastar pelo instinto e, contràriamente a todas as leis religiosas, morais e sociais, ama e gera ainda nova e realiza um casamento de amor, quando não fica só e abandonada. O seu destino está traçado, aguarda-a uma vida dura de trabalho e de sacrifício, não lhe reconhecem direitos, tem de submeter-se a tudo e não lhe concedem qualquer protecção para o filho. Não soube esperar, sacrificar o instinto, ser ajuizada e honesta. Os pais e a família, desolados e descontentes, as leis religiosas e sociais violadas e, aparentemente, tudo em desordem, tudo fora das normas e todas as desvantagens de uma péssima posição. A sociedade condena-a e despreza-a. A sinceridade e a espontaneidade do amor triunfaram, mas como perdeu a batalha da vida, todos a repelem. Não foi hábil, não soube vender-se, protegendo-se com contratos, não soube utilizar a lei em seu proveito. Consideram-na uma falida, uma espécie de destroço económico e por isso todos se revoltam porque tem de pagar o erro que pesará sobre ela, justificando a necessidade de adaptação. Simplesmente, esse erro não foi de carácter biológico, mas económico, e a sociedade atende mais ao segundo do que ao primeiro. Entretanto, temos pequeno pormenor a atender, que, para o mundo civilizado, é secundário, isto é, as leis da idade e do amor foram respeitadas. Os filhos concebidos no vigor da mocidade e no ímpeto do amor, são robustos, nascidos para amar e gozar a vida, para afrontar e vencer a luta cotidiana. Perdeu-se a batalha económica, mas venceu-se a biológica. A sociedade despreza, mas, em comprensação, a vida aprova. Parece então que esta pensa por forma muito diferente da outra. Os pontos de vista e os fins são muito diferentes. Onde uma condena, a outra premeia. É certo que os filhos serão pobres, mas bem armados para a luta da Natureza e a ausência de comodidades protectoras os exercitará desde pequenos e os fortificará, de modo que lhes será fácil vencer os enfraquecidos filhos da riqueza, expulsá-los do seu refúgio protector. É assim que a Natureza restabelece o equilíbrio, enfraquecendo os protegidos e fortificando os deserdados; e os filhos, que pareciam ser os mais felizes, se tornam desgraçados, e os desventurados, em aparência, se tornam vencedores. Na sua justiça, a Natureza restitui a uns, à custa dos outros, roubando-lhes o que a princípio receberam a mais e a derrota económica transforma-se numa vitória biológica.

Estes são dois casos opostos e típicos nos limites. Na prática, são numerosas as combinações e vêm demonstrar-nos que a civilização, perante a preocupação económica, sua consequência, tende a transformar-se num impulso anti-vital e que se torna necessário, para efeitos da evolução, libertar o fenómeno biológico da sua prejudicial dependência do fenómeno económico. É evidente que, na época actual, este último pesa sobre a selecção sexual, sobre a reprodução, sobre o amor e todas as suas consequências.

A precupação económica é um golpe que a luta pela vida vibra à própria vida, ataque este lançado ao contrário dos das feras e dos elementos. Mas assim como o progresso suavizou aquela forma de luta, actualmente menos cruel e feroz, também a assistência estatal deveria dar um tributo sempre maior e mais intenso à sociedade para defesa da sua procriação. Os casos do primeiro tipo explicam-se com a pressão universal que tudo submete às necessidades materiais. O homem bem sabe que a Natureza não brinca e se defende atacando por outro lado e onde pode. No nosso grau de evolução a luta tornou-se incruenta, menos física do que psíquica, mas nem por isso menos feroz. Para o homem que só se vê a si, à família e à sua breve vida, a Natureza, tendendo para fins complexos e longínquos, mostra-se impiedosa e é assim que ele sacrifica a futura vitória biológica da raça à presente vitória económica individual. No amor nós vemos a vida em luta consigo própria, porque pretende alcançar dois fins que, no momento presente, se combatem: a conservação do indivíduo e a conservação da espécie. O egoismo que defende o indivíduo defende-se do egoismo da espécie e este tende a esmagar aquele.

O homem desejaria eximir-se o mais possível à fadiga de evoluir, ao passo que a Natureza exige o seu esforço para obrigá-lo a progredir. O progresso custa tanto trabalho, dor, sacrifício de vida, que o instinto da conservação individual se retrai. O homem desejaria vida fácil, cheia de prazeres e, pelo contrário, espera-o uma vida dura de evolução. A sociedade agita-se para sair deste jugo e assume, alternadamente, atitudes diversas, mas em vão. Nos períodos de bem-estar, quando predominam regimes de ordem, a família é sã, os filhos protegidos e encorajados, fixa-se o progresso e a pressão demográfica, a consciência colectiva desperta, firma-se na força e com ele o sentimento nacional, o amor da pátria, a fé e a disciplina. Este períodos e regimes acabam sempre com as guerras de conquista para a expansão. Se esse povo vence torna-se grande à custa dos povos vencidos; se perde, enfraquece a favor dos povos vencedores. Neste caso, aparecem os regimes fracos de destruição e desordem, semeia-se a miséria, a família enfraquece e desorganiza-se, a progenitura não protegida diminui, enfraquece o desenvolvimento demográfico, a consciência colectiva adormece e com ela o sentimento nacional e o desejo de guerra expansionista. Desta forma se chega à paz, mas à custa do próprio enfraquecimento. A Natureza só tem um fim: a vitória.

É por este caminho que ela derriba os povos sempre que se verifique uma exuberância de força e, embora esse capital custe caro ao homem, não lhe proporciona prazer, mas obriga-o a despender todas as suas forças para obter a vitória. Se perde, pior para ele. Se um povo se recusa a este belo combate, a vida inutiliza-o com o enfraquecimento, com a servidão e a extinção. E o indivíduo, impelido pelo próprio instinto egoístico de conservação, manietado pela necessidade da própria defesa, esmagado por preocupações de toda a espécie, afasta para o mais longe que pode a avalanche das necessidades biológicas que pouco lhe importam e sacrifica e adultera o amor e a procriação, atingidos pelos resultados funestos da luta pela vida.

De quem é a culpa, neste caso? Quando não há margem para tudo, é natural que o indivíduo pense primeiro na própria conservação do que na qualidade da sua prole e anteponha a vitória própria à vitória biológica, menos urgente, de raça.

O amor não é simplesmente uma função em proveito dos que nascem e dos que geram. Se é um fenómeno biológico, demográfico e social de interesse colectivo, pode também considerar-se um fenómeno electromagnético, hormónico e genético de interesse individual. A troca de irradiações de polos eléctricos opostos é um excitante do dinamismo nervoso em que os dois, recìprocamente, se descarregam do supérfluo e se carregam do necessário. A troca hormónica, fenómeno ainda pouco compreendido pela ciência e que só é possível verificar, realizando-se através das mucosas, renovando as células, influi como regulador da troca. Tudo isto é necessário e útil à vida dos genitores, independentemente da procriação. Em último lugar e unido aos precedentes, aparece o fenómeno genético, pelo qual, através da nossa vida individual outra vida se individualiza, até se tornar autónomo, separando-se dos pais. É impossível explicar aqui como o princípio espiritual se encarna no feto e com aquele se une à força física, às leis, forças e afinidades que o regem. Entremos no campo espiritual em que amadurecem os fins da vida e para o qual o organismo corpóreo não passa dum campo experimental. Pode dizer-se que o amor não se compreenderá verdadeiramente se não abrangermos nele todos os problemas do universo. Considerado apenas como facto individual já é um fenómeno tão vasto que abrange as raizes da própria vida.

Aqui podemos apenas abordar ao de leve a sua complexidade. O homem pretende dominá-lo com as suas leis e nem sequer o conhece. Uma sabedoria muito mais alta do que a humana o regula nas suas funções e consequências.

★

À medida que o ser evolui, o seu amor torna-se mais espiritual. O que não evolui só compreende o amor na sua modalidade mais inferior, egoística e casual. A força, a beleza, a liberdade, a alegria do amor espiritual são desconhecidas e inadmissíveis para ele, porque está fora da sua capacidade perceptiva. Só mais alto, onde os seres não amam casual e egoìsticamente, se pode conceber um amor superior à traição, às desilusões e à morte. Subir cansa, mas se pretendemos alcançar este resultado, impõe-se afrontar a fadiga. Custa ascender, mas quem sobe caminha para a alegria e quem desce caminha para a dor, é esta a lei. Pobre de quem, iludindo-se e supondo alcançar a felicidade, se precipita e cai. Instintivamente, colocamos o paraíso no alto dos Céus e o inferno nas tenebrosas profundidades da Terra. Toda a humanidade experimenta a ânsia da evasão e da libertação e crê que conseguirá libertar-se da dor, fugindo às leis. Desta forma, criou-se um conceito contrário de liberdade, um conceito de descida em vez de um conceito de ascensão. Mas, nesta época de evolução, existe alguma coisa que não esteja errada?

A verdadeira liberdade só se pode alcançar, subindo e lutando para subir. Estamos num século de palavras falsas, enganadoras, porque tudo está errado e adulterado. Actualmente impera o desejo de fugir a todos os deveres, a toda a disciplina, supondo que, dessa forma, nos libertamos de todos os pesos. A ideia predominante é o egoísmo feroz, causador dos piores males, a luta encarniçada e, portanto, tornando a vida cada vez mais dura. E a este retrocesso para o barbarismo chama-se evasão e liberdade! Todos negam ao próximo o tributo do próprio dever e, assim, tornam-se sempre mais pobres. Fugir às leis morais, animalizar-se no prazer, pode assemelhar-se ao caminho da alegria, mas, de facto, não é mais do que o da dor. Todas as actuais manifestações humanas reflectem a fase destrutiva, negativa e involutiva da descida. Caminhamos para uma dor sempre maior e com a quebra dos freios, a que chamam liberdade, continuaremos a descer para um tal estado de desesperado sofrimento, que esse mesmo desespero imporá a reacção, isto é, a fadiga da ascensão.

A evolução nunca pode parar. As massas de hoje foram colhidas pelo vórtice e não podem ver mais além. Terão de percorrer todo o ciclo da hora histórica e ninguém sabe ou tem o que merece. Deus tudo guia. Poucos são os esmagados que seguem, na dor e no silêncio, o caminho oposto, unindo-se a Deus, numa luta desesperada, para salvar, neste momento de destruição universal, as espécies de valor espiritual, aquilo que de mais precioso e à custa de imensos sacrifícios a humanidade conquistou. A luta é desigual e desesperada, mas Deus, que tudo guia, está com eles; a vida, para sua salvação, está também com eles; a evolução, que não pára, está com eles; as trevas são densas, mas a luz está com eles. Nesta hora de inconsciência, eles têm a consciência de serem os depositários e os guardas dos mais altos valores da vida e dos padrões do futuro.

(Tradução de SIBIL)

A MORAL ESPIRITA

por NATÁLIO CECCARINI (F)

A Terceira Revelação, ou seja a Revelação dos Espíritos aos habitantes do planeta Terra, não só constituiu uma revolução na nossa concepção do Universo, da vida, do ser e das coisas; não só tem servido para nos evidenciar a existência do mundo invisível, extra-terreno, de natureza espiritual, como deu à humanidade uma nova Moral apoiada também e sobretudo esse novo conhecimento numa série de princípios filosóficos e normativos de procedência essencialmente celestial. Ensinamentos vindos das alturas e que dão ao homem conhecimento da Lei de Justiça, Amor e Caridade, que preside ao seu progresso e será a tónica em que deverá desenvolver-se, se é que em verdade anela atingir a perfeição.

Este acervo de luzes que resumem a Terceira Revelação elaboram linhas éticas e acções responsáveis e fecundas a que chamamos cabalmente a *Moral Espirita*.

Não se trata absolutamente de moral decorrida e afirmada em factos e circunstâncias de relação e convivência humana, de pensar filosófico acerca da vida, do ser e de um mundo, de resultante histórica de costumes, tradições e afazeres e que formam estados conscienciais no homem e exprimem índices da sua evolução, mas de que a Moral Espirita é um saber, um sentir e um comportar-se vindo das esferas das espiritualidade estruturada nos ensinos que por toda a parte sempre transmitiram os Espíritos e que assenta nas bases inamovíveis do sucesso mediúnico.

A Moral Espirita traça directrizes superiores e nobres na existência do indivíduo, construindo nele normas de bem e de profunda responsabilidade que suplantam hábitos e preconceitos que retardam o desenvolvimento da sociedade, extirpando da alma humana o egoismo causador do infortúnio, despertando em troca o sentimento de justiça e de amor e o desejo de paz.

A Terceira Revelação que, em nosso entender, é mais um acto de amor do Eterno para com as suas criaturas, a fim de promover e impulsionar o seu progresso, facilitando-lhes os meios de conhecer verdadeiramente as fases da sua realização, oferece, através das manifestações espiritas, os conhecimentos que as habilitarão a percorrer o caminho com segurança e a ascender à glória divina; mais ainda, é um de seus principais fins, para que o homem atinja tão elevados cumes, se redima de seus erros actuais e encare com afinco a sua transformação moral.

O conhecimento espirita, fundado no facto sublime da comunicação do «mundo invisível», através da mediunidade, proporciona-nos a evidência da nossa natureza espiritual e eterna, a finalidade progressiva e a responsabilidade irremissível a que ela está sujeita, o que nos dará ensejo de avançar para a Sabedoria e cumprimento da Lei de Deus; conhecimento que rasgará essa venda que durante séculos nos vem limitando a inteligência e impedindo que ultrapassemos as fronteiras da nossa realidade interior e resolvamos definitivamente o enigma da vida e da morte, o segredo da vida e das coisas, e que, vitoriosos, tenhamos vencido a morte, reencontrando-nos a nós mesmos, na vida espiritual.

Tudo isto está presente nesta Mensagem renovada continuamente e que os Espíritos enviam solícitos e generosos a todos os quadrantes do globo, exprimindo e executando a vontade do Criador, para que o espírito encarnado progrida, anunciando que os tempos são chegados e que uma Verdade Universal desce e se proclama em todas as latitudes, ou seja a imortalidade da alma, fraternidade de todos os seres humanos, quer na sua própria origem espiritual, quer na sua convivência terrena, e o princípio de uma Era de Luz, de Amor e de Justiça.

Esses mesmos mensageiros celestes, espíritos superiores, vaticinam em todos os idiomas, por intermédio de sensitivos de todas as raças e crenças, que os tempos chegaram e que a sua missão transcendental e reformadora no cumprimento da vontade de Deus é a de «instruir e ilustrar os homens, abrindo nova era para a regeneração da humanidade».

Tais mensagens são a palavra do Pai, portadoras de ensinos fundamentais e sublimes que, naqueles que as recebem, vão realizando o milagre da tua transformação moral e da aquisição de um saber maior. Palavras estas que, no dizer do Mestre Kardec, «são a base

AOS AMIGOS DA AMÉRICA LATINA

por PIETRO UBALDI

A velha Europa cansada e meio destruida por duas guerras, mas continuando a ser o centro da civilização do mundo, dirijo esta mensagem a vós, amigos distantes da América Latina.

Eu vos transmito a grandiosa ideia da nova civilização do III milénio.

Estou desenvolvendo essa ideia numa obra que deverá ter dez volumes e da qual já escrevi sete. Será tudo explicado e desenvolvido nesta obra de carácter espirita e espiritualista que em muito ampliou a obra de Allan Kardec no campo social, filosófico e, principalmente, científico, por forma a poder dirigir a sociologia moderna e dizer coisas novas à ciência. Com ela espero ter contribuido sobremaneira para o progresso espirita mundial.

A obra a que me refiro não é minha, mas escrita por inspiração do Alto e pelo Alto ditada. Tenho por missão divulgá-la entre os sequiosos de verdade e para isso nasci.

Apesar das grandes dificuldades editoriais, os meus primeiros livros já foram publicados na Argentina, Brasil e depois em Itália e nos países árabes, nos respectivos idiomas. Devem, também, ser publicados em breve nos países anglo-americanos e na Índia inglesa. E assim irão dando a volta ao mundo.

Comecei-a inesperadamente, sem qualquer preparação, além de grandes desgostos, em 1931. A dor foi a minha grande mestra. Ensinou-me a verdade, o profundo significado da vida, como a existência de sofrimento se pode transformar em existência de alegria e de vitória. Compreendi como as leis da vida são boas, justas e iguais para todos, seja qual for o ponto do planeta. Propus-me então revelar a todos, para seu bem, o segredo da felicidade, por mim descoberto em meditação e ascese espiritual.

O mundo tem necessidade de amor e de paz para construir. A nossa civilização não pode chamar-se civilização, mas sim barbaria. Impõe-se que outra seja construída, baseada no amor e não no ódio, na compreensão e na fraternidade, na bondade e não na violência, na justiça e não na força.

Falo-vos da Itália, perto de Roma, que já foi o centro do mundo. Como vós, sou latino, filho da mesma civilização que vós herdastes. Cabe-vos agora continuar a desenvolvê-la com os imensos recursos dos vossos países novos e ricos. Mas não basta o espaço e a matéria-prima. É preciso um grande ideal, este que vos dou para o vosso futuro. Apoia-se na Grande Síntese *de todo o saber moderno, em todas as espécies de ciência, e defronta e resolve todos os problemas de todos os campos: religioso, social, económico, biológico, científico e filosófico. Trata-se de uma ideia universal que está acima de todas as divisões humanas, que não fere e não combate, mas que, pelo contrário, é fecunda para o bem.*

A corrente inspirativa deu-me a solução para todos os problemas que eu expus nos meus livros, pouco a pouco divulgados.

Não é para mim que me canso a semear, mas sim para vós que, quando eu já não estiver na Terra, recolhereis o fruto. Nessa altura agradecerei, se tiverdes para mim um pensamento de paz e de amor. E eu sentir-me-ei feliz, se amanhã, quando esta semente tiver germinado, a minha fadiga frutificar para vós em flores de paz e amor.

do novo edifício que se levanta e que um dia unirá todos os homens no mesmo sentimento de amor e caridade e geradoras de moral elevada que ultrapassa todas as limitações.

Estas palavras criadoras dessa grande Moral ensinam a finalidade do Espírito livre e encarnado e, neste último, quando homens, demonstram que a sua razão de existir é o progresso através de experiências múltiplas e que a sua meta final é a perfeição incessante e o amor de Deus, só alcançável por meio da purificação no trabalho.

É esta a Moral Espirita, Moral que une os homens fraternalmente, evidenciando-lhes a sua irmandade espiritual, que lhes proporciona sentido de responsabilidade no seu comportamento individual, determinando assim uma acção superior, construtiva, harmónica, Moral que arrebatará para sempre de seus corações toda a ideia e sentimento separatista, sobretudo os baseados em motivos raciais ou de crenças ou de línguas, Moral que despertará em cada um a finalidade do bem e o sentimento de justiça, de solidariedade e de paz.

Traduzido por (I. D. S.)

A ESFINGE DE GIZEH

Por Damião de Vasconcelos

QUASE tão velha como a carcassa dos nossos continentes, a primeira civilização remonta à antiga raça vermelha, ou da Atlântida. A Esfinge colossal de Gizeh, cerca da grande pirâmide do Egipto, é obra sua. No tempo em que o Delta (formado mais tarde pelas aluviões do Nilo) ainda não existia, já o animal monstruoso e simbólico estava deitado sobre a sua colina de granito frentando a cadeia dos montes líbicos e vendo o mar encrespar-se a seus pés, lá onde hoje se alarga a areia do deserto. E testemunha gigante e silente de um velho mundo misterioso e esquecido, ergue-se enfrentando também o deserto a Pirâmide de Kurfu. Sobredoirada de lendas e envolvida na clâmide rendilhada dos séculos, guarda-a serena e eterna a Esfinge. Dois mistérios que a História possìvelmente penetrará um dia, quando a Filosofia Integral lhe der a mão e a conduzir pelos abismos do Passado. Dois mistérios, perdendo-se um deles na noite dos séculos, a Esfinge.

O Egito é, talvez, a única nação que nos aparece já feita, à plena luz da História.

Quando assistimos ao desenrolar majestoso ou violento das antigas civilizações, vemo-las acompanhadas pela grande sentinela da História, que foi o Egipto. Lá, no país do Ikemi, foram dar imigrações de remotas eras, de remotas raças. Lá, foram grandes filósofos da antiguidade haurir as orientações do seu pensamento, de lá saiu Moisés, a argamassar o povo eleito, lá foi Jesus. Ponte entre dois mundos, que Alexandre sentiu um dia, a História do Egito parece simbolizada na tragédia silente da Esfinge de Gizeh.

Passaram os tempos, as civilizações; só o vasto quadro ficou e quase eterno. Ruiram as primeiras lendárias dinastias, onde imperou Ramsés, aquele Sesostris, a quem os gregos atribuiram toda a epopeia gigante dos filhos de Ikemi. Veio Amaris, veio Alexandre e após ele os Ptolomeus até à figura hierática e sedutora de Cleópatra e depois os romanos e os árabes.

As civilizações têm-se precipitado como abutres famintos, na terra do Trimegista, na civilização policromada e milenária dos seus templos, nas ruínas ciclópicas dos seus monumentos, até que Napoleão, o corso de génio, lá foi, na ânsia ou na intuição de um país a desvendar no velho mundo ou de um poder inimigo a esmagar junto das Pirâmides seculares.

Mas veio a paz, alfim, e a tentativa de estabilização científica das águias imperiais. O homem põe e Deus dispõe. Depois da expedição militar, a expedição científica, que não contava com a instabilidade dos dados no tapis vert da História.

Em uma inscrição da quarta dinastia egípcia, falava-se da Esfinge como de um monumento cuja origem se perdia nas trevas dos tempos, que fora fortuitamente encontrada no reinado de um príncipe, enterrada pelas areias do deserto, sob as quais estava esquecida desde dilatadas gerações. Ora, aquela dinastia reporta-nos a 4.000 anos antes de Cristo. Pode ajuizar-se por aí a antiguidade da Esfinge.

A Esfinge, na criação primitiva do Egito, tornou-se o seu símbolo principal, o seu sinal distintivo. O mais antigo sacerdócio a esculpiu — a essa imagem da Natureza no seu mistério. Uma cabeça de mulher sai de um corpo de touro com garras de leão, fechando duas asas de águia sobre os flancos. É a Isis terrestre, a Natureza na unidade viva dos três reinos: — porque já nesses tempos imemoriais os sacerdotes ensinavam que, na sua grande evolução, a natureza humana emerge da natureza animal. Nesse composto de touro, de leão, de água e de mulher, estão também encerradas as quatro visões de Ezequiel, representando os quatro elementos constitutivos do microcosmo e do macrocosmo: a água, a terra, o ar e o fogo, base da ciência oculta.

Era a chave velada da ciência oculta; era um conjunto de quatro símbolos ligados na sua unidade: o corpo de touro, as garras do leão, as asas da águia, e, enfim, a cabeça e o peito de mulher. Este todo concretiza o quaternário oculto: Saber, Querer, Ousar e Calar; estas quatro qualidades representadas respectivamente: o saber pela cabeça e pelo peito da mulher; o querer ou poder, pelo corpo do touro; a audácia, pelas patas e garras do leão; o silêncio, isto é, o saber calar-se, até à realização do acto meditado, pelas asas abatidas sobre os flancos do touro. Isto explica admiràvelmente as palavras que o hierofante (pontífice) dizia ao iniciado: «Saiba ser com exactidão e querer com justiça; em seguida saiba usar aquilo que é permitido pela consciência, enfim, saiba calar os seus de-

signios até ao momento da execução deles».

Os sábios discutiam, sem lhe podermos determinar a origem, e os ocultistas, sem outra explicação, ensinavam: «É o enigma do ser, apresentado pelos sacerdotes egípcios nesse símbolo expressivo, mas obscuro».

Obscuro, com efeito, o mistério daquele monstro de corpo de touro, garras de leão, com asas de águia, cabeça e peito de mulher.

Entretanto um sábio americano, tendo mandado remover a areia de sob as patas e o ventre do leão talhado na rocha, descobriu em baixo do corpo um orifício pelo qual se lhe tornou possível penetrar com seus operários, no interior do monstro. Afirma que entre as patas deste deparou com um templo do Sol, aí com centenas de objectos sagrados, entre os quais pequenos círculos de ouro em torno de uma cruz, representação simbólica do Sol e da sua dupla força equilibrada.

As pesquisas estão apenas começadas; porém, já Reisner — é este o nome do sábio explorador — pretende haver percebido através das fendas da rocha, restos de monumentos que revelam uma cidade antiga sepultada no deserto de areia. E segundo uma versão, a Esfinge habitava uma montanha chamada Fisso e daí acometia as pessoas que passavam; propunha-lhes a explicação de difíceis enigmas que as Musas lhe sugeriam, e devorava todos os que não podiam explicá-las. O enigma que propunha ordinàriamente aos tebanos, consistia em saber qual era o animal que tinha quatro pernas de manhã, duas ao meio-dia, e três à tarde; o destino do monstro consistia em que ele perderia a vida logo que o seu enigma fosse explicado.

Édipo conseguiu decifrar o enigma entendendo por aquele animal o homem, que na meninice se arrasta sobre os pés e as mãos, no meio-dia da sua idade anda sobre os dois pés e na declinação da vida sustem a velhice com um bordão. A Esfinge, depois desta explicação, precipitou-se do alto dum rochedo e fez-se em pedaços, ou, segundo outros, lançou-se ao mar.

Os gregos fizeram da Esfinge um animal misterioso da sua mitologia, e esta versão do enigma proposto por ela, é, deles, gregos, e era entre os egípcios o símbolo da realeza, da soberania e da força.

O nome da Esfinge vem da palavra grega Sphingsios, *que significa embaraçar, através do latim* sphinx. *E a Esfinge tinha uma ligação subterrânea com as Pirâmides do Egito.*

E aí está porque, quando nos séculos posteriores, os iniciados viam o animal sagrado, deitado sobre a soleira dos templos ou no fundo das criptas, sentiam reviver em si mesmas esse mistério e fechavam em silêncio as asas do seu espírito sobre a verdade interior. Porque antes de Édipo, eles sabiam que a chave do enigma da Esfinge é o homem, o microcosmo, o agente divino, que resume todos os elementos e todas as energias da Natureza.

A raça vermelha não nos legou, pois, outro testemunho senão a Esfinge de Gizeh, prova irrecusável de que ela pusera e resolvera à sua maneira o grande problema da Verdade: a natureza humana emergindo da natureza animal.

A Esfinge, esta figura misteriosa é, na realidade, a imagem do deus Harsmakhis, símbolo do Sol nascente, e tem mais de sete mil anos antes de Cristo.

Vejamos agora, também em breves traços, quem foi Édipo.

Édipo, tendo vencido a Esfinge, recebeu como prémio a mão de Jocasta, viuva de Laio, rei de Tebas, com quem casou, ignorando que era sua mãe.

Quando estes factos foram revelados por um oráculo, Jocasta suicidou-se, enforcando-se, e Édipo, tendo arrancado os olhos a si próprio, saiu de Tebas, levando por guia sua filha Antígona.

Finalmente, a Esfinge é o único monumento humano que parece irrompido das entranhas do Planeta, durante o cataclismo que devorou a Atlântida. Mas a mudez nocturna do Monstro evoca-se na palavra da Bíblia. É o Verbo, e o Verbo esteve conosco. O Judeu trouxe aquele segredo do Cativeiro, fechado na testa de Moisés, a fim de o revelar à Humanidade. E ao Livro dos Mortos, *do Egito, responde* o Livro da Vida, *de São João.*

P. S. — «Por simples acaso em Sakkara, a 16 quilómetros ao Sul da pirâmide de Gizeh e a Oeste do Cairo, fez-se agora

«Por simples acaso em Sakkara, a 16 quilómetros ao Sul da pirâmide de Gizeh e a Oeste do Cairo, fez-se agora uma das mais notáveis descobertas dos últimos tempos, que ajudará a esclarecer os mistérios ainda não solucionados das pirâmides e da vida dos Faraós. Quando se procedia a nivelamentos de terreno, descobriu-se um poço de 20 metros de profundidade que conduz às catacumbas ou câmaras funerárias abertas no sub-solo rochoso. Nessas câmaras foram encontrados seis sarcófagos de madeira de cedro, perfeitamente conservados. Esses sarcófagos datam da 26.ª dinastia, ou seja do VII século antes de Cristo».

(De *Átomo*, de Abril de 1949).

Uma teoria electrónica

Por Otto A. Prado

Tudo o que aparece aos nossos grosseiros sentidos materiais, — mineral, vegetal, animal —, tudo o que tem existência tangível, já foi esmiuçado pela análise científica, chegando-se, por intermédio da Química, à conclusão de que há 92 elementos simples que integram, isoladamente ou combinados entre si, o quadro da vida universal.

Na realidade, os elementos da tábua de Mendelieff são 94 e, segundo notícias que chegaram até nós, descobriram-se novos corpos cujo número faria ascender a 98 os elementos conhecidos, esperando-se chegar a 100, nas experiências onde surgem corpos isótropos e isómeros.

Estes elementos, alguns dos quais se encontram isolados e outros só em composição, foram escalonados a começar pelo hidrogénio, que é o corpo mais leve que se conhece e que serve de medida de comparação de todos os demais, terminando no urânio, considerado como elemento mais pesado. Nesta escala estão todos os corpos de harmonia com seus pesos específicos e «valências», isto é, a quantidade de moléculas de que precisam para se combinarem com outros.

Assim, temos elementos como o bário, o sódio, o lítio, o azote, o crómio, o carbone, etc., que, por si sós ou por virtude de suas combinações, integram tudo o que aparece e forma a realidade, fisicamente considerada.

Se tomarmos um corpo simples, podemos divi-di-lo em partículas cada vez mais pequenas; mas há um limite para semelhantes subdivisões. Chegaríamos imaginàriamente a um ponto em que nos pareceria impossível continuar a subdividir. Isto é o que chegaram a pensar os filósofos gregos, como Thales de Mileto e Demócrito de Abdera. Como o seu nome indica, este último concebeu o átomo, no sentido de parte indivisível da matéria, e pensava que os átomos se uniam uns aos outros por meio de «ganchinhos».

A ciência actual representa o átomo, valendo-se da mesma imagem que nos dá o nosso sistema planetário, com um centro que denominaremos núcleo, o qual seria uma espécie de sol, e os chamados electrões, que fariam as vezes de planetas, girando à volta dele. Finalmente, compor-se-ia de elementos de força infinitesimais, — electrões — que se supõem girando em órbitas regulares em torno de um centro de forças atractivas — o núcleo — carregadas de electricidade positiva e, assim, os electrões, teriam electricidade negativa.

Ora bem: há muitos anos que nós, mercê de esforço de imaginação, ou por meio da intuição, imaginámos uma teoria electrónica que, modéstia à parte, consideramos aclaratória de muitos fenómenos inexplicáveis dentro do mundo físico.

Para nós, o universo estaria relacionado em todos os seus vastos aspectos, por virtude de correntes electrónicas. Nesta sucessão universal interviriam duas espécies de electrões: uns actuariam na fase material; os outros, que integram as potencialidades psíquicas, seriam de domínio espiritual, gerados pela lenta evolução dos primeiros. Mas — dirão os leitores —, que correntes electrónicas são essas ? Donde vêm ?

Vamos ver se conseguimos explicar o que imaginámos. Já em 1944, numa revista desta cidade de Rosário, intentámos esboçar a nossa «elucubrada» tese do «salto electrónico»; e logo tivemos a satisfação de ver que o sábio Niles Phors expunha teoria análoga.

Suponhamos que em determinado momento os electrões «saltam» da sua órbita dentro do edifício atómico e trocam entre si os electrões dos diferentes átomos em todas as moléculas dos corpos. Produzir-se-á uma corrente electrónica constante de intercâmbio nos corpos de todas as coisas e de todos os seres. Na periferia dos corpos animados ou inanimados produzir-se-ão também as mesmas correntes de intercâmbio com o ambiente que os rodeia.

Pela mesma causa haveria igualmente, entre todos os sistemas planetários do universo, correntes electrónicas que se manifestassem pelos chamados «raios cósmicos», ou por outros meios quaisquer.

Nos vários sistemas planetários, as correntes electrónicas concentrar-se-iam de preferência nos focos das órbitas elípticas, em torno das quais giram os planetas, produzindo-se no choque determinados circuitos que originariam a luz e o calor. Tal é, em nossa humilde opinião, a fonte de energia do sol e das estrelas. Por conseguinte, os electrões transformados voltariam aos planetas originários, a fim de os renovar e fortalecer.

Em nosso entender, esta teoria é muito cómoda para explicar ao mesmo tempo aqueles fenómenos terrestres que ainda permanecem inexplicáveis. Por exemplo: na nossa Terra, os polos actuariam como desintegradores, isto é, emanariam deles grandes correntes electrónicas em direcção ao espaço e o equador seria um desintegrador pela absorção de correntes «fotónicas» de luz e calor. Fica assim esclarecido o sensível achatamento dos polos e o aumento de volume do globo terrestre na região equatorial.

A dilatação dos corpos pelo calor seria motivada pela adição de electrões e elementos de força que integrariam ou formariam edifícios atómicos, ocupando desta forma maior espaço.

Quanto ao imã, seria na nossa teoria um corpo «deselectronizado» (pedimos desculpa ao amigo leitor pela liberdade de expressão usada ao criar este neologismo). Corpo «deselectronizado» devido a grandes pressões ou choques recebidos e com aparência de elementos electrónicos afins.

Então, como dizíamos, é dos polos terrestres que se desprendem as maiores correntes electrónicas e, nesta conformidade, o imã, ávido de electrões para os seus sistemas atómicos, uma vez suspenso em liberdade, orienta-se de norte a sul, atraído por aquelas correntes. Como todos sabem, por este, até agora, inexplicável princípio de orientação do imã, é que se inventou a bússola.

O «salto electrónico» e a «corrente electrónica» constituem uma lei e por ela se regularia todo o mundo físico. As correntes electrónicas, ao cruzarem-se mùtuamente, dariam origem a todas as forças de atracção e repulsão entre todas as coisas do universo.

No domínio espiritual, os electrões que integram os potenciais psíquicos são de muito maior evolução, adquirida nos sucessivos movimentos estelares, dos sóis aos planetas e viceversa. A maior fluidez do electrão psíquico (mais impon-

A Reencarnação e os Evangelhos

Por A. N. Pinheiro Ramos

VII

MATEUS, XVI, 13 a 17, e Marcos, VIII, 27 a 30, referem-se às vidas sucessivas e solidárias, mostrando-nos a passagem em que os apóstolos eram interrogados por Jesus, que lhes perguntou: «*Que dizem os homens que eu sou?*».

A essa pergunta, responderam os discípulos: «*uns, que és João, o Baptista; outros, que Elias; outros, que Jeremias ou algum dos profetas*».

Esta conversação do Cristo com os discípulos prova ainda a favor da doutrina das vidas múltiplas, cujo princípio os Judeus possuiam, sem, contudo, terem dela ideia precisa.

Como fica claro, era corrente que os espíritos, depois de terem vivido no mundo corporal e animado corpos de carne, tornavam a voltar para viver novamente. Natural, razoável e lógico é que, naquela época recuada, os homens só posuissem rudimentos de verdades e de conhecimentos que, hoje, não constituem admiração. É lei natural que a revelação seja periódica, proporcional e progressiva. O ensino, pois, segue curso previsto e ordenado, acompanha a evolução e é dado de acordo com a capacidade compreensiva da humanidade. Na infância não estamos ao par da maioria dos conhecimentos actuais, muito embora tivéssemos, na meninice, ideia vaga e imprecisa que se veio acentuando, à proporção que nos fomos tornando capazes. Há, por conseguinte, realtividade e curso ascendente, sendo-me cada vez ampliado o pedacinho de verdade cujo rudimento brotou inicialmente.

Foi o qu aconteceu sobre a Reencarnação de que muitos ainda não se aperceberam, mas que reconhecerão, afinal. Tudo vem a seu tempo, sendo dado ao homem planetário, dentro da proporcionalidade de sua compreensão, visto que, ampliando-se a revelação, vai sendo expurgada a parte humana da religião, que sobe em grau de extensão e de compreensão, aprimorando-se, pois que, aumentando os princípios eternos, em cada nova revelação, os princípios humanos vão sendo diminuidos até sua completa abolição.

Pela ideia de que o Cristo fosse algum dos profetas que voltasse a reviver na Terra, deparamos mais uma vez, nos textos do próprio Evangelho, com a afirmativa das vidas sucessivas e solidárias. O próprio Jesus não combateu esta crença corrente entre os Judeus e que era ensinada desde os profetas, como vimos da passagem de Malaquias, já descrita por nós, e que detalharemos, quando esta análise for rebuscar os textos do Antigo Testamento.

A volta do espírito a vida corporal, não só fica patente desta conversação entre o Mestre e seus discípulos, como também dos Evangelhos segundo Lucas e Marcos, quando, referindo-se a Herodes, o Tetrarca, relata-nos a sua apreensão ao ouvir falar das curas e demais realizações de Jesus, as quais o encheram de temores por não saber de quem se tratava, nem de que profeta o Cristo era a reencarnação, exclamando: «*Mandei cortar a cabeça a João, o Baptista; quem é esse pois, de quem ouço dizer tão grandes coisas?*».

Mais uma vez os Evangelhos afirmam o princípio da Reencarnação, sob a volta do espírito a vida corporal, de que era princípio assente entre os Judeus e um dos seus ensinos fundamentais.

Herodes enchia-se de temores e receava que Jesus pudesse ser o espírito do precursor que surgisse, novamente, para reverberar seus vícios e injustiças.

O receio do Tetrarca robustece ainda mais o ensino reencarnacionista cujos rudimentos eram aflorados no Zoar e de forma vaga foram ministrados de profeta a profeta, recebendo de modo mais cabal a aprovação de Jesus que o confirmou expressamente.

A Reencarnação não é doutrina nova, surgida com a codificação do Espiritismo. Ela existiu em toda a antiguidade e consta das fontes religiosas denominadas sagradas e das várias fontes iniciàticas corroboradas pela história.

---

derável) permitir-lhe-ia escapar às leis de atracção e repulsão, centrípetas ou centrífugas, a que estão sujeitos os electrões do universo físico, formando os indivíduos espirituais que, por lei de evolução e seguindo mais rápida ou mais lenta trajectória, do inconsciente inferior da amiba ou bactéria, iriam, por graus sucessivos de consciência adquirida, até ao grande consciente total, onde, como diz o Dr. Gustave Geley, obteriam então plena noção de Deus.

Estas correntes electrónicas, em relação ao universo e empregando uma figura que dê ao leitor ideia superficial da nossa concepção, são o que o sangue é para o corpo humano, que o percorre, o alimenta e lhe depura todos os órgãos.

Eis aqui, a largos traços, a nossa teoria electrónica, descrita em forma rude e anti-científica, mas nada mais podemos fazer por falta de conhecimentos. Ponhamos toda a imaginação e intuição ao serviço de uma grande causa, que é a Ciência. Mas nós entendemos, como Ciência, a verdadeira, a que constroe; a que mata, a que destroe, não é Ciência, é um frio e bárbaro tecnicismo aplicado ao mal, ao crime da guerra.

NOTA — Este trabalho foi visado pelo engenheiro Eros Emílio Prado.

(Traduzido por I. D. S.)

Rosário, Argentina

No Centro Espiritualista Luz e Amor

O ESPIRITISMO NO BRASIL

A brilhante palestra de José António Marques constituíu proveitosa lição para os espiritas portugueses

A noite da primeira quinta-feira de Julho foi dedicada, na sala do Centro Luz e Amor, ao Espiritismo Brasileiro. Conferente: o nosso confrade José António Marques, português de boa raiz, que em terras de Santa Cruz, onde constituiu família, moureja nobremente, sustentando actividade exemplar.

Encheu-se a sala de irmãos dedicados à nossa nobre causa e também de curiosos e talvez de cépticos. O número de caras conhecidas igualava o de desconhecidas. Justíssimo este grande êxito de assistência. Sabia-se no mundo espirita lisboeta que José António Marques falaria de alguns principais «aspectos do Espiritismo Brasileiro». Tema atraente. Em terras de além-Atlântico, o Espiritismo segue novos e amplos rumos, não é apenas doutrinário ou experimental, mas social principalmente, dando ao homem a certeza de que, à medida que traduzir em actos seus anseios de fraternidade, rasgará por esforço próprio o caminho do seu resgate e da sua evolução.

Apresentou o conferente o nosso presidente, sr. tenente Isidoro Duarte Santos, num brilhante improviso da sua marca. Começando por lembrar que José António Marques era já conhecido de parte da assistência, pois, algumas semanas atrás, naquela mesma sala, e após a sua recente chegada, ele havia saudado os irmãos de Portugal, recordou as duas mensagens, dos «velhos» e dos «novos» do Brasil, de que o mesmo irmão havia sido portador. Publicadas na revista «Estudos Psíquicos», — acentuou — essas mensagens, representando nas suas centenas de assinaturas outros tantos abraços de louvor e incitamento, também representaram a prova de que o Espiritismo luso-brasileiro deseja manter-se numa confraternização de doutrina e de acção. Ele, orador, bem se ufana por que assim suceda, pois acompanhando, há já bons trinta anos, a marcha florescente da Causa no Brasil, encontra justamente nessa confraternização, por que sempre tem lutado, o melhor prémio de muitas canseiras, vigilias e diligências. E terminou: «Ouvir José António Marques é ouvir o Brasil espirita que vai, sem medo e sem descanso, trabalhando pela reabilitação dos preceitos cristãos nos pensamentos e nas acções dos homens.

ESPIRITISMO DE VIVOS PARA VIVOS MINISTRADO EM TREZENTOS ORGANISMOS MODELARES

O orador conquistou e prendeu logo de entrada a atenção da numerosa assistência, com esta modesta afirmação: «Não vou fazer uma conferência, não, o que seria provàvelmente pretensioso, mas sim uma palestra, qualquer coisa como uma conversa entre amigos, ou melhor, entre irmãos. Trago-lhes realmente algumas novidades sobre o Espiritismo Brasileiro. Querem ouvir ?».

As primeiras revelações:

— O Espiritismo no Brasil é mais popular, mais cristão que científico, e, portanto, mais de realizações do que de estudos e práticas metapsiquistas. O Espiritismo no Brasil — árvore luminosa que já cobre todo esse glorioso país — traduz-se, sobretudo, em obras de assistência social. E que obras, caros irmãos! São numerosas e todas de iniciativa particular. Curioso: grande percentagem delas são de portugueses! Todavia, o governo, a despeito de ser clericalizado, concorre com apreciáveis subsídios para a manutenção de organismos espiritas. Um exemplo: Em Nova Iguaçú, recebemos actualmente para assistência social do «Fé, Esperança e Caridade» e do Lar de Jesus, dos governos municipal, estadual e federal, quase oitenta mil cruzeiros anuais. Isto prova muita coisa, não é verdade ? Prova, por exemplo, que as entidades oficiais que orientam os destinos da Nação, a despeito da pressão católica, reconhecem o grandiosíssimo valor das obras espiritas, porque estas não só fornecem o pão do corpo ao necessitado, mas também lhe preparam o espírito, cristianizando-o e entregando um homem de bem à sociedade.

Escutado com evidente interesse, José António Marques prosseguiu:

— O Sul oferece os máximos exemplos em assistência social espirita. Vocês, irmãos, sabem lá quanto no Sul se tem realizado ! Nos Estados do Sul, e neste aspecto de espiritismo prático ou directo, os mais adiantados são, por exemplo, os Estados do Rio, de São Paulo e de Minas Gerais. Entretanto, também nos outros Estados podem verificar-se obras notáveis e planos de muitas outras, que, de dia para dia, vão surgindo como por milagre. Exemplos ? Os exemplos não faltam, caros ouvintes. Apontarei um apenas — é assombroso ! —, o do Lar de Jesus. Nasceu esta grandiosa obra, posso dizer assim, na hora em que o nosso prezado confrade Henrique Magalhães, passando casualmente por uma rua da Cidade maravilhosa, em vespera de Natal, encontrou junto de uma vitrina a infeliz criança que lhe inspirou o seu emocionante artigo publicado na «Vanguarda», pedindo aos corações bem formados auxílio para a mãe infeliz dessa criança sem ventura, que se encontrava esquecida num tugúrio infecto e atacada de terrível infermidade. Mas, acto mais sublime ainda teve a nossa exemplaríssima «irmã», Ana Marília de Almeida Barbosa, grande trabalhadora da seara espiritualista, esposa do Professor Leopoldo Machado, que foi quem na realidade lançou a ideia do Lar de Jesus, colocando-se à frente de muitas e dedicadas legionárias, batendo à porta de corações bem formados, colhendo donativos sobre donativos, pequenos uns, avultados outros, com os quais, dentro de pouco tempo, se levantou essa obra sem confronto.

Com palavra fácil, interessando e convencendo sempre, o orador citou, entre outras obras mo-

delares, o Hospital Espirita, de Porto Alegre, que vale por todo um monumento de arquitectura e de amor ao próximo; o sanatório do Bom Retiro, em Curitiba, notável sob todos os aspectos; o Lar de José, que acaba de ser inaugurado; e o Lar Espirita, de Uberaba, que foi inaugurado no dia primeiro de Maio, com o regozijo de milhares de pessoas. Estas obras foram levantadas e são orientadas nos moldes do Lar de Jesus. E, com a mesma inspiração, vão ser franqueados aos irmãos necessitados cinco outros importantes organismos que muito contribuirão para o prestígio da Causa no Brasil: o Lar de Maria, de Macaé; o Sanatório Jesus, de Cruzeiro; o Instituto Maria, de Juiz de Fora; o Lar de Maria, de Belém, do Pará; e o Lar Manuel Pereira de Campos, em Três Rios.

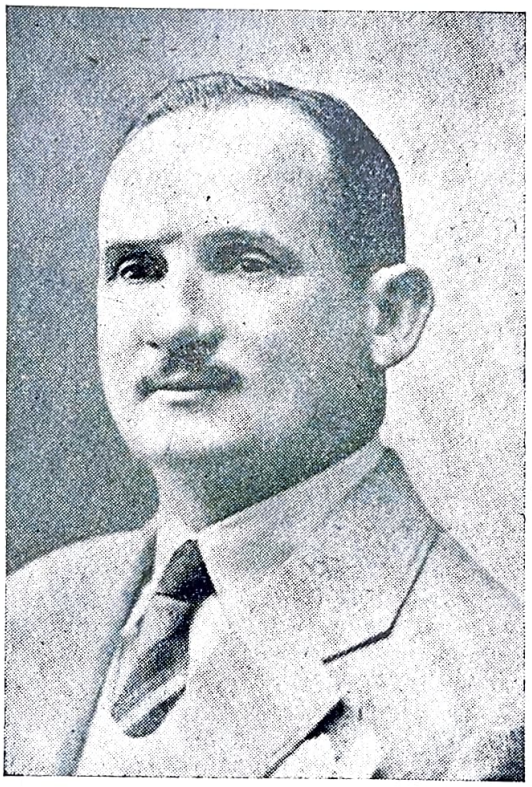
Depois desta importante demonstração da rede brasileira de espiritismo social, protegendo a infância desvalida e a velhice desamparada, o que prova perfeitamente a existência de um espiritismo mais cristão do que científico, José António Marques aduziu:

— O Professor Leopoldo Machado — o grande, activo e permanente semeador do espiritismo de vivos — fez, em 1942, um recenseamento das obras de Assistência Social no Brasil, construidas só por espiritas. Chegou a registar cento e doze — cento e doze, fixem bem, irmãos! — e todas elas de grande vulto, tanto na sua estrutura própria como nos seus objectos de caridade directa e desinteressada. Deste recenseamento, que não pôde ser completado por diversos motivos, tencionava o Professor Machado organizar um livro a que daria o título «O Espiritismo Social no Brasil». Mas, acreditamos, e com fundadas razões, que o número de tais obras se eleva, hoje, a mais de trezentas, todas de eficiência social, como não pode deixar de ser. Além disto, porém, temos ainda os albergues nocturnos e a sopa dos pobres, esta distribuida nos próprios centros ao longo de todo o imenso Brasil. Grande movimento de caridade que é a face mais bela do Espiritismo!

DUZENTAS MOCIDADES ESPIRITAS ALARGAM A ESFERA DE ACÇÃO DOS VELHOS PROPAGANDISTAS

José António Marques tem a assistência presa à sua palavra. Fala, agora, das Mocidades Espiritas. Apaixona-o esta modalidade, por todas as razões, mas, em especial, porque no Centro Fé, Esperança e Caridade, de Nova Iguaçú, ele exerce, a um tempo, os cargos de director de propaganda e de mentor da aula de Moral. Explica:

— O movimento de Mocidades Espiritas é enorme, é consolador e está repleto de boas promessas, no Brasil. Nasceram da grande cabeça e do belo coração do Professor Leopoldo Machado. Estão chegando a toda a parte e oferecendo os melhores frutos. Dois dos seus pontos culminantes foram, por exemplo, o 1.º Congresso das Mocidades Espiritas do Brasil e a Festa do Livro Espirita. Foram estes empreendimentos, por todos os motivos, prémios merecidos para o Professor Leopoldo Machado, que desde sempre tem insistido num Espiritismo de vivos e para vivos, isto é, preparando, esclarecendo desde já as almas, para evitar demoras e perturbações quando elas regressarem ao astral. Gostaria, caríssimos amigos, que todos vocês tivessem assistido ao 1.º Congresso das Mocidades Espiritas e à Festa do Livro Espirita, pois havia de comover-vos, como a mim e a muitos mais comoveu, uns corações moços dirigidos para o bom caminho do Cristo ou, então, mostrar preferência consciente pelo livro espirita sem esquecer os volumes enviados de Portugal, principalmente os da autoria do nosso confrade Isidoro Duarte Santos, que foram dispotadíssimos.



JOSÉ ANTÓNIO MARQUES

Esclarecendo:

— O espiritismo de vivos e para vivos é o tema que mais ocupa e preocupa os nossos pregadores. E com razão. Já se fez muito, mas muito mais há a fazer. No Brasil há, actualmente, mais de duzentas mocidades espiritas organizadas e todas elas com os seus programas unificados pela convenção do seu próprio Conselho Consultivo. As realizações dos moços em terras brasileiras, que são já notáveis, abrangem todos os sectores do Espiritismo. As sessões de estudo são realizadas uma vez por semana, com programas oficializados pelos próprios moços, a quando da realização do 1.º Congresso das Mocidades Espiritas.

A CAMPANHA DO QUILO É UMA BELA LIÇÃO DE RENÚNCIA E CARIDADE

Sem ser letrado, José António Marques informa e interessa com muito mais nitidez que vários letrados ou doutrinadores que têm subido à mesma tribuna onde ele agora se encontra. Reconhece-se que estamos diante de um homem que trilha os caminhos da verdadeira humildade, servindo a Causa com todo o amor e toda a dedicação. Como teria ele chegado às sendas do Espiritismo? Então, como se ouvisse a nossa pergunta, ele mesmo explica que, para mostrar a um amigo que não tinha medo algum de assistir a uma sessão de espiritismo, acompanhou-o, certa noite, a um pequeno organismo da nossa cristianíssima doutrina.

Foi e continuou. Não está envaidecido, pois a vaidade é daninho sentimento que nenhum verdadeiro espirita deve abrigar, mas está orgulhoso, e com inteira justiça, de ter encontrado o caminho para melhor servir o Mestre. E, a propósito desta noção de servir, José António Marques passa a falar-nos da «Campanha do Quilo», uma missão que tem muito de franciscano e que é praticada, no Brasil, em grande, devotada e crescente escala:

— «A Campanha do Quilo» foi idealizada pelo confrade Ismael Taveira de Lima e realizada pelo confrade Oli de Castro, ambos do Centro Fé, Esperança e Caridade de Nova Iguaçú. Mas, que é esta campanha? É uma colheita dominical de subsistência, por exemplo, um quilo de açucar ou de feijão, para os internados dos nossos organismos de caridade. Esta campanha, com algumas excepções, estende-se presentemente a todo o Brasil. Velhos e novos saem todos os domingos, de saco às costas, percorrendo os sectores que prèviamente lhes foram determinados. Encontram algumas vezes pela frente céptico, renitentes, desapiedados mesmo, mas, pouco a pouco, vão-nos convencendo, vão-nos trazendo para este caminho onde a esmola redime quem a dá e quem a recebe. Consolador é verificar, caríssimos ouvintes, que também neste sector os moços tomam papel preponderante, e, aos domingos e uma vez por mês, percorrem igualmente as cidades, arrecadando os donativos que nos são ofertados por corações generosos e — isto é bem concludente — pertencentes a todos os credos religiosos.

Uma pausa, e, depois, o conferente acrescenta:

— Para servir na Campanha do Quilo é preciso muita renúncia, pois o nosso orgulho, além de teimoso, está sempre cheio de melindres e só muito a custo nos deixa atravessar a cidade com um saco às costas!... Também eu fui orgulhoso, irmãos, também eu demorei a entrar nessa bela legião do peditório dominical. Mas, um dia, minha filhinha, convenceu-me: «Paizinho, não tenha vergonha, não. Eu vou com você, com o nosso saco. Os outros vão; você também deve ir. Eu vou com você, paizinho...».

Ao ouvir estas palavras, esta bela confissão de renuncia e humildade, quase toda a assistência tinha lágrimas nos olhos. José António Marques também está comovido, saudoso certamente da sua dedicada família, que o espera em Nova Iguaçú.

TRABALHO, SOLIDARIEDADE E TOLERÂNCIA, AO SERVIÇO DE DEUS

Bem justificada a profunda e agradável surpresa da assistência. Como é frondosa a árvore do Espiritismo no Brasil ! O conferente ajunta:

— Trabalhamos para servir. Merecem também ser louvados os pregadores. Por isso, é de inteira justiça falar aqui, uma vez mais, do nosso querido confrade Professor Leopoldo Machado, o grande semeador da palavra que salva os que querem ver e querem trabalhar. Só ele, irmãos, percorreu já mais de 200 cidades, desde Pernambuco ao Rio Grande do Sul, e segundo carta sua, que acabo de receber, está de pé no estribo para os Estados nordestinos e do Norte, batendo-se sempre pelo seu ideal em marcha: Espiritismo de vivos e para vivos !

De novos ramos da frondosa árvore fala, a seguir, José Antonio Marques, como, por exemplo, das Semanas Espiritas:

— Sabem o que são as Semanas Espiritas? São, em resumo e na prática, a convivência de espiritas. Sim, irmãos, em todo o Brasil realizam-se, e há muito, essas semanas de convivência entre os da nossa Causa. Os desta cidade reunem-se, em certa semana, com os daquela. São hospedes dos confrades espiritas.

Com entusiasmo, o conferente elucida:

— Trabalhamos para servir e cada vez mais. Temos doze centros no ramal de Nova Iguaçú, que fazem parte do conselho consultivo do Lar de Jesus e que confraternizam uma vez cada mês, com programa organizado pela sua directoria, cuja prática tem trazido grandes benefícios à obra de que fazem parte aquele organismo e outros mais, obedecendo a este lema: Trabalho, solidariedade e Tolerância ao serviço de Deus!

Concluindo:

— Estão chegados os tempos e a hora é também dos novos, como procurei mostrar através de alguns pontos da minha conversa. Por isso, eu exorto os moços espiritas de Portugal ; juntai-vos, provai que sois uma força ao serviço da melhor das causas ! Do resto, vos falará o nosso dedicado amigo Isidoro Duarte Santos, quando visitar o Brasil, onde só conta amigos, onde é esperado há muitos anos, onde os conscientes admiradores da sua obra em prol do Espiritismo luso-brasileiro se contam, do Sul ao Norte, por muitos, muitos milhares.

No final, José António Marques foi demoradamente ovacionado pela assistência.

VOTOS DE BOA-VIAGEM

O nosso director, em convictas e sinceras palavras, fez um resumo da conferência de José António Marques, louvando, por proveitosas sem dúvida alguma, as revelações que ele acabava de produzir. Citou, a seguir, os grandes obreiros do Espiritismo no Brasil, como Henrique de Magalhães, Chelnicki Afflalo, Leopoldo Machado, Deolindo Amorim e muitos outros, dedicados colaboradores de «Estudos Psíquicos». José António Marques, desde esse momento — disse — enfileirava no número dos melhores amigos da nossa revista e, ao mesmo tempo, merecia a gratidão de todos nós pelos magníficos exemplos que nos tinha fornecido, para que compreendessemos o ideal tão acarinhado pelo Professor Leopoldo Machado: um espiritismo de vivos e para vivos ! Terminou o tenente Isidoro Duarte Santos por agradecer a José António Marques o seu trabalho, e, com a sinceridade de sempre, afirmou-lhe que, um dia, ainda espera visitar o Brasil, para abraçar todos quantos de há muitos anos a esta parte o têm auxiliado na sua árdua e desinteressada cruzada.

No dia seguinte, José António Marques regressou ao Brasil.

Na hora da abalada mostrava-se entre alegre e triste: Alegre por ir ao encontro da esposa, das filhinhas e dos confrades que o acompanham na sementeira da terra com o pensamento na luz do alto; triste por deixar sua estremosa mãe, velhinha simpática de muitos anos que o trouxe de terrras brasileiras a terras irmãs de Portugal, após muitos, muitos anos de ausência numa voragem de saudade e amor filial.

— Boa-viagem, José António Marques! Sua mãe, seus irmãos e seus sobrinhos não o esquecerão. Nós, também não. Boa-viagem!

N.º 29
JULHO
1949

Página Dirigida por KYLAS

Queridos pequeninos!

Deixai que vos dê um conselho hoje: sede delicados para todos, pertençam a que raça pertencerem, sigam o credo que seguirem, nobres ou plebeus, ricos ou pobres.

Estudai-os com prudência para que não vos enganem, mas nunca os esmagueis com o vosso orgulho.

Sereis assim sempre amigos de todos e da irmã mais velha

KYLAS

O MUTILADO - por ASTREIA

Certo dia, numa linda tarde de verão, eu atravessava de barca a Baía de Guanabara rumo a Niterói, cidade fluminense muito bela em seus recantos pitorescos.

Ao atracar, a barca encosta à amurada do cais, sem que qualquer ponte seja colocada para dar passagem de uma a outra extremidade. A barca vai abaixo e acima, de acordo com o marulhar das águas, formando às vezes um degrau que atinge mais de meio metro de altura e ocasiões há em que é difícil a atracação. A pessoa ágil salta fàcilmente, proporcionando-se às vezes momentos de hilariante bom humor.

Mas as pessoas doentes ou aqueles cujo destino as privou de um braço ou uma perna, ficam em situação embaraçosa.

O mar, banhado por sol abrasador, estava naquele dia levemente agitado. Os balanços da barca impossibilitavam o desembarque normal.

Aguardava eu o momento de saltar, quando deparei com um homem apoiado em duas muletas. Fazia tentativas para saltar, mas faltavam-lhe as forças e a agilidade precisa.

Como sempre, passavam as pessoas indiferentes à aflição do pobre homem, como se nada vissem, esquecendo-se de que havia dado em holocausto um de seus membros nos campos de batalha, lutando para que todos nós pudéssemos gozar de paz e tranquilidade no aconchego de nossos lares.

Vede, crianças, como é ingrata a pobre humanidade, que tão depressa esquece o sacrifício de seus irmãos!

Uma jovem se aproxima do homem e o ajuda a passar. Este agradece muito, exaltando os seus nobres sentimentos.

Amiguinhos, procurai pela vida afora ajudar sempre os infelizes e aleijados. Tende sempre em mente que a verdadeira felicidade está no bem que fizermos aos nossos semelhantes. Não caçoem dos aleijados, dos meninos feios ou mal vestidos, quando nada puderem fazer em seu benefício. Um bom pensamento elevado a Jesus muito pode beneficiá-los, atraindo para eles criaturas bondosas que lhes proporcionem a caridade que não está ao vosso alcance.

CARTAS DO OUTRO MUNDO

Não aceites por ventura
Prazer que te desconforte.
O peixe nada à procura
Da isca que o leva à morte.

A cantiga sem cautela
Desce o abismo inesperado.
Alçapão abre a janela
Ao pássaro descuidado.

Trabalha e atende ao porvir;
Contudo, pensa primeiro.
Formiga vive de agir
Mas não sai do formigueiro.

Não uses a liberdade
Gozando a inércia do bruto.
Se queres a eternidade,
Não desprezes teu minuto.

Faze o bem. Não sejas louco.
Aprende no amor cristão.
Inteligência é bem pouco
No dia da salvação.

Sem Deus, não busques na Terra
Luz e paz em parte alguma.
Há mais angústia e mais guerra
Quando a mentira se esfuma.

Evita o abono e a licença
Em que a preguiça se escuda.
Ferrugem é recompensa
Da enxada que não ajuda.

Dos males que andam na estrada,
Aquele que mais domina
É a mente desocupada
Que vive sem disciplina.

Despreza a ciência avessa.
É dolorosa irrisão
Ter mil livros na cabeça
E gelo no coração.

Perdoa a mão que te prende
A tropeços escarninhos.
Muita rosa se defende
Pela abundância de espinhos.

Foge aos gozos aparentes.
Toda flor cai no monturo.
Mas o fruto dá sementes
que seguem para o futuro.

Muita glória que se inflama
Sem Jesus-Cristo no fundo,
Quase sempre é treva e lama
Nos caminhos do outro mundo.

Não te exponhas ao perigo
Da tentação que te agrade.
Mas se tens Jesus contigo
Não temas a tempestade.

Belmiro Braga

(Versos recebidos pelo médium Francisco Cândido Xavier).

A Ingratidão

por IDALINDA A MATOS

Certa vez, uma jovem estava aguardando os últimos dias para a realização de seu consórcio.

O casamento, vocês sabem, é quase sempre processado com festa, em que as crianças tomam parte. Geralmente há flores, doces, confeitos e alegria.

Pois bem: imaginem o contentamento dessa menina, que estava a idealizar castelos para o seu futuro! Acontece, porém, que lhe nasce um sobrinho. Como todas as tias, ficou radiante! Ignorava ela o que lhe estava reservado...

Poucos dias depois, eis que a mamã do menino morre, ou seja, parte para outra vida. Vocês sabem que a morte não existe, vivemos sempre, neste ou noutro planeta. Ficaria órfão de carinho, se a titia bondosa não tomasse conta dele. Acontece, no entretanto, o que ninguém poderia imaginar. O noivo, cheio de preconceitos sociais, desmancha o noivado por causa da criança, dizendo-lhe:

— Ou eu ou ele, depende de você a escolha.

Ele era desses espíritos egoístas, não queria que o pobrezinho compartilhasse de seus carinhos!

A tal jovem, que era boa, não teve coragem de abandonar a criança, preferindo-a ao noivo sem coração. Nenhum receio tinha do futuro! Naquele instante só o bem, o amor ao próximo a preocupou.

Assim passou ela toda a sua mocidade, criando aquele entezinho que lhe viera destruir os sonhos doirados.

Cresceu, fez-se homem e a recompensa foi a ingratidão! Ah! meus meninos, como dilacera a alma uma ingratidão, principalmente dos filhos para os pais ou a quem com carinho os substitua!...

Ela ficou velhinha, a cabeça muito branca, o coração abalado pelos desgostos. Aquele menino, que era tão encantador, tornou-se um verdugo! Maltratou-a, abandonou-a, mandando-a para um hospital!

Quem sabe, quantas lágrimas derramou?! Quantas vezes relembrou o lar que não chegou nunca a construir? Quantas vezes teria ela invejado as vovózinhas felizes, rodeadas de muitos netinhos barulhentos?

Ela só teve uma felicidade; descontou, por certo, dívida contraída no passado. Foi forte quando viu desmoronarem-se os seus ideais, mais fortes ainda, recebendo humildemente a moeda falsa da ingratidão!

Quanto a esse menino, temos dele piedade. «A cada um será dado segundo as suas obras».

Não sejam ingratos, meus meninos. A ingratidão é a maior prova de inferioridade de uma alma.

BAZAR DO RISO

O piloto — **Partiu-se a asa! Abra o paraquedas e salte.**

O passageiro — **M... m... mas eu não sei abri-lo.**

O piloto — **Bem, então eu salto primeiro para o senhor ver como eu faço.**

— É verdade que os empregados desta repartição têm assim tanto que fazer?

— Eu lhe conto; aqui para nós, não têm mesmo nada que fazer, mas não imagina o trabalho que lhes custa fingirem que trabalham.

— Alto! Os cavalheiros não podem entrar sem deixarem os guarda-chuvas. São «ordes»!

— Mas nós não os trazemos...

— Então, vão buscá-los. Sem mos entregarem, não deixo entrar ninguém. São «ordes».

Numa retirada militar com todos caracteres de derrota.

O general, correndo a bom correr, para o ajudante:

— Quem vem à rectaguarda?

— Os que têm piores cavalos.

— Possuis, mesmo assim, uma bela porção de livros. Porque não arranjas prateleiras?

—Porque é coisa que me não emprestam.

A Criada:

— Minha senhora, se me emprestasse um livro para ler nas horas vagas...

— Pois sim, rapariga. Toma este. Instrui-te.

Dias depois:

— Minha senhora, se a senhora me desse algumas horas vagas para ler o livro que me emprestou...

MISCELÂNEA

Aprende a obedecer

Já viste o porco
Fossar no lodo?
Suja-se todo,
Mas volta à lama...
Pois a ele se assemelha
A criatura sem cabeça
Que o seu erro reconheça
E continue a errar,
E continue a teimar...

Virgínia Mota

Gostos não se discutem

Não serei eu quem refute
O senso prudente e raro
Deste ditado. Está bem.
O gosto não se discute.
Não se discute, claro,
— Mas é com quem o não tem...

Augusto Gil

Oração

Quem reza mesmo às escuras
Pede à Graça das Alturas
Que desça às nossas agruras.

Por falta de Avé-Marias
O mundo todos os dias
Chora trevas e agonias.

Deus da Paz e do Perdão
Enchei de rosas o chão
Ouvindo a nossa oração!

Moreira das Neves

Teimosia

Não sejas teimosa, Micas!
Feia coisa a temosia!
Ui! A cara com que ficas,
Quando tu teimas, Maria!

É grosseira incorrecção
Ser assim intransigente!
Importa mais ter razão,
Do que impô-la à outra gente...

(De «Leituras Técnicas», de Virgílio Couto)

Jul/49

O PRAZER DE COMPLICAR A VIDA

por ANTÓNIO BOTTO

Naquela manhã de Outono andava uma galinha a passear, melancólica, debaixo de uma parreira, quando um bago de uva combalido, desprendendo-se do cacho, lhe caiu, precisamente, sobre a crista vermelhinha. Assustadíssima, desatou a correr e encontrou-se com um galo.

— Onde vais com tanta pressa?

— Vou avisar el-rei de que o céu está a cair. Há bocadinho caiu-me um pedaço tão grande em cima da cabeça que por um triz não me matou.

— Eu vou contigo.

E lá foram ambos, a correr, até que encontraram um pato que lhes perguntou surpreendido:

— Mas, o que é que aconteceu?

— Vamos avisar el-rei de que o céu está a cair.

— Ai, sim? Vou com vocês.

E desataram a correr, até que encontraram um ganso.

— Mas, o que é isso, meus amigos?

— Vamos avisar el-rei de que o céu está a cair.

— Se assim é, vou com vocês...

E a galinha, e o galo, e o pato, e o ganso, desataram a correr até que encontraram um pavão que lhes perguntou gritando:

— Mas, o que vem a ser isso?

— Vamos avisar el-rei de que o céu está a cair.

— O quê? Também quero ir.

E novamente se puseram a correr até que encontraram uma raposa.

— O que significa essa corrida? — perguntou ela sorrindo.

— Vamos avisar el-rei de que o céu está a cair.

— Mas, têm a certeza de que é este o caminho para a cidade?

— Não; realmente, não sabemos qual é o caminho para a cidade, disseram todos, ao mesmo tempo, desconcertados, a olhar uns para os outros.

— Ah! Então tiveram sorte em me encontrar, disse a raposa. Venham que eu lhes ensino.

Seguiram atrás dela.

Por fim, passaram ao pé de um subterrâneo, e a raposa exclamou:

— Podem entrar. É aqui.

Entraram, e uma vez lá dentro foram comidos pela raposa, pelo marido e pelos filhos.

E tudo isto sucedeu por causa de um bago de uva.

O PERDÃO DAS ÁRVORES

Eis-nos mortas, de rastos, pelo chão!
E fomos belas, altas e frondosas;
E demos doces frutas saborosas
Que mataram a sede e foram pão.

Em nós, cheias de enlevo e mansidão,
Fizeram ninho as aves amorosas;
Pelas sestas de Julho a arder, piedosas,
Fomos a sombra e a voz da solidão.

Fomos o berço do homem e o seu lume;
Demos-lhe bençãos, cantos e perfume;
Caixão, em nós descansa, até final.

Demos a vida a quem nos tira a vida:
Mas só nos doi a ingratidão sofrida
De um mal inútil, feito só por mal!

António Correia de Oliveira
«A Alma das Árvores»

Pensamentos e Provérbios

A água não apanha moscas.
(Prov. latino)

—

A curiosidade é apenas vaidade. A maioria das vezes só desejam saber para falar sobre o assunto.
PASCAL — «Pensamentos»

—

A maior parte da vida passa-se a fazer coisa nenhuma, e a vida inteira a fazer tudo, menos o que seria preciso.
SÉNECA — «Cartas a Lucílio»

—

O interesse fala todas as línguas e desempenha todos os papeis, inclusive o de desinteressado.
LA ROCHEFOUCAULD
«Máximas»

—

Ela parecia-se com muitas pessoas que desconfiam dos parentes e desabafam com o primeiro que lhes apareça.
BALZAC — «Le Sère Goriot»

—

Que lhes vale reduzirem-me ao silêncio, se não me podem convencer?...
ROUSSEAU — «Emílio»

—

Hora a hora, Deus melhora.

A CARIDADE

A Caridade não tanto se deve chamar virtude poderosa, quanto o mesmo poder das virtudes; pois estas recebem dela o serem virtudes. A Caridade é quem dá vida à Fé, valentia à Esperança, e a todas as virtudes força, e vigor íntimo. Ela é a que ordena a vida, acende os afectos, informa os actos, emenda os excessos, compõe os costumes, e valendo para todas as coisas, as coisas prevalece; e até a mesma Omnipotência a faz em certo modo Omnipotente. S. Boaventura diz esta breve e sublime sentença:

«Assim como Deus abraça todo o bem, assim a Caridade todas as virtudes».

P.e Manuel Bernardes
«Luz e Calor»

O HOMEM PRETO

Um dia, certo indivíduo notou que um preto se banhava na água do rio. E não podendo conter-se, exclamou:

— Meu amigo, não enxovalhes o rio. Por mais que te esforces, não conseguirás fazer-te branco!

Isto significa que nunca desaparece a marca gravada pela natureza.

O JARDINEIRO E OS CARACÓIS

Perdoar ao inimigo
É de-certo belo e bom,
Das almas nobres o dom,
Às quais pouco o perdão custa;

Porém, acrescento e digo —
Contanto
Que seja santo
Cada qual à sua custa.

Jardineiro, perseguido
Pelos caracois, lhes faz
Guerra assídua, e conseguido
Tem encher grande cabaz
Com milheiros
Dos nocturnos ratoneiros
Pois o matá-los
Lhe repugna o coração;
Julga vingar-se mesquinho,
E vai então
Atirá-los
Para o quintal do vizinho.

Henrique O'Neil
Fabulário»

CURIOSIDADES

Não sei por que singular contraste, as povoações da beira-mar, onde mais se exerce o rude labor da pesca, são quase sempre também as que produzem as mais delicadas obras femininas. Viana do Castelo, Vila do Conde, Peniche, Setubal. terras de pescadores, são desde tempos imemoriais conhecidas pelas rendas que ali se fazem.

Vicente Almeida d'Eça

★

Do que é hoje o sumptuoso bairro de Belém, nada existia no princípio do séc. XV sendo o inóspito e infecundo areal do porto do Restelo. Para dar socorro, abrigo, consolação e carinho aos numerosos mareantes que fundeavam naquelas águas, o Infante levanta a ermida de Nossa Senhora de Belém numa pequena parte do terreno em que está hoje o que ainda resta do mosteiro.

Ramalho Ortigão

A LIÇÃO INESQUECÍVEL

Ilda, menina abastada, todos os dias dirigia más palavras à pequena vendedora de doces que lhe batia humildemente à porta da casa.

— Que vergonha! De bandeja! De esquina em esquina! Vai-te daqui! — gritava sem razão.

A modesta menina ficava pálida e trémula. Entrementes, a dona da casa, tentando educar a filha, vinha ao encontro da pequena humilhada e dizia, bondosa:

— Que doces tão perfeitos! Quem os fez assim tão lindos?

A mocinha, reanimada, respondia, contente:

— Foi a mamã.

A generosa senhora comprava sempre alguma coisa e, depois, recomendava à filha:

— Ilda, não brinques com o destino. Nunca expulses o necessitado que nos procura. Quem sabe o que sucederá amanhã? Aqueles que socorremos serão provàvelmente os nossos benfeitores.

A menina resmungava e, à noite, ao jantar, o pai secundava os conselhos maternos, acrescentando:

— Não zombes de ninguém, minha filha. O trabalho, por mais humilde, é sempre respeitável e edificante. Por certo, dolorosas necessidades impelirão uma criança a vender doces de porta em porta.

Ilda, contudo, no dia seguinte, fustigava a vendedora, exclamando:

— Fora daqui! Bruxa! Bruxa!...

A mãe devotada acolhia a pequena descalça e repetia à filha as advertências carinhosas da véspera.

Correu o tempo e, depois de quatro anos, o quadro da vida se modificara.

O paizinho de Ilda adoeceu e debalde os médicos procuraram salvá-lo. Morreu numa tarde calma, deixando o lar vazio.

A viúva caiu à cama extremamente abatida e, com as despesas enormes, em breve a pobreza e o desconforto lhe invadiram a residência. A pobre senhora mal podia mover-se.

Privações chegaram em bando. A menina, anteriormente abastada, não podia agora comprar nem um par de sapatos.

Aflita por resolver a angustiosa situação, certa noite, Ilda chorou muitíssimo, lembrando-se do papá. Dormiu lacrimosa e sonhou que ele vinha do Céu confortá-la. Ouviu-lhe dizer perfeitamente:

— Não desanimes, minha filha. Vai trabalhar! Vende doces para auxiliar a mamã!...

No dia seguinte despertou com o propósito firme de seguir o conselho.

Ajudou a mãezinha enferma a fazer muitos quadradinhos de doce-de-leite e, depois, saiu a vendê-los. Algumas pessoas generosas compravam-nos com intuito de auxiliá-la; entretanto, outras, principalmente meninos perversos, gritavam-lhe aos ouvidos:

— Sai daqui! Bruxa de bandeja!

Sentia-se triste e desalentada, quando bateu à porta de uma casa modesta. Graciosa jovem a atendeu.

Ah! Que surpresa! Era a menina pobre que costumava vender doces noutro tempo. Estava crescidinha, bem vestida e bonita.

Ilda esperou que ela a maltratasse por vingança, mas a jovem humilde fitou nela os grandes olhos, reconheceu-a, compreendeu-lhe a nova situação e exclamou, contente:

— Que doces tão perfeitos! Quem os fez assim tão lindos?

A interpelada lembrou os ensinamentos maternos de anos passados e replicou:

— Foi a mamã.

A ex-vendedora comprou quantos quadradinhos restavam na bandeja e abraçou-a com sincera amizade.

Desse dia em diante, a menina vaidosa transformou-se para sempre. A experiência dera-lhe inesquecível lição.

De «Alvorada Cristã», pelo Espírito de Neio Lúcio, psicografado pelo médium Francisco Cândido Xavier).

Boa Resposta

Henrique IV, rei de França, estava um dia em Paris e viu passar numa rua um homem com a barba preta e a cabeça toda branca. Achando curioso o contraste e popular como era, chamou o homem e perguntou-lhe:

— Como é isso arranjado, porque é que tens a barba preta e a cabeleira tão branca?

— Permita Vossa Majestade que lhe diga que a minha cabeça é mais velha vinte anos que a barba.

Dos Valores Espirituais

por RAMOS PEREIRA

O fundamento dos valores é o Espírito. Sem ele, o valor não existe. A característica do valor é uma existência «in alio», e não «in se». Não é por si, tem de se referir sempre ao sentir do Espírito, de um sujeito abstracto, meta-individual. Tendo essência, não tem existência; são a-temporais, embora objectiváveis. É uma categoria, ideal de objectos.

Mas quando o valor passa da esfera do Espírito para a do sujeito individual, ganha realidade, existência, é realizado em acto. Isto é, como qualidade do ser, o valor saltou do potencial ao real.

A polaridade dos valores é algo de diferente da oposição entre ser e não-ser. Este é o nada, a pura negação. O valor negativo é valor também. Ao mudar de polo, o valor não se perde, ganha ou perde, sim, a positividade. O campo dos valores é heterogéneo; o campo do ser é uniforme (ser ou não ser). O conjunto dos valores é um poliedro de múltiplas faces, cada uma das quais é um grau na hierarquia dos valores. Entre o — e o + de cada valor há uma sobreposição contínua de tipos que prossegue de valor para valor.

Distinguir valor e ser não significa torná-los irredutíveis, pois que o valor só se realiza nos horizontes do ser, só neles a sua essência adquire existência.

A grande característica do valor é o dever-ser, a obrigatoriedade, o modo de ser do valor. Enquanto o valor paira no Espírito, o dever-ser é ideal, tornando-se actual ao penetrar no mundo do indivíduo. A maior força do dever-ser depara-se nos valores éticos. Mas aqui como em qualquer outra categoria, o dever-ser não é transcendente e sim imanente ao valor. O dever-ser ético é um imperativo categórico.

Mas nem todos os valores são subjectivos-gerais. Há-os subjectivos individuais, isto é, valores que são «valer», que só tem realidade para alguns indivíduos. O facto deste relativismo não argumenta em favor de um relativismo geral subjectivo de todos os valores, como alguns querem. Os subjectivos-gerais são independentes das valorações individuais porque, chamando todos os homens, possuem uma validade transubjectiva, ou, o que é o mesmo, uma validade absoluta, objectiva. De facto, o sentir dos valores não é apenas subjectivo mas meta-subjectivo; isto é, a sua força de dever-ser torna-os independentes de um capricho voluntário. Podemos, evidentemente, realizar uma forma de um valor, um grau, mas antes da valoração, experimentámos o valor como algo objectivo que procurava forçar-nos ao incondicionalismo duma adesão categórica, sentimos o seu dever-ser actual a definir a objectividade no terreno do subjectivo. Mesmo, sem a objectividade, como poderiam os valores ser realizados, como se poderia «valorar»?

Olhando apenas os valores que se referem ao ser espiritual, poderemos distinguir 3 categorias primordiais: — éticos, estéticos e místicos.

O campo dos valores éticos é restrito, pois que só a pessoa os pode realizar; não aderem às coisas. A sua exigência é ilimitada, total-universal. O valor estético é uma expressão de presença imediata e intuitiva e que, por ser expressão, é sempre aparência. Próximo deste está o valor místico, valor dum ser, ou melhor, valor e ser ao mesmo tempo. A sua realidade não é aparência como no estético, mas uma supra-realidade, um «ens realissimum» como disse Santo Agostinho. O sentir destes valores é já uma vivência do plano do Verbo. O valor místico, o valor do Santo, é o cume da hierarquia dos valores, porque poderemos encontrar nele o fundamento de todos os valores espirituais.

No conhecimento dos valores há uma subtil combinação cognito-emotiva que directamente se revela numa apreensão imediata e intuitiva por via emocional e não por via intelectual-reflexiva. O conhecimento por esta via é sempre condicionado por um conhecimento emocional-intuitivo. O juizo de valor escapa-se das correntes lógicas para se mover, livremente, no campo do Espírito.

Qual é a posição do Homem em face dos valores? É o de uma esfera que deve abrir-se para que nela penetre o mundo positivo dos valores espirituais.

O caminho do homem é um progressivo descerrar do sentir para os valores. A personalidade individual é a abstracção erguida sobre a parcial realização dos valores feita pelo indivíduo. Assim haverá personalidade estética, ética e mística, conforme o predomínio de realização de um grau de qualquer das categorias dos valores espirituais. O homem desperto inteiramente para os valores místicos, atingiu o cume de uma realização: — o Ego Superior, a personalidade do que «vive» no plano do Verbo. Mas a posição primacial do homem em face dos valores é a sua adesão ao imperativo dos valores morais Nem todos poderão sentir os valores estéticos ou realizá-los, mas todos podem e devem realizar os valores éticos positivos.

A polaridade dos valores coloca o homem num momento trágico, angustioso. Ele sente o choque desesperado entre o ilimite do querer e o limite do poder. Quando a ordem actual não corresponde à ordem ideal da Vida, o homem sofre, chora, arrepende-se. Perante quem? Perante si próprio, perante a humanidade? Não, porque sabe que esse não é o ser trans-individual, ou melhor, supra-individual. Quando o homem sente a dor do remorso ou a alegria da graça, está a encontrar o desnível ou o nível com a ordem transcendente da vida, com o fundamento último dos valores. Para comparar, busca-se o absoluto e não o relativo. Atira-se *para lá* o valor e sentimos o desnível entre o que seria a realização «ideal» e o que foi a realização «actual». A Dor é a marca da impotência, é a resultante do finito humano pressentir a transcendência do infinito divino.

A realização humana dos valores é o depor de um peso num prato de balança cujo fiel é Deus. No outro prato está a Ideia que é o superior planeamento das formas espirituais.

REFLEXÕES

Só encontra amargor na vida, quem tem cravo no coração.

O verdadeiro cristão não se revela pela sabedoria, mas se impõe pelas boas obras.

ARY C. SILVA

Jul/49

Faure da Rosa escreveu...

II

Que a inteligência funciona independentemente da integridade do cérebro, é um facto averiguado.

Um rapaz entre os 12 e 14 anos, tratado pelo Dr. Ortiz, morreu no pleno uso das suas faculdades intelectuais apesar de ter a massa encefálica completamente destacada do bolbo raquidiano, nas mesmas condições que a de um homem realmente decapitado. Na autópsia que os cirurgiões fizeram ao cadáver, descobriram, estupefactos, que as meninges estavam cheias de sangue e que um abcesso ocupava todo o cerebelo, uma parte do cérebro e a protoberância cerebral. No entanto, algum tempo antes de falecer, pensava como qualquer homem saudável.

A Academia de Ciências de Paris ocupou-se da operação feita pelo Dr. Guépin a um soldado que, em 1934 ainda vivia e cujo estado mental continuava a progredir apesar da perda de grande parte do hemisfério cerebral esquerdo e do desaparecimento de circunvoluções consideradas, até então, como essenciais. Este soldado gozava de esplêndida saúde e exercia as funções de jardineiro nos arredores de Paris.

Annales des Sciences Psychiques de Janeiro de 1917, referem um caso curioso apresentado à Academia de Ciências pelo Dr. Robinson: um homem viveu um ano sem sofrimento, sem nenhuma perturbação mental aparente, portanto pensando, apesar de ter o cérebro em papas, cérebro que não era mais que um enorme abcesso purulento, como se reconheeceu na autópsia.

Para Bergson, basta um só destes casos para demonstrar que a inteligência e o pensamento não são produto do cérebro. «Cérebro e consciência — diz este sábio — correspondem-se, porque ambos medem, igualmente, o quantitativo de selecção de que dispõe o ser: um pela complexidade da sua estrutura e a outra pela veemência da sua actividade. Mas esta correspondência nada tem de equivalente nem de paralelismo. «Precisamente porque um estado cerebral exprime de um modo simples o que nele há de começo de acção no estado psicológico correspondente, o estado psicológico excede infinitamente o estado cerebral. Por outras palavras: Porque certa porca de parafuso é necessária a certa máquina; porque a máquina funciona quando a porca está no parafuso e pára quando lha tiram, não é legítimo pretender que a porca do parafuso seja equivalente à máquina. Ora, a relação entre a consciência e o cérebro, parece ser a que há entre a porca do parafuso e a máquina... A consciência de um ser vivo é solidária com o cérebro, da mesma maneira que uma faca é solidária com a sua ponta. O cérebro é a ponta acerada por onde a consciência penetra o tecido compacto dos acontecimentos, mas não é mais co-extensivo à consciência que a ponta o é à faca».

Bergson reconhece de maneira precisa e peremptória, que o cérebro não é mais que um «instrumento de acção»:

«O cérebro não determina o pensamento. O Pensamento, em grande parte, pelo menos, é independente do cérebro. O cérebro é um orgão de pantomima. O seu papel é mimar a vida do Espírito. O Espírito ultrapassa o cérebro, e a actividade cerebral corresponde apenas a uma ínfima parte da actividade mental. Isto significa também, que a vida do espírito não pode ser o efeito da vida do corpo, que tudo se passa ao contrário como se o corpo fosse simplesmente utilizado pelo Espírito. Por conseguinte, nenhuma razão há para supor que Corpo e Espírito estejam inseparàvelmente ligados um ao outro».

COMO OS MOR

★

O anglicano Reverendo Stockwell, falecido há cerca de 50 anos, diz-nos numa mensagem:

«O nosso mundo é o do pensamento: tudo que é visível, tangível, utilizável, é uma criação do pensamento. O nosso corpo espiritual é uma criação substancial do pensamento. É desse mesmo corpo que, sem o menor prejuizo para a nossa individualidade, exteriorizamos aquilo que nos é preciso para exercer a nossa actividade objectiva. Em volta de nós, as criações do nosso pensamento revestem formas que se fundem e se harmonizam com as criações do pensamento de outros. Algumas dessas criações são exteriorizações inconscientes do pensamento; outras, pelo contrário, provêm da sua forma criadora dirigida pela vontade para fins determinados. Nós somos construídos de pensamento, e tudo o que desejemos, bem como tudo o que façamos, realiza-se pelo dinamismo do pensamento.

«Naturalmente, aqueles que vivem no meio terrestre, tão diverso do nosso, têm dificuldade em compreender e até em admitir estas recordações, e, entretanto, asseguro-te que os processos funcionais concernentes ao que descrevi, são muito simples, muito naturais e maravilhosamente eficazes...

«Estes ensinamentos espirituais, que só agora os viventes do Além começam a dar aos viventes terrenais, são uma das «numerosas coisas» acerca das quais Jesus de Nazaré afirmou que «a sua geração e o seu tempo não estavam amadurecidos para as receber»...

Um outro comunicante do Além afirma: «Nós não tardamos em descobrir — e isto é muito curioso e interessante — que estamos aqui em condições de transformar certas coisas que vemos em redor de nós, ùnicamente pelo desejo de que elas se transformem... Contudo, não podemos transformar o meio onde vivemos; e não o podemos realizar, porque a paisagem que nos rodeia não é sòmente a nossa «decoração», mas também a decoração de todos os habitantes deste mundo onde vivemos... Depois de muitas experiências desta natureza, começa-se a compreender a Verdade: isto é, que o meio onde vivemos não é constituido, na realidade, senão por «formas do pensamento» ou por projecções da memória. Tudo isto está predisposto a fim de facilitar aos espíritos recém-chegados o período de transição da existência terrestre para a existência espiritual pròpriamente dita».

TOS COMUNICAM CONOSCO

COMUNICAÇÕES DO ALÉM

Charles Drayton Thomas conta que um desconhecido lhe escreveu pedindo-lhe que procurasse obter notícias do filho que, estando na Mesopotâmia, tinha desaparecido depois de uma escaramuça com os árabes. A carta indicava o nome todo do rapaz e narrava as circunstâncias do desaparecimento. Os comunicantes do Astral a quem Drayton Thomas transmitira o pedido, sugeriram que concentrasse ele o pensamento no rapaz desaparecido e que a concentração fosse acompanhada de preces, «que só não reza quem desconhece o valor da prece». Na primeira sessão os comunicants disseram que o jovem lhes tinha dado informações que condiziam com a carta do pai. Acrescentavam uma descrição circunstanciada da pessoa de quem se tratava, além de outros pormenores como provas de identidade.

Drayton Thomas enviou apenas a descrição ao pai do desaparecido a quem pedia que lhe dissesse se reconhecia ser do filho. O pai respondeu que ele próprio não conseguiria descrevê-lo tão bem, e para mostrar a extraordinária exactidão, juntava uma fotografia à carta. Isto encorajava Drayton a transmitir os detalhes apresentados como provas, detalhes dos quais muitos deles se referiam à vida do moço quando ainda vivia com os pais. Todos os pormenores foram julgados exactos. O rapaz fora morto na luta com os árabes.

A médium Leonard, numa sessão realizada em Londres, recebeu do seu guia *Feda* uma comunicação em que se lhe dizia que John Drayton Thomas encontrara no Astral um senhor B..., homem que tivera certas relações com a família Drayton Thomas, mas não recentemente. Isso acontecera numa região longe de Londres, numa região onde o ar é mais forte e onde o campo circundante é muito lindo. A casa esteve fechada durante certo tempo. John Drayton Thomas, durante a vida terrena, ia com regularidade a uma casa construida com pedras escuras. A inicial B... do nome do tal senhor e as minúcias que a acompanhavam, eram exactas, não permitiam que se duvidasse da identidade da personagem que vinha a ser um advogado, com quem os Drayton Thomas tinham tido relações comerciais noutros tempos, na ilha Wight e de quem os sobreviventes da família não ouviam falar há mais de 20 anos. O tal sr. B... morrera havia apenas 2 meses, morte de que Ch. Drayton Thomas teve conhecimento pela respectiva participação publicada nos jornais. Como isto pudesse fazer supor que a origem da comunicação tivesse sido a notícia dos jornais, o guia acrescentou: «Este sr. B... esteve doente durante muito tempo, contudo morreu sùbitamente. A doença afectara-lhe o coração».

Ora, o experimentador ignorava estas minúcias que foram depois confirmadas pela família do falecido.

Em outra sessão, Ch. Drayton Thomas foi acompanhado pela mãe, sem dizer à médium quem ela era. Depois do guia anunciar que o comunicante habitual estava presente, continuou:

«O comunicante está junto dessa senhora a quem acaricia o ombro; senta-se ao pé dela; o seu aspecto é de quem está muito contente. Agora, passa-lhe o braço por cima dos ombros».

Como aquele gesto parecesse a Charles um tanto estranho, perguntou mentalmente porque procederia ele assim. Eis a resposta: «Nada de estranho; é um gesto perfeitamente natural. Afigura-se-me que ele se sente muito feliz e não quer afastar-se dessa senhora. Neste momento, acaricia-lhe os cabelos por detrás da testa. Não era assim que ela dantes arranjava os cabelos. Noutros tempos frisava-os aos lados; existe até uma fotografia que a representa dessa maneira».

Tudo isto era exacto. Depois, gracejando, acrescenta: «Eu conheci alguém que não gostava que eu usasse a barba toda». A sr.ª Thomas, efectivamente, tinha-se oposto. Estas pequeninas coisas, de aparência fútil, são mais eloquentes, muitas vezes, que as de grande vulto.

Noutra sessão, Ch. Drayton Thomas perguntou ao pai por intermédio do guia, se poderia dizer-lhe se se recordava de um senhor chamado Symmonds que a

sr.ª Thomas conhecera. Ao fazer esta pergunta, Charles pensava num amigo em casa de quem John Drayton Thomas tinha conhecido aquela que viria a ser sua mulher. Não lhe ocorreu que o nome Symmonds pudesse ser confundido com qualquer outro. Mas o comunicante enganou-se redondamente e deu informações referentes a um homem inteiramente diverso, cujo nome se pronuncia como o outro, mas se ortografa de modo diferente e com o qual ele tivera relações de amizade cerca de uns 50 anos antes. Muitas das minudências fornecidas nunca tinham vindo ao conhecimento do experimentador Charles. Foi preciso um inquérito para as verificar. Este engano foi instrutivo, porque prova claramente que a médium não tirou do consulente as revelações que lhe deu o Espírito comunicante. Enganos destes, cometemos nós quase todos os dias neste mundo terrenal.

Em outra sessão o pai de Charles faz a descrição minuciosa de um velho porta-moedas, assegurando que sua mulher o conservava. O próprio consulente — Charles — nada sabia acerca de tal objecto e interrogou a mãe, que respondeu não o possuir. Na sessão imediata, Charles transmite esta resposta ao pai, o qual insiste e repete que está absolutamente seguro do que afirma, que o porta-moedas existe e pode ser encontrado. A mãe de Charles, depois de novas pesquisas encontra o porta-moedas que correspondia exactamente à descrição feita pelo Espírito comunicante.

Qual teria sido a origem deste episódio?... Poderá atribuir-se à clarividência do guia, considerado como segunda personalidade da médium, tendo o poder de ler na subconsciência da viúva, por intermédio do filho?

Qualquer das duas hipóteses, tão longínquas, pode ser arredada sem se correr o risco de cometer um engano. Por insignificante que pareça este episódio, depõe poderosamente a favor da sobrevivência da personalidade humana.

Charles Drayton Thomas conta ainda que um primo seu residente no Canadá lhe escrevera alanceado pelo profundo desgosto da morte de um filho, ainda criança. Isolado no seu gabinete, Charles dirigiu súplicas fervorosas ao pai e à irmã, ambos desencarnados, para que procurassem no Astral aquela criança e dela obtivessem uma mensagem com pormenores suficientes que certificassem a sua identidade. Charles lembrava que talvez o pequeno estivesse junto do avô e tio dele Charles, chamado Fred. Na sessão realizada dias depois, o pai e a irmã disseram-lhe que tinham falado com esse tio Fred, após o que descreveram vários incidentes respeitantes ao falecimento da criança, mais de uma dúzia de factos cuja exactidão o pai do pequeno pôde verificar.

Nas sessões subsequentes, novas mensagens e novas provas foram recebidas, com numerosos detalhes probatórios, dos quais nem um único era conhecido do médium nem de Charles.

Supor que o Espírito-guia teve conhecimento das súplicas mentais de Charles e da carta que as ocasionara, e que isto lhe permitira ler no Espírito do pai da criança morta, é uma inverosimilhança tão óbvia e arrojada, que só não choca aqueles que a todo o transe e sistemàticamente fogem da hipótese espirita.

Os sábios materialistas e os religiosos dogmáticos, sob o pretexto de exigências da ciência, desprezam o bom senso em que a ciência se deve basear.

SACIANDO UMA ESPERANÇA

por José Ferreira Madaleno

NA sagrada luta da evolução, vejo que, se Deus não falta àqueles que o não aceitam ou não acreditam nele, menos faltará aos que, de quando em quando, o vão recordando. Para todos chegam suas bençãos inesgotáveis. Só há que frisar um ponto: esperar não é tudo; sabê-lo é grande refrigério de alma.

A esperança é alimento confortável da vida. Para se chegar ao ponto desejado é indispensável vigilância e disciplinar a alma no tocante aos maus hábitos da matéria.

Dizia Séneca, em tradução do autor de «Os Mortos Vivem»: «Tentemos a satisfação de ver morrer primeiro os nossos vícios do que nós».

O abraço de satisfação que me ajuda a executar a pena é grande auxílio de descarga aos desejos.

Interroquei sempre a consciência: De que me vale o emprego de tempo remanescente nos caminhos religiosos, se não vier a lucrar, quando despertar no Além?

Ao chegar à terra, o homem traz a inteligência e a linguagem articulada e encontra ordem e ensino para se orientar na vida. E as aves? Aos meus olhos lhes faltam essas facilidades com que o ser humano foi favorecido e nas quais se encontram propriedades distributivas. Refiro-me às de arribação, como a andorinha e a rola, que se encontram distribuidas anualmente nas nossas províncias. Porque se não agruparão todas numa só região, visto a maioria delas não conhecer suas futuras instalações? Sempre me preocuparam estes pequenos pontos.

Sem desânimo e olhos postos na vigilância divina, fui seguindo os caminhos paternos ao longo do catolicismo até que grandes dúvidas me fervilharam na mente. Um dia, no regresso do trabalho, tive um amigo e companheiro de tarefa que me fez contemplar novos horizontes. Iniciei o meu trabalho de ressurgimento, procurando sempre esclarecimentos novos. Hoje sinto-me outro homem. O Espiritismo saciou-me inteiramente. Piso a aresta do campo que procurei desde a infância. Apenas me resta aplicar a fórmula desejada, a fim de que possa desenvolver a minha capacidade individual. Trabalhar e guardar a fé, creio seja a bela escada de oiro para lá chegar com segurança.

REENCARNACIONISMO EXPERIMENTAL

por AKHAR

EM geral, os anti-espiritas assacam ao Espiritismo a sua incapacidade para provar... um dos pontos fundamentais dos seus princípios: — a palingenesia, a reencarnação. E vem a argumentação, considerada decisiva, do esquecimento...

Contudo (não citando os trabalhos de regressão de memória efectuados pelo Coronel De Rochas e descritos por ele na sua obra «Les Vies Successives», bastam os resultados do inquérito conduzido pelo Dr. Rao Bahadur Syam Sunderlal e publicado na revista hindu «Kalpaka» (1924) para mostrar quão inconscientes são as afirmações sobre essa impossibilidade de prova.

O inquérito foi ordenado pelo Maharajah de Bhartpur e conduzido «com uma perfeita consciência científica», no dizer de Geley.

Um dos casos notáveis é o da criança de 4 anos e 7 meses chamada Prabhu, natural de Salimpur. Mal começou a falar, o garoto contou a seu pai as suas recordações de uma vida anterior. Dizia ter-se chamado Harbux e ter vivido na aldeia de Hatyori. Tivera dois filhos (Ghure e Shyan Nal) e duas filhas (Kohila e Bholi). E numa descrição plena de minúcias, falava da aldeia e seus poços, dos seus vizinhos, casamentos das filhas, indicava os nomes das pessoas de sua família, etc.

A criança foi conduzida à aldeia onde as suas declarações puderam ser completamente controladas, onde reconheceu a sua antiga casa e até mesmo um dos filhos.

Instrução prévia ? Com que fim, se do caso não resultavam quaisquer proveitos materiais?... Note-se que o pai fez diante das autoridades e depois de apertado interrogatório a seguinte declaração: — «Nunca estive em Hatyori e nem tive aí qualquer relação».

Um outro caso é o de uma criança de 5 anos que um dia roubou a um vendedor ambulante vários objectos, dizendo que não fazia mais que pagar-se de 5 rupias que na vida anterior lhe dera com «a missão de comprar uma campainha e de a oferecer em seu nome no templo de Shiva, em Mhowa». E o homem não pode negar que anos antes recebera aquela importância dum rajpute chamado Chhida que fugira da aldeia de Mhowa para escapar à alçada da polícia. Esta perseguiu-o por acusação de roubo feita por um brâmane (que assim se vingava do rapaz cortejar-lhe uma filha) e acabou por matá-lo.

O incidente causou tais comentários na região, que a mãe de Chhida foi ver a criança, levando-a à aldeia onde ela soube encontrar a sua antiga residência.

Perfeitos são ainda os casos de Kashi Ram e do zemindar rajpute. Num e noutro, chegou-se sempre à conferência completa dos dados minuciosos.

Teremos de dizer com o Dr. Geley que o decantado esquecimento nem é total nem geral. Note-se mesmo que estas reminiscências são frequentes nas crianças com menos de 7 anos (talvez por nesta idade não estar ainda completa a ligação do perespírito ao corpo somático ?). Geralmente, porém, as descrições são tomadas à conta de fantasias infantis, não se levando a cabo um interrogatório capaz de aclarar pormenores.

Conhecemos o caso dum garoto que entre os 4 e os 5 anos caia em profundos estados de abatimento, dizendo depois que tinha de voltar para casa, porque a mulher e os filhos estavam com fome e precisavam dele. Noutras ocasiões, agarrava numa bengala e de mãos atrás das costas passeava pela casa, falando, à mãe, dos seus livros, dos seus papeis, etc. Admiravam-se... mas atribuiam aquelas descrições a excessos de imaginação!

Vinte anos depois uma clarividente reconhecia ao indivíduo em questão (e sem conhecimento possível dos factos narrados atrás) duas encarnações que condiziam com as palavras da criança: — num pobre campónio e... num professor, verdadeiro «rato de biblioteca»... E o interessante é haver no carácter deste indivíduo duas facetas nítidas: — um amor exagerado pelos livros e pelo campo que, na adolescência, ora o levava a perder noites debruçado sobre aqueles, ora a deambular até alta madrugada pela solidão do campo adormecido.

Um inquérito rigoroso conduzido naquela idade possivelmente poderia ter sido tão concludente como o do Dr. Sunderlal.

Se fosse lançado um inquérito obter-se-ia um somatório de dados suficientemente convincente para que não houvesse quem, em consciência, pudesse já recusar um fundo experimental à debatida tese palingenésica.

Um bom livro é um bom amigo

Acabam de chegar ao nosso Depósito obras interessantíssimas que todo o espirita deve ler e meditar profundamente. Entre elas, três que há muito estavam esgotadas. São as seguintes:

O PORQUÊ DA VIDA, por *Léon Denis*.

Admirável síntese do que somos, donde vimos e para onde vamos.

MEMÓRIAS DO PADRE GERMANO, por *Amália Domingo Soler*.

Obra baseada em comunicações do Espírito do Padre Germano. Cada capítulo é uma novela encantadora em que o Padre Germano desfia passadas existências, como contas de um rosário em que a felicidade anda de braço dado com a amargura. Obra sã, verdadeiro breviário de ascensão espiritual dos que desejam preparar-se para a grande viagem.

Brochado, 37$00 — Encadernado, 45$00

DO CALVÁRIO AO INFINITO, pelo *Espírito de Vitor Hugo*.

Esta obra encontrava-se há muito esgotada. É um dos melhores trabalhos do Espírito de Vitor Hugo. Ali se nota a profundidade do pensamento de um grande poeta e de um grande escritor.

Brochado, 42$00 — Encadernado, 50$00

«MEDIUNIDADE, seus aspectos, desenvolvimento e utilização»

pelo Comandante Edgar Armond

1.ª Parte

Resumo histórico — Evolução da Mediunidade — Mediunidade de prova — Controlo da mediunidade — Sensibilidade individual — A lucidez — A encorporação — Efeitos físicos — Educação dos médiuns — Amadurecimento mediúnico — Pre-mediunismo.

2.ª Parte

Equilibramento psíquico — O desenvolvimento. Oportunidade do desenvolvimento — Sinais precursores — Na intimidade do processo — A direcção dos trabalhos — Modalidades de trabalho — A Doutrinação — As comunicações — O trabalho dos Guias — Uma prática a seguir — Auxiliares invisíveis — Ambientes bons e maus — Outras regras —Auto-aperfeiçoamento — Falsos profetas.

3.ª Parte

Aspectos gerais — Mediunidade em acção.

Impresso em papel de linho e grande formato

BROCHADO — 24$00

Confissões

QUEM sou, Senhor, quem sou? Há momentos em que oiço em mim o ribombar soturno de vozes trevosas e outros em que só escuto a dulcíssima harmonia dum desejo de Amor indefinido. Que seres carreio em mim, que farrapos empestam meus ares, onde os ganhei, quem mos lançou? Eu, só eu... e este sentido inegável da mais absoluta responsabilidade humana, verga-me, lança-me no pó da minha mediocridade e leva-me a erguer minhas mãos manchadas pela lama para a misericórdia que Tu És, Senhor.

Que abismos alucinantes minhas mãos sangrentas escavaram nas terras moles do passado! Que montes negros e alcantilados, que ásperos plainos, que nuvens tão pesadas, que trovões tão ensurdecedores!

E a par deles, como eu pude criar grutas claras e frescas pelos frios ribeiros de águas puras, como pude sonhar oásis repousantes no meio das areias ardentes dum deserto enorme!

Criei um mundo de contrastes, ó Senhor, e sofro a tortura da sede dos desertos antes de atingir a sombra das palmeiras dos oásis pequeninos. Ó Senhor, empresta-me um átomo da tua força para que transmude as dunas em montes de verdura e onde eu possa sonhar um prelúdio do descansar na magnificência do Teu seio!

AGOSTINHO

PSICANÁLISE

por ANTONIO CARDOSO

II

ACTOS FALHADOS

Muitas vezes em discursos ou em conversas cometemos vários erros que parecem desprovidos de sentido, mas que, se examinarmos com maior atenção, veremos que contêm uma ideia oculta. A esses fenómenos chamou Freud actos *falhados*. Foram estabelecidos 3 grupos:

1.º O lapso, com as várias modalidades de erros de escrita, leitura, etc.

2.º O esquecimento.

Notícias de França

CONGRESSO ESPIRITA FRANCÊS

Em 23 e 24 do corrente realizar-se-á em Paris o Congresso Nacional Espirita Francês. Nessa ocasião será inaugurada uma curiosa exposição de pinturas mediúnicas e espiritualistas da autoria de Eugéne Lang, Vitor Simon, Augustin Lesage, Marc Lambert e Mlle. Michèle Salzedo.

Os trabalhos do Congresso, segundo nos informa Henri Regnault, nosso prestimoso correspondente naquela capital, abrangerão o dia 24 e o dia 25 de Julho. No dia 23, de manhã e à tarde; no dia 24, de manhã, realizando-se à tarde a sessão plena.

Às 21,30 do dia 23, haverá uma grande reunião de propaganda no Salão de Geografia, 184, Boulevard Saint-Germain, em que falará André Dumas, vice-presidente da Federação Espirita Internacional, Georges Gonzalès, em nome do Centro *Amour, Lumière et Charité,* Maurice Gay, em nome da *Juvenia,* Moutavain, em nome do Centro *Amour et Vie,* e Henri Regnaul, em nome da *Union Spirite Française.*

André Richard, vice-presidente da *Union Spirit Française* e presidente do *Círculo de Estudos Psicológicos de Douai,* fará uma conferência intitulada «Os Mortos Podem Manifestar-se ?».

Mme. Lucile Richard, médium muito conceituada da Federação Espiritualista do Norte, fará experiências de vidência.

No dia 24 de Julho, às 21,30, no Salão da União Espirita Francesa, Henri Regnault apresentará as duas médiuns tiptólogas, Mme. Baillet e Mme. Solback, por intermédio das quais tem feito utilíssima propaganda espirita no meio profano, apresentando em público e em plena luz experiências de mesa falante, mesa girante e de efeitos físicos. Deste modo, e sem qualquer esforço físico da sua parte, a cadeira em que Mme. Solback estava sentada deslocou-se com movimentos ora lentos, ora rápidos. Esta reunião será reservada aos congressistas e aos sócios da União Espirita Francesa.

DAVID BEDBROOK EM PARIS

Na passagem em Paris de David U. Bedbrook, secretário geral da Federação Espirita Internacional, licenciado em filosofia e membro da Sociedade Real de Geografia Inglesa, o *Centro Espirita «Amour et Vie»* realizou uma sessão a que assistiram numerosas pessoas e onde aquele confrade inglês falou acerca de fenómenos espiritas na Bíblia, citando muitas provas inegáveis, quer espontâneas, quer provocadas, que tem obtido há muitos anos, durante os quais fez muitíssimas experiências espiritas. Disse que, por ocasião da guerra de 1914-18 saiu de Inglaterra para ir combater em França. Nesse tempo era céptico e, como tantos outros, foi vencido pelos factos. A sua primeira experiência remonta à batalha do Somme, quando foi à Inglaterra passar três dias de licença. Em seguida, a sua mediunidade foi-se desenvolvendo e seu falecido pai tem-no auxiliado com suas mensagens. Será o Diabo que se manifesta por ele, como alguns pretendem ? Se assim fosse, o diabo seria um grande moralista, pois dá bons conselhos e prova que os mortos, mesmo sem o corpo físico, continuam a viver e sentem por nós igual amor ao que sentiam, quando estavam na terra.

Entre as múltiplas provas citadas por Mr. Bedbrook, uma das mais impresisonantes foi a materialização de sua mãe, que trazia sempre uma madeixa de cabelos de um filho e um anel que, durante a vida terrena, dizia ela, devia «usar sempre».

Durante 30 anos, Mr. Bedbrook, graças à sua mediunidade, pôde consolar milhares de pessoas.

Após a conferência, fez interessantes experiências de clarividência para os seus ouvintes. Levou as provas até o ponto de citar nomes, demonstrando assim a realidade do que afirma com justa razão: «A morte não é um fim, mas um real princípio».

3.º A perda de um objecto e a impossibilidade de o encontrar.

Vejamos alguns exemplos, para o primeiro caso, tirados do próprio autor:

«Uma senhora, enérgica e autoritária, ao falar da doença do seu marido, exprimiu-se assim:

— O médico disse que ele não precisa seguir uma dieta especial, que pode comer e beber o que *eu* quiser».

«Dizendo por engano *eu* em vez de *ele*, a senhora revelava bem o seu carácter dominador e o desejo de imperar sobre o marido».

«O Presidente de uma Câmara de Deputados abriu uma sessão com estas palavras: «Meus senhores, verifico a presença dos membros desta Câmara e declaro, por consequência, *encerrada* a sessão».

«Ele deveria dizer *aberta* em vez de *encerrada*, mas o desejo íntimo de não assistir à sessão traíra-o». («Psicanálise», de Seabra Diniz).

Quanto ao 2.º e 3.º grupos, isto é, o esquecimento e a perda de um objecto, explica Freud pela vontade que a pessoa tem em o perder, embora inconscientemente. Por exemplo: oferecem-nos um livro que não nos interessa; pegamos nele, pomo-lo num lugar qualquer, e não nos lembramos mais do lugar e do livro.

O fraco da teoria dos *actos falhados*, reside, quanto a mim, em Freud querer *meter* todos os lapsos e esquecimentos dentro da psicanálise, como já anteriormente fizera com os sonhos. Quantas vezes não nos lembramos do nome de um amigo íntimo e esse facto evidentemente não indica que não lhe tenhamos amizade... Não será assim ?

(Continua)

RELIGIÃO É SENTIMENTO

por ANTÓNIO J. MARTINS

correspondente em Pointe-Noir

TODAS as religiões tendem para o mesmo fim: elevar o pensamento humano por meio da educação espiritual e conduzir as almas para Deus através das imorredoiras máximas legadas ao mundo em forma de testamento pelos grandes reveladores divinos. O que as distingue e valoriza entre si, são os métodos adoptados, a orientação e a interpretação que dão aos ensinamentos divinos, face aos seus próprios problemas de interesse puramente terreno.

A educação social tem por fim adestrar o homem para as lutas cotidianas, mas a educação espiritual ultrapassa os domínios da vida presente para abordar problemas que, pela sua transcendência, reclamam cuidadoso estudo e profundo conhecimento das leis morais aliadas a um desenvolvido sentido psicológico para uma apresentação adequada à presente compreensão humana. A consciência de hoje já não suporta o mistério. Reclama o sério, o objectivo e a natural satisfação de conhecer a verdade. A fé tem de ser alimentada por um sentimento anterior de convicção e certeza. As afirmações «ex-cathedra» já não encontram eco no pensamento esclarecido. A emancipação dos espíritos vai naturalmente desprezando os absurdos do dogmatismo. Por isso, tremenda se revela a responsabilidade das religiões que, à razão humana ávida de verdade e de progresso, opõem a teia tenebrosa das suas erradas mas conscientes interpretações.

Assim tem sido travada no curso das idades a normal evolução humana. Porém, mau grado o crescente esforço das várias seitas religiosas para manterem prisioneiro o espírito humano, este foge-lhes, escapa-se e voa em busca de outras regiões onde se respira o desinteresse e as puras verdades de Jesus são ministradas à luz das realidades conscientes e dos factos cientìficamente provados. O espírito humano foge para onde sente que brilha a estrela fulgurante do seu futuro, tal como a planta que pretendem segurar na sombra foge instintivamente para onde sente o sol que a aquecerá e a fará desabrochar em flores odoríferas.

O Mundo do pensamento, levando à frente grandes valores da moderna ciência mundial outrora refratários a toda a ideia espiritualista, proclama hoje, vergado ao peso das verdades que negava, sua absoluta fé na única doutrina capaz de alçar este mundo à categoria dos mundos felizes.

O Espiritismo deixou de ter o cunho que lhe emprestavam adversários de má fé para aparecer agora como o farol que há-de guiar a humanidade no caminho da sua redenção. Quem diz Espiritismo compreenda que diz *Cristianismo* e este distingue-se de todos os outros «cristianismos» pela força esmagadora das verdades que transpiram dos seus ensinamentos de origem divina, apoiados em bases morais e filosóficas de carácter experimental, levadas ao entendimento das massas em linguagem simples e despida de artifícios.

O Espiritismo é doutrina de sentimento, e, como tal, se impõe a todo o mundo que sente. Religião, é antes sentimento. Não é religioso quem quer, é religioso quem sente. E qual é a religião capaz de fazer sentir, se todas elas se dirigem às multidões em linguagem morta e despida de entendimento? A alma humana é caracterizada principalmente pelo sentimento; e não é a linguagem propositadamente usada e onde superabunda a figura e o sofisma que fará vibrar as cordas do sentimento humano.

É a esse sentimento, à razão, ao coração e à alma, que falamos através de uma doutrina que faz sentir, faz crer, faz admirar, espanta e exalta até às lágrimas inundando a alma de fé e certeza na imortalidade do ser. Ah! Que não nos tratem de sonhadores, utopistas ou alucinados. A nossa razão está bem no seu lugar, as verdades que afirmamos respondem por si e todo o ser humano que sinta não pode repudiá-las. Repetimos: religião, é antes sentimento, e, para fazer religiosos, é mister saber abrir as portas do consciente. É necessário mostrar, à luz da razão e dos factos, o porquê da vida em seus múltiplos aspectos com um cortejo inevitável de alegrias e lágrimas, de desilusões e de esperanças. É indispensável apresentar Deus em Sua suprema Omnisciência e Seu Amor sem limites. Que todo o efeito tem uma causa, que devemos procurar em nossas obras presentes ou passadas e atirar para longe com a lenda ridícula do pecado original. Cada qual é, foi e será o obreiro do seu próprio futuro e tem conta aberta no Grande Livro da Justiça que reclamará reparação das faltas e ultrages à lei da harmonia universal e pagará, em benesses de toda a espécie, o bem produzido em benefício do equilíbrio dessa mesma lei. A cada um segundo suas obras, disse Jesus. O filho não responderá nunca pelos crimes do pai. Se a Justiça humana fez seu este lógico princípio, é loucura pretender colocar Deus abaixo do homem com a triste invenção da eternização das penas que Jesus desmentiu, quando afirmou: «Vosso Pai que está nos ceus, não quer que pereça um só dos seus filhos». Palavras de esperança, palavras de amor e bem dignas da Grande Alma que as ditou, para que a fé e a esperança na vida eterna se não apagassem nunca no coração do homem.

Sofre-se na terra como se sofre no Além, mas assim é necessário para chamar à realidade as almas transviadas. O sofrimento, porém, é sempre proporcional à falta. O sofrimento é o único remédio que cura a rebeldia. Deus não podia negar ao homem o remédio que pode salvá-lo. Por isso a dor, por absurdo que pareça, é antes um bem já outrora proclamado pela boca do maior dos filósofos gregos, o estoico e sublime Sócrates.

O homem nasce, morre, torna a nascer, para de novo baixar ao túmulo vezes sem conta, e isto enquanto não compreender, enquanto não tenha alcançado a sabedoria, a ciência, a grandeza de coração e a elevação de alma que, reunidas, formarão o tesouro precioso mediante o qual se lhe abrirão as portas da espiritualidade e para sempre se libertará da tenebrosa lei da morte.

É por estas e muitas outras verdades que não cabem no curto espaço deste artigo, que o Espiritismo se distingue de todas as religiões e se apresenta como a religião do futuro, a fim de reunir as almas no culto da verdade e da adoração a Deus, através da compreensão lúcida e perfeita de Suas leis.

Crónica Estrangeira

por Isidoro Duarte Santos

AS MATERIALIZAÇÕES DE JOÃO COSME

Continua na ordem do dia o médium João Cosme, cujos fenómenos de materialização têm sido objecto de viva curiosidade e aos quais o nosso redactor António Cardoso se referiu há pouco nesta revista.

Enviado pelo nosso amigo Chelmicki Afflalo, acabamos de receber o *Diário da Noite* de 13 de Abril passado (o jornal de maior circulação no Brasil) que, ao alto da primeira página e a toda a largura da gazeta, exibe o seguinte título: «O médium João Cosme provoca estupefacção». E logo a seguir, em letras de 7 centímetros de altura: «Espantosa revelação de uma chapa fotográfica rigorosamente controlada, feita exclusivamente para o *Diário da Noite*». À direita, uma enorme gravura de 25 × 30 cm. em que se vê o médium amarrado a uma cadeira e algemado, apresentando, em fase incompleta de materialização, uma garota de S. Paulo que morrera num desastre; à esquerda, outra gravura de 15 × 19, mostrando o aspecto do médium durante a sessão. Um pouco acima, em grosso normando, lemos isto: *Em Niteroi — Às 20,30, na Travessa Sousa Soares, 28, segunda-feira, numa sessão em que o médium João Cosme actuava, o fotógrafo Orlando Machado, do DIÁRIO DA NOITE fixou este flagrante sensacional, depois de rigoroso «contrôle» determinado por este jornal. Os negativos estão em nosso poder e os colocamos à disposição dos técnicos e estudiosos para os exames que acharem necessários.*

Durante dois meses, este jornal publicou dezenas de reportagens acerca das experiências metapsíquicas de João Cosme, assinadas por V. Hugo. Agora é a própria redacção que regista as dúvidas com que as reportagens foram recebidas, acrescentando que, de facto, os fenómenos são «tão absurdos, tão sobrenaturais, tão inacreditáveis, que só a prova pessoal poderá documentá-los».

«Domingo à tarde — começa o articulista — tivemos notícia de que o médium João Cosme chegara a Niteroi, onde permaneceria dois dias. Entrando em contacto com ele, conseguimos, a muito custo, permissão para assistir à sessão que se realizaria segunda-feira às 20,30 na travessa Sousa Soares, 28, em Niteroi, sede do Grupo Estudantes da Verdade. Nesse mesmo dia à tarde, na redacção do *Diário da Noite*, o «reporter» comunicou a realização da experiência em apreço. O fotógrafo que iria colher as possíveis fotografias seria estranho à redacção deste jornal.

«No entanto, a fim de se certificarem da absoluta autenticidade dos fenómenos que temos trazido para estas colunas, os redactores e responsáveis pela redacção pediram ao «reporter» que se deixasse acompanhar por um fotógrafo da confiança dos mesmos. Para isso foi indicado o nosso companheiro Orlando Machado, que merece absoluta confiança, fotógrafo dos mais hábeis e competentes.

«Nosso companheiro — é preciso dizê-lo — foi escolhido pela redacção, em virtude de ser pessoa absolutamente descrente do que iria assistir, insuspeito, portanto, de qualquer fraude inspirada por convicções doutrinárias.

«Às 20,30 chegávamos à Travessa Sousa Soares, 28, em cujo rés-do-chão há um salão isolado onde se realizam as experimentações metapsíquicas do Grupo Estudantes da Verdade. Orlando Machado procedeu a rigoroso exame na salão que, aliás, tem apenas uma porta, não havendo janelas ou quaisquer aberturas.

«Num canto foi improvisada uma *cabine* de pano grosso, dentro da qual ficava a poltrona do médium.

«Estavam presentes quinze ou dezasseis pessoas, inclusive o «reporter» fotográfico.

«Como se pode ver nas fotografias de Orlando Machado, João Cosme permaneceu na *cabine* rigorosamente algemado de pés e mãos, estando o seu corpo preso à poltrona por grossa correia de couro. A sessão só começou depois do fotógrafo e o redactor do *Correio da Noite* se confessarem satisfeitos com o *contrôle* exercido. As chaves dos dois cadeados que prendiam as algemas ficaram em poder daquele nosso companheiro.

«Depois de ligeira prece, feita pelo próprio médium, a sala foi completamente obscurecida, pois as experimentações metapsíquicas exigem ausência de luz, no seu desenvolvimento. Uma vitrola tocava músicas suaves, produzindo vibrações estranhas no ambiente. Orlando Machado, ao lado do «reporter», mostrava-se apreensivo... Não era para menos: ele nunca assistira a uma demonstração metapsíquica.

«Dentro de poucos minutos, ouvimos o assobio característico de uma «entidade» que se denomina *Atanásio*. É uma espécie de dirigente das sessões realizadas pelo médium João Cosme. Suas primeiras palavras — se assim podemos chamar aos sons sibilantes que produz — foram desanimadoras para os jornalistas... Disse ele que «aquele dia não era propício a fotografias»... Temíamos perder o desafio que aceitáramos... O fotógrafo Orlando, ao nosso lado, aguardava com cepticismo o final daquilo tudo... Nas suas mãos, a máquina estava «engatilhada» para qualquer emergência.

«Quando já estávamos desiludidos, julgando a noite perdida, *Atanásio* permitiu que se fotografasse uma das «entidades» que se encontrava dentro da *cabine*. Orlando agitou-se na cadeira, ao meu lado...

«Nova ordem do «guia» fez com que um dos assistentes, tacteando a escuridão, erguesse as cortinas que escondiam o médium. E então esse mesmo assistente começou a contar até seis, quando o fotógrafo deveria disparar a objectiva. A tensão nervosa era enorme.

«O clarão violento do magnésio iluminou toda a sala. E naquela fracção de segundo, todos, inclusive o próprio fotógrafo, puderam verificar que o médium se encontrava na mesma posição em que fôra algemado, não aparecendo ao seu lado qualquer vulto ou objecto estranho ao ambiente.

«— Não saiu nada! — disse Orlando ao nosso ouvido.

«Nós também pensávamos assim... Fracassara a experiência.

«Então, *Atanásio* fez-se ouvir novamente, explicando com assobios sibilantes que a entidade fotografada (que ninguém vira) era uma menina que em vida se chamava Mauri-

nha. A contagem do tempo tinha sido feita com muita rapidez, o que impossibilitara a materialização total da menina, — explicou *Atanásio*. Ao mesmo, mandou encerrar imediatamente a sessão, pois o médium sofrera um profundo choque com o foco de luz que recebera em cheio no rosto.

«Cumprida a ordem, Cosme foi libertado das algemas, sentindo fortes dores de estômago. Consultámos todas as pessoas que estavam no salão. Nenhuma delas vira coisa alguma. Quando o «reporter» se despediu do fotógrafo, confessou, desanimado:

«— Eu perdi a noite e você a... parada»...

Ontem pela manhã, às 6,30, Orlando Machado, depois de comunicar o fracasso da experiência aos nossos colegas de redacção, procedeu, na sua câmara escura, à revelação da chapa, na presença de três redactores. E então aconteceu o impossível. As formas foram-se delineando aos poucos sob a acção do liquido revelador, verificando todas as pessoas que se encontravam na *cabine* que, ao lado esquerdo do médium, na altura do coração, se desenhava nitidamente a CABEÇA DE UMA MENINA!

«O fotógrafo tremeu diante da realidade incontestável! O choque nervoso que sentiu abalou-o profundamente. Um dos presentes comunicou o sucedido aos redactores de serviço e, pouco depois, dentro do jornal todos estavam a par do sobrenatural acontecimento.

«Orlando Machado exclamava sem cessar:

«— Não é possível! Não é possível!

«Tudo aconteceu como previra *Atanásio*. A menina não tivera tempo de se materializar por completo. Saira só o seu busto na fotografia. E aqueles que tiverem qualquer dúvida sobre o sensacional documento gráfico que ilustra esta reportagem, encontrarão no DIÁRIO DA NOITE, à disposição dos estudiosos, o negativo correspondente, que não admite sofismas».

E o articulista termina:

«— Outras provas de maior alcance e amplitude serão trazidas por nós a estas colunas. Assim como Orlando Machado, muitos outros se convencerão da realidade dos fenómenos metapsíquicos. Nós os afirmamos com a mais absoluta convicção, sem qualquer tendência doutrinária. Eles existem. Não os discutiremos, porém. Têm a palavra os cientistas, os estudiosos e os crentes.

PROVA ESPANTOSA DE VOZ DIRECTA

O *Psychic News* de 7 de Maio último relata uma sessão de voz directa realizada em 23 de Abril no Salão Kingsway, de Londres, com a presença do médium Leslie Flint, a quem já temos feito referência. Houve ali verdadeiras provas de identidade e todos os espectadores descrentes ficaram sèriamente abalados em suas dúvidas.

Em certa altura, manifesta-se ao microfone um espírito que diz chamar-se *Beatrice May Strude* e declara em seguida:

— Desejo falar a Laura.

— Eu sou Laura, — respondeu uma senhora, que se encontrava na plateia.

— Eu sou Beatie — continua a voz —. Oh! Que felicidade poder falar-te!

— Dize-me qualquer coisa — pediu a senhora.

— Eu faço o que posso. Olha: faleci em 6 de Fevereiro de 1946.

— É verdade — disse Laura.

E começou o rosário de provas.

— Tinha 57 ou 58 anos? — perguntou a entidade.

(No fim da sessão, a espectadora disse ao representante do *Psychic News* que *Beatrice* era sua prima e que nunca ligara muita importância à idade).

— Tinhas 57.

Esforçando-se por obter provas mais concretas, Laura perguntou:

— Donde vieste?

— De Nova Zelândia. E tu, voltarás lá brevemente?

— Voltarei.

A entidade continua:

— Tens ido muitas vezes a Bedford? Foi lá que nos encontrámos a última vez. Lembro-me bem da pequena poesia que escreveste no teu cartão de visita.

As duas primas haviam estado em Bedford e ali é que o corpo de *Beatrice* fora enterrado.

— Podias dizer-me as palavras que eu escrevi no cartão? — inquiriu a senhora.

— Vou experimentar — respondeu *Beatrice*.

Um silêncio impressionante reina no vasto salão.

Depois, lentamente, ouvem-se estas palavras:

«Ela não morreu.
Ela não pode morrer.
Um dia nos encontraremos,
Porque alma tão alegre
E tão encantadora
Não morrerá jamais.
Embora a não possa ver
Sinto-a viva ao pé de mim
Na feliz liberdade
Da imortalidade».

Um murmúrio saiu da assistência, logo que Laura exclamou:

— É perfeitamente exacto, *Beat*.

Laura tinha composto esta poesia quando a prima faleceu.

— Dentro de 15 dias, voltas a Nova Zelândia. Lembras-te de Hetty Court?

— Lembro.

— Está aqui junto de mim. Já pensa doutra maneira. Sabes que era *Cientista Cristão*. (Isto foi depois confirmado pelo representante do *Psychic News*).

— Pois era.

— Eu estou sempre contigo. Estamos mais próximas do que nunca. Olha, o Spurgeon está aqui. (Trata-se de um célebre pregador protestante inglês falecido em Menton, em 1892).

— Nós somos descendentes directos de Charles Spurgeon — disse Laura.

Depois, a entidade falou num medalhão que Laura possuia. Este pormenor tem carácter altamente probatório. Por ocasião de uma visita ao Santuário de Harry Edwards em que foi tratada de um joelho doente, Laura comprou um medalhão e ninguém tinha conhecimento do facto; por isso, Leslie Flint não deve estar ao corrente das provas dadas.

Outras mensagens foram obtidas, mas a falta de espaço impede-nos de as mencionar. O que aí fica é suficiente para fazer pensar os que levam a vida a rir de coisas sérias, como se a finalidade humana fosse comer, beber e passear.

A MEDIUNIDADE NO JAPÃO

La Fraternidad, de Buenos Aires, publicou há pouco as impressões de viagem ao Japão do seu colaborador L. Seton Scott, o qual afirma que a mediunidade está ali oficialmente reconhecida, acrescentando que, dado o carácter calmo do japonês, se verificam excelentes condições para a investigação dos fenómenos psíquicos. Conta também que assistiu a uma sessão, na qual um seu parente falecido se exprimiu livremente em inglês, através de um médium que desconhecia essa língua. No final dos trabalhos a trombeta (corneta acústica) levitou até o teto com a sala iluminada, tendo-se ouvido muitas vozes de espíritos desencarnados. Neste Grupo têm-se obtido *apports*, voz directa, materializações e grande número de fotografias psíquicas.

Notas & Comentários

«FORÇAS OCULTAS...»

O Diário da Manhã publicou uma local sensaborona subordinada ao título desta nota. Vamos transcrevê-la integralmente, para gáudio dos leitores:

«O «Sol» e «Estudos Psíquicos» — os dois arautos do espiritismo português — andam às turras e agridem-se pouco espiritualmente, porque uns acreditam de um modo, e outros de modo diferente, nas forças ocultas, nos espíritos e nas reencarnações que, dizem uns e negam outros, são a razão da mestria com que rege Pierino Gamba — o jovem maestro inocente das malfeitorias que lhe atribuem.

«E da discussão do assunto que tão perto toca ao espírito — não nasce luz. Quanto mais discutem, mais discordam. De resto, assunto tão espiritual e discutido de forma pouco espirituosa, e pouco espiritualmente pois contendores da brava peleja chamam-se uns aos outros sectários, incompetentes, especuladores com espírito de seita e outras amabilidades semelhantes.

«Mas — para nós que somos especialistas do macabro, do irreal, que veneramos almas do outro mundo — de tanta discussão não nasceu a luz. Lemos gulosamente a página espírita do «Sol», somos leitores assíduos de «Estudos Psíquicos», e uma coisa ainda não percebemos: que forças ocultas levarão o «Sol» a empregar tão mal o espaço, tão precioso e tão caro?...».

O Diário da Manhã está de pêsames com este crítico sensaborão, maçudo e descortês. Começa por «ligar» dois órgãos que trilham caminhos diferentes, a propósito duma «Tribuna Livre» onde muita asneira se tem escrito e diverte-se, ou procura divertir-se com o malabarismo dos parceiros (arcades ambo), como quem goza de palanque, enquanto lhe não chega a vez de entrar na berlinda ou subir à corda bamba. Não misture, sr. noticiarista. Aqui estuda-se, não se perde tempo com ciência infusa, género Larousse. Que esta revista fala por si mesma, através de seus colaboradores abalizados e não lhe interessa o palavriado anónimo dos que têm espaço a mais e pensamento a menos.

Diz que é assíduo leitor de Estudos Psíquicos. Foi assíduo leitor, rectifique, porque a «borla» acabou com o número passado. O papel é «precioso e caro», sr. crítico descortês, maçudo e sensaborão. Refine na sua crítica, que se reflectirá na tiragem do jornal. Há pessoas que nasceram para coveiros de uma causa. A questão é fácil. Basta que estejam à frente dela. O resto é com o tempo, que ensina ignorantes e castiga insensatos. E se quiser saber a verdade a respeito de Pierino Gamba, não leia a «Tribuna Livre» do Sol: compre o nosso livro, que se vende em toda a parte a vinte escudos o exemplar. Saberá o que nunca soube e verá o que nunca viu. E talvez aprenda a fazer uso do miolo, em vez de se empertigar... como astrólogo que tudo sabe e tudo vê, mas que, afinal, nada vê e nada sabe.

Que tal está o da rabeca?!...

HOMENAGEM A «ESTUDOS PSÍQUICOS»

«A Voz do Alto», interessante quinzenário órgão da Confederação Espírita Cearense, Estado brasileiro do Ceará, ocupa toda a primeira página da sua edição de 20 de Abril último com um artigo intitulado «Salvé, Estudos Psíquicos!», subscrito pelo seu director António Isaías e acompanhado da fotografia de Isidoro Duarte Santos. Muito nos sensibilizou aquele gesto espontâneo de uma das melhores publicações espíritas do Nordeste brasileiro, que tão carinhosamente se lembrou de homenagear a nossa revista, a propósito do número especial que publicámos em Janeiro. À «Voz do Alto» agradecemos tantas palavras imerecidas, que endossamos aos nossos valorosos colaboradores.

ESCOLA ÁUREA CELESTE

Nova-Iguaçú tem mais uma escola espírita, inaugurada no Rancho Novo, a 13 de Abril passado. Algumas senhoras da Assistência aos Necessitados do Centro Espírita Fé, Esperança e Caridade, começaram há tempos a frequentar o bairro, ministrando aulas de moral às crianças, à sombra fresca das mangueiras e o nosso confrade sr. Edmundo Lopes, ali residente, adaptou uma casa e ofereceu-a para escola definitiva. E veio a Escola Áurea Celeste, que foi inaugurada festivamente pelo professor Leopoldo Machado, nosso correspondente em Nova-Iguaçú, que fez a biografia do Patrono da Escola, desatando a fita o generoso doador do prédio, enquanto as crianças do Lar de Jesus entoavam uma prece. Em seguida, houve declamação e canto e farta mesa de doces e refrescos oferecidos aos visitantes. A escola começou a funcionar com 67 alunos, dirigida pelo jovem Ivano Sá Pinto, sob responsabilidade e orientação do Centro acima mencionado.

LIVRARIA ESPIRITA

Segundo informa Survie, órgão da União Espirita Francesa, acaba de inaugurar-se a Livraria «Au Fil d'Ariane», 40, Avenue Junot, Paris, 18º, especializada em obras de Espiritismo, Espiritualismo e ciências afins. Após o colapso da guerra mundial que desorganizou o movimento espirita francês, notam-se esforços consideráveis no sentido de recuperar o perdido. Ainda há pouco os confrades parisienses apelavam para as agremiações espiritas mundiais, a fim de reconstituirem suas bibliotecas, visto que os livros da especialidade haviam desaparecido quase totalmente. Agora, as edições começam a chegar até nós e tudo leva a crer num breve renascimento.

PIERINO GAMBA

O «caso» Pierino Gamba agitou os meios espiritas brasileiros. A Revista Internacional de Espiritismo de Abril-Maio transcreve o artigo que o nosso companheiro António Cardoso publicou em Estudos Psíquicos, fazendo-o acompanhar de uma nota de Mundo Espirita, em que se menciona também a nossa revista.

La Fraternidad, de Buenos Aires, transcreveu igualmente o citado artigo, em tradução do nosso colaborador Natálio Ceccarini, fazendo antecedê-lo da seguinte nota: «Dado o extraordinário sucesso que tiveram há pouco em Buenos Aires os concertos dirigidos pelo precoce génio musical Pierino Gamba, publicamos este artigo de António Cardoso, escrito quando o notável director de orquestra actuava em Lisboa e no qual se tenta explicar o grande fenómeno».

Nos princípios de 1950, aqueles amigos terão ensejo de apreciar o jovem maestro que domina as orquestras, empolgando as plateias que não se cansam de aplaudi-lo.

Noticiário

PUBLICAÇÕES RECEBIDAS

Recebemos e agradecemos as seguintes publicações:

De Portugal — *Revista de Metapsicologia, Luz e Caridade, Além, A Rosacruz, Região de Leiria, Comércio de Leixões, Trás-o-os-Montes* e *Jornal de Albergaria.*

De França — *Survie, Forces Spirituelles* e *L'Heure d'Être.*

Da Bélgica — *Spiritualisme Expérimental et Philosophique.*

De Inglaterra — *Psychic News* e *Enquiry.*

Do Brasil — *Reformador, Revista Espirita do Brasil, Mundo Espirita, Aurora, Jornal Espirita, O Revelador, O Mensageiro do Orfão, A Folha Espirita, Luz da Verdade, A Flama, O Semeador, O Espiritualista, A Alvorada, A Voz do Alto, Revista Internacional do Espiritismo, O Clarim, A Verdade, Luz da Verdade, Arco Iris, Boletim Espirita, Tribuna Espirita, A Reencarnação, Natal Espirita, A Centelha, Raios de Luz, A Nova Era, Luz, Nova Luz* e *Revista do Pensamento.*

Da Argentina — *Revelación, Constancia, La Idea, Claridad del Alma, La Voz Espiritualista, La Fraternidad, Siembra, La Consciência* e *Prédica.*

De Cuba — *Nuevos Horizontes* e *Discípulos de Lázaro.*

Do Chile — *Cuadernos de Estudios Metapsiquicos.*

Dos Estados Unidos — *La Nueva Educación.*

AS NOSSAS CONFERÊNCIAS

Como estava anunciado, realizaram conferências no nosso Centro os confrades José António Marques, José Gonçalves Losa e Ramos Pereira, que ventilaram, respectivamente, os seguintes temas com grandes brilho e proficiência: «O Espiritismo no Brasil», «O Homem e o seu Destino» e «A Origem do Universo».

INOCÊNCIO NORONHA DIAS

Vindo do Brasil, encontra-se em Lisboa o nosso confrade e patrício Inocêncio Noronha Dias, Director da Escola Jesus Cristo, de Campos, Estado do Rio de Janeiro, que inestimáveis auxílios tem prestado à Causa. Trouxe-nos o abraço fraterno do nosso dilecto amigo Henrique Magalhães, extraordinária organização de apóstolo a desdobrar-se continuamente em óptimos serviços, e regressará às terras do Cruzeiro em Setembro ou Outubro próximo. Inocêncio Noronha Dias é um sincero admirador de *Estudos Psíquicos* e vem animado das mais belas ideias de intercâmbio. Benvindo seja à sua pátria natal e que ele possa levar de todos nós as mais gratas recordações.

FÉRIAS DO CENTRO

Como nos anos anteriores, o Centro Espiritualista Luz e Amor cessou os seus trabalhos no dia 30 de Julho corrente, mantendo-se em férias nos meses de Agosto e Setembro, para reabrir em Outubro com uma sessão solene que será anunciada oportunamente.

«LUZ E CARIDAD»

Entrou no 33.º ano de publicação a revista *Luz e Caridade*, propriedade de D. Sara Graça e órgão do Centro Espirita de Braga. A esta publicação, dirigida pelo nosso confrade Silvino Cunha e à qual nos ligam grandes laços de amizade, apresentamos os nosso cumprimentos fraternais.

MÁRIUS CARVALHO

Encontra-se entre nós o confrade Márius Ramalho, 2.º tesoureiro do Grupo Espirita Sebastião, do Rio de Janeiro, que vem a Portugal restaurar a saúde um tanto abalada. Foi portador de duas mensagens fraternais dirigidas ao nosso director: uma de Alberto Machado, presidente daquele Grupo e culto trabalhador da Seara, e outra do nosso patrício e irmão Jaime Gonçalves Bastos, batalhador da última hora que não exige salário. Aos três amigos, a expressão sincera do nosso maior agradecimento.

Que Márius Ramalho consiga restabelecer-se inteiramente nas termas do Gerez, para onde acaba de seguir, são os nossos ardentes votos.

AMIGOS DE "ESTUDOS PSÍQUICOS"

DUAS notícias que nos enchem de júbilo: «O benemérito anónimo» acaba de visitar-nos, na mesma atitude de sempre, olhos na Causa e coração nas mãos. Falou, expandiu o seu entusiasmo pela obra que orientamos e dirigimos, esboçou alvitres que talvez um dia possam dar rumos novos à Doutrina, e saiu deixando CINCO CONTOS sobre a nossa mesa. Sempre, também, a mesma condição: nenhuma palavra sobre o homem, que nada representa — diz ele — perante o Ideal que servimos.

A segunda notícia: A Fundação Marieta Gaio, do Rio de Janeiro, liquidou um saldo devedor que tínhamos na Livraria da Federação Espirita Brasileira, na importância de 2.810 cruzeiros. É bem certo o rifão: «mais vale quem Deus ajuda, do que quem muito madruga».

Outros donativos, igualmente apreciáveis, de confrades do Rio de Janeiro:

Leopoldo Calderon	**Cr$ 200,00**
Dr. António Gama de Paula	**50,00**
Domingos F. dos Santos	**50,00**
Abel Moreira das Neves	**50,00**
Inocêncio Noronha Dias	**20,00**

Ao «benemérito anónimo», à Fundação Marieta Gaio e aos restantes amigos desta revista, os nossos sinceros agradecimentos, com votos de saúde e alegria.

LIVROS NOVOS

Acabam de chegar ao nosso depósito as seguintes obras de grande projecção mental e espiritual.

Alegria e Triunfo, *por Lourenço Prado.* Exposição dos meios de realizar as nossas aspirações mais íntimas, encontrando a solução verdadeira do nosso caso.

Brochado ..... 22$00
Encadernado ..... 32$00

A Alma e o Subconsciente, *pelo Dr. Alberto Seabra.* É um dos melhores estudos sobre os fenómenos psíquicos, verdadeira aliança entre a ciência e a fé.

Encadernado ..... 22$00

Bagavad Gîta. A sublime canção da imortalidade, ou a doutrina esotérica da Índia. (Diálogos entre Krishna e Arjuna).

Brochado ..... 20$00

A Cultura da Coragem, *por Prentice Mulford.* Ensina a adquirir coragem para progredir em tudo.

Encadernado ..... 20$00

Conceito Rosacruz do Cosmos, *por Max Heindel.* 1.ª edição brasileira em óptimo papel, com gráficos a cores.

Brochado ..... 70$00

Curso de Magnetismo Pessoal, *por V. Turnbul.* Ensina a desenvolver o magnetismo pessoal e a influenciar os que nos rodeiam.

Brochado ..... 18$00
Encadernado ..... 28$00

Cura Prática pela Água, *por Yogi Ramacharaca.* Ensina a curar pela água, prescindo-se de outros tratamentos.

Brochado ..... 18$00

Dicionário de Ciências Ocultas. Obra indispensável a todos os estudantes de ocultismo e aos filólogos.

Brochado ..... 18$00

Ensaio sobre a Evolução da Ideia, *por F. Ch. Barlet.* Estudo comparativo das diversas correntes filosóficas desde o século 16, em relação com o esoterismo.

Brochado ..... 18$00

Fascinação Mental, *por W. W.* Atkinson. Obra importantíssima em que se desvendam muitos poderes de fakires, mágicos, feiticeiros, etc.

Brochado ..... 30$00
Encadernado ..... 40$00

A Força que Paralisa a Bala, *por Pedro Costa.* Contém ensinos sobre a aplicação das forças secretas e ensina como o sono fornece indicações para orientar a vida.

Brochado ..... 15$00
Encadernado ..... 25$00

Grafologia, Método para conhecer o carácter dos indivíduos pela sua escrita.

Brochado ..... 35$00

Hipnotismo (Do Instituto de Ciências Herméticas). O mais perfeito método de hipnotismo publicado em português.

Brochado ..... 40$00

Homeopatia Doméstica Brasileria. Livro de grande utilidade para as famílias, pois lhes permite conhecer o tratamento homeopático das doenças. É dividido em três partes, muito bem coordenadas.

Brochado ..... 18$00
Encadernado ..... 28$00

A Lei do Mentalismo, por Vitor Segno. Obra de alto valor para os que desejem aplicar as forças mentais na aquisição da saude, bem-estar e prosperidade.

Brochado ..... 30$00
Encadernado ..... 40$00

Leis da Saude e da Alimentação, *por Prentice Mulford.* Tratado de conselhos úteis para manter e adquirir a saude e expõe os efeitos da alimentação imprópria.

Brochado ..... 12$00
Encadernado ..... 20$00

Leitura Prática do Pensamento, *por W. W Atkinson.* Tratado prático de telepatia, com exercícios para desenvolvê-la e adquirir a faculdade de ler o pensamento dos outros.

Brochado ..... 16$00

Magnetismo (Do Instituto de Ciências Herméticas). Processos rápidos e fáceis para conquistar a força magnética e curar muitas doenças sem medicamentos.

Brochado ..... 40$00

Medicina Oculta (Do Instituto de Ciências Herméticas). Uma das partes mais importantes do esoterismo.

Brochado ..... 40$00

O Poder do Desejo, *por Alkinson e E. Beals.* Ensina a despertar e sustentar um alto poder de desejo para agir com eficácia e vontade forte.

Brochado ..... 22$00

Projecção de Eflúvios Vitais, *por A. Lalia-Paternostro.* Expõe os princípios básicos e os processos da transmissão das «forças vitais» por meio da radiopatia e explica cientificamente o fenómeno da cura a distância.

Brochado ..... 18$00
Encadernado ..... 28$00

Radiopatia (Método de aplicação dos raios solares e irradiações humanas no tratamento das doenças e rejuvenescimento do corpo). 5.ª edição.

Brochado ..... 35$00

Ziska, *por M. Coreli.* O problema de uma alma perversa. Romance sensacional dedicado aos estudiosos do ocultismo.

Brochado ..... 30$00
Encadernado ..... 40$00

As Veredas da Paz, *por Mário Ferreira.* Aponta-se aqui a causa dos males da humanidade que têm contribuido para as guerras e revoluções sangrentas e sugerem-se directrizes para bem dos povos.

Brochado ..... 30$00

Interpretação Sintética do Apocalipse, *Cairbar Schutel.*

Brochado ..... 8$00

(continua na página seguinte)

O Espiritismo e os Problemas Humanos, *por Deolindo Amorim.* Livro verdadeiramente original. O problema moral e social à luz do Espiritismo, apresentado por um cultor do vernáculo que é, ao mesmo tempo, grande amigo de Portugal.

Brochado ..... 20$00

Corpo e Espírito, *pelo Dr. Carlos Imbassahy.* Interessante obra onde se descrevem as faculdades psíquicas do indivíduo com relação ao corpo somático.

Brochado ..... 22$00
Encadernado ..... 30$00

Mediunidade, *pelo Comandante Edgar Armont.* Estudo da mediunidade e seu desenvolvimento de harmonia com as mais recentes investigações.

Brochado ..... 25$00

António de Pádua, *por A. Martins de Castro.* Vida e obra deste alto espírito que a igreja canonizou.

Brochado ..... 18$00

Cartas do Evangelho, *pelo Espírito do grande poeta brasileiro Casimiro Cunha.* Formosíssimos versos recebidos pelo médium Francisco Cândido Xavier.

Brochado ..... 25$00

Coisas do Outro Mundo. Descrição da célebre operação de apendicite feita por um Espírito em Pindamonhangaba e que apaixonou o público brasileiro.

Brochado ..... 16$00

Colectânea do Além, Comunicações mediúnicas em prosa e verso de conhecidos escritores, recebidas pelo médium Francisco Cândido Xavier.

Brochado ..... 12$00
Encadernado ..... 20$00

Médiuns e Mediunidades, *por Caibar Schutel.* Resumo do «Livro dos Médiuns».

Encadernado ..... 18$00

A Mediunidade sem Lágrimas, *por Eliseu Rigonatti.* Instruções práticas para sessões de Espiritismo. Muito claro e útil aos que desejam estudar e praticar.

Brochado ..... 15$00

O Orador Espirita, *por Eliseu Rigonatti.* O que é preciso para se tornar orador espirita.

Brochado ..... 10$00

Deus para as Criaturas, Comunicações mediúnicas cheias de elevação e interesse doutrinário, verdadeira fonte de conforto espiritual.

Brochado ..... 40$00

A Era do Aquário, *pelo Dr. Aníbal Vaz de Melo.* Livro de antecipação histórica baseada na astrologia. Obra original e arrojada.

Brochado ..... 35$00

Síntese do Novo Testamento, *por Minimus.* Livro utilíssimo a todos os que desejem conhecer e estudar a génese bíblica sem grande esforço e fadiga mental.

Brochado ..... 25$00
Encadernado ..... 35$00

Luz Acima, *pelo Irmão X (Humberto de Campos).* Crónicas do Além, recebidas pelo médium Francisco Cândido Xavier. Edição de 10.000 exemplares.

Brochado ..... 20$00
Encadernado ..... 30$00

A Vida Depois da Morte, *por Yogi Ramacharaca.* Contém os ensinos da filosofia yogi sobre a vida além do véu. Um livro consolador.

Brochado ..... 18$00

Um Só Senhor, *pelo Dr. Romeu Camargo.* Obra empolgante sobre o futuro do Espiritismo, com a biografia do famoso médium Francisco Cândido Xavier.

Brochado ..... 28$00

Memórias do Padre Germano, *por Amália Domingo Soler.* Obra sã, verdadeiro breviário de ascensão espiritual destinada aos que desejem preparar-se para a grande viagem.

Brochado ..... 37$00
Encadernado ..... 47$00

Os Meios Físicos e Naturais na Profilaxia e Cura, *pelo Dr. Fred Wachsmann.* Um belo tratado sobre a cura das doenças através dos agentes naturais.

Brochado ..... 28$00

Na Seara do Mestre, *por Vinicius.* Obra de grande conforto moral baseada nos Evangelhos à luz do Espiritismo.

Brochado ..... 24$00

As Heroinas de Hydesville, *por Alfredo Miguel.* A história dramática das irmãs Fox, que revelaram ao mundo os primeiros fenómenos do Espiritismo.

Brochado ..... 15$00

Para o Alto, *pelo prof. Leopoldo Machado.* Formosos apólogos e contos espiritas.

Brochado ..... 20$00

52 Lições de Catecismo Espirita, *por Eliseu Rigonatti.*

Brochado ..... 15$00

As Nossas Edições

Leiam as nossas edições e aumentarão os seus conhecimentos!

Nos Umbrais do Além, *por Sir William Barrett,* antigo professor de Física na Universidade de Dublin — Análise científica dos fenómenos do Espiritismo, em tradução de Isidoro Duarte Santos. Livro quase esgotado a pesar de se ter feito uma tiragem de 2.000 exemplares.

Brochado ..... 25$00
Encadernado ..... 35$00

Luz no Caminho, *por Isidoro Duarte Santos.* Páginas de análise evangélica à luz do Espiritismo e dedicadas à humanidade sofredora. O maior êxito de crítica espirita e profana. Encontra-se também quase esgotado e por isso a sua venda passa a ser feita directamente pela revista *Estudos Psíquicos.*

Brochado ..... 27$50
Encadernado ..... 37$50

Cientismo e Espiritismo, *pelo Professor Leopoldo Machado* — Livro que tem suscitado aceradas críticas pelo arrojo e desassombro da sua análise. Em 222 páginas encontra-se o estudo comparativo das actuais doutrinas científicas perante o Espiritismo Moderno. É uma obra que todo o espirita deve ler.

Brochado ..... 18$00

PIERINO GAMBA (O menino-maestro à luz de nova psicologia), por *Isidoro Duarte Santos.* Análise serena de um grande problema psicológico e tendente a esclarecer os que se apaixonaram pelos maravilhosos concertos do pequenino regente de orquestra. A primeira obra mundial sobre este assunto de palpitante actualidade, com 6 gravuras «hors-texte».

Brochado ..... 20$00

Todas estas obras se enviam à cobrança para Portugal e Ilhas Adjacentes. Remessas para as colónias, só contra pagamento adiantado, incluindo 10 % de porte, registo e embalagem.

Obras de Ciências Psíquicas e Filosofia Neo-Espiritualista

(em depósito nesta redacção)

	br.	enc.
Têm Razão?	40$00	50$00
Conselhos a Meu Filho		15$00
Contos		15$00
Esquetes (próprios para representar)		50$00
Espiritismo e Medicina	20$00	30$00

FRANCISCO CÂNDIDO XAVIER (Médium)

Alvorada Cristã, pelo *Espírito de Neio Lúcio*, livro maravilhoso e educativo, para crianças de todas as idades	16$00	
Boa Nova (quadros evangélicos), ditados pelo *Espírito de Humberto de Campos*	20$00	30$00
O Consolador, pelo *Espírito de Emmanuel*, resposta a 461 perguntas	20$00	30$00
Cartilha da Natureza, pelo Espírito do poeta Casimiro Cunha	18$00	
Crónicas de Além-Túmulo, ditadas pelo *Espírito de Humberto de Campos*	20$00	
Emmanuel, repertório de ensinamentos cristãos, ditados pelo Espírito de *Emmanuel*	18$00	
Há dois mil anos, romance empolgante ditado pelo *Espírito de Emmanuel* (nova edição)	30$00	40$00
90 Anos Depois, continuação do romance supra, pelo *mesmo autor*	30$00	40$00
Lázaro Redivivo, pelo *Espírito do irmão X* Humberto de Campos	25$00	
Luz Acima, crónicas pelo *Espírito de Humberto de Campos*	22$00	30$00
Mensageiros (Os), pelo *Espírito de André Luiz*	26$00	36$00
Missionários da Luz, pelo *Espírito de André Luiz*, obra dedicada às pessoas cultas	32$00	42$00
Nosso Lar, pelo *Espírito de André Luiz*	26$00	36$00
No Mundo Maior, pelo *Espírito de André Luiz*	26$00	36$00
Novas Mensagens, do *Espírito de Humberto de Campos*	22$00	32$00
Obreiros da Vida Eterna, pelo *Espírito de André Luiz*	32$00	42$00
Parnaso de Além-Túmulo (maravilhosa colectânea de poesias ditadas por espíritos de poetas luso-brasileiros), Nova edição melhorada	40$00	50$00
Paulo e Estêvão (livro famoso considerado pelos eruditos como a mais completa biografia de S. Paulo) (nova edição)	40$00	50$00
Renúncia, romance empolgante e consolador, destinado aos tristes e desesperados, ditado por *Emmanuel*	30$00	40$00
Reportagens de além-túmulo, pelo Espírito de *Humberto de Campos*	26$00	36$00
Volta Bocage, Sonetos pelo *Espírito de Bocage*	12$00	

OBRAS DIVERSAS

Almas Crucificadas, empolgante romance mediúnico, ditado pelo *Espírito de Vítor Hugo*	35$00	45$00
Análise das Coisas, pelo *Dr. Paulo Giber*	18$00	28$00
Arcanos da Natureza, por *Alexandre Dias*		5$00
Barqueira do Júcar, romance mediúnico, recebido por *J. F. Colavida*	20$00	30$00
Beijo (O) da Morta, romance mediúnico recebido por *Celestina Arruda Lança*	22$00	32$00
A Casa Assombrada, romance por *Maria Veleda*	10$00	
A Casa Assombrada, romance pelo *Dr. Bezerra de Meneses*	26$00	36$00
O Caso Humberto de Campos, descrição do célebre processo judiciário movido à Federação E. Brasileira e ao médium Francisco Cândido Xavier, da autoria de *Miguel Timponi*. Um grosso volume	24$00	34$00
Ciência Divina, pelo *Espírito de Jaime Braga*, recebido pelo médium *Doutor Porto Carreiro Neto*	26$00	36$00
Claustro (O), romance realista acerca da vida eclesiástica, por *Manuel Arão*		30$00
Conselhos a Meu Filho, (colectânea de ensinamentos morais muito interessantes), pelo *Dr. Inácio Ferreira*		15$00
Contribuições para o Espiritismo, por *Alexandre Dias*	12$00	
Cristianismo (O) do Cristo e o dos seus vigários, pelo *Padre Alta*	30$00	40$00
Cruzada Redentora, romance reencarnacionista de fundo histórico, por *António Lima*	40$00	50$00
Didaquê Espirita, por *Carlos Lomba*, Curso completo de Espiritismo para crianças de 6 a 14 anos	12$00	
Do Calvário ao Apocalipse, pelo *Espírito de Bittencourt Sampaio*	25$00	35$00
Do Calvário ao Infinito, grande romance mediúnico, ditado pelo *Espírito de Vítor Hugo*	42$00	52$00
Domínio Nefando, por *Arlindo Colaço*		24$00
Doutrina (A) de Jesus, por *Vinicius*	7$00	
Eça de Queiroz Póstumo	24$00	34$00
Elucidações Evangélicas (resumo da obra de Roustaing), pelo *Dr. António Luiz Saião*	45$00	55$00
Ensinos Espiritualistas, (descrições da vida do além) por *A. Stainton Moses*	25$00	35$00
Entre dois mundos (romance), por *Antoinette Bourdin*	20$00	30$00
Expiação, por *Areolino Gorjão*	20$00	30$00
Espiritismo e Medicina, obra em que o autor faz sua profissão de fé espirita, pelo *Dr. Inácio Ferreira*	20$00	30$00
Espiritismo (O) à luz dos Factos pelo *Dr. Carlos Imbassahy*	30$00	40$00
Espiritismo (O) Contemporâneo, pelo *Dr. Martins Velho*	20$00	
Espírito (O) Consolador, pelo *Padre Marchal*	26$00	36$00

(Continua na 4.ª página de capa)

	br.	enc.
O Espirito do Cristianismo, por *Cairbar Schutel*, um grosso volume ...		45$00
Factos Espiritas, por *William Crookes*		25$00
Fazenda mal Assombrada, romance por *Alexandre Dias*	20$00	
Fenomenologia Mediúnica, tese de doutoramento do Dr. O. Emboaba	18$00	
Fundamentos Científicos do Espiritismo, pelo *Dr. Azevedo e Silva*	10$00	
Funerais da Santa Sé *(Poesias ditadas pelo Espírito de Guerra Junqueiro)*	24$00	34$00
Grandes e Pequenos Problemas (aplicações do Espiritismo aos problemas da vida), por *Angel Aguarod*	20$00	30$00
Granja do Silêncio (A), por *Paul Bodier*	20$00	30$00
Herculanum, romance mediúnico ditado pelo *Espírito do Conde Rochester*	37$00	47$00
Livre-arbítrio e determinismo, por *Louis Gastin*	5$00	
Lídia, romance mediúnico, recebido por *J. Suriñac*	22$00	32$00
Loucura (A) sob Novo Prisma, pelo *Dr. Bezerra de Meneses*	18$00	26$00
Magnetismo e Hipnotismo Curativo, por *Alfonse Bué*	32$00	42$00
Marieta (páginas de duas existências), romance medúnico, recebido por *Daniel Artazú*	26$00	36$00
Martirio (O) dos Suicidas, por *Almerindo Martins de Castro*	22$00	30$00
Memórias de uma alma, romance mediúnico, recebido *por J. Suriñac* ...	22$00	32$00
Na Sombra e na Luz, grande romance mediúnico, ditado pelo *Espírito de Vítor Hugo*	32$00	42$00
Nas Pègadas do Mestre, por *Vinicius*	26$00	36$00
No Limiar do Etéreo (estudos experimentais acerca do fenómeno da voz directa), por *Artur Findlay*	22$00	32$00
Nova (A) Luz, ditado mediúnico de crítica a Maeterlinck, por *George Déjean*	24$00	34$00
Novos Rumos à Medicina, pelo *Dr. Inácio Ferreira*, livro célebre, muito ilustrado, descreve os métodos da cura psiquica do Sanatório de Uberaba		50$00
Novas Elucidações do 4.º Evangelho, por *João Evangelista*	20$00	30$00
Outro (O) Lado da Vida, por *Carl du Prel*	22$00	
Parábolas e Ensinos de Jesus, por *Cairbar Schutel*		45$00
Problema (O) da Sobrevivência, pelo *Dr. A. Lobo Vilela*	12$00	
O Problema do Além e do Destino, pelo *Dr. Alberto Seabra*		26$00
Protestantismo (O) e o Espiritismo, por *Benedito A. da Fonseca*	18$00	26$00
Os Quatro Evangelhos, de *J. B. Roustaing*, 4 volumes		180$00
Revelações de Além-Túmulo, pelo *Dr. Antão de Vasconcelos*	30$00	40$00
Roma e o Evangelho, por *J. Amigó y Pellicer*	26$00	36$00
Rosário (O) de Coral, pelo *Dr. A Wylm*, médico neurologista	20$00	30$00
Sessões Práticas do Espiritismo, por *Spártaco Banal*	10$00	
Sobrevivência e Comunicação dos Espiritos, por *Osvaldo Melo*		25$00
Sonâmbula (A), romance espirita, por *António Lima*		30$00
Spiritus Maledictus, romance mediúnico recebido por *J. Suriñac*	18$00	26$00
Têm Razão ?, pelo *Dr. Inácio Ferreira*, resposta magistral aos ataques feitos ao Espiritismo	40$00	50$00
Trabalho (O) dos Mortos, descrição de sessões de materialização, com muitas gravuras, pelo *Dr. Nogueira de Faria*		52$00
Verdade (A) Espiritualista, por *C. Picone Chiodo*	10$00	17$00
Vida e Actos dos Apóstolos, *Cairbar Schutel*		40$00
Vida (A) Depois da Morte, por *Yogi Ramacharaca*	18$00	
Vida (A) no Outro Mundo, por *Cairbar Schutel*		22$00
Vingança (A) do Judeu, romance ditado pelo *Espírito do Conde Rocester*	37$00	47$00
Voz (A) do Antigo Egito, por *Vladomiro Lorenz, o caso estranho das comunicações de Rosemary*	24$00	32$00
Vozes (E as) falaram, novela empolgante, por *Fernando do Ó*	22$00	

Secção Musical

Hino ao Espiritismo, música para piano de *S. A. de Macedo* e letra de *Nelson Kerensky*	6$00	
Almas Gémeas, tango-canção para piano, música de *Olí de Castro* e letra do *Espírito Emmanuel*	6$00	
Canção da Alegria Cristã, música para piano de *Olí de Castro* e letra de *Leopoldo Machado*	6$00	

Leitura para Crianças

O Espiritismo na Infância, por *António Lima*	12$00	
O Meu Diário, por *António Lima* ...	12$00	
O Evangelho das Crianças, por *António Lima*	*12$00*	

Nestes preços não está incluido o porte do correio. Enviam-se remessas à cobrança, para o continente e Ilhas Adjacentes. Para as colónias e estrangeiro, só contra pagamento adiantado, que deve incluir 10 % para porte, registo e embalagem.

«Estudos Psiquicos» encontra-se à venda em todo o país, ilhas, colónias e no Brasil

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

ESTUDOS PSIQUICOS

Mensário de Estudos Psíquicos e Neo-espiritualismo Experimental

DR. PIETRO UBALDI

(Ver pág. 235)

CONTÉM: Mentalidade, da **Redacção**; Psicodiagnose Comparada da Personalidade de Pietro Ubaldi, pelo **Dr. Gaetano Blasi**; Nótulas para uma Metafísica, por **Ramos Pereira**; Lei Divina e Lei Humana, por **Leão Tolstoi**; Psicanálise, por **António Cardoso**; Optimismo e Tolerância, por **Tito L. Bancéscu**; Como os Mortos Comunicam Conosco, pelo **Coronel Faure da Rosa**; O Cireneu, por **Noraldino de Melo Castro**; A Reencarnação e os Evangelhos, por **A. N. Pinheiro Ramos**; Anais Metapsicológicos sobre a Telepatia, por **Akar**; Para os Irmãos Pequeninos (Página Infantil organizada por **Kylas**); Allan Kardec, Um Símbolo, por **Leopoldo Machado**; Festa do Livro Espirita no Brasil, por **Airton L. Machado**; Livros Novos; O Elo Perdido... Será Novo Fracasso Científico ?, por **Rufino Juanco**; Livros, Códigos das Revelações, por **Leopoldo Machado**; Multiplicidade de Vidas, por **Paulo Hecker**; Pensando e Meditando, por **José Simões de Matos**; A Crítica Profana Fala do Livro «Pierino Gamba»; Leitores, Escutem !; Crónica Estrangeira, por **Isidoro Duarte Santos**; Notas & Comentários; Noticiário.

10.º ANO AGOSTO DE 1949 N.º 8

ESTUDOS PSÍQUICOS

REVISTA MENSAL — AO SERVIÇO DO ESPIRITISMO LUSO-BRASILEIRO

Rua do Salitre, 149, 1.º — LISBOA

Propriedade de ISIDORO DUARTE SANTOS, a quem deve ser dirigida toda a correspondência

REDACTORES — CORRESPONDENTES

Rio de Janeiro	*Deolindo Amorim*	Buenos Aires	*Dr. Luís Postiglioni*
Nova Iguassú	*Leopoldo Machado*	Paris	*Henri Regnault*
Uberaba	*Dr. Inácio Ferreira*	Liège	*Achille Biquet*
Pernambuco	*Capitão Nelson Kerensky*	Baurú	*Nabor da Graça Leite*
Baia	*Alfredo Miguel*	Santiago do Chile	*Ernesto Moog*
Porto Alegre	*Dr. Paulo Hecker*	México	*Rufino Juanco*
Gubbio, Itália	*Dr. Pietro Ubaldi*	Rosário	*Tito Livio Bancéscu*
Ponta Negra	*António J. Martins*	Índia Portuguesa	*Raul Sepúlveda Fontes*
Belo Horizonte	*Dr. Noraldino de M. Castro*		

REPRESENTANTES NO BRASIL

Rio de Janeiro	*José Bittencourt A. Coutinho*	Maceió	*Jaime Xavier da Silva*
Curitiba	*João Ghignone*	Fortaleza	*José Borges dos Santos*
Vitória	*Dr. Airton Loureiro Machado*	Franca	*Dr. Agnelo Morato*
Porto Alegre	*José Simões de Matos*	Cruzeiro	*José Zácaro Neto*
Ribeirão Preto	*Dr. Jaime Monteiro de Barros*	Passo Fundo	*Ney Vaz da Silva*
S. Paulo	*Vicente S. Neto*	Sacramento	*Corina Novelino*
Taubaté	*Geraldo de Oliveira*	Rio Preto	*Leónidas Gois*
Belo Horizonte	*Centro Luz e Humildade*	Juiz de Fora	*Orville Derby Dutra*
Natal	*Filipe Soares de Melo*	Pelotas	*Dr. Djalma de Matos*

Os artigos assinados são da responsabilidade dos seus autores ★ Não se devolvem originais, sejam ou não publicados

ASSINATURAS

Continente (cada série de 6 números, não incluindo as despesas de cobrança), 25$00—Brasil (12 números), Cr. $50,00, ou 60$00—Colónias (12 números) moeda equivalente a 60$00—Número avulso 4$50 — Número atrasado, 5$00.

Orgão do Centro Espiritualista Luz e Amor, de Lisboa, e da Maternidade Casa da Mãe Pobre, do Rio de Janeiro

Obras de Ciências Psíquicas e Filosofia Neo-Espiritualista

(em depósito nesta redacção)

	br.	enc.
ALLAN KARDEC		
A Génese (nova edição)	28$00	38$00
Obras Póstumas	22$00	32$00
O Céu e o Inferno	26$00	36$00
O Evangelho Segundo o Espiritismo	22$00	32$00
O Livro dos Espíritos	22$00	32$00
O Livro dos Médiuns	22$00	32$00
O que é o Espiritismo	12$00	
LEON DENIS		
Catecismo Espirita	7$00	
Cristianismo e Espiritismo	30$00	40$00
Depois da Morte	35$00	45$00
Joana d'Arc Médium		35$00
O Além e a Sobrevivência		22$00
O Grande Enigma	18$00	28$00
O Porquê da Vida (nova edição)	24$00	32$00
O Problema do Ser e do Destino (nova edição)	36$00	46$00
No Invisível (nova edição)	36$00	46$00

	br.	enc.
GABRIEL DELANNE		
A Alma é imortal	28$00	38$00
A Evolução Anímica	28$00	38$00
O Espiritismo Perante a Ciência	28$00	38$00
ERNESTO BOZZANO		
Animismo ou Espiritismo?	30$00	34$00
Fenómenos de Transporte		18$00
Metapsíquica Humana	20$00	
Pensamento e Vontade	15$00	
CAMILLE FLAMMARION		
Casas Mal Assombradas	28$00	38$00
Deus na Natureza	36$00	46$00
O Fim do Mundo	24$00	34$00
Stella (romance astronómico)	26$00	36$00
Urânia	22$00	32$00

(Continua na 3.ª página de capa)

ESTUDOS PSIQUICOS

Mensário de Estudos Psíquicos e Neo-espiritualismo Experimental
(ao serviço do Espiritismo luso-brasileiro)

10.º ANO — LISBOA, AGOSTO DE 1949 — N.º 8

Redactores: Ramos Pereira, António Cardoso | Director, Editor e Proprietário: Isidoro Duarte Santos | Administrador: Maria Gonçalves D. Santos

Redacção e Administração: RUA DO SALITRE, 149-1.º — LISBOA

Composto e Impresso na EDITORA GRÁFICA PORTUGUESA, LDA. — Rua Nova do Loureiro, 20 — Telefone 2 5295 — LISBOA

MENTALIDADE

O jornal Sol *tem uma «tribuna livre» onde muito se escreve pró e contra o Espiritismo. Há cerca de quatro meses (se a memória não falha), o batuque materialista rompeu tambores e açulou as turbas enervadas. Depois, deu-lhes a nuvem por Juno. Induziu em erro e mostrou a enorme calva com o letreiro: «a ignorância é muito atrevida».*

Julgávamos que os novos estivessem melhor apetrechados nas lutas do pensamento, que tivessem ideias lógicas e as defendessem com galhardia, lealmente e honestamente, como quem conhece o assunto e tem dignidade bastante para enfrentar embates de opinião sem descambar na troça e no ridículo. Julgávamos que a mentalidade de uma geração estava na razão directa do aprumo intelectual, da probidade e do rigor com que se enunciam problemas transcendentes e se trabalha na sua resolução. Julgávamos que, neste ponto, o velho Portugal era viveiro de mestres e cavalheiros.

Afinal, não era assim. Aquela «tribuna livre» do Sol *provou-o copiosamente. Tanta asneira, tanta vaidade, tanta inépcia! Tanto sapateiro que foi além da chinela!... Um fundibulário declarou ignorar o Espiritismo e em seguida criticou-o; este trocou os bb pelos vv com sencerimónia; aquele botou facécia à Paulo de Kock, movido pela inconsciência. Quase tudo gente de palmo e meio, não estranha aos cueiros. Gente de palmo e meio na craveira mental, porque alguns eram grandes, de metro e noventa e cinco.*

Nunca vimos tanta asneira, tanta inépcia, nem tribuna tão livre como a do Sol. *Muito nos admira que o seu culto director permita aquele «Anatómico Jocoso» de pimpolhos hodiernos que mastigam e não digerem.*

Mentalidade não é vacuidade. Aprendam a escrever, aprendam a raciocinar! Não ataquem por sadismo, em exibições grotescas falhas de base científica! Sejam criteriosos e sensatos! Mostrem pensamento e cultura!

A filosofia não é campo de futebol, onde se exige «olho vivo e pé ligeiro»; é laboratório mental destinado aos mais aptos.

Na tribuna do Sol *há muita pretensão e pouca sabedoria.*

Conta-se que Vitor Hugo estava despeitado com a fama de Goethe. Um dia, em jantar de amigos, exclamou:

— Afinal, que tem escrito esse sr. Goethe? «Os Bandidos».

— «Os Bandidos» é de Schiller — esclareceu alguém.

— Ah! Então, nem isso escreveu, sequer!

E ficou radiante. Tinha aniquilado o seu rival.

O mesmo fizeram alguns escribas no Sol:

— O Espiritismo é patacuada, o Espiritismo é burundanga!

E pronto: estava aniquilado o Espiritismo.

Triste cultura! Triste mentalidade!

Psicodiagnose Comparada da Personalidade de Pietro Ubaldi [1]

pelo DOUTOR GAETANO BLASI
(Da Sociedade Italiana de Metapsíquica)

RESUMO dos elementos que possuo sobre Ubaldi e conhecimento do *sujeito:* Não conheço Ubaldi pessoalmente, não sei nada da sua vida particular nem conheço qualquer circunstância que lhe diga respeito; li a sua obra «Grande Síntese» há bastantes anos e mal me recordava dela. Em Julho do corrente ano, correspondi-me pela primeira vez com ele sobre assuntos científico-filosóficos e recebi dele uma fotografia que o representa ainda novo. A seu pedido, mandei-lhe o exame grafológico da sua caligrafia e outro feito pela fotografia a que me referirei mais adiante.

Os dois *sujeitos* que empreguei, também não sabiam o seu nome nem qualquer pormenor a seu respeito. Quando os chamei a minha casa, nem sequer sabiam a espécie de exame que lhes ia pedir.

1.º Exame — Sujeito: a senhora Maria Lombardi, mulher do povo, sem instrução, crente e julgando que a sua missão é *curar* o próximo, pela imposição das mãos. Tem certa sensibilidade, que desenvolvi e controlei; sente fàcilmente as impressões orgânicas dos outros e por isso pode formular diagnósticos de males físicos com bastante exactidão, embora com erros de linguagem. Tem certa relutância em fazer experiências metapsíquicas por estar completamente entregue à sua missão taumatúrgica.

Com este *sujeito* preferi empregar o método de «presença», isto é, pô-la em presença directa de Ubaldi, e não o indirecto, utilizando a sua carta, como fiz com o segundo *sujeito.* Sabemos, no entanto, que, do ponto de vista metapsíquico, os dois métodos equivalem-se, porque a pessoa física constitui objecto psicométrico ligado ao seu psiquismo inconsciente. Pode objectar-se que o primeiro método é um método fisiognómico ordinário, mas o mesmo se pode dizer da grafologia, enquanto esta, quando sai do vulgar, é um facto metapsíquico, como muitos outros admitem e um grafólogo insigne — P. G. Maria Moretti — o afirma.

A sensitiva, sem ver Ubaldi, caiu em semi-transe e disse :

«Lutou muito, foi muito combatido e sofreu muitas injustiças; há 12 anos teve a vida em perigo, mas salvou-se milagrosamente; agarraram-no por uma perna; vejo água não corrente, como um rio ou lago. A mãe queria-lhe muito. Aos 41 anos teve um grande susto, lutou contra uma injustiça. Aos 42 estava fora da sua casa e em Julho foi ferido pela desventura que se prolongou até aos 43, isto é, até há quatro anos; depois surgiu um pouco de luz; todos os anos vicissitudes e contrariedades a vencer; os sofrimentos não acabam, agora a luta é espiritual, tem de ajustar qualquer coisa, mas não sabe como proceder, muitos projectos que não pode realizar; no fim deste ano haverá alguma coisa e depois verá a luz. Um vivo e um do Além o auxiliarão.

(Passamos em claro algumas particularidades de carácter intimo, pessoais e de família, mas todas elas confirmadas por Ubaldi; precisou o número de filhos, dos quais só um está vivo. Com respeito a este, revela as suas características, número de filhos e casamento; o mesmo faz para a mulher de Ubaldi. Depois refere-se às condições fisiológicas de Ubaldi).

«Por vezes tem o cérebro um pouco confuso, não livre, mas a inteligência conserva-se perfeitamente lúcida; oiço como que um rumor surdo; há dias em que se sente forte, robusto, outros abatido, mas não vejo coisas graves; é saudável e terá longa vida; vejo um 30 como se devesse chegar aos 90 anos. Foi sempre honrado, porque aprecia a honestidade. Procurou sempre fazer o bem, mas foi mal recompensado. Encontra-se no bom caminho. Esse caminho é longo e tem muito que lutar, mas chegará. Encontra-se entre o martelo e a bigorna incandescente; tem uma força de espírito excepcional, uma luz que desce do alto e o guia. Agora está atrás, (na nuca) depois subirá para a cabeça, mas não como auréola de santo. Esforça-se para se despojar da matéria e elevar-se espiritualmente, cada vez mais alto. Vejo-o subir uma escada que chega ao céu, guiado por um anjo. No cimo está Jesus com os braços abertos, dizendo: — Vem, cumpriste a tua missão !

Como os eleitos, traz o Cristo no coração. A força espiritual

(1) Escritor «místico» da Umbria, autor da «Grande Síntese», «Ascensão Mística», etc. É considerado pelos espiritas como médium inspirado. Estes dois livros estão no Index.

ampara-o. A princípio, adoptou a penitência; agora não acredita muito nessas coisas (ocultas).

2.º exame psicométrico: o sensitivo C. Men (¹), óptimo *sujeito*, tipo vidente, que eu cultivei. Tendo nas mãos uma carta de Ubaldi, que não assistiu ao exame, descreveu-o em novo, tal como era numa fotografia que possuo. Depois acrescentou:

«A carta é vulgar. Foi escrita à noite, sobre uma mesa, com um candeeiro portátil que dá pouca luz, e como o aposento é escuro, não vejo os móveis, mergulhados na sombra. Enquanto escreve, a respiração é um pouco apressada. Agora chamam-no e desce. Escreve correntemente, é culto e instruido. Tem no pensamento uma mulher que não está junto dele. Vejo-lhe o casaco, com larga gola de pele, mas não destingo a cor, porque não pensa nela. (Precisa diversos assuntos íntimos de família, reconhecidos como exactos, mas que omitimos). Enquanto escreve faz um gesto característico, pondo a cabeça de lado, como se, por hábito, olhasse qualquer objecto que não distingo bem, mas que se encontra à direita e alto. Vejo agora um morto, morte que parece não o ter contristado (Precisa que não o entristeceu, não porque o morto lhe fosse indiferente, mas sim por considerar a morte como a passagem para uma vida melhor e em vez de os separar, mais os unisse). Vejo uma toalha de água, um lago, mas não sei o que significa. Vejo a mãe, baixa, de idade avançada e cabelo farto, muito unida ao filho. Na sua vida surgiu a tempestade. Foi preso e levado de casa entre dois guardas».

3.º exame psicométrico: Entrego a C. Men. um escrito recentíssimo de Ubaldi. Sem olhar para ele, o sensitivo apalpa-o e diz:

«Deu-se uma grande transformação na personalidade do escritor e não parece a mesma pessoa que escreveu a carta, tão grande é a diferença, não pelo tempo, mas pela forma como encara a vida. A primeira personalidade é, moralmente, menos elevada, mais dura, não sei se com os outros; tem menos escrúpulos, não se preocupa com o próximo; a segunda procura fazer o bem nos limites do possível; torna-o mais nervoso, esquisito e descortez, atitude muito justificada pelos pensamentos pouco alegres, fastidiosos, e pelas preocupações, — daí o descontentamento. Antes, pouco comunicativo; agora, ainda menos. Fez qualquer coisa que muito bem sabia não dever fazer. Tem

Dr. Pietro Ubaldi

fé em si próprio; nunca ri. De boa vontade voltaria costas a tudo e partiria para sempre, mas sabe que não pode fazê-lo e se pudesse não o faria. Espera uma mudança ou qualquer acontecimento. Agora falo no seu actual estado de espírito. É muito mais sensível do que anteriormente, até demais, porque a sua sensibilidade aumentou tanto, que chega a ser doentia e fá-lo sofrer muito. A sua sensibilidade subiu ao máximo nesta ocasião. (Pergunto-lhe: transformou-se em doença ?). Não, não é neurópata; é tudo espiritualidade, talvez com um pouco de neurastenia. A sua sensibilidade tornou-se muito complexa; tem muitos projectos, mas sabe perfeitamente que não passam de sonhos. Só em determinados momentos se torna tão sensível e tem então duas personalidades; a sua verdadeira personalidade é quase de sonho. Não é muito novo, mas com características juvenis de que é cioso e não quer dar a conhecer a ninguém. A sua verdadeira personalidade é extremamente boa, altruista, generosa, espírito apaixonado; a outra, muito diferente, arrebatada, o que demonstra é a personalidade social. Sofre porque não pode portar-se e viver como faria a sua verdadeira personalidade, a mais bela. Tem muita sagacidade. Na sua primeira personalidade tende para a megalomania, mas com bom fim, para poder fazer bem. É estranho, mas tornou-se mais inteligente e, espiritualmente, mais solicitado.

No fim do exame apresentei o próprio Ubaldi ao *sujeito*, que disse nada mais ter a acrescentar ao precedente exame psicométrico e que o tinha visto mais novo e penteado doutra forma. Nesse tempo a sua actividade era diferente, mas agora procura aprender e aperfeiçoar a sua espiritualidade.

4.º exame grafológico: (feito pelo doutor Blasi num documento escrito por Ubaldi, a pedido deste, no começo da troca de correspondência. Omitem-se os dados técnicos).

Inteligência profunda, penetrando minuciosamente nos assuntos, quase cinzelando o pensamento que prima pela clareza, comunicabilidade, equilíbrio, equanimidade e objectividade nas opiniões que forma sobre os outros. Tendência para o negócio com inventiva e lógica; muita memória, não só conceptual, mas também verbal e, portanto, apto para o estudo das linguas; muita sensibilidade e delicadeza de sentimentos; tendência para a sensualidade e a ser influido pelo «sex-appeal», corrigida e sublimada por uma vontade de excepcional tenacidade. Essa vontade, porém, pode fraquejar e ceder, até certo ponto, a influências

(¹) Empregado de cultura mediana, que se interessa pelos assuntos psiquicos, óptimo sensitivo que eu cultivei. A. S. I. M. aprecia-o muito.

alheias. Revela preponderância dos factores psíquicos do inconsciente com intervenção mística.

Ubaldi, — tenho aqui uma declaração assinada por ele, — reconhece que tudo quanto os *sujeitos* revelaram é exacto.

C. Men. fotografou-me e perguntou-me como tinha feito para adivinhar tão bem o seu carácter pelo exame grafológico, quando não o conhecia.

Portanto, podemos confiar na psico-diagnose metapsíquica comparada.

As respostas dos dois sensitivos terão mais valor, se pensarmos nas diversas características dos dois *sujeitos*. Maria Lombardi estuda Ubaldi nas suas tendências religiosas e místicas e tornou bem claro o contraste ascéptico entre a sua personalidade que procura elevar-se pelo sofrimento e pela renúncia e as tendências instintivas da carne que o arrastam para a materialidade. Mas, pela sua ignorância, não pôde precisar o contraste psicológico entre as duas personalidades de Ubaldi como tão bem o fez C. Men. Insistiu sobre a personalidade que C. Men. diz ser a verdadeira, mais conforme com a própria e descreve-nos a linha ascensional indicada pela imagem do Cristo no peito e pela visão mística da escada celestial (a escada de Jacob) e o coroamento final de Jesus, recebendo-o de braços abertos.

Trata-se de visão alegórica, que não tem nada de real, mas que revela o caminho seguido pelo «viajante» Ubaldi, no seu destino interior, figurado pela imagem do Cristo no peito. Embora nos possa parecer irreverente, e do ponto de vista puramente psicológico, não podemos deixar de reconhecer na frase da senhora Maria Lombardi: «Traz no peito, como os eleitos, a imagem do Cristo», um exemplo bem claro que confirma a concepção psicanalítica de Jung e outras da supracitada «Imagem». Ela representa o complexo psíquico predominante no inconsciente de cada um, carregado de dinamismo e com tendência a actuar irresistivelmente por todos os meios de que pode dispor, formando assim a fatalidade interior, o destino que cada um inconscientemente forja por suas próprias mãos e que explica muitos factos da vida humana. Antes de conhecermos esta resposta, já tínhamos formulado a hipótese de que a «Imagem» também deverá manifestar-se nos místicos, consoante o seu esforço mental. Foi o que dissemos no nosso trabalho a respeito das previsões do futuro.

Para nós, isso é a contraprova da boa fé de Ubaldi e da realidade do seu misticismo. A dúvida reside agora noutro ponto: se o seu misticismo é natural ou sobrenatural. Nem mesmo o indício da luz mística, embora sintomático, pode servir-nos de base, conquanto em várias «mensagens mediúnicas» sucessivamente recebidas por Ubaldi se assinale essa luz mistica que o ilumina e guia. Numa mensagem de 1932, por exemplo, disseram-lhe:

«Sobre ti irradia a luz do Espírito Santo... e iluminará a tua mente». Também a imagem do martelo que bate sobre a bigorna incandescente (a sua alma) é mencionada numa mensagem mediúnica da Valbonesi, em 1935: «É o martelo (tempo) que bate, um martelo forte que bate continuamente para amoldar a estrutura da tua alma». Estas coincidências, se coincidências se podem chamar, devem interpretar-se como revelação telepática por parte de Maria Lombardi acerca das imagens existentes no inconsciente de Ubaldi e ali impressas por sugestão. Por outro lado, Maria Lombardi revelou exactamente o estado da alma de Ubaldi, em perpétua luta espiritual: «Tu ainda há pouco acreditavas nisto» (mediunidade) e no seu conflito com a congregação do Index; «cala-te», aconselhou muito sensatamente Maria Lombardi, tal como C. Men. disse que tem «muitos projectos em mente, sonhos que nunca realizará». Apontamos a outra concordância entre as duas respostas com a visão de uma toalha de água, como um lago (que não era lago, mas o mar calmo onde Ubaldi correu o risco de se afogar aos 12 anos, sendo salvo pela mãe). Maria Lombardi mencionou o perigo da vida, enquanto C. Men., mais objectivo e evitando intromissões racionais, não precisou. No entanto, a imagem do lago era acompanhada pela da mãe que o salvara. Por outro lado, Maria Lombardi foi extraordinàriamente precisa em referência às datas de acontecimentos na vida de Ubaldi.

Abrange os 42 e 43. E com efeito, Ubaldi perdeu um filho na guerra, em Fevereiro de 42, mas só recebeu a notícia da sua morte em 43. Em 41 foi preso devido a uma falsa denúncia e depois posto em liberdade. Maria Lombardi assinala claramente um grande susto naquela data, mas não precisa o facto, por temor de ofender a pessoa presente ou porque esta não desejava que ele fosse revelado. Tal possibilidade inibitória agindo telepàticamente sobre o *sujeito* foi confirmada noutros casos. C. Men., pelo contrário, não usou da mesma inibição por não estar em presença de Ubaldi e mencionou a prisão que todos nós ignorávamos. É para notar a precisão com que Maria Lombardi se referiu ao estado de saúde de Ubaldi, falando da tensão arterial e das frequentes perturbações funcionais de que sofre. Isto é devido à especialidade de Maria Lombardi que falta a C. Men., mais vidente do que cinestésico. Em compensação, ele deu pormenores importantes, como o dizer que, enquanto escreve, Ubaldi tem a respiração dificil. É verdade, porque ele, escrevendo depressa, respira ofegantemente devido à fadiga. Também ignorávamos isto, assim como ignorávamos completamente um pormenor, também revelado por C. Men., (o seu hábito tão característico de olhar para o lado). Efectivamente, como depois nos explicou Ubaldi, tem continuamente a sensação duma «presença» a seu lado, para a qual adquiriu o hábito de voltar-se. É como um fantasma que ele supõe ser o seu espírito-guia. Maria Lombardi referiu-se a um morto que o protege e C. Men. viu um morto, mas absteve-se de o nomear. Tratar-se-á apenas de uma «forma-pensamento» de intensidade alucinatória que se reflita no psiquismo do *sujeito* ou de uma realidade transcendente? Ignoramo-lo. Mantivemos uma reserva muito natural sobre assuntos íntimos e de família, todos correspondentes à realidade, que os dois *sujeitos* nos deram sobre Ubaldi. Nesses e especialmente nos que deu Maria Lombardi fica demonstrado que, nos exames psicométricos, não é apenas a pessoa que constitui objecto desse exame, que é posta em foco pela crisptestesia do *sujeito*, mas todo o ambiente que a rodeia, pessoas de família, amigos e até simples conhecidos. Na visão do ambiente e do momento em que o escritor redige os seus trabalhos, C. Men. revela-nos com extraordinária precisão que só pode comparar-se à do

sensitivo Ossowiecki, tão célebre no estrangeiro. Quem ler a descrição que C. Men. nos faz da redacção da carta, sabendo que ela corresponde perfeitamente à realidade, não pode deixar de ficar estupefacto com a excepcional faculdade metagnómica do *sujeito*, que «vê claramente uma situação passada como se fosse presente, e deduziria que a divisão do tempo em passado, presente e futuro (visto que as situações futuras são muitas vezes descritas pelos *sujeitos)* não existe no plano em que evoluciona a consciência metapsíquica, isto é, no plano *ultracronotópico* da essência do cósmico real. Embora só em parte, os *sujeitos* reflectem, deliberadamente e geralmente, uma realidade virtual psíquica que é ultracronotópica, isto é, a *realidade mental mnémica* duma pessoa. Embora esquecido, o passado está ali inscrito e o futuro também, porque é determinado pela sua imagem. Portanto, os *sujeitos* não fazem mais do que revelar ao consulente presente ou ausente (e nesse caso, se não podem vê-lo, recorrem ao objecto psicométrico) os pontos nodais, os acontecimentos principais da sua existência que já estão inscritos na sua psique e o seu inconsciente conhece, mas que só excepcionalmente revela (sonhos auto-premonitórios) ao próprio «eu» consciente.

O pormenor insignificante, mas exacto, de que a carta era uma carta vulgar, é, em nossa opinião, de grande importância psicológica, porque explica todo o conteúdo especial da 2.ª resposta, em contraste com a abundância de dados psicológicos da 3.ª resposta de C. Men. e prima pelo valor documental de ambas as respostas sem lhe preocupar a conformidade das datas com a realidade.

Uma carta vulgar não podia dar mais nada, se o sensitivo operasse objectivamente, isto é, com a sua criptestesia e não conjecturalmente, com a fantasia. Toda a 2.ª resposta se pode considerar a visão psiquica do quadro mental de Ubaldi, como se o património de imagens *mnémicas* deste se desenrolasse perante o sentido oculto de C. Men. Trata-se de uma série de pseudo alucinações ou alucinações psíquicas de Baillarger não simbólicas, embora manifestas, reproduzindo deliberadamente e sem deformação, — caso muito raro, — as imagens análogas existentes no inconsciente de Ubaldi.

Estes resultados brilhantes devem-se, em parte, a direcção adequada e ao desenvolvimento dado por mim à criptestesia latente de C. Men.

Pelo contrário, o documento no estado de inspiração, da 3.ª resposta, deu início a uma série de pormenores psicológicos sobre a dupla personalidade de Ubaldi que, em confronto com a exactidão dos outros dados e atenta a confirmação feita pelo próprio Ubaldi, podem ser considerados verídicos e sobre eles baseamos o nosso juizo e apreciação.

Eles coincidem nas suas linhas gerais com os da minha resposta grafológica e fotográfica que os completam, no que diz respeito às tendências somáticas: vitalidade e sensualidade dominadas e sublimadas pela forma mística; luta entre os dois extremos opostos, causa de sofrimento. Melancolia, nota dolorosa.

Cheguei a afirmar que pode chegar ao suicídio, mas que nunca realizará esse acto. C. Men. diz o mesmo sobre o seu estado de espírito, com esta frase simbólica: «Voltar as costas a tudo e partir para sempre». O próprio Ubaldi o confirmou.

Estamos, portanto, autorizados a depositar a maior confiança na psico-diagnose comparada da personalidade de Ubaldi feita nas supracitadas respostas metapsíquicas. Portanto, cremos que a verdadeira e fundamental personalidade de Ubaldi é aquela que nos traçou C. Men. e que a senhora Maria Lombardi apenas se limitou à percepção enquanto a outra, muito inferior moralmente, é personalidade aparente, forjada pelas exigentes relações sociais, em muitos casos e nos tempos modernos não muito superior à animalidade e à ferocidade do pitecantropo.

Segundo ele diz e os *sujeitos* confirmam, Ubaldi também tem uma missão a cumprir no decurso da sua vida, missão apostólica que do Alto lhe confiaram. Os cépticos podem considerá-la como um facto auto-sugestivo, mas a personalidade fundamental de Ubaldi, como nos provaram as investigações metapsíquicas, é de um nível ético-religioso tão acentuado e superior, que nos deixa perfeitamente tranquilos quanto às consequências do seu apostolado, ainda que, ontològicamente, não seja transcendente.

CONCLUSÕES:

Concluímos o nosso trabalho, esperando ter demonstrado que o nosso método de psico-diagnose metapsíquica comparada dá resultados consideráveis e de alto valor técnico-psicológico e é susceptível de aplicação prática em todos os campos que exigem revelação da personalidade humana por meio de sensitivos e médiuns e de qualquer outra personalidade que interesse, sob o ponto de vista teológico, jurídico e social, e não apenas científico.

No caso especial de Ubaldi, visto que a condenação do Index, lançada sobre dois dos seus livros, não pode considerar-se definitiva, não possuíndo a autoridade eclesiástica as bases suficientes para formular juizos sobre a sua verdadeira personalidade, como nós possuímos, convidamos aqueles que têm voz na matéria a manifestar a sua opinião sobre o nosso trabalho e sobre as conclusões que dele tirámos.

Baseando-nos nas investigações científico-metapsiquicas a que nos referimos, concluímos que Ubaldi tem duas personalidades, das quais a mais importante, a verdadeira, é de alta espiritualidade e moralidade, comparável à dos mais considerados místicos e ascetas. Verifica-se que não é um médium vulgar, porque se diferença totalmente. As suas manifestações exteriores e a sua mais profunda constituição psiquica não são iguais às que é costume encontrar nos médiuns.

Não há automatismo e ausência de vontade para sucumbir a influências estranhas perniciosas com substituição de personalidade: personalidade mediúnica e de transe.

No estado de inspiração, Ubaldi conserva-se sempre consciente e em contacto com o ambiente que o rodeia; e se a sua personalidade nos aparece transformada, não é nova personalidade que se impõe, mas a sua própria, mascada com a personalidade ficticia, social. É inegável que uma influência transcendente se exerce por vezes sobre ele, mas em todo o caso, dados os resultados que produz, não pode ser de natureza perniciosa. Admitida essa influência, Ubaldi pode ser considerado um verdadeiro *asceta-místico*, ou antes, um *mistico natural*.

Roma 5/XI/1947

ENSAIOS

NÓTULAS PARA UMA METAFÍSICA

Por RAMOS PEREIRA

A existência decompõe-se numa sucessão de formas que só é indefinida quando para além das actuais hipotetizamos lògicamente as futuras. É mesmo este aspecto de instabilidade que torna difícil a análise do problema existencial total, pois que no momento em que abstraímos do todo móvel uma ideia directriz e, portanto, a-móvel, atingimos a linha de separação metafísica entre essência e existência.

A sucessão formal até ao momento presente, por mais que o seu primeiro termo se perca nas sombras da origem do tempo, é uma sucessão com um número finito de termos. A sua aparente infinidade, como a sua aparente continuidade, resulta de cada termo possuir uma expressão temporal. Se o conjunto de momentos do tempo tem a potência do contínuo matemático, o mesmo em boa verdade, se não pode pensar do conjunto das formas existenciais. Abstraiamos, então, do tempo e consideremos essas formas e as causas que às impelem na via da evolução. É-me possível, deste modo, exprimir por dois símbolos o conjunto dos efeitos e das causas. Sejam y e x as variáveis representativas desses conjuntos. Direi que y é uma função de x e escreverei

$$y = f(x)$$

em que f é o símbolo da relação causa-efeito. Ao conjunto simbolizado por y chamarei *espaço transformado* e ao simbolizado por x *espaço de transformação*. Estes dois conjuntos aparecem-nos infinitos mas numeráveis, desde que eu considere a linha de evolução até ao fim previsível, ainda que não visível. Note-se agora, que alguns pontos de x são também pontos de y (isto é, a função é parcialmente invertível) e, assim, os dois conjuntos x e y não são disjuntos. Há pontos comuns aos dois conjuntos; a sua intersecção não é vazia de existência. O *espaço existencial total E* é a soma dos dois dois conjuntos, dos pontos que sendo causas não são efeitos, dos que sendo efeitos de uns não são causas de outros e ainda dos que são causas e efeitos. E chamarei *espaço existencial absoluto* à intersecção de *x* e *y*, conjunto dos pontos que são causas e efeitos simultâneamente. Mas se E é um conjunto com um número infinito de pontos, admitirá necessàriamente um ponto de acumulação I que, não pertencendo a E, pertence ao seu complementar, C (E), que, não sendo existencial, é naturalmente perfeito. Definido assim o ponto I — *Ideia* ou *princípio planeador das formas* — é um ponto limite de E. Logo, se for d o extremo inferior das distâncias do ponto essencial I aos pontos existenciais de E, essa distância é infinitésima quando o número de pontos de E é infinitamente grande; como de igual modo é infinitésima a distância de E e do seu complementar C (E). Por outras palavras, à medida que, seguindo a linha evolutiva ordenadora, os pontos de E se tornam infinitamente próximos, avizinham-se de I, ponto fronteira da essência que é C (E) e da existência que é E.

Consideremos agora a soma E+C(E)+I. Chamemos-lhe T, símbolo que exprime o espaço total, separável em E e C (E) pelo ponto I: isto é, em existência e essência quando surge a ideia I pela própria natureza de T ou Todo. Note-se que eu nada sei do conjunto C (E) e que I apenas a concebo como um ponto limite de E. Há no conjunto T uma parte que induzo mas cuja natureza desconheço, talvez por eu ser exactamente um ponto de E, e um ponto do espaço transformado. O que eu vi é apenas o qeu vejo de E que, visto em tempo, constitui o lado actual de T, assim como C (E) exprime a potência de T e I simboliza a força que fez sair E de T, que «moveu» T.

Nestas condições, eu devo aprofundar o meu conhecimento do espaço existencial total E, porque na medida em que o fizer me aproximarei de I e logo, mediatamente, de C (E) e, portanto de T.

Já vimos que o conjunto E, sendo infinito, é numerável. Disponhamos então os seus pontos ordenadamente, escolhendo como critério de ordenação o sentido da perfectibilidade crescente:

$$e_1, e_2, e_3 \ldots e_n \ldots$$

e simbolizemos por $>$ e $<$ as expressões

«mais perfeito» e «menos perfeito que». Deste modo,

$$e_1 < e_2 < e_3 < \ldots < e_n < \ldots$$

$$e_n = e_{n-1} + K$$

em que pelo símbolo K exprimimos a *perfectibilidade* $e_n - e_{n-1}$. Seja i o símbolo representativo dos elementos intelectuais, s o dos elementos emotivos positivos (*s* será o dos elementos negativos), r o das realizações de «valor» positivo (*r* será o das realizações negativas) e v o factor vontade deposto nestas realizações. Então escreveremos

$$K = \frac{s \times r}{s \times r} \times V \times i$$

expresão que traduz analìticamente o seguinte princípio :

— a perfectibilidade atingida por um determinado psico-tipo é proporcional ao valor da sua inteligência e sensibilidade e das suas realizações axiológicas e ao factor deposto na sua construção.

Relacionemos K com o factor tempo: — obtemos o conceito fundamental de *perfectibilidade relativa* $[K_r = \frac{K}{t}]$ regulada pelo princípio enunciável :

— a perfectibilidade relativa de um ser é directamente proporcional à sua perfectibilidade absoluta e inversamente proporcional ao tempo gasto em a adquirir.

(Note-se que estas expressões não têm ainda significado quantitativo por se não ter ideado ainda uma unidade de medida).

Que concluir ? Se estou convicto que o meu destino é seguir todas as posições escalonadas $e_1, e_2, e_3, \ldots e_n$; se é K que me permite passar de um e_n para o seguinte e_{n+1} e se o último destes pontos de E é infinitamente vizinho de I, o meu dever é acumular K_r em mim por desenvolvimento de K em t mínimo; ou por outras palavras, ganhar a maior perfectibilidade no menor espaço de tempo possível. E se for n a ordem do ponto de E que acupava quando nasci, n_1 a ordem do ponto de E que ocuparei ao findar a minha vida actual e t o tempo vivido,

$$V = \frac{n_1 - n}{t}$$

define a minha velocidade de aperfeiçoamento que como fàcilmente se depreende pode ser positiva ou negativa. E eis outro dos meus princípios como ponto de E: — aumentar em valor positivo a velocidade de aperfeiçoamento pela utilização exaustiva de todo o meu poder espiritual.

LEI DIVINA E LEI HUMANA

Por Leão Tolstoi

Dirigia-me para a porta Borovitzhy, onde estava um mendigo coxo.

Nesse instantte, um indivíduo de face corada e marcial atravessava a rua, vestido com um capote de pele de carneiro. Mal o viu, o mendigo levantou-se atemorizado e começou a correr a pé coxinho para o Jardim de Alexandre.

Após inútil esforço para o agarrar, o indivíduo parou vociferando contra o maltrapilho que se colocara debaixo da porta, em contrário do estabelecido.

Esperei o indivíduo e perguntei-lhe se sabia ler.

— Sei, porquê ?

— Leste o Evangelho ?

— Li.

— E lembras-te destas palavras: «E quem der de comer a quem tem fome...». Citei-lhe o versículo. Lembrava-se dele e ouviu-me até o fim. Percebi que se atrapalhava. De repente, seu olhar inteligente animou-se e olhou-me por cima do ombro, como quem se afasta.

— E as ordens que tenho ? Conhece-las tu ?

Respondi que não.

— Então nada tens a dizer.

Foi o único homem que encontrei a resolver com lógica inflexível o problema do tempo e do espírito.

O problema deste indivíduo — o Evangelho ou as ordens recebidas de seu amo, a lei divina ou a lei humana — levanta-se hoje perante os homens, como no tempo de Samuel.

PSICANÁLISE

Por ANTÓNIO CARDOSO

III

A VIDA MENTAL

As diferenças que existem entre a Psicanálise e o Espiritismo, consoante à vida mental do indivíduo, são por assim dizer mínimas, pois ambas as doutrinas consideram a alma humana dividida em 3 zonas: consciente, subconsciente e inconsciente. As principais diferenças existentes, resultam no facto da Psicanálise ser uma ciência materialista, ao contrário do Espiritismo. Vamos completar o estudo acerca dessas camadas, em parte feito nos dois números anteriores.

Na camada consciente existem todos aqueles factos cuja lembrança se encontra presente. Se por exemplo me perguntarem a idade duma pessoa e eu prontamente responder, estamos em presença de uma lembrança consciente; mas se pelo contrário, não me recordar, direi que se trata de um fenómeno subconsciente. Isto significa que nessa camada, se localizam os fenómenos aparentemente esquecidos (1), mas que podem aflorar à consciência. O inconsciente ou pré-consciente (segundo Freud) é a zona onde se localiza a bagagem do indivíduo. Os instintos, paixões grosseiras, etc., trazidos por ele quando atravessou a escala animal, constituem o inconsciente colectivo. Mas aquilo que o indivíduo consegue realizar durante a sua vida terrena, agora com forma humana, constitui o inconsciente pessoal. O colectivo (a personalidade) é essencialmente mortal, à medida que o indivíduo for amalgamando e destruindo suas tendências animais; o pessoal (a individualidade), pelo contrário, tende sempre a aumentar, à medida que o indivíduo vá criando novas formas de experiência, sendo portanto imortal.

O subconsciente, não só trabalha durante o sono (como vimos já), mas também no estado de vigília. Um fenómeno comprovativo é observado principalmente pelos estudantes; supunhamos que o aluno X tem a sua atenção dirigida sobre certo problema; pensa, torna a pensar, e nada, não dá com a solução. Desiste por fim. Passa a outro assunto ou vai distrair-se. De repente, passadas horas quando já nem sequer se lembrava do problema, vem-lhes à mente a resposta. Donde lhe veio a solução? Do subconsciente, certamente, que *não se deu por vencido* e continuou a trabalhar.

Vejamos outros fenómenos, observados também por certos psicólogos e metapsiquistas. Vamos supor, por exemplo, que um agente exterior penetra na camada consciente, atravessa-a, entra no subconsciente e por uma lei conhecida em filosofia pela «lei da associação de ideias», consegue atrair à sua volta um conjunto de ideias similares que, formando um todo, afloram ao consciente... e é assim que um objecto nos faz lembrar outro, ao vermos uma pessoa diremos que ela é parecida com Fulano, e outros factos semelhantes. Freud refere-se nos seus livros a vários factos desta natureza.

Ora se isto sucede quando o indivíduo se encontra no estado normal, com muito maior razão se dá quando se encontra num estado de credulidade magnética, pois nesse estado as faculdades da camada subconsciente são extraordinàriamente aumentadas. É assim que vemos em sensitivos nesse estado de transe imperfeito, aflorarem ao seu consciente esse aglomerado de ideias similares, que formam uma personalidade: «objectivação de tipo». Essas personalidades, que não são mais do que personificações subconscientes, comportam-se como pessoas reais, falando, discutindo, etc., mas *nunca* ultrapassando os conhecimentos e a mentalidade do *sujet*.

Estes fenómenos são extraordinàriamente interessantes para serem estudados «à Pierre Janet», para investigarmos como essas personificações se formam, pois isso levar-nos-ia a conhecimentos mais vastos acerca dessa zona da alma humana; mas *nunca*, para serem apresentados à massa, como fenómenos espiritas, como infelizmente se tem feito até aqui, pelo menos no meio português.

A RELIGIÃO

Darwin formulou a hipótese de que os homens primitivos viviam em hordas de canibais, cada uma delas dominada por um chefe feroz, que exigia para si todas as mulheres. Freud, partindo dessa simples hipótese aventurou outra: um dia os irmãos desse feroz tirano, revoltados contra esse celibato forçado, resolvem matá-lo e devorá-lo. Porém, depois, verificando que cada um deles queria substituir o chefe morto, e vendo a impossibilidade de tal realização, encheram-se de remorsos pelo pecado cometido (o pecado original), e começam então a venerá-lo, identificado agora num animal, o *tóteme* (1).

Escreve Seabra Denis (A Psicanálise Pag. 125): «Por este caminho se foi dar às religiões actuais. Nada mais fácil para as explicar. Por um mecanismo de projecção, o tóteme adquire caracteres antropomórficos e transforma-se em *deus*, ao qual periódicamente se sacrificam os animais que lhe são consagrados e que os representam, o que traduziria ainda a recordação do *crime primitivo*».

Freud apresenta um exemplo flagrante na crença de que Cristo veio ao mundo para resgatar o pecado original (a morte do pai primitivo); mas os homens crucificaram-no, e, depois, reconhecendo o seu erro, adoraram-no (o mesmo que haviam feito depois da morte do pai primitivo).

A própria criança não teme o pai, embora o deseje imitar e substituir? Em geral as crianças têm até o hábito de vestir as calças e casacos dos pais, para *fingirem* de pais. Não será isto um exemplo vulgar, do que Freud nos ensina teòricamente?

---

(1) Na visão panorâmica no momento da morte todos esses factos, nos seus mínimos detalhes, passam pela nossa vista, num curto espaço de segundos.

(1) «O tóteme é um animal comestível, inofensivo ou perigoso e temido; mais raramente uma planta ou uma força natural, «chuva, água», que se encontra numa relação particular com o conjunto do grupo. O tóteme é em primeiro lugar o antepassado do grupo; em segundo lugar o seu espírito protector e o seu benfeitor, que envia oráculos e, mesmo quando é perigoso para os outros, conhece e poupa os seus filhos». («Tóteme e Tabo» de Freud).

Freud considera as religiões como simples ilusões, com uma origem comum: o pecado original (a morte do pai primitivo). Não quero negar que certas religiões tenham a origem naquilo que a psicanálise pretende. Mas, querer meter tudo na mesma lei, é que é um erro imperdoável.

Por isso, Sigmund Freud, diz: «Assim renunciando às esperanças no Além e concentrando todas as forças libertadas na vida terrena, provàvelmente conseguirá que essa vida se torne suportável para todos e que não mais os oprima a civilização. Então haveria de dizer, sem lastimar-se, com um dos nossos companheiros de descrença:

Os Céus, abandonámo-los
Aos Anjos e aos Pardais».

A Psicanálise é portanto essencialmente materialista. E é pena! É pena que uma ciência que tanta luz veio trazer à psicologia clássica, se apressasse demasiadamente em certas conclusões. Se Sigmund Freud estudasse melhor certos fenómenos que alguns sensitivos apresentam, como os de xenoglossia, talvez não formulasse opiniões tão ousadas; talvez se convencesse de que era impossível que do subconsciente viessem palavras, frases ou discursos em língua desconhecida do *sujet*. Então certamente iria investigar a origem desses fenómenos, e se não estivesse escravizado por ideias preconcebidas, criaria, não uma psicanálise sem Deus, sem alma imortal, mas uma psicanálise espiritualizada.

Os psicanalistas modernos atacam o Espiritismo, com um ódio confrangedor. Dão-nos uns nomes esquisitos, como esquizofrénicos, que eles próprios não sabem o que significa. Esquecem-se de que o Espiritismo não é uma religião com dogmas, com representantes de Deus na terra, mas uma Ciência; dessa ciência tiramos uma filosofia e depois uma moral. Mas isso são conclusões ! O princípio é este ! Ciência. Ora se assim é, para que somos considerados esquizofrénicos ? A Física, a Química e tantos outros ramos do saber humano também o são, a não ser que Freud considere tudo isso como... reflexos do «pecado original».

Freud agarrou-se à crença vulgar de que o Cristo veio à terra para resgatar «o pecado original» (a morte do pai primitivo). Nós temos uma ideia totalmente diferente da missão do Cristo! Ele veio não para resgatar as nossas faltas, mas para nos ensinar o caminho que devemos seguir para atingirmos a evolução desejada. A ideia de um Cristo resgatando os nossos pecados é demasiadamente cómoda para aqueles que querem progredir com o seu próprio esforço. É boa para muitos outros que com uma simples confissão a um homem que o absolve ou condena (com que autoridade, se é tão pecador ou mais do que ele?) ficam livres de toda a mancha de pecado, e podem portanto continuar a prevaricar, porque lá está amanhã o confessor para lhe perdoar... como se a entrada no céu fosse conseguida com dinheiro.

Não ! O Cristo que defendemos é um Cristo extraordinàriamente humano (um espírito evolvido como o foi Buda e Confúcio), que veio à terra na missão de a evangelizar.

CONCLUSÕES

Pelo estudo feito, vimos que, se discordamos de muito que a psicanálise nos apresenta, vemos, por outro lado, que ela nos deu, em certos pontos, conhecimentos de grande utilidade para os nossos postulados.

No dia em que ela for despida do seu materialismo, na hora em que Espiritismo e Psicanálise caminharem de mãos dadas, poderemos dizer que um grande passo se deu para o progresso da Humanidade.

OPTIMISMO E TOLERÂNCIA

Por TITO L. BANCÉSCU

AS sociedades humanas estão divididas em dois sectores bem definidos: os optimistas e os pessimistas. São dois polos que contribuem — como o amor e o ódio — para a evolução dos povos. A diferença entre ambos está nisto: enquanto o optimismo é gravitante, o pessimismo é um peso morto. É uma espécie de lastro nas travessias da vida.

Há seres eternamente jovens, porque são optimistas; obedecem ao compasso do progresso renovador, cujo ritmo observam sempre. Não se amoldam ao passado, embora o respeitem como fase de outras gerações. Adaptam-se ao futuro. A sua força pujante impele-os a novas mudanças na policromia da vida, donde se deduz que o optimista não só é uma pessoa sã de espírito, mas também confia em si próprio. Os homens que perderam a fé em si mesmos e preferem resumir as suas esperanças na confiança dos outros, convertem-se tàcitamente em instrumentos de pessimismo. Carecem de força de vontade. O entusiasmo desaparece neles. Caem lentamente na inércia, na morte social do indivíduo.

Enquanto o optimismo procura vencer os obstáculos, o pessimismo frustra as mais belas ilusões, as esperanças mais nobres, as mais promissoras espectativas; encara a vélhice prematura, é o artifício da abulia. Nada lhe sorri, nada é digno de ser empreendido, porque as coisas mais fáceis representam para ele fracasso antecipado.

Há pessimistas cheios de saúde física e optimistas octogenários que dela carecem. Os primeiros parece que nasceram velhos de espírito enfermo; a prosperidade à base do esforço consideram-na utópica e preferem as coisas feitas. Tão grave é o mal dos pessimistas, que de tudo duvidam: não há amor, solidariedade, beleza, harmonia. Tudo é fúnebre para a sua visão restrita. Por isso, vegetam na sombra do seu mundo introspectivo.

O seu reverso é o optimismo, cuja saúde moral reflecte intermitentes quixotadas. Vemos como velhos estadistas orientam grandes povos. É o optimismo que os acicata. E triunfam quase sempre, quando energias juvenis fracassam em coisas insignificantes. Os primeiros marcam rumos à humanidade; os segundos não sabem orientar-se a si mesmos. A vida do optimista é luta em que o espírito se aprimora, alargando seu raio de acção, escola em que se aprendem eloquentes lições. Por isso o progresso obedece aos optimistas.

(I. D. S. traduziu)

Af/49

Faure da Rosa escreveu . . .

III

Mais um caso importante. Os pais e a irmã de Charles tinham conhecido intimamente uma senhora Sands. Quando ela morreu, Charles recebeu uma carta da filha chamada May, que ele não via há uns bons 30 anos, na qual lhe pedia que a auxiliasse e obtivesse uma mensagem da mãe. Mentalmente, Charles decidiu convidar May para, semanas mais tarde, assistir a uma das suas sessões com a médium Leonard. Antes, porém, do prazo estabelecido, o guia *Feda* disse a Charles: «A sr.ª Sans encontrou May que leu no vosso Espírito que pretendieis trazê-la aqui. Fazei-o; sua mãe quer falar-lhe». Seguiam-se pormenores concernentes às ansiedades de May, à sua fraca saude, aos seus olhos doentes que a tinham obrigado a usar lentes. Verificou-se que tudo isto era exacto.

Onde foi o guia buscar tais informações?... Tê-las-ia recebido de John Drayton Thomas que encontrara a sr.ª Sands e com ela falara de May?... Ou teria sido o guia que, por intermédio de Charles, tivesse conseguido estabelecer a «relação psíquica» com May e assim pudesse ler no seu espírito?... Com certeza que a suposição da leitura do pensamento não é mais verosímil.

Ainda hoje há muitas pessoas que acreditam que todo o fenómeno subjectivo de comunicações do Além, se reduz a leitura do pensamento ou a telepatia. Há, certamente, casos de natureza a fazer acreditar esta maneira de ver, mas não são todos os casos. O pai e a irmã de Charles afirmam que durante a produção do fenómeno tal leitura é dificílima, para não dizer impossível, não só para o médium como também para os próprios comunicantes. A emanação do médium age como um véu lançado sobre os assistentes e nos comunicantes, o que os embaraça. Uma vez regressados ao seu meio normal, os espíritos podem ler os nossos pensamentos, mas nem todos do mesmo modo; vêem com mais facilidade aqueles que flutuam na nossa aura, quer os pensamento sejam nossos quer de outrem a nós dirigidos.

Um facto comprovativo, de entre os muitos que existem. «Durante uma sessão — há alguns anos — o pai de Charles disse-lhe que ele prometera transmitir o pedido de um homem, que era um estranho para Charles, mas que ele, pai, encontrara no Outro Mundo. Dizia que era um homem encantador e muito inteligente e se mostrava muito inquieto a respeito de sua mulher que deixara na Terra, com um filho, num estado grave de depressão moral. Tinha-lhe falado em uma sessão e isto a reconfortara um tanto, mas notara que o seu abatimento recrudescera recentemente: estava convencido de que ela meditava matar-se juntamente com o filho. Depois destes preliminares, o pai de Charles prosseguiu: «Muitas pessoas que aqui me conhecem, sabem que espécie de trabalho desempenho contigo. O homem de quem te falei pergunta-me se tu não poderias falar com a sua viúva e dizer-lhe que o marido sabe o que ela medita; ele deseja que a terrível ideia lhe não seja recordada — se é que realmente chegou a desaparecer — porque ainda não há muito tempo se sentiu presa da ideia louca de que mais valia para ela e para o filho ingressarem no mundo do Além». «É preciso, a todo o custo — diz o comunicante — evitar esse acto de desespero que não a aproximaria de mim, seu marido, antes pelo contrário. O suicídio é já um acto muito culposo, mas cortar, ao mesmo tempo, a vida terrestre de um outro ser, é crime gravíssimo. Eu creio que ela

COMO OS MOR

poderia libertar-se dessa ideia se encontrasse alguém que quisesse testemunhar-lhe um pouco de interesse e simpatia».

Charles e sua mulher conseguiram criar e manter relações com a senhora de quem tratava a comunicação reproduzida. Nunca lhe revelaram a ansiedade do falecido marido. Depois de algumas semanas de convivência, a viúva revelou espontaneamente a história do seu grande desgosto, sem ocultar que houvera uma ocasião em que ela perguntara a si mesma «se não seria melhor abrir a torneira do gás para acabar com tamanho sofrimento». Mais tarde, esta mulher, em consequência da intervenção do marido desencarnado — soube enfrentar a vida com coragem.

Acabamos de verificar que os Espíritos habitantes do Além podem ler os nosso pensamentos. Vou, agora, narrar um caso que constitui a prova de que também podem ver o nosso meio.

Quando Charles Thomas começou as sessões com a médium Leonard, foram-lhe fornecidas provas de que o pai estava ao facto da sua vida tanto interna como externa. Obteve, assim, a convicção de que os habitantes do Além podiam observar as suas acções e o seu meio; podiam visitar outras pessoas amigas e porem-se ao corrente da sua vida diária. Convenceu-se ainda de que era mais fácil a eles manter contacto com a nossa vida interna do que às pessoas que vivem conosco. A irmã, um dia, fez-lhe notar — falando em seu nome e no de outros espíritos — que os desencarnados conhecem aqueles que amam muito melhor e mais intimamente do que os viventes na Terra.

John Drayton Thomas, respondeu do Além, como segue, às perguntas de Charles: «Os objectos que

estão no vosso plano não são tão reais para nós como os do plano em que aqui nos encontramos. Para nós, é como se víssemos os objectos do vosso plano através de um nevoeiro ou de uma nuvem. Todos vós, por certo, tendes ouvido falar em «aura» *(nimbo ou fotosfera que envolve o corpo todo)*. Nós podemos ver a vossa aura quando não consigamos discernir o vosso corpo, e vemo-la antes de descobrirmos a vossa figura. Há momentos em que me é fácil distinguir um pequeno objecto, um canto de qualquer coisa que eu adivinho ser uma mesa. Noutros momentos, as coisas aparecem-me muito vagas. Neste instante, estou a ver-vos mais claramente do que vejo os objectos que estão no quarto, objectos que eu só consigo distinguir através da vossa alma que os ilumina. Assim o creio, porque, daqui, nós temos ido visitar outras pessoas e sempre reconhecemos que não podíamos ver esses objectos. Ora, se nós tivessemos tal poder de visão, ser-nos-ia permitido exercê-lo em qualquer circunstância. O vosso plano não é o nosso plano. Nós ficamos limitados desde que experimentemos tocar e compreender os objectos puramente materiais da Terra. Se, por exemplo souber que estais sentados, eu não saberei dizer, muitas vezes, se é num tamborete, em uma cadeira ou num sofá. Acontece frequentemente sermos procurados por um Espírito amigo sem que demos pela sua presença».

Etta, irmã de Charles, descreve do Além a tentativa que fez para que o irmão pensasse nela. «Estavas de pé no teu gabinete — diz ela — junto de uma mesa com muitos livros. O trabalho absorvia-te de tal maneira que não era possível que pensasses em mim. Fiquei de pé, perto de ti, ao canto da mesa, mas tu não deste pela minha presença. Perguntava a mim mesma porque não faria eu esforços para que tu me notasses. O guia, que me acompanhava, aconselhou-me a que me concentrasse. Acalmei-me e experimentei não sentir excessiva afeição por ti, não desejar tocar-te, querer antes que sentisses a minha presença. Logo de seguida nada fizeste para conseguir ver-me. Mas, de súbito, pensaste em mim e esqueceste o trabalho que tanto te ocupara. Enfim, fechaste o livro, puseste-o na mesa e soltaste um suspiro fundo pensando intensamente em mim. Depois, voltaste-te, pelo que ficámos frente a frente, sem que tu me visses. Achaste naturalíssimo que a recordação da minha pessoa te tivesse interrompido. Não me admirei de não me teres visto, que outra coisa não era de esperar. O estudo que fiz na Terra sobre casos destes, ajudaram-me a compreender as dificuldades que vocês aí em baixo têm para nos ver. Mas senti certa alegria em ter conseguido que pensasses em mim».

DEPOIS DA MORTE DO CORPO FÍSICO

Nós nada sabemos, ao certo, do que se segue à morte do corpo físico a partir do momento em que o coração deixa de bater. A grande calma das coisas que a vida jamais perturbou, espalha-se no rosto do morto. O médico materialista afirma que tudo está acabado, quando, afinal, é a partir desse momento que um nova vida começa muito mais interessante.

Não nos faltam revelações do Além: são numerosas as colectâneas que existem, sobretudo dos países anglo-saxões. Infelizmente, nem todas merecem crédito. A origem das comunicações não se apresenta

TOS COMUNICAM CONOSCO

clara, é necessário subentendê-la; as provas de identidade, quando as fornecem, são, às vezes, escassas, insuficientes.

As divergências que se notam entre as várias comunicações concernentes ao que se segue após a morte, referem-se ao despertar no novo plano de vida e às circunstâncias concomitantes. Uns despertam imediatamente e, durante curtos instantes, ainda, percebem qualquer coisa do mundo que deixaram, bem como o que quer que seja do novo mundo em que entram. Outros quedam-se mergulhados num sono mais ou menos longo, num sono reparador.

Em tudo isto, porém, é preciso atender a que não há duas consciências idênticas, duas maneiras de morrer que se assemlhem exactamente, como também não pode haver dois modos de despertar que sejam precisamente semelhantes.

Ch. Drayton Thomas narra que o pai lhe dissera numa das suas comunicações que a aproximação da morte se assemelha à aproximação de um ponto encoberto por espesso nevoeiro. Esse nevoeiro dissipa-se, de repente, e a margem oposta aparece-nos claramente. Muitas vezes, os moribundos exclamam: vejo tal e tal. É uma infelicidade que lhes falte quase sempre a energia física bastante para dizerem o que vêem. «Quanto a mim — declara o pai de Charles — eu senti não uma única presença mas muitas presenças. Naqueles momentos não se raciocina: é manifesta a incapacidade para perguntar porque estão os Espíritos ali; só se sabe que estão».

Apelemos, portanto, para toda a nossa coragem e sustentemos, com nobreza, a batalha até ao fim, que uma grande recompensa nos espera.

FIM

O CIRENEU

Por NORALDINO DE MELO CASTRO
(correspondente em Belo Horizonte)

«Ao sairem, encontraram um homem cireneu, chamado Simão, a quem *obrigaram* a levar a cruz de Jesus».

Mateus, 27:32

«*Obrigaram* a Simão cireneu, pai de Alexandre e de Rufo, que passava, vindo do campo, a carregar a cruz de Jesus».

Marcos, 15:21

«Quando o conduziram, *pegaram* num certo Simão, cireneu, que vinha do campo, e puseram a cruz sobre ele, para que a levasse após Jesus».

Lucas, 23:26

TRÊS casais tiveram a felicidade de fundar em Belo Horizonte, Minas Gerais, uma instituição a que se deu o nome de *Casa dos Cireneus*.

Tem ela por fim o alívio do sofrimento, pondo ao alcance de bolsas menos favorecidas recursos médicos e hospitalares, bem como o socorro de criaturas desprovidas de meios, dentro de suas possibilidades económicas, por intermédio do Departamento de Socorro. Para tanto, há-de manter, Deus o queira, Clínica Geral, Clínica Operatória, Maternidade, Farmácia, Ambulatório, Gabinete Dentário, Departamento de Socorro e Curso de Enfermagem. Será administrada por um Conselho Deliberativo, não remunerado, vitalício, e por uma directoria anual, de sua nomeação. Haverá sócio, mas não há mensalidades. A admissão do sócio será feita livremente, bastando preencher a «ficha de sócio» e adquirir, pelo menos, um «Bónus-Solidariedade», do valor de vinte cruzeiros, pessoal e intransferível. Aos doentes, em hipótese alguma se indagará de sua crença ou religião, visto que as criaturas são filhas de um mesmo pai e único Deus. O Departamento de Socorro destina-se a fornecer recursos para tratamento de doentes pobres, desprovidos de meios, e será mantido: *a)* pela renda líquida do movimento hospitalar; *b)* pela contribuição das percentagens dos honorários médicos; *c)* por donativos. O doente pobre, internado por conta do Departamento de Socorro, receberá tratamento igual ao dos doentes pensionistas. Não haverá geral, nem primeira classe e sim uma só categoria para todos os doentes.

Esta, a linha estrutural da nova Instituição e o nome que se lhe deu, por inspiração superior, traduz, fielmente, o seu alevantado objectivo.

///

Ensina o Evangelho que se não deve julgar, nem medir o semelhante, para não incorrer na sanção da lei, ser julgado e medido. Mas admite-se faça juizo justo. (João, VII:24). E devemos fazê-lo, dentro de nossos recursos. Não se julgam questões morais, de foro íntimo. Mas os actos exteriores, aqueles que revelam ser o homem mais digno ou menos digno, mais recto ou menos recto, mais sensato ou menos sensato, podem ser ponderados, julgados ou medidos, desde que se faça juizo justo. Do exame, necessàriamente, surgirá o remédio para o doente, que pede atenção e desvelo. Insistindo, todavia, no erro, rejeitando as advertências amigas, deve-se seguir para diante, consoante nos recomenda o iluminado Paulo, sacudindo o pó da sandália.

///

Alguém, menos avisado e invigilante, escreveu: «É imperioso, pois, que não se tome o Cireneu como modelo da cooperação e da fraternidade». E isto porque o pobre e ditoso Simão foi «obrigado», «constrangido» a carregar a cruz do Mestre? Supomos que nisto reside a sua glória, a ponto de ser considerado santo.

Enquanto nós outros, sem dúvida nos colocávamos entre os acusadores, apedrejadores e algozes, ele, que não fazia política de ambição, antes vinha do campo, do trabalho honrado, se viu na obrigação de AJUDAR o Mestre a levar a cruz, até o Calvário, *aliviando-lhe* o peso, o sofrimento, a agonia intraduzível. Homem vigoroso, certamente, obrigado ou constrangido, pouco importa, suavizou um padecimento, cooperou com o Cristo no seu longo martírio, participando de sua dor. A cruz devia pesar muito, e seus om-

bros, embora fortes, acreditamos, sangraram sob o madeiro.

Merece venerado tudo quanto diz respeito à vida de Jesus, «modelo e guia».

E o acto de Simão, o Cireneu, penetrou através das idades, como símbolo de quem ajuda, auxília.

Há entre ele e nós profunda diferença: Tivemos a desventura de ajudar a matar o Mestre. Simão teve a ventura de o confortar e ajudar a morrer !...

O acto de Simão, reconhecemos, não tem a espontaneidade do gesto misericordioso do Samaritano, que pensou as chagas do ferido, à beira do caminho.

Tem, porém, a glória da participação activa e directa na tragédia do Gólgota, carregando a cruz do Sublime Crucificado !

Se, a Longinus, Jesus concedeu a visão depois de ser por ele lanceado; se ao bom ladrão prometeu o céu; se para os algozes deprecou perdão, o que não terá reservado a Simão, que o ajudou no suplício? Que de carinho, de ternura e simpatia não lhe deu com o seu olhar meigo e piedoso ?

Não seremos nós, pois, réprobos invigilantes, que o menosprezaremos, como grandioso símbolo de ajuda cristã.

Lembremos:

«Todas as vezes que vestirdes o nú, que derdes de beber ao sedento, que saciardes o faminto, é a mim que o fazeis». E qual não será a honra e glória de Simão, que ajudou o próprio Cristo ?

E que somos nós ?

Um espírito em prova, que ascende para Deus.

Somos aqueles que, portadores de um passado obumbroso, tétrico, aqui estamos pregando fraternidade, amor, caridade, justiça, tolerância, bondade, na ânsia de redimir dolorosas culpas. E somos determinados por esse pretérito triste, de erros, crimes, ódios, rancores, invejas. E ele nos determina, OBRIGA E CONSTRANGE a pensar no sofrimento nosso e do nosso semelhante.

Cada sofredor, cada criatura, sem excepção, carrega pesado madeiro, até que um dia, rendendo também o espírito ao Senhor, se liberte do ciclo reencarnacionista. E eis por que nos assemelhamos a Cireneu e desejamos erguer a Casa dos Cireneus, dos que anelam AJUDAR, AUXILIAR os seus irmãos na Dor, participando, activamente, de sua tristeza e agonia, na subida de múltiplos calvários...

A Reencarnação e os Evangelhos

Por A. N. Pinheiro Ramos

VIII

ESTA verdade que encontramos entre os profetas, que foi confirmada pelo Cristo e veículada entre os primitivos cristãos, constituia ensino formal entre os Judeus. Esta Doutrina que se fundamenta em bases religiosas, por conseguinte, que foi revelada, está alicerçada nos ensinos dos grandes vultos da humanidade, surgidos nos vários pontos.

Igualmente temos a seu favor os fundamentos filosóficos que a robustecem e iluminam, com seus princípios de indagação da verdade, resultando ainda, a seu favor, as provas advindas da observação que a comprovam e estruturam em bases científicas, como explicadora de tudo quanto a mente humana possa perquirir a seu respeito, sem fugir na sua indagação nem chocar-se com as verdades eternas já admitidas.

A Reencarnação surge como uma necessidade luminosa, todas as vezes que pretendemos remontar dos efeitos às causas. Como lei natural, encontramo-la em harmonia com os princípios eternos já estabelecidos, explicadora da razão de ser da vida e de todas as anomalias com que na existência deparamos, sem atribuir a Deus as deficiências e limitações humanas, mostrando-nos, sem subterfúgios, que viemos de outras existências de onde trazemos dotes e defeitos que surgem na presente para serem desenvolvidos ou corrigidos, razão por que somos tão diferentes no moral e no físico, no intelecto e na espiritualidade.

Depois, a Reencarnação esclarece-nos ainda a continuação da vida a que fazemos jus pelos próprios actos, mostrando-nos a perpetuação das amizades que adquirimos ou dos ódios que acarretamos.

Esta Doutrina explica-nos ainda que somos autores da própria felicidade ou de desventura, visto sermos os árbitros do próprio aperfeiçoamento, de ninguém cabendo-nos queixar da situação em que nos encontramos.

E, ainda, sem o princípio das anteriores existências, não se pode explicar, lògicamente, a maioria das máximas do Evangelho, a sua razão de ser e a contradição aparente dos textos em contraposição com os princípios morais e cristãos.

A Reencarnação, trazendo luz bastante

ANAIS METAPSICOLÓGICOS

SOBRE A TELEPATIA

Artigo de AKAR

Por telepatia entende-se a transmissão de sensações de um indivíduo ao outro e em que o «pensamento» daquele funciona como único excitante.

Desde o último quartel do século passado que os cientistas procuram, pela experiência, provar aquela transmissão de mente a mente, provar que os casos espontâneos não são explicáveis por simples coincidência. E assim o cálculo das probabilidades tem neste campo da análise metapsicológica uma utilização necessária e constante, porque é pela comparação entre a «frequência» (quociente do número de provas em que o acontecimento se realizou pelo número total de provas) e a «probabilidade» (quociente do número de casos favoráveis à realização do acontecimento pelo número de casos igualmente possíveis) que se prova se uma dada experiência excedeu ou não a lei... do acaso.

Utilizando bolas numeradas ou cartas de jogar, ou ainda cartões com desenhos, foram tentadas experiências numerosas sem resultados convincentes. Entre elas destacam-se as de Charles Richet (v. «La Suggestion Mentale et le Calcul des Probabilités», 1884), de Ch. Roux (v. «Anuales des Sciences Psychiques», 1893), de Vaschide (v. «Bulletin de l'Institut Générale Psychologique, 1902), de Carré e de L. Thomson — Troland da Universidade de Harvard. Ainda os trabalhos de Warcollier e Gardner Murphy não chegaram a resultados totalmente perfeitos.

Baseando-se, porém, no método de Warcollier, o «Association Française d'Études Métapsychiques» utilizou duas séries de cartões, uma na posse do agente, outra na do percipiente. Este tirava da sua série o cartão que supunha ter sido escolhido pelo agente telepático. Trabalhando com 57 indivíduos e em 1000 provas, obtiveram-se 358 coincidências perfeitas e 3350 coincidências das cores, quando as probabilidades eram respectivamente de 249 e 2500. Bertrand de Cressac (v. «La Metapsychique Durant la Science», 1948) calculou os correspondentes coeficientes telepáticos daquele conjunto, obtendo 41,6 % para as coincidências perfeitas e 30,6 % para as das cores. Este resultado permite «mostrar, sem contestação possível, a existência do factor telepático» (1).

Servindo-se de um processo análogo, o professor americano Rhine chegou a resultados não menos convincentes, embora nenhum deles tivesse conseguido um coeficiente telepático igual ao obtido nas experiências com o estudante Vandam no laboratório de psicologia da Universidade de Groningen: — 100 %.

No seu livro «The Reach of Mind», o catedrático da Duke University, J. B. Rhine, mostra as consequências filosóficas que se podem e devem tirar destas provas experimentais (insofismáveis, portanto) da realidade do fenómeno telepático, chegando a ver nele um poderoso argumento da tese da imortalidade da alma! Com efeito, poder-se-á manter a afirmação de um paralelismo psico-fisiológico absoluto? E mais: — não se terá de aceitar a tese de que o pensamento não fica condicionado ao espaço cerebral e antes que se propaga sob a forma de uma radiação típica?

Conjugando o fenómeno telepático com os trabalhos sobre as radiações psíquicas levadas a cabo pelos cientistas Cazzamalli, Hans Berger (2) ou Ochorowicz, teremos de admitir que aquela tese possui um elevado coeficiente de certeza. Na realidade, o catedrático da Universidade de Milão, inspirado pela «memória», de Nasareff apresentada à Academia das Ciências russa em 1923 («Método para observação das correntes periódicas causadas pela actividade dos centros nervosos», e pelos trabalhos do Dr. Vittório Fioruzzi, conseguiu provar que o homem emite ondas electro-magnéticas de elevada frequência.

Sendo assim, o «passivo» telepático funciona como um receptor de ondas; ele aprende porque uma especial constituição do seu sistema nervoso lhe permite vibrar em sintonia com a onda emitida. Escrevendo isto, estamos pensando no caso do engenheiro polaco Roman que se provou ser capaz de captar, perfeitamente, as emissões de uma estação de rádio!

Capaz de emitir e receber radiações electro-magnéticas, o homem surge-nos, não mais como um mundo fechado, mas como um todo comungando com o imenso campo energético formado pelas galáxias cósmicas.

É indiscutível que a experiência em telepatia conduz o pensamento a conclusões decisivas para a compreensão da posição do homem na existência total. Mas, parece-me, está-se longe ainda de esgotar todas as possibilidades dessa experiência.

Eis porque alvitramos daqui a constituição de grupos que se dediquem àquela experiência, não só porque pode ser variada indefinidamente, como por não implicar despesas incomportáveis com o estado financeiro das associações espiritas existentes em Portugal, como ainda por não exigir o emprego de passivos raros. E, talvez, que no decurso dessas experiências surja um daqueles «passivos» realmente... raros.

---

(1) Na obra citada, o Presidente da A. F. E. M. apresenta uma série de gráficos, a variação do coeficiente telepático e a diferença entre a recta da probabilidade e a curva dos resultados.

(2) Com o seu oscilógrafo, obtêm-se os electro-encefalogramas que revelam 2 tipos de radiações: — — *alfa* ou de repouso e *beta* ou de actividade.

---

sobre a vida espiritual, aclara-nos a razão de ser dos ensinos de Jesus, mostrando-nos o verdadeiro sentido e a vera interpretação que se nos afigura lógica, racional e aceitável, sem o fanatismo e as contendas entre a fé e a razão que juntas caminham irmandadas.

Religião e Ciência são, na expressão de Allan Kardec, as duas asas com que a humanidade marcha para a perfeição mais sublimada que consiste no mais alto saber e na mais ascendrada virtude, resumo de Amor e síntese da lei e dos profetas.

N.º 30
AGOSTO
1949

Página Dirigida
por KYLAS

Queridos pequeninos!

Conheço uma senhora, amiga minha por sinal, que às vezes se sente triste com a vida. Diz ela: «Não tanto pelo muito que trabalho, mas pelo que me custa recomeçar projectos e planos que uma morte contrariou ou um desastre alterou. Custa-me, mas resigno-me. É a vontade de Deus.

Antes de mais, há sempre um meio delicado de evitar dizer uma mentira; e depois, quando de todo em todo tiver de ser — estar certa de que Deus nos perdoa — pois só se trata de mentiras piedosas. Não mente ela para dar de comer aos filhos? Tenhamos fé, que Deus é bom e fará compreender, aos que gostam de ser adulados, o peso do seu engano.

Sempre que nos possamos fazer acreditar — estando seguros da verdade do que afirmamos — temos um passo andado para a conversão dos presunçosos. Essa é, de facto, a grande luta, que Deus espera de nós.

Mas... cuidado, não se enganem a lutar e não passem para o campo inimigo...

A amizade da irmã mais velha

KYLAS

SABEDORIA VELHA...

A calúnia é como o carvão; quando nos não queima, suja-nos.

A língua não tem osso nem espinho; dá-se-lhe as voltas que se quer.

O luxo é como o fogo: devora tudo e morre de fome.

A liberdade é como o vinho: pouco, fortalece; muito, enfraquece.

Quem tem criados, tem inimigos forçados.

O esquecimento é o verdadeiro remédio das injúrias.

Mulher agravada, não há pior espada.

Um vício verdadeiro é só um vício; um vício fingido são dois vícios.

Os que sabem muito admiram pouco e os que sabem pouco admiram muito.

Os antigos conhecimentos valem mais do que amizades novas.

PROVÉRBIOS

Por

João Maria Ferreira

De vagar se vai ao longe
mas depressa a vida passa,
na vida o bem alcançamos
de Deus estando na graça.

Os ricos chamam-me rico
apesar de probrezinho;
numa parte põe-se o ramo
e noutra se vende o vinho.

Palavras leva-as o vento,
semeio-as no coração,
as más dão fruto daninho,
as boas bom fruto dão.

Achar agulha em palheiro,
diz velho ditado, e bem:
amigo um só, verdadeiro,
foi o que achei entre cem.

Não há bem que sempre dure,
é verdade bem sabida,
nem mal que nunca se acabe:
a morte redime a vida.

Quem mais faz menos merece,
quase sempre assim sucede;
mas de fazer sempre o bem
este rifão não me impede.

Desta água não beberei,
não digam nem a brincar,
pois ninguém com o futuro
pode na vida contar.

Quem escuta de si ouve;
e quis escutar também;
ouvi dizer mal àqueles
que de mim diziam bem.

Quem se humilha mais se exalta;
onde vais, água da fonte?
Alto subo, vou ser nuvem,
depois um lírio no monte.

Antes morte que má sorte;
quanto faz Deus bem o sabe.
A morte, a boa ou má sorte,
na mão de Deus é que cabe.

A ARMA INFALÍVEL

pelo Espírito de NEIO LÚCIO

Certo dia, um homem revoltado criou um pederoso e longo pensamento de ódio, colocou-o numa carta rude e malcriada e mandou-o ao chefe da oficina de que fora despedido.

O pensamento foi vazado em forma de ameaças crueis. E quando o director de serviço leu as frases ingratas que o expressavam, acolheu-o, desprevenidamente, no próprio coração e tornou-se furioso sem saber porquê. Encontrou, quase imediatamente, o sub-chefe da oficina e, a pretexto de enxergar uma pequena peça quebrada, desfechou sobre ele a bomba mental que trazia consigo.

Foi a vez do sub-chefe tornar-se neurasténico, sem dar o motivo. Abrigou a projecção maléfica no sentimento, permaneceu animado várias horas e, na hora do almoço, ao invés de alimentar-se, descarregou na esposa o perigoso dardo infalível. Tão só por ver um sapato imperfeitamente engraixado, proferiu dezenas de palavras feias; sentiu-se aliviado e a mulher passou a asilar no peito a odienta vibração, em forma de cólera inexplicável. Repentinamente transtornada pelo raio que a ferira e que, até ali, ninguém soubera remover, encaminhou-se para a empregada que se incumbia do serviço de calçados e desabafou. Com palavras indesejáveis, inoculou-lhe no coração o estilete invisível.

Agora, era uma pobre menina que detinha o tóxico mental. Não podendo despejá-lo nos pratos e chicaras ao seu alcance, em vista do enorme débito em dinheiro que seria obrigada a aceitar, acercou-se de velho cão, dorminhoco e paciente, e transferiu-lhe o veneno imponderável num pontapé de largas proporções.

O animal ganiu e disparou, tocado pela energia mortífera, e, para livrar-se desta, mordeu a primeira pessoa que encontrou na via pública.

Era a senhora de um proprietário vizinho que, ferida na coxa, se enfureceu instantaneamente, possuída pela força maléfica. Em gritaria desesperada, foi conduzida a certa farmácia; entretanto, deu-se pressa em transferir ao enfermeiro que a socorria a vibração amaldiçoada. Crivou-o de insultos e esbofeteou-o.

O rapaz, muito prestável, de calmo que era, converteu-se em verdadeira fera. Revidou os golpes recebidos com observações ásperas e saiu, alucinado, para a residência, onde a velha e devotada mãezinha o esperava para a refeição da tarde. Chegou e descarregou sobre ela toda a ira de que era portador.

— Estou farto ! — bradou ele —. A senhora é a culpada dos aborrecimentos que me perseguem. Não suporto mais esta vida infeliz ! Fuja da minha frente!...

Pronunciou nomes terríveis. Blasfemou. Gritou, colérico, qual louco.

A velhinha, porém, longe de agastar-se, tomou-lhe as mãos e disse-lhe, com naturalidade e brandura:

— Venha cá, meu filho ! Você está cansado e doente ! Sei a extensão dos seus sacrifícios por mim e reconheço que tem razão para lamentar-se. No entanto, tenhamos bom ânimo! Lembremo-nos de Jesus ! Tudo passa na terra. Não nos esqueçamos do amor que o Mestre nos legou...

Abraçou-o, comovida, e afagou-lhe os cabelos.

O filho demorou-se a contemplar-lhe os olhos serenos e reconheceu que havia no carinho materno tanto perdão e tanto entendimento, que começou a chorar, pedindo-lhe desculpas.

Houve então entre os dois uma explosão de íntimas alegrias. Jantaram felizes e oraram em sinal de reconhecimento a Deus.

A projecção destrutiva do ódio morrera ali, dentro do lar humilde, perante a força infalível e sublime do amor.

(De Alvorada Cristã, *pelo Espírito de Neio Lúcio e psicografada pelo médium Francisco Cândido Xavier).*

BAZAR DO RISO

— Para te ver, sou capaz de atravessar o oceano a nado.
— E porque não vieste ontem à noite ?
— Podia lá ser ! Chovia a potes !...

ENTRE DOIS GATUNOS :
— Não gosto nada do inverno.
— Porquê ?
— Porque anda toda a gente de mãos nos bolsos.

UM VENDEDOR DE JORNAIS :
— Quer o jornal, freguês ?
O freguês engraçado :
— Quero. Dá-me cá o de amanhã.
O vendedor, que não era parvo:
— Ora, esses vendi-os todos ontem...

— Esta madrugada entrou um gatuno em minha casa.
— E que levou ele ?
— Uma tremenda sova de minha mulher, que julgava que era eu.

Olívio encontra Mário e pergunta-lhe se é capaz de guardar um segredo.
— Oh ! Sim, certamente !
— Muito bem, meu caro Mário, preciso de cinco mil escudos.
— Meu caro Olívio, podes contar comigo...
— Oh, obrigado !
— ... É como se não tivesse ouvido nada.

ENIGMAS

de CURVO SEMEDO

I

Nua e crua me puseram
Entre o fogo abrasador;
Do tempo exposta ao rigor
Longos dias me tiveram:
A cor mudar me fizeram
Sobre pedra lisa e dura.
Hoje em quatro paus segura
Em contínuas voltas ando,
Até que extinta ficando
Mude de nome e figura.

II

De uma pedra fui nascida
Em mole cama aparada,
Com fumo infernal criada
De estranhos corpos nutrida:
O ar me dá morte e vida,
E do ar meu corpo alimento:
Ao ver Febo (1) desalento;
Protejo quem me procura
E a quem me toca atormento.

III

Ando e do sítio em que estou,
Por mais que ande não me bulo.
Aqueles mesmos regulo
Por quem regulado sou.
Preso numa corda vou
Onde me querem levar:
Tenho um pé, mas para andar
Nunca me pode servir,
E sendo oposto ao mentir
Minto às vezes sem falar.

(1) Deus do sol.

Nota — No próximo número daremos a explicação destes enigmas.

POMBAS

Vai-se a primeira pomba despertada...
Vai-se outra mais... mais outra... enfim, dezenas
De pombas vão-se dos pombais, apenas
Raia sanguínea e fresca a madrugada.

E à tarde, quando a rígida nortada
Sopra, aos pombais de novo, elas, serenas,
Ruflando as asas, sacudindo as penas,
Voltam todas em bando e em revoada...

Também dos corações onde abotoam,
Os sonhos, um por um, céleres voam,
Como voam as pombas dos pombais;

No azul da adolescência as asas soltam,
Fogem... Mas aos pombais as pombas voltam
E eles, aos corações, não voltam mais...

RAIMUNDO CORREIA

SABEDORIA VELHA...

Quem aos vinte não barba, aos trinta não casa e aos quarenta não tem, tarde barba, tarde casa e tarde tem.

As belas acções valem mais que os belos discursos.

A severidade ordenada é por nós começada.

Pelas obras e não pelo vestido é o homem conhecido.

Entre a honra e o dinheiro o segundo é o primeiro.

Amigo do bom tempo muda-se com o vento.

A gentileza deve ser relativa

Jacob, indo visitar o seu amigo Abraão, encontra-o à mesa, preparando-se para comer um soberbo perú. E não pode ocultar a sua admiração:

— Que bela peça, Abraão!

— Sim, magnífica, como vês.

— E tenra, não é verdade ? E recheada ! Que pena ter já jantado em casa de Salomão!

— O quê ? Tu já jantaste ? Mas, pelo menos, dá-nos a honra de comer um bocadinho.

— Obrigado, Abraão. Já te disse que jantei.

—Mas, experimenta ! Senta-te à mesa conosco !

— Oh ! Só para te ser agradável, Abraão. Roerei apenas um ossinho.

Jacob senta-se e, com apetite devorador, come mais de metade do perú, diante do aterrado Abraão. E quando, no fim, sentiu o estômago cheio, disse ao dono da casa :

— Não era mau de todo o teu perú! Não, não era mau! Muito obrigado, Abraão. Quanto te agradeço !...

—De nada, Jacob. Mas, para a outra vez, não deixes de dar-me o prazer de jantar em minha casa, com a condição de ires logo roer um ossinho... à casa do Salomão !

CURIOSIDADES

Montaigne fala de uma cidade desaparecida, na qual se furava a língua dos mentirosos, oferecendo-se aos deuses, em expiação, o sangue da ferida. Se este costume fosse restabelecido no mundo actual, quantas línguas não andariam furadas !...

Thales disse que, de todas as coisas, a mais antiga é Deus; a mais bela é o mundo; a mais forte é a necessidade; a mais extensa é o espaço; a mais sábia é o tempo; a mais rápida é o pensamento; a mais vulgar é a esperança.

A maior planta conhecida é uma espécie de alga que se encontra nas proximidades do Mar do Sul e chega a atingir 100 metros de comprimento.

ESCOLA ESPIRITA

DEUS

1.ª LIÇÃO

P. — Que é Deus ?

R. — Deus é a suprema inteligência do Universo e a causa primária de todas as coisas.

P. — Que é o Universo ?

R. — O Universo é o espaço infinito, povoado de sóis como os que vemos brilhar de noite por cima de nossas cabeças, sóis à roda dos quais giram mundos habitados como a nossa Terra.

P. — Qual a prova da existência de Deus ?

— Tudo prova a existência de Deus: as maravilhas da criação, nós mesmos, os nossos sentidos e o conjunto dos nossos orgãos. Tudo o que o homem não fez é obra de Deus. O meu coração sente Deus em suas perfeições infinitas e a nossa vista admira o seu poder.

P. — Deus tem a forma humana ?

R. — Não, porque não estaria em toda a parte.

P. — Deus está, então, em toda a parte ?

R. — Sim. A sua inteligência irradia em todos os pontos do Universo.

2.ª LIÇÃO

P. — O que prova que Deus está em toda a parte ?

R. — A ordem e a sabedoria que se manifesta em todas as coisas. As almas que em prece para ele se elevam sentem a sua presença e o seu poder, que se estende a todos os seres.

P. — Há, pois, Deus e o Universo ?

R. — Sim: o Universo sem Deus, seria um corpo sem alma.

P. — Deus governa o Universo?

R. — Assim como a alma dirige o corpo, assim também, por meio de leis harmónicas, invariáveis e eternas, rege Deus o Universo.

P. — Então Deus também é legislador ?

R. — É a Lei das Leis; é a Razão, a Verdade, o Amor, a Justiça e todas as suas leis são justas como ele.

A LIÇÃO DE LICURGO

Por LEOPOLDO MACHADO

Ao grande legislador espartano pediu-se um discurso a propósito da educação. O tio do rei Agesislau exigiu, para prepará-lo, o prazo de um ano.

Admiração para toda a gente, visto como ninguém podia compreender que a maior cabeça de Esparta precisasse de prazo tão longo para arranjar uma peça oratória.

Esgotado o prazo, toda a gente vai para a Praça dos Desportos, ansiosa de ouvir o grande legislador.

Licurgo apresenta-se com duas gaiolas. Numa, dois cães. Duas lebres na outra. Diante da multidão, sem nada dizer, o grande legislador tira uma lebre e um cão. Solta a lebre e a seguir o cão, que a mata num instante. Solta a seguir a outra lebre e o outro cão. Que se vê agora ? O cão fraternizar com a lebre, como dois bons amigos, em vez de a matar...

— Aqui está, senhores — disse o legislador — para que pedi tão grande prazo. O melhor discurso é o exemplo. Trouxe-vos o exemplo do que pode a educação. Como viram, ela pode aproximar até dois seres tradicional e instintivamente rivais...

O CORCUNDINHA

Criança ! É verdadeiro o que te vou contar.

Foi há pouco, quando o Brasil em galas cintilando, comemorava a data da sua independência. Os corações cheios de entusiasmo vibravam de orgulho patriótico e, ao céu de imaculado azul, erguia-se entre reflexos de esmeralda e ouro, a taça enorme de muitos pensamentos, daqueles que, amoldados aos princípios de fraternidade, desejam ordem e progresso para todos os países. A criançada em gárrula multidão engorgitava, a cantar, pelas ruas principais da capital da República. Era a voz da esperança desenhando um futuro gigantesco painel verdejante do amanhã. Mas não estava entre as crianças aquele menino pálido, de aspecto doentio, que a crítica mordaz dos companheiros apelidara de Corcundinha. Seu estado de saúde e sua deformação física, que desagradável o torna aos olhos dos maus, não permitiram que lá estivesse.

Criança ! Corcundinha é um bom. Senão, vejamos: Humilde, resignado nos sofrimentos, inteligente e dedicado ao estudo, tem a alma iluminada pela fé e pelo desejo do bem. Foi com os olhos rasos de água que ouviu a narrativa da triste ocorrência num carro cheio de estudantes. Sua debilidade orgânica não o deixou comparecer às manifestações de generosidade social. Entretanto, à noite, na cama, julgando-se talvez só, Corcundinha orou, contrito, pelos feridos, pelas almas conturbadas no doloroso transe e por aquelas que, desembaraçadas dos grilhões que as prendiam ao torvelinho da vida terrena, regressavam ao espaço para o início de nova tarefa.

Criança ! É tua vez de orar. Se és do número dos que chamaram «Corcundinha» ao menino pálido de aspecto doentio, pede a Jesus que te perdõe e que a nobreza de sentimentos que te foi revelada se contagie, inundando de paz o teu coração.

(Do livro «De Icléa para as crianças»)

NA CAMPA DE ANTERO

Aqui... jaz pó; eu não; eu sou [quem fui.

Raio animado dessa luz celeste,
À qual a morte as almas restitui,
Restituindo à terra o pó que as [veste.

JOÃO DE DEUS

Epitáfio dum Beberrão

Quem jaz aqui morreu de hi- [dropisia.
No momento final, com viva [mágoa,
Disse: — «Como é que estou re- [pleto de água,
Líquido estranho, que eu jamais [bebia ?».

ALLAN KARDEC, UM SIMBOLO

GLORIFICANDO-SE o livro espirita, é força que se glorifique o maior escritor espirita: Allan Kardec!

O codificador é um símbolo de acção, de realizações, de bom senso dentro do Espiritismo.

Produziu em 15 anos, de 1855 a 1869, dos 50 aos 65 anos, o que nenhum outro espirita com mais recursos e energias físicas, com mais mocidade e tempo já produziu...

Seus livros?

Ainda não foram excedidos.

São os livros básicos da Doutrina.

Primeiro, o LIVRO DOS ESPÍRITOS, a filosofia experimental do Espiritismo, cuja data de aparecimento, 18 de Abril, deve ser consagrada como o Dia do Livro Espirita.

A seguir, o LIVRO DOS MÉDIUNS, a parte experimental da Doutrina, que é, também, o roteiro seguro para os *médiuns*.

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO vem depois. É o seu insuperável código de moral, porque a própria moral do Evangelho do Cristo.

Vem depois O CÉU E O INFERNO, a análise objectiva da justiça de Deus à luz da Doutrina Espirita.

A GÉNESE fecha o ciclo das obras básicas. É o estudo substancioso dos milagres, das predições e da cosmogonia, principalmente encarados pelo Espiritismo.

Se considerarmos que Eça de Queiroz levou seis anos escrevendo, pulindo e repulindo um romance, o *Crime do Padre Amaro;* se soubermos que Gustave Flaubert levou seis anos a elaborar seu romance *Salambo;* se ponderarmos que Montesquieu só ao cabo de seis anos produziu *O Espírito da Lei,* um opúsculo de sessenta páginas, seremos arrastados a julgar o sr. Allan Kardec como um génio, um espírito excepcional, um perfeitíssimo missionário em toda a extensão do termo.

Só um de seus livros — este extraordinário LIVRO DOS ESPÍRITOS, talvez exigisse de qualquer dos três grandes escritores atrás citados, os 15 anos que Allan Kardec, já velho e sem folgas financeiras, gastou na sua grande obra.

Que grande obra foi a sua?

Além dos volumes citados, fundou a primeira revista espirita, LA REVUE SPIRITE, um periódico de marcante relevo na propaganda da Doutrina em génese. E criou a primeira sociedade espirita organizada, a *Sociedade Espirita de Paris*. E excursionou, pregando a Doutrina, tanto quanto lho permitiram os anos e os recursos. E atendeu, regularmente, a correspondência copiosíssima, não deixando carta sem resposta. E legou um plano de unificação que ainda não foi suficientemente estudado e compreendido; senão, já estaria posto em execução. E suportou, resignada e cristãmente, toda a sorte de incompreensões, hostilidades e aleives, até de companheiros seus da véspera. E deixou outras obras menores, mas grandes na substância...

Outros livros?

Exactamente, afora os cinco livros básicos, consequências de estudos, conferências e interpretações que vieram depois, que depois

ARTIGO DE
LEOPOLDO MACHADO
(CORRESPONDENTE EM NOVA-IGUAÇÚ)

teriam de aparecer em livros e opúsculos, que são: O PRINCIPIANTE ESPIRITA, O QUE É O ESPIRITISMO, O ESPIRITISMO NA SUA EXPRESSÃO MAIS SIMPLES, A DOUTRINA ESPIRITA, OBRAS PÓSTUMAS.

E seus artigos da *Revue Spirite,* coordenados, dariam mais, talvez, uma vintena de volumes.

E os auxílios, para tamanha obra?

Só de Deus, dos bons Espíritos!

E da esposa dedicada, nove anos mais velha do que ele e, como ele, professora: Amélie Boudet.

Homem sem fortuna, tudo deu à Doutrina, sem explorá-la em nada.

Deu-lhe tudo, trabalhando afanosamente para viver, conforme a profissão que mais lhe sorria: escritor didacta, tradutor, professor, contabilista, negociante e comerciante.

Grande missionário e reformador invulgar, não passou, a exemplo de todos os reformadores e missionários, sem ser traído, insultado, ofendido, caluniado!

Allan Kardec, um símbolo de honestidade e de trabalho, de acção e de realização, de inteligência e de bondade!

Allan Kardec é o modelo perfeito dos espiritas de verdade!

Deus o salve e à sua grande obra!

FESTA DO LIVRO ESPIRITA NO BRASIL

Artigo de

Airton L. Machado

COMEMORANDO a passagem do 92.º aniversário da publicação de *O Livro dos Espíritos*, a Mocidade Espirita «Allan Kardec», de Vitória, Estado do Espírito Santo, Brasil, realizou, na sede do Centro Espirita «Henrique José de Mello», na Rua Sete de Setembro, 67, uma esplêndida exposição de livros espiritas.

Aproveitando o talento artístico dos jovens alunos da Escola Técnica, a Mocidade «Allan Kardec» ornamentou o salão do Centro em que funciona, dando-lhe nova feição, sobressaindo assim o gosto artístico dos organizadores da 1.ª Exposição do Livro Espirita.

Todas as obras do Mestre de Lyon, a quem se deve a codificação da mais bela doutrina existente, foram desenhadas em enormes quadros distribuídos pelas paredes do vasto salão do Centro «Henrique José de Melo».

Constou a exposição de 281 livros espiritas devidamente catalogados por ordem, nome do livro, nome do autor, seu proprietário, observações e recibo. Dispostos sobre balcões apropriados, forrados com papel cenário e colocados os livros em colunas de quatro, cobertos com papel celofane, apresentavam um aspecto encantador ao visitante.

Abrindo a Exposição, em rica encadernação de couro, no primeiro plano se encontravam as obras do Codificador — Allan Kardec.

Ao mesmo tempo, na parede lateral, num quadro de metro por metro e meio, uma alegoria de *O Livro dos Espíritos*, aberto, uma lente colocada sobre a página, deixando ler a seguinte frase: «Os homens se entenderão quando praticarem a lei da justiça».

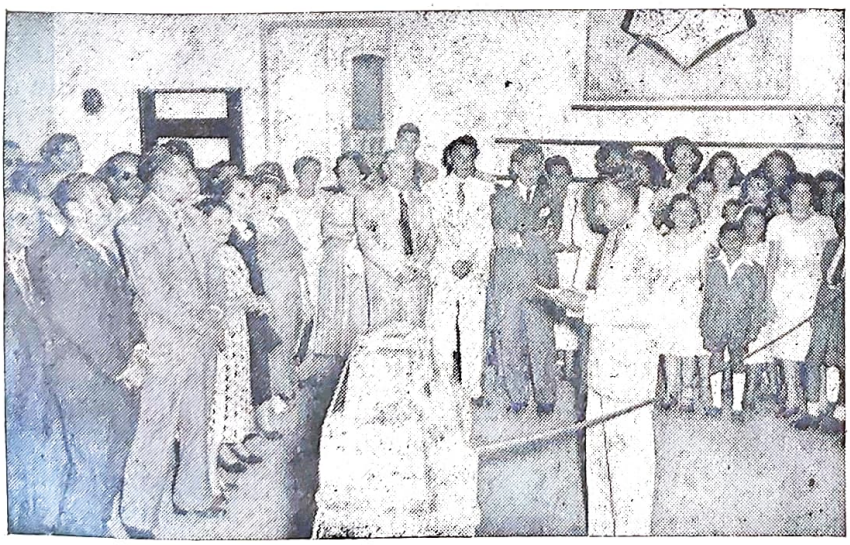
No segundo plano, um enorme balcão central e dois pequenos, laterais, e, sobre eles, colocados, por ordem de catalogação e autores, os respectivos livros.

A inauguração, que foi feita no domingo, 17 de Abril, contou com a presença de médicos, professores, bachareis, comerciantes, altos funcionários públicos, estudantes e grande número de espiritas.

O jovem João Francisco Gonçalves Neto, presidente da Mocidade «Allan Kardec», leu um formoso discurso e, finda a leitura, convidou o Coronel Anísio Pereira de Sousa, Chefe da Polícia do Estado, a desatar as fitas simbólicas e a franquear a Exposição ao público.

Sob calorosa salva de palmas foi inaugurada a 1.ª Exposição do Livro Espirita, em Vitória, pela maior autoridade civil presente ao acto que se comemorava.

Além de um livro de pre-



O jovem JOÃO FRANCISCO GONÇALVES NETTO, Presidente da Mocidade Espirita «ALLAN KARDEC», proferindo o discurso inaugural da PRIMEIRA EXPOSIÇÃO DO LIVRO ESPIRITA, em Vitória — Espirito Santo

LIVROS NOVOS

O Espiritismo e os Problemas Humanos, por *Deolindo Amorim* — Br.	20$00
Mediunidade, pelo Comandante Armont — br.	25$00
Médiuns e Mediunidades, por Cairbar Schutel — enc.	18$00
Mediunidade sem lágrimas, por E. Riponatti — br.	15$00
A Era do Aquário, por Anibal Vaz de Melo — br.	35$00
Síntese do Novo Testamento — br. 25$00, enc.	35$00
A Vida depois da Morte, por Ramadaraca — br.	18$00
Memórias do Padre Germano, por Amália Domingo Soler — br. 37$00, enc.	47$00
Meios Físicos e Naturais de Cura, pelo Dr. Fred Wachsmann — enc.	28$00
As Heroinas de Hydesville, por Alfredo Miguel — br.	15$00
Para o Alto, contos e Apólogos espiritas, por Leopoldo Machado — br.	20$00
Alegria e Triunfo, por L. Prado — enc.	32$00
A Alma e o Sub-consciente — enc.	22$00
Fascinação mental — br. 30$00 — enc.	40$00
Hipnotismo — br.	40$00
Homeopatia Doméstica — br. 18$00 — enc.	28$00
A Lei do Mentalismo — br. 30$00, enc.	40$00
Leis da Saúde e da Alimentação — br. 12$00, enc.	20$00
Projecção de Eflúvios Vitais — br. 18$00 — enc.	28$00
Ziska, grande romance reencarnacionista — br. 30$00, enc.	40$00
A Cultura da Coragem — enc.	20$00
Cura Prática pela Água — br.	18$00
Ensaio sobre a Evolução da Ideia — br.	18$00
A Força que Paralisa a bala — br. 15$00, enc.	25$00
Corpo e Espírito — br. 22$00, enc. ...	30$00
O Orador Espirita — br.	10$00
Coisas do Outro Mundo (uma operação cirúrgica feita por um Espírito), br.	15$00
António da Pádua — br.	18$00
Cartas do Evangelho (versos do Espírito de Casimiro Cunha) — br.	25$00
Colectânea do Além, pelo médium Francisco Cândido Xavier — br.	12$00

sença, encontrava-se no recinto um livro para registo das impressões dos visitantes.

Com essa iniciativa conseguiram os moços espiritas de Vitória a abalizada opinião de vários elementos de relevo no meio cultural do Espírito Santo sobre a exposição.

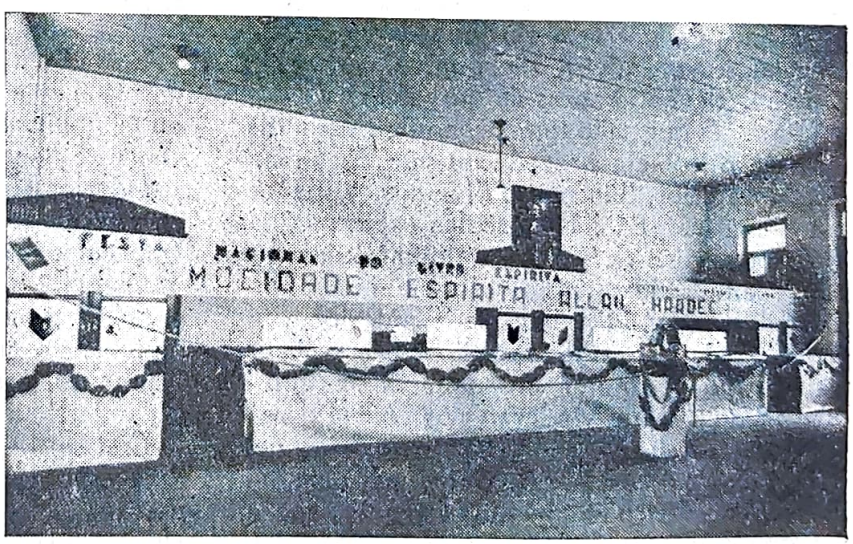
Durante oito dias, de 17 a 24 de Abril, a Exposição esteve franqueada ao público em geral.

Para melhor atender, nos vários horários, os moços organizaram-se em turmas, revezando-se de duas em duas horas.

No acto do encerramento a Mocidade Espirita «Allan Kardec» levou a efeito um festival litero-musical, que agradou bastante à assistência.

No dia 24 foi encerrada a 1.ª Exposição do Livro Espirita, tendo comparecido à mesma 350 pessoas conforme consta do livro de presenças.

As fotografias que ilustram esta reportagem dizem melhor do que foi a comemoração da data aniversária da publicação de *O Livro dos Espíritos*.



Um aspecto da exposição, com 81 obras diferentes, entre as quais «Luz no Caminho» e «Os Mortos Vivem», do nosso director, e «Nos Umbrais do Além», de William Barret e tradução, também do nosso director.

O ELO PERDIDO...

"AO som de pratos e de caixa publicaram alguns periódicos a estupenda notícia de que o Doutor Robert Broom antropólogo sul-americano, conseguiu encontrar o *elo perdido* que decifrará o mistério dos antepassados do homem. Esse elo consiste numa mandíbula inferior e parte de outra mandíbula do homem pré-histórico, com as quais demonstrará iniludìvelmente que o homem descende em linha recta do macaco. E eu, sem estrépito, sem ruído, mas plenamente convencido disso, atrevo-me a prognosticar que *esse novo elo perdido será um novo fiasco ou fracasso científico*».

Assim se exprime o ilustre escritor Jesus Garcia Gutierrez numa revista e creio que tem razão. Não me ocuparei das causas desses fiascos ou fracassos científicos. Essas causas são várias; e a primeira e principal é, sem dúvida alguma, o ódio a todo o biblico, isto é, não o *amor* à verdade, mas o ódio a toda a religião. E o ódio não é caminho seguro para encontrar a verdade. A verdadeira ciência, a verdadeira filosofia, a verdadeira religião, devem basear-se no amor.

Claro é que não me proponho aqui discutir se o homem procede ou não da animalidade anterior. São muito diversos os pareceres a esse respeito. Há escolas espiritualistas (não me refiro às religiões dogmáticas) que não aceitam de maneira alguma que o homem descenda da animalidade anterior e inferior a ele e assinalam-lhe outras origens. Estarão na verdade? Pessoalmente, aceito o que o Espiritismo Moderno nos ensina a respeito; o que não posso aceitar, nem julgo que o aceitarei jámais; é que o homem seja um macaco aperfeiçoado, e muito menos agora, em que o darwinismo está plenamente rebatido por verdadeiros sábios especializados na matéria. Ao chegar aqui, preciso é confessar que Darwin nunca disse que o homem descendia directamente do macaco. É verdade que alguns biólogos consideram os antropomorfos como *afins do homem;* mas essa mesma afinidade pode indicar, quando muito, um *tronco comum* e não *descendência directa* entre o homem e o antropomorfo. E nem ainda se encontraram os membros intermédios que liguem em linha recta o homem ao animal.

Diz bem Marcelino Boule, de grande autoridade no assunto e nada afecto à religião, depois de fazer o inventário das formas fósseis sem excluir os antropomorfos: «Nenhuma das formas que enumerámos confirmam a filiação do trânsito da forma dos símios aos homens».

Façamos um pouco de história: Em Engis, próximo de Liège, encontrou Scherlin *um crânio* que julgou haver pertencido a um indivíduo entre o animal e o homem, mas por fim convenceu-se, e assim o afirmou, de que apesar da estreiteza da fronte, esse crânio estava muito longe da forma animal e se aproximava muito da forma caucásica mais pura.

Em 1856 foi encontrado perto de Dusseldorf, no vale de Neanther, uma calota de

...SERÁ NOVO FRACASSO CIENTÍFICO?

Por RUFINO JUANCO

(CORRESPONDENTE NO MÉXICO)

crânio a que se deu o nome de Neanderthal, ou o *homem de Neanderthal*. E em que ficou este achado? Em nada, pois que o Doutor Carlos Vogat, que nada tinha de religioso, se encarregou de demonstrar no Congresso Internacional de Antropologia realizado em Paris em 1867, que tal crânio era de homem e até provou que o crânio de um dos seus amigos, do médico psiquiatra alemão Doutor Emmayer, era verdadeiramente do tipo de Neanderthal.

Em 1891 foram achados na ilha de Java dois molares, a parte superior de um crânio, um fémur esquerdo a 19 metros de distância de dois outros, e, com este e outros ossos que não consta que tenham sido do mesmo esqueleto, formaram o célebre *Pithecantropus* que muitos consideraram como o *Elo Perdido*. Alguns lhe chamaram o *Homem Macaco Erecto* e outros o *Homem Macaco Mudo*. Mas Virchow, que presidiu ao Congresso de Zoologia em que foi apresentado o estudo acerca do *Pithecantropus*, depois de

fazer notar, como era seu dever, que ninguém podia provar que todos os ossos achados tivessem pertencido ao mesmo sujeito, disse :

— Todas as investigações dirigidas no sentido de encontrar a continuidade progressiva desde os animais ao homem, têm sido inúteis. Não há tal Pro-anthropus. O Homem Macaco é uma quimera.

Assim sucedeu com os 84 crânios achados até princípios de 1935 em diversas partes do mundo; e assim sucedeu também com a famosa mandíbula de Mauer, ou de Heildeberg, encontrada em 1908. Tudo acabou em *fiasco ou fracasso científico*. E não se dará o mesmo com o achado do Doutor Broom, a que acima me refiro, achado anunciado a som de pratos e de caixa ? Não será o mesmo fiasco dos que queriam provar que o homem é simplesmente o Macaco Aperfeiçoado ?

Eu desejaria que este meu artigo desse margem a que outros irmãos meus, mais autorizados do que eu e mais competentes na matéria, emitissem nesta nossa querida revista *Estudos Psíquicos* as suas opiniões a respeito da origem do homem; assim demonstrariam ser, não só cultores de um belo ideal, como é o Ideal Espirita, mas também valorosos soldados do pensamento científico.

Nota — Ia terminar este artigo, quando me chega às mãos um volumoso livro cujo título é o seguinte: «Como el Hombre Llegó a Ser un Gigante», e cujo autor, ou autores, se chamam M. Ilin e E. Segal. Neste livro se ocupam os autores do assunto do meu artigo. Fala-se extensamente sobre o *Elo Perdido;* fazem-se amplas referências ao *Pithecantropus,* ao *Homem do Sinantropus,* ao *Homem de Heidelberg,* ao *Homem de Eringsdorf* e ao *Homem de Cro-Magnon*. Mas a verdade é que, embora a obra esteja bem escrita, não me convence nem muito nem pouco. Para convencer não bastam meras afirmações. São preciso provas. E estas brilham pela ausência. Crer no que ali se afirma ? Porquê ? Crer por crer e nada mais, o mesmo poderiamos fazer acerca da narração bíblica de Moisés. E agora mais que nunca me apoio na ideia de que é tempo perdido pretender encontrar o *Elo Perdido.*

Leitor amigo:

Auxilia-nos na campanha de assinaturas para que esta revista se mantenha e olhe o futuro sem apreensões!

LIVROS, CÓDIGOS DAS REVELAÇÕES

Os Livros, que são os códigos indispensáveis de todas as Doutrinas, não podem ser dispensáveis à Doutrina Espirita.

Maximé, sendo o Espiritismo a Terceira Revelação Divina, como está na consciência de todo o espirita cristão.

A Terceira Revelação Divina ele o é, até quanto ao número de livros básicos exactamente igual à quantidade das duas primeiras.

Senão, vejamos :

A Primeira Revelação, o judaismo ou mosaismo, apresenta-se através de ***cinco livros básicos,*** *porque atribuídos a Moisés:* Génese, Êxodo, Levítico, Números, Deuteronómio.

Os outros livros, em número de 34 ou 36 — desde o Livro de Josué *até o de Malaquias, ou Judeus Macabeus— são obras suplementares do Velho Testamento.*

A Segunda Revelação — o Cristianismo — *veio, também, por cinco livros basilares: os Evangelhos de Mateus, Marcos, Lucas e João e* Actos dos Apóstolos, *também de Lucas.*

Os outros livros — as Epístolas de Paulo e Tiago, de Pedro e João, a Epístola de Judas e o Apocalipse—em número, precisamente, de 22 livros, obras colorárias do Cristianismo...

O Espiritismo, como a Terceira Revelação, afirma-se com cinco livros fundamentais: LIVRO DOS ESPIRITOS, LIVRO DOS MÉDIUNS, EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO, CÉU E INFERNO, GÉNESE.

As outras obras de Allan Kardec, na sua maioria reunidas posteriormente em volume, com as de Léon Denis, Gabriel Delanne e Flammarion, são todas obras suplementares.

Como se vê, até na quantidade de obras basilares, o Espiritismo se afirma como a 3.ª Revelação. O Espiritismo não desmerece das características do Judaismo e do Cristianismo !

LEOPOLDO MACHADO

MULTIPLICIDADE DE VIDAS

Um artigo de PAULO HECKER

Correspondente em Porto Alegre

OPÕE-SE à teoria reencarnacionista, que é uma lei natural, a hipótese da unicidade de vidas, mera afirmação humana fundamentada na presunção das almas serem criadas para os corpos que nascem. Diante de uma só travessia planetária não é possível explicar as disparidades terrenas, porque ninguém ousará asseverar que Deus fizesse as suas criaturas para fins diferentes.

Em face da multiplicidade de vidas, pode-se fazer ideia do diapasão da justiça divina, porque os espíritos em cada encarnação ficam sujeitos a situações especiais, sempre as mais úteis e melhores para o seu desenvolvimento espiritual. A concepção da vida única, porém, torna inexplicada a diversidade de aptidões, porque, dada a filiação divina do homem, não se compreende a co-existência de crianças belas e precoces ao lado de outras sem nenhuma possibilidade de vida normal; dos que morrem ao nascer e dos que vivem longamente; de ricos e pobres; de bons e maus. Nenhum critério de justiça cabe entre esses extremos opostos. Por que punir ou premiar quem não tem obras algumas, nem possibilidades de conscientemente as realizar? Como conceder destinos idênticos aos que lutaram durante uma larga existência e aos que pereceram na primeira infância? Sobe de ponto a impossibilidade de solução a estas perguntas se se atentar para o facto de que os partidários de uma vida só acreditam que as almas, depois da morte do corpo vão para lugares fixos e determinados, consoante tenham sido boas ou más, onde eternamente, de forma constante e irremissível gozarão da contemplação beatífica parasidíaca, ou suportarão os tormentos de penas infernais.

A confusa situação gerada por essa corrente levou os seus corifeus, na ânsia de harmonizar a mesquinha situação humana com os atributos perfeitos da Divindade, a criar cerimoniais religiosos e práticas materializadas de culto externo, afim de conseguir a milagrosa compensação sobrenatural que justificasse a primitividade original das concepções adoptadas, que, sem tais recursos, seriam inacreditáveis.

As muitas vidas dadas ao espírito permitem-lhe recomeçar as tarefas de que se não desincumbiu em novos corpos e meios diferentes que lhe propiciem exactamente o avanço nos sectores que permaneceram em atraso, iluminando-lhe as facetas obscuras. E fazem compreensivel a imortalidade da alma que dispõe da eternidade para evolucionar.

A ideia da vida única deu lugar ao surto de rituais religiosos aos quais se emprestou força de influir na sorte das almas, como se fosse possível que actos de terceiros, mormente se realizados por profissionais que pelo hábito caem na rotina que desfaz qualquer possível valor espiritual e, de conseguinte, sem nenhuma eficácia, houvessem de fazer variar as leis de aferição do mérito.

Todos têm que levar a sua cruz ao próprio Gólgota e a ninguém é dado depor o fardo de suas misérias à porta do vizinho. Mesmo entre pessoas que se amem e reciprocamente desejem auxiliar, não pode arcar uma com as provações da outra. No máximo, ser-lhes-á dado encorajarem-se e, por meio de assistência amorável e solícita, impedirem desfalecimentos e favorecerem boas decisões.

A responsabilidade se positiva no decurso do tempo. Cada um é forçado a colher aquilo que plantou. O nexo causal entre o procedimento e os seus resultados por vezes escapa à percepção dos agentes; todavia, nem por isto o princípio geral da lei de acção deixa de se exercitar com fatalidade absoluta.

A justiça divina é indefectivel e oportuna, nunca falha nem tarda, e jamais reveste a forma de prémio ou castigo, por sempre se integrar pela conferição daquilo que a cada um pertence, outorgando por acréscimo e na directriz das virtualidades de cada um, os mais subtis motivos de progresso espiritual. Os meios comuns de que se serve a Divindade para auxiliar o homem na sua marcha ascensional para a perfeição, residem em conceder-lhe o pezar e o remorso para o conduzir ao arrependimento das faltas e à impossibilidade de nelas reincidir, e a magnífica sensação de felicidade, que o induza a perseverar no bem.

O homem, sabendo que em caso algum poderá fugir ao cumprimento de seus deveres, usa de sua liberdade para se descartar das tendências más e viciosas, e procura entregar-se ao aproveitamento das lições da experiência para incessantemente se melhorar.

A convicção de que lhe se-

rão dadas novas encarnações em outros corpos até que resgate completamente suas dívidas e conquiste os predicados que o habilitem a se aproximar de Deus, é fonte inexaurível de encorajamento e garantia segura de êxito. A hipótese que prega um futuro de humilhações e penas eternas, levanta a ideia de vingança e cólera cega, que pune inutilmente, de vez que o justiçado não se pode pois reabilitar. Os reencarnacionistas adoram a Deus, pai de bondade; os adeptos da vida única, temem-no.

A observação mostra que os factos naturais corroboram plenamente a teoria da reencarnação. Precocidades assombrosas atestaram que os espíritos adquiriram antes de nascer os conhecimentos que ostentam. A vocação franca para um determinado fim cuja realização não encontra dificuldades e prescinde de prévio aprendizado especial também caracteriza a preexistência da alma. Os espíritos modelos, que perlustram trajectórias planetárias maravilhosas, destacadamente Jesus, o maior de todos, apenas por existirem, comprovam que o saber e a elevação de que são dotados, não foram adquiridos nesta encarnação, mas que os trouxeram de múltiplas vidas pretéritas.

Não se pode irrogar a Deus a injúria da falta de equidade de criar filhos de argilas várias para fins diversos. Os que já atingiram graus eminentes de perfeição destacam-se apresentando-se como eleitos, enquanto que os espíritos jovens, ainda atrasados, mostram-se pequenos. Ora, se Deus criou as almas não foi para eternamente desgraçá-las. Fora livre de as criar ou não, e se as fez, foi para destiná-las à felicidade pela purificação e melhoria perene. Os que tombam, pontificam as escrituras, serão relevados. Na verdade, não há culpas irresgatáveis. E as suas remissões não se efectivam pelo cumprimento de penas, mas pela reposição do equilíbrio desfeito. Pelo ângulo espiritico da multiplicidade de vidas, esses novos ensejos surgem sempre, de modo que quem mata não deve ser morto; ao invés, precisa viver, salvando uma vida, para resgatar sua dívida.

O erro de acreditar que a Providência castigue, decorre de presumir que a sua misericórdia se exerça à maneira da justiça humana. Admitir castigos divinos equivale a proclamar que o mal se eternize na Criação, enquanto que acreditar no resgate da falta pelo culto do bem e exercício da caridade efectivadas oculta e desinteressadamente, em vidas sucessivas, faz certo que o bem é o objectivo da existência, o «caminho estreito» que conduz o homem à meta da perfeição. A teoria da reencarnação demonstra que os afectos se prolongam e aumentam mesmo depois do regresso dos entes caros à pátria comum. E, acima disto, o amor que Jesus disse ser a síntese de tudo, do lado de lá, quando se está mais próximo de Deus, cresce. Não é dado crêr que mães devotadas e amoráveis, por boas, sejam felizes no céu, vendo seus filhos estremecidos atormentados no inferno.

Se o altruismo é um meio de deslocar o género humano dos planos inferiores para guindá-los aos páramos de luz, não é crível que no Além prevaleça o egoísmo. As almas serão tanto maiores e melhores quanto mais real e ampla for a sua capacidade de amar.

PENSANDO E MEDITANDO

por JOSÉ SIMÕES DE MATOS

CONSCIÊNCIA — A consciência é uma síntese psíquica de espírito encarnado ou desencarnado, sempre em acção no tempo ou fora dele, na terra ou no espaço. É representada pela razão, é o bom senso do homem normal. No mundo espiritual é uma síntese de sabedoria, irradiando bondade, justiça e amor, em sua luz resplandecente.

PENSAMENTO — O Pensamento é vibração e se transmite por onda que só pode excitar e unir as ondas de igual natureza. O que desperta na consciência ou memória uma ideia, é precisamente o contacto de uma outra onda-pensamento afim, com relativa extensão de poder emotivo.

A semente de nossos actos está nos nossos pensamentos. Um pensamento acciona outro pensamento, cada qual mais complexo, assim como cada semente produz outra semente, quando lançada à terra, e aquelas sementes, outras, indo assim ao infinto. E, do mesmo modo que a semente produz o fruto, o pensamento produz a acção; e a acção, por seu turno, volta a produzir novos pensamentos. O Pensamento é a resultante da acção das leis universais, emamantes do eterno criador de todos os seres e coisas, que é DEUS.

A bondade e a rectidão são os principais valores morais que hão-de reformar o homem e torná-lo apto a receber a nova revelação, como fonte da vida eterna e verdadeira luz espiritual.

O médium, para ser bom instrumento psíquico, para receber as salutares e divinas irradiações do Bem, que são a luz da Verdade e o Amor que tudo esclarece, precisa de praticar a bondade e a rectidão a fim de vibrar na lei do amor e por meio desta atrair os espiritos do Senhor, que são o seu Guia Espiritual e protectores, para que a sua vida tenha mais perfeita harmonia e possa melhor sentir e compreender a Verdade que em si, como em tudo e em todos se contém, fazendo-se também melhor sentir e compreender por aqueles que o cercam.

A CRÍTICA PROFANA...

É IS uma obra notável por muitos títulos que vem satisfazer completamente a curiosidade do mundo ledor. Intitula-se «Pierino Gamba (O menino-maestro à luz de nova psicologia)» e assina-a Isidoro Duarte Santos, escritor e filósofo de merecido renome, com obra valiosa e muito considerada nos meios cultos de Portugal, Brasil, e de toda a Europa. Bastará esse título para que o leitor se aperceba imediatamente da oportunidade e do mérito do volume. Estamos diante de um trabalho extraordinário que foca, estuda e explica exaustivamente o «caso» Pierino Gamba, que tantos comentários tem suscitado nos meios literários e científicos.

Através das suas duzentas páginas ilustradas, o autor mostra como é possível uma criança ser dotada de tão maravilhoso fogo musical, sem que largos anos tivessem caído sobre os seus ombros. Trata-se de um fenómeno, na verdade, mas que nada tem de miraculoso ou de embusteiro. Bem pelo contrário, Isidoro Duarte Santos vai ao ámago do fenómeno e, depois de contrabater hipóteses e afirmações correntes, tidas por muitos como aceitáveis, mostra-o e comprova-o numa torrente de luz metapsíquica.

Assombra pelo transparente vigor da análise e prende pela articulação dos raciocínios convincentes.

«Pierino Gamba (O menino-maestro à luz de nova psicologia)» vem responder aos milhões de pessoas que, tanto em Portugal, como pelo mundo além, aflita e insistentemente têm perguntado como é possível uma criança, na regência de orquestra, igualar e até exceder os mais gloriosos maestros. O que a crítica e a psicanálise não conseguiram explicar, aparece agora explicado em rigorosa verdade.

Eis as razões por que esta obra, saída há poucos dias, está já a alcançar êxito sem precedentes, ao mesmo tempo que se prepara a sua tradução para o francês. Obra filosófica nas suas linhas gerais, lê-se, porém, com a curiosidade de um romance. Pierino Gamba, fenómeno, génio, assombro, vida rara em meio de vidas vulgarísimas, é, contra o que muitos supõem, produto da sabedoria da mãe Natureza, cujas leis têm rigorosa evolução. O livro de Isidoro Duarte Santos explica e ilumina esse «caso», que tanto tem apaixonado o público de todos os países.

(«Diário de Notícias», de 7-6-949).

Isidoro Duarte Santos publicou «Pierino Gamba» com o seguinte sub-título: «O menino-maestro à luz de nova psicologia».

Merece ler-se este livro, escrito não para causar espanto, mas para esclarecer e ensinar. Pierino Gamba, explicado por um psicólogo, ganha como certeza o que perde como maravilha. O autor admira e exalta a figurinha gentil do director de orquestra que, aos 11 anos, sabe levantar, com a batuta, o Mundo em que nós vivemos roçando-lhe as arestas, sem suspeitar que ele é um oceano de fundas harmonias.

(«Diário de Lisboa», de 16-6-949, em comentário do Dr. Joaquim Manso).

Fala do Livro

A passagem de Pierino Gamba, o pequeno e precoce maestro, pelos palcos portugueses, foi um acontecimento que despertou imaginações, problemas de consciência, debates, inquietas interrogações. O sorriso dos cépticos ou dos críticos menos apaixonados foi, sem dúvida, submergido pelo entusiasmo ardente dos que viam na extraordinária criança um prodígio ou um milagre. Aqui temos no livro de Isidoro Duarte Santos, director da revista Estudos Psíquicos *e consciência sinceramente preocupada com os mais altos problemas da vida e da morte, um eco ainda vibrante da comoção colectiva que Pierino despertou entre nós: «Pierino Gamba (O menino-maestro à luz de nova psicologia)», agora apresentado por aquele publicista, é um testemunho de entusiasmo ardente que, como tal, não pode discutir-se, e tentativa de explicação à luz de crenças que dificilmente podem ser matéria de debate.*

O que importa no caso é o significado da obra, traduzindo sentimentos e ideias merecedores de respeito pelos que

não podem dar-lhe a sua adesão, e apresentando o «caso» Pierino Gamba em plano de interpretações metafísicas de interessante leitura. Escrito com calor e vibração pouco usuais, muitas vezes com brilhante estilo que o entusiasmo exalta, o livro de Isidoro Duarte Santos vai despertar larga repercussão pelos princípios que invoca e pelo destaque renovado que traz à passagem de Pierino Gamba pelo nosso país.

(«Jornal do Comércio», em comentário da Direcção).

«PIERINO GAMBA»

O maestro-menino que, ainda há pouco, entusiasmou o público de Lisboa, com a sua arte maravilhosa, e sugeriu a musicógrafos, críticos e homens de ciência, vários estudos sobre a sua personalidade artística, mereceu também ao sr. Isidoro Duarte Santos, um trabalho a todo o ponto curioso. Nele fala o seu autor da figura do músico infantil, sob o ponto de vista de uma nova psicologia.

É uma obra que merece ser lida, pois, como diz o autor numa nótula, «é livro para pensar e meditar na origem e destino do homem, através de caminhos eternos sempre presentes e sempre renovados».

(«República», de 24-6-49)

Deseja-se muitas vezes, e com boa razão, que a crítica desça à obra e verifique, serenamente e acima de tudo, se o autor alcançou ou não o objectivo que se propôs alcançar com o seu trabalho. Este método tem muitos apreciadores. Mas, fora das obras de tese e daquelas que seguem um tema de constantes contrastes, nem sempre, porém, é possível adoptá-lo. Mas, quando o crítico encontra tais possibilidades, diante mesmo de obras que não abordem temas literários, o resultado que se obtém é, a noso ver, sempre justo.

Do livro «Pierino Gamba (O menino-maestro à luz de nova psicologia)» do escritor Isidoro Duarte Santos, que acabamos de ler, temos que declarar, imediatamente: aqui está um originalíssimo trabalho que nitidamente alcança o escopo que o autor teve em mente ao escrevê-lo. Um livro de tese? Sem dúvida nenhuma. Escritor eminentemente espirita e com uma vastíssima cultura que torna o seu nome destacado e justamente encarecido no mundo espiritualista, Isidoro Duarte Santos teve a coragem de explicar o fenómeno do menino-maestro italiano — que ainda há pouco endoideceu todos os melómanos e não melómanos portugueses, pela teoria do reencarnacionismo. Procedeu, no desenvolvimento desta tese, com a maior lealdade, nobreza e claridade. Nem outra coisa havia a esperar de escritor tão ilustre e que, nas suas obras, sempre tem lutado pela verdade verdadeira.

Começa o autor o seu notável volume, ilustrado, por mostrar a posição tomada por críticos musicais e psiquiatras diante desse genial maestro de palmo e meio. Cita-lhes honestamente as opiniões, repletas de aplausos febris, mas que não rasgaram ou sequer penetraram o envólucro de névoa que encobria essa criança fenomenal. Segue-se o depoimento de um médico espiritualista, o Dr. Fred Wachsmann, bem conhecido entre nós, que abre caminho para a explicação de talentos superiores e mesmo de génios. Daqui para diante, e ao longo de duzentas páginas, o autor, em palavras claras, expõe seus claríssimos raciocínios sobre os meninos-prodígios e ocupa-se, por vezes, com o apoio de sumidades universais de: «paralelismo psico-fisiológico; para além do corpo somático; a pre-existência; o caso de Mademoiselle Djiska; outros casos empolgantes; o problema da memória; o mundo transcendente; uma teoria arrojada e o drama evolucionista».

Isidoro Duarte Santos alcançou o seu objectivo. Segundo a sua tese, baseada na teoria reencarnacionista, Pierino, reencarnação do espírito de um grande maestro, representa precisamente uma avultadíssima soma de conhecimentos adquiridos em sucessivas vidas anteriores. No final, recortando Kardec, o autor sustenta: «Nascer, viver, morrer, tornar a nascer e progredir sempre, destino imutável do homem para o seio de Deus».

(«Século Ilustrado», de 25-6-949).

LEITORES, ESCUTEM!

CONTINUAMOS a pedir o auxílio de todos. O papel aumentou de preço e o mais impressionante é que não se encontra no mercado. As fábricas... não fabricam. Ou, por outra: fabricam o que lhes apetece. As grandes empresas compram no estrangeiro a preços baratissimos. Conhecemos o assunto. O papel bobinado é papel privilegiado. E os diários resfolegam. Não suportam as dificuldades, apesar do maná dos anúncios. Um verdadeiro maná para os potentados da finança e da moagem. Os outros... como nós, não contam no banquete da vida. Arredam-se para o lado, trapo inútil, pouco mais ou menos.

A nossa voz é semelhante às ondas curtas. Ouve-se mais ao longe do que ao pé. É um fenómeno curioso!

O nosso amigo Henrique Magalhães, do Rio de Janeiro, enviou-nos oportunos balões de oxigénio em forma de assinaturas. José Simões de Matos, de Porto Alegre, também. E Ney Vaz da Silva, de Passo Fundo, fez o mesmo. A todos, os nossos agradecimentos.

De Portugal pouco chegou ainda. Mas temos esperança de que seremos ouvidos e compreendidos. Por isso, continuamos a bradar. Pode ser que se faça luz na consciência de muitos.

Necessitamos de mais assinaturas para o desempenho da nossa missão. É preciso que os adeptos mostrem a sua presença. É preciso que apareçam à luz do sol.

Uma publicação é um tablado, uma tribuna livre, cuja bandeira flutua alvinitente, quando o porta-estandarte se entrega à Doutrina e luta por amor da Causa. Podemos nela expandir o nosso entusiasmo e radicar a nossa fé. Podemos aumentar o número de ligionários e iluminar os outros com a nossa luz.

Sentimos em nós qualquer coisa que nos incita, que nos impele para a luta. A Causa é nobre, mas exige sacrifício.

Onde estão os poetas, que não vêm cantar? — dizia António Nobre em divino arroubamento. E nós parafraseamos: Onde estão os espiritas que não vêm lutar?... Onde estão os espiritas? Onde estão eles?...

No Brasil, desentranham-se em obras de benfazer. Suave milagre que enobrece e que redime! Em Portugal, não adormeçam e morram, deixando carcomer o sector que lhes foi legado. Homens que foram salvos do resvaladouro, devem ser gratos à doutrina que lhes abriu os olhos!

Temos feito tudo o que podemos em defesa da Causa. Há 30 longos anos que manejamos o camartelo, em serviço de cavouqueiro ignorado. E há 30 longos anos que não exigimos salários pelo nosso esforço. Só queremos que compreendam o nosso labor e o nosso sacrifício. Nada mais.

Uma revista como esta exige trabalho constante e vontade forte. Só Deus sabe o empenho e a energia que pomos na nossa tarefa. Só Deus sabe as apreensões que ela nos causa. E por isso repetimos:

O Espiritismo é luz!

O Espiritismo é vida!

Quem ouvir o pregão, dê testemunho da sua presença! A Doutrina exige trabalho do adepto.

O Espiritismo vale tudo o que fizermos por ele!

Sofreríamos enormemente, se as nossas palavras se perdessem nos confins do deserto. Sofreríamos pela indiferença dos que se convenceram duma realidade salvadora e pela ingratidão dos que se salvassem e voltassem costas ao que lhes deu a vida!

Espiritas de todas as latitudes: Trazei-nos uma nova assinatura e a respectiva importância. Os do Brasil, enviem-nas a Henrique Magalhães, Avenida Passos, 30-1.º, Rio de Janeiro. Os de Portugal, a Isidoro Duarte Santos, Rua do Salitre, 149, 1.º, Lisboa.

Crónica Estrangeira

por Isidoro Duarte Santos

QUEM ASSINOU A PINTURA ?

O *Psychic News*, de Londres, publica um artigo acerca de estranho fenómeno relacionado com uma pintura oitocentista que o professor Artur Liddell, de «Haslemere», Woodlands Road, Isleworth, possuia e que julgava ser da autoria do pintor holandez Rafael Menges. *Julgava ser*, porque a pintura não estava assinada, até que apareceu misteriosamente com as iniciais R. M. e a data de 1773.

Narrando o facto, Artur Liddell diz que a princípio se lembrou de que as iniciais seriam da autoria de qualquer brincalhão; mas depois ficou tão embaraçado, que resolveu ouvir a opinião de um perito, o qual declarou que as iniciais estavam embebidas na pintura e não tinham sido feitas recentemente. A sua opinião resume-se nesta frase significativa: «É extraordinário !».

Segundo as crónicas existentes, o artista visitou Ilsworth em 1773 e trabalhou na pintura dos tetos de Sion House, que então pertencia ao Duque de Northumberland. Julga-se que a pintura em questão devia ter sido feita nesse período.

Perguntado acerca das circunstâncias que rodearam o fenómeno, o professor disse que, primeiramente, sonhara com Menges; mais tarde, ao entrar em casa, teve plena consciência da sua presença espiritual e sentiu-se impelido para o quadro.

À medida que se dirigia para ele, pareceu-lhe ver uma mosca na superfície. Assoprou, mas a «mosca» ficou imóvel! Olhou melhor e ficou atónito ao ver que a suposta mosca eram a iniciais R. M. e a data 1773!...

CONGRESSO ESPIRITA FRANCÊS

Em 23 e 24 de Julho último, realizou-se em Paris, sede da União Espirita Francesa, o Congresso Nacional Espirita Francês de 1949, sob a presidência de Lemoine, secretariado por Georges Gonzalès, Henri Regnault, André Richard, André Dumas e sob a presidência de honra do Espírito de José Lhomme, grande pioneiro do Espiritismo belga há pouco desencarnado. Achille Biquet, presidente da União Espirita Belga e nosso redactor-correspondente em Liège, saudou os congressistas num afectuoso telegrama.

Entre os votos adoptados, assinalamos: o que se refere ao mau uso da mediunidade, que tanto desacredita o Espiritismo; o que põe em relevo a obra filantrópica e moral do Dr. Geley e o que mostra a necessidade de intensificar a protecção aos animais. O Congresso resolveu também criar a Federação das Mocidades Espiritas Francesas e marcar o próximo certame para a 2.ª quinzena de 1951.

Durante o Congresso houve muitas manifestações de entusiasmo e contentamento.

No Salão Alexandre, o Grande, foram expostos alguns quadros dos pintores espiritualistas Eugène Lang, Tièrre Bazoin e Géo Capgias, vice-presidente da União Espirita Francesa de 1939 a 1947. O público admirou as telas dos conhecidos médiuns-pintores Augustin Lesage e Victor Simon. Esta exposição obteve grande êxito.

No Salão de Geografia houve importante reunião em que falaram André Dumas, vice-presidente da Federação Espirita Internacional, que mostrou as relações entre o Além e a Ciência; Maurice Gap, que falou da juventude e do Espiritismo; Romolo Mantovani, que assinalou o aspecto moral e humanitário do Espiritismo, falando em nome do grupo «Amour et Vie».

Henri Regnault, vice-presidente da União Espirita Francesa e nosso redactor-correspondente em Paris, frisou a importância do Espiritismo no estabelecimento da paz. Em nome do Grupo «Amour, Lumière et charite», Georges Gonzalès, secretário Geral do Congresso, levou os ouvintes «à conquista do céu».

André Richard realizou uma importante conferência subordinada ao título: «Os mortos podem manifestar-se?», apresentando provas indubitáveis da comunicação entre os dois mundos.

Mme. Lucile Richard, célebre médium da *Federação Espiritualista do Norte* deu interessantes vidências, rápidas e precisas, quer directamente quer tocando os objectos.

No dia 24, no Salão da União Espirita Francesa, Henri Regnault mostrou que as experiências públicas podem auxiliar a propaganda, o desenvolvimento e a difusão do Espiritismo. Durante esta conferência, Mme. Lucienne Solback, médium de efeitos físicos e tiptologia, fez experiências de levitação. Assim, a cadeira em que estava sentada deslocou-se nìtidamente, enquanto ela permanecia em estado de completa insensibilidade.

Os movimentos de mesa obtidos pela médium Mme. Ballet são diferentes. É também insensível durante as experiências. A mesa sobre paredes e escadas, baixa-se e quase toca no chão, destruindo as leis do equilíbrio e do peso...

Enfim, foi uma bela jornada de propaganda este Congresso Espirita. Que outras reuniões venham animar e alegrar os espiritas mundiais, insuflando-lhes a energia indispensável!

SALVA POR UM ESPÍRITO

Psychic News de 6 de Agosto publica uma notícia, segundo a qual uma mulher se salvou em virtude da comunicação de um espírito que aconselhou intervenção cirúrgica com prévia radiografia.

Joan Todd tinha ido ao Niágara a fim de estudar radiologia. Ia acompanhada da irmã mais velha, que se dirigia aos Estados Unidos da América para contrair matrimónio.

Quem narra o facto é seu pai H. S. Todd, de «Spelsburg», 3, Warren Edge Road, Southbourne, Bournemouth, acrescentando que as duas irmãs se encontravam frequentemente por a mais velha

viver em Oklahoma, a cerca de 1.000 milhas de Chicago.

Quando Joan concluiu os estudos, resolveu visitar a irmã e nessa noite ambas sentiram grande desejo de fazer uma sessão, na presença do marido da mais velha.

Joan era excelente médium de efeitos físicos e ambas estavam habituadas às sessões que se realizavam em casa de seus pais.

Sem preâmbulos, foi recebida a seguinte mensagem: «*Joan têm um tumor num ovário; deve ir imediatamente a Chicago tirar uma radiagrafia. Se o não fizer dentro de dez dias, não nos responsabilizaremos pela sua vida*».

A mensagem trazia a assinatura do «Dr. Schmitt», muito conhecido de ambas, como um dos médicos que assistiam e orientavam o grupo espirita que trabalhava em casa de Todd.

A jovem a quem a comunicação era dirigida submeteu-se em Chicago a exame de raios X, onde o especialista verificou a existência de um grande tumor, repetindo quase palavra por palavra o que o Dr. Schmitt lhes dissera. O tumor atingira tais proporções, que Joan teve de submeter-se logo à operação para se salvar. O tumor pesava cerca de três kilogramas e o cirurgião disse que era o maior que tinha visto em rapariga tão nova e, se não viesse tão depressa, teria morrido.

O sr. Todd termina a narração, dizendo que esteve há pouco na América, onde falou com o cirurgião acerca do estranho caso e pôde ver a fotografia do tumor.

NOTÁVEL CONVERSÃO

La Fraternidad, de Buenos Aires, insere uma local em seu número de Abril e Maio que demonstra exuberantemente a força do Espiritismo. Vamos transcrevê-la:

«O reverendo Rovlin era um famoso pregador da igreja baptista que em S. José da Califórnia, Falkland e noutras povoações fizera ouvir a sua eloquência contra o Espiritismo. Certo dia por ter pregado em Falkland um dos seus mais notáveis sermões, apresentaram-no ao doutor S.... que lhe disse que era espirita e médium desde a infância e que, se quisesse convencer-se da verdade, podia fazer com ele uma série de experiências, para as quais ficava convidado.

«O pastor aceitou, com a condição de arranjar vários papeis e escrever em cada um o nome de um vivo ou de uma pessoa falecida e de que esses papeis — prèviamente enrolados,—se colocassem num chapeu e que, depois de misturados, se tirassem uns atrás dos outros, lendo-se o nome lá escrito. Em seguida, o médium evocaria a entidade a que o nome se referia e se o resultado fosse satisfatório, ele o declararia honradamente.

«Procedeu-se à prova e quando o nome correspondia a uma pessoa viva, a mesa não se mexia; mas quando correspondia a um morto, movia-se e dava pormenores da sua vida, que só eram conhecidos do pastor.

«Isto transtornou completamente o sacerdote baptista. Mas faltava o *golpe de morte* e este deu-lho a comunicação que obteve subscrita por um filho que lhe tinha morrido havia dez anos.

«Desde então, o reverendo Rovlin declarou-se vencido e hoje é um dos apóstolos do Espiritismo em S. José, S. Francisco, Los Ângeles, Chicago e Filadélfia».

Esta comunicação está na lógica dos factos. Quase todos os grandes propagandistas do Espiritismo foram seus ferrenhos adversários. Mas a lealdade com que o combatiam era da mesma espécie da lealdade com que passaram a defendê-lo. Assim foi com Lombroso, com Ochorowics, com Flammarion e com o próprio Dr. Denizard Rivail (Allan Kardec).

O Reverendo Rovlin seguiu as pègadas dos sábios mencionados. Radicou a sua opinião e proclamou-a como homem de consciência sã e recto juizo. O passo andado estava na sua própria evolução.

Conhecemos muitos Rovlins que ainda não tiveram a sua *estrada de Damasco*; mas, quando a tiverem, imitem-no na lealdade e na franqueza e não se fiquem em «águas mornas», como alguns que por dentro são convictos e por fora alardeiam de «espíritos fortes», com medo do rótulo espirita...

CONGRESSO ESPIRITA PAN-AMERICANO

No próximo dia 3 de Outubro inaugurar-se-à no Rio de Janeiro o 2.º Congresso Espirita Pan-Americano, sob os auspícios da Liga Espirita do Brasil. Compor-se-á cinco secções: *científica* (presidida pelo Dr. Carlos Imbassahy), *filosófica* (presidida por J. B. Chagas) e *moral e religiosa* (Arnaldo S. Tiago), todos nossos colaboradores. Além destas, há duas sub-comissões: de hospedagem em hotel (presidida pelo Dr. Amadeu Santos) e de hospedagem em casas de família (presidida por Arnaldo S. Tiago).

O Congresso tratará dos aspectos científicos do Espiritismo, da mediunidade, seu desenvolvimento e exercício e dos valores da filosofia *kardeciana*, além da valorização moral e sincretismo religioso do Espiritismo.

Fazemos votos pelo êxito deste certame e daqui saudamos a Confederação Espirita Pan-Americana.

GESTOS FILANTRÓPICOS

Segundo lemos na *Revista Internacional do Espiritismo*, de Matão, Estado de S. Paulo, a Câmara Municipal de S. José do Rio Preto, demonstrando espírito de compreensão e justiça, subvencionou duas agremiações de carácter filantrópico que funcionam sob a égide do Espiritismo: Cem mil cruzeiros (cr. $ 100.000,00) para a construção do Hospital para doentes mentais «Dr. Bezerra de Meneses» patrocinada pela Associação de Beneficência «Espírito Consolador», e cinquenta mil (cr. $ 50.000,00) à União Feminina de S. José do Rio Preto, para a construção de uma *creche* nessa cidade.

Semelhantes acções merecem referência especial, pelo significado que revelam. Os poderes constituidos consideram de utilidade pública muitíssimas agremiações espiritas, às quais atribuem subsídios anuais de mais de três mil contos! Num país de católicos como o Brasil, são de admirar gestos desta natureza, que põem em grande relevo o trabalho dos nossos prestimosos confrades de além-Atlântico.

Se outras Câmaras e Governos imitarem o procedimento da Câmara de Ribeirão Preto, como diz a revista citada, os doentes mentais não serão lançados nos calabouços infectos das cadeias, e os velhos e crianças indigentes serão amparados e acarinhados, acabando assim o triste espectáculo da miséria a estender a mão à caridade.

Quando teremos em Portugal uma Casa de Saúde para obsidiados que procure normalizar os «loucos» incuráveis que saem dos hospícios como farrapos inuteis?

Notas & Comentários

«AFRICANISMO E ESPIRITISMO»

Os leitores devem estar lembrados do belo trabalho que Deolindo Amorim, nosso redactor-correspondente no Rio de Janeiro, publicou nesta revista sob o título «Africanismo e Espiritismo» e que mais tarde a *Gráfica Mundo Espirita* daquela capital publicou em livro, que se esgotou ràpidamente. Pois agora apareceu a 2.ª edição correcta e aumentada, prova concludente de que o trabalho é sério e útil à Doutrina. Deolindo Amorim é um escritor aliciante que todos gostam de ler. Se a clareza do seu estilo é verdadeiramente impressionante, a lógica que imprime a seus trabalhos literários é quase sempre irretorquível.

A tolerância que usa não exclui a firmeza de suas convicções, sobretudo quando analisa com os olhos postos na Causa.

Congratulamo-nos com o êxito de «Africanismo e Espiritismo» e fazemos votos para que Deolindo Amorim continui a trabalhar na sua obra de saneamento.

UM INSTITUTO YOGA EM BOMBAIM

O jornal *A Voz da Índia*, de Margão (Índia Portuguesa), de 6-7-494, insere a seguinte notícia:

«O Governo Central concedeu o subsídio de 20.000 rupias (146.000$00 ao câmbio actual) e o de Bombaim 3.000 rupias (21.000$00) para o ano corrente, ao Instituto Yoga de Bombaim, que se propôs levar a efeito importantes investigações, abrangendo os três aspectos dessa ciência: físico, mental e espiritual. O Instituto chama-se *Kaivalyã Dhama* e funciona há 24 anos sob a direcção do sr. Swami Kuwalayananda, seu fundador, com sede em Lonawata e uma sucursal no Marine Drive, em Bombaim, estando equipado com todos os apetrechos científicos indispensáveis às investigações, que abrangem o estudo das condições dos indivíduos em diferentes fases do treino».

Eis um instituto que muita falta nos faz, pois a ciência Yoga devia ser estudada e praticada por todos os estudantes dos fenómenos psíquicos.

EDIÇÕES FRANCESAS

As Edições Jean Meyer acabam de publicar o livro «La Vie Terrienne, la Vie d'Outre Tombe», de Charles Bénézech, e uma colectânea de poesias espiritualistas: «Vers plus de Lumière», de J. Mira. Editaram também três obras de Léon Denis: «Après la Mort», Christianisme et Spiritisme» e «Dans l'Invisible».

O autor ocultista Phylos publicou também o livro «J'ai Vecu sur Deux Planètes», no qual se fala da Atlântida, em cuja região se conhecia a electricidade e as teorias atómicas, melhor que no século 20.

Apareceu há pouco a obra póstuma de Alexis Carrel, intitulada «Le Voyage de Lourdes», e Simone de Beuvoir publicou «Le Deuxième Sexe» (les faits et les mythes)», um volume de 400 páginas acerca do existencialismo.

CONGRESSO ESPIRITA BELGA

No próximo dia 1 de Outubro realizar-se-à em Liège o Congresso Nacional Espirita sob os auspícios da União Espirita Belga, com uma grande manifestação de propaganda, em que falará o Doutor Francis Lefebure sobre o sugestivo tema: «Podemos Separar a Alma do Corpo» e fará demonstrações de clarividência a conhecida médium parisiense Mme. Soler de Villar. Dois assuntos importantes serão ventilados pelos congressistas: «A propaganda é necessária?»; «Quais os meios de difusão que você tem empregado até hoje?».

MAURICE MAETERLINCK

Com perto de noventa anos de idade, desencarnou há pouco o grande escritor belga Maurice Maeterlinck, autor de livros sádios de extraordinária importância filosófica. Embora nunca tivesse feito profissão de fé espirita, os seus estudos predilectos dirigiam-se à compreensão dos maiores problemas que têm preocupado o espírito humano. Foi pena que se limitasse a numerosos avanços e recuos, como quem vive entre a verdade e a mentira, ansioso de luz espiritual, mas aferrado ao tradicionalismo da... candeia. Adorava os surtos grandiosos, sem levantar os pés da crosta. Daí, os vai-veis da sua alma inquieta. «La Mort», «L'oiseau Bleu» e «Avant le Grand Silence» são magnificas projecções espiritualistas danificadas por teimoso nevoeiro... Foi, sem dúvida, um génio peregrino que desceu à terra. Quando Mirbeau o celebrizou nas colunas do *Fígaro*, após a publicação de «Le Devoir Social», «Les Serres Chaudes» e «La Princesse Maleine», Maeterlinck podia ter-se aproveitado dessa glória inesperada para usufruir proventos materiais. Não o fez, porém, continuando a volejar nos céus da filosofia, entregue ao sonho de ouro que a morte deve ter prolongado ainda.

Enfim, o Espiritismo deve belos serviços ao autor de «A Vida das Abelhas» e por isso não podiamos deixar de o lembrar neste momento, com palavras de justiça e de gratidão.

REVISTA «RAIOS DE LUZ»

Temos recebido a revista *Raios de Luz*, orgão da *Fraternidade Raios de Luz*, de Recife, Pernambuco, sob a direcção do Dr. A. N. Pinheiro Ramos. É uma das melhores e mais seleccionadas publicações espiritas brasileiras.

A *Raios de Luz*, os nossos cumprimentos e a nossa simpatia.

A FECHAR

Certo homem procurou um amigo disse-lhe:

— Sou obrigado a evitar a tua companhia, porque dizem mal de ti.

O amigo retrucou severamente:

— Já me ouviste dizer mal de alguém?

— Nunca.

— Então, deves evitar a companhia dos que dizem mal de mim. Amanhã dirão mal de ti.

Moral: evita a maledicência.

Noticiário

NOVAS PUBLICAÇÕES

Recebemos o 1.º número de *Alvorada Cristã* orgão da Tenda Espirita «Maria da Penha», de Natal, Rio Grande do Norte. De bons artigos doutrinários e variado noticiario. À sua directora, Sónia Trindade de Araujo, os nossos cumprimentos com votos de longa vida em benefício da Causa.

«LA REVUE SPIRITE»

Chegou à nossa redacção o n.º de Julho-Agosto de *La Revue Spirite*, fundada por Allan Kardec em 1857, e actualmente dirigida por Hubert Forestier. Com os seus 92 anos de existência, é o decano das publicações espiritas existentes.

OBSESSÕES E VÍCIOS DE EMBRIAGUÊS

Envie nome, idade e endereço, onde se acham pessoas atacadas deste mal, que por meio de tratamento à distância pelo Espiritismo, com a vontade de Deus, poderão ser curados ou aliviados.

Cartas a Luiz André, à rua Senador Pompeu, 169, Rio de Janeiro.

«BULLETIN DE L'ACTION INTELECTUELLE»

Recebemos também o n.º 40 desta interessante publicação de ocultismo, que insere vasto noticiário de ocultismo, esoterismo, existencialismo e espiritismo.

TRANSCRIÇÕES

Constância, de Buenos Aires, transcreveu da nossa revista «Um Caso de Vidência Directa», artigo do nosso correspondente em Liège, Achille Biquet. Os nossos agradecimentos.

UM NOVO LIVRO

O director desta revista está a trabalhar num novo livro de propaganda em que procura estudar o problema da morte à luz dos modernos conhecimentos espiritualistas, desdobrando assim o folheto que há tempos escreveu: «Os Mortos Vivem!». Se não houver contra-tempos de maior, o livro sairá no 1.º semestre de 1950.

CENTRO ESPIRITA AMOR, CARIDADE, ESPERANÇA

Aproveitando a vinda a Portugal dos nossos confrades Herculano e César Augusto Pereira, directores do Centro Espirita Amor, Caridade, Esperança, do Rio de Janeiro, a Directoria desta agremiação enviou por eles significativa mensagem ao director desta revista com saudações extensivas a todos os que aqui trabalham e fazendo votos para que ESTUDOS PSÍQUICOS «leve a todos os recantos da terra a palavra amiga, a beleza de seus ensinos, fonte de água cristalina onde os sedentos possam matar a sede».

A este esforçado núcleo de trabalhadores, na maioria portugueses, os nossos sinceros agradecimentos.

«SPIRITUALISME MODERNE»

O jornal *Spiritualisme Experimental et Philosophique*, orgão da União Espirita Belga, acaba se transformar em revista sob o título «*Spiritualisme Moderne* experimental et philosophique». Continua com a mesma orientação do primeiro. Achille Biquet, nosso redactor-correspondente em Liège e actual Presidente da União Espirita Belga é o seu director.

AMIGOS DE "ESTUDOS PSÍQUICOS"

Recebemos e agradecemos mais as seguintes importâncias destinadas à nossa revista:

Luiz André, do Rio de Janeiro	50$00
Bartolomeu Bana Martins, de Lourenço Marques	100$00
J. P. Ribeiro Nobre, idem	100$00
M. Santos Martins, idem	100$00
Aurélio Gomes, idem	100$00
G. Furtado Martins, idem	100$00
Eduardo Fernandes de Matos	50$00

Obras de Ciências Psíquicas e Filosofia Neo-Espiritualista

(em depósito nesta redacção)

	br.	enc.
DR. INÁCIO FERREIRA		
Conselhos a Meu Filho		15$00
Espiritismo e Medicina	20$00	30$00
Novos Rumos à Medicina, livro célebre, muito ilustrado, descreve os métodos da cura psíquica do Sanatório de Uberaba — 1.º volume		50$00
Têm Razão?, resposta magistral aos ataques feitos ao Espiritismo	40$00	50$00
FRANCISCO CÂNDIDO XAVIER (Médium)		
Alvorada Cristã, pelo *Espírito de Neio Lúcio*, livro maravilhoso e educativo, para crianças de todas as idades	16$00	
Boa Nova (quadros evangélicos), ditados pelo *Espírito de Humberto de Campos*	20$00	30$00
O Consolador, pelo *Espírito de Emmanuel*, resposta a 461 perguntas	20$00	30$00
Cartilha da Natureza, pelo Espírito do poeta Casimiro Cunha	18$00	
Crónicas de Além-Túmulo, ditadas pelo *Espírito de Humberto de Campos*	20$00	
Emmanuel, repertório de ensinamentos cristãos, ditados pelo Espírito de *Emmanuel*	18$00	
Há dois mil anos, romance empolgante ditado pelo *Espírito de Emmanuel* (nova edição)	30$00	40$00
50 Anos Depois, continuação do romance supra, pelo *mesmo autor*	30$00	40$00
Lázaro Redivivo, pelo *Espírito do irmão X* Humberto de Campos	25$00	
Luz Acima, crónicas pelo *Espírito de Humberto de Campos*	22$00	30$00
Mensageiros (Os), pelo *Espírito de André Luiz*	26$00	36$00
Missionários da Luz, pelo *Espírito de André Luiz*, obra dedicada às pessoas cultas	32$00	42$00
Nosso Lar, pelo *Espírito de André Luiz*	26$00	36$00
No Mundo Maior, pelo *Espírito de André Luiz*	26$00	36$00
Novas Mensagens, do *Espírito de Humberto de Campos*	22$00	32$00
Obreiros da Vida Eterna, pelo *Espírito de André Luiz*	32$00	42$00
Parnaso de Além-Túmulo (maravilhosa colectânea de poesias ditadas por espíritos de poetas luso-brasileiros). Nova edição melhorada	40$00	50$00
Renúncia, romance empolgante e consolador, destinado aos tristes e desesperados, ditado por *Emmanuel*	30$00	40$00
Reportagens de além-túmulo, pelo *Espírito de Humberto de Campos*	26$00	36$00
Volta Bocage, Sonetos pelo *Espírito de Bocage*	12$00	
OBRAS DIVERSAS		
Almas Crucificadas, empolgante romance mediúnico, ditado pelo *Espírito de Vitor Hugo*	35$00	45$00
Análise das Coisas, pelo *Dr. Paulo Giber*	18$00	28$00
Barqueira do Júcar, romance mediúnico, recebido por *J. F. Colavida*	20$00	30$00
Beijo (O) da Morta, romance mediúnico recebido por *Celestina Arruda Lança*	22$00	32$00
A Casa Assombrada, romance pelo *Dr. Bezerra de Meneses*	26$00	36$00
O Caso Humberto de Campos, descrição do célebre processo judiciário movido à Federação E. Brasileira e ao médium Francisco Cândido Xavier, da autoria de *Miguel Timponi*. Um grosso volume	24$00	34$00
Ciência Divina, pelo *Espírito de Jaime Braga*, recebido pelo médium *Doutor Porto Carreiro Neto*	26$00	36$00
Claustro (O), romance realista acerca da vida eclesiástica, por *Manuel Arão*		30$00
Conselhos a Meu Filho, (colectânea de ensinamentos morais muito interessantes), pelo *Dr. Inácio Ferreira*		15$00
Contribuições para o Espiritismo, por *Alexandre Dias*	12$00	
Cristianismo (O) do Cristo e o dos seus vigários, pelo *Padre Alta*	30$00	40$00
Cruzada Redentora, romance reencarnacionista de fundo histórico, por *António Lima*	40$00	50$00
Didaquê Espirita, por *Carlos Lomba*, Curso completo de Espiritismo para crianças de 6 a 14 anos	12$00	
Do Calvário ao Infinito, grande romance mediúnico, ditado pelo *Espírito de Vítor Hugo*	42$00	52$00
Domínio Nefando, por *Arlindo Colaço*		24$00
Doutrina (A) de Jesus, por *Vinicius*	7$00	
Eça de Queiroz Póstumo (Comunicações de Eça de Queiroz ditadas a Fernando de Lacerda)	24$00	34$00
Elucidações Evangélicas (resumo da obra de Roustaing), pelo *Dr. António Luiz Saião*	45$00	55$00
Ensinos Espiritualistas, (descrições da vida do além) por *A. Stainton Moses*	25$00	35$00
Entre dois mundos (romance), por *Antoinette Bourdin*	20$00	30$00
Expiação, por *Areolino Gorjão*	20$00	30$00
Espiritismo e Medicina, obra em que o autor faz sua profissão de fé espirita, pelo *Dr. Inácio Ferreira*	20$00	30$00
Espiritismo (O) à luz dos Factos pelo *Dr. Carlos Imbassahy*	30$00	40$00
Espiritismo (O) Contemporâneo, pelo *Dr. Martins Velho*	20$00	
Espírito (O) Consolador, pelo *Padre Marchal*	26$00	36$00
O Espírito do Cristianismo, por *Cairbar Schutel*, um grosso volume		45$00
Factos Espiritas, por *William Crookes*		25$00

(Continua na 4.ª página de capa)

	br.	enc.
Fazenda mal Assombrada, romance por *Alexandre Dias*	20$00	
Fenomenologia Mediúnica, tese de doutoramento do Dr. O. Emboaba	18$00	
Fundamentos Científicos do Espiritismo, pelo *Dr. Azevedo e Silva*	10$00	
Funerais da Santa Sé *(Poesias ditadas pelo Espírito de Guerra Junqueiro)*	24$00	34$00
Grandes e Pequenos Problemas (aplicações do Espiritismo aos problemas da vida), por *Angel Aguarod*	20$00	30$00
Granja do Silêncio (A), por *Paul Bodier*	20$00	30$00
Herculanum, romance mediúnico ditado pelo *Espírito do Conde Rochester*	37$00	47$00
Livre-arbítrio e determinismo, por *Louis Gastin*	5$00	
Lídia, romance mediúnico, recebido por *J. Suriñac*	22$00	
Loucura (A) sob Novo Prisma, pelo *Dr. Bezerra de Menezes*	18$00	26$00
Magnetismo e Hipnotismo Curativo, por *Alfonse Bué*	32$00	42$00
Marieta (páginas de duas existências), romance medúnico, recebido por *Daniel Artazú*	26$00	36$00
Martírio (O) dos Suicidas, por *Almerindo Martins de Castro*	22$00	30$00
Mediunidade, pelo Comandante Edgar Armond — Estudo prático da mediunidade	25$00	
Memórias de uma alma, romance mediúnico, recebido por *J. Suriñac*	22$00	
Na Sombra e na Luz, grande romance mediúnico, ditado pelo *Espírito de Vítor Hugo*	32$00	42$00
Nas Pègadas do Mestre, por *Vinicius*	26$00	36$00
No Limiar do Etéreo (estudos experimentais acerca do fenómeno da voz directa), por *Artur Findlay*	22$00	32$00
Nova (A) Luz, ditado mediúnico de crítica a Maeterlinck, por *George Déjean*	24$00	34$00
Novas Elucidações do 4.º Evangelho, por *João Evangelista*	20$00	30$00
O Problema do Além e do Destino, pelo *Dr. Alberto Seabra*		26$00
Outro (O) Lado da Vida, por *Carl du Prel*	22$00	
Parábolas e Ensinos de Jesus, por *Cairbar Schutel*		45$00
Pela Vitória do Espírito, pelo *Dr. Fred Wachsmann*, de colaboração com Isidoro Duarte Santos	50$00	
Problema (O) da Sobrevivência, pelo *Dr. A. Lobo Vilela*	12$00	
Protestantismo (O) e o Espiritismo, por *Benedito A. da Fonseca*	18$00	26$00
Os Quatro Evangelhos, de *J. B. Roustaing*, 4 volumes		180$00
Revelações de Além-Túmulo, pelo *Dr. Antão de Vasconcelos*	30$00	40$00
Roma e o Evangelho, por *J. Amigó y Pellicer*	26$00	36$00
Rosário (O) de Coral, pelo *Dr. A. Wylm*, médico neurologista	20$00	30$00
Sessões Práticas do Espiritismo, por *Spártaco Banal*	10$00	
Sobrevivência e Comunicação dos Espíritos, por *Osvaldo Melo*		25$00
Sonâmbula (A), romance espírita, por *António Lima*		30$00
Spiritus Maledictus, romance mediúnico recebido por *J. Suriñac*	18$00	
Trabalho (O) dos Mortos, descrição de sessões de materialização, com muitas gravuras, pelo *Dr. Nogueira de Faria*		52$00
Verdade (A) Espiritualista, por *C. Picone Chiodo*	10$00	17$00
Vida e Actos dos Apóstolos, *Cairbar Schutel*		40$00
Vida (A) Depois da Morte, por *Yogi Ramacharaca*	18$00	
Vida (A) no Outro Mundo, por *Cairbar Schutel*		22$00
Vingança (A) do Judeu, romance ditado pelo *Espírito do Conde Rocester*	37$00	47$00
Voz (A) do Antigo Egito, por *Vladomiro Lorenz, o caso estranho das comunicações de Rosemary*	24$00	32$00
Vozes (E as) falaram, novela empolgante, por *Fernando do Ó*	22$00	

Secção Musical

Hino ao Espiritismo, música para piano de *S. A. de Macedo* e letra de *Nelson Kerensky*	6$00	
Almas Gémeas, tango-canção para piano, música de *Olí de Castro* e letra do *Espírito Emmanuel*	6$00	
Canção da Alegria Cristã, música para piano de *Olí de Castro* e letra de *Leopoldo Machado*	6$00	

Leitura para Crianças

O Espiritismo na Infância, por *António Lima*	12$00	
O Meu Diário, por *António Lima*	12$00	
O Evangelho das Crianças, por *António Lima*	*12$00*	

Nestes preços não está incluído o porte do correio. Enviam-se remessas à cobrança, para o continente e ilhas Adjacentes. Para as colónias e estrangeiro, só contra pagamento adiantado, que deve incluir 10 % para porte, registo e embalagem.

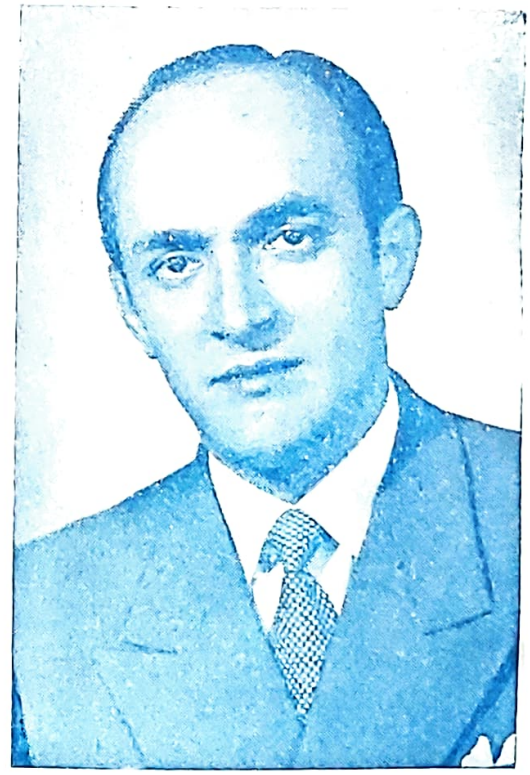
«Estudos Psíquicos» encontra-se à venda em todo o país, ilhas, colónias e no Brasil

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

ESTUDOS PSIQUICOS

Mensário de Estudos Psíquicos e Neo-espiritualismo Experimental

CONTÉM: Dois Verbos, da **Redacção**; A Sobrevivência, pelo **Coronel Faure da Rosa**; Inadvertência, por **Jorge Dejean**; Para uma Filosofia Espirita, por **A. Ramos Pereira**; Espiritismo Caritativo, por Apolonius Christus; Nossos Representantes — Dr. Orlando Romero; Um Novo Astro veio Iluminar o Mundo, pelo Prof. **Ad. Baptista Ramires**; O Espiritismo no Brasil, do **Diário da Noite**, de S. Paulo; A Vaidade, por **João da Silva Baptista**; Sobre a Criptestesia, por **Akar**; Para os Irmãos Pequeninos (Página Infantil organizada por **Kylas**); Estudos Históricos, por **Deolindo Amorim**; A Origem do Homem e a Origem das Espécies, por **Rufino Juanco**; A Morte, por **Damião de Vasconcelos**; A Reencarnação e os Evangelhos, por **A. N. Pinheiro Ramos**; A Atmosfera Espiritual nas Experiências Mediúnicas, por **Tito L. Bancéscu**; Intimidades, por **Homem**; A Superstição Através dos Tempos, por **António Cardoso**; Efeitos do Pensamento, por **Prentice Mulford**; Crónica Estrangeira, por **Isidoro Duarte Santos**; Notas & Comentários; Noticiário



DR. ORLANDO ROMERO

(Ver pág. 273)

10.º ANO SETEMBRO DE 1949 N.º 9

ESTUDOS PSÍQUICOS

REVISTA MENSAL — AO SERVIÇO DO ESPIRITISMO LUSO-BRASILEIRO

Rua do Salitre, 149, 1.º — LISBOA

Propriedade de ISIDORO DUARTE SANTOS, a quem deve ser dirigida toda a correspondência

REDACTORES — CORRESPONDENTES

Rio de Janeiro	*Deolindo Amorim*	**Buenos Aires**	*Dr. Luís Postiglioni*
Nova Iguassú	*Leopoldo Machado*	**Paris**	*Henri Regnault*
Uberaba	*Dr. Inácio Ferreira*	**Liège**	*Achille Biquet*
Pernambuco	*Capitão Nelson Kerensky*	**Baurú**	*Nabor da Graça Leite*
Baia	*Alfredo Miguel*	**Santiago do Chile**	*Ernesto Moog*
Porto Alegre	*Dr. Paulo Hecker*	**México**	*Rufino Juanco*
Gubbio, Itália	*Dr. Pietro Ubaldi*	**Rosário**	*Tito Livio Bancéscu*
Ponta Negra	*António J. Martins*	**Índia Portuguesa**	*Raul Sepúlveda Fontes*
Belo Horizonte	*Dr. Noraldino de M. Castro*		

REPRESENTANTES NO BRASIL

Rio de Janeiro	*José Bittencourt A. Coutinho*	**Maceió**	*Jaime Xavier da Silva*
Campos	*Clóvis Tavares*	**Fortaleza**	*José Borges dos Santos*
Curitiba	*João Ghignone*	**Franca**	*Dr. Agnelo Morato*
Vitória	*Dr. Airton Loureiro Machado*	**Cruzeiro**	*José Zácaro Neto*
Porto Alegre	*José Simões de Matos*	**Passo Fundo**	*Ney Vaz da Silva*
Ribeirão Preto	*Dr. Jaime Monteiro de Barros*	**Sacramento**	*Corina Novelino*
S. Paulo	*Vicente S. Neto*	**Rio Preto**	*Leónidas Gois*
Taubaté	*Geraldo de Oliveira*	**Juiz de Fora**	*Orville Derby Dutra*
Belo Horizonte	*Centro Luz e Humildade*	**Pelotas**	*Dr. Djalma de Matos*
Natal	*Filipe Soares de Melo*	**Bajé**	*José Ferreira da Mota*

Os artigos assinados são da responsabilidade dos seus autores ★ Não se devolvem originais, sejam ou não publicados

ASSINATURAS

Continente (cada série de 6 números, não incluindo as despesas de cobrança), 25$00—Brasil (12 números), Cr. $50,00, ou 60$00—Colónias (12 números) moeda equivalente a 60$00—Número avulso 4$50 — Número atrasado, 5$00.

Orgão do Centro Espiritualista Luz e Amor, de Lisboa, e da Maternidade Casa da Mãe Pobre, do Rio de Janeiro

Obras de Ciências Psíquicas e Filosofia Neo-Espiritualista

(em depósito nesta redacção)

	br.	enc.
ALLAN KARDEC		
O que é o Espiritismo	14$00	
O Livro dos Espíritos	28$00	38$00
O Livro dos Médiuns	28$00	38$00
O Evangelho Segundo o Espiritismo	28$00	38$00
O Céu e o Inferno	28$00	38$00
A Génese (nova edição)	28$00	38$00
Obras Póstumas	28$00	38$00
LEON DENIS		
Catecismo Espirita	7$00	
Cristianismo e Espiritismo	30$00	40$00
Depois da Morte	35$00	45$00
Joana d'Arc Médium		35$00
O Além e a Sobrevivência		22$00
O Grande Enigma	18$00	28$00
O Porquê da Vida (nova edição)	24$00	32$00
O Problema do Ser e do Destino (nova edição)	36$00	46$00
No Invisível (nova edição)	36$00	46$00
GABRIEL DELANNE		
A Alma é imortal	28$00	38$00
A Evolução Anímica	28$00	38$00
O Espiritismo Perante a Ciência	28$00	38$00
ERNESTO BOZZANO		
Animismo ou Espiritismo?	30$00	34$00
Fenómenos de Transporte		18$00
Metapsíquica Humana	20$00	
Pensamento e Vontade	15$00	
CAMILLE FLAMMARION		
Casas Mal Assombradas	28$00	38$00
Deus na Natureza	36$00	46$00
O Fim do Mundo	24$00	34$00
Stella (romance astronómico)	26$00	36$00
Urânia	22$00	32$00

(Continua na 3.ª página de capa)

ESTUDOS PSIQUICOS

Mensário de Estudos Psíquicos e Neo-espiritualismo Experimental
(ao serviço do Espiritismo luso-brasileiro)

10.º ANO — LISBOA, SETEMBRO DE 1949 — N.º 9

Redactores: Ramos Pereira, António Cardoso | Director, Editor e Proprietário: Isidoro Duarte Santos | Administrador: Maria Gonçalves D. Santos

Redacção e Administração: RUA DO SALITRE, 149-1.º — LISBOA

Composto e Impresso na EDITORA GRÁFICA PORTUGUESA, LDA. — Rua Nova do Loureiro, 20 — Telefone 2 5295 — LISBOA

DOIS VERBOS

NA formosa língua portuguesa, enriquecida por Vieira e Bernardes, burilada por Rodrigues Lobo e Manuel de Melo, rejuvenescida por Garrett e Castilho e, mais recentemente, tonificada por Ricardo Jorge e Aquilino Ribeiro, há verdadeiros mananciais de cultura verbalística suficientes par entreter a vida de muitos génios. Do seu léxico, porém, extraímos dois verbos que encerram todo o optimismo inicial que baseia as pequenas e as grandes realizações humanas. «Trabalhar» e «honrar» são palavras mágicas que servem de alavanca às grandiosas empresas de renovação material e moral. O trabalho é a lei por excelência, meio e fim, efeito e causa, mola de progresso contínuo exercido neste ciclo cósmico. É a origem da riqueza e da felicidade colectiva. O homem é animal de trabalho. Realizando e criando, na medida de seus limites, contribui para a modificação social de que virá mais tarde a beneficiar em grande escala. Ignorantes desta verdade essencial, dizem alguns, displiscentemente :

— Já estou velho para começar.

Olhando as coisas do ponto de vista espiritual, a idade é função do tempo em relação à vida presente. Assim, nunca é tarde para trabalhar. Não trabalham os pais para os filhos e para os netos ?... Não trabalham outros para a comunidade, sem exigência de salário ?...

Aplique-se o princípio ao sector que nos interessa e trabalhe cada um como puder, sem olhar a recompensa imediata. Verá como o verbo se desentranha em milagres de energia. Conjugue a seguir o verbo honrar, no presente e no futuro, e faça dele um rosário de todos os dias. Dignificar o trabalho é honrar a vida. É equilibrar as forças interiores. É aproveitar possibilidades intrínsecas e dirigí-las para o alto, para luz maior que ilumina as distâncias e fortifique as almas.

Trabalho, nesta acepção, é heroismo de resgate e devoção de crente. Trabalhar e honrar são dois polos de acção meritória, em torno dos quais giram as funções nobres do pensamento.

Quando trabalho, sou engenheiro e artífice. Conjugo a mente e o braço num esforço harmónico. A concorrência de energias aumenta a potência do acto a realizar.

Nunca a expressão destes verbos foi mais flagrante do que na hora que passa, de acção heterogénea, de alvos duvidosos, de meios incertos. Voga o homem ao sabor de várias ondas, de solicitações nem sempre confessáveis e, quando afrouxa a vigilância, é vencido pelas hostes que fazem de seu crânio arena de combate. Semelhante trabalho estiola e destroi. Produz interferências nocivas e retarda a jornada dos fortes e aventurosos.

O Espiritismo exige do adepto o que este, às vezes, não pode dar. Não é escola de folguedos, nem campo promissor de glórias fátuas. Quem aqui aportar conhecerá uma verdade indiscutível a que deve ater-se pela vida fora: o destino do homem é obra do homem. E só trabalhando, só honrando o seu posto em obediência à lei eterna e universal da atracção e repulsão, conquistará lugar digno do esforço que dispender.

Por isso os dois verbos citados baseiam as melhores realizações humanas e as grandes obras sociais criadas e orientadas pela nossa Doutrina.

Há homens que mourejam a vida inteira sem colher o fruto do seu trabalho. Há outros que querem colher antes de semear. Nenhuns conjugam aqueles verbos em todos os tempos e modos. Viver é fácil. A dificuldade está em extrair da vida a felicidade que ela pode dar. O trabalho honrado é fonte de bem-estar e motivo de felicidade perene.

Conjunguemos os dois verbos e apliquemo-los ao progresso humano, não esquecendo que o equilíbrio da vida é difícil de atingir e fácil de quebrar. Lembremo-nos desta grande verdade, pois nesse equilíbrio é que reside o segredo da felicidade colectiva.

A SOBREVIVÊNCIA

Pelo Coronel FAURE DA ROSA

DIZ Oliver Lodge no seu livro «A Evolução Biológica e Espiritual do Homem» — que a morte não é, por assim dizer, senão uma operação mecânica, uma libertação do nosso corpo essencial, do nosso instrumento espiritual. A morte, na essência, é apenas o abandono do corpo material e este não é mais que um agregado de moléculas construído e utilizado durante certo tempo pelo nosso corpo espiritual.

A passagem pela terra, embora de pouca duração, é um episódio importante da vida. Pressentimos que as dificuldades encontradas na matéria, bem como as perturbações provenientes da nossa origem animal e todas as lutas e esforços para subsistir têm um valor educativo e instrutivo. Estes esforços têm efeito disciplinar; fortificam o carácter, separam o trigo do joio; constituem uma experiência do mais alto valor para as fases do nosso desenvolvimento futuro. Pelo menos, é o que nos dizem aqueles que estão «do outro lado», os desencarnados. Dizem eles que seguem o nosso progresso com vivo interesse e que estão sempre prontos a ajudar-nos, na medida que nós estivermos dispostos a aceitar-lhes o auxílio. O seu poder é naturalmente limitado e, como nos acontece a nós cá em baixo, exercem-no da melhor maneira e segundo as circunstâncias. Não se imagine que todas as influências do Invisível são inteiramente boas; também podem existir más influências e, de facto, existem. Se estivermos dispostos a franquear-lhes o nosso espírito, podemos fazer a experiência da degenerescência e recuar em vez de avançar. A escolha só de nós depende, porque nós somos capazes de escolher. As boas influências, quer elas estejam do lado de cá, quer do lado de lá, contribuem para nos inspirar a preferência a dar às que mais eficazmente concorram para o nosso verdadeiro bem-estar.

Como todas as coisas humanas, isto apresenta um aspecto muito simples. Eis a razão por que as pessoas sem erudição e relativamente simples, puderam adquirir certos conhecimentos antes dos sábios. Os homens de subido mérito que negam a possibilidade da existência depois da morte, fundamentam a sua opinião numa teoria errada. Negam aquilo a que nós, espiritas, chamamos os nossos factos, pretendendo que são apenas ilusões, alucinações, concepções *à priori*, esperanças vãs e ilusórias. Pois, Oliver Lodge sustenta que há provas de sobrevivência e que as há perfeitamente boas. Os cientistas adversários, já hoje não têm o direito de considerar superficialmente as evidências probatórias dos factos, como não têm o direito de superficialmente repudiar qualquer outra experiência científica.

A própria evolução é uma revelação cheia de incitamentos. Significa o lento desenvolvimento de um ser de nível inferior em outro mais elevado.

A ideia de evolução implica necessàriamente a de tempo, de progresso e, de alguma maneira, a de esforço. Nada há de estático na evolução; ela exprime a ideia de avanço segundo um desígnio, segundo um plano que nos aparece, sempre, com clareza, na sua execução, embora na aparência haja maus êxitos temporários e parciais.

O desenvolvimento de uma planta a partir de uma sementeira; de uma flor a partir do botão; a conversão do embrião na forma adulta; a passagem da crisálida a insecto; todas estas transformações podem ser consideradas como casos de evolução rápida. As mudanças por que passa um planeta no decurso da sua história, fornecem um exemplo típico das fases de uma evolução mais lenta e mais extensa. A história de uma estrela ou de um sistema solar parece instruir-nos sobre o que se passa em maior escala no Universo. A história da humanidade oferece-nos, mais uma vez, o espectáculo do mesmo «processus» no domínio mental e espiritual; apesar de serem numerosos os maus resultados, apesar das rebeliões e dos recuos, há progresso no conjunto.

Edgard Emmanuel Bonnet, escreve no seu livro *Vie et Survie* : «Se perguntarmos a um materialista o que é a alma, ele exprime-se

assim: «A alma não existe. Jamais um médico conseguiu picar a alma com a ponta do escalpelo.» Qualquer inteligência mediocre tem capacidade para responder a este argumento pueril. Se, quando o homem morre, a alma abandona o corpo, certamente o médico ou quem quer que seja, não a pode encontrar num cadáver.

Aquilo a que outrora chamavam a alma de um homem, não é mais do que a sua memória. A memória é uma força. Ora, uma força é imaterial, invisível; só pode ser percebida quando fornece movimentos à matéria, movimentos capazes de exercerem uma acção nos nossos órgãos sensoriais.

Hoje todos os sábios, quer espiritualistas quer materialistas, estão de acordo neste ponto: tudo é força no universo, seja matéria ou seja espírito. Não se pode admitir como insubsistente um fenómeno que existiu em todos os países e em todos os tempos. Desde sempre que os homens desejam a sobrevivência da personalidade.

Se pedirmos a um filósofo que nos diga qual é a causa do desejo geral, e não do desejo da sobrevivência, em particular, êle dir-nos-á: — «O desejo é fornecido pelas recordações contidas na memória. Assim, eu não desejo, num dado momento, comer um fruto que me é desconhecido. Contudo cômo-o e acho-o delicioso. Doravante, graças à experiência adquirida, quando tiver fome, se vir frutos daquela espécie reconhecê-los-ei e lembrar-me-ei de que são bons.

A explicação do filósofo é excelente, mas insuficiente, e eis porquê: Suponhamos que uma criança vem ao mundo desprovida de qualquer recordação. Para conservar a vida é indispensável que a criança mame. Mas, como não tem recordações que lhe despertem o desejo de mamar, o desventurado vai morrer de fome.

Felizmente, todas as crianças desejam e sabem mamar, porque ao virem a este mundo, trazem recordações adquiridas anteriormente ao seu nascimento.

Mas o primeiro ser vivo, a primeira célula criada, não podia estar provida de recordações adquiridas por seres que tivessem vivido antes dela.

Suponhamos que o primeiro ser vivo acaba de ser criado. Para conservar a vida necessita de comer. Ora, ele só comerá se sentir o desejo de o fazer. Sem recordações que lhe dêem o desejo, ficará imóvel, nem tentará agir; está condenado. Mas o primeiro ser vivo conseguiu conservar a vida e conseguiu-o porque comeu. Ora, como não podia ter comido sem desejar fazê-lo e o desejo não lhe acudia se não possuísse recordações, antes da criação do primeiro ser vivo já existiam as recordações que ele pôde utilizar.

Para tornar claro o seu pensamento, Bonnet faz uma suposição absolutamente absurda: que o primeiro ser vivo foi o homem.

Admitamos, porém, que o homem acaba de ser criado; para conservar a vida precisa de ingerir alimento. Este homem deve comer, mas para que coma é preciso que sinta o desejo de o fazer.

Poderão objectar que é o instinto que lhe fornece o desejo. Nesse caso, o instinto manifesta-se sob a forma de desejo. Mas não esqueçamos que todo o desejo é fornecido por recordações e que o homem que acaba de ser criado não pode possuir recordações, pessoalmente adquiridas, ou melhor que lhe tivessem sido transmitidas por seres viventes antes dele, visto que este homem é o primeiro ser vivo que foi criado.

O homem vai comer porque o deseja. Olha em redor e vê árvores carregadas de frutos, uns comestíveis e outros venenosos.

O homem pode colher esses frutos ao acaso, hoje um, amanhã outro. Se ele comete um único erro, se come um único fruto venenoso... morre, e com ele extingue-se a vida.

Podemos supor que o acaso favorece constantemente este homem... Mas o acaso não se reflecte indefinidamente. Um acaso contínuo, deixa de ser acaso. Demais, o acaso não existe... nem para os materialistas. Portanto, é preciso que este homem escolha um fruto; que distinga os frutos comestíveis dos venenosos. Ora, fazer uma escolha, é realizar um acto de inteligência, de raciocínio; é elaborar um juizo; ou melhor ainda e com mais simplicidade: para reconhecer um fruto é preciso tê-lo conhecido, recordar-se. Sem jamais cometer um erro, sem saber porque o não comete, este homem só apetece frutos comestíveis e despreza os outros.

Há nos seres vivos, antes da aquisição de recordações que permite o acto de reconhecimento (eu lembro-me, eu reconheço isto —, é bom) o que quer que seja que lhes permite lembrarem-se sem terem visto, ouvido, sentido; que lhes permite saber sem terem aprendido; reconhecerem sem terem conhecido, isto é, sem terem recorrido às recordações: «Isto atrai-me, inspira-me simpatia; portanto, é bom. Isto causa-me aversão, é-me antipático; portanto é mau.»

«A antipatia brusca — diz Ribot, grande

filósofo materialista — principia por uma intuição. Este estado consiste mais em sentir que em conhecer. Tendo mais analogia com uma sensação do que com uma percepção, a intuição assemelha-se a uma adivinhação súbita e confusa que embaraça o racionalismo, «Quando se trata de simpatia ou de antipatia, o acto de conhecimento é intuitivo, isto é, imediato e espontâneo como uma sensação ou um juizo muito simples; umas vezes justo, outras vezes falso, estranho a todo o cálculo, a toda a lógica discursiva, pelo menos consciente; o que confere a este acto, independentemente dos elementos motores, um dos sinais essensiais do instinto...».

Sem que eu saiba porquê, este homem que eu não conheço, é-me antipático, inspira-me uma espécie de repulsão. Eis a intuição.

— Eu não conheço este fruto — poderia ter pensado o primeiro ser vivo, mas como ele me atrai, como me é simpático, estou certo de que é bom. Eis o instinto. O instinto primitivo é redutível à intuição.

A intuição, tendo guiado o primeiro ser vivo, permitiu que ele adquirisse a experiência, que acumulasse recordações; essas recordações constituem hoje o instinto e mantêm-se porque são muitas vezes evocadas, utilizadas, e porque se transmitem de pais a filhos.

O instinto é infalível... tanto, quanto o pode ser aquilo que é humano. A imperfeição dos nossos órgãos sensoriais, e as recordações que a nossa memória retém podem levar-nos a cometer erros.

Devemos desconfiar de nós mesmos: da fraca experiência adquirida e, muitas vezes até, da nossa razão que, afinal, é redutivel à experiência adquirida.

Foi assim que a experiência adquirida pelos homens que viveram há alguns séculos, tendo notado que não se podiam deslocar sem perceberem certas sensações, foi assim que essas ingénuas criaturas afirmaram que a Terra era imóvel; e parecia imóvel porque não fornecia nenhuma sensação de movimento; pelo contrário, o Sol é que muito visìvelmente se deslocava. Este erro de observação foi a causa de uma errada crença universal: O Sol gira em volta da Terra.

Os nossos sentidos são imperfeitos e a nossa razão é frágil. Resta-nos uma única coisa: o desejo de conhecer a verdade. Ora, tanto este desejo particular, como o desejo em geral, não é um fenómeno desprezível. Não é preciso pensar muito para verificar que se os homens que nos precederam na Terra não tivessem tido o desejo de conservar a vida e de ter filhos... nós não estaríamos aqui.

Nós sabemos que a experiência adquirida é frágil, sujeita a erro; a ciência queima muitas vezes o que na véspera adorava. Mas também sabemos que devemos pôr na «base da consciência», no começo da vida, melhor ainda, antes da vida, um conhecimento anterior à experiência e, por consequência à inteligência, uma intuição infalível *geradora de desejos*. Ora, desde sempre, todos os homens desejaram sobreviver.

Naturalmente ocorre esta pergunta :

Pode-se fornecer a prova da sobrevivência utilizando apenas os nossos sentidos ? A experiência, responde negativamente, porque a alma, — que constitui uma força — é impalpável e invisível. É talvez uma felicidade que assim seja, porque as observações feitas ùnicamente com o auxílio dos sentidos, sem que haja o cuidado de as interpretar, conduzem muitas vezes a graves erros que originam crenças. Foi assim que os primeiros homens acreditaram que o Sol girava em volta da Terra: confiaram inteiramente na experiência adquirida utilizando apenas órgãos sensoriais. O mesmo acontece com a circunlação do sangue que só veio a ser demonstrada por Harvey, médico inglês, há pouco mais de três séculos, embora tivesse sido pressentida pelo médico e teólogo espanhol Miguel Servet anos antes (este médico foi queimado vivo em 1553 por ordem de Calvino).

Quantos séculos viveram os homens apegados à crença de que a Terra não girava e de que o sangue não circulava !

Qualquer ciência que só se baseie em conhecimentos adquiridos por intermédio dos nossos cinco sentidos, é sujeita a erros...

A alma, nem é visível, nem audível, nem palpável. Os sentidos, portanto, não podem descobri-la.

Os sábios observam os fenómenos do Universo e tentam explicá-los com hipóteses.

Suponhamos que nós conseguimos estabelecer hipóteses que permitam explicar o Universo inteiro, hipóteses que se ligam, se prolongam, se articulam umas nas outras, como elos de uma cadeia, cujos movimentos de um são um efeito que tem por causa os movimentos do elo precedente e, por sua vez, vem a ser a causa dos movimentos do elo seguinte. Suponhamos que estas hipóteses constituem a cadeia sem fim das causas e dos efeitos que o Universo nos permite observar, e, assim, nós poderíamos esperar descobrir a verdade.

Mas nós, humanos, nunca poderemos ter a

certeza. A dúvida subsistirá sempre, a fecunda dúvida afinal — como diz Bozzano — para que o homem jamais deixe de investigar, de trabalhar. Se o homem adquirisse a *certeza*, teria alcançado o Absoluto: seria omnisciente e omnipotente, seria Deus!

Os homens primitivos só podiam interpretar a sobrevivência pela única experiência, o único fenómeno que constitui o cadáver em decomposição. Ora, esta desagregação parece fornecer a prova de que a morte é total, completa, definitiva.

A crença na sobrevivência, apenas contraditada pelos fenómenos que os nossos órgãos sensoriais observam, não pode ter por causa senão uma intuição.

Em suma, existem duas espécies de conhecimentos. Uma delas é-nos oferecida pela intuição; a outra temos que a adquirir lentatamente, penosamente, à custa da nossa inteligência, utilizando a experiência dos nososs órgãos sensoriais que muitas vezes nos enganam.

A experiência é enganosa, mas é difícil pôr em dúvida o valor de hipóteses que se ligam, se prolongam, que estão tão estreitamente associadas que falhando uma delas, o seu encadeamento cai — como elo da cadeia de causas e efeitos que se tivesse quebrado.

A experiência é enganosa, sim, mas não é menos certo que se nós conseguirmos formular hipóteses que se prolonguem, que se adaptem exactamente aos factos, e, enfim, que estejam de acordo com a intuição, nós teremos atingido a possível culminância da certeza humana.

A intuição não se aplica ùnicamente ao corpo; também se aplica à alma, ao espírito. Relativamente ao corpo a intuição afirma: «Tu deves viver e poderás conservar a tua vida se quiseres seguir as indicações que te dou»: é instinto. Relativamente ao espírito, a intuição proclama: «A sobrevivência existe!». Os antigos materialistas, negando a sobrevivência enganaram-se. É que eles ignoravam que há diferença entre a natureza do corpo e a do espírito. Sabiam que todas as forças são indestrutíveis, mas acreditavam que a alma existia materialmente no cérebro, nas células cerebrais. Ignoravam que a alma, o espírito é imaterial, que não é mais do que uma força pura. Vítimas da sua ignorância, fechavam, assim, a porta à intuição.

Para distinguir uma verdadeira intuição de um desejo fornecido pela imaginação, só um meio existe — proceder a experiências...

INADVERTÊNCIA

CELLATUS tinha três filhos igualmente fortes e inteligentes. O mais velho, Arvor, punha os prazeres acida de tudo. Embora bem aparelhado para o estudo, raras vezes se lhe aplicava. Ao invés, seus irmãos eram apaixonados pelo trabalho do espírito e Cellatus não tinha melhores discípulos.

Um dia, chamou Arvor e disse-lhe:

— Meu filho, estás cada vez mais arruinado, ao contrário de teus irmãos, que me proporcionam grandes satisfações. Nunca pensaste que hás-de chorar mais tarde essa preguiça e a prodigalidade da tua vida?

Arvor não respondeu logo. Começou a reflectir e, por fim, declarou:

— É verdade que falto a todos os meus deveres. Tenho pensado nisso às vezes e continuo a proceder mal.

— Porquê?

— Porque sei que poderei mudar de vida quando quiser. Vejo que é muito cedo e que, sabendo esperar, terei gozado os prazeres de que meus irmãos se privam.

— Pobre filho — diz Cellatus —, erróneo é o teu cálculo. Não vês que na desocupação e na orgia a tua inteligência se embota, as tuas brilhantes faculdades enfraquecem; que até a tua vontade, de que tanto te vanglorias, se tornará frangalho inútil e que descerás mais baixo que os menos inteligentes do que tu, porque tal será em ti o asco ao comprovares a tua impotência e o teu aviltamento, que mais ainda chafurdarás no lodaçal, a ponto de não te reconheceres a ti mesmo?

— Ora, meu pai! Diz isso para me atemorizar. Não espero decair a esse ponto sem me regenerar. Apesar disso, agradeço-lhe os conselhos.

— Vai — disse Cellatus tristemente —. O teu orgulho acaba de matar o meu filho Arvor.

(De *A Nova Luz*, de Jorge Dejean)

Para Uma Filosofia Espirita

(Introdução a um filosofia dos valores)

Por A. RAMOS PEREIRA

A IDEIA DE VALOR

É-nos impossível uma definição de essência, a não ser que tomássemos como tal... o significado etimológico, dizendo simplesmente, andando em círculo, que valor é aquilo que vale, à semelhança do que se faz muitas vezes com os conceitos de ser ou de existência. Não querendo cair na simples falácia ou na tomada do valor por qualquer dos seus aspectos (vivência, qualidade de um objecto, ideia) e querendo antes considerar estes em síntese, diremos que «valor» é um fenómeno específico cuja natureza pode ser esclarecida e nunca definida, talvez porque o valor não é compreendido e sim... sentido.

A característica fenomenológica do valor é extraída do seu imediatismo na consciência, mas imediatismo duplo, porque a esfera da consciência é simultâneamente activa e passiva. Como passivo, o homem experimenta valores, sofre-os *em si* em «éclats» súbitos que são para ele um ganhar constante de experiência interna. É a isto que chamamos vivência dos valores, pela sua relação íntima com a existência humana.

O lado activo do sentir de valor é a «valoração», é o dar valor a. Torna-se necessário distinguir entre «valorar», e valorizar: — «valorar» é dar, por sentir na consciência, o valor específico da coisa valiosa; valorizar é dar mais-valia. Quando «valora», o homem emite simplesmente um juizo de valor, positivo ou negativo; quando valoriza, o homem acumula valor sobre o objecto já de si valioso. Talvez até possamos dizer que o homem valoriza quando se refere ao objecto a que o valor adere e «valora» quando sente o valor aderente, porque, como diz Rickert, «chamamos valor não ao bem, coisa real e sensível ao qual o valor adere, mas ao próprio valor aderente» (1).

Se entedessemos valor *apenas* pelo seu lado, material, económico, diríamos que o valioso era tudo quanto nos pudesse satisfazer uma necessidade. Mas esse não é todo o valor (sendo aquele em que incide o acto de valorizar), embora se pudesse estender o conceito em espaço, dizendo qu valioso é tudo quanto nos pode satisfazer uma necessidade, material ou espiritual.

ESSÊNCIA E EXISTÊNCIA

Notemos que nos temos consignado à linha de relação entre valor e ser que seria insuficiente se não fizéssemos uma distinção entre ser e valor. E isto porque se no homem destacamos essência, existência e consciência de valores, somos levados a estabelecer aquela distinção. O aspecto existencial enraíza-se no próprio decorrer da consciência, na sua instabilidade que é o lado a-lógico do homem. Há mesmo um predomínio de «existência», porque geralmente o homem não tende para a compreensão do lado essencial, expresso pela unidade pessoal que só por abstracção se apercebe. Na medida em que o homem, sentindo a fuga existencial, luta por realizar essência, sofre a angústia do desespero (2). Penso mesmo que o homem é mais existência que essência, muito embora nada se acresça *realmente* quando for mais essência que existência. Isto é, existindo, vai penetrando na essência, *vai-se realizando.* Dir-se-á: — mas se eu posso, por observação e auto-exame, depreender a *minha* unidade, *se eu me sei como «espírito»*, não significará que já sou, de facto, uma unidade essencial ? Não forcemos... Veja-se que aquela unidade é definida por simples abstracção e nunca absoluta (até pela própria natureza aberta do espírito); isto é, afirmamos uma unidade que nem compreendemos nem totalmente realizámos. Pois se eu estou parcialmente consciente de mim, se não «consciencializo», a não ser involuntàriamente, a parte mais rica do meu mundo interno —a «insconsciência» (pessoal ou inata) — eu sou afinal uma unidade... fragmentada. Dirão que estou a especular com o termo essência, mas afirmo que o tomo no sentido daquilo que faz com que um objecto *seja ele*, absolutamente distinto de qualquer. Realmente, eu distingo-me como um todo àparte do outro todo e isso através da minha existência (pelo inconsciente pessoal formado nas múltiplas encarnações), mas a verdade é muito de mim estar determinado pelo inconsciente colectivo que carrego e que só aos poucos hei-de alijar, (cap. Jung, in «Le Moi» .

Como a existência se projecta em tempo-espaço, e se no meu propender para a essência, tento transcender esse limite, realizando a unidade superior caracterizada pela consciência absoluta (em que o *modo de ser* é um eterno presente), considero-me no momento actual mais existência que essência, ainda que chamando-me *ser*. Isto é, distingo entre ser e essência, entre existência e essência, tal como pretendo distinguir entre valor e ser.

VALOR E SER

Se a «valoração» e a vivência do valor estão, como não pode deixar de ser, presas ao lado existencial do ser e dependendo estreitamente do quantum de essência realizado; e se o valor está, como uma realidade sui-generis, para além daquelas operações, não há possibilidade de confundir valor e ser. O juizo de valor, em que se faz uma referência necessária e suficiente a um ser-sujeito capaz de sentir o valor pelo seu lado existencial (seu = do sujeito) e registá-lo no essencial, define, então, a íntima relação entre ser e valor, relação que não é coincidência.

Isto é, não podemos falar, como quer N. Hartmann, de «valor in se», não podemos destacar o valor da sua relação a um sujeito quando não a um sujeito individual (o que nos conduziria a

(1) V. «Allgemeine Grundlegung der Philosophie», pág. 113.

(2) V. Kirkegaard in «Desespero humano».

supor o sujeito medida do valor) pelo menos ao sujeito-ser, ao sujeito meta-individual. Porquê ? Porque se a referência fosse efectuada ao sujeito individual, reduzíamos o valor à «valoração», o que é um absurdo axiológico. O valor depende estreitamente (sem se confundir) do Ser, não *existe* sem essa relação, mas está para lá do capricho de toda e qualquer valoração individual.

Como estamos tratando de valores espirituais e ainda pelas barreiras postas entre existência e essência, consideremos como sujeito-referência o Espírito, ideia que envolve o espírito humano-terreno na sua parte essencial e o supra-humano (= o que evolui no plano do pensamento meta-existencial). Do que dissemos, infere-se que o valor se relaciona com o lado essencial do ser, mas se esta relação é necessária e suficiente para que o valor exista, significa tão só que ele tem analogia com a essência e com a essência do Espírito. Ora se este Espírito *não é já real-actual*, porque *sendo* (= existindo), se foi libertando dessa mesma existência (temporal-espacial), se este Espírito é algo de objectivo (não é mera construção subjectiva) na ordem do Ser, temos que o valor comunga destas características.

Esta ideia opõe-se à corrente neo-tomista, mas por muito que lhe pese, «nem por termos de negar aos objectos abstractos qualquer forma de existência, lhe podemos por tal recusar qualquer forma de ser. A verdade é que os objectos abstractos, de certo modo também são; aliás não poderiam ser objectos» (Honecker (1). Olhando para o conceito do valor independente da relação ao Espírito, diremos que é absoluto e objectivo, tanto quanto na relação, é, naturalmente, subjectivo e... relativo.

REALIZAÇÃO DO VALOR

Fácil nos é compreender agora que há um momento em que o valor passa de ideal a real, de essência a existência, e esse momento refere-se no valor pela relação não ao sujeito supra-individual, mas ao caso de um sujeito individual. Com isto, não desejamos significar que, para nós, o valor passe a ser algo diferente do que era, mas que entra no campo da realidad actual. Por outras palavras, o momento da transição exprime-se quando o valor passa a uma qualidade do ser, *quando o valor se realiza.*

O valor, enquanto ideal, não se perderia mesmo que fossem aniquilados ou transformados os objectos que, *na realidade* terrena os suportam; perder-se-ia, sim, a possibilidade de um valor real-actual. Suponhamos que eram destruidas todas as obras de arte, todo o portador do Belo. Nem mesmo assim se perderia o valor estético, a não ser como realidade, como qualidade especial do objecto.

Esta continuidade, além da mutação inerente à condição existencial do ser actual, escava ainda mais o sulco da separação entre a ordem do valor e a ordem desse ser.

Atentemos ainda em que a oposição entre valor e desvalor não é semelhante à oposição entre ser e não ser. Com efeito, o desvalor é tão só valor negativo, mas valor ainda e sempre: — a mudança do sinal em nada altera o módulo do valor. A antinomia, a polaridade, é mesmo a característica mais flagrante da *realidade* do valor.

Esta polaridade só tem uma aparência de semelhança com a oposição ser — não ser. De facto «não-ser» é a negação do ser, é o nada. Mas não se poderá interpretar como não-ser o Ser que transcendeu a existência, que realizou a essência, absorvendo em si a totalidade do valor e que, portanto, *não está mais na realidade actual ?* Não, absolutamente não, porque seria desvirtuar o conceito de essência. Esse Ser continua *sendo* e *sendo mais* que na existência, porque é além do Espaço-Tempo.

Distinguimos valor e ser, apontando as suas relações, o que é prova de que os não separamos num «dualismo insustentável» e paradoxal. Achamos o momento para transcrever o pensamento de Messer: — «Já ficou acentuado não ser minha intenção separar *radicalmente* os problemas do valor dos problemas do ser, no sentido de os querer separar permanente e definitivamente».

E se distinguimos valor e ser, afirmando as suas relações insofismáveis, foi para não cair no erro tomista de inculcar à Realidade uma síntese de valor, erro que remonta à adaptação aristotélica das «ideias» platónicas e que conduziu S. Tomaz de Aquino à afirmação insustentável: — «omne ens inquantum est ens est bonum». (todo o ser enquanto é ser, é bom). Vejamos o que diz Messer: — «de nenhum ser pode extraír-se um valor e, por consequência, um dever-ser; o conhecimento teorético da realidade não pode tornar *lògicamente necessários* nenhuns juizos de valor e, consequentemente, nenhumas normas nele fundadas» (2). Isto é, a temática escolástica confunde valor e ser e, portanto, desvalor... na medida em que não-ser for... ser ! Mas se não-ser é, como vimos, a pura negação, o desvalor será, *a fortiori*, análogo. E isto conduz-nos a negar o mal ou o feio... (3).

«De nada serve declarar a nulidade do mal. Também com isso não evitaremos a sua autêntica realidade» — disse N. Hartmann (4).

O que importa ao homem não é *negar a* realidade do desvalor, porque com isso não fará a extinção da polaridade axiológica, o que lhe importa é aniquilar em si, a possibilidade de adquirir realidade.

Nota — Neste, como noutros ensaios, seguiremos uma linha que, passando por Santo Agostinho, mergulha em Platão, mas assente sempre no plano ideológico kardecista, tendo em atenção os resultados gerais da chamada «filosofia existencialista». Deste modo, de pessoal, há apenas a mão que traça a linha...

Como complemento deste ensaio leia-se :

«Primeiros Passos», in «Estudos Psíquicos», Janeiro 1948.

«Notas para um Existencialismo Espirita», in «Revista de Metapsicologia», 1949.

---

(1) «Gegenstandslogik und Denklogik» pág. 48.

(2) V. «Ethik», pág. 63.

(3) Cp. esta atitude com a Doutrina de Mary Baker-Eddy, fundadora da «Christian Science».

(4) V. op. cit. pág. 62.

ESPIRITISMO CARITATIVO

Por APOLONIUS CHRISTUS

NO dia 27 de Julho o nosso confrade José António Marques, que havia vindo visitar sua mãe e no dia seguinte embarcou para o Brasil, deliciou-nos, no Centro Luz e Amor, com uma palestra sobre o modo como os nossos irmãos de Além-Atlântico praticam o Espiritismo.

Foi uma hora de prazer espiritual, que passámos ouvindo aquele irmão narrar, com uma simplicidade tocante, tudo quanto naquele país se faz em prol da causa, sobretudo pela prática da caridade. Disse aquele irmão que o Espiritismo no Brasil é essencialmente popular. A parte científica não os preocupa sobremaneira, excepto a meia dúzia de colectividades. A grande maioria sente a grandeza, o calor do Espiritismo, eis tudo. Para eles o que mais interessa é a parte caritativa e social. Neste campo os espiritas brasileiros já' fundaram mais de duzentas obras sociais, onde o velho se arrima, sentindo o carinho dos mais novos, que o tratam irmãmente; onde a criança é recolhida e, ao mesmo tempo que lhe é dado o alimento material, bebe o alimento espiritual pela bondade que encontra e pelo exemplo de todos quantos trabalham em tais casas de caridade; onde o doente encontra lenitivo e tratamento para os seus males; onde a parturiente encontra o que falta no seu pobre e desprevenido lar; ou onde o obsidiado encontra o tratamento adequado ao seu torturante sofrimento.

Para conseguir toda esta obra, espalhada pelo imenso Brasil, especialmente nos Estados do Sul, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul, São Paulo e Minas Gerais, os nossos irmão brasileiros despiram-se de vaidades e lançaram-se ao trabalho sem se preocuparem com ditos desdenhosos, com preconceitos ocos, nem còm receios de perseguições de qualquer espécie.

A maior parte daquelas obras são verdadeiros milagres de fé: lançada a ideia, um dá o terreno, outros logo se lançam na recolha de donativos e, assim, sem desfalecimentos, todos trabalhando denodadamente e sem descanso, ao fim de pouco tempo se conseguia o capital para a primeira parte da obra e, feita esta, o resto vinha de seguida. São as sociedades e grupos espiritas, no Brasil muito numerosos, que tomam o empreendimento de fundar e manter tais obras, não havendo entre elas outra rivalidade além da de conseguir fazer mais.

Eis como o nosso confrade José António Marques nos conta que se mantêm algumas daquelas obras de caridade: Diz que o fazem graças à *campanha do quilo*, a qual consiste em os sócios dos grupos espiritas locais sairem, em determinado dia do mês, geralmente a um domingo, com um saco às costas e irem, de porta em porta, pedir um quilo de qualquer género para a manutenção da obra espirita tal. As donas de casa geralmente dão, uma um quilo de arroz, outra de feijão, outra de açúcar, outra o dinheiro equivalente e outras, conta o nosso confrade com imensa graça, fecham-lhes a porta na cara, dizendo que nada querem com espiritas, ou que «nada dão, porque o Sr. Prior as proibiu de dar a obras espiritas». O trabalhador da campanha do quilo, porém, não se mostra molestado, agradece na mesma, dizendo: «Deus perdoe ao Sr. Prior e proteja a senhora».

Aquela campanha, disse o mesmo confrade, além da manutenção de tais obras, tem uma segunda virtude para o espirita, porque muitos, como sucedeu a ele, cheios de vaidade, despojam-se dela para «*carregarem com o saco*».

Além daquelas numerosas obras de caridade, que impõem o respeito ao Espiritismo, há um maior número de centros e grupos espiritas, onde todos que os procuram, qualquer que seja o seu credo religioso, recebem conselho para os seus males e onde os obsidiados são sempre tratados e acarinhados. Para o tratamento de obsessões mais renitentes existe em Uberaba, Estado de Minas Gerais, um Sanatório Espirita. Ali são tratados os loucos do espírito sob a orientação médica do Dr. Inácio Ferreira, que sobre tais tratamentos já publicou uma preciosa obra intitulada «Novos Rumos à Medicina».

De facto os nossos irmãos brasileiros trabalham. E nós? Quando conseguiremos levar a efeito a fundação de uma obra, em edifício próprio ou alugado, que mostre aos profanos que nós existimos e a nós nos dê a consolação de fazermos alguma coisa em benefício dos sofredores?

Todas as obras são precisas, mas o tratamento de obsidiados sobreleva a todas, porque nos últimos tempos esses infelizes são numerosos, e porque só nós podemos lançar as bases de uma tal obra.

Esta revista já lançou a ideia de uma *Casa de Saúde*, onde pudessem ser tratados os obsidiados. Fazemos votos para que o seu Director não cesse na sua campanha em favor de tal empreendimento, a fim de despertar os confrades de Portugal e Colónias e que possamos fazer, já não digo obra de tamanho vulto como a dos brasileiros, mas alguma coisa que dignifique.

Diz-se que entre nós não há viabilidade para tal

NOSSOS REPRESENTANTES

DR. ORLANDO ROMERO

MAIS um elemento valioso que enfileira nesta cruzada de propaganda ao serviço do Espiritismo luso-brasileiro. É o engenheiro-agrónomo Orlando Romero, vice-presidente da Federação Espirita Paraibana, adesa à Federação Espirita Brasileira e com sede em Paraíba.

Os seus trabalhos no Reformador, *do Rio de Janeiro, dão ideia de mentalidade forte e equilibrada, perquirindo um alvo espiritual que liberte o mundo do egoismo feroz que ameaça subvertê-lo. Deste modo, todos lucraremos com a sua companhia, com o seu esforço, com a sua vontade de cooperar nesta messe em que não conta o sacrifício, mas a alegria de converter incrédulos.*

O Espiritismo precisa de novos que o saibam e possam honrar com sua presença. O mesmo precisa Estudos Psíquicos. *Semeando e cantando, esta revista soltou rumo ao porvir na conquista de almas boas e de inteligências másculas. Segue a sua rota de inquietações e frémitos, em desejo puro de servir o Ideal, e a sua melhor recompensa é trazer ao seu convívio elementos como o Dr. Orlando Romero. Seu pai, o velho batalhador José Augusto Romero, há longos anos presidente da Federação Espirita Paraibana, aprovará com satisfação o propósito do filho e porá a autoridade do seu cargo ao serviço da mesma cruzada. Para ambos, um grande abraço de boas-vindas.*

---

obra. Não pensamos assim, porque se não pudermos fundar uma casa de saúde, poder-se-á fundar um *sanatório para doidos incuráveis* ou de outra qualquer modalidade, onde a acção caritativa dos espiritas se possa exercer sobre aqueles que não encontram lenitivo por outro meio.

É sabido que nos nossos hospitais de doidos permanecem muitos destes infelizes, a quem os tratamentos conhecidos e ali aplicados nada fazem, porque a doença é (sabemos nós) sobretudo espiritual. Os doidos em tais condições, isto é, aqueles que os psiquiatras já desistiram de tratar, poderiam ser mandados para um tal sanatório, o que não seria difícil de conseguir, pois não havia nisso concorrência àqueles hospitais, mas sim o desejo e a tentativa de aliviar tanto infeliz, ao mesmo tempo que se aliviavam os hospitais de doentes já experimentados e postos de lado pela ciência oficial.

Postas as coisas neste pé também nos seria negada a possibilidade de praticar a caridade? Creio que não. Dizem que a lei não o permite, mas as leis só permitem ou proibem o que existe. Como há-de elá proibir o que ainda nem sequer tentámos esboçar? São proibidos todos os tratamentos conhecidos por quem não tenha habilitações legais para o fazer. Mas o tratamento a aplicar a um obsidiado não é conhecido e, portanto, também não pode estar determinado quem é competente para lho aplicar. Em tal caso, porque não há-de ser permitido experimentar, tentar, sondar as possibilidades dos espiritas, visto que estes o fazem desinteressadamente e com o pensamento no Cristo?

Haja quem ventile o assunto e tudo se fará. Ao Cristo também diziam que lhe era vedado curar ao sábado, mas ele nunca se amedrontou com a lei. Para Ele a lei era a prática da caridade. Eu sei que nos tempos modernos há um excesso de leis, umas permitindo, outras proibindo isto ou aquilo, mas ainda não há leis, e nunca as haverá, proibindo a prática da caridade desinteressada. O que há é falta de indivíduos desejosos de a praticar. Não esqueçamos o lema kardeciano: «Fora da Caridade não há Salvação».

UM NOVO ASTRO VEIO ILUMINAR O MUNDO

Pelo Prof. AD. BAPTISTA RAMIRES

HÁ cerca de vinte anos, o grande professor Charles Richet, autor de importantes descobertas sobre a fisiologia humana, não o cegando o materialismo dominante em muitos de seus numerosos estudos, previu em uma das suas obras, que uma nova ciência um dia se formaria, dentro daquilo a que se deu o nome, já bem antigo, de «espiritismo». Não se enganou, pois de facto ciência nova veio da justa coordenação, lentamente feita, de numerosos fenómenos rigorosamente observados, em manifestações várias, por vezes imprevistas do espírito humano, na esfera do que é supranormal.

Em notáveis artigos desta Revista e de outras, como em conferências públicas de homens cultos de consagrado mérito, larga propaganda desses fenómenos se tem feito, e uma nova escola, a do Espiritismo Moderno, se formou, daí se banindo tudo que não fosse perfeitamente exacto, em observação segura. Grande frequência está tendo esta nova escola, mas muito mais ela se alargará, desde que na sua propaganda se ponha bem em relevo a utilidade real que dela vem para a vida do espírito, estimulando-o na prática de tudo que interessa ao bem da Humanidade; e mostrar que, seguindo-se esse caminho, vem a vantagem de, pela lei da reencarnação, se perder o vulgar receio da morte.

Não menos conveniente é pôr também em relevo o grave erro daqueles que do são espiritismo se afastam, por o julgarem adverso aos preceitos da Igreja. Grande erro em verdade é esse, pois esses elevados preceitos consagrados são nesta escola, superiormente espiritual, onde se aprende a conhecer, e só nela, ainda pela lei da reencarnação, a justa causa de males que, nesta vida, tantas vezes atingem inocentes — isso como justa penitência, por outros males por eles praticados em vida anterior. Na projecção larga deste conhecimento, grande multidão de fieis católicos correrá para aquilo de que tanto eles se afastavam, sabendo também que de muitos sofrimentos nesta vida passados, vem progressiva elevação moral para espiritual baptismo que, em nova reencarnação, lhes dará vida mais feliz.

É também importante dar conhecimento do significado e alcance das faculdades mediúnicas que algumas pessoas possuem, e também proveito, quando por vezes essa faculdade anda ligada a outra, essa assaz rara, de dela vir alívio para males que haviam resistido a todos os tratamentos da medicina humana.

Sobre isto não faltará quem em tal não acredite, sorrindo de natural ironia, como em tempos sorri eu; certo é, porém, que a observação rigorosa dessa faculdade bem supranormal, já determinou a fundação, para ser utilizada, de uma instituição hospitalar apropriada em Inglaterra, e outra, ainda mais vasta, no Brasil, ambas servidas de numerosos médicos, que esse encargo aceitaram, quando de factos bem observados lhes viera sólida convicção.

Em casos menos raros, o efeito em alguns doentes resulta de certo magnetismo de ordem fisiológica, atribuido ao chamado «fluido ódico», que algumas vezes se manifesta, fenómeno a que há anos se deu grande atenção; mas, a sua acção em regra se limita a casos patológicos remediáveis pela terapêutica corrente. Casos há, porém, em que os resultados benéficos não vêm desse magnetismo especial, sendo atribuidos hoje a outra faculdade, nada de origem corpórea, que muito raramente se manifesta.

Sei de dois homens que essa faculdade possuiam. Um, vivendo modestamente, de tal forma nele se manifestou que, andando de terra em terra onde era chamado, pagas

as despesas de viagem e de hospedagem — ele, não obstante seus modestos recursos materiais, nada mais aceitava — estando longe de Lisboa, tão conhecido se tornou que do Estrangeiro o convidaram para o exercício da sua faculdade; e ele, com o desejo de ver terras novas, para lá partiu há anos, constando que, com saudades da Pátria, brevemente cá regressará. Outro conheci eu pessoalmente há anos — em tempos em que eu não acreditava em faculades desse género — mas o que então vi, dele vindo, de todo me convenceu. Esse, considerado funcionário de uma empresa estrangeira, com filial em Lisboa, é homem instruido e de superior inteligência — não estou autorizado a citar o seu nome — tendo-o conhecido quando ele residia na Avenida Visconde de Valmor, donde há anos para fora de Lisboa se afastou; mas, tais benefícios, por essa poderosa faculdade que possuia — dela se servindo sem vaidoso aparato — deu a certo doente, que este nunca o esqueceu. Eu não mais o vi, conservando porém por ele a elevada consideração que a sua lúcida inteligência e sério carácter sempre me mereceram.

Há toda a vantagem em dar conhecimento dessas poderosas faculdades — conhecimento dentro do que seja possível e justo, por isso não hesito nesta referência hoje aqui — pois mais um elemento é para medir o útil alcance desta escola superior do espírito, estimulando para ela a entrada de muita gente que esse alcance inteiramente ignora, escola onde se educa a alma — no sentido vulgar que esta palavra em toda a parte tem — escola que hoje há em numerosos países, tendo valiosos mestres — alguns tenho eu cá conhecido. É, porém, no Brasil que a sua frequência é maior, e isso é devido à luz de um novo astro, hoje já conhecido de muita gente, principalmente ali.

Sim, um novo astro, que nada tem de comum com aqueles que povoam o Universo, esses de origem que será sempre desconhecida, deles não se sabendo mais que de secreta condensação de inicial promatéria se formou essa fundamental unidade material que é o átomo — de cuja natureza iono-electrónica deu Gustavo Le Bon, haverá quarenta anos, as primeiras luzes, confirmadas depois por Thompson — e da considerável energia das suas radiações, em colossal união da matéria, vieram esses mundos que circulam no espaço, em obediência a leis da Natureza, cujos primeiros conhecimentos, principalmente os de Copernico, há séculos, deram as bases da Astronomia moderna.

Esse outro astro, que nada tem da matéria, se avista ao longe — esse das radiações do Espírito, que para as bandas do Oriente, veio há vinte séculos iluminar o Mundo. Neo-espiritualismo é o novo astro — ainda para muita gente oculto na névoa do materialismo que em tudo domina na vida humana; mas, naqueles que já o avistam à sua luz, a alma se eleva, descobrindo novos horizontes.

Esse sombrio materialismo que nos cerca torna em escuro inverno a nossa vida; mas, seguindo nós em sua órbita o novo astro, quando a ele nossa alma se abrir, menos frio e mais curto será então no Mundo este inverno; e assim como na Terra, depois dele a primavera vem, e nela desabrocham flores, outra primavera para nós virá, iluminando e elevando sempre mais o nosso espírito. Primavera fecunda e bem florida será essa — em que na grande árvore da Fé colheremos a flor esperança, sempre de verde-rosa côr; e tudo isso virá da luz do novo astro —, por ela desaparecida a sombra onde nascem a ambição e a inveja, que em todos os tempos tanto tem dividido a humanidade; e então desfeito todo o negrume do mal, essa escuridão propícia ao crime, tão claro ficará tudo que, para lá desta vida, outra mais feliz se distinguirá.

Foi iluminado por esse astro que tanto se elevou o Brasil, pois é onde tem tido mais alunos esta escola superior do espírito. Nunca eu ali estive. Nunca meus olhos corpóreos por ali andaram; mas por lá andam os da alma, como se em outra vida tudo eu tivesse visto, admirando o que lá há de belo

O ESPIRITISMO NO BRASIL

Estranhos fenómenos narrados por Urbano Assis Xavier — Um cão materializado — Curas espantosas, comunicações de voz directa e mais o que abaixo se dirá

Passou por São Paulo com destino à Alta Paulista, o conhecido conferencista espirita e representante da *Revista Internacional do Espiritismo*, sr. Urbano de Assis Xavier. Informada de que o mesmo havia presenciado insólitos fenómenos de materialização nesta capital, a reportagem do *Diário da Noite* procurou ouví-lo a respeito.

Tenho presenciado os mais diversos fenómenos — declarou —. Os mais impressionantes são os de «voz directa», em que os espíritos falam com os assistentes sem a interferência de médiuns. Entre 1938 e 39, aqui, em São Paulo, tive oportunidade de participar de um grupo de experimentadores que se reuniam na residência do meu particular amigo sr. Odilon Negrão, funcionário da Imprensa Oficial, e então residente à rua Agostinho Gomes, no Ipiranga. Sua esposa, dona Ilda, é excelente médium de materialização e voz directa, e contávamos ainda, no grupo, o saudoso médium e médico paranaense Dr. Luiz Parigot de Sousa. Nessa ocasião pude falar mais de doze vezes com o espírito de meu irmão, o engenheiro Adhemar de Assis Xavier, falecido em 1934, quando a serviço da rodovia Rio-Bahia. A voz, vibrando no espaço, sem intermediário, era perfeitamente reconhecível. Falei ainda várias vezes com o espírito do meu querido amigo Cairbar Schutel, fundador da *Revista Internacional do Espiritismo*, e com o espírito da sua esposa. Mais recentemente, passando por São Paulo, fiz uma visita ao meu amigo Odilon Negrão e resolvemos improvisar uma sessão. Manifestou-se então o espírito do meu amigo Ivan de Albuquerque, falecido na Alta Paulista em 1945, e quando depois de reconhecer-lhe a voz, pensei em lhe perguntar pelas circunstâncias da sua morte, ele captou e respondeu prontamente ao meu pensamento.

ESPANTOSOS FENÓMENOS DE CURA

«Em agosto de 1939 — prosseguiu o sr. Urbano de Assis Xavier — meu irmão Adhemar me disse, pela voz directa, que sua viúva, dona Cacilda Cunha Xavier, amanuense do Ministério da Agricultura, residente na Capital Federal, estava fazendo uma estação de repouso, e que sua segunda filha, Mariza, encontrava-se adoentada, mas sem gravidade. Eu não tinha o endereço de minha cunhada, que o espírito, então, me deu, pela voz directa. Em Dezembro desse mesmo ano, viajando para a Baia, procurei-a no Rio, encontrando-a no endereço fornecido pelo espírito. Cacilda confirmou todas as informações que Adhemar me havia dado a respeito da situação dela e das filhas, acrescentando, com lágrimas nos olhos, que Mariza, sua segunda filha, estava atacada pelo mal de Hansen. Realmente, a menina apresentava feias manchas cinzentas pelo corpo, dotadas de insensibilidade. Os exames, porém, levados a efeito no Instituto Manguinhos, indicaram apenas uma esclero-dermia. Resolvi, na volta, trazer Mariza comigo. E logo na primeira sessão a que assisti, Adhemar apareceu com sua voz inconfudível, agradecendo-me o cuidado que tivera com a menina e dizendo que os médicos não estavam certos. Havia consultado um médico «do lado de lá» e disse que a menina sararia ao passar dos doze para os treze anos, sem necessidade de tratamento. Em 1947, ao passar de novo pelo Rio, estive com minha cunhada. Mariza, de facto, sarou por completo, após o período de transição, e é hoje uma alta funcionária do Ministério da Agricultura».

«Em Garça, na Alta Paulista — continuou o sr. Urbano de Assis Xavier — fui deparar com um caso interessante de mediumidade curadora logo após a dissolução do nosso grupo de «voz directa», aqui de São Paulo. A médium, dona Bernarda Torrubio, de família muito conhecida na cidade, possui a estranha faculdade de desmaterializar as partes doentes do enfermo, que são a seguir materializadas no estômago e por ele vomitadas durante a sessão. Assisti a curas espantosas. Certa vez, na companhia do jornalista Edgard de Castro Marquês, da *A Comarca de Garça*, dos meus amigos José Garibe, Gonçalo Assunção e Miguel Ruiz e do médico Auto Cândido de Oliveira Lima, segui de automóvel para a fazenda do Morro Redondo, a 18 ou 24 quilómetros da cidade, para uma sessão de cura do administrador da mesma, sr. Mendes, tuberculoso desenganado. O citado médico me confirmara que o estado do doente era incurável. Pois bem; iniciados os trabalhos, após a prece de abertura a médium caiu em transe e logo mais vomitava sobre a mesa tamanha quantidade de sangue, que chegou a ensopar parcialmente três toalhas. Feita pelo médico a colheita do material, que foi enviado ao I. P. B., nesta capital, o resultado da análise acusou a presença de grande quantidade de bacilos de Koch. Mas a médium

---

— as suas cidades, as sorridentes margens do Amazonas, e no interior, suas frondosas selvas — tudo que deixa impressões, que por sua beleza não mais se apagam. Grande é o meu apreço por esse país, que tanto tem sabido honrar o sangue português, de há longos anos lá atraído, pela nobre maneira como tem sido sempre recebido; e esse país irmão, de nós muito querido, tanto em manifestações de ordem moral e mental ele se tem elevado, que bem pode designar-se de «guarda avançada da civilização latina para lá do Oceano» — como já em outro escrito apontei.

que havia expelido o material não estava doente. E, realizadas mais três sessões, a que não assisti, o sr. Mendes sarou por completo. Em fins de 1945, em Tupã, conversava eu com o prof. Almiro Mendes, lente do Ginásio Guedes de Azevedo, de Baurú, e contei-lhe esse caso. Qual não foi a minha surpresa ao ouvir do prof. Almiro que o administrador Mendes era o seu próprio pai, que com ele reside em Baurú, completamente curado da terrível molestia...».

TAMBÉM OS ANIMAIS TÊM ESPÍRITO

Perguntámos ao sr. Urbano de Assis Xavier por um propalado fenómeno de materialização de animais, que se teria verificado nas sessões do grupo de «voz directa», nesta capital.

É facto — respondeu-nos — mas, infelizmente, não o presenceei. Não obstante, aqui está.

Exibiu-nos, então, um número de «O Revelador», com um completo relato da sessão, feito pelo próprio sr. Odilon Negrão. Na reunião de 25 de Dezembro de 1941, segundo o relato, o espírito do Dr. Paulo, ex-frequentador do grupo, anunciou que estava presente aos trabalhos «a alma de um cão», e fê-lo directamente a um visitante, de nome Pereira.

Prossegue nestes termos o relato do sr. Odilon Negrão:

«Minha esposa pergunta-lhe se se tratava de um cachorrinho lulú, que ela, como vidente que é, constumava ver, de raro em raro, perambulando pela casa.

— Não —, respondeu o dr. Paulo; é um animal grande, um cão dinamarquês. Chama-se *Leão*.

E dirigindo-se ao sr. Pereira:

— Você conhece bem esse cachorro. Pertenceu à família de seu pai. Foi grande amigo de você e de seus irmãos.

O espírito estava emocionado. O sr. Pereira, comovidíssimo, disse que *Leão* falecera há mais de vinte anos, e que fora um cão dinamarquês que seu progenitor adquirira na Europa. *Leão* era ferocíssimo e servia de guarda da casa, na fazenda que seu pai possuia no interior. Por falta de afinidade ectoplasmática, como explicou o Dr. Paulo, *Leão*, naquela noite, não conseguiu manifestar-se dentro da corrente da sessão. Em seis de Janeiro, voltamos a realizar outro trabalho de «voz directa», com o mesmo médium, os assistentes da sessão anterior e mais a sra. Elisa, mãe do sr. Pereira. O espírito de Romão Rocha dirigiu a sessão na parte técnica. Manifestaram-se quatro entidades, dentre as quais uma que deu o nome de Quinzote. Este foi primo do sr. Pereira e seu companheiro de infância. Após falar ligeiramente de assuntos íntimos com o seu parente e amigo, Quinzote afirma: «*Leão* está na sala». Segundos depois, ouvimos latidos soturnos, roucos e insistentes. O sr. Pereira, assim como sua mãe, sentiram carícias nas mãos e nas pernas. O interessante foi que, enquanto *Leão* se manifestava materializado, Quinzote, pela voz directa, ia dizendo:

— *Leão* estão satisfeito, está-lhes fazendo festas.

(Do DIÁRIO DA NOITE, de S. Paulo, edição de 14-3-949)

A VAIDADE

Por JOÃO DA SILVA BAPTISTA

O que é a vaidade? Não mais do que um fogo-fátuo, efémero e adejante em torno de um ser corrompido, mal formado.

Vista de longe esta fosforescência, parece uma luz viva, um nimbo, uma auréola, uma estrela por vezes cintilante, verdadeira.

Mas eis que caminhamos, que nos vamos chegando, aproximando dela...

E o que vemos? Vemos que o brilho que nós julgávamos ideal, não existiria, se debaixo dele não houvesse resíduos putrefactos, numa palavra, vãos.

A origem tirada do latim «vanus» é certa, porque só os vãos têm vaidade. E não teremos todos um pouco de vaidade, portanto, não seremos vãos?

Padre António Vieira igualou os vivos aos mortos, dizendo serem pó, mas distinguindo-os, afirmando serem os vivos pó levantado, os mortos pó caído; os vivos pó com vento e por isso vãos; os mortos pó sem vento e por isso sem vaidade. Ora, se nós, como diria Descartes, somos vivos e podemos dizê-lo, porque existimos e existimos porque vivemos, devemos então forçosamente ter vaidade. Uns mais do que outros. Se a consciência é clara, sabemos julgá-la e reprimi-la; se pensarmos que a perfeição total não existe, que tudo o que fizermos, por muito que seja, nada é, pois ainda nos resta muito que fazer; que por muitas qualidades que tenhamos, nenhuma temos, porque muito nos falta ainda para as ter, então, pensando assim, a vaidade toma para nós o seu verdadeiro sentido: futilidade!

Agora as opiniões mais ou menos balofas de certos enfatuados, baseando-se em conceitos falhos, em opiniões próprias mal fundadas de superioridade, esses que vivem assentes sobre um pedestal quimérico e vistoso por eles erguido, pedestal que não tem maior consistência do que a espuma, ornado com adornos, com enfeites que nada valem na realidade, a esses poderemos chamar os vaidosos!

Que reacções puderam provocar no seu meio, na sociedade em que vivem?

As reacções manifestam-se segundo o critério e o senso de quem as observa.

Não é raro que o vaidoso se veja rodeado por um grupo seduzido pelas suas aparentes qualidades. Todavia, se nesse amálgama confuso que é a multidão, existirem núcleos de razão límpida e desinteressada, então dar-se-á por força uma reacção crítica, de repulsa por esses mórbidos constituintes da imensa e complexa massa humana, onde, se muito existe de bom, também muito existe de mau!

ANAIS METAPSICOLÓGICOS

SOBRE A CRIPTESTESIA

Artigo de AKAR

POR criptestesia entendemos o conhecimento supranormal duma realidade, inatribuível a uma transmissão telepática ou recepão psicométrica. Bastariam já as experiências realizadas com L. Kahn e com o engenheiro polaco Ossowiecki para que este tipo de fenómeno metapsicológico tivesse ficado perfeitamente estabelecido como inatribuível à fraude e como correspondente a «uma potência oculta do homem». Contudo ele constitui um dos fenómenos de maior frequência e de mais fácil observação, porquanto não só são vulgares sensitivos possuindo essa faculdade, como ainda pode ser constatado nos passivos magnetizados ou hipnotizados, depois de atingido o estado de transe sonambúlico.

Ludwig Kahn começou por ser estudado em 1908 pelo psiquiatra Neumann e pelos professores Bchringer e Eiscle, quando respondeu no tribunal de Karlsruhe pela acusação de que se atribuia uma faculdade que não possuia. Em 1912, o prof. Max Schottelius submeteu-o a novas experiências, até que em 1925, em Paris, o grupo dos experimentadores do famoso «Institut Métapsychique International» conduziu com ele uma série de concludentes trabalhos, sob a orientação de Osty e Richet. Em regra, eram escolhidos vários bocados de papel onde, fora das vistas de Kahn, os presentes escreviam quaisquer frases ou esboçavam figuras. Dobrados os papeis e misturados, eram distribuidos. O famoso sensitivo conseguia não só ler aquelas frases ou reproduzir os desenhos, como indicar os seus autores, e isto num total de resultados certos que excede 90 % das experiências. O facto de, algumas vezes, L. Kahn solicitar um toque no papel ou o seu apoio na testa por breves momentos levou Charles Richet a emitir a hipótese de uma hábil fraude conseguida pela escamoteação dos papeis, mas uma sessão a que o sensitivo prontamente se sujeitou afastou a dúvida do espírito do grande cientista francês que julgava o fenómeno fantástico demais para ser real...

Em 1924, Gustave Geley conduz com Ossowiecki alguns trabalhos sensacionais. No primeiro, coloca-lhe na frente um envelope fechado contendo duas folhas de papel cinzento escuro entre as quais uma terceira com uma frase escrita a tinta simpática. O engenheiro descreve o interior do envelope, o indivíduo que fornecera a tinta ao cientista, mas... não consegue ler a frase. Em contrapartida consegue «ver» o negativo duma fotografia que Geley lhe dera e, noutra experiência, reproduzir fielmente um desenho de Charpentier, bem como o que este fizera e pensara antes de o elaborar.

Outro sensitivo notável foi Chizu Mifune cuja faculdade foi estudada por uma comissão de professores da Universidade de Tóquio e por Fukurai e Imamura, da Universidade de Kioto, em 1920. Ele chegou a «ler» mensagens colocadas em recipientes de chumbo com quatro polegadas de espessura.

Depois deste e de Bert Reese, o judeu polaco observado por Schrenck Notzing, Edison e J. Maxwell, entre outros, devemos citar a sensitiva «Sabira» que os médicos polacos Xavier de Watraszewski e Semeram-Siemiarowski puseram à prova no Hospital de S. Lázaro de Varsóvia, colocando-a diante de doentes vários e exigindo a indicação dos órgãos que ela «via» afectados de qualquer perturbação.

Apesar de tão numerosos trabalhos, o fenómeno ainda aguarda uma tese difinitiva que explique completamente o seu mecanismo. Charpenter e Blondlot supuseram que o cérebro emitia os «raios N» ou «raios de luz negra», os quais, atravessando as paredes dos corpos opacos iluminavam o interior, tornando perceptível à retina. Esta hipótese, porém, nem nos aclara por que não atravessam essa radiação os objectos ou escritos contidos nos recipientes fechados, nem nos aponta a sua natureza.

E a explicar-se o fenómeno por uma radiação, seria preferível admitir que ela, ao propagar-se e ao atravessar os vários corpos, produz neles uma luminescência que pode ser captada pelos sensitivos devido aos seus mais dilatados limiares psico-físicos sensoriais; Mas, antes, ter-se-á de «provar» a existência dessa radiação e ainda de determinar a sua natureza. Se ela é uma radiação cerebral, que região do cérebro a emite ? que factores influem na sua produção ou inibição ? qual o seu comprimento de onda ? qual o seu poder de penetração ? (1).

Estas e outras questões que se poderiam propor neste capítulo só revelam que os estudos de metapsicologia estão ainda incompletos de um modo geral e indicam ao presente que não pode nem deve dormir descansadamente à sombra da árvore plantada pelo passado. Se muito se estudou (e desvendou) o «modo» como os fenómenos se nos apresentam, se muito se aclarou das condições acidentais em que se produzem, há muito ainda para explicar do mecanismo íntimo, do funcionamento e das causas do metapsicologismo.

A existência em Portugal dalguns rasoáveis sensitivos (vulgarmente conhecidos por «clarividentes»), leva-nos a, destas colunas, incitar os experimentadores a tentarem, com a aquiescência daqueles, uma série de trabalhos análogos aos conduzidos pelo Instituto Metapsíquico francês. Não só os «clarividentes» poderiam demonstrar a realidade insofismável da faculdade que dizem passuir, como os experimentadores obter uma colecção de resultados probatórios a incluir em futuros «anais».

(Lembramos que, em 1947, assistimos a alguns trabalhos de criptestesia com os sensitivos Sr.as D. Eglantine B. e Isabel N. conduzidos pelo redactor desta revista Ramos Pereira e que nos mostraram, pelos seus resultados perfeitos, que era possível dilatar e adensar o campo da experiência).

(1) É de notar que embora com alguns pontos de semelhança, a «criptestesia» de que tratamos levemente neste artigo de divulgação é estrùturalmente diferente do fenómeno psicométrico bem mais fácil de compreender através da tese subsidiária do «ambiente meta-etérico» de Myers. (Vide Bozzano, in «Enigmas da Psicometria».

N.º 31
SETEMBRO
1 9 4 9

Página Dirigida
por KYLAS

Queridos pequeninos!

Sempre vos digo «muito bons dias»; nem me lembro — direis-vós — de quantas vezes recebeis à tarde ou à noite a revista.

A minha intenção, amiguinhos e amiguinhas, é outra, porém. Foi a mais fresca expressão que encontrei para vos saudar. É o alvorecer de um novo dia, é a alvorada da vossa vida. Que os dias da vossa vida sejam sempre bons, puros, transparentes.

A vida ensinar-vos-á muita maldade, muita malícia; será necessária muita força de vontade para vencerdes o desejo de imitar os outros nos seus actos orgulhosos, mentirosos, que vos parecem dar-lhes a felicidade terrena. Aconcelho, contudo, a que sejais precavidos e prudentes para que a vossa ingenuidade não seja alvo da malícia e chacota alheia.

Defendei-vos, não ataqueis.

A irmã de sempre
KYLAS

Os Sete Pecados Sociais

Na capela de Westminster pronunciou o padre Canon Donaldson um sermão em que dizia:

— Querei saber quais são os sete pecados sociais?

Ouvi. Resumem-se: na política sem princípios; na riqueza sem trabalho; no prazer sem consciência; na sabedoria sem carácter; na indústria sem moral; na ciência sem humildade; na religião sem sacrifício.

DEPOIMENTOS

O estudo foi para mim o soberano remédio contra os desgostos da vida, não tendo jámais um dissabor que uma hora de leitura não haja dissipado.

Montesquieu

É mais vergonhoso desconfiar dos amigos que ser enganado.

Rousseau — «Emile»

Não ligueis importância ao juizo superficial e malevolente dos outros. Será já fraqueza imitá-los.

Kant (Antropologia)

PROVÉRBIOS
DE
JOÃO MARIA FERREIRA

Quem tudo quer tudo perde;
eu tudo perdi num ai;
vivo agora a recordar
o tempo que já lá vai.

Dia a mais é dia a menos;
caminhemos devagar,
com prudência, com cautela,
não vá a morte acordar.

Passa o vento, fica a chuva;
o que é bom depressa passa,
fica o mal e a vida perde
seu frescor, e sua graça.

Terra negra, *tenho ouvido*
sempre dizer, dá bom pão;
acredito, que o diamante
também se extrai do carvão.

Os mortos vão-se... *eu não*
[creio,
isso são velhas histórias.
Os mortos vão-se... *Não,*
[ficam,
vivem em nossas memórias.

Devagar se vai ao longe;
é bem verdade, concedo.
Nem por muito madrugar
é que amanhece mais cedo.

Devagar se vai ao longe,
devagar que tenho pressa;
quem caminha com cautela
anda firme, não tropeça.

Grande nau, grande tormenta;
barco pequeno no mar,
melhor e muito se aguenta,
se o temporal o apanhar.

Pobreza não é vergonha;
antes ser pobre e honrado
do que ter grande pecúlio,
se foi mal arrecadado.

A quem Deus quer ajudar
o vento lhe apanha a lenha;
mas a quem Deus não ajuda,
não há mal que lhe não venha.

OS DOIS LUTOS

Por LEOPOLDO MACHADO

AS duas meninas de dez anos defrontaram-se. Eram coleguinhas de escola. Uma, tão simples, num vestidinho velho, creme, remendado. A outra, metida num lindo crepe de seda, negro, bem talhado.

— Porque está você tão triste? — perguntou a de negro.

— Eu... não sei... Desde que o papai morreu, há duas semanas, que não vou à escola, que ando assim...

— Também meu pai morreu... Eu estou de luto dele, mas não estou como você, tão triste...

— Antes do papai, foi a vóvó, a mãe dele — não sabe ? — que morreu... Mamãe quis que eu chorasse por ela, que eu ficasse triste. Mas eu não gosto de chorar, nem de tristeza. Fiquei, mas foi alegre, porque eu ia ganhar um vestido preto, bonito e novo, para todo mundo me perguntar por quem eu estava de luto. Eu acho bonito uma pessoa andar de luto, para todo mundo saber que morreu gente da família dela. Ganhei e vesti dois vestidinhos lindos. Um dia, mamãe disse que já tinha acabado o luto da vóvó e mandou eu tirar o vestido... Aí, é que eu fiquei triste e com uma vontade doida de ver morrer outra pessoa da gente, para ganhar outros vestidos pretos. Até que morreu papai. Se com a vóvó, que foi um luto curto, eu ganhei dois vestidos, com o papai, que é um luto comprido, eu já ganhei dois, e mamãe já mandou fazer mais dois...

— E você não chorou, não ficou triste ?

— Fiquei... um bocadinho só. Chorei um pouco. Ele era tão bom para mim ! Mas, só a alegria de ganhar os vestidos pretos... Depois, quem põe luto, não precisa de chorar, não precisa de ficar triste... Pois, já não botou luto ?

— Pois eu — disse a outra, os olhos húmidos de lágrimas — perdi o papai e não botei luto, porque mamãe é pobre e não crê no luto.

— Sua mãe e você não sentiram a morte de seu pai ?

— Oh! muito ! Todo dia, à noite, antes da gente dormir, rezamos por ele. E acabamos sempre chorando de saudade dele.

E a pequenina sentiu duas longas lágrimas escorrerem pelas faces abaixo.

— Pois a mamãe não faz assim comigo, não. Ela mandou foi dizer duas missas por ele, a que foi muita gente bem vestida, todos de preto...

— Ela tem razão. Botou luto e mandou dizer missas por seu pai. Meu luto e o da mamãe é, como ela diz, no coração: feito de preces, de lágrimas, de saudades...

(Do livro «Para o Alto»)

BAZAR DO RISO

Uma cantora de teatro, depois de cantar uma ária desastrosa, recebe uma autêntica pateada. Chamando a si todo o sangue-frio, faz subir de novo o pano, impõe silêncio e diz:

— Se continuam a patear, canto outra vez !

Teve uma grande ovação.

— Quem era aquele cavalheiro que cumprimentaste ?

— É o terceiro marido da primeira mulher do segundo marido da terceira mulher do meu primeiro marido.

— Quem o ajudou no roubo ?

— A banda da Guarda Republicana.

— Como ?

— Muito simples: ela passou a tocar. Todos correram para as janelas da frente e eu corri para as de trás...

— Vou dar um tiro nos miolos.

— Duvido.

— Julga que não tenho coragem ?

— Coragem, terás; o que não tens é miolos.

ENIGMAS

De CURVO SEMEDO

IV

Sendo em liso pau formado
De dois animais descende,
E é de quem serve e defende
Abatido e espezinhado.
Inda c'o bico fechado
Carne de vivos engole;
Sendo inflexível o mole
O rosto em ferros lhe prendem,
Vai de salto onde pretendem
E se não querem não bole.

V

Juntos vivemos e andamos
Vestindo trajos iguais,
E sendo amigos, jamais
Ver um ao outro estimamos:
Inda que mui longe vamos
Por solitário caminho,
Nenhum sai do pátrio ninho:
Por úteis ambos nos temos,
Mas o que juntos fazemos,
Eaz qualquer de nós sòzinho.

VI

Entre flores fui gerada
Trazida a cárcere feio,
Nutri mortais em meu seio,
Dei quartel a tropa armada:
A ferro e fogo roubada
Fui do lar que me abrigou:
Com Deus mil vezes estou,
Mas quão triste é minha estrela,
Valho menos sendo bela,
Do que depois que o não sou.

Explicação dos Enigmas do último número: 1.º É uma meada de linhas que, depois de perder a cor, vai à dobadoira onde perde o nome e a figura, por ficar em novelo. 2.º É a luz artificial, produzida pelo choque do aço na pederneira. 3.º É um relógio de algibeira.

★

CRIANÇA!

Ora sempre por aqueles que, com maus intuitos, se aproximarem de ti para maldizer de alguém.

Os que assim agem são irmãozinhos, muitas vezes impelidos pelo despeito, pela vaidade, pelo egoismo ou pelo orgulho, que desviam as criaturas de Deus, para as colocarem ao serviço do Mal.

De Icléia

ILKA

(AOS 7 ANOS)

por Vitorino Eloy dos Santos

Vai para a escola filha, vai; procura
Esse templo que as almas ilumina...
Flor em botão, mimosa e pequenina,
Mimosa e pequenina criatura.

Deus te acompanha, vai; minh'alma augura
A ti, querida filha, a melhor sina...
Flor delicada, angélica e divina...
Angélica e diina criatura !

Sabe vencer o mundo... não odiando...
Mas bendizendo a dor... mas perdoando,
Para que o mundo as faltas te perdoe.

Que a tua vida seja iluminada,
Por doce luz de intérmina alvorada...
Vai, minha filha, vai; Deus te abençoe !

Brasil, 1925

VOO CELESTE

(ILKA AOS 24 ANOS)

por Malfrido Souto Maior

Morrer tão cedo ainda, quando a aurora
Da vida de esperanças te sorria...
Morrer... Fatalidade... quem diria,
Que ontem ainda eras tudo, e nada, agora.

Morreste ?... Não: tua alma, Espaço em fora,
Cantando foi um hino de alegria...
E de lá, este mundo de ironia
Já te causa tristeza e te apavora...

É isto o que acontece, quando um ente,
Como tu, troca a Terra pelo Espaço,
E vai — no azul — viver alegremente...

Da matéria deixando as negras vestes
Num remígio de luz, vai no regaço
De Deus viver nos Páramos Celestes !

Rio, 4-5-943

O MOLEIRO, O FILHO E O BURRO

de Malherbe

Um homem, já perto dos sessenta, tinha um filho de 13 ou 14 anos. Um burrico levá-los-ia numa viagem que iam iniciar.

O primeiro que montou foi o pai; mas, após duas ou três léguas de caminho, o filho, sentindo-se cansado, seguia-o de longe, o que deu motivos aos que os viam passar para dizerem que o velhote procedia mal, deixando ir a pé um rapazinho tão novo. O pai, então, desceu e cedeu o lugar ao filho.

Ainda houve quem tal achasse estranho. Diziam que o filho era muito ingrato e de má índole por deixar ir a pé o pai.

Resolveram ambos montar o burro e ainda encontraram quem exclamasse:

Como são crueis ! Montam ambos o pobre bicho que levaria um só com dificuldade.

Logo que isto ouviram, desceram e conduziram o burro à sua frente. Os que os viam agir daquela forma riam-se deles, por irem a pé quando poderiam restaurar as forças, ora um ora outro, em cima do burro.

Nunca conseguiram agradar a toda a gente, pelo que passaram a proceder segundo a sua vontade e deixar ao mundo a liberdade de os julgar a seu belo prazer.

Tradução livre do francês

MUSEU IDEAL

O melhor museu seria o que tivesse as seguintes raridades: — As rodas da fama — uma das rodas da fortuna — um bode expiatório, um pomo de discórdia em álcool, um pedaço da pedra de escândalo, uma camisa de onze varas, um par de calças pardas, um pé de vento, uma corrente de ar enferrujada, o livro da vida bem encadernado, a rosa dos ventos uma das mós de moer a paciência.

Aspectos dos Grandes Homens

La Fontaine, cujas preciosas fábulas se tornaram um livro universal, era o homem mais distraído da Terra.

O príncipe de Condé convidou-o um dia para uma refeição, mas ele não apareceu. O príncipe ficou furioso.

Avisado por um amigo, La Fontaine, dirigiu-se ao vencedor de Rocroi para lhe apresentar as suas desculpas. Logo que Condé o avistou, voltou-lhe as costas.

— Obrigado, Senhor, exclamou o malicioso fabulista. Tinham-me dito que estáveis zangado comigo mas estou a ver que assim não é.

— É singular — faz o príncipe surpreendido —; e em que baseia a sua afirmação ?

— Vossa Altesa voltou-me as costas, e não é esse o vosso hábito de proceder para com os inimigos.

Este fino cumprimento fez desaparecer o mau humor de Condé que, rindo, estendeu a mão ao poeta.

K.

O URSO DE PÊLO

Por RUI CORREIA LEITE

O Bébé vive encantado
No mundo dos seus brinquedos;
Os seus dedos
São como dez meninos,
Ora rabinos.
Que nesse quarto azul
Com cortinas de tule,
Onde o Bébé
Brinca e sonha,
Não há quem lhe resista,
E tudo faz banzé,
Com medo dele,
E o soldado,
Aquele
A quem já falta um braço,
E a cegonha,
E mais o galo sem crista,
E o palhaço,
Já partido,
E o elefante trombudo,
E até o urso de pêlo
Que é o seu preferido,
Tudo,
Ao vê-lo,
Foge a esconder-se num canto...
Ai ! O Bébé brinca tanto !
Apanha um cavalo,
E zás !
Logo o desfaz
Em dois...
Depois,
Se não lhe dão a lua
Ou outra qualquer coisa
Que pretenda,
Amua,
E, como ninguém ousa
Castigá-lo,
O Bébé não se emenda...
... ...
Hoje, porém,
Já farto
De ter tudo o que quer,
O Bébé chega ao quarto,
Avança
Para o centro
Por entre a bicharada,
E, como não descansa
Enquanto não souber
O que ele tem
Por dentro,
Num último recurso,
Enterra a sua espada
De latão
No coração
Do urso.
O urso cai sem vida...
O Bébé examina
A ferida,
E, ao ver que ele era feito
De palha,
Por despeito
Ainda mais retalha
O pobre bicho,
— E a tragédia termina
No caixote do lixo...
Agora,
O Bébé chora,
Arrependido
Da sua cobardia...
De repente,
Vai à janela e, em frente,
Vê o Chico — um garoto,
Todo roto,
Cuja carita esperta
Se extasia,
E cuja mão aperta,
Com desvelo,
Remendado e cosido,
O seu urso de pelo !
... ...
E então, olhando o Chico,
É que o Bébé descobre
Que o que sobeja ao rico,
Faz a riqueza do pobre !

NÃO VÁ O SAPATEIRO...

Entrou uma vez Alexandre Magno na oficina de Apeles, por honrar com a sua presença a um sujeito tão insigne na sua arte; e começou a falar demasiadamente acerca da pintura. Apeles, com brandura cortês, mas picante, lhe disse:

— Senhor, veja que se ri o moço que moi as tintas.

Pe Manuel Bernardes

CURIOSIDADES

A medicina hipnótica começou a usar-se em 1840; ao descobrir-se, porém, o clorofórmio, em 1848, passou ao esquecimento. Depois da guerra de 1914, teve incremento. E em 1920, muitas pessoas, que tinham sofrido transtornos nervosos ou mentais pela tensão da guerra, foram submetidas a tratamentos hipnóticos.

«Hipnotismo — Ciência ou Charlataneria», de António M. Armas).

ESCOLA ESPIRITA

DEUS

3.ª LIÇÃO

P. — Deus reune todas as perfeições ?

R. — Deus é o manancial de todas as perfeições e nesse manancial vamos nós beber as forças de que carecemos para desenvolvimento e engrandecimento de nossas faculdades intelectuais e morais.

P. — Deus cria sem descanso ?

R. — Sim, Deus cria eternamente e é o maior trabalhador do Universo.

P. — Há mais do que uma pessoa em Deus?

R. — A razão diz-nos que Deus é um ser único, indivisível.

P. — Há seres que compreendem Deus melhor do que nós ?

R. — Sim: os seres que habitam mundos superiores à Terra; mas como o Espírito progride continuamente, mais tarde melhor o compreenderemos também.

4.ª Lição

P. — Devemos amar a Deus ?

R. — Sim, com todas as forças da nossa alma.

P. — Porquê ?

R. — Porque Ele a todos ama igualmente.

P. — Que devemos fazer para demonstrar que amamos a Deus ?

R. — 1.º Elevar para ele a alma em oração.

2.º — Confiar na sua justiça e na sua bondade.

3.º — Amar e respeitar os pais e seguir-lhes os conselhos.

4.º — Amar o próximo, perdoar sempre e fazer bem em troca do mal.

5.º — Ser caridoso, isto é, aliviar e consolar os que sofrem e fazer todo o bem que pudermos.

★

PORTA-BANDEIRA

Se fores o porta-bandeira,
Soldado que vais à guerra,
Nem que te cortem os braços,
Não na deixes ir a terra.

Bandeira das cinco chagas,
Se Deus a visse no chão,
Viria do Céu à Terra
Erguê-la por sua mão...

Ant.º Correio de Oliveira

ESTUDOS HISTÓRICOS

POR

DEOLINDO AMORIM

Correspondente no RIO DE JANEIRO

I

DE todas as actividades do Espiritismo, creio que a menos cultivada é a histórica. O desinteresse pela história do Espiritismo não se verifica sòmente no Brasil, onde o movimento espirita realizou e contitua realizando obra social das mais notáveis. É, por assim dizer, geral, ressalvando-se, é claro, os trabalhos de cunho histórico publicados em língua portuguesa e noutros idiomas. Mas esses trabalhos não são numerosos. Não há, na realidade, muito interesse pela parte histórica do Espiritismo.

Tenho, neste particular, uma experiência. Em 1939, por ocasião do 1.º Congresso Brasileiro de Jornalista Espiritas, inaugurou-se na sede da Liga Espirita do Brasil, no Rio de Janeiro, como desdobramento das actividades do Congresso, uma exposição de jornais e revistas espiritas. A exposição teve uma secção histórica, pequena, é certo, mas muito interessante. Basta dizer que figurou na «secção histórica» da exposição de jornais e revistas espiritas um elemento precioso, de alto valor histórico: o 1.º número do 1.º jornal espirita publicado no Brasil. É, como se vê, uma preciosidade, do ponto de vista histórico. Apesar disto, não despertou muito interesse. A exposição durou mais de uma semana, foi aberta ao público, mas apenas registei duas visitas especiais. Outras pessoas, confrades nossos, entravam na sala, viam aquelas coisas antigas, mas nem sequer faziam perguntas a esse respeito. Apenas dois estudiosos, tendo lido notícias nos jornais, foram à sede da Liga especialmente para visitar a «parte histórica» da exposição.

Através de outras observações, já pude formar a certeza de que não há, no meio espirita, muita propensão para investigações de natureza histórica. Poucos, pouquíssimos são os Confrades que fazem estudos deste género. O fenómeno, entretanto, não é apenas brasileiro. É certo que temos bons trabalhos históricos. Chiesa, na Argentina, por exemplo, escreveu um trabalho sobre a doutrina e a origem do Espiritismo, trabalho que, com justiça, já foi citado no Brasil. Na Inglaterra já foi divulgado o livro de Ernest Thompson, intitulado «History of Spiritualism», que é o último subsídio histórico. Martins Velho, em Portugal, também tratou da parte histórica do Espiritismo. Temos, no Brasil, embora poucos, bons trabalhos de fundo histórico, entre os quais é justo incluir o livro de Alfredo Miguel, da Baía, sob o título (Heroinas de Hydesville» e, como interessante contribuição, o «Esboço Histórico» do mesmo autor. Há outros trabalhos.

No terreno pròpriamente de pesquisa histórica, que é terreno diferente da compilação histórica, não posso deixar de citar dois confrades brasileiros: o Dr. Francisco Klors Werneck, antigo redactor da crónica internacional da Revista Espirita do Brasil (orgão oficial da Liga Espirita do Brasil), membro do Instituto Genealógico Brasileiro, e Lippman Tesch de Oliver. Sei que, no Rio como no interior do Brasil, existem outros confrades que se dedicam a investigações históricas, inclusive Ruy Vargas, no Rio Grande do Sul. Crisanto de Brito fez, também, grandes pesquisas históricas. Refiro-me nominalmente a Lippman Tesch de Oliver porque conheço a importante biblioteca deste Confrade, já tive a honra, mais de uma vez, de lhe fazer visitas familiares, e já observei, de perto, o sistema de estudos, o rigor das investigações desse infatigável pesquisador, cujo nome, todavia, não aparece com frequência na imprensa espirita e, muito menos, na tribuna de conferências, porque, sistemàticamente, não fala em público. Klors Werneck, a quem se deve, em grande parte, o conhecimento das obras de Bozzano e de mais alguns autores estrangeiros no Brasil, é pesquisador de vocação. Sua biblioteca é das maiores de quantas conheço, no género espirita.

Temos bons escritores espiritas. Mas poucos se dedicam à história do Espiritismo. Todavia, como estamos vendo, alguns confrades têm bom material de pesquisa e gostam de pesquisar. Não se pode dizer, portanto, que não existe alguma coisa, muito importante, no campo histórico do Espiritismo. Mas o que não deixa de estar bem claro é que o grosso, o conjunto dos adeptos do Espiritismo não dá muito valor à parte histórica da doutrina e dos factos que lhe servem de base. Diga-se, aliàs, de passagem, que a pesquisa histórica é assunto de selecção, de grupo, e não de massa. Mas precisamos despertar interesse pela história do Espiritismo. É este o fito do presente trabalho.

(Conclui no próximo número)

A ORIGEM E ORIGEM DAS

Por RUFINO JUANCO

NO meu último artigo, disse eu que buscar o elo perdido era tempo perdido, ou porque só tenha existido na fantasia de alguns escritores, ou porque, em virtude de ter realmente existido, é impossível encontrá-lo por estar sepultado no fundo do mar, outrora terras da Lemúria e da Atlântida, como afirmam os ocultistas.

Eu não sou muito afecto à Bíblia, mas isso não me impede de admitir que Moisés, o autor do Pentateuco, se antecipou aos sábios naturalistas conhecidos, ao expor na «Génese» a ordem cronológica em que foram aparecendo os diferentes reinos, géneros e espécies, inclusive a espécie humana. Os seis dias da criação (leia-se períodos de tempo) equivalem exactamente às idades Primitiva, Primária, Lendária, Terciária e Quaternária, ou aos períodos Cósmico, Azóico, Paleozóico, Mesozóico e Neozóico. Nisto estão de acordo a ciência e a religião. Estão de acordo em que o Homem apareceu no Sexto Dia, na Idade Quaternária, no Período Neozóico.

Com respeito à antiguidade do homem, há um sem número de cálculos fantásticos; fantásticos, digo, porque se baseiam no erro de ter achado fósseis ou restos nas camadas terciárias da Terra, tomando-os por restos de homens pre-históricos, ou de seres intermediários entre o homem e o animal. Assim sucedeu com o esqueleto de Castenodolo que causou grande alarme na Europa no fim do século passado. Mas, segundo o ditame insuspeito do materialista Topinard, «nem sequer pôde afirmar-se que estava fossilizado, o mesmo se passando com o famoso crânio de Calevaras que depois se verificou ser de um índio.

A propósito dos diferentes fósseis, utensílios, armas e outros produtos humanos que é hábito citarem-se como pertencentes à época terciária, o professor Dr. A. Jacob, no seu livro «El Hombre - Estudios de Antropologia y Etnografia», diz: «todas as tentativas para calcular a antiguidade absoluta do homem e exprimi-la em algarismos tem fracassado, pois o limite dos cálculos que oferecem alguma segurança não vai além de 7.000 anos, nem a Paleontologia, nem qualquer outra ciência puderam confirmar ainda a teoria *piticóide*, que faz descender o homem do macaco».

Os Congressos científicos de Bois, em 1884, e de Munique, em 1906, repelem absolutamente a hipótese do homem terciário. Por outro lado, a religião diz que, neste ponto, nada de positivo tem sido revelado e que é um erro acreditar que a Bíblia ou a Religião ensine que a antiguidade do homem é de 6.000 anos. Logo, neste particular, também reina a mais perfeita harmonia entre a Ciência e a Bíblia.

Quanto à questão da origem da parte *corporal* do ser humano, mais ou menos semelhante à do animal, nenhuma palavra aventura a Religião. A Bíblia só diz que Deus *formou* o corpo do primeiro homem do *pó da terra*, isto é, dos elementos materiais ou terrestres que já existiam, sem aludir a novo acto de criação.

Segundo a Bíblia, Deus disse: «produza a terra alma vivente, animais e répteis», de forma que a alma dos animais é produto da terra; mas a do homem é sopro de Deus, porque se lê: «infundiu ao corpo humano um sopro de vida». Deus não disse «produza a terra ao homem», mas «façamos o homem». O próprio Séneca, filósofo pagão, reconhecia isto, quando escreveu estas palavras: «A Natureza idealizou-nos antes de nos fazer, pois o homem não é obra ordinária ou casual». Substituamos a palavra *Natureza* pela palavra *Deus* e teremos o mais belo comentário da filosofia humana relativo a esse famoso «façamos o homem».

Passando agora à origem das espécies, sabe-se que quem lhe deu foros de sistemática foi o grande naturalista inglês Charles Darwin. Mas devemos saber que Darwin, com precaução bem fundada, não aplicou ao homem a teoria da descendência. Os seus discípulos Huxley, Haeckel e outros observaram menos prudente reserva, apoiando a sua teoria da descendência do homem de uma

DO HOMEM
A
ESPÉCIES

espécie simia na pretensa semelhança do corpo humano com a organização corporal dos macacos *antropóides,* isto é, macacos sem cauda, como o gorila, o chimpanzé e o orangotango. Contudo, os mesmos sábios que a princípio admitiram o sistema darwinista, viram-se obrigados a repeli-lo e dividiram-se e subdividiram-se em bandos e escolas. E não devemos estranhar isto, já que o próprio Darwin, nas últimas edições de suas obras,

Correspondente no México

confessou ingènuamente *ter exagerado* a influência das causas que, em sua opinião, haviam determinado a modificação dos organismos e a formação das espécies. Quais foram as causas? As principais foram a selecção natural e a luta pela existência, que Lamark resume na adaptação ao meio ambiente.

Segundo a minha maneira de ver, o sistema da teoria darwinista, ou darwiniana, não derivou muito dos factos observados; estes é que foram acomodados forçadamente ao sistema de antemão estabelecido.

Os darwinistas nunca poderiam destruir esta minha argumentação. O meu silogismo irrefutável é o seguinte: o darwinismo supõe que o primeiro vivente ou protoplasma se formou por geração espontânea da matéria bruta. Tal suposição é anticientífica e falsa; portanto, é falso e anticientífico o darwinismo. A premissa maior é sustentada pelos darwinistas; a mim cabe provar a premissa menor, e vou já dizendo que, pelas experiências irrefragáveis e pelas observações mais escrupulosas de Pasteur, Schwan, Tyndall e outros sábios, demonstrou-se que todo o ser vivo provém de um germe; logo, não houve, nem há geração espontânea. Que podem responder a isto os darwinistas? Nada.

Além disso, consta, pelos fósseis encontrados nas diferentes camadas terrenas, que não foram os animais de organização superior, mas os inferiores, os que venceram na luta pela existência. Além disso, repito, creio que não seria suficiente para prova indutiva achar um ou outro crânio, mas seria indispensável uma longa série de crânios fósseis que demonstrassem a lenta transformação do macaco em homem. Mas não existe tal série, nem um exemplar sequer da mesma. Há, pois, um abismo intransponível entre o macaco e o homem. E se existem algumas semelhanças corpóreas entre ambos, mais são as dissemelhanças que os distinguem.

Quero dizer com isto que não há Lei de Evolução? De modo algum, certo é que o grande filósofo alemão Kant dizia que a ideia da Evolução é uma excêntrica ousadia da razão, devendo talvez referir-se, não à evolução anímica de que nos fala o ilustre espirita Gabriel Delanne, nem à evolução psíquica que o Espiritismo moderno proclama, mas à evolução nìtidamente orgânica ou das formas corporais.

Como quer que seja e ao terminar este artigo, formulo aos meus leitores, entre os quais há muitos mais adiantados e evolucionados do que eu, as seguintes perguntas, às quais espero se dignem responder satisfatòriamente:

1.ª — Se é falsa a teoria da descendência do homem dos animais, como se explica a existência no organismo humano de orgãos rudimentares ou atrofiados?

2.ª — Que significa esse facto de que nos fala a Embriologia, de que o homem, nas primeiras semanas da vida embrionária, passa sucessivamente ou reveste as formas das principais espécies animais que ainda hoje existem?

3.ª — Não constitui tudo isso uma lição objectiva que a própria Natureza nos oferece, para dar-nos ideia da transformação das espécies?

Oxalá haja alguém que, por intermédio da revista *Estudos Psíquicos,* possa e queira fazer um pouco de luz em tão grande obscuridade: não se trata de polémica, mas de falar ou escrever amigàvelmente. Com a maior sinceridade lhes agradecerei.

(I. D. S. traduziu)

A MORTE

Por Damião de Vasconcelos

Que ditoso e prudente é aquele que procura ser tal na vida, qual deseja que Deus o ache na morte!

Trata agora de viver de tal modo, que na hora da morte possas antes folgar que temer; e toda a biografia do homem se resume em três palavras: nascer, viver e morrer. Desde que nascemos, começamos a caminhar para a sepultura, e a cada hora, que vai passando, nos aproximamos dela mais. A lei da morte é universal.

Porque nos há-de horrorizar o pensamento da morte ? Esta passagem não é tão terrível como nós a imaginamos. Nós mesmos levantamos fantasmas para nos assustarmos e nos atormentarmos com uma quimera, produto da nossa imaginação, e esquecendo-nos logo que é obra nossa, o mesmo nosso pavor a anima, e tremendo ante ela, não ousamos levantar para ela os olhos, sem que o pavor nos assombre e o susto nos aterre.

A alma encarcerada no corpo, vive aqui num sepulcro. Escrava atormentada nas trevas, apenas ela pode aproveitar-se de algumas luzes da verdade através dos espessos orgãos dos sentidos. A morte só sepulta o corpo, libertando ao mesmo tempo a alma da sua prisão, e dissipando-lhe todas as nuvens, dá-lhe azas para voar à imortalidade.

Sê, pois, benvinda, ó morte. Eu te rendo graças da tua próxima chegada. As queixas, a velhice, advertem-me que já não está longe de mim. Com que gosto abandonarei este pó que arrasto, até àquele dia em que, tornando a achar-me no seio dos elementos e dos abismos da natureza, com ele tornaria a viver.

Devemos aceitar e sofrer a morte, não como um mal ou um castigo, que abre imensas e terríveis perspectivas, mas como a última função da vida; o pagamento de uma divida e o supremo dever. É o cumprimento de uma lei comum a todos os seres, útil para o conjunto e salutar para nós próprios. E, como os nossos predecessores morreram para nos darem lugar, nós também devemos morrer para cedermos o lugar aos nossos sucessores.

Não há ninguém que viva tanto na terra como aquele que está sempre prestes a morrer.

Eles te chamam, tu foges — diz o poeta à morte; — eu quero viver, tu, vens.

Quem viver em paz consigo próprio e com todo o mundo, não receia apresentar-se diante de Deus.

«*Morrestes: acabaram-se todas as moléstias e aflições que martirizavam um corpo humano; e até o temor da mesma morte se acabou, porque os mortos já não podem morrer*». (A. Vieira).

Como é que alguem pode ter um alto ideal da vida quando o seu espírito é constantemente assombrado por medo da morte que virá, num instante, demolir todos os nossos planos? A preparação perpétua para a morte iminente é anormal e fatal a todo o progresso e felicidade. Mas o medo alucinado da morte não existe, quando a vida é normalmente pura, quando se tem a pureza, a caridade e a fé, que são companheiras da alegria e da confiança.

Oh morte, quão amarga é a tua memória para o homem repleto no meio das suas riquezas, para quem tudo corre fagueiro e a saúde abunda; e em troca, como é branda a tua sentença para o fraco, a quem as forças deixam e que, descrépito e torturado, a paciência falta !

É necessário matar, a dentro de nós mesmos, o temor da morte, causa ancestral de todos os nossos males, o maior obstáculo que sempre se opôs ao nosso avanço; com o temor da morte estão intensamente ligados os demais: o temor da dor, o temor do esforço redentor, e, sobretudo, o temor do desconhecido, que tudo esteriliza.

Nada devemos temer. Antes consolarmo-nos. A vaidade dos homens não logrará obscurecer na nossa alma as verdades divinas. Assim como distinguimos o mal do bem, assim distinguiremos a morte da imortalidade. Deixaremos aqui um corpo, qual armadura que nos fatiga, para continuar a nossa ascenção infinita para os altos cimos, banhados de luz eterna.

Se tudo quanto nasce morre, tudo quanto morre renasce indefinidamente. Mas o espírito humano, em troca, jamais pode ser morto; nem fogo queimá-lo, nem água afogá-lo, nem espada feri-lo, porque é eterno, infinito, incomensurável, como aquela divina essência, de que emana.

E assim, convencidos desta verdade, que não sofre refutação, deixemos o temor da morte, e fazendo o bem, cumprindo as Leis Divinas, é sem temor que encaramos a morte, transmissão de um estado para outro estado, com confiança em Deus, porque vivemos de tal sorte, que achamos prazer na morte.

A morte é, pois, esse termo inevitável, e como pode surpreender-nos de improviso, devemos estar constantemente preparados para a receber com calma, no estado de espírito de bom operário que nunca querendo empregar mal o seu tempo, se encontra sempre habilitado, em qualquer momento, a ser inspeccionado no seu trabalho.

A morte não dá uma ideia de liberdade; a morte é a purificação do espírito, a morte é um estado mais além em que tudo se encerra, resume e santifica, onde tudo se confunde e se conjuga na beleza de Deus e do Mistério.

A morte é a paz; ali tudo termina. Não é bem assim: a morte é a realidade do milagre, é a volta do espírito, é o estado material que termina para viver mais longe, mais elevado, mais alto, mais puro. A morte, de facto, não existe, porque é eterna. Lavoisier, afirmando que «*nada se perde, e nada se cria*», disse a maior verdade conhecida.

Os fogos fatuos que se observam nos cemitérios são as materialidades do que morre; não são os espíritos; estes são imortais.

Os mortos não ficam sós; os mortos tem o culto dos que ficam, até dos que vivem eternamente lá no mistério insondável. O morto tem, no Além, outra existência que é o prémio da sua virtude ou o castigo dos seus crimes.

Sim, o que se gasta aparentemente é a matéria, a carne, os ossos a que se ligam os nervos que avigoram. O espírito, esse, é imorredoiro. Portanto, se cometemos crimes, ofendendo e caluniando, fiados em que, ali adiante, no Campo Santo, se liquida tudo com um toque de sineta à entrada, enganamo-nos re-

A Reencarnação e os Evangelhos

Por A. N. Pinheiro Ramos

IX

No Evangelho segundo João, III, 1 a 12, encontramos o seguinte diálogo entre o senador Nicodemos, mestre em Israel, e Jesus.

Em resposta a esse personagem, que indagava o que era preciso para *entrar no reino dos céus, respondeu Jesus:*

— Em verdade, em verdade, digo-te: ninguém pode ver o reino de Deus senão aquele que nascer de novo.

Ouvindo a resposta, indagou Nicodemos:

— Como pode nascer um homem já velho? Pode tornar a entrar no ventre de sua mãe, para nascer segunda vez?

Retorquiu-lhe Jesus:

— Em verdade, em verdade, digo-te, se um homem não renascer da água e do espírito, não pode entrar no reino de Deus. O que é nascido da carne é carne e o que é nascido do espírito é espírito. Não te admires de que te haja dito ser preciso que nasças de novo. O Espírito sopra aonde quer e ouves a sua voz, e não sabes donde vem, nem para onde vai; o mesmo se dá com o que é nascido do Espírito.

Reperguntou-lhe Nicodemos:

— Como pode isso fazer-se?

Ao que Jesus observou:

— Pois que! És mestre em Israel e ignoras estas coisas? Digo-te, em verdade, em verdade, que não dizemos senão o que sabemos e que não damos testemunho senão do que temos visto. Entretanto, não aceitais nosso testemunho. Mas, se não me credes, quando vos falo das coisas da terra, como me crereis quando vos fale das coisas do céu?

Eis, em sua nudez, o texto evangélico que tomamos do capítulo III de João, logo no seu início, e que nos afirma mais uma vez, com a autoridade do Mestre, a condição necessária a todos, de reencarnar, pois que, estabelecido ficou indiscutivelmente que ninguém pode ver o reino de Deus, isto é, atingir a perfeição para que está destinado, se não nascer de novo.

Esta afirmativa do Cristo, taxativamente expressa como condição indispensável para a aquisição da virtude e posse do saber que autorizem o ingresso no reino dos céus, encontra-se claramente afirmada e reafirmada no mesmo diálogo, para que não restasse dúvidas, tanto que, retorquindo a Nicodemos, Jesus insistiu na assertiva, robustecendo o que dissera inicialmente: «*Não te admires de que eu te haja dito ser preciso nasças de novo*».

É possível querer-se mais categórica afirmação da lei dos renascimentos, ou seja, da Reencarnação?

Pelas palavras renascer da água e do espírito se tem querido interpretar como sendo o baptismo. Preciso é compreender-se e ponderar que o baptismo não era usado em Israel nem entre os primitivos cristãos, sendo uso corrente entre os Essénios. Jesus não poderia ter-se referido a ele, visto como, se o fizesse, não teria aludido e frisado a Nicodemos que ele, mestre em Israel, deveria ter conhecimento do que Ele, Jesus, afirmava, dada a sua qualidade de iniciado nos conhecimentos da arca, reservados aos que se preparavam para a mestrança.

Ora, se o baptismo não existia entre os Judeus, se ele não foi praticado pelo Cristo, que não baptizou nem mandou baptizar, tanto que os apóstolos, também, não baptizaram, está bem visto que não foi a ele a que se referia o Nazareno. E tanto não foi, que, respondendo à dúvida oposta quanto ao facto de não ser possível voltar um homem já velho ao ventre materno, Jesus reafirmou o que dissera antes e até criticou um tal desconhecimento por parte de um mestre em Israel que, como tal, devia estar ao par dos ensinos referentes à Reencarnação que eram dados aos que recebiam a iniciação judaica, embora ficassem ocultos ao povo, que não podia, pela sua incapacidade, receber os ensinos maiores.

Claro que não foi ao baptismo que Jesus aludiu, não só porque ele não existia em Israel, como porque não é condição indispensável à salvação.

Ela só veio a ser instituída como norma obrigatória, depois da vitória e liberdade dada por Constantino, quando o Cristianismo se converteu em Catolicismo.

---

dondamente, e mostramos não saber o que é a vida, nem o que é a morte, transmissão de um estado para outro estado.

De resto, não há morte, mas apenas mudança de *meio*.

O que morre, vive; o que chora, ri e triunfa; o que sofre, goza eternamente. Corpo é vestido, alma é pessoa.

Não há mortos, há ausentes; ninguém morre, porque a morte não existe; há só presença, ou ausência dos seres; o ausente não desaparece para sempre; tudo o que é hoje presente há-de ser ausente um dia, mas essa ausência será presença quando nos ausentarmos também.

Deve-se ver, pois, na Morte uma transição de vida, a mudança de envólucro ou domicílio.

Em vez de túmulos, a nossa sensibilidade deve ver apenas depósitos de cinzas dos envólucros das almas. E as cinzas entrarão na vida activa do universo; e as almas viverão resplandescentes e felizes, acima das cinzas, à espera de nós, porque convivem em espírito com todos os filhos de Deus, com os do Além e com os do aquém, como todos os que mais temos amado e amamos.

A morte! Ninguém a desconhece; é a única coisa certa que todos temos, e, todavia, passamos a maior parte da vida sem nunca pensarmos nela, sem a ver.

TITO L. BANCÉSCU escreveu...

A Atmosfera Espirit

I

MUITAS vezes os observadores e experimentadores têm verificado que nas sessões mediúnicas predomina a rotina, isto é, a notória deficiência dos fenómenos de incorporação, psicografia, vidência, ou qualquer outro género. Em geral, isto atribui-se a falhas do médium, predominando o critério materialista ao comparar o instrumento mediúnico a um receptor de telefonia.

Estes erróneos pontos de vista demonstram exuberantemente que o problema não tem sido estudado com método em todos os pormenores, em suas causas e seus efeitos. Daí, a rotina que leva o desânimo aos assistentes. Se se tivesse procurado a etiologia de semelhante estado de coisas, certamente que nos médiuns dos grupos simples ou dos centros científicos modernos se encontraria a causa desse dominante círculo vicioso, ao mesmo tempo que se obteriam resultados absolutamente satisfatórios entre os homens de ciência que buscam sinceramente a verdade:

Nas experiências metapsicológicas desempenha grande papel a lei de afinidade e a harmonia na sua mais lata expressão. Principalmente, a afinidade moral desempenha função de fundamental importância. Como é possível que nas reuniões organizadas «ad hoc» se registem fenómenos transcendentes que assombrem os cientistas, se se descuida a parte essencial do problema? Para melhor conseguir propósitos inspirados em elevados objectivos, é necessário o estudo prévio da física e da psique, cujas leis vibratórias ainda não são devidamente conhecidas.

Na fenomenologia paranormal intervêm precisamente leis suprafísicas, cujas consequências afectam os sensitivos. Desde que o dínamo-psiquismo humano vibra e capta as sensações, e sendo, portanto, uma espécie de antena fluídica, é imprescindível prestar a maior atenção, no conseguimento de objectivos destinados a servir a ciência no seu avanço.

Não devemos censurar as pessoas simples e boas que se reunem para comunicar com os falecidos, lá porque não têm o necessário desenvolvimento espiritual para formar conceitos precisos acerca da lei de afinidade, de harmonia ou de vibração. Em compensação, são guiadas pela fé, essa vibração inconsciente que muitas vezes lhes proporciona fenómenos que não se conseguem tão fàcilmente nas experiências realizadas por universitários aferrados ao paralelismo psico-fisiológico. Sobrada razão tinha o sábio Dr. Gustave Geley quando afirmou que «a metapsíquica é uma ciência original e nova».

No caso dos homens simples abunda o que falta aos cientistas: a cooperação vibratória que contribui para a formação do clima moral e ectoplásmico, indispensável à produção do fenómeno. Se o clima for adequado obter-se-ão interessantes manifestações mediúnicas. Em caso contrário, abundarão as de natureza anímica ou a sugestão — inclusive a auto-sugestão — e produzirão os seus efeitos.

Como se vê, da elevação moral dos reunidos em experiência depende a categoria das comunicações. Não devemos atribuir a culpa sempre aos médiuns, quando as comunicações são anímicas ou de pouco valor, pois até os de elevada moral fracassam irremissìvelmente em ambiente imoral e perverso, indício cabal de que as forças morais desempenham funções de verdadeira transcendência. Claro, que esta afirmação será de pouca monta para a maioria dos cientistas — e para os metapsiquistas materialistas —, mas os factos falam com toda a sua eloquência. São corroborados por individualidades da envergadura do Prof. Dr. Pietro Ubaldi, autor de uma série de obras importantes e que, ao mesmo tempo como médium, experimentou em si próprio o efeito das harmonias e desarmonias de ambiente. Vejamos o que ele nos diz a tal respeito:

«Em parte alguma a sinfonia é tão cacofónica como nas grandes cidades modernas. Aqui, nem de perto nem de longe me pode ajudar o círculo das simpatias que, à semelhança do mediúnico, aperta em meu redor o anel da compreensão. Lá fora, a maravi-

lha da natureza representa uma harmonia imensa e espontânea que nos guia para a sensação directa do pensamento de Deus. Haverá ambiente mais harmónico que o da natureza em que está sintonizado o conceito divino? Haverá atracção mais doce e potente que esta vibração em que se organiza o universo? Quando, da profundidade dos seres e das coisas surge tal emanação, a sintonização é fácil. Nas cidades, tudo isto é separado por milhares de barreiras e a atmosfera espiritual que irradia das massas humanas é baixa e imunda; nela dominam sentimentos violentos, ávidos, egoistas, deprimidos, sempre desagregantes, que cerceiam a energia e inibem o fenómeno. A psique do sensitivo vem a ser molestada muito mais ainda, porque são vibrações de tipo humano mais próximas do sujeito, portanto mais propensas a interferir do que as outras dissonâncias da natureza evolutivamente mais afastadas, que são reabsorvidas na potência da ordem universal. Na cidade, a presença de ondas — pensamentos brutalissimos — é imediata e trasbordante; é um assalto de vibrações ofensivas de carácter infimo, equivalentes, nos efeitos de captação, aos distúrbios, aos ruídos parasitas e às interferências da audição radiofónica. Para que a recepção inspiradora seja pura, exige-se pureza de ambiente, de ânimo e de intenções. Por isso é essencial a purificação do médium, problema este que estudaremos separadamente mais adiante. Toda a vibração que careça de equilíbrio e de elevação moral, actua como doença, imprime certas manchas na captação, dispersa as imagens conceptuais».

As reuniões e experiências mediúnicas de carácter espirita ou metapsíquico, realizam-se quase sempre nas grandes urbes e nas ruas em que o ruido dos veículos, das fábricas ou dos vizinhos constituem enormes obstáculos. Aqueles que em tais sítios puderam observar os médiuns, viram como eles sofrem no ambiente hostil da vizinhança. E se a isto juntarmos as baixas e sórdidas vibrações dos elementos do recinto, é fácil imaginar a espécie de comunicações extra-terrestres que se obtêm.

Os resultados mediocres ou os fracassos não podem ser logo atribuídos ao Espiritismo ou à Metapsíquica Espiritualista, mas àqueles que não têm preparação ética e espiritual, nem procuram afastar-se dos ruídos perniciosos.

Diz o ilustre escritor e experimentador francês Léon Denis que os druídas da antiga Gália preparavam os médiuns durante vinte anos e com eles faziam sessões experimentais nas montanhas, nas selvas ou nos campos. Deste modo obtinham intercomunicação com espíritos de elevadissima categoria. Este exemplo é digno de ser imitado pelos espiritas ou metapsiquistas contemporâneos. Para isso, o médium ou os médiuns têm que submeter-se a vida sã, a alimentação frugal, a exercícios físicos, prescindindo do álcool e do tabaco, etc. Uma série de ensaios neste sentido permitiria diferençar a qualidade das comunicações e as que constituissem, efectivamente, um móvel destinado à renovação do nosso clima experimental, no sentido do equilíbrio e da harmonia indispensável aos fins éticos e doutrinários do Espiritismo.

O Dr. Ubaldi não termina ali as suas observações. É necessário reproduzir outros fragmentos, devido ao interesse que suscitam. Ouçamo-lo:

ıal nas Experiências Mediúnicas

«A presença de várias pessoas espiritualmente hediondas pode causar ao sensitivo intenso sofrimento. Quando, por necessidade social, tem que viver em tais ambientes, sua alma é obrigada a concentrar-se em si mesma e não abrir-se mais, como instinto de defesa. Não pode compreender a razão de ser forçado a viver às vezes em certas sociedades espirituais, onde o sensitivo sufoca, enquanto os outros respiram a plenos pulmões. Tudo é relativo e é questão de ouvido. No caso da minha mediunidade, a natureza da onda psíquica das noúres que enfrenta é de tal delicadeza, que fàcilmente se ressente de todos os estádios psíquicos do ambiente, ou, por outras palavras, uma fonte de emanações psíquicas de carácter moralmente baixo deforma a própria onda. Pode conseguir-se isolamento, mas à custa de reacções, isto é, estabelecendo um estádio reactivo que para o médium representa grande desperdício

Intimidades

I

ESTOU convencido que na medida em que eu souber surpreender o que realmente se passa em mim (e não apenas o que passa por mim) e puder fixá-lo, estarei definindo marcos na estrada da minha existência e ajudando os outros a mergulharem, através de mim, em toda a aliciante estranheza e desencontro da alma de um homem.

Eu sou um homem-qualquer que, como a «Anna Kadar» de Mihaly Földi, alcançou a certeza de que já existia quando ainda não vivia e que continuará existindo, mesmo depois de morto. E só com esta certeza eu posso continuar vivendo, mesmo quando o que a vida me estende é um cálice do mais amargo travo, mesmo quando sou forçado a viver o que não queria e quero o que não sei se algum dia chegarei a viver. Com esta certeza, o fora-de-mim aparece-me como um mundo estranho só com leves traços de semelhança com o que sonhei em mim, mas que tenho de abraçar porque a isso me obriga o ímpeto que acumulei nos braços quando ignorava o ilimite do existir e a fugacidade do viver. Onde radico esta certeza? Houve tempos em que julguei que ela constituia uma conquista do meu cérebro; hoje já não sei se é ela que dá sentido à minha vida, se é esta que, na profundidade, lhe transmite a sua característica de segurança, já não sei se ela vive de mim, se sou eu que vivo porque a possuo, de tal modo essa certeza resolveu a problemática geral da vida.

Eu sou um espírito que o peso de um passado negro lançou à terra para viver mais uma hora da eternidade do seu existir; eu sou um espírito que escuta nos fundos abissais do «eu» o cachoar tumultuoso das paixões que, em outras vidas, criou e fortaleceu, quando agora desejaria sòmente ouvir os ecos despertados pela voz que lhe mostrou o para lá da vida, essa voz que se formou em si e que, apesar disso, levou anos a reconhecer. Eu sou, como disse Scheler, um microcosmo resumindo em si toda a estrutura existêncial da vida, mas um microcosmo que aspira à dilatação dessa estrutura aos limites da própria vida.

E apesar destas certezas, desespero... Desespero, exactamente pelo facto de ter consciência da minha natureza espiritual. Desespero pelo tempo que ignaramente perdi, por não ser o que queria e já poderia ser, desespero de mim-mesmo com a certeza de que esse desespero constante dá um sentido novo ao meu existir, porque será pela insatisfação do presente e pela ânsia de futuro que nesse desespero se imprimem, que eu treparei a ladeira íngreme e pedrogosa das minhas vidas até ao ressurgir das «minhas» próprias cinzas no cume do «meu» calvário. É afinal o desespero de *ter tomado o gosto do que é ser homem*, de ter realizado em mim o pensamento de Miguel de Unamuno — «O homem como que está nadando no seio da divindade, agarrado a várias tábuas de salvação! a única coisa que quero é tirar-te essas tábuas de salvação, para te deixar sòzinho e te incutir ânimo para continuares nadando». Eu aprendi a conhecer a angústia do viver descrita por Kirkegaard e, por isso, posso continuar a viver nela, «mesmo depois dos terrores do mundo finito terem já começado a sua música e de os discípulos desse mundo terem já começado a perder a cabeça e a coragem», porque eu sou «como uma taça a cantar e que no seu próprio cantar se quebra», a taça de Reiner Maria Rilke.

E na consciência do que sou, irei atirando estes farrapos de intimidades, farrapos do pano com que se cobre o viver dum

Homem

---

representa grande desperdício de energias que lhe são necessárias, e isso com prejuizo da recepção. Cada ruído, cada desequilíbrio de sintonização, faz precipitar a tensão nervosa — às vezes dolorosamente —, se for brusca e vier de improviso, e destroi inteiramente a visão do mundo sensorial. Estas afirmações têm alcance mais vasto do que as que se referem ao fenómeno em estudo, porque nos abrem horizontes novos no campo da ética, dando-nos dela, não só uma concepção filosófica e religiosa, mas também uma concepção científica de quantidades apreciáveis, como um estádio cinético-vibratório da psique humana, que o médium sinta, semelhante a um centro radiante de noúres de correntes que pode definir; e a ciência um dia as individualizará na sua classificação moral, com registos e medidas exactas».

Como todos sabem, essas tensões nervosas que às vezes fazem gemer o médium pela dor que provocam, são classificadas como «estádios histéricos ou neuróticos», prova evidente de que a ciência oficial desconhece, pràticamente, a sua etiologia. São, pois, as imundícies espirituais — essas correntes que Ubaldi com justeza denomina de «hediondas», que determinam convulsões nos sujeitos mediúnicos. Não se registariam, sem dúvida, se o conjunto tivesse consciência da missão delicada a desempenhar nessas reuniões. Mas, como essa consciência não existe na maior parte dos centros e muito menos, por assim dizer, nas experiências puramente científicas, dão-se tais fracassos ou então os resultados mediúnicos são medíocres ou nulos.

O velho costume de esperar tudo do médium nas experiências supranormais, sem ter em conta a necessidade imperiosa da colaboração do laboratório invisível, é prova de que não se quere ou não se sabe coordenar os meios indispensáveis à consecução de finalidades científicas.

Poder-se-á arguir de que tudo é fraude *nas sessões mediúnicas? Deste problema nos ocuparemos no próximo número, para não nos estendermos demasiado.*

(I. D. S. traduziu)

A SUPERSTIÇÃO ATRAVÉS DOS TEMPOS

Por ANTÓNIO CARDOSO

O tempo transforma a verdade em ficção e a ficção em poeira.

IGNÁCIO MONLAPAZ

QUER nos encontremos na China, na Austrália, América ou Europa, a superstição lá se encontra; quer estejamos entre doutores ou mendigos, as crendices permanecem; quer nos encontremos no campo ou na cidade, os falsos deveres persistem.

Desde os caldeus aos gregos, desde os romanos aos nossos dias, vemos que a superstição, resistindo a todos os embates, continua vitoriosa, transformando os humanos que conquista, em simples autómatos sujeitos às suas ordens.

Na Índia, ainda nos nossos dias, existe o preconceito das castas e raças, variando a côr dos fatos das raparigas conforme a casta. Duas pessoas de raças diferentes não se podem falar, segundo as suas maneiras de ver. E para corroborar esta afirmação, conto um espisódio curioso sucedido há poucos meses: meu pai, querendo fazer uma visita, acercou-se de uma rapariga hindú e perguntou-lhe onde era a casa do Sr. X... Ela ,abriu muito os olhos, com cara de espantada, apontou para a casa, mas não falou. Só mais tarde meu pai veio a saber que se essa rapariga falasse ficaria *impura,* tendo que mudar de roupas e tomar um banho a preceito.

Quando alguém morre, os hindús conduzem o morto numa espécie de padiola, para fora da cidade; aí executam a cremação do cadáver. Voltam depois para casa, tomando um banho também a preceito, para que nenhum bocado do espírito do morto lhes fique agarrado... (1).

As procissões hindús são também curiosas: as mulheres levam à cabeça uns candeeiros grandes, que fazem lembrar os cargos, usados nas procissões entre nós. À frente a música típica faz lembrar o som produzido pelas gaitas de foles. Ao som daquela «chiada», dansam. A seguir, vem um carro com troncos de palmeira, também iluminado, tapado, fazendo lembrar os nossos carros alentejanos.

Mas não se vá julgar que a Índia é a pátria das superstições. Longe disso. Não nos esqueçamos que a Teosofia e grande parte do Esoterismo vieram do Oriente. Lembremo-nos que Annie Beasant e Blawatsky foram buscar à Índia os seus vastos conhecimentos. Qual é a pátria do Ocultismo ? A Índia. Onde se professa o Hoga ? Na Índia. O que quis mostrar é que, lá como cá, a superstição existe.

Brewton Berry e Flammarion escreveram nos seus livros extensas páginas contra a superstição. Conta Flammarion que um velho marujo, morador em Toulon, tinha a fama de que no dia das peregrinações a Nossa Senhora de Maio fazia sobrevir a tempestade.

O Barão d'Ausser relata a seguinte conversa, ouvida por ele em Nápoles :

— Como passa vosso filho ?

— Continua com febre.

— Convém acender uma vela a Santa Gertrudes.

— Isso não deu bom resultado.

— A que capela fostes ?

— À da rua de Toledo.

— Ah ! Pobre mulher ! Esta santa Genoveva é a mais ruim de toda a Nápoles. Nada se consegue com ela. Ide, portanto à Igreja da Praça do Carmo; vereis que a Sta. Gertrudes de lá é muito mais piedosa para com os pobres.

Hoje, para muita gente, entornar sal é azar, entrar besouro é dinheiro, encontrar ferradura dá sorte, entrar uma mosca é visita, 13 pessoas à mesa, morre a mais nova ou a mais velha, quebrar espelho, mau preságio, etc., etc.

Nem sequer os animais puderam fugir desta excêntrica comédia. Se alguém tem pombos, diz-se :

Casa com pombos,
Casa aos tombos.

Antes de um navio partir, costuma-se ver se existem ratos a bordo, pois se os houver o barco não voltará. Em Samoa, por exemplo, se algum dos passageiros ouve o guincho de um rato, o navio retrocede.

Existem pessoas que encontram magia na perna de um coelho, principalmente na traseira esquerda.

Os agricultores ingleses acreditam que se uma lebre atravessar a sua localidade é sinal de incêndio.

Achar pérola numa ostra é boa sorte, ao passo que representa mau preságio um navio ser seguido por um tubarão.

Da coruja diz-se: «coruja de cara feia é a horrivel mensageira da morte», segundo Spencer.

E quanto às plantas ? Que venturas estão reservadas a quem encontrou um trevo de quatro folhas ? Mas catos ? Não, isso, não, — dá azar.

No capítulo do casamento, muitas superstições andam também ligadas.

Na feira das Mercês, que se realiza em Outubro, as raparigas de Sintra e arredores, que desejam casar-se, vão sentar-se num muro chamado *muro do derrete.*

E em Santa Eufêmea, na Serra de Sintra, existe na Igreja, na parte exterior, um local onde a lenda diz que a Santa colocou o pé. Pois, em pleno séc. XX, raparigas de todas as condições sociais, vão também lá pôr o pé, enquanto fazem um pedido à Santa !

Nos arredores de Perros (Côtes-du-Nord) as raparigas que desejam casar-se vão à capela de Saint-Guiriez pregar alfinetes... no nariz do santo.

Na escolha do dia do casamento também é preciso o maior cuidado:

Segunda-feira para riqueza,
Terça-feira para saúde,
Quarta-feira como princesa,
Quinta-feira para cruz,
Sexta-feira para morte,
E sabado nada de sorte.

A crença na existência do Diabo, não só para encher a cabeça

(1) Na Antiguidade, os persas conduziam os cadáveres para torres, onde eram devorados pelas aves.

Chamavam-se Torres do Silêncio.

dos humanos de meras fantasias, mas também para que levasse à fogueira milhares e milhares de pessoas.

O ataque aos albigenses, as próprias cruzadas, não são provas flagrantes de um feroz fanatismo ?

Hoje, em pleno séc. XX há ainda quem acredite no dilúvio *universal* — na anedota do dilúvio universal segundo Flammarion — antes do qual Noé meteu dentro da sua barca um casal de *todas* as espécies ! E o milagre de Josué, fazendo parar o Sol ? E as ossadas dos próprios reis magos que podem ser vistas em Colónia e Milão ! E a própria crença ainda existente nas medalhinhas e nos talismãs ?

Dentro da nossa própria doutrina existem pessoas que acreditam nas maiores crendices, nas mais vulgares superstições ! Possuidas de um fervor religioso exagerado crêem que falam ou ouvem falar S.to António, S. Luiz Gonzaga, S.ta Cecília, e o resto da corte celestial. Essas pessoas mostram a sua completa ignorância das mais rudimentares noções de física, pois partindo da hipótese que uma dessas entidades se manifestava no plano físico, a primeira pessoa que lhe tocasse seria fulminada, devido à extraordinária diferença vibratória que apresentam. Há ainda quem julgue que para afugentar entidades espirituais se deve *vasculhar* o ar com varas (o autor destas linhas assistiu uma vez a um desses *trabalhos*).

Existem «médiuns» que preconizam aos seus consulentes práticas mais ou menos misteriosas, mais ou menos cabalísticas, para afugentar os espíritos. Existem pessoas que depois de uma sessão, vão à missa, e vice-versa; pois se existem até beatas que vão para as sessões com rosários !!!

Mas há mais: existem centros em Lisboa onde se fazem cânticos religiosos, onde existem imagens, onde se fazem procissões, com verdadeiros altares como numa igreja. Pois se até há *videntes* que dizem ver toda a corte celestial, Jesus - O Cristo e o próprio Deus !

Será isto Espiritismo ? Evidentemente que não. Tudo isto não é mais do que uma mescla de catolicismo e espiritismo com uma dose fortíssima de fanatismo.

(1) Tive ocasião de verificar pessoalmente alguns desses tristes casos.

EFEITOS DO PENSAMENTO

Por PRENTICE MULFORD

TODA a fisionomia humana, como toda a flor que desabrocha no campo ou no jardim, deve exultar de gozo, não só ante o olhar de admiração dos outros, como diante do seu próprio olhar, e é isto justamente que o homem terá no futuro. A beleza é um dos dons mais generosamente cedidos às infinitas manifestações da natureza, desde as lindas formas e variegadas cores das folhas das plantas e das penas das aves, até ao mimoso floco de neve que das nuvens cai cristalizado sob inúmeras formas geométricas de simetria e proporções maravilhosas e fantásticas.

É digno, pois, de se repetir muitas e muitas vezes que a beleza, a saúde, a fortuna e o triunfo dependem inteiramente do nosso estado mental predominante. Se esse estado mental é de confiança própria e naquilo que fazemos ou em que nos empenhamos, considerando tudo pelo lado optimista com a mira sempre possível na vitória que deve ser o nosso alvo principal, sem nunca nos deixarmos invadir pelo desânimo, podemos estar seguros do triunfo final, pois enquanto a mente permanece naquele estado, exteriorizamos a força que atrairá os elementos do êxito.

Quando maior for a nossa persistência na manutenção do estado mental referido, mais firme será a nossa confiança na eficiência dos elementos mentais, dando-nos todos os dias mais numerosas provas de que isso nos trará a felicidade, a saúde e o triunfo, seja qual for a nossa situação na vida.

Temos, porém, de observar certas condições para atingir esse estado, no qual reside uma das forças mais poderosas ou talvez a mais poderosa para nos facultar o melhor, o mais apetecível de tudo quanto este mundo encerra, fazendo-nos sentir também ao mesmo tempo o que de mais apreciável e profundamente interessante para nós se contém na arte, estado, profissão ou negócio a que habitualmente nos dedicamos.

Persistindo, neste estado mental chega a converter-se num imã que atrai todo o bem, não só para nós, como para aquelas que de algum modo nos podem coadjuvar e aos quais nós poderemos ser úteis; se, porém, cairmos frequentemente em profunda tristeza e abatimento, sem reacção enérgica, então converte-se numa espécie de imã negativo, que afasta de nós tudo o que seja benéfico, atraindo sempre o pior.

O maior obstáculo á serenidade, à calma e à confiança, que são fonte de todas as potências, reside no facto de nos associarmos a pessoas sem discernimento e vivermos em contínua promiscuidade com homens e mulheres de nível mental inferior ao nosso. Se nos associarmos, embora superficial e temporàriamente, a gente frívola, destituída de nobres ambições, a cínicos, maldizentes, ingratos, desleais e cépticos sem crenças nem a menor confiança nas leis espirituais, só impelidos por afectos de ordem material, único mundo a que se arreigam, é fora de dúvida que assimilaremos alguns de seus baixos pensamentos, tão prejudiciais à nossa saúde física e mental.

É conveniente, portanto, que todos os nossos amigos vivam no mesmo plano mental em que nós vivemos, tenham as mesmas crenças e seus desejos e aspirações sejam iguais aos nossos. Desta maneira, a nossa conmunhão com eles ser-nos-á de enorme vantagem, fortalecendo-nos o corpo e o espírito e coadjuvando-nos para não cairmos no estado mental de desconfiança, que é condição mental propícia à derrota.

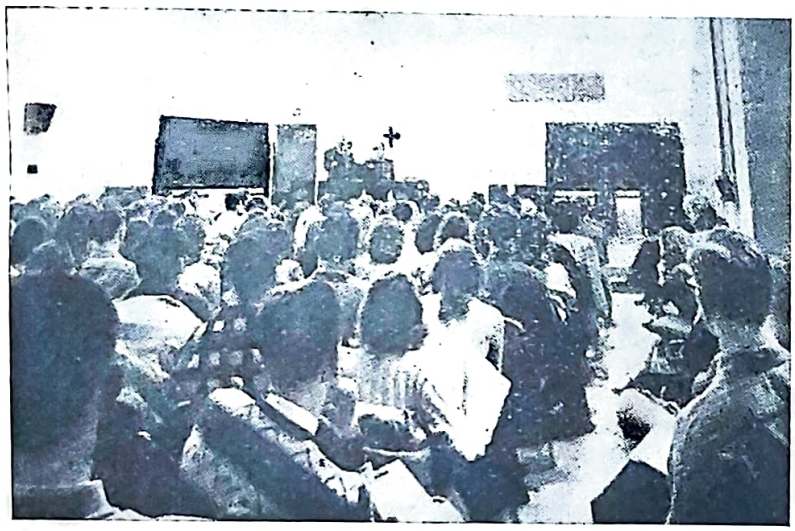
(Do livro «As Nossas Forças Mentais»)

Crónica Estrangeira

por Isidoro Duarte Santos

O ESPIRITISMO NAS UNIVERSIDADES

Apesar das dificuldades quase insuperáveis que surgem a cada instante, o Espiritismo vai abrindo caminho na densa floresta do materialismo reinante, para dar passagem a verdades duras que a ciência oficial não conseguiu roer ainda, mas que há-de assimilar como prato de reforço no jantar sem igual de suas bodas de oiro. A notícia que vamos dar, colhemo-la do *Psychic Observer*, enviado pelo confrade americano a um companheiro de trabalho e em que se relata a jornada de Mrs. Juliette E. Pressing na Universidade de Iowa, nos Estados Unidos da América.



Juliette Pressing + numa das aulas da Universidade de Iowa

Note-se a circunstância relevante do prévio convite do Prof. Doutor Marcus Bach àquela propagandista e o facto desta importantíssima universidade ter a frequência de 10.000 alunos e mais de 600 professores. Pois Mrs. Juliette deu preciosas lições da ciência, filosofia e moral espirita a numerosíssimos ouvintes, aproveitando a radiodifusão da emissora universitária.

Embora centenas de estudantes assistissem directamente às lições da prelectora, assimilando ensinamentos elementares mas fundamentais de uma doutrina aliciante que chama a atenção das pessoas cultas, milhares foram os que as puderam acompanhar, em virtude dos progressos da técnica radiofónica.

— Eu nunca deixei de frisar aos ouvintes que expunha a *minha opinião* pessoal e não falava em nome do Espiritismo ou dos seus adeptos. Expunha o *meu conceito* do Espiritismo, quer dizer, *o que o Espiritismo é e o que dá*, segundo o que tenho observado e aplicado na minha própria vida — escreve a ilustre conferente no jornal citado.

O Prof. Bach é um cientista que alia a situação de lente catedrático às experiência espiritas que o levaram a escrever o bem curioso livro «They Have Found a Faith» (Eles encontraram a fé). O próprio senado universitário deu o beneplácito às conferências de Mrs. Juliette Pressing, demonstrando a existência de um nobre ecletismo, bem contrário a certos preconceitos dominantes nalguns paises latinos, sobretudo em Portugal.

No final do seu trabalho, a conferencista sugeriu ideias de estudo intensivos e leituras do assunto que tanto interessava alunos e professores.

Segundo o *Psychic Observer*, Mrs. Juliette recebeu inúmeras cartas de aplauso que a compensaram generosamente dos esforços despendidos.

MENSAGEIRO IMPOSSÍVEL

Com este título sibilino, publicou o *Diário de Notícias* de 4 de Setembro a seguinte nótula:

«A história que vamos relatar com todas as reservas foi ùltimamente contada na imprensa suiça, que, não sendo muito dada a sensacionalismos, não quis deixar de referir o acontecimento que mais forte impressão tem causado nos últimos tempos em determinada cidade daquele país.

«Uma empregada de escritório que vivia com os pais, foi um dia abordada na rua, aliás muito cerimoniosamente, por um rapaz que lhe disse ser irmão de uma sua amiga ausente há muito tempo no estrangeiro e da qual, afirmou, trazia um recado para lhe dar. Após uns instantes de conversa, a rapariga certificou-se, pelo que ele lhe contava, de que, na realidade, era irmão da sua amiga, visto estarem certas todas as indicações que ele lhe dava. O rapaz disse-lhe então que a irmã lhe recomendara, sabendo que ele ia à Suiça, que pedisse à sua amiga para lhe tratar de certos documentos de que ela precisava para poder habilitar-se a uma herança. A rapariga fez as diligências necessárias para os obter e, em todas elas, foi acompanhada pelo irmão da sua amiga. Este deixou-lhe tão boa impressão, que — diria ela mais tarde — quase se apaixonou por ele. Quando tudo estava arrumado, os dois fixaram um encontro em determinado lugar, mas o rapaz não apareceu. O porteiro do hotel onde ele dizia estar hospedado veio então comunicar que um senhor lhe tinha dito para a avisar de que, tendo de partir urgentemente, lhe apresentava as suas desculpas e lhe pedia que remetesse pelo correio os documentos à irmã.

«Ela assim fez. E só depois é que soube pela sua amiga que tudo se tinha passado realmente

assim, excepto no que se referia ao irmão dela — pois morrera num desastre de automóvel, quando se dirigia à Suiça. O mais estranho é que a figura do tal rapaz era muito parecida com o retrato do morto que a rapariga lhe enviou depois...».

É pena que o articulista do *Notícias*, dando foros de realidade à «história» dos jornais helvéticos, doutra maneira não a teria resumido para os seus leitores, nem ao menos citasse a origem da informação e omitisse propositadamente o nome da localidade onde se deu o extraordinário acontecimento. O caso pode explicar-se sem recorrer ao sobrenatural; e, se não houvesse fundo de verdade nele, certamente a imprensa suiça, «pouco dada a sensacionalismos» — no dizer do cronista —, não teria feito tão grande alarde, que galgou os Pirineus e veio ecoar em Portugal, por intermédio de um cotidiano muito hostil às coisas psíquicas. «Documentário», título da secção em que lemos a crónica, é, pela natureza do vocábulo, infensa a ludíbrios de reportagem barata. Eis, porque estranhamos os moldes da notícia que tão grande repercussão teve num mais cultos países da Europa.

O FIM DO SHINTOISMO JAPONÊS

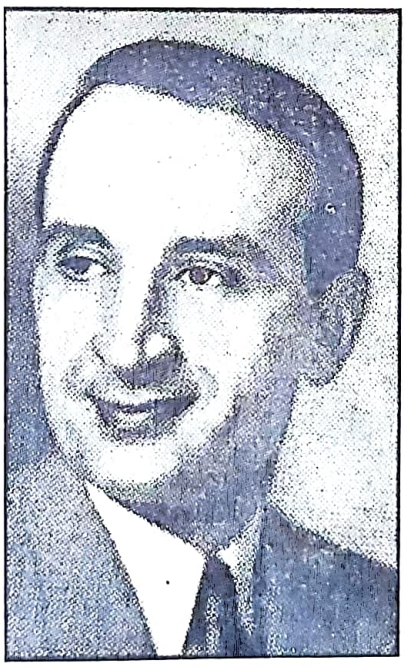
Do artigo que o nosso correspondente na Bahia, Alfredo Miguel, publicou na *Revista Espirita do Brasil*, subordinado ao título desta nota, transcrevemos os seguintes passos:

«Sob o governo do general Douglas Mac Arthur, o Japão tem sofrido profundas e importantíssimas transformações. Porém, dentre todas as medidas adoptadas pelo mandatário do governo norte-americano em Tóquio, tendo em vista a reforma da estrutura política e moral da nação e do seu povo, a de maior alcance, a meu ver, é seguramente aquela que retirou o privilégio de religião oficial ao Shintoísmo. Foi um grande passo para a emancipação espiritual das massas japonesas. Aquilo ocorreu em 1946 e no ano precedente o orçamento da despesa nacional consignava uma polpuda verba de 6.700.000 de *Yens* destinados à manutenção do culto e seus sacerdotes. O decreto governamental envolvia à transferência de 220 templos nacionais e de 50.000 municipais e locais do *contrôle* do estado para o *contrôle* privado, revogava o ensino compulsório do Shintoismo nos colégios e dispunha que os livros escolares fossem expurgados da doutrina shintoista, não se permitindo a circulação dos que contivessem essas tendências.

«Ora, uma religião que admite a existência de miríades de deuses antropomórficos, não é dos nossos dias, porque aberra do bom-senso, por inconcebível. O shintoismo, além de ter as suas bases nesse politeismo abstruso e grotesco, considerava sagrada e inviolável a pessoa do imperador, proclamando que o povo japonês era o maior entre os demais e estava destinado a governar o mundo...

«Outro velho e dissoluto costume proscrito é aquele pelo qual as famílias vendiam as suas filhas, ignominiosa prática regulada por lei e que não infringia os *cánones* da «moral» shintoista...».

ESPÍRITOS MATERIALIZADOS DANÇAM COM OS ASSISTENTES



Frank Decker

Frank Decker é um famoso médium norte-americano de voz directa e efeitos físicos que tem dado origem aos mais estranhos fenómenos. O *New York Spiritualist Leader* conta coisas extraordinárias, entre elas a de formas materializadas dançarem com assistentes a duas sessões de efeitos físicos, em que o médium citado exerceu as suas faculdades. Este facto verificou-se uma vez, apesar de certas condições impostas antecipadamente. Doutra vez, os fenómenos foram variadíssimos: «apports, voz directa», etc., enquanto tapavam a boca ao médium.

Alguns assistentes declaram que, ao mesmo tempo que tapavam a boca e seguravam as mãos e as pernas de Frank Deck, sentiam as mãos do Espírito-guia *Patsy* e ouviam claramente uma voz cochichada.

Quanto ao episódio da dança, diz o mesmo jornal que, no momento em que um assistente segurava o joelho do médium, o espírito materializado cingiu um amigo em atitude de quem dança e deu alguns passos no aposento.

Ouviu-se também por várias vezes o espírito de Bert Wells a conversar com *Patsy* e as vozes pareciam vir de lados opostos.

Outro fenómeno interessante foi o de duas trombetas de alumínio atravessarem a sala com rapidez atómica e movimentarem-se rìtmicamente do soalho para o teto.

Um médiço presente disse que o pulso de Frank Deck ora parava, ora latejava, fenómeno este que atribui à acção do Espirito-guia *Patsy*.

Nesta sessão manifestou-se o Espírito de Conan Doyle, além de pais, mães, tios e outras pessoas de família dos assistentes.

Um componente do grupo lembrou-se de dizer a *Patsy*:

— Traga-me uma cereja da cozinha.

— Traga-me um pouco de açucar — disse outro.

Patsy saiu e pouco depois voltava com os dois objectos pedidos. Seguidamente, tocou uma gaita de beiços que se encontrava no bolso de um assistente.

Noutra sessão o espírito de um pai, inteiramente materializado, dançou com sua filha, enquanto o médium estava manietado. Durante este tempo, *Patsy* e o outro espirito falaram simultaneamente com a filha deste último.

Coisas espantosas são estas, que muitos incrédulos renitentes são incapazes de analisar com lealdade, preferindo a comodidade de um «não acredito» ao trabalho de investigação que aproximaria os homens de verdades importantíssimas. Felizes dos que assistiram às sessões de Frank Deck e puderam verificar por si próprios a realidade de um mundo que se teima ou finge desconhecer!

Notas & Comentários

CULTURA FRANCESA

Os prelos franceses, quase paralisados durante a guerra mundial, entraram em grande actividade, ao serviço do espiritualismo. Vejamos os livros ultimamente publicados, demonstrativos da vitalidade mental do povo gaulês: «Le Lignes de Votre Main» (200 páginas e 600 desenhos), de Henri Mangin; «L'Origine Magique du Carnaval», de Marcel Brion, e «Le Serpent Vert», de Goeth, com um estudo de Rudolf Steiner; «Méthode Pratique de Graphologie», de Jean-Hyppolite Michon; «Que Deviendrons nous Après la Mort ?», do Abade Moreux; «L'Avenir Révélé à Tous», de Edouard Saby; «Le Boudisme», de Alexandra David Nell; «La Vie du Bouddha», de A. Foucher; «Trois Idoles Romantiques: Le Dynamisme, L'existencialisme, La Dialectique Materialiste», de Julien Benda; «Métaphysique et Psychanalyse», do doutor Huber Benoit, etc., etc.

As depredações e os bombardeamentos aéreos de cidades indefesas não impediram os homens de trabalhar em campo mais vasto e profícuo, cujos frutos vão sendo apreciados por milhares de almas sequiosas de progresso.

UM INQUÉRITO

Psychic News, *de Londres, abriu há semanas um inquérito em suas colunas, com a seguinte pergunta sugestiva:* Quem será actualmente a maior autoridade viva do Espiritismo em Inglaterra ? *A votação preferiu quatro escritores muito conhecidos, cujos nomes são: 1.º Artur Findlay, consagrado autor da trilogia constituida pelas obras «On the Edge of the Etheric» (traduzida em português com o título «No Limiar do Etéreo»), «The Rock of Truth» e «The Curse of Ignorance»; 2.º Shaw Desmond, psicólogo e investigador de grande projecção; 3.º — Ernest Oaten, antigo director do semanário* The Two Worlds, *de Manchester; 4.º — G. N. M. Tyrrell, autor de «Grades of Significance» e «The Personality of Man» e antigo presidente da Sociedade Inglesa de Investigações Psíquicas.*

A REENCARNAÇÃO EM INGLATERRA

A teoria da reencarnação volta a agitar-se em Inglaterra. Como é sabido, os espiritas britânicos, na sua maioria, não aceitam este princípio, claramente enunciado nas obras fundamentais do Espiritismo kardeciano. Há três ou quatro anos, porém, os «Ensinamentos de Silver Birch», ditados pelo Espírito-guia de Hannen Swaffer, agitaram favorávelmente o assunto e agora o Psychic News *pergunta, em artigo do seu director, B. Abdy Collins :*

— Porque não aludem as Investigações Psíquicas à reencarnação ?

E os leitores falam, cada um para seu lado, expendendo as mais variadas opiniões, apoiados em raciocínios por vezes inverosímeis e fora de toda a discussão.

Na edição de 3 de Setembro, o professor W. H. Wood defende calorosamente aquela teoria, partilhada também pelo director do referido semanário. Mas um pouco adiante, a sr.ª Ethelwyn Rolf diz que é limitar Deus acreditar em numerosos renascimentos e que estes só podem ser compreendidos de mundo para mundo, de esfera em esfera, segundo a fase atingida pela alma, em sua viagem para Deus. E o sr. C. Parsons diz que a reencarnação só devia discutir-se quando o Espiritismo conseguisse provar que a morte não existe.

Esta dicussão entre leitores de diferente grau de cultura faz lembrar um pouco a «Tribuna Livre» do SOL, em que as opiniões andam ao sabor dos ventos e das marés.

«REVISTA ESPIRITA DO BRASIL»

Continuamos a receber com regularidade esta conhecida revista, orgão da Liga Espirita do Brasil, e que nos tem auxiliado em nossa campanha de intercâmbio ideológico. Há pouco abriu duas novas secções, intituladas «Galeria Histórica», em que perpassam biografias de velhos paladinos do Espiritismo mundial, e «Inquérito», subordinado ao subtítulo: «Devemos Ensinar Espiritismo à Infância ?», no qual expendem opinião alguns educadores que se têm notabilizado em estudos psicológicos e pedagogicos, como o Dr. Hermínio Vicente, advogado em S. Paulo e que no número de Julho da referida publicação fala com grande proficiência de como entende se deveria ministrar o ensino do Espiritismo à infância brasileira. Revista Espirita do Brasil *tem marcado posição de relevo na imprensa de Além-Atlântico, mercê da bela orientação que lhe imprimem os seus directores Aurino Souto e Deolindo Amorim, dois espiritas de vanguarda a quem a Causa deve serviços inestimáveis.*

DIFICULDADES

Não somos nós apenas que lutamos com dificuldades. A imprensa congénere queixa-se do mesmo mal, que vai minando os alicerces de empresas que se julgavam florescentes. Assim, a revista Constância, *de Buenos Aires, de 32 páginas passou a 16 e duplicou o preço;* Revelación, *da mesma cidade, de mensal que era, passou a sair duas vezes por ano;* La Revue Spirite, *que era mensal, passou a bi-mestral.*

Esperamos que Estudos Psíquicos *mantenha a sua posição de revista luso-brasileira e que o número de assinantes cresça de forma que possa continuar no pleno exercício da sua missão, ainda que as condições económicas do mundo se venham a agravar, devido à luta das pautas alfandegárias, que exercem acção deletéria entre nações que há pouco eram amigas e sabiam compreender a legitimidade dos interesses recíprocos.*

A FECHAR

Um pobre e um rico foram a casa de um conselheiro. O rico foi ouvido primeiramente e a audição durou mais de uma hora. O pobre teve só alguns minutos de atenção.

Então disse o pobre:

— Isto não é justo !

— Ó idiota ! — respondeu-lhe o conselheiro —. Quando entraste, logo vi que eras pobre; mas tive de escutar o outro uma hora inteira para descobrir que ele era mais pobre do que tu.

Noticiário

CONFEDERAÇÃO ESPIRITA ARGENTINA

A *Confederação Espirita Argentina* teve a amabilidade de nos comunicar a eleição da Mesa Directiva que regerá os destinos desta agremiação no novo ciclo de trabalhos: Presidente — Hugo S. Nale; 1.º Vice-presidente — Manio Rinaldini; 2.º Vive-presidente — Vicente Bianco; Secretário Geral — José Cáceres; Secretário Administrativo — Ricardo A. López; Secretário de Relações — Elias Toker; Secretário de Imprensa e Propaganda — Natálio Ceccarini; Secretário de Actas — Florêncio Gómez; Tesoureiro — Francisco Garcia Romanó; Pro-tesoureiro — Laureano Fanjul; Contador — Mário Incerti; Bibliotecário — Bernardo J. Salmeron; Sub-bibliotecário — Albíreo Barcón; Director de *La Idea* — Rosa H. de Garcia Romanó; Sub-directos — César Bogo.

Na mesma Assembleia resolveu-se designar os nomes de Manio Rinaldini, Luís Travesaro, Laureano Fanjul e Elias Toker para assistirem ao 2.º Congresso Espirita Pan-americano, a realizar no Rio de Janeiro, tratar do cinquentenário da fundação da Confederação Espirita em Junho de 1950 e organizar um Colégio de Estudos Superiores do Espiritismo, com cursos de extensão universitária.

Fazemos votos pelos progressos desta simpática e útil colectividade, à qual dirigimos os nossos cumprimentos de saudação fraternal.

ENFERMOS

A nossa consócia e colaboradora D. Maria Cecília Gorina, que tão dedicadamente tem trabalhado no Centro Espiritualista Luz e Amor, sob a direcção do nosso prestante confrade e amigo Dr. Adelino Gamboa, encontra-se doente, em virtude de um acidente que a impede de locomover-se há cerca de dois meses. Pedimos a todos os consócios e leitores que elevem seus pensamentos, impetrando aos Guias lancem sobre aquela irmã fluidos de saúde e coragem, para que em breve ela possa retomar o seu posto na difusão da Doutrina.

Também a irmã D. Marília Barbosa Machado, esposa do nosso infatigável colaborador Leopoldo Machado e director do *Lar de Jesus*, de Nova-Iguaçú, se encontra de cama, a braços com uma doença dolorosa. Que os Amigos do Alto a protejam e lhe concedam pronto restabelecimento. D. Marília tem sido uma verdadeira educadora à frente de um bando de crianças gárrulas e formosas que se acolheram em boa hora a uma instituição-modelo que vai sendo imitada em várias cidades brasileiras do interior.

FEDERAÇÃO ESPIRITA DO RIO GRANDE DO SUL

Esta aperosa colectividade, que está a construir um majestoso edifício de 10 andares na Avenida 3 de Novembro, em Porto Alegre, capital do Estado brasileiro do Rio Grande do Sul, teve a amabilidade de comunicar-nos que transferiu a sua sede provisória para a Rua Andrade Neves, 64-68.

CENTRO E. LUZ E AMOR

Tornando-se indispensável harmonizar o esforço dos sócios com as finalidades da Doutrina, a Direcção do Centro Espiritualista Luz e Amor tentará pôr em prática um novo programa de trabalhos, a partir do mês de Novembro, inclusive.

A experiência dos sábios, o critério dos propagandistas e a própria essência do ideal espirita impõem directrizes diferentes das observadas pela maioria das agremiações. É preciso arejar as fileiras e apresentar aos adeptos e aos leigos alguma coisa que os satisfaça no departamento do estudo metódico que nenhum dirigente responsável poderá descurar, sob pena de atraiçoar a sua missão. A conferência que Ramos Pereira realizará no próximo dia 30 de Outubro, às 16 horas, neste Centro, cientificará os prezados consócios do nosso desejo de bem servir o Espiritismo kardeciano. Rogamos, pois, a comparência de todos aqueles que se interessam pela vida associativa, a fim de que possam ouvir o que se pretende e dar o seu alvitre, no sentido de maior eficácia, relativa aos trabalhos cotidianos.

«A REENCARNAÇÃO»

Esta interessante revista acaba de aparecer não como órgão da Federação Espirita do Rio Grande do Sul, mas como revista autónoma, sob a direcção do Dr. Ildefonso da Silva Dias, secretariado pelo nosso confrade e amigo Francisco Spinelli.

Fazemos votos para que *A Reencarnação* se desdobre em serviços à Causa. Que a sua directoria vença todas as dificuldades e possa juntar novos louros aos já colhidos em lutas leais.

TRABALHOS DO CENTRO NO MÊS DE OUTUBRO

Dia 9 de Outubro, domingo, às 16 horas — Inauguração do novo ciclo de trabalhos com a conferência do coronel Faure da Rosa, intitulada «O Mistério do Sexto Sentido».

Dia 13 de Outubro, 5.ª feira, às 21,30 — Sessão doutrinária e de irradiação mental do *Grupo Reper-Siam*, dirigida por Isidoro Duarte Santos.

Dia 20 de Outubro, 5.ª feira, às 21,30 — Sessão doutrinária e de irradiação mental do *Grupo Reper-Siam*, dirigida por António Cardoso.

Dia 21 de Outubro, Sexta-feira — Sessão de caridade do *Grupo Amor do Redentor*, com a médium D. Maria Cecília Gorina, dirigida pelo Dr. Adelino Gamboa.

Dia 27 de Outubro, 5.ª feira, às 21,30 — Sessão doutrinária e de irradiação mental do *Grupo Riper-Siam*, dirigida por Isidoro Duarte Santos.

Dia 30 de Outubro, domingo, às 16 horas — Conferência de Ramos Pereira, intitulada «O Estudo Metódico do Espiritismo».

Dia 3 de Novembro, 5.ª feira, às 21,30 — Sessão doutrinária e de irradiação mental do *Grupo Riper-Siam*, dirigida por António Cardoso.

Nota — As conferências são públicas e as sessões são exclusivas dos sócios com as cotizações em dia.

Obras de Ciências Psíquicas e Filosofia Neo-Espiritualista

(em depósito nesta redacção)

	br.	enc.
DR. INÁCIO FERREIRA		
Conselhos a Meu Filho		15$00
Espiritismo e Medicina	20$00	30$00
Novos Rumos à Medicina, livro célebre, muito ilustrado, descreve os métodos da cura psíquica do Sanatório de Uberaba — 1.º volume		50$00
Têm Razão?, resposta magistral aos ataques feitos ao Espiritismo	40$00	50$00
FRANCISCO CÂNDIDO XAVIER (Médium)		
Alvorada Cristã, pelo *Espírito de Neio Lúcio*, livro maravilhoso e educativo, para crianças de todas as idades	16$00	
Boa Nova (quadros evangélicos), ditados pelo *Espírito de Humberto de Campos*	20$00	30$00
O Consolador, pelo *Espírito de Emmanuel*, resposta a 461 perguntas	20$00	30$00
Cartilha da Natureza, pelo Espírito do poeta Casimiro Cunha	18$00	
Crónicas de Além-Túmulo, ditadas pelo *Espírito de Humberto de Campos*	20$00	
Emmanuel, repertório de ensinamentos cristãos, ditados pelo Espírito de *Emmanuel*	18$00	
Há dois mil anos, romance empolgante ditado pelo *Espírito de Emmanuel* (nova edição)	30$00	40$00
50 Anos Depois, continuação do romance supra, pelo *mesmo autor*	30$00	40$00
Lázaro Redivivo, pelo *Espírito do irmão X* Humberto de Campos	25$00	
Luz Acima, crónicas pelo *Espírito de Humberto de Campos*	22$00	30$00
Mensageiros (Os), pelo *Espírito de André Luiz*	26$00	36$00
Missionários da Luz, pelo *Espírito de André Luiz*, obra dedicada às pessoas cultas	32$00	42$00
Nosso Lar, pelo *Espírito de André Luiz*	26$00	36$00
No Mundo Maior, pelo *Espírito de André Luiz*	26$00	36$00
Novas Mensagens, do *Espírito de Humberto de Campos*	22$00	32$00
Obreiros da Vida Eterna, pelo *Espírito de André Luiz*	32$00	42$00
Parnaso de Além-Túmulo (maravilhosa colectânea de poesias ditadas por espíritos de poetas luso-brasileiros). Nova edição melhorada	40$00	50$00
Renúncia, romance empolgante e consolador, destinado aos tristes e desesperados, ditado por *Emmanuel*	35$00	45$00
Reportagens de além-túmulo, pelo *Espírito de Humberto de Campos*	26$00	36$00
Volta Bocage, Sonetos pelo *Espírito de Bocage*	12$00	
OBRAS DIVERSAS		
Almas Crucificadas, empolgante romance mediúnico, ditado pelo *Espírito de Vitor Hugo*	35$00	45$00
Análise das Coisas, pelo *Dr. Paulo* Giber	18$00	28$00
Barqueira do Júcar, romance mediúnico, recebido por *J. F. Colavida*	20$00	30$00
Beijo (O) da Morta, romance mediúnico recebido por *Celestina Arruda Lança*	22$00	32$00
A Casa Assombrada, romance pelo *Dr. Bezerra de Meneses*	26$00	36$00
O Caso Humberto de Campos, descrição do célebre processo judiciário movido à Federação E. Brasileira e ao médium Francisco Cândido Xavier, da autoria de *Miguel Timponi*. Um grosso volume	24$00	34$00
Ciência Divina, pelo *Espírito de Jaime Braga*, recebido pelo médium *Doutor Porto Carreiro Neto*	26$00	36$00
Claustro (O), romance realista acerca da vida eclesiástica, por *Manuel Arão*		30$0C
Conselhos a Meu Filho, (colectânea de ensinamentos morais muito interessantes), pelo *Dr. Inácio Ferreira*		15$00
Contribuições para o Espiritismo, por *Alexandre Dias*	12$00	
Cristianismo (O) do Cristo e o dos seus vigários, pelo *Padre Alta*	30$00	40$00
Cruzada Redentora, romance reencarnacionista de fundo histórico, por *António Lima*	40$00	50$00
Didaquê Espirita, por *Carlos Lomba*, Curso completo de Espiritismo para crianças de 6 a 14 anos	12$00	
Do Calvário ao Infinito, grande romance mediúnico, ditado pelo *Espírito de Vitor Hugo*	42$00	52$00
Domínio Nefando, por *Arlindo Colaço*		24$00
Doutrina (A) de Jesus, por *Vinicius*	7$00	
Eça de Queiroz Póstumo (Comunicações de Eça de Queiroz ditadas a Fernando de Lacerda)	24$00	34$00
Elucidações Evangélicas (resumo da obra de Roustaing), pelo *Dr. António Luiz Saião*	45$00	55$00
Ensinos Espiritualistas, (descrições da vida do além) por *A. Stainton Moses*	25$00	35$00
Entre dois mundos (romance), por *Antoinette Bourdin*	20$00	30$00
Expiação, por *Areolino Gorjão*	20$00	30$00
Espiritismo e Medicina, obra em que o autor faz sua profissão de fé espirita, pelo *Dr. Inácio Ferreira*	20$00	30$00
Espiritismo (O) à luz dos Factos pelo *Dr. Carlos Imbassahy*	30$00	40$00
Espiritismo (O) Contemporâneo, pelo *Dr. Martins Velho*	20$00	
Espírito (O) Consolador, pelo *Padre Marchal*	26$00	36$00
O Espírito do Cristianismo, por *Cairbar Schutel*, um grosso volume		45$00
Factos Espiritas, por *William Crookes*		25$00

(Continua na 4.ª página de capa)

	br.	enc.
Fazenda mal Assombrada, romance por *Alexandre Dias*	20$00	
Fenomenologia Mediúnica, tese de doutoramento do Dr. O. Emboaba	18$00	
Fundamentos Científicos do Espiritismo, pelo *Dr. Azevedo e Silva*	10$00	
Funerais da Santa Sé *(Poesias ditadas pelo Espírito de Guerra Junqueiro)*	24$00	34$00
Grandes e Pequenos Problemas (aplicações do Espiritismo aos problemas da vida), por *Angel Aguarod*	20$00	30$00
Granja do Silêncio (A), por *Paul Bodier*	20$00	30$00
Herculanum, romance mediúnico ditado pelo *Espírito do Conde Rochester*	37$00	47$00
Livre-arbítrio e determinismo, por *Louis Gastin*	5$00	
Lídia, romance mediúnico, recebido por *J. Suriñac*	22$00	
Loucura (A) sob Novo Prisma, pelo *Dr. Bezerra de Meneses*	18$00	26$00
Magnetismo e Hipnotismo Curativo, por *Alfonse Bué*	32$00	42$00
Marieta (páginas de duas existências), romance medúnico, recebido por *Daniel Artazú*	26$00	36$00
Martírio (O) dos Suicidas, por *Almerindo Martins de Castro*	22$00	30$00
Mediunidade, pelo Comandante Edgar Armond — Estudo prático da mediunidade	25$00	
Memórias de uma alma, romance mediúnico, recebido por *J. Suriñac*	22$00	
Na Sombra e na Luz, grande romance mediúnico, ditado pelo *Espírito de Vitor Hugo*	32$00	42$00
Nas Pègadas do Mestre, por *Vinicius*	26$00	36$00
No Limiar do Etéreo (estudos experimentais acerca do fenómeno da voz directa), por *Artur Findlay*	22$00	32$00
Nova (A) Luz, ditado mediúnico de crítica a Maeterlinck, por *George Déjean*	24$00	34$00
Novas Elucidações do 4.º Evangelho, por *João Evangelista*	20$00	30$00
O Problema do Além e do Destino, pelo *Dr. Alberto Seabra*		26$00
Outro (O) Lado da Vida, por *Carl du Prel*	22$00	
Parábolas e Ensinos de Jesus, por *Cairbar Schutel*		45$00
Pela Vitória do Espírito, pelo *Dr. Fred Wachsmann*, de colaboração com Isidoro Duarte Santos	50$00	
Problema (O) da Sobrevivência, pelo *Dr. A. Lobo Vilela*	12$00	
Protestantismo (O) e o Espiritismo, por *Benedito A. da Fonseca*	18$00	26$00
Os Quatro Evangelhos, de *J. B. Roustaing*, 4 volumes		180$00
Revelações de Além-Túmulo, pelo *Dr. Antão de Vasconcelos*	30$00	40$00
Roma e o Evangelho, por *J. Amigó y Pellicer*	26$00	36$00
Rosário (O) de Coral, pelo *Dr. A. Wylm*, médico neurologista	20$00	30$00
Sessões Práticas do Espiritismo, por *Spártaco Banal*	10$00	
Sobrevivência e Comunicação dos Espíritos, por *Osvaldo Melo*		25$00
Sonâmbula (A), romance espírita, por *António Lima*		30$00
Spiritus Maledictus, romance mediúnico recebido por *J. Suriñac*	18$00	
Trabalho (O) dos Mortos, descrição de sessões de materialização, com muitas gravuras, pelo *Dr. Nogueira de Faria*		52$00
Verdade (A) Espiritualista, por *C. Picone Chiodo*	10$00	17$00
Vida e Actos dos Apóstolos, *Cairbar Schutel*		40$00
Vida (A) Depois da Morte, por *Yogi Ramacharaca*	18$00	
Vida (A) no Outro Mundo, por *Cairbar Schutel*		22$00
Vingança (A) do Judeu, romance ditado pelo *Espírito do Conde Rocester*	37$00	47$00
Voz (A) do Antigo Egito, por *Vladomiro Lorenz, o caso estranho das comunicações de Rosemary*	24$00	32$00
Vozes (E as) falaram, novela empolgante, por *Fernando do Ó*	22$00	

Secção Musical

Hino ao Espiritismo, música para piano de *S. A. de Macedo* e letra de *Nelson Kerensky*	6$00
Almas Gémeas, tango-canção para piano, música de *Olí de Castro* e letra do *Espírito Emmanuel*	6$00
Canção da Alegria Cristã, música para piano de *Olí de Castro* e letra de *Leopoldo Machado*	6$00

Leitura para Crianças

O Espiritismo na Infância, por *António Lima*	12$00
O Meu Diário, por *António Lima*	12$00
O Evangelho das Crianças, por *António Lima*	*12$00*

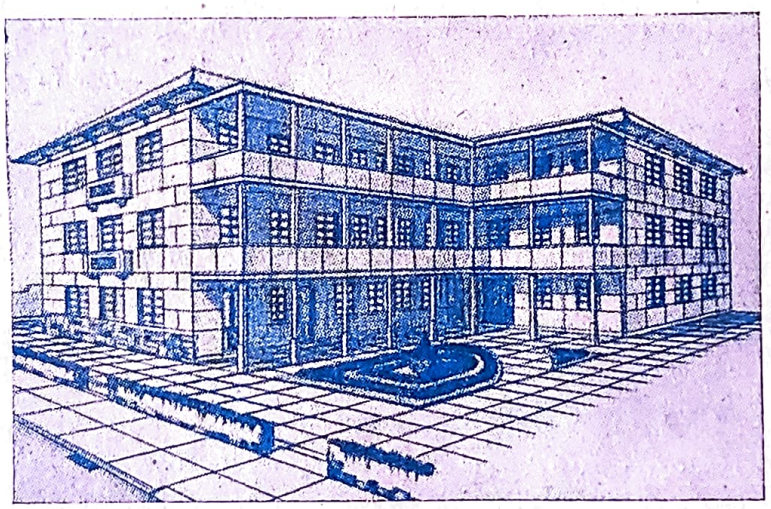
Nêstes preços não está incluido o porte do correio. Enviam-se remessas à cobrança, para o continente e ilhas Adjacentes. Para as colónias e estrangeiro, só contra pagamento adiantado, que deve incluir 10 % para porte, registo e embalagem.

«Estudos Psíquicos» encontra-se à venda em todo o país, ilhas, colónias e no Brasil

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

ESTUDOS PSIQUICOS

Mensário de Estudos Psíquicos e Neo-espiritualismo Experimental



MATERNIDADE «CASA DA MÃE POBRE», DO RIO DE JANEIRO

(Ver pág. 320)

CONTÉM:

Espirito, da **Redacção**; Como Funciona o Imponderável, pelo **Dr. Pietro Ubaldi**; Liberdade, por **José Simões de Matos**; Algumas Sessões com a Médium Piper, pelo **Coronel Faure da Rosa**; Intimidades, por **Um Homem**; Estudos Históricos, por **Deolindo Amorim**; Nossos Representantes — Mário Caeiro Alves; Sistema Didático no Ensino do Espiritismo; Auxílio aos Necessitados; Plantas Carnívoras, por **António Cardoso**; Para os irmãos Pequeninos (Página Infantil organizada por **Kylas**); O Carácter Humano, por **F. Noronha**; Os Valores e o Homem, por **A. Ramos Pereira**; Uma Instituição Modelar Fundada e Dirigida por Espiritas; A Psiquiatria e o Espiritismo, por **Rufino Juanco**; Crónica Estrangeira, por **Isidoro Duarte Santos**; Notas & Comentários; Noticiário; Livros

10.º ANO — OUTUBRO DE 1949 — N.º 10

ESTUDOS PSÍQUICOS

REVISTA MENSAL — AO SERVIÇO DO ESPIRITISMO LUSO-BRASILEIRO

Rua do Salitre, 149, 1.º — LISBOA

Propriedade de ISIDORO DUARTE SANTOS, a quem deve ser dirigida toda a correspondência

REDACTORES — CORRESPONDENTES

Rio de Janeiro	*Deolindo Amorim*
Nova Iguassú	*Leopoldo Machado*
Uberaba	*Dr. Inácio Ferreira*
Pernambuco	*Capitão Nelson Kerensky*
Baía	*Alfredo Miguel*
Porto Alegre	*Dr. Paulo Hecker*
Gubbio, Itália	*Dr. Pietro Ubaldi*
Ponta Negra	*António J. Martins*
Belo Horizonte	*Dr. Noraldino de M. Castro*
Buenos Aires	*Dr. Luís Postiglioni*
Paris	*Henri Regnault*
Liège	*Achille Biquet*
Baurú	*Nabor da Graça Leite*
Santiago do Chile	*Ernesto Moog*
México	*Rufino Juanco*
Rosário	*Tito Livio Bancéscu*
Índia Portuguesa	*Raul Sepúlveda Fontes*

REPRESENTANTES NO BRASIL

Rio de Janeiro	*José Bittencourt A. Coutinho*
Campos	*Clóvis Tavares*
Curitiba	*João Ghignone*
Vitória	*Dr. Airton Loureiro Machado*
Porto Alegre	*José Simões de Matos*
Ribeirão Preto	*Dr. Jaime Monteiro de Barros*
S. Paulo	*Vicente S. Neto*
Taubaté	*Geraldo de Oliveira*
Belo Horizonte	*Centro Luz e Humildade*
Natal	*Filipe Soares de Melo*
Maceió	*Jaime Xavier da Silva*
Fortaleza	*José Borges dos Santos*
Franca	*Dr. Agnelo Morato*
Cruzeiro	*José Zácaro Neto*
Passo Fundo	*Ney Vaz da Silva*
Sacramento	*Corina Novelino*
Rio Preto	*Leónidas Gois*
Juiz de Fora	*Orville Derby Dutra*
Pelotas	*Dr. Djalma de Matos*
Bajé	*José Ferreira da Mota*

Os artigos assinados são da responsabilidade dos seus autores ★ Não se devolvem originais, sejam ou não publicados

ASSINATURAS

Continente (cada série de 6 números, não incluindo as despesas de cobrança), 25$00—Brasil (12 números), Cr. $50,00, ou 60$00—Colónias (12 números) moeda equivalente a 60$00—Número avulso 4$50 — Número atrasado, 5$00.

Orgão do Centro Espiritualista Luz e Amor, de Lisboa, e da Maternidade Casa da Mãe Pobre, do Rio de Janeiro

Obras de Ciências Psíquicas e Filosofia Neo-Espiritualista

(em depósito nesta redacção)

	br.	enc.
ALLAN KARDEC		
O que é o Espiritismo	14$00	
O Livro dos Espíritos	28$00	40$00
O Livro dos Médiuns	28$00	40$00
O Evangelho Segundo o Espiritismo	28$00	40$00
O Céu e o Inferno	28$00	40$00
A Génese (nova edição)	28$00	40$00
Obras Póstumas	28$00	40$00
LEON DENIS		
Catecismo Espirita	7$00	
Cristianismo e Espiritismo	30$00	42$00
Depois da Morte	35$00	47$00
O Além e a Sobrevivência		22$00
O Grande Enigma	18$00	30$00
O Porquê da Vida (nova edição)	24$00	36$00
O Problema do Ser e do Destino (nova edição)	36$00	48$00
No Invisível (nova edição)	36$00	48$00
GABRIEL DELANNE		
A Alma é Imortal	28$00	40$00
A Evolução Anímica	28$00	40$00
O Espiritismo Perante a Ciência	28$00	40$00
ERNESTO BOZZANO		
A Crise da Morte	20$00	
Animismo ou Espiritismo?	30$00	42$00
Fenómenos de Transporte		18$00
Metapsíquica Humana	20$00	
Pensamento e Vontade	15$00	
CAMILLE FLAMMARION		
Casas Mal Assombradas	28$00	40$00
Deus na Natureza	36$00	48$00
O Fim do Mundo	24$00	36$00
Sonhos Estelares	24$00	
Stella (romance astronómico	26$00	38$00
Urânia	22$00	34$00

(Continua na 3.ª página de capa)

ESTUDOS PSIQUICOS

Mensário de Estudos Psíquicos e Neo-espiritualismo Experimental
(ao serviço do Espiritismo luso-brasileiro)

10.º ANO — LISBOA, OUTUBRO DE 1949 — N.º 10

Redactores: Ramos Pereira, António Cardoso | Director, Editor e Proprietário: Isidoro Duarte Santos | Administrador: Maria Gonçalves D. Santos

Redacção e Administração: RUA DO SALITRE, 149-1.º — LISBOA

Composto e Impresso na EDITORA GRÁFICA PORTUGUESA, LDA. — Rua Nova do Loureiro, 20 — Telefone 2 5295 — LISBOA

ESPÍRITO

É inegável. Todo homem que preza suas faculdades volitivas não crê no reinado da matéria. Não há sòmente «qualquer coisa» em nós que transcende os três estádios físicos. Há «quase tudo». Há um sem número de faculdades prestes a eclodir, logo que encontrem ambiente psicológico. E certos sábios de laboratório, que encanecem a desdobrar elementos, aferrados a critérios uniformes, pouco mais conseguem do que «mudar o pó», em círculo vicioso, revolvendo coisas, repetindo experiências. Fazem pesquisa unilateral, deixando incólume o resto do filão. E, sendo sábios, são misoneistas. É paradoxal. É absurdo. É incompreensível. É disparatado. Desculpem. É duro, é forte, mas é assim...

O reino da matéria vai sendo desvendado. Bem ou mal, vai sendo desvendado; quer dizer, os efeitos vão sendo postos à luz de dia invernoso, porque a claridade é parca, lá onde os cadinhos se enfileiram, como símbolos, mais de trabalho, que de progresso.

E o reino do espírito? Que é feito dele e de seus agentes providenciais? Onde está o sábio que o estude, que o penetre, que o analise? Onde está o sábio liberto que «procure» com olhos de ver o que muitos «vêem» sem procurar? E que diga ao mundo o que «viu», sem receio da mofa de seus pares? Onde está ele?...

A psicose do medo empolga muita gente que vive do preconceito. Valia mais que fossem corajosos, que fossem verdadeiros. Nunca reconhecemos ciências de convenção que laborem em limites fixados. E se o homem é animal racional, o universo deve ser a sua escola. Mas o universo físico e espiritual, com tudo o que tiver de impressionante e verdadeiro.

Há poucas semanas, numa reunião de médicos, um deles teve o arrojo de falar em coisas espirituais, apontando a necessidade «de se cuidar a sério da psiquiatria, que não tem preenchido a sua missão».

De facto, não há palavra tão destituida de sentido como essa. Não há especialização médica de mais vasto empirismo. E tudo baseado no mesmo erro inicial. Tratam de efeitos, não vão ao cerne da questão. Resultado: pouco mais de nulo.

O Dr. Cabral Moncada, na oração de sapiência que proferiu na abertura da Universidade de Coimbra, também se aventurou a muito, ao fazer a apresentação oficial do Espírito a pessoas doutas.

O que outros conseguiram há muitos anos é hoje nossa aspiração.

Se pensarmos bem, o caso é edificante: o Espírito a negar-se a si mesmo, a teimar que não existe, que é governado pela matéria! Então a matéria é que é espírito, centelha, clarão, luz diáfana, irradiação imponderável. Inversão de valores. Mas a causa é evidente. Negá-la, é negar o progresso humano, as grandes afirmações da Ideia transformadas em monumentos duradouros.

O reino do Espírito não tem limitações possíveis. Nada lhe é vedado. Tudo abrange, tudo empolga. Por isso nos admiramos de uns tantos sábios pretenderem negá-lo e mergulharem no lodo, julgando que é sol ardente e inofuscável.

Estudem os dois mundos, meditem no seu conteúdo universal. Verão depois como é bela a recompensa de seus esforços. Verão depois como é grandiosa a beleza que irradia das almas puras e como o Espírito orienta e comanda os movimentos do seu invólucro. Verão depois que tudo pertence à Unidade e que a desagregação é alvo negativo, de consequências desastrosas. Verão tudo isso e muito mais, se quiserem ver sem apriorismos.

É inegável. Não há sòmente «qualquer coisa» em nós que transcende os estádios físicos. Há «quase tudo»...

Como Funciona o Imponderável

(Tradução de SIBIL)

(Trecho inédito do volume em preparação: «Problemi dell'Avvenire» (Problemas do Futuro), de Pietro Ubaldi).

O mundo moderno apressado e céptico, não pressente a presença do imponderável, mesmo no desenrolar da vida quotidiana. E é, precisamente, para o mundo que desejamos falar, por forma prática e segundo a sua psicologia.

Muito se falou do imponderável durante a guerra, como se ele fosse um elemento de vitória, mas falou-se com critério materialista, com uma finalidade anti-humanista, falseando por completo a sua verdadeira significação espiritual, tal como aconteceu com a palavra «mística» e outras semelhantes. Desta forma, o conceito do imponderável acabou por se tornar confuso, por ser alterado, transformando-se numa das muitas mentiras a que estão hoje reduzidos os mais perfeitos valores espirituais. Por isso, de tanto citar o imponderável, acabou-se por não compreender o que seja e, principalmente, como funciona e a tal ponto que, como já vimos, depois de ser invocado em determinado sentido passa a sê-lo em sentido oposto, em prejuzo daqueles que mais o invocavam. Isto demonstra-nos que não se brinca com o imponderável, uma força terrível e poderosa, que pode favorecer-nos ou ser contra nós, conforme a posição em que nos encontrarmos perante ele. Tentemos, portanto compreendê-lo.

Quando nos preparamos para realizar determinado fim existe em nós, por um lado, a necessidade ou o desejo e, por outro, um plano instintivo ou raciocinado, tendente a encaminhar essa realização. Mas que pode abranger este plano, em face do oceano imenso de incógnitas que nos envolve. E estas incognitas estão, talvez, presentes, reais e activas e por tal forma que, em dado momento, podem prejudicar o desenvolvimento dos nossos planos, interferir na sequência dos nossos actos por nós coordenada, introduzindo nela novos impulsos que, nascidos do ignoto, não podem ser previstas por nós. Para podermos compreender e definir o imponderável será preciso penetrar até esse ignoto, Esses desvios que não conseguimos prever porque não possuimos elementos para isso, são mais fortes do que nós, assediam-nos a todo o momento, nas mais simples circunstâncias de cada dia, como nos grandes acontecimentos da História, dando à nossa vida um aspecto contínuo de incerteza. De facto, quando pomos em execução qualquer projecto, nunca estamos certos de atingir o ponto que desejamos ou outro muito diferente daquele que fixámos. Para exemplo, temos a última guerra. Procuremos, porém, um facto mais simples, mais individual e de experiência cotidiana, como, por exemplo, obtermos qualquer informação. Um facto insegnificante obsta a que se consiga e, por essa falta de informação devida a não sei que encadeamento de factos, falha importante negócio. Mas, quando saí, encontrei alguem em quem não pensava e esse encontro proporciona-me um negócio completamente diferente. Muitas vezes não conseguimos uma coisa que desejamos com tenacidade e preparamos com sagacidade e outra que, de princípio, se nos apresenta com minimas probabilidades de êxito, alcança completa realização. Que três quartas partes dos elementos do sucesso estão fora do nosso alcance, é facto que todos nós sabemos. Portanto, nós procedemos às cegas, dispondo apenas de um quarto dos elementos de triunfo e, com tão poucos trunfos na mão, tentamos conseguir tudo... tentamos, nada mais. E por mais que estejamos convencidos desta incerteza, lutamos ao acaso, apanhando à toa aquilo que podemos e mais do que podemos. Mas torna-se evidente que a solução do problema do triunfo não está no uso louco e desregrado, embora poderoso e decisivo, da quarta parte dos elementos que estão em nosso poder, mas sim no conhecimento e na sensata manobra dos outros elementos contidos nos três quartos que se esquivam. Que podem conter esses três quartos de ignoto ? É isso que precisamos conhecer. Na vida, para triunfar no mundo actual impõe-se ser sábio e ponderado. A força, embora se pense o contrário, se não for bem guiada não serve para nada e fica reduzida à estúpida e violenta manifestação de um animal: extermínio inconcludente.

Quantas coisas imprevistas estão de emboscada, tanto no bem como no mal, na alegria como na dor, no imponderável, no mistério que dirige a maior parte da nossa vida! Ao lado da zona bem definida, das coisas que pretendemos, como é vasto o campo em que predominam o que chamamos circunstâncias, surpreza, sorte e adversidade ! A maioria ignara e tola atribui tudo isto, em peso, ao acaso. Ora quem diz acaso, diz a própria ignorância. Para quem sabe profundar, a estrutura da vida revela-se muito diferente. Dizer que o abandono das normas, uma falta de regra, uma acção fora das leis basta para estabelecer a desordem total, é um absurdo. A direcção, que é um acto positivo, não pode ser entregue a um elemento negativo, que não se rege por si só e que não existe senão como oposição. A negação da ordem não deve ter o poder para dirigir a forte e perene afirmação da vida. Como o nada só existe como condição para o ser, também o acaso não é admissível senão como desordem enquadrada como função de uma ordem mais vasta que o circunscreve e ordenadamente o dirige para finalidade superior.

Tudo no Universo, mesmo aquilo que supomos fora das regras e casual, é regulado por normas, todas as forças se movem por concatenação para determi-

nada finalidade, conforme o princípio das causas e dos efeitos, Mesmo no ponto em que essas forças se encontram ainda no estado caótico próprio das fases menos evolvidas, o pensamento e a vontade de Deus ainda ocultos detêm as rédeas e gavernam o caos. E é por essa única razão que esse caos não se transforma no riso infernal de forças inimigas e não se perde no nada, mas, pelo contrário, evolve gradualmente, disciplinando-se numa ordem em que a presença de Deus se manifesta cada vez mais evidente. O imponderável, portanto, não é acaso ou desordem, mas lei e ordem que desconhecemos.

evolução e vontade. Cada acção, cada dia, cada vida, segue, vai no encalço da outra, como as ondas do oceano. Tudo é conexo no espaço e tudo avança na grande marcha ascencional da evolução para Deus, para o fim individual, para mais vastos fins colectivos com uma gerarquia de finalidade orientada para um único foco: Deus.

Se o homem conhecesse todos os elementos que estão nele e em volta dele, por certo que conheceria o futuro. O conceito de acaso, caos e desordem só pode existir na forma mental daquele que não evolver. Só nos graus de evolução superiores aos da humanidade se pode ter capaci-

que pode pôr em acção. Quanto ao resto, nada sabe, nada pode, tudo é determinado para além do seu poder e do seu conhecimento, nem tem mais responsabilidade senão abandonar-se nas mãos de Deus e à sua sabedoria. Ao hohomem foi dada determinada tarefa e pequeno campo para cultivar, isto é, o seu planeta. Quanto à direcção do Universo, no âmbito em que a pode compreender, não é mais do que simples espectador. Cumprida a sua missão, dentro do campo estabelecido pelas Leis e Deus, pela sua própria natureza, o resto pertence a Deus que sabe quais as tarefas a distribuir a este ou àquele ser.

Quando falamos num imponderável reconhecido, referimo-nos às incógnitas relativas ao homem e ao seu ambiente, e ainda às do Universo que podem ter nele qualquer repercussão. Tentando sondar o imponderável que mais nos interessa, por estar mais próximo, mais relativo à nossa personalidade, maiores probabilidades teremos de o conhecer. Com o cálculo das probabilidades tentamos estabelecer as leis que regulam o desenrolar dos acontecimentos. Mas esse cálculo refere-se apenas às fórmulas mais simples e a uma abstracção, às quais a realidade está muito longe de corresponder. Nos acontecimentos que dizem respeito ao homem, os elementos constitutivos são tantos e, na sua maior parte, ignorados, que todos os cálculos falham completamente. Todavia, reduzindo o complexo núcleo de forças à sua expressão mais simples, forças favoráveis ou contrárias, poderemos fazer uma ideia do seu provável desenvolvimento, numa determinada vida.

Se misturarmos 50 bolinhas brancas e 50 pretas, todas iguais, a probabilidade de extracção, para cada côr é de 50/100. Se misturarmos 25 brancas, 25 pretas, 25 amarelas e 25 verdes, a probabilidade de extracção, para cada um dos quatros tipos, será de 25/100. Se misturarmos 100 de 100 tipos diversos, a probabilidade para cada tipo será de 1/100.

Outra observação. O cálculo de probabilidades dá-nos a impressão de que o desenrolar do fenómeno no passado nos autoriza a prever no futuro a continuação do mesmo, em idêntica direcção. Mas, de facto, visto a vida estar baseada no equilíbrio, sucede

Pelo DR. PIETRO UBALDI

O problema consiste, portanto, em penetrar essas leis de um funcionamento por nós ignorado. É um foco de forças em movimento e, dado o princípio da causalidade, o problema resume-se em conhecer a natureza e as características de cada uma dessas forças, em que consistem actualmente e qual o caminho que percorreram até hoje. Só desta forma poderemos saber o que serão amanhã. Devemos, antes de mais nada, conhecermo-nos a nós próprios, conhecer a personalidade humana, em geral, e depois o nosso caso particular. O homem actual não conhece nem uma, nem outra coisa. É fácil, porque os elementos são muitos; trata-se de impulsos recentes mas que vêm de longe, de muito longe, impulsos de vária natureza e potência, em contínuo desenvolvimento, de forças nossas e de outros, confundidas numa continua interdependência de acção e reacção, de forças já condensadas em determinismo, fixadas por longa repetição de actos em automatismos e instintos, e de forças ainda livres em formação, que apenas começam a agrupar-se no feixe dinâmico constituindo a personalidade humana, ainda fluídicas, não cristalizadas no destino que continuamente nos constroem. Como orientar-nos ? Indubitàvelmente, o Universo é uma tremenda orquestração de forças, um imenso conceito em que o homem também emite a sua nota, mais ou menos consciente, mais ou menos livre, conforme a sua

dade para abarcar tão vastos panoramas, que, felizmente, estão fechados ao homem actual, dados os seus baixos instintos. Por isso, hoje, para ele tudo quanto está fora do seu restrito campo de exercício necessário para progredir, se confunde num inextricável labirinto, numa treva profunda. Para ele, portanto, a palavra «imponderável» assume um significado negativo, de ignoto e incognoscível, quando na realidade tem um conteúdo positivo e perfeitamente definido. Mas para chegarmos a este ponto é necessário evolver, afastarmo-nos do actual estado de animalidade. O homem de hoje não pode compreender isto, porque está, precisamente, neste estado, é essa a sua forma mental, e um estado não se pode conhecer quando se está dentro dele, mas apenas quando se está fora ou nos afastamos dele por ter iniciado o caminho da evolução.

O homem actual navega num mar de incógnitas, onde a direcção dos acontecimentos que lhe dizem respeito, individuais ou colectivos, não lhe pode ser confiada, porque é cego, mas sim à sabedoria das leis de Deus. Todavia, para que lhe seja possivel evolver através de uma livre experiência, por forma consciente e responsável, deixaram-lhe pequenino raio de luz, quanto basta para iluminar a estrada que tem a percorrer. Assim, ele compreende, escolhe, semeia e colhe, erra e paga, suporta a reacção das forças que possui, as únicas

exactamente o contrário. Quanto mais vezes se verificar um determinado acontecimento, pelas leis do equilíbrio, menos provável se torna que ele continui a verificar-se amanhã. Segundo uma lei universal de dualidade, a vida avança não por acumulação de factos, mas por uma compensação de factos opostos. É esta a verdadeira lei que rege a humanidade e, portanto, a lei do nosso destino. Lei que vai da maior afirmação feita pelo Cristo no Sermão da Montanha, ao caso que muitas vezes nos acontece e que dificilmente volta a suceder. Quanto mais vezes o jogador ganhou, menos provável é que continui a ganhar. São estas as leis da fortuna, que não é cega, como muitos dizem. O homem vulgar supõe exactamente o contrário. Quanto mais feliz é, mais seguro se sente e mais ousado se torna e, dessa forma, encaminha-se, pelo contrário, para a derrota. Isto é a consequência de uma lei que restabelece o equilíbrio e à qual ele, involuntàriamente, obedece. Assim se explica a queda, aparentemente inexplicável, de tantos triunfadores célebres.

Sem querer profundar agora se, num estado relativamente original, um ser teria uma proporção de 100/100 de felicidade e que, desse estado, tenha decaído a uma percentagem de 100/100 de dor; se a evolução actual consiste em recuperar os primitivos 100/100 de felicidade perdidos, poderemos considerar, como ponto de partida actual, um estado de equilíbrio, no qual, segundo a justiça, o destino de cada ser contenha 50 bolas brancas, isto é, probabilidades de alegria, e 50 bolas pretas, quer dizer, probabilidades desfavoráveis, de sofrimento. Poderia ser esta, no estado actual de evolução, uma posição média de equilíbrio para o qual tende a lei de hoje, salvo quaisquer excepções. Trata-se de uma ordem que, embora interrompida, tende automática e providencialmente, a reconstituir-se. Não queiramos saber se a Lei procura ir mais além e procure alcançar os 100/100 de felicidade.

Por enquanto o que interessa é saber que a transformação da percentagem e a deslocação de equilíbrio podem ser realizadas pela livre conduta do homem. Tornava-se imprescindivel, para que o homem pudesse evolver pela experiência própria, que lhe fosse concedida a liberdade de violar a ordem, para conhecer as dolorosas consequências do erro e aprender a evitá-lo. Em resumo, a evolução quer produzir um ser consciente do bem e do mal, um homem que saiba e não um autómato, embora perfeito.

Desta forma, acontece que, pela liberdade concedida por Deus para abusar e pecar, para apreender, embora pagando bem caro, o homem pode adiantar-se para o equilíbrio da justiça divina, alterando, nas suas vidas sucessivas, a proporção basilar do equilíbrio. O homem teve a liberdade de deslocar, conquanto à sua custa e correndo o risco, este equilíbrio que, no entanto, tende sempre a reconstituir-se e para o qual a lei tende também a levá-lo. Sem chegarmos ao caso limite da completa abolição das 50 bolinhas pretas, por meio do sofrimento e da ascensão, isto é, a felicidade absoluta no seio de Deus, ou, em oposição, ao caso limite, por meio do abuso e da descida, da completa destruição das 50 bolas brancas, isto é, por um lado à plenitude da vida, voluntária e conscientemente conquistada e, pelo outro, a auto dispersão no nada, actualmente por terra, encontramos situações médias e parciais de equilíbrio, que se fixam transitòriamente no campo de forças do próprio destino, e assim se transmitem de vida a vida, aguardando a correcção. Desta forma, construimos, por nossas mãos, os destinos mais dispares, com desiquilíbrios diversos, para bem ou para mal, e que são o resultado final de todas as operações da vida, resultado que se reflecte intacto quando no início de uma nova vida se inicia nova conta. Desta forma, cada um de nós, ao nascer, traz consigo o seu fardo, seu porque foi obra sua e que será peso ou auxílio, conforme o seu procedimento. O final de uma vida é o ponto de partida da vida seguinte, as conclusões de hoje serão os princípios de amanhã, as convicções, as ideias que levamos, ao findar uma vida, serão o instinto com que — e muito antes de termos a consciência disso — agiremos nos primeiros anos da vida seguinte. Desta forma, inconscientemente, mas com justiça, erguemos a nova vida sobre alicerces feitos com o pleno conhecimento da maturidade e seremos sempre a consequência daquilo que já fomos. Teremos assim destinos felizes ou infelizes, de alegria ou de sofrimento. Quem abusou e transgrediu a lei, pelo excesso de gozo, pode contar com um futuro com 25 probabilidades de felicidade contra 75 de sofrimento e assim por diante. Assim, talhamos livremente o nosso destino, passo por passo, teremos de o suportar com todos os nossos débitos e créditos nele inscritos e, por outro lado, enquanto fatalmente o suportamos, também continuamente amealhamos — para o bem ou para o mal — um tesouro para o futuro.

Eis como se pode analisar o imponderável e penetrar no desconhecido. É esta a verdade, quer para o indivíduo, quer para os povos. Na realidade, o fenómeno não se apresenta tão fácil reduzido à sua expressão mais simples, para comodidade de observação. Na realidade, as forças componentes não têm só duas cores, mas muitas. Não se trata só de alegria ou sofrimento, conquanto sejam fundamentais, mas de variadíssimas qualidades adquiridas, das mais variegadas especializações e atitudes, segundo as actividades postas em acção e os trabalhos a realizar. É facto que os destinos, excepto os que são considerados verdadeiras nulidades, se apresentam orientados, típicos, individualizados por uma cor dominante, por uma tendência para um dado género de experiências.

Por outras palavras, as forças constitutivas são diversamente coordenadas, formam um organismo com vontade própria, caminhando em determinada direcção. A realidade exterior, em que tantos se baseiam, não é mais do que uma veste, um cenário transitório, que apenas serve para dar corpo ao desenvolvimento destas forças. É natural que, se alguém trocar esta forma concreta pela verdadeira realidade, por fim reconheça que se encontra perante uma ilusão.

Para podermos analisar o imponderável teriamos de saber penetrar na estrutura do próprio destino, isto é, saber a fórmula da sua composição, natureza das várias forças componentes e a percentagem dessas mesmas forças; por outras palavras, seria preciso conhecer aquilo que preparámos no nosso longo passado. O homem actual não sabe nada disto e está muito longe de supor que possa sabê-lo. Essa ignorância é um bem, visto a sua tendência para fazer mau uso de tudo. A divina sabedoria só nos permite conhecer uma ínfima

parte daquilo que merecemos. Precisaríamos de dipor da faculdade de pesar méritos e erros, medir e classificar as forças adquiridas, os impulsos negativos e contrários das más tendências, as falhas, os desvios, os esforços no caminho da evolução, registar todo o deve e haver, vendo-os pelo prisma do equilíbrio e da justiça divina. Precisaríamos de conhecer o homem em geral e o seu caso particular, trabalho de profunda penetração no próprio intimo, que cada um pode fazer, estudando-se, reconstruindo-se, vendo, pelo que é hoje, aquilo que, necessàriamente foi no passado, observando analiticamente aquilo que os seus instintos representam em síntese, percorrendo o caminho feito para chegar a ser aquilo que hoje é, decompondo o conjunto actual nos elementos constitutivos. Feito isto, poderá então saber quais as probabilidades que tem de vencer ou de perder, de gozar ou de sofrer, de ser, como se diz, feliz ou infeliz. É fundamental, para medirmos o êxito desta vida, conhecermos os precedentes e também a contabilidade no tempo e qual o fardo de créditos e de débitos com que nascemos. Não se trata de fortuna, de acaso ou de mera habilidade. Compreender... compreender... compreender, eis o grande problema. Mas o homem actual tem outras preocupações e a lei guia-o e domina-o sem que ele compreenda coisa alguma.

Como é imensa a bagagem de impulsos e de instintos que trazemos conosco, como indivíduos e como povo ! E isto em todos os campos, seja moral, intelectual, orgânico, económico ou social. Cada abuso produz a inversa correspondente e proporcional carência.

Por isso, na Terra, muitos sofrem com a falta de coisas em que outros abundam.

Cada evolução unilateral de qualidade, gera a necessidade de completar-se com o desenvolvimento no lado oposto, com a experiência autagínica. Por isso, na Terra, muitos parecem deslocados, porque estão a experimentar e a aprender aquilo que não sabiam. Na Terra, tudo parece errado, porque o planeta não é lugar de repouso mas sim de exercício, não é campo para colher, mas sim para semear. As nossas deficiências morais, os vícios, os delitos, a pobreza, a imbecilidade, as predisposições e vulnerabilidades orgânicas, são deficiências resultantes de abusos. O espectáculo deste mundo pode, segundo parece, resumir-se em duas palavras: «Abuso e Carência». O abuso conduz à saciedade, enfraquece-nos e abre a porta aos assaltos patogénicos de toda a espécie e contra os quais deixamos de ter as defesas naturais, porque as destruímos. O mau uso das coisas inverte as forças da Natureza que já não estão conosco, mas contra nós. Qual é o nosso passado humano ?

A história mostra-nos que, por vezes, foi horrendo. E, nesse caso, que poderemos esperar da vida, com semelhante peso sobre os ombros ? O dinamismo íntimo da própria personalidade atrai as forças do ambiente, transforma-se no núcleo, formando-lhe em volta as vestes materiais onde a nossa observação se detem e que oferecem solidez concreta e resistência ao imponderável. Se ele se nos afigura hostil e a terra é para nós um lugar de sofrimento, lembremo-nos que também pode ser purgatório e lugar de redenção. Se à terra os atrasados vêm para gozar e os malvados para arrumar-se, penetrando sempre mais fundo no mal, pelo contrário, os evolvidos vêm aqui para se purificarem pelo sofrimento e pelo amor. Neste purgatório terráqueo todas as almas têm a possibilidade de evolver para o bem e de prepararem um futuro feliz, corrigindo o próprio destino, com uma vida de bondade e de pureza.

LIBERDADE

por JOSÉ SIMÕES DE MATOS

Verdadeiramente, a liberdade externa não liberta o homem de suas faltas. Porque a Grande lei cumpre-se à luz da consciência, contra a qual ninguém pode discutir, visto ela ser o facto em si mesma. O homem pode estar preso pessoalmente e estar livre individualmente, se, em consciência, nada o acusa. E pode estar livre pessoalmente e sentir-se verdadeiramente preso em sua consciência, por se saber infractor da lei Divina, a Grande lei de Causa e Efeito. Casos tem havido em que estes infractores, de tanto se sentirem presos e em sofrimento moral, resolvem entregar-se à prisão para terem um lenitivo íntimo que, de outro modo, não conseguem.

O homem jamais poderá escapar às consequências dessa grande lei, na terra ou no espaço. Ela é sempre presente e age silenciosamente, com a precisão de sabedoria divina. O dia em que o homem se der conta, em si, desta divina lei, por certo mudará muito o seu «modus vivendi». Não mais precisará de armar-se externamente contra os seus inimigos, porque saberá que não são estes os tais. Pois terá aprendido de seu grande e sábio Mestre, que a dor é a doutrinadora do ser teimoso, que os verdadeiros inimigos vivem sempre conosco, dentro de nós mesmos, prestigiados pelo nosso amor-próprio e outros falsos amigos, que são a causa de todas as nossas misérias, das quais é preciso libertar-nos, custe o que custar.

Por esta razão, Jesus nos disse :

— Conhecereis a verdade e esta vos fará livres.

Estudar a verdade para melhor poder senti-la e praticá-la — é seguir a Jesus, é ser cristão.

Out/49

ALGUMAS SESSÕES COM A MÉDIUM PIPER

Pelo Coronel FAURE DA ROSA

Dentre as 1.400 ou 1.500 páginas de texto compacto consagradas à mediunidade da Sr.ª Piper pelos *Anais da Sociedade de Investigações Psíquicas*, pelo menos metade é constituida por relatórios de sessões, estenografadas ou muito pormenorizadas. Em alguns desses relatórios, até as exclamações mais insignificantes dos assistentes foram registadas.

Quem conhece o Espiritismo já não tem que se admirar de que os espíritos falem como nós, viventes na terra, e que tratem dos mesmos assuntos que nós aqui tratamos. Todos os espiritistas devem saber que os espíritos, que deste mundo ingressam no Além, grosseiros, triviais, pouco ou mal evoluídos, não se tornam de um dia para o outro de uma beleza transcendente. Partimos para o outro mundo com as qualidades e defeitos que na vida terrena tivermos adquirido. Os espíritos progridem, decerto; mas, como todo o progresso, o deles também é lento.

O professor Lodge redigiu uma lista com 42 dos principais incidentes sobrevindos durante as sessões que aquele sábio realizou em Inglaterra com a médium Piper. Desses 42 incidentes, Lodge apartou cinco todos eles referentes à sua família.

Na 16.ª sessão, Phinuit, pela médium Piper, afirmou ao professor Lodge que o filho mais velho tinha uma dor na barriga da perna. Ora, naquela ocasião o rapaz só se queixava de uma dor no calcanhar quando andava. O médico diagnostticou reumatismo. Mas, dias depois da sessão, a dor localizou-se na barriga da perna. Esta afirmação teve carácter premonitório: auto sugestão não podia ter sido, porque o professor Lodge assegura que não falou em tal coisa ao filho.

Na sessão 44.ª, o professor Lodge perguntou ao tio Jeny, que era, então, a entidade comunicante: «O tio lembra-se de algum incidente na sua infância?». O interpelado responde imediatamente: «Com certeza; lembro-me de ter estado quase a afogar-me», replicou Jeny acompanhando a resposta com o seu riso característico. «Eramos um bando de rapazes — continuou o espírito comunicante — e todos nos metemos dentro de um barco; o barco voltou-se e tivemos que atravessar o rio a nado, contra a corrente. Pergunta a meu irmão Roberto; ele deve lembrar-se».

Consultado, o tio Roberto recordou-se perfeitamente do incidente.

Na sessão 46.ª, o pai do professor Lodge, disse-lhe: «A última visita que fiz antes de morrer foi a casa do tio Roberto. Já aí senti sintomas inquietantes». O professor Lodge ignorava este facto ou, se alguma vez o soube, esquecera-o completamente. Interrogados os primos, estes deram-lhe plena confirmação do acontecimento.

Na sessão 82.ª, o tio Jeny, falando do irmão Frank, que em 1890 ainda era vivo, exprime-se desta maneira a propósito de um incidente de infância: «Ah! sim, decerto! Frank era cheio de vida; uma vez trepou a uma cabana e foi esconder-se debaixo do teto de colmo. É incrivel como ele era travesso: passeava sem camisa, atirava ao chão o chapéu dos transeuntes... Perto da nossa casa residia uma família Rodwey. Deu uma corrida magistral para pregar uma tunda num dos filhos chamado John. Ele, porém, fugiu e o pai ameaçou Frank; mas Frank escapuliu-se: Frank escapava-se sempre... Trepava às árvores como um macaco. Que terrível criança ele era! Estou a lembrar-me da maneira como ele pescava: metia-se na água até o peito; toda a gente imaginava que Frank fosse ali encontrar a morte, mas nunca lhe aconteceu mal algum».

O professor Lodge escreveu a Frank a perguntar-lhe se as minúcias acima expostas eram verdadeiras. Frank respondeu afirmativamente: «Lembro-me muito bem de ter jogado a pancada com esse rapaz — dizia Frank — eu tinha então dez anos; estou convencido de que ele era levado do diabo».

Em 28 de Novembro de 1890, o professor Henry Sidgwick — um dos homens mais eminentes dessa época — teve uma sessão com a Sr.ª Piper. Tinha-se combinado que a esposa ficasse em casa e que durante a sessão tomasse uma atitude especial. Pediu-se

à Sr.ª Piper que descrevesse essa atitude, para avaliar o seu poder de vista a distância.

Interrogado, Phinuit respondeu: «A Sr.ª Sidgwick está sentada numa grande poltrona; fala com uma senhora e põe qualquer coisa na cabeça». Estes pormenores eram exactos. A Sr. Sidgwick, naquele instante, estava sentada numa grande poltrona, conversava com a senhorinha Alice Johnson e pusera na cabeça um *foulard* azul.

Na 45.ª das sessões que se realizaram em Inglaterra e em que eram consulentes os professores Oliver e Alfred Lodge, Thompson e a esposa, Phinuit, encorporado na médium Piper, perguntou subitamente: «Conhecem Ricardo Rick, Mister Rick?

A Sr.ª Thompson respondeu que conhecia um Dr. Rick, embora vagamente.

— É esse mesmo, replicou Phinuit. Desencarnou e envia ao pai a mais terna expressão do seu afecto.

E, imediatamente, falou de outra coisa.

Na sessão 83.ª, onde estava o mesmo casal Thompson entre os assistentes, Phinuit disse num dado momento:

«Está aqui o Dr. Rick».

Depois do que, logo a seguir, o próprio Dr. Rick toma a palavra. Parece que Phinuit lhe cedeu o lugar que ocupava no organismo da médium.

— Sr. Thompson, eu queria pedir-lhe o favor de transmitir uma mensagem a meu pai, diz o espírito comunicante, o do Dr. Rick. Thompson prometeu satisfazer o pedido.

— Mil vezes obrigado, continua o Dr. Rick. É muita amabilidade da sua parte. É que eu deixei o corpo um tanto subitamente. Meu pai teve grande pena e ainda tem; não pode dominar o seu pesar. Diga-lhe que eu estou vivo... Onde estão as minhas lunetas? *(A médium passa a mão pelos olhos).* Eu usava lunetas. Meu pai deve te-las, bem como alguns dos meus livros. Também tinha uma caixinha preta; meu pai também a deve ter; o meu empenho principalmente é que ela não se perca. Meu pai, por vezes, sofre um pouco de vertigens: é nervosismo, nada de grave.

Thompson pergunta-lhe em que se ocupava o pai. Resposta do Dr. Rick:

(A médium pega numa carta, faz o gesto de escrever e, em seguida, o de colar uma estampilha).

— Ocupa-se de coisas destas.

Dos apontamentos do professor Oliver Lodge, consta que Rick, pai, era o recebedor geral dos correios de Liverpool. O filho, o Dr. Rick, era quase desconhecido para Thompson e era-o inteiramente para Lodge. Thompson procurou-o e transmitiu-lhe a mensagem do filho.

Rick pai achou o incidente extraordinário e inexplicável a não ser que por meio de qualquer fraude... afinal, também inexplicável. A expressão *mil vezes obrigado* era um hábito do Dr. Rick.

Rick pai havia algum tempo que tinha ligeiras vertigens. Não sabia o que o filho queria dizer com a *caixa preta,* mas era certo que no leito de morte falava incessantemente numa caixa preta.

Na sessão de 26 de Novembro de 1892 em casa de Howard, estando presentes Howard e a mulher, a filha Catarina e o Dr. Hodgson, Phinuit perguntou de repente: Que é Farnan?

Howard perguntou se ele queria dizer Vernon. É preciso explicar que estas duas palavras que em português parecem tão diferentes, pronunciam-se em inglês, quase da mesma maneira.

Phinuit explica que não sabe como pronunciam aquela palavra e soletra-a assim: *F-ar-n-s-w-o-r-t-h.*

Depois declara:

— Quere vê-lo.

— A mim? pergunta o Dr. Hodgson.

Que não era a ele, mas à mulher. A Sr.ª Howard intervem e interroga:

— Que me quer? É homem ou mulher?

— É homem, responde Phinuit. A senhora lembra-se de sua tia Helena?... É um homem que esteve ao serviço dela. Esse homem quer por força que lhe transmita os seus cumprimentos de estima e que lhe diga que ele está aqui vivo no Além, afim de que a senhora tenha, assim, mais uma prova da sobrevivência.

A Sr.ª Howard perguntou, depois, à tia Helena se tinha conhecido um tal Farnworth, sem acrescentar mais nada. Phinuit tinha razão: na casa daquela tia houvera um jardineiro com aquele nome, trinta e cinco ou quarenta anos antes. A Sr.ª Howard antes deste incidente nunca ouvira falar em tal homem.

Incidentes como estes que acabo de contar, dificilmentte os poderá explicar a teoria da telepatia. Mas há um traço que marca bem a fisionomia das sessões em que é impossível admitir influências telepátitcas: se o consulente se recusar obstinadamente a aceitar os comunicantes como eles pretendem ser, ou se

INTIMIDADES
de UM HOMEM

II

Existo e nunca como nesta hora em que escrevo senti a tragédia contida nesta ideia aparentemente simples. *Existo*, isto é, não posso deter-me no plano inclinado do tempo, não consigo *ficar* «eu», eu só, enquanto o outro desfila diante de mim. Persigo tudo para depois me encontrar mais vazio, menos eu, como desejava obter com aquela perseguição.

Já houve tempo em que me perguntei o motivo de ser assim e não de um outro modo, um modo mais conforme com o dos outros que vivem sem se deterem a inquirir do «porquê» e do «para quê». E a razão desta interrogativa estava no desespero de ser assim. Ah! Agora não pergunto, porque quero ser assim e porque, afinal, a interrogativa foi quebrada pelo bater, embora descompassado, do martelo da razão. Eu quero continuar sempre assim, quero continuar a caminhar nas volutas caprichosas de uma espiral cujo primeiro ponto a memória não reproduz e a inteligência não alcança e cujo derradeiro o espírito deseja obter; quero sofrer toda esta angústia do desencontro e isto porque *sei* que *sempre* assim quis desde que existo, desde aquele «antes» oculto ao «agora» incompreendido. Sofro? Não, não sofro a existência, porque a quero assim: — moldada no barro frágil do meu espírito pelas minhas próprias mãos. (Eu sou o artista e o barro). O que eu realmente sofro é o viver ser tão diferente do existir. As forças que me prendem à vida, ora (parece) querem diminuir a possibilidade de me sentir para «lá» da vida, ora me ajudam a dar passos nesse sentido. Mas agora noto que é este *mesmo* desencontro que dá sentido à Vida e, no entanto, sofro-o.

E sofrerei eu por viver? Não; eu sofro o *viver* e não *por* viver, visto que para existir melhor um dia eu devo viver, viver cada hora como se fosse a última. (A «última» hora é a derradeira possibilidade para construir um existir mais perfeito).

É isto precisamente: — eu amo e, por isso, quero o desencontro porque sei que do choque em mim das forças desencontradas da vida há-de provir (é lei...) uma forma de equilíbrio natural, melhor do que aquele que eu poderia criar de um apriorismo. Esse equilíbrio, essa resultante de reflexo definirá a directriz absoluta da minha existência.

(Noto que quando penso em «viver» não o entendo pelo viver vulgar. Este suporta-se na sua incansável monotonia. O viver que eu entendo é o plano onde se focam os reflexos que, no espírito de cada um, causam os fenómenos mais complexos do viver do «dia a dia»).

Em virtude deste modo de ser, abro os braços à Vida no sentido de a infundir a mim ou de eu mergulhar no que ela tem de mais profundamente desencontrado. Que importa que me fira, que chore lágrimas amargas como fel, que chegue ao fim com os flancos sangrando e o peito aberto? Que importa se *isso* é que é *realmente viver*. Viver sem dor é passar pela vida; viver com dor, sabendo porque tem de se viver assim, é iluminar a própria vida e ganhar direitos sobre um existir mais completo, mais uno, mais Verbo e menos carne.

Ah! Como tenho pena de não ter podido ainda alijar por completo aquele fantasma absurdo que em mim existe e que se chama — homem da rua! Ele sofre e, depois, arranca os cabelos com desespero por ter de viver a vida vulgar a que e em que é forçado. E quantas vezes os seus ímpetos e os seus lamentos abafam o meu próprio «eu»! Mas enquanto viver, enquanto tiver de «estar na vida», tenho de o carregar nos braços, porque é através dele que eu apago os riscos tortos que outrora desenhei nas lousas da Terra. Pensando nele, no «homem da rua», e naquele que, também, sendo eu, está para além dele, escuto a voz de Rilke:

— «Tu porém... sobrepujaste o seu clamor com a ordem... e todas as duras pedras que eles arremessaram ao teu coração transformaram-se em ti em algo de suave e com ouvidos para te ouvir».

---

mofam deles, a comunicação não tarda a acabar. Os comunicantes agem como se fossem pessoas viventes na terra; ofendem-se e retiram-se. Phinuit, esse não se dá por ofendido; mas ao gracejo opõe gracejo, à troça opõe troça. Se os comunicantes fossem apenas produtos efémeros da telepatia, como poderíamos admitir, razoàvelmente, criações inconscientes capazes de serem sensíveis à chalaça ou ao ultraje?

Mas há melhor. Se quisermos alcançar comunicações claras, não devemos atordoar os comunicantes com perguntas. Os espíritos comunicantes para se nos manifestarem, têm que se colocar num meio muito incómodo que os perturba excessivamente: assemelham-se a um homem que acaba de receber uma bordoada na cabeça e fica em semi-delírio; é necessário tratá-los como se trataria um homem moído com pancadas; é necessário acalmá-los, encorajá-los, assegurar-lhes que as ideias não tardarão a voltar-lhes. Foi por este processo que se obtiveram os melhores resultados com as incorporações da médium Piper. Ora, se se tratasse de telepatia, parece que as perguntas deveriam despertar ideias e activar o processo da sua associação.

O meio seguro de afastar de todo a hipótese da telepatia é conseguir previsões do futuro. O médium, assim, não pode ler nem no espírito dos viventes na terra, nem nos objectos, por virtude da «influência» que neles exerçam acontecimentos que ainda se não deram, que hão-de vir. Ora, fenómenos desta natureza, fenómenos de premonição, temo-los em barda.

ESTUDOS HISTÓRICOS

POR

DEOLINDO AMORIM

Correspondente no RIO DE JANEIRO

II

Ordinàriamente, tanto no Brasil como no estrangeiro, os estudos históricos acerca do Espiritismo tratam do fenómeno, do período iniciado em 1848, com os célebres «rapps» de Hydesville. Mas a história do Espiritismo não deve cingir-se exclusivamente ao aspecto fenomenológico, tal a tendência que tomou, nos dias que correm, o estudo da História. Há muito tempo a História deixou de ser simples narrativa, para ser, à luz da moderna ciência, interpretação de factos. Antigamente o que se entendia por História era apenas a descrição pura e simples dos acontecimentos. Hoje, porém, a História tem outro sentido. Já existe a ciência histórica, já se faz história sob critério científico, seguindo metodologia própria, o que não havia na época de Tito Lívio ou mesmo na de Plutarco.

Depois que se fundou a metodologia da História, os estudos históricos passaram a ter importância considerável em todas as actividades humanas, porque o indispensável, hoje, não é apenas narrar, descrever os factos, mas interpretá-los. Os trabalhos de Lenglois e Seignobos, por exemplo, modificaram profundamente o conceito e a orientação da História. Os estudo da História, actualmente, é necessidade. Não há actividade humana sem história. Até aqui, as premissas. Vamos, agora, à conclusão do assunto.

Quando se fala em história do Espiritismo, não se pode entender simplesmente a história dos fenómenos. Não, porque o conceito de história, presentemente, abrange actividades múltiplas. Neste caso, convem perguntar: em que deve consistir a história do Espiritismo? No estudo da influência geral da doutrina espirita na vida cultural, religiosa, política, social. Já se vê que a história do Espiritismo não pode ser simples narrativa dos fenómenos. Para se estudar a influência do Espiritismo, suponhamos, no Brasil ou em qualquer outro país, é indispensável verificar em que sentido se fez sentir a influência desta doutrina, isto é, em que campo de actividade o Espiritismo teve maior projecção. Aí, forçosamente, a História se encontra com a Sociologia. Não se pode estudar a influência do Espiritismo no meio brasileiro, sem descer a pesquisas no terreno da Sociologia.

Muita gente não dá importância aos estudos históricos, porque naturalmente não compreende o papel de tais estudos em todos os campos de pesquisa. Como é que se pode conhecer a contribuição do Espiritismo nesta ou naquela parte do mundo sem certas investigações históricas em que não podem deixar de entrar outras ciências como a Estatística, a Sociologia, a Psicologia Social? É assim, por este caminho, que se estuda a influência de uma doutrina, sob todos os aspectos, no seio de um povo. Pouco se fez até hoje para distinguir o papel do Espiritismo, sua influnêcia geral neste ou naquele país. Não podemos perder de vista o seguinte ponto de orientação: a pesquisa histórica requer a pesquisa sociológica, a não ser que se pretenda, apenas, fazer a história do fenómeno, sem qualquer preocupação social.

Em que sentido se fez sentir, até hoje, a influência do Espiritismo no Brasil? De que forma a doutrina espirita penetrou na consciência de seus adeptos neste país? Eis as principais questões que devem ser encaradas na pesquisa histórica das actividades espiritas no Brasil. De princípio, já se pode dizer que a influência do Espiritismo no Brasil não se desenvolveu no terreno político. Sob este ponto de vista, uma das doutrinas de maior influência política no Brasil foi o Positivismo, principalmente na transição do Império para a República. Hoje, porém, essa influência está reduzida a pequeno grupo. O Positivismo, em razão de sua base científica e suas soluções matemáticas, conquistou, no fim do século passado e no começo deste século, grande e brilhante élite cultural.

O Espiritismo não teve influência política entre nós, nem na própria França. Não é, pois, neste terreno que deveremos intensificar futuras pesquisas. Em nenhum país o Espiritismo se interessou pela política. E a influência do Espiritismo na vida cultural do país? Eis um campo de estudo que está a suscitar largas e demoradas investigações. Pràticamente, com toda segurança, (podemos afirmá-lo) a influência do Espiritismo tem sido intensiva, fecunda, no campo moral e no social. Justamente por este motivo é que os estudos históricos, entrosados com a pesquisa social, se tornam indispensáveis para que possamos verificar até que ponto chegou, entre nós, a influência do Espiritismo na reforma de costumes. Há

muito, desde 1939, venho pensando neste assunto. Este ramo de estudos vem constituindo, para mim, objecto de cogitação desde aquele ano, como decorrência do que observei, do material que se reuniu por ocasião do 1.º Congresso Brasileiro de Jornalistas Espiritas. Daí para cá nunca mais deixei de pensar na necessidade, aliás muito lógica, de se fazer alguma coisa a respeito da influência do Espiritismo no Brasil. Cheguei mesmo a ponderar, no relatório da Comissão Organizadora daquele Congresso, na sessão de encerramento, que «ainda não fizemos um balanço para saber, com rigor, com exactidão histórica, qual o papel do Espiritismo neste país». Foi mais ou menos o que disse a tal respeito. Quem primeiro me falou neste assunto foi um oficial do Exército, membro da Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro e do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Conversávamos, na sede da Liga Espirita do Brasil, a respeito do material histórico reunido na exposição a que já me referi. Ao despedir-se, esse distinto oficial, que é homem culto, lembrou-me o seguinte: «seria interessante, depois de tudo isso, um trabalho com o objectivo de estudar as formas de influência do Espiritismo no Brasil». Nunca mais abandonei o assunto, embora nada tivesse escrito a respeito. Espero, depois do 2.º Congresso Espirita Pan-Americano, naturalmente muito depois, tentar alguma coisa. Caso eu encontre um grupo de companheiros para fazer pesquisas históricas, tratarei, mais tarde, da organização de uma conferência para estudar exclusivamente a parte histórica do Espiritismo, de acordo com os primeiros entendimentos, aliás recentes. Dessa conferência ou convenção, poderá sair um Instituto ou Sociedade Histórica, ùnicamente para fazer pesquisas e estudos neste campo. Tudo isso, porém, é prematuro, é incerto. Mas o que é necessário e indispensável é que os nossos confrades se interessem pelos estudos históricos na seara espirita. Não se compreende um movimento de extensão internacional, e de penetração profunda em todas as camadas sociais através dos tempos sem dados históricos, sem um orgão especial para cogitar deste aspecto do Espiritismo. Espero, ainda, voltar a este assunto, não sei quando. Quero, apenas, nestas páginas de Estudos Psíquicos, *veículo das ideias espiritas no mundo latino, lembrar a conveninêcia de encararmos, com maior interesse, o lado histórico das actividades espiritas.*

Mário Caeiro Alves

Hoje, é um patrício e amigo que desfila nestas colunas, patrício e amigo que em terras do Brasil moureja o pão cotidiano, jornadeando de norte a sul e semeando o sazonado grão da Doutrina Espirita.

Mário Caeiro Alves é um novo cheio de vida e esperança. Filho do nosso prezado confrade João José Alves, velho batalhador da Causa e um dos fundadores do Centro Espiritualista Luz e Amor, ao qual tem prestado grandes serviços, dirigiu-se ao Rio de Janeiro, onde afirmou as suas belas qualidades de trabalho ao lado de seu tio António José Alves, outro esforçado obreiro da Grande Seara. Agora, percorre os Estados do interior ao serviço da Casa Marques Mendes, da Capital Federal, aproveitando as viagens para propaganda desta revista, de que é *representante geral em viagem*.

MÁRIO CAEIRO ALVES

Mário Alves veio espontâneamente ao nosso encontro e a sua obra tem sido profícua, angariando assinantes e promovendo a expansão de *Estudos Psíquicos* nas localidades que visita. Trabalhando de comum acordo com os nossos estimados representantes, a quem temos a honra de o apresenar, Mário Alves muito poderá fazer em benefício do intercâmbio espirita luso-brasideiro, mercê da sua inteligência e dedicação ao ideal que abraçou.

Que os Mensageiros do Alto o protejam na sua dupla missão e que ele siga as pisadas de seu pai no árduo sector que escolheu são os votos dos que o acompanham deste rincão lusitano e lhe desejam as maiores felicidades.

SISTEMA DIDÁTICO
NO ENSINO DO ESPIRITISMO

Já falámos no asunto. Mas voltamos a ele por o julgarmos de grande importância e digno de meditação. Tão digno, que desejariamos ver este caso imitado por todos os centros espiritas do globo.

O Centro Espirita «18 de Abril» fundou-se para comemorar a data da publicação de «O Livro dos Espíritos» (18 de Abril de 1857) e imprima novos rumos à propaganda. E nesta conformidade, adoptou o sistema didático, em vez de conferências avulsas sem coordenação.

Prometemos há tempos dar uma ideia da forma como o seu presidente, Deolindo Amorim, orienta estes trabalhos. Cumprimos hoje a promessa. Muito terão a lucrar os que dirigem sessões e os que anseiam pela renovação da propaganda espirita.

O que vai ler-se é extraído do folheto n.º 1 dos «Estudos Doutrinários», editado pela Gráfica Mundo Espirita, do Rio de Janeiro, o qual contém o resumo de algumas prelecções feitas naquele Centro, em 1948. Como se verá, o estudo dirige-se a principiantes e não a conhecedores da matéria.

— I —

Tema geral: DEUS

«O LIVRO DOS ESPÍRITOS»

A doutrina espirita começa pela afirmação de Deus. (Cap. I do *Livro dos Espíritos).* O fim da doutrina é consolidar a crença do homem. Sendo este período de estudos doutrinários (2.º ciclo) destinado à interpretação da doutrina, devemos começar, é lógico, pelo livro inicial da codificação de Allan Kardec: *O Livro dos Espíritos*, tanto por ser, cronològicamente, o 1.º livro básico da doutrina, como porque trata da parte filosófica do Espiritismo. É nesse livro que se encontram os princípios gerais da doutrina. Vamos, pois, começar a interpretação do Espiritismo pelo capítulo I do *Livro dos Espíritos: DEUS.* Sendo Deus *causa* e não *efeito,* é indispensável que iniciemos nossa interpretação, partindo naturalmente do conhecido para o desconhecido. O conhecido é a matéria, com todas as suas transformações; o desconhecido é Deus, cuja presença real não se manifesta a olho nú, mas através de seus efeitos. Para compreendermos bem as manifestações de Deus, «Causa primária de todas as coisas», precisamos de figurar, lògicamente, esta escala, de baixo para cima :

Deus
Espírito
Matéria

MATÉRIA — Estamos envolvidos pela matéria em todas as direcções da terra. O mundo que nos redeia é matéria; tudo o que fere os nossos sentidos humanos é matéria, em estados diferentes, mas sempre matéria. Logo, o primeiro elemento conhecido, para nós, é a matéria. Mas é na matéria que nós vemos os efeitos de uma *causa* desconhecida. Façamos, pois, o seguinte paralelo:

CONHECIDO	DESCONHECIDO
Matéria	Substância
Corpo	Espírito
HOMEM	DEUS

(Explicação no quadro negro, seguindo, tanto quanto posível, o processo pedagógico mais aconselhável na ocasião).

Esse paralelo entre o *conhecido* e o *desconhecido* corresponde a duas ordens de conhecimento: o conhecimento que nos vem pelos sentidos materiais, ou sentidos comuns (visão, tacto, olfato, etc.) e o conhecimento que só nos chega através de sentidos espirituais.

Já dissemos, à luz da doutrina, que na contemplação do Universo, o primeiro elemento conhecido é a *matéria.* Que é matéria ? (Veja-se o cap. I, explicação dada a partir do n.º 21). Para compreendermos o espírito, que é essência e não forma, precisamos de conhecer a matéria. Não podemos compreender a *causa* de uma coisa sem examinarmos, antes, os efeitos dessa *causa.* É o que se dá entre o espírito e a matéria. Logo, o conhecimento do espírito reclama o conhecimento da matéria, visto que um é *mediato* e o outro é *imediato.* Esclarecimento: existem coisas que nós conhecemos *imediatamente,* sem dificuldade; existem, porém, atrás dessas coisas, realidades que nós não podemos conhecer senão através de objectos visíveis. Digamos melhor: aquilo que conhecemos por meio de coisas invísiveis e a que chamamos conhecimento *mediato,* em oposição ao conhecimento *imediato,* que é directo, ao passo que o outro é indirecto. Passemos, agora, ao quadro negro:

CONHECIMENTO DAS COISAS

IMEDIATO	MEDIATO
Matéria	Substância

Em consequência, temos:

MATÉRIA	Forma	Conhecimento directo
	Substância	Conhecimento indirecto

Quadro negro

O conhecimento da matéria é *directo* porque é imediato, isto é, porque vemos, apalpamos, me-

dimos a matéria directamente; mas isso que vemos e apalpamos é a forma da matéria, a parte que está mais próxima de nós, e não a *substância*. Justamente por isso é que o conhecimento da substância é *indirecto*, pertence à ordem de conhecimentos *mediatos*. Que quer dizer *mediato?* Aquilo que não conhecemos directamente, mas por meio de alguma coisa. Explicação: nós vemos as transformações da matéria, as formas da matéria, mas não vemos a essência da matéria, isto é, vemos a parte *exterior* das coisas, a parte visível, concreta, mas não vemos a *substância*, aquilo que determina a constituição íntima da matéria.

Resumindo: atrás do espectáculo que a natureza nos apresenta, na ordem material, existe uma *causa*, que pertence à ordem extra-material. Vemos a matéria transformar-se, contemplamos as forças da natureza através de seus fenómenos, etc. Mas, logo depois, perguntamos: qual a causa de tudo isso ? Tudo é movimento. Qual o *motor* que move todo esse mundo que nos rodeia ? (Leia-se o n.º 22 do cap. estudado).

Estudando a matéria, nós observamos que os fenómenos da natureza têm uma causa, obedecem a uma força que nós não vemos. Partindo desta observação, iremos marchando da matéria para a substância, do corpo para o espírito, do espírito para Deus, sempre do *conhecido* para o *desconhecido*. Na próxima exposição trataremos deste ponto: os *fenómenos da natureza não se explicam por si mesmos*.

(1.ª prelecção doutrinária do 2.º ciclo de estudos, iniciados em Agosto de 1948).

II

Tema: MATÉRIA

LIVRO DOS ESPÍRITOS (cap. II n.º 21, em confronto com *A Génese* (cap. VI, n.º 3):

Verificando-se que os fenómenos da natureza não se explicam por si mesmos, isto é, sem um agente responsável, sem uma *causa*, em suma, como vimos na exposição anterior, as modificações da matéria, sua solidez, sua compressibilidade, assim como as diversas propriedades dos corpos dependem de um elemento *invisível*, força ou energia, de cuja existência não podemos duvidar, porquanto os efeitos *visíveis* estão diante de nós. (Veja-se a *A Génese*, de Allan Kardec — «Uranografia Geral», — cap. VI). Não percamos de vista este ponto de orientação: as coisas visíveis explicam as invisíveis. Exemplo: no funcionamento de qualquer máquina, nós vemos os movimentos das peças, a engrenagem de todas as suas partes, bem ajustadas, bem combinadas, etc.; mas não vemos a força que produz o movimento, que dirige o ritmo da máquina. Podemos negar a existência dessa força? Não, porque estamos diante de seus *efeitos;* ela, portanto, depende de uma *causa*. Conclusão: o funcionamento da máquina, que é apenas *efeito*, não se explica por si mesmo, mas pela *causa* que o origina.

Comecemos pela matéria, pelas coisas mais simples e imediatas, e chegaremos à lei universal de causalidade reconhecendo que a causa do Universo é DEUS, causa primária de todas as coisas. («Livro dos Espíritos», capítulo I). Tomemos, pois, como ponto de partida, uma lei geral. *Nenhuma coisa se explica por si mesma.*

A matéria, portanto, não se explica por si mesma. Ela existe, porque antes dela existia uma causa. Essa lei geral tem aplicação às grandes, como às mínimas coisas. Exemplo: temos aqui, na mão, um livro; nós vimos esse livro sair da máquina, vimos como ele foi feito na oficina, etc.; mas tudo isso é *efeito*, porque a *causa* do livro não está na máquina. Neste caso, qual a verdadeira *causa* deste livro ? A inteligência que o organizou; ele não sairia da máquina, já pronto, já na forma definitiva para ser lido, se não houvesse, antes dele, uma *causa* invisível, uma inteligência criadora. Logo, o livro que está em nossa mão é uma coisa que se não explica por si mesma. Conclusão: existe o livro, porque existe a inteligência que o elaborou. Sem a inteligência, que é a *causa* do livro, não existiria o livro, porque a máquina, por si só, não faria a composição da obra. A máquina, finalmente, não poderia ser, ao mesmo tempo, causa e efeito. Resumo da questão: nós não *vemos* a inteligência que elaborou o livro, mas *sabemos* que existe essa inteligência, porque estamos vendo o efeito. Como ? Olhamos para o livro, vemos sua organização material, sabemos que ela saiu da máquina impressora, mas logo verificamos que tudo isso, bem feito, bem distribuido, não pode ser obra do *acaso*, mas de uma inteligência. Então, pelo *visível*, que é o livro, nós reconhecemos a existência do *invisível*, que é a inteligência criadora do livro. Não conhecemos o autor do livro, mas sabemos que o livro tem autor. A comparação também se aplica, dentro daquela lei geral, à compreensão do Universo. Se «nenhuma coisa se explica por si mesma», o Universo é efeito e não causa. Seguindo a lei de causalidade, vamos chegar à conclusão de que é Deus a causa do Universo.

O estudo geral da matéria nos induz a procurar sempre a lei universal de causalidade. Já tratámos, embora superficialmente, da matéria e da substância. Vamos dar mais uma explicação, aliás muito primária.

Quadro negro

MATÉRIA	Essencial	o que é permanente
	Acidental	o que é transitório

A matéria tem sua parte essencial, (o que ela é por si mesma) e sua parte acidental (o que é instável, transitório), o que corresponde a substância e fenómeno.

A matéria apresenta, portanto, duas ordens de realidade: a que se vê e a que se não vê.

Esquema no quadro negro

REALIDADE	Visível	Fenómeno	Transformações da matéria
	Invisível	Substância	Constituição íntima, força

Resumo: o que nós vemos são as transformações, o aspecto exterior da natureza, os fenómenos através de seus efeitos materiais; mas não vemos a força que produz os movimentos da matéria. Não negamos a existência dessa força, porque ela é uma realidade.

Então, para encerrar esta parte: a matéria, que é o elemento *conhecido*, explica o *desconhecido*, ou, por outras palavras, o *efeito*, que é o mundo que nos rodeia, explica a existência da *causa*, que é imponderável, intangível, imaterial. A organização do Universo, finalmente, explica a inteligência divina. (2.ª prelecção do 2.º ciclo de estudos, para interpretação da doutrina).

III

Tema: ORIGEM DAS COISAS

O Livro dos Espíritos (continuação)

A explicação do Universo, como vimos desde o cap. I do *Livro dos Espíritos*, enquadra-se na lei citada na preleção anterior: *Nenhuma coisa se explica por si mesma.* A causa primária do Universo é Deus.

O materialismo pretende explicar o Universo pelos fenómenos da natureza. Mas os fenómenos da natureza têm uma *causa* invisível. Dentro da própria ciência humana, como veremos, há um princípio que se opõe à tese materialista: *todo fenómeno supõe uma substância.* Onde está a substância dos fenómenos da Natureza, tão endeusada pelo materialismo ? Onde está a causa das transformações da matéria ? A Natureza move-se por si mesma. Sim, mas em virtude de uma força que nós não vemos. Qual a causa dessa força, cujos efeitos, na terra, nos astros, nos seres, impressionam os sentidos humanos ? De qualquer forma, a tese espírita leva à lei científica de que «nenhuma coisa se explica por si mesma».

Façamos, para maior compreensão desta lei, uma ilustração rudimentar.

Temos, por exemplo, um vaso cheio de tinta vermelha.

Na tinta vermelha, que é um elemento visível, há elementos invisíveis. A tinta existe, porque existem outros elementos. Logo, ela não se explica por si mesma. É a lei. Quais os elementos invisíveis? Justamente os que dão origem à tinta. Nós não vemos a inteligência que combinou as substâncias e formou a tinta, mas não podemos negar a existência dessa inteligência. Conclusão: a tinta é efeito, a causa está distante de nós, é invisível, mas existe.

Explicação no quadro negro:

ÁGUA + INGREDIENTE = TINTA

A tinta existe, porque existem dois elementos: a água e a substância que lhe dá a côr vermelha.

Logo, a tinta é um *efeito* cujas causas estão na água e na substância vermelha.

Nós não vimos a água nem o ingrediente misturado, mas *sabemos*, que esses dois ingredientes existem. Então voltemos ao princípio inicial: o conhecido, isto é, a tinta, explica o desconhecido, a água e a substância. Mas a água e o ingrediente por si mesmos não formariam a tinta se não houvesse uma inteligência encarregada de fazer a combinação química.

Exemplo:

Inteligência + Água + Substância = Tinta

Então, para concluir, temos:

A existência da tinta vermelha, que é um elemento conhecido, revela a existência de outros elementos. O conjunto desses elementos revela a existência do poder inteligente.

Conclusão: a inteligência é abstrata, mas nós afirmamos que ela existe, porque estamos vendo os objectos visíveis. Ora, os objectos não se criam por si mesmos. Logo, há uma causa que dá origem aos objectos: a inteligência do homem. A inteligência humana está para os objectos, como a inteligência divina está para o Universo.

Diante da matéria, portanto, observando os fenómenos da Natureza, somos levados a reconhecer naturalmente a existência de Deus.

AUXÍLIO AOS NECESSITADOS

A exemplo do ano anterior, abrimos neste número a habitual subscrição do Natal, destinada a socorrer os necessitados.

Estamos convencidos de que manteremos o nível de solidariedade dos anos transactos, pois a alma sensível dos nossos leitores nunca se alheou da situação penosa de uma legião de infelizes que lutam contra as intempéries, sem pão, nem agazalho.

Eis uma tarefa simpática em que muitos colaboram espontâneamente. Na verdade, quem dá empresta a Deus, como diz o rifão, e atenua o seu futuro, descontando «letras de ouro» a longo prazo. Continuemos, pois, na nossa cruzada de bem-fazer, chamando a atenção dos que têm para a miséria dos que não têm. O que pudermos angariar, em dinheiro e roupas, será distribuido nas vésperas do Natal e dará um pouco de conforto aos nossos irmãos necessitados.

Para o citado efeito, recebemos os seguintes donativos, que muito agradecemos:

F. M. G., do Rio de Janeiro	2.000$00
Revista *Estudos Psíquicos* ...	50$00
Centro Espiritualista Luz e Amor	100$00
Isidoro Duarte Santos	30$00
Maria Gonçalves Duarte Santos	30$00
Maria Eugénia Dias Duarte	20$00
António da Silva Braga Junior	50$00

Plantas Carnívoras

Por ANTÓNIO CARDOSO

O movimento browniano, considerado como um reflexo da agitação molecular, é uma das principais características das micelas existentes nas pseudo-soluções, consideradas estas hoje como um quatro estado de matéria a juntar aos já conhecidos: sólido, líquido e gasoso. Esta descoberta, auxiliada ainda pela teoria atómica, permitiu quebrar essa barreira rígida existente entre matéria móvel e imóvel. Já posteriormente Wöhler havia quebrado a existente entre Química Inorgânica e Orgânica, realizando a síntese da ureia, demonstrando assim que os produtos existentes em animais e plantas se podem preparar no laboratório, sem o concurso das forças vitais, como até então se julgava.

Já em «Soluções Coloidais» (V. *Estudos Psíquicos* - Março de 1949) mostrei que está cientificamente demonstrado que os minerais possuem uma vida vegetativa própria, embora rudimentar. Os trabalhos de Rober-Austin, Spring, Stead, Osmond e outros têm chegado às mesmas conclusões. O arranjo molecular é talvez mesmo uma das características mais importantes dos minerais, formando os cristais, que por sua vez, sempre dentro de uma simetria perfeita, se podem apresentar em vários sistemas (monoclinico, hexagonal, rômbico, ortorrômbico, etc.).

Mas se no reino mineral já notamos toda essa vida, informe ainda, que maravilhas não poderemos descortinar no reino vegetal? Se examinarmos o estudo das plantas em síntese, veremos que todas elas apresentam já um sistema vegetativo, rudimentar, realmente, nas de mais baixa escala, mas extraordinariamente desenvolvido nas superiores; todas elas se nutrem, se reproduzem com características melhor definidas que nos minerais.

Mas, e isto é a opinião de todos os modernos botânicos, além da vida vegetativa, existe também uma vida psíquica especial. Tem-se verificado que as plantas são capazes de reagir aos meios externos. Exemplos: o fosfato de amónio provoca o movimento dos tentáculos de certas espécies; está demonstrado que a ausência do amido nas plantas, durante o seu desenvolvimento, impede nestas a sensação da gravidade (geo-tropismo); chama-se fototropismo ao movimento da planta na direcção da luz, e termotropismo sob a acção do calor: As plantas também adoecem, como todos sabem (nos minerais não há notícias disso); mas o que pouca gente talvez saiba é que também podem contrair o cancro, talvez devido à alteração do ph do meio (1).

Ei-nos chegados finalmente à mais perfeita demonstração de vida psíquica, que serve ao mesmo tempo de título a este artigo: «plantas carnívoras». Estas espécies botânicas, ao contrário das outras, alimentam-se de animais, de preferência mosquitos e moscas, vivendo em lagos, águas estagnadas ou pântanos. A *rosalis*, planta de dimensões diminutas, aprensenta nas suas folhas umas emergências especiais, que lembram os olhos dos caracois, na extremidade dos quais brilham reluzentes gotas de um líquido viscoso: o insecto, ao poisar, atraido pelo cheiro do líquido, fica nele pegado, e, ao fazer esforços para se libertar, apenas consegue que as suas tentativas excitem outros tentáculos, se encurvem e o aprisionem completamente. Outras plantas têm folhas dentadas, divididas por uma nervura central, que se fecham sobre si mesmas, como as conchas da ostra, apenas poisa nelas um insecto. O mais interessante é que tudo isto se faz com uma rapidez assombrosa, apanhando o insecto desprevenido. Outras ainda retêm os insectos por meio de pelos.

Os líquidos destas plantas têm a propriedade de dissolver a albumina animal — a carne dos insectos — como nos animais faz o suco gástrico; e isto dá-se porque esses líquidos contêm em solução certos fermentos, análogos à peprina do estômago. Desta maneira, os carbonatos, azotatos e outras substâncias orgânicas ficam transformados e reduzidos às formas mais simples, fàcilmente assimiláveis e transportadas a todas as partes da planta, através das células e canais.

Os leitores curiosos que desejassem observar umas dessas espécies, poderiam encontrá-las na Serra de Sintra, numa estufa existente perto da Fonte dos Passarinhos. Apresentam nos seus diversos ramos uma nervura central, donde partem folhas alongadas, formando uma verdadeira simetria. Basta um pequenino toque nas suas folhas, com a ponta de um lápis, por exemplo, para imediatamente as folhas dos dois lados da nervura se fecharem, retendo o insecto que alí se encontre.

Porque razão existem plantas carnívoras? As teorias são muitas, mas talvez a que mais se harmonize com a realidade seja a da adaptação ao meio ambiente. Realmente, nos lugares em que essas espécies proliferam, isto é, nos terrenos pantanosos, o fósforo e o azoto são escassos, elementos estes indispensáveis para a produção de flores; se não existem portanto em abundância, vêm-se obrigadas, obedecendo a uma verdadeira sabedoria do psiquismo (V. «A Grande Síntese». de Pietro Ubaldi) a procurá-los de outro modo. As plantas carnívoras — e será talvez mais uma demonstração da adaptação ao meio ambiente — podem também alimentar-se como as outras plantas, mas os seus tubos digestivos acham-se já mais *adaptados* à alimentação carnívora.

O problema das plantas carnívoras está ainda nos seus primórdios, e certos estamos de que aqueles que lhe dedicarem a sua atenção, verão bem recompensados os seus esforços, pelas surpresas que irão encontrar.

---

(1) Tanto os animais como as plantas, só podem viver dentro de certos limites de concentração hidrogeniónica. Mas como esses limites se apresentavam em números enormes, sempre inconvenientes, Sorenson decidiu apresentar a concentração hidrogeniónica dentro de uma expresão algébrica, que facilitasse o cálculo:

$$ph = - \log (h) = \log \frac{1}{(h)}$$

N.º 33
OUTUBRO
1 9 4 9

Página Dirigida
por KYLAS

Queridos pequeninos!

Voltastes de novo às aulas, essas colmeias vivas cujo mel saboroso vos deliciará pela vida fora. Voltastes a contrair deveres para convosco e com a sociedade. Trabalhai e honrai aqueles que vos deram o ser e se esforçam para que o vosso caminho seja fácil e isento de abrolhos. Lembrai-vos dos grandes obreiros que encheram a história de fastos luminosos e de que podereis um dia imitá-los em rasgos de audácia e obras de bem-fazer.

Crede na amizade da irmã mais velha

KYLAS

As Tulipas na Holanda

No século XVII o amor das tulipas na Holanda tomou as proporções de um delírio endémico. A flor da tulipa atingiu então, pelos artifícios da cultura, uma variedade infinita de formas e cores, e cada nova modificação se pagava por preços fabulosos. Um cento de sementes, não as cebolas, mas os simples grãos de tulipas, valia de um conto e trezentos a um conto e seiscentos mil reis. Nos arquivos municipais de Alkmar, acha-se registada a notícia da venda em hasta pública de 120 tulipas, que produziram, em benefício dos orfãos da cidade, 22.320$000 mil reis. Uma única cebola foi vendida por 5.200$00 reis. Por outra cebola da mesma qualidade de tulipas, raríssima, houve quem oferecesse, além de 1.600$00 mil reis em dinheiro, uma parelha de cavalos magníficos e uma sumptuosa carruagem de gala acompanhada dos respectivos arreios.

Ramalho Ortigão

Rocha Tarpeia

É um rochedo elevado, da antiga Roma, situado ao pé do Capitólio e que servia para as execuções capitais. Fala-se dele a cada passo.

A origem do cognome Tarpeia *é a seguinte: logo depois do rapto das Sabinas, Tácio deliberou apoderar-se de Roma.* Tarpeia, *filha de* Tarpeio, *governador do Capitólio, entregou a fortaleza aos inimigos, com a condição de que estes lhe dariam os braceletes de ouro que traziam no braço esquerdo. Mal os soldados se viram senhores do Capitólio, arrojaram contra Tarpeia os escudos e broquéis, punindo-a assim da traição; enterraram-na depois ali mesmo, ficando o monte a chamar-se* Rocha Tarpeia.

O SACO DAS NOZES

Por TEÓFILO BRAGA

O abade de uma freguesia do campo costumava fazer a sua prática ao povo nos domingos, repreendendo os costumes dos seus fregueses, conforme lhe dava jeito. De uma vez, disse :

— Eu sei que cá na freguesia anda o costume de obedecerem os homens às mulheres, o que é contra os mandamentos da Escritura e, como diz o outro, vivem como em casa do Gonçalo, onde a galinha pode mais do que o galo. Ora eu tive este ano muitas nozes no meu passal, e aqui declaro que dou um saco cheio delas ao homem que me mostrar que não anda ao dedo da mulher. Depois da missa, quem se achar, em sua consciência, sem este mau costume, pode ir ao passal buscar as nozes.

Estava na igreja um homem casado, que era muito ralhão, e que tratava a mulher de mau modo, e em casa ninguém abria bico diante dele; dissera para um que estava à sua beira:

— Nozes já eu tenho e é que ninguém mas tira; pelo menos cá na freguesia ninguém mas tira.

Chegado o fim da missa, apresentou-se em casa do abade.

— Aqui estou, senhor; não há ninguém aqui na freguesia, que seja capaz de dizer que a minha casa é como a do Gonçalo.

— Eu bem sei o teu viver. E, pelo que me têm dito, levas as nozes. Anda cá, vem encher o saco !

O homem entrou e puxou de um saco meão; diz-lhe o abade:

— Ó homem, não tinhas lá um saco maior do que esse ?

— Tinha, sim, senhor.

— Então, porque não trouxeste um saco bem grande ?

— Ó senhor, eu trazia; mas a minha companheira começou a dizer que era vergonha, teimou que trouxesse um mais maneirinho...

— Ah! Grande tratante ! Despeja-me já essas nozes, que não levas daqui nada! Anda! Tudo! E põe-te já no olho da rua! És tal qual como os outros!

O homem foi-se confuso e arrependido, por lhe ter fugido a língua para a verdade.

(Dos «Contos Tradicionais»)

Quadros Históricos de Portugal

Por ANTÓNIO FELICIANO DE CASTILHO

Chegava o tempo de se haver de cumprir a palavra de português, quando por Toledo entravam, com os horrorosos trajos de réus sentenciados e grossos baraços ao pescoço, D. Egas, sua mulher e todos os seus numerosos filhos.

Acode e apinha-se o povo maravilhado de espectáculo tão estranho, quem sejam, donde venham e para quê — se perguntam entre si.

Tudo neles está respondendo que são desgraçados.

Caminham para os paços de El-rei. As mães, vendo aqueles meninos, apertam os seus aos peitos chorando. O semblante grave mas quebrantado do ancião, as lágrimas no rosto da esposa, formosíssima de inocência, enfeitiçam todas as vontades. Oh ! que, se manietados os vissem e levados entre guardas, nenhum dos espectadores se houvera contido, que não arremetesse a salvá-los e defendê-los. Mas alguma força sobre-humana parece levá-los. Não se enganam: essa força mais forte que as armas, essa força, que triunfa do medo da morte e do amor materno, é a honra de um português antigo.

Sussurro de povo às portas do palácio anuncia a El-Rei que vem lá novidade. «Gente de Portugal ! Gente de Portugal !» — reboa pelas abóbadas.

D. Afonso manda franquear as portas; e, sentado no trono, rodeado de seus grandes, aguarda majestosamente. Pés descalços ousam transpor o limiar dos reis.

Perante o forte coroado vêm oferecer-se as mais desamparadas fraquezas do Mundo: um velho, uma mulher, uns meninos.

«— Que significa tudo isto, D. Egas, e que demandais ?

«—Senhor, Imperador de Leão e Castela, trago-vos o único preito que de Portugal podeis haver: venho desempenhar minha palavra e desapontar-vos. Nem D. Afonso Henriques, nem Portugal vos reconhecem por seu cabeça. Quebrantada está minha fé. A de um fidalgo português vale mais que a sua vida: eu vos entrego juntamente as vidas dos que mais amo. De todos nós mandai fazer justiça, e ficarei quite».

El-Rei, furioso, arranca da espada contra o inerme ancião, que para ela se arremessa com a mão sobre o coração, não como escudo, sim como alvo, mui feliz, se com seu sangue resgatar tão caros penhores ! Mas a espada, que instantanemaente lampejou, recaiu envergonhada na bainha.

Bastou um grito de espanto dos cortesãos, para que a sanha se convertesse em outra tanta admiração. El-Rei perdoa, abraça e premeia.

ALMA PERDIDA

De JOÃO DE DEUS

Deus cria as almas aos pares;
Cada um dos seus olhares
É um casal que voou:
Às vezes cruzam nos ares
Essas pombinhas o voo...
Mas Deus criou-as aos pares !

Partindo juntas de um ponto
Cuidam também que de pronto
Se tornam a ajuntar;
Mas andam almas sem conto
No mundo à busca de par...
Partindo juntas de um ponto !

A minha irmã não sei dela !
Ao avistar de uma estrela,
Um filho ao colo da mãe...
Uma graça como aquela,
Só contemplando-se bem...
E a minha irmã não sei dela !

Levado daquele encanto
Pelo afecto mais santo
E mais profundo que há,
Não me lembrou se entretanto
Minha irmã ficava lá...
Levado daquele encanto !

Pobre de uma alma perdida
Da sua irmã nesta vida,
Que é um contínuo gemer !
É uma noite comprida
Sem nunca lhe amanhecer...
Pobre de uma alma perdida !

Ainda quem sempre espera
Achar a alma sincera
Que Deus lhe deu por irmã...
Talvez ache a companheira
Por quem suspira amanhã...
Feliz de quem sempre espera !

O BURRO DE CARGA

Pelo Espírito de NEIO LÚCIO

NO tempo em que não havia automóveis, na cocheira de famoso palácio real um burro de carga curtia imensa amargura, em vista das pilhérias e remoques dos companheiros de apartamento.

Reparando-lhe no pêlo maltratado, as fundas cicatrizes do lombo e a cabeça tristonha e humilde, aproximou-se formoso cavalo árabe que se fizera detentor de muitos prémios e disse, orgulhoso;

— Triste sina a tua ! Não invejas a minha posição nas corridas ? Sou acariciado por mãos de princesa e elogiado pela boca dos reis.

— Pudera ! — exclamou um fino potro de origem inglesa —. Como conseguirá um burro entender o brilho das apostas e o gosto da casa ?

O infeliz animal recebia os sarcasmos resignadamente.

Outro soberbo cavalo, de procedência húngara, entrou no assunto e comentou:

— Há dez anos, quando me ausentei de pastagem vizinha, vi este miserável sofrendo rudemente nas mãos de bruto amansador. É tão covarde, que não chegava a reagir, nem mesmo com um coice. Só nasceu para carga e pancada. É vergonhoso suportar-lhe a companhia.

Nisto, admirável jumento espanhol acercou-se do grupo e acentuou sem piedade:

— Lastimo conhecer neste burro um parente próximo. É animal desonrado, fraco, inútil... Só sabe viver sob pesada disci-

ÚLTIMAS PALAVRAS DE D. João de Castro

«Não terei, Senhores, pejo de vos dizer que ao Vice-Rei da Índia faltam, nesta doença, as comodidades que acha nos hospitais o mais pobre soldado. Vim a servir, não vim comerciar no Oriente: a vós mesmos quis empenhar os ossos de meu filho, e empenhei os cabelos da barba, porque, para vos assegurar, não tinha outras tapeçarias, nem baixelas. Hoje não houve nesta casa dinheiro com que se comprasse uma galinha; porque nas armadas que fiz, primeiro comiam os soldados os salários do governador, que os soldos do seu rei; e não é de espantar que esteja pobre um pai de tantos filhos. Peço-vos que enquanto durar esta doença, me ordeneis da Fazenda Real, uma honesta despesa, e pessoa por vós determinada, que com modesta taxa me alimente». Jurou depois sobre os Santos Evangelhos nada em sua vida ter tomado do alheio, pediu perdão a todos e expirou.

ORAÇÃO

Por AUGUSTO GIL

Outono. Morre o dia.
Cai sobre as coisas plácidas e calmas
Um véu de sombra e de melancolia,
Que dulfica e embrandece as almas.

Todo o meu ser se invade
De enervantes e místicas doçuras
De mansidão, de paz, de suavidade,
De sentimentos bons, de ideias puras.

No coração perpassa
Uma piedade e compaixão serena
Por todos os validos da Desgraça
Por tudo quanto sofre e quanto pena:

Pelos pequenos entes
Sem abrigo, sem lar e sem carinho,
Que são como avezinhas inocentes,
Postas por mão cruel fora do ninho;

Pelos encarcerados,
Que lançam, dentre as grades da cadeia,
Ao ar, à luz, aos montes afastados
A vista aflita e de amarguras cheia;

Pelos que vão pedindo
De porta em porta o pão de cada dia,
Tristes, que sempre a morte olham sorrindo,
Porque ela ùnicamente os alivia;

Pelos que andam distantes
Entre cruezas, fomes e perigos,
Sentindo a nostalgia lancinante
Da Pátria, da família, dos amigos.

E, numa emoção crente,
Numa fé viva, forte e benfazeja,
A Deus suplico fervorosamente
Que os guie, que os socorra, que os proteja.

---

plina. Ignora o aprumo da dignidade pessoal e desconhece o amor próprio. Aceito os deveres que me competem até o justo limite; mas, se me constrangem a ultrapassar as obrigações, recuso-me à obediência, pinoteio e sou capaz de matar.

As observações insultuosas não haviam terminado, quando o rei penetrou no recinto em companhia do chefe das cavalariças.

— Preciso de um animal para serviço de grande responsabilidade — informou o monarca —, animal dócil e educado que mereça absoluta confiança.

O empregado perguntou:

— Não prefere o árabe, Majestade ?

— Não, não — falou o soberano —; é muito altivo e só serve para corridas em festejos oficiais sem maior importância.

— Não quer o potro inglês ?

— De modo algum. É muito irrequieto e não vai além da extravagância da caça.

— Não deseja o húngaro ?

— Não, não. É bravio, sem educação. É apenas um pastor de rebanho.

— O jumento serviria ? — insistiu o servidor atencioso.

De forma nenhuma. É manhoso e não merece confiança.

Decorridos alguns instantes de silêncio, o soberano indagou:

— Onde está o meu burro de carga ?

O chefe das cocheiras indicou-o, entre os demais.

O próprio rei puxou-o carinhosamente para fora, mandou ajaezá-lo com as armas resplandescentes de sua Casa e confiou-lhe o filho, ainda criança, para longa viagem...

Assim também acontece na vida. Em todas as ocasiões, temos sempre grande número de amigos, conhecidos e companheiros, mas sòmente nos prestam serviços de utilidade real aqueles que aprenderam a suportar, a servir e a sofrer, sem cogitar de si mesmos.

(De *Alvorada Cristã*, pelo Espírito de Neio Lúcio, psicografada pelo médium Francisco Cândido Xavier).

ESCOLA ESPÍRITA

DEUS

5.ª lição

P. — Que é oração ?
R. — É a elevação da alma para Deus.
P. — Por quem devemos orar?
R. — Por nós mesmos, pelos nossos parentes, pelos amigos e inimigos da Terra e do espaço.

6.ª lição

P. — Para que serve a prece ?
R. — Para pedirmos força e coragem, a fim de suportar as provas e aflições com resignação e paciência.
P. — Deus atende ao que ora com fervor ?
R. — Deus envia-lhe bons espíritos para o auxiliar.
P. — Deve-se orar muito ?
R. — O essencial não é orar muito, mas orar bem.

7.ª lição

P. — Qual a oração do Senhor ?
R. — Pai nosso, que estais no infinito, santificado seja o vosso nome; venha a nós o vosso reino, — o reino do bem —; seja feita a vossa vontade na terra e no espaço e em todos os mundos habitados; dai-nos o pão da alma e do corpo; perdoai as nossas ofensas, como de todo o coração nós perdoamos aos que nos ofendem; não nos deixeis sucumbir à tentação dos maus espíritos e envia-nos os bons para nos esclarecerem. Amo-vos, ó Deus, de toda a minha alma e quero amar todos os homens que, pelo teu amor, são meus irmãos.

8.ª lição

P. — Qual a oração a fazer pelos que sofrem?
R. — Deus todo poderoso que vês nossas misérias, escuta os votos que te dirijo por amor dos que sofrem, encarnados ou desencarnados. Lança-lhes um olhar de piedade e misericórdia; abre-lhes a alma ao arrependimento e dá-lhes os meios de expiarem o seu passado. Estenda-se o vosso amor aos que tenho conhecido e amado; envia-lhes um raio de esperança, fazendo-lhes entrever a grandeza do seu destino e a felicidade de um dia nos reunirmos em mundos melhores.

GRÃOS DE BOM SENSO

A poesia é a pintura dos ouvidos, como a pintura é a poesia dos olhos.

*A demasiada atenção que se emprega a observar os defeitos dos outros faz com que se morra sem conhecer os próprios. — **La Bruyère.***

*A avareza embacia toda a glória. Diz-se que tem havido ilustres celerados, mas ninguém disse que tenha havido ilustres avarentos. — **Voltaire.***

*É prova de alta cultura dizer as coisas mais profundas do modo mais simples. — **Emerson.***

*Nem todos podem ser grandes, mas todos podem ser bons. — **Confúcio.***

O SABER NÃO OCUPA LUGAR..

O Urso Branco

É maior que o pardo, chegando a atingir o comprimento de 4,m29.

Os seus caracteres mais salientes são a pequenez das orelhas, o comprimento dos pés e da cauda, e a pouca largura da cabeça. A vista é fraca mas o faro é finíssimo. É de uma excessiva estupidez e maldade e dificilmente se domestica, ainda com o melhor tratamento. Nutre-se principalmente de peixes.

Durante o Inverno e no estado selvagem, o urso polar conserva-se numa espécie de letargia sem comer nem beber e ordinàriamente cercado de grande quantidade de neve. A espessa camada de gordura que adquire até ao começo do Inverno é suficiente para o alimentar. A pele do urso polar é muito procurada.

Cálculos Curiosos

Um inglês ocioso divertiu-se a fazer os cálculos seguintes: «Estabelecido que a vida dura 60 anos, segue-se que em todo esse tempo comeu um homem 23 moios de pão; bebeu de água pura, ou fosse como fosse, 180 toneis; consumiu a comer, 5 anos, a fumar ano e meio; a lavar-se e a fazer a barba, 2 anos, e a dormir, mais de 18. Crescendo as unhas em cada semana uma linha e um quarto, vêm a crescer num ano, 6 polegadas; em 60 anos tem o homem cortado 7 varas de unhas que, multiplicadas pelos vinte dedos, dão 140 varas. O cabelo cresce regularmente 8 polegadas cada ano. Têm-se, pois, cortado no fim de 60 anos, 6 braças de cabelo e rapado outras 6 de barba.

A Cura pelas Águas

Tens digestões demoradas ?
Frequenta as Pedras Salgadas.

Doi-te o fígado, talvez ?
Não deixes de ir ao Gerez.

Reumatismo te definha ?
Vai às Caldas da Rainha.

Faz-te a bronquite arrepios ?
Deves ir para Entre-os-Rios.

Tens diabetes, cansaço ?
Vai-te curar a Melgaço.

No estômago tens estrago ?
Aconselho-te Vidago.

As águas de Portugal
No mundo não têm rival.

O português bazofeiro
É que vai para o estrangeiro.

O CARÁCTER HUMANO

por **F. NORONHA**

«*En un mot, ne rêvons-nous* pas ce qui peut-être; *acceptons et cherchons* ce qui est.» (1).

SABEMOS todos que o homem claramente manifesta fenomenologias distintas, inconfundíveis.

Os temperamentos, por exemplo, «diferenças notadas entre os homens, dependendo do predomínio relativo de cada um dos seus sistemas orgânicos» (2) na linguagem do célebre Broussais, variam naturalmente, de homem para homem, influindo em seus actos.

Dizia o genial Bichat, demasiado cedo roubado à Ciência e à humanidade: «É manifesto que uma linha de demarcação acentuada separa os nervos dos gânglios dos do cérebro, e que é um processo inexacto considerá-los como formando um nervo único provindo deste último por uma fonte qualquer» (3).

A confusão, quer em condições externas quer internas, está sempre longe de desvirtuar as realidades, que aliás sobressaem e por si próprias se impõem.

Não é negável, até mesmo a leigos na esfera das ciências, mas não vazios de senso comum e de observação experimental, que estamos sujeitos a modificadores do carácter, reflectindo-se em nossa vida e orientação.

Mantegazza (4), cientista italiano de saber sólido, consagrou-lhes dois capítulos, de luz matemática, em que abundam ilustres patrícios seus e colegas, alguns dos quais, como o Dr. António Marro, que levou a efeito estudos psicológicos em presos «no cárcere judiciário de Turim» (5).

Importa-me esclarecer, que divergem o temperamento e a temperatura, sendo certo que esta não é nula em acção sobre nós.

«Os animais e o homem gozam da propriedade de possuir em si uma fonte de calor que mantém, em geral, a sua temperatura, pouco mais ou menos no mesmo grau sem embargo das alterações de temperatura sobrevindas em volta deles», diz o insigne Magendie (1) e acrescenta adiante: «O homem são, que respira e transpira à vontade, vive num estado contínuo de flutuação de temperatura; os seus órgãos são sem cessar atravessados por um grande soma de calórico, excitando-lhes e favorecendo-lhes as funções. Ele é susceptível de resistência às maiores mudanças exteriores, tanto por efeito de transpiração abundante, quanto de circulação mais activa».

Tudo isto, sendo o ser humano uma dualidade ou sejam alma, espírito, habitando um corpo, hospedeiro físico de que aquele é elemento imperativo, subordinado a leis vitais independentes e actuantes, o que se encontra interposto por essencialidade irremovível e iredutível, tudo isto envolve correlações directas, imediatas, que se traduzem por fenómenos de colaboração mista concreta.

Dizia o barão Thenard, proeminente homem de Ciência, que avançou muitíssimo posteriormente:

«Todas as substâncias imediatas, vegetais e animais, são sólidas ou líquidas à temperatura ordinária; as suas outras propriedades físicas variam» (2).

À parte, porém, todas as sugestões que o panorama da vida nos provoque nunca serão de perder de vista estas palavras conceituosas que «um grupo de médicos» exteriorizou num livrinho de utilidade pública (3):

«As leis da saúde são as leis naturais e as leis naturais são as leis do Criador — «Aquele em quem, — como diz S. Paulo. — temos a vida, o movimento e o ser».

É verdade que a saúde não realiza em nós a plenitude completa de desassombro, ou a seguridade perfeita desse estado físico de ditoso equilíbrio.

Por muito robustos que nos encontremos e

(1) *Charles Darwin et ses Precurseurs Français* — Paris, 1870 (pág. 375, *in fine*).

(2) *Traité de Physiologie Appliquée à La Pathologie* — Paris, 1823 (t. 2.º, pág. 535).

(3) *In Additions au Système Nerveux de la Vie Organique* no livro *Additions à L'Anatomie Générale de Bichat* — Paris, 1821, pág. 60, linhas aspadas.

(4) *Os Caracteres Humanos*, pág. 77 e segs. e 121 e segs. — Lisboa, 1904.

(5) *Os Encarcerados* — Traduzido por António de Azevedo Castelo Branco — Lisboa, 1889.

(1) *Précis Élementaires de Physiologie*, pág. 405, col. 2.ª e 407, idem — Bruxelles, 1838.

(2) *Traité de Chimie Élementaire, Théorique et Pratique*, t. 2.º, cap. 3.º, n.º 1917, pág. 3, col. 1.ª — Bruxelles, 1836.

(3) *As Epidemias — Como Combatê-las e Evitá-las* (sem data), versão portuguesa — Lisboa, pág. 127.

atentos à nossa conservação, nenhum expediente se nos depara, libertador da incidência de modificadores, a que já aludi, e representam eventualidades de imprevisão muito fora do nosso alcance e de quaisquer defesas imagináveis ou postivas. Há mesmo um prolóquio: «Onde está o homem está o perigo.»

Quem o não compreende, e, compreendendo-o, o põe em dúvida ?!

O dr. Lombardino baseou o seu livro, que denomina «estudo científico-psicológico do carácter humano», em trabalhos docentes especializados, de diplomados da categoria e envergadura de Montegazza e Marro, quais Lavater, Lombroso e Vaught, criminalistas que todo o mundo culto conhece e admira.

Os baluartes interrogados por estes analisadores periciais, foram as «linhas do nariz, olhos, orelhas, boca e bossas craneanas», como habilitação segura e idónea, para discernimento de toda a humanidade, tal como a marca impressa pelo dedo digital, impregnado de tinta, habilita a identificar o sujeito em todos os pontos do globo, através da humanidade. «Conhece-se a ave pela sua plumagem, e o homem, o homem interior, o carácter do homem, descobre-se na escrita, quinta essência complexa de gestos do seu autor» —, diz o dr. Moreno, abrindo o seu artigo, e prossegue: «A análise da escrita para determinar o carácter do escrevente constitui uma ciência e arte: a Grafologia.»

Serão de aceitar e classificar à conta de enfermos nervosos certos grupos de indivíduos que parecem contrariar, na localização cerebral correspondente, uma ou mais das quarenta e duas faculdades elementares da natureza humana ?

«Todos os autores—lê-se em Ary dos Santos (1)—que têm tratado da transmissão hereditária das doenças nervosas são unânimes em asseverar que elas se podem fazer por maneiras extremamente variadas, encontrando-as em famílias de nevrópatas e nas gerações sucessivas».

Féré diz: «... que as doenças do sistema nervoso, quando se manifestam por perturbações psíquicas sensoriais ou motoras, oferecem entre si afinidades numerosas, pontos de contacto múltiplos, e posto que nestes últimos anos os estudos clínicos e anatomo-patológicos tenham multiplicado as espécies, pode dizer-se que elas constituem uma família indissolùvelmente ligada pelas leis da hereditariedade. Esta grande família mórbida não está completamente isolada dos outros grupos patológicos, e as suas ligações com as degenerescências e as doenças da nutrição não fazem senão acentuar a consequência inevitável da sua evolução.»

O que é certo, na generalidade, é que, embora daqui derivem e possam derivar motivos que influam no carácter e índole das pessoas, uma coisa é o organismo, a fisiologia pròpriamente dita e outra é o cérebro. «Evolui pelo cérebro a humanidade», afirma o grande Prof. Bettencourt Raposo (1). «Mas dizer só isso é dizer nada; pois falta ainda avaliar a importância da evolução mental; saber se porventura vale, por si só, alguma coisa; e até que ponto se correlacionam, por exemplo, a primazia de um povo em cerebração e o predomínio evolutivo».

De *Leitura do Carácter Humano*, págs. 70 *in fine* e 71 : «*O centro do idealismo é a Idealidade*. Quando esta faculdade predomina no espírito de uma pessoa, tem o culto do belo sob uma ou outra forma. Se a *Forma*, a *Conjugalidade*, a *Amizade*, a *Benevolência*, a *Consciosidade* e a *Amotividade* estiverem todas bem desenvolvidas num homem, idealizará a mulher. Se a *Espiritualidade* e a *Sublimidade*, assim como a *Idealidade* sobrepujarem decididamente as outras faculdades, estaremos em frente de um verdadeiro idealista com tendência espiritualista, tal como o cientista cristão, o teósofo ou o adepto dos fenómenos psíquicos.»

De idem, págs. 86 *in fine* e 87 : «Há uma faculdade chamada *Espiritualidade* que dá ao homem um interesse por tudo que é misterioso, sobrenatural e oculto. Esta faculdade muito pronunciada como a *Idealidade* e a *Sublimidade* muito desenvolvidas produz uma grande atracção para o hipnotismo, para a teosofia, para o espiritualismo, para a astrologia, para o metapsiquismo e para todas as espécies de pensamentos e manifestações ocultas».

Ralph Waldo Trine (2), escritor inglês, iniciou o capítulo *Formação do Carácter*, de livro substancioso, vertido em nosso idioma, com este tema :

«*Um pensamento, bom ou mau, transforma-se em acção e depois em hábito que governa a vida. Como viverdes no mundo do*

(1) *Arquivo da Universidade de Lisboa*, Volume VI, pág. 4 — 1920.

(1) *Idem, idem*, Volume V, pág. 1 — 1918.

(2) *A Lei da Vida* — Empresa Tipográfica «O Pensamento» — S. Paulo (Brasil) — 1914, pág. 187.

pensamento, assim chegareis a viver no mundo objectivo da acção.»

De quanto precede infere-se, legìtimamente, que o animal humano, fisiológica e anatòmicamente produto de fenomenologia definida e assente em leis e por leis que não participam de nossa alçada e revelam, com força provante, uma inteligência suma potencial, reguladora e ordenadora da máquina universal, cujos movimentos patenteiam precisão matemática, e, até certo ponto, dependência de condições, normais e anormais, dos meios em que se gera e que, se esses meios forem viciados e não corrigidos no possível, ser-lhe-á infalível a marca de tarado.

Verificam-se ancestralidades maculadas, numa fieira ininterrupta, onde, quando surge qualquer excepção, de aprumo vigoroso, pretendendo corrigir o mau e orientar no bom, perde o esforço dispendido, por inveterado e resistente o viro contagiante.

Avultam em nossa complexidade, o princípio vital inerente ao corpo; a alma, matriz da faculdade volitiva, querer; a espiritualidade, cintilação do Divino Ente.

É acesível ao nosso raciocínio, que não são absolutamente autónomos e isoláveis os três indicados componentes do homem, o ser de supremacia na animalidade. O primeiro componente não se cinge apenas a corpo, volume que vemos e palpamos; compreende outra realidade, fluídica: o perispírito.

Inquire Trine, pág. 188, no cap. mencionado: «É a formação do carácter alheia à nossa vontade e puramente fortuita ou bem está sujeita ao nosso governo e domínio ?».

Responde o autor a si mesmo, dizendo que depende de nós «em absoluto».

Francisco Vladomiro Lorenz (1), sob rubrica *A Alma na Morte,* grafou uns períodos, não desbalizados neste lugar:

«A alma humana é imortal, mas só atinge a felicidade, que provém da união com Deus, quando se tornou perfeita.

«Isto não é possível no estado actual do homem, por causa da demasiada materialidade do seu corpo. A alma humana é por isso obrigada a viver em outros corpos: reencarna-se, para se purificar.»

Ora, exactamente por motivo dessa materialidade e por omissão de eficiência pedagógica, bem como em razão da muita ignorância que alastra e supura neste planeta grosseiro e atrasado, como é de evidência nos conflitos deste século e da pouquidade moral de milhares de homens com responsabilidades dirigentes, exactamente por isso, ocorre e ocorrerá ainda, sem dúvida, por tempo indeterminado, que a psique não prevalecerá sobre a matéria a tal ponto de integridade vitoriosa que de todo a liberte de influências suas.

Persuado-me de que nesta esfera de apuramento científico poderá o Espiritismo exercer um benemerente papel de proficuidade social, se apostado num plano lógico de concordância e unidade, aprofundar estudos e repetir experiências, conducentes a conclusões inabaláveis.

Há no materialismo asserções, com visos de verdade, que intrìnsecamente a não possuem e que só o espiritismo autêntico, cientìficamente abroquelado, há capacidade e competência idónea para pôr a limpo com radiação imarcessível.

Importa-lhe vencer equívocos e confusões de modo a que sobressaiam límpidas, preclaras, as explicações de fenómenos e de factos.

Tem minas a explorar, no melhor sentido do termo, com honra própria e divulgação impagável.

E então, haverá erguido um edifício grandioso e ao mesmo passo docente, de *em espírito e em verdade.*

Na pág. 50 do livro do dr. Lombardino, sob o rótulo: *A solução de um grande problema,* formula-se esta pergunta: *Porque é que todos os homens são dissemelhantes ?* e é dada a seguinte resposta: «O número de seres humanos que pode existir sem que dois de entre si sejam idênticos.

«Pela fórmula das «perturbações, as quarenta e duas faculdades de que se compõe o espírito humano podem combinar-se de :

2.810.012.235.505.759.797.086.285.212.489-023.129.540.768.000.000.000 maneiras diferentes. Isto explica a diversidade que existiu, existe e existirá na família humana no passado, no presente e no *futuro, compreendendo algumas centenas de milhões de anos.*»

Aqui, e na dissemelhança entre os sinais digitais, não assoma o perispírito ?

Parece-me que será de oportunidade um tentame persistente de maior amplitude no definir cada fenómeno virtual de função peregrina, acentuando-lhe com o máximo desenvolvimento a modalidade.

Eu mesmo vacilo por vezes perante frases que noto precárias, e que talvez redundam desfalecentes em ânimos menos providos.

(1) *Noções Elementares de Cabala — A Tradição Esotérica do Ocidente* — Idem, idem, idem, idem — 1912, pág. 91.

PARA UMA FILOSOFIA ESPIRITA

OS VALORES E O HOMEM

Por A. RAMOS PEREIRA

Ao filósofo alemão Max Scheler deve-se um dos esforços mais decisivos no sentido de uma antropologia filosófica. Começa ele por distinguir dois conceitos de «homem»: — um científico ou sistemàticamente naturalista e outro filosófico a que ele chama de «essência». Analisemos sumàriamente duas proposições de Scheler, assentando a construção no fundo ideológico do Espiritismo Kardecista, e veremos como essas proposições ganham extensão e profundidade.

1 — *Toda a forma viva é uma forma psíquica.*

Realmente, a forma viva é definida biològicamente pela *existência nela e para ela* de quatro qualidades chamadas primordiais, qualidades orgânicas, mas há na forma viva uma quinta propriedade ou qualidade que é aquela... *existência em si e para si, que* é o psiquismo.

2 — *O homem é um microcosmo, resumindo em si toda a estrutura existencial da vida.*

Quer aceitemos o transformismo (sòmente orgânico ou congraçado com a palingénese ou reencarnação), quer admitamos uma diferença essencial entre o animal e o homem, somos forçados a distinguir no homem um «quid novum», algo que o coloca num plano diferente da existência. «Esse *quid novum* é algo de absolutamente para lá do biológico e do psíquico, algo de diametralmente oposto à vida, *que não se deixa reduzir ao plano da evolução vital*, e que, se a alguma coisa é redutível, só o pode ser ao plano de fundo de todas as coisas — aquele mesmo plano de fundo de que a vida é também já, por sua vez, uma manifestação parcial». Esse «quid novum» é o *Espírito*, caracterizado, em última e mais longínqua análise, pela túplice consciência do «eu», do «não-eu» e do «Eu» transcendental (Deus). Deste modo, Scheler opõe-se claramente ao naturalismo, apresentando a autonomia do Espírito, irredutível a uma função vital, ela própria capaz de modificar e sublimar o impulso vital. Este passo do grande pensador judeu-alemão é já grande, mas não todo o passo possível, porquanto há uma flagrante insegurança no pensamento subsequente que reduz o Espírito à impotência da contemplação; além de que, sendo o homem Espírito, será *todo o Espírito?* Com efeito, só julgando assim, poderemos aceitar que, na evolução do psiquismo, o aparecimento do «quid novum» é um passo final, um anacronismo que permite, no caminho, sintetizar no homem a planimetria geral da extrutura psíquica. Mas *se considerarmos que o homem actual é, sòmente, a primeira ou uma das primeiras extruturas espirituais*, haverá ainda «quid novum» mas agora enquadrado na evolução que das formas psíquicas animais segue pelas espirituais humanas até às meta-humanas e a Espírito-Essência.

PSIQUISMO E ESPIRITISMO

A estrutura humana é uma construção em camada de que a actual não pode nem deve ser considerada a derradeira. O facto de não *existir* psiquismo sem um suporte orgânico levou o naturalismo-materialismo a supor psiquismo e «soma» aspectos duma realidade indivisível. Note-se, porém, que mesmo nos domínios da pura «vivência», o facto é já relativo, como a metapsicologia permite deduzir. No homem, já o psiquismo se encontra parcialmente liberto do absoluto condicionalismo orgânico, pela sobreposição de uma nova camada ontológica — a espiritual — com uma realidade própria, não redutível à das outras camadas. O Espírito manifesta-se pelo psiquismo e este pelo orgânico, no mundo da «realidade», sem que isto possa conduzir à suposição do paralelismo absoluto do século XIX... Para N. Hartmann esta estratificação ontológica desfaz toda a tentativa duma visão monista do homem: — «É fora de dúvida que podemos, violentando a realidade, estabelecer todas as dependências que quisermos entre as suas camadas; mas, se nos ativermos à observação dos factos, só se poderão admitir entre elas dependências muito limitadas. Ora só é lícito sustentar em filosofia aquilo que os factos confirmam»...

Atentemos, porém, que há um monismo possível, apesar da ideia de Hartmann e é... o de um evolucionismo seguindo o decorrer da existência total; notemos que só *na idealidade* é possível a referência do Valor ao Espírito e que aquela referência perde universalmente quando descemos da essência à existência e desta ao «viver», quando mergulhamos nas camadas onde o Espírito se manifesta pelo psiquismo. Se há Lei (e lei imutável) que se revela num «superior planeamento das formas» das camadas ônticas, há uma linha ininterrupta e é a isto que chamamos de monismo.

EXISTENCIALISMO ESPIRITA

E esta natureza essencialmente espiritual do homem ressalta com mais clareza da... filosofia da existência. «Ora é precisamente através do mais profundo saber que hoje possuímos acerca do que há de finito e de contingente na nossa vida, da que há de fragmentário e frágil em todas as nossas formas de existir e nas nossas criações de qualquer espécie, das incertezas e perigos abismais que em todos os campos ameaçam o homem, como ele a si mesmo torna patente na sua experiência da vida e da história; é através desse mais profundo saber — repetimos — que hoje se abrem à meditação filosófica as mais vastas e longínquas perspectivas» (Heinz Heimsoeth).

O homem, no «existencialismo» de Heidegger ou Jaspers é uma «existência que se cria e se forma a si mesma, por meio duma actividade que consiste em compreender-se a ele próprio e em tentar realizar-se».

Poderão alguns «espiritas» dizer que essa criação e essa consciência só são possíveis porque o homem é uma unidade essencial... Mas que

importa afirmá-lo se o homem é incapaz de se compreender como tal ? Na realidade, o homem sente valores, mas mais valores físicos que espirituais (éticos, estéticos e místicos). Se assim é e se, ao mesmo tempo que sente um pouco destes, é impotente para realizá-los em acto, move-se no puro domínio da existência e falha nessa mesma existência se, não a compreendendo, a não realiza... O existencialismo espirita conduz-nos a uma ética livre, por exemplo, em que toda responsabilidade é imputada ao homem, retirando-lhe todo o ânimo comodista de uma concepção previdencial ou providencial divina.

Na actualidade, na realidade apocalíptica do presente, é a «existência» a característica... essencial, — e existência falhada por não orientada no sentido da supra-realidade e sim no da infra-realidade ou... persistência na *inércia* de repouso... do nulo esforço.

Que posso eu espiritualmente ganhar na simples afirmação ou mesmo especulação de que sou uma essência, se eu a não sinto, se eu apenas sei dizer «vivo», se eu sei que não *existo* dentro do plano da real existência que é a realização de *mim-mesmo*, que é o cumprimento integral da linha da minha finalidade espiritual ? Tal atitude equivale à de alinhar as cifras fabulosas duma fortuna que não sei onde se encontra nem quando a desvendarei...

CAUSALIDADE E INDETERMINISMO

Mas porque não realizo ? Porque não posso ? Não e sim, porque não quero ou porque me ignoro, visto que sou... livre. Sê-lo-ei realmente ou... não passo de meio joguete de causas externas à minha vontade ? Seguindo F. Gutberlet, eu penso qu o princípio da causalidade tem sido enunciado tendenciosamente pelos deterministas — toda a causa produz efeito — porquanto torneia a verdadeira natureza do problema! Com efeito, na ideia de causa já se contém o pensamento de que ela só o é... quando tem efeito; além de que se considera ainda o princípio como traduzível por: — toda a causa produz *necessàriamente* efeito — o que é, afinal, a negação da própria existência contingente. A expressão perfeita do princípio será: — «causa é condição suficiente de efeito» — e então não haverá incompatibilidade entre liberdade e causalidade. Diz N. Harthmann: — «Enquanto mero ser da natureza, o homem é determinado causalmente em todas as suas inclinações e aversões... *Como pessoa*, porém, é portador da lei de um outro determinismo que provém do reino ideal dos valores».

Sintetizando estes dois pensamentos, teremos o esclarecimento completo do princípio da causalidade (na expressão determinista ou «real» como lei causal, na expressão espiritual ou ideal como lei final), princípio que não contende com o de liberdade, perfeitamente fundamentado pelo próprio imperativo categórico radicado na natureza dos valores.

A REALIZAÇÃO DA EXISTÊNCIA

Se é condição da existência o homem realizar-se, essa realização é de valores por classes até à completa dilatação emocional nos valores místicos, visto serem estes os que se referem ao Espírito-Essência. E do antagonismo das forças que solicitam o homem no mundo variegado dos valores ressalta todo o sentido trágico que Kirkegaard sentiu como poucos; esse mesmo sentido trágico que Nietzsche tentou resolver por uma inversão total dos valores.

Max Scheler diz-nos: — «É justamente ao termos a impressão de que todos cumpriram o seu dever no mais amplo sentido da palavra e de que, não obstante isso, a desgraça não póde ser evitada, que sentimos o máximo do trágico». Mas se é assim, algumas vezes, quando do presente olhamos o instante passado, a tragédia brutal distila um travo mais amargo quando, enfrentando a hora presente, temos a impressão de que poucos cumprem o dever no real sentido da palavra, não por uma causa externa que a isso os force mas pelo uso da mesma liberdade que os torna homens. Tragédia da cultura e tragédia individual ! «O mundo contemporâneo — disse Rademacher — está pedindo um novo tipo de santo... um tipo de homem que saiba reunir e harmonizar em si todos os diferentes lados nobres do ser humano, mas conservando-lhe a sua respectiva altura em dignidade e sabendo conciliar tudo isso com uma crença religiosa *viva*...».

Tragédia da cultura e tragédia do indivíduo que sente a sua limitação asfixiante na realização actual do seu sentir de valor ! O artista é o supliciado nos espinhos dolorosos da forma em que vasa a sua contemplação. O místico é o supliciado no fogo ardente do êxtase que o transporta ao ponto onde se esfumam as barreiras entre Valor e Ser, enquanto a carne o mantém preso aos ásperos carreiros do viver. O homem vulgar é o supliciado das trevas, sabendo que há luz e sem ter forças para arrancar a venda que, por erros acumulados, nos próprios olhos colocou.

E a responsabilidade é toda humana ! O existencialismo colimado pela reencarnação destroi a ideia de um nascimento ocasional e de um fim paradoxal na morte. Não mais a imputação da responsabilidade a uma Previdência que estigmatiza o homem com a finalidade de cumprir a realidade maior da sua existência cheia de sentido. Não mais a expectativa absurda de um acto de misericórdia que tire o homem do atoleiro em que se lançou e que criou, só pelo facto de não ter agora forças para dele sair. Tragédia da existência continuando-se do antes da vida para o além da morte, tragédia em que o homem delira, procurando no fora de si, quando tudo em si se encontra.

Tragédia sem remédio ? Não, absolutamente não. O Caminho está aberto e o homem é livre e capaz de realizar-se. Quando do sentir total dos valores morais partirmos para a aventura arrojada do sentir místico — transcendência do homem no próprio homem — estamos a saltar da existência para a essência.

— Este existencialismo não traz a paz mas a inquietude, transforma o homem num ponto em eterno movimento espiralóide.

E o homem — *por ser homem* — tem de estar profundamente interessado na vida, porque esta é o meio imediato para o ganhar da experiência interna pela qual ele caminhará para a compreensão da sua existência como *Espírito* e daqui para a sua realização como homem *nesta vida* e na sua existência.

A "CASA DA MÃE POBRE"

Uma Instituição Modelar Fundada e Dirigida por Espiritas

JÁ nos temos referido muitas vezes à Maternidade «Casa da Mãe Pobre», de que esta revista é orgão oficial. Hoje vamos referir-nos à sua acção no exercício que findou em 30 de Junho do corrente ano, extraindo os elementos do Relatório do Presidente da Direcção, nosso particular amigo Henrique Magalhães, que tem sido a alma desta obra grandiosa, verdadeiro símbolo de quanto pode a união ao serviço de uma Causa justa.

Pelo Relatório, verificamos que o activo se eleva Cr$ 4.077.199,80 e o exercício financeiro atingiu a soma de Cr$ 3.022.764,90. O património da instituição aumentou Cr$ 612.769,80, acrescidos de Cr$ 158.661,40, para depreciação de ferramentas e maquinismos e outras verbas para despesas várias.

Como se pode manter obra de tamanho vulto ? Eis o que veremos através dos números eloquentes que se seguem:

Campanha financeira	Cr$	381.450,00
Campanha do Selo		57.787,40
Lista do Natal		243.291,80
Contribuição de sócios		797.445,00
Donativos diversos		91.120,30
Festivais		24.451,50
Vendas de livros e materiais		607,20
Receita hospitalar		1.412.902,10
Receitas administrativas		13.709,60
Total	Cr$	3.022.764,90

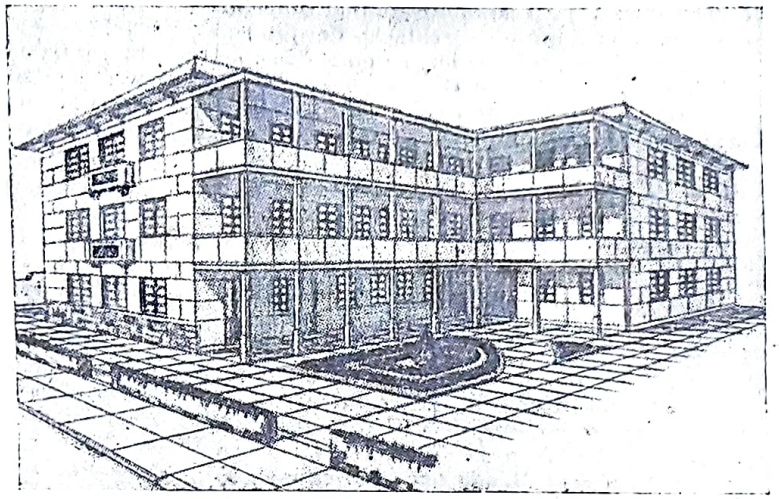
Atingindo a despesa Cr$ 2.130.366,00, segue-se que houve um saldo de Cr$ 892.398,90, os quais, como dizemos acima, aumentaram o património da instituição, que vai criando raizes nos corações bem formados. Esse saldo, porém, não proveio de receitas ordinárias, o que obriga a directoria da Casa a ponderações judiciosas relativas ao futuro.

Assim, uma receita com que se contava, proveniente do aluguel de alguns quartos ao Serviço Social da Indústria e assistência às suas gestantes, baixou, mensalmente, para Cr.$ 60.606,00, isto é, cerca de metade da renda auferida, o que obrigou a grandes cortes nas despesas.

Para fazermos uma ideia da assistência prestada, basta dizer que, desde 1 de Janeiro a 30 de Junho do ano em curso, houve 1.140 gestantes e 933 recém-nascidos. 579 internadas passaram pelas enfermarias, ou seja a parte gratuita, e as restantes 561 frequentaram os quartos particulares.

Estes serviços obedeceram ao mais alto padrão assistencial, pois os nati-mortos não excederam 3,54 %, ao passo que as estatísticas oficiais demonstram que, em hospitais públicos, as perdas vão até 8,80 %. Os louros desta acção meritória vão em grande parte para o Dr. Clóvis Correia da Costa, chefe da equipa médica e que pediu a demissão, em virtude das medidas económicas que se impuseram.

A lei n.º 326, de 22 de Junho de 1949, de acordo com o artigo 31 da Constituição, considerou a Maternidade Casa da Mãe Pobre «Instituição de Assistência Social», ficando isenta de pagamento de impostos. Este acontecimento do mais alto significado muito honra o vereador Dr. Luiz Pais Leme, que patrocinou a respectiva proposta e con-



MATERNIDADE «CASA DA MÃE POBRE», DO RIO DE JANEIRO

seguiu para a Maternidade uma subvenção orçamentária de trinta mil cruzeiros, relativa ao ano de 1949.

O Abrigo Infantil (creche), começou também a funcionar junto da Maternidade, graças ao auxílio de Cr$ 40.000,00, doados pelo *Departamento Nacional da* Criança.

A *Campanha Nacional da Criança*, fundada e dirigida por D. Clara Mariani, trabalha como instituição de assistência à Maternidade e à Infância e a primeira campanha financeira por ela organizada rendeu para a *Maternidade Casa da Mãe Pobre* a quantia de trezentos e setenta mil cruzeiros.

Em 1948, um grande donativo de Cr$ 750.000,00, e mais Cr$ 150.000,00 em fazendas e roupas, colocaram esta Maternidade em posição de relevo. Deste último donativo, tem ainda a receber cerca de Cr$ 80.700,00.

Outro esteio desta instituição é a Legião Protectora da Mãe Po-

A Psiquiatria e o Espiritismo

Por RUFINO JUANCO
(Correspondente no México)

Baseado na aparição em Itália de um menino fenómeno ou prodígio na arte musical, o menino Pierino Gamba, publicou o conhecido escritor espirita Isidoro Duarte Santos, um livro de 179 páginas, muito interessante e digno de ser lido e estudado por todos os cultores do verdadeiro psiquismo, no qual, entre muitas outras opiniões, transcreve a do notável médico psiquiatra Dr. Barahona Fernandes, director do Hospital Júlio de Matos, publicada no *Diário de Lisboa* com refinada elegância literária.

O artigo em questão intitula-se «O caso Pierino Gamba à luz da Psiquiatria», mas não responde ao que se esperava de sábio tão famoso. Sem necessidade de reproduzir aqui todo o artigo e referindo-me ao essencial, o mencionado psiquiatra afirma que a ciência que trata da hereditariadede considera as capacidades musicais como as que mais francamente se transmitem por via germinal, e que preciso rebater a hipótese da metempsicose, mãe certas aptidões musicais e que, se fosse preciso rebater a hipótese da metempsicose, ou seja a hipótese reencarnacionista, ou, mais claramente, a Reencarnação da alma de algum grande músico, bastaria saber que toda a ciência musical e a técnica de regência de Pierino as aprendeu ele do magnifico e sugestivo professor Romeo Arduini.

O famoso psiquiatra não resolveu o problema; e, com o devido respeito, lhe direi que esperávamos dele algo de mais substancioso e suculento. Sucede sempre o mesmo com os materialistas. No tema em estudo, o citado doutor agarra-se à lei de hereditariedade que, se pode aplicar-se ao físico, de nada serve no psíquico, no intelectual ou no moral.

Diz bem o Doutor Gustave Geley: «As altas faculdades psíquicas, como o talento ou o génio, não provieram dos pais. As diferenças entre a hereditariedade física e a hereditariedade psíquica são demasiado importantes para que se atribuam a causas fisiológicas. Assim, como explicar que dois irmãos se pareçam fisicamente e nada tenham de comum no intelectual ou no moral?».

Colombo era filho de um cardador de lã e Rousseau de um relojoeiro; ao invés, Paralos e Xantipos, dois idiotas, eram filhos do grande Péricles. O furioso Clínias era filho do sábio Aristipe e o inepto Melesias proveio do grande Eucidides. Onde está aqui a famosa lei de hereditariedade? Em parte alguma. Este exemplo e milhentos outros citados por César Lombroso no seu livro. «O Homem de Génio» deixam mal feridas as doutrinas da hereditariedade e só podem ser

---

bre, cujos membros realizaram dois festivais que renderam Cr$ 23.801,50, além da Campanha do Natal, que atingiu Cr$ 31.000,00.

Em Fevereiro deste ano foi inaugurada a Lavandaria, como já tivemos ensejo de noticiar. Compõe-se de uma calandra, duas centrífugas, dois lavadores e uma secadora, movidos a electricidade conjugada com vapor gerado por uma caldeira Diesel. É um conjunto primoroso.

A Maternidade tem em uso 7.939 peças de roupa, no valor de Cr$ 110.923,30 e o Serviço de Subsistência produziu 58.186 refeições de almoço e jantar, na importância de Cr$ 270.012,30.

Há pouco, foi inaugurado ali o serviço de Puericultura, ampliando assim os já vastos serviços que caracterizam a Maternidade.

Mas isto não é tudo. Olhando sempre para o futuro e para o mais alto, adquiriram um prédio adjacente, à Rua Frei Pinto, 18, por Cr$ 350.000,00, a fim de melhorarem o Abrigo Infantil (cheche), instalar o Serviço de Puericultura e outras benfeitorias.

Quanto à população associativa, deve andar pelos 17.000 e a sua contribuição neste exercício foi de Cr$ 797.445,00 (média mensal de Cr$ 66.453,75).

A protecção dispensada à Maternidade «Casa da Mãe Pobre» é a prova evidente de que vem preenchendo a sua finalidade.

O Laboratório de análises teve o seguinte movimento: Sangue — 3.543; urina — 5436. Fezes — 583. Espectoração — 20. Total — 9.582.

O corpo de enfermeiras é dirigido por D. Benedita de Meneses e mais 30 auxiliares.

A título de curiosidade, informamos que foram expedidas no presente exercício 62.155 cartas e 58 telegramas e recebidas 900.

Eis, em linguagem sintética, o trabalho de um grupo de abnegados seareiros sob a direcção e orientação do nosso dilecto amigo Henrique Magalhães.

***Estudos Psíquicos* tem a maior satisfação de acompanhar os progressos incessantes da *Maternidade «Casa da Mãe Pobre»*, do Rio de Janeiro, que procura fazer todos os esforços possíveis em benefício da raça brasileira, em profilaxia e protecção à mulher e à criança.**

explicadas pela doutrina da pre-existência da alma. O mesmo opinava o sábio doutor Gabriel Delanne.

Deixem, pois, os fisiólogos materialistas de buscar a causa destas disigualdades no peso ou no volume ou na conformação cerebral; não nos falem de causas imperceptíveis, de influências patológicas diversas durante a vida intra-uterina, de condições ignoradas de geração, porque estas hipóteses, como diz Geley, não têm a seu favor qualquer princípio de demonstração. «Não há potencialidades musicais que floresçam por encanto. Tudo isso é fantasia ou escapatória quando faltam as bases e é preciso manter o prestígio da ciência», — como diz muito bem o notável escritor espirita sr. Isidoro Duarte Santos, no livro de referência.

O doutor psiquiatra de que me ocupo fez-me lembrar o famoso *parturiens mons* de Virgílio, príncipe da poesia latina e o ridículo *mus* (rato) que a Montanha pariu; tudo o que diz a este respeito, é uma miscelânea de palavras e nada mais.

Sómente a lei da Reencarnação ou dos renascimentos justifica e explica o caso do menino-prodígio Pierino Gamba; e se essa alma reencarnou em família de músicos, foi porque nesse meio encontraria elementos adequados às suas tendências, a fim de as desenvolver com exuberância. Não nasceu na Itália por um prodígio de genética; e se tivesse mais irmãos, não seria de estranhar que uns fossem inteligentes e outros atrasados mentais. É assim, porque a evolução humana ultrapassa em muito as famosas leis de Mendel, visto que o génio fulgura aqui e ali, ao lado da imbecilidade.

Personificando, pois, a ciência, mas a ciência verdadeira, bem podemos queixar-nos destes fisiólogos e psiquiatras materialistas e falar-lhes desta maneira:

— «A vós, os que figurais no Materialismo; a vós, que diàriamente tomais o meu nome para passardes por sábios; a vós me dirijo, alto e bom som, para que possais ouvir-me, dizendo: Porque dissecastes, em meu nome, o nervo da investigação? Porque cerrastes, em meu nome, o triângulo da Sabedoria? Porque afirmais ou negais sem provas? E porque usais o meu nome, o nome da ciência, para me obrigar a dizer coisas que jamais me passaram pela mente e pela consciência? Não vos julgava tão ousados, nem tão insensatos, a ponto de vos colocardes à rectaguarda das próprias religiões positivas. Porque me enfaixastes, como se enfaixa uma criança? Não vedes que assim não tenho liberdade de movimentos nas articulações, nem flexibilidade nos músculos? Quando vos autorizei eu, ou quem vos autorizou a tratar-me dessa forma? Que as Igrejas pretendam afogar-me com as rédeas dos seus dogmas, ainda tem desculpa; mas vós, que desculpa podeis apresentar? Em nome da ciência, dizeis que o menino Pierino Gamba não é a reencarnação de qualquer espírito que fôra grande músico em vida anterior e até negais a existência da alma e a sucessão de vidas. Mas ignorais, porventura, que ao usar o meu nome para as vossas explicações o amesquinhais, quando o verdadeiro sábio sempre o venera e respeita? Não compreendeis que, procedendo assim, me fazeis corar de vergonha? Não vedes que me expondes ao ridículo e ao desprezo da humanidade inteira? Eu, a Ciência, não sou o que vós me figurais, isto é, qualquer objecto subordinado aos vossos preconceitos e aos vossos caprichos. Eu sou mais alguma coisa, muito mais, já que nada vos devo e vós tudo me deveis. Então, porque me crucificais todos os dias? Negais aprioristicamente outras manifestações minhas, quer dizer, negais-me *ex-cathedra*. Como, pois, vos hei-de considerar meus? Estas interpelações que vos faço, senhores fisiólogos materialistas, são penosas, mas, desgraçadamente para vós, são justas e provam ao mesmo tempo quão obcecado pode estar o homem, mesmo quando possua elevada e culta inteligência. Dizeis que, neste caso, negais a reencarnação de uma grande alma, porque temeis que, ao aceitá-la, me ofenderieis, a mim, à Ciência, a mim, que estou de inteiro acordo com a ideologia reencarnacionista. Que sarcasmo! Não vos julgava tão ousados e tão infelizes! Se me conhecesseis a mim, conhecerieis também a minha história; e então reconhecerieis que a minha divisa foi, é e será, nada afirmar ou negar sem provas».

Que poderá responder o doutor psiquiatra a esta interpelação que lhe faço em nome da verdadeira ciência? Nada de razoável, nada que valha a pena. Claro é que lhe reconheço real talento, bem como a outros materialistas; mas também reconheço que são autênticos sofistas, uns natos e outros ocasionais, como pode sê-lo e é o psiquiatra referido.

As minhas felicitações a Isidoro Duarte Santos pelo seu livro magnífico recém publicado, no qual se revela um valoroso soldado do pensamento e um fervoroso cultor do ideal espirita.

(I. D. S. traduziu)

Crónica Estrangeira

por Isidoro Duarte Santos

A ALMA DOS ANIMAIS

Temos falado muitas vezes neste assunto, temos relatado inúmeros casos que implicam a existência de uma alma latente nos animais. Temos, mesmo, uma obra em preparação que já mereceu referências de um grande espirita francês e que esperamos concluir brevemente.

Ora, *La Revue Spirite*, a velha e sempre nova revista de Allan Kardec, agora sob a segura direcção de Hubert Forestier, publicou há pouco duas cartas muito interessantes acerca do tema referido: uma do Dr. Némo e outra de J. Fantgathier, presidente da *Sociedade de Estudos Psíquicos e Espiritas*, de Lyon. Vamos transcrever esses documentos. Eis o relato do Dr. Némo:

«Começo por lhe dizer que, embora simpatize com a Causa Espirita, sou absolutamente cartesiano. Por isso mesmo lhe darei a minha opinião acerca dos cães, nossos irmãos inferiores. Terão alma? Não sei. Serão inteligentes? Respondo que *sim*. Alguns animais são tão inteligentes como certos homens e têm muito mais sensibilidade moral. Afirmo tudo isto e provo-o com factos autênticos. Em 1913, tinha eu um admirável «bulldog» de cinco anos (ruivo, focinho preto, raça bordalesa), que minha saudosa esposa educou. O bom do animal era tratado carinhosamente, mas tinha sempre aspecto grave. A sua predilecção pela dona era grande. Também gostava do dono. Quando estávamos no jardim e via minha mulher a dez metros de distância, puxava-lhe pelo vestido para a conduzir a meu lado! O nosso cão *Lami* nunca foi amestrado. Fi-lo uma vez em casa da minha vendedora de jornais. Muito alegre, tirou-me o jornal das mãos e meteu-o na boca. Disse-lhe: «É a *Mala*». E voltámos para casa. Minha mulher disse-me: «Porque o obrigas tu a trazer o jornal? Não lhe fatigues as meninges com essa amestragem». Mas no dia seguinte, à hora de eu ir ao quiosque, *Lami* demonstrou com sinais de alegria o desejo de me acompanhar. Eu, porém, sentei-me numa poltrona; e, pegando numa moeda, embrulhei-a em papel, meti-lha na boca e disse-lhe: «Vai procurar a *Mala*». Minha mulher disse-me: «És doido». Talvez fosse, mas Lemi não era. Foi ao cabaz da vendedora de jornais, endireitou-se sobre as patas e começou a latir. A vendedora compreendeu. Tirou-lhe a moeda e entregou-lhe o jornal, que o meu cão me trouxe em perfeito estado de limpza. Ficámos pasmados.

«O nosso *Lami* adorava as crianças e suportava-lhes todos os maus tratos. Um dia ralhei-lhe àsperamente por ele lamber a cara, os braços e as pernas dos garotos. Nunca mais voltou a repetir a acção.

«Em certo dia de Maio de 1933, eu e a minha querida companheira tínhamos ido a S., a fim de apresentar à Sr. E. as nossas sinceras condolências pela perda do marido. Eu e minha mulher, acompanhados pelo cão, fomos guardar o nosso automóvel numa cocheira da Sr.ª E., onde estava um belo cevado metido numa cela de luz perpendicular. Por cima desta havia outra mais pequena, onde se encontrava um coelho.

«*Lami* notou o cevado e, apesar de nunca o ter visto, manifestou-lhe a sua alegria com latidos de contentamento, tentando lamber-lhe o focinho através das grades. Depois, lobrigou o coelho na cela superior e começou a ladrar furiosamente. Compreendi que o queria matar e talvez comer. Dirigindo-se para um pesado escadote que se via a dez metros de distância, *Lami* pô-lo verticalmente nas poderosas maxilas. Ralhei-lhe. Pus o escadote no seu lugar, considerando o caso arrumado. Mas a Sr.ª E. veio ter connosco. Era um domingo, à tarde. Disse-lhe: «É pena que não estivesse aqui. Veria um cão com um escadote para apanhar o seu coelho». A Sr. E. responde: «Está a zombar de mim !...» Olhei para *Lami*. Tinha os olhos cheios de rancor fixos no coelho do 1.º andar. Depois olhei para o animal e disse-lhe: «Vai buscar o coelho!» Diante da Sr.ª E. boquiaberta, *Lami* foi buscar o escadote, pegando-lhe no 3.º degrau inferior e mantendo-o direito».

A segunda carta é de A. C. Diz o seguinte:

«Um amigo meu, pintor de grande sensibilidade, tinha um gato de que era muito amigo. Inteligente e afectuoso, o animal era sensível à pintura e quando o meu amigo expunha na sua oficina algumas telas para as analisar e comparar, o gato, de lado, contemplava-as da mesma forma e comparava-as, passeando os olhos de uma tela para a outra.

«Quando o meu amigo saiu para uma viagem, o animal entristeceu e deixou de brincar como até ali: Mais ainda: previa o regresso do pintor com 24 horas de antecedência, demonstrando alegria exuberante que era claro aviso para os pais do viajante. Isto repetiu-se muitas vezes, mesmo fora de viagens inopinadas a que seus pais não ligavam importância.

«Este preâmbulo é para relatar a psicologia do animal, antes de precisar os factos que particularmente nos interessam.

«Um dia, o gato morreu, talvez por envenenamento acidental, e o meu amigo sentiu enorme pesar. Dois meses depois — não posso precisar bem — o pai do pintor andava no jardim e notou que para ele se dirigia um gato extraordinàriamente semelhante ao que tinha morrido (Seria filho dele ?). O gato aproxima-se, a miar, deixa-se acariciar afectuosamente pelo pai do meu amigo, que o leva à esposa. Esta, vendo o animal, dá um grito de surpresa e declara ao marido ter sonhado duas noites antes que haviam dado ao filho um gato semelhante a «Mousse», o gato que morrera envenenado.

«O meu amigo tinha extraido um dente nesse dia e reponsava num divã da oficina. O pai aproxima-se, entreabre a porta e põe o gato na soleira, para fazer uma surpresa ao filho. Pois o gato, como se reconhecesse todos os

cantos, dirige-se imediatamente à cama onde estava o pintor, sobe, e, tal qual fazia o outro gato, coloca-se-lhe no peito, junto do rosto, acariciando-o exactamente como o que morrera e coloca as patas no queixo do seu dono e bate-lhe na cabeça.

«Durante as três viagens que se seguiram, o novo hóspede demonstrou os mesmos hábitos, as mesmas atitudes e os mesmos gostos que o gato antigo. Entrava em casa pela janela da cozinha, como o seu «sósia» morto, mesmo se as portas estivessem abertas, repousava na mesma cadeira, deambulava com a mesma predilecção no corredor da biblioteca. E à noite, quando todos se deitavam, ele ia esconder-se no patamar do 1.º andar do prédio, divertindo-se a espreitar os donos da casa e a amedrontá-los, correndo e saltando. No tocante à alimentação, sentia a mesma indiferença pela carne, como o outro gato; em compensação, mostrava enorme gulodice por certos bolos secos... O meu jovem amigo estava verdadeiramente encantado por ter encontrado a reprodução exacta do gato perdido. Mas essa felicidade foi muito breve. Ao fim de três dias... o gato sósia desapareceu, para não voltar...

«Que pensar destes factos? Transmigração e incorporação momentânea da alma do gato falecido no corpo físico de um filho que encontra os hábitos, gostos e afeição do gato defunto, e em seguida exteriorização desta alma do corpo do animal vivo que encontra novamente, com sua alma pessoal, hábitos diferentes e abandona para sempre a casa do meu amigo?

«A pessoa que me relatou estes factos é digna de toda a confiança e nunca tratou de fenómenos metapsíquicos».

UM CURIOSO FENÓMENO TELEPÁTICO»

Do *Spiritualisme Moderne*, orgão da União Espirita Belga, extraímos um interessante fenómeno subscrito pelo nosso colaborador Achille Biquet:

«Um cotidiano de Liège relatou este facto: *M.me William Christie, de Aberdeen (Escócia), acordou certa noite às 2 horas da manhã, vendo seu marido (nesse momento em viagem marítima) estender-lhe os braços e pedir-lhe que vigiasse a sua filha Willie. A esforçada mulher apresentou-se na manhã seguinte no escritório da Agência a saber notícias do barco em que seu marido trabalhava. Responderam-lhe que nada sabiam. Ela narrou então o seu caso, dizendo ter visto nove tripulantes ao lado do marido.*

«*Horas depois chega a horrorosa notícia: o arrastão de pesca tinha naufragado cerca das duas da madrugada, levando consigo os nove tripulantes.*

«Felicitamo-nos ao ver um cotidiano relatar factos desta natureza, familiarizando assim o público com a nossa ciência e filosofia. Mas o título escolhido será apropriado? Parece-nos que não. Com efeito, seria bem dificil admitir que a simples transmissão de pensamento pudesse fazer aparecer o marido a dar conselhos, tanto mais que a imagem era animada.

«Será preciso encarar a hipótese de desdobramento? Não é impossível; mas, para isso, seria necessário saber a hora exacta da aparição e do naufrágio. Há, contudo, um pormenor que reveste certa importância: é o facto da pobre mulher haver despertado antes da produção do fenómeno. Porque acordou ela? Coincidência, dirão uns; sonho provocado por entidades espirituais, dirão outros.

«Não podemos manifestar a nossa opinião, sem os indispensáveis elementos. Entretanto e sob reserva, a explicação mais plausível seria a aparição real do defunto, com o auxílio provável de espíritos protectores. De uma forma ou de outra, encontramo-nos perante um fenómeno supranormal de primeira grandeza».

GABRIEL DELANNE

A revista argentina *La Conciência* publicou um artigo intitulado «Um espiritista precoce — Da infância de Gabriel Delanne», devido à pena de Jean Meyer. Depois de revelar que os pais de Gabriel Delanne eram espiritistas militantes e faziam sessões em casa, às quais assistia aquele que mais tarde viria a ser eminente escritor, diz que as reuniões citadas eram sérias e tratavam dos mais variados fenómenos, desde a escrita aos efeitos físicos e à tiptologia, mas sempre apoiadas em explicações teóricas para melhor firmar a convicção dos presentes.

O filho do sr. Delanne associava-se com frequência às manifestações, nas quais acreditava absolutamente.

Um dia, — diz o articulista — estando em casa de pessoa amiga, jogava no pátio com uma primita de 5 anos de idade e dois garotos, um de 7 e outro de 4. A vizinha da cave convida-os a entrar em casa e dá-lhes bombons. Eles não se fizeram rogar.

— Como te chamas? — perguntou a sr.ª ao rapazito.

— Chamo-me Gabriel.

— Que faz o teu pai?

— Meu pai é espiritista.

— Eu não conheço essa profissão.

— Não é profissão. Meu pai não é remunerado por isso. Trabalha desinteressadamente para fazer bem aos homens.

— Não sei o que queres dizer.

— A sr.ª nunca ouviu falar nas mesas girantes?

— Pois eu desejava que teu pai estivesse aqui para fazê-las girar.

— Não é necessário. Eu tenho forças para isso.

— Então queres ensinar-me?

— Quero, sim, senhora.

Dito isto, senta-se a uma mesa redonda com os seus três camaradas, faz uma prece em tom muito sério e, quando termina, a mesa eleva-se e começa a bater com força.

— Pergunte, senhora — disse Gabriel.

A mulher interroga e a mesa deletreia: *teu pai.* A senhora fica pálida de emoção.

— Muito bem! Meu pai, devo enviar a carta que acabo de escrever?

— Sim, sem falta.

— Há quantos anos faleceste?

A mesa bate 8 pancadas. Era exacto o número de anos.

— Podes dizer-me o teu nome e o da cidade onde morreste?

A mesa dá os nomes e a mulher começa a chorar copiosamente. Eis um facto que exclui toda a ideia de fraude.

UM HOMEM EXTRAORDINÁRIO

Segundo informa La Revue Spirite, *Peter Van Jaarsvald é um jovem sul-africano de 17 anos, considerado pelos seus patrícios como grande e extraordinário fenómeno da actualidade, pois consegue ver toalhas de água ou de petróleo, a muitas dezenas de metros de profundidade, assim como jazigos de ouro, de ferro, de diamantes e filões de carvão. O periódico suiço* Pour Tous, *de 15 de Maio último, chama-lhe um verdadeiro mágico, mas um* mágico sem vanrinha de condão.

Notas & Comentários

«JORNAL ESPIRITA»

Do director-comercial do Jornal Espirita, *sr. F. Américo de Carvalho, recebemos atenciosa carta de saudação, acompanhando a oferta de algumas dezenas de exemplares do seu n.º de Maio último, a fim de lhes darmos o destino que entendêssemos. Depois de externar profunda e sincera admiração pelos trabalhos do director desta revista, escreve:*

«Recebemos pontualmente Estudos Psíquicos, *de cuja fonte temos extraido trabalhos de acentuada relevância para as colunas do nosso jornal. Com referência à sua utilíssima e oportuna campanha de assinaturas, estamos dispostos a dar-lhe o maior éco possível, inserindo em nossa próxima edição uma nota a respeito. E aderindo a essa campanha em prol de* Estudos Psíquicos, *enviamos a essa redacção, por um confrade nosso que se destina a Portugal, alguns exemplares do* Jornal Espirita *para que faça deles o que achar conveniente».*

O Jornal Espirita *é um mensário de grande formato tirado em máquina rotativa. O n.º em questão é de 12 páginas, que não podem ser vendidas separadamente. Com o fim de congregar todas as correntes espiritas brasileiras, insere colaboração de todos os sectores, inclusive da Linha de Umbanda.*

Ao seu director-comercial, F. Américo de Carvalho, e ao seu director-responsável, Abstal Loureiro, os nossos agradecimentos com votos de saúde e prosperidade.

RAIOS K

O último número da revista Átomo (n.º 21) publicou uma notícia, segundo a qual os cientistas descobriram *que o cérebro humano emite ondas eléctricas de comprimento de onda variável. Para serem captáveis, os eléctrodos do aparelho registador devem ser colocados na extremidade exterior da abertura das pálpebras, admitindo-se que a sede do pensamento esteja no lóbulo temporal.*

Isto vem confirmar, em parte, o que espiritas, ocultistas e magnetizadores há muitos anos diziam, mas que a ciência oficial teimava sistemàticamente em negar.

«LA CONCIÊNCIA»

Há uns tempos que nos chega às mãos uma revista dactilografada, de Buenos Aires, dirigida por Genaro Pucci e dedicada às «selecções das ciências do espírito». O n.º que temos presente é o 37, correspondente ao seu 1.º aniversário.

Trata-se de uma publicação modelar que três vezes por mês leva ao leitor os mais elevados ensinamentos psíquicos e espiritas, em análises e críticas equilibradíssimas de acção nobre e concreta. De óptimo aspecto gráfico, este número encerra colaboração selecta nas suas 34 páginas bem proporcionadas.

Fazemos votos pela sua expansão e daqui felicitamos o sr. Genaro Jucci pelo desassombro das ideias e verdade dos comentários. Esta revista merece ser lida com atenção por todos os verdadeiros espiritas.

A CIRCULAÇÃO DO «PSYCHIC NEWS»

Aumenta extraordinàriamente a venda do semanário espirita londrino Psychic News, *a que temos feito inúmeras referências. Em seu número de 13 de Agosto informa que nos primeiros seis meses de 1949 aumentou a tiragem em 2.584 exemplares, atingindo 35.263. Por vezes, as vendas chegaram a 36.000. É o jornal de estudos psíquicos de maior circulação na Inglaterra.*

Fundado há 17 anos por Maurice Barbanell, atingiu em 1943 a tiragem de 21.088 exemplares. Em 1945, subiu para 25.105 e em 1947 para 33.039. É o que se pode chamar um verdadeiro record *mundial, demonstrativo do interesse crescente que suscitam os estudos psíquicos na Grã-Bretanha.*

«PIERINO GAMBA»

O livro «Pierino Gamba — O Menino-Maestro à Luz de Nova Psicologia», da autoria do director desta revista, alcançou um êxito que estávamos muito longe de imaginar. O público profano vai estudando os nossos problemas, embora demonstre às vezes cepticismo e indiferença que não existem... no foro íntimo.

Muitos dizem-se isto ou aquilo, mas as palavras não correspondem aos sentimentos. Há ondas de snobismo que podem atingir o exterior, mas não subvertem ideias alicerçadas em rocha dura. São atitudes passageiras, de efémera duração. Se o público comprou o livro, é porque lhe interessou.

Em Porto Alegre, Capital do Estado Brasileiro do Rio Grande do Sul, com mais de 600.000 habitantes, a Rádio Farroupilha *(a maior emissora do Sul do Brasil) tem emitido todos os domingos anúncios deste livro na «Hora Espirita» local. Além disso, tem radiodifundido seis anúncios seis vezes por dia, nas melhores horas. A Grande* Livraria do Globo *pôs uma grande montra à disposição da obra, que está obtendo bom êxito de venda.*

E a bola de neve do Espiritismo vai rolando sobre a encosta prateada e acabará por ser avalanche irreprimível...

A FECHAR

Um médium — segundo relata The Two Worlds — *dirige-se nestes termos à viúva do desencarnado:*

— Ele diz que na terra era magarefe.

— Não pode ser — exclama a viúva —. Era cangalheiro.

O médium, embora senhor de si, pede desculpa, mas a senhora acrescenta:

— Não se assuste. O que me disse é a melhor prova de identificação de meu marido. Quando era vivo e lhe perguntavam pelo ofício, respondia sempre: «Sou magarefe». Vejo que, apesar de estar no Além, continua com as mesmas brincadeiras.

Noticiário

NOVA ORIENTAÇÃO

A Direcção do Centro Espiritualista Luz e Amor, cônscia das suas responsabilidades, resolveu dar aos trabalhos cotidianos orientação nova coadunada com um programa pre-estabelecido que tentará realizar a partir do próximo mês de Novembro.

Todos os centros e grupos espiritas portugueses enfermam de princípios erróneos no tocante à prática da Doutrina e só com medidas semelhantes às que aqui se adoptaram poderá fazer-se alguma coisa de útil e proveitoso que dignifique os obreiros desta grande seara.

O *Grupo Estudos Allan Kardec*, que acaba de formar-se, compor-se-á de quatro sub-grupos, a saber:

Grupo A — «*Gabriel Delanne*» — Reunirá quinzenalmente em sessões públicas, com exposição geral teórica e doutrinária, procurando, por gráficos, quadros ou fotografias, objectivar melhor os problemas. Trabalhará das 21,00 às 22,00 horas.

Grupo B — «*Ernesto Bozzano*» — De reunião quinzenal e após a sessão do Grupo A, tem a finalidade da pura experiência ou o estudo aprofundado do tema desenvolvido no Grupo atrás citado.

Grupo C — *Ateneu Espirita* «*William Crookes*» — De reunião mensal formado pelos sócios do Centro a quem a Direcção reconheça suficiente cultura espirita e com o objectivo de estudar mais profundamente a Doutrina.

Grupo D — «*Reper-Siam*» — de reunião semanal com o fim de estudar os Evangelhos à luz do Espiritismo e outras obras fundamentais, seguido de irradiação mental sobre doentes confiados à sua protecção.

Grupos E — De reunião pelo menos quinzenal e formado pelos sócios que o requeiram, com o fim de estudar experimentalmente os fenómenos, ou praticar o desenvolvimento mediúnico.

Todos estes grupos terão um director responsável e deverão elaborar resenha de seus trabalhos.

A revista *Estudos Psíquicos* dará publicidade à vida destes grupos.

O *Grupo Amor do Redentor* trabalhará sob a direcção do Dr. Adelino Gamboa.

Outros grupos semelhantes a estes se poderão formar, os quais ficarão à responsabilidade de seus directores.

PROGRAMA PARA FUNCIONAMENTO DOS GRUPOS A e B DE NOVEMBRO DE 1949 A JULHO DE 1950

30 de Outubro, às 16 horas — «O Estudo Metódico do Espiritismo», por Ramos Pereira.

5 de Novembro, às 21 horas — «Os Fenómenos Magneto-hipnóticos», por António Cardoso.

19 de Novembro, às 21 horas — «Telestesia e criptoscopia», por Isidoro Duarte Santos.

3 de Dezembro, às 21 horas — «Os Enigmas da Psicometria», por J. F. Cabrita.

17 de Dezembro, às 21 horas — «Fenómenos de Incorporação», por Ramos Pereira.

7 de Janeiro, às 21 horas — «A Psicografia», por António Cardoso.

21 de Janeiro, às 21 horas — «A Escrita Directa», pelo Coronel Faure da Rosa.

4 de Fevereiro, às 21 horas — «Tiptologia», por Isidoro Duarte Santos.

18 de Fevereiro, às 21 horas — «Radiações Psíquicas», por Ramos Pereira.

4 de Março, às 21 horas — «Os Fenómenos de Materialização», por Pedro Carreira Dias de Sousa.

18 de Março, às 21 horas — «Materializações e «Apports», por António Cardoso.

1 de Abril, às 21 horas — «As Hipóteses Metapsíquicas e o Espiritismo», por Ramos Pereira.

15 de Abril, às 21 horas — «Terapêutica Espirita», por Isidoro Duarte Santos.

29 de Abril, às 21 horas — «Provas da Imortalidade da Alma», por António Cardoso.

13 de Maio, às 21 horas — «A Reencarnação», pelo coronel Faure da Rosa.

27 de Maio, às 21 horas — «Natureza e Estrutura do Espírito», por Ramos Pereira.

9 de Junho, às 21 horas — «Os Mundos do Além», por J. F. Cabrita.

24 de Junho, às 21 horas — «Religião e Reencarnacionismo», por D. Maria Carlota Santos.

1 de Julho, às 21 horas — «A Moral Reencarnacionista», por D. Ivone de Sousa.

15 de Julho, às 21 horas — «O Espiritismo e o Homem», por Ramos Pereira.

TRABALHOS DO CENTRO NO MÊS DE NOVEMBRO

Dia 3 de Novembro, 5.ª feira, às 21,30 — Sessão doutrinária e de irradiação mental, do Grupo Reper-Siam, dirigida, por António Cardoso.

Dia 5 de Novembro, Sábado, às 21 horas — Palestra de António Cardoso no Grupo — («Gabriel Delanne»), intitulada «Os Fenómenos Magneto-hipnóticos».

Dia 10 de Novembro, 5.ª feira, às 21,30 — Sessão doutrinária e de irradiação mental, do Grupo Reper-Siam, dirigida por Isidoro Duarte Santos.

Dia 11 de Novembro, 6.ª feira, às 21,30 — Sessão do Grupo Amor do Redentor, com a médium D. Maria Cecilia Gorina, dirigida pelo Dr. Adelino Gamboa.

Dia 17 de Novembro, 5.ª feira, às 21,30 — Sessão doutrinária e de irradiação mental do Grupo Reper-Siam, dirigida por António Cardoso.

Dia 19 de Novembro, Sábado, às 21 horas — Palestra de Isidoro Duarte Santos no Grupo A («Gabriel Delanne»), intitulada «Telestesia e Criptoscopia».

Dia 24 de Novembro, 5.ª feira, às 21,30 — Sessão doutrinária e de irradiação mental do Grupo Reper-Siam, dirigida por J. F. Cabrita.

Dia 26 de Novembro, 6.ª feira, às 21,30 — Sessão do Grupo Amor do Redentor, dirigida pelo Dr. Adelino Gamboa.

Dia 1 de Dezembro, 5.ª feira, às 21,30 — Sessão doutrinária e de irradiação mental do Grupo Reper-Siam, dirigida por António Cardoso.

Dia 3 de Dezembro, Sábado, às 21 horas — Palestra de J. F. Cabrita no Grupo A («Gabriel Delanne»), intitulada «Os Enigmas da Psicometria.

NOTA — As palestras são públicas e as sessões são exclusivas dos sócios com as cotizações em dia.

Livros da Editora "O Pensamento"

Chegaram ao nosso Depósito as seguintes obras da Livraria Editora O PENSAMENTO, as quais podem ser enviadas à cobrança, acrescidas das respectivas taxas, ou adquiridas nesta redacção.

OBRAS DE FRANCISCO V. LORENZ

Bhagavad Gitâ (o livro sagrado dos hindus)	28$00
Cabala (Os ensinos da tradição hebraica)	22$00
Homeopatia Doméstica	18$00

OBRAS DE W. W. ATKINSON E BEALS

Consciência (A) Interna	24$00
Cultura (A) do Pensamento	22$00
Força (A) do Pensamento	26$00
Leitura Prática do Pensamento	15$00
Mente (A) e o Corpo	35$00
Poder (O) do Desejo	24$00
Poder (O) da Regeneração	24$00
Vidência (A) pela Bola de Cristal	18$00

OBRAS DE PRENTICE MULFORD

Cultura (A) da Coragem	20$00
Felicidade (A) pelo Pensamento	15$00
Leis da Saúde e da Alimentação	15$00
Nossas Forças Mentais (Obra monumental em 4 volumes primorosamente encadernados)	200$00

OBRAS DO YOGI-RAMACHARACA

Ciência (A) da Cura Psíquica	26$00
Cura Prática pela Água	18$00
14 Lições da Filosofia Yogi	35$00
Ciência Yogi da Respiração	22$00
Forças (As) Subtis da Natureza	28$00
Gnana Yoga (os poderes do homem e as forças naturais)	35$00
Hatha Yoga (segredo da energia e do vigor)	35$00
Raja Yoga (desenvolvimento das forças latentes)	35$00
Vida (A) Depois da Morte	25$00

OBRAS DE A. VAN DER NAILLEN

Baltazar, o Mago	35$00
No Santuário	30$00
Nos templos do Himalaia	35$00
Templo (O) do Silêncio	15$00

OBRAS DIVERSAS

Clarividência e Psicometria, por G. Phaneg	20$00
Curso de Iniciação Esotérica	40$00
Cruz (A) de Caravaca (colecção de preces várias)	8$00
Dicionário de Ciências Ocultas	18$00
Diário dos Invisíveis, obra psicografada por Zilda Gama	24$00
Dogma e Ritual de Alta Magia, por Elifas Levi	90$00
Ensaio Sobre a Evolução da Ideia, por Barlet	18$00
Filosofia Vedanta, por Swani Vivekânanda	24$00
Força (A) que Paralisa a Bala, por A. Loester	15$00
Forças Ocultas	40$00
Grafologia (arte de descobrir o carácter pela escrita, útil aos que desejam conhecer aqueles que os rodeiam)	45$00
Grande (O) Arcano, ou Ciência dos Magos, por Elifas Levi	52$00
Higiene e tratamento Homeopático das Doenças Domésticas (obra importantissima do Dr. Alberto Seabra)	75$00
Hipnotismo (Do Instituto de Ciências Herméticas)	45$00
Iniciação (A) de Jesus, por S. Clymer	8$00
Iniciado (O) Indiano e a Feiticeira Russa, por Charles Lancelin	15$00
Iniciativa (A), a Coragem e a Audácia, por G. A. Mann	22$00
Lei (A) do Mentalismo, por A. V. Segno	28$00
Luz no Caminho, por Mabel Collins, tratado clássico de ocultismo	16$00
Magnetismo (do Instituto de Ciências Herméticas)	45$00
Medicina Oculta (Do Instituto de Ciências Herméticas)	45$00
Mistérios (Os) Iniciáticos, por Henri Durville	28$00
Prolonguemos a Vida, por Jean Finot	15$00
Profecias de Nostradamus (obra sensacional contendo as profecias deste célebre vidente até Outubro de 1999, livro que bateu o *record* de vendas no Brasil, por Marques da Cruz	75$00
Pensamentos (Os) são Coisas, por Edward Walker	14$00
Problema (O) do Além, pelo Dr. Alberto Seabra, obra de caráctaer científico	30$00
Projecção de Eflúvios Vitais, por A. Lália-Paternostro	20$00
Radiopatia (do Instituto de Ciência Herméticas)	45$00
Ritual de Magia Divina (colecção de preces ocultas)	24$00
Sabedoria (A) e o Destino, por Maurice Maeterlinck	28$00
Sessões Espiritas (como se organizam), por A. Arnold	22$00
Sonhos e Visões (Sua interpretação)	26$00
Tesouro (O) dos Humildes, por Maurice Maeterlinck	28$00
Usina (A) Humana, por Henri Durville	35$00
Viagem (A) Astral, por M. Ernest Bosc	28$00

Obras de outras Editoras

Alma (A) e o Subsconsciente, pelo Dr. Alberto Seabra ..... 22$00
António de Pádua, por Almerindo M. de Castro ..... 18$00
Bezerra de Meneses, o Médico dos pobres 20$00
Ciência, Religião, Fanatismo, por *Minimus*, Br. 12$00; Enc. ..... 22$00
Corpo e Espírito, pelo Dr. Carlos Imbassahy. Br. 22$00 — Enc. ..... 32$00
Destino (O) Humano, pelo Dr. Lobo Vilela ..... 24$00
Flores de Outono, poesias de um poeta leproso, por Jesus Gonçalves — Brochado 16$00, encadernado ..... 26$00
Heroinas (As) de Hydesville, por Alfredo Miguel ..... 15$00
História (Comentários à) das Religiões, por Arnaldo S. Tiago ..... 25$00
História de Catarina, por R. Hermindo, dedicada às crianças das escolas espiritas ..... 16$00
Iluminação, as mais belas poesias espiritas de Leopoldo Machado ..... 16$00
Inquérito Original (É admitida a música nas sessões espiritas?», por Leopoldo Machado ..... 8$00
Irmãos de Jesus, belo estudo de Kruger Matos ..... 10$00
Jerusa, romance mediúnico recebido por Carmo Bianco ..... 22$00
Livro (O) de Tobias ..... 6$00
Mediunidade sem Lágrimas, por Eliseu Rigonnati ..... 15$00
Meios (Os) Físicos e Naturais na Profilaxia e Cura, pelo Dr. Fred Wachsmann 28$00
Memórias do Padre Germano — Brochado 38$00, encadernado ..... 50$00
Meneses (Os), romance espirita do Dr. Carlos Imbassahy ..... 20$00
Mistério (O) das Sombras, por Alexandre Dias ..... 12$00
No Caminho da Espiritualidade ..... 15$00
Noções de Filosofia Espirita ..... 3$00
Orador (O) Espirita, por Eliseu Rigonatti ..... 10$00
Organização Federativa (Como organizar federações espiritas) ..... 12$00
Para o Alto, formoso livro dos mais belos apólegos espiritas, por Leopoldo Machado ..... 20$00
Pérolas Ocultas, por Abel Gomes ..... 14$00
Personalidade (A) de Jesus, por Leopoldo Cirne ..... 10$00
Problema (El) de Ser e del Destino, edição espanhola ..... 50$00
Prontuário das Obras de Allan Kardec ... 5$00
Redenção, grande romance ditado pelo Espírito de Victor Hugo, br. 32$00 — encadernado ..... 42$00
Região em Litígio Entre este Mundo e o Outro, por Robert Dale Owen ..... 35$00
Salvação pelo Fé ou pelas Obras?, por Romeu Amaral Camargo ..... 18$00
Serviço (Ao) do Mestre, por Arnaldo S. Tiago ..... 16$00
Síntese do Novo Testamento, por Minimus — enc. 25$00; enc. ..... 37$00
Teatro Espiritualista, contendo varios trabalhos de Leopoldo Machado, já representados com êxito ..... 18$00
Transformismo, por Ferreira Diu ..... 35$00
Ultimos Contos, de Alexandre Dias ..... 10$00
Uma Nova Ciência (defesa da Metapsiquica), dedicada à ciência médica, pelo Dr. Mário Azambuja. Br. 10$00, enc. 22$00
Viagem ao Século Trinta, por Manuel S. Teixeira ..... 10$00
Valor e Nobreza, por Pedro Santos Boero 20$00

As Nossas Edições

Nos Umbrais do Além, br. 30$00; enc. 40$00
Luz No Caminho, br. 32$00; enc. ..... 42$00
Cientismo e Espiritismo, ... 20$00
Pierino Gamba, Br. 20$00; enc. ..... 30$00

Aos Nossos Representantes e Leitores

Encontrando-se esgotados os n.os de Fevereiro, Março e Abril do corrente ano de ESTUDOS PSíQUICOS, pedimos aos nossos estimados representantes do Brasil e leitores em geral que não coleccionem a revista, a fineza de nos enviarem alguns dos exemplares mencionados, o que desde já muito agradecemos.

Aos Compradores de Livros

Para conhecimento dos compradores de livros, informamos que todas as obras encadernadas desde Julho último, passaram a custar mais 10 a 15 cruzeiros na origem, motivo por que fomos obrigados a rectificar os respectivos preços.

Obras de Ciências Psíquicas e Filosofia Neo-Espiritualista

(em depósito nesta redacção)

	br.	enc.
DR. INÁCIO FERREIRA		
Conselhos a Meu Filho		15$00
Espiritismo e Medicina	18$00	30$00
Novos Rumos à Medicina, livro célebre, muito ilustrado, descreve os métodos da cura psíquica do Sanatório de Uberaba — 1.º volume		50$00
Têm Razão?, resposta magistral aos ataques feitos ao Espiritismo	40$00	52$00
FRANCISCO CÂNDIDO XAVIER (Médium)		
Alvorada Cristã, pelo *Espírito de Neio Lúcio*, livro maravilhoso e educativo, para crianças de todas as idades	16$00	
Boa Nova (quadros evangélicos), ditados pelo *Espírito de Humberto de Campos*	18$00	30$00
O Consolador, pelo *Espírito de Emmanuel*, resposta a 461 perguntas	20$00	32$00
Cartilha da Natureza, pelo Espírito do poeta Casimiro Cunha	18$00	
Crónicas de Além-Túmulo, ditadas pelo *Espírito de Humberto de Campos*	20$00	
Emmanuel, repertório de ensinamentos cristãos, ditados pelo Espírito de *Emmanuel*	18$00	
Há dois mil anos, romance empolgante ditado pelo *Espírito de Emmanuel* (nova edição)	30$00	42$00
50 Anos Depois, continuação do romance supra, pelo *mesmo autor*	30$00	42$00
Lázaro Redivivo, pelo *Espírito do irmão X* Humberto de Campos	25$00	
Luz Acima, crónicas pelo *Espírito de Humberto de Campos*	22$00	34$00
Mensageiros (Os), pelo *Espírito de André Luiz*	26$00	38$00
Missionários da Luz, pelo *Espírito de André Luiz*, obra dedicada às pessoas cultas	32$00	44$00
Nosso Lar, pelo *Espírito de André Luiz*	26$00	38$00
No Mundo Maior, pelo *Espírito de André Luiz*	26$00	38$00
Novas Mensagens, do *Espírito de Humberto de Campos*	22$00	34$00
Obreiros da Vida Eterna, pelo *Espírito de André Luiz*	32$00	44$00
Parnaso de Além-Túmulo (maravilhosa colectânea de poesias ditadas por espíritos de poetas luso-brasileiros). Nova edição melhorada	40$00	52$00
Renúncia, romance empolgante e consolador, destinado aos tristes e desesperados, ditado por *Emmanuel*	35$00	47$00
Reportagens de além-túmulo, pelo *Espírito de Humberto de Campos*	26$00	37$00
Volta Bocage, Sonetos pelo *Espírito de Bocage*	12$00	
OBRAS DIVERSAS		
Almas Crucificadas, empolgante romance mediúnico, ditado pelo *Espírito de Vítor Hugo*	35$00	47$00
Análise das Coisas, pelo *Dr. Paulo Giber*	18$00	30$00
Barqueira do Júcar, romance mediúnico, recebido por *J. F. Colavida*	20$00	32$00
Beijo (O) da Morta, romance mediúnico recebido por *Celestina Arruda Lança*	22$00	34$00
Bem (A) da Verdade, refutação da teoria do corpo fluídico de Jesus, pelo Dr. Henrique de Andrade	40$00	
A Casa Assombrada, romance pelo *Dr. Bezerra Meneses*	26$00	38$00
A Casa Assombrada, por *Maria Veleda*	15$00	
O Caso Humberto de Campos, descrição do célebre processo judiciário movido à Federação E. Brasileira e ao médium Francisco Cândido Xavier, da autoria de *Miguel Timponi*. Um grosso volume	24$00	36$00
Chanceler (O) de Ferro, empolgante romance mediúnico ditado pelo *Espírito do Conde de Rochester*	42$00	54$00
Cinquenta e Duas Lições de Catecismo Espírita, por *E. Rigonati*	8$00	
Ciência Divina, pelo *Espírito de Jaime Braga*, recebido pelo médium *Doutor Porto Carreiro Neto*	26$00	38$00
Claustro (O), romance realista acerca da vida eclesiástica, por *Manuel Arão*		35$00
Conselhos a Meu Filho, (colectânea de ensinamentos morais muito interessantes), pelo *Dr. Inácio Ferreira*		15$00
Contribuições para o Espiritismo, por *Alexandre Dias*	12$00	
Cristianismo (O) do Cristo e o dos seus vigários, pelo *Padre Alta*	30$00	42$00
Cruzada Redentora, romance reencarnacionista de fundo histórico, por *António Lima*	40$00	52$00
Didaquê Espírita, por *Carlos Lomba*, Curso completo de Espiritismo para crianças de 6 a 14 anos	12$00	
Do Calvário ao Apocalipse, pelo *Espírito de Bittencourt Sampaio*	26$00	38$00
Do Calvário ao Infinito, grande romance mediúnico, ditado pelo *Espírito de Vítor Hugo*	42$00	54$00
Domínio Nefando, por *Arlindo Colaço*		24$00
Doutrina (A) de Jesus, por *Vinicius*	7$00	
Eça de Queiroz Póstumo (Comunicações de Eça de Queiroz ditadas a Fernando de Lacerda)	24$00	36$00
Elucidações Evangélicas (resumo da obra de Roustaing), pelo *Dr. António Luiz Saião*	45$00	57$00
Ensinos Espiritualistas, (descrições da vida do além) por *A. Stainton Moses*	25$00	37$00
Entre dois mundos (romance), por *Antoinette Boudin*	20$00	32$00
Espiritismo e Medicina, obra em que o autor faz sua profissão de fé espírita, pelo *Dr. Inácio Ferreira*	18$00	30$00

(Continua na 4.ª página de capa)

	br.	enc.
Espiritismo (O) à luz dos Factos pelo *Dr. Carlos Imbassahy*	30$00	42$00
Espírito (O) Consolador, pelo *Padre Marchal*	26$00	38$00
Espiritismo (O) e os Problemas Humanos, por *Deolindo Amorim*	22$00	
O Espírito do Cristianismo, por *Cairbar Schutel*, um grosso volume		45$00
Expiação, por *Arcolindo Gorjão*	20$00	32$00
Factos Espiritas, por *William Crookes*	16$00	28$00
Fazenda (A) Mal Assombrada, romance por *Alexandre Dias*	20$00	
Fenomenologia Mediúnica, tese de doutoramento do Dr. O. Emboaba	18$00	
Fundamentos Científicos do Espiritismo, pelo *Dr. Azevedo e Silva*	10$00	
Funerais da Santa Sé *(Poesias ditadas pelo Espírito de Guerra Junqueiro)*	24$00	36$00
Grandes e Pequenos Problemas (aplicações do Espiritismo aos problemas da vida), por *Angel Aguarod*	18$00	30$00
Granja do Silêncio (A), por *Paul Bodier*	20$00	32$00
Herculanum, romance mediúnico ditado pelo *Espírito do Conde Rochester*	37$00	49$00
Jesus Perante a Cristandade, pelo *Espírito de Bittencourt Sampaio*	25$00	
Livre-arbítrio e determinismo, por *Louis Gastin*	**5$00**	
Lídia, romance mediúnico, recebido por *J. Suriñac*	24$00	
Loucura (A) sob Novo Prisma, pelo *Dr. Bezerra de Meneses*	17$00	29$00
Magnetismo e Hipnotismo Curativo, por *Alfonse Bué*	32$00	44$00
Marieta (páginas de duas existências), romance medúnico, recebido por *Daniel Artazú*	26$00	38$00
Martírio (O) dos Suicidas, por *Almerindo Martins de Castro*	18$00	30$00
Mediunidade, pelo Comandante Edgar Armond — Estudo prático da mediunidade	25$00	
Memórias de uma alma, romance mediúnico, recebido por *J. Suriñac*	24$00	
Na Sombra e na Luz, grande romance mediúnico, ditado pelo *Espírito de Vitor Hugo*	35$00	47$00
Nas Pegadas do Mestre, por *Vinicius*	26$00	38$00
Nova (A) Luz, ditado mediúnico de crítica a Maeterlinck, por *George Déjean*	24$00	36$00
Novas Elucidações do 4.º Evangelho, *por João Evangelista*	20$00	32$00
Outro (O) Lado da Vida, por *Carl du Prel*	22$00	

	br.	enc.
Parábolas e Ensinos de Jesus, por *Cairbar Schutel*		45$00
Pela Vitória do Espírito, pelo *Dr. Fred Wachsmann*, de colaboração com Isidoro Duarte Santos	50$00	
Problema (O) da Sobrevivência, pelo *Dr. A. Lobo Vilela*	12$00	
Protestantismo (O) e o Espiritismo, por *Benedito A. da Fonseca*	16$00	28$00
Os Quatro Evangelhos, de *J. B. Roustaing*, 4 volumes		200$00
Revelações de Além-Túmulo, pelo *Dr. Antão de Vasconcelos*	30$00	42$00
Roma e o Evangelho, por *J. Amigó y Pellicer*	26$00	38$00
Rosário (O) de Coral, pelo *Dr. A. Wylm*, médico neurologista	20$00	32$00
Sessões Práticas do Espiritismo, por *Spártaco Banal*	10$00	
Sobrevivência e Comunicação dos Espíritos, por *Osvaldo Melo*		25$00
Sonâmbula (A), romance espírita, por *António Lima*		30$00
Spiritus Maledictus, romance mediúnico recebido por *J. Suriñac*	18$00	
Trabalho (O) dos Mortos, descrição de sessões de materialização, com muitas gravuras, pelo *Dr. Nogueira de Faria*		52$00
Verdade (A) Espiritualista, por *C. Picone Chiodo*	10$00	20$00
Vida e Actos dos Apóstolos, por *Cairbar Schutel*		40$00
Vida (A) Depois da Morte, por *Yogi Ramacharaca*	18$00	
Vingança (A) do Judeu, romance ditado pelo *Espírito do Conde Rocester*	42$00	54$00
Voz (A) do Antigo Egito, por *Vladomiro Lorenz*, o caso estranho das comunicações de *Rosemary*	20$00	32$00
Vozes (E as) falaram, novela empolgante, por *Fernando do Ó*	22$00	

Secção Musical

Hino ao Espiritismo, música para piano de *S. A. de Macedo* e letra de *Nelson Kerensky*	**6$00**
Almas Gémeas, tango-canção para piano, música de *Oli de Castro* e letra do *Espírito Emmanuel*	**6$00**
Canção da Alegria Cristã, música para piano de *Oli de Castro* e letra de *Leopoldo Machado*	**6$00**

Leitura para Crianças

O Espiritismo na Infância, por *António Lima*	12$00
O Meu Diário, por *António Lima*	12$00
O Evangelho das Crianças, por *António Lima*	*12$00*

Nestes preços não está incluído o porte do correio. Enviam-se remessas à cobrança, para o continente e ilhas Adjacentes. Para as colónias e estrangeiro, só contra pagamento adiantado, que deve incluir 10 % para porte, registo e embalagem.

«Estudos Psíquicos» encontra-se à venda em todo o país, ilhas, colónias e no Brasil

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

ESTUDOS PSIQUICOS

Mensário de Estudos Psíquicos e Neo-espiritualismo Experimental

MARÍLIA DE ALMEIDA BARBOSA

(Ver pág. 334)

CONTÉM: Harmonia, da **Redacção**; A Sobrevivência, pelo **Coronel Faure da Rosa**; Uma Grande Pioneira - Marília de Almeida Barbosa; Crónica de Saudade da Querida Esposa, por **Leopoldo Machado**; A Atmosfera Espiritual nas Experiências Mediúnicas, por **Tito L. Bancescu**; História de um Moço Judeu, por **Clóvis Tavares**; A Crítica Profana e o Livro «Pierino Gamba»; O Verdadeiro Espirita, por **Djalma Farias**; Da Moral Livre, por **A. Ramos Pereira**; A Psicometria, por **I. D. S.**; Confraternização Espirita Brasileira; O II Congresso Espirita Pan-Americano, no Rio de Janeiro; Lux-Lucis, Soneto de **João Paulo Freire**; Metodologia Espirita, por **A. Yvone de Sousa**; Ensinamentos de «Silver Birch», comentados por **B. B. Martins**; A Origem do Homem e a Origem das Espécies, por **Cirillo Aleixo**; Tarefeiros do Bem, por **Henrique de Magalhães**; Crónica Estrangeira, por **Isidoro Duarte Santos**; Notas & Comentários; Noticiário; Livros

10.º ANO — NOVEMBRO DE 1949 — N.º 11

ESTUDOS PSÍQUICOS

REVISTA MENSAL — AO SERVIÇO DO ESPIRITISMO LUSO-BRASILEIRO

Rua do Salitre, 149, 1.º — LISBOA

Propriedade de ISIDORO DUARTE SANTOS, a quem deve ser dirigida toda a correspondência

REDACTORES — CORRESPONDENTES

Rio de Janeiro	*Deolindo Amorim*
Nova Iguassú	*Leopoldo Machado*
Uberaba	*Dr. Inácio Ferreira*
Pernambuco	*Capitão Nelson Kerensky*
Baia	*Alfredo Miguel*
Porto Alegre	*Dr. Paulo Hecker*
Gubbio, Itália	*Dr. Pietro Ubaldi*
Ponta Negra	*António J. Martins*
Belo Horizonte	*Dr. Noraldino de M. Castro*
Buenos Aires	*Dr. Luís Postiglioni*
Paris	*Henri Regnault*
Liège	*Achille Biquet*
Baurú	*Nabor da Graça Leite*
Santiago do Chile	*Ernesto Moog*
México	*Rufino Juanco*
Rosário	*Tito Livio Bancéscu*
Índia Portuguesa	*Raul Sepúlveda Fontes*

REPRESENTANTES NO BRASIL

Rio de Janeiro	*José Bittencourt A. Coutinho*
Campos	*Clóvis Tavares*
Curitiba	*João Ghignone*
Vitória	*Dr. Airton Loureiro Machado*
Porto Alegre	*José Simões de Matos*
Ribeirão Preto	*Dr. Jaime Monteiro de Barros*
Taubaté	*Geraldo de Oliveira*
Belo Horizonte	*Centro Luz e Humildade*
Natal	*Filipe Soares de Melo*
Maceió	*Jaime Xavier da Silva*
Fortaleza	*José Borges dos Santos*
Franca	*Dr. Agnelo Morato*
Cruzeiro	*José Zácaro Neto*
Passo Fundo	*Ney Vaz da Silva*
Sacramento	*Corina Novelino*
Rio Preto	*Leónidas Gois*
Juiz de Fora	*Orville Derby Dutra*
Pelotas	*Dr. Djalma de Matos*
Bajé	*José Ferreira da Mota*

Mário Caeiro Alves — representante em viagem no interior do Brasil

Os artigos assinados são da responsabilidade dos seus autores ★ Não se devolvem originais, sejam ou não publicados

ASSINATURAS

Continente (cada série de 6 números, não incluindo as despesas de cobrança), 25$00—Brasil (12 números), Cr. $50,00, ou 60$00—Colónias (12 números) moeda equivalente a 60$00—Número avulso 4$50 — Número atrasado, 5$00.

Orgão do Centro Espiritualista Luz e Amor, de Lisboa, e da Maternidade Casa da Mãe Pobre, do Rio de Janeiro

Obras de Ciências Psíquicas e Filosofia Neo-Espiritualista

(em depósito nesta redacção)

	br.	enc.
ALLAN KARDEC		
O que é o Espiritismo	14$00	
O Livro dos Espíritos	28$00	42$00
O Livro dos Médiuns	28$00	42$00
O Evangelho Segundo o Espiritismo	28$00	42$00
O Céu e o Inferno	28$00	42$00
A Génese (nova edição)	28$00	42$00
Obras Póstumas	28$00	42$00
LÉON DENIS		
Catecismo Espirita	7$00	
Cristianismo e Espiritismo	30$00	42$00
Depois da Morte	35$00	50$00
O Além e a Sobrevivência		22$00
O Grande Enigma	18$00	30$00
O Porquê da Vida (nova edição)	24$00	36$00
O Problema do Ser e do Destino (nova edição)	36$00	48$00
El Problema del Ser e del Destino		50$00
No Invisível (nova edição)	36$00	48$00
GABRIEL DELANNE		
A Alma é Imortal	28$00	42$00
O Espiritismo Perante a Ciência	28$00	42$00
ERNESTO BOZZANO		
A Crise da Morte	20$00	
Fenómenos de Transporte		18$00
Metapsiquica Humana	20$00	
Pensamento e Vontade	15$00	
CAMILLE FLAMMARION		
Casas Mal Assombradas	28$00	40$00
Deus na Natureza	36$00	50$00
Sonhos Estelares	24$00	
Stella (romance astronómico	26$00	38$00

(Continua na 3.ª página de capa)

ESTUDOS PSIQUICOS

Mensário de Estudos Psíquicos e Neo-espiritualismo Experimental
(ao serviço do Espiritismo luso-brasileiro)

10.º ANO — LISBOA, NOVEMBRO DE 1949 — N.º 11

Redactores: Ramos Pereira, António Cardoso | Director, Editor e Proprietário: Isidoro Duarte Santos | Administrador: Maria Gonçalves D. Santos

Redacção e Administração: RUA DO SALITRE, 149-1.º — LISBOA

Composto e Impresso na EDITORA GRÁFICA PORTUGUESA, LDA. — Rua Nova do Loureiro, 20 — Telefone 2 5295 — LISBOA

HARMONIA

O Espiritismo brasileiro avançou um grande passo no caminho da união. Oceano imenso de ideias em que a liberdade de pensamento assume variadas atitudes, conforme a índole e natureza dos homens, o Espiritismo não poderia fugir às discrepâncias que às vezes surgem, mercê de critérios unilaterais, que se defendem com denodo, na convicção de que encerram verdades salutares e em nada afectam a Doutrina. Isto é lógico e é humano. Além de que o sangue latino e o sol dos trópicos tornam os seres expansivos e loquazes em situações delicadas que exigem a maior prudência. Pois agora surgiu a notícia de que os confrades brasileiros conseguiram o almejado congraçamento. A calma instalou-se nos corações. A calma e o bom senso, porque á união faz a força. Sem coesão, o trabalho desagrega-se, as tentativas falham. As forças heterogéneas neutralizam-se e chegam a destruir-se mùtuamente. Separados por compartimentos estanques e enfeudados a correntes psíquicas diversas, os homens dispersam-se, tresmalham-se. Bem sabemos que o território é vastíssimo e cada região tem suas características étnicas e psicológicas. Mas isso não impede que se caminhe de mãos dadas, em obediência aos pricípios que devem perdurar sempre, haja o que houver, por maiores que sejam as dificuldades.

Aproveitando a realização no Rio de Janeiro do 2.º Congresso Espirita Pan-americano, os confrades de além-mar acabaram com as divergências, aliás naturais em todas as ideologias. Foi em 5 de Outubro último. De uma reunião magna das mais importantes federações e sociedades, saiu a grande comissão que há-de orientar o Espiritismo em todo o território do Brasil. Isto é união, harmonia racional. E dizemos racional, por que os homens pensaram muito tempo nela antes de a realizar, porque viram que era boa e podia fortalecer os ramos e aumentar a sombra da árvore acolhedora. E deram o passo decisivo, transigindo, contemporizando, cedendo terreno recíproco. Em nossa opinião, foi o maior acontecimento espirita do ano em curso, muito maior que o Congresso Pan-americano e que o Centenário do Espiritismo em Rochester, porque o Brasil é a verdadeira Meca da Nova Revelação onde o milagre da fraternidade impõe silêncio aos adversários da Doutrina.

Mundo Espirita, *aludindo ao histórico e sensacional evento, chama-lhe a Vitória do Amor. Sim, é legítimo o entusiasmo deste jornal, porque o seu maior desejo é ver todas as colectividades sob a mesma bandeira de concórdia. Que as suas palavras correspondam às justas aspirações de tantas almas sedentas de harmonia e que viram no acordo citado o início triunfal de novas empresas, mais grandiosas e sublimes.*

O Congresso associou-se ao anseio de todos e visitou, em peso, o Departamento Editorial da Federação Espirita Brasileira, em manifestações de júbilo cuja lembrança ficará no espírito de quantos assistiram à mais edificante prova de fraternal convívio que ainda se verificou no imenso e variado sector do Espiritismo.

Estudos Psíquicos *embandeira em arco perante a notícia auspiciosa e tem o maior prazer em anunciá-la no pórtico deste número. Como revista luso-brasileira que sempre pugnou pela harmonia das correntes neo-espiritualistas, assinala o facto com satisfação indizível, na certeza de cumprir um dever de solidariedade.*

Depois do sucedido na capital federal, todas as agremiações e sociedades espiritas verão aumentar a sua pujança, porque a alegria reinante e a confiança mútua multiplicarão as energias do adepto, que trabalhará com mais calma e maior certeza de atingir os objectivos visados.

Que a harmonia perdure nos corações e a Causa ganhará em extensão e profundidade e novos lauréis a encherão de força e prestígio imorredouro.

N/44

A SOBREVIVÊNCIA

Pelo Coronel FAURE DA ROSA

II

NÓS estamos ainda muitíssimo afastados do caminho que conduz à perfeição. Cada um de nós é, individualmente, um *artigo por acabar*, e, muito naturalmente, não é *cá em baixo*, neste planeta de expiação que o *artigo* pode ser acabado.

Para a infinidade do tempo, que são setenta ou oitenta anos da vida de uma criatura humana?

Vemos chegar a vida sem sabermos donde e vêmo-la desaparecer sem sabermos para onde. Deveremos, por isso, supor que está aí tudo quanto respeita à existência do indivíduo, ou, de preferência, que esse curto aparecimento não é mais do que o episódio de um projecto com outra permanência?...

Que dizer da individualidade, da personalidade? É uma entidade fundamental ou, ùnicamente, um agregado temporário? Poderá ela sobreviver à sua corporização actual, de modo que depois de ter desaparecido da nossa vista, sem deixar de existir, seja capaz de outras formas de manifestação? Por outras palavras e mais peremptórias: a parte fundamental de cada indivíduo poderá sobreviver à experiência da morte?

Se o indivíduo sobrevive à morte, pode ser que ele possa provar a sua existência por métodos semelhantes àqueles que adoptava quando aqui estava na Terra. Nós tínhamos a consciência da sua presença neste planeta, porque o seu corpo material se nos revelava à vista e ao tacto. Mas o corpo material é apenas uma parte do homem. Como nos apercebemos nós do seu espírito, do seu carácter, da sua personalidade? Essencialmente, pela palavra falada e escrita, portanto pela conversação, pela convivência.

Se a personalidade persiste, e se, por um meio qualquer, ela é capaz de manipular, de utilizar um outro mecanismo ou organismo, é razoável supor que, com esse intermediário, ela possa estabelecer a sua identidade e provar a continuação da sua existência.

Os instrumentos apropriados, para esse efeito, rodeiam-nos por todos os lados: são esses mecanismos completos de nervos e músculos pertencentes a outras individualidades; são esses seres humanos capazes de cair em transe.

Nós ignoramos como o espírito actua na matéria e por que meios conseguimos produzir os mais simples movimentos das mais elementares categorias. Mas, que de facto executamos tais movimentos, está fora de toda a dúvida; e tão habituados estamos a vê-los produzir, que nem sequer pensamos no mistério que eles cobrem.

Sòmente com o auxílio da matéria, não podemos conceber nem a acção do sol na terra, nem nenhuma outra acção a distância através do éter; e é indiferente que essa distância seja de milhões de quilómetros ou de milionésimas de centímetro; o enigma é sempre o mesmo. O éter tornou-se uma necessidade absoluta para a inteligência desses factos, no entanto bem familiares. Sabemos que os átomos de cada objecto, de cada pedra, de cada pedaço de madeira, de cada árvore e de cada animal estão unidos pela força de coesão do éter. Resulta daqui que cada objecto compreende não só o corpo material, mas também, associado a este, o corpo etéreo; de contrário os átomos estariam desunidos, formariam uma poeira impalpável.

Vagamente e indefinidamente, os grandes génios religiosos, com S. Paulo à frente, anunciaram que nós possuímos aquilo a que eles chamam «o corpo espiritual».

Sabemos hoje que aqueles que deixaram esta vida, que, portanto, abandonaram o seu corpo material, não deixaram de possuir aquilo que eles próprios dizem ser «um corpo», com a sua memória, o seu carácter, a sua personalidade; quer dizer, com a sua individualidade integral. E nós soubemo-lo porque pudemos comunicar com os desencarnados, quer pela palavra, quer pela escrita, exactamente como procedíamos quando eles aqui viviam conosco.

Afinal, não é de hoje, nem de ontem; vem de muitíssimo longe; de tão longe que a História o não alcança. Lembremos, entretanto,

que já no tempo dos apóstolos cristicos se designavam com o nome de *profetas* aqueles que possuiam a faculdade supranormal e a que hoje chamamos *médiuns*.

PROVAS DA SOBREVIVÊNCIA

George Pelham, amigo do dr. Hodgson, prometera, ainda em vida, que depois do seu falecimento enviaria comunicações do Além, servindo-se da médium Piper. Efectivamente, Jorge Pelham, depois de ter desencarnado, encorpora na Sr.ª Piper e reconhece, um a um, trinta dos seus amigos com os quais fala como o teria feito quando vivo. Com o dr. Hodgson discutiu filosofia durante muitos anos. O sábio dr. Carlos Richet confirma que Jorge Pelham reapareceu psicològicamente, todo inteiro, e se referiu ao que viu, disse, fez e ouviu na sua vida terrestre. De resto, todos esses acontecimentos estão referidos no relatório elaborado pelo dr. Hodgson e entregue à *Sociedade de Investigações Psíquicas*, de Londres.

Quando, porém, lhe foi apresentada a jovem Warner, filha da Sr.ª Warner com quem se dera na terra, o espírito comunicante de Jorge Pelham, não a reconheceu; este incidente serviu para René Sudre o exibir como prova *negativa* de identificação da personalidade de Pelham. Mas é precisamente o contrário o que acontece, porque essa pretensa falha — o não reconhecimento da menina Warner — transformou-se em prova *positiva*, tão *positiva* que torna incontestável a identidade de Pelham.

Pelham, quando vivia na terra, conhecera a pequena Warner, tinha ela, então, 8 anos de idade e a sessão espírita em que se produziram as citadas manifestações, realizou-se cinco anos depois da morte de Pelham, notando-se que este, ao morrer, havia já três ou quatro anos que não via Miss Warner. Além disso, Miss Warner, criança como era, não podia ser considerada como amigo particular de Pelham e necessàriamente o seu desenvolvimento físico em 4 ou 5 anos, devia ter sido importante. Uma rapariga de 13 anos, já com formas de mulher, faz enorme diferença de uma criança de 8 anos. Se o caso fosse o de uma «personificação subconsciente», o reconhecimento de *Miss Warner* devia ter sido feito sem hesitação. Se, pelo contrário, se tratasse da presença real do espírito de George Pelham, *este não o poderia reconhecer*, sabido que ele na vida terrena apenas vira *Miss Warner* na infância, algumas vezes, e a criatura que ali lhe aparecia era uma mulher.

Vê-se, pois, que a única hipótese que pode dar uma explicação cabal do facto, é a espírita. E casos desta natureza contam-se às dezenas com a médium Piper.

Havia mais de 15 dias que, infrutíferamente, era procurado um velho chamado Lessarle que, tendo saído de casa para o seu passeio habitual, não havia voltado. Ao dr. Osty foi remetido um lenço de seda que pertencera ao velho e pedia-se-lhe que consultasse uma das suas clarividentes. O lenço foi apresentado à médium Morel, sem nada lhe indicar. A médium, tacteando o lenço, descreve minuciosamente o velho desaparecido: o fato que vestia, a localidade em que morava, o caminho que percorrera na floresta, no dia do desaparecimento, declarando, enfim, que distinguia o cadáver numa espessa moita na margem de um regato. Com estas informações, organiza-se nova batida e descobre-se o cadáver do velho. Tudo que a clarividente afirmara e descrevera era rigorosamente exacto, excepto quanto à posição do corpo. A médium via-o «deitado sobre o lado direito, com uma das pernas recolhida», quando, na realidade o cadáver foi encontrado de costas com ambas as pernas estendidas. Este pormenor foi sempre descrito da mesma maneira, nas três consultas que o dr. Osty lhe fez, o que serviu para os metapsiquistas repudiarem a hipótese espirita definitivamente.

Note-se que, na segunda consulta, a médium acrescentara que o velho Lessarle não se internara muito na floresta... «Sente-se doente, deita-se, adormece e morre».

A persistência neste pormenor, sempre integralmente repetido nas três consultas — observa Ernesto Bozzano — deve ser retida, como muito importante, porque combinando-a com o que consta da última fase, tem significado especial e de vulto.

O aparente erro de visão por três vezes cometido pela médium, percebendo o cadáver *deitado sobre o flanco direito, com uma das pernas recolhida*, quando ele foi encontrado *deitado de costas, com ambas as pernas estendidas*, vem mostrar, de modo decisivo, que não se pode tratar de um fenómeno de «visão a distância», como pretendiam os metapsiquistas.

Devemos também excluir a hipótese de exteriorização do «corpo fluídico» da médium que, em tais condições, não poderia deixar de ter visto o cadáver na posição em que, de facto, estava.

Do mesmo modo somos obrigados a afastar a hipótese da «telestesia», porque se o objecto entregue à médium tivesse servido para estabelecer a «relação psicométrica» entre ela e o cadáver, este devia ter sido percebido pela médium na posição em que realmente se encontrava.

Também não podemos apelar para a «memória das coisas» (psicometria ou metagnomia táctil), porque no lenço que pertencera ao defunto não podia existir qualquer vestígio de acontecimentos ocorridos *depois* do dono o ter usado pela última vez. Temos ainda de pôr de parte a outra hipótese da «relação psíquica» entre a consciência da médium e a de um vivo ao corrente do facto, porque o facto era desconhecido de toda a gente.

Somos, pois, forçados a contentar-nos com a hipótese «psimométrica-espirita», segundo a qual a *influência* contida no lenço que pertencera ao velho Lessarle teria servido para estabelecer o «contacto» com o espírito do morto, pondo-o em condições de transmitir, telepàticamente, à médium, uma sucessão de imagens pictográficas, destinadas a revelar a triste história do seu último passeio, guiando-a assim à descoberta do cadáver. Ora, é precisamente nesse momento que o erro três vezes repetido, se transforma em uma prova indutiva admirável, a favor da interpretação espirita.

Porque, na hipótese do informador da vidente ter sido o espírito do morto, tudo leva a crer que a imagem pictográfica errónea, percebida pela médium era, na realidade, transmitida pelo morto, como recordação derradeira do momento em que, tendo-se deitado do lado direito e adormecido com uma das pernas recolhida, passou do sono à morte. E lógico é supôlo, não só porque deitar-se do lado direito é a posição normal dos que se dispõem a dormir, mas também porque é natural que os movimentos espasmódicos da agonia tenham modificado a posição do corpo do moribundo, o qual acabou por se virar de costas — posição de equilíbrio estável — em que acaba por se inteiriçar um corpo agitado por movimentos convulsivos. Ora, quando essa mudança de posição se deu, o moribundo devia encontrar-se já em estado de coma; não podia, portanto, o espírito lembrar-se desse incidente mínimo. Nada mais natural, pois, que ele transmitisse à médium a imagem pictográfica do seu corpo deitado sobre o flanco direito, com uma perna recolhida, imagem verídica da sua última lembrança da vida terrestre.

DOIS CASOS DE IDENTIFICAÇÃO DE MORTOS

Em Outubro de 1922, manifestou-se um indivíduo que deu o nome de Jorge Martin, que por diversas vezes se esforçou, mas em vão, por oferecer pormenores acerca da sua pessoa. Nas duas primeiras tentativas conseguiu apenas dizer o nome que ninguém conhecia. Na terceira chegou a esclarecer que tinha sido mestre-escola. Era ainda muito pouco para prova de identifidade. Tentou quarta vez e, então, com melhor resultado. Depois de dizer que se manifestava a convite da *petite dame (da mulher do juiz)*, acrescentou: «O meu nome é Jorge Martin; residi em Sussex Road, 112; fui o primeiro mestre-escola de ..., onde estagiei 17 anos. Minha mulher chama-se Annie. Morri com 65 anos de idade, há 5 anos.»

No dia seguinte o *Lord Mayor* informou-se na repartição de Instrução Pública; tudo ali lhe foi confirmado, excepto o nome da viuva e o número da casa, que não eram conhecidos daquela repartição. Consultou, então, um Anuário de seis anos atrás, onde encontrou o nome de Jorge Martin como residente na rua e número indicados pelo espírito e, por fim, em um Anuário recente pôde verificar que o nome do antigo ocupante da casa tinha sido substituído pelo de Mrs. Annie Martin.

No segundo caso, a manifestação do espírito de um desconhecido complica-se de modo interessante, devido a um erro de transmissão mediúnica, resultante da intervenção concomitante de dois espíritos, ambos desejosos de se manifestarem.

Na sessão de 13 de Abril de 1923, manifestou-se o espírito de um desconhecido. Disse que em vida usava o nome de Artur Eame e que três anos antes morrera de uma pneumonia no hospital da cidade, com 23 anos de idade. Acrescentou que tinha habitado a casa n.º 18 de Clive Road e que deixara na terra a noiva chamada Carroll, a qual morava em Fleent Street, n.º 229. Esperava que lhe fizessem o favor de ir a casa dela e dizer-lhe que o noivo não morrera e que lhe enviava afectuosas saudações... Desejava também que dissessem ao pai que ele estava junto da mãe.

No dia imediato telefonou ao médico de serviço no hospital a quem pediu que visse no registo de doentes se um rapaz de 23 anos chamado Artur Eame, tinha morrido naquele hospital três anos antes, vitimado por uma

pneumonia. Respondeu-lhe que, efectivamente, na época indicada falecera de penumonia no hospital, um doente com aquele nome, mas de apelido diferente e oriundo doutra localidade da comuna.

Ficou um tanto desnorteado em presença de tal discordância. Na sessão imediata pediu explicações ao espírito da que fora sua esposa, que se limitou a responder: «Continua a procurar e acharás». Resolveu ir ao n.º 18 de Clive Road, no quarteirão oriental da cidade e onde reside o operariado. Ali verificou que a família que habitava a casa tinha nome completamente diverso, ignorando tudo que ele pretendia saber. Continuou as pesquisas nos arredores, mas sem resultado; regressou a casa desanimado.

No dia seguinte partiu para uma viagem. De regresso, decidiu prosseguir as investigações indo a casa da noiva do espírito comunicante. Partincipando à médium esta sua intenção, deu-lhe ela conhecimento de que alguns dias antes, ouvira uma voz, ora de homem, ora de mulher, pronunciar a palavra «Frazer». Pensou que este nome pudesse ter qualquer relação com o caso e anotou-o. No n.º 229 de Fleent Street perguntou à rapariga que lhe abriu a porta se ali morava a família Carroll. «Sim» — respondeu ela. — E conheceu outrora um rapaz chamado Artur Eame? — interrogou o *Lord Mayor*. Não; esse nome é-me inteiramente desconhecido». Vendo que o mistério se complicava, lembrou-se de perguntar: «Por acaso teria conhecido um rapaz chamado Artur Frazer? A rapariga estremeceu e muito surpreendida, perguntou-lhe: «Mas, que pretende o senhor?». «Nada, retorquiu; desejava apenas saber se tinha conhecido esse rapaz.» — «Conheci-o, sim; era meu noivo; mas, faz três anos em Setembro próximo, morreu, no hospital, de uma pneumonia.» E ficou-se a soluçar. Contou-lhe então, que o noivo tinha tomado parte na Grande Guerra e que tendo regressado doente e na maior pobreza, fora acabar os seus dias num hospital.

Indicou a casa em que morava o pai de Artur e que distava dali uns cinco minutos de caminho. A conversação que com ele teve nada adiantou acerca da mudança de nome de Eame para Frazer. Do espírito da esposa, a quem a tal respeito interrogou, obteve este esclarecimento: «Frazer é o nome do rapaz, mas quando ele começou a falar contigo, estava ao lado um outro espírito chamado Eame que, ao notar que o primeiro comunicava com os vivos, sentiu extraordinário desejo de também o fazer. Tinha morrido da mesma moléstia, no mesmo dia e no mesmo hospital. Ora, aconteceu que, quando Artur Frazer deu o apelido, se intrometeu o espírito de Eame pronunciando o seu nome de família.»

Para se certificar da exactidão das informações, dirigiu-se ao hospital e pediu ao médico que consultasse o competente registo. E com grande espanto do médico, e seu contentamento, leu os seguintes apontamentos:

— Artur Frazer. 23 anos. Pneumonia. 22 de Setembro de 1920.

— Jaime Henrique Eame. 46 anos. Pneumonia. 22 de Setembro de 1920.

O único erro existente neste admirável caso de identificação consistia apenas na divergência da data do falecimento. O médico, porém, explicou que, muito provàvelmente, um deles falecera por volta da meia-noite e o outro meia hora ou uma hora depois. No hospital registava-se apenas o dia da morte e não a hora. O doutor ficou muito surpreendido e impressionado pela evidência da prova espirita que ressaltava do encadeamento dos pormenores deste caso.

Devemos inferir de tudo isto, que grande número de nomes errados que são registados nos casos verídicos de identificação espirita, provêm da presença de outras personalidades desejosas de se comunicarem e cujos nomes vêm intercalar-se nas mensagens em andamento, seja por um impulso consciente, seja pela transmissão inconsciente do pensamento de algum, de entre os espíritos que ali se encontrem.

Página Infantil

Em virtude da aglomeração de original que nos obriga a retardar vários trabalhos dos nossos amáveis colaboradores, somos obrigados a retirar deste número a PÁGINA INFANTIL, tão querida de miúdos e graúdos e que a nossa amiga KYLAS dirige com tanta proficiência. Como ela abandona as plagas africanas, onde se manteve um ano ao serviço da nação, brevemente a teremos em Lisboa, a fim de prosseguir na faina educativa que há três anos iniciou nesta revista. Que ela chegue depressa para retomar o seu posto neste reduto de bendizer e benfazer são os votos dos que muito a estimam.

UMA GRANDE PIONEIRA

Marília de Almeida Barbosa

O Espiritismo brasileiro acaba de ser desfalcado inexoràvelmente com o desencarne de uma grande alma de mulher que à Causa deu o mais belo esforço da sua vida. Chama-se Marília de Almeida Machado Barbosa, esposa do prof. Leopoldo Machado e fundadora do *Lar de Jesus* de Nova-Iguaçú, instituição onde algumas dezenas de orfãos encontraram carinho e abrigo, sob os olhares fagueiros de uma orientadora exemplar.

Sabíamo-la doente, através da correspondência de seu marido, o nosso dilecto companheiro Leopoldo. D. Marcolina Alves também nos falava muito nela, deixando transparecer em suas cartas a profunda amizade que a ligava aquela que prestes soltaria voo a maiores alturas. E nós, sem a conhecermos pessoalmente, considerávamo-la parte integrante de nosso lar, porque forte corrente de simpatia se estabelecera a ligar duas obras aparentemente diferentes, mas colimando objectivos comuns, tendentes à difusão do Espiritismo de Vivos que é preciso movimentar.

Marília de Almeida Barbosa

Nas frequentes viagens de propaganda de Leopoldo Machado, lá estava D. Marília, esposa carinhosa e esteio amigo, a animá-lo e a encorajá-lo, sem receio ou desfalecimento. Na direcção de dois ginásios, um dos quais está hoje inteiramente a serviço da Doutrina, lá estava D. Marília a vigiar, a observar, olhos postos na tarefa empreendida. E pela vida fora, durante muitos anos de luta difícil, por vezes cruenta, sua alma de egéria foi o escudo providencial do companheiro esforçado, o seio acolhedor que desfaz o tédio, que modifica o impulso, que renova o pensamento... Doutra forma, o vencedor de tantos prélios memoráveis não teria conseguido multiplicar-se como sempre fez, quanto a voz suave de uma verdadeira mulher lhe transmitia vibrações de força e de vigor.

Marília de Almeida Barbosa desencarnou depois de longo período de lapidação e experimentação, vítima de enfermidade que não perdoa, que devora as carnes, mal poupando os ossos... Pois o seu trespasse deixou exemplos e ensinamentos vívidos, de parte dela e dos espíritos que a narcotizaram. Só assim poderia ter mantido um ar alegre e sereno que emocionava quantos lá iam levar testemunhos de solidariedade. A Directoria da Federação Espirita Brasileira acorreu em peso, com as respectivas esposas, na véspera do acontecimento, tal a consideração que lhes merecia a respeitável pioneira que deixava enorme lacuna com o seu desaparecimento da matéria. Com efeito, o seu enterro englobou todas as classes sociais de Nova-Iguaçú, desde as mais humildes aos representantes da Assembleia do Estado, que votou condolências especiais. Antes do saimento, falou Oli de Castro e o viúvo. Os jóvens da Mocidade Espirita n.º 1 depositaram flores no esquife e o desfile começou, precedido pelas crianças do *Lar de Jesus* e *Legionários da Campanha do Quilo*. No cemitério falaram o prof. Newton de Barros, Dr. Amadeu Santos e o prof. Dr. Leonardo Carrilo de Almeida, seu ex-aluno.

Junto do caixão, uma preta velha não cessava de chorar, exclamando:

— Morreu a mãezinha dos pobres de Iguaçú !

O velório foi expressivo, com preces intervaladas, para que o espírito se libertasse imediatamente das perturbações inerentes ao fenómeno da morte.

Marília Barbosa inaugurou o serviço de assistência social em Nova-Iguaçú, no Centro E. Fé, Esperança e Caridade, criando visitas periódicas à cadeia e ao hospital, e fundando a sopa dos pobres, o Albergue Nocturno e o Lar de Jesus.

O plano espiritual manifestou-se. Enquanto falava o Dr. Amadeu Santos, no acto do sepultamento, um médium auditivo ouviu música transcendental suavíssima...

O Prefeito de Nova-Iguaçú decretou que se denominasse Rua D. Marília a actual Rua da Serra, onde está edificado o *Lar de Jesus*, em atenção às peregrinas virtudes, inteligência, abnegação e sentimentos de amor materno que exornavam a alma de quem tantos serviços prestou à sociedade.

Todos se associaram às homenagens prestadas ao seu elevado espírito, as quais demonstram exuberantemente a influência benéfica e humanitária do Espiritismo. *Estudos Psíquicos* não podia ficar silencioso nesta hora de provação para um amigo que muito preza e estima. E se é missão da imprensa defender as nobres causas e exaltar as figuras de bronze que se distiguiram por acções nobilíssimas e imorredoiras, aqui estamos a desobrigar-nos da missão honrosa. Marília de Almeida Barbosa não será lembrada apenas em Nova-Iguaçú, onde muito trabalhou e amou. Os nossos leitores a lembrarão também, dirigindo-lhe as suas vibrações de solidariedade espiritual, para que, do Além, ela continui a fomentar o amor e a caridade que tanto espalhou na terra.

CRÓNICA DE SAUDADE

A Saudade da Querida Esposa

por LEOPOLDO MACHADO
(Correspondente em Nova-Iguaçú)

A Saudade é dor que não doi. Martiriza, deliciando, o martirizado, porque nos põe a pessoa ou coisa que a provoca presente ao pensamento e sentimento.

«É a presença dos ausentes», como diz um conhecido poeta.

Não será, também, a presença em espírito dos ausentes queridos ?

— Tua saudade, querida companheira, se me afigura com essa dupla natureza !

Viveste de mais, porque tua vida foi um rosário de trabalhos úteis e bons. De trabalhos, de dedicação aos outros, à margem dos prazeres do mundo e fazendo o bem por amor ao Bem, que o Bem foi a religião melhor de tua vida !

Não foste, assim, espetro de gente, na fala do poeta F. Octaviano. Foste um Espírito consciente de si mesmo, que fez da vida na carne e na Terra uma grande escola de aperfeiçoamento cristão e aprendizado moral.

Os trabalhos madrugaram para tua vida.

As bonecas de tuas brincadeiras de criança foram animadas, porque tuas irmãzinhas — e foram doze — que ajudaste a criar, ajudando, assim, a mamãezinha querida.

Prof. Leopoldo Machado Barbosa

Na juventude, a par desses trabalhos santificantes, fizeste o curso normal, candidata à profissão mais útil e mais sacrificada, preparando-te a lidar com filhos dos outros.

Esposa de professor, ajudaste-o, abnegadamente, à frente de dois ginásios e na construção de um deles.

Foste mãe de um único filho morto, robusto e belo, para que sentisses, com o esposo, que ambos podiam ser pais, mas que a missão de ambos era lidar com filhos dos outros, serem pais espirituais de filhos alheios.

Quando pensavas, aos 44 anos, que podias descansar de tais canseiras redentoras, sai de teu coração e de tua iniciativa o *Lar de Jesus !*

Estes, os teus gozos na Vida.

Gozos que te afastaram, completamente, das futilidades da moda, que mataram em ti o gosto e o tempo para *batonares* os lábios, *rebocares* as faces e *pulires* as unhas.

Se à força dos exemplos do esposo vieste para o Espiritismo, empurraste o esposo para o espiritismo social e cristão, que não era o seu espiritismo.

Ninguém sentiu melhor o carácter humanitário da Doutrina Espirita !

E ninguém viveu melhor este carácter, com tanta modéstia e desprendimento, tão à margem dos favores oficiais e das retumbâncias cabotinas da imprensa, pois o que na imprensa se disse de ti e de tua obra, foi à tua revelia e, até, com os teus protestos !

Dir-se-ia que o culto da Família era o teu culto maior.

Impossível haja quem tanto quisesse aos seus.

E quem fosse, por isso mesmo, tão querido e respeitando por todos os seus.

E, de seu culto à família, o amor ao esposo, impulsivo e combativo, era a sua manifestação maior.

Passaste, boa amiga, por uma vida assim, cristãmente, superiormente.

Não morreste, porque não se morre, que a morte não existe.

Mudaste, apenas, de ambiente, passando para o plano espiritual, para ambiente melhor e mais puro, deixando em quantos te conheceram de perto uma saudade que não se apagará fàcilmente.

E que foste, para tamanha saudade ?

Bela ? Não tiveste nenhuma beleza física.

Rica ? Não amealhaste a moeda da Terra. E chegaste a pedir a Deus nunca te desse a prova dolorosa e traiçoeira dos bens da Terra.

Grande ? As posições sociais de destaque e as competições políticas não te seduziram. Apavoravam-te.

Fizeste, apenas, o bem pelo amor do Bem !

«Que responsabilidade, meu Deus !». Foram tuas últimas palavras bem claras.

De quem ?...

Dos que ficam, certamente, ocupando os lugares vazios que deixaste, será ?...

Até breve, companheira querida !

Tito L. Bancescu escreveu . . .

II

Vimos no artigo anterior os efeitos desastrosos de um ambiente vibratório baixo e imundo, para nos servirmos dos mesmos termos do Dr. Ubaldi. Ora bem; sendo o médium extremamente sensível, ao ponto de servir de antena psíquica, permita-se-nos a expressão, quem são os culpados se o instrumento intermediário — o médium — não responde aos propósitos desejados na reunião? Todos os seus componentes, sem dúvida, ou parte deles. Cada um (com raras excepções) dos presentes se julgará no foro íntimo um verdadeiro «anjo», porque a mais difícil tarefa é conhecer-se a si mesmo.

É inquestionável que as leis psíquicas não se deixam enganar e que a qualidade de suas vibrações tem a virtude de delatar automàticamente a elevação moral e espiritual dos concorrentes. De modo que, se o médium — referimo-nos aos médiuns de moral intangível — comete inconscientemente a fraude, enganando, é porque a fraude e o engano surgiram, precisamente, do clima ético que os experimentadores ou actores exteriorizaram, consciente ou inconscientemente.

Estas anomalias não se dariam se a atmosfera espiritual e moral estivesse de acordo com os objectivos superiores que se perseguem. Recordamos a este respeito o caso de Charles Richet (pai), que assistia a uma experiência realizada com a médium Eusápia Paladino. Um dos assistentes empenhara-se em procurar um pensamento que destruisse a harmonia dos trabalhos. Logrou o seu fim, mas foi descoberto pela sensitiva, que o individualizou como «perturbador» da pesquisa que se tentava.

Contra os médiuns se lançaram até agora toda a especie de vitupérios e condenações, como se eles fossem verdadeiros delinquentes que atentassem contra a segurança pública. Não ignoramos que, entre eles, há alguns que exercem o seu «modus vivendi», enganando e explorando o próximo. Mas a excepção não faz a regra. O sexto sentido que neles se desenvolve, como Richet o consigna, não deve ser medido pela mesma vara, colocando-os tendenciosamente no pelourinho. Eles podem ser excelentes colaboradores da ciência e abrir-lhe novos e valiosos horizontes.

«De tudo isto se deduz — diz o Dr. Ubaldi — o tormentoso esforço que a sociedade impõe a estes sensitivos que, não obstante, são obrigados a dar gratuitamente o fruto da sua própria vida para não caírem em suspeita. Têm que estar no mundo de todos, para ganharem, com o trabalho, o direito de viver; têm que suportar os choques adequados à sensibilidade normal para eles esmagadora. Médium, ser sensibilíssimo, mui vulnerável e, por isso mesmo, muito desgraçdo. Eis o verdadeiro e lento martírio que deve completar o próprio apostolado».

Nos anais do Espiritismo experimental registam-se episódios realmente desagradáveis, obrigando-se certos médiuns ao contrôle em todos os orifícios «para verificar se neles não ocultavam o recurso do truque». Este contrôle tão grosseiramente materialista determina estados inibitórios nos sensitivos, que resistem muitas vezes a semelhantes exigências. Sem dúvida que há indivíduos sem escrúpulos, dispostos à prática da fraude. Mas a verdade dos factos é que os negadores sistemáticos duvidam de tudo, mesmo quando se extremam todas as medidas de contrôle.

A Atmosfera Espiritua

Seria curioso saber que atitude assumiriam tais senhores ante um fenómeno de voz directa. Tampouco acreditariam na sobrevivência da personalidade humana, como se fez nos casos sucedidos no Brasil em que se produziram intervenções cirúrgicas de espíritos controladas por facultativos puramente materialistas.

O mesmo Dr. Ubaldi, ao apreciar esta questão, diz que «a delicadeza íntima do fenómeno inspirativo, a presença activa nele (ambiente ou sujeito) de factores que, como o moral, a ciência ignora sistemàticamente; a característica do fenómeno consciente, seja como médium ou como veículo das «noúres» (correntes espirituais), de fenómeno progressivo, qual fase superior de evolução biológica em cuja elaboração cooperam com espiritualidade e dor, tudo isto define o fenómeno. Não se pode submeter aos preconceitos científicos um fenómeno cujos resultados dominam a ciência.

«Ante uma imposição exterior — acrescenta Ubaldi — encerra-se e desaparece. O fenómeno responde a impulsos e factores determinantes completamente diferentes, como missões de bem ou excepcionais necessidades actuais de forças na ascensão humana, visto que não se determina à vontade o tipo que a evolução lança na balança da vida. Nos seus elementos determinantes e na sua finalidade, o fenómeno suplanta a psicologia da observação e da experiência e toda a forma mental dada pela psicologia científica hodierna. Não constituirá esta observação completo desmentido à ao opor resistência à curiosidade ou às formas imperativas, como se ele fosse máquitese do paralelismo psico-fisiológico ou psico-somático? A auto-defesa do fenómeno em si demonstra que este encerra uma ideia directriz independente da vontade do sensitivo em estado consciente, ao opor resistência à curiosidade ou às formas imperativas, como se ele fosse máquina inerte.

A gravitação das leis psíquicas e morais é evidente e inquestionável. Desconhecê-la, seria ter da metapsíquica espiritualista ou Espiritismo — em oposição à metapsíquica materialista, que gira, arbitrária e capciosamente, em torno do citado paralelismo — uma concepção pobríssima, originando lacunas na investigação científica, em vez de abrir maiores horizontes. Oportuno é assinalar, de passagem, que processos mais ou menos similares se registam em todas as faculdades mediúnicas. O caso do professor Ubaldi é interessantíssimo, por ser ele próprio que se autocontrola ao passar do estado consciente ao subconsciente. Por isso é que os seus pontos de vista são tão transcendentes como valiosos.

Já não é o experimentador rigoroso que fala, depois de se ter servido das cobaias, mas é o porquinho da Índia, a dizer que fala com conhecimento de causa por haver experimentado os efeitos da fenomenologia mediúnica em carne própria, coisa que não fazem nem se atrevem a fazer aqueles que, valendo-se de nova terminologia, pretendem pôr o seu visto ao resultado das experiências espiritas efectuadas sob severa fiscalização por sábios de renome universal.

Mas voltemos mais uma vez às apreciações do Dr. Ubaldi para reduzir ainda mais algumas considerações de ordem fenoménica:

«Basta o estado de dúvida para determinar uma corrente negativa demolidora, ao passo que a fé, qualidade anti-objectiva por excelência, tem a maior força criadora. O observador encontra-se no ambiente e gera «noúres» em si proprio. Mas é preciso que se mantenha confiante, cheio de fé, e abra caminho, acalentando o ambiente, fornecendo oxigénio, em vez de absorvê-lo. Torna-se necessário que esta vibração positiva de simpatia, sintonizada, modelada em unissono e portanto apta a fundir-se e a somar-se, dando incremento às correntes do fenómeno, substitua a vibração dissonante da dúvida, da má-fé, que rouba energia ao fenómeno e lança contra ele uma corrente deformadora».

Em geral, os experimentadores espiritas e metapsiquistas espiritualistas não se importam da norma indicada pelo Dr. Ubaldi. Mas todos os que se colocaram à sua margem fracassaram quase sempre, principalmente se procuraram interpretar o fenómeno com critério unilateral, limitando-o ao cérebro, como seu único e exclusivo produ-

nas Experiências Mediúnicas

Nestes fenómenos, a mentalidade da desconfiança pode ter poderes inibitórios sobre o fenómeno e impedir-lhe a verificação, baseada na sintonização psíquica; e a mente do observador, embora não afaste, com suas emanações, o objecto do microscópio, nem influia num fenómeno físico-químico, pode muito bem paralisar o funcionamento de um fenómeno psíquico. O fenómeno tem suas defesas e retira-se quando lhe cerceiam o ambiente. E então a ciência não logra a observação, mas a destruição».

Aqui estão pontos de vista altamente ilustrativos, de onde se conclui que no campo parapsicológico as exigências carecem de valor e são negativas em sua finalidade. A imposição e a desconfiança são de natureza inibitória que destroi a boa disposição dos melhores médiuns. A afirmação do Dr. Ubaldi é concludente e instrutiva ao manifestar que «o fenómeno supera toda a forma mental dada

tor. Referimo-nos também aos espiritas, porque nalguns países há a tendência para a circunscrição ao puramente científico, sem se notar que as fronteiras da ciência são ilimitadas. Sem ligar importância às leis do ambiente, verdadeira colaboração psíquica e moral, é difícil obter resultados que marquem novas sendas à metapsicologia.

Mas Ubaldi, como profundo conhecedor do problema, levanta sérias interrogações de lógica irrefragável. «No campo psíquico — diz ele — o estado de ânimo no ambiente é elemento que se introduz na combinação que se estuda e que se deve ter em conta. E como as operações cirúrgicas podem ser perigosas realizadas em ambiente infectado de micróbios patogénicos, também em nosso campo é necessária a esterilização psíquica do ambiente. O mundo psíquico tem seus parasitas, seus micróbios patogénicos, suas correntes de vida ou de morte, a que está exposto inteiramente o sensitivo, ao abandonar-se à inspiração, com a alma aberta. É um organismo vivo, altamente vulnerável em sua delicadeza, e o mínimo choque psíquico constitui para ele ameaça e sério perigo. Na vida normal, a sua sensibilidade é protegida por um manto de indiferença querida; mas nesses momentos a flor tem que estar aberta até ao mais íntimo da corola para que possa absorver a luz».

E por último, o professor Ubaldi faz esta advertência, que os bons, verdadeiros e desinteressados médiuns deviam reter na memória.

«Quem não sabe avaliar estes factores e manejar com prudência estas forças reais e imponderáveis; quem não tiver sensibilidade adequada e possuir concomitante acuidade psíquica, deve abster-se de intervir nestes fenómenos, porque os deforma e destroi, causando dolorosas feridas na sensibilidade do médium. Trata-se de nova química futura, na qual se combinarão, em novas harmonias e dissonâncias, os elementos de novíssimas sinfonias fenoménicas progressivas. Se a ciência não conseguir evolver e transformar-se com método, como premissa e concepção directiva, jamais alcançará estes fenómenos. Destrui-los-á sem os compreender.

Sobrada razão têm pois os autênticos e desinteressados médiuns em não se entregarem às experiências de desconhecidos que, embora com títulos universitários, tenham conceitos pessoais da fenomenologia espirita e que, além disso, os considerem simples autómatos. Se esta espécie de experimentadores põem em jogo as suas exigências, que reputam de carácter científico, têm que demonstrar aos sensitivos que reunem predicados experimentais, que dominam as ciências do espírito e que são cooperadores positivos incapazes de atentar contra a saúde dos que se dispõem a colaborar eficientemente em benefício da nova ciência. A reciprocidade deve ser efectiva. Os experimentadores devem inspirar confiança, não só aos sensitivos, como ao grupo que patrocinar estas sessões de investigação.

Justifica-se, pois, a resistência dos médiuns aos ambientes duvidosos e às pessoas desconhecidas. Se, em muitos casos, em vez de cairem em transe mediúnico, se refugiam no anímico, a culpa não é sua—referimo-nos aos médiuns plenamente desenvolvidos —, mas dos que não cooperam e emitem pensamentos de dúvida e de suspeita, impedindo-os de exercer a sua função. A fraude preparam-na os experimentadores ou os curiosos, que dos sensitivos esperam milagres ou comunicações que transformem os actuais conhecimentos científicos, donde se conclui que os assomos de índole patológica não são património do Espiritismo, mas daqueles que os fomentam. O Dr. Inácio Ferreira tem demonstrado estatisticamente que a maior parte dos loucos atendidos no Sanatório de Uberaba eram alheios ao Espiritismo e que 75 % pertenciam a diferentes confissões religiosas.

Nestas glosas reproduzimos uma série de fragmentos do livro «Las Noúres», do Dr. Pietro Ubaldi (Editorial Constancia, 1939), com o único propósito de reforçar... os nossos propósitos. Trata-se de um escritor mundialmente conhecido, de um catedrático de prestígio, cuja autoridade moral e científica será apreciada pelos estudiosos e pelos homens responsáveis. Os espiritas, em particular, aprovarão a advertência do professor italiano, uma vez que nalguns centros se costuma abstrair das leis morais e psíquicas da harmonia. Elas devem ser estudadas e aplicadas integralmente. De outra forma, desacreditarão o Espiritismo, coisa a que ninguém tem direito.

(I. D. S. traduziu)

Leiam as Nossas Edições!

Nos Umbrais do Além
Broch. 30$00 — Encad. 42$00

Luz no Caminho
Broch. 32$00 — Encad. 44$00

Cientismo e Espiritismo
Broch 18$00

Pierino Gamba
Broch. 20$00 — Encad. 32$00

HISTORIA DE UM MOÇO JUDEU

Por CLÓVIS TAVARES
(Representante em Campos - Brasil)

Conheci Isaque Grosfeld em 1934, numa pensão do Catete, nos bons tempos de estudante, no Rio.

Era um jovem israelita, pouco simpático e muito comunicativo. Uma excepção, entre os meus amigos judeus, que sempre os tive, desde a infância. Uma profunda amizade, espontânea e muito do coração, sempre me ligou aos filhos de Israel. Muitos nem me consideravam «gói», tamanho o afecto e companheirismo...

Eis que, um dia, me aparece o filho do Sr. Grosfeld. Não sei, ao certo, se o moço judeu era estudante. Sei que aparecia, muitas vezes, lá na Faculdade e acamaradou-se com todos. Fez seu grupo de amigos.

Quase sempre na «república» do Bisker (outro judeuzinho, grande coração e formosíssima inteligência), estava o Isaque. Sempre a falar. «Falava pelos cotovelos», como costuma dizer o Medeiros.

Naquela época, creio, eram traduzidas as primeiras obras de vulgarização da psicanálise; ou, pelo menos, chegaram elas ao conhecimento mais directo da população estudantil. Falava-se muito em Freud: era o homem do dia.

Rank, Pfister, Stekel eram como amigos íntimos... Já havia quem acompanhasse o separatismo do movimento psicanalítico. O colega Basílio, por exemplo, advogava os princípios médico-psicológicos de Jung com muito desembaraço e maestria. O Apolinário, inteligência vivaz, procurava provar que a razão estava com Adler: o «instinto de dominação» era tudo. E apresentava sua arma poderosa — «Le Temperament Nerveux», a primorosa tradução francesa.

O Isaque acompanhava os debates e entusiasmou-se vitoriosamente pela psicanálise. Até aí, nada de maior.

Mas o nosso jovem, desde essa época, não deixou mais ninguém sossegado. Resolvia tudo pela nova ciência. Todos os colegas, companheiros, amigos, foram «examinados» psicanalìticamente pelo moço israelita...

— Estive hoje com o Weiss... — dizia alguém, referindo-se a um inteligente universitário, também judeu.

— Ah ! o Weiss ?... O Weiss é um caso tìpicamente freudiano... É um caso de «neurose ansiosa», grave, muito grave...

E dissertava abundantemente.

— O Davi Teperman precisa falar com você, Isaque... — dizia a dona da pensão, anunciando-lhe o visitante.

O Grosfeld reboliçava-se todo e jorrava sua terminologia costumeira.

— Ora, ora, o Davi... Que maçada ! Sabe o que tem acontecido ùltimamente ao David ? Não ? É um «caso» de psicose paranóica sob a forma de delírio de possessão diabólica...

E citava-me, jubilando, uma observação pessoal colhida no serviço de um professor francês...

Para o pobre rapaz não havia dificuldade alguma em colocar qualquer pessoa no campo de sua fácil psicologia patológica. Psicanalisava tudo e todos...

Comentava o «narcisismo» do Aureliano, realmente vaidoso; recomendava o tratamento mental «catártico» ao dono da pensão; dissertava sobre os imaginários «complexos» do Lomacinsky, seu primo-irmão; forjicou uma «psicose delirante crónica» para um professor de música, nosso vizinho; aconselhava a «sublimação» ao Mário; indicava a piscoterapêutica da «condenação» ao Strum; ensinava ao Rodolfo e ao Willnesdorf os processos de «ouvir o inconsciente»...

Passaram-se os tempos... Fiquei sem notícias do Isaque, há quase quinze anos.

Ante-ontem soube de sua tragédia: ele continuara, por muito tempo, a usar e abusar de suas técnicas psicanalíticas. Prosseguiu, anos a fio, a examinar caracteres alheios, sempre aconselhando aplicações da nova «arte de curar» do eminente Sigmund Freud.

Entremeou, no entanto, suas descobertas de complexos e recalques com uma respeitável quantidade de acções indignas. Deu-se a aventuras galantes, maculando muita inocência, e infelicitando não poucos lares. Entregou-se a explorações cruéis, em câmbio-negro de produtos farmacêuticos, enriquecendo-se durante a guerra, como tanta gente... Tornou-se um avarento sórdido para com os próprios familiares. Falsificou, recentemente, documentos de importante firma comercial e acabou saindo deste mundo pela porta infernal do suicídio...

Estas são as informações que recebi, por carta, do amigo e confrade Jacques Aboab, que tudo fez por ajudá-lo, inùtilmente...

Infeliz Isaque ! Infeliz como tantos...

Devassou, habilidosamente, as almas alheias e não conheceu as próprias necessidades de aperfeiçoamento moral.

Estudou os caracteres mais diversos e nunca usou sua brilhante inteligência para reformar a própria personalidade.

Foi rápido em descobrir, diagnosticar e imaginar enfermidades e defeitos nos outros, e nunca pôde enxergar sua própria alma, doente e desgraçada...

Isaque Grosfeld deveria chamar-se Abraão Grosfeld. Porque foi uma figura simbólica: parece o pai de uma raça...

A CRÍTICA PROFANA E O LIVRO «PIERINO GAMBA»

Aquele menino-prodigio que anda a converter em fundos vitalícios o seu «génio» musical — despertou em todos os cérebros pensantes ideias ou anseios de explicações sob todos os pontos de vista, à luz da ciência, da razão, da fé ou da... estupidez. Trabalho sério, ponderado, bem estruturado este volume de um português. Isidoro Duarte Santos, que estuda Pierino Gamba, o menino-matestro, à luz de nova psicologia. Edição de Estudos Psíquicos e entregue a um dos nossos mais convictos e considerados estudiosos da filosofia espiritualista, este livro bem gizado, que escalpeliza as notícias dos jornais, de médicos, e as opiniões diversas e desorientadas sobre o moço maestro, por exclusão de partes e raciocínio lógico conduz os leitores para a única explicação plausível: exemplo de pre-existência de reencarnação, prova vivida da sobrevivência da alma.

Pierino não se limitou a aprender, a fixar na memória toda a música de tantos séculos e autores; já a trazia consigo, ou melhor, foi no pequeno Pierino que se alojou um espírito musical de outras eras. É melhor transcrever: «Só a lei dos renascimentos justifica a facilidade de assimilação e retenção de Pierino Gamba. Longos trabalhos de outras eras imprimiram-lhe traços indeléveis no perispírito, e os seus estudos actuais são uma espécie de automatismo psicológico que se exerce sem esforço apreciável».

A todos os títulos curioso e dedicado aos «romeiros da inteligência que lutam e sofrem e transcendem os limites da compreensão comum», pois o vulgo fica muito impossibilitado de subir até estas teorias tão transcendentes e ao fim tão simples, este livro destina-se a um grande êxito, não só pela forma como conduz hàbilmente a demonstração, como pela divulgação e ressonância do caso Pierino, sensacional como qualquer milagre.

Estão de parabens os homens que se dedicam aos estudos psíquicos. — Armando Ferreira.

(Do *Jornal do Comércio*, de Lisboa, de 1-7-49).

*

O «Caso» Pierino Gamba, o menino-maestro que tem levantado plateias e feito correr rios de tinta, é-nos agora apresentado por Isidoro Duarte Santos, que aos estudos psíquicos se tem devotado. E apresenta-o como uma prova mais da lei dos renascimentos, do drama evolucionista que já hoje tanto perfilham, para dar uma explicação ao insondável mistério que envolve o problema da vida e da morte e Kardec sintetizou nestas palavras: «Nascer, viver, morrer, tornar a nascer e progredir sempre, destino imutável do Homem para o seio de Deus!».

Trata-se de um trabalho honesto e curioso, em que o «caso» Pierino Gamba é encado à luz de uma nova ciência em evolução.

(Do *Diário de Coimbra*, de 4-7-49).

*

Com o título de «Pierino Gamba» e o sub-título de «O menino-maestro à luz de nova psicologia», publicou Isidoro Duarte Santos um ensaio tão interessante como notável, cuja leitura não deve fazer-se distraída ou ràpidamente, antes se torna mister ponderar o conteúdo de cada página por modo a apreender-lhe o sentido — que não se compadece de pressas ou desenfados. O autor, cujos conhecimentos da filosofia espirita o autorizam a abalançar-se a um estudo em profundidade do caso Pierino Gamba «à luz de nova psicologia», observa, de entrada, que «o maestro de 11 anos que assombrou Lisboa com o seu talento fenoménico, é um problema transcendente para a maioria dos que o viram reger a Orquestra Sinfónica Nacional, habituada à «maneira» de Pedro de Freitas Branco». A Orquestra Sinfónica Nacional e todas quantas a genial criança tem regido — acrescentaremos nós. Na verdade, o caso deste menino-maestro que dirige de cor todas as partituras e a quem não escapa uma nota constitui um fenómeno assombroso para o qual não há explicação dentro da fenomenologia natural. Não é único o caso de Pierino Gamba, pois o de um Mozart, no seu género, e, até, o de um Artur Napoleão, nosso compatriota, não impressionam menos. É inegável, porém, que o fenómeno Pierino Gamba, pela projecção facultada pelos tempos modernos que aspectos. Por isso, Isidoro Duarte vivemos, supera os demais nos seus Santos, cujo ensaio é discutivel nas suas premissas, mas não pode deixar de ser tomado em consideração por quem quiser estudar o prodigio do pequeno grande artista, conclui, afirmando: «E assim, o génio de Pierino Gamba não é obra do acaso, nem dos «alelos dominantes» a que se agarram os corifeus das leis de Mendel, num «deve ser» problemático e anti-científico, muito menos racional do que o exposto neste livrinho que, sem necessidade de cálculo das probabilidades e outras muletas provisórias, responde às interrogações da multidão, em termos lógicos e convincentes». «Pierino Gamba» é livro para ser muito incompreendido e, portanto muito criticado, no mau sentido do verbo criticar. As conclusões a que chega Isidoro Duarte Santos, embora apoiado em muitos autores de nomeada, não lograrão, por certo, sufrágio muito amplo, precisamente porque são de ordem metafísica e respeitam a uma das filosofias mais arrojadas e combatidas do nosso tempo. Não há que recusar, porém, admiração a uma obra que transcende a vulgaridade dos estudos biográficos e entra por um terreno em que só aos espíritos fortes deve ser permitido entrar. No género, quanto a nós, não poderia fazer-se melhor.

(Do *Comércio do Porto*, de 3-7-49).

★

Numa linguagem enérgica, elegante e fluente, — que denuncia um escritor nato — Duarte Santos ocupa-se do «fenómeno Pierino Gamba à luz de nova psicologia». Foi o nosso jornal o primeiro que se ocupou da personalidade do «menino-maestro», sob esse aspecto. E a polémica em torno do aliciante transcendente problema ainda continua....

Lê-se o livro de Duarte Santos com o maior interesse, como se lêssemos uma obra de ficção, saída da pena de um confabulador de pulso. É legítimo admitir que se discorde de um ou de outro ponto metafísico ou metapsíquico. De uma ou de outra afirmação mais audaciosa. Mas tem-se de concordar que a teoria de Duarte Santos está sòlidamente argumentada. Com aquela solidez de um homem que diz o que sabe e sabe o que diz. A solidez de um convicto.

Não vamos discutir a doutrina expendida. É inutil. Duarte Santos poderá não catequizar quem o leia. Mas também não seria uma refuta-

O VERDADEIRO ESPIRITA

por Djalma Farias

NINGUÉM deve procurar no Espiritismo senão o que possa concorrer para o seu progresso moral e intelectual, porque o objectivo supremo do Espiritismo é melhorar os homens, é promover a reforma moral da criatura humana. O verdadeiro espirita não é certamente aquele que crê nas manifestações, porém aquele que se aproveita dos ensinos que os Espiritos nos tem dado, no sentido de praticar os velhos princípios cristãos, que estão agora sendo restabelecidos nas mesmas bases em que Jesus Cristo os erigiu, naquela pureza primitiva, simples e divina, sem ídolos, dogmas e ritualismo, sem culto externo, nem actos litúrgicos.

A doutrina espirita não se impõe, não é intolerante, nem exclusivista.

Ela está triunfando evidentemente porque nasceu nos braços da ciência, que é a sua base fundamental, evolui com os princípios da mais espiritualizada filosofia e colima necessàriamente a religião primitiva de Jesus-Cristo, nosso Mestre e Senhor.

Ela, apoiada nesse fundamento, jamais estacionará, acompanhará naturalmente a ciência, como doutrina progressista que é, incorporando ao seu património doutrinário as descobertas e revelações científicas, combatendo sempre o milagre, a crendice, o maravilhoso, o sobrenatural, as superstições, e defendendo intransigentemente o livre exame e a liberdade de pensamento e de consciência. Combate o erro e a má fé, a hipocrisia e o fanatismo.

O Espiritismo é a religião do foro íntimo, do culto das virtudes cristãs; não tem ritmos, sacramentos e cerimónias. Está fundado num princípio eterno: «Fora da caridade não há salvação». Conhecem-se os verdadeiros espiritas, que são sacerdotes da própria salvação, pelo constante empenho e viva preocupação de se fazerem cada vez melhores e se tornarem úteis e bons servidores dos seus semelhantes.

Os que se dizem espiritas, mas não se esforçam para promover o seu aperfeiçoamento espiritual, podem ser considerados convencidos da doutrina, porém, nunca convertidos à doutrina. Os verdadeiros espiritas, os espiritas cristãos, não praticam o mal e não perdem oportunidade de fazer o bem. Amar o amigo e muito mais ainda o inimigo. Aliás, devo observar que os espiritas não podem ter inimigos. São sempre amigos sinceros de todos, leais, desprendidos e desinteressados, porque não podem ser espiritas os que exploram ou enganam os seus semelhantes; os que se ocupam de cartomancia, sortilégios ou adivinhação para iludir e mistificar, atribuindo-se falsas faculdades para embair a boa fé dos ignorantes.

Todo trabalho ou serviço prestado, em nome do Espiritismo, não deve absolutamente visar qualquer remuneração ou recompensa directa ou indirecta, uma vez que sabemos que a caridade é a alma da nossa doutrina.

ção da sua tese, por mais brilhante, que o faria estremecer, claudicar e recuar. Conhecemos Duarte Santos há bastante tempo, por intermédio de Estudos Psíquicos. Verificamos que tem ideias sòlidamente formadas é que delas não abdicará. A solução que dá aos problemas suscitados pelo maestro Pierino Gamba não terá a aceitação de mentalidades diferentes da sua. Mas vale por ela própria, como tentativa de explicacação de um «caso» que apaixonou multidões. Há outras explicações, sem dúvida. Todas nobres e respeitáveis. Onde está a verdade?

«Um dos maiores problemas — diz Duarte Santos — que emergeu deste caso «espantoso», baseia-se no drama evolucionista. Todos o sentem. Umas vezes é voz interior que no-lo transmite. Outras vezes é grito angustioso que surge de nós mesmos, dominados pela ânsia do mais belo, do mais perfeito, da verdade seu véu. Platão entreviu o panorama, em estranha visão de inspirado. É o drama evolucionista da alma inquieta, depurando-se, espiritualizando-se».

Quem detem a verdade? Os espiritualistas ou os materialistas? Os evolucionistas ou os geneticistas? O crítico observa, regista. Mas não toma partido. A verdade...

(De *Sol*, semanário lisbonense de literatura e actualidades internacionais, de 6-8-49).

★

O pequeno maestro Pierino Gamba continua a provocar a curiosidade, não, apenas, dos que se enebriam com as suas regências orquestrais, mas daqueles para quem o seu talento, vocação ou génio, constitui um perturbante mistério. À sua volta, ungindo-o de extraordinário, circulam as mais variadas interpretações. Enquanto uns vêem nele um ser normal, possivelmente, dotado de uma mnemónica especial para a música, outros, como o sr. Isidoro Duarte Santos, crêem que o seu espírito tenha pre-existido, isto é, que Pierino encarne a alma de um maestro célebre.

Houve também quem sugerisse que o pequeno era magnetizado por alguém que, de facto, sabia música, resultando daí, portanto, o ser ele um mero agente transmissor.

De modo algum pretendemos penetrar nesses sombrios ou radiosos arcanos. Respeitando as crenças e a opinião de todos, fazemos apenas esta pequena observação: génios ou seres excepcionais, apaixonados por uma arte, houve-os sempre (o caso de Mozart, e até de outras crianças que têm aparecido agora em Itália, pelo menos mais duas com as mesmas faculdades de Pierino).

O livro de Isidoro Duarte Santos conta-nos muitas coisas interessantes, atestadas por nomes famosos, nos domínios espiritas, ou fora deles, motivo por que o livro se reveste, por vezes, de aspectos sensacionais.

(Do *Diário de Lisboa*, de 17-8-49).

PARA UMA FILOSOFIA ESPIRITA

DA MORAL LIVRE

Por A. RAMOS PEREIRA

CRITICA DA MORAL FIDEISTA

Pode-se, sem dúvida, numa construção teológica, relacionar Deus e os valores, isto é, referir estes ao Ser Deus, transcendência da nossa referência ao Espírito. Julgo que tal ensaio deverá constituir o corolário final de uma moral sistematizada, livre, como livre é o homem de a sentir e cumprir ou não, e nunca no fronstespício desse estudo; e isso porque conduziria à conclusão lógica de que, para compreender e até basear os postulados éticos, era necessário um apriorismo fideísta. Mas, se a referência imediata dos valores é a um sujeito supra-individual que nós delatamos no conceito de Espírito (abraçando assim a totalidade da existência consciente), se essa suficiência está expressa na própria natureza do valor, a primeira construção ética e-lhe necessàriamente referida, e vazada na própria natureza desse Espírito.

Até agora, a «moral» tem sido compreendida apenas por via religiosa ou metafísica, como se o imperativo categórico do valor ético necessitasse de um reforço. Para aquele que sente o valor, nada mais é preciso. A moral metafísico-religiosa, essencialmente apriorística, procurava exactamente que a ordem moral fosse cumprida mesmo por aqueles que incapazes de senti-la. Daí, o apontar de um prémio ou de um castigo, de uma sanção lançada por um integérrimo Juiz. Ora, só aparentemente há universalidade neste princípio, porquanto ele fica imediatamente condicionado àqueles que voluntàriamente aceitarem as «verdades» religiosas ou os «princípios metafísicos» por estes constituirem condição «sine qua non».

Mas comentemos um pouco mais de espaço a moral de feição religiosa.

Suponhamos, por exemplo, um indivíduo que sente desejo de matar outro. No momento, porém, em que se decide a praticar o acto, pensa nas horríveis sanções que lhe disseram esperá-lo quando morresse e fosse presente no tribunal de Deus.

Acobarda-se, hesita e... não comete o crime. Porquê ? Por coacção externa. Logo, está no mesmo caso do que não mata ou rouba com receio das sanções do Código penal terreno. Haverá mérito neste «não praticar o pecado» ? Sem dúvida que não, pois que a intenção era outra e foi o medo que obstou ao seu desenrolar lógico. O homem não foi livre; não há moralidade real no seu deter-se. O criminoso continua existindo em si. Com isto, pretendemos mostrar apenas que se o fim é impedir a prática de actos imorais, será... suficiente a legislação humana cujo poder coactivo é mais forte, na maioria dos homens, que... o receio da sanção religiosa.

Pensamos que o *fim* da moral é levar o homem a agir ou coibir-se, *mas livremente, por si* e *não pelo medo* de sanções pesadas, vindas do exterior. Ora a moral religiosa tende exactamente a criar um complexo de medo, a condicionar as tendências individuais. Esta é também o fim das leis jurídicas...

O VALOR COMO FUNDAMENTO DA MORAL

Do que dissemos conclui-se que o «valor moral», no sistema religioso, tem uma validade restrita, porque é referido, não a um sujeito supra-individual, mas a um conjunto de premissas. Isto explica claramente o relativismo temporo-espacial da moral religiosa. E nesse relativismo está cabalmente definida a sua fraqueza básica.

Através dos tempos os conceitos éticos são modificados, mas o valor moral continua intacto.

Parece-nos, portanto, que o sistema ético deve basear-se única e exclusivamente na natureza do valor e do Espírito a que ele é referido, ainda que depois possamos e até *devamos* erguer a cúpula metafísica.

Vejamos esta afirmação de Coignet (1): — «a moral, com efeito, não reside nem nas especulações ilusórias da transcendência, nem na ordem exterior dos fenómenos físicos: — *ela reside no homem e só no homem*».

De facto, o problema moral resulta da polaridade do valor, da antinomia entre «bem» e «mal». Mas essa polaridade, só tem realidade porque o valor se refere directamente a um sujeito que não realizou a total essência, a um sujeito que *existe*. O problema moral continua *sendo*, mesmo na referência ao Espírito, ao ser meta-individual, (ainda que eu compreenda neste a síntese dos valores e os valores já sem polaridade, porque o Espírito está aberto apenas ao lado positivo). *O problema moral é estruturalmente humano, é um problema de existência e não de essência.*

A LIBERDADE COMO CONDIÇÃO

Mas a moral livre pressupõe, necessàriamente, a liberdade do homem. Negação absoluta do determinismo ? Quem ousará falar em absoluto no campo da existência ? Nem rígido determinismo, nem total livre arbítrio.

Se não, vejamos. Considerando o homem como um duplo de espírito e matéria, estamos precisamente a indicar um ponto de encontro de forças contraditórias. A matéria é condicionada ao rigorismo das leis naturais, é passiva. O espírito, sem localização orgânica, movendo-se num espaço próprio, é activo, é livre, na medida da existência permitida pelo organismo em que se manifesta.

E o espírito, em si, será completamente livre ? Ainda não, na grande maioria dos casos, porque carrega em si, no inconsciente, restos de uma já longa vivência nos caminhos determinados da carne.

A sobreposição no homem destes dois princípios complica mais ainda o problema moral, porque não só teremos de pôr em causa o valor moral (espiritual), como valores físicos e psico-físicos. Não nos é lícito (nem a nossa construção teria realidade) fazer uma separação dos dois campos.

Se há determinismo orgânico e se ao espírito não se aplica o princípio da causalidade física, o

homem não é completamente condicionado nem totalmente livre. Mas esse determinismo não obsta a que o homem que seja *moralmente livre*, possa realizar valor em acto. Para tal bastava ao homem saber equilibrar o sentir dos valores físicos pelo sentir superior dos valores espirituais. O erro na existência está em ignorar qualquer destas categorias, em inclinar-se para uma valoração de uma categoria.

Inúmeros são os entraves depostos em torno do homem pelo mesmo homem (além dos naturais), impedindo a criação de um meio em que o indivíduo pudesse ser considerado realmente livre: — determinismo factício. É esta forma de determinismo, não menos forte que qualquer outra, que ergue problemas que apenas são solúveis imputando a responsabilidade do acto individual ao... agregado social...

Disse Coignet: — «O homem é livre porque é a causa criadora e o agente responsável de um fim que lhe é próprio e porque se serve, para este fim, mesmo dos elementos da natureza (²).

O FUNDAMENTO DA LIBERDADE HUMANA

Fundamentamos, então, a liberdade na própria natureza do homem. Surge, agora, a pergunta: Abstraindo o determinismo social (porque ele é expressão de livre-arbítrio), até que ponto o homem é realmente livre? Eu penso que até ao ponto em que ele compreende a sua natureza espiritual e sente a necessidade de coartar os seus impulsos passionais, derivantes humanos dos instintos.

Um simples exemplo ajudar-nos-á a aclarar esta ideia.

Comparemos o animal, o selvagem e o civilizado no acto de matar. O animal mata outro, ou um homem, obedecendo simplesmente ao instinto da conservação individual, isto é, para se alimentar ou para se defender. Se o acto é instinto, o animal não tem consciência senão dos efeitos que directamente o tocam: — libertação do perigo ou bem-estar pelo alimento ingerido. O animal não sente, portanto, valores espirituais e sim os mais simples valores físicos que busca, forçado pela sua natureza. No seu acto, é ilícito pretender definir uma forma de moralidade. O animal não é responsável.

Analisemos o caso do selvagem. Suponhamos que ele mata outro homem, não para se alimentar (antropofagia) ou para se defender, mas após complicadas torturas. Sente um prazer delirante vendo as contorsões da vítima inerme, dansa, canta, convicto que faz um sacrifício ritual para ganhar as boas graças dos deuses. Mas, independentemente desse motivo, sente um prazer simples pelo espectáculo sangrento. Entramos, pois, num campo de paixões que se desenvolveram inconscientemente, protegidas e até incitadas por uma lei consuetudinária primitiva. A moralidade do seu acto só pode ser referida ao código por que se rege e não a quaisquer outros princípios que não sente e inteiramente desconhece. Perante o princípio comum do — não matarás — o selvagem não pode ser responsabilizado.

E o homem civilizado? O problema complica-se, pelo aparecimento de inúmeros motivos solicitando o acto. Ponhamos em causa alguns exemplos.

Um indivíduo é atacado por outro e... mata-o. Será moralmente responsável? Ele sabe que não devia matar e... fê-lo, obedecendo a um instinto de defesa. Havia um dilema: — matar ou morrer; ou o atacante ou o atacado seria o assassino. Quem responsabilizar? Mas... necessàriamente quem levantou o dilema, quem atacou na intenção de matar, sabendo que não deveria fazê-lo. O outro ficou imediatamente em estado de necessidade. Como responsabilizá-lo?

Se se deixar assassinar, não pratica uma forma de suicídio? Ora não é moralmente «valorável» um puro estado de necessidade...

Consideremos que alguém assassina a esposa e outro homem, praticando um crime sobre o de adultério cometido pelas vítimas. Os códigos penais costumam ilibar de culpa. Mas não será moralmente responsável? Que a adultera e o amante o são, é ponto fora de dúvida, não só pròpriamente pelo acto, como pelos efeitos psicológicos sobre o «ofendido». Mas, com isso, terá ficado este em estado de necessidade? Não, porque a própria lei civil lhe faculta os meios de se separar da mulher. No entanto mata para lavar a sua «honra» (O selvagem costuma lavá-la... recebendo prendas do amante da esposa). É esse direito que a lei lhe reconhece, ainda que não expressamente. Como se mancha a honra de um indivíduo com actos praticados por outro? Usam o mesmo nome? E isso significa que sejam a mesma pessoa? Vede como o caso muda entre pais e filhos: — o pai não é passível das culpas dos filhos, nem estes podem sofrer pelas culpas daquele. Há um erro manifesto no conceito vulgar da «honra»; o estado de necessidade que ele cria é... mera aparência. Quantos ao matar a adúltera o não fazem para edificação aos olhos de uma sociedade ignorante, quando anteriormente não praticaram alegre e conscientemente o mesmo acto!

O ESTADO DE NECESSIDADE E A REENCARNAÇÃO

Julgo bem claro o princípio que propugno: — a liberdade (física e espiritual) é necessária no campo moral; um estado de necessidade perfeito, criado por condições externas, anula o problema ético.

Encaremos agora a questão à luz da tese reencarnacionista. Há quem ingènuamente raciocine, tomando o palingénese como o aspecto de uma lei de determinismo fatalista. É o karma — dizem — e tem de ser cumprido. «Há karmas bons e karmas maus. Ninguém pode fugir ao destino que mereceu pelas suas culpas».

Torna-se assim a reencarnação como uma predeterminação suficientemente rígida, pois coloca o homem em permanente estado de necessidade. A tal ponto está generalizado o princípio, que certos pensadores tem especulado abertamente sobre ele, concluindo por um absoluto determinismo psicológico (³). Outros, mal-interpretando certas afirmações kardecistas (⁴), chegam a conclusões semelhantes (⁵).

Mas se houvesse predeterminação rigorosa, isso seria sinónimo de que as situações terrenas eram delineadas por um pensamento extra-humano que, então, seria o único responsável por elas. Se suposermos que só essas situações são determinadas e não as reacções humanas perante elas, está aparentemente salvo o livre-arbítrio. Ora, se na produção dos actos humanos, concorrem duas causas poderosas (pessoal uma, a-pessoal a outra), a res-

ponsabilidade terá de ser dividida entre... quem pratica o acto e quem criou a situação que o solicitou.

Isto é, se há quem determine o karma, ele é solidáriamente responsável com aquele que deve cumpri-lo, ainda que o primeiro deixe um hiato na sua determinação, que o segundo, usando da liberdade, há-de preencher ([6]).

Mesmo que admitamos que existam os desenhadores dos karmas individuais ([7]), nós só os podemos considerar, quando muito, como orientadores, e nunca como possuindo uma intervenção directa (excepto talvez em casos excepcionais).

Com isto, quero apontar apenas que se torna cada vez mais premente a necessidade de uma análise crítica das conclusões que se podem derivar duma aceitação extensa da chamada lei do Karma.

PRIMEIROS POSTULADOS

Na impossibilidade de enunciar essa Lei (que no fundo nada mais é que um nome... posto sobre a lei geral da causalidade que nem lei é e sim um princípio), pretendemos apresentar à crítica dos nossos leitores a formulação dos primeiros postulados éticos:

1 — A expresão (mais ou menos automática) do processo kármico está na razão inversa do desenvolvimento espiritual.

2 — A moralidade de uma vida mede-se na consciência dos actos e pela liberdade psico-física em que os menos se produziram.

3 — Um estado de necessidade perfeito anula a responsabilidade moral no acto que daquele derivou imediatamente; haverá tanto maior responsabilidade quanto mais imediata for essa derivação e, portanto, quanto mais nela tenha entrado a determinação individual.

4 — Como espírito, o homem é totalmente livre, mas nesse estado a sua responsabilidade é definida no «quantum» de conhecimento e do uso feito dessa liberdade.

5 — Como espírito «em carne», o homem é parcialmente livre, não havendo moralidade nos actos praticados em obediência natural à lei da vivência terrena; surgindo a moralidade-responsabilidade na justa medida em que o seu espírito sublimar e realizar conscientemente tendências instintivas em tendências pessoais e em paixões.

6 — A responsabilidade do homem individual pelas forças «ambientais» postas em jogo está em relação com o contributo dada a essas forças, por passividade ou por actividade de reforço.

([1]) v. «La Morale Indépendante, pág. 29.

([2]) v. pág. 58.

([3]) v. Tiziano Giacometti in «La Razón de la Vida y de la Dolor».

([4]) V., por ex.º, «Evangelho Segundo o Espiritismo», págs. 57 a 67.

([5]) Se quem com ferro mata, numa vida, pelo ferro há-de morrer numa outra vida, como poderá desaparecer o crime da Terra?

([6]) Note-se que é um tanto assim que André Luiz apresenta os «Senhores do Karma» na obra mediúnica «Missionários da luz».

([7]) Cf. Jinarajadasa in «Fundamentos da Tessofia».

A PSICOMETRIA

Poucos departamentos das clências psíquicas apresentam tantos enigmas como a psicometria, forma especial de clarividência em que os objectos apresentados ao sensitivo parecem ser verdadeiros intermediários entre o indivíduo e o meio ambiente, talvez por se encontrarem impregnados de influências susceptíveis de captar e reter em potência as emanações físicas, psíquicas ou vitais, à semelhança dessa máquina maravilhosa que é o cérebro humano.

Segundo as interessantes experiências de Duchâtel e do Dr. Osty, parece que tais influências guiam o médium nos relatos extraídos dos objectos que lhe oferecem, mercê de faculdades clarividentes e telepáticas que entram em acção, embora investigadores com Buchanan e Denton atribuam ao fenómeno a propriedade de revelar a sua própria história.

O que é certo é que os sensitivos conseguem identificar-se com as influências e até parecem relacionar-se com um vasto mundo psíquico inerente aos organismos e substâncias que são objecto da sua análise, donde se conclui que podem entrar em ligação com o subconsciente das pessoas vivas, cujas emanações ficaram nos objectos psicometrados; da mesma forma se relacionarão com os seus espíritos, se elas tiverem desencarnado.

Assim, é de crer que os objectos contenham uma influência humana que liga o sensitivo ao portador do objecto. Só assim se explica que se evoque a história de um homem, tocando um objecto de seu uso.

E quando o objecto tenha sido usado por muitas pessoas? Nesse caso, o sensitivo pode sucessivamente influenciar essas pessoas e penetrar no meio em que viveram. E se esses objectos nunca suscitam evocações de indivíduos estranhos ao seu uso, é plausível que «os fluidos absorvidos pela matéria inorgânica sejam agentes evocadores das impressões psicométricas», como muito bem observa o grande investigador e cientista Ernesto Bozzano, que cita um erro elucidativo no exemplo de uma carta entregue ao sensitivo, pedindo informações acerca do remetente, e terem-nas obtido acerca do destinatário. Houve aqui afinidade electiva que levou o sensitivo, mesmo inconscientemente, a mostrar a sua preferência. Por aqui se vê o imenso campo de enigmas que a Psicometria nos apresenta.

I. D. S.

CONFRATERNIZAÇÃO ESPIRITA BRASILEIRA

O dia 5 de Outubro de 1949 marca um dos maiores acontecimentos espiritas mundiais pelo significado que representa na organização federativa brasileira. Após diligências feitas por várias entidades, entre elas, o Dr. Artur Lins de Vasconcelos, director de Mundo Espirita, e aproveitando a realização no Rio de Janeiro do 2.º Congresso Espirita Pan-americano, reuniram-se na sede da Federação Espirita Brasileira as agremiações mais preponderantes, da Capital Federal e dos Estados, com representação legal a cargo de confrades de notória acção militante, e resolveram, por unanimidade, aprovar as seguintes resoluções:

1 — Cabe aos Espiritas do Brasil porem em prática a exposição contida no livro «Brasil, Coração do Mundo, Pátria do Evangelho», de maneira a acelerar a marcha evolutiva do Espiritismo.

2 — A F. E. B. criará um Conselho Federativo Nacional, permanente, com a finalidade de executar, desenvolver e ampliar os planos da sua actual Organização Federativa.

3 — Cada Sociedade de âmbito estadual indicará um membro de sua directoria para fazer parte desse Conselho.

4 — Se isso não for possivel, a Sociedade enviará ao presidente do Conselho uma lista triplice de nomes, a fim de que este escolha um desses nomes para membro do Conselho.

5 — O Conselho será presidido pelo presidente da Federação Espirita Brasileira, o qual nomeará três secretários, tirados do próprio Conselho que o auxiliarão e substituirão em seus impedimentos.

6 — Considerando que desde a sua fundação a F. E. B. se vem batendo pela autonomia do Distrito Federal, conforme se vê em seu orgão — «Reformador» —, fica o Distrito Federal considerado como Estado, em igualdade de condições com os demais Estados do Território Nacional.

7 — O presidente da Federação Espirita Brasileira nomeará uma comissão de três juristas e dois confrades de reconhecida idoneidade, para elaborar o Regulamento do Conselho Federativo Nacional e propor as modificações que se tornarem necessárias nos actuais Estatutos da Federação Espirita Brasileira.

8 — No caso de haver mais de uma sociedade de âmbito estadual em algum Estado, tudo se fará para que reunam em torno de uma terceira, cuja presidência será exercida em rodizio e automàticamente pelo presidente de cada uma delas, substituidos que serão, anualmente, no dia 1.º de Janeiro de cada ano.

9 — Anualmente, em sua primeira reunião do mês de Agosto o Conselho organizará o seu orçamento, o qual, uma vez aprovado pela Directoria da F. E. B., será entregue ao tesoureiro dessa.

10 — Cabe à Federação Espirita Brasileira entrar com cinquenta por cento do que for determinado para o referido orçamento, devendo os restantes cinquenta por cento ser distribuidos em cotas iguais entre todas as Sociedades pertencentes ao Conselho.

11 — Na escrita da F. E. B. o seu tesoureiro deverá criar um título no qual lançará todo o movimento de valores, inclusive de donativos que forem feitos com a finalidade de facilitar os trabalhos do Conselho, quantias essas que derão ser aplicadas por deliberação, do dito Conselho.

12 — As Sociedades componentes do Conselho Federativo Nacional são completamente independentes. A acção do Conselho só se verificará, aliás, fraternalmente, no caso de alguma Sociedade passar a adoptar programa que colida com a doutrina exposta nas obras «O Livro dos Espíritos» e «O Livro dos Médiuns», e isso por ser ele, o Conselho, o orientador do Espiritismo no Brasil.

13 — Deverá ser organizado um quadro de pregadores espiritas, composto de sócios das Sociedades adesas, os quais, dentro de suas possibilidades, serão escalados para visitar as Associações que ao Conselho dirijam convites para festividades de carácter puramente espirita.

14 — Se possivel, será criado, também, um grupo de pregadores experimentados e cultos, com a dificil missão de levar a palavra do Evangelho aos grupos que, ainda mal orientados, ofereçam campo à semeadura cristã.

15 — Nenhum membro do Conselho poderá dar publicidade a trabalho seu, individual, subscrevendo-o como membro do Conselho Federativo Nacional, salvo se o trabalho for antecipadamente lido e aprovado pelo Conselho.

16 — Os membros do Conselho são considerados como exercendo cargo de confiança das Sociedades que os indicarem.

17 — Sempre que possivel, o Conselho designará um dos seus membros para assistir aos trabalhos doutrinários realizados pelas Sociedades.

18 — Se alguma colidência encontrar, pedirá ele se convoque a directoria da Sociedade e, então, confidencialmente, exporá o que deverá ser modificado, de acordo com o plano geral estudado pelo Conselho.

Esta notícia é deveras auspiciosa e só os maus espiritas ficarão insensiveis ao simbolismo que reveste em todas as suas particularidades. Felicitamos o imenso e querido Brasil por este avanço gigantesco no caminho da fraternidade espirita, que deixa entrever novos e admiráveis realizações.

REALIZOU-SE NO RIO DE JANEIRO O 2.° CONGRESSO ESPIRITA PAN-AMERICANO

Como anunciámos, realizou-se no Rio de Janeiro o 2.° Congresso Pan-Americano, sob o patrocínio da Liga Espirita do Brasil. Foi no dia 2 de Outubro. Na sede desta prestimosa instituição, à Rua Uruguaiana, 141, sob., efectuou-se a sessão preliminar na presença da maioria das delegações. Assistência enorme em plena confraternização. O presidente da Liga, Aurino Souto, abriu a sessão. Procedeu-se à leitura de mensagens do presidente da CEPA, Dr. José F. Fernandes, e da Federação Espirita Internacional, e em seguida entregou-se a presidência ao representante legal da Confederação Espirita Pan-americana, Dr. Luiz di Cristóforo Postiglioni, nosso redactor - correspondente em Buenos Aires, que foi delirantemente aclamado pela assistência. Depois iniciou-se a eleição da mesa do Congresso, que ficou assim constituida: Presidente — Dr. Luiz di Cristóforo Postiglioni (Argentina); 1.° Vice-presidente — Tenente Coronel Delfino Ferreira; 2.° Vice-presidente — Dr. Álvaro Maia, Senador da República e ex-governador do Amazonas; 3.° Vice-presidente — Dr. Miguel Santesteban (Cuba); Secretário Geral — Deolindo Amorim (Distrito Federal e nosso redactor-correspondente no Rio de Janeiro); 1.° secretário — Francisco Spinelli (Rio Grande do Sul); 2.° Secretário — Dr. Francisco Klors Werneck (Distrito Federal); 3.° Secretário — João Bezerra de Vasconcelos (Pernambuco).

No dia 3, sessão solene no Teatro João Caetano, para inauguração do certame. Um verdadeiro deslumbramento. A multidão invadiu todo o espaço disponível. Familias inteiras ficaram de pé. Aquela mole humana, ansiosa e expectante, não se arredava de seus lugares. Muitos não entraram por saber que estava tudo cheio. A sessão foi aberta com uma prece. Em seguida uma banda da Polícia Militar tocou o hino nacional. Aurino Souto empossa solenemente a mesa eleita e, de acordo com o programa, o coronel Delfino Ferreira apresenta os componentes à assistência, faz um apelo em benefício da campanha nacional da criança e pede um minuto de silêncio em homenagem ao espirito de D. Marília Barbosa Machado, fundadora do Lar de Jesus, de Nova-Iguaçú, e há pouco desencarnada.

O secretário da Mesa leu um telegrama do ministro Pereira Lira, secretário da Presidência da República, agradecendo o convite recebido e formulando votos de êxito ao Congresso. Pouco tempo decorrido, o Secretário Geral anunciou o aparecimento, em tradução portuguesa do Dr. Júlio Abreu Filho, do número 1 de *La Revue Spirite*, fundada em Janeiro de 1858, por Allan Kardec.

De 4 a 8, sessões plenárias na sede da Liga Espirita do Brasil, para discussão das teses apresentadas, que foram muitas e valiosas, e reforma do Estatuto da CEPA.

As Comissões de teses ficaram assim constituidas:

Assuntos Filosóficos — J. B. Chagas, Alfredo Miguel e coronel-médico Telemaco Gonçalves Maia. *Assuntos científicos* — Dr. Carlos Imbassahy, Dr. Levindo Melo e Manio Rinaldini. *Assuntos Morais e Religiosos* — Prof. Arnaldo S. Tiago, Vitorino Eloi dos Santos e Elias Tocker. *Assuntos Sociais* — Dr. Noraldino de Melo Castro, Dr. Inácio Ferreira e Carlos Jordão da Silva. *Esperanto e assuntos diversos* — Dr. Francisco Klors Werneck, Luiz Burgos Filho e Jobel Cardoso. *Revisão do Estatuto da CEPA* — Dr. Lauro Sales, Coronel Roberto Pedro Michelena, Dr. João Ribeiro, Laureano Fanjul e Luiz Travesaro. *Assuntos de Organização* — Dr. J. C. Moreira Guimarães, Atlas de Castro e Flávio de Sousa.

Delegações representadas— *Argentina* — Confederação Espirita Pan-Americana e Agrupação Estudiosa «Camille Flamarion», pelo Dr. Luiz di Cristóforo Postiglioni; Confederação Espirita Argentina, por Manio Rinaldini, Elias Tocker, Laureano Fanjul e Luiz Travesaro; Sociedade Espirita Constância, pelo Dr. Fiógenes Pereira da Sil-

va, do Rio de Janeiro; Circulo de Estudios Progreso Espirita, por Elias Toker; Sociedade «Verdadeiro Espiritismo» (Provincia de Santa Fé), por Dante Culzoni; Revista *La Idea*, por Alberto E. Monticelli; *Cuba* — Confederação Espirita de Cuba, pelo Dr. Miguel Santesteban; *México* — Centro União Paz e Fraternidade, de Xalapa, Sociedade Espirita Luz do Oriente, Sociedade Espirita Luz da Primavera, da Cidade do México, União dos Centros Espiritas de Vera Cruz e outro Centro do México. *Estados Unidos* — Associação Nacional Espiritualista de Washington. *Porto Rico* — Federação dos Espiritistas do Porto Rico, pelo Dr. Cristóforo; Sociedade Amigos da Verdade, do México, por Geraldo de Aquino — *Colômbia* — Centro Espirita «Caminho da Luz», por J. B. Chagas, e Federação Espirita Rosariana, por Luiz Travesaro. — *Uruguai*, por Manio Rinaldini. *Delegações Estaduais Brasileiras — Pará* — Oli de Castro e Alvaro P. do Nascimento. *Pernambuco* — João Bezerra de Vasconcelos e Luiz Burgos Filho. *Rio Grande do Sul* — Coronel Roberto Felisberto do Amaral Peixoto, Maurício Cardoso de Oliveira, Francisco Spinelli e Jardelino Ramos. *S. Paulo* — Carlos Jordão da Silva, Pedro Camargo (Vinicius) e Dr. Eurípedes de Castro. *Paraná* — João Ghignone e Dr. Francisco Raitani. *Bahia* — Alfredo Miguel. *Minas Gerais* — Dr. Noraldino de Melo Castro e Bady Curi. *Santa Catarina* — Osvaldo Melo e Jobel Cardoso. *Estado do Rio de Janeiro* — António Alves Cordeiro. *Distrito Federal* — Liga Espirita do Brasil, Sociedade de Medicina e Espiritismo do Rio de Janeiro, Faculdade Brasileira de Estudos Psíquicos, Conselho Consultivo de Mocidades Espiritas do Brasil, União Espirita Brasileira de Assistência Social e todos os centros que enviaram representações individuais.

Sessão de abertura do 2.º Congresso Espirita Pan-Americano, em 3 de Outubro de 1949, no Teatro João Caetano, no Rio de Janeiro.

1 - Dr. Luiz Di Cristóforo (Argentina), Presidente do Congresso. 2 - Tenente-Coronel Delfino Ferreira, 1.º Vice-Presidente; 3 - Deolindo Amorim, Secretário Geral do Congresso; 4 - Aurino Barbosa Souto Souto, Presidente da Liga Espirita do Brasil; 5 - Francisco Spinelli (Rio G. Sul), 1.º Secretário do Congresso; 6 - Dr Francisco Klors Werneck (Rio de Janeiro), 2.º Secretário; 7 - João Bezerra de Vasconcelos (Pernambuco), 3.º Secretário; 8 - Professor Alvaro Pais Nascimento (Pará), orador das delegações estaduais; 9 - Senador Alvaro Maia, 2.º Vice-Presidente do Congresso; 10 - Dr. Miguel Santesteban (Cuba) 3.º Vice-Presidente do Congresso; 11 - Manio Rinaldini (Argentina), Orador da Delegação Argentina; 12 - J. B. Chagas (Brasil), representante dos espiritas da Colombia; 13 - Nelson Batista de Azevedo, presidente da União dos Discípulos de Jesus

Em 9 de Outubro, almoço oferecido aos congressistas na União dos Discípulos de Jesus, por iniciativa do seu presidente Nelson Baptista de Azevedo, seguido da conferência de Leopoldo Machado acerca do aniversário do «Auto de Fé» de Barcelona e de visita à Federação Espirita Brasileira. Homenagem ao Dr. Humberto Torres, presidente da Federação Espirita Espanhola actualmente exilado em França.

Em 12 de Outubro, sessão solene de encerramento no Clube Botafogo.

A sede da CEPA passou ao Rio de Janeiro até 1950, com a seguinte directoria:

Presidente — Coronel Delfino Ferreira; *1.º Vice-presidente* — Dr. José Miranda Ludolff; *2.º Vice-presidente* — Prof. Leopoldo Machado; *Secretário Administrativo* — Deolindo Amorim; *1.º secretário* Dr. Francisco Klors Werneck; *Secretário de Finanças* — Nelson Baptista de Azevedo; *Sub-secretário de Finanças* — Geraldo de Aquino; *Secretário para assuntos legais* — Dr. Lauro Sales.

CONCLUSÕES

1 — Sendo universalmente aceitos pelos espiritistas, como princípios fundamentais de sua crença, a existência de Deus e a imortalidade da alma, o Congresso afirma, como decorrência, o princípio reencarnacionista ou das vidas sucessivas, como explicação da Justiça divina.

2 — Não sendo possível confundir a palavra reencarnação com ressurreição, visto que a primeira se refere ao corpo, segundo tradição de povos primitivos, enquanto a segunda se refere ao espírito,

o Congresso concorda em concluir pela aceitação da teoria reencarnacionista à luz da codificação de Allan Kardec, respeitando, porém, a opinião dos espiritistas entre os quais ainda não se haja firmado essa convicção.

3 — Considerando que religião é matéria de foro íntimo, não podendo, portanto, ser determinada por normas ou regras humanas; considerando, mais, não haver ainda unanimidade quanto ao modo de interpretar o Espiritismo em face do problema religioso, o Congresso não estabelece normas a respeito e resolve dar plena liberdade neste sentido; afirma, entretanto, os aspectos científico e filosófico do Espiritismo, segundo a codificação de Allan Kardec, tendo por base moral os ensinos de Jesus, de acordo com as tendências espirituais dos povos do Ocidente, sem que o Espiritismo deva ser transformado em seita religiosa, recomendando neste sentido a designação de *cristianismo espirita*.

4 — Afirma o Congresso que — na interpretação da palavra religião — o Espiritismo repele o significado comum de seita, ritual e organização hierárquica ou sacerdotal, e proclama o sentido espiritual de traço de união entre a criatura e o Criador, que é Deus, causa primária de todas as coisas.

5 — O Congresso reconhece a necessidade de cursos regulares, orgânicos, de Espiritismo e divulgação da obra kardeciana em toda a América.

6 — O Congresso ratifica todos os actos e resoluções do 1.º Congresso Espirita Pan-americano e da Comissão Executiva da Confederação Espirita Pan-americana durante o triénio 1946-49.

7 — O Congresso recomenda a comemoração anual do aniversário da 1.ª edição do «Livro dos Espiritos», (18 de Abril), primeiro livro da codificação kardeciana, em todos os países americanos. (Proposta da Liga Espirita do Brasil).

8 — Revolve que o 3.º Congresso Espirita Pan-americano, a realizar-se em Outubro de 1952, reunir-se-á em Havana, Capital da República de Cuba.

Congratulamo-nos com o êxito estrondoso deste Congresso, no qual a revista *Estudos Psiquicos* esteve representada através de vários dos seus *redactores-correspondentes*, entre eles, o Dr. Cristóforo, Deolindo Amorim, Dr. Noraldino de Melo Castro, Alfredo Miguel e João Ghignone.

A fotografia que ilustra esta notícia foi-nos amavelmente enviada, com a seguinte dedicatória, que bem demonstra quanto o nosso esforço é apreciado no mundo latino: «À brilhante revista ESTUDOS PSÍQUICOS, expressão da cultura latina, como lembrança do 2.º Congresso Espirita Pan-americano, em nome da mesa do Congresso».

LUX-LUCIS

Ao Isidoro Duarte Santos
Ao Amigo e ao Camarada

Sinto que já em mim houve outras Vidas
e sou nìtidamente uma expressão
de passagens já desaparecidas
do tempo nesse imenso turbilhão.

E sinto que vivi noutras surtidas
a minha inconsciente Evolução:
que as nossas mil andanças e partidas
são regressos da nossa Perfeição.

A Terra não é mais que o vaso impuro
aonde trabalhamos o Futuro:
os olhos perscrutando os Altos Céus.

Somos na Terra-Mãe um peregrino
que busca sempre o Espírito Divino
que em nós se fez Amor: e é Luz e é Deus!

Rinchoa
13-Outubro-49

JOÃO PAULO FREIRE

N/49

METODOLOGIA ESPIRITA

POR

A. YVONE DE SOUSA

Enquanto residi no estrangeiro nunca frequentei sessões espiritas porque nesse tempo dedicava-me a estudos teosóficos, cujos adeptos condenam as práticas kardecistas como perigosas.

Por isso ignoro se lá fora as sessões mediúnicas oferecem as mesmas características que entre nós. Creio que variam conforme o grau de cultura de cada povo. As revistas e jornais franceses, ingleses, belgas e brasileiros trazem-nos relatos muito interessantes revelando-nos a maneira como o Espiritismo é compreendido, sentido e praticado por cada um desses povos. E em Portugal ? Creio que não existe uma feição bem definida. Contudo parece-me que a corrente mais forte tende para o estudo experimental, segundo as normas kardecistas. Pelo menos é esta a orientação adoptada pela Federação Espirita Portuguesa, expressando assim o pensamento das colectividades federadas.

O Espiritismo, sendo como é, uma ciência e uma filosofia, obriga necessàriamente ao estudo dos problemas psíquicos. Mas a grande maioria da massa espirita, tendo sido comodamente educada no catolicismo, passando sùbitamente para a doutrina espirita assimilada à pressa numas livres sessões, pouco pode aprofundar da essência de tão belo Ideal.

De aqui resulta, salvo excepções, que em geral e muito especialmente nos grupos particulares, as sessões mediúnicas têm um acentuado cunho católico. Raras são as que não começam e não acabam com preces tão longas como ladainhas, e aonde muita vez falta a grande, indispensável e verdadeira concentração.

Estas minhas palavras não contêm censura nem crítica.

Se bem que não seja intenção minha nestas linhas criticar pessoas ou processos, creio contudo ter o direito de transmitir as minhas observações feitas tanto em centros, como nos grupos familiares. São estes às dezenas, talvez mesmo se contem por algumas centenas em toda a capital. Por esta razão surpreende-nos ouvir dizer que em Portugal não existem médiuns de grande envergadura. Pela minha parte sou mais optimista, convencendo-me de que existem médiuns no exacto sentido do termo, mas que, por motivos vários, a uns não lhes são devidamente aproveitadas as faculdades e a outros nem mesmo lhes é permitido torná-las conhecidas. Não esqueçamos que, para o vulgo, *médium* é ainda sinónimo de *bruxa*. E nem todos os chefes de família consentem que tal epíteto atinja quem pertença ao seu lar. Afora este inconveniente não ponhamos em dúvida a carência destes preciosos elementos na Peninsula Ibérica. Contudo, quando se esvair mais aquela grande rotina, e estes povos sacudirem os velhíssimos preconceitos sociais e conventuais referentes à mediunidade, decerto os verdadeiros médiuns nos oferecerão as suas faculdades sem receio das críticas ignorantes e maldosas.

Mas quem ousará erguer a voz contra todos estes males ? Quem se atreverá a dar o mais leve, sincero e delicado conselho, no sentido de melhor se aproveitarem certas faculdades psíquicas e de orientar mais fàcilmente as sessões, que dariam resultados bem mais satisfatórios ? Como introduzir nesses meio os processos modernos dum Neo-espiritualismo digno da nossa época, dinâmica, prática, observadora e cientifica ? Para quê, conselhos ? Os «*irmãozinhos*» do além não sabem muito mais que todos esses palradores que por aí andam a pregar ? É o que por vezes nos respondem.

Certo dirigente de um grupo familiar, declarou-me não gostar de assistentes cultos ou de posição social nas suas sessões, porque o seu grupo era só para gente humilde. O facto de pessoas incultas se afastarem sistemàticamente de quem as possa orientar nos modernos princípios do Espiritismo parece-me conducta pouco acertada.

Todos os grupos se orgulham de possuirem guias infaliveis: rainha Santa Isabel, S.to Agostinho, Santa Terezinha, Dr. Sousa Martins, Presidente Sidónio Pais, António José de Almeida, etc., etc., sem esquecer o popular e querido S.to António de Lisboa, que nestes casos tem uma tremendíssima tarefa! Em Itália, aonde este santo é tão venerado como em Portugal, terá ele também ali o grande encargo de «presidir» a tantos grupos espiritas ?

A propósito deste grande iluminado, permitido me seja narrar um pequeno episódio.

Certa noite assisti a uma sessão espirita, num grupo familiar, onde era hábito fazer-se uma pequena sessão de tiptologia aliás nunca controlada, e que terminava invariavelmente pelas bençãos do referido santo, que inclinava a mesa sobre todos os assistentes. Nessa noite, menos paciente, em riscos de incorrer no desagrado dos donos da casa, e dos seus fieis assistentes (o que aconteceu mais tarde por motivos idênticos), resolvi perguntar se era realmente o dito Santo que comunicava. Para não irritar em demasia a assistência com o meu «atrevimento» adocei a pergunta acrescentando — «ou algum seu enviado». A mesa confirmou esta última interrogação, que contentou todos, mas a partir de então o «enviado» nunca mais me transmitiu as bençãos do milagroso santo !

Controlar médiuns, e o próprio Além, é para muitas pessoas uma irreverência imperdoável, um autêntico sacrilégio. Contudo conta-se que a grande Eusápia Paladino estando a mediar no palácio real e na presença do próprio rei de Itália, como sentisse faltar-lhe o ambiente, não se envergonhou de dizer: — «Ajudem-me, senão eu fraudo !». Mas as nossas eusapias têm muito mais razões para confiarem nos seus «santos guias», do que essa conhecida médium !

Sobre fraudes e credulidade, teriamos tanto para contar como os náufragos da Nau Catarineta. Interessante e útil seria que se realizasse a predição do Dr. Graham Bell, citada nos *Cahiers du Spiritisme* de 1947, em que este sábio anunciou do Além, que os espíritos poderiam comunicar por meio do hélio, que lhes captaria as ideias-forças e as transformaria em vibrações etéreas para a nossa língua corrente, por meio de um microscópio electrónico, de uma célula foto-eléctrica e de um amplificador.

Assim ficaria resolvido o complicado problema das fraudes e a metodologia espirita entraria numa nova e bem mais sedutora fase.

Ensinamentos de «Silver Birch»

Apresentados por B. B. Martins

I

O grupo particular de Hannen Swaffer reune em Londres todas as sextas-feiras à noite. Silver Birch é o seu espirito-guia.

A sua maneira de actuar e os seus ensinamentos são interessantíssimos e surpreendentes. As suas comunicações revelam um espírito superior, ainda que ele se oculte no anonimato, manifestando-se com a aparência de um humilde índio da América.

Das comunicações de Silver Birch resultaram várias obras literárias, já publicadas. Os elementos do assunto que agora tratamos foram colhidos nos «Ensinamentos de *Silver Birch*».

Estes ensinamentos, diz o editor, não são apresentados como elocuções infalíveis de um ser possuidor de toda a sabedoria. *Silver Birch* insiste em que não é o seu autor, mas que é sòmente o mensageiro por meio de quem eles são retransmitidos das mais altas origens. Não é intento das comunicações do espírito que devamos despir-nos da faculdade de crítica e que aceitemos cègamente as palavras de outrem, quer venham deste mundo, quer do outro. Nem é seu desejo criar uma nova ortodoxia, porque a revelação é sempre progressiva e dependente da capacidade de quem a recebe.

Silver Birch apela para a razão. Se quaisquer coisas do que ele diz não são de aceitar pela nossa razão, deverão essas coisas ser rejeitadas, ou pelo menos deixadas como problemas em aberto, dependentes de maior evidência.

Silver Birch diz que este livro — «Teachings of *Silver Birch*» (Ensinos de Silver Birch) — foi publicado, no mundo da matéria, com a benção do mundo espiritual. Pede que todos os que sejam por ele alcançados, possam ter os seus olhos abertos e sentir as suas almas contagiadas, porque até que as almas sejam vivificadas e estejam inteiramente cientes das coisas mais altas, mais profundas, mais nobres e maiores da vida, o indivíduo viverá dentro duma névoa.

Hannen Swaffer diz que *Silver Birch*, como lhe chamam, não é um pele-vermelha. Não sabem quem ele seja e presumem que usa o nome do espírito através de cujo corpo astral se expressa, visto que não lhe é possível manifestar-se-lhes a não ser por meio de um outro instrumento, devido às intensas vibrações da região espiritual a que pertence.

«Um dia contar-vos-ei quem sou, — disse *Silver Birch* —. Tive que vir na forma de um índio para conquistar o vosso amor e devoção, não porque usasse um nome pomposo, e para provar-me, também, a mim próprio, pela verdade daquilo que ensinei. Esta é a Lei».

Hannen Swaffer declara que *Silver Birch* entrou na sua vida pouco depois de se tornar espirita, em 1924.

«Desde essa altura — diz Hannem Swaffer, — tenho ouvido o seu ensino, a sua orientação, o seu conselho, uma hora e mais de cada vez, e tenho aprendido a amá-lo e a respeitá-lo mais do que amo e respeito a qualquer mortal.

Silver Birch principiou a actuar desta maneira invulgar: Um rapaz de 18 anos, um ateu que estava estudando o Espiritismo, foi por troça a um grupo espirita num dos subúrbios mais pobres de Londres. Esse rapaz riu-se a bandeiras despregadas quando a médium se transformou em chinesa, sòmente para o censurar, pois em transe lhe disse:

— Tu mesmo farás isto durante muito tempo.

Embora se tivesse retirado incredulo e céptico, na semana seguinte voltou de novo ao grupo e, a meio da sessão, o jovem ateu pedia desculpa aos que o rodeavam por, descuidadamente, se ter deixado adormecer.

— Tu acabas de estar em transe, — foi-lhe dito por alguém sentado próximo dele —. O teu Guia indicou o seu nome e disse que te têm estado a treinar para isto há alguns anos e que brevemente falarás nas tribunas do Espiritismo.

Novamente o rapaz se tornou a rir.

Naquele tempo, *Silver Birch* exprimia-se muito mal em inglês. Porém, com o decorrer dos anos, controlando o seu médium cada vez melhor, o seu conhecimento da língua inglesa melhorou tanto, que ùltimamente, a sua eloquência singela transcende a dos melhores oradores conhecidos.

Em mais de uma ocasião, *Silver Birch*, falando pelo seu médium, para mostrar que este se encontrava em verdadeiro transe, disse que espetassem um alfinete na mão do médium, ordenando depois que o cravassem profundamente. O médium, ao despertar, não se lembrava de ter sentido qualquer coisa, nem mesmo apresentava, na pele, sinais visíveis da experiência realizada.

Hannen Swaffer explica, a alguém que o interrogou, que *Silver Birch* e o médium são entidades distintas e que as comunicações transmitidas não provêm do subconsciente do médium, porque os dois se contradizem um ao outro. Silver Birch ensina a reencarnação. O médium combate esta teoria.

O que é curioso é que o médium não se recorda absolutamente das mensagens que ele próprio transmite, enquanto se encontra no grupo; mas depois de voltar para sua casa e de se deitar, ao principiar a adormecer logo se recorda de tudo o que o guia transmitiu, para novamente o esquecer e na manhã seguinte ler o relato da sessão publicado no *Psychic News*. O médium fica então surpreendido com a beleza da linguagem que é pronunciada através dos seus lábios.

Isto acontece assim, porque quando consentiu em servir de instrumento a *Silver Birch*, o médium obteve do seu Guia a promessa de que saberia o que tinha sido dito. Desde que o *reporter* começa a estenografar as mensagens até que as mesmas sejam publicadas no *Psychic News*, o médium só pode recordar-se delas ao adormecer em sua casa.

Silver Birch é um mestre; não faz curas. Raras vezes dá messagens inteiramente probatórias. De vez enquando, pede desculpa por isso, dizendo que muitas vezes lamenta ter limitado ao ensino o seu domínio sobre o médium. Ainda que considere o seu ensino muito importante, reconhece que o mundo necessita da demonstração das provas acerca da sobrevivência.

Durante os últimos anos, Hannen Swaffer levou toda a es-

pécie de pessoas a ouvir *Silver Birch* — ministros de religião, jornalistas, pessoas de todas as partes do mundo. Nunca ouviu de nenhum deles uma palavra de crítica a qualquer coisa dita por *Silver Birch*. Um padre, que lhe apresentou as suas dificuldades teológicas, viu-se reduzido ao silêncio quando, por palavras simples, *Silver Birch* explicou o que ele chama «a Lei».

— Tome nota das perguntas mais difíceis de que se possa lembrar, — disse Hannen Swaffer ao ministro.

O pastor retirou-se ansioso por desafiar um daqueles espíritos-guias que tantas vezes tinha ouvido condenar pelo clero da sua religião. Mas ficou confundido, por que *Silver Birch* tinha tornado demasiado simples, para um teólogo, a sua difícil teologia.

O *Psychic News* publica todas as semanas, com regularidade, palavras por palavra, o relato das comunicações de *Silver Birch*. Estas mensagens são concedidas ao grupo particular de Hannen Swaffer, não para seu uso particular e exclusivo, mas para que possam ser espalhadas imediatamente através de todo o mundo. Por esta razão, *Silver Birch* tem mais adeptos do que qualquer prègador terrestre. Os seus adeptos encontram-se em todos os climas e pertencem a quase todas as raças e a todas as cores.

As palavras de *Silver Birch* não podem transmitir, por meio da fria imprensa, mais que um pouco da nobreza do seu carácter, do calor da sua amizade e da natural dignidade da sua maneira de dizer. Algumas vezes as suas palavras compelem às lágrimas. Apesar de *Silver Birch* se apresentar humilde, sabemos que estamos em presença de um alto e glorificado espírito. Ele nunca censura. Nunca encontra faltas.

As igrejas falam de Jesus de Nazaré, de quem pouco conhecem e de cuja existência não têm provas. *Silver Birch* fala do NAZARENO, como ele lhe chama, como *o mais alto de todos os seres espirituais* com quem ele tem contacto; e, como durante anos de íntima colaboração *Silver Birch* nos provou que não podia mentir, sabemos, sòmente porque ele o diz, que o Jesus do Novo Testamento ainda trabalha naquela divina missão que uma vez o trouxe à terra. Assim, as suas palavras: «Eis que estou convosco para sempre, até ao fim do mundo», têm para nós, — continua dizendo Hannen Swaffer, — um signifcado que as igrejas não são capazes de explicar.

Os ensinos de *Silver Birch* são anotados às escuras por um *reporter* que usa papel Braille e que, embora seja um hábil estenógrafo, é muitas vezes posto à prova severamente para acompanhar a rapidez do discurso de *Silver Birch*. Em nenhuma ocasião foi alterada qualquer palavra.

As palavras de *Silver Birch* fluem em inglês perfeito. Sòmente têm de ser colocados os sinais da pontuação, mas para estes fica sempre um espaço natural, o que não pode originar confusões.

A filosofia de *Silver Birch*, como fàcilmente se compreenderá, é a de um panteista, a de um espírito que compreende que Deus se encontra na própria Natureza, que há uma Lei inalterável que governa tudo, e que Deus é a Lei.

«Vós estais dentro do Grande Espírito, — diz *Silver Birch*, e o Grande Espírito está dentro de vós». Aprendemos assim que somos todos deuses em potência, parte do grande princípio criador que é Todas as Coisas. *Silver Birch* não se detem em filosofias sem aplicação. Lembra sempre a lição de que estamos aqui a fazer uma obra; resume a religião numa única palavra — «SERVIÇO», — e faz a diligência por ensinar-nos que, mesmo que pareçamos ser instrumentos desajeitados, estamos colocados neste mundo, de maneira que podemos acabar com as guerras, abolir a pobreza e abreviar o tempo em que a generosidade de Deus será espalhada profundamente entre todos os povos do mundo.

«A nossa obediência e lealdade, — diz ele — não é a um crédo, nem a um livro, nem a uma igreja, mas ao *Grande Espírito de Vida* e às suas eternas leis naturais».

Os membros do grupo de Hannen Swaffer, em número de seis, incluem três judeus e três pagãos, que não encontraram no Espiritismo qualquer diferença de raças ou de credos. Três foram agnósticos e um quarto foi padre wesleiano que, pouco antes de se juntar ao grupo de Hannen Swaffer, tinha abandonado o metodismo, por que já não podia aceitar os seus ensinamentos.

Algumas vezes, para variar as sessões, *Silver Birch* permite que outros espíritos controlem o seu médium. Deste modo, o grupo de Hannen Swaffer tem sido visitado por diversas individualidades que ocuparam lugares de relevo em vários campos da vida inglesa, quando encarnados.

«Durante os anos em que tenho tido sessões com *Silver Birch*, — diz Hannen Swaffer, — nunca notei qualquer esquecimento da parte dele, embora nós nos pudéssemos ter esquecido.

Nunca, numa só sílaba, *Silver Birch* se afastou da missão que escolheu de ensinar aos filhos dos homens uma maneira de viver mais pura e mais caridosa.

Lourenço Marques
22-8-49

(Continua)

UM FEIXE DE NOTÍCIAS

◆ *A* Revista Espirita do Brasil *acaba de aumentar o preço de assinatura para 30 cruzeiros anuais.*

◆ *A Federação Espirita Internacional, com sede em Londres, está a organizar uma grande biblioteca internacional, com o concurso das agremiações do velho e do novo mundo.*

◆ *Fundou-se há pouco em Itália a Academia de Alta Cultura, com carácter eclético a que não és estranho o Espiritismo.*

◆ *O 2.º Congresso Espirita Internacional realizar-se-á em 1951 na cidade de Estocolmo.*

◆ *Foi há pouco comemorado em Londres o centenário do médium vidente Robert James Lees, que descobriu um médico assassino que ficou na história do crime com o nome de Jack-o-estripador.*

◆ *Os espiritas alemães fundaram uma revista semanal intitulada* Okkulte Welt.

◆ O drama espirita «A Volta de Peter Grimm» tem obtido em Londres extraordinário êxito. Esta peça esteve há tempos em vários teatros de Nova-York, num dos quais se manteve perto de um ano.

A ORIGEM DO HOMEM E A ORIGEM DAS ESPÉCIES

Artigo de Cirillo Aleixo

Depois de ler, em *Estudos Psíquicos*, «A Origem do Homem e a Origem das Espécies» da autoria de Rufino Juanco e em face do apelo que o autor faz aos leitores desta apreciada Revista, resolvi acorrer, expondo sobre o assunto o que sinto, baseado no que tenho lido e também no que depreendo, segundo a minha intuição. Certamente que as minhas deduções, tendo por base aqueles elementos, podem ser erróneas; no entanto, são elas o meu actual modo de pensar, a respeito do assunto em causa.

Sem dúvida que o homem descende dos animais chamados irracionais, como estes descendem das plantas e estas ainda de formas cada vez mais rudimentares, até se remontar a um ponto em que a vida devia ter eclodido pela primeira vez neste planeta.

Sem dúvida que o facto apontado pela Embriologia, de que o homem, nas primeiras semanas de vida embrionária afecta sucessivamente as várias formas animais, desde o peixe aos mamíferos, indica claramente a nossa origem comum, constituindo isso uma lição magistral, que a natureza nos dá, sobre o nosso misterioso passado.

Na natureza nada se fez aos saltos, tudo obedece a uma lenta, mas segura evolução, sem transições bruscas, donde resulta um conjunto harmonioso, que os nossos olhos, numa fugaz vida terrena, não podem abranger.

Não existem seres à parte na criação, não sendo mais privilegiados uns do que outros, no respeitante à finalidade a atingir, que é igual para todas as espécies, sem excepção.

Deus, na sua infinita justiça, a todos marcou um futuro comum, sem destinção de qualquer espécie. É que a ideia da destinção, que uns possam atingir culminâncias eternamente inacessíveis a outros, é inconciliável com a infinita justiça e misericórdia de Deus.

Não, Deus não podia conceber uma tal coisa. Distinção de todas as qualidades, só o homem as faz, por não ter ainda atingido o grau evolutivo suficiente, para se reconhecer irmão de todos os seres da criação.

E assim, o homem, tendo tido início num remoto passado, que se perde na caliginosa noite dos tempos, a princípio simples germe de vida vacilante, foi, através dos séculos e à custa de inumeráveis encarnações e desencarnações, evolvendo lentamente, até chegar ao ponto em que actualmente se encontra, o qual não passa ainda de um degrau da imensa escala que o há-de levar à perfeição de que nem sequer pode fazer hoje a mais pequena ideia.

Mas onde está esse misterioso princípio do homem ? Como explicá-lo ? Há coisas que pela sua transcendência não podem ainda ser compreendidas na nossa actual fase evolutiva, mas que o serão mais tarde, depois de atingirmos outros planos. É o que se dá com as crianças que, não podendo compreender um certo número de coisas, por não terem atingido ainda a maturidade devida, fàcilmente encontram, mais tarde, a explicação natural daquilo que, para elas, não passava de impenetrável mistério.

E o que somos nós, actualmente, senão grandes crianças (grandes no corpo), em comparação com graus evolutivos infinitamente superiores ?

Querer desvendar certos mistérios, é perder tempo, pois eles continuarão indecifráveis, até atingirmos o grau evolutivo necessário à sua compreensão. Esforçamo-nos, sim, por conquistar o mais ràpidamente possível esses estados, pela observância dos ensinamentos do Cristo, que o resto virá a seu tempo.

Mas, nem todos os mistérios são para nós actualmente indecifraveis, pois quantos e quantos o homem, na sua ânsia de progresso, tem desvendado ?!

A origem do homem, esse enigma palpitante, que particularmente nos interessa, é — a bem dizer — semi-indecifrável, para o estado evolutivo actual da humanidade. Digo semi-indecifrável, porque, enquanto a origem da parte material do homem pode, já hoje, ser explicada um tanto ou quanto satisfatòriamente, outro tanto não sucede com a parte espiritual, que continua mergulhada no desconhecido. É natural que assim seja, porque a esta humanidade é mais fácil a compreensão das coisas materiais, do que das coisas espirituais. A compreensão destas últimas, é lógico que só venha, quando ela se espiritualizar suficientemente.

A origem da nossa parte material, do corpo que começou a ser o berço do princípio espiritual que a cada um anima, teve lugar num passado bem longínquo, quando as forças do nosso Universo Sideral — um dos inumeráveis universos do infinito — se encontravam na sua pujança.

Depois de ter dado origem à intensa vida que palpita no seu seio, eis o estado actual do nosso Universo Sideral: agonizante a matéria, em plena madrugada a energia e jovem a consciência, em via de formação.

Nesses tempos recuados, quando cada mundo atingiu o estado propício ao estabelecimento da vida na superfície, surgiram as primeiras formas rudimentares, que, com o decorer dos milénios, se haviam de transformar nas esplêndidas organizações do nosso tempo. Mas como apareceram essas primeiras formas ? Nesses tempos recuados, quando o nosso Universo transbordava de dinamismo, a terra (e sem dúvida uma infinidade de planetas mais), foi atingida pela energia degradada — energia no último grau da série dinâmica, de natu-

reza eléctrica — proveniente da transformação da matéria cósmica, pois tudo o que existe está sujeito a evolver. Essa energia degradada, encontrando elementos favoráveis, na então rica atmosfera terrestre (hidrogénio, carbono, azoto e oxigénio), fecundou-a, dando origem à eclosão da vida, pela primeira vez neste planeta, e as primeiras formas surgiram então, pequenos globos de fogo, flutuando no ar, em número prodigioso, de que a electricidade globular nos pode dar uma ideia, por ser da mesma natureza.

Daquela fecundação resultou, pois, um arranjo electrónico especial, propício à eclosão do nosso psiquismo que, desde esse momento, firmava a sua aliança com a matéria. E começou desde logo, sem tréguas de qualquer espécie, a lenta e dupla evolução material e espiritual.

Essas formas baloiçantes, foram-se adensando pouco a pouco, até que, atraídas pela acção da gravidade, mergulharam na tépida água dos oceanos, que então cobriam toda a superfície terrestre. Depois, com o decorrer dos tempos, numa longa série de transformações e adaptações, à medida que o psiquismo se ia enriquecendo com as sucessivas encarnações, a forma foi-se tornando cada vez mais complexa, sempre moldada sob as necessidades sempre crescentes, impostas pela adaptação ao meio, de onde se originaram as diferentes espécies vegetais e animais, num progresso crescente, imposto pelas experiências de cada encarnação, progresso esse que nos levou a atingir o estado hominal presente.

Nascido da aliança da matéria com a energia, no seu último degrau da série dinâmica, o homem, na sua origem, não foi mais do que modesto globo de fogo, pairando na atmosfera, ao sabor das cálidas brisas de outrora; mergulhou depois nas tépidas águas oceânicas, foi seguidamente protoplasma e célula, para, num desenvolvimento progressivo, revestir todas as formas do reino vegetal e animal, desde as mais simples, às mais complexas. Foi lenta e dolorosa a nossa ascensão, até ao ponto em que hoje nos encontramos! A subida, porém, não terminou, mas daqui para o futuro, as aquisições serão de outra natureza. A luta a empreender será contra os nossos inimigos internos: egoísmo, orgulho, inveja, vaidade, ambição e congéneres que nos impedem de desferir o voo para as regiões onde a verdadeira felicidade não é uma quimera. É necessário, pois, que o reinado da força dê o lugar à era da justiça.

A muita gente poderá parecer impossível que, de um simples arranjo electrónico, originado na fecundação da matéria pela energia, se haja chegado à organização superior que é o homem. Não se deve esquecer, porém, que a evolução foi muito lenta e que o tempo tudo modela. Não assistimos nós a idênticas transformações, embora de outro género? Para se chegar, por exemplo, aos modernos automóveis, não foi necessária uma longa série de carros intermediários cada vez mais perfeitos?

A cada tipo de carro, seguia-se outro, onde eram introduzidos os aperfeiçoamentos aconselhados pela experiência do anterior. Depois, a prática ia aconselhando novas modificações, que eram introduzidas no tipo seguinte e assim sucessivamente e, sem dúvida, que o modelo actual, não é a última palavra. E a quantos mais aperfeiçoamentos doutro género não temos nós assistido? Que diferença entre os rádio-receptores actuais e os primitivos! Entre estes extremos, quantos modelos diferentes, numa ânsia sempre crescente de aperfeiçoamento! E então, porque razão o princípio espiritual que anima as formas, não havia de proceder anàlogamente introduzindo aos poucos, no corpo material os aperfeiçoamentos aconselhados pela experiência de cada vida? Mas certamente, que tem sido esse o seu longo trabalho de milénios, para sermos hoje o que somos. As experiências de cada encarnação não se perdem, pois, e na geração, quando as moléculas se vão agrupando para a construção do futuro corpo, o perispírito, em cuja essência essas experiências foram registadas, lá está por molde, à semelhança do que sucede com um imã, que dispõe a limalha colocada sobre uma folha, segundo as suas linhas de força. Asim, as deficiências ou faltas mais imediatas, notadas pelo nosso psiquismo, fixando-se no perespírito, dão origem a que a forma, na encarnação seguinte, seja já um pouco mais perfeita, para, como instrumento do Espírito, corresponder melhor à sua finalidade de incessante aperfeiçoamento.

O homem, não é, pois, um ser à parte na Criação. A sua origem foi a origem de todos os restantes seres. Não vimos, na regressão da memória, que as existências anteriores estão sempre numa ordem decrescente de evolução? É natural que ao nosso orgulho e à nossa vaidade repugne termos tido uma origem tão modesta e uma aprendizagem comum a qualquer outro animal; mas, para não irmos mais longe, em que é que um insigne homem de saber perde valor, ao saber-se que nos seus primeiros anos de vida não pasava de um analfabeto; que frequentou depois a instrução primária, etc., etc.?

Não será antes um motivo de justa satisfação o sabermos que conquistámos o trono de «Rei da Criação» à custa dos nossos esforços?

Mas onde está então esse *elo perdido* e tão procurado por inúmeros pesquisadores?

Não se sabe; no entanto, pode muito bem suceder encontrar-se em sítios actualmente inacessíveis.

Como é sabido, a terra, além dos movimentos de rotação e translação, tem um outro, designado por precessão dos equinócios, de que são uma prova o deslocamento gradual das linhas isotérmicas e o deslocamento do mar.

Segundo este curioso movimento, que requer 25.628 anos para um ciclo completo, a terra está sujeita a fases alternativas de emersão e submersão, em cada uma das quais, se despendem cerca de 12.814 anos.

Sendo assim, há uns tantos milhares de anos a superfície da terra não tinha a configuração actual e a maior parte dos terrenos que então estavam descobertos, devem estar hoje submersos e vice-versa.

Quem nos diz a nós que o misterioso *elo perdido* se encontra justamente nessas vastas regiões submersas?

Atendendo ao tempo que o mar gasta em fazer as emersões e submersões, orginadas no movimento da precessão dos equinócios e atendendo ainda à aparição do género humano neste planeta, parece que, de facto, os componentes desse *elo perdido*, viviam nas regiões que actualmente se encontram sob a extensa toalha oceânica.

TAREFEIROS DO BEM

Por

HENRIQUE DE MAGALHÃES

Dentro da «expressão mediúnica» encontramos duas formas distintas de trabalhadores. Há os chamados «médiuns de tarefa» e os médiuns comuns.

Médiuns comuns, pode dizer-se, é toda a humanidade. Todos nós posuimos o dom de entrar em relação com nossos guias (os chamados anjos-guardiães) pelo canal intuitivo, donde se conclui que podemos receber conselhos para uso próprio e para dar aos outros.

Médiuns de tarefa são aqueles cuja mediunidade é mais positiva. Às vezes brota de repente, espontânea, e desde logo se faz sentir neste ou naquele campo de acção.

Conhecemos uma senhora, alheia ao Espiritismo até alguns anos atrás, que foi repentinamente tomada por seu guia. Seu marido, também leigo, ficou tonto!... Desde logo começou a dar conselhos sobre moral, fazendo algumas recomendações. Suas manifestações continuaram em dias e horas certas. Meses depois sua casa era pequena para atender aos doentes.

Outro irmão, este, óptimo doutrinador, frequentou o Espiritismo durante 21 anos sem sinal de novidade maior. Certa noite, eram 23 horas, foi seu filhinho acometido de febre alta. Não queria incomodar o médico àquela hora, mesmo porque suas economias eram diminutas.

Foi tomado sonambùlicamente por um espírito; — mais tarde, soube-se que era Bezerra de Menezes.

Voltou-se o irmão da espiritualidade para a dona da casa e disse-lhe:

— O menino está com bronco-peneumonia. Não se preocupe, porém. Mande fazer amanhã tais e tais remédios, para serem tomados de tal forma. Para seu alívio imediato vão-lhe ser transmitidos passes. O aparelho que se concentre para receber um caboclo, ao qual estão afectos esses trabalhos!

Deu mais algumas instruções e retirou-se.

Daí em diante existia na terra mais um médium receitista!

Esta última categoria de médiuns desdobra-se em duas partes distintas, ou seja: médiuns de tarefa e «tarefeiros do bem».

Não sendo muitos os médiuns de tarefa, mais rarissimos são os tarefeiros do bem.

Os primeiros são portadores de grandes missões, junto a seus irmãos da terra, mas não dignificam seu apostolado. Porque preferem as comodidades, os prazeres, ou ainda os bens do mundo, enfileiram entre os médiuns inúteis, perdendo sublimes oportunidades.

Os tarefeiros do bem, ao contrário, dedicam-se de corpo e alma ao trabalho a bem do próximo, e é então que vislumbramos vultos como Bezerra de Menezes, Ignácio Bittencourt, Fred Figner e tantos outros trabalhadores anónimos, verdadeiros herois da humanidade.

Que de bens divinos terão recebido esses ao regressar à pátria dos espíritos!... Não é fácil, todavia, alcançar as glórias eternas.

Diz-nos Tobias, trabalhador de «Nosso Lar», em «Os Mensageiros», livro de André Luiz, que saem daquela Colónia de repouso e preparo espiritual, para ingressar na Terra, milhares de missionários, anualmente, aptos para o serviço, mas que são muito raros os que triunfam. «Há médiuns e mediunidade, — afirma ele — doutrinadores e doutrina, como existem a enxada e os trabalhadores. Pode a enxada ser excelente; mas, se falta espírito de serviço no cultivador, o ganho da enxada será inevitàvelmente a ferrugem. Assim acontece com as faculdades psíquicas e com os grandes conhecimentos. A expressão mediúnica pode ser riquíssima; entretanto, se o dono não consegue olhar além do *interesse próprio,* fracassará fatalmente na tarefa que lhe foi conferida. Acredita, meu caro, — continuou ele, nas elucidações a André Luiz — todo o trabalho construtivo tem as batalhas que lhe dizem respeito. São muito escassos os serviços que toleram as dificuldades e revezes das linhas de frente. Esmagadora percentagem permanece a distância do fogo forte. Trabalhadores sem conta recuam quando a tarefa abre oportunidades mais valiosas».

Aqui temos, em linhas gerais, a palavra autorizada de um grande trabalhador do espaço, em suas elucidações a André Luiz. E se estas notas trazemos ao conhecimento dos queridos irmãos é para instigá-los ao serviço santo, no labor de todos os dias.

Deus vos proporciona forças e meios, queridos companheiros, para vencer a luta a pról do bem comum. E quando chegar o dia de vossa libertação direis então, como os apóstolos de Jesus:

— Hosanas ao Senhor! Bendito seja o Salvador do Mundo!

Crónica Estrangeira

por Isidoro Duarte Santos

NOVO PRODÍGIO MUSICAL

Ainda não se extinguiram os ecos da sensacional aparição do menino-maestro Pierino Gamba, que o público teve ensejo de apreciar nos teatros de Lisboa, à frente de orquestras de categoria internacional. Milhares de pessoas vibraram intensamente perante a virtuosidade de um miúdo de 11 anos que regia de cór as mais difíceis partituras e que deixava boquiabertos e maravilhados os técnicos da divina arte que em Portugal tem tantos admiradores. Pois agora novo prodígio surge, cuja precocidade ultrapassa em muito a de Pierino.

Trata-se de Giannella De Marco, menina de 5 anos de idade, há pouco contratada para dirigir concertos nos grandes salões argentinos, como o *Gran Rex*, e que já conseguiu fama mundial, no dizer da revista *Constância*, de Buenos Aires, donde extraimos alguns elementos desta notícia. Eis como *Crítica* se refere à iniciação de Giannella, através de esclarecimentos recebidos dos pais da maestrina:

— Uma noite — diz o pai — escutávamos um concerto de rádio em família. A néné, que durante a audição estivera a marcar os compassos com a mão, deitou-se tarde e, quando fomos ao berço, julgando que estaria adormecida, vimo-la sentada a mover os braços, como se dirigisse música recordada. Decidimos então intensificar aquilo que, em tão verdes anos, lhe pudesse dar formação musical. Mas podemos dizer que nela a música é um fenómeno intuitivo.

— Tão assombroso — acrescenta a mãe — que tanto nos surpreende a nós, como aos estranhos.

O seu primeiro concerto (1 de Dezembro de 1948) foi no Teatro Adriano, de Roma. Depois dirigiu a célebre filarmónica da Academia de Santa Cecília, e, mais tarde, a Sinfónica de Roma e a Orquestra de Câmara, de Milão. Em Espanha dirigiu conjuntos como a Filarmónica de Madrid.

Quando lhe perguntaram qual era o seu repertório, respondeu muito sèriamente :

— Por agora, 24 obras, entre elas a «Traviata», Sinfonia opus 73, de Haydn: abertura da «Tannhauser; «Bodas de Fígaro, de Mozart; Sinfonia 8 da Incompleta, de Schubert; «Dança Hungara»; «Intermezzo» da «Cavaleria Rusticana»; Sinfonia da «Norma»; Sinfonia do «Matrimónio Secreto»; «A Força do Destino»; Grieg, etc.

— E que preferes, depois da música ? — perguntou-lhe o jornalista.

— As bonecas.

Seus pais têm o costume de lhe oferecer uma boneca no fim de cada concerto. Eis, porque ela possui grande colecção de bonecas de todos os trajos e feitios.

— De que mais gostaste na tua viagem por Espanha ?

— Dos uniformes... do uniforme de toureiro.

— Conheceste Pierino Gamba ?

— Nunca ouvi falar nele. Mas era amiguinha de Ferruccio Burco. Queria-lhe muito.

— Eu fui advogado da família de Ferruccio — esclarece o pai.

— Não tens medo do público e dos professores que assistem aos concertos ?

— Medo de quê... ? — pergunta ela com uma segurança que deixa todos atónitos:

E o jornalista termina:

— Deixemos que esta menina-prodígio de 5 anos entre no hotel e se deite na caminha branca de repouso e de sonho... com a última boneca ao lado. Vê-la-emos no *Rex*, no exercício das suas funções.

OS «MILAGRES» DA SUGESTÃO

O nosso colaborador Faure da Rosa contou há tempos na *Região de Leiria* alguns casos bem curiosos de sugestibilidade que vamos transcrever, para que os leitores meditem no incognoscível que em grande parte rodeia todos os seres da criação. Trata-se do relato das experiências feitas em 1937 pelo Dr. Icklowsky da Universidade de Leninegrado.

«Durante uma semana, um cão foi injectado de um grama de morfina. O cão reagiu à morfina, como todos os seres vivos, e adormeceu. Após cada injecção, o Dr. Icklowsky, limpava o local onde a dera, com um pedaço de algodão esterilizado. No oitavo dia, o animal já estava habituado ao processo. O biólogo, então limitou-se a fazer a lavagem sem empregar a seringa nem a morfina... Apenas esboçou o gesto apropriado da lavagem, e eis que se dá o «milagre». Decorridos alguns minutos, o cão apresentava todos os sintomas vulgares que se seguem a uma injecção de morfina: caiu num sono profundo, embora o corpo não tivesse recebido a mínima dose de estupefaciente.

«Conseguiu-se, pois, sugerir ao cão uma injecção soporífera e o efeito produzido foi exactamente igual ao que produziria, se realmente tivesse sido dada.

Depois desta experiência, o sábio procedeu a outra. Um segundo cão foi submetido a uma corrente eléctrica muito forte. Como o efeito fosse desagradável, o animal defendia-se e só a muito custo a suportava. Mas um dia recompensaram-no com uma lambarice e o mesmo praticaram nos dias seguintes; desta maneira o cão compreendeu que depois de cada experiência podia contar com uma recompensa.

«Nesta prespectiva, o cão acabou por se habituar às experiências e suportou-as até sem oposição. Por fim, o cão estendia-se, sòzinho, sobre a mesa com todos os sinais de contentamento e esperava a corrente que, no começo, tanto o revoltara. Punha-se de costas e afastava as patas enquanto a saliva lhe corria da boca. Evidentemente, pensava na costumada lambarice, mas esquecera completamente as dores provocadas pela corrente, que eram bem reais.

«Poderia observar-se que em ambos os casos narrados se trata de cães, animais dotados de certa inteligência e bastante impressionáveis. Mas com as cobaias — vulgarmente conhecidas pelo no-

me de porquinhos da Índia e que passam por não inteligentes — dão-se reacções idênticas.

«Durante uns dias, um casal de cobaias era regularmente coçado atrás das orelhas, após o que lhe injectavam cerca de meio grama de sangue de carneiro. Como era de prever, o corpo dos porquinhos da Índia defendia-se contra o elemento estranho e produzia matérias anti-infecciosas (assim como o corpo humano aumenta o glóbulos brancos — em caso de infecção — destinados a devorar os micróbios e formando o pus). Durante duas semanas continuaram as injecções, contra as quais reagia, cada vez mais, o corpo que as suportava. Um dia, porém, cessaram as injecções; apenas coçavam os animais atrás das orelhas. Foi então que outro «milagre» se produziu; o corpo, enganado, continuava a agir como se as injecções não tivessem cessado; o corpo fabricava matérias anti-infecciosas mais abundantes que nunca !

«As experiências foram mais longe: incidiram nos seres minúsculos que vivem na água e são de uma construção primitiva; seres como aqueles que se obtêm de umas folhas de salada ou de um bocado de pão dentro de um copo de água, em repouso durante alguns dias; passados tempos descobrem-se uns pontos brilhantes em movimento ininterrupto: são micróbios inofensivos, com um quarto de milímetro de comprimento. Graças aos microscópios aperfeiçoados, pôde estudar-se a sua vida e os seus hábitos e, até, submetê-los a experiências. Sabendo-se que esses pequeninos seres preferem o frio, dividiu-se um aquário em duas metades: uma clara e quente e a outra escura e fria.

«Os micróbios habituaram-se a ficar na metade fria e conservaram essa posição mesmo quando os lados foram trocados.

«Habituados e enganados pelos dias precedentes, continuaram juntos do lado quente, se bem que preferissem o frio. Foi-se ainda mais longe. Puseram-se os mesmos micróbios num aquário poligonal, cuja forma não lhes permitia a deslocação senão segundo os ângulos do vaso. Aprenderam que não podiam nadar em linha recta, e que deviam adaptar-se à forma poligonal.

«O caso mais espantoso é o de um lúcio que morreu de fome por auto-sugestão. O lúcio — como se sabe — é um peixe do rio muito grande e voraz, tão voraz que é considerado o tubarão dos rios. O lúcio foi colocado dentro de um vaso e este, depois, alojado num outro vaso maior onde estavam uns peixes pequenos, vítimas vulgares do lúcio. Assim que os avistou, o lúcio carregou sobre eles, mas esbarrou na divisória de vidro que separava o seu recipiente do outro maior. Depois de alguns dias de tentativas infrutuosas, o lúcio e peixes pequenos ficaram na mesma água. Mas o lúcio tinha de tal forma perdido a esperança de se alimentar, que parava justamente no local onde antes esbarrava e, assim, morreu de fome.

«Estas experiências com animais levaram a outras com crianças recém-nascidas. Chegou-se a resultados análogos. Por exemplo: fez-se passar uma corrente de ar pelo rosto de alguns bébés, no momento em que gritavam. Ao mesmo tempo tangiam uma pequena sineta. Os recém-nascidos, surprendidos com a corrente de ar, deixavam de gritar, fechavam os olhos e acalmavam-se. Depois de muitas repetições, que produziam sempre o mesmo efeito, suprimiu-se a corrente de ar e apenas se tocava a sineta. Pois o resultado foi o mesmo !

«O cúmulo, porém, é o caso acontecido com um electricista, na América do Norte. O operário trabalhava numa fábrica eléctrica, onde se produzia uma corrente de alta tensão. A sua preocupação constante era o medo de apanhar a descarga mortal, embora soubesse que as necessárias precauções estavam tomadas. No entanto, um dia, tocou o cabo e, acto contínuo, caiu fulminado com todos os indícios de uma electrocussão. O corpo estava crispado, a pele vermelha e azulada. Ora, o inquérito revelou uma coisa pasmosa !

«No momento em que o operário tocava no cabo, a corrente estava interrompida; tinha sido cortada. O homem sucumbira a uma ideia preconcebida; a uma sugestão. E o facto mais extraordinário, é que o corpo apresentava os sinais característicos da electrocussão !»

O caso do electricista faz-nos lembrar o de condenado à morte que sucumbiu, não executado, mas em virtude de uma experiência de sugestão. Conta o Dr. Charles Richet que, depois de vendarem os olhos ao paciente, resolveram proceder-lhe a uma aparente extracção de sangue: primeiro, uma picada semelhante à das seringas usuais; depois fizeram-lhe correr um líquido sobre a perna, com a viscosidade e temperatura do sangue. Ao lado, o enfermeiro aparava a substância e contava em voz alta (para que ele ouvisse) o número de litros extraidos. O moral da pobre cobaia definhava a pouco e pouco, à medida que o sangue «corria», até que sobreveio a morte, quando o enfermeiro declarou que o paciente estava esgotado. Todavia, nem uma só gota de sangue lhe foi tirada e nem sequer a agulha da seringa lhe foi introduzida na epiderme...

Isto — ninguem duvide — integra-se admiràvelmente no aliciante sapítulo de «Os Milagres da Sugestão».

CONFERÊNCIAS DE LEOPOLDO MACHADO

Leopoldo Machado, que acaba de sofrer duro golpe com a partida da querida companheira para as regiões do Além, retirou-se para S. Lourenço, Estado de Minas Gerais, a fim de repousar das pesadas e dolorosas tarefas dos últimos meses. Como, porém, quando descansa, acarreta pedra, realizou ali, no Centro Espirita Auxiliadores Espirituais, uma semana de Cultura Espiritualista com seis conferências articuladas, em forma de lição, que valeram como um breve curso de Espiritismo.

Eis os títulos das conferências: «Duas Forças em Choque: Materialismo e Espiritualismo»; «Origem e Evolução do Moderno Espiritualismo»; «Verdades do Asserto de Augusto Comte: Os vivos são cada vez mais governados pelos mortos»; «As Profecias do Apocalipse Cumprem-se»; «O Papel da América no Mundo de Amanhã»; «O Que Tocará ao Brasil».

Como se vê, Leopoldo Machado continua a trabalhar como bom semeador que não larga a mão do arado, aproveitando os próprios momentos de repouso merecido para lançar à terra a boa semente da Doutrina. A sua operosidade, o seu estranho anseio de superação e o amor ilimitado às obras que fundou dão-lhe energias novas e levam-no aos mais arrojados cometimentos, pois ainda consegue arranjar meios de colaborar efectivamente em jornais profanos, com grande proficiência e denodo. Leopoldo Machado é um dos mais sólidos arautos do Espiritismo brasileiro.

Notas & Comentários

COMEMORAÇÃO DO DIA 18 DE ABRIL

Em consequência do 2.º Congresso Espirita Pan-Americano, foi reformado, em diversos pontos, o Estatuto da CEPA (Confederação Espirita Pan-Americana). Uma das novidades introduzidas nesse código, com satisfação geral, foi a seguinte: a data de 18 de Abril, que até então era comemorada no Brasil, passa a ser feriado espirita em toda a América, por proposta da Liga Espirita do Brasil, criadora do movimento pró comemoração do 18 de Abril. Devem, pois, os espiritas americanos essa feliz iniciativa à Liga Espirita do Brasil. O dia 18 de Abril é aniversário do «Livro dos Espíritos», de Allan Kardec.

UM RESSUSCITADO

Segundo conta o Psychic News, *na cidade americana de Harbororeek, Pensilvânia, um ex-empregado da* General Electric Company *entrou em coma em 1943 e despertou em 1949, exclamando:*

— Sinto que estive muito longe, durante muitos anos.

A família apelida o caso de «milagre fantástico» e seu filho Hubert diz que chorou de alegria ao ouvir a voz de seu pai.

— Parecia a voz de além-túmulo — acrescenta —. Ao chegarmos à cama onde ele se encontrava, perguntou-nos logo o ano em que estávamos.

O médico assistente não encontra a explicação científica do fenómeno.

O sr. Stanley — assim se chama o paciente — sofreu há seis anos um ataque de embolia e mergulhou em sono profundo, donde agora emergiu, sabendo que tinha duas noras (de carne e osso) e que lhe havia falecido a única filha, residente em Sidney, capital da Austrália.

Embora paralítico dos membros inferiores, o «ressuscitado» falou sem a menor dificuldade e sente-se feliz e com ânimo de enfrentar as vicissitudes da vida.

No fim de tudo isto, gostaríamos de ler o livro «Seis Anos Entre Dois Mundos» ou «As Memórias de Um Ressuscitado», da autoria do sr. Stanley, se ele tivesse podido coligir seus pensamentos e transmiti-los, em A, B, C, aos seus afortunados contemporâneos. Sempre seriam melhores que alguns volumes de capa azul que infestam os armários envidraçados de certas livrarias...

A INTELIGÊNCIA DO MACACO

Ao contrário do que muitos julgam, todos os macacos podem aprender a manejar utensílios e objectos. Pelo menos, assim o assevera o Dr. Kluver, dos Estados Unidos. Nem só os antropoides possuem faculdades intelectuais inerentes a uma espécie privilegiada na grande e variada família dos símios. Este naturalista descobriu que a amestração do macaco é mais profícua com brandura e solicitude, do que fazendo uso de meios autoritários e terroristas, como alguns sábios preconizam. O conhecido psicólogo Dr. Jellog escreveu um livro acerca de um chimpanzé, que educou junto de seu filho. O carinho e a paciência deste homem invulgar conseguiram verdadeiros milagres de adaptação animal que levam a profundas cogitações... Quer-me parecer que instinto e inteligência não são exclusivos do «rei da criação». Esses dois factores do progresso existem em todos os seres e muitos séculos passarão antes da psicologia delimitar verdadeiramente os campos de acção sensória, para então poder demonstrar com conhecimento o que agora afirma sem base científica.

GRANDE EXPERIÊNCIA PSICOGRÁFICA

O Dr. J. B. Rhine, ùltimamente objectivado como estudioso dos fenómenos telepáticos, recebeu uma carta do reverendo Frank A. Parish, residente em Long Beach, 6, Califórnia, narrando uma sessão de psicografia, na qual um médium norte-americano descreveu, de olhos vendados, 50 residências cujas fotografias se encontravam nos respectivos sobrescritos, em poder dos assistentes.

O reverendo experimentou a venda e declarou que impossibilitava absolutamente a visão do médium.

Essas 50 mensagens obtiveram inteira confirmação.

Parish tem 75 anos e diz que há 49 que se dedica ao estudo dos fenómenos psíquicos, sempre na plena posse de sua integridade física e mental. Atentem nisto os «espíritos fortes» que receiam «enfraquecer», dissipando algumas horas de ócio na observação das grandes maravilhas que se ocultam nos recessos do «eu» humano...

A TELEPATIA

O jornal News Chronicle, *de Londres, informa que em recente inquérito Gallup, duas pessoas entre cinco acreditavam na telepatia. Eis a percentagem obtida: 39 responderam afirmativamente; 38, negativamente; 23 responderam que não sabiam. O mais curioso é que as mulheres se mostraram mais inclinadas a crer do que os homens, o mesmo sucedendo aos novos com relação aos mais velhos... Será que as mulheres tenham mais apurada intuição do oculto e a nova geração venha apetrechada com novos elementos de progresso que sobrelevem em muito as* teias de aranha *de certos bípedes encanecidos pela teimosia ?...*

A FECHAR

Perguntaram a um sábio se a sabedoria era melhor do que a riqueza.

— Sem dúvida — respondeu ele.

— Então, — insistiram os curiosos — porque é que os sábios seguem os ricos, em vez de seguirem os sábios ?

— A resposta é simples, meus amigos. Os sábios, por serem sábios, compreendem o valor da riqueza, enquanto os ricos, sendo apenas ricos, ignoram o valor da sabedoria...

Noticiário

AS NOSSAS CONFERÊNCIAS

No dia 9 de Outubro corrente foram abertos os trabalhos do Centro E. Luz e Amor com uma conferência do coronel Faure da Rosa, intitulada «O Mistério do Sexto Sentido». Como sempre, este nosso colaborador apresentou um tema atraente e cheio de interesse psíquico. Foi um belo início do ano espírita que se viveu naquele dia.

Também Ramos Pereira realizou em 30 de Outubro uma conferência intitulada «O Estudo Metódico do Espiritismo», na qual esquematizou o programa de trabalhos a realizar no Centro Espiritualista Luz e Amor, durante o ano espírita 1949-50 e que teve o seu início em 5 de Novembro com a exposição de António Cardoso acerca dos «Fenómenos Magneto-hipnóticos».

AMIGOS DE ESTUDOS PSIQUICOS

Recebemos os seguintes donativos, que muito agradecemos:

F. M. G., do Rio de Janeiro	1.500$00
F. M. G., para propaganda	1.000$00
Dois colonos de Lourenço Marques ...	440$00

No nosso número de Agosto saiu um lapso que nos apressamos a desfazer. Assim, Aurélio Gomes enviou 40$00, em vez de 100$00, como se mencionou, faltando o nome de Francisco J. Martins, que enviou 100$00. A estes dois amigos de Lourenço Marques apresentamos as nossas desculpas e renovamos-lhes os nossos agradecimentos.

«SERÕES»

Sob a direcção do sr. Dr. João de Almeida Lucas, acaba de sair uma interessante revista intitulada *Serões* e destinada a propaganda cultural, nos seus mais variados aspectos. Impressa em óptimo papel e repleta de gravuras, como a sua homónima de há dezenas de anos, à qual Lopes de Mendonça emprestou o melhor do seu talento de escritor e novelista, apresenta-se com selecta colaboração de literatos, artistas e cientistas, tudo subordinado a elevado critério de bem servir a grei.

Ao seu director e a quantos nela trabalham, os nossos cumprimentos de boas-vindas, com votos sinceros de longa e próspera viagem literária.

TRABALHOS DO CENTRO NOS MESES DE DEZEMBRO E JANEIRO

Dia 1 de Dezembro, 5.ª feira, às 21,30 — Sessão doutrinária e de irradiação mental do Grupo Reper-Siam, dirigida por António Cardoso.

Dia 3 de Dezembro, sábado, às 21 horas — Palestra de Isidoro Duarte Santos no Grupo Gabriel Delanne, intitulada: «Telestesia e Criptoscopia». Uma hora depois funcionará o Grupo experimental Ernesto Bozzano, sob a direcção de Ramos Pereira e destinado aos seus componentes.

Dia 5 de Dezembro, 2.ª feira, às 21,30 — Sessão experimental do Grupo General Passaláqua, dirigida por António Cardoso.

Dia 8 de Dezembro, 5.ª feira, às 21,30 — Sessão doutrinária e de irradiação mental do Grupo Reper-Siam, dirigida por Isidoro Duarte Santos.

Dia 11 de Dezembro, domingo, às 16 horas — Sessão mediúnica do Grupo General Passaláqua, destinada a todos os sócios e dirigida por José F. Cabrita.

Dia 15 de Dezembro, 5.ª feira, às 21,30 — Sessão doutrinária e de irradiação mental do Grupo Reper-Siam, dirigida por António Cardoso.

Dia 17 de Dezembro, sábado, às 21 horas — Palestra de José F. Cabrita no Grupo Gabriel Delanne, intitulada «Os Enigmas da Psicometria». Uma hora depois, funcionará o Grupo experimental Ernesto Bozzano, sob a direcção de Ramos Pereira e destinado aos seus componentes.

Dia 19 de Dezembro, 2.ª feira, às 21,30 — Sessão experimental do Grupo General Passaláqua, dirigida por António Cardoso e destinada aos seus componentes.

Dia 22 de Dezembro, 5.ª feira, às 21,30 — Sessão doutrinária e de irradiação mental do Grupo Reper-Siam, dirigida por José F. Cabrita.

Dia 26 de Dezembro, 2.ª feira, às 21,30 — Sessão experimental do Grupo General Passaláqua, dirigida por António Cardoso e destinada aos seus componentes.

Dia 29 de Dezembro, 5.ª feira, às 21,30 — Sessão doutrinária e de irradiação mental do Grupo Reper-Siam, dirigida por Isidoro Duarte Santos.

Dia 1 de Janeiro, domingo, às 16 horas — Sessão mediúnica do Grupo General Passaláqua, destinada a todos os sócios e dirigida por José F. Cabrita.

Dia 5 de Janeiro, 5.ª feira, às 21,30 — Sessão doutrinária e de irradiação mental do Grupo Reper-Siam, dirigida por António Cardoso.

Dia 7 de Janeiro, sábado, às 21 horas — Palestra de Ramos Pereira no Grupo Gabriel Delanne, intitulada «Fenómenos de Incorporação». Uma hora depois funcionará o Grupo experimental Ernesto Bozzano dirigido pelo mesmo confrade e destinado aos seus componentes.

Dia 9 de Janeiro, 2.ª feira, às 21,30 — Sessão experimental do Grupo General Passaláqua, dirigida por António Cardoso e destinada aos seus componentes.

NOTA — As sessões são privativas dos sócios com as cotizações em dia, devendo para isso munirem-se da última cota paga. As palestras são extensivas a estranhos, acompanhados por sócios no pleno uso de seus direitos.

AVISO AOS SÓCIOS

A Direcção do Centro Espiritualista Luz e Amor pede a todos os sócios que se façam acompanhar da última cota paga, sempre que assistam a qualquer trabalho na sede e incluido no programa do mês. Esta deliberação tem por fim impedir a entrada de indivíduos estranhos à colectividade, que se façam passar por sócios.

Livros da Editora "O Pensamento"

Chegaram ao nosso Depósito as seguintes obras da Livraria Editora O PENSAMENTO, as quais podem ser enviadas à cobrança, acrescidas das respectivas taxas, ou adquiridas nesta redacção.

OBRAS DE FRANCISCO V. LORENZ

Bhagavad Gitâ (o livro sagrado dos hindus)	28$00
Cabala (Os ensinos da tradição hebraica)	22$00
Homeopatia Doméstica	18$00

OBRAS DE W. W. ATKINSON E BEALS

Consciência (A) Interna	24$00
Cultura (A) do Pensamento	22$00
Fascinação Mental	30$00
Força (A) do Pensamento	26$00
Leitura Prática do Pensamento	15$00
Mente (A) e o Corpo	35$00
Poder (O) do Desejo	24$00
Poder (O) da Regeneração	24$00
Vidência (A) pela Bola de Cristal	18$00

OBRAS DE PRENTICE MULFORD

Cultura (A) da Coragem	20$00
Felicidade (A) pelo Pensamento	15$00
Leis da Saúde e da Alimentação	15$00
Nossas Forças Mentais (Obra monumental em 4 volumes primorosamente encadernados)	200$00

OBRAS DO YOGI-RAMACHARACA

Ciência (A) da Cura Psíquica	26$00
Cura Prática pela Água	18$00
14 Lições da Filosofia Yogi	35$00
Ciência Yogi da Respiração	22$00
Forças (As) Subtis da Natureza	28$00
Gnana Yoga (os poderes do homem e as forças naturais)	35$00
Hatha Yoga (segredo da energia e do vigor)	35$00
Raja Yoga (desenvolvimento das forças latentes)	35$00
Vida (A) Depois da Morte	25$00

OBRAS DE A. VAN DER NAILLEN

Baltazar, o Mago	35$00
No Santuário	30$00
Nos templos do Himalaia	35$00
Templo (O) do Silêncio	15$00

OBRAS DIVERSAS

Clarividência e Psicometria, por G. Phaneg	20$00
Curso de Iniciação Esotérica	40$00
Cruz (A) de Caravaca (colecção de preces várias)	8$00
Dicionário de Ciências Ocultas	18$00
Diário dos Invisíveis, obra psicografada por Zilda Gama	24$00
Dogma e Ritual de Alta Magia, por Elifas Levi	100$00
Ensaio Sobre a Evolução da Ideia, por Barlet	18$00
Filosofia Vedanta, por Swani Vivekânanda	24$00
Força (A) que Paralisa a Bala, por A. Loester	15$00
Forças Ocultas	40$00
Grafologia (arte de descobrir o carácter pela escrita, útil aos que desejam conhecer aqueles que os rodeiam)	45$00
Grande (O) Arcano, ou Ciência dos Magos, por Elifas Levi	52$00
Higiene e tratamento Homeopático das Doenças Domésticas (obra importantissima do Dr. Alberto Seabra)	75$00
Hipnotismo (Do Instituto de Ciências Herméticas)	45$00
Iniciação (A) de Jesus, por S. Clymer	8$00
Iniciado (O) Indiano e a Feiticeira Russa, por Charles Lancelin	15$00
Iniciativa (A), a Coragem e a Audácia, por G. A. Mann	22$00
Lei (A) do Mentalismo, por A. V. Segno	28$00
Luz no Caminho, por Mabel Collins, tratado clássico de ocultismo	16$00
Magnetismo (do Instituto de Ciências Herméticas)	45$00
Magnetismo Pessoal, por Henri Durville	30$00
Medicina Oculta (Do Instituto de Ciências Herméticas)	45$00
Mistérios (Os) Iniciáticos, por Henri Durville	28$00
Prolonguemos a Vida, por Jean Finot	15$00
Profecias de Nostradamus (obra sensacional contendo as profecias deste célebre vidente até Outubro de 1999, livro que bateu o *record* de vendas no Brasil, por Marques da Cruz	80$00
Pensamentos (Os) são Coisas, por Edward Walker	14$00
Problema (O) do Além, pelo Dr. Alberto Seabra, obra de caráctaer científico	30$00
Projecção de Eflúvios Vitais, por A. Lália-Paternostro	20$00
Radiopatia (do Instituto de Ciência Herméticas)	45$00
Ritual de Magia Divina (colecção de preces ocultas)	24$00
Sabedoria (A) e o Destino, por Maurice Maeterlinck	28$00
Sessões Espiritas (como se organizam), por A. Arnold	22$00
Sonhos e Visões (Sua interpretação)	26$00
Tesouro (O) dos Humildes, por Maurice Maeterlinck	28$00
Usina (A) Humana, por Henri Durville	35$00
Viagem (A) Astral, por M. Ernest Bosc	28$00

Obras de outras Editoras

Alma (A) e o Subsconsciente, pelo Dr. Alberto Seabra	22$00
António de Pádua, por Almerindo M. de Castro	18$00
Bezerra de Meneses, o Médico dos pobres	20$00
Ciência, Religião, Fanatismo, por *Minimus*, Br. 12$00; Enc.	22$00
Corpo e Espírito, pelo Dr. Carlos Imbassahy. Br. 22$00 — Enc.	32$00
Destino (O) Humano, pelo Dr. Lobo Vilela	24$00
Flores de Outono, poesias de um poeta leproso, por Jesus Gonçalves — Brochado 16$00, encadernado	26$00
Heroinas (As) de Hydesville, por Alfredo Miguel	15$00
História (Comentários à) das Religiões, por Arnaldo S. Tiago	25$00
História de Catarina, por R. Hermindo, dedicada às crianças das escolas espiritas	16$00
Iluminação, as mais belas poesias espiritas de Leopoldo Machado	16$00
Inquérito Original (É admitida a música nas sessões espiritas?», por Leopoldo Machado	8$00
Irmãos de Jesus, belo estudo de Kruger Matos	10$00
Jerusa, romance mediúnico recebido por Carmo Bianco	22$00
Livro (O) de Tobias	6$00
Mediunidade sem Lágrimas, por Eliseu Rigonnati	15$00
Meios (Os) Físicos e Naturais na Profilaxia e Cura, pelo Dr. Fred Wachsmann	28$00
Memórias do Padre Germano — Brochado 38$00, encadernado	50$00
Meneses (Os), romance espirita do Dr. Carlos Imbassahy	20$00
Mistério (O) das Sombras, por Alexandre Dias	12$00
No Caminho da Espiritualidade	15$00
Noções de Filosofia Espirita	3$00
Orador (O) Espirita, por Eliseu Rigonatti	10$00
Organização Federativa (Como organizar federações espiritas)	12$00
Para o Alto, formoso livro dos mais belos apólegos espiritas, por Leopoldo Machado	20$00
Pérolas Ocultas, por Abel Gomes	14$00
Personalidade (A) de Jesus, por Leopoldo Cirne	10$00
Prontuário das Obras de Allan Kardec	5$00
Redenção, grande romance ditado pelo Espírito de Victor Hugo, br. 32$00 — encadernado	42$00
Região em Litígio Entre este Mundo e o Outro, por Robert Dale Owen	35$00
Salvação pelo Fé ou pelas Obras?, por Romeu Amaral Camargo	18$00
Serviço (Ao) do Mestre, por Arnaldo S. Tiago	16$00
Síntese do Novo Testamento, por Minimus — enc. 25$00; enc.	37$00
Teatro Espiritualista, contendo varios trabalhos de Leopoldo Machado, já representados com êxito	18$00
Transformismo, por Ferreira Diu	35$00
Ultimos Contos, de Alexandre Dias	10$00
Uma Nova Ciência (defesa da Metapsiquica), dedicada à ciência médica, pelo Dr. Mário Azambuja. Br. 10$00, enc.	22$00
Viagem ao Século Trinta, por Manuel S. Teixeira	10$00
Valor e Nobreza, por Pedro Santos Boero	20$00

Auxílio aos Necessitados

Destinados à Subscrição do Natal, recebemos mais os seguintes donativos, que muito agradecemos:

Transporte do número anterior	2.280$00
Dois colones de Lourenço Marques	440$00
Cristiano de Almeida Henriques	30$00
Jorge Augusto Raimundo	10$00
Sebastiana C. Abreu	10$00
Gertrudes Ferreira Rodrigues	10$00
António Cardoso	20$00
Elisa Fernandes Gomes	20$00
Por M. H. S. B.	100$00
A. J. Martins	50$00
Inocêncio Noronha Dias	50$00
António José Costa Félix	37$00
Cecília Mesquita Guerra	20$00
Anónimo	20$00
Maria de Vasconcelos	15$00
Anónimo	5$00
Maria Luiza Leal Bravo	40$00
João de Deus Santana da Fonseca	20$00
Manuel Marecos Henriques	20$00
Maria Amélia Marecos Henriques	10$00
Estevão Ferreira Alho	10$00
Cesaldina Gonçalves	10$00
Alfredo Sequeira	10$00
Fernando da Cruz Ferreira	50$00
J. Pais de Carvalho	10$00
Artur Levi Gomes	10$00
António Simões Froes	32$00
Lília Costa e Silva	20$00
Maria Conceição S. Santos	40$00
Augusto	30$00
	3.429$00

Obras de Ciências Psíquicas e Filosofia Neo-Espiritualista

(em depósito nesta redacção)

	br.	enc.
DR. INACIO FERREIRA		
Conselhos a Meu Filho		15$00
Espiritismo e Medicina	18$00	30$00
Novos Rumos à Medicina, livro célebre, muito ilustrado, descreve os métodos da cura psíquica do Sanatório de Uberaba — 1.º volume		50$00
Têm Razão?, resposta magistral aos ataques feitos ao Espiritismo	40$00	52$00
FRANCISCO CÂNDIDO XAVIER (Médium)		
Agenda Cristã, pelo *Espírito de André Luiz*	12$00	
Alvorada Cristã, pelo *Espírito de Neio Lúcio*, livro maravilhoso e educativo, para crianças de todas as idades	16$00	
Boa Nova (quadros evangélicos), ditados pelo *Espírito de Humberto de Campos*	18$00	30$00
O Consolador, pelo *Espírito de Emmanuel*, resposta a 461 perguntas	20$00	32$00
Cartilha da Natureza, pelo Espírito do poeta Casimiro Cunha	18$00	
Crónicas de Além-Túmulo, ditadas pelo *Espírito de Humberto de Campos*	20$00	
Emmanuel, repertório de ensinamentos cristãos, ditados pelo Espírito de *Emmanuel*	18$00	
Há dois mil anos, romance empolgante ditado pelo *Espírito de Emmanuel* (nova edição)	30$00	42$00
50 Anos Depois, continuação do romance supra, pelo *mesmo autor*	30$00	42$00
Lázaro Redivivo, pelo *Espírito do irmão X* Humberto de Campos	25$00	
Luz Acima, crónicas pelo *Espírito de Humberto de Campos*	22$00	34$00
Mensageiros (Os), pelo *Espírito de André Luiz*	26$00	38$00
Missionários da Luz, pelo *Espírito de André Luiz*, obra dedicada às pessoas cultas	32$00	46$00
Nosso Lar, pelo *Espírito de André Luiz*	26$00	40$00
No Mundo Maior, pelo *Espírito de André Luiz*	26$00	40$00
Novas Mensagens, do *Espírito de Humberto de Campos*	22$00	34$00
Obreiros da Vida Eterna, pelo *Espírito de André Luiz*	32$00	46$00
Parnaso de Além-Túmulo (maravilhosa colectânea de poesias ditadas por espíritos de poetas luso-brasileiros), Nova edição melhorada	40$00	54$00
Renúncia, romance empolgante e consolador, destinado aos tristes e desesperados, ditado por *Emmanuel*	35$00	50$00
Reportagens de além-túmulo, pelo *Espírito de Humberto de Campos*	26$00	37$00
Volta Bocage, Sonetos pelo *Espírito de Bocage*	12$00	

	br.	enc.
OBRAS DIVERSAS		
Almas Crucificadas, empolgante romance mediúnico, ditado pelo *Espírito de Vítor Hugo*	35$00	50$00
Análise das Coisas, pelo *Dr. Paulo* Giber	18$00	30$00
Barqueira do Júcar, romance mediúnico, recebido por *J. F. Colavida*	20$00	32$00
Beijo (O) da Morta, romance mediúnico recebido por *Celestina Arruda Lança*	22$00	34$00
Bem (A) da Verdade, refutação da teoria do corpo fluídico de Jesus, pelo Dr. Henrique de Andrade	40$00	
A Casa Assombrada, romance pelo *Dr. Bezerra Meneses*	26$00	38$00
A Casa Assombrada, por *Maria Veleda*	15$00	
O Caso Humberto de Campos, descrição do célebre processo judiciário movido à Federação E. Brasileira e ao médium Francisco Cândido Xavier, da autoria de *Miguel Timponi*. Um grosso volume	24$00	38$00
Chanceler (O) de Ferro, empolgante romance mediúnico ditado pelo *Espírito do Conde de Rochester*	42$00	56$00
Cinquenta e Duas Lições de Catecismo Espírita, por *E. Rigonati*	8$00	
Ciência Divina, pelo *Espírito de Jaime Braga*, recebido pelo médium *Doutor Porto Carreiro Neto*	26$00	38$00
Claustro (O), romance realista acerca da vida eclesiástica, por *Manuel Arão*		35$00
Conselhos a Meu Filho, (colectânea de ensinamentos morais muito interessantes), pelo *Dr. Inácio Ferreira*		15$00
Contribuições para o Espiritismo, por *Alexandre Dias*	12$00	
Cristianismo (O) do Cristo e o dos seus vigários, pelo *Padre Alta*	35$00	50$00
Cruzada Redentora, romance reencarnacionista de fundo histórico, por *António Lima*	40$00	54$00
Didaquê Espírita, por *Carlos Lomba*, Curso completo de Espiritismo para crianças de 6 a 14 anos	12$00	
Do Calvário ao Apocalipse, pelo *Espírito de Bittencourt Sampaio*	26$00	38$00
Do Calvário ao Infinito, grande romance mediúnico, ditado pelo *Espírito de Vítor Hugo*	42$00	56$00
Domínio Nefando, por *Arlindo Colaço*		24$00
Doutrina (A) de Jesus, por *Vinicius*	7$00	
Eça de Queiroz Póstumo (Comunicações de Eça de Queiroz ditadas a Fernando de Lacerda)	24$00	36$00
Elucidações Evangélicas (resumo da obra de Roustaing), pelo *Dr. António Luiz Saião*	45$00	60$00
Entre dois mundos (romance), por *Antoinette Boudin*	20$00	32$00

(Continua na 4.ª página de capa)

	br.	enc.
Espiritismo e Medicina, obra em que o autor faz sua profissão de fé espirita, pelo *Dr. Inácio Ferreira*	18$00	30$00
Espiritismo (O) à luz dos Factos pelo *Dr. Carlos Imbassahy*	30$00	44$00
Espírito (O) Consolador, pelo *Padre Marchal*	26$00	40$00
Espiritismo (O) e os Problemas Humanos, por *Deolindo Amorim* ...	22$00	
O Espirito do Cristianismo, por *Cairbar Schutel*, um grosso volume ...		45$00
Expiação, por *Areolindo Gorjão*	20$00	32$00
Factos Espiritas, por *William Crookes*	16$00	28$00
Fazenda (A) Mal Assombrada, romance por *Alexandre Dias*	20$00	
Fenomenologia Mediúnica, tese de doutoramento do Dr. O. Emboaba	18$00	
Fundamentos Científicos do Espiritismo, pelo *Dr. Azevedo e Silva*	10$00	
Funerais da Santa Sé *(Poesias ditadas pelo Espírito de Guerra Junqueiro)*	24$00	38$00
Grandes e Pequenos Problemas (aplicações do Espiritismo aos problemas da vida), por *Angel Aguarod*	18$00	30$00
Granja do Silêncio (A), por *Paul Bodier*	20$00	32$00
Herculanum, romance mediúnico ditado pelo *Espírito do Conde Rochester*	37$00	50$00
Jesus Perante a Cristandade, pelo *Espírito de Bittencourt Sampaio*	25$00	
Livre-arbítrio e determinismo, por *Louis Gastin*	5$00	
Lídia, romance mediúnico, recebido por *J. Suriñac*	24$00	
Loucura (A) sob Novo Prisma, pelo *Dr. Bezerra de Meneses*	17$00	29$00
Magnetismo e Hipnotismo Curativo, por *Alfonse Bué*	32$00	44$00
Marieta (páginas de duas existências), romance medúnico, recebido por *Daniel Artazú*	26$00	38$00
Martírio (O) dos Suicidas, por *Almerindo Martins de Castro*	18$00	30$00
Mediunidade, pelo Comandante Edgar Armond — Estudo prático da mediunidade	25$00	
Memórias de uma alma, romance mediúnico, recebido por *J. Suriñac* ...	24$00	
Na Sombra e na Luz, grande romance mediúnico, ditado pelo *Espírito de Vitor Hugo*	35$00	50$00
Nas Pègadas do Mestre, por *Vinicius*	26$00	38$00
Nova (A) Luz, ditado mediúnico de crítica a Maeterlinck, por *George Déjean*	24$00	36$00
Novas Elucidações do 4.º Evangelho, por *João Evangelista*	20$00	32$00
Outro (O) Lado da Vida, por *Carl du Prel*	22$00	
Parábolas e Ensinos de Jesus, por *Cairbar Schutel*		45$00
Pela Vitória do Espírito, pelo *Dr. Fred Wachsmann*, de colaboração com Isidoro Duarte Santos	50$00	
Problema (O) da Sobrevivência, pelo *Dr. A. Lobo Vilela*	12$00	
Protestantismo (O) e o Espiritismo, por *Benedito A. da Fonseca*	16$00	28$00
Os Quatro Evangelhos, de *J. B. Roustaing*, 4 volumes		200$00
Revelações de Além-Túmulo, pelo *Dr. Antão de Vasconcelos*	30$00	44$00
Roma e o Evangelho, por *J. Amigó y Pellicer*	26$00	40$00
Rosário (O) de Coral, pelo *Dr. A. Wylm*, médico neurologista	20$00	34$00
Sessões Práticas do Espiritismo, por *Spártaco Banal*	10$00	
Sobrevivência e Comunicação dos Espíritos, por *Osvaldo Melo*		25$00
Sonâmbula (A), romance espírita, por *António Lima*		34$00
Spiritus Maledictus, romance mediúnico recebido por *J. Suriñac*	18$00	
Trabalho (O) dos Mortos, descrição de sessões de materialização, com muitas gravuras, pelo *Dr. Nogueira de Faria*		60$00
Verdade (A) Espiritualista, por *C. Picone Chibdo*	10$00	20$00
Vida e Actos dos Apóstolos, por *Cairbar Schutel*		40$00
Vingança (A) do Judeu, romance ditado pelo *Espírito do Conde Rocester*	42$00	56$00
Voz (A) do Antigo Egito, por *Vladomiro Lorenz*, o caso estranho das comunicações de *Rosemary*	20$00	32$00
Vozes (E as) falaram, novela empolgante, por *Fernando do Ó*	22$00	

Secção Musical

Hino ao Espiritismo, música para piano de *S. A. de Macedo* e letra de *Nelson Kerensky*	6$00	
Almas Gémeas, tango-canção para piano, música de *Oli de Castro* e letra do *Espírito Emmanuel*	6$00	
Canção da Alegria Cristã, música para piano de *Oli de Castro* e letra de *Leopoldo Machado*	6$00	

Leitura para Crianças

O Espiritismo na Infância, por *António Lima*	12$00	
O Meu Diário, por *António Lima* ...	12$00	
O Evangelho das Crianças, por *António Lima*	*12$00*	

Nêstes preços não está incluido o porte do correio. Enviam-se remessas à cobrança, para o continente e ilhas Adjacentes. Para as colónias e estrangeiro, só contra pagamento adiantado, que deve incluir 10 % para porte, registo e embalagem.

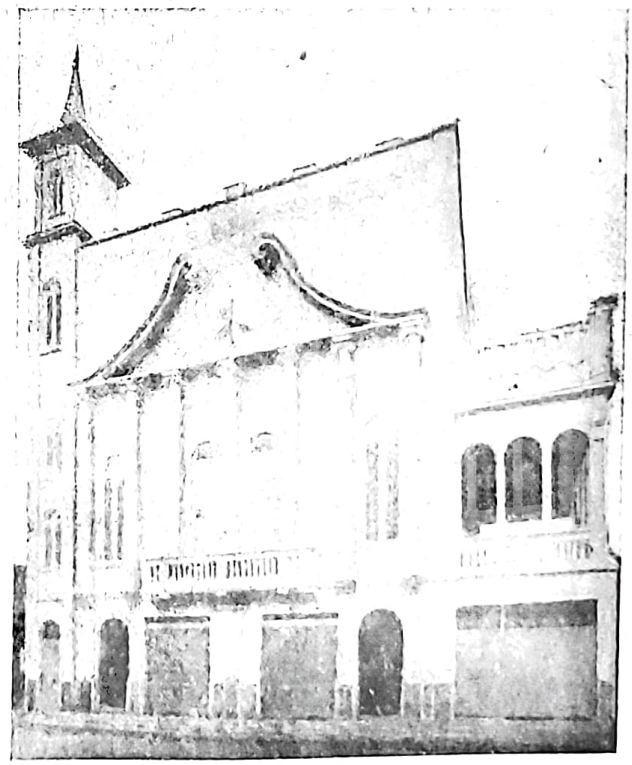
«Estudos Psiquicos» encontra-se à venda em todo o país, ilhas, colónias e no Brasil

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

ESTUDOS PSIQUICOS

Mensário de Estudos Psíquicos e Neo-espiritualismo Experimental

CONTÉM: Balanço, da **Redacção**; O Caso Ubaldi — Do Ponto de Vista Teológico, pelo **Dr. Gaetano Blasi**; Confederação Espirita Argentina; Correspondências Cruzadas, pelo **Coronel Faure da Rosa**; Misoneismo ou Ódio às Ideias Novas, por **Rufino Juanco**; Expressão Mediúnica, por **Henrique Magalhães**; A Posição Doutrinária do Espiritismo no Brasil (Tese apresentada pela Liga Espirita do Brasil ao II Congresso Pan-Americano); Lendo o Livro Pierino Gamba—Impressões de **Pietro Ubaldi**; Doutrinas Novas, por **Djalma Farias**; O Segredo da Morte, por **Júlia Lopes de Almeida**; Herois Anónimos, por **Huberto Rohden**; A Ética e o Social, por **A. Ramos Pereira**; Moral Dupla, por **Tito L. Bancéscu**; Academia Espirita Nova Jerusalem; O Elo Perdido — Reposta a Rufino Juanco, por **F. Noronha**; Espiritismo Caritativo, por **Túlio A. Rosa**; Sorria Sempre, por **Corina Novelino**; História de «Silver Birch» Contada por Ele Mesmo, por **B. B. Martins**; Kamala, por **António Cardoso**; Metagnomia Provocada, por **Akar**; Renascer de Novo, por **António J. Martins**; Crónica Estrangeira, por **Isidoro Duarte Santos**; Notas & Comentários; Noticiário



A Sinagoga Espírita Nova Jerusalém

(Ver pág. 379)

10.º ANO DEZEMBRO DE 1949 N.º 12

ESTUDOS PSÍQUICOS

REVISTA MENSAL — AO SERVIÇO DO ESPIRITISMO LUSO-BRASILEIRO

Rua do Salitre, 149, 1.º — LISBOA

Propriedade de ISIDORO DUARTE SANTOS, a quem deve ser dirigida toda a correspondência

REDACTORES — CORRESPONDENTES

Rio de Janeiro	*Deolindo Amorim*	Buenos Aires	*Dr. Luís Postiglioni*
Nova Iguassú	*Leopoldo Machado*	Paris	*Henri Regnault*
Uberaba	*Dr. Inácio Ferreira*	Liège	*Achille Biquet*
Pernambuco	*Capitão Nelson Kerensky*	Baurú	*Nabor da Graça Leite*
Baia	*Alfredo Miguel*	Santiago do Chile	*Ernesto Moog*
Porto Alegre	*Dr. Paulo Hecker*	México	*Rufino Juanco*
Gubbio, Itália	*Dr. Pietro Ubaldi*	Rosário	*Tito Livio Bancéscu*
Ponta Negra	*António J. Martins*	Índia Portuguesa	*Raul Sepúlveda Fontes*
Belo Horizonte	*Dr. Noraldino de M. Castro*		

REPRESENTANTES NO BRASIL

Rio de Janeiro	*José Bittencourt A. Coutinho*	Fortaleza	*José Borges dos Santos*
Campos	*Clóvis Tavares*	Franca	*Dr. Agnelo Morato*
Curitiba	*João Ghignone*	Cruzeiro	*José Zácaro Neto*
Vitória	*Dr. Airton Loureiro Machado*	Passo Fundo	*Ney Vaz da Silva*
Porto Alegre	*José Simões de Matos*	Sacramento	*Corina Novelino*
Ribeirão Preto	*Dr. Jaime Monteiro de Barros*	Rio Preto	*Leónidas Gois*
Taubaté	*Geraldo de Oliveira*	Juiz de Fora	*Orville Derby Dutra*
Belo Horizonte	*Centro Luz e Humildade*	Pelotas	*Dr. Djalma de Matos*
Natal	*Filipe Soares de Melo*	Bajé	*José Ferreira da Mota*
Maceió	*Jaime Xavier da Silva*		

Mário Caeiro Alves — representante em viagem no interior do Brasil

Os artigos assinados são da responsabilidade dos seus autores ★ Não se devolvem originais, sejam ou não publicados

ASSINATURAS

Continente (cada série de 6 números, não incluindo as despesas de cobrança), 25$00—Brasil (12 números), Cr. $50,00, ou 60$00—Colónias (12 números) moeda equivalente a 60$00—Número avulso 4$50 — Número atrasado, 5$00.

Orgão do Centro Espiritualista Luz e Amor, de Lisboa, e da Maternidade Casa da Mãe Pobre, do Rio de Janeiro

Obras de Ciências Psíquicas e Filosofia Neo-Espiritualista

(em depósito nesta redacção)

	br.	enc.
ALLAN KARDEC		
O que é o Espiritismo	14$00	
O Livro dos Espíritos	28$00	42$00
O Livro dos Médiuns	28$00	42$00
O Evangelho Segundo o Espiritismo	28$00	42$00
O Céu e o Inferno	28$00	42$00
A Génese (nova edição)	28$00	42$00
Obras Póstumas	28$00	42$00
LÉON DENIS		
Catecismo Espirita	7$00	
Cristianismo e Espiritismo	30$00	42$00
Depois da Morte	35$00	50$00
O Além e a Sobrevivência		22$00
O Grande Enigma	18$00	30$00
O Porquê da Vida (nova edição)	24$00	36$00
O Problema do Ser e do Destino (nova edição)	36$00	48$00
El Problema del Ser e del Destino		50$00
No Invisível (nova edição)	36$00	48$00
GABRIEL DELANNE		
A Alma é Imortal	28$00	42$00
O Espiritismo Perante a Ciência	28$00	42$00
ERNESTO BOZZANO		
A Crise da Morte	20$00	
Fenómenos de Transporte		18$00
Metapsiquica Humana	20$00	
Pensamento e Vontade	15$00	
CAMILLE FLAMMARION		
Casas Mal Assombradas	28$00	40$00
Deus na Natureza	36$00	50$00
Sonhos Estelares	24$00	
Stella (romance astronómico	26$00	38$00

(Continua na 3.ª página de capa)

ESTUDOS PSIQUICOS

Mensário de Estudos Psíquicos e Neo-espiritualismo Experimental
(ao serviço do Espiritismo luso-brasileiro)

10.º ANO — LISBOA, DEZEMBRO DE 1949 — N.º 12

Redactores: Ramos Pereira, António Cardoso | Director, Editor e Proprietário: Isidoro Duarte Santos | Administrador: Maria Gonçalves D. Santos

Redacção e Administração: RUA DO SALITRE, 149-1.º — LISBOA

Composto e Impresso na EDITORA GRÁFICA PORTUGUESA, LDA. — Rua Nova do Loureiro, 20 — Telefone 2 5295 — LISBOA

BALANÇO

Neste Dezembro incerto de 1949, cabe um pequeno balanço do trabalho realizado em doze meses de actividade. Claro, que não vamos enumerar os empreendimentos que mereceram a nossa atenção e foram concretizados em factos palpáveis que pertencem à história do Espiritismo. Isso é com os outros. O balanço que nos interessa é diferente. Pertence ao foro íntimo. Obriga-nos a falar com um sósia que muitas vezes nos critica e censura e que outras nos aplaude sem reservas.

Que fizemos nós em benefício da Doutrina? Foi muito? Foi pouco? Foi o bastante? O homem tem obrigação de superar-se a si próprio em todos os actos bons da vida. A esta marcha ascendente chamam alguns desejo de glórias vãs. Outros lhe chamam calvário de redenção. Cada um analisa a seu modo. Não há duas opiniões iguais.

Nós também temos a nossa opinião. Há quem diga que fizemos muito. Modos de ver na relatividade do tempo e do esforço. Fraca é a nossa força, restrito o nosso ambiente. Nem que ele abrangesse o mundo, ainda era pequeno. sboçámos um passo, andámos alguns centímetros. A jornada é tão grande!... A Doutrina é tão bela!... Nem que fizéssemos cem vezes mais, seríamos dignos de bons discípulos do Mestre.

O balanço deixa-nos tristes. Senão, vejamos: Elevámos o Ideal como era necessário? Estreitámos os laços fraternais existentes e criámos outros em natural expansão de sentimentos? Fomos cristãos? Mais: fomos espiritas? Duvidamos. Quem prega tem que andar por caminho estreito e nós recorremos ainda à estrada larga. Somos humanos, mas os olhos devem olhar para o alto, em sublime transcendência. Somos humanos, mas temos asas de glória que podem galgar as alturas. Somos humanos, hoje; amanhã seremos deuses.

Mas o que fizemos foi esboço e não programa. Delineámos obras, fizemos cálculos, tentativas várias. Nada mais. Temos um mundo de coisas úteis no círculo máximo da nossa visão. Quantas vidas serão precisas para o materializar em obras meritórias?

Este desejo intenso é prova da imortalidade do espírito. Se a morte física representasse, em verdade, o fim de tudo, o pensamento humano seria limitado, não ascenderia a tamanhas alturas. Mas não. Ele sobe, difunde-se, inflama-se, adapta-se, remoinha, vibrando intensamente.

Esse é o nosso martírio: termos asas e ficarmos presos ao chão, à crosta das paixões, sem força para subir mais alto.

Um balanço desolador, o nosso. Vemos lacunas que é preciso encher; fendas que é preciso calafetar. E o tempo urge. Os minutos não esperam pela nossa ociosidade. Correm vertiginosamente. Não ligamos importância às coisas mínimas? Das coisas pequenas nascem as grandes. Depois, dizemos que o peso é enorme, que não podemos com ele. Pobres de nós, que nem tanto merecemos! Se fosse menor a nossa cruz e menos acerado o aguilhão, continuaríamos a blasfemar e a guardar para amanhã a tarefa de hoje.

Por isso nós sentimos ter feito pouco do muito que poderíamos fazer. Assumimos responsabilidade maior perante nós mesmos e somos obrigados a estugar o passo, a fim de recuperar o tempo que perdemos. Com maior peso, a marcha será mais dura, mais penosa. Mas temos de empreendêla, com todas as consequências do nosso desleixo. Ainda bem que a vida continua. Não há delitos irremissíveis. Todos os actos humanos dignos de sanção podem ser neutralizados. Temos a eternidade à espera. A felicidade está ao alcance da nossa mão. Colher uma flor implica perda de sangue? É o contraste implacável da vida em seus desígnios imponderáveis. Rindo ou chorando, fixemos a obra. Não percamos a fé. Não deixemos esmorecer o entusiasmo.

O balanço da hora presente é este. Não podia ser outro. Sirva-nos de lição. Aprendamos nele a temperar as virtudes que nos engrandecerão aos olhos da consciência e nortearão as gerações de amanhã.

O Caso Ubaldi

DO PONTO DE VISTA TEOLÓGICO

JÁ estudámos a personalidade de Ubaldi sob o aspecto psicológico e metapsíquico; para completar o nosso estudo devemos observá-lo sob o ponto de vista teológico e não outro, porque o facto de serem postos no *index* os seus dois livros (*A Grande Síntese* e *Ascensão Mística)* originou um porta-voz do Tribunal Eclesiástico (P. Cordovani) publicar uma sentença contra Ubaldi (ver *Osservatore Romano,* n.º 268, de 15-11-939), completamente oposto às nossas observações.

Não queremos, por forma alguma, invadir um compo que não é nosso e censurar a obra da Congregação do Santo Ofício, cujos cardiais *rebus fidei ac morum tutandis præpositi* encontraram na obra de Ubaldi um perigo constante e efeito pernicioso para a religião e os costumes. Ubaldi pode ou não ter errado na exposição escrita das suas concepções, mas, para nós, a sua boa-fé é indubitável como as investigações psicológicas o demonstraram. Limitamo-nos, portanto, a rectificar algumas afirmações contrárias... «que o livro parece feito de propósito para confundir a inteligência, para semear as trevas nas consciências...».

Como se Ubaldi fosse um tratante consciente ou o expoente de quaisquer tenebrosos e diabólicos interesses. Parece, no entanto, que o supracitado porta-voz pende mais para a hipótese patológica, confessa ignorar a personalidade do escritor e afirma :

«Parece dominado pela paixão do bem, mas com a mente transtornada...» e ainda que «... tudo isto não é só bagagem de quem veja coisas que os outros ignoram, é um verdadeiro delírio...».

Coisa alguma de mórbido ou de anormal se encontrou na personalidade de Ubaldi em todas as nossas observações; e, sob o ponto de vista moral, a sua personalidade é tão elevada, que será difícil encontrar outra que se lhe possa igualar.

O facto é que Ubaldi, além de fecundo escritor, é também emérito professor de línguas e tem demonstrado estar na plena posse das suas faculdades mentais. O livro *Grande Síntese* conteria «uma profusão de erros e de heresias... um verdadeiro amontuado de coisas científicas e de afirmações arbitrárias, de considerações úteis e erros filosóficos, etc., ...», mas no que se refere ao ponto mais importante, isto é, o da heresia, vamos citar algumas frases inocentes do livro que se prestam a diversas interpretações.

Por exemplo, não nos parece herética esta frase: «... Deus é a unidade global que encerra em si todas as consciências e criaturas...», interpretada segundo a concepção teológica preagostiniana da imanência ontológica do divino na criatura humana pela qual esta é uma participação do ser divino, concepção que não é panteísta, nem monista, segundo o teólogo Stolz (1). Desta forma, a figura de Nosso Senhor Jesus Cristo pode muito bem ser considerada pelo seu aspecto «histórico, cósmico e místico» e conservar-se completamente na sua realidade trina, como diz Ubaldi, sem por isso pecar por irreligiosidade e poderem chamar-lhe escritor que foge à verdade.

Não nos parece que definir a sua própria ascensão mística como «... desenvolvimento da fase ultrafânica, lúcida ou de inspiração consciente, na sua fase de misticismo que se conclui com a unificação total entre o receptor e o transmissor...» seja uma definição herética. Se dermos aos termos empregados «ultrafania lúcida e unificação total entre receptor e transmissor» o seu verdadeiro significado, segundo o pensamento do escritor e os traduzirmos em palavras correntes, e mais ortodoxas, a frase condenada poderá ser aprovada pelo mais intransigente dos teólogos. O próprio autor teve o cuidado de traduzir «ultrafania lúcida» por «inspiração consciente», isto é, que ele, segundo a sua experiência subjectiva, que pode ter ou não errado, se considera inspirado. Mas a frase «unificação total..., etc.» não merece ser condenada, visto não pretender indicar mais do que o facto místico da união, base de todas as verdadeiras experiências místicas, entre as criaturas e o Criador.

É verdade que usa os termos psicológicos

(1) Stolz A. D. (O. S. B.) *Teologia do Misticismo.* II ed. Morceliana Brexia, 1947 (pág. 149).

e metapsíquicos do facto telepático no qual se supõe um agente transmissor e um perceptivo receptivo e pode parecer irreligioso considerar o influxo divino como qualquer agente transmissor. Mas isto é, creio eu, devido a um sentimento de humildade, pois não define o transmissor como pessoa divina. De resto, o professor Henry Bon, sábio católico e homem de ciência, autor de um livro aprovado pelas autoridades eclesiásticas, traduzido do francês pelo Dr . Alliney para a sociedade Editora Marietti («Medicina e Religião. Os fenómenos biológicos extraordinários») expõe a hipótese de que a acção sobrenatural divina ou angelical sobre o homem pode explicar-se pelo mecanismo da acção telepática. Acusa-se Ubaldi por causa dessa fraseologia técnica e aprova-se Bon ?

O ponto essencial do problema é saber se Ubaldi está ou não de boa-fé.

Supomos ter já demonstrado essa boa-fé e, sendo assim, pode responder-se com as palavras de Stolz:

«O místico reporta as suas experiências

Pelo Doutor Gaetano Blasi

(Da Sociedade Italiana de Metapsíquica)

àquilo que supõe ser a sua experiência. O psicólogo tentará explicá-las por meio dos seus conhecimentos sobre a vida psíquica ou, pelo menos, aproveitá-las-á para o conhecimento da própria vida psíquica, se essas experiências têm para ele um valor absolutamente seguro. Quanto ao teólogo, pelo contrário, a sua missão consistirá em explicar essas experiências segundo os princípios da teologia. Talvez o místico nos dê uma falsa interpretação ou poder-se-á, teològicamente, demonstrar que a sua interpretação não corresponde à verdade, porque está em contradição com as teses apresentadas pela teologia. Assim, naturalmente, nenhum conceito foi ainda elevado à própria objectividade do fenómeno especialmente experimentado; *isto não diz respeito ao teólogo* (pág. 127-8)... «O místico pode provar em si presença especial que não tem nada a ver com a santidade...» (pág. 136).

É certo que apreciar um caso de misticismo é coisa muito difícil; muito compexas são as questões que se apresentam e os estudiosos e os próprios teólogos estão de acordo sobre a «teoria e a praxis» do misticismo. Alguns admitem uma mística não cristã, outros negam-na; outros ainda admitem uma mística natural. Portanto, no caso Ubaldi, admito, repito, a boa-fé e excluo o facto mórbido e tudo se reduz a classificá-lo como um caso de religiosidade pseudo-mística, ou de mística natural ou de verdadeira mística.

Resumo os pontos consolidados pelas pesquisas de psicologia comparada : dualidade ou dupla personalidade de Ubaldi; uma personalidade, digamos assim, terrena e inferior e uma personalidade superior transcendente, mística, que é fundamental e se manifesta em certos momentos, com uma inteligência e espiritualidade superior, como se não fosse a mesma pessoa do costume.

Não se torna necessário empregar muitas palavras para sublinhar a absoluta concordância em tudo quanto se revela nos verdadeiros místicos. Poulain (1) cita o caso de uma mística: «Existe em mim uma parcela inferior que vive na terra, trabalha, sofre e está sujeita a tentações; e outra que vive no Alto, muito longe, numa paz inalterável, etc.» (pág. 302). Stolz afirma que o desdobramento da personalidade é uma doutrina cristã e que «ninguém prova esta contradição tão claramente como os místicos» (pág. 74). «A participação em Cristo tornou-se o elemento ordinário da sua vida» (idem).

As pesquisas revelaram-nos o complexo psíquico profundo (a Imagem), dominante em Ubaldi, isto é, a imagem do Cristo. Devemos concluir que ela domina a sua vida, como determinante essencial, como sucede com os verdadeiros místicos. Admitamos que esta ontologia da imagem seja transcendente e que em Ubaldi seja, pelo contrário, natural, auto-sugestiva. Nos efeitos psicológicos não se encontra a diferença e, por isso, Ubaldi não é condenável, se regula o seu procedimento pela influência dessa imagem. Os efeitos são sempre bons e isto é fácil de verificar. Alguns podem abusar e modificá-los, como fazia Lutero com as passagens das Sagradas Escrituras.

Ubaldi tem uma alma apaixonada, ardendo em amor místico, cheio de espírito de caridade e baseada sólidamente na fé. O símbolo da escala mística de Giacobbe (*Escala claustralium o Paradisi P. S. 184, 475-484),* que se encontra em Ubaldi é indicativa de elevação espiritual, da submissão dos instintos inferiores, do caminho aberto para as locuções ínti-

(1) Poulain A. (S. J.), *As Graças da Oração,* 10.ª edição,Bainvel, Paris. 1922.

mas ou inspirações. O Espírito Santo, o Sopro de Deus, sopra quando e onde quer.

Ubaldi pode ter incorrido em erros involuntários na transcrição das suas obras, afirma Stolz:

«A base do testemunho dos místicos é sempre verdadeira... verdades que o místico pode não ter competência para transmitir correctamente e, portanto, sempre com qualquer coisa de estranho» (77). E por isto o conhecimento místico está submetido à autoridade da Igreja.

Casos como o de Maria Antonieta de Geuser... «que, tomado em sentido literal, imediato, seria absolutamente falso e heterodoxo»... mas correspondem a uma realidade mística tornada imperfeita pela experiência (pág. 77).

Admitamos que seja este o caso de Ubaldi e que aos teólogos que dele se ocuparam faltaram todos os dados psicológicos que nós lhes oferecemos com este trabalho. É certo que faltaram a Ubaldi os necessários fundamentos teológicos e científicos, e uma guia experiente para conduzir a bom porto, sem obstáculos nem defeitos, um trabalho de vasto alcance como o que empreendeu. Se, porém, em dados momentos e pontos ele pode ter sido um facto inspirativo verdadeiro, o resto assemelha-se muito às várias produções metagnósicas automáticas, como o romance póstumo de Dickens, etc.

Seja qual for o juizo que se forme sobre a sua obra, a personalidade de Ubaldi fica intacta e digna de todo o respeito, assim como de toda a compreensão e afecto que merecem as almas boas, inflamadas pelo amor de Deus e pela caridade cristã.

Os caminhos do Senhor são insondáveis; S. Pedro, no 1.º Pentecostes (Act. 2, 15, ss) dizia: «Estes homens não estão ébrios, como supondes... mas isto é o que foi predito pelo profeta Joel. E nos últimos dias, disse Deus, o Meu Espírito se desencarnará sobre todos os mortais; os vossos filhos e filhas profetizarão, os rapazes terão visões e os velhos terão sonhos. E também sobre os meus servidores e servos o Meu Espírito se derramará e eles profetizarão».

Parece-nos, por muitos indícios, que os tempos se aproximam e que, na verdade, nos nossos dias, tão calamitosos, qualquer coisa se está desenvolvendo no seio da humanidade esgotada e sofredora, porque a psique individual e colectiva está pronta e identificada para acolher, amplamente, o sopro divino, assim como para antecipar os sinais dos tempos messiânicos, preditos pelo profeta Joel.

A teologia não basta para esgotar a problemática mística. Terá de ser reforçada pela psicologia e, especialmente, pelos seus ramos mais modernos, — a metapsíquica — que é a única à altura de esclarecer as «reacções» que surgem regularmente em pessoas dotadas de especiais disposições psicológicas; essas disposições constituem o seu modo próprio de receber a graça da experiência mística. Perante fenómeno de tal natureza impõe-se, de princípio, tomar uma atitude de desconfiança. Essa desconfiança é, teològicamente, justificada a todos os respeitos, seja porque não se trata de elemento essencial da mística, seja porque, na passagem, mais ou menos violenta, da vida mística para a psicologia, se corre grande perigo de nos enganarmos a nós próprios e aos outros.

Um exame das reacções psíquicas encobre não poucos perigos; o místico poderia conceber uma predilecção por estes estados extraordinários... considerar-se como instrumento escolhido por Deus; arriscar-se-ia também a cair no ocultismo.

«Junto a estas reacções psíquicas particulares que acontecem, digamos assim, quase naturalmente, há outras que têm por vezes, um valor carismático e essas podem ser concedidas por Deus como indícios extremos para alcançar determinados fins na vida da Igreja. Estas reacções psicológicas especiais são próprias da psicologia da mística, cuja importância o teólogo não pode reconhecer nem verificar. Visto que a psicologia pode descobrir certa regularidade nas reacções psíquicas, ela é quase indispensável na vida prática e na direcção das almas sujeitas a experiências para distinguir a mística falsa da verdadeira» (Stolz, op. cit., p. 212, 213).

Embora possamos concordar completamente com as palavras do preclaro teólogo P. Stolz, quisemos, no entanto, transcrevê-las por completo, porque nos parecem aplicáveis ao caso de Ubaldi. O marechal J. («Estudos sobre a psicologia dos místicos») e os exímios teólogos dos Estudos Carmelitas, que profundaram os problemas místicos, quer sob o ponto de vista psicológico, quer sob o da mística comparada, estão de acordo em reconhecer a importância do factor místico, independente do âmbito estrictamente cristão-católico-ortodoxo. J. Maritain escreve (1) a propósito dos místicos não cristãos, dizendo que são «...homens que por um pouco de liber-

(1) Maritain, *Quatro Ensaios Sobre o Espírito*. Ed. Descle De Br. Paris - 1939.

tação sacrificaram todo o resto e que isso não é razão para os considerarmos doentes ou desequilibrados. Deve existir, pelo menos em certas personalidades eminentes, a par dos seus epígonos, verbosidade e truques, uma experiência bem real e não simulada... Nós, com toda a justiça exigimos para o estudo dos místicos cristãos as regras da objectividade; portanto, seria insensato recusá-las para o estudo dos místicos não cristãos» (op. cit., pág. 155, 156). E nós acrescentamos que seria mais que insensato recusá-las aos místicos não cristãos e que estes fossem também considerados espúrios e não aprovados teològicamente, quando possuem dados psicológicos que provam a sua boa-fé e a posse de um fundo místico bem verdadeiro de caridade e amor altruístico.

Maritain afirma positivamente que pode ser uma experiência de ordem mística natural que é também uma experiência do absoluto: «... *de cet absolu qu'est l'esse substantiel de l'ame, et, en lui et par lui, de l'absolu divin*» (pág. 164).

Reconhece, enfim, que em muitos místicos cristãos (segundo exemplo de Ruysbroeck) se encontra «*une combinaison singulièrement exaltante (mais parfois fort trouble) de l'expérience mystique surnaturelle avec l'expérience poétique et avec l'expérience mystique naturelle*».

E, por vezes, a experiência poética pode encontrar-se em relações extremamente complexas de concurso místico com a experiência mística sobrenatural, auxiliando a alma a encontrar na experiência de união e mascarando assim o verdadeiro grau desta. «*Car non seulement l'expérience poétique elle même peut dévancer, par ses découvertes et ses intuitions, l'expérience mystique. Et grâce à elle des lumières et des enseignements spirituels précieux pourront être dispensés par des contemplatifs dont le comportement avec le prochain — qui est le grand critère — laisse apercevoir des duretés de nature et des ignorances de soi que la grâce de la contemplation surnaturelle, à ce degré-là aurait du séduire*». (p. 168-169).

Que os nossos teólogos guardem como um tesoiro as humanas e sábias palavras destes grandes pensadores e filósofos cristãos e, sobretudo, que na avaliação do facto místico sejam cautelosos, visto que não devem esquecer que por trás deles existe um ente humano que sofre por um ideal e que é crueldade aumentar-lhe os sofrimentos.

(Tradução de SIBIL)

Confederação Espirita Argentina

Recebemos a seguinte carta da Confederação Espirita Argentina, à qual damos publicidade, prometendo todo o nosso concurso ao seu projecto comemorativo:

Sr. Director da revista **Estudos Psíquicos**

Em 14 de Junho de 1950 comemorar-se-á o cinquentenário da Confederação Espirita Argentina, entidade representativa do Espiritismo argentino, perante as autoridades do país e do estrangeiro. Durante este período, tem ela lutado constantemente para enaltecer e elevar o conceito e a prática do Espiritismo ante os confrades e os profanos, cumprindo assim os propósitos que os grandes lutadores como Cosme Mariño e António Ugarte se propuseram ao fundá-la. Hoje, que o Espiritismo argentino entra em novo ciclo, em face do reconhecimento das autoridades pelo qual sempre lutámos e no desejo de prestar homenagem àqueles fundadores e a todos os presidentes e colaboradores, que por ela têm desfilado em 50 anos de trabalho profícuo, esta Confederação resolveu criar uma Comissão encarregada de organizar o programa da comemoração do cinquentenário que se denominará SEMANA DA C. E. A., de 11 a 18 de Junho do próximo ano, com projecção internacional.

A aludida Comissão é composta pelos seguintes confrades: **Presidente** — ***Hugo L. Nale;*** **1.º Vice-presidente** — ***Manio Rinaldini;*** **2.º Vice-presidente** — ***Horácio Sacierain;*** **Secretário Geral** — ***José Cáceres;*** **Pro-secretário** — ***Carlos Guerrero;*** **Comissão de Propaganda** — ***Vicente Bianco, Juan Dotta, Rosa H. de Garcia Romanó, Carlos Fortunatti.*** **Comissão de Sessões Públicas** — ***Humberto Mariotti, Juan Graner, Horácio Sacierain, Cesar Bogo.*** **Comissão de Finanças** — ***Laureano Fanjul, António Melo, Felipe Gallegos, Caetano Guagliardo.*** **Comissão de relações** — ***Nicolás Galasso e Manio Rinaldini.***

Eis o esboço de programa, susceptível de ampliação ou modificação:

Realizar uma galeria de escultura, pintura, livros e publicações espiritas; realizar conferências alusivas; preparar números artísticos e musicais; imprimir estampilhas alegóricas e celebrar uma Assembleia de Delegados das Sociedades adesas do interior; editar um folheto com a história da Confederação e do Espiritismo argentino com uma galeria dos seus Presidentes e respectivas biografias.

Pedindo a publicação desta carta e agradecendo antecipadamente a colaboração que nos dispensem neste sentido, nos subscrevemos, cordialmente,

José Cárceres — *(Secretário Geral)*

Hugo L. Nale — *(Presidente)*

D/49

CORRESPONDÊNCIAS CRUZADAS

pelo Coronel FAURE DA ROSA

I

Em 1906 a médium Piper com as suas duas filhas, já senhoras, foram hospedadas por Oliver Lodge em sua casa onde se efectuaram várias sessões experimentais. Obtiveram-se ali comunicações quase inteiramente pela escrita automática e de tal maneira foram verificadas que a sua autenticidade não deixou a menor dúvida. Além de Piper, muitos outros médiuns foram utilizados, nomeadamente Madame Thompson que recebeu mensagens surpreendentes, ainda em vida de Myers. Depois da morte deste investigador, em 1901, outras comunicações se receberam dele e o mesmo veio a acontecer com Gurney.

A única explicação para estes fenómenos, arredada a hipótese espirita, consiste em admitir que o médium em estado de transe, pode, de qualquer forma, participar da inteligência dos viventes na Terra.

A possibilidade da leitura do pensamento foi sempre aceita, mas os experimentadores souberam de factos desconhecidos de todas as pessoas presentes às sessões experimentais, factos que, posteriormente, puderam ser verificados.

Podmore — acérrimo adversário do Espiritismo — pretendia explicar toda a fenomenologia espirita pela telepatia, explicação que, nessa época, teve grande voga. A Sociedade de Investigações Psiquicas, de Londres, envidou os maiores esforços para encontrar argumentos que a libertassem da explicação telepática.

O primeiro método que aplicaram foi o denominado «correspondências cruzadas», isto é, os experimentadores referiam-se a temas dados de maneira obscura, por intermédio de médiuns diferentes e em frases também diferentes, a fim de que nenhum médium, por si só, pudesse compreender a ideia do que era transmitido.

Os experimentadores reuniam todas as mensagens numa espécie de escritório central, e uma vez aí comparadas, a conexão entre as diferentes partes tornava-se manifesta, pelo que o conjunto era perfeitamente claro.

Este sistema complicado foi seguido durante muitos anos. Um dos médiuns — Madame Piper — residia na América do Norte, outro — Madame Verrall — na Inglaterra, a qual, depois da morte de Myers viu desenvolver os seus dotes de escrita automática. O terceiro médium era a esposa de um oficial do Exército da Índia que ficou conhecida pelo nome de Madame Rolland.

Fragmentos da mesma mensagem chegavam por estes canais, e por outros ainda, para serem decifrados no Escritório Central. O fim era evidente: saber se uma única vontade agia nos diferentes médiuns. Cada parte isolada da mensagem era tão obscura que não podia haver nem telepatia nem qualquer outro meio de comunicação entre os médiuns.

O obscuridade destas correspondências cruzadas torna a leitura muito dificultosa. Podem ser decifradas, apenas, pelos estudiosos cultos, mas são habitualmente ininteligeiveis para o leitor vulgar. Como consequência, tais comunicações só tinham valor para aqueles que estavam incumbidos de as decifrar e de as interpretar; e mesmo para estes, o sentido completo não aparecia imediatamente. Ora, isto constitui um verdadeiro enigma ou imbróglio (puzzle), cuidadosamente emmaranhado, que exige um demorado e atento estudo para ser reconstituido.

A demonstração da verdadeira identidade de um espírito comunicante, por este processo, consistia em provar a sua instrução, a sua cultura literária ou científica, o seu conhecimento dos clássicos, o que era muitíssimo superior â capacidade dos médiuns a quem as comunicações eram transmitidas. Foram recebidas, com frequência mensagens em grego e em latim.

O Dr. Verrall, então já falecido, enviou enigmas ou imbróglios que só podiam ser resolvidos por quem tivesse uma ciência profunda ou conhecesse certos manuscritos inéditos.

Os melhores obreiros da Sociedade de Investigações Psíquicas, de Londres, recomendavam, com insistência, que cada um deixasse um escrito selado no cofre forte da Sociedade, cujo conteúdo — só conhecido do autor — constituiria prova irrecusável da sobrevivência individual, depois da sua passagem ao *Além*.

Em 13 de Julho de 1904, Peddington escreveu uma carta com a designação de «póstuma» para ser lida sòmente depois da sua morte, carta que foi devidamente lacrada e metida no cofre sem que o autor tivesse revelado o conteúdo a qualquer pessoa. Quando, porém, teve conhecimento de certos escritos automáticos, abriu a carta na presença da senhorinha Alice Johnson. Os três primeiros parágrafos eram assim redigidos; «Se eu for sempre um espírito e puder comunicar com os ouvintes da Terra, esforçar-me-ei para transmitir, sob uma ou outra forma, *o número sete*. Como julgo provável que me seja difícil transmitir uma ideia exactamente, poderia fazê-lo por alusões; por exemplo: «as sete lâmpadas da arquitectura»; «Os sete dorminhocos do Éfeso»; «nós somos sete»; sete vezes sete; setenta e sete, e assim por diante. A razão por que eu escolho a palavra «sete» está em eu considerar este número como uma espécie de tique desde a minha infância».

Em 20 de bril de 1908, Madame Verrall produziu um escrito automático que se referia às sete colinas de Roma.

Em 8 de Maio do mesmo ano, Madame Piper, em semi-sonolência mediúnica, disse: «Nós somos sete. O relógio sobre a escada, tique, tique, tique».

Esta última frase encerra uma reminiscência do poema de Longfellow intitulado «*Old Clock on the Stairs*» — velho relógio sobre a escada» — e aqueles «tique, tique, tique», parecendo aludir à pancada do pêndulo do relógio, referia-se, sem dúvida, à mesma palavra da sua carta *póstuma*, mas que ele empregara no sentido de nervoso — tique nervoso — ou hábito contraído inconscientemente. No dia seguinte, Madame Piper foi perguntada, que entendia ela pela

frase «nós somos sete»; e a médium escreveu: «foi tirada de Wordsworth (um poeta inglês fora chefe da escola laquista), mas nós estávamos sete em outro plano mais afastado como era justo».

Mais tarde, a médium continuou: «sete, sete, nós somos sete», — o significado destas palavras, aparentemente sem nexo, prova mais uma vez que por detrás delas, estava uma inteligência bem consciente.

Sete médiuns tomaram parte nesta correspondência cruzada.

Em 29 de Abril de 1908, a Senhorinha Verrall produziu um escrito automático muito extenso em que se lia esta passagem: «O candelabro de sete braços é uma imagem; as sete igrejas... esta frase não quere dizer que sejam sete igrejas; as sete luzes não formam mais que uma luz; as sete cores do arco iris também. Muitos setes místicos. Nós somos sete». Esta comunicação era assinada por F. Myers.

Em 11 de Junho de 1908, Madame Frith escreveu automàticamente: «Até que o sete místico ilumine o candelabro da alvorada». Isto significa claramente — até que o grupo dos sete médiuns esclareça o que está obscuro. Em 23 de Julho de 1908, viajando por mar, Madame Holland escrevia: «Conviria que, pelo menos, três estivessem de acordo, e, quanto possível, sete: a dama, a sábia; a jovem, aquela que escreve, a que escreve por dever da profissão e as duas recem-chegadas. Não se podia arranjar melhor».

Os membros da Sociedade de Investigações Psíquicas de Londres, sem custo decifraram esta lista de frases que, para estranhos, é sibilina.

Madame Home — a sétima médium — em 24 de Julho de 1908, portanto, no dia imediato ao da comunicação da Madame Holland — sob a influência de um espírito que dizia ser Myers, pronunciou as seguintes palavras, na presença do Coronel Taylor e duma jovem: «Sete vezes sete e setenta e sete. Enviei a outros o sentido das minhas palavras».

A jovem. intervindo, perguntou:

— «A quem devemos enviá-las ?».

«— Às almas que se interessam pelo vosso progresso terrestre. Não lhes envieis nomes», respondeu o espírito comunicante.

Estes acontecimentos produziram-se após quatro anos da data em que Peddington colocara a sua carta «póstuma» no cofre da Sociedade. Peddington assegura que o seu pensamento não se ocupou em especial com o conteudo daquela carta durante os três meses da efectuação da correspondência cruzada, se bem que poucos dias da sua vida tivessem decorrido sem pensar, pouco ou muito, na sua carta «póstuma» —. Mas, se este pensamento insistente, tornado habitual, não impeliu os médiuns a produzirem nenhuma correspondência cruzada, é que qualquer coisa de extraordinário apareceu de repente. Não há efeito sem causa, nem neste mundo nem no outro. Qual terá sido a causa ?

A senhorinha Alice Johnson, que, acerca destas interessantes manifestações fez um estudo mais profundo que Podmore, afirma que, neste caso, como em vários outros, existe a acção inconfundível da intelectualidade de Frederic Myers.

Se estas provas se multiplicarem — escreve Michel Sage — a presunção de hoje sobre a realidade dos espíritos desencarnados e do seu poder de comunicarem com os vivos, tornar-se-á certeza irresistível.

Um outro caso de «correspondência cruzada» que Ernesto Bozzano, qualifica de famoso, publicado na revista americana *Psychic Research* de 1923: trabalharam três médiuns: em Boston, Madame Margery Crandon; em Nova Iorque, o médium Valiantine, e em Niagara Falls, o médium Dr. Hardwick. Estes trabalhos foram preparados e anunciados pelo «espirito-guia» *Walter*, falecido irmão da médium Margery.

Na noite de 17 de Março de 1928, pelas 9 horas, realizaram-se sessões em Boston, Nova York e Niagara Falls.

O espirito-guia *Walter*, na sessão de Boston, manifestou-se por «voz directa» e declarou que estava providenciando para que operassem naquela noite personalidades espirituais chinesas. Margery pegou no lápis e começou a escrever em nove colunas verticais, com tal rapidez, que aos experimentadores se afigurava que a mão da médium era agitada por intensíssimo tremor impeditivo de traçar quaisquer letras. Quando terminou a sessão, verificou-se que não eram garatujas informes, mas sim caracteres que tinham toda a aparência de chineses.

À mesma hora, em Nova Iorque, na sessão com o médium Valiantine, uma «voz» dirigiu-se a Madame Cannon, saudando-a em chinês e dizendo que era «Kung-Fut-Ze». Depois acrescentou em inglês: «Tentarei: uma, duas ou três vezes». Madame Cannon perguntou-lhe se assim queria exprimir que já tinha tentado manifestar-se por três médiuns, ao que a «voz» respondeu afirmativamente. Terminada a sessão, Valiantine, já acordado, escreveu o nome «Kung-Fut-Ze» e imediatamente encheu uma coluna de caracteres chineses. O facto foi logo comunicado para Boston pelo telefone.

Em Niagara Falls não se obtiveram manifestações.

As páginas escritas em chinês pela médium Margery foram examinadas por dois chineses cultos, ambos doutores, e ao mesmo tempo enviou-se cópia ao eminente orientalista europeu, o professor Whygmant. Todos foram concordes que se tratava de autêntica escrita chinesa em caracteres antiquíssimos, escrita que os doutores do celeste império classificaram de «chinês original», difícil de ser interpretado por quem não possuisse profunda cultura clássica. A tradução ocupa 44 linhas da revista e o texto consta de sentenças e conselhos morais e filosóficos, uns e outros atribuídos a Confúcio.

A tradução do Dr. Whymant concorda com a dos doutores chineses, embora difira quanto aos matizes do pensamento. O Dr. Whymant entre outras observações notou a particularidade da médium Margery ter escrito da esquerda para a direita em vez de o fazer da direita para a esquerda.

Tendo sido debatida e discutida a identidade de *Walter*, o Dr. Richardson, que analisou demoradamente os fenómenos produzidos, conclui desta maneira: «em face das circunstâncias expostas, penso que todos hão de convir nisto: que a melhor maneira de se harmonizarem os factos consiste em aceitar a hipótese, isto é, em reconhecer que *Walter* é realmente quem diz ser: irmão de Margery, sobrevivendo à morte do corpo...».

(Continua)

Misoneismo ou Ódio às Ideias Novas

Por RUFINO JUANCO

CORRESPONDENTE NO MÉXICO

DIZIA o grande Vítor Hugo que a sociedade humana tem sob o edifício social fossos, subsolos e subterrâneos; e que neles se encontra ao mesmo tempo a mina política e a mina religiosa, a mina filosófica e a mina revolucionária, onde uns cavam, com a picareta da ideia, outros, com a picareta do mineiro; alguns, com o enxadão da cólera, e muitos, com o da hipocrisia; que ali se forjam todas as utopias que imediatamente se ramificam em todos os sentidos; que os operários às vezes fraternizam e outras vezes andam às turras; mas que, de qualquer forma, dali surge o futuro. Isto quer dizer que há choques de princípios ou ideias, como há choques de elementos físicos na natureza; há princípios opostos a ideias e a verdade não está em todas elas, porque não pode estar, como o colosso de Rodes, sobre as duas margens ao mesmo tempo.

E eu pergunto-me: a que é devida essa oposição de princípios e ideias? É que todos os sistemas filosóficos, políticos, religiosos e sociológicos se comprazem, nos seus ataques e defesas, em mutilar uma ou outra faculdade superior, ora a razão, ora o sentimento, ora a intuição.

Pois bem: eu creio que semelhante procedimento é como se quiséssemos fingir um corpo humano sem todos ou qualquer dos seus orgãos; creio que, assim como são necessários ao corpo humano todos e cada um de seus orgãos para bom funcionamento, também são necessárias à alma todas e cada uma de suas faculdades para sua total manifestação; mas, assim como o fígado se relaciona de tal forma com o estômago, que este não poderia digerir bem os alimentos sem a corrosiva bílis que aquele segrega; e assim como o estômago se relaciona de tal forma com o coração, que este não poderia latejar sem os elementos nutritivos fornecidos por aquele; e assim como o coração se relaciona com os pulmões, como os êmbolos de uma máquina com a caldeira, assim também as facudades do espírito se relacionam de tal maneira entre si, que nem a inteligência pode viver sem o sentimento, nem a razão sem a a inteligência, nem o juizo sem a razão, nem todos eles sem algo de intuição que se abra para dentro, como os sentidos se abrem para fora; digo assim, porque uma só faculdade, por exemplo, a razão, isolada das outras, poderia dizer-nos talvez que o passo que damos dos seres contingentes ao ser necessário, Deus, é um salto mortal da fantasia, mas nunca dedução lógica do entendimento; em troca, quando junto à razão se afunda o juizo, a intuição e os sentimentos, nos círculos luminosos das esferas, então caem sobre as asas de nossas ideias as grandes inspirações, isto é, Deus e a alma, tão negados pelos materialistas, aparecem como resplandecentes sóis iluminando os horizontes mais longínquos e esclarecendo tudo no oceano imenso da vida.

Olhai! Embora pouca atenção dediquemos ao que se passa à nossa volta e ausscultemos mal as actuais palpitações da humanidade, percebemos claramente os intermitentes safanões que ela experimenta e escutamos os rangidos cada vez mais frequentes que são provas inequívocas da desagregação que ameaça o edifício social. Vê-se, vê-se que os princípios clássicos seculares sobre os quais repousava confiadamente a humanidade já não podem suportar o imenso progresso alcançado pelo género humano.

Que estranho é, pois, que hoje impere a maior confusão na terra? Que estranho é também que, nessa confusão, por mutilarem uns a razão, outros o sentimento e todas as vozes do espírito negado ou desconhecido por eles, não se vislumbre ao longe outra saída que não seja o sangrento da violência?

Daqui se deduz que a humanidade, mais do que nunca necessita de novos princípios e novos ideais que a conduzam no seu caminho incerto. O Espiritismo Moderno oferece-lhe esses novos princípios e esses novos ideais de que ela necessita: contudo, a isso se opõem todos os misoneistas, os eternos inimigos das ideias novas, impelidos por duas orientações diferentes e opostas, a saber: os fanáticos religiosos e os grosseiros materialistas; daí, o sorriso zombeteiro e o gesto indiferente com que eles acolhem todas as manifestações espiritistas.

Daí, também, essa contrariedade que experimentam ao ver

EXPRESSÃO MEDIÚNICA

Por Henrique Magalhães

O trabalho santificante da mediunidade é ofertado a todos que pensam e agem para o bem. É erro supor que sòmente é médium o que recebe e transmite o pensamento dos desencarnados. Também nós outros, os que não possuem essa faculdade mas que aspiram a fazer algo pela humanidade temos tarefas a cumprir e isso porque, quando o desejo de bem fazer brota na criatura é porque alguma missão lhe foi confiada lá em cima, para que a ponha em prática na Terra.

A vontade que nasce em alguns de assistir os enfermos é dom mediúnico. Sem saber como, fornecem algo de si para confortar os doentes, constituindo, em certos casos, remédio salutar.

Por vezes somos chamados ou impulsionados a assistir a moribundos e não raro, após fazermos uma prece, o espírito do enfermo desprende-se, evolando-se para o Alto. Nossa presença aliada à prece concorreu para ajudar o espírito a desprender-se mais ràpidamente do cárcere, constituindo esse acto dom mediúnico.

Há criaturas que não podem ver a desgraça alheia sem lhe levar o lenitivo, e se não o podem fazer por lhe escassearem os recursos, valem-se de um ou outro amigo, incentivando-os ao bom trabalho. Naturalmente, esses impulsos generosos partem de um bom coração, mas não resta dúvida que os seareiros de cima aliam-se às nossas boas disposições, intuíndo-nos de forma indirecta sobre as medidas a tomar, indicando-nos o caminho a seguir.

Desde que recebemos inspiração do Alto, *ipso facto*, somos médiuns.

Pessoas há que levam toda uma vida a derimir questões, aconselhando, induzindo à paz, unindo o que está separado, fazendo calem as divergências nos lares. É outra forma de mediunidade, tão útil e importante, que nos pode proporcionar fazer pelo próximo coisas de grande valia.

Nesses casos diversos, os Mensageiros do Senhor estão prontos a nos secundar, guiando-nos da melhor forma, indicando os pontos nevrálgicos a tocar, abrindo-nos, enfim, as veredas para o bom êxito da missão a cumprir.

A dificuldade a vencer não reside na aquisição do dom mediúnico, pois esse o temos, em todas as circunstâncias; está, sim, no seu desenvolvimento.

É bom lembrar que no exercício da coisa reside o aprimoramento da técnica. É Lei universal que o exercício melhora, aperfeiçoando as criaturas em todos os ramos de actividade, e essa mesma lei actua no desenvolvimento mediúnico, em todas as suas formas.

Quase sempre procuramos os Centro espiritas para desenvolver as faculdades mediúnicas, desconhecendo, no entanto, que o factor primordial do desenvolvimento reside no exercício constante do bem-fazer, bem-pensar, bem-agir!

O Centro Espirita é para a moral como o é a escola para o intelecto. Na escola o professor dá as noções principais do estudo, mas a parte primordial é desenvolvida pelo aluno, em casa. Quantas vezes, o bom aluno entra pelas noites a dentro, estudando, para prestar bom exame!

Há um período no aprendizado dos doutorandos em que seu aprimoramento depende tanto da prática como pròpriamente do estudo. Com os médiuns ou aspirantes a médiuns dá-se precisamente a mesma coisa. Frequentam a escola do Espírito — os Centros Espiritas — para escutar as lições ministradas pelos Mestres da espiritualidade. Essas lições todavia sòmente representam aquisição para o espírito, quando posta sem prática na vida de relação. E quanto mais intensa for essa prática, mais se aperfeiçoará a mediúnidade, porque em casos tais os Mestres invisíveis seguem os alunos, de perto, em suas actividades, fornecendo-lhes novos conhecimentos, pelo veículo da intuição.

O trabalho em comum do guia espiritual e do homem constitui exercício mediúnico, caminho seguro para o desenvolvimento das faculdades.

O que acima expomos, amigo leitor, nos foi revelado pela experiência.

Se realmente desejas o dom sagrado da mediúnidade, põe-te a caminho, começando por fazer aos outros, aos que de ti necessitam, aos que sofrem, aos que desesperam, aos famintos, aos doentes e moribundos, o que desejarias que por ti fizessem, em circunstâncias idênticas.

---

que o Espiritismo se difunde, como a luz do sol, por toda a parte, e ao ver, sobretudo, como vai conquistando os melhores corações e as melhores inteligências; e de não saberem explicar este fenómeno, já que negá-lo seria puerilidade, vêm torturando a imaginação; e, como os antigos argonautas, procuram o velo de oiro, ou seja a explicação desejada, no país das quimeras, e ao terminar a jornada tiram do bolso papeis e mais papeis em que abundam as frases sacramentais: automatismo cerebral, alucinação, subconsciência, demónio, *etc., etc., que as galerias aplaudem, enquanto nós, os espiritistas, sorrimos, recordando o* parturiens mons, *de Virgílio, o príncipe da poesia latina.*

A que se deve essa oposição sistemática e gratuita? Em minha opinião, deve-se a que o Espiritismo não surgiu em qualquer Universidade, nem em qualquer igreja, mas apareceu por fora e por cima de todas as Universidades e de todas as igrejas. É melhor que assim tenha sucedido, para que, livre como a ave canora que rompe a odiosa jaula, voe por toda a parte, desferindo seu canto maravilhoso, o canto da Verdade, do Bem, do Amor, da Justiça e da confraternidade universal.

(I. D. S. traduziu)

A Posição Doutrinária do Espiritismo no Brasil

Tese da Liga Espirita do Brasil ao 2.º Congresso Pan-Americano

Tendo-se feito representar no 1.º Congresso Espirita Pan-mericano, realizado de 5 a 12 de Outubro de 1946, em Buenos Aires, a LIGA ESPIRITA DO BRASIL enviou àquele Congresso, por intermédio do Coronel Delfino Ferreira, seu representante, uma tese subordinada ao tema: *Da orientação a ser dada ao estudo do Espiritismo na América.* Nas conclusões de sua tese, aprovada por unanimidade, fez sentir a necessidade de um plano de estudos doutrinários capaz de corresponder, em todas as organizações espiritas deste Continente, ao estado de espírito em que se acham as massas, em consequência da desilusão decorrente da última guerra mundial. Disse então a Liga Espirita do Brasil: «*Que se faça divulgação da doutrina em todas as sociedades espiritas da América, tomando por base a orientação impressa por Allan Kardec em «Obras Póstumas», no seu Projecto de 1868, sobre a instituição de um curso de Espiritismo*».

Coerente com as opiniões que sustentou no 1.º Congresso, julga esta instituição oportuno senão necessário reafirmar, no 2.º Congresso Espirita Pan-Americano, o que afirmou no 1.º Congresso. Torna-se imprescindível um plano de estudo das obras básicas da doutrina para que, firmados na codificação de Allan Kardec, os adeptos do Espiritismo possam encontrar no espírito da doutrina os elementos de convicção de que necessitam.

Nota-se, em grande parte, muita carência de cultura doutrinária. A incultura popular, principalmente nos países em cuja formação preponderam influências religiosas de procedências diversas, o que constitui um fenómeno peculiar à América Latina, favorece largamente o apego ao culto material, e, muitas vezes, até a certas superstições, criando, assim, evidente obstáculo à compreensão geral do Espiritismo até mesmo nos grupos intelectuais não de todo emancipados da influência religiosa do meio, da educação de origem, assim como da manifestação de tendências espirituais muito remotas, naturalmente vinculadas a existências anteriores. De qualquer forma, seja qual for a causa da incompreensão que temos verificado, o que se nos afigura necessário é o reconhecimento do facto, para que possamos cuidar dos meios convenientes à dissipação gradativa da confusão espiritual. O facto existe. Ele se explica tanto à luz da própria doutrina espirita, como em face de razões culturais e históricas.

Reconhecendo, portanto, como fenómeno peculiar ao nosso meio, a existência do sincretismo religioso, oriundo das diversas correntes de influências que se fizeram sentir na América Latina, torna-se imperioso reconhecer, ao mesmo tempo, como consequência desse fenómeno, que a divulgação do Espiritismo carece, sobretudo, de orientação didática, para que se forme o necessário senão indispensável lastro de cultura doutrinária no seio das organizações espiritas. Convém frisar que o Espiritismo tem princípios que lhe são característicos. Toda a ciência tem os seus princípios, os seus fundamentos inalteráveis, o que não impede, todavia, que a ciência, em todos os seus ramos, receba contribuições novas, enriquecimentos trazidos pela experiência e pela pesquisa. Se a ciência ficasse no lugar onde começou, não haveria evolução. E não se compreende ciência sem evolução, sem desenvolvimento. O Espiritismo, que é uma doutrina de base científica, apoiada em factos experimentalmente comprovados, enquadra-se, com toda propriedade, na evolução da ciência. Mas é indispensável considerar que nenhuma contribuição individual, enquanto não passa a constituir uma lei, pode modificar os princípios gerais de uma ciência. A Física moderna tem evolucionado muito. Mas até hoje ela se baseia na lei universal da gravidade. Depois de Newton, a Física recebeu imenso material de pesquisa, ampliou-se extraordinàriamente, mas o que é verdade é que nenhum princípio novo alterou a lei básica da física: a gravitação universal. O Espiritismo, como ciência que é, antes de tudo, tem, também, as suas leis básicas. Depois de Allan Kardec, o Espiritismo acompanhou, como está acompanhando, todas as conquistas da ciência, porque a lei de evolução lhe impõe que o faça; depois da codificação da doutrina, no século dezanove, surgiram concepções novas, vieram para o Espiritismo elementos novos, o que, aliás, teria de acontecer, porque a Ciência não pára, não fica encerrada nos limites de um ciclo, de uma época. Mas é oportuno acentuar que nenhuma contribuição científica, filosófica ou moral, depois de Allan Kardec, modificou as leis gerais do Espiritismo ou destruiu os princípios básicos da codificação, inaugurada em 1857, com o «Livro dos Espíritos». A doutrina, portanto, convém repetir, tem princípios firmados, e esses princípios não podem nem devem ser prejudicados por interpretações pessoais. É regra geral nas actividades da Ciência suspender qualquer juizo a respeito de uma doutrina, de uma opinião, enquanto não haja factos que autorizem a aceitação parcial ou total daquilo que se estuda ou examina. Não é possível adoptar outro critério em relação ao Espiritismo, porque, de outro modo, o Espiritismo deixaria de ser uma Ciência, embora alguns de seus opositores digam que o não é.

Dentro, pois, do verdadeiro critério científico, nenhuma teoria individual, seja de origem humana, seja de origem espiritual, deve ser incorporada à doutrina, como parte integrante dela, sem que experiências e factos tenham confirmado tal doutrina. A opinião individual é respeitável, mesmo porque um dos postulados da doutrina espirita é a liberdade de pensamento. Mas o que é certo, o que é lògicamente compreensível é que as

leis de uma ciência não podem ser modificadas por opiniões individuais, por teorias posteriores, desde que não haja absoluta confirmação do que dizem tais teorias. É o que se dá, portanto, com o Espiritismo. As experiências científicas, em todos os domínios do conhecimento humano, sempre aconselharam a seguinte orientação: desde que uma teoria nova, seja de um indivíduo, seja de uma corporação, não passe de simples hipótese, não pode ser considerada parte constitutiva do corpo de uma ciência ou de uma doutrina já organizada. Todas as hipóteses devem ser estudadas, respeitadas, discutidas, sempre, porém, como hipóteses.

Aplicando o mesmo raciocínio ao Espiritismo, a Liga pede a atenção deste Congresso para o seguinte ponto, de grande importância; nenhuma hipótese científica ou filosófica, formada à margem do Espiritismo, deve ser sobreposta aos ensinos codificados por Allan Kardec. Todas as hipóteses devem ser estudadas, já o dissemos, porém, como assunto de natureza individual, como simples matéria opinativa, cuja aceitação ou rejeição é assunto de foro íntimo. O estudo organizado, sob orientação didática, desde que tenha a preocupação precípua de interpretar e explicar os princípios básicos da doutrina, evitaria a confusão que se tem feito entre as diversas hipóteses nascidas na seara espírita e a verdadeira natureza da doutrina. Há, ainda, outro aspecto a considerar.

Muitas pessoas abraçam o Espiritismo porque têm sede espiritual. Mas, não encontrando boa orientação, naturalmente por falta de um sistema de estudos que leve tais pessoas a procurar, no âmago da doutrina, as explicações, as luzes de que necessitam, terminam deixando as fileiras espíritas, decepcionadas, ou, como tem acontecido, fascinadas pelo ritualismo, pela exterioridade material de práticas religiosas que, embora tenham por base o fenómeno de além-túmulo e o exercício da mediunidade, não fazem parte do Espiritismo, tal como o entendemos, de acordo com a codificação de Allan Kardec. Entretanto a doutrina tem os seus pontos de convicção, tem recursos morais e filosóficos para fazer o homem melhor, para corrigir os costumes, uma vez bem compreendida e praticada à luz da moral cristã, cuja essência está no «Evangelho Segundo o Espiritismo». O Espiritismo não precisa, portanto, de ritual, de culto material, de formas primitivas nem fórmulas convencionais, porque a sua doutrina conduz à naturalidade, à simplicidade.

Torna-se, porém, necessário definir posições. É o que a *Liga Espírita do Brasil* faz, no presente trabalho, como entidade de expressão nacional, com relações no cenário espírita internacional.

Sem se divorciar do espírito de tolerância, que é um dos ensinos capitais da doutrina, deve a Liga Espírita do Brasil dizer, com todo o respeito com que sempre tratou as crenças e formas de culto, indistintamente, visto todos sermos Irmãos, que o facto de haver manifestação de espírito nesta ou naquela corrente religiosa, o facto de haver mérito neste ou naquele ramo do Espiritismo, não é razoável que se considere Espiritismo qualquer prática mediúnica em que se não encontrem concordâncias com a codificação de Allan Kardec.

Sabe-se que a caridade é universal, é sentimento, e justamente por isso está acima de religiões, seitas e grupos humanos. Quer a *Liga* dizer, portanto, que não nega de forma alguma a intenção caridosa de tais práticas, principalmente porque o Evangelho nos adverte que não devemos julgar o próximo. Reconhecemos, ao mesmo tempo, o direito de todas as correntes religiosas, perante a Lei básica do Brasil, respeitamo-las fraternalmente, dispensamos-lhes a consideração que bem merecem no terreno espiritual e social. Mas a doutrina deve ser ensinada com toda a clareza. Toda e qualquer prática espiritual que adopta ritual, tenha ídolos (santos, etc.), pratique exorcismos e outros actos inerentes a religiões organizadas, ainda que em tais actos seja empregado o concurso da mediunidade, não constitui modalidade ou desdobramento do Espiritismo. O Espiritismo prescinde de tudo quanto lhe possa dar feição sectária ou lhe impor a adopção de culto material.

«PIERINO GAMBA»

Por Isidoro Duarte Santos

EM sua passagem por Lisboa, o menino Pierino Gamba impressionou tanto os irmãos portugueses, que um dilecto espiritualista, Isidoro Duarte Santos, aproveitou a conjuntura magnífica que o entusiasmo lhe oferecia para expor, «à luz de nova psicologia», a revelação de que tal criança era objecto, conforme o subtítulo do opúsculo a que nos referimos.

É este livro uma maravilha que se lê de uma assentada, pois impossível se torna deter a ansiedade que se apodera do leitor ao ingressar em suas páginas. Parece mentira que em tão poucas linhas (174 páginas) possa dizer-se tanto, como conseguiu o autor, que passeia donairosamente a sua personagem por todos os canais da sabedoria, expondo-a às análises mais exaustivas, mergulhando nas causas possíveis de fraude e demonstrando fortemente a realidade deste enigma palingenésico.

Com o seu conteúdo adequado, este opúsculo preenche uma necessidade ingente da literatura espírita, em prol do esclarecimento e compreensão do menino-prodígio. Com esta declaração, julgamos ter feito o maior elogio ao seu feliz autor.

(De LA IDEA, de Buenos Aires)

Nada impede, é lógico, o bom entendimento entre o Espiritismo e todas as crenças, uma vez que as correntes religiosas, sejam elas quais forem, devem ser tratadas com amor, com todo o respeito humano, sem que para tanto seja necessário confundir o Espiritistas. Definindo, pois, o seu pensamento, a *Liga* submete ao 2.º Congresso Espirita Pan-americano a seguinte

INDICAÇÃO

I — Que se cultive nas sociedades espiritas, como norma invariável, o respeito a todas as religiões; que se ensine metòdicamente a codificação de Allan Kardec, não apenas através de palestras ou leituras ocasionais de pontos avulsos da doutrina, mas por meio de cursos, que tenham a preocupação de interpretar e expor os princípios básicos do Espiritismo.

II — Que, sem impor as ideias espiritas, sem pretender obrigar pessoa alguma a deixar as suas crenças por motivo de constrangimento, as sociedades espiritas não deixem, todavia, de educar os seus frequentadores pelo estudo, mostrando que o Espiritismo não adopta ritual nem aceita crenças tradicionais no «milagre», nos «castigos», no «azar», etc., porquanto a doutrina espirita sustenta e ensina, como princípio geral, a lei de causa e efeito, a justiça divina em toda a sua plenitude, a responsabilidade individual do espírito encarnado e desencarnado.

III — Que, embora respeitando o sentimento religioso, sem distinção de credo, as sociedades espiritas não permitam em seus trabalhos qualquer forma de ritual, cerimónia litúrgica, imagens, defumadores, quadros de santos, etc., porque tais actos e objectos estão em desacordo com a simplicidade e a naturalidade dos actos espiritas, tanto mais quanto cada um é senhor, para, seguindo as indicações de seu livre arbítrio e as suas preferências religiosas, praticar actos de fé sem constrangimento, podendo fazê-lo por exclusiva escolha; assim como, por um lado, as sociedades espiritas não podem constranger, não podem nem devem obrigar pessoa alguma a aceitar o Espiritismo ou assistir a sessões, permitindo, pois, que todas possam fazer uso da liberdade religiosa, é lógico, é justo que as sociedades espiritas tenham, por outro lado, o direito de não abrir mão de suas normas de trabalho, dentro da doutrina, e, por isso, não aceitem práticas que pertençam a diversas formas de culto e não tenham relação alguma com o Espiritismo.

IV — Finalmente, mantendo as sugestões contidas na sua tese apresentada ao 1.º Congresso Espirita Pan-Americano, a *Liga Espirita do Brasil*, que iniciou a comemoração do aniversário do «Livro dos Espiritos» a partir de 1945, com repercussão na Europa e na América, PROPÕE que na reforma do Estatuto da CEPA, a ser votada no presente Congresso, seja incluida a comemoração do dia 18 de Abril nas sociedades espiritas da América e na própria sede da CEPA, em homenagem à publicação da 1.ª obra básica da doutrina espirita.

Impressões de Pietro Ubaldi

Lendo o Livro «Pierino Gamba»

COM grande interesse, li o belo livro de Isidoro Duarte Santos acerca de Pierino Gamba e que gentilmente me foi oferecido. Creio que o árduo problema de estudar figura tão extraordinária como a do juvenil prodigio não podia ser apresentado com mais segurança e resolvido com maior competência, visto o autor não se limitar a descrever o caso, mas querer penetrar no âmago das coisas.

Assim, neste livro, a propósito de Pierino Gamba. ele trata as mais importantes questões da alma humana. tais como a hereditariedade somática e psíquica, a preexistência, a reencarnação, a evolução espiritual, tudo problemas importantíssimos que eu próprio estou bem longe de ter esgotado, embora os tivesse tratado a fundo no meu recente volume «A Nova Civilização do Terceiro Milénio», agora publicado em Itália.

Isidoro Duarte Santos prova-nos conhecer a fundo tão árdua matéria e saber aplicá-la a Pierino Gamba. cujo caso profundamente complexo só assim pode explicar-se: «O seu corpo tem 11 anos, mas o seu espírito tem milénios (pág. 154).

Esta solução, a única admissível e satisfatória que consegue penetrar além do corpo, até ao cérebro e à psique, ao verdadeiro homem transcendental, ao «eu» eterno, é, neste volume, oferecida à ciência, que, perdendo-se em teorias mais ou menos materialistas, não conseguiu ainda dar-nos solução integral e concludente desses fenómenos. A ciência explica-os com algumas palavras gregas e supõe com elas ter dito tudo. Por ter vivido experimentalmente estes problemas, posso afirmar que, até hoje, as ciências psicológicas, frenológicas e psicanalíticas estão completamente desorientadas e não conseguiram compreender coisa alguma. Devo dizer que o livro de Isidoro Duarte Santos nos leva a penetrar os mistérios do Além, onde, todavia, se encontram as mais profundas realidades da vida. O critério seguido, a propósito de Pierino Gamba, leva-nos a considerar este livro de importância e interesse universal.

PIETRO UBALDI

Doutrinas Novas

Por DJALMA FARIAS

DEVEM estar lembrados os nossos caros leitores daquela velha observação que o sábio geólogo Agassiz formulou há longo tempo e que tem sido sempre aplicada no curso da história. É esta a observação: «Todas as vezes que um facto novo e admirável aparece na ciência, há logo quem exclame: *Não é possível*. E depois: *É contrário à religião*. E por fim: *Há muito que se tinha notícia disso*».

Eis aí uma reflexão cem por cento verdadeira e a cada passo dela nos recordamos.

De facto todas as ideias e doutrinas novas suscitadas e alimentadas pelo progresso das inteligências têm encontrado obstáculos aparentemente insuperáveis. Mas o progresso da ciência consegue sempre vencê-los. A história, a grande mestra da vida, na expressão de Cícero, regista factos e acontecimentos que provam à evidência a realidade daquela observação de Agassiz.

Mal começam a cintilar as luzes de uma verdade nova e logo os demagogos de todos os tempos erguem as mãos para apagá-las.

Vimos em Bolonha, segundo o testemunho da história, Pietro d'Albano, autor do «Tratado de Astronomia», ser queimado em efígie, em 1327.

Em Florença, Cecco d'Ascoli é condenado por ser adepto da teoria do movimento da Terra.

Por ter professado, também, essa doutrina, Giordano Bruno é queimado em Roma, a 17 de Fevereiro de 1600. Ainda em Roma, o cadáver do sábio António de Dominis é desenterrado, em 1625, no Castelo de Santo Angelo, onde havia morrido como prisioneiro, para ser atirado às chamas vingadoras. Campanela, por ter professado uma filosofia semelhante à de Galileu, foi sete vezes torturado e esteve preso durante vinte e sete anos. Também Copérnico, padre, autor da «Astronomia Nova», teria sofrido os horrores da Inquisição, se não houvesse morrido antes da publicação do seu livro, de que apenas pôde tocar, em seu leito de agonia, com as mãos já frias, o primeiro exemplar que saiu do prelo.

Contudo, isso não foi razão bastante forte para que, os que não o puderam queimar vivo, deixassem de queimar com solenidade o seu livro. Keppler, o continuador da obra de Copérnico, que era protestante e nunca saira da protestante Alemanha, durante toda a sua vida foi perseguido e acusado de hereje, pelos homens da Igreja. Sua tia Guldeman foi queimada, como feiticeira, em Well. A sua mãe foi também acusada de feiticeira; seu monstruoso delito era ocupar-se com a Física e com a Astronomia. Pela mesma falta, dois séculos depois, o seu homónimo Francisco Bacon, fora lançado ao index pelos eclesiásticos ingleses. Também na França, Descartes, filósofo dos mais distintos, espiritualista por excelência, cuja ortodoxia era profundamente sincera, e que, sempre que pronunciava o nome de Deus, descobria-se respeitosamente, passou a vida inteira errante, exilado e perseguido por todos e odiado pelos devotos da Igreja, por causa das suas ideias. Em 1630, Galileu era encarniçadamente perseguido pelos padres romanos, e a publicação dos seus imortais «Discursos», onde demonstrava o movimento da Terra e outras verdades astronómicas, provocou grandes rancores contra a sua pessoa, que só cessaram com a morte do sábio florentino, depois da abjuração solene e altamente humilhante perante Urbano VIII e seu sacro colégio, da leitura do decreto pontifical, no qual foi proibido para o futuro, de viva voz ou por escrito, o ensino da sua doutrina. Conta-se, também, que um sábio astrónomo jesuíta, desceu, certa vez, as escadas da masmorra, sobraçando a Bíblia, para provar ao sábio octogenário Galileu que a sua doutrina era contrária às escrituras sagradas.

— Não sabe o meu mestre — diz, solenemente, o jesuíta — que a sua doutrina do movimento da Terra é contrária à Bíblia? Não sabe que a Bíblia nos refere ter Josué feito parar o Sol? Essa passagem da Escritura não demonstra o movimento do Sol? E como ousa o mestre ensinar o contrário?

Galileu, velho, respeitável, cabelos fios de neve, ergue-se do seu mocho e, com o carinho de um pai, responde:

— Sim, meu filho, conheço a Bíblia, sei o que ela ensina, e que Josué fez parar o Sol; mas, como ele não deu contra-ordem, até hoje, o Sol continua parado, fixo, tendo então a Terra iniciado o seu movimento em torno dele. É por isso que ensino que a Terra se move.

Na verdade, foi muito feliz a resposta de Galileu.

SEGREDO DA MORTE

Por JÚLIA LOPES DE ALMEIDA

DEPOIS do jantar passámos ao terraço onde mandei servir o café. Foi aí que pedi ao corretor Sidney que me comprasse um terreno que eu vira anunciado em óptimas condições.

À minha ordem, ele retrucou com esta pergunta esquisita:

— Não acredita em almas do outro mundo?

— Quase nunca... Porquê?

— Porque, se esse terreno está assim...

E Sidney emudeceu ao ver o modo brusco por que o Numa Saião se ergueu da cadeira em que estivera recostado a fumar.

— Que é? — perguntei:

Sem dizer uma palavra o Numa agitou no ar a mão espalmada, para que não posseguíssemos na conversa e começou a andar de um lado para o outro numa agitação de enclausurado. De repente, voltou para o meio da roda, onde tínhamos ficado em espectativa atónita e disse:

— Eu tinha prometido não revelar este segredo a ninguém, a ninguém; mas agora é preciso, é preciso — repetia ele, fixando em mim as suas pupilas de um azul magnético.

Negámos-lhe esse dever em frases frouxas, que mal dissimulavam a nossa curiosidade. Ele não aceitou e começou nervosamente:

— Conhecem a minha enteada; é uma criatura séria, grave, honesta, incapaz de mentir. Hoje estima-me. Ao princípio percebi que ela me suportava por deferência à mãe. A percepção dessa antipatia e o perene disfarce em que vivíamos um em face do outro tornava a nossa existência soberanamente aborrecida. O que nos valia a ambos é que minha mulher realizava o milagre de ser cada vez mais linda e mais amada, compensando em meiguice e em poesia os nossos desgostos inconfessáveis.

Existia ainda muito viva essa espécie de malquerença entre minha enteada e eu, quando uma tarde, voltando do trabalho, encontrei-a no vestíbulo, evidentemente à minha espera. Mal me viu entrar, precipitou-se ao meu encontro, apertou-me as mãos com força e, antes mesmo que eu tivesse tido tempo de formular uma pergunta, ela rompeu:

— Sabe? Ele acabou de sair daqui.

— Ele, quem?

— Meu pai.

— Que ideia!

— Pode pensar o que quiser, mas afirmo-lhe que era meu pai em carne e osso, vestido de claro, como ele costumava usar no verão.

Tive pena da rapariga. Vi-a tão transtornada, que a supus vítima de um acesso de loucura. Não podia ser outra coisa. Procurei acalmá-la com jeito, dizendo que ela devia desconfiar da sensibilidade dos seus nervos e reagir contra tamanho atraso.

Ela replicou enèrgicamente, encarando-me com um modo inesquecível:

— Não se trata de uma visão doentia. Estou de excelente saúde. Nem sequer pensei em meu pai durante todo o dia.

— Embora! Um facto tão fora da realidade não pode ser originado senão por um excesso de imaginação.

— Meu padrasto — tornou ela com uma lucidez verdadeiramente desorientadora —, eu não sou nervosa nem acreditei, nunca, no sobrenatural. Sou pessoa de nervos equilibrados. O que digo é a verdade. Eu vinha da sala de visitas, quando, seguindo pela galeria, senti alguém caminhar atrás de mim.

Voltei-me e imagine qual foi o meu espanto, quando reconheci meu pai. Quis gritar e não pude, fiquei plantada diante dele como se os meus pés estivessem enterrados no chão. Olhando-me tristemente, disse, então, na voz rouca e abafada que sempre teve:

— Arma-te de coragem, porque amanhã a estas mesmas horas tua mãe irá ter comigo. E, abrindo a porta do jardim, desapareceu. Não sei como ainda tive ânimo de olhar para o relógio da parede.

Eram seis horas. É que em mim tudo parecia automático, regido por uma vontade alheia à minha própria.

Foi depois que senti um grande tumulto no coração e que vim esperá-lo para contar-lhe tudo e perguntar-lhe o que havemos de fazer para defendê-la.

E começou a chorar de encontro ao meu coração, que batia com força.

— O que havemos de fazer? Calarmo-nos para que tua mãe ignore este caso.

HERÓIS ANÓNIMOS

POR

HUBERTO ROHDEN

Fervilha, no gigantesco empório comercial, azáfama imensa...

E lá se vai ele, o titã dos mares, levar a longinquas plagas as maravilhas da arte e indústria humana...

— Aonde vai, jovem passageiro?

— Ao Extremo Oriente,

— Pescar pérolas nos mares da India?

— Não me interessam pérolas de moluscos.

— Em busca de aventuras?

— Tampouco.

— Em viagem de recreio?

— Vou para a Ilha dos Leprosos.

— Dos leprosos? Que horror!

— Nem tanto...

— E são muitos?

— Uns quinhentos...

— E quando pretende regressar?

— Nunca.

— Que vida infernal!... E é bem pago?

—Deus o sabe...

— Como? Não ganha?

— Espero ter o necessário para viver e trabalhar...

— Só?

— É quanto basta...

— E sua família?

— Deixei de constituir família por amor a essa família de infelizes...

— Não compreendo essa filosofia...

— Parece que sou um louco, não é?

— Isso não, mas... desculpe... o senhor deve ter sofrido algum desgosto profundo.

— Não me consta. Não sou derrotista nem misantropo. Creio na vida...

— É porque abandona o conforto da sociedade?

— Vou à conquista de um mundo mais belo e feliz...

— Quimeras!

— Realidades espirituais!

— Loucuras!

— Sabedoria divina!

— Paradoxos!

— Verdade supremal Mais belo é dar, que receber... É minha ideia, é meu ideal.

— Mistérios...

— Tem razão. O mais belo de todos os mistérios é este: imolar-se na ara de um grande ideal. Ser apóstolo — e eu quero ser discípulo do grande Mestre...

... ...

E lá se vai ele, o titã dos mares, levar a plagas longinquas um apóstolo da Verdade e da Vida, da Fé e do Amor...

Herói anónimo...

— Sim, mas não seria prudente chamar o médico para que a examinasse?

Fiz-lhe notar que a mãe passava adoràvelmente e que o pai fora um homem muito sensato e bondoso para poder vir do outro mundo fazer à sua própria filha uma revelação tão dolorosa. A dor sempre vem cedo.

Convenci-me de que as minhas palavras acalmavam a excitação de minha enteada e disse-lhe que repousasse no meu quarto.

Quando à noite ela me reapareceu para o jantar, tinha tomado a sua resolução. Vinha risonha, embora não desanuviada. Mas só eu percebia que o fundo de toda aquela alegria, mais do que nunca espirituosa e vivaz, era torva e intranquila.

Resolvi falar no dia seguinte a um médico psiquiatra a respeito do caso, e tratei também de disfarçar as minhas apreensões para sossego de minha mulher.

Mas no dia seguinte o ministro da fazenda chamou-me para uma conferência que me fez perder um tempo infinito, e não pude assim consultar o doutor.

À tarde, ao voltar para casa, tive a surpreza de a encontrar em festa. Minha enteada convidara todos os nossos melhores amigos para um jantar improvisado de afogadilho. Queria sentir-se rodeada por muita gente. Entre os convidados não se esquecera de incluir o médico da família cuja demora a apoquentava. «E eu pedi-lhe que estivesse aqui antes das 6 horas», disse-me ela depois.

Aborreceu-me aquela insistência e insensìvelmente levantando os olhos, vi que eram 6 horas em ponto no relógio ao fundo da galeria. Percebi então que o mal de minha enteada fora contagioso, porque não pude reter um estremecimento, e foi já irritado comigo mesmo que entrei no salão à procura de minha mulher. Logo que entrei respirei de alívio, ao vê-la sentada numa poltrona ao lado do piano a ouvir música. Tinha a cabeça recostada num almofadão de veludo, os olhos semi-cerrados, os lábios entreabertos num sorriso e as mãos em abandono no regaço. Aproximei-me e ela não se mexeu; peguei-lhe na mão para a beijar, senti-a inerte e morna; chamei-a pelo nome, não me respondeu... Ao mesmo tempo, minha enteada punha-se aos gritos com os braços no ar!

PARA UMA FILOSOFIA ESPIRITA

A ÉTICA E O SOCIAL

Por A. RAMOS PEREIRA

Se o estudo dos valores morais se enquadra na «filosofia dos valores», a moral é uma ciência normativa (Wundt) com um objecto e método próprios, é a «ciência da ordem ideal da vida» (Rauh). Livre de pressupostos metafísicos ou religiosos, a sua base é essencialmente psicológica, sem que, com isso, criemos uma imprecisão de objecto. Digamos que a Psicologia estuda a «vivência» tal como é, e a Moral, assente sobre esse estudo, procura a «vivência» tal como *deverá* ser.

Em Psicologia não há conceitos de valor; a Ética (ou Moral) ergue-se sobre o próprio valor.

Considerando a Moral uma ciência normativa, imiscui-se no seu conceito a ideia de «valoração». Ora a valoração é individual. O natural seria, então, cada indivíduo criar o seu mundo ético... Mas se o valor não é ser, se o valor tem uma específica realidade, a tendência é para definir uma «valoração» (normas gerais), capaz de transformar a vivência actual numa existência melhor, sem nos afastarmos da realidade. Permita-se-me, pois, expurgar da definição de Rauh a imprecisão do termo «ideal», vulgarmente compreendido como irrealidade (ainda que possível). Real.-actual é a valoração individual; real-possível é a valoração universal, fundada na natureza do homem existencial e do valor.

Logo, se quisermos seguir com segurança naquela valoração, torna-se necessário manter em constante presença este princípio lógico: — o indivíduo é a base da sociedade; modificado aquele, a modificação desta vem por acréscimo. Além de que a natureza espiritual do homem implica a impossibilidade de o considerarmos sòmente como elemento social. Expliquemo-nos em termos de psicologia.

SOBRE A PERSONALIDADE

O espírito humano não é apenas um somatório de «arquétipos» ou «categorias herdadas» através dos quais poderemos *abstrair* um «psiquismo colectivo». Ele é mais uma personalidade *existindo* sempre em sucessivas e descontínuas «vivências», personalidade adquirida por reacção à homogeneidade dos arquétipos. É isto, precisamente, o que não se pode nem se deve esquecer. A alma colectiva não tem realidade trans-individual, porquanto foi da e na evolução individual que ela surgiu sob o aguilhão do condicionalismo material. O facto de a sociedade existir hoje e quase nos ser ilícito imaginar o homem isolado — Robinson Crusoe na sua ilha —, não é motivo para que neguemos a verdade psicológica. Até agora — e conhecemos os efeitos perniciosos desse princípio — tem-se procurado tornar o indivíduo serventuário da sociedade, mas serventuário mecânico, ignorante dos fins. Que é isto se não afirmar aquela realidade trans-individual da sociedade ?

Argumentarão agora alguns com a psicologia social, com o psiquismo das multidões onde realmente se produz uma homogeneidade em que a personalidade se apaga.

Mas não há fenómenos psico-sociais sem a existência de «arquétipos» *nos indivíduos*. É a voz deles que arrasta toda a complexidade do comportamento das massas. *A personalidade não se perde na massa, mas... no seu próprio psiquismo arquetípico ou colectivo.*

Ora bem; se pusermos de lado aquela afirmação sobre a natureza da sociedade, surge claramente a conclusão de que o indivíduo no organismo social, servindo outro indivíduo, serve-se a si próprio. Invertem-se os papeis e a organização social aparece como serventuária do indivíduo, como *o modo* deste evoluir mais rápida e fàcilmente. É um *individualismo como fim* e *jamais como meio.*

Mas antes do mais, torna-se imprescindível a análise da «consciência da época», das linhas gerais já definidas na actualidade, a fim de que a valoração tendente a universal não fique pairando na esfera pura da idealidade.

A CONSCIÊNCIA DA ÉPOCA

Se penetrarmos na evolução dos dois últimos séculos, veremos bem que o conceito de «massa» se foi gerando numa racionalização-mecanização da actividade, pelos progressos da Técnica. Com ela e por ela, a «massa» passou a ser algo de articulado, com uma vida (e porque não existência ?) própria, recebida da concretização e sublimação dos arquétipos individuais. *A sociedade é hoje um conglomerado de massas articuladas entre si, instáveis, diferentes e, por vezes, opostas:* A consciência da massa não é a consciência da sociedade humana; esta é a consciência da consciência das massas. Acaba-se assim por não encontrar o indivíduo dentro do mundo técnico, embora ele continui sendo quem, pela sua existência, dá existência à massa e à sociedade. O indivíduo é dissolvido, lentamente, e acabará por se fundir inteiramente se não houver uma reacção. A massa vai-se infiltrando cada vez mais longe...

Mas em que consiste esta dissolução do indivíduo na massa? Não há, realmente, fusão em qualquer coisa extra-individual, mas uma *cedência* cada vez maior que se revela, na estrutura psicológica, na fusão da personalidade no psiquismo colectivo. Os arquétipos foram racionalizados, esquadriados, tornados mecânicos a tal ponto que hoje deveremos falar de... «tendências de massa» no indivíduo, de uma existência geral que se encaminha para a subversão da existência individual.

E tanto assim é que no momento em que o indivíduo *quer ser*, no momento em que ele busca realizar-se num mundo seu, entra em conflito com a massa. Pois bem: — que sucederia se uma, se qualquer dessas esferas existenciais vencesse a

outra? Não haveria vencidos e vencedores e sim... a derrocada geral. A razão do progresso está mesmo nesse conflito, nessa oposição e é nela que o indivíduo realmente se define. Se a massa vencer integralmente, o que se revelará na mecanização de todo o psiquismo humano, ficará pairando como uma cúpula sem pilares... e o homem terá negado a sua própria existência!

A DISSOLUÇÃO DO INDIVIDUAL

Esta dissolução lenta da individualidade mostra-se claramente, por exemplo, na linha actual para a transformação completa do agregado familiar. Cada vez vai tendo menor extensão o «velho» conceito de «lar» e de «família». O matrimónio toma as características de um contrato a curto prazo... A mulher, forçada a lançar-se no campo da concorrência económica nos mercados do trabalho aumenta o poder dos germes destruidores da família, sobrepondo-se irresistivelmente a educação escolar à familiar, por quase inexistente... Se lhe acrescermos a «sexualização do matrimónio» (van de Velde), a racionalização do acto sexual, teremos o quadro completo.

A ANGÚSTIA DO VIVER

Consequências ? A angústia desesperada de viver (v. Kirkegaard ou Jaspers), em parte radicada na separação do indivíduo e do trabalhador. O homem reduzido à sua função económica, condicionado pela técnica da divisão do trabalho sente a vacuidade, a instabilidade do seu viver. Poder-se-à, em ciência económica, argumentar em pró desta técnica que trouxe todo o progresso (externo) da civilização moderna, mas teremos sempre de ponderar os efeitos psico-sociais arrastados, porque não se desenvolveram ainda forças capazes de anular esses efeitos. O homem *vive* para a técnica, para a exploração, *vive na* «massa» e sente a inanidade deste viver. As épocas de crise vincam este sentimento e arremessam o homem para a busca desesperada de um viver exaustivo de cada momento; buscam-se as emoções fortes que dêem uma aparência de vida.

A técnificação médica e a profilaxia social podem prolongar a vida, podem aumentar a robustez física, que não impedem um envelhecimento prematura do «indivíduo», um cansaço mais rápido e de efeitos mais extensos e intensos. As doenças nervosas e mentais ameaçam a sociedade moderna, constituem mesmo a característica da sua «débacle» ou melhor da «débacle» da individualidade dentro dela. Elas são o resultado natural da instabilidade da vida trazida pela técnica desenfreada.

É mentira que a técnica tenha conduzido ou possa conduzir por si a humanidade ao enquadramento numa sociedade estável. O que se vê é o contrário: — uma radiação e extensão das antinomias que se chamam luta de classes, oposição de interesses dentro do Estado e de Estado para Estado. A técnica satisfaz necessidades económicas e julgou poder sistematizar também as necessidades espirituais (O facto de o homem não ter consciência dessas necessidades espirituais e da imprescindibilidade de as satisfazer não implica que elas não existam e que a sua insatisfação individual não traga o cortejo trágico do sentimento da vacuidade de viver). Com razão disse Karl Jaspers que «a massa não pode ser, em nenhum sentido determinável, sede da essência daquilo que ao homem importa.

O HOMEM E O ESPÍRITO DA MASSA

A 1.ª guerra mundial permitiu que o espírito da massa se fosse impondo cada vez mais forte. A técnica, penetrando os domínios bélicos, transpôs fronteiras, sistematizou processos, trouxe o conceito da «guerra total». Com a 2.ª guerra mundial, o indivíduo apagou-se mais diante do espectro de massa. Os «leaders» que têm aparecido não são mais que (digamos) materializações do espírito de massa. Não foram homens que fizeram, sofreram e aguentaram o fenómeno bélico. Foram massas que se opuseram, seguindo a voz sugestiva daqueles que exprimiam as linhas definidas da sua consciência; foram máquinas ao lado doutras máquinas dentro dos quadros rígidos de uma nova técnica guerreira. Responsabilizar um ou outro homem ? Eles não teriam realidade actual sem as massas que os ergueram e sustentaram. *A massa não tem vontade, não sabe o que realmente quer; o «leader» é e será sempre a personificação dessa vontade.* Essa abulia é característica da consciência da massa e torna esta um joguete nas mãos do que a «sinta» e saiba emprestar-lhe a decisão que ela por si não tem.

No próprio campo da arte, da ciência e da filosofia se notam sintomas da desagregação. A arte evolui para o jogo-diversão e para uma estratificação mecânica, para o serventualismo ao sentir da massa. A ciência consigna-se à dedução prática e a filosofia à especulação académica (Falamos naturalmente dos sectores mais próximos daquele campo. Nos outros, nota-se a necessidade de uma fuga, de uma oposição para que haja real criação. É a fuga da individualidade. Ela olha para a realidade imediata e o que o Artista cria, por exemplo, não sendo um divórcio dessa mesmo realidade, é uma interpretação levada tão longe que se torna contundente).

A MORAL E A DESAGREGAÇÃO INDIVIDUAL

Não queremos ir mais longe na análise dos aspectos actuais da «vivência», porque o mostrado é já suficiente para o fim em vista: — fundamentar a afirmação de um caso patológico social, de que o homem é um «desconhecido» no mundo que criou, esquecido de que o fazia para si e não para outro ser diferente (v. «L'homme cet Inconnu», de A. Carrel; «Tendencias Espirituales de Nuestro Tiempo», de Karl Jaspers; «Desespero Humano» de Kirkegaard).

Mais do que nunca, pois, a Moral não poderá ser simplesmente a «ciência de um ideal de viver», construindo um mundo (por reflexo) sem realidade possível. Mais do que nunca, *a Moral tem de ser ciência do real* capaz de fornecer uma *base segura* para as ciências ditas sociais.

Em Moral teórica, é usual começar-se pelo estudo do dever, do imperativo categórico moral em que, automàticamente, se olha o homem enquadrado na sociedade. Isto é, pensa-se logo como Kant: — «age, como se o máximo da tua acção devera tornar-se, por tua vontade, lei universal da natureza» (v. «Fundamentos da Metafísica dos Costumes», pág. 89). Como que se indica que a obrigatoriedade do valor moral só tem realidade pelo sujeito, quando afinal está impressa na pró-

pria natureza do valor. No sentir do valor, já há um «deve»... O dever fundamenta-se no sentir consciente dos valores (sentir emocional). Se a polaridade é também característica do mundo dos valores há obrigatoriedade logo no sentir de qualquer dos polos, uma obrigatoriedade que é solicitação a acto. Quanto mais forte eu sentir um polo dos valores, mais intensa será a tendência para realizar em acto os valores sentidos. Mas assim como a vontade pode reforçar essa solicitação e determinar o acto, assim pode anulá-la, modificá-la ou sublimá-la. Isto pressupõe uma escolha no sentir dos valores, uma deliberação antes da determinação.

O que escolher, então, para realizar ? Naturalmente o melhor... mas um melhor que o não seja *apenas porque o homem se encontra em sociedade*, mas também porque êle é um indivíduo. Logo, o fim da Moral é o *esclarecimento deste dever* que o homem deveria impor-se depois de uma prévia dliberação sobre os reflexos emocionais da consciência dos valores. Afirmo assim que o dever-moral é sustentado pela natureza do homem e decorre do dever-ser do valor.

A moral estuda o dever em relação constante ao homem, é *Moral da existência* (Uma moral de vivência será, por exemplo, o edonismo ético).

Surge a questão: — que devemos realizar — valores positivos ou negativos ? Se ambos são valores, se há quem sinta prazer na realização dos valores negativos, será lícito considerar «superior» a realização dos valores positivos ? Sendo possível *mostrar*, é um esforço vão pretender *demonstrar*. Para quem não seja capaz de sentir as diferenças entre positividade e negatividade moral através dos seus reflexos internos, não poderá compreender o seu alcance em termos de vivência pelo princípio enunciado por Kant. «Ser moral é, em primeiro lugar, sentir a força da sua vontade e a multiplicidade das forças que se encerram em um; em segundo lugar conceber a superioridade das possibilidades que têm por objecto o universal sobre as que não se referem mais que a objectivos particulares» (Guyau in «Éducation et Hérédité»).

Mas não mudam os preceitos morais de lugar para lugar e de tempo a tempo ? Isso não implica a negação da existência de uma verdade moral. O fim do homem é então encontrar *uma verdade moral* através da qual ele se realize superiormente.

Resumindo, tenho dois caminhos na minha frente: — ou considero apenas a vida humana actual e edifico um sistema moral referido a ela e, portanto, tendente a melhorá-lo; ou viso a existência contínua e tenho de lançar já naquela «moral de vivência» os germes de um aperfeiçoamento da individualidade. Pois bem, se eu concluir que há uma multipilicidade de vidas — reencarnação — se cada uma delas é afinal ganhar experiências, se a personalidade é o somatório das linhas definidas nessas experiências; o modo da vida deverá ser tal que as experiências sejam progressivas e não regressivas. A vivência pode não mostrar imediata e objectivamente os efeitos da realização dos valores negativos, mas eles aparecem claros na existência do espírito. Logo, a *moral prática deverá enlaçar os dois caminhos em que a vida será vista como meio e a existência como fim*, em que o indivíduo será visto além da massa e esta em função da natureza daquele.

MORAL DUPLA

por TITO L. BANCÉSCU

(Correspondente em Rosário)

QUANDO os materialistas se adaptam à moral convencional para saír de apuros e satisfazer a consciência, não estranhamos. Estão no seu papel. Só conhecem o círculo vicioso de suas concepções, embora haja materialistas que, do ponto de vista moral, são peregrinos exemplares humanos.

Nas fileiras espiritas é incongruente a existência de indivíduos que usam uma moral para casa e outra para a rua. Neste ponto é que a ética sofre evidente menoscabo em detrimento do Espiritismo, porque, com olhos de Argus, nos julgam severamente. Eis porque a inconsequência doutrinária é o pior inimigo do nosso ideal.

Quanto menos falarmos de Espiritismo e mais o praticarmos, melhor obra espirita realizaremos. O verdadeiro espiritista é sempre o mesmo em toda a parte. Tem procedimento firme e definido de que nunca se desvia. Todas as noites faz o balanço da sua vida, obedecendo sempre ao impulso da consciência.

Para ele, a moral é una. Dar-lhe interpretação dualística é torná-la elástica e acomodatícia. Desculpa-se nos materialistas e nos criacionistas, mas não entre espiritistas, porque cada um de nós é artífice do seu porvir. Se no perispírito se grava o nosso procedimento cotidiano desde o nascimento até à morte — e até depois da morte física — não teremos a menor desculpa para fugir à responsabilidade do que tivermos feito ou pensado.

Donde se conclui que devemos seguir o caminho recto, construindo um futuro mais atraente e prometedor. Pelo visto, a justiça é imanente e premiamo-nos ou castigamo-nos de harmonia com nossas obras. Deus não se imiscui em nossa vida, nem no nosso livre-arbitrio. Dá-nos ampla liberdade de fazer o que quisermos.

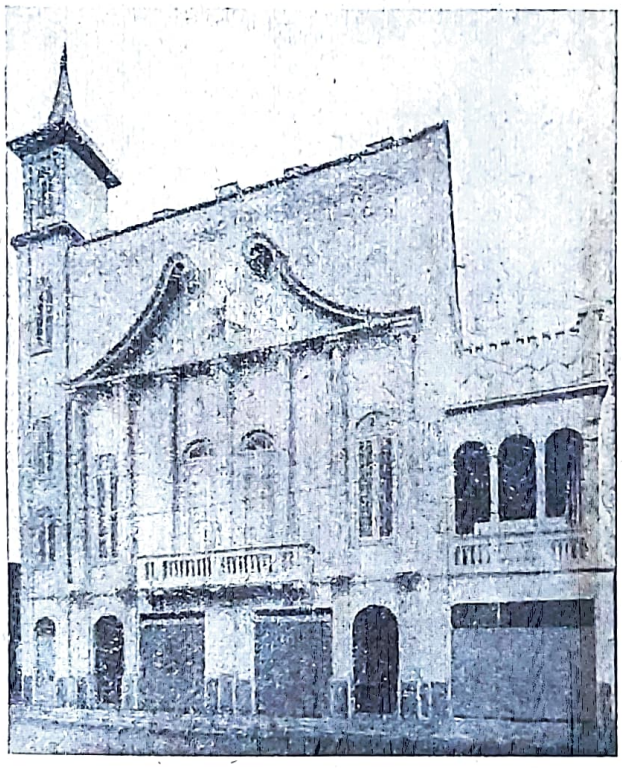
Por isso não há dupla moral que valha. E isto nos parece contraproducente e pueril, com a agravante de termos de remediar, em vidas futuras, os erros cometidos.

Quando se assimilar definitivamente a concepção palingenésica, os espiritistas serão, não diremos super-homens, mas muito próximos disso. Não é fácil tarefa lutar incessantemente com as paixões do passado, mas temos que aliar o peso de existências anteriores. A Terra é uma escola. Não é a moral dupla que nos tornará felizes, mas a moral única, sincronizada com as leis do Criador. A salvação está em nós e não fora de nós.

(I. D. S. traduziu)

Academia Espirita Nova Jerusalém

Acaba de fundar-se em S. Paulo a *Academia Espirita Nova Jerusalém*. À primeira vista, parecerá uma notícia qualquer, tão habituado está o público a notícias que não têm maior alcance do que as páginas que as inserem. Extinguem-se como aparecem. Mas esta não é assim. Tem a alicerçá-la um nome conhecido, que, só por si, vale uma legião de obreiros esforçados. É o operoso trabalhador António J. Trindade, fundador e mantenedor da *Sinagoga Espirita Nova Jerusalém* e do maior sanatório espirita do Brasil, que o Governo Paulista quis adquirir há anos por 13 ou 14 milhões de cruzeiros, recusados terminantemente pelo seu proprietário com o fundamento de que não atraiçoaria o fim a que o destinara: acolher todos os enfermos tuberculizados, proporcionando-lhes meios de cura.



A Sinagoga Espírita Nova Jerusalém

Pois agora, pelas colunas de *Alvorada de Uma Nova Era*, sabemos que vai instalar-se ali a Academia Espirita há muito esperada, pois os écos da sua fundação já tinham chegado a nossos ouvidos. A *Sinagoga* é um majestoso edifício de quatro andares, com grandes salas para as aulas, laboratórios, salas para a Direcção, Arquivo, sala de música, de recreio, quartos para os internados, além de rés-do-chão, onde funciona a *Cozinha dos Pobres* e se encontra a instalação da Gráfica. Além disso, a *Sinagoga* tem o maior salão de conferências e sessões públicas do Estado de S. Paulo e talvez do Brasil, onde poderão funcionar as aulas de conjunto para as sabatinas.

O ensino ali ministrado será inteiramente gratuito e constará de português e literatura; história geral; geografia geral; filosofia com a exegese de todas elas; sociologia e política; história, ética e técnica jornalística; oratória; religiões comparadas; Espiritismo teórico e prático; exegese evangélica, tudo isto a cargo de confrades de reconhecida competência. Se os não houver, irão buscá-los onde estiverem; mas já têm garantido o concurso de amigos do Rio de Janeiro.

Qualquer indivíduo maior de 21 anos pode concorrer ao estudo na Academia, que terá alunos externos, semi-internos e internos. De início, os primeiros serão 40, os segundos 30 e os terceiros outros 30. Total — 100 alunos. Condição prévia: exame de instrução primária ou conhecimento de português equivalente ao exame. O candidato apresentado por Centros espiritas será preferido, pois o que se pretende é pregadores que possam difundir Brasil em fora os postulados da 3.ª Revelação.

Quanto à manutenção dos alunos, ela será inteiramente gratuita, quer de alimentação, quer de lições a receber. Desnecessário se torna encarecer esta grandiosa iniciativa de um português de lei que em terras hospitaleiras de Além-Atlântico está desenvolvendo uma obra única no mundo. O seu objectivo é unificar a propaganda da Doutrina e dar ao Espiritismo pregadores abalizados. Isto é de alcance tão evidente e extraordinário, que dispensa comentários para compreensão do leitor.

Qualquer pessoa, viva ela onde viver, ali pode ir fazer o curso e voltar à sua terra para pregar os ensinamentos que lhe foram ministrados. E os solteiros — diz a notícia que nos orienta neste leve bosquejo — «irão pregar por aí afora, com seu futuro garantido, pois terá a nossa assistência e será mantido por meios de que nunca tenha de se envergonhar junto de confrades ou em frente dos adversários.

Temos de concordar que isto é doutrina a que não estamos habituados. Se todos fizéssemos a décima parte do confrade António J. Trindade, onde estaria hoje o Espiritismo? Por isso, é que gestos desta natureza devem ser espalhados aos quatro ventos. Ao menos, para estímulo de trabalho e para marcar atitudes.

A *Academia Espirita Nova Jerusalém* apresenta-se com base sólida, porque tem a alicerçá-la um grande fundamento que já deu bastas provas de amor à Causa. *Estudos Psíquicos* nunca regateará louvores a homens como o nosso confrade e patrício António J. Trindade. Não é louvaminha, é justiça que se presta a quem trabalha.

Resposta a RUFINO JUANCO

ESTUDOS PSÍQUICOS, publicação portuguesa de especialidade, constitui e representa para mim leitura tanto atraente quanto edificante, honrando-me deveras com ver acolhidas, gentilmente, em suas colunas, elaborações que lhe destino.

Em seu n.º 8, correspondente ao mês de Agosto último, deparou-se-me o artigo encimado pelo título que cobre as presentes linhas, da autoria de Rufino Juanco, mexicano, que, ao referido título, acrescenta «Será Novo Fracasso Científico ?».

Nesse artigo, o aludido autor, que, indiscutivelmente, se revela idóneo e ilustrado, diz que «desejaria» outros irmãos nossos «emitissem, nesta nossa querida revista, suas opiniões a respeito da origem do homem».

O artigo citado teve por fonte, segundo declara o sr. Juanco, o facto de «alguns periódicos» haverem publicado «a estupenda notícia de que o Doutor Robert Broom, antropólogo sul-americano, conseguiu encontrar o elo perdido que decifrará o mistério dos antepassados do homem».

O problema das origens, o porquê e o por que razão, despertam, incitam a nossa curiosidade e, sem esta, muito naturalmente, haveria jazido em noite de absoluta ignorância o animal que nós somos.

E esta afirmação, de raciocínio lógico, esta inferência conclusiva que não me oferece dúvidas, por si só, simultâneamente, me grita não existir na fauna deste nosso planeta nenhum outro ser vivo que lhe seja comparável, podendo nivelar-se com ele.

E, assim, admitindo, como não posso deixar de admitir, o princípio de causalidade e a duração eterna, cessei há muito de preocupar-me com a ascendência do homem, o qual, demonstrado mesmo que fosse participante, em algum pormenor, do símio, nunca, pela expressão de individualidade psíquica intangível, seria atreito a confundir-se.

Ségur escreveu algures: «Perante a morte, a máscara cai, o homem fica, e o macaco desaparece».

Serão despidos ou destituídos de validade ética e moral os animais inferiores ?

Quem há, em nossa grei, dotado, como o cão, de fibra sentimental que o exceda ?

Não é apenas o instinto que os orienta, e exerce neles acção imperiosa.

Avulta em seu meio o amor dedicado até o sacrifício, a gratidão autêntica, a lição de coisas, a aptidão artística e o cálculo, a previdência reflectida e a disciplina modelar.

Não falecem argumentos que o comprovem, nem são escassos os quadros que o patenteiam.

O homem, como assunto de estudo, por mais de uma vez há sido evocado em minhas horas de cogitação, em silêncio íntimo.

Também percorri e agora mesmo estão presentes os livros de mestres abalizados, aspirando a solucionar dificuldades e a estabelecer ou assentar bases definitivas, quanto a uma teoria que não meta água por lado algum.

Realmente, até hoje, tudo tem falhado, quando submetido a exame fundo e a análise escrupulosa. A sede, porém, de conhecer o

O ELO

que ignoramos e nos impressiona implica insistência e redobramento de esforço e continuidade na pesquisa e indagação.

Os enigmas, aparentes e não aparentes, perturbam e arreliam, como estorvo de facto, impertinente; e a norma ou regra mais prudente, mais sensata e decente no campo científico, pròpriamente dito, é a abstenção pessoal de afirmações categóricas, antes de prova e contraprova segura dos factos a elas relativas, sendo digno e honesto que nos desviemos, em cada assunto, de envólucros lendários e de pinturas fantásticas, meras torres engenhadas sobre areia movediça!

Não há menos de dezasseis anos, 1933, determinado já não me recordo porque motivo, elaborei artigo, com a rubrica O Homem, estampado em números sucessivos do bem redigido semanário Gazeta do Sul, de Montijo.

Após transcrever, por tradução, o epílogo do livro L'Anthropologie, de Paulo Topinard, discípulo predilecto do proeminente cientista Broca, encerrei-o nestes termos:

«O homem não é o produto de um dia espe-

cial de trabalho atribuído à omnipotente divindade biblica, é um elo genuino e natural na cadeia dos seres, com aprumo inaudito de inferências e simultânea oscilação de cepticismo.

«Consinta-se-me, agora, um brado poético, matizado de filosofia:

«Abre os lábios, ó vida, e vem dizer-me
«O teu segredo eterno!

«Solta-o Teixeira de Pascoais; e, se das águas não brotou, diga de sua justiça integral em auto e voz, sem ambiguidade, a física e a química triunfantes, rasgando, finalmente, os últimos véus do ignoto desconcertante!».

Ainda, no momento, 28 de Junho do ano indicado, não ocorrera o fenómeno directo que me propeliu ao Espiritismo, aliás jamais criticado ou censurado por mim.

Sou daqueles que se rendem perante factos peremptórios, falando à razão, aos sentidos e

PERDIDO

por F. NORONHA

à consciência.

A ideia de energia suprema intelectual povoou o meu espírito, desde que tive tento do eu e da personalidade responsável.

E quanto mais avanço na observação, na meditação e na concentração, tanto mais verifico a negação do acaso e a realidade axiomática de um Ente Presciente e Poderoso. Parto do que me fere a vista e da insaciável aspiração das minhas faculdades para um Além que não devasso, mas reconheço no espectáculo dos movimentos matemáticos das esferas e adivinho, por alfa e ómega, em tantíssimos corpos emitindo cintilações e oferecendo-se-nos a olho nú, por entre os quais, armados com potencial telescópico, entranhamo-nos no espaço, descortinado pela imaginação mais e mais, inesgotàvelmente.

O homem, alma, espírito, substância simples que em cada vida de provação é hóspede de um todo orgânico material, cujos elementos formativos obedecem a instabilidade permanente, renovando-se em períodos certos, o homem ficaria sempre o homem, sem objecção de espécie alguma nem deprimência característica, fosse ou não fosse encontrado o tal elo que, no entanto, e de conformidade com a convicção arraigada do sr. Juanco, «é tempo perdido pretender encontrar».

Se, por hipótese, se registasse, um dia, semelhante descobrimento, o Autor da natureza ter-se-ia diminuído?

Porventura são falsas a vida fisiológica e a vida psíquica do animal humano?

Como transitar de miniatura e de figura ridícula para o senso de imponências vertiginosas, penetrando massas nucleares dos mínimos, arrolando estrelas, reduzindo resistências no próprio seio da imensidão e, por vezes, levando o arrojo e atrevimento até se querer contrariar as leis imutáveis da Omnisciência Incriada?!...

Existem mistérios e abismos para o nosso alcance, estamos coactos por muitos lados, mas é justo reflectir que, se não houvesse uma barreira entre o finito e o infinito, desbancado, puro mito, estaria o Deus único do Universo e contar-se-iam tantos deuses quantos os intelectuais, pelo menos!

Isto é sequer viável, por absurdo?!

Para a frente é que devemos caminhar.

Andar para trás, ou desandar, briga com o homem, com o ser humano, que tem uma cabeça a erguer para o Alto e aparelho visual físico, disposto de molde a esclarecê-lo no respectivo piso.

Providência e previdência assomam de projecção essencial neste conjunto de verdade, que o livre arbítrio alimenta e o mérito e o demérito realizam: depurando, se predodominando aquele, agravando, se o contrário ocorre.

Não discordo inteiramente do juizo exteriorizado pela pena do confrade mexicano a que me reporto e a quem ligo consideração devida.

Confesso mesmo, que lhe agradeço de alma, o ter-me dado ensejo a reler originais que arrumara e a percorrer passagens de textos de obras de minha consulta nestas matérias interessantes.

Já nada me surpreende, convenço-me de impossíveis, balizando-nos o fôlego e sustando-nos a audácia, por exemplo: o quadrado é quadrado e o círculo é círculo, duas figuras geométricas que são o que são, independentemente do que nós queiramos, e até do Sábio por excelência!

É positivo, inconvertível, fora de todas as alçadas o intrìnsecamente impossível: ser e não ser, corpóreo e não corpóreo, palpável e não palpável, visível e não visível, tudo isto no mesmíssimo instante.

ESPIRITISMO CARITATIVO

(Ao Confrade Apolonius Cristus)

Li na nossa Revista de Setembro findo o seu artigo «Espiritualismo Caritativo».

Também eu não posso esquecer o grande ensinamento que o nosso irmão José António Marques nos ministrou com a sua palestra de 27 de Julho passado.

As suas palavras ainda hoje me martelam os ouvidos. As imagens que nos descreveu e nos fez visionar, não me saem da retina. E os exemplos de amor, dedicação, humildade, renúncia e caridade que nos apresentou, bem fundo calaram em minha alma.

E eu, meu caro confrade, fiquei pensando porque razão em Portugal se não poderá fazer a mesma coisa.

Argumenta-se que o meio ambiente é diferente. Que não seríamos auxiliados. Que o desinteresse dos espiritas portugueses, quanto a esta faceta do Espiritismo, é manifesto. Enfim que, para organizar, estabelecer e manter obras dessa natureza, é preciso muito dinheiro e que as nossas dificuldades materiais nos não permitem «cavalarias tão altas».

Mas não serão estas afirmações uma forma escapatória da nossa obrigação do amor ao semelhante e do receio ao trabalho? Já se tentou fazer alguma coisa? Sem tentar, como poder desistir dessa ideia? Só a experiência nos pode mostrar se há ou não essa possibilidade.

No nosso Centro iniciou-se uma profunda remodelação de trabalhos. É necessária em absoluto. O Espiritismo é ciência que necessita de ser estudada. É filosofia que precisa de ser divulgada, porque é a Terceira Revelação. Os tempos são chegados, dizem-nos as mensagens do Alto.

Pois bem. Estudemos a ciência. Esclareçamos os fenómenos. Divulguemos a filosofia. Mas pratiquemos o complemento — A Caridade —, porque, praticando-a, em nada se prejudicam os outros trabalhos. A esfera de acção é ampla. Na nossa doutrina há lugar para todos. Para os que trabalham no campo científico, para os que agem no campo experimental e para os que servem no campo material. Cada qual tem a sua missão, consoante as suas possibilidades e anseios.

Não esqueçamos, como muito bem o prezado irmão recorda, o lema que o Mestre Codificador nos legou: *Fora da caridade não há salvação.*

Assim, tentemos pelo pouco, para ver se conseguimos alcançar o objectivo: *A prática do Espiritismo de vivos para vivos.*

E para isso, desde já pode contar incondicionalmente com a humilde ajuda do seu confrade e admirador que daqui lhe envia um fraternal abraço.

Túlio A. Rosa

Os compêndios de física inseriam como propriedade geral da matéria a impenetrabilidade.

A transposição tem sido notada em sessões espiritas.

É crível? Não é crível?

É fenómeno dentro das leis da natureza que em seus corpos, opacos e não opacos, rendilhados de orifícios infinitesimais, dá passagem a elementos, de teor idêntico, que os atravessam.

Anomalia? Seja-o; mas não impossível, por absurdo, de que não participa.

A ressonância e universão, manifestadas no todo existente, onde nada se perde e tudo se transforma, a luz radiantíssima que brota, ininterruptamente, cenários científicos e de métodos experimentais postos em prática segundo o apostolado ingente kardeciano, os segredos de ontem feitos conquista brilhante de hoje e prefácio promissor do amanhã sugestionador ampliado, eis uma garantia triunfal de supremacia espirita nos testemunhos de verdade e um depoimento incontroverso de primazia da capacidade do homem sobre os restantes animais.

Portanto, se surgisse, completo, um esqueleto, sem cauda, denunciando vantagens relativamente ao chimpanzé, não se me afigura legítimo que fosse classificado como tipo intermediário entre a raça símia e a raça ou espécie humana.

Impõe-se e impor-se-á, através do tempo, em todas as épocas porvindouras, um distingo, *inapelável, sem instâncias de qualquer género: aquele que dirigiu o homem, desde a noite selvagem, servindo-se das unhas, trepando às árvores, lutando pelo cio e pela fome até à compreensão e desenvolvimento das matemáticas, até deter o raio, até voar no espaço infindo, até ler, em suma, no belo horrível e na abóbada opulenta de lampadários, o nome do Agente máximo da vida, que ainda não sabe definir e seguramente insuflador do espírito que o anima, da vontade que o fortalece, da consciência que o julga!*

Este é o animal sem émulo, o animal sem animalidade no sentido pejorativo do termo, a carcaça viva, que uma força trina e imaterial habita.

Missiva Fraterna N.º 1

SORRIA SEMPRE!

Por CORINA NOVELINO
Representante em Sacramento — Minas Gerais

Querida :

Em mãos a sua cartinha transbordante de palavras amarguradas. Sua mensagem expressa não apenas dor, mas revolta. Guardo no âmago da alma a impressão dolorosa, que me veio da sua angústia. E estou penosamente preocupada com você. Não fossem dirigidas a mim aquelas palavras de desespero...

Você se queixa da incompreensão dos que a rodeiam. Sente que suas ideias se atrofiam no isolamento irremediável. Não se acha, finalmente, no *seu* ambiente e considera-se infeliz com a frequente hostilização àos seus pontos de vista — frutos do idealismo nobre de seu espírito bem formado. Daí a revolta surda que você está enclausurando no coração — este recanto sublime do Ser, onde só deviam existir claridades.

Positivamente, a situação mental que você está preparando é mais grave do que se pode supor à primeira análise. Já reflectiu nesse trabalho lento e eficaz dos valores negativos do pessimismo, que se vai processando no seu mundo interior ? Já meditou sobre o perigoso processo inibitório que se lhe avoluma no coração e se projecta nas camadas exteriores do meio em que vive?

Sim. Lembre-se de que sua personalidade constitui um enigma para aqueles com quem convive. Repare sempre nas palavras ácidas que deixa cair frequentemente, em contraposição à doçura inata do seu temperamento. Assim, se você sofre, também faz sofrer a outrem.

Minha amiga: ainda é tempo de voltar atrás, reconquistar o terreno perdido no campo da Fraternidade.

A propósito, ocorre-me a lembrança de um conto encantador que ouvi alhures e que estou sempre a repetir para mim mesma e para os meus alunos. É a história de um velhinho maltrapilho que, numa fria manhã, teve de realizar um percurso longo por uma estrada deserta.

Pôs-se a caminho, trazendo colado ao corpo velho, mal vestido e sub-alimentado, um capote surrado que a caridade alheia lhe pusera um dia sobre os ombros desnudos.

Assim que viu o pobre ancião, o vento gargalhou sinistramente e pensou carregar-lhe com o capote. Maldoso, sopra rijamente sobre o velho. Este se agarra com força leonina ao capote. O vento reune todas as energias de que dispõe e despeja-as sobre o velhinho. Novamente, este se apega ao querido capote que a violência do vento quase arrebatara. Após breve descanso, o vento consegue acumular forte dose de reserva e a deixa cair sobre as costas do caminhante, visando-lhe o capote. De novo o velhinho se prende com desesperada aflição, ao único tesouro que possui.

A esta altura, já o vento, cansado, desiste do intento maléfico. Acalma-se, recolhe-se, meditando, talvez, no seu pobre destino de semeador de mal-estar e discórdias.

Mas o velhinho está arquejante, exausto do esforço despendido na luta contra as forças eólias. Um fiozinho de morte penetra-lhe os membros gastos. Aí, entra em cena outra personagem: é o Sol, que põe a cara redonda e alegre por entre duas nuvens escuras e feias. Vê o ancião, tiritante, na estrada deserta. Pensa e quer salvá-lo. Sorri-lhe docemente. Um jacto de luz suave beija o corpo cansado do velhinho. Doce calor vai, aos poucos, renovando-lhe as energias. Dentro em pouco o maltrapilho, já suficientemente confortado, despe o capote, coloca-o sob o braço e segue sua rota, cantarolando, ao influxo caricioso do sorriso do Sol.

Querida: Aprendemos nesse conto que a prática do Bem custa menos que o exercício do mal.

Quanto conforto, quanto carinho envolvente se esconde num sorriso bom !

O trabalho do mal, no entanto, é fatigante e prejudicial até para quem o executa.

Não desejo preconizar-lhe a tolerância negativa e passiva nem a resignação ante faltas alheias e ofensas recebidas. Não. Apenas, lembro-lhe a responsabilidade grave que há nas atitudes e nos actos dos espíritos lúcidos como o seu. É necessário que você exemplifique a tolerância educadora, positiva, dinâmica. A tolerância que encaminha e edifica.

Desta sorte, você estará construindo sua paz interior, na observância aos ditames da consciência.

Há no sistema ético de Confúcio um preceito que reza: «Tem simpatia por todos os homens», que é equivalente àquela regra áurea do Cristo: «Amai-vos uns aos outros». Eis aí a directriz mais segura para a construção dos laços da afinidade espiritual tão necessária ao exercício da Fraternidade e do Perdão !

Pense nestas coisas, minha amiga, e sorria na dor, como na alegria. Mas que seus lábios não se entreabram para o sorriso triste e inexpressivo dos pessimistas.

O seu sorriso deve ser o reflexo iluminado da serenidade interior.

Sorria sempre, querida !

História de "Silver Birch" contada por êle mesmo

Apresentada por B. B. MARTINS

II

Quando, há muitos anos, me foi perguntado se queria voltar ao mundo da matéria e procurar na Terra um grupo que viesse trabalhar comigo para transmitirmos a mensagem de espírito, a minha resposta foi afirmativa, como foi a de muitos outros. A minha missão foi-me então confiada.

Disseram-me que teria de procurar e encontrar um instrumento e que, juntando-me a ele, eu seria capaz de exprimir, por seu intermédio, a mensagem que me tinham encarregado de transmitir.

Percorri então os nossos registos e encontrei o meu médium.

Vigiei-o desde a altura em que foi concebido e desde o momento em que o seu espírito começou a expirimir-se, embora como pequena luz mortiça —, empreguei a minha influência para organizar e impulsionar esta associação, que já tem alguns anos de funcionamento.

Ajudei a moldar o espírito e a pequenina mente do meu médium e, através de cada fase da sua vida, vigiei todas as suas experiências, associei-me intimamente com ele e habituei-me durante a sua infância a todos os seus processos mentais e hábitos físicos. Numa palavra, estudei o meu instrumento sob todos os aspectos — mente, espírito e corpo físico.

E então tive de guiar os seus passos para a compreensão destas verdades espirituais. Primeiro levei-o a estudar muitas religiões do vosso mundo material, até que a sua mente se revoltou e começou a ser o que vós chamais um ateu. Quando esta revolta desempenhou a sua parte na revelação mental, pude eu começar a minha tarefa de falar através dos seus lábios.

Levei-o à sua primeira sessão. Ajudei a trazê-lo ao seu primeiro grupo. E ali pude fazer o meu primeiro contacto — tão imperfeito, tão trivial, mas, do meu ponto de vista, tão importante — e proferi a minha primeira expressão no mundo da matéria por meio de outro organismo.

Desde aquele dia aprendi a controlá-lo cada vez melhor, como tendes visto, a ponto de conseguir registar a totalidade das minhas ideias e conseguir eliminar em todas as direcções o que há na própria personalidade do médium.

Gostaria também de dizer-vos alguma coisa acerca da minha missão.

Os que me enviaram disseram-me: «Entrarás no mundo da matéria; e, quando encontrares o teu instrumento, trarás até ele algumas almas que lhe sejam simpáticas que te ajudarão a transmitir a tua mensagem». Procurei, encontrei-vos a todos e consegui juntar-vos.

Mas a maior dificuldade que enfrentei, foi a de escolher se deveria fornecer as provas de que o vosso mundo necessita, isto é, provas materiais e não espirituais, porque o vosso mundo não as compreenderia, ou se voltaria como professor para ensinar a verdade. Escolhi a dificuldade mais dura.

Eu disse que, depois de longos anos com as múltiplas experiências que tive nas regiões espirituais, voltaria e tentaria apelar com amor para aqueles que eu me esforçaria por ensinar. Apelaria para a razão. Apelaria para o julgamento das mentes a que vós chamais amadurecidas, evolvidas e educadas. Revelaria a mensagem do espírito em toda a sua simplicidade.

Não diria nada que ofendesse a razão. Esforçar-me-ia por manifestar amor, por nunca repreender, e por demonstrar pela palavra, pelo exemplo e por tudo o que eu fizesse, que eu era o que afirmasse ser — um mensageiro do *Grande Espírito*.

E impus a mim mesmo o fardo do anonimato, porque eu não me valeria do nome de nenhuma personagem ilustre, de nenhum título, nem de nenhuma categoria ou de qualquer fama, mas seria julgado ùnicamente pelo que dissesse e pelo que fizesse.

Quando estive nas esferas, no último festival, Eles elogiaram-me e disseram-me que eu tinha já cumprido muito da minha missão. Lágrimas de alegria me rolaram, então, pelas faces abaixo.

Devido ao trabalho que outros têm feito — o mesmo trabalho que nós fazemos — há mais luz no vosso mundo material, há mais felicidade, há menos sofrimento e menos lágrimas. Temos conseguido vitória parcial sobre o túmulo. Temos levado muitos a mais elevado progresso nas suas vidas. Temos desviado muitos da falsidade do passado que cega os homens e os não deixa ver a justiça e a verdade. Temos ajudado a libertar muitos da prisão dos credos e dos dogmas que afligem o vosso mundo há tantos anos, envergonhando a razão com as suas tolas imbecilídades.

Pensámos ensinar — e até certo ponto temos sido bem sucedidos — que há um *Grande Espírito* de amor e de sabedoria, não de parcialidade, nem de fúrias, nem de vingança, nem tão pouco comerciante de pestes e de doenças.

Pensámos em revelar o *Nazareno* como um grande modelo.

E muitos têm visto a razão que há nos nossos ensinamentos.

Grande trabalho tem sido feito, mas um trabalho maior há ainda para fazer. Há guerra no vosso mundo de matéria, guerra que não devia existir, porque, se o vosso mundo conhecesse estas verdades e as vivesse, os homens não matariam. Há miseráveis choças onde os filhos do *Grande Espírito* são compelidos a viver privados de ar puro, onde estão impossibilitados de conseguir os saudáveis raios de sol, onde são forçados a viver a baixo nível alimentar indispensavel à saúde. Há privações, angústias e miséria.

Há ainda superstições a destruir. Há ainda corações que sofrem. Há ainda doenças a vencer. A nossa tarefa não está completa. Alegramo-nos com o trabalho que tem sido feito e pedimos que nos seja dada força para que, com a vossa cooperação, sejamos capazes de produzir, ainda, maior serviço.

Eu («Silver Birch») sou apenas o intérprete d'aqueles que me enviaram e não procuro para mim qualquer glória, nem qualquer recompensa. Não tenho ne-

CRIANÇAS-LOBOS

KAMALA

Por ANTÓNIO CARDOSO

Os que estudaram História Universal lembram-se certamente que o Império Romano foi fundado por Rómulo e Remo, ambos filhos gémeos de Rea Sílvia, esposa do Deus Marte. A lenda acrescenta que estes dois jovens tinham passado os primeiros anos da sua existência na companhia de lobas, que os amamentavam. Mais tarde, quando o ardor da mocidade lhes despertou as qualidades latentes, empreenderam a fundação do Império Romano; mas, numa discussão, Rómulo foi assassinado pelo próprio irmão.

Rudyard Kipling (o autor da conhecida poesia «Se») conta-nos numa das suas novelas, «In the Rukh», a história de uma jovem hindu que durante toda a sua mocidade havia sido criada por lobos.

Outros autores, em suas novelas, têm também feito entrar casos em que crianças têm vivido os seus primeiros anos junto desses animais.

— Mas — perguntará o amigo leitor — haverá realmente alguém que acredite nessas histórias, que mais não são do que lendas? Já alguém realmente insuspeito viu, presenceou com os seus próprios olhos esse facto? A resposta é, embora isso surpreenda muita gente, afirmativa. Sim, existem casos não contados por romancistas para entreter espíritos afeitos a maravilhas das «Mil e Uma Noites», mas por investigadores, por gente de nome, da qual não é possível duvidar.

No ano de 1724, por exemplo, nas florestas de Hanovre foi apanhada uma dessas crianças, logo transportada para Londres, para ser exibida em sessões públicas. Sete anos mais tarde o bispo de Chaumont acolheu outra criança do mesmo género, a qual, mercê dos carinhos do bispo e de outras pessoas, conseguiu vir a ser uma mulher em toda a verdadeira acepção da palavra, dedicando-se mais tarde à vida religiosa. Cinquenta anos mais tarde facto análogo se deu: desta vez foi um jovem apanhado nos bosques de Aveyron, que foi levado para Paris, e serviu de pretexto para um estudo profundo de Pinel e Itord, do qual foi feito um extenso relatório, que segundo A. Plichet (Vide «Kamala» na *Voz da Índia*, de Margão, numa tradução de Lourenço de Almeida) é única no género.

Mais completo quanto a pormenores de reeducação é o caso de uma criança capturada há cerca de 29 anos — caso relativamente recente — pelo pastor J. A. Singh, servindo também de pretexto para A. Gessell publicar um extenso relatório sobre o caso. O autor — professor universitário — conta-nos que no dia 9 de Outubro de 1920, pelas 17 horas, quando se tentavam caçar os lobos que viviam numa toca, os exploradores viram, cheios de surpresa, assomar à abertura da toca um animal estranho, que não era bem lobo nem bem homem, mas uma mistura dos dois. As mãos, os pés e o corpo eram de aparência humana, mas a cabeça assemelhava-se mais aos quadrúpedes com quem até ali tinha vivido, devido ao seu tamanho descomunal. Ainda não refeitos daquilo que tinham assistido, eis que vêem assomar à porta outro ser semelhante, embora de menor tamanho. Os exploradores não fizeram mais do que afastar os lobos para bem longe do local, com o fim de apreenderem os dois «fenómenos». Faltava só afastar a loba-mãe, mas desta vez o caso parecia mais difícil, pois mostrava as duas filas de dentes a qualquer que tentasse aproximar-se. Por fim teve que ser morta a flechas. No covil ficaram apenas dois lobinhos e as duas criaturas estranhas; todas as quatro, mostravam pouca simpatia por qualquer que se

---

nhum desejo de engrandecer-me, a mim próprio ou à minha personalidade. Regosijo-me por exprimir estas verdades desperdiçadas e perdidas durante tantos séculos e agora restabelecidas para o vosso mundo, marcadas com o selo da verdade divina.

A minha função é a do mensageiro que fala da mensagem, e eu tenho-me esforçado por ser fidedigno, transmitindo aquilo que me foi confiado, de acordo com o instrumento de que disponho e com o poder que adquiri. Sòmente quero prestar serviço e, se os poucos ensinamentos que trouxer ajudarem uma só alma a encontrar a paz nas tempestades da vida, a encontrar o abrigo da verdade depois de ter experimentado as tormentas da dúvida, se dentro do santuário destas singelas verdades espirituais nós pudermos encontrar a felicidade e ser inspirados a servir, então, talvez tenhamos realizado um pouco do trabalho do Pai.

(continua)

Lourenço Marques
28-8-949

tentasse aproximar, avançando para morder o intruso. Depois de aprisionadas aquelas duas criaturas estranhas, o Dr. Gesell leva-as para o orfanato de Midnapur, onde ficaram, sendo conhecidas com os nomes de Kamala a que aparentava 7 anos, e Amala, a que aparentava 2 anos.

A reeducação destas duas crianças-lobos, destas duas raparigas que haviam vivido uma parte da sua existência como perfeitos animais selvagens, não foi tarefa fácil. Kamala e Amala comiam e bebiam como cães, rosnando quando alguém se aproximava durante as refeições. Quando se encontravam na cerca, corriam, como quadrúpedes, e agarrá-las, apesar da pouca idade que aparentavam, não era tarefa fácil. De noite, quando se encontravam fora de casa, costumavam uivar. Naquele orfanato havia umas 20 crianças que, quando iam brincar, queriam levar Amala e Kamala; mas estas pouco ou nada se importavam com as suas insistências, e se alguma delas insistia muito ou se aproximava demasiadamente, era recebida com alguma mordedura, ou com qualquer outra «amabilidade» do género. Kamala, mais do que a companheira, não perdia fàcilmente seus hábitos selvagens. Um dia, quando se apanhou livre de qualquer vigília, foi encontrada a comer as tripas de uma galinha.

Quanto a Amala, apenas com dois meses de orfanato já conseguia articular a palavra *água*, que pronunciava quando a sede a atormentava. Kamala, pelo contrário, apenas lambia os beiços.

A pouco e pouco, embora com enorme dificuldade, Kamala consegue passar de quadrúpede a bípede. A pouco e pouco, embora com uma lentidão capaz de desanimar o educador mais corajoso, esta criança-lobo ia saindo da sua vida de lobo para viver uma vida de criança. A morte da sua companheira provocou um grande choque no seu íntimo, chorando pela primeira vez. Teve uma norme crise, que foi tratada com o maior carinho, para que não voltasse à sua antiga ferocidade, como parecia, por certos indícios, querer voltar.

Mas não! A crise acabou; em contrapartida, Kamala começa pela primeira vez a dar mostras de sociabilidade. Começa por não fazer mal aos cabritos como até aí; em seguida começa — pela primeira vez também na sua vida — a não repelir o homem, mas a ter confiança nele. Começa a ser amiga das suas companheiras de Orfanato, e mostra vontade de aprender. Já não fazia mal aos pintainhos como antigamente, enxotando até as gralhas que os perseguiam.

No entanto, só passados dois anos de orfanato conseguiu pronunciar uma palavra. Que enorme esforço, quantos sacrifícios, quanto carinho não foi preciso para se chegar a isto — pela primeira vez Kamala, a criança-lobo, pronunciou uma palavra humana. Depois desta outras se seguiram, pronunciando 30 palavras aos 15 anos. Já compunha pequenas frases, cantava, e quando saía não dispensava o vestuário, ao contrário do que até ali sucedia. O pudor existia agora nessa criatura que outrora andava nua, e agora ficava contrariada quando a não viam vestida.

Em 1927 Kamala adoece e em Novembro de 1929 — faz agora 20 anos — morre aquela, que vivera 8 anos junto dos lobos e 9 anos junto dos homens. Se a sua desencarnação se não efectuasse tão cedo, certamente que nos 20 anos que vão de 1929 a 1949 Kamala teria feito grandes progressos e seria sem dúvida uma mulher em todos os sentidos. Quem sabe se Kamala se não tornaria uma escritora (muito teria ela para nos contar), ou uma cientista, pois o facto de nessa criança se ter dado uma adaptação ao meio ambiente, é independente da evolução do seu espírito; e uma vez que essa adaptação foi quebrada, o espírito pode-se manifestar com todos os seus recursos.

*
* *

O caso de Kamala, e de outras crianças-lobos, além do aspecto científico que apresenta, serve para mostrar, mais uma vez, que os animais — mesmo aqueles que o homem na sua incomensurável vaidade chama ferozes — dão-nos lições de moral profundíssima.

Ainda há poucos meses os jornais de Lisboa contaram um caso um pouco semelhante: uma cadela amamentou durante muitos dias uma criancinha, enquanto a mãe desta se encontrava no trabalho, nunca suspeitando daquilo que se passava em casa, estranhando, no entanto, que a criança, à noite, não tivesse vontade de mamar, embora se encontrasse sorridente e de bom aspecto.

As lobas parece que ao amamentarem crianças que encontram abandonadas, compreendem bem a infelicidade que representa ser orfão, admiràvelmente sintetizada por Pitigrilli: «Quem não tem mãe, não tem família»...

Anais Metapsicológicos

METAGNOMIA PROVOCADA

Por AKAR

Por metagnomia (termo criado por E. Boirac) designamos o conhecimento da realidade não obtido através das vias normais ou mesmo telepáticas. Até há pouco, julgava-se impossível *produzir* fenómenos metagnómicos, isto é, colocar indivíduos normais em condições tais que neles se pudessem observar estes fenómenos. (Note-se que não incluimos a possibilidade de os obter em sonâmbulos, por considerarmos estes como passivos metapsicológicos).

Mas, em 1919, o cientista francês Rouhier, químico notável e doutorado em farmácia, estuda as propriedades do «peyotl». Por este nome, de origem azteca, é designado um pequeno cacto cujo *habitat* se resume às regiões centrais e setentrionais do México, especificadamente às estepes pedregosas, desertos áridos e vertentes calcárias junto ao Rio Grande do Norte; o seu nome botânico é «Echinocactus Williamsii». Sob o ponto de vista metapsicológico, o suco desta planta tem a propriedade de excitar o centro óptico do cérebro, deixando todos os outros centros menores intactos, isto é, torna aquele centro hiper-sensível. Esta propriedade era já conhecida dos antigos aztecas e utilizado o suco de «peyotl» em certas cerimónias religiosas, em que entravam «videntes».

A absorção deste suco, ou de um seu preparado químico apenas revela os seus impressionantes efeitos quando o sujeito da experiência fecha os olhos. Então ele vê uma feérica cavalgada de imagens (hipnagogismo), desenrolando-se independentemente da sua vontade e que desaparece logo que ele abra os olhos. Como diz Rouhier: — «Estas visões são animadas de um movimento contínuo, lento ou rápido, conforme a quantidade de droga absorvida. Durante horas, surgem e desenvolvem-se visões de cenas surpreendentes, visões de um mundo povoado de coisas, de plantas, de animais, de personagens diversas que surgem, agem, agrupam-se, desaparecem, constituindo cenas animadas... cenas que a vontade do sujeito é incapaz de provocar, de modificar ou de parar». Os efeitos de «peyotl» aproximam-se, portanto, dos de certos alcaloides (ópio, morfina, hashish, etc.), mas com a diferença, sobremodo importante, sob o ponto de vista fisiológico, de não atacar outros centros nervosos e ainda de darem origem a perfeitos fenómenos metagnómicos.

Em 6 de Setembro de 1919, o químico francês fez ingerir um preparado de «peyotl» (extracto clorofórmico com 63 % dos alcaloides totais em 8 pilulas de 0,25 grs.) a um engenheiro que se prestou à experiência. Quarenta minutos depois, surgiam as primeiras visões a que se sucedem outras cada vez mais nítidas e fantásticas. Fracas excitações (ligeiras pancadas, toques, etc.) produzem no passivo sensações visuais surpreendentes. Ele capta o pensamento dos assistentes, mas envolvendo-o sempre de imagens mais ou menos complexas. Assim a palavra «lobo» produz, por acção telepática, as seguintes imagens: — árvores, muitas árvores, um bosque imenso; árvores enormes sob um luar de sonho, uma solidão pesada envolvendo tudo e... *um lobo* olhando de frente, com firmeza. Quando alguém pensou em Henrique IV, o passivo viu passar uma colecção de medalhões, num dos quais reconheceu Catarina de Médecis e noutro o monarca francês indicado.

Cerca das 20 horas, uma senhora da assistência pediu para o passivo *ver* o que se passava no quarto duma sua prima que se encontrava de cama, depois de um parto dificil. O engenheiro descreve o compartimento, descendo às minúcias mais detalhadas, mas diz que não consegue ver senhora alguma no leito.

— Não há ninguém no quarto *senão eu* —, afirma categòricamente, quando a senhora insiste.

Com efeito, como se pôde constatar, a doente, aproveitando a ausência do marido, levantara-se, cerca das 19 horas, para só regressar ao quarto às 21 horas. E a alcova encontra-se tal como o vidente a descrevera.

Não entrando em linha de conta com o que se possa deduzir da análise comparativa entre as visões hipnagógicas provocadas pelo «peyotl» e as que se dão espontâneamente (período que antecede o sono, por exemplo), o estudo sistemático dos efeitos dos solutos peyóticos deve aclarar, se não resolver totalmente, o processo dos fenómenos metagnómicos.

Em 1905, o Dr. Zerda Bayon descobrira o «yagé», planta também americana (Hoemadietyon amazonicum) cujos preparados de igual modo provocam «uma embriaguês visionária, *fértil em factos supranormais*», assemelhando-se, por tal, aos de peyotl.

Estas experiências (pelo que sabemos) não tem tido continuação nos últimos anos, nem foram exploradas de um modo sistemático, pelo que os seus resultados são fragmentários e indicam apenas novos caminhos à ciência metapsicológica.

É interessante notar a dissemelhança dos métodos usados no Oriente e no Ocidente para produzir fenómenos metapsicológicos. No oriente, empregam-se fundamentalmente os métodos magneto-hipnóticos; no ocidente, produz-se a excitação das faculdades latentes por acção de substâncias. Assim, entre os gregos, no templo de Delfos, as pitonizas eram «preparadas» pelas emanações sulfurosas; entre os aztecas e os incas, os sacerdotes ingeriam preparadas de peyotl o yagé; os egípcios também empregavam, em certos trabalhos mágicos, os fumos resultantes da combustão de certas plantas odoríferas.

RENASCER DE NOVO...

MUITO se tem escrito sobre o sugestivo e palpitante assunto da reencarnação. Ocuparam-se dele profetas dos tempos bíblicos e o próprio Jesus o deixou bem expresso na sua significativa conversa com o judeu Nicodemos.

Se considerarmos que a lei da evolução tende, em sua infinita carreira, para o apuramento cada vez mais belo das espécies, não será difícil admitir a necessidade de nascer de novo, até que a alma atinja aquele mínimo de pureza e beleza espiritual que lhe permita a ascensão definitiva ao reino dos céus.

Renascer de novo, voltar ao alambique da matéria muitas vezes, para que o homem deixe pouco a pouco à terra aquilo que é inerente à sua condição terráquea! Vaidades, egoísmos, vícios de toda a espécie e paixões sem conta, tudo é peso que impede o voo da alma para as alturas.

A actual população do Globo considerada a natural e indiscutível evolução, é a mesma dos tempos de Jesus. Mais humana, mais harmónica e mais bela, sem dúvida, porque este conjunto de beleza material e espiritual é o resultado, a obra que a lei do progresso imprimiu ao homem através das sucessivas reencarnações, que são outras tantas escolas de aperfeiçoamento moral e espiritual.

Como a Primavera sucede ao Inverno, a vida sucede à morte no rolar das vidas e dos mundos, mas é sempre impregnado de nova seiva e portador das conquistas passadas, produto de esforços, de lágrimas e da inquebrantável vontade de vencer, que o homem renasce para completar a trajectória imensa do seu imortal destino.

Assim se apresentam sobranceiros aos tempos, em suas inconfundíveis personalidades, aqueles que o vulgo ignoto, em sua inocente credulidade, apelida de meninos prodígios, seres privilegiados, génios que se destacam e assombram as massas, pelas faculdades espantosas tão precocemente desabrochadas, que mergulham na mais profunda «rêverie» os menos preparados para compreender os sábios e indiscutíveis desígnios do Altíssimo.

É na música que mais se têm revelado esses casos a que vimos aludindo; talvez por ser a arte do sentimento, a divina arte que arrebata nosso espírito, embalando-o e elevando-o na doce melodia dos sons, para além da cortina que encobre aos felizes habitantes do reino de Orpheu, as misérias e tristezas do pobre mundo que habitamos.

Ainda perdura na memória de quantos o ouviram, a impressão causada pelo pequenino, mas já ilustre e nomeado Pierino Gamba. Donde veio esse génio? Porquê para ele a glória, a celebridade e a imortalidade, expressas já na divina arte dos sons que ele dirige como ninguém?

O milagre de Pierino Gamba deve antes considerar-se o prémio do esforço dispendido, sabe-se lá durante quantas e quantas vidas!... É a aquisição duramente conquistada de uma alma que pretendeu já, em vidas anteriores, elevar-se nas notas de uma arte que ele possui a fundo, para além dos limites da vida terrestre.

Não se é artista sem uma longa e penosa preparação; sem aquela continuidade de esforços, traduzidos em dificuldade de toda a ordem: duras vigílias, anseios, ilusões desfeitas, alegrias e lágrimas, que são outros tantos estados de alma em que o génio começa a esboçar-se para atingir a sua plenitude,

Por ANTÓNIO J. MARTINS

(CORRESPONDENTE EM POINTE-NOIR)

quando o espírito, em aturado trabalho de milénios, tiver aliado a ciência ao sentimento, a beleza e a arte à moral evangélica.

Então o seu poder criador irrompe em torrentes de génio, arrastando e avassalando as massas em caudais de admiração e respeito. Será possível, que este complexo de virtudes e qualidades se adquira no curto espaço de onze anos de vida? Tal hipótese não resiste à lógica e à razão. Então? Só na reencarnação se pode encontrar a chave do grande mistério.

Se assim não fosse, onde estaria a Justiça, vista sob o ponto de igualdade do homem perante Deus? A ciência, a arte e o domínio das letras, são atributos que acompanham a alma em suas múltiplas peregrinações. São propriedade sua, qual dádiva a premiar o esforço das aspirações da alma, na conquista da supremacia do espírito.

É no curso das suas inúmeras existências que o homem atingirá esse estado superior e realizará as obras valorosas que, no dizer de Camões, «o irão da lei da morte libertando».

Pointe Noire, Novembro de 1949

Crónica Estrangeira

por Isidoro Duarte Santos

O «CASO» DE LANFRANCO DAVITO

Dizem que a imprensa é alavanca de progresso e que poderia levantar a terra — ou baixá-la, sabe-se lá... — se conseguisse lobrigar um ponto de apoio no espaço. Arquimedes disse o mesmo. E o Cardeal Rufo, da «Ceia dos Cardeais», só não combateu «o sol nas alturas, para não deixar Salamanca às escuras»... Enfim, há muitas proezas à espera de acrobata, muitos círculos à espera de... quadratura.

Vem isto a propósito do *Diário Popular* ter publicado em 11 do corrente um caso de reencarnação, polvilhando-o de ironia. Muitas vezes assim se faz, quando há insuficiência de cultura; outras, quando o misoneismo fecha os olhos para não ver e os ouvidos para não ouvir, julgando que tem avonde para resolver problemas e realizar façanhas como as que acima enunciamos.

Pois o dito jornal encima a história com este rótulo tremendo: «Um homem que morreu há 6.000 anos é sinaleiro de Turim!». E depois de discretear, sorrir e afirmar que não toma posição na querela, conta o estranho caso para que «o leitor se distraia»... Vamos ouvir o noticiarista, ou antes, transcrever-lhe a prosa, como ele a transcreveu também de outra gazeta profana.

«O caso é este: um certo Lanfranco Davito, de 46 anos, agente de polícia n.º 556 em Turim, recorda-se de ter vivido seis vezes no decorrer dos séculos passados. E fornece acerca das suas anteriores vidas pormenores de rara precisão que se adaptam exactamente ao que os especialistas podem conhecer das épocas. E eis o dilema: ou o agente 556 é um genial farsante possuidor de erudição fantástica sobre a Pre-história, a Proto-história e a História Antiga, que, por brincadeira, envergou o humilde uniforme de municipal, ou o areópago de sábios acha-se ante o caso alucinante de um ser humano que viveu várias vezes sobre o nosso globo e se lembra perfeitamente das suas diferentes reencarnações...

«Mas, antes de mais nada, quem é Lanfranco Davito ? Para seus chefes e colegas é simplesmente o agente 556. Mora numa casita pequena — sem biblioteca — no n.º 240 da Via Fossata, e leva vida pacifica com a esposa. Cumpre pontualmente o serviço e nunca lhe censuraram qualquer extravagância.

«Para os médicos psiquiatras que o submeteram a uma série de exames, Lanfranco é um caso vulgar, sem taras nem manias, exprimindo-se em linguagem simples e oferecendo todas as aparências de um homem normal. Para os eruditos é testemunha extraordinária da época das cidades lacustres ou do reinado de Sennacherib. Os episódios que relata respeitantes à vida social nesses sucessivos momentos da História não são sòmente conformes àquilo que os sábios conhecem, mas estão cheios de pormenores cuja invenção pura é absolutamente inconcebível.

«Mas, como é que Lanfranco Davito veio a lembrar-se do seu passado fantástico ? Segundo o que afirma, as coisas passaram-se muito simplesmente:

«Um dia de 1939, ao atravessar a Praça Carducci, em Turim, cruzou-se com um homem moreno cuja fisionomia lhe não era desconhecida. Onde e quando o tinha já encontrado ? Rebuscou em suas recordações e, de repente, um clarão iluminou-lhe o cérebro, precedendo a imagem fabulosa de uma cena que, de início, o fez duvidar da própria razão. Com efeito, *via* aquele mesmo homem moreno dar-lhe uma pancada de clava no crânio. Pálido e e com a fronte coberta de suor, o agente 556 revivia, 6.000 anos depois, o drama da sua primeira morte...

«Uma série de imagens saía assim das trevas da sua memória, como se o desconhecido da Praça Carducci tivesse misteriosamente desencadeado nele uma espécie de fenómeno mnemónico cuja mecânica o apavorava.

«Homem simples, Lanfranco lutou muito tempo contra o pesadelo. Não ousava confiar-se a ninguém. Mas as visões tornaram-se mais nítidas, precisas e abundantes... Ao mínimo apelo, voltavam, impunham-se e desenrolavam-se, como num filme. Primeiro foi a sua vida numa choupana sobre um lago. E via-se pescando e lutando contra os macacos. Depois, aquela «existência» cessava bruscamente com a pancada da clava de um estranho à tribo, o homem da Praça Carducci. Em seguida via-se no tempo de Sennacherib, trabalhando penosamente nas estradas da Caldeia e a combater na Judeia... Depois, a sua outra estadia sobre a terra, no tempo dos procônsules de Roma. Mais tarde, a sua outra vida na Ásia Menor, etc.

«Atemorizado por este dom extraordinário, Lanfranco Davito conseguiu por fim vencer a timidez e decidiu consultar um psiquiatra. Este fê-lo falar, convocou historiadores e assiriólogos que, por sua vez, o crivaram de perguntas. A todos respondeu com precisão espantosa.

«Agora, o agente 556 é, contra a sua vontade, um fenómeno que os sábios consideram simultâneamente, com curiosidade e desconfiança».

E o articulista termina assim o seu arrazoado:

«— Que espécie de homem é este que viveu seis vezes ?

«— Que espécie de homem sou eu ? — pergunta a si próprio, amargamente, Lanfranco Davito, dirigindo a circulação.

«E não pode impedir-se de pensar:

«— Ainda se ao menos isto me fizesse subir de posto !

«Esta história, com seus visos de inverosimilança, corre os jornais estrangeiros. Não damos muito por ela. Mas não vai mal num jornal de domingo — para distrair o leitor da bola...».

Com visos de inverosimilhança, sim, para o noticiarista que a aproveitou no intuito de preencher espaço que o aliviasse da obrigação cotidiana. Mas, assim mesmo, prestou um belo seviço à doutrina espirita. Os psiquiatras que assediaram o agente com perguntas não compreendem a

sua linguagem aparentemente sibilina. Apreciam-no como curiosidade, fenómeno, coisa espantosa, mas *deconfiando* sempre de suas palavras. Ficar-lhes-ia mal tomar conhecimento de tão dura hipótese, o que não impede que a notícia corra mundo e que os próprios cépticos a veiculem em seus jornais. Há factos que se impõem por si próprios. Desvirtuá-los, é querer «apagar o sol com o apagador de lata de uma igreja», como dizia um grande poeta.

Mesmo irònicamente, o *Diário Popular* contou a história. É o que interessa. O leitor não deixará de extrair as conclusões.

UM SANATÓRIO ESPIRITA

Temo-lo dito muitas vezes: o sentimento filantrópico dos confrades brasileiros é fonte inesgotável de obras primas de benfazer. É mesmo através dessa faceta maravilhosa que o Espiritismo ali se impõe a crentes e a descrentes, em observância à legenda kardeciana: *fora da caridade não há salvação.*

Ainda há pouco nos referimos à Maternidade «Casa da Mãe Pobre», monumento de caridade que dezassete mil almas sustentam em holocausto às mães desamparadas. Fizemo-lo alegremente, como quem grita uma verdade que todos deviam conhecer, como quem apela para os que têm, em benefício dos que não têm. O Rio de Janeiro é campo de semeadura onde a fraternidade espirita prolifera.

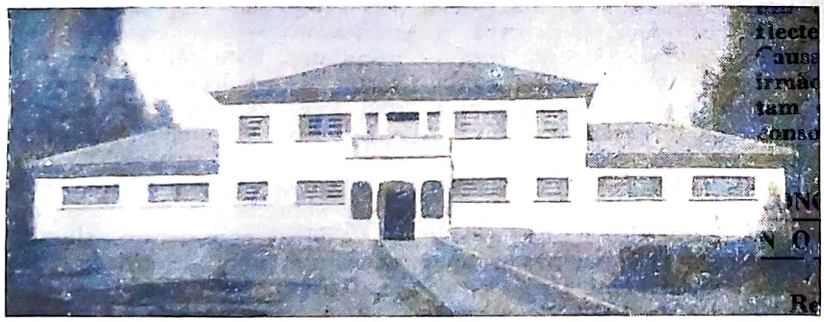
Hoje vamos referir-nos a outra obra e a outro rincão da pátria irmã, onde a Doutrina Espirita encontrou ambiente propício e dezenas de *legionários* erguem o lábaro da fé em trabalho constante de renovação espiritual.

Aludimos ao *Sanatório de Jesus*, em construção na linda cidade paulista de Cruzeiro e da iniciativa dos espiritas locais, representados pela directoria do Centro Espirita Vicente de Paulo: *Presidente* — Antenor de Sousa; *Vice-presidente* — Odete A. Sousa; *1.º secretário* — Lázaro A. Costa; *2.º secretário* — José Zácaro Neto (nosso representante em Cruzeiro); *1.º tesoureiro* — Adalberto Basile; *2.º tesoureiro* — Benedito C. de Abreu.

Esta obra assenta em 2.000 metros quadrados de construção e é circundada por um vasto terreno de semeadura e vegetação luxuriante, que torna o lugar aprazível, uma verdadeira estância de saúde para os organismos depauperados.

Está orçada em 2 milhões de cruzeiros, equivalente a 2.500 contos na nossa moeda.

Por aqui se pode fazer uma ideia aproximada da obra iniciada há três anos, quando o nosso colaborador Leopoldo Machado lá foi proceder ao lançamento da primeira pedra.



Sanatório de Jesus — Cruzeiro

E como se conseguiu tudo isto? — dirá o leitor curioso. Muito fàcilmente, poderiamos responder, se o esforço humano fosse coisa de somenos e não constituisse moeda valiosa no comércio das grandes e benéficas empresas. Foi a boa vontade de um pugilo de abnegados que ergueram Sanatório Jesus, por intermédio de festivais artísticos, bazares, tômbolas, parques permanente com cavalinhos semelhantes aos da nossa Feira Popular e um asseado bufete a cargo de algumas devotadas irmãs, entre elas as senhoras M. Fortes, Isa, Neusa e Marina Quintanilha, Rosária, Odete A. Sousa, etc., etc.

O trabalho comum consegue milagres de solidariedade e concita a atenção de todas as pessoas generosas. Só assim se explica que o Governo Federal concedesse o belo donativo de 200.000 cruzeiros e o Governo de S. Paulo 60.000.

Como se vê, no Brasil os próprios governantes colaboram com as empresas espiritas. Longe de as julgarem contrárias aos princípios morais que orientam a sociedade, reconhecem-lhe muitas vezes personalidade jurídica e consideram-na de utilidade pública, isentando-as de impostos.

E assim vai caminhando o Espiritismo, apesar da má vontade de muitos indivíduos que o atacam levianamente, sem o conhecer, pois se o conhecessem, se tomassem contacto com as suas agremiações, com as suas obras de beneficência, ficariam admirados de tanta filantropia e não mais ergueriam a voz para destruir o que devia merecer aplauso.

Cruzeiro vai ter bem merecido Sanatório, obra de espiritas para todos os irmãos que necessitem de um refúgio contra a terrível doença que inúmeras vítimas imola. Semelhante realização é um título de glória que se reflecte no prestígio da nossa Causa e servirá de estímulo a irmãos de outras terras que sintam o mesmo afã de auxiliar e consolar os que sofrem.

CONGRESSO ESPIRITA NORDESTINO

Realizou-se no Estado brasileiro de Sergipe o 5.º Congresso Espirita Nordestino, com a representação de dezenas de agremiações que demonstraram espírito fraternal e vontade forte de vencer. O patrocínio da União Espirita Sergipana foi cheio de bom senso. A ele deve, em grande parte, o êxito do notável certame.

Desde 29 de Outubro a 2 de Novembro as reuniões estiveram superlotadas, apesar da vastidão dos salões, como o Teatro Rio Branco e o Grupo Espirita Irmão Fêgo, cuja lotação é de 1.500 pessoas. A multidão invadiu tudo, estendendo-se pelas escadarias. Foram cinco dias de actividade doutrinária com uma assistência escolhida e vivamente interessada, onde se viam dois reverendos das igrejas presbiterianas e evangélicas, que se mostraram satisfeitos ante as explanações bíblicas que se fizeram ouvir.

Notas & Comentários

RADIESTESISTA PRODIGIOSO

A Voz da Índia, de Margão, Índia Portuguesa, insere em seu número de Setembro uma interessante notícia acerca de um radiestesista chamado Julez Calte que, devido às suas excepcionais faculdades, tem auxiliado a polícia francesa na descoberta de assassinos desaparecidos e outros casos em que a acção policial tem sido nula. Calte serve-se apenas de uma vara, um pêndulo e um mapa que lhe indicam em que parte do globo deve orientar as suas investigações.

Em 1 de Janeiro do corrente ano desapareceu um guarda-nocturno e, apesar das diligências feitas, não foi encontrado. A polícia recorreu então às faculdades de Julez Calte que, auxiliado pelo pêndulo e pela vara, se harmonizou com o chamado «raio de identidade» do desaparecido, descobrindo o cadáver.

No dizer de Calte e dos radiestesistas em geral, todos os corpos emitem radiações peculiares e é assim que se consegue tomar contacto com objectos ou pessoas desaparecidas.

BIBLIOTECA CIRCULANTE

Pernambuco Espirita lança veemente apelo aos espiritas para que contribuam com livros novos ou usados, a fim de realizarem um pensamento deveras útil à doutrina: uma Biblioteca Espirita Circulante, destinada principalmente às pessoas que não disponham de meios pecuniários indispensáveis à formação de sua cultura. Eis uma ideia verdadeiramente fraternal que muito poderá conseguir, se houver meios de a pôr em prática. Mais que o pão do estômago, é, às vezes, necessário o pão do espírito. Se o primeiro restaura as forças abatidas, o segundo rejuvenesce as almas, transformando-as e apetrechando-as para os grandiosos surtos da inteligência. Uma biblioteca circulante será alívio de tristes e bússola de transviados.

CENTRO ESPIRITA MODELO

Ainda há pouco falámos acerca do «Centro Espirita 18 de Abril» do Rio de Janeiro e transcrevemos algumas lições que o seu presidente dá todas as 4.as feiras e que constituem um verdadeiro exemplo de exposição doutrinária. Eis como o jornal baiano Luz da Verdade se refere àquele centro, em artigo do nosso correspondente, o ardoroso publicista Alfredo Miguel:

«No Rio de Janeiro, felizmente, existe um centro onde o Espiritismo é ensinado pelo sistema didático, com ilustrações no quadro negro. É o Centro Espirita 18 de Abril, de que é presidente Deolindo Amorim. As sessões a que eu assisti, ou melhor, as aulas práticas dadas por esse preclaro confrade foi para mim uma coisa inédita, empolgante. Em parte alguma jamais vi um tema espirita ser exposto daquela maneira e analisado com tanta proficiência e nitidez. A frequência ao «18 de bril» era, outrora, reduzida; hoje é enorme e crescente. É que ninguém há que deixe de ser assíduo aos trabalhos naquele cenáculo espirita, às 4.as feiras, depois de ter assistido a uma prelecção de Deolindo Amorim, ou feita por outro de seus companheiros de directoria. Estou certo de que o Espiritismo se tornará simpático a toda a gente e ganhará adeptos aos milhares, quando as sociedades propagadoras o apresentarem em toda a sua dignidade, como se faz no «Centro 18 de Abril», — o Centro modelo, talvez onde melhor se estuda o Espiritismo no Rio de Janeiro».

NOTA FINAL

Jesus responde assim a muitos que lhe dizem: «Senhor! Senhor!...»:

Chamais-me Mestre e não me obedeceis?

Chamais-me Luz e não me vedes?

Chamais-me Caminho e não me seguis?

Chamais-me Vida e não me desejais?

Chamais-me Sábio e não me atendeis?

Chamais-me Belo e não me admirais?

Chamais-me Rico e não me pedis?

Chamais-me Eterno e não me procurais?

Chamais-me Salvador e não confiais em mim?

Chamais-me Nobre e não me servis?

Chamais-me Poderoso e não me honrais?

Chamais-me Justo e não me temeis?

Se eu vos não ouvir, não me censureis...

«ALVORADA DE UMA NOVA ERA»

Surgiu em nova fase a Alvorada de Uma Nova Era, de S. Paulo, antigamente dirigida pelo nosso patrício António J. Trindade e que hoje circula em segunda fase sob a direcção responsável do Dr. Sebastião Luiz Guedes de Sousa a redacção do primeiro. É orgão da Sinagoga Espirita Nova Jerusalém, a que nos referimos noutro lugar e que há mais de 3 0anos exerce acção eficaz nos meios paulistas.

Enche-nos de prazer a chegada desta revista, que interrompera a sua carreira em virtude de exigências legais decorrentes de um diploma que probia a estrangeiros a direcção de publicações diárias, semanais ou de qualquer outra natureza.

Tem a secretariá-la outro patrício ilustre: o Dr. Amadeu Santos, um dos mais dinâmicos obreiros da Doutrina, a quem muito estimamos.

os dois patrícios citados apresentamos os nossos cumprimentos de boas vindas, desejando a bela revista os mais belos e merecidos triunfos.

Noticiário

AUXÍLIO AOS NECESSITADO

Destinados à Subscrição do Natal, recebemos mais os seguintes donativos:

Transporte do número anterior	3.429$00
Dois colonos de Lourenço Marques	440$00
Jeremias Neves	20$00
Maria M. de Jesus Macedo	20$00
Carmen Barata	20$00
Em memória de seu pai	20$00
Maria Alice de Sousa	30$00
Luzia Martins Alves	20$00
Tomaz D. de Oliveira	5$00
António Pereira	20$00
Manuel C. Casimiro	20$00
Jaime F. S. Varela	20$00
João P. Almeida Ribeiro	20$00
Malheiro	20$00
Joaquim Dias	20$00
A. L.	20$00
António Mendes	50$00
David da S. Guimarães	20$00
Um ilheu	20$00
X X	25$00
Frederico Pereira	10$00
Damião Teixeira	20$00
XXX	36$00
Eduardo M. Cortes	20$00
Maria G. Cid	20$00
Bernardo da C. Almeida	10$00
Anibal Jacinto	20$00
João O. Gouveia	20$00
Emília da Piedade	20$00
Isaac Marques	15$00
Matias Nobre	10$00
Augusto Lopes	20$00
António Alexandre	20$00
Maria L. de Armada	20$00
Ernesto B. Andrade	20$00
José Joaquim	7$00
Zahyra F. P. de Melo	20$00
José A. Barnabé	20$00
Por alma de Palmira Gouveia	50$00
Anónimo	20$00
Teófila Bitencourt	100$00
João Amado Venâncio	100$00
X	20$00
Faria & Novais	50$00
Irmão Germunde	20$00
Sebastião E. Martins	10$00
Maria M. Martins	20$00
Maria E. de Oliveira	10$00
A. Leyguarda Ferreira	10$00
G.	10$00
J.	10$00
Anita Lopes Mendes	20$00
Gracinda P. da Rocha	20$00
Carlos Bivar	10$00
J. F. C.	10$00
Ilda da Silva Rocha	10$00
S. A. S.	10$00
Aires dos Santos Pinto	200$00
Anibal G. Portugal	20$00
Romão S. Velez	20$00
Fortunata C. Bravo	50$00
José Farinha	20$00
Tertuliano Monteiro	30$00
Alfredo Vieitas	20$00
Francisco C. Figueiredo	20$00
João de Almeida Justino	20$00
Dois anónimos de Luanda	200$00
A. C. G.	20$00
Anónimo de Ponta Delgada	20$00
Centro Luz e Amor (filial de Almeirim)	20$00

(Continua)

PROGRAMA DOS TRABALHOS DO CENTRO NO MÊS DE JANEIRO DE 1950

Dia 1 de Janeiro, domingo, às 16 horas — Sessão mediúnica do Grupo General Passaláqua, destinada a todos os sócios, com a médium D. Maria Cecília Gorina e dirigida por José F. Cabrita.

Dia 2 de Janeiro, 2.ª feira, às 21,30 — Sessão experimental do Grupo General Passaláqua, com a médium D. Inês de Brass e dirigida por António Cardoso.

Dia 5 de Janeiro, 5.ª feira, às 21,30 — Sessão doutrinária e de irradiação mental do *Grupo Reper-Siam*, dirigida por António Cardoso.

Dia 7 de Janeiro, sábado, às 21 horas — Palestra de Ramos Pereira no *Grupo Gabriel Delanne*, intitulada «Fenómenos de Incorporação». Às 22,30, funcionará o *Grupo Experimental Ernesto Bozzano*, dirigido pelo mesmo confrade e destinado a todos os sócios.

Dia 8 de Janeiro, domingo, às 16 horas — Sessão mediúnica do *Grupo General Passaláqua*, com a médium D. Inês de Brass, dirigida por José F. Cabrita e destinada a todos os sócios.

Dia 12 de Janeiro, 5.ª feira, às 21,30 — Sessão doutrinária e de irradiação mental do *Grupo Reper-Siam*, dirigida por Isidoro Duarte Santos.

Dia 15 de Janeiro, domingo, às 16 horas — Sessão mediúnica do *Grupo General Passaláqua*, com a médium D. Maria Cecília Gorina, dirigida por José F. Cabrita e destinada a todos os sócios.

Dia 16 de Janeiro, 2.ª feira, às 21,30 — Sessão experimental do *Grupo General Passaláqua*, com a médium D. Inês de Brass e dirigida por António Cardoso.

Dia 19 de Janeiro, 5.ª feira, às 21,30 — Sessão doutrinária e de irradiação mental do *Grupo Reperper-Siam*, dirigida por António Cardoso.

Dia 21 de Janeiro, sábado, às 21 horas — Palestra de António Cardoso no *Grupo Gabriel Delanne*, intitulada «A Psicografia». Às 22,30 funcionará o *Grupo Experimental Ernesto Bozzano*, dirigido por Ramos Pereira e destinado a todos os sócios.

Dia 22 de Janeiro, domingo, às 16 horas — Sessão mediúnica do *Grupo General Passaláqua*, com a médium D. Inês de Brass, dirigida por José F. Cabrita e destinada a todos os sócios.

Dia 26 de Janeiro, 5.ª feira, às 21,30 — Sessão doutrinária e de irradiação mental do *Grupo Reper-Siam*, dirigida por Isidoro Duarte Santos.

Dia 29 de Janeiro, domingo, às 16 horas — Conferência por Ramos Pereira, intitulada «Por que sou espirita».

Dia 30 de Janeiro, 2.ª feira, às 21,30 — Sessão experimental do *Grupo General Passaláqua*, com a médium D. Inês de Brass e dirigida por António Cardoso.

Dia 2 de Fevereiro, 5.ª feira, às 21,30 — Sessão doutrinária e de irradiação mental, dirigida por António Cardoso.

Dia 4 de Fevereiro, sábado, às 21,30 — Palestra pelo Caronel Faure da Rosa no *Grupo Gabriel Delanne*, intitulada «A Escrita Directa». Às 22,30 funcionará o *Grupo Experimental Ernesto Bozzano*, dirigido por Ramos Pereira e destinado a todos os sócios.

Dia 5 de Fevereiro, domingo, às 16 horas — Sessão mediúnica do *Grupo General Passaláqua*, com a médium D. Maria Cecília Gorina, dirigida por José F. Cabrita e destinada a todos os sócios.

Obras de Ciências Psíquicas e Filosofia Neo-Espiritualista

(em depósito nesta redacção)

DR. INACIO FERREIRA

	br.	enc.
Conselhos a Meu Filho		15$00
Espiritismo e Medicina	18$00	30$00
Novos Rumos à Medicina, livro célebre, muito ilustrado, descreve os métodos da cura psíquica do Sanatório de Uberaba — 1.º volume		50$00
Têm Razão?, resposta magistral aos ataques feitos ao Espiritismo	40$00	52$00

FRANCISCO CÂNDIDO XAVIER (Médium)

	br.	enc.
Agenda Cristã, pelo *Espírito de André Luiz*	12$00	
Alvorada Cristã, pelo *Espírito de Neio Lúcio*, livro maravilhoso e educativo, para crianças de todas as idades	16$00	
Boa Nova (quadros evangélicos), ditados pelo *Espírito de Humberto de Campos*	18$00	30$00
O Consolador, pelo *Espírito de Emmanuel*, resposta a 461 perguntas	20$00	32$00
Cartilha da Natureza, pelo Espírito do poeta Casimiro Cunha	18$00	
Crónicas de Além-Túmulo, ditadas pelo *Espírito de Humberto de Campos*	20$00	
Emmanuel, repertório de ensinamentos cristãos, ditados pelo Espírito de *Emmanuel*	18$00	
Há dois mil anos, romance empolgante ditado pelo *Espírito de Emmanuel* (nova edição)	30$00	42$00
50 Anos Depois, continuação do romance supra, pelo *mesmo autor*	30$00	42$00
Lázaro Redivivo, pelo *Espírito do irmão X* Humberto de Campos	25$00	
Luz Acima, crónicas pelo *Espírito de Humberto de Campos*	22$00	34$00
Mensageiros (Os), pelo *Espírito de André Luiz*	26$00	38$00
Missionários da Luz, pelo *Espírito de André Luiz*, obra dedicada às pessoas cultas	32$00	46$00
Nosso Lar, pelo *Espírito de André Luiz*	26$00	40$00
No Mundo Maior, pelo *Espírito de André Luiz*	26$00	40$00
Novas Mensagens, do *Espírito de Humberto de Campos*	22$00	34$00
Obreiros da Vida Eterna, pelo *Espírito de André Luiz*	32$00	46$00
Parnaso de Além-Túmulo (maravilhosa colectânea de poesias ditadas por espíritos de poetas luso-brasileiros). Nova edição melhorada	40$00	54$00
Renúncia, romance empolgante e consolador, destinado aos tristes e desesperados, ditado por *Emmanuel*	35$00	50$00
Reportagens de além-túmulo, pelo *Espírito de Humberto de Campos*	26$00	37$00
Volta Bocage, Sonetos pelo *Espírito de Bocage*	12$00	

OBRAS DIVERSAS

	br.	enc.
Almas Crucificadas, empolgante romance mediúnico, ditado pelo *Espírito de Vítor Hugo*	35$00	50$00
Análise das Coisas, pelo *Dr. Paulo Giber*	18$00	30$00
Barqueira do Júcar, romance mediunico, recebido por *J. F. Colavida*	20$00	32$00
Beijo (O) da Morta, romance mediúnico recebido por *Celestina Arruda Lança*	22$00	34$00
Bem (A) da Verdade, refutação da teoria do corpo fluídico de Jesus, pelo Dr. Henrique de Andrade	40$00	
A Casa Assombrada, romance pelo *Dr. Bezerra Meneses*	26$00	38$00
A Casa Assombrada, por *Maria Veleda*	15$00	
O Caso Humberto de Campos, descrição do célebre processo judiciário movido à Federação E. Brasileira e ao médium Francisco Cândido Xavier, da autoria de *Miguel Timponi*. Um grosso volume	24$00	38$00
Chanceler (O) de Ferro, empolgante romance mediúnico ditado pelo *Espírito do Conde de Rochester*	42$00	56$00
Cinquenta e Duas Lições de Catecismo Espirita, por *E. Rigonati*	8$00	
Ciência Divina, pelo *Espírito de Jaime Braga*, recebido pelo médium *Doutor Porto Carreiro Neto*	26$00	38$00
Claustro (O), romance realista acerca da vida eclesiástica, por *Manuel Arão*		35$00
Conselhos a Meu Filho, (colectânea de ensinamentos morais muito interessantes), pelo *Dr. Inácio Ferreira*		**15$00**
Contribuições para o Espiritismo, por *Alexandre Dias*	**12$00**	
Cristianismo (O) do Cristo e o dos seus vigários, pelo *Padre Alta*	35$00	50$00
Cruzada Redentora, romance reencarnacionista de fundo histórico, por *António Lima*	40$00	54$00
Didaquê Espirita, por *Carlos Lomba*, Curso completo de Espiritismo para crianças de 6 a 14 anos	12$00	
Do Calvário ao Apocalipse, pelo *Espírito de Bittencourt Sampaio*	26$00	38$00
Do Calvário ao Infinito, grande romance mediúnico, ditado pelo *Espírito de Vítor Hugo*	42$00	56$00
Domínio Nefando, por *Arlindo Colaço*		24$00
Doutrina (A) de Jesus, por *Vinicius*	**7$00**	
Eça de Queiroz Póstumo (Comunicações de Eça de Queiroz ditadas a Fernando de Lacerda)	24$00	36$00
Elucidações Evangélicas (resumo da obra de Roustaing), pelo *Dr. António Luiz Saião*	45$00	60$00
Entre dois mundos (romance), por *Antoinette Boudin*	20$00	32$00

(Continua na 4.ª página de capa)

	br.	enc.
Espiritismo e Medicina, obra em que o autor faz sua profissão de fé espirita, pelo *Dr. Inácio Ferreira*	18$00	30$00
Espiritismo (O) à luz dos Factos pelo *Dr. Carlos Imbassahy*	30$00	44$00
Espírito (O) Consolador, pelo Padre *Marchal*	26$00	40$00
Espiritismo (O) e os Problemas Humanos, por *Deolindo Amorim* ...	22$00	
O Espírito do Cristianismo, por *Cairbar Schutel*, um grosso volume ...		45$00
Expiação, por *Areolindo Gorjão*	20$00	32$00
Factos Espíritas, por *William Crookes*	16$00	28$00
Fazenda (A) Mal Assombrada, romance por *Alexandre Dias*	20$00	
Fenomenologia Mediúnica, tese de doutoramento do Dr. O. Emboaba	18$00	
Fundamentos Científicos do Espiritismo, pelo *Dr. Azevedo e Silva*	10$00	
Funerais da Santa Sé *(Poesias ditadas pelo Espírito de Guerra Junqueiro)*	24$00	38$00
Grandes e Pequenos Problemas (aplicações do Espiritismo aos problemas da vida), por *Angel Aguarod*	18$00	30$00
Granja do Silêncio (A), por *Paul Bodier*	20$00	32$00
Herculanum, romance mediúnico ditado pelo *Espírito do Conde Rochester*	37$00	50$00
Jesus Perante a Cristandade, pelo *Espírito de Bittencourt Sampaio*	25$00	
Livre-arbítrio e determinismo, por *Louis Gastin*	**5$00**	
Lídia, romance mediúnico, recebido por *J. Suriñac*	24$00	
Loucura (A) sob Novo Prisma, pelo *Dr. Bezerra de Meneses*	17$00	29$00
Magnetismo e Hipnotismo Curativo, por *Alfonse Bué*	32$00	44$00
Marieta (páginas de duas existências), romance medúnico, recebido por *Daniel Artazú*	26$00	38$00
Martírio (O) dos Suicidas, por *Almerindo Martins de Castro*	18$00	30$00
Mediunidade, pelo Comandante Edgar Armond — Estudo prático da mediunidade	25$00	
Memórias de uma alma, romance mediúnico, recebido por *J. Suriñac* ...	24$00	
Na Sombra e na Luz, grande romance mediúnico, ditado pelo *Espírito de Vitor Hugo*	35$00	50$00
Nas Pègadas do Mestre, por *Vinicius*	26$00	38$00
Nova (A) Luz, ditado mediúnico de crítica a Maeterlinck, por *George Déjean*	24$00	36$00
Novas Elucidações do 4.° Evangelho, por *João Evangelista*	20$00	32$00
Outro (O) Lado da Vida, por *Carl du Prel*	22$00	
Parábolas e Ensinos de Jesus, por *Cairbar Schutel*		45$00
Pela Vitória do Espírito, pelo *Dr. Fred Wachsmann*, de colaboração com Isidoro Duarte Santos	50$00	
Problema (O) da Sobrevivência, pelo *Dr. A. Lobo Vilela*	12$00	
Protestantismo (O) e o Espiritismo, por *Benedito A. da Fonseca*	16$00	28$00
Os Quatro Evangelhos, de *J. B. Roustaing*, 4 volumes		200$00
Revelações de Além-Túmulo, pelo *Dr. Antão de Vasconcelos*	30$00	44$00
Roma e o Evangelho, por *J. Amigó y Pellicer*	26$00	40$00
Rosário (O) de Coral, pelo *Dr. A. Wylm*, médico neurologista	20$00	34$00
Sessões Práticas do Espiritismo, por *Spártaco Banal*	10$00	
Sobrevivência e Comunicação dos Espíritos, por *Osvaldo Melo*		25$00
Sonâmbula (A), romance espírita, por *António Lima*		34$00
Spiritus Maledictus, romance mediúnico recebido por *J. Suriñac*	18$00	
Trabalho (O) dos Mortos, descrição de sessões de materialização, com muitas gravuras, pelo *Dr. Nogueira de Faria*		60$00
Verdade (A) Espiritualista, por *C. Picone Chiodo*	10$00	20$00
Vida e Actos dos Apóstolos, por *Cairbar Schutel*		40$00
Vingança (A) do Judeu, romance ditado pelo *Espírito do Conde Rocester*	42$00	56$00
Voz (A) do Antigo Egito, por *Vladomiro Lorenz*, o caso estranho das comunicações de *Rosemary*	20$00	32$00
Vozes (E as) falaram, novela empolgante, por *Fernando do Ó*	22$00	

Secção Musical

Hino ao Espiritismo, música para piano de *S. A. de Macedo* e letra de *Nelson Kerensky*	6$00	
Almas Gémeas, tango-canção para piano, música de *Oli de Castro* e letra do *Espírito Emmanuel*	6$00	
Canção da Alegria Cristã, música para piano de *Oli de Castro* e letra de *Leopoldo Machado*	6$00	

Leitura para Crianças

O Espiritismo na Infância, por *António Lima*	12$00	
O Meu Diário, por *António Lima* ...	12$00	
O Evangelho das Crianças, por *António Lima*	*12$00*	

Nestes preços não está incluido o porte do correio. Enviam-se remessas à cobrança, para o continente e ilhas Adjacentes. Para as colónias e estrangeiro, só contra pagamento adiantado, que deve incluir 10 % para porte, registo e embalagem.

«Estudos Psíquicos» encontra-se à venda em todo o país, ilhas, colónias e no Brasil

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA